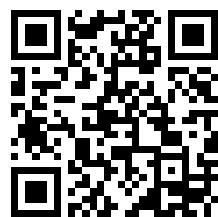
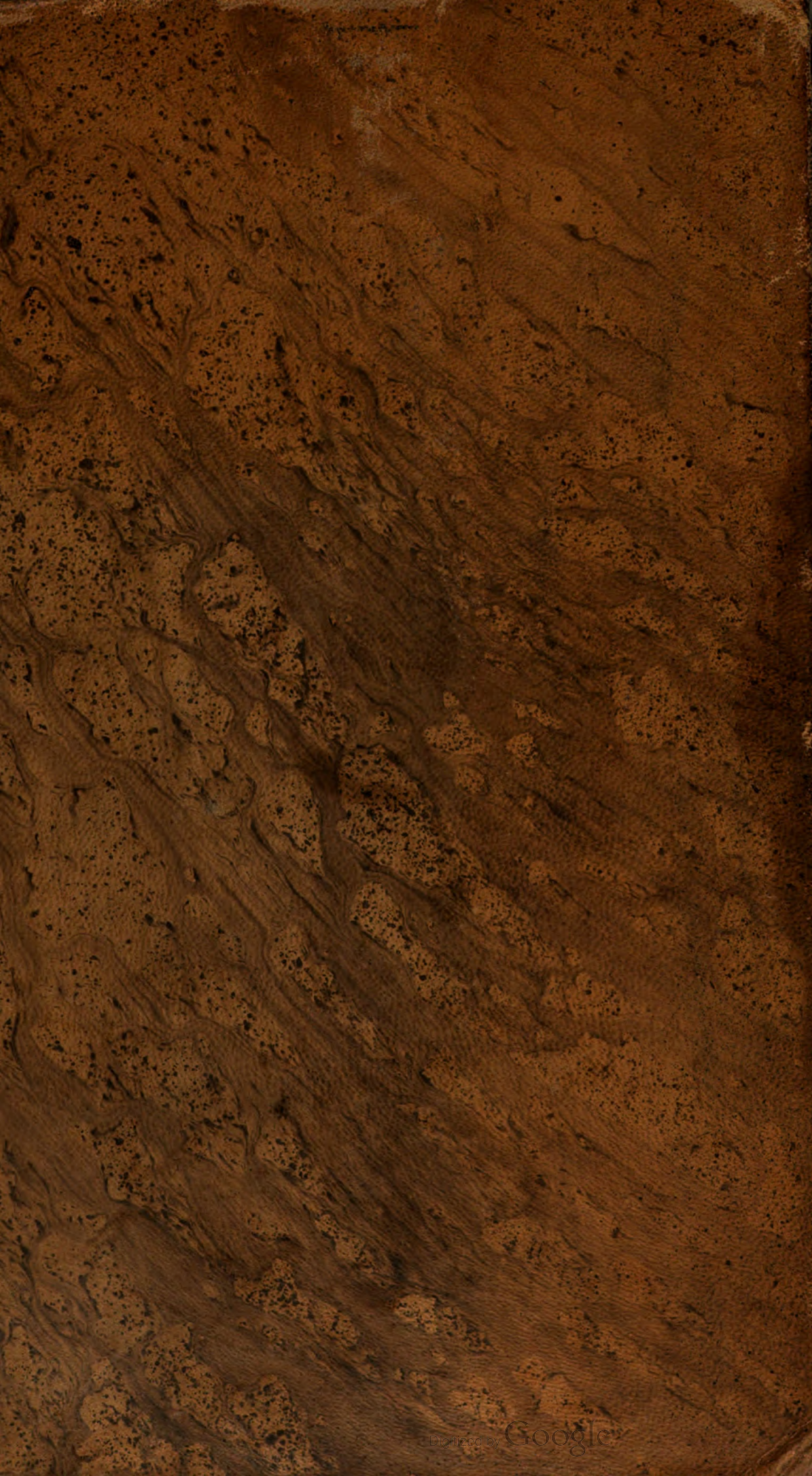

This is a reproduction of a library book that was digitized by Google as part of an ongoing effort to preserve the information in books and make it universally accessible.

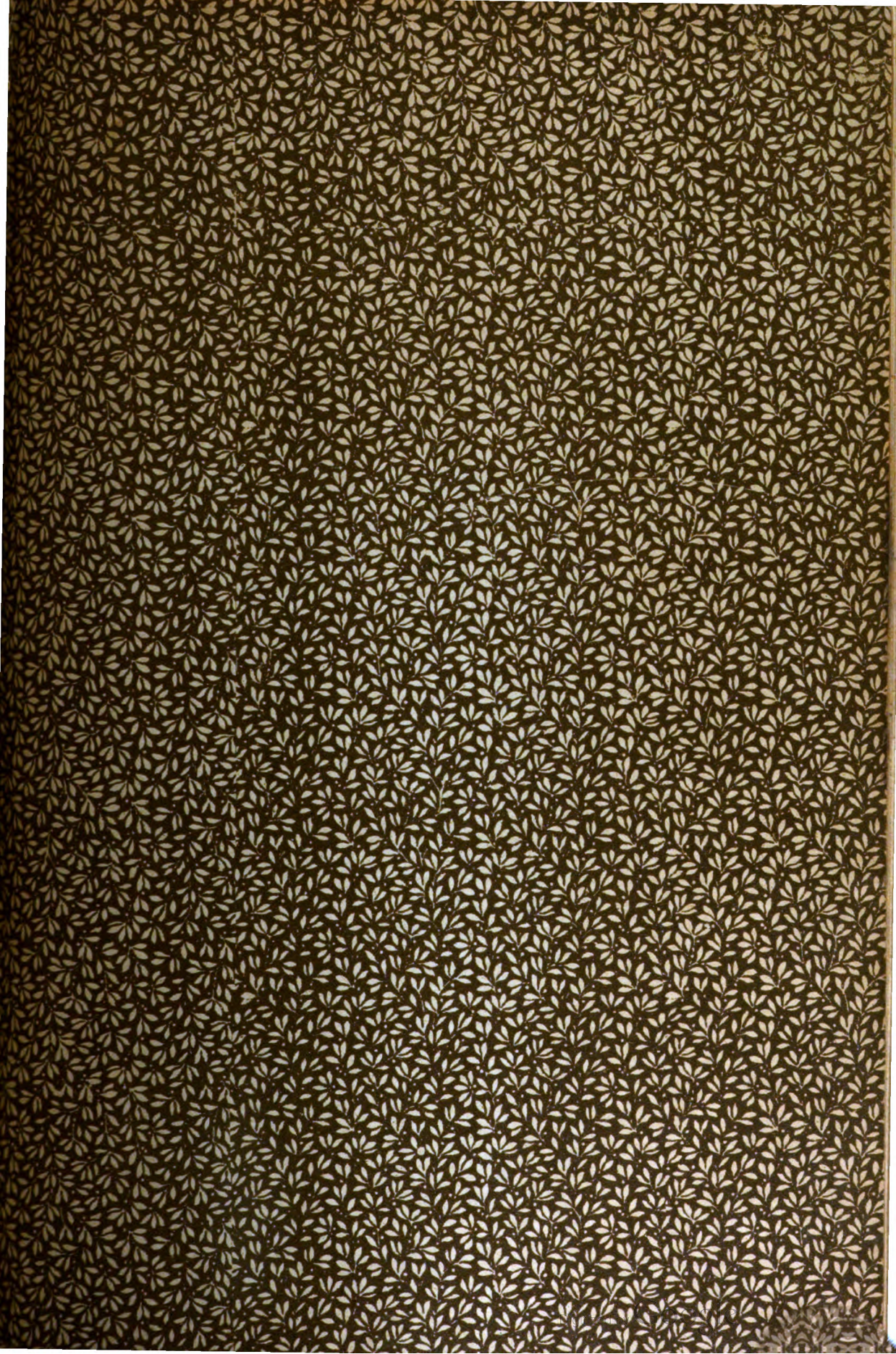
GoogleTM books

<https://books.google.com>





Library
of the
University of Wisconsin



ANTROPONIMIA

PORTUGUESA

*Desta obra imprimiram-se seis exemplares
em papel de linho, numerados e rubricados pelo autor,
os quais não entram no mercado*

D.^{OR} J. LEITE DE VASCONCELLOS

PROFESSOR CATEDRÁTICO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

ANTROPONIMIA PORTUGUESA

TRATADO COMPARATIVO DA ORIGEM, SIGNIFICAÇÃO,
CLASSIFICAÇÃO, E VIDA DO CONJUNTO DOS NOMES PROPRIOS,
SOBRENOMES, E APELIDOS, USADOS POR NÓS
DESDE A IDADE-MÉDIA ATÉ HOJE



LISBOA
IMPRESA NACIONAL
1928

HISTÓRIA DA LINGUA PORTUGUESA

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

- I. ORIGEM E VIDA EXTERNA DA LINGUA PORTUGUESA.—
Em publicação na *Revista Lusitana*.
- II. GRAMATICA HISTORICA DA LINGUA PORTUGUESA.—Em pre-
paração.
- III. LEXICO PORTUGUÊS.—Em preparação.
- IV. ESQUISSE D'UNE DIALECTOLOGIE PORTUGAISE.—Paris 1901.
- V. ANTROPONIMIA PORTUGUESA.—Lisboa 1928.
- VI. TOPONIMIA PORTUGUESA.—Em preparação.

A estes trabalhos servem de complemento os *Opusculos* do mesmo autor (Filologia, Dialectologia, Onomatologia), que estão sendo impressos pela Imprensa da Universidade de Coimbra.

362108

OCT - 2 1930

X41F

+ L53

Do

Ex.^{mo} S.^o D.^o Antoine Thomas,

Membro do Instituto de França,
Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Paris,
onde ensina com todo o esmero Filologia francesa
e provençal, de que é um dos mais conspicuos
e respeitados mestres,

Oferece, como prova de muita amizade,
o seu antigo aluno

José Leite de Vasconcellos.

PROLOGO

No momento de entregar ao público o presente livro, cumpre-me consignar desde já a expressão do meu mais doloroso sentimento pela morte de Luís Carlos Guedes Derouet, Director, que foi, da Imprensa Nacional de Lisboa, o qual, com tão boa vontade, lhe deu acolhimento, e instigou sempre o autor a prosseguir sem hesitações na publicação.—Espírito claro e empreendedor, coração afável: muito deveu a estas qualidades de Luís Derouet a Imprensa Nacional. Ainda ultimamente, na magnífica exposição internacional de *ex-libris* aí realizada, que ele promoveu, não chegando porém a encerrá-la, porque entrementes o mataram, se viu com quanto aprêço toda a gente o acatou; e mais que tudo mostrou isso o entêrro, que póde considerar-se verdadeira apoteose!

Ao ilustre S.^{or} Coronel Antonio Augusto Dias Antunes, sucessor de Luís Derouet na direcção da Imprensa Nacional, tributo sinceros agradecimentos por haver executado pontualmente o compromisso que este tomára de me publicar o livro. E oxalá se me ofereça ensejo de tornar

a mencionar a mesma Imprensa em prólogo de outra ou outras obras minhas!

*

Tendo sido composta a ANTROPONIMIA na Escola Tipografica da Imprensa Nacional, julgo tambem da minha obrigação declarar que tanto o Mestre da Escola, o S.^{or} Amadeu Marques Alexandre, como o Contramestre, o S.^{or} José Frederico Baptista Coelho, um e o outro habilissimos artistas, não só empregaram os possiveis esforços para que o trabalho se apresentasse com o primor tipografico com que se apresenta, e estiveram sempre prontos a atender as minhas impertinencias (emendas, etc.), senão que, por causa da minha fatigada vista, consentiram em que nas notas e nos indices se adoptasse, como pedi, tipo de corpo 10, em desacôrdo com as regras da tipografia.

Por último agradeço ao S.^{or} José Antonio Dias Coelho, funcionario aposentado da Imprensa Nacional, a espontaneidade com que quis rever as provas todas, e o cuidado que pôs em evitar aqui e além incongruencias ortograficas,

*

Obra tão vasta e complicada, e sem outra que lhe servisse de modêlo, não admira que contenha muitos defeitos. O autor não pede aos criticos que o absolvam totalmente, porque em materia scientifica ninguem espera indulgencia plenaria; o que estimará é que, notando-lhe sem aspereza as faltas, e do mesmo modo corrigindo-as, indiquem juntamente o que por ventura na obra lhes pareça aproveitavel, e que pois contribua para os progressos da Filologia portuguesa.

J. L. DE V.

INDICE METODICO

INTRODUÇÃO

I. Necessidade da existencia de nomes proprios	1
Suas especies	2
Sciencias que os estudam.	2
<i>Antroponimia</i>	2
Bibliografia e fontes de investigação	5
II. Acepções de <i>nome</i> : 1. ^a , 2. ^a , 3. ^a	8
Sobrenome, apelido, alcunha	11
Adjunções ao nome (cognomes e prenomes)	16
III. Plano da obra	20

LIVRO I

ESTUDO SISTEMATICO DO NOME

Palavras prévias	23
----------------------------	----

PARTE I

DÔ NOME PROPRIO

Palavras prévias	23
----------------------------	----

CAPITULO I

PROVENIENCIA HISTORICA DO NOME PROPRIO

Palavras prévias	24
A. — Nomes medievais.	
Palavras prévias	24
1. Nomes do sec. iv ao ix:	
a) De proveniencia latina.	25
b) De proveniencia grega.	27

c)	De proveniencia germanica	27
d)	Nomes varios.	28
	Considerações: nomes pre-romanos; epoca da imposição do nome.	29
2.	Nomes em documentos do sec. ix:	
a)	De origem provavelmente iberica	29
b)	De origem latina	29
c)	De origem germanica	29
d)	De origem duvidosa.	30
	Considerações	30
3.	Nomes em documentos dos secs. ix e x:	
a)	De origem latina	30
b)	De origem grega ou greco-latina	31
c)	De origem hebraica	31
d)	De origem germanica	31
e)	Nomes varios	33
	Considerações	34
4.	Nomes em um documento do sec. x:	
a)	De origem latina	35
b)	De origem germanica	35
c)	Nome de origem arabica.	36
d)	Nomes varios.	36
	Considerações	37
5.	Nomes em um documento do sec. xi:	
a)	Do calendario cristão	39
b)	Nomes germanicos	39
c)	Nomes varios.	40
	Considerações	40
6.	Nomes em documentos de 1101 a 1107:	
a)	De origem cristã	40
b)	De origem germanica	41
c)	Nomes varios.	41
	Considerações	42
7.	Nomes em documentos de 1125 a 1139:	
a)	De origem cristã	42
b)	De origem germanica	42
c)	Nomes varios.	43
	Considerações	43
8-13.	Nomes em documentos que vão de 1157 a 1211:	
43 e		44
	Considerações	44
14.	Nomes nos <i>Livros de Linhagens</i> (sec. xiii-xiv):	
a)	Nomes de origem latina, grega e hebraica	45
b)	De origem germanica	47
c)	Nomes varios	51
	Considerações	54
15.	Nomes em textos do sec. xiv.	55
16.	Nomes num documento de 1308	55

17. Nomes em documentos de 1301 a 1405.	55
18. Nomes da <i>Colegiada de Guimarães</i> , de 1411 a 1446.	56
B. — Nomes modernos:	
1. Em documentos do sec. xv-xvi	57
2. Nos <i>Anais de Arçila</i> , de 1525 a 1550	58
3. No <i>Registo do Castelo</i> , de 1536 a 1628	59
4. Em documentos de 1641 a 1744	62
5. Em um documento de 1773	66
6. No <i>Almanach</i> da Academia Real das Sciencias, de 1792 a 1807	67
7. Do <i>Almanach estatístico de Lisboa</i> , de 1838.	68
C. — Nomes modernísimos:	
Palavras prévias	70
1. Nomes tirados do Calendario	71
Considerações gerais	77
Preferencia de nomes. Canções	77
2. Nomes tirados da Biblia	78
3. Tirados da Historia, da Lenda, da Mitologia	79
4. Tirados da Literatura	80
5. Nomes de procedencia vária.	81

CAPITULO II

RAZÃO DA ESCOLHA DO NOME PROPRIO

A. — Razão religiosa (nascimento e baptismo)	82
B. — Devoção particular	83
C. — Razão de familia ou de amizade	85
D. — Razão politica	88
E. — Nomes provenientes de arbitrio, acuso, superstição, fantasia, moda, gosto, patriotismo local, etc.	89

CAPITULO III

FÓRMA DO NOME PROPRIO

1. Nomes simples (exemplos antigos e medievais)	95
2. Nomes compostos	96
Observações á doutrina do nome proprio (1. ^a á 5. ^a)	97

PARTE II

DO SOBRENOME

Palavras prévias	101
----------------------------	-----

CAPITULO I

ESPECIES DO SOBRENOME, E RAZÃO DA ESCOLHA

A. — Sobrenomes correspondentes, ou iguais, a nomes proprios de pessoas:

1. *Patronimicos* (significação, tipos, uso, origem):

Palavras prévias	101
a) Patronimicos em <i>-i</i> , <i>-e</i>	102
b) Em <i>-is</i> , <i>-es</i>	104
c) Em <i>-onis</i>	104
d) Em <i>-anis</i>	105
e) Em <i>-aci</i> , <i>-azi</i> , <i>-az</i>	108
f) Em <i>-oz</i>	110
g) Em <i>-uz</i>	111
h) Em <i>-ici</i> , <i>-izi</i> , <i>-iz</i>	112
Os patronimicos estão ainda em pleno vigor nos meados do século xv	113
Decadencia, secs. xv e xvi	117
Razão da decadencia	117
Reflexos modernos	119
i) Origem dos patronimicos em <i>-z</i>	121

Observações á doutrina do patronimico (1. ^a á 7. ^a)	124
--	-----

2. Sobrenomes iguais a nomes proprios de pessoas, ou sobrenomes propriamente ditos:

Palavras prévias	127
a) Sobrenomes que reproduzem os nomes proprios dos pais	127
b) Sobrenomes que reproduzem os sobrenomes dos pais	132
c) Sobrenomes que reproduzem outros elementos dos nomes completos dos pais, que não os sobrenomes	133
d) Sobrenomes relacionados apenas tematicamente com o nome ou sobrenome dos pais	133
e) Sobrenomes que reproduzem nomes proprios ou elementos de nomes de outras pessoas da familia, ou de pessoas relacionadas com ela	134
f) Sobrenomes perifrasticos relacionados com a familia de quem os usa	135

g) Sobrenomes cuja escolha não depende de relações de familia ou de amizade pessoal	136
Comparações	137
B. — Sobrenomes provenientes da religião:	
Palavras prévias	137
Razão da escolha:	
1. Nascimento, ou baptismo	141
2. Devoção particular	141
3. Apadrinhamento	142
Comparações	143
C. — Sobrenomes de proveniencia vária	143
Observações á doutrina do sobrenome propriamente dito (1. ^a á 5. ^a)	143

CAPITULO II

FÓRMA DO SOBRENOME (considerado em geral):	
a) Simples	145
b) Composto	145

PARTE III

DO APELIDO

Palavras prévias	149
----------------------------	-----

CAPITULO I

ESPECIES DO APELIDO

Palavras prévias	149
A. — Apelidos procedentes de patronimicos, e iguais a eles	151
B. — Apelidos procedentes de nomes proprios de pessoas, e iguais a eles	151
C. — Apelidos procedentes da religião	154
D. — Apelidos de origem geografica e etnica	155
E. — Apelidos procedentes de ALCUNHAS, e iguais a elas:	
Palavras prévias	176
α) Alcnhas alusivas ao homem (considerado em si mesmo), e bem assim a parentesco, a condições, e fases da vida, e ao estado civil	181
β) Alcnhas alusivas á posição social, cargos, officios mecanicos, profissões e outras occupa- ções, e á navegação:	
1. Posição social	184
2. Cargos publicos	187
3. Officios mecanicos	187
4. Outras profissões e occupaões	188
5. Navegação	190

7) Alcunhas alusivas a qualidades fisicas e morais, expressas directa ou indirectamente:	
1. Qualidades expressas directamente, e ora originadoras de apelidos, ora não	190
2. Qualidades expressas por comparação:	
Palavras prévias	203
a) Comparações com o reino animal	204
Lista de alcunhas e de apelidos tomados de nomes de animais	216
Considerações gerais	235
Paralelos de fóra	236
Outros apelidos nossos subordinados ao reino animal:	
— <i>Leite</i>	249
— <i>Aljofarinho</i>	252
— <i>Mel</i>	253
b) Alcunhas expressas por comparação com o reino vegetal . .	253
Lista de alcunhas e de apelidos tomados da Botanica	260
Considerações gerais	264
Paralelos de fóra	264
c) Alcunhas e apelidos expressos por comparação com o reino mineral	265
d) Alcunhas que significam habitos	266
e) Alcunhas que significam vestuario e ideias conexas	268
Comparação	269
ζ) Alcunhas relacionadas com ideias mágicas e religiosas	269
η) Alcunhas várias:	
1. Alcunhas alusivas a comidas e bebidas	271
2. Alcunhas alusivas a instrumentos de trabalho, utensilios e materias primas . .	272
3. Alcunhas que significam numeros . . .	273
4. Alcunhas alusivas a dinheiro e a medidas	274
5. Alcunhas alusivas a fenomenos atmosfericos, a astros, e a estações do ano	275
6. Outras alcunhas	276
θ) Alcunhas expressas por frases	278
ι) Alcunhas de origem geografica	281
F.— Apellidos de origem estrangeira:	
Palavras prévias	281
1. Apellidos de origem alemã (e bem assim austriaca e suiça)	282
2. De origem flamenga e holandesa	285

3. De origem francesa	287
4. De origem hespanhola (castelhana, asturiana, galega, catalã, bizcainha)	294
5. De origem inglesa, escocesa e irlandesa	308
6. De origem italiana	312
7. Outros apelidos de procedencia estrangeira	320
G.—Apelidos de origem vária	322

CAPITULO II

RAZÃO DA ADOÇÃO OU ESCOLHA DO APELIDO

Considerações várias	325
--------------------------------	-----

CAPITULO III

FÓRMA DO APELIDO

1. Simples	327
2. Composto	327
Observações á doutrina do apelido (1. ^a á 7. ^a)	332

LIVRO II

PORMENORES ANTROPONIMICOS

Palavras prévias	337
CAPITULO I: De como se designa vagamente uma pessoa	337
CAPITULO II: Maneira de nomear as crianças	340
CAPITULO III: Nomes de engeitados	341
CAPITULO IV: Emprêgo de «cognomentum» e expressões si- nonimas	351
CAPITULO V: Designação de pessoas reais	357
CAPITULO VI: Sobrenomes e apelidos femininos de homens e vice-versa	360

CAPITULO VII

NOMES DE INDIVDUOS DAS CLASSES SERVAS

Palavras prévias	361
Nomes dos secs. x—xii	364
Dos secs. xiii—xiv	368

Do sec. xv	368
Do sec. xvi.	369
Dos secs. xvi-xvii	372
Do sec. xviii:	
Preliminares	375
1. Nome proprio	375
2. Sobrenome e apelido	376
3. Particularidades gramaticais	378
4. Pronúncia crioula	378
Nomes de escravos do sec. xix	379
Observação final	379
Alusões á escravidão na lingua comum	380

CAPITULO VIII

NOMES DE ARABES E DE MOÇARABES

1. Nomes de Mouros fôrros ou livres	381
2. De Mouriscos	383
3. De Moçarabes	384

CAPITULO IX

NOMES DE JUDEUS

Fases do judaismo português	387
1. Nomes de Judeus antigos, até 1496	390
Considerações foneticas	397
2. Nomes de Cristãos-Novos, de 1496 em diante	398
3. Nomes de Judeus ortodoxos e Cristãos-Novos, emigrados uns e outros de 1496-1497 em diante	404
4. Nomes de Judeus modernos	417
Etnografia do nome	419

CAPITULO X: De como se chamam os Ciganos	421
--	-----

CAPITULO XI: O nome considerado no conjunto, ou nome civil.	426
--	-----

CAPITULO XII

SUBSTITUIÇÃO OU ALTERAÇÃO OFICIAL DO NOME

Palavras prévias	427
1. Nomes de religiosos e religiosas	427
2. Nomes de prelados e cardiais (e de um pápa).	430
3. Nomes de titulares.	432
4. Nomes das mulheres casadas	433
Observações a este capitulo	435

CAPITULO XIII

ENCOBRIMENTO DO NOME POR CONVENIENCIA, MODA, RITO, DISFARCE

1. Pseudonimos, e suas especies	436
2. Anagramas e nomes poeticos	438
3. Nomes usados na maçonaria	440
4. «Nome de guerra»	440

CAPITULO XIV: Nomes alatinados ou helenizados	442
---	-----

CAPITULO XV: Nome vocatorio	444
---------------------------------------	-----

LIVRO III

VICISSITUDES GRAMATICAIIS DO NOME

Palavras prévias	447
----------------------------	-----

PARTE I

FONOLOGIA

CAPITULO I

ALTERAÇÕES FONÉTICAS DOS NOMES,
CAUSADORAS DE MULTIPLICIDADE DE FÓRMAS D'ESTES

A.—Nomes em próclise	447
B.—Nomes hipocorísticos:	
Palavras prévias	453
α) Hipocorísticos correspondentes a nomes simples	455
β) Hipocorísticos correspondentes a nomes duplos	477
Considerações	479
Regras gerais da mutilação	479
Redôbro.	485
Novas considerações	491
Hipocorísticos crioulos	492
Hipocorísticos de outras linguas	494
Considerações gerais (origem dos hipocorísticos)	498
C.—Nomes independentes	505

CAPITULO II

VÁRIAS PARTICULARIDADES FONÉTICAS

A.—Umlaut	534
B.—Deslocamento do acento	535
C.—Influencia do r	535

D.—Etimologia popular	535
E.—Fonética sintática	535
F.—Aportuguesamento de nomes estrangeiros	535
G.—Deformação de certos nomes	536

PARTE II

MORFOLOGIA

CAPITULO I: Vestígios de casos	537
CAPITULO II: Adaptação do género de uns nomes ao de outros, conforme o sexo das pessoas que os usam.	538
CAPITULO III: Número	547
CAPITULO IV: Pronome	547

PARTE III

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Preliminares	549
Deminutivos:	
Palavras prévias	550
Significação de <i>-ino</i> , <i>-io</i> , <i>-inho</i> :	
A.—Pequenez	551
B.—Afecto	551
C.—Distinção de membros de uma mesma família	552
Várias observações	553
Superlativos	554

PARTE IV

SINTAXE

A.—Emprêgo do plural	555
B.—Artigo anteposto a nomes próprios	559
C.—Genetivo estereotipado	559
D.—Título de «Dom»	559
E.—Uso das particulas «de» e «e»	559

PARTE V: Advertencia sematológica	563
---	-----

CONCLUSÃO	565
---------------------	-----

APENDICE:

I. Do titulo de «Dom»	571
II. Nomes coloniais:	
1. Africa	581
2. India	583
3. Brasil	588
III. Projectos que não se realizaram:	
1. O nome na Etnografia	589
2. Registo de batizados de Torres Vedras	590
3. Nomes de personagens camilianas	590
4. Lista etimologica de varios nomes	590
IV. Cousas várias:	
1. Um adagio do nome	591
2. «A sua graça»	591
3. «Nome de pia»	591
4. Celebração do nome	591
5. Antropónimos & nomes comuns	592

BIBLIOGRAFIA. — Lista dos trabalhos citados na presente obra :

1.— Abreviaturas iniciais.	595
2.— Lista geral	596

ADDENDA ET CORRIGENDA	617
---------------------------------	-----

INDICES ALFABETICOS:

I. Algumas cousas mais notaveis não expressas no indice metodico	623
II. Alguns nomes comuns	624
III. Nomes geograficos	624
IV. Nomes pessoais (proprios; sobrenomes apelidos)	625

INTRODUÇÃO

SUMÁRIO

- I.—Necessidade da existencia de nomes proprios.—Suas especies.—Sciencia ou sciencias respectivas, e entre elas a *Antroponimia*, ou estudo dos nomes de pessoas.—Bibliografia, e fontes de investigação.
- II.—Acepções de *nome*: 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª O que significa *sobrenome* e *apelido*.—Várias acepções das últimas palavras e de *alcunha*.—Adjunções ao nome (cognomes e prenomes).
- III.—Plano da obra.

I

Postos em relação reciproca e constante os individuos que constituem o genero humano, entender-se-iam difficilmente entre si, ou teriam de a cada passo recorrer a perifrases incómodas, se não houvessem adoptado uma designação especial para cada um, que o distinguisse dos restantes, como *Hesiodo*, *Vergilio*, *Milton*. Tanto isto é natural, que acontece ao mesmo tempo em povos cultos, e povos incultos ou selvagens. Dos povos primitivos nada sabemos ao certo. Ainda que é possível que já usassem nome, como os selvagens, que são de certo modo os seus representantes actuais¹, ha contudo antigas narrações ou lendas em contrario².

¹ Acêrca de nomes nos selvagens vid., por exemplo: Tylor, *La civilisation primitive* (trad. do inglês), 1, 292-293, II, 551-552; Andree, *Ethnographische Parallelen*, 1, 166 sgs. Ainda não se encontrou até hoje povo algum que não usasse nome.

² Herodoto (IV, 184) e Plinio (V, cap. VIII) falam dos Atlantes, povo africano, que não usavam nome proprio. Hirzel reuniu os textos: *Der Name*, Leipzig 1918, p. 29, nota 7. O mesmo autor não está longe de crer que nisso se reflecta um hábito originario mais geral. Cf. tambem p. 35.

A designação individual a que me refiro é o *nome proprio de pessoa* dos gramaticos, o qual póde ás vezes complicar-se: *Dante Alighieri, Miguel de Cervantes Saavedra*.

Visto que os homens se comprazem de exteriorizar a sua alma, transferem designação analoga para sitios e regiões, para phenomenos e partes do universo que os impressionam, para seres naturais com que estão em contacto, para entidades puramente imaginarias, para cousas que eles proprios fabricam: existe nos confins da Tessalia um desfiladeiro que os Gregos antigos conheciam por *Termópilas*; no monte *Olimpo*, segundo a crença vulgar, habitava *Zeus* com outras deidades; certa constelação denominam-na helenicamente os astrónomos *Cassiopéa* ou *Cassiopeia*; a Historia conta de um cavallo famoso — *Bucéfalo*, e na Literatura celebra-se outro — *Rocinante*; os expedicionarios que acompanharam Jasão á *Colquida*, á conquista do velocino, iam na nau *Argo*; para os Romanos era *Africus* o vento que soprava da *Africa*, propriamente de OSO.; a espada que Carlos Magno ofereceu a Roldão figura em canções de gesta como *Durendart*, *Durindal*, etc., a que em português fizemos corresponder *Durindana*; a Igreja batiza os sinos, e dá-lhes nomes, como a pessoas.

Temos, como se vê, muitas especies de *nomes proprios*. A secção da Glotologia que trata d'elles (origem, razão de emprêgo, fórma, evolução, etc.), convieram os filologos em a designar por *Onomatologia*, que, de acôrdo com aquelas especies, deverá decompor-se em tres disciplinas secundarias:

1) Estudo de nomes locais, ou *Toponimia*, na qual se inclue igualmente o elemento liquido (rios, lagos, etc.), e outros produtos da natureza, como árvores, penedos, que dão freqüentemente nomes a sitios (a *Toponimia* é pois Onomatologia geografica).

2) Estudo dos nomes de pessoas, ou *Antroponimia*, expressão que o autor pela primeira vez propôs e empregou em 1887, na *Revista Lusitana*, 1, 45.

3) Estudo de varios outros nomes proprios, isto é, de astros, ventos, animais, seres sobrenaturais, navios, cousas: *Panteonimia* (de παντοίος, que quer dizer «de toda a especie», «variado»). No estudo dos nomes de seres sobrenaturais nada nos impede de chamar *Teonimia* (*Theonymia*) ao dos nomes de deuses¹.

¹ De antigas ideias, segundo as quais os objectos, ainda os fabricados pelo homem, estavam providos de extraordinaria fôrça

Além dos mencionados nomes, poderíamos falar de muitos outros (nomes sociais, títulos de livros, etc.), pertencentes ao § 3, mas seria sair um pouco da Glotologia, para invadir domínios que mais pertencem á Etnografia, ou á Literatura.

De todas essas classes de nomes, a que tange mais de perto ao homem, por lhe pertencer intimamente, é a segunda, ou *Antropnimia*, já no campo moral, já no social.

Ao campo social aludi acima. No campo moral, que cousa apreciaremos tanto, em toda a duração da vida, como o nosso nome, o nosso bom nome?

«A gloria de seu *nome*: diz-se da gloria, da reputação que uma pessoa adquiriu. Homem sem *nome*: o que não é conhecido no mundo, que não tem crédito; sem autoridade, sem reputação»¹. *Nomen facere*, adquirir nome ou fama. E como diz um poeta:

.. pois qualquer á morte está sujeito,
Nem a escusa, por mais que tarde venha,
Assaz deve á ventura o forte peito,
Quando quer que com honra e nome a tenha².

Da identificação do nome com o homem vêm expressões como: «praticar um acto em *nome* de alguém», o que equivale a: como se fôsse ele proprio. *Meo, tuo, suo nomine*. A identificação generaliza-se depois: *nomen Romanum* significa «povo romano». Igualmente: *nomen Latinum*, «os Latinos».

Como, pois, nome e pessoa estão correlacionados entre si,

ou poder oculto (*Macht* nos Germanos, *mana* nos Melanesios, etc.), faz Mogk depender o terem nome proprio alguns de tais objectos, por exemplo, armas e navios: vid. *Germanische Religionsgeschichte u. Mytholog.*, 2.^a ed., Leipzig 1921, p. 15. Isto não está em desacôrdo com o que acima estabeleci, da personificação; não será porém restringi-la muito?

¹ *Thesouro da lingua portuguesa*, s. v. «nome», t. 1, p. 453, columna 1.^a

² Francisco d'Andrade, *O primeiro cerco de Diu*, canto 1, est. 3 (nas *Obras*, ed. de Lisboa, 1852, p. 23), trecho tambem alegado no *Thesouro*, loc. citato. O sentido do 4.^o verso é: quando a ventura ou sorte quer que o homem valoroso tenha morte com honra e nome.

acontece que àquele podem atribuir-se qualidades d'esta. Quando lemos em Antero de Quental:

Nome, que não se diz; nome, que não se escreve:
Quem vae metter n'um som o mundo, a immensidão?¹

não distinguimos do nome a namorada do Poeta. Um nome quasi se reveste de qualidades sobrenaturais nos seguintes magníficos versos de Gonzaga:

Mal repito «Marilia!», as doces aves
Mostram signaes de espanto,
Erguem os collos, voltam as cabeças,
Párão o ledô canto:
Move-se o tronco, o vento se suspende,
Pasma o gado, e não come:
Quanto podem meus versos! Quanto pôde
Só de Marilia o nome!²

a que decenios depois correspondem est'outros de João de Deus, não menos melodiosos:

Mal soa o doce nome de MARIA,
Pasmam as multidões innumeraveis;
E de onda em onda cada vez mais larga,
De brisa em brisa cada vez mais pura,
O nome d'essa excelsa creatura
Por todo aquelle immenso mar se alarga;
E tudo quanto cerca o trono eterno
Áquella doce voz desprende o canto,
Formando um côro universal...³

Aqui as qualidades sobrenaturais não passam de mero adôrno poetico; mas se houvesse agora ensejo de percorrer os dominios da religião e da magia, deparar-se-nos-iam inumeros exemplos da

¹ *Primaveras romanticas*, Porto 1872, p. 10.

² *Marilia de Dirceo*, Lisboa 1817, p. 38.

³ *Ramo de flores*, Porto-Braga 1870, pp. 47-48.

acção que as pessoas crentes e supersticiosas atribuem a nomes sagrados e misticos, e em geral a certas palavras. Basta lembrar que nas aldeias as mulheres não falam em Satanás, que não se benzam, e que a Igreja Catolica reza do *Nome de Jesus* e do *Nome de Maria*, como se fôsem verdadeiras entidades. Num famoso sermão que o Padre Vieira prêgou do *Santissimo nome de Maria*¹, decompõe o nome, analisa-o, interpreta-o de mil modos, e conclue que a invocação d'ele, só por si, serve de remedio a todos os trabalhos e misérias da vida².

Entremos, porém, mais intimamente no nosso assunto.

Na presente obra vou occupar-me de *Antroponimia*, a respeito de Portugal, desde a idade-média até o presente, e aqui amplo e desenvolvo planos que noutros lugares esbocei: *Lições de Filologia* (vid. 2.^a ed., p. 480), *Rev. Lusitana*, x, 164, xvi, 170, xviii, 176 sgs., xix, 339, xxi, 316; *Etimologia de um nome illustre*, Porto 1921 (opusculo); *Preito filologico prestado a um insigne orador*, Coimbra 1923 (opusculo)³. Com excepção d'isto, de um estudo de Pedro de Azevedo («Nomes de pessoas e nomes de lugares») na citada *Rev. Lusitana*, vi, 47 sgs., de duas memorias de Meyer-Lübke⁴, de um opusculo de Friedrich Sommer⁵ e outro

¹ *Sermoens*, vi (Lisboa 1690), 1-57.

² Das *virtudes* atribuidas aos nomes de pessoas trataram em especial: Andree, *Ethnographische Parallelen*, i (1878), 165 sgs.; W. Schmidt, *Die Bedeutung des Namens im Kult und Aberglauben*, Darmstadt 1912; R. Hirzel, *Der Name*, Leipzig 1918.

³ Os artigos da *Rev. Lusitana*, o *Preito*, e a *Etimologia de um nome illustre* estão reproduzidos no vol. iii dos meus *Opusculos* (Coimbra, Imprensa da Universidade).

⁴ *Die altportugiesischen Personennamen*, 1904; 2.^a parte, 1917. Na primeira parte trata-se da origem germanica de muitos dos nomes medievais de pessoas contidos nos *Diplomata et Chartae*; a segunda encerra adições á primeira, e estudo de certas palavras, e categorias de nomes (biblicos, historicos, ibericos, etc.), e do sufixo patronimico *-ez*. Acêrca da primeira parte, cf. *Rev. Lusitana*, ix, 393.

⁵ *Von Sprache und Namen in Portugal und Brasilien*, separata do *Kalendar f. die Deutschen in Brasilien*, 1918: escrito muito sumário.

de J. Jungfer¹, de artigos de J. J. Nunes², de observações casuais em varios trabalhos³, das obras do Ab.^c de Miragaia⁴, do *Diccionario* de Meneses Drummond⁵, não me ocorre que mais alguma cousa se escrevesse recentemente sobre a interpretação dos nossos nomes de pessoas. Deixo aqui de parte os envelhecidos trabalhos de Bluteau, de Vera, de Severim, e de Villasboas, aos quais contudo me referirei adiante, quando tratar dos «nomes proprios» e dos «apelidos». Ao falar d'estes, enumerarei os artigos que conheço sobre «alcunhas». Falta ainda uma obra synthetica⁶.

Para o conjunto das linguas romanicas tambem não conheço nada de character geral, afóra dez substanciosas páginas de Meyer-

¹ *Ueber Personennamen in den Ortsnamen Spaniens und Portugals*, Berlim 1902, incluído num livro hespanhol *Apellidos y nombres de lugar hispano-marroquinos* publicado pelo mesmo autor, e por Martinez Pajares, Madrid 1918. O trabalho de Jungfer é propriamente de Toponimia e não de Antroponimia.

² Na *Alma Nova*, ano II, vol. I, p. 72; e no *Homenaje á Pidal*, t. II, Madrid 1925, pp. 577-603 (Antroponimia e Toponimia).

³ Por exemplo: do anotador anonimo das *Reflexões sobre a lingua portuguesa*, de F. J. Freire, ibidem, I (1842), 178-181; de D. Carolina Michaëlis, em muitos dos seus escritos; de Cornu, *Die portugiesische Sprache*, passim; de J. J. Nunes, *Gramatica historica*, pp. 200-204.

⁴ Estas obras são: *Tentativa etymologico-toponimica*, 3 vols., Porto 1907-1917, e *Diccionario de appellidos portugueses*, Porto 1908. A *Tentativa* está feita sem metodo algum, nem conhecimentos filologicos; á parte explicações evidentes, só por acaso ha aí acertos. É pena que, tendo o autor trabalhado tanto, não nos deixasse cousa mais proveitosa. O *Diccionario* é mera lista, e alguma utilidade tem.

⁵ Isto é: *Diccionario dos nomes proprios, comprehendidos, usados e conhecidos na Historia e na Mythologia*. Não é de character filologico, mas historico. O autor ou compilador destinou-o a vulgarização. Por isso, e por nem sempre trazer etimologias, ou estas nem sempre serem boas, quasi me não servi d'ele.

⁶ Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusitana*, III, 514, dá noticia do seguinte trabalho de Pascoal Ribeiro Coutinho, o qual ficou manuscrito, e se perdeu, ou, pelo menos, não se conhece: **ALCUNHARIO: origem de memoraveis cognominaçoens assim de fa-**

-Lübke, com o título de «Personennamen», na *Einführung*, 3.^a ed., pp. 244-254. Dissertações e livros avulsos é que ha, e conheço alguns, ou mais ou menos antigos (Rios y Rios, Godoy, Ritter, etc.), ou actuais (Giry, Duffaut, Depoin, Fumagalli, Zambaldi, Dauzat, Giandomenico Serra, etc.). No campo de outras familias de linguas, antigas e modernas, não faltam estudos gerais ou especiais: de Fick (para o grego), Hirzel (para o grego e latim), Mowat (para o latim), Schulze (idem), Otto (idem), Schwab (idem), etc. Dos nomes indo-germanicos, considerados em geral, tratou Solmsen (juntamente com outros nomes proprios). Adiante encontraremos alguns exemplos estrangeiros, colhidos em parte nas obras a que aludo, pois, para fundamentar melhor as materias que exponho, compararei de vez em quando fenomenos da nossa antroponimia com fenomenos de fóra, de varios lugares e tempos. Por causa da grande influencia que o elemento germanico exerceu cá, importa principalmente ao investigador português o manuseamento de livros como, relativamente á antiguidade, o de Schönfeld, e á idade-média, os de Förstemann, e Longnon (*Polyptyque*), os quais muitas vezes utilizei. Tive tambem presentes no mesmo sentido trabalhos de Reichert, Kalbow, e os mais breves de Knorr, Wilhelm, Vilmar, Kluge, Bähnsch, Khull, Kleinpaul, Tetzner, Kluth.

As fontes portuguesas e immediatas do meu estudo foram, para o passado, a par com o inestimavel *Onomastico* do D.^{or} A. A. Cortesão, que em estudos d'esta especie deve estar sempre ao alcance¹: os *Portugaliae Monumenta Historica*, e outras publicações da Academia das Sciencias, e várias da Torre do Tombo; o riquissimo *Archivo Historico Português*, de Braamcamp Freire, livros

mílias, como de pessoas, que com elas se cognomináraõ. Escrita em 1715. (Devo esta indicação ao D.^{or} Luis Saavedra Machado).

Na *Gram. da ling. portug.*, de Pacheco da Silva Junior & L. de Andrade, Rio 1887, p. 79, nota (na 2.^a ed., p. 133, nota) cita-se: Pacheco da Silva Junior, *Historia dos nomes proprios* (portugueses). Não sei se é obra impressa, se manuscrita, pois tendo eu consultado o D.^{or} Mario Barreto, conhecido filologo brasileiro, ele não pôde encontrá-la, por mais buscas que como me disse fizera.

¹ Lisboa 1912. Separata de varios volumes d'O *Arch. Português*.—Quando eu mencionar um nome antigo sem documentação, o que creio que raras vezes acontecerá, entenda-se que em regra ele está arquivado neste *Onomastico*.

de genealogias, impressos ou manuscritos (correspondentes aos Nobiliarios medievais contidos nos *Portugaliae Monumenta*), etc., etc. Com os livros genealogicos posso em parte relacionar o *Côro das Musas*, de Nascimento Silveira, 4 tomos, Lisboa 1792-1796, onde se cantam certos apelidos illustres, e a proposito se juntam notas historico-genealogicas; citá-lo-hei uma ou outra vez. Para o tempo presente servi-me sobretudo da minha observação directa, e tambem de *Anuarios* (o *Comercial* e o *da Universidade de Lisboa*), e de dictionarios (por exemplo, o *Ementario*, de Albuquerque, o *Dicc. de nomes proprios*, de Pacheco, Lisboa 1924). Algumas das publicações da Academia, as da Torre do Tombo, o *Archivo Historico*, e os *Anuarios* têm longas listas alfabeticas de nomes: d'aqui a sua importancia para o meu caso, pela facilidade de consulta, e porque o alfabetamento provoca ás vezes aproximações glotologicas.

Como no decurso d'esta obra indico, segundo o meu costume, os trabalhos que consultei, e lhe junto uma relação dos que citei abreviadamente (que são quasi todos), parece-me inutil repetir aqui por miudo a menção de uns e de outros. No que digo, refiro-me ás fontes propriamente ditas, e ao mesmo tempo aos trabalhos doutrenarios.

II

Ás generalidades, acima expendidas, acêrca de *nomes proprios de pessoas* devem agora seguir-se outras, no que toca especialmente á lingua portuguesa.

Se é corrente o expressarmos uma mesma ideia por várias palavras (Onomasiologia), tambem não é raro traduzirmos por uma mesma palavra várias ideias (Sematologia): o que depende de certo grau da nossa imaginação (pois vemos as cousas sob varios aspectos), de certo gôsto de generalizar, etc. Assim a palavra *nome*, aplicada a uma pessoa, tem quatro acepções:

1.^a) designação que a pessoa recebe no baptismo, no registo, no baptismo & registo, em crisma—isto é, *nome proprio*, nome individual, ou *nome de pia*¹, por exemplo, *Henriqueta*.

¹ Expressão empregada, por exemplo, nas *Saudades da terra*, de G. Fructuoso, liv. iv, t. i, Ponta Delgada 1924, p. 63. Tambem a tenho visto em uso na literatura brasileira. Cf. *nombre de pila*, em hespanhol.

2.^a) *nome completo*, ou conjunto formado pela designação individual propriamente dita, acompanhada de outra ou outras designações que de ordinario se lhe juntam, por exemplo: *Vutierre Mendiz* (sec. ix), *Ruy Queimado* (sec. xiii), *Alvaro de Brito* (sec. xv), *Antonio Augusto d'Aguiar* (sec. xix), *Maria da Conceição Rosado* (sec. xx).

3.^a) qualquer dos elementos do nome, pois a um apelido, ou a um sobrenome, póde também, em linguagem menos precisa e usual, chamar-se *nome*. «Qual é o *nome* do autor das *Folhas caídas*? É Garrett».

4.^a) «alcunha», neste exemplo das *Linhagens*, p. 196: «D. Garcia Perez de Bragança, que ouve o *nome* de *Ladrom*», embora a p. 326, com referencia ao mesmo, se diga: F., «que se chamou por *sobrenome Ladrom*», e *ibidem* a alcunha se encorpore no todo, como apelido: *Garcia Pirez Ladrom* (com *Pirez* = Perez, e abreviadamente, sem designação geografica). Ainda hoje em algumas povoações da Beira-Alta (região de Lamego) se diz *chamar a alguém de nomes*¹ ou *chamar nomes*, por «apodar».

Alcunha, do arabe al-cunia («sobrenome», e «renome de linhagem»)², é hoje uma designação acrescentada ao nome normal do individuo (2.^a acepção) por outros, que neste observam certa particularidade ou certa qualidade fisica ou moral digna de nota, ordinariamente jocosa ou insultuosa, mas também séria. Diz Francisco de Andrade:

.. hum forte varão, que era chamado
Soutomaior d'*alcunha*,

no *Primeiro cerco de Diu*, xiii, 33 (*Obras*, ed. de Lisboa, 1852, p. 421. A 1.^a ed. é de 1589). Vid. adiante, também, um trecho de Barros, o cronista. Exemplos portugueses medievais de alcunhas: *Nuno Pirez de Gozdam o Boo*³, *D. Rodrigo o Velloso*⁴. Exemplos modernos: *Fulano de tal o Bombo*, *Fulana de tal a Pançada*.

¹ Cf. *chamar de ratinhos* em Gil Vicente, expressão citada por Epiphanyo Dias, *Syntaxe historica*, § 180, a (obs.).

² Dozy, *Glossaire*, p. 95; Yanguas, *Glosario*, p. 147.

³ *Linhagens*, p. 289.

⁴ *Linhagens*, pp. 152 e 177.

Acêrca das duas significações, a boa e a depreciativa, de *alcunha*. vid. o *Dicc. da Academia*, s. v., e o de Moraes, s. v.; e cf. Gonçalves Viana, *Apostilas*, I, 37. Na pt. III (Apelidos) terei de tornar a falar, e mais desenvolvidamente, de alcunhas.—Em vez de *alcunha*, o nosso povo diz em algumas partes, como lá tenho ouvido, *alcunho*, no masculino, por exemplo, na Beira-Baixa, no Alentejo, e na ilha de S. Miguel («dois *alcunhos*», expressão que até escapou, por descuido, a uma pessoa culta!)¹, e também *anexim* e *crisma* no Alentejo, e *apelido* e *nomeada* em Tras-os-Montes. A respeito de *apelido*, cf. *De terra em terra*, I, 96; de *nomeada*, que se usa por Bragança, escreve-me o Rev.^o Manuel Alves: «aqui o povo sempre diz *nomeada*, e também *lomeada*, para indicar alcunha, se bem que geralmente desconhece esta palavra, e se a conhece, só um ou outro mais pretencioso a usa»². Consta-me que *apelido* se usa no mesmo sentido em S. Miguel (Açores), a par com *alcunha* (e *alcunho*). O vocabulário alemão é neste ponto, quanto a diferenças de sentido, mais rico que o nosso, porque possui *Spitzname* (alcunha em geral), *Spotname* (de escarneio), *Scherzname* (de brincadeira), *Schimpfname* (insultuoso): o que tudo revela fina observação. Outras expressões alemãs, mais ou menos sinonimas: *Neckname* (cf. ingl. *nickname*), *Scheltname*, *Stichelname*, *Uebername*. Com *alcunha*, usamos *apodo*³, que, entre várias significações, tem, como diz Moraes, s. v., a de «comparação ridícula, v. g., do homem alto e magro com a picota da vila»; *apodar alguém de burro* é dar-lhe o *apodo* de *burro* (também podemos dizer *alcunhar de*, e *dar alcunha de*). No meu entender o *apodo* é transitorio, e ás vezes um passo para a *alcunha*; esta exprime caracter duradouro.

Os elementos que na 2.^a acepção de *nome* acompanham nor-

¹ *Alcunho* pôde considerar-se, ou formado de *alcunha* por influencia do genero de *nome*, *sobrenome*, e *apelido*, ou substantivo verbal de *alcunhar*.

² Sintaxe: «este homem chama-se *Carneiro*, DE *NOMEADA*», como observei na fala de uma aldeã bragançana.

³ Moraes, *Dicc.*, abre o *ó*; mas o *Dicc. de rimas*, de E. Castilho, tem *ô*, a par de *ó*. Adolfo Coelho manda ler *apôdo*, Figueiredo *apôdo*. A palavra é pouco usada, e d'aqui resulta a incerteza da pronúncia.

malmente o *nome proprio* (1.^a acepção) chamam-se *sobrenome* e *apelido*, que porém diferem um do outro:

Sobrenome é um patronimico¹, nome de pessoa, expressão religiosa ou outra, que se junta imediatamente ao nome individual, com o qual como que forma corpo: *Méndiz, Augusto, Cesar, da Conceição*, nos exemplos citados. Em *S. Francisco Xavier* chama pois Fr. Manuel de S. Luis com razão *sobrenome* a Xavier: vid. *Instrucções Moraes*, t. II, Lisboa 1731, p. 141. Vem a proposito lembrar uma cantiga popular do Algarve, que se canta no peditório dos *Santos Reis*:

O meu *nome* é Antóino, } Mande-nos dar a esmola,
O *sobrenome* é Alberto: } Que o saco já está aberto.

Apelido é designação de familia, transmitida ordinariamente de geração em geração; *de Aguiar, Queimado, e Rosado* nos exemplos da p. 9 (2.^a acepção de nome). Aqui se cita um passo do D.^{or} João de Barros (sec. XVI), *Geographia*, p. 99: «os fidalgos de Portugal .. nomeando-se dos appellidos do Pay e da Mãe, segundo quadra melhor a sua arrogancia ...»², e se citam outros da *Monarchia Lusitana* (sec. XVII), 3.^a parte, por A. Brandão, e 5.^a parte, por F. Brandão: «o *apelido* de Monizes», «de alguns *apelidos de familias nobres*, como *Carvalho, Brandão, Sande*, III, 143; «os fidalgos do *apelido de Valentes*; o *apelido de Sequeyra*», p. 170; «deste *apelido Alardo*», p. 213; «*de Barriga, de Netto, Goes Barregão*», p. 351 sgs.; «*appellido de Coelho*», p. 352; «*appellido de Feo*», p. 353, «*apelido de Parada*», V, fl. 34; «João Gonsalves Zarco .. tinha o *appellido* derivado de seus avós», fl. 176 v; «*apelidar-se de Madeira*» *ibidem*. Também no *Parnaso festivo* de D. F. M. S., Lisboa 1742, dedicatória: «os dous celebres appellidos de *Gorgel e Amaral*». A mesma doutrina adopta Nasci-

¹ *Patronimico* representa um genetivo derivado do nome do pai, o qual na idade-média indicava a filiação. Adiante veremos isso melhor. Falando de Pedro Correa, que pôs assim a sua assinatura no foral de Soure, 1111, diz A. Brandão, *Monarchia Lusitana*, pt. III, 81: «... o que se deve ter por cousa bem notavel, por serem rarissimos naquelle tempo os apelidos, que só se usavão OS SOBRENOMES PATRONIMICOS».

² Ed. da Biblioteca do Porto, 1919, p. 99.

mento Silveira no *Córo das Musas*, onde, depois de enumerar muitas famílias pelos seus apelidos, acrescenta:

Coroão tão brilhantes *appellidos*
Gouveas, Guedes etc. . . ,

no t. iv, Lisboa 1796, p. 303.

A diferença fundamental entre *sobrenome* e *apelido*, na nomenclatura actual, e mais corrente, está em que aquele é individual, ou apenas comum a varios irmãos, embora ás vezes transmissivel a filhos, e o *apelido* é genealogico, isto é, comum na essencia á familia toda. A *alcunha* é adventicia. Mas com relação ao passado, e ainda não raro com relação ao presente, as cousas não são tão simples como ficam expostas: houve muitos modos de as compreender, como se dirá em seguida.

Visto que os cidadãos romanos costumavam juntar ao *praenomen*, ou «nome individual», um *nomen gentilicium*, ou «nome da gens», e um *cognomen* (ou mais de um), que era uma designação de um ramo da *gens*, originariamente tirada de uma circumstancia ou de uma qualidade, por exemplo, *Marcus Tullius Cicero*, e nós nunca usámos esta regularidade, acontece que ora traduzimos *cognomen* por *sobrenome*, ou por *alcunha*, ora traduzimos *nomen gentilicium* por *apelido*, ora damos a *sobrenome* a significação de *apelido* e de *alcunha*.—Com *cognomen* concorre em lat. *cognomentum* e *agnomen*. Esta última palavra é de uso post-classico: vid. Georges, *Deutsch-lat. Wb.*, s. v. «Beiname», e o *Thesaurus*, s. v. «agnomen». A *cognomentum* far-se-ha referencia adiante, pp. 16-17; e vid. sobretudo o que se dirá no Liv. II.

Já o nosso mais antigo lexicografo (sec. xvi) Jeronimo Cardoso, no *Dict. Lat.-Lusit.*, s. v. «cognomen», escreve: «*cognomen* . . ho *sobrenome*. *Cognomina plura expedit habere*, bom he ter muytas *alcunhas*. Dirseha dos que tomão muytos *apelidos*», fazendo no *Dict. Lusit.-Lat.* a mesma confusão: «*apelido—cognomentum, cognomen*». Por *sobrenome* traduz tambem o lat. *agnomen*, ibidem. O gramatico João de Barros, do mesmo seculo, refere-se ao uso romano, e exemplificando-o com *Publius Cornelius Scipio Africanus*, considera *Africanus* alcunha, o mesmo que *anhome* (agnomen); em *Dom Vasco da Gama*, Almirante, entende por *Gama* o *conhome* «ou apellido», e por Almirante o *anhome* ou *alcunha*: vid. *Gramatica*, na *Compilação*, ed. de 1785,

p. 81. No seculo seguinte repete Alvaro Ferreira de Vera, *Origem da nobreza*, Lisboa 1631, o exemplo romano de *Publius Cornelius*; e tratando de Portugal, emprega *sobrenome* no sentido de patronimico, fls. 13, e mais especificadamente neste sentido: *sobrenome derivativo*, fls. 14, 15 *v* e 17, e tambem *patronymico*, fls. 16, no que igualmente vai de acôrdo com Barros, *Grammatica*, p. 86. Cf. Brandão, supra, p. 11, n. 1. Os *apelidos*, continúa Vera, «correspondem aos *cognomes* dos Romanos, . . uns que propriamente são *appellidos*, e outros que chamam *alcunhas*», fls. 14. A fls. 16, a proposito de Vasco Fernandes Cesar, chama *alcunha* a Cesar, e a fls. 13 e 13 *v* fala de *renomes*, que correspondem a cognomes dados por fama, como *Africanus* no exemplo de cima, *Censorinus* em Marcus Porcius Cato *Censorinus*; «e os mesmos reis de Portugal tiveram estes *renomes*, como os dous Affonsos quarto, e quinto — hum se chamou *Bravo*, e outro *Africano*». O poligrafo Severim de Faria, *Noticias de Portugal*, Lisboa 1665, disc. III, § 20, expõe ideias semelhantes: «Muitas vezes tinha hum homem quatro nomes . . Exemplo disto seja *Quinto Fabio Maximo Ovicula*. O primeiro podemos hoje chamar *nome proprio*, o segundo *sobrenome de familia*, o terceiro *appellido*, e o quarto tambem *alcunha*», fls. 88 da 1.^a edição. A mesma doutrina segue Villasboas na *Nobiliarchia Portugueza*, Lisboa 1676, cap. II. No exemplo citado por Severim vê-se que este toma por *apelido* o *cognomen* romano, ao contrário do que estabeleci acima. Os mesmos Severim e Vera chamaram pouco antes, e com razão, *sobrenome* ao *patronimico*. Definindo «*appellido*», diz o *Diccionario* da Academia das Sciencias: «*sobrenome* das pessoas, segundo a differença das familias». No emtanto o grande Barros, como contrapêso de uma frase que acima citei, chama fundadamente nas *Decadas*, I, 4, 11, *apelido* a *Cornelio*¹, pois *Cornelio* é *nomen gentilicium*, ou, conforme dizemos hoje, «nome de familia». O S.^{or} Augusto Epiphanyo Dias, no *Dicc. português-latino* (ms.), se dá, de acôrdo com o que ha pouco assentei, a seguinte definição de sobrenome «o segundo nome, v. g. o meu, que é Epiphanyo», diz ao mesmo tempo que *sobrenome* significa tambem «cognome»².

Saindo dos tratadistas, encontramos, por exemplo, nos livros

¹ Vid. o alegado *Diccionario* da Academia, s. v. «alcunha».

² Este *Diccionario* manuscrito conserva-se na biblioteca da Faculdade de Letras de Lisboa. Cf. o meu opusculo, *Epiphanyo Dias*, Lisboa 1922, pp. 20 e 44 (nota 30).

de *Linhagens* (sec. xiv, ou xiii-xiv), *sobrenome*, no sentido de «apelido», e bem assim no de «alcunha» (cf. supra, p. 9): a) «*sobrenome* de Guimarães», p. 346; «Dona Tareyia Gill e por *sobrenome* d'Arões», p. 299; b) Ayras Pirez, que chamaram por *sobrenome* Farpas de Burell», p. 304, e muitos outros exemplos a pp. 181, 193, 194 (bis), 197, 202, 205, 211 (bis), 267, 291, 298, 304, e 326; c) e também «Dom Soeiro Paez, d'*alcunha* Mouro por *sobrenome*», p. 336, isto é: chamado *Mouro* por *sobrenome* ou *alcunha*. De *sobrenome* no sentido de «cognome» ou «epiteto» dá-se adiante um exemplo ao falar-se de *Velho e Moço*; cf. nos *Sermões* do P.^c Vieira, III (1683), p. 226: «... famoso heroe que entre todos os do Testamento Velho se levantou com o *sobrenome* de Casto . . .». NO *primeiro cerco de Diu*, xix, 99, canta Francisco de Andrade (sec. xvi):

Aquelle valeroso cavalleiro
A quem deu nome Antonio, e também dera
Dos *sobrenomes* Mendes, o primeiro,
E Vasconcellos o outro¹,

onde *sobrenome* significa «apelido». De igual modo Bernardes, *O Lyra*, falando de *Cristovão e Francisco*:

.. tem hum por *sobrenome*
Moura, tem outro *Sá* . . .²

Hoje não falta quem por *sobrenome* entenda tudo o que se junta ao nome, seja *sobrenome* propriamente dito, seja apelido, seja um e outro. Uma mulher de Belver, por exemplo, disse-me que em *Fulano de Jesus Sousa*, o *sobrenome* é *Jesus Sousa*. Outra de Tolosa disse-me que *Carrilho* é *sobrenome* em *Luis Carrilho*. Em *ex-libris* poeticos de caracter popular lê-se também:

Francisco tenho por nome,	}}	O meu nome é Antonio
E Flores por <i>sobrenome</i> ;	}}	O <i>sobrenome</i> Castelo Branco;
O meu nome he José,	}}	O meu nome é Antonio
O <i>sobrenome</i> he Delgado;	}}	[O] <i>sobrenome</i> Ferreira ³ .

¹ Sirvo-me da ed. de 1852, p. 679. A 1.^a ed. é de 1589.

² Sirvo-me da ed. de 1820, pp. 98-99. A 1.^a ed. é de 1596.

³ Os dois primeiros publiquei-os na *Rev. Lusitana*, XXI, 146 sgs., num artigo intitulado «Ex-libris manuscritos de caracter tradicional»: vid. §§ 27 e 31. Os outros dois colhi-os eu também.

Particularmente tenho ouvido na Beira e no Norte confundir sobrenome com apelido, e é da Beira efectivamente o segundo dos *ex-libris* citados. Por outro lado chama-se *apelido* a um *sobrenome* neste *ex-libris*:

O meu nome é Antonio
E Alvaro *apelido*¹.

A antiga confusão permanece pois agora, ainda que a distinção mais usual, sobretudo no Sul, é a que acima ficou indicada, e se adopta na presente obra: *sobrenome*, segundo nome, junto individualmente ao nome proprio; *apelido*, nome de familia².

Noutras linguas ora ha identica variedade, ora não. Em alemão, por exemplo, *Vorname* é um nome proprio (praenomen); *Zuname*, um cognome, por exemplo, designativo de patria (*Frank, Fries*), tornado depois nome de familia; *Beiname*, um epiteto, por exemplo, *Karl der Grosse*, ou uma alcunha, tornada igualmente nome de familia, por exemplo, *Kraus* «crespo». Cf. Kluge, pp. 9-11. De varios sinonimos de *alcunha* nesta lingua falou-se acima, p. 10.

Vejamos as linguas romanicas. Em francês: *prénom* ou *petit nom* é o *praenomen* latino, ou nome proprio; *nom de famille* o *nomen*, ou «apelido» no sentido português moderno; *surnom* o *cognomen*, epiteto, *sobriquet*, tornado ás vezes tambem nome de familia. Cf. Dauzat, pp. 75 sgs., 94, 168. Em hespanhol: *apellido* «nombre indicativo de la familia á que pertenece el individuo»³; mas o *Diccionario* de la Academia, se diz «*sobrenombre*, nombre calificativo con que se distingue especialmente á una persona», dá juntamente essa palavra como equivalente a *apellido*: em hespanhol vulgar, porém, hoje *sobrenome* é a nossa «alcunha», e tem como sinonimos *apodo* (o mais usado), *mote* (alcunha baixa), e *alias*, por exemplo, «su *alias* es Gallito», «Antonio Perez *de mote, de apodo, por sobrenombre* Seis dedos ou «Antonio Perez *alias* Seis dedos»

¹ Vid. *Rev. Lusitana*, artigo citado na nota antecedente, § 106.

² A distinção que existe entre *sobrenome* e *apelido* a fez já com toda a nitidez o anotador anonimo das *Reflexões sobre a lingua portuguesa*, de F. J. Freire, 1, 178 (Lisboa 1842), e com ele me encontrei casualmente, pois o não copiei. O encontro resultou de ambos termos observado com exactidão a este respeito o costume meridional.

³ Godoy Alcántara, *Apellidos castellanos*, Madrid 1871, p. 12.

(*aliás* neste exemplo vale quasi por adverbio, como o nosso *aliás*, lat. *aliā s*, no sentido de «de outra maneira»: usado muitas vezes na idade-média por *dicitur*, cf. Dauzat, p. 166, e *infra*). Em italiano: *prenome* é o *praenomen* latino; *cognome* o *nomen gentilicium*, ou nome de família; *sopranome* epiteto, especie de alcunha, como Guilherme de Orange *il Taciturno*¹. Já numa inscrição cristiano-latina aparece a palavra *supernomen* no sentido de alcunha, ou semelhante².

No uso romano «alcunha» dizia-se também *signum*, e Tacito emprega uma vez *vocabulum* neste sentido; concomitantemente havia expressões como: *sive, qui (quae) et, qui vocatur, qui et vocitatus est, qui dictus est, cui nomen*, como em grego *ὁ καὶ*, etc. Por exemplo: *Salustia Homilia quae et Caecilia*; *Q. Letinius Lupus qui et vocatur Caucadio*; *Lucilius Metrobius signo Saprici*; *M. Aur(elius) Sabinus cui fuit et signum Vagulus*. Vid.: Marquardt, *La vie privée des Romains* (trad. do alemão), I, 31-32 e notas; Hübner, *Römische Epigraphik*, § 38, onde alega muitos lugares do *Corpus*; Cagnat, *Epigraphie Latine*, 3.^a ed., pp. 56-57, também com exemplos. D'isto tratou com desenvolvimento Lambertz na *Glotta*, IV, 78 sgs., num artigo subordinado ao título de «Zur Ausbreitung des Supernomen oder Signum im römischen Reiche». Posteriormente apareceu o vol. III, pt. II, das *Inscript. Lat. selectae*, de H. Dessau, 1916, onde a pp. 927-929, indice, se enumeram muitos exemplos de «Agnomina (nomen antiquum novo nomini adiectum)», e «Signa». Vid. por fim o *Dictionnaire d'Archéologie chrétienne*, s. v. «inscriptions»: aí vêm alguns exemplos cristãos dos primeiros séculos: *Simplicius signu Mus*, etc. Nos exemplos romanos, que têm sido publicados, as expressões de que se trata correspondem por vezes verdadeiramente a um *cognomentum*, ou segundo *cognomen*, sem ironia de especie alguma.

A epigrafia romana da Península ibérica patenteia naturalmente o mesmo uso: uma inscrição de Lugo diz: *Caelesti Aug(ustae) Paterni qui et Constantii*, C., II, 2570. E também em inscrições da época visigótica e começos da arábica: *Ana Gaudiosa sive Africa* (= Afra), de Salteras, do ano de 562, nas *Inscr. Hisp.*

¹ Vid. Nicola Stolfi, *I segni di distinzione personali*, Napoles 1905, p. 39.

² Vid. *Corpus Inscr. Lat.*, V, 6260, *apud* Hübner, *Römische Epigraphik*, § 38.

Christ., n.º 71; *Sinticio, famulus Dei, cognomento D(e)idonum*, de Alcacer do Sal, do ano de 632, *ib.*, n.º 2; *Nunlo cognomento Scemena*, de Oviedo, do ano de 919, *ib.*, n.º 256.

Ao nome completo (2.ª acepção de nome) temos visto que podia juntar-se no fim uma *alcunha* (4.ª acepção). E até ha uma curiosa canção popular que diz bem explicitamente:

O meu nome é só — amar-te,
O meu sobre-nome — querer-te,
Meu appellido — adorar-te,
Minha alcunha — merecer-te...

a qual ouvi algures. Em lugar de alcunha, ou concomitantemente com ela, um nome completo pôde receber no fim um epíteto (cognome, designativo de idade, como nestes exemplos do sec. XIII-XIV):

<i>Martim</i>	<i>Affonso</i>	<i>de Merloo,</i>	<i>o Velho</i> ¹
(nome)	(sobrenome)	(apelido)	(epíteto)

e *Dom Affonso* por sobrenome *Moço*², onde *Velho* e *Moço* correspondem provavelmente a *Sénior* e *Júnior*, que hoje se usam alatinadamente para distinguir dois membros da família, de diversa idade, sobretudo pai e filho, quando têm o mesmo nome (*nome inteiro*). Cf., na linguagem popular do Alentejo: o *velho* Saial, a *velha* Antonia, com o epíteto preposto (*Rev. Lusit.*, IV, 49). Na Póvoa de Varzim distinguem-se dois nomes iguais pela adjunção da palavra *Novo* (vid. *Portugalia*, II, 525). Do sec. XV menciona G. Fructuoso, *Saudades da terra*, IV, I, 38, Gonçalo Vaz, o *Grande*, por opposição a Gonçalo Vaz, o *Moço*.

Noutros povos acontecem costumes semelhantes: cf. *Lições de Filologia*, 2.ª ed., p. 380. Os Alemães dizem: *Jungnickel* (= Junger Nickel) ou *Nickel der Junge*; *Nickel der Alte*³; mas ao passo que o diminutivo *Köchly* em alemão poderá significar, segundo Kluge, «filho de Koch», por opposição a um *alter Koch*⁴, nós empregamos, em regra, o diminutivo como sinal de affecto:

¹ *Linhagens*, p. 308. Outro exemplo, p. 296: *Gill Vaasques de Soverosa o Velho*. E ha muitos mais.

² *Linhagens*, p. 352.

³ *Bahnisch*, pp. 69-70.

⁴ Kluge, p. 17.

Josèzinho; só por graça se diria *Josèzinho de tal* na acção de «José, filho de José de tal».

Para se distinguir simplesmente idade, sem referencia á igualdade de nomes, nem a epítetos, diziam os nossos antigos *maior* e *meor*, por exemplo: «Paay Nudiz, que era o *mayor*», e «Nuno Nudiz, que era o *meor*»¹. Sem embargo, é muito freqüente nos documentos medievais *Maor* (*Moor*, ou *Mor*), como nome de mulher, o que ascende ao *cognomen* romano *Maior*, no feminino (tambem ha masculino), por *máior natu* (a *Minor*, igualmente *cognomen* romano, masculino e feminino, não conheço correspondencia em português, como nome proprio). Cf. *Grande*, supra.

Dom, ha pouco mencionado, é com o feminino *Dona*, outro elemento que se encorpora no nome, isto é, um prenome honorifico², que vai no princípio ou imediatamente antes do nome proprio, o que nos seculares é o caso ordinario, ou antes ainda de outro prenome, por exemplo em *D. Frei Manuel do Cenaculo Villasboas*, Bispo de Beja e Arcebispo de Evora (sec. XVIII-XIX). O *Dom* tem-se como titulo de nobreza, porém nem sempre o foi, como o mostrou Alberto Sampaio, *As villas*, pp. 125-126, e G. Barros, *Historia da administração*, III, 430, nota 2, os quais se referem á idade-média. De *Dom* como titulo de nobreza tratou A. Brandão, *Mon. Lusit.*, III, livro 11.º, cap. 19, seguindo Villasboas, *Nobiliarchia*, 1.ª ed., p. 19. Em homens é hoje rarissimo entre nós o *Dom*, ao contrario do que acontece em Hespanha; quanto a *Dona*, está de tal modo aviltado este prenome, que quasi seria ofensa chamar sem ele a mulher do mais impudente merceeiro! A palavra latina *dominus*, d'onde provém *Dom* (no feminino *domina* > *Dona*), vemo-la representada em francês antigo por *dant*, ante-

¹ *Linhagens*, p. 352.

² Tanto o gramatico quinhentistico João de Barros, *Compilação*, ed. de 1785, p. 81, como depois d'ele Ferreira de Vera, *Origem da nobreza*, fls. 11, 12, 13-13 v, como Villasboas, *Nobiliarchia*, loc. cit., chamam *prenome* a *Dom*: «quando digo *Dom*, entendo o *prenome*»; «o prenome *Dom*», este pronome de *Dom*. Acho boa a expressão, e por isso a adopto, applicada a *Dom* e *Dona* e ás outras adjunções de que estou tratando. Cf. o ha pouco citado comentador anonimo das *Reflexões* de Freire, I, 180. Sendo *Cid* e *Senhor* sinonimos de «*Dom*», diz Vera analogamente: «*prenome* de *Cid*», «*prenome* de *Senhor*», fl. 11 v.

posto igualmente ao nome proprio, por exemplo: *danz Guntiers*, *danz Alexis*, *dam Eufemien*, *danz Goliath*, *danz Abraham*, *dam Azarias*, *dant Amile*, *dans Clins*, *danz Constanç*¹, *danz Berengiers*²; em provençal por *en* e *n'*, no feminino *na*, por exemplo: *En Bertran*, *N'Aimar*, *Na Maria de Ventadorn*³. Também em França alguns religiosos, por exemplo, os Beneditinos e Cartuxos, usam *Dom* (ou «D.») como titulo honorifico: *Dom Bastide*, *D. Cellier*.

Às vezes a *Dom* ou *Dona* associava-se em Portugal na idade-média *Meono* ou *Meana* (*Miana*, *Minhana*), antes ou depois, por exemplo: «que foy do *Meono Dom Meendo Moniz*, e de *Miana Dona Cristia*», sec. XIII; «com *Meana Dona Tareja*», ou «com *Dona Minhana Urraca*»⁴.

Paralelo a *Frei*, que linhas antes ficou exemplificado, é *Padre*, por exemplo, em «*P.º Luís Cardoso*», ou junto meramente ao nome proprio, *P.º Adriano*, ou a um apelido, *P.º Vieira*. *Abade*, como prenome, usa-se pouco: *Abade Castro*, ou *de Castro* (escritor do sec. XIX), *Abade Correia da Serra* (escritor do sec. XIX), e alguns casos actuais; em documentos da idade-média ha exemplos de posposição, á latina, mas certamente sem encorporamento (mero apôsto sintatico): *Trastemirus diaconus*, *Songemirus presbiter*, sec. IX⁵. Pertence aqui *Monsenhor*, de origem italiano-francesa (*Monsignore*, *Monseigneur*), como em *Monsenhor Ferreira Gordo* (escritor do sec. XVIII-XIX), *Monsenhor Ferreira* (Prior aposentado de Vila do Conde, e igualmente escritor), *Monsenhor Dalgado*

¹ Bartsch, *Chrestomathie de l'anc. fr.*, 2.^a ed., p. 388.

² Viagem de C. Magno a Jerusalem, ed. de Koschwitz (1880), v, 540.

³ A. Thomas, *Essais de Philol. fr.*, p. 286.

⁴ Muitos exemplos nos livros de *Linhagens*: pp. 144, 145, 153, 158, 168, 169, 176, 321 e 361; cf. também Fr. A. Brandão, *Mon. Lusit.*, liv. VIII, cap. 20. Acêrca de *Meono* vid. *Elucidario*, s. v., e *Arch. Hist. Port.*, IV, 45. Em hespanhol antigo havia paralelamente *mioña* e *mieña*: Pidal, *Gramatica do Cid*, § 138, onde cita it. *mona*, *madonna*, fr. *mame*, *madame*. O etimo de tudo isto está em *meu-domnu-*, *mea-domna-*: vid. D. Carolina Michaëlis, *Randglossen*, I, 5, nota 5, e J. Cornu, *Gramm. der portug. Sprache*, 2.^a ed., § 176.

⁵ *Dipl. et Ch.*, p. 2.

(Professor, que foi, da Faculdade de Letras de Lisboa, † 4 de Abril de 1922).

No religioso temos outros exemplos (freiras): *Soror Mariana Alcoforado* (sec. xvii), *Madre Paula* (sec. xviii). Também se dizia, sem adjunção ao nome: *Madre Abadessa*. A muitos individuos ouço pronunciar hoje erradamente *Sóror*, com acento latino; a pronúncia usada d'antes, no tempo das freiras, era *Sorór*, como averigüei consultando pessoas antigas que lidaram com elas. Popularmente dizia-se *Serór*, com dissimilação de o-ó, como em Lisboa ouvi a uma senhora de idade, que conviveu muito com freiras; e de modo abreviado, em varias terras (Braga, Aveiro, Celorico da Beira, Mondim da Beira, etc.) também se dizia (e diz ainda nos conventos de recolhidas): *Sór Fulana*. A este proposito escreve o S.^{or} Pedro de Azevedo (*Arch. Hist. Port.*, iii, 1, nota 1): «As denominações mais antigas para indicar o estado religioso do sexo feminino eram as de *dona* (domina), e de *selor* ou *seror* (soror). Mais tarde perfilhou-se o nome castelhano de *freira* (freyla)».

Titulo literario era *Mestre*, por exemplo: *Mestre André de Rêsende* (sec. xvi), e *Doutor*, por exemplo: *Doutor João das Regras* (sec. xiv), hoje ainda muito usado, e cada vez mais, até com relação àqueles que não são doutores; *Bacharel* tem pouca vitalidade; *Licenciado* teve outr'ora alguma, hoje nenhuma. Recentemente, por imitação da Alemanha, ha quem adopte *Professor* (i. é, *Prof. Fulano*)¹.

III

O corpo da presente obra consta de tres livros, cada um com muitas sub-divisões.

No Livro I faz-se o estudo sistematico do nome, considerado nos seus elementos fundamentais: nome proprio, sobrenome, apelido; e indicam-se as respectivas origens historicas ou psicologicas.

¹ No que respeita a abreviaturas, o sistema português é este: quando se adoptam as primeiras letras do prenome, põem-se a seguir: *Fr. Fulano*, *Prof. Fulano*; quando se adopta a primeira e a última ou últimas, estas colocam-se ao alto: *P.^e Fulano*, *B.^e Fulano*. Por isso não deve escrever-se «*Dr.*» (á alemã), como muitos escrevem, e eu também já escrevi, mas «*D.^{or}*».

O Livro II serve de desenvolvimento ao Livro I; tratam-se aí cousas que, incluídas neste, transbordariam muito do quadro delimitado nele.

Para o Livro III reservou-se o que concerne á gramática antroponímica, pois na vida dos nomes ha particularidades que merecem estudo especial.

Acresce um remate sintetico, e um apêndice¹.



Começará o autor, como disse acima, na idade-média, isto é, na idade-média cristã, e ascenderá tão alto quanto os documentos, que consultou, lh'o permitirem. O presente liga-se insensivelmente ao passado; todavia a epoca antiga fica fóra do plano: já se fez referencia a ela nas *Liç. de Filol.*, 2.^a ed., pp. 173-174, e nas *Relig. da Lusit.*, III, 189-190, e só tornará agora a vir á colação, ou como elemento comparativo, ou para ajudar a determinar melhor o encadeamento logico ou genetico de certos phenomenos.

A este trabalho, conquanto fundamentalmente glotologico, procurou o autor dar, conforme pôde, base historica, pois que não se analisa genealogicamente, e com rigor, uma lingua, sem se atender ao mesmo tempo á historia, que é quem justifica a existencia d'ela. Por outro lado, um estudo antroponimico é tambem de si historico,—tantas são as informações que ministra ao etnografo, ao genealogista, ao investigador da vida de uma nação.

Em vista do grande número de nomes proprios que ha, e de sobrenomes e apelidos, todos os quais continuamente estão surgindo das necessidades sociais ou da fantasia, não tentou o autor de modo algum esgotar o assunto. Teve em mente, sobretudo, apresentar ao público portuguez uma amostra de como uns e outros se formam, se perpetuam, se substituem ou desaparecem. Quando num lugar da obra o leitor encontrar um nome proprio sem expli-

¹ Esta obra fôra já annunciada da seguinte maneira em 1924 no *Indiculo* dos trabalhos literarios do autor, amavelmente publicado pelo Prof. Moses Bensabat Amzalak: «*Antroponimia portuguesa: origem de nomes pessoais [isto é, nomes proprios], sobrenomes, e apelidos*». Vid. p. 59. Faço a declaração, para que não pareça que imitei o plano de alguma obra estrangeira, acaso vinda a lume depois de 1924.

cação alguma, isso significa que foi dada em lugar diferente, e deve então recorrer ao índice alfabetico final. Os sobrenomes e apelidos estão estudados por categorias; mas também o índice ás vezes servirá de auxilio na busca da explicação.

Como quem escreveu esta obra a destinou, menos talvez a filólogos, do que ao comum das pessoas, introduziu a cada passo, como já disse a p. 7, comparações, em regra breves, dos phenomenos portugueses com similares phenomenos estrangeiros. Comparações permitem com frequência interpretar o que ao primeiro lance de olhos se afigura obscuro; e concorrendo para que se evite a estranheza que certas singularidades produzirão em leitores não habituados a discuti-las, mostram no nosso caso a generalidade das leis a que obedece a fala humana.

Talvez em muitos lugares a obra pareça superfluamente acumulada de exemplos. Se alguma já existisse entre nós consagrada com amplidão ao assunto, esta sem duvida os traria em quantidade menor, porque bastaria resumir, sintetizar. Contudo aquele que primeiro se abalança a expor uma doutrina em todas as suas minudencias não tem outro remedio senão carrear materiais suficientes para que o leitor fique de todo convencido d'ela.

Todos os exemplos que se mencionam, ainda os mais simples, correspondem sempre á realidade; nem sequer vai um unico de fantasia. De outro modo não teriam valor as deducções que d'elles aqui se tiram.

LIVRO I

ESTUDO SISTEMATICO DO NOME

O *nome* é aqui apresentado em sentido geral, como se disse na INTRODUÇÃO: abrange pois o *nome proprio* (isto é, o nome pessoal ou individual), o *sobrenome*, e o *apelido*, que serão estudados em separado.

PARTE I

Do nome proprio

Independentemente do conhecimento da proveniencia historica e sucessão cronologica dos nomes proprios, da razão da sua escolha, e da sua fórmula, o que constitue a materia privativa d'esta 1.^a parte, desejará o leitor saber a etimologia de cada nome. A isso, segundo o plano da obra, não se consagra nenhum capitulo especial, mas, quanto for possivel, o assunto será tratado no decurso da exposição, á proporção do aparecimento dos nomes nela.

Quem quisesse estudar etimologicamente a totalidade dos nossos nomes proprios, teria de organizar um dicionario: tarefa das mais penosas, por causa da grande quantidade de nomes, e ao mesmo tempo a menos original, porque muitos dos etimos dos nomes usuais, ou são claros, ou estão já determinados a respeito de outras linguas (só se tornava necessario reunir materiais e criticá-los, e juntar fórmulas nacionais, antigas e modernas).

Em todo o caso convem observar que os nomes pessoais nascem, em regra, de expressões da lingua comum, isto é, ou de palavras simples, de derivados e de compostos, ou de frases: e referem-se em seus primordios, conforme as linguas, a cousas e fenomenos da Natureza, ao tempo (como duração), á geografia, a qualidades fisicas e morais dos individuos, a circumstancias, necessidades e occupações da vida ordinaria, á religião ou á magia, á guerra, a dominio (em todo o sentido), a estados sociais, etc.

CAPITULO I

Proveniencia historica do nome proprio

As fontes historicas dos nossos nomes proprios são muitas e de muitas epochas, porque Portugal tira as suas raizes da antiga Lusitania, e desde sempre tem estado em contacto com variados povos e civilizações, e dos dois lados recebido influxo no que toca a vocabulario.

A.—NOMES MEDIEVAIS

Os mais antigos nomes medievais provêm naturalmente da epocha romana, e filiam-se nos que os Lusitano-Romanos usavam: foram adoptados pelo Cristianismo desde o sec. II—III, pelo menos: vid. *Religiões*, III, 537—538. Os nomes dos Lusitano-Romanos eram não só latinos, mas de multipla origem (lusitanos ou hispanos, etc.). Nos que a religião cristã cá introduziu como seus, havia-os tambem latinos (a maxima parte), e além d'isso gregos e hebraicos. A par com todas essas classes de nomes temos nomes germanicos, do sec. V em diante, igualmente admitidos pela Igreja para os seus fiéis. E depois do sec. VIII nomes arabicos.

Por isso que aos Romanos succederam os Germanos na dominação da Peninsula, e a reconquista aos Arabes foi depois iniciada nas Asturias no sec. VIII tambem por Germanos (Neo-Germanos, Neo-Visigodos, Neo-Godos), não admira que os nomes d'esta origem se tornassem moda longo tempo, fôsse qual fôsse a estirpe ethnica de quem os usava, e abundem pois muito nos nossos documentos medievais. Todos eles estão latinizados, já porque os Germanos adoptaram o latim como idioma comum (cf. *Religiões*, III, 582 sgs.), já porque este era o idioma em que se escrevia. Os nomes germanicos contidos nos nossos documentos (sec. IX—1100) estudou-os em particular o Prof. Meyer-Lübke, como se disse na INTRODUÇÃO: e o seu a todos os respeito magnifico estudo será aqui aproveitado muitas vezes.

1. Principiando pelo onomastico cristão mais remoto, encontramos em actas de concilios da Peninsula nomes de bispos lusitanos do sec. IV, *Vincentius* (cf. adiante § 9), de Ossónoba, *Quintianus* (na origem cognome romano), de Elbora, *Paternus* (na origem,

do mesmo modo, cognome), de Bracara¹, e sobretudo em inscrições latino-cristãs do territorio a que hoje corresponde Portugal, do sec. v ao viii, muitos exemplos, que a seguir se produzem, todos eles, como os de cima, nomes singelos, isto é, desacompanhados de sobrenome ou de apelido, o que nos primeiros tempos traduziria acaso algum sentimento religioso. Contudo o sistema romano do *triplex nomen* estava já então desorganizado, e os Germanos, da sua parte, usavam apenas um nome, embora pudesse originariamente ser composto.

Os números postos logo depois dos nomes, sem mais explicações, são os das *Inscr. Hisp. Christ.*, de Hübner, 2 volumes, Berlim 1871 e 1900, onde a quasi totalidade d'elles está coligida².

a) Nomes de proveniencia latina:

- *Adiutor*, 301.
- *Adulteus*, 299 = *Adultius* (de *adultus*), sec. vii.
- *Afranius*, 302, sec. viii (cf. Schulze, p. 137).
- *Amanda*, 303, e *AP*, iii, 290, sec. vi.
- *Armiger*, 7.
- *Domitia*, 323 (fem. de *Domitius*. Do seu etimo trata G. Otto, pp. 881 e 779).
- *Donata*, 306, sec. v.
- *Felix*, 18.
- *Flaviana*, 17 (derivado de *Flavius*).
- *Florentius* e *Florentia*, 22.
- *Glandarius*, 307, de Mertola, no Alentejo.
- *Hilarinus*, 308, e *AP*, i, 8; sec. vi (derivado de um dos cognomes *Hilārus*, *Hilāris*, ou do gentílico *Hilarius*).
- *Marturius*, 325.
- *Optatus*, 13.
- *Paulus*, 11.
- *Rogata*, 294, e *AP*, i, 178, talvez do sec. v.
- *Serenianus*, 327 (derivado de *Serenius*; este de *Serenus*).
- *Servanda*, 329 (cf. Schwab, p. 711).
- *Severa*, 7; *Severus*, 3.
- *Simplicius*, 313, e *AP*, i, 181-182, sec. vi.
- *Tyberius*, 314.

¹ Cf. acêrca d'estes bispos *Religiões*, iii, 538.

² A maioria das nossas inscrições latino-cristãs data d'aqueles seculos (cf. *Religiões*, iii, 582); mas ha-os que são posteriores.

— *Venantia*, 12; num carmen (fem. de *Venantius*, derivado de *venari* «caçar»: cf. Schwab, pp. 696–697. Modernamente temos *Venancio*).

Em lapides do Museu Etnologico Português, providas de Mertola (*Myrtilis*), ainda ineditas, lê-se: *Abundantius* (cf. Schwab, p. 685), *Exuperius* (= *Exsuperius*), *Faustinus* (deriv. de *Faustus*), *Restutus* = *Restitutus* (nome muito querido dos cristãos), *Rufina*, *Senatrex* (= *Senatrix*).

Os nomes que ficam transcritos nasceram, a maior parte das vezes, de conhecidos substantivos da lingua comum, de adjectivos e participios, e são analogos ou iguais a outros que não só se lêem em inscrições das Catacumbas, mas se encontram na epigrafia romana propriamente dita, como usuais *praenomina*, *nomina*, e *cognomina*. Quer num caso, quer no outro, os fiéis da Lusitania adaptaram-nos á manifestação de sentimentos religiosos, de fé, humildade, esperança, affecto, por exemplo: *Amanda*, *Donata*, *Felix*, *Optatus*, *Servanda*, *Simplicius*. Plausivelmente tambem a *Abundantius*, *Exuperius*, *Faustinus* e *Hilarinus* se ligava a ideia do contentamento que resultava de entrarem no seio da Igreja os respectivos individuos. Por outro lado a mór parte dos nomes eram-no de santos, e por consequência reputados de bom agouro, o que principalmente os devia fazer adoptar. De *Marturius* = *Martyrius*, diz o P.^e Delehaye que foi mui freqüente do sec. iv em diante, como testemunho de honra prestada aos martyres cristãos, considerados no conjunto: *Origines du culte des martyres*, Bruxelas 1912, p. 167. *Paulus* (= *Paullus* = *paulus* ou *paullus* «pequeno») é sabidamente cognome latino; aqui porém teve-se de certo em mente *S. Paulo*.

Como efeito do natural esquecimento das origens dos nomes, quando estes se transmitem de geração em geração, acontece que alguns dos mencionados, postoque applicados a Cristãos, são o mais pagãos possível: *Tiberius*, por exemplo, relaciona-se etimologicamente com *Tiber*, como deus fluvial (vid.: Usener, p. 357; Schulze, p. 479). Por outro lado *Armiger* indica originariamente profissão: «o que leva armas de outrem», «escudeiro». *Glandarius* vem nos dictionarios apenas como adjectivo de *glans*, *-dis*, «lande» ou «bolota», o que é curioso notar, por ser o Alentejo, onde a inscrição appareceu, região de landes e *boletas*; mas aqui póde corresponder a um substantivo originario, que exprimisse tambem profissão: «o que cuida de landes», «o que negocea nelas», ideia paralela á que se contém nos substantivos *ficarius* (negociante

de figos), *lactucarius* (negociante de alfaces), *vinarius* (taverneiro), *gallinarius* (o que cuida de galinhas ou as vende), *porcarius* (o que cuida de porcos)¹. *Senatrex* ou *Senatrix*, não obstante significar «senadora» (mulher de senador), supponho que na nossa inscrição não passa do feminino do usual cognome *Senator*, que figura, por exemplo, no *Corpus*, II, 5629 (inscrição da Galiza), 1959 (inscrição de Cadiz).

b) Nomes de proveniencia grega:

— *Andreas*, 304, de Ἀνδρέας, entrado para o Calendario cristão. Em documentos posteriores: *Andreu*, *Andrel*, *André*, *Andrés*, fem. *Andresa*. Cf. *Opusc.*, III, 81, e *Liç. de Filol.*, 2.^a ed., p. 458.

— *Orania*, 310. Em inscrições romanas de fóra da Península ha *Oranius*, cf. Schulze, p. 349; mas o mais provavel é termos aqui Οὐρανία; cf. Οὐράνιος, nome de homem. De οὐρανός «ceu». No *Kirchenlat. Wb.* ha *Oranius* = *Uranus*, nome de um personagem do sec. III; e isto confirma o que digo.

— *Satirio*, 43 = Σατυρίων.

— *Sinticio*, 2 (.. traens lineam Getarum ..); cf. συντυχία «acontecimento».

c) Nomes de proveniencia germanica:

— *Mannaria*, 309 (mulher). Cf. *AP*, XI, 326, nota. O masculino entende-se que é *Mannarius*, formado de duas palavras goticas, manna (al. *Mann*) «homem» e harjis (al. *Heer*) «exército». É o contrário, quanto á fôrma, do nome proprio alemão *Hermann* «homem do exército», «guerreiro». Pensa M.-L., I, 65, que o got. *harjis* foi tido pelos Romanos como uma especie de terminação, assimilado a *-arius*.

— *Sisenandus*, 324. Outras fôrmas que se encontram em textos posteriores são *Sisnandus*, *Sesnandus*, etc. De sis «queixar-se, pleitear», e *nanths* «audaz»: vid. M.-L., I, 46-72.

— *Suinthiliuba*, 328 (mulher). Noutros docs. (sec. X) ha *Sindileuba*, *Sindileuva*. M.-L., I, 46 e 68, dá como etimo *sinths* «expedição», e *leuba* (al. *Liebe*) «amor»; mas a fôrma *Suinthiliuba* faz-me crer que o etimo da primeira parte é o got. *swinth* «forte, são».

Estes nomes germanicos, e muitos outros que adiante se citarão, vê-se que são binarios, isto é, compostos de dois elementos,

¹ Conheço hoje o apelido *Landeiro* no Algarve, mas tambem ha esse nome na toponimia; por isso não póde dizer-se se na origem é alcunha, se geografico.

segundo um uso comum ao indo-europeu: cf. grego Πολύβιος = πολυ-βιος, celt. *Caturix* = catu-rix. É claro que se subentende que os nomes assim formados tinham a princípio significação rigorosa: quem pela primeira vez se chamou *Manarius*, é que de facto era guerreiro. Com o tempo a significação apagou-se ou perdeu-se, e os nomes tornaram-se meros simbolos pessoais, podendo aplicar-se a quaisquer pessoas, ainda áquelas ás quais a antiga significação não convinha de modo algum, ou era absolutamente desconhecida. Já no sub-parágrafo *a* vimos um fenomeno analogo, e adiante, na parte respectiva aos apelidos, tambem veremos que outros se produzem muitas vezes em portuguezs. O obscurecimento, a que me refiro, da significação dos nomes germanicos fazia que por vezes se formassem maquinalmente nomes binarios cujos membros não se ligavam pelo sentido, e até se criassem nomes hibridos, isto é, latino-germanicos. A seu tempo se nos depararão exemplos. Cf. tambem o que se lê no *Polyptique*, p. 264 sgs., e em Bähnisch, pp. 28-29.

d) Nomes varios:

Ha alguns nomes de origem obscura, como:

— *Britto presbyter*, 305. — Cf. M.-L., II, 81.

— [I]esabille, 324. — No texto lê-se, segundo a lição adoptada por Hübner, [fa]muli Chr(isti) [Si]sena[ndus] [et I]esabille [f]ecerunt. A inscrição publicou-a primeiro na *Rev. Archeologica*, I, 113 e 129. Do teor parece que *Iesabille* é nome feminino; Hübner pergunta, *ib.*, p. 129, se teremos aqui *Isabella*. O mais provavel, porém, é que a terminação *-ille* seja germanica, ainda que nos nossos documentos medievicos se lê sempre *-illi* (terminação feminina): vid. M.-L., I, 93-94. Já em epoca tão remota, sec. V ou VI (cf. Hübner, na mesma *Revista*, I, 113), haveria em italiano *Isabella*? A correspondente fórma em documentos nossos do sec. X é *Elisavet*, do sec. XII-XIII *Isabet* (hebraico Elisabeth, onde entra a ideia de «Deus», e segundo alguns parece que tambem a de «juramento»). A moderna fórma *Isabel* veio-nos do antigo francês *Ysabel*, por intermedio do hespanhol. — Cf. tambem *Opusc.*, III, 98 e 109.

— *Marispalla* (mulher), 135.

✱

É admissivel que em junção com os nomes que ficam especificados no último sub-parágrafo, isto é, em *d*, e nos antecedentes houvesse, por herança de tempos antigos, nomes claramente pre-

romanos, como *Eburinus* e *Vasconius*, ambos de origem geográfico-etnica (*Ebora*, *Ebura*; *Vascōnes*), os quais aparecem em inscrições do reino de Hespanha, da mesma natureza e época.

*

Convém saber que nos primitivos Cristãos o nome nem sempre se impunha no momento do baptismo, porque muitas vezes, quando um individuo se baptizava, era já adulto, e já pois tinha nome. Foi depois do sec. III, ou por esse tempo, que o nome começou a dar-se no baptismo. Vid.: Giry, p. 358; *La Grande Encyclop.*, v, 312; e Duffaut, p. 181.—Na Roma antiga era no oitavo dia, contado do do nascimento, que as crianças do sexo masculino, e no nono as do feminino, recebiam o *praenomen*: este dia chamava-se *lustricus*, por causa da purificação (*lustratio*) que então se fazia das crianças, com a celebração de um sacrificio. Quinto Scévola, porém, diz que o *praenomen* nos rapazes só tinha validade pública depois da imposição da toga viril, e nas raparigas depois do casamento. Vid. Hübner, *Römische Epigraphik*, § 21.

2. Em um documento dos meados do sec. IX, proveniente do mosteiro de Lorvão (*DC*, n.º 2, p. 2), ha, por exemplo, estes nomes:

a) De origem provavelmente iberica:

— *Garseanus* = Garse-anus, e *Vutierre*. Vid.: *Gutierre* e *Garseas* (Garcia) em Hübner, *Mon. Ling. Ib.*, p. cxxxiv; em M.-L., II, 63; em Jungfer, p. 4; em Zauner, *Alt-span.*, p. 7. Com *Gutierre*, cf. no *Onomastico* de Cortesão: *Guterezi*, *Guterrino*, *Guterriz*, *Gutier*, *Gutierre*, *Gutierrez*, etc. Com *Garcia*, hoje apelido corrente, cf. *ib.*: *Garceaiz*, *Garceiz*, *Garciiiz*, *Garzia*, *Gartianiz*, *Garcias*, *Garsea*, etc.

b) De origem latina:

— *Dulcidius*: de *Dulcis*, com o suf. *-idius*. Cf. M.-L., II, 58. Temos do mesmo radical *Dulcitus* em G. Otto, p. 884. *Dulcis* é cognome de mulher (*apud* De Vit, s. v.), e a ele corresponde *Doce* em português (idade-média) e *Dulce*.

— *Justus*: nome de varios santos da Igreja primitiva. Na origem cognome romano. Hoje *Justo*, *-a*.

— *Nepuzanus* = *Nepotianus*. De *Nepotius* (*Nepos*).

c) De origem germanica:

— *Dagaredus*: de *dags* «dia», e *rêds* «conselho»: M.-L., I, 21 e 72. Do genetivo *Dagaredi* (sc. *villa*) veio DAREI, nome geográfico (Beira).

— *Gundisalvus*: de gundi (gundja, alto-al. ant.) «batalha», e salvus (de origem obscura, ou germanica ou romana: cf. M.-L., I, 75, e já Longnon, *Polyptique*, p. 361. Grienberg, p. 551, supõe alto-al. ant. salv «escuro, etc.»). D'aqui veio *Gonçalo* (e Gonçalves). Variante de gundi- é gunthi- (gunti-), que deve considerar-se mais antiga: Schönfeld, p. 116.

— *Rodorigus*: cf. alemão *Roderich*, de hrôths «fama» e riks «rei», «poderoso». D'aqui veio *Rodrigo*.

— *Songemirus* (noutros textos *Sungemirus*, etc.): de sunja «verdade» e *mirus* (latinização de mêrs), que quer dizer «conhecido», «famoso», «grande». Cf. M.-L., I, 48 e 69, e bem assim Uhlenbeck, p. 110, e Schönfeld, pp. 167-168.

— *Trastemirus*: de *thrafts*, deduzido do gotico *thrafstjan* «consolar», e mêrs, já mencionado: vid. M.-L., I, 49, e Schönfeld, p. 237. Do genetivo veio o nome galego *Trastemil*, de um lugar da Corunha.

Numa bandeja metálica da Beira-Baixa, publicada por Hübner *IHC*, n.º 529, e que ao sábio epigrafista parece do sec. IX, lê-se este nome germanico: *Argimirus*; mas resta saber onde, ou para quem, a bandeja foi fabricada. Em todo o caso *Argimiro* ou *Argemiro* existiu como nome no nosso território, na idade-média: vid. as indicações em Cortesão. O elemento *Argi-*, conquanto germanico, tem sido explicado de varios modos: vid. M.-L., I, 34, e ultimamente Schönfeld, p. 25. Quanto a *-mirus* vid. o sub-parágrafo c.

d) De origem duvidosa:

— *Lubanus*. Cf. M.-L., II, 79.

Para que da lista que aqui se apresenta, e das que se seguirem, extraídas de documentos oficiais, possam tirar-se conclusões respeitantes á relação em que os nomes, quanto á origem, e proporção em que se usam, estão uns com os outros, aproveitam-se só os das pessoas presumivelmente pertencentes ao nosso território. Deixam-se de parte, em regra, os patronimicos, pois têm de ser estudados em lugar especial.

3. Os seguintes nomes lêem-se num documento redigido entre os anos de 867 e 912, proveniente do arquivo da Sé de Coimbra, e muito rico de onomastico, posto que muito confuso na enumeração dos nomes (*Dipl. et Ch.*, p. 3, n.º 4):

a) De origem latina:

— *Abitus* (*Avitus*): vid. adiante, sub-parágrafo e.

—*Dadina*, no doc. *Dadine*. Deriva de *Data*, feminino de *Datus* (cognome romano). Cf. *Donata* no § 1, *a*.

—*Juvinius*, no doc. *Juuni* e *Juunio*; já ha *Juvinus* numa inscrição romana da Peninsula (*Corpus*, II, 495).

—*Lucidus*, que já aparece em varios textos epigraficos romanos como cognome.

—*Materna*, cognome romano freqüente em inscrições da Peninsula. Feminino de *Maternus*, nome de um santo do sec. II.

—*Nonninna*. De *nonnus*, *nonna*, «aio», «aia» (palavras talvez originarias da linguagem infantil); cf. M.-L., II, 82. *Nonna* é tambem cognome romano feminino, e figura em inscrições cristãs; *Nonnius* é nome de um bispo do sec. IV: vid. *Onomasticon* de De Vit. Cf. o nome português *Nuno*, hesp. *Nuño*.

—*Sarracina*. Tambem ha *Sarraçina*, *Sarracina*, e no masculino *Sarracenus*, *Sarracino*, patronimico *Sarraciniz*, em documentos dos secs. X e XI: vid. Cortesão, *Onomastico*. Do lat. *Sarraceni*, nome etnico > *Sarraceni*.

—*Viviturus* («que ha-de viver», nome muito adequado a um crente). Cf. adiante, p. 35.

b) De origem grega ou greco-latina:

—*Androitus*: de *Ἀνδρόιτος*, nome de homem.

—*Nocia* (de *no* tia, certa pedra preciosa: *νοτία*; ha muitos nomes de mulher antigos tirados de nomes de pedras preciosas).

—*Petrus*, «Pedro» = *Πέτρος*, certamente da mesma raiz que *πέτρος* e *πέτρα*: «pedra, rochedo»; lat. *petra* (do grego). Tambem em documentos nossos *Pero*. Cf. *Opusc.*, III, 50 sgs.

c) De origem hebraica:

—*Maria* (segundo alguns, de *Mirjam*, palavra tomada do egipcio: «amada de Amon (deus)»: vid. *Kirchenlat. Wb.*, p. 499).

—*Samuel*, que figura no documento como nome de um filho de *Viviturus* (vid. sub-parágrafo *a*), o que mostra que o individuo, apesar do hebraismo do nome, era de familia cristã. *Samuel* quer dizer «seu nome é Deus»: vid. *Kirchenlat. Wb.*, p. 693.

d) De origem germanica:

—*Adefonso*: vid. M.-L., II, 3 (gotico *Hathufuns*). O segundo elemento é *funs*, que em germanico significa «pronto», «inclinado»: Förstemann, col. 560. O primeiro parece que se liga com *athal*, *edel*, «nobre»: Schönfeld, p. 2. Hoje *Afonso*.

—*Ansemundus*. Muitos exemplos em Förstemann, col. 130; cf. o *Polyptique*, p. 352. Decompõe-se em *anse-mundus*: a primeira parte relaciona-se com *Ansis* (semi-deuses dos Godos—em

Jordannes), e aparece em muitos nomes germanicos de pessoas, *Anse-bertus*, *Ans-aldus* (Ansoaldus), etc.: vid. Schönfeld, p. 23. A segunda parte corresponde conhecidamente o alto-al. ant. *munt* «mão», «protecção», al. mod. *mündig* «emancipado», «maior».

— *Araguntius* = *Ara-guntius*. Acêrca do primeiro elemento vid. o que diz Schönfeld, s. v. «*Araharius*»; do segundo já se falou, supra, § 2.º, c (*Gundisalvus*).

— *Atanagildus* = *Atana-gildus*. Acêrca de atana, gotico *athana, vid. Schönfeld, p. 34; acêrca de -gildus, onde se encontra a ideia de «valor», vid. *eundem*, p. 6, e já antes Förstermann, Meyer-Lübke, etc.

— *Emundinus*, derivado de *Emundus*, que não encontro nos nossos documentos, mas que estará por *Edmundus*, em alemão *Edmund* = ed-mund. Quanto a *ed-*, vid. Förstermann, col. 448; quanto a -mund vid. supra (*Ansemundus*); -inus é sufixo diminutivo.

— *Fragulfus*, *Frogulfus*, por *Frajulfus* e *Frojulfus*, com *g* = = *j*. Do got. *frauja* «senhor», e *wulfs* «lôbo», que era animal consagrado a Wodan, deus germanico da guerra: cf. al. *wulf*, ingl. *wolf*. Outra fôrma que aparece nos nossos documentos é *Fraiulfo* = *Frajulfo*. Tem aqui o seu etimo o nome geografico *Frejufe* e *Frejuffi* em documentos do sec. XIII, hoje ainda FREJUFÉ.

— *Gomesindus*: composto de guma «homem», em gotico, e *sinths* «andamento», «expedição», na mesma lingua. Cf. Förstermann, col. 1339.

— *Gudilolfus*: parece formado de *Gudila* + *wulfus*. O nome *Gudila* é diminutivo do got. *goths* «bom» ou *guths* «deus»; cf. *Atila*. O feminino é *Gudilo*. Vid. M.-L., I, 91 e 93.

— *Guisenda*, variante de *Goisenda*, nome de mulher, onde entra o elemento -*senda*, de *sinths*, que vimos em *Gomesindus*, e o elemento *goi-*, do got. *gawi* «comarca». Cf. Förstermann, col. 624. Entende-se que *Goisenda* é o feminino de *Goisendus*, que não conheço em documentos nossos, mas que deve ter existido, pois é pelo genetivo que se explica o topónimo GosenDE.

— *Gunderona*, nome de mulher: de *gundja* (§ 2.º, c) e *runa* «mistério» (em gotico). Cf. Förstermann, col. 1284 (*Gunderun*), e M.-L., I, 75. Na nossa palavra está -*rona* em vez de -*runa*, com o por *u*, depois de *r*: cf. M.-L., I, 99. O elemento -*runa*, que se encontra noutras linguas indo-europeias, é o mesmo que entra em *Trebaruna*, deusa lusitana: vid. *Religiões*, II, 300, nota 1.

— *Livilo*, nome feminino, na fôrma diminutiva (sufixo -*ilo*).

O tema está representado pelo al. médio *liph*, tema *lif*, al. mod. *leben*, «viver», «vida».

— *Nandulfus*, vid. M.-L., I, 41 e 72: = *Nand-ulfus*. Cf. *Fragulfus* supra.

— *Sisegundia*. Vid. M.-L., I, 46 e 63.

— *Sisildus*. Vid. M.-L., I, 46 e 67. O elemento *-ild-* ve-lo-hemos infra (sub-parágrafo e), em *Ilidoie*, p. 34.

— *Vaduvvara*. Cf. M.-L., I, 81.

— *Vedragesa*. Vid. M.-L., I, 53 e 60, e a observação de Grienberg, p. 549.

— *Vimara* = *Wimara*: «cavalo de combate»: M.-L., 52 e 63; e cf. Grienberg, pp. 549-550. Isto é: cavaleiro combatente.

e) Nomes varios:

— *Alvarus*, talvez germanico: M.-L., I, 8 e 81, II, 73.

— *Alvitus*. Cf. M.-L., I, 8, 64, e II, 73. Creio ser a mesma palavra que *Albittus* no *Polyptique*, p. 256: isto é, um derivado de *albus* + suf. *ittus*. Cf. *dus 'albus* num documento alemão de 1266 em Reichert, p. 134.—No nosso documento *Alvitus* alterna com *Abitus*, ambos aplicados ao marido de *Vedragesa*. Ficamos pois em dúvida qual é a forma verdadeira. A par de *Abitus* também no documento ha *Avitus*, parece que aplicado a outra pessoa. Tanto *Avitus*, como *Abitus*, se está por *Habitus*, são cognomes romanos.

— *Ascantus*. Cf. M.-L., II, 76.

— *Cerocia*.

— *Cetronius*: cf. o nome lat. *Cetrius*, e a terminação *-onius* (*Petronius*, etc.).

— *Ciandila*; pelo suf. *-ila* parece germanico. Cf. M.-L., I, 85, e II, 29.

— *Egaredus* (pelo menos é germanica a segunda parte; quanto á primeira, cf. *Egas*, infra).

— *Elison*; cf. *Elisom* no *Polyptique*, e o que neste se diz a p. 302.

— *Gaudimia* (escrito no doc. *Gaudunia*): M.-L., II, 58. Este nome fôra já explicado no *Polyptique*, p. 269: formou-se hibridamente de *gaud-*, do lat. *gaudium* (p. 318), e da terminação *-imia*, tirada de nomes como *Deotimia*.

— *Hegelo* = *Egelo*, que supponho está por *Egilo*, nome feminino no diminutivo (suf. *-ilo*; cf. *Livilo*, supra). Aparece nos nossos documentos não só *Egelo*, sem *h*, e *Egilo*, mas *Egela*, masculino: vid. Cortesão, *Onom.*, p. 109. O primeiro elemento é um pouco

obsкуро (M.-L., I, 24), mas deve ser o mesmo que entra em *Egas* e *Egeas*.

— *Ilidoie*. A primeira parte do nome está representada pelo anglo-sax. *hild*, alto-al. ant. *hilta*, «combate» (vid. O. Schade e Först.; e cf. M.-L., I, 36). Aqui pertence a palavra moderna *Hilda*, nome de mulher, na origem hipocorístico. Dos hipocorísticos tratar-se-ha no Liv. III.—O segundo elemento não é muito claro: talvez aparentado com *-oy*, de *wîhs* «santo» em M.-L., I, 83¹.

— *Lustri*. Talvez latino, por *Illustris*; mas cf. *Lustrih* em Förstemann, col. 1066.

— *Mulierbo*. Na segunda metade da palavra está muito provavelmente o elemento germanico *-erb-* que se lê no *Polyptique*, p. 303, em *Erbemarus*, *Erboardus*. A primeira parte é para mim bastante obscura.

— *Nausti*, episcopus. Talvez iberico (M.-L., II, 68).

— *Nimenti* ou *Nimentus*.

— *Theodanus*. No começo da palavra parece estar o nome germanico *theod-*, got. *thiuda* «povo», a que se juntou o sufixo lat. *-anus*. A palavra significaria «popular»! Quem escreveu o *h*, teve talvez em mente o nome grego *Theodorus*.

— *Tumtuldus*. M.-L. equivocou-se escrevendo, I, 50, *Tuntuldus*, com *n*, mas talvez essa seja a forma primitiva.

As listas produzidas neste § 3 e no antecedente mostram-nos predomínio de nomes germanicos, comparadas com as do § 1, onde pelo contrário os nomes latinos formam a maioria. Isto bem se compreende pela razão indicada acima: novos conquistadores (isto é, reconquistadores) provocavam naturalmente a adopção de novos nomes. Ao mesmo tempo porém o Cristianismo não deixava de patentear alguma influencia, visto ser a religião do estado: *Petrus* ou «Pedro», nome frequente noutros povos cristãos, já desde, pelo menos, o sec. III (Delehaye, p. 165; cf. Marucchi, *Epigrapfia cristiana*, Milão 1910, p. 77); *Maria*, mãe de Cristo; *Samuel*, que ali figura, não como designação de um Hebreu, mas de um Cristão (a pessoa de que se trata era filha, como já se disse, de *Viviturus*, nome com caracter, ou sentimento, muito cristão: «o que ha-de ter vida eterna»: participio formado regularmente

¹ De *-oy* em nomes hispanicos, não germanicos, trata M. Pidal, in *Rev. de Filol. españ.*, v, 240 sgs., e nos *Orígenes del españ.*, p. 158 sgs.

de *vivere*, em vez de *victurus*), como *moriturus*; acêrca do uso de *Samuel* nos Cristãos vid. também Delehaye, p. 166.

Ao predomínio do elemento germanico observado na antroponomia corresponde grande quantidade de nomes da mesma origem na toponímia, provenientes também da época da reconquista. Como Alberto Sampaio estabeleceu no seu trabalho *As «villas» do N. de Portugal*, cap. v, o sistema juridico dos Neo-Godos fez que se substituíssem, pela maior parte, as anteriores designações das propriedades por outras. Ora d'essas propriedades medievais ou *villas* (em sentido romano) nasceram inúmeras povoações portuguesas, que ainda hoje por vezes perduram.

4. De um documento dos fins do sec. x (*Dipl. et Ch.*, pp. 105-106, n.º 170):

a) De origem latina:

—*Mauram*, do lat. **Mauranus*, de *Maurus* (cf. *Lubanus*, *Nepotianus*, supra), cognome romano e cristão. Mais modernamente: *don Mouram*, sec. XIII (*Inquisit.*, p. 299); MOURÃO, nome de uma vila alentejana. — Cf. Förstemann, s. v. MAURA.

—*Senator*. Cf. *Senatrex* no § 1.

—*Pelagius* (greco-latino), sinonimo de *Marinho*: «do mar», e por extensão de sentido «homem do mar», «marinheiro». Nome tirado do Calendario cristão: *S. Pelagius* († sec. III), muito predilecto dos nossos maiores, pois tem grande representação na toponímia actual (S. PAIO). — Na origem cognome romano.

b) De origem germanica:

—*Argirigo*. Noutros documentos *Argericus*, *Argerigus*: dos dois elementos *argi-* e *-rigo* falou-se supra, § 2.º

—*Framila*, nome de homem. Vid. M.-L., I, 90.

—*Froila*, nome de homem. Vid. M.-L., I, 90. Fórmulas hespanholas paralelas: *Froila*, *Fruella*, em Pidal, *Voc. de Mio Cid*, p. 696. Hoje diz-se em hespanhol: *Fruela*. Foi nome de reis das Asturias.

—*Guandila*, nome de homem (duas vezes), não estudado por M.-L., mas de aspecto evidentemente germanico. Pois que temos *Gandila* e *Gandila* num documento de 924 (vid. Cortesão, *Onom.*), é possível que *Guandila* equivalha a *Gandila* (*gu* = *g*), cujo etimo estará no germ. *wand* (got. *wandjan* = al. *wenden* «voltar», ou got. *wandus* «vara»), com o sufixo diminutivo (masculino) *-ila*, que já várias vezes temos encontrado.

—*Gudino*. Acêrca de *gud-*, vid. § 3, *d*; de *-ino*, vid. Liv. III.

— *Leoderigus*. O primeiro elemento corresponde ao alto-al. ant. *liut* «povo», anglo-sax. *liud* (Förstemann e Schade); do segundo falou-se no § 2.º, c. Cf. também M.-L., I, 39.

— *Sando*. A par ha *Sandi*, etc., noutros documentos. Temos aqui um nome hipocorístico, nascido por encurtamento de um nome binário. Qual nome? Em verdade os nossos documentos apresentam, de um lado, *Sandamir*, *Sandemiru*, *Sandimir*, *Sandinus*, com *sand-*, e do outro, *Sendamiro*, *Sendino*, *Sindofalix* (de *Sindofalus*), *Sindino*, com *send-* ou *sind-*; na toponímia actual ha também *Sandomil*, *Sandrigo*, *Sandim*, a par de *Sendim*, *Sendinhos*, *Sinde*; e pôde pois talvez hesitar-se se *Sando* provém de nomes com *sand-*, ou de nomes com *send-* ou *sind-*. Como porém nem a mudança de *-an-* em *-en-* ou *-in-*, nem a inversa são fenómenos normais em palavras avulsas, principalmente em remotas eras, parece mais simples considerar independentes entre si (como já fez M.-L.) *sand-*, de *sanths* «verdadeiro», e *send-* ou *sind-*, de *sinths* (vid. § 3, d), tanto mais que num documento de 1058, DC, p. 254, um individuo assina *Sendi*, que faz pressupor *Sendus*, e num de 1071, DC, p. 307, outro assina *Sindo*. Por isso o nome binário de que *Sando* resultou pôde ter sido *Sandrigo* ou *Sandemiru* (ou uma das suas variantes foneticas), etc.; do mesmo modo que a origem de *Sendo* e *Sindo* pôde ter sido *Sendamiro*, etc.

— *Tedon*. Variante de *Tedo*, *Teton* noutros documentos. Forma hipocorística, e declinada, de um nome começado por *Teodo-*.

— *Tegio*. Cf. M.-L., I, 87.

— *Toda domna*. Outras formas: *Tuta*, *Teoda*. De *thiuda* (vid. § 3, e). Cf. M.-L., I, 87, II, 25 e 55, e os meus *Opusc.*, III, 116-117. Em alguns documentos: *Aurodona*, *Aurodomna*.

— *Tructesendus*. De *Tructe-sendus* (M.-L., I, 23). Acêrca de *-sendus*, variante de *-sindus*, cf. § 3, d, p. 32.

c) Nome de origem arábica:

— *Cidi* (como nominativo) = *cid* «senhor».

d) Nomes varios (talvez todos ou quasi todos, porém, de origem germanica):

— *Ermengru*, nome de mulher, que no documento se repete a p. 189 (Ermengro). O primeiro elemento, pelo menos, parece germanico: *ermans*, que M.-L., I, 25, traduz por «forte».

— *Ermigio*: de *Ermigo*. Na primeira parte de *Ermigo* está o tema germanico *ermans*, de que se falou agora; na segunda estará acaso *wigs* (alto-al. ant. *wigan*, got. *wigana*, dat. sing., «combate», «guerra»).

— *Guntagio* (talvez germanico, embora não estudado por M.-L.: parece vindo de *gunta-tagio, com haplogogia): acêrca de *tagio* vid. o mesmo A., 1, 87 (variante de *Tegio*, mencionado acima); *gunta* parece ser o mesmo que *Gonta*, nome de homem em um documento de 953, ainda hoje representado na toponímia, e relacionar-se-ha com *gundi* (§ 2.º, c, p. 30). Cf. também M.-L., p. 86.

— *Tedio*. Talvez germanico.

— *Trasaigo*, provavelmente germanico: vid. outros nomes começados por *tras-* em M.-L., 1, 50.

*

Todos os nomes que ficam transcritos no presente parágrafo são de pessoas que figuram no documento como interessadas no acto a que este se refere, ou como testemunhas, e d'elles se vê que os nomes germanicos formam também aqui a maioria.

Se passassemos a outros nomes que se lêem no mesmo documento como de antigos donos de propriedades, e por excepção, contrariamente ao que acima se estatuiu, atendessemos de igual modo aos patronimicos, a proporção germanica aumentaria, como vamos ver.

Nomes ou patronimicos de origem germanica, além de outros iguais, já mencionados (*Gundisalvo*, § 2.º, c; *Nandulfo*, § 3, d):

— *Astrulfizi*: de *Astrulfus*, palavra que se decompõe em *astr-* *ulfus*. O primeiro elemento aparece também em *Astruildi* (nome fem.), *Astruarius*, *Astrili* (nome fem.), *Astrigo*, etc.: de *austro-* (em *Ostro-Gothae*): vid. Schönfeld, p. 39. O segundo já o vimos supra, § 3, d, p. 32.

— *Eilo*, nome de homem: diminutivo de *agi-* «terror»: M.-L., 1, 7 e 90.

— *Fáfila*, nome de homem, no diminutivo: M.-L., 1, 90.

— *Gundisendo*: de *gund-* (§ 2.º, c) + *sinths* (§ 3, c).

— *Gundivado*. Acêrca de *gund-* vid. § 2.º, d; quanto a *-vadu*s, está por *-ba d*us «batalha» (M.-L., 1, 56).

— *Sparsandizi*. Noutros documentos medievais aparece também *Sparsandi*, *Espasandiz*, *Epasando*, *Espasando*, *Spasandi*, etc. Em *Sparsandus*, M.-L., 1, 76, discute-se o *-s-* seria sonoro ou surdo (= ss), e considera em *Esparsand-* o *rs* como possível ortografia inversa de *ss*, visto que *rs* latinos estão representados em português por *ss* (*osso* < *ursus*). Quanto ao primeiro ponto, não ha dúvida que o *-s-* era surdo, como se mostra do moderno nome lugar ESPASSANDE (vid. *RL*, xxiii, 187). Quanto ao segundo

ponto, tenho, pelo contrário, *s* (= *ss*) como resultante de assimilação de *rs*, visto repetirem-se várias vezes, e em varios documentos, as fórmas com *Spar-*; além d'isso M.-L. não atendeu ás fórmas *Sparilli*, *Sparrili* e *Esparilli* (nomes de mulheres) nos *DC*, pp. 562, 557 e 351, onde o elemento *Spar-* está bem manifesto. Este elemento é o mesmo que aparece em *Sparagildis*, *Sparulf*, que Förstemann, col. 1355, explica por *spar*, al. *sparen* «poupar», alto-al. ant. *sparón*. Vid. também Kluge, *Et. Wb.*, s. v. «*sparen*». Sendo pois *Spar-* o primeiro elemento das nossas palavras, o segundo é *sand-*, de que se falou acima, p. 36.

Nomes ou patronimicos de origem latina, além de *Sarracina* (*Sarraçina*), que foi já estudado no § 3, *a*, p. 31:

— *Principi*. O texto tem *Argerigo Principi*, p. 106. A p. 266, documento n.º 423, porém: *Domno Principizi*, com a variante *Donnon Principiz*. Certamente *Principi* está por *Principi* = *Principiz*, de *Princeps*, que é cognome romano.

— *Senior*, nome de mulher. Na origem cognome romano.

Nomes de origem hebraica:

— *Iacobi*. De *Iacob* ou *Iacobus*. Gesenius traduz por *supplantor*, *insidiator*. Com este nome se relaciona *Jácome* (cf. ital. *Giacomo*), e *Jaime* (cf. prov. *Jayme*).

— *Susana*. Quer dizer «lirio». Vid. *Kirchenlat. Wb.*

Nomes varios, além de *Alvarus* e *Alvitus*, iguais a nomes já mencionados:

— *Didaci* (*Didazi*). De *Didacus*. Origem obscura: Cf. M.-L., II, 76. Em hespanhol medieval tem muitas variantes: *Pidal*, *Origenes del españ.*, p. 267. Vid. adiante *Diogo*, *Diego*.

— *Gaton*. Noutros documentos: *Gatone*, *Gatoniz*, *Gatonizi*. Cf. Schönfeld, p. 103. Na toponímia moderna temos PRADO-GATÃO, onde *Gatão* pertence sem dúvida a esta familia de nomes.

— *Menendi*. De *Menendus*. Origem obscura: cf. Hübner, *MLI*, p. cxxiv, e M.-L., II, 80-81.

— *Munneonis*. De *Munneo*. Noutros documentos *Munniu* (sec. x), *Muna* & *Munnia* (sec. x), *Moniuz* & *Mumiuz* (patronimicos: sec. x), *Monizi* (patronimico: sec. xi), *Moninho* (derivado em *-inus*: sec. xiv). Hoje ainda como apelido *Moniz*. Etimo obscuro: cf. M.-L., II, 81.

— *Osoredizi*: de *Osoredus*, onde pelo menos o segundo elemento (*reths* «conselho») é germanico.

— *Venegas*. Vid. mais adiante, pt. II, cap. I, A, 1.

Aos onze nomes germanicos enumerados no sub-parágrafo *b* juntariamos pois aqui mais seis pelo menos. Até em dois nomes

de propriedades, isto é, *villa Baquini* e *villa Sumlani* = *Sunilani*, de que o documento fala, nos aparece a mesma origem:

—*Baquini*, genetivo de *Baquinus*, que na forma *Baquino* (sec. x) se lê nos *DC*, p. 94; suponho-o nome derivado do alto-al. ant. *bahho* = *bakko*, que significa «face», «nadeja», «presunto». Também num documento nosso do sec. x ha *Baquina*.

—*Sunilani*, que assim me parece se deve interpretar o *Sumlani* do documento, é um caso obliquo e estereotipado de *Súnila*. Um bispo d'este nome ocupou o solio de Viseu no sec. vi: Fortunato de Almeida, *Historia da Igreja*, I, 137–138. Cf. got. *sunis* «verdadeiro» ou *sunja* «verdade»: Förstemann, col. 1371.

5. Num documento dos meados do sec. xi (1066), nos *DC*, p. 283, acham-se estes nomes:

a) Tirados do Galendario cristão:

—*Ciprianus*. Do lat. *Cyprianus*, de *Cyprius*: de *Cyprus* «Chipre». Nome de um santo do sec. iv. Em port. *Cipriano*, -a, *Ciprião*, *Cibrão*.

—*Iohanne*, já só, já como patronimico. Este nome, de origem hebraica (*quem Iehovah donavit*: assim em Gesenius), aparece-nos aqui a primeira vez, mas já se encontra com a grafia *Ioannes* em um documento do ano de 950 (*DC*, p. 36); também se lê *Ioannes* e *Iohannes* em inscrições latino-cristãs, da Hespanha, vid. *IHC*, Supplem., p. 141. Por ser o nome do Precursor de Cristo, ele teve e tem grande voga entre os Cristãos: vid. Delehaye, p. 165. E tomou multiplas formas (*João*, etc.), segundo as linguas: vid. *Opusc.*, III, 57 sgs., etc.; e Dr. Wilhelm, p. 12.—A *Joane* corresponde o feminino *Joana*, nome já usado nos primitivos cristãos (*Iohanna*, *Ioanna*): vid. De Vit.—Acêrca da formação de *João* vid. o Liv. III (Gramatica).

—*Petrus*. Cf. § 3, b, p. 37.

b) Nomes germanicos:

Alguns iguais a varios já enumerados e estudados supra: *Adefonso*, *Froyla*, *Gundesindo*, *Ruderigo*, *Sisnandus*, *Vimara*; outros que aparecem agora a primeira vez:

—*Ero*. Vid. M.-L., I, 36, que o explica por *hairus* (got.) «espada». Nome hipocoristico.

—*Fredenandus*. Cf. alto-al. ant. *fridu* «paz» (cf. *Frithareiks* em gotico «Frederico») e got. *nanthjan* «ousar»: propriamente: *frithus* + *nanthus* «ousado na ou pela paz». Vid. Förstemann, s. vv., e M.-L., I, 28 (e 72).

—*Ielvira*. Outras formas medievais: *Gelvira*, *Giloira*, *Gilvira*, etc., em português moderno *Elvira*. Do got. *Gailovira*: vid. M.-L., I, 82, e do mesmo autor: *Einführung*, 3.^a ed., § 260, e um artigo no *Germ. Rom. Monatsbl.*, XII, 176.

—*Mito*. Noutros documentos: *Mitto*, *Miton*, *Mido*, etc. Cf. M.-L., I, 86 (§ 33).

—*Suario*. O primeiro elemento é obscuro; o segundo parece ser o got. *harjis* «exército». Cf. M.-L., I, 48 (e 64). Outras formas medievais: *Suerius*, *Suer'*, etc. Genetivo patronimico: *Suarici*, *Suariç*, etc. Àquelas formas corresponde hoje o nome próprio *Soeiro*, e a estas o apelido *Soárez*, *Soares*, em hespanhol *Suárez*. De *Suer'* falar-se-ha no Liv. III (Gramatica).

—*Veremudo*. Entra aqui o elemento *ver* ou *var*, e a palavra got. *mōths* «ânimo», «cólera». Cf. Förstemann, col. 1126-1127 e 1536, onde se cita *Veremudos*, *Vermut*, etc.; e M.-L., I, 71 (§ w).

—*Vistruarius*. Igual forma se lê também em Förstemann, col. 1560. Noutro documento nosso: *Vistrarius*. O primeiro elemento é *vistr-* «ocidente» (Cf. M.-L., I, 54); o segundo vimo-lo num dos nomes precedentes.

c) Nomes varios, alem de *Garsea*, *Monio*, *Nuno*, já mencionados:

—*Antioni*. Será = *Antoni*, ou do germ. *ants* + suf. *-onius*, cf. *Antemiri* e *Antimir*, nomes geograficos do sec. XI.

—*Arias*. O nome *Arias*, hoje *Aires*, é bastante usado nos nossos documentos. Godoy, *Apellidos castell.*, p. 96, vê aqui um tema germanico *ar-*.

—*Menindo*. Como se repete bastante noutros documentos a par com o patronimico (vid. Cortesão), talvez seja palavra diversa de *Menendo* (vid. § 4, c). Virá d'aqui *MINDE*, nome geografico moderno.

Como na lista anterior, predominam nesta igualmente os nomes germanicos, em comparação com os das outras classes; e maior appareceria o número, se se indicassem os patronimicos.

6. Tres textos do principio do sec. XII, isto é, de 1101 a 1107, contidos nos *Documentos para a hist. portug.* (publicação da Academia das Sciências), dão-nos estes nomes, pp. 95, 97, 101-102:

a) De origem cristã:

Além de *Pelagio* e *Petro* (ou *Petrus*), já mencionados acima, noutras listas:

—*Flamua*: de *Flamula*, cognome tirado do diminutivo de *Flamma* «chama», também cognome. A primitiva acepção deve

ter sido metaforica. D'aí veio em documentos posteriores *Châmoa* e *Chama*; cf. TÔRRE DE DONA CHAMA, nome de terra em Tras-os-Montes.

—*Mauricius*. Corresponde a *Mauritius*, nome de um santo do sec. III. Também em documentos nossos da idade-média ha *Mauricus*, *Maurigo*, etc.

—*Michael* (origem hebraica). Significa «quem é como Deus?» — Hoje diz-se *Miguel*.

b) De origem germanica:

Alguns, como *Gelvira*, *Gunsalvo* (ou *Gundisalvus*), *Sisnandus*, *Suario*, *Vermudo*, são iguais aos que ficam estudados anteriormente. Outros temo-los aqui pela primeira vez:

—*Adosenda*. Noutros documentos: *Adosinda*, feminino de *Adosindus*. Vid. M.-L., I, 77. Hoje *Ausenda* em um romance popular, e nome usado.

—*Elduara*. Noutros documentos: *Ilduara*, *Ilduare*. Vid. M.-L., I, 37.

—*Ermesenda*. De erm- e -senda, elementos já estudados: vid. §§ 4, d, e 3, d, pp. 36 e 32. Noutros documentos *Ermesinda*. Cf. *Adosenda* & *Adosinda*, supra.

—*Giraldus*, Archiepiscopus. Hoje *Geraldo* ou *Giraldo*; também em textos antigos *Geral'* (vid. Liv. III, Gramatica). De *Girardus*, que se lê noutros documentos nossos. Em francês antigo *Gerhard*, *Girart*, *Giraut*, *Giraud*, etc.: vid. F. Langlois, *Noms propres dans les chansons de geste*, s. vv., e W. Kalbow, p. 170 (indice). Acêrca de *Giraut* em especial vid. A. Thomas in *Romania*, xxxv, 106 sgs. Em documentos latinos da idade-média francesa *Gairhardus* (vid. *Polyptique*, p. 311): de gair-, alto-al. ant. ger «azagaia», e got. hardus «duro», «forte». Isto é: «forte pela azagaia ou lança».

—*Guntina*. Deminutivo: Cf. § 4, d, p. 37.

—*Ranemirus* = *Rane-mirus* (noutros textos *Ranimirus* e *Ramirus*); cf. al. *Ranemir*, talvez de *rana «cunha» (got.) em sentido militar (como em lat. *cuneus*, tropas dispostas angularmente), e mir, mêrs (got.) «conhecido»: à letra «conhecido na cunha formada pelas tropas», isto é, famoso guerreiro. Do primeiro elemento fala Schönfeld, p. 185, que dá a explicação agora apresentada, e outra. — D'aqui veio *Ramiro*.

—c) Nomes varios, de várias classes:

—*Alvito*, *Garcia*, *Guterre*, *Menendo*, iguais a outros já mencionados. Também aí se lê: *Didagus* e *Diagu*, variantes de *Dida-*

cus (vid. § 4, *in fine*, p. 38); *Monio* e *Munia* (*Amunia*), variantes de *Muneo* (vid. § 4, *in fine*, p. 38). Nome novo apenas *Egas*: cf. supra, § 3, e, p. 34.

Vê-se nestas listas ainda o predomínio dos nomes germanicos, relativamente aos das outras classes.

7. De 1125 a 1139: nomes colhidos nas *Dissert. Chron.*, t. 1, pp. 248-252:

a) De origem cristã:

Além de *Johanes* (tres vezes), *Maria*, *Pelagius* (duas vezes), *Petrus* (duas vezes), nomes que vimos em listas anteriores, lêem-se ali mais os seguintes:

— *Martinus*, tres vezes. Nome de dois santos da primitiva Igreja. Na origem cognome romano, derivado de *Mars*, como *Saturninus* de *Saturnus*: Schulze, p. 467 (nomes teóforos), e na epoca cristã: *Christinus*, *Christina*, de *Christus*. De *Martinus* veio *Martinho* e *Martim* (acêrca de *Martim*, vid. Liv. III, Gramatica); no feminino *Martinha*, que tanto o póde ser de *Martinho*, como corresponder directamente ao cognome latino *Martina*.

— *Salvador*, a par de *Salvátor* e *Salvatus*, nomes de sentido bastantemente religioso.

b) De origem germanica:

— *Ermesinda*, *Gundisalvus*, que já encontrámos anteriormente. E além d'esses:

— *Eldonça*. Póde explicar-se por *hilds* + *gunthi*, palavra que significava «combate», como faz M.-L., I, 37 e 63; todavia deverá esta palavra separar-se de *Aldonça* (*Aldegundia*)? Cf. *Alduari* a par de *Elduara*; *Alderiz* a par de *Elderigo*; *Aldesinda* a par de *Eldesinda* (*Illesinda*). Ou ha aqui dois temas (*aldi-*, *hild-*), ou equivalencia fonetica entre *eld-* (*ild-*) e *ald-*.

— *Randufus*. Em documentos mais antigos *Randulfus* = *Randulfus*. O primeiro elemento corresponde ao alto-al. ant. *rant*, «orla de escudo», anglo-sax. «escudo», etc. (vid. Schade, *Altdeut. Wb.*, s. v. «rant»); o segundo é já nosso conhecido (§ 3, d). Cf. *Randulf* em Förstemann, col. 1247, e M.-L., I, 42 e 84. Tambem nos nossos documentos aparece *Rando*, com o genetivo *Randi* (hipocoristico), e *Randiçi*, *Randiç*. Na moderna toponimia: RANDE e RANDE.

— *Tructesinda*. Corresponde como feminino a *Tructesindus*, variante de *Tructesendus* (§ 4, b).

c) Nomes varios, que são iguais a outros que já encontrámos supra: *Arias, Egas, Moniz*; e além d'esses:

—*Mendo*. De *Menendo*: cf. § 4, *in fine*, p. 38.

—*Vitaona* (talvez por *Vitadona* ou *Vita dona*: cf., de um lado, *Vitarigus*, e do outro, *Dõna Dõna, Mumadona, Tutadona*).

Aqui a proporção é quasi a mesma dos nomes germanicos com os cristãos.

8. De 1157. Nomes colhidos na mesma obra, p. 252:

A par de *Martinus, Menendus, Nuno, Pelagius*, que nos apareceram já em listas anteriores, encontramos pela primeira vez:

—*Dorotea*, nome cristão (Santa Dorotêa, sec. iv), de origem grega: «dadia de Deus» (ou dos deuses). Conserva a acentuação grega (Δωροθέα), e não a latina (*Dorothea*).

—*Sancius*. Noutros documentos: *Santius, Sanzio, Sanchio*, etc., no feminino *Santia, Sanctia, Sanchia*. Por *Sancho, Sancha*, como hoje. Em documentos da idade-média hespanhola ha correspondente variedade de fórmās: vid. Pidal, *Orígenes*, pp. 66 a 69. No Sul da França, sec. ix, *Lupus Sancius*: Giry, p. 359.

9. De 1172. Nos *Documentos do Souto*, pp. 2-3, lê-se, além de *Ausenda, Johanes, Martinus*, que já vimos noutras listas:

—*Godinus* (germanico): vid. § 4, *b*, p. 35 (e p. 31).

—*Pelaius* < *Pelagius*. Cf. § 4, *a*, p. 35.

—*Vicentius* = *Vicencio*, por *Vincentius*. De *Sanctus Vincen-tius* (sec. iii). Na origem gentilicio, derivado do participio *vincens*; cf. Schwab, p. 683. Em fr. ainda *Vincent*. Ao nosso *Vicencio* corresponde o usual feminino *Vicencia*. Cf. lat. *Vincentia*.

10. De 1176. Na mesma obra: *Johanes, Maria, Menendus, Nunes*, que já conhecemos; e além d'esses: *Tota*, que corresponde a *Toda* no § 4, *b*, p. 36.

11. De 1186, na mesma obra, p. 82: *Egeas*, que corresponde a *Egas*, no § 7, *c*, e a *Hegelo*, no § 3, *d*, e além d'esses: *Fernando, Mnendus, Pelagius, Petrus* (duas vezes), que já vimos acima.

12. De 1199, na mesma obra:

Além de *Elvira* (germanico: duas vezes), *Johannes* (cristão), *Maria* (idem), *Pelagio & Pelagius* (idem), *Petrus* (idem), que já vimos acima, temos aqui:

—*Durancia*. Suponho *Durancia* = *Durança*, de **Durandia*, derivado do germanico *Durand*, que vem em Förstemann, col. 435.

Em outros documentos nossos: *Durandus*, *Durannus*, *Duranus*, e *Durão*, que ainda hoje vive.

— *Romanus* (cristão), hoje *Romão*. Nome de dois santos da primitiva Igreja. Na origem cognome latino.

13. De 1211. Das *Dissert. Chron.*, I, 260: além de *Egas*, *Gonsalvus*, *Martinus*, *Michael*, *Pelagius*, *Petrus*, *Suarius*, que já temos acima, aparecem aqui pela primeira vez:

— *Laurencius* (cristão) = *Laurentius*. Nome de santos dos secs. III e VII. Este nome, hoje *Lourenço*, é na origem cognome, derivado de *Laurentum*, cidade do Lácio.

— *Nicolau*, nome de varios papas e de varios santos medievais: origem greco-eslavica.

O exame das últimas seis listas (§§ 8 a 13) patenteia que do reinado, ou do govêrno, de D. Afonso Henriques (1128–1185) em diante, os nomes provindos de santos vigoram bastante nos nossos documentos, ao passo que os antigos nomes germanicos e outros, posto que tambem applicados a individuos cristãos, vão rareando. Isto mostra a preponderancia que a Igreja adquirira como instituição nacional.

Em breve os notarios começarão tambem a substituir nos documentos o português ao latim, e conexamente aparecerão os nomes proprios em toda a sua genuina nitidez morfologica. De tão importante manifestação da nova patria, que se estava definindo cada vez com maior intensidade, não apenas na dilatação das fronteiras á custa dos territorios ocupados pelos Arabes, senão a par no desenvolvimento de fôrças psiquicas, organicas, quais, no nosso caso, as que levavam as gentes a preferir a uma lingua morta uma lingua viva, e plena de seiva fecundadora, temos já provas num formal de partilhas de 1192: vid.: J. P. Ribeiro nas *Dissert. Chron.*, I, 275–276, e P. de Azevedo in *RL*, XIV, 257. Do sec. XII ha outros textos: vid. a minha *Esquisse d'une Dialectologie*, p. 14, e os citados autores, respectivamente nas *Dissert. Chron.*, I, 273, e in *RL*, XVII, 203. Do sec. XIII em diante possuimos tanta cousa, que não vale a pena especificar fontes.

Ao uso da lingua materna, como emancipada da latina, isto é, já não representada por esta na prática da escrita, corresponde o sucessivo desenvolvimento da literatura, como expressão da alma portuguesa: primeiro, com timidez, em balbuciantes historicos, depois em obras misticas e didaticas, e em cronicas eloquentes,

por fim em abundantes flores de poesia. D'esse fenomeno, porém, não pertence aqui tratar.

14. Formemos seguidamente listas de alguns nomes (não todos) contidos nos *Nobiliarios* ou *Livros de Linhagens*, que foram redigidos no sec. XIII-XIV, mas que encerram nomes que por vezes ascendem a epochas mais antigas. Como aí se aproveitam não só cadastros de familias portuguezas, mas de familias hespanholas, crônicas e lendas de Hespanha e Portugal, e noções veridicas e fabulosas de historia geral, e ha além d'isso alusões á literatura medieval francesa, sobretudo aos romances da Tavola Redonda ou do ciclo bretão, que, espalhados pelo Ocidente, deleitavam os espiritos, e até inspiravam de quando em quando os nossos trovadores,— são também mui variados e de muitas procedencias os nomes que se lêem naqueles livros. Claro está que só escolho os de pessoas de provavel origem portuguesa (e ás vezes galega).

Os numeros colocados adiante dos nomes designam as páginas dos *PMH* onde estão contidos os *Nobiliarios*, porém não cito todos os lugares em que os nomes aparecem. Conquanto estes venham geralmente seguidos de patronimicos, copiei apenas os nomes simples, como tenho feito até aqui.

a) Nomes de estirpe latina, grega e hebraica transmitidos quasi todos por intermedio da Igreja (nomes de santos, etc.),— alguns já enumerados acima, outros novos:

— *Abril*, 144-162, nome de homem. Lat. *Aprilis*, nome de um mês, na origem, e cognome.

— *Adam*, 164, nome de um Galego. Do hebreu: «homem», «homem feito de terra (barro)». Vid: *The Jewish Encycloped.*, I, 179; *A Diction. of the Bible*, s. v.; e *Kirchenlat. Wb.*

— *Boa*, 146. Lat. *bona*, tornado cognome. Ha Santa Boa.

— *Brites*, 147. Cf. *Opusc.*, III, 87. Também nos *Nobiliarios* ha *Beatriç*, *Breatiç*, *Briatiç*. O deslocamento do acento pôde explicar-se por emprêgo proclítico da palavra *Beatriç*.

— *Chámoa*, 144. Do latim. Cf. § 6, a, pp. 40-41.

— *Christina*, 182. Cf. § 7, a. Nome de uma santa do sec. IV.

— *Constança*, *Costança*, 148. Lat. *constantia*, tornado cognome, e nome de santa (sec. V).

— *Domingos*, 206. Lat. *Dominicus*, cognome, e nome de santo. No fem. *Domingas*.

— *Donis*, 193: «el Rey Dom Donis de Portugal», «Afonso Donis, filho del Rey Dom Afonso». Noutros documentos: *Denís*, *Dinis*; modernamente escrito *Diniç*. Nome vindo de França: *Saint-Denis*, Apostolo da Galia: de Dionysius, greco-latino, derivado de Διώνυσος (Baco). Aqui está outro curioso exemplo de um nome originariamente pagão, até de um deus, vir a pertencer ao calendario catolico. Cf. supra, p. 26. Em *Donis*, por *Denís*, influiu o o de *Dionysius*.

— *Dordea*, *Dordia*, 144, 162, 197. De *Dorothea*: § 8, p. 43.

— *Eiria*, 164. De origem grega: Εἰρήνη («paz»), nome de uma deusa e de mulher. Tambem em documentos antigos nossos *Eirêa*. Hoje *Iria*.

— *Eitor* = Heitor. Originariamente *Hector*, ὄρις, Troiano; o caso obliquo tornou-se -*óris*, por confusão com os nomes em -*or*, -*óris*. Fenomeno analogo o temos em *Castór* que se esperaria soasse *Cástor*, do lat. *Castor*, -*óris*.

— *Emilia*, 146. Fem. de *Emilio*. Lat. Aemilia, Aemilius, nome gentilicio. Deminutivo de *Aemius*, *Aemus*: Schulze, p. 295.

— *Estevainha*, irmã de um *Estevão*: 150. De *Stephanina* (gr.-lat.), derivado de *Stephanus*: vid. o vocabulo seguinte.

— *Estevão*. De *Stephanus*: (gr.-lat.). Em grego στεφάνος; quer dizer «coroa». Nome entrado no agiologio.

— *Gil* ou *Gill*, 346. Nome vindo de França: vid. *Opusc.*, III, 104. É bem notavel entre nós a lenda de *S. Fr. Gil* (sec. XII ou XII-XIII).

— *Inês*, *Ynés*, 199. Do gr. ἀγνή «pura»; depois entrado no calendario. Em ital. *Agnese*, que passou a outras linguas românicas: fr. *Agnès*, hesp. *Inés*, port. arc. *Eínés*, port. mod. *Inés*. Cf. *Opusc.*, III, 108-109.

— *Joana*, 144. Fem. de *João*. Vid. § 5, a, p. 39.

— *Joane*, *João*, 148. Vid. § 5, a, p. 39.

— *Lourenço*. Vid. § 13, p. 44.

— *Margarida*, 145. Lat. margarita «perola», tornado cognome. D'aí se fez na idade-média *Margaritus*, modernamente *Margarido*.

— *Maria*, 144. Vid. § 3, c, p. 31.

— *Marinha*, 145. Cf. § 4, b, p. 35.

— *Marquesa*, 150, 271. Fem. de *Marcos* (cognome romano: *Marcus*, na origem nome teoforo por *Mart-co-s*, de «Marte»: Schulze, p. 464). Vid. Liv. III (Gramatica).

— *Martinho*. Vid. § 7, a, p. 42.

—*Mecia*, 157, 160, 199. Penso vir do gentílico romano *Maecius* ou *Metius* (*Mettius*).

—*Moço*, 162. (D. Moço Veegas), 163 (id.), 203 (id.). Na origem epíteto. Vid. a INTRODUÇÃO, p. 17. Lat. *musteus*.

—*Moor*, *Mayor*, 144, 145, 196. Lat. *maior*. Na origem epíteto. Vid. a INTRODUÇÃO, p. 18. Também é cognome romano.

—*Mourão*, 163, 180. Vid. § 4, a, p. 35.

—*Olalha*, 198. De *Eulalia*, nome de uma santa, fem. de *Eulalio*. Em grego *Εὐλαλία*, *Εὐλάλιος*: de *εὐλόλιος* «de linguagem agradável» e também «falador».

—*Outor*, 180. Variante de *Eitor* (p. 46).

—*Paio*. Vid. § 4, a, p. 35.

—*Pedro*, *Pero*, 143. Vid. § 3, b, p. 31.

—*Ponço*, 151. Já no sec. XII na *Nova Malta*, I, 186 («Ponço Affôm», onde *Affôm* está por *Affonso* como a p. 193: *elrrey Don Affôn*; cf. Liv. III). Do lat. *Pontius* (gentílico). Cf. *Pontius Pilatus* na pt. III, cap. I, B.

—*Romeu*, 168: de **Romaeus* = *Ῥωμαῖος*. Vid. *Liç. de Filol.*, 2.^a ed., p. 410.

—*Salustrina*, 206. Parece estar por **Sallustina*, de *Salustius*, sob influencia de *illustre* ou *lustre*.

—*Senhorinha*, 147. De **Seniorina*, derivado de *Senior*, cognome (p. 38).

—*Stevainha*. Vid. *Estevainha*.

—*Tareja*, 144, 160, 176. Do gr. *Θηρασία*, fem. de *Θηράσιος*, habitante da ilha de *Therasia*, no mar Egeu. Alatinadamente: *Therasia*, esposa de S. Paulino (sec. IV). Cf. também *Opusc.*, III, 130.

—*Vicente*, 148. Vid. § 9, p. 43.

b) Nomes de origem germanica, alguns d'elles iguais aos que já vimos, e continuadores d'elles, outros de introdução posterior:

—*Afonso*, 149. Vid. § 3, d, p. 31.

—*Alda*, 145, 146. Cf. Förstemann, col. 55–56; *Polyptique*, p. 282; J. J. Nunes in *Rev. de ling. port.*, n.º 41, p. 13 sgs., Em fr. *Aude*. Suponho *Alda* forma hipocoristica de nomes começados por *Ald-* («velho»). A par de *Alda* traz Förstemann também *Aldo*.

—*Aldara*, fem., 152, 154. Por *Aldvara*, cf. *Eldvara* em M.-L., I, 37. Á letra: «insigne em combate». Cf. o que se disse no § 7, b, p. 42, acerca de *Eldonça*.

—*Aldonça*, 150. De *Aldegundia*: vid. § 7, b, p. 42.

—*Alvaro*, 146. Vid. § 3, e, p. 33.

—*Ansúr*, 156.—Já num documento de 943, nos *DC*, p. 31, n.º 53; no genetivo *Ansuriç*, em 938, *ib.*, p. 28, n.º 47; *Ansurici*, num documento de 986, *ib.*, p. 95. Na Hespanha (com assimilação) *Assur*, sec. xi, no *Cartulario de Santillana*, p. 147. A palavra pôde decompor-se em *Ans-ur*. O primeiro elemento creio estar contido no germanico *Ansis* (semideuses dos Godos: em Jordannes), isto é: *Anse-* de que se falou supra, § 3, *d*, p. 31: vid. Schönfeld, p. 23. O segundo elemento talvez esteja contido em *Urius*, nome de um rei germanico, de *úros* «uro». A significação primitiva seria: «uro dos Anses» ou «de um Anse», que convem perfeitamente a um nome de pessoa: cf. *Ansiulf* em Förstemann, col. 1640 (= *Ansi-ulf*, al. *Wulf* «lôbo»).

—*Arnaldo*, 280. Cf. al. *Arnhart*, á letra «aguia forte» (*arn* em alto-al. ant. «aguia»).

—*Biringueira*, 303. Cf. *Bernegaria*, em Förstemann, col. 268; Berenguieira e **Beringaria* em W. Kalbow, p. 30.

—*Branca*, 145. Muito freqüente na idade-média: *Blanca* em hesp., *Blanche* em fr., etc.: de *branco*, -a, adjectivo da lingua comum (do germ. blank), tornado epíteto de pessoa e depois nome proprio. Cf. *Claro* e *Clara*.

—*Durão*. Cf. *Durant* em Förstemann, col. 435, e supra, *Durancia*, § n.º 12, pp. 43-44.

—*Elleogunda*, 353. Suponho estar por *Leodegunda*, tambem em documentos nossos: M.-L., 1, 63.

—*Elvira*, 144. Vid. § 5, *b*, p. 40.

—*Ermesenda*, 158. Cf. *Ermesinda*, supra, § 6, *b*, p. 41.

—*Ero*, 168. Vid. § 5, *b*, p. 39.

—*Evo*, 166. Cf. *Evo* e *Aevo* em Förstemann, col. 50. Do alto-al. ant. *aiws* «tempo».—Nome hipocoristico.

—*Fafes*, 143 (D. Fafes Serraciis, de Lanhoso), 170 (D. Fafes Luz). *Fafes*, por *Fáfex* (que tambem aparece) e *Fáfiz* (sec. xii), é patronimico de **Fafo*: cf. o nome got. *Faffo* em M.-L., 1, 90. *Fafes* vale aqui por nome proprio. Com esta familia de nomes se liga tambem o diminutivo *Fáfila* que vimos no § 4, *in fine*, p. 37. Os filhos do mencionado D. Fafes Luz são: Godinho *Fafes* e Egas *Fafes*.

—*Fernando* ou *Fernão*, 163. Vid. § 5, *b*, p. 39.

—*Francisco*, 147, *Francisca*, 223.—De *Franciscus*, latinização de *Franco* ou *Franko*, nome etnico, com o sufixo germanico -isk-, isto é, *Fränkisch*: cf. em alto-al. méd. *franzisch*, adjectivo, «francês», em Schade, p. 220. Está aqui o mesmo sufixo

que aparece no alto-al. ant. *diutisc*, d'onde veio o moderno *deutsch*, «alemão», *tedesco* em italiano (*tudesco* em português).

—*Froilhe, Froilhi, Froulhe, Dona Froilhe, Dona Froilhe Afonse*, 150, 153, 158. Em documentos mais antigos: *Froili*, com o sufixo *-illi* (feminino). Cf. *Froila* (com o sufixo *-ila* masculino) no § 4, *b*, p. 35.

—*Giraldo*, 149. Vid. § 6, *b*, p. 41.

—*Goda*, fem., 153. Em documentos mais antigos *Guda*, a par de *Goda* e de *Godo* (também feminino). Conquanto de origem germanica certa, julgo incerto o etimo d'estes nomes, porque podem ligar-se a varios radicais. Cf. §§ 9, 4, *b*, e 3, *d*: p. 32, etc.

—*Godinho*, 143. Vid. o nome anterior.

—*Goído* = *Goydo* ou *Guido* infra.

—*Goinha*, 175, 181. Talvez relacionado com o alto-al. ant. *gavi* «distrito», «cantão». Cf. *Goisenda* em textos nossos mais antigos, e supra, § 3, *d*, p. 32.

—*Goldora*: Dona Goldora Goldorez, 164, 200. O primeiro elemento parece ser *gold* «ouro», e o segundo ser a palavra germanica *woro*, que vem em Förstemann, e que ele relaciona com o anglo-sax. *wörjan* de «vaguear», «fatigar». O nome significaria pois á letra: «o que se cansa por causa do ouro» (de riquezas).

—*Gomes*, 144, noutros documentos mais exactamente *Gomez* (patronimico). Decerto se liga com o got. guma «homem», em alto-al. ant. *gomo*. Cf. § 3, *d*, p. 32. Para a historia d'esta palavra vid. *Opusc.*, III, 105.

—*Gonçalo*, 143. Vid. § 2.º, *c*, p. 30.

—*Gontinha*, 196. Deminutivo correspondente ao got. *gunthis* «batalha». Cf. o toponimo moderno GONTA, e supra, § 4, *d*, p. 37.

—*Gontrode* (Dona Gontrode), 175 = *Gont-rode*. Do primeiro elemento falou-se na palavra precedente; quanto a *-rode*, representa o got. *hroths*, alto-al. ant. *hród*, onde entra a ideia de «fama», «gloria». Ao *ó* germanico corresponde *o*, depois de *r*: cf. M.-L., I, 99. O mesmo A., I, 80, relaciona a segunda parte da palavra com *thrûde*. Na Hespanha: *Donna Gontroda*, sec. XI (*Cart. de Santillana*, 51), *Contruada*, *Contruada*, sec. XI (Pidal, *Origenes*, pp. 108 a 130).

—*Goydo* = *Guido*, 203, 227. Do alto-al. ant. *wît* «amplo». Cf. *Wido*, *Gido*, etc.: Förstemann, col. 1563. Hipocoristico.

—*Gueda*, 145, 204. Também num calix da Sé de Coimbra se lê: *Geda Menendiç* me fecit .. era MCLXXX (= ano 1152), em Filipe Simões, *Exposição retrospectiva*, p. 67 (e vid. a nota de

p. 68), e já nos *DC*, p. 107, sec. x: *Gueda* Termiazi. Parece representar o alto-al. ant. gaida «espada». Cf. também M.-L., I, 86. De *Geda* vieram os patronimicos *Guedaz* e *Guedeç* (hoje *Guêdes*, na pronúncia beirã *Guêdes*).

—*Guilherme*, 206: *Willermus*, *Gillermus*, etc., em Förstemann; al. *Wilhelm*. Significa «protector pronto». Também em fr. ant. ha *Guillelme*, em prov. *Guillems*: cf. Kalbow, p. 74; em hesp. *Guillermo*. A palavra para nós vir-nos-ia pelo francês.

—*Henrique*. Vid. *Opusc.*, III, 107-108. No fem. *Henriqueta*.

—*Hermegonça*, 150. Noutros documentos *Ermegonça* (com $\gamma = \varsigma$) e *Ermegundia*, de *ermans* «forte» e *gunthi* «batalha». Cf. supra, §§ 4, *d*, e 7, *b*: pp. 36 e 42.

—*Leogunda*, 181. De *Leodegunda*. Quanto ao segundo elemento, vid. o vocabulo precedente; quanto ao primeiro representa o alto-al. ant. liud ou liut «povo». Cf. § 4, *b*, p. 36.

—*Mafalda*, 162. O mesmo que *Mathilde*. Vid. A. Thomas, in *RL*, VIII, 222. *Mathilde*, ou *Matilde*, é palavra germanica: em al. *Mathilde*, *Machtilt*, etc., do got. *mahts* «fôrça» e *hild-* (do genero fem.), que já vimos no § 3, *e*, p. 34. Significa á letra: «combate de fôrça», isto é, «guerreira que combate com fôrça». No *Elucidario*, s. v. «cruz», citam-se outras fórmãs (sec. XII): *Mahalda*, *Mafalta*, *Maalta*. Com $f < h$. Cf. *Opusc.*, III, 113.

—*Manrique*, 254. Fórmã peninsular do francês *Aimeric*, de origem germanica: cf. David Lopes, *Os Arabes em Herculano*, p. 151. Intermediamente deve supor-se *-merique*, *-marique*, tendo o *m* nasalado a vogal imediata.

—*Mendo*, 143, etc. Vid. § 4, in *fine* (Menendus), p. 38.

—*Milina* e *Milinha*: 268. De *Emilo*, nome feminino. Vid. o que escrevi no *Bolet. da 2.ª Cl. da Acad. das Sc.*, xv, 799.

—*Mondo*, 277. Do germ. *mund* «mão», «protecção»: cf. *Anne-mondus* e *Mundo*, nomes de pessoas, em Schönfeld, pp. 22 e 69. E vid. supra § 3, *d*, p. 32. *Mondo* é fórmã hipocoristica de um nome começado por *Mund-*, por exemplo *Munderich* ou outro.

—*Ourigo*, 183. Representado ainda hoje na toponímia por OURIZ, que é de comêço o genetivo possessivo de *Ourigo*. Parece ser a mesma palavra que está transcrita em Förstemann por *Audericus*, *Oderich*, etc. Acêrca de *Aude-*, vid. o vocabulo seguinte, e acêrca da segunda parte vid. *Rodorigus*, p. 30.

—*Ousenda*, 160, 206. No sec. XI *Ousinda*; cf. *Adousinda* e *Adosinda*. O primeiro elemento deve corresponder ao tema germanico *auda-*, que está no got. *audags* «bem-aventurado»,

audahafts «tornado feliz» (vid. Uhlenbek, pp. 18–19; e cf. Schönfeld, p. 36). O segundo, isto é, *-sinda*, fem. de *-sindo*, já sabemos que significa «expedição», vid. § 3, *d*, p. 32. *Ousenda* representa pois o masc. de *Ousendo*, que está ainda hoje na toponímia galega em OUSENDE, de Ousendi (*villa*), e significa literalmente: expedição feliz.

— *Ramiro*. Em textos mais antigos *Ranimirus* = rana-mirus. Vid. § 6, *b*, p. 41.

— *Randufe*, 169, isto é: *D. Randufe*, genetivo em vez de *Randufu*; no sec. IX *Randulfus*. A *Randufu* corresponde o patronímico *Randufex* nas *Linhagens*, p. 359. Vid. supra, § 7, *b*, p. 42. Quanto ao genetivo, cf. em hesp. *Lope Félix* de Vega.

— *Reimão*, *Reymom*, *Reimondo*, e *Remondo* em *Remond'Anes*, 204, 149, 154, 201 e 280. Em textos mais antigos *Reimundus*: do tema de *ragins* «conselho» e *mund* «protecção» (cf. *Mondo*, supra, p. 50): *Ragimundus*. E vid. Liv. III.

— *Rodrigo*, *Roy*, *Ruy*: 143, 144, 150 e 194. Em textos mais antigos *Rodericus*: supra, § 2.º, *c*, p. 30. Cf. p. 49. *Ruy* e *Roy* são fórmulas hipocorísticas. Vid. Liv. III (Gramática).

— *Soeiro*, 143, e *Suer*, 143. Vid. § 5, *b*, p. 40.

— *Tello*, 184. Em textos mais antigos *Telom*, *Teloni*, a par de *Tellus*, patronímico *Telliz*. Förstemann menciona *Tilo*, *Telo*, etc., do got. *tils* «conveniente», «habil», etimo aceito por Henning, *Runendenkmäler*, p. 4 (ap. M.-L., I, 87). Do genetivo mediev. *Telliz* veio o moderno apelido *Teles*; de *Telonis*, o nome de terra TELÕES.

— *Toda*, 146. Vid. § 4, *b*, p. 36.

— *Trastamiro*, 181. Vid. supra, § 2.º, *c*, p. 30.

— *Truito*, 168. Em textos mais antigos alatinadamente *Tructus*. Cf. M.-L., I, 23 e 87. Do genetivo *Tructi* veio o nome TRUITE de uma terra do Minho. Cf. § 4, *c*, p. 36.

— *Vermoim*, 143. De *Vermoino* (em próclise) por **Vermudino* ou **Vermudinus*, derivado de *Vermudus*, que aparece em muitos documentos, e é também nome de reis das Astúrias e Lião (*Bermudo*); cf. M.-L., I, 71. Foi de *Vermudini* que veio VERMOIM, nome de terra, e não como expliquei nos *Estudos de Philologia Mirandesa*, I, 80, nota 3, o que induziu em engano outros autores.

c) Nomes varios (alguns já mencionados supra, outros novos):

— *Airas*, *Aires*, 143, 146, 147, etc. Vid. supra, § 5, *c*, p. 40.

— *Diego* (isto é, *Diego Afonso*), 193, *Diogo*, 143. A fórmula *Diego*, que julgo de origem hespanhola (vid. a seu respeito Pidal, *Mio Cid*, Gramática, I, 170), aparece também nos secs. XV e XVI

ligada a patronimicos ou apelidos portugueses: *Diego* Martinz, *Colegiada de Guimarães*, n.º 275, de 1449; *Diego* Annes, *Dieguo* Marinheiro, *Diego* Fernandez, *Diegus* Rodriguez, *Paço de Cintra*, pp. 229 e 237, de 1507 e 1508. *Diogo* relaciona-se certamente com *Didacus*, que se mencionou supra, § 4, *in fine*, p. 38; mas a relação fonética é difícil de explicar.

— *Egas*, 143. Vid. supra, § 3, e, p. 33.

— *Enego*, Enhego, 172. Cf. M.-L., II, 63.

— *Ermigio*, 181, *Hermigio*, 150, *Hermigo*, 163. Vid. supra, § 4, d, p. 36.

— *Examea* (fem.), 153. Está por *Exemêa*, que se deduz de *Exemena*, *Exemia*, em documentos mais antigos. Noutros documentos *Xemena*. No masc. *Exemenus*, — patronimico *Exemeniz* —, a par de *Xemeno*. De *Exemeniz* veio *Xemêis* (inexactamente, como creio, escrito *Xemeiz* nas *Inquisitiones*, p. 354). Variantes ortográficas: *Scemenus*, *Scemena*; *Semen*, *Semena*. A esta família de palavras pertence o hespanhol *Jiménez* e o nosso *Ximenes*, que se originou d'aquelle. O hespanhol relaciona-se também com muitas formas medievais paralelas ás nossas: vid. Pidal, *Orígenes*, pp. 61–62.

— *Garcia*, 144. Vid. supra, § 2.º, a, p. 29.

— *Guiomar*, 145, *Guimar*, 170. No sec. XIII já *Guiomar*. Parece de origem germanica.

— *Guterre*, 143, etc. Vid. supra, § 2.º, a, p. 29.

— *Leoguida*, 153. Parece germanico = *Leo-guida*. Cf. supra, sub-parágrafo b, p. 50 (*Leogunda*), e p. 49 (*Guido*).

— *Leonor*, 165. Em documentos mais modernos: *Lianor*, *Lionor*. Em fr. *Eléonore*, ital. *Eleonora*, al. *Eleonore*, *Lenore*. Acêrca do etimo, vid. o que diz Fumagalli, p. 85, e Kluth, p. 35.

— *Loba*, 144, e *Lopo*. Fórmulas de origem obscura. A tradição popular moderna mantém numa lenda a expressão *Dona Loba*.

— *Loy*, por *Eloy*, 214, etc. Do fr. *Éloi* < *Eligius* < *Eligius* (Sanctus *Eligius*, sec. VII).

— *Malespina*: Condessa D. Malespina, 156. A p. 361, *Malespinha*.

— *Moninho*, *Munhio*, 143, 144. Vid. supra, § 4, *in fine*, p. 38.

— *Munho*, 145. Vid. supra, § 4, *in fine*, p. 38.

— *Nuno*, 143. Vid. supra, § 3, a, p. 31.

— *Ordonho*, 149, 176. — Vid. M.-L., II, 69.

— *Oroana* e *Ouroana*, 144, 148, 215, 280.

— *Orraca*, *Urraca*, 144, 165. Já no sec. X era nome de uma

rainha asturiana que figura nos *DC*, p. 23 (Orraca). Em 1209 casou o nosso D. Afonso II com *D. Urraca* de Castela. Nome provavelmente de origem iberica.

— *Sancho*, 144, e *Sancha*. Vid. supra, § 8, p. 43.

— *Tainha*, 277. Derivado feminino de *Tagius*, que M.-L., I, 87, diz se lê nos *DC*, doc. n.º 25, mas que não vem lá. Talvez origem germanica.

— *Toure*, 166 (isto é: Dom Toure Çarvão).

— *Valido*, *Velido*, 159. De *Bellitus*, que aparece no sec. x, *DC*, 10 (*Bellitus presbiter*), e tem variantes (vid. Cortesão). Na Hespanha: *Bellite*, *Vellita*, etc., no *Cart. de Santillana* (vid. indices). Quanto ao etimo, cf. M.-L., II, 74-75. — O dizer ele que falta *bellido* á lingua portuguesa comum, é inexacto, pois no *Cancioneiro* de D. Denis se lê, por exemplo: «a do corpo *velido*», «levantou-s'a *velida*», etc. (Cf. Lang, p. 170), e numa poesia do trovador Ayres Nunes: «e quê for *velida* como nós *velidas*» (no *Canc. da Vatic.*, n.º 462). Até em tempos recentes o poeta Lopes Vieira empregou esta palavra numa poesia em que adopta estilo antigo. Todavia, se a fôrma *Belleto*, que aparece num documento de 1061, apógrafo feito no sec. XIV, *DC*, p. 269, é exacta, o segundo *e*, que corresponde a *i* noutras fôrmas, faz crer que a palavra era proparoxitona. Cf. infra, *Velasqueta*, s. v. «Vasquida».

— *Vasco* e *Vaasco*, 343, simplificado em *Vasco*, 143. Cf. já também *Vasco*, 1281, só com um *a*, *RL*, VII, 63. *Vaasco* está por *Valasco*, *Valascus*, sec. X, Cortesão, p. 365; de *Velascus* = *Velasco*, do mesmo seculo, *ib.*, p. 369, com mudança de *e* em *a* por influencia do *l*. Á nossa fôrma *Velasco* corresponde outra igual em hespanhol, por exemplo: *Velasco* Almeince, 1007, Hinojosa, *Documentos*, p. 12. Estas fôrmas são de origem obscura, embora talvez iberica: e M.-L., II, 15, até se lembra de as relacionar com o vasconço *bele* «corvo». Garcia de Diego, *Gramat. hist. castell.*, p. 188, diz também que o sufixo ou terminação parece iberico. Teriamos, acrescento eu, comparavel neste ponto a *Velasco* a nossa palavra lusitanica *Vip-asc-ensis*. — A palavra hespanhola *Velasco*, se é nome proprio de pessoa, é também nome geografico, depois tornado apelido. Em Lião ha *Villavelasco*, e noutras provincias *Velasco*, *Velascalvaro*, *Velasco Muñoz*. Tudo tem aspecto, como parece, relativamente moderno. Já porém nas *Linhagens*, pp. 213-214, se lê: Julian Sanchez de *Velasco*, Fernam Sanchez de *Velasco*, filhos de Sancho de *Velasco*. Na Hespanha é conhecido no sec. XV Juan de *Velasco* (ap. Pidal, *Estudios literarios*, p. 277).

No *AHP*, viii, 259, figura D. Catarina de *Velasco*. Apelido actual hespanhol: Arias de *Velasco*. Em Portugal existem correspondentemente estes nomes geograficos no Sul (quintas e casas), recentissimos: *Vasco*, *Vasco* Rodrigues, *Vasco* Ruivo. Entendo que foi *Velasco*, como nome proprio de pessoa, que se tornou geografico, e não o inverso, pois são exactamente os documentos mais antigos que o apresentam como nome pessoal.

— *Vasquida*, *Velasquida*: 217, D. Vasquida de Çamora; 149, 151, 161, D. Velasquida Pires de Çamora, filha de Pedro Affonso de Çamora. Vê-se que as duas fórmas se referem á mesma pessoa: a segunda com aspecto hespanhol, a primeira com aspecto português. Outro exemplo, a p. 282: *Belasquida* Rodrigues, filha de Rodrigo Froyaz. Em Godoy, p. 147, lê-se *Balezquida*; e no *Cartul. de Santillana*, 1098, pp. 91–92: *Belasquita* e *Belasquita Donna*. Todas estas fórmas se relacionam certamente com *Velasco* e *Vasco*: cf. *Opusc.*, iii, 73–74. E eram talvez proparoxítonicas, como o dá a entender *Velasqueta* Pelagii filia, 968, *DC*, p. 61 (se o *i* fôsse acentuado, não se mudaria em *e*). Cf. supra *Belleto*, s. v. «Valido».

— *Violante*, 151, 193 e 352. Cf. *Opusc.*, iii, 134.

— *Ximena*, 144. Vid. supra: *Examéa*.

A quantidade de nomes germanicos que aqui vimos não faz contradição ao que se notou supra, de irem rareando os nomes d'esta especie, do sec. xii em diante, pois muitos d'elles datam, como já se disse, de tempos anteriores ao da redacção dos *Nobiliarios*, outros não pertencem ao solo nacional, vieram de fóra, como *Francisco*, *Guilherme*, *Henrique*. Dos que pertencem ao nosso solo, isto é, dos que provêm dos primeiros tempos da nossa historia medieval, conservaram-se alguns até hoje, por exemplo: *Afonso*, *Alvaro*, *Elvira*, *Godinho* (como apelido), *Gomes* (idem), *Gonçalo*, *Ramiro*, *Rodrigo*, *Ruy*, *Telo* (como apelido).

Quem comparar as precedentes listas, extraídas dos *Nobiliarios*, com os nomes que aparecem nos Cancioneiros trovadorescos, que são do mesmo tempo, encontrará muitos nomes iguais, a par de nomes diversos. Por exemplo: *Afonso*, *Alvaro*, *Airas*, *Ansur*, *Domingos*, *Dordia*, *Estevam*, *Fernan(do)*, *Garcia*, *João*, *Lopo*, *Lourenço*, *Maria*, *Marinha*, *Martim*, *Nuno*, *Ouroana*, *Ousenda*, *Paaio* (de *Pelagio*), *Pero*, *Rodrigo*, *Ruy*, *Sancho*, *Tareja*, *Vaasco*. Vid. os indices do *Canc. da Ajuda*, ed. de D. Carolina Michæelis, e do *Canc. da Vatic.*, edd. de Monaci, e Teófilo Braga.

15. Nomes do sec. xiv, contidos em textos do Minho (*Documentos do Souto*), datados, e iguais a outros que já nos apareceram em listas precedentes:

a) De 1302, p. 23: *Domingos, Gonçalo, Lourenço, Martim, Pedro*.

b) De 1304, p. 24: *Domingos, Giral, Maria, Martim, Pero*.

c) De 1306 e 1308, pp. 25–27: *Afonso, Domingos, Gonçalo, Joham, Martim, Pero, Sancho, Stevam*.

16. D'O Arch. Port., vii, 189, num documento de 1308: *Eirêa*. Vid. supra, § 14, a, p. 46.

17. De 1301 a 1405. Nomes contidos em documentos da Extremadura (S. Pedro de Obidos), publicados por Pedro de Azevedo no AP, xvii, 203 sgs., xviii, 108, sgs., e xix, 46 sgs.:

Nomes iguais aos que ficam enumerados em listas precedentes: Afonso, Aires (duas vezes), Alvaro, Denis, Domingos, Elvira, Estevainha, Fernão (duas vezes), Gil, Gonçalo, Guiomar (cf. adiante B, § 1), Joanne (duas vezes), João, Lopo, Lourenço (duas vezes), Margarida, Maria, Martim, Pedro e Pero, Rodrigo e Rui, Stevam, Tareija, Vasco, Vicente.

E além d'esses:

— *Andreu*: vid. supra, § 1, b, p. 27.

— *Bartolomeu* (duas vezes). Alatinado *Bartholomaeus*. Noutros documentos *Bartolameu, Bertolameu*, etc.: vid. *Opusc.*, iii, 84 e 85. Nome de origem semitica (tornado nome de santo, sec. i): vid. *Kirchenlat. Wb.*, s. v., e Bähnsch, p. 41.

— *Bernal*. De *Bernaldo, Bernardo*. Em documentos mais antigos *Berenaldus, Bernardus*: vid. as fórmulas em Cortesão, e cf. *Opusc.*, iii, 84–85. De origem germanica (tornado nome de varios santos medievais): Förstemann, col. 269; M.-L., i, 20 e 64. Em francês: *Bernaut, Bernart, Bernard*. E vid. adiante, Liv. III (Gramática: próclise).

— *Clara*. De Clara, fem. de *Clarus* «claro», «ilustre», cognome romano tornado nome de várias santas. Também em português ha *Claro*, como nome de homem.

— *Clemente*. De *Clemens*, cognome romano, tornado nome de um papa e de um santo (sec. x). D'ele deriva *Clementino*, -a.

— *Constança*. De *Constantia*, fem. de *Constantius*, cognomes romanos, derivados de *Constans*, também cognome, na origem participio: «constante». Cf. Schwab (pp. 688–691). Ha Santa Constança.

— *Estatio*. De *Statius*, primeiramente prenome romano, depois nome gentilicio. Em idade remota fôra nome de escravo (cf. G. Otto, pp. 926–927): d'aqui se originaria o sentido de «estabilidade». Do verbo *stare*. Também ha *Estaço* em português.

— *Julião*. De *Julianus*, na origem cognome romano, derivado de *Julius*, nome gentilicio, tornado nome de um mês. Também nome de santo (sec. vii). A palavra *Julião* tem várias formas em português: vid. *Opusc.*, iii. Fem. *Juliana*.

— *Leonardo*. Cf. al. *Leonhard* = *leon*, *löwen* (lat. leão) e *-hard* («duro», «forte»). Nome de santo († 559).

— *Luis*. De origem germanica. Vid. *Liç. de Filol.*, 2.^a ed., p. 423. Fem. *Luisa*.

— *Ruberte*. Por causa do *-e* parece adaptação fonetica do francês *Robert*, que é também fórma alemã. Na origem nome germanico: o primeiro elemento é o que se encontra em *Rodrigo*, supra, § 2.^o, c, p. 30; o segundo é o got. *baírhts* «brilhante» (inglês *bright*). Latinização cristiano-medieval *Robertus*, d'onde veio *Roberto*.

— *Sancha*, fem. de *Sancho*; vid. supra, § 8, p. 43.

— *Simão*. De *Simo* ou *Simon*, *-onis*, latinização do hebraico *Sehimon*. Do hebreu veio também *Simeão*. A *Simão* corresponde o fem. *Simoa*.

18. De 1411 a 1446, em documentos da *Colegiada de Guimarães*, n.^o 198 a 267, além de muitos nomes já estudados, como: Afonso, Alvaro, Constança, Diogo, Estevão, Fernando, Gil, Inês, Joana, João, Lopo, Margarida, Maria, Martim, Nicolau, Pero, Rodrigo, Vasco, lêem-se os seguintes:

— *Bras*. Também ha *S. Blas* em português e hespanhol. De *Blasius*, cognome romano.

— *Catalina*. Dissimilação de *Catarina* < *Catharina*, nome derivado do gr. *καθαρά* «pura», «casta», depois nome de santa (sec. iii–iv). Cf. hesp. *Catalina*.



Posto que a idade-média termine em 1453, ha ainda alguns poucos nomes pertencentes a esse periodo que não podem deixar de ir na secção B, § 1, porque se ligam intimamente com outros que aí de direito se mencionam. Nem sempre é facil, em casos como este, e ás vezes até é impossivel, fazer nitidas divisões cronologicas.

B.—NOMES DOS FINS DA IDADE-MÉDIA, E NOMES MODERNOS
ATÉ MEADOS DO SÉCULO XIX

1. Em documentos do sec. xv e primeiro quartel (pelo menos) do sec. xvi aparecem varios nomes relacionados com ideias cavalleirescas, que ao tempo ferviam nos cerebros de gente lida em romances, e que se enlevava em lendas e aventuras. Já se aludiu a isto nas *Liç. de Filol.*, 2.^a ed., p. 428, e cf. supra, p. 45 (a respeito dos *Nobiliarios*). Eis aqui novos documentos:

—*Amadjis* Vaasques, 1440, *Chancelarias*, p. 159; e cf. p. 308 (*Amadis*); *Amadyz* Fernandez, 1554, *Registo do Castelo*, p. 29. Ha pessoas que hesitam se a palavra tem acento no segundo *a* ou no *i*. Mas a tradição é ser oxitona a palavra. Em Gil Vicente, II, 255: *decis* (hesp.) rima com *Amadis*. Em versos graciosos do sec. xvii, publicados na *Rev. Michael.*, III, 701:

No trage e no que diz,
Cavaleiro de Amadix.

—Mestre *Lançarote*, selorgiam, 1443, *Chancelarias*, p. 228. Também na *Nova Malta*, de Figueiredo, I, 149: D.^{or} *Lançarote*, em 1416. E na *Armaria*, de Sousa Viterbo, I, 137: *Lançarote* Pires, de Lagos, em 1513.

—*Tristam* Francês, 1511, no *AHP*, x, 172; mas já numa poesia de El-Rei D. Denis se lê *Tristam* (vid. *Textos Arcaicos*, 3.^a ed., p. 29).

—*Ginevra*, 1523. Vid. *Opusc.*, III, 104.

Do mesmo ano de 1523, do citado *AHP*:

—*Persival* Machado, II, 147 e 126 (cf. *Pessival* em Gil Vicente, I, 99, e *micer* Perseval, Inglês, do tempo do Mestre de Avis: M. dos Remedios, *Os Judeus*, p. 179).

—*Tristão* Gomes, II, 143 e 173.

Temos respectivamente na literatura francesa: *Lancelot* (cf. o apelido ital. *Lancellotti*), *Tristan*, *Perceval*.

A tal proposito disse o S.^{or} Pedro de Azevedo na *RL*, x, 325–326, que nos secs. xv e xvi, por causa também dos romances, os nomes «*Briolanza*, *Grimanesa*, *Guiomar* e outros são os preferidos para dar ás filhas. *Guiomar* encontra-se em França no *Girard de Roussillon* (§§ 381 a 398), conforme leio no vol. LXII da *Biblioth. de l'Ecole des chartes*, 115». Já porém antes do sec. xv se encontra no *Canc. da Vaticana*, n.^o 26, *Biringela*;

n.º 37, *Guiomar*. De *Guiomar* se fala também nas *Linhagens* (vid. supra, § 14, c, e no *Canc. Geral*, III, 174. Uma *Guiomar* foi celebrada por Camões numa canção: ed. de Feio & Monteiro, II, 308. De *Genebra* ou *Ginebra* escreveu já Bluteau, *Nomes*, 32: «dizem que he nome francez»; e de *Briolanja*, p. 23: «foy mais usado antigamente na nobreza». O mesmo A. dá a *Grimanesa* a forma *Grimenesa*, e acrescenta que o nome «não está antiquado de todo». De *Grimanesa*, em antigos comediosgrafos, fala A. Pimentel, na sua ed. de Chiado, p. LV (origem germanica: fem. de *Grimman*? em Förstemann, col. 172. Cf. *Marquesa*, de *Marcos*).

Aos nomes cavaleirescos mencionados acima podemos juntar mais estes: *Artur*, *Lisarte*, *Palmeirim*. Acêrca do primeiro deu-me o S.º J. Loth, Professor de linguas e literaturas celticas no Colegio de França, a seguinte explicação: «*Arthur* = vieux celtique arto-gourio-s: arto-ours; gourios a donné l'irl. *guaire*, noble, généreux, et aussi qui a les cheveux hérissés; ou donna en gallois, comme en breton et cornique *u*; *io* disparaît». — *Lisarte* tem como variante *Lisuarte*: vid. Th. Braga, *Curso de Literatura*, p. 145. — Do uso de *Palmeirim* diz algumas palavras Fidelino de Figueiredo, *Hist. da Literat. class.*, I (1917), 218-233.



Nos seguintes §§ 2 a 7 teremos outras extensas listas de nomes, que vão do segundo quartel do sec. XVI ao do XIX, para que não só se veja quais os que predominavam, e que eles, além de muitos dos já citados, hão-de reproduzir-se, em grande parte, na epoca actual (secs. XIX-XX), secção C, mas para que algumas novidades, introduzidas ultimamente, se apreciem melhor, pelo contraste.

2. De 1525 a 1550, nos *Anais de Arçila*, cap. II, p. 497 sgs. (índice), encontramos os seguintes nomes, iguais a alguns que ficam enumerados em listas precedentes: Alvaro, D. André, Antão, Artur, Bartolomeu, D. Beatriz (Infanta), D. Branca, Bernardo, Bras, Caterina, Diogo, Domingos, Estevão, Fernão, Francisco (duas vezes), D. Gonçalo, D. Guiomar, D. Isabel, D. João, Lopo, Lourenço, Luís, D. Maria, Martim, D. Martinho, Miguel, Nuno, Paulo, D. Pedro, Pero, Rodrigo, Ruy, Simão, D. Vasco, Vicente.

E além d'esses:

— *D. Aleixo*. De *Alexius* = Ἀλέξιος: «o que defende ou protege»: derivado de ἀλέξω, «repelir o mal; defender».

—*Antonio*. Vid. *Opusc.*, III, 6 sgs. Fem. *Antonia*. De *Antonio* proveio o arcaico *Antom*, que deu *Antão*. Vid. Liv. III (Gramatica). Também em França o nome de *Antoine* teve muita popularidade, mas aí por causa de assim se chamar o patriarca dos cenobitas (vid. Duffaut, p. 333), ao passo que entre nós a popularidade resulta da devoção a Santo Antonio de Lisboa.

—*Bastião*. De *Sebastião*: vid. Liv. III (Gramatica).

—*D. Cristovão*. De *Cristophorus*, greco-latino, tornado **Cristophanus*, por influencia de *Stephanus*. Vid. *Opusc.*, III, 93.

—*D. Duarte*. De origem anglo-saxonica. Variante: *Eduardo*. Vid. *Opusc.*, III, 96-97.

—*D. Gastão*: do germ. *gast* «hospede». Förstemann menciona num documento do sec. x *Gasto*. Em fr. *Gaston*.

—*Jeronimo*. De *Hieronymus* = Ἱερώνυμος «o que é muito conhecido ou brilhante»: vid. Pape. (S. Jeronimo, um dos doutores da Igreja). Vid. também *Opusc.*, III, 110. No fem. *Jeronima*.

—*Jorge*, de origem grega: vid. *Opusc.*, III, 110.

—*Manuel*. Do hebraico: «Deus connosco»: vid. *Liç. de Filol.*, 2.^a ed., p. 424.

—*Mateus*. Do hebraico: «dadia de Jehovah». S. Mateus foi um dos quatro Evangelistas. Em latim: S. *Matthaeus*.

—*Roque*. Latinização medieval: S. *Rochus*, fr. *Saint Roch* (soa *roc*), que passou para cá. Tetzner, p. 72, diz que a palavra é persico-latina, e significa «elevado», «levantado».

3. De 1536 a 1628, no *Registo do Castelo*, p. 291 sgs. (índice):

Nomes iguais a outros que ficam mencionados em listas precedentes: Afonso, Agostinho, Aires, Aleixo, André, Andresa, Antão, Antonia, Antonio, Bartolomeu, Beatriz, Branca, Brás, Catarina, Cristovam, Diogo, Domingos, Duarte, Estevam, Fernando, Fernão, Francisco, Francisca, Garcia (D.), Genebra, Geraldo, Gomes (D.), Gonçalo, Guiomar, Inês, Iria, Isabel, Jeronima, Jeronimo, Joana (D.), João, Jorge, Juliana, Leonor, Lopo, Lourenço, Luísa, Manuel, Marcos, Margarida, Maria, Martinho, Mateus, Paulo, Pedro, Rodrigo, Rui, Salvador, Simão, Simoa, Tomás, Tristão, Vasco, Vicência, Vicente, Violante.

E além d'estes os seguintes:

—*Agostinho*. De *Augustinus*, cognome romano, derivado de *Augustus*. Acêrca d'este último vid. *Opusc.*, III, 25-28. Santo Agostinho foi famoso doutor da Igreja, e d'ele provém a importancia do nome. No fem. *Agostinha*.

— *Águeda*, «cognomen Romanum Graecanicum» (De Vit). Do adjectivo ἀγνή, feminino de ἀγνός «bom». Nome de uma martir.

— *Ana*. Do hebreu: ideia de «graça». Mãe da Virgem.

— *Antolino*. Dissimilação muito antiga de *Antonino*, cognome romano. Lê-se *Antolinus* no sec. XII no *Cart. de Santillana*, pp. 112 e 116, e temos já no sec. X *Antolini* como nome de uma *villa* (Cortese, s. v.). Na provincia de Murcia ha um *caserio* chamado *Los Antolinos*. Sem embargo, existe tambem hoje o nome *Antonino*, e a Igreja reza de S. Antonino, que viveu nos seculos XIV-XV.—O *Martirologio* fala de *Antholiano* (por *Antoniano*), onde o *h* é devido á influencia de ἄνθος.

— *Aparicio*. Em hespanhol, *Paricio*; mas na provincia de Murcia ha *caserios* chamados *Los Aparicios*. O *Ementario* dá como fôrma antiga *Aparico*, que deve ler-se com ç. Num documento de 1273, *RL*, IX, 269-270, assina como testemunha *Pariçe Anes* = *Paric' Eanes*, onde o nome tanto pôde ser -iço como -icio, ainda que provavelmente é -iço. Na geografia ha *PARIÇO*, como designação de propriedades, nos distritos de Lisboa e Beja.

— *Apolónia*. Nome de santa († 248). Fem. de Apollonius. Nome proprio e teóforo greco-latino, derivado de *Apollo*.

— *Atanásio*. Do gr. Ἀθανάσιος, propriamente «imortal»: cf. ἀθανασία «imortalidade».

— *Barbara*. Do lat. Barbara, cognome feminino, e nome servil, tornado o de uma santa da primitiva Igreja.

— *Barnabé*. Do arameu, alatinado em Barnabas, nome de um santo da primitiva Igreja.

— *Basilio*. De Basilus, cognome romano, de origem grega = βασιλειος, ou βασιλιος, «régio», nome de um santo do sec. IV (S. Basilio o Grande). A acentuação de *Basilio* é a do grego.

— *Belchior*. Por *Melchior*: cf. Bluteau, *Nomes*, p. 22. Do hebreu: relação com a ideia de «rei». Um dos Magos.

— *Bento*. De Benedictus, cognome romano que aparece na epigrafia pagã já pelo menos desde 140 (*Thesaurus*); tambem muito usado pelos primeiros Cristãos (De Vit), e nome de santos.

— *Bernardino*. Derivado de *Bernardo* (A, § 17, p. 55), com o sufixo -inus.

— *Christiano*. De Christianus, nome comum: «cristão», tornado tambem nome de santo.

— *Cosme*. Do lat. Cosmas, -ae = Κοσμάς, -ᾱ, onde entra a ideia de «limpo». S. Cosme e S. Damião são dois irmãos que andam frequentemente associados na liturgia (sec. IV). Vid. *Damião*.

—*Damião*. Do lat. *Damianus*, «cognomen Romanum Graecanicum» (De Vit). Vid. *Cosme*.

—*Daniel*. Do hebreu: «iudex Dei: qui Dei nomine ius dicit» (Gesenius). Nome de um profeta.

—*Engracia*. Também em hespanhol. Na origem nome de santa.

—*Filipa*. Fem. de *Filipe*, que também se escreve *Felipe* e *Philippe*. Do lat. *Philipus* = Φίλιππος «que ama os cavalos», e nome de santos da Igreja primitiva. Camões, nos *Lusiadas*, falando do Rei da Macedónia, diz *Philippo*; falando de personagens da historia moderna, diz *Philippe*: vid. a nota do S.^{or} Epiphanio Dias ao canto 1, est. 75, da sua edição do poema. Em francês, *Philippe*: em hespanhol, *Felipe*. De uma d'essas linguas nos veio a forma com *-e*.

—*Gabriel*. Do hebreu: «varão de Deus». Arcanjo.

—*Gaspar*. Nome de um dos tres Reis Magos.

—*Helena*. Do gr. Ἑλένη = Hēlēna, nome da mulher de Menelau, rei de Esparta, causadora da famosa guerra troiana. Também em grego há Ἑλένης = Hēlēnus, nome de um filho de Priamo, rei de Troia: d'aí veio *Heléno*. Tanto este nome como *Helēna* reproduzem a acentuação grega. Já no *Canc. Geral*, 1, 382, *Helena* rima com *Mena*. Nos *Lusiadas*, III, 140, também *Helena* rima com *pena* e *condena*. Em hespanhol igualmente com acento no segundo *e* (*Elena*); só o italiano representa a acentuação latina (*Élena*). Acêrca dos etimos vid. Pape-Benseler.

—*Joseph*. Do hebreu יִסְחָק = *Ioçeph*, filho de Jacob e Raquel. Alatinadamente *Iosephus* ou *Josephus*, d'onde *Josefa* no feminino, em português. O etimo póde dizer-se que está indicado no *Génesis*, xxx, 24, onde se lê: יִסְחָק, que quer dizer «acrescentará» ou «acrescente». (A mãe: *vocavit nomen eius JOSEPH, dicens: addat mihi Dominus filium alterum!*).

—*Lucas*. Do lat. *Lucas* = Λουκάς, nome hipocoristico de Λουκᾶνός (Mowat, p. 43; e já antes De Vit). Na origem nome de um dos quatro Evangelistas.

—*Luçia*. Do lat. *Lucia*, *praenomen* feminino, nome gentilicio, e cognome; mas por causa do acento no *i*, na nossa palavra, temos de admitir que esta nos veio directamente do italiano *Lucia*, propagada com o culto da santa ou das santas assim chamadas. O *c* intervocalico mudou-se em *ç* por influencia de *luç*. No *Martyrologio* (sec. XVI) figuram quatro santas de nome *Luçia*. Em Gil Vicente, III, 121, também *Luçia*. Várias povoações do N. e S.

de Portugal têm o mesmo nome, o que mostra a importancia do culto. A par com *Lužia* usamos *Lúcia*, fôrma literaria e moderna, tomada directamente do latim, como fem. de *Lucio*, e equivalente àquela: cf. *Nomes dos Santos*, p. 26, onde s. v. «Lucia» se remete o leitor para *Lužia*. Bluteau, *Nomes*, 36, apenas cita *Lužia*, e não *Lucia*. Outra fôrma culta, e só literaria, é *Lucia*, no *Ementario*, p. 297. Vid. adiante: B, § 5, p. 67 (*Lucio*).

— *Madalena*. Em ortografia posterior *Magdalena*. Nome etnico de *Magdala*, região judaica. Propriamente: *Maria Magdalena* (= *Μαγδαληνή*), isto é, «de Magdala».

— *Marçal*. De *Martialis*, cognome romano, depois nome de santo (sec. III).

— *Matias*. Do hebreu: «presente de Jehovah». Apóstolo.

— *Sebastiana*. Fem. de *Sebastião*: do gr. *Σεβαστιανός* = *Sebastianus*, derivado de *σεβαστός* «digno de veneração», «augusto». Nome de um martir do sec. III.

— *Tomás*. Do hebreu: «gemeo». Transcrições antigas: *Θωμάς*, *Thomas*. D'aqui veio tambem *Tomé*. Ha S. Tomás e S. Tomé.

— *Urbano*. De *Urbanus*, cognome romano, tirado da lingua comum, e tornado nome de santo.

— *Valentina*. Fem. de *Valentino* < lat. *Valentinus*, derivado de *Valens*, -entis. A fôrma *Valentino*, que não se usa, ou não se usa muito, está representada por *Valentim* (vid. Liv. III, Gramatica). Os calendarios mencionam *S. Valentim* como fôrma de *S. Valentino*; cf. *S. Crispim*.

4. De 1641 a 1744, no *Inventario dos livros de matricula dos moradores da Casa Real* (publicação da Tôrre do Tombo), 2 vols., Lisboa 1911 e 1917 (vid. os indices):

Ha nomes que são iguais a alguns dos que ficam mencionados nas listas precedentes, a saber: Adão, Afonso, Agostinho, Aires, Aleixo, Alvaro, André, Antão, Antonio, Atanasio, Barnabé, Bartolomeu, Belchior, Bento, Bernardo, Bras, Brites, Cipriana, -o, Clemente, Cosme, Cristina, Cristovão, Damião, Diogo, Domingos, Duarte, Estevão, Faustino, Félix, Fernando, Fernão, Filipe, Francisca, Francisco, Gabriel, Garcia, Gaspar, Gil, Gomes Barroso, Gonçalo, Guilherme, Heitor, Henrique, Jeronimo, João, Jorge, Julião, José, Lopo, Lourenço, Lucas, Luís, Manuel, Marçal, Marcos, Maria, Martim, Martinho, Mateus, Matias, Mendo, Miguel, Nicolau, Nuno, Paulo, Pedro, Roberto, Rodrigo, Roque, Rui, Salvador, Sebastião, Simão, Tomás, Tomé, Valentim, Vasco, Vicente.

E ha outros novos, que são os seguintes:

—*Adrião*. Variantes literarias *Adriano*, *Adriana*. Na origem cognome romano (*Hadrianus*), tornado depois nome de papas e de um santo.

—*Alberto*. De origem germanica: al. *Albert*, que passou para outras linguas romanicas. Fórmas germanicas medievas: *Adelbraht*, *Athalbraht*, etc., em Förstemann, col. 159 sgs. A letra: «nobre, brilhante»: de duas palavras, uma representada pelo alto-al. ant. adal (mod. *adel*) e outra pelo got. bairhts. No *Onomastico*, de Cortesão, arquivou-se como do sec. XIII *Albertiç*, patronimico, e *Albertim*, apelido, o que faz presupor *Alberto*. A Igreja reza de S. Adalberto, S. Adelberto, e S. Alberto. A esta familia de palavras pertence, de um lado, *Albertino*, *Albertina* (vid. Liv. III, Gramatica), e do outro *Berto* e *Berta*, fórmas hipocoristicas, já criadas em germanico, de nomes plenos começados por *Bert*-. Cf. supra, p. 56 (A, 17).

—*Alexandre*. De *Alexander*, greco-latino. Significa: «o que defende ou protege o homem ou os homens». Cf. *Aleixo*: B, § 2.º, p. 58.

—*Alonso* de Buitrago. É palavra hespanhola. O mesmo que *Alfonso* «Afonso»: vid. M.-L., II, 5.

—*Amador*. Do lat. *Amator*. Santo do sec. VI.

—*Amaro*. De *Maurus*, cognome romano. Cf. J. J. Nuñez in *Bolet. da Cl. de Let. da Acad. das Sc.*, XIII, p. 1270. Ha S. Mauro (sec. III) e S. Amaro.

—*Ambrosio*. De origem grega: «imortal, divino, etc.». Nome de um notavel doutor da Igreja (S. Ambrosio).

—*Apolinario*. De *Apolinarius*, cognome greco-latino, derivado de *Apollinaris* («relativo a Apolo»), outro cognome, d'onde veio *Apolinar*. A par de S. *Apolinario* ha tambem no Calendario S. *Apolinar*.

—*Ascenso*. Talvez de *ascensus*, relacionado com *ascensio* «ascensão».

—*Baltasar*. Babilonico (invoca-se o apoio de Bel ou Baal). Vid. *Kirchenlat. Wb.*, s. v. «*Baltassar*», 1 e 2.

—*Bernardim*. Por *Bernardino*: vid. *Opusc.*, III, 84. Quanto á queda do -o, vid. Liv. III (Gramatica). Cf. supra, p. 55.

—*Brugarte*. Nome estrangeiro aportuguesado. Provavelmente é o al. *Burkhart*, que significa «o que protege o *Burg*, ou castelo, com forte mão» (Tetzner).

—*Carlos*. Germanico. Vid. *Liç. de Filol.*, 2.ª ed., p. 421.

— *Constantino*. Do lat. *Constantinus*, cognome, derivado de *Constans*, -tis.

— *Cursio* (i. é, *Curcio*). De *Curtius*, nome gentilicio romano.

— *Custodio*. Propriamente Anjo *Custodio*, nome derivado do lat. *custodiare* «guardar». Também ha um santo-martir assim chamado.

— *Dionisio*. Nome grego. Na origem relacionado com *Διώνειος* «Baco». Tornado nome de varios santos.

— *Eusebio*. Nome grego. Derivado de *εὐσεβής* «piedoso». Nome de varios santos da primitiva Igreja.

— *Fagundo*. De *Facundus*, cognome romano, tornado nome de santo.

— *Feliciano*. De *Felicianus*, cognome romano, e nome de um santo da Igreja primitiva.

— *Frutuoso*. Do lat. *Fructuosus*, cognome romano, e nome de um santo do sec. vii, que foi bispo de Braga: vid. *Relig. da Lusit.*, iii, 548.

— *Gonto* Danta e Sequeira. É assim o nome todo: vol. ii das *Matriculas*, p. 38. Não encontro *Gonto* noutra parte. Talvez falsamente tirado de *Gonta*, nome medieval de pessoa, também masculino, ou de *Gontinus*.

— *Gregorio*. De origem grega. Vid. *Opusc.*, iii, 106. Nome de varios santos.

— *Hilario*. Póde ser a forma primitiva de *Hilarinus*: vid. A, i, a, p. 25. Papa e santo do sec. v.

— *Ignacio*. Vid. *Opusc.*, iii, 98. Nome de varios santos. No fem. *Ignacia*.

— *Isidoro*. Nome grego: *Ἰσιδωρος* tornado em latim *Isidōrus*. Da forma grega veio *Isidro*. Significação: «dadia de Isis». Nome de um celebre bispo hespanhol e santo, sec. vii.

— *Jacinto*. Do greco-lat. *Hyacinthus*, cognome. Na origem uma flor. Nome de um santo do sec. iii.

— *Jácome*. Vid. A, § 4, *in fine*, p. 38.

— *Lauterio*. Por *Eleuterio*. Palavra grega. Na origem: «livre». Nome de um papa e santo do sec. ii.

— *Lazaro*. De *Lazarus* <> *Eleazar*, hebreu: vid. *Kirchenlat. Wb.*, p. 467. Nome de dois santos.

— *Leandro*. De *Leander*, latinização de *Λέανδρος*, que em Pape-Benseler se traduz por «homem do povo». Nome de dois santos da primitiva Igreja.

— *Lionel*. Vid. *Leonel*, já usado entre nós desde o sec. xv.

A origem está no italiano Leonello, diminutivo de *Leone* (lat. leo, -onis), mas veio-nos por intermédio do francês antigo *Lionel*, que aparece nas *Chansons de geste*, p. 397.

—*Maurício*. De *Mauricius*, cognome romano, tornado nome de santo (*S. Mauritus*; cf. *Kirchenlat. Wb.*).

—*Maximo*. Do lat. *Maximus*, -a (ou respectivamente á idade: *maximus*, -a, *natu*, ou ao 6.º grau de parentesco, por exemplo, *avunculus maximus*), cognome, tornado nome de santos. Também ha *Maxima*, igualmente santificado.

—*Pantaleão*. De *Pantaleon*, latinização de *Πανταλέων*, que significa «lião em tudo», ou «inteiramente lião».

—*Pascoal*. Nome de origem cristã, correspondente a «pascoa». Equivale-lhe na antroponímia *Pasqualina*, *Pascasius*, *Pascasus*, mencionados por Martigny, p. 451. Ha também *Sanctus Paschalis*: vid. *Kirchenlat. Wb.*, s. v. Acêrca de *pascoa* vid. *REW*, 6264.

—*Plácido*. De *Placidus*, cognome romano, tomado da lingua comum, e nome de tres santos da primitiva Igreja.

—*Quintino*. Do lat. *Quintinus*, cognome, derivado de *Quintus* (prenome), na origem «quinto filho». Nome de santo.

—*Rafael*. Do hebreu: «Deus curou». Arcanjo.

—*Serafina*. Fem. de *Serafim*, ou *Serafino*: do hebreu *Seraphim* (plur.), alatinado em *Seraphini*, d'onde saiu *Seraphinus*.

—*Severim*. Por *Severino* (derivado de *Severo*: A, 1, a, p. 25. Vid. Liv. III, Gramatica).

—*Silvestre*. De *Silvester*, cognome romano, tomado da lingua comum e depois tornado nome de um papa e santo do sec. iv.

—*Simas* Rodrigues Preitos. É assim o nome todo. *Simas* é dado também como antigo no *Ementario*. Do grego *Σίμας* ou *Σιμάς*.

—*Teodosio*. Palavra grega; significa «dado por Deus ou pelos deuses». Nome dê varios imperadores do Oriente, e de um príncipe nosso do sec. xvii.

—*Teotonio*. O texto mais antigo que conheço com este nome é a *Vita Sancti Theotonii* (ms. do sec. xii ou xiii) nos *PMH, Script.*, p. 79. S. Teotonio foi o primeiro Prior de Santa Cruz de Coimbra, natural de Ganfei, filho de Oveco e Eugenia: viveu no sec. xn. O nome parece germanico: ou derive de *thiuda* «povo», que já vimos noutros lugares,—cf. *Theoduni*, *Theotuni*, *Thiotuni*, *Theothun* em Förstemann, cols. 1:415 e 1:437, e em documentos nossos *Tiotivadus*, *Tutenandus*, ambos com -t-; ou, o mais provavel, derive do tema de Teutones «Teutões», como *Vasconius* (*IHC*, 399), do de *Vascones* «Vascões».

— *Timoteo*. Nome grego. Á letra: «que venera Deus» ou «os deuses». Nome de um santo do sec. iv.

— *Torcato*. Por *Torquato*. Cognome latino derivado de *torques*: «o que usa um *torques*». Cf. *Opusc.*, III, 132–133.

— *Trocade*. Variante de *Torquato*. Vid. este nome nos *Opusc.*, III, 131.

— *Valerio*. Na origem *nomen gentilicium*, tornado de santo.

— *Vaz* Barbosa. *Vaz* é propriamente patronimico de *Vasco*. Vid. Liv. II (Sobrenomes).

— *Ventura*. Abreviação de *Boaventura*. Cf. *S. Boaventura*, da Toscana. Falando d'este santo, diz Bluteau, *Nomes*, p. 23: «o nome de *Ventura* he mais usado».

— *Verissimo*. Do lat. *Verissimus*, superlativo de *verus*. Acêrca de superlativos analogos vid. Liv. III (Gramatica).

— *Xisto*. Variante de *Sixto*, nome nobilitado por varios santos e papas: *Sixtus*, *Xistus*. Vid. *Kirchenlat. Wb.*, s. vv. Em francês medieval *Sixte* < *Sextus* (cognome romano): vid. Giry, p. 372. Zambaldi tira do grego o italiano *Sisto*, sem necessidade.

5. De uma *Lista* de professores regios, impressa em Lisboa em 1773:

Muitos dos nomes indicados nela são iguais a alguns que já ficam mencionados em listas antecedentes, a saber: Adrião, Agostinho (duas vezes), Aleixo, Alexandre, Alvaro, Amaro, Antonio, Apolinario, Bartolomeu, Bento, Bernardo (duas vezes), Carlos, Custodio, Damião, Diogo, Dionisio, Domingos, Estacio, Estevão, Eusebio, Faustino, Felix, Filipe (duas vezes), Florencio, Francisco, Gabriel, Gonçalo, Henrique, Ignacio, Jeronimo, João, José, Leonardo, Manuel, Melchior, Miguel, Nicolau, Paulo, Pedro, Roberto (duas vezes), Sebastião, Simão, Tomás de Aquino, Tomé, Verissimo.

Nomes novos são os seguintes:

— *Acurcio* ou *Acursio*. A palavra será de origem italiana. Cf. Fumagalli, p. 3 (*Accorso*, *Accursio*), e p. 44 (Bonnacórso, nome de feliz agouro). Com *c* por causa de *Curcio* (supra, p. 64)?

— *Albano*. Do lat. *Albanus*, cognome de origem geografica, depois entrado para o calendario cristão.

— *Anastacio*. Nome grego: Ἀναστάσιος, que póde traduzir-se assim: «ressuscitado» (subentende-se: para a fé cristã; o que se diria de um pagão batizado). Nome de um papa e santo do sec. iv–v.

— *Caetano*. Por *Caietano*. Do lat. *Caietanus*, propriamente «habitante de *Caieta*» (na Italia); nome etnico tornado cognome,

como *Albanus*. Assim se chamou um santo do sec. xvi. No fem. *Caetana*.

—*Casimiro*. Do polaco: derivado do tema de *kazati* «dizer, ensinar, pregar» + *mir* «paz»: por isso «o que prega a paz». Cf. al. *Kasimir*, fr. *Casimir*. Lat. eclesiast.: *S. Casimirus*, filho do rei Casimiro IV da Polónia, e patrono dos Polacos (sec. xv).

—*Flórido*. Do lat. *Floridus*, cognome.

—*Januario*. Do lat. *Ianuarius*, cognome, tirado do nome de um mês. Aparece principalmente em inscrições latino-cristãs (De Vit). *S. Januario*: sec. iii–iv.

—*Joaquim*. Nome do pai da Virgem Maria. Do hebreu: «Jehovah levanta». Fem.: *Joaquina*, formado pelo tipo dos nomes em *-ina* (vid. Liv. III, Gramatica).

—*Laureano*. Parece estar por *Lauriano*, derivado de *Lauro*, nome de homem.

—*Lucio*. Na origem prenome romano: *Lucius*, tornado nome de santo (sec. ii). Costuma explicar-se este prenome, já desde a antiguidade, por «nascido ao romper d'alva» (cf. entre outros: *Cagnat, Épigraphe*, 3.^a ed., p. 43); mas H. Usener, *Götternamen*, Bona 1896, p. 356, relaciona-o de preferencia com *Lux*, na acepção de nome de divindade, e compara-o a *Mamercus*, de *Mamers*, e *Tiberius*, de *Tiber* (deus fluvial).—Cf. supra, B, 3.

—*Marcelino*. Do lat. *Marcellinus*, cognome, derivado de *Marcellus*, que deu em português *Marcelo*. Cf. Schulze, p. 177. Nome de santos do sec. iv.

—*Maximiano*. Do lat. *Maximianus*, nome de dois imperadores do sec. iii–iv. Derivado de *Maximius* ou *Maximus*.

—*Rainaldo*. Também se escreve, e mais geralmente, *Reinaldo*. Origem germanica: cf. al. *Reinhart*.

—*Ricardo*. De origem germanica. Cf. al. *Richard*. Nome de um santo falecido no sec. viii.

6. Varios nomes de donas de honor e damas da cõrte de Lisboa, colhidos no *Almanach* (da Academia Real das Sciencias) de 1792, pp. 58–59, e 1807, pp. 49–51, uns iguais aos que ficam mencionados em listas publicadas acima: Ana, Antonia, Barbara, Caetana, Catarina, Domingas, Emilia, Francisca, Helena, Henriqueta, Ignacia (duas vezes), Isabel, Joana, Joaquina, Josefa, Juliana, Leonor, Luís, Luísa, Luzia, Margarida, Maria, Teresa; outros novos:

—*Brigida*. Nome de uma santa irlandesa, falecida em 523.

Latinização do medio irl. *Brighid*, irl. ant. *Brigit*, do celt. ant. *brigantī: vid. Holder, *Tesouro do celtico antigo*, s. v. Com esta palavra anda ligada a ideia de «grande», «elevado».

— *Eugenia*. Fem. de *Eugenio*, nome grego, derivado de *εὐγενής* «de bom nascimento». Tanto *Eugenio*, como *Eugenia*, são nomes de santos.

— *Eumenia*. Fem. de *Eumenio*, nome grego, derivado de *εὐμενής* «benevolo», «bom». Cf., quanto ao sentido, *Benevolo*.

— *Genoveva*. Em lat. eclesiastico *Sancta Genovefa*, padroeira de Paris, † 512: vid. *Kirchenlat. Wb.*, p. 355. Conquanto haja palavras celtas que se assemelhem a esta, diz-me o S.^{or} J. Loth, em carta, que «*Genovefa* ne paraît pas celtique, au moins en ce qui concerne -fa».

— *Mariana*. Costuma explicar-se por *Maria* + *Ana*, ainda que *Mariano* se explica pelo lat. *Marianus*.

— *Rita*. Hipocorístico italiano de *Margherita* (cf. Zambaldi e Fumagalli). S. Rita (sec. xv), a cujo culto se deve a propagação do nome, era italiana.

— *Victoria*. Na origem cognome romano; depois, em sentido cristão: *victoria* a respeito do pecado (vid. Martigny, p. 452). Ha duas santas d'este nome (secs. iii e iv), que está também representado na nossa toponímia.

7. Do *Almanak estatístico de Lisboa em 1838*:

Nomes iguais a outros que se copiaram em listas anteriores: Adriano, Agostinho, Alberto (duas vezes), Alexandre, André, Antonio, Baltasar, Bartolomeu, Basilio, Belchior, Bento, Bernardino, Bernardo, Caetano, Cipriano, Clemente (duas vezes), Constantino, Cristiano, Custodio, Diogo, Domingos, Duarte, Eduardo, Emidio, Estêvão, Faustino, Feliciano, Felix, Fernando (duas vezes), Filipe, Florencio, Francisco, Frutuoso, Gabriel (duas vezes), Gaspar, Gonzalo, Gregorio, Guilherme, Henrique, Hilario, Inacio, Isidoro, Jacinto, João, Joaquim, Jorge (duas vezes), José, Leonardo, Leonel, Lourenço, Lucas, Luis, Manuel, Marcelino, Marcelo, Marino, Mateus, Maximiano, Maximo, Miguel, Paulo, Pedro (duas vezes), Rafael (duas vezes), Raimundo, Roberto, Rodrigo, Roque, Sebastião (duas vezes), Severiano, Simão, Tiberio, Tomás, Tomé, Valentim, Venancio, Vicente.

Nomes novos:

— *Abel*. Origem hebraica. Acêrca do etimo vid. *Kirchenlat. Wb.*, p. 65.

—*Angelo*. De *Angelus*, nome servil romano (*Thesaurus* e *De Vit*), tornado nome de santo. Este nome é muito frequente nos Judeus de Italia, depois de 1255: vid. Blondheim, in *Romania*, XLIX, 23. Do gr. ἄγγελος «mensageiro», «notícia». D'aqui deriva *Angelino*, -a, e *Angélica*.

—*Anselmo*. Origem germanica: quanto ao primeiro elemento, vid. *Ansemundus* em A, § 3, d, p. 31, e *Ansur*, A, § 14, b, p. 48. O segundo é *helm* «capacete». Por isso a palavra *Anselmo* significa: «protegido pelos Anses (deuses)».

—*Augusto*. Vid. *Opusc.*, III, 25–28.

—*Balbino*. Na origem cognome romano, derivado de *Balbus*, também cognome, que na língua comum significa «tartamudo», «gago». O Calendario tem *S. Balbina* (sec. II), e foi certamente d'aí que se propagou o masculino.

—*Boaventura*. Vid. *Ventura* em B, § 4, supra, p. 66.

—*Bonifacio*. Do cognome lat. *Bonifatius* (não com c), derivado de *bonum fatum*: vid. Mowat, p. 17 sgs. Ha varios santos assim chamados.

—*Camilo*. Do cognome romano *Camillus*. Quanto á origem vid. Schulze, p. 290. Houve dois santos d'este nome no sec. XVII.

—*David*. Na origem nome de um rei de Israel: significa em hebreu «amado», «predilecto». Depois nome de um santo inglês (sec. XI).

—*Elias*. Origem hebraica: «Deus é Jehovah».

—*Emidio*. Nome de um santo do sec. III–IV: *Sanctus Emygdus*.

—*Estanislau*. De origem eslavica, e significa «famoso por constância» (Tetzner, p. 78). Nome de dois santos polacos dos secs. XI e XVI.

—*Ezequiel*. De origem hebraica: *quem Deus corroborat* (Gesenius). Nome de um profeta.

—*Fermino* = *Firmino*. Vid. o nome seguinte.

—*Firmo*. Na origem cognome romano, e depois nome de santo: *Firmus*. D'aí deriva *Firminus*, outro cognome, e também nome de santo (sec. V).

—*Frederico*. De origem germanica. Em al.: *Friedrich* «rei da ou pela paz»; em fr.: *Frédéric*. Latinização medieval: *Friedericus*. Também no Calendario.

—*Gervasio*. De origem germanica: alto-al. ant. *ger* «lança», e *vas*-tema de *vasjan* «vestir». Em al. *Gervas*, em fr. *Gervais*. Latinização eclesiastica: *Sanctus Gervasius*.

— *Ildefonso*. Já no sec. xi *Ildefonsus* (Cortesão, p. 179). Origem germanica: relativamente ao etimo vid. A, § 3, e («Hilda»), p. 34, e *d* («Afonso»), p. 31: «expedito para a batalha».

— *Julio*. Do lat. *Julius* (nome gentilicio). Papa e santo do sec. iii.

— *Loduvino* = *Ludovino*. Origem germanica: alto-al. ant. leudi «povo», e vini (cf. saxão ant. wini «amigo», em Förstermann, col. 1030, e 168). Latinização medieval: *S. Ludovinus* (sec. viii). Em al. mod. *Leodewin*. Também ha em português o fem. *Ludovina*, que o *Ementario* dá como nome de santa, a par de *Lidovina*.

— *Martiniano*. Na origem cognome romano, derivado de *Martinus* (vid. A, § 7, a, p. 42), e depois nome de santo (sec. i).

— *Nicandro*. Nome de santo: do grego Νικάνδρος, à letra: «homem vencedor».

— *Polidoro*. Nome grego: Πολύδορος: «de muitos dons».

— *Rufino*. Na origem cognome romano, derivado de *Rufus*, outro cognome, que na lingua comum significava «ruivo». O pai do Papa S. Silvestre chamava-se *Rufino*.

— *Sabino*. Cognome romano, de origem etnico-geografica (*Sabini*, povo antigo da Italia), passado depois para o Calendario.

— *Severiano*. Na origem cognome romano, derivado de *Severus*, ou *Severius*. Tornado depois nome de santo.

— *Teodorico*. Origem germanica: al. *Theodorich*, fr. *Théodorich*. Significa «rei do povo» ou «pelo povo». Cf. supra: A, § 3, e, e § 2, c, isto é, pp. 34 e 30.

— *Victorino*. Cognome romano, derivado de *Victor*, e tornado nome de santo (sec. i).

C.—NOMES MODERNÍSSIMOS

Ha nomes tirados da Religião, isto é, do Calendario e da Biblia; ha-os tirados da Literatura, da Mitologia, da Lenda; e ha-os de procedencia vária. Muitos dos nomes tirados do Calendario datam já, como é natural, do passado, o que póde ver-se examinando as listas que acima ficam copiadas,—embora nem todos os nomes antigos se conservassem até hoje; outros introduziram-se recentemente. Os restantes são, pelo geral, também modernos.

Não parecendo práctico enumerar aqui todos os nomes usados hoje em Portugal, mas convindo apresentar exemplos respectivos ás fontes indicadas, e especificar, ao mesmo tempo, qual a fonte

mais abundante e quais os nomes mais frequentes, lanço mão do *Anuario da Univers. de Lisboa*, de Pereira Machado, 1915-1916, 2.^a parte, Lisboa 1917, onde se inserem extensas series de nomes de alunos (uns 1:040), e d'aí extraio os seguintes.

1. Nomes tirados do Calendario:

No total de 200 nomes diferentes que, salvo êrro, contei no *Anuario da Universidade*, de alunos matriculados, do Continente português, Ilhas, e Ultramar, e do Brasil, pertencem ao Calendario cristão 142 (vid. o *Ementario*), os quais, com raras excepções, provêm das linguas latina, grega, germanica e hebraica. São eles:

Nomes iguais aos estudados antes:

Adriano, Adrião, Afonso, Agostinho, Alberto, Alda, Alexandre, Alvaro, André, Angelo, Antonio, Arnaldo, Augusto, Beatriz, Bento, Bernardo, Boaventura, Caetano, Carlos, Casimiro, Constantino, Custodio, Damião, Daniel, David, Dinis ou Denis, Dionisio, Domingos, Eduardo, Elias, Emilia, Eugenia, Eugenio, Eulalia, Faustino, Fausto, Felipe, Fernando, Francisco, Gaspar, Gil, Guilherme, Helena, Henrique, Hilda, Ildefonso, Inacio, Isabel, Januario, João, Joaquim, Jorge, José, Julio, Leandro, Leonardo, Lucio, Luís, Manuel, Marcelino, Maria, Mateus, Mauricio, Miguel, Nicolau, Nuno, Paulo, Pedro, Rafael, Ricardo, Roberto, Rodrigo, Romeu, Sabino, Samuel, Sebastião, Serafim, Teotonio, Tiberio, Tomás, Vasco, Victoria.

Nomes novos:

—*Abilio*. De Abilius, nome gentilicio romano.

—*Acacio*. De Acacius, cognome, = 'Ακάκιος, usado sobretudo pelos primeiros Cristãos. Vid. *Thesaurus*. Deriv. de *Acäcus*, outro cognome, = ἄκακος, «sem maldade».

—*Adelaide*. Nome germanico, de introdução moderna, Adelheid, Adelaide, e comum a outras linguas romanicas. Cf. al. *Adel* «nobreza», *edel* «nobre»; got. *haidus* «maneira», noutras linguas germanicas «dignidade» (corresponde-lhe em alemão moderno o sufixo *-heit*, com que se formam substantivos femininos abstractos).

—*Adolfo*. Nome germanico, de introdução moderna, Adolf. A letra «nobre lobo». Cf. *wulf* ou *-ulf* em muitos dos nossos nomes medievais.

—*Alfredo*. Origem germanica, de introdução moderna, Alfred, em textos medievais germanicos: *Alfered*, *Alwered*, etc. (Förstemann, 70). De Alp-rat: «conselho dos Elfos», que gozou

do seu conselho: cf. Dr. Wilhelm, p. 4; e Khull, p. 25. Fumagalli interpreta como «consigliato dagli spiriti». Nome propagado da Inglaterra, embora exista no Calendário.

—*Alice*. Vindo modernamente de Inglaterra, por França, embora existente no Calendário. Talvez na origem nome hipocorístico de *Alexandrina* ou outro assim começado.

—*Amadeu*. Nome religioso do tipo do nome grego *Teófilo* «amigo de Deus». À letra: *amat Deum*. Cf. ital. *Amedeo*, fr. *Amédée*. Num documento nosso do sec. XII já *Amedeu* (Cortesão, s. v.).

—*Amandio*. Já em latim: *Amandius*, *Amandia*, a par de *Amandus*, *Amanda* (cf. A, § 1, a, p. 25): vid. Schwab, p. 741, e o *Thesaurus*. Nos *Nomes dos santos*, p. 5, diz-se: «S. Amandio ou Amando»; Albuquerque, p. 18, distingue santos de um e outro nome.

—*Angelina*. Vid. B, § 7, p. 69.

—*Antero*. Do grego *ἀνθρῶς* «florido». Cf., quanto ao sentido, *Flórico*, e *Ἀνθρῶς*, nome de um navio antigo (Pape).

—*Armando*. Do fr. *Armand*, nas *Chansons de geste*: *Armant*, *Hermant*; em Förstemann, *Hermand*, *Herimand*, col. 775, e *Hartmant* por **Hartmand*, col. 1093.

—*Arsenio*. De *Arsenius* = *Ἀρσένιος*, freqüente em AA. gregos e romanos (De Vit). Significa « másculo » (derivado de *ἄρσεν*).

—*Asterio*. De *Asterius*, cognome, = *Ἀστέριος*, derivado de *ἀστὴρ* «estrela».

—*Aurelio*. De *Aurelius*, nome gentilício.

—*Aureo*. De *Aureus*, cognome e alcunha (vid. *Thesaurus*), tornado nome de um santo que morreu cêrca do ano de 400 (vid. *Kirchenlat. Wb.*, p. 140).

—*Braulio*. Tomado do nominativo de *Braulio*, -onis, que foi nome de um bispo de Saragoça, do sec. VII, e escritor. Vid.: *Kirchenlat. Wb.*, p. 171; *Grundr. d. romanisch. Philolog.*, II, 1, 106; e o *Thesaurus*. Em hesp. mod. ainda *Braulio*, quanto á ortografia, como em português.

—*Celestino*. Na origem cognome romano: *Caelestinus*.

—*Celso*. Na origem nome latino comum, *celsus* «alto», tornado cognome, e depois nome de santo no sec. I.

—*Claudio*. Na origem gentilício romano: *Claudius*, derivado, segundo penso, de *claudus* «coxo» (como cognome), e tornado nome de santo (sec. III).

—*Clotilde*. Na origem nome germanico. O primeiro elemento aparenta-se com o lat. *in-clūtus*, indo-germ. *kliuto-* «famoso» (vid.

Schönfeld, s. v. «Clotharius»); o segundo já o encontramos em A, § 3, *d*, p. 34, e significa «combate». Por isso *Clotilde* pode traduzir-se por «de glorioso combate», isto é, gloriosa guerreira, e relaciona-se pois com ideias muito próprias dos Germanos. Lat. ecclesiastico: *Sancta Clotildis* (sec. vi).

—*Dario*. Do gr. Δαρείος, lat. *Darius*. Nome de varios personagens da historia antiga, e de um santo. Tambem ha *Santa Daria*.

—*Delfim* (no fem. *Delfina*). De *Delphinus*, cognome. Ha já no sec. iv um bispo de Bordeus assim chamado (De Vit). Tambem em hespanhol moderno *Delfin*. Creio que o cognome provém do nome comum *delphinus*, delfim ou golfinho (um cetaceo; e, translatamente, uma constelação).

—*Emma*. Creio ser entre nós nome moderno. Santa Emma figura no *Ementario* (1898), não porém ainda nos *Nomes dos santos* (1847). *Emma* como simples nome de mulher é mencionado nos *Nomes proprios* de Veiga (1875) e nos *Nomes de baptismo* de Mengo (1889). Está aqui o nome al. Emma, que passou tambem para a Italia na mesma forma. Khull, p. 92, e Tetzner, p. 106, explicam-no como forma hipocoristica (resumida) de nomes binarios começados por *Erm-* e *Irm-*, de *ermans* «forte» (vid. supra: *Ermengru*, em A, § 4, *d*, p. 36), com assimilação de *r* a *m*. Parece-me melhor esta explicação que a de Kleinpaul, p. 40.

—*Ermelinda*. Nome de origem alemã recente: *Ermelinde* (*Irmelinde*), passado tambem para o francês com a mesma forma. Vid.: *Opusc.*, III, 56; e *Ermilinda* em Förstemann, col. 481. Na Igreja: Santa *Ermelinda*.

—*Ernesto*. Nome de origem alemã recente: *Ernst*, *Ernest*, passado tambem para o francês (*Ernest*). Significa: combate, gravidade (i. é, combatente resoluto); cf. *ernst* «serio». Do al. *Ernest* veio *Ernestine*, origem do português *Ernestina*.

—*Ester*. Na origem, nome de uma sobrinha de Mardoqueu (*Mardochaeus*), Hebreu, e esposa de um rei da Persia. Diz Gesenius (*apud* De Vit, s. v.) que *Esther* significa «estrela» em persico, e que d'aí talvez viesse o gr. ἀστήρ; mas Boissac, *Dicton. de etim. grega*, põe em dúvida.

—*Gilberto*. Origem germanica: *Gisilbert* (Förstemann), al. mod. *Gilbert*; fr. mediev. *Gislebert*, *Gilebert*, nas *Chansons de geste*, fr. mod. *Gilbert*. Acêrca do primeiro elemento da palavra vid. Förstemann, col. 647; o segundo elemento é *bairths* «brilhante», que já vimos em B, § 4 (s. v. *Alberto*), p. 63.

— *Gustavo*. De origem sueca: «bastão de combate» (Tetzner). Em al. *Gustav*, em fr. *Gustave*.

— *Hélio*. De *Helius*, cognome romano = ἥλιος, «o sol», nome comum e nome divino, depois nome de santo. No fem. *Helia*, também nome de santa.

— *Heliodoro*. Do cognome *Heliodōrus*, de origem grega: «dom de Helios (o Sol)»: vid. o vocabulo precedente.

— *Herculano*. De *Herculanus*, cognome, provavelmente, não derivado de *Hercules*, mas no sentido de habitante de *Herculanum*, cidade da Campania.

— *Hermano*. De origem germanica: al. *Hermann* = Her-mann, á letra «homem do exército», «militar». Lat. medieval *Hermanus*. Também há *Hermana*, não porém como nome de santa.

— *Hermenegildo*. De origem germanica: *Hermen-gilt*, rei visigodo da Hispania (sec. vi) e santo: de *ermans* «forte», que já vimos, e *gild*, que em anglo-saxão significa «sacrifício» (Uhlenbeck): pôde pois a palavra traduzir-se por «o que oferece grande sacrifício»; contudo vid. o que acêrca de *-gild* diz Schönfeld, s. v. «Alagildus». *Hermingild* tem grande representação em textos medievais (Förstemann). Apesar d'esta estirpe medieval, a nossa palavra para nós é moderna, porque os nossos textos dos secs. ix, xi, etc., têm *Ermegildus*, *Ermigildo*. Entrou pelo latim dos agiologios: *Hermenegildus*.

— *Hipolito*: cognome latino de origem grega: na lingua comum ἵππολυτος «que solta o cavalo ou os cavalos».

— *Humberto*. Origem germanica. Fórmãs germanicas antigas: *Hunbert*, *Hunibreth*, *Unbrect*, *Hunpraht*, etc., em Förstemann, col. 931. O elemento *huni-* (cf. germ. septentr. *húnn* «urso novo») parece significar «fôrça»: Schönfeld, p. 143. Acêrca do segundo elemento vid. supra, B, § 4 (*Alberto*), p. 63. A palavra significaria pois: «brilhante pela fôrça».

— *Irene*. Vid. A, 14, *a* (*Eiria*), p. 46.

— *Ismael*. Origem hebraica: «Deus ouviu».

— *Jaime*. Cf. A, § 4, *in fine*, p. 38.

— *Judith*. Origem hebraica. Entre outras significações «Judia».

— *Justino*, *Justina*. Na origem cognomes romanos: *Justinus*, *Justina*, derivados de *Justus* (fem. *Justa*), também cognome.

— *Lião*. Na origem cognome romano: *Leo*.

— *Luciano*. Na origem cognome romano: *Lucianus*, derivado do prenome *Lucius*.

— *Lucina*. Feminino de *Lucino*, na origem cognome romano.

Na lingua comum *lucinus*, relacionado com *lux*; como nome proprio *Lucina* (deusa da luz).

—*Malaquias* ou *Malachias*. Origem hebraica: «mensageiro de Jehovah».

—*Mário*. Na origem nome gentilicio (e cognome) romano. A seu respeito vid. Schulze, p. 360.

—*Nabor*. Este nome (*Nabor*, -*öris*), que é de um martir que morreu cêrca do ano de 300, e parece de origem punica (De Vit), vem no *Martyrologio*, a p. 127. No *Auto da Feira*, de Gil Vicente, uma das figuras ou personagens chama-se assim.

—*Narciso*. Cognome romano (*Narcisus*, *Narcissus*), de procedencia grega. Na origem nome de planta.

—*Norberto*. Lat. ecclesiastico: *Norbertus* (*Sanctus*). Origem germanica: al. *Norbert*. Fórmãs germanicas antigas: *Norpert*, *Norprecht*, etc.: Förstemann, col. 1168. O primeiro elemento será *Nord* ou *Nort* (alto-al. ant.); do segundo falou-se em B, § 4 (*Alberto*), p. 63.

—*Octavio*. Gentilicio romano, derivado de *Octavus*, cognome ou prenome, que na origem deve ter significado «o oitavo filho»; cf. os prenomes ou cognomes *Primus*, *Secundus*, *Tertius*, *Quartus*, *Quintus*, *Sextus*, *Septimus*, *Decimus*.

—*Oto*. Do al. *Otto*, fôrma hipocoristica de nomes começados por *Ot-*, ou *Od-*. Latinização medieval: *Otto* (ou *Otho*), -*onis*, d'onde veio *Otão* ou *Othão*. Acêrca do tema vid. Förstemann, col. 1182, e Kleinpaul, pp. 46-47 (*od* «propriedade»; de *all-od*, propriedade inteira, isto é, independente e livre, veio *allodial*).

—*Raul*. Do fr. *Raoul*, que provém de *Radulfus*, latinização do germ. **Rathnulf*: vid. Kalbow, pp. 19 e 41.

—*Renato*. Cognome romano: *Renatus*. Devia ser muito querido dos Cristãos, por causa da ideia nele contida (renascimento pelo bñtismo). De *Renatus* veio o fr. *René*, e, como creio, *Renado* em português antigo: cf. nas *Inquisitiones* de 1258, p. 212, col. 2.^a: «casale quod vocatur de Renados», isto é, na origem: da familia dos *Renados*. A fôrma *Renato* veio-nos do italiano.

—*Rodolfo*. De *Rudolphus* (*Sanctus*) = *Rodulfus* (*Rodulphus*), latinização medieval do germ. *Rodvulf*, al. mod. *Rodulf*. O elemento -*vulf* já o conhecemos de A, § 3, d, p. 32; quanto ao primeiro, vid. Schönfeld, p. 193.

—*Santiago* = *S. Tiago* = *Sant'Iago*, d'onde tambem se fez *Tiago*: vid. *Opusc.*, III, 54. Cf. *Jacob*, *Jacome* e *Jaime*. Noutras linguas romanicas ha muitos exemplos de deglutinação analogos

a este: *S. Teignan* = Saint'Aignan, in *Mélusine*, II, 74; Saint'Antême = Saint'Eume, *ib.*, *ib.*, 113; *San Japian Alizzi*, em siciliano, por *Saint Jacques de Galice*, *ib.*, III, 71. D'este fenomeno em francês e provençal tratou em 1905 J. Schätzer, pp. 26-27 e 69-74: *Saint-Chavit* = S. Avitus (o *Ch*- resulta do *ct* de *sanctus*), etc.

— *Sergio*. Na origem *nomen gentilicium*.

— *Teodemiro*. De *Theudemirus*, latinização medieval de um nome germanico que significa «famoso no ou pelo povo». Quanto ao primeiro elemento vid. A, § 3, e (*Theodanus*), p. 34; quanto ao segundo, vid. A, § 2.º, c (*Trastemirus*), p. 30, e cf. Schönfeld, p. 231.

— *Tito*. Prenome romano, de origem sabina.

— *Vergilio*. Nome gentilicio (*Vergilius*). Acêrca de se dever escrever *Verg*-, e não *Virg*-, vid. *Liç. de Filol.*, 2.ª ed., p. 441.

— *Victor*. Cognome romano, tirado do substantivo comum *victor* «vencedor».

— *Zeferino*. De origem grega: *Opusc.*, III, 135. Derivado de *Zefiro*, nome de um vento (o do Oeste, que nós chamamos *Soão*).

Podemos a estes acrescentar mais 11, também do *Anuario da Universidade*, os quais não encontro no Calendario, mas se ligam com santos ou com ideias religiosas:

— *Adelino*, derivado de *Adelio*, masc. de *Adelia*, nome de uma santa. Ou masc. de *Adelina*. Origem germanica: *adel* (C, § 1, p. 71).

— *Albertino*, derivado de *Alberto*: vid. B, § 4, p. 63.

— *Avelino*, epíteto de um dos santos de nome *André* (sec. XVII), e cf. *Opusc.*, III, 83.

— *Celeste*, que, conquanto fôsse epíteto e nome de uma divindade pagã (cf. *Relig. da Lusit.*, III, 356), se empregou com significação muito cristã. Cf. *Celestina*, e *Celestino*, nomes de santos (supra, C, § 1, p. 72).

— *Cristiano*: vid. B, § 3, p. 60.

— *Duarte*, variante de *Eduardo*, já citado: vid. B, § 2.º, p. 59.

— *Esmeralda*, fem. de *Esmaragdo* (*Esmeraldo*), de *Smaragdus*, cognome romano e nome de um santo, tirado do nome de uma pedra preciosa.

— *Guilhermino*, derivado de *Guilherme*: vid. A, § 14, b, p. 50.

— *Herminia*, fem. de *Herminio* (gentilicio romano).

— *Josefina*, derivado de *Josefa*, que por sua vez é o fem. de *Josefo*, *José* (cf. B, § 3, p. 61). Ou fem. de *Josefino*.

— *Libanio*, masc. de *Libania*, derivado do cognome romano *Libanus*. É nome grego, provindo de *Libano*, montanha da

Síria, ou de *λίβανος*, «arvore que dá incenso», «incenso». O fem. *Libania* é nome de uma santa.

E ainda:

—*Rui* ou *Ruy*, fôrma hipocoristica de *Rodrigo*: vid. A, § 14, b, p. 51; e cf. Liv. II.

Mostram-nos estas listas a grande influencia da religião, pois os nomes cristãos são nelas os predominantes.

Alguns dos 154 (= 142 + 11 + 1) nomes que ficam transcritos repetem-se muito no *Anuario*. Os que apparecem mais vezes, acima de dez, são os seguintes (ao todo vinte): *Alberto* 16 vezes, *Alfredo* 14, *Alvaro* 15, *Antonio* 89, *Armando* 11, *Artur* 10, *Augusto* 15, *Carlos* 29, *Eduardo* 14, *Fernando* 17, *Francisco* 51, *Henrique* 10, *João* 61, *Joaquim* 41, *José* 120, *Luis* 28, *Manuel* 54, *Maria* 24, *Mario* 25, *Raul* 16.

Nos vinte nomes que ficam especificados têm claramente a primazia como masculinos: *Antonio*, *Francisco*, *João*, *Joaquim*, *José*, *Manuel*; como femininos: *Maria*. Isto combina com a observação quotidiana, que todos podemos fazer. Deve acrescentar-se que ha nomes de mulher muito correntes, que não apparecem no *Anuario*, a saber: *Ana* e *Rosa*, que foram substituidos por outros que se afiguraram menos corriqueiros, e por isso mais agradaveis ao ouvido.

Da razão da preferencia falar-se-ha adiante, cap. II.

Já acima vimos a antiguidade de quasi todos estes nomes. Outros datarão porém de tempos não mui remotos, porque a preferencia dos nomes varia com os seculos. Nas cantigas populares ha allusão bastas vezes a nomes de pessoas, e são na realidade os referidos os mais cantados, por exemplo:

—Manuel é bonito nome,
Quem foi a tua madrinha?
—Ou foi a Nossa Senhora.
Ou foi alguma rainha¹.

Antonio me deu um cravo,
Manuel um anel d'oiro:
Vale mais cravo d'Antonio
Que o anel d'aquelle doido!²

Antonio, lindo Antonio,
Antonio, lindo rapaz,
Queres que te chamem feio...
Bonito sempre serás!³

Ó José, ó Joaquim,
Ó Francisco, ó João,
Qualquer d'estes quatro nomes
Cativa o meu coração⁴.

¹ Tolosa.

² Baião.

³ Bragança.

⁴ Avis.

O meu amor é José,
Sobrenome não o digo:
Não quero que todos saibam
Onde eu tenho o meu sentido!¹

O meu amor é João,
João lhe hei de chamar:
Por causa de ti, João,
Pai e mãe hei de deixar².

Maria, minha Maria,
Meu rosario, meu botão,
Meu oratorio de vidro.
Onde eu faço oração³.

Maria, minha Maria,
Maria, só uma vez:
Vale mais uma Maria
Do que as Anas todas tres⁴.

Ó Ana, tres vezes, Ana,
Ó Ana feita de cera:
Quem me dera ser a vela!
Que eu no teu peito ardêra ...⁵

Ó Rosa, quando morreres,
Em que bas de ir amortalhada?
Na folha da mesma rosa,
Na que for mais encarnada⁶.

Ó Rosa, se tu és rosa,
Não ponhas o pé na areia,
Qu'eu inda tenho dinheiro
Para sapato e meia⁷.

Ó Rosa, já hoje em dia
Quem mais faz, menos merece:
A terra é que nos cria,
Só Deus do Ceu nos conhece⁸.

2. Nomes tirados da Biblia:

Ha nomes biblicos que passaram para o Calendario cristão, como:

Elias, Ismael, José, Maria, Samuel, Serafim, que figuram no *Anuario*, e portanto ficaram já transcritos e estudados no para-

¹ Cadaval.

² Barroso: vid. B. Barreiros in *RL*, xviii, 276, n.º 410.

³ *Poesia amorosa do povo port.*, p. 94. — O nome de *Maria*, de tão vulgar que é, até se torna quasi sinonimo de «mulher». Quando se diz *os Manueis e as Marias* entende-se «os namorados». *Ha mais Marias na terra* significa que a pessoa ou a coisa de que se trata não é unica. *Maria vai com as outras*, isto é, tal individuo imita o que outros fazem. Cf. Liv. II.

⁴ Chaves.

⁵ Melgaço.

⁶ Marta & Pinto, *Folclore da Figueira*, I, 81, n.º 275. Os autores imprimiram *rosa* como se fôsse nome de flor, mas eu creio que é *Rosa*, nome de mulher, e que houve trocadilho entre este e aquele, como na cantiga seguinte.

⁷ Cebolais (Castelo Branco).

⁸ Murteira (Tomar).

grafo anterior; mas ha outros, que parece se tomaram directamente da Escritura Sagrada, como: *Abel* (vid. B, 7, p. 68), *Sara* (significa «princesa»), *Saul* (significa «desejado», «alcançado por orações»), para não falar de *Isaac*, que, apesar de ser nome de santo (significa «ele ri»), creio pertence a um aluno de familia hebraica, e por isso teria cabimento noutro lugar d'esta obra, isto é, no Liv. II.

3. Nomes tirados da Historia propriamente dita, da Lenda, da Mitologia:

— *Americo*, por causa de Americo Vespuccio.

— *Amilcar* ou Hamilcar, Cartaginês (significa: «dadia de Milcar ou Melcart», deus fenicio).

— *Anibal* ou Hanibal, Cartaginês (significa: «dadia de Baal», deus fenicio).

— *Artemisia*, nome da viuva de Mausólo (rei de Cária), a cuja memoria ela ergueu soberbo monumento que deu origem á palavra *mausoleu*. *Artemisia* tornou-se tambem cognome romano. Na origem nome de planta, consagrada á deusa Ἄρτεμις.

— *Artur*, rei dos Bretões, muito celebrado na literatura medieval: vid. B, § 1, p. 58.

— *Atilio*, nome de um consul romano (Marco Atilio Regulo), muito conhecido pelo seu heroismo na guerra com Cartago.

— *Aurora*. Na origem nome da deusa romana da manhã.

— *Cesar*, cognome usado na *gens Julia*. Acêrca de várias explicações d'ele vid. De Vit, s. v., e *Nomina propria Latina*, s. v.

— *Euclides*, de Εὐκλείδης, nome patronimico de Εὐκλῆς = εὐκλετής «ilustre». Por isso em Pape-Benseler dá-se a *Euclides* elegantemente, por aproximação, o sentido germanico de *Roderichs* (genetivo), de acôrdo com a significação das duas palavras que formam esta: vid. supra, p. 30.

— *Homero* (grego).

— *Horacio*, poeta romano (a respeito do etimo vid. Schulze, pp. 356 e 483).

— *Idalino*. De *Idalio*, nome de homem; cf. *Idalia*, nome de mulher. Do adjectivo geografico greco-latino *Idalius*, correspondente a *Idalia*, nome de uma cidade da ilha de Chipre onde havia um templo de Venus, pelo que os nossos poetas dizem freqüentemente *Venus Idalia*. Nos *Lusiadas*, ix, 25: *Idalios montes*.

— *Licio*, ou Lycio: de Apolo *Lycio*.

— *Numa*, nome do 2.º rei de Roma.

— *Oscar*, nome de reis da Suécia e Noruega. Talvez de *Osk*, por *Oski*, sobrenome do deus Odin (Kleinpaul, p. 28; Schade, I, 668, e II, 1212, s. v. «wunsc»). Cf. porém Koch nas *Mittheilung. der Ver. f. sächsische Volksk.*, VI, 77.

— *Palmira*. Do nome de uma cidade da Síria, muito familiar ao público por causa das *Ruínas de Palmyre*, de Volney.

— *Sertorio* (romano), muito conhecido na nossa história antiga (cf. *Relig. da Lusit.*, III, 135-142), e tornado lendário em Évora (*ib.*, *ib.*, p. 161, nota). De origem etrusca: Schulze, p. 230.

— *Valdemar*, nome de reis da Dinamarca. De Valde-mar: cf. got. *waldan*, «governar», e *-mar*, supra, p. 33.

— *Viriato* (herói lusitano: vid. *Relig. da Lusit.*, II, 63).

— *Zola*, apelido de um conhecido romancista francês. Na origem nome geográfico italiano.

Com *Aurora* e *Idalia* cf. *Diana* e *Flora*, outros nomes de deusas, tornados nomes de mulher, e usados entre nós, embora não venham no *Anuario*. Tanto nas inscrições das Catacumbas, como na literatura cristã dos primeiros três séculos, os nomes dos cristãos não diferiam dos dos pagãos, ainda quando estes provinham de nomes divinos: *Hermes*, *Phebo*, etc.: vid. *The Catholic Encyclopedia*, x, 674. Por isso aparecem no Calendário nomes como *S. Apolo*, *S. Baco*, *S. Héracles*, *S. Mercurio*, *S. Saturno*, *S. Tirso* (*Thyrsus*). Cf. supra, A, § 1, a (obs.), p. 20.

A respeito de *Branca*, vid. A, § 14, p. 48.

4. Nomes tirados da Literatura:

Da tradição medieval provém: *Aires*, *Guterre*. Vid. supra.

Conquanto *Alda* seja nome de uma santa (vid. A, § 14, b, p. 47), talvez no uso d'ele influísse a literatura medieval, pois nas *Chansons de geste* ha *Alde* e *Aude*: e já *Alda* figura em textos nossos do sec. xv. *Raul*, em fr. *Raoul* e *Raol* (vid. C, I, p. 75) e bem assim *Artur* (vid. B, § 1, p. 58) estarão no mesmo caso.

— *Eurico* provém do nome do protagonista de um muito apreciado romance de Herculano: origem germanica (*Ewericus*, *Evarix* = got. **Aiwareiks*: Schönfeld, pp. 83-84; Förstemann, s. v. «aiva», col. 49).—Se tivessem de se fazer aqui adições ao *Anuario*, mencionar-se-ia paralelamente *Hermengarda*, tirado do nome da amada de Eurico: origem do mesmo modo germanica (vid. Förstemann, col. 478: *Ermingarda*, *Yrmingarda*).—Outras adições se podiam fazer, por exemplo: *Lereno*, vindo do sec. XVII,

pois foi F. Rodrigues Lobo que o adoptou em muitas das suas poesias, para velar a propria personalidade¹; cf. no seculo seguinte *Viola de Lereno*, do P.^o Domingós Caldas Barbosa, † 1800.

5. Nomes de procedencia vária, além de *Adelino* (vid. supra, p. 76), *Adriana* (p. 63), *Albertina* (p. 63):

—*Aleu*. O *Ementario* dá este nome como antigo, sem mais indicação. Do gr. Ἀλεύς, -ῶ.

—*Armando* e *Arminda*, um e outro bastante em uso. Talvez *Armando* tirado de *Arminio*, como *Alcindo* de *Alcino*: cf. *Opusc.*, III, 55–57. *Arminio* (*Arminius*) é o nome de um rei dos Queruscos (*Cherusci*), povo germanico. Também na historia romana ha a gens *Arminia* (= *Armenia*). Cf. Schönfeld, p. 29. Por outro lado temos *Arminius* como latinização de *Harmensen*, nome de um protestante holandês que fundou a seita religiosa dos *Arminios* (1560–1609): vid. o *Hand-Lexikon* de Meyer, s. v. «*Arminius*».

—*Berto*: vid. B, § 4 (*Alberto*), p. 63.

—*Deolinda*, de origem germanica: «serpente adorada pelo povo»: vid. *Opusc.*, III, 56.

—*Esmeria*, que podia ser o grego σμυρία, σμερία, nome de uma planta, mencionada por Pape, *Dic. gr.-al.* (apesar de Alexandre dar este nome como duvidoso, e Bailly o não trazer). Cf. *Ismerico*, que vem no *Ementario*.

—*Isaura*. Na origem nome gentilicio: *Isaurus*, -a, -um, de *Isauri*, -orum, povo antigo da Asia-Menor.

—*Seomara*. Nome para mim de origem obscura. Cf. porém *Siurama*, nome indico que vem também no *Anuario*, p. 259.

A este paragrafo pertencem alguns dos nomes que se mencionarão no cap. II, secção E, p. 89 sgs. (nomes excentricos).

¹ Lobo nasceu em *Leiria*, outr'ora *Leirea* e *Leirena*. Era tentador explicar *Lereno* por *Leirena* (cf. *Mirandelo*, habitante de *Mirandela*), mas conhecia Lobo esta fôrma do nome da sua terra? Por isso pôde pensar-se que criou *Lereno*, unindo no masculino letras de *Leiria* e de *Lena*, nome de um dos patrios rios que ele canta. Nos secs. XVI e XVII formaram-se assim muitos nomes poeticos: vid. Liv. II. Ou, o mais provavel, criaria Lobo o seu nome, juntando o sufixo -eno a *Leirea* (que vem em G. Vicente, III, 376)? Cf. *Nazareno*, etc., e *Laureno* na egloga 14.^a de Camões. Bluteau, *Nomes*, p. 35, explica sem motivo *Lereno* por *Lourenço*.

CAPITULO II

Razão da escolha do nome proprio

Para a escolha do nome proprio atende-se ás razões que se enumeram adiante.—Deve notar-se que os nomes de que se vai falar não são tomados do *Anuario da Universidade*, como os que ficam mencionados na secção C do capítulo antecedente; provêm de várias fontes.

A.—RAZÃO RELIGIOSA (NASCIMENTO E BÂTISMO)

A Igreja empenhou-se sempre, desde os primeiros tempos, em que os seus fiéis tivessem nomes de santos: cf. Martigny, p. 452, § 6; Dufaut, pp. 186 e 329; Bluteau, *Nomes*, pp. 2-3. Já se aludiu ao caso, supra, a proposito das inscrições cristiano-medievais. Diz Goes a respeito do rei D. Manuel que «por ho dia em que nasceo (31-vi-1469) ser da inuocação do venerabile Sacramento, lhe poserão nome *Emanuel*, ho qual nome he hum dos grandes do senhor Deos cuja festa se çelebraua naquelle dia»: *Chronica* (1566), pt. 1, cap. 4.º, ed. de Coimbra, 1926, p. 11. Reportando-se ao *Ritual* de Paulo V (1614), que aconselha, *De baptismo*, se escolham quanto possivel nomes santificados, estatuiram peremptoriamente, por exemplo, as *Constituições* do bispado do Porto, impressas em 1690, liv. 1, tit. 3, const. 5.ª (introdução), p. 26, que o paroco que batizasse crianças não consentisse lhes fôsem impostos nomes de outra especie.

Por tudo isto, o povo tem muito o costume de mandar ver na folhinha qual a invocação religiosa ou o nome do santo ou santa do dia em que nasceu uma criança, e assim lhe dá esse nome, convindo o sexo, ou mudando a terminação: pondo-se-lhe o nome do santo ou santa, dizem as mulheres que ela é mais fortunosa; não se lhe pondo, póde acontecer tolher-se-lhe a sorte. Sei de varios individuos que têm nomes assim motivados, por exemplo: de um *José*, que nasceu em dia de S. José: de um *Felipe*, que nasceu em dia de S. Felipe Benicio; de uma *Natalia*, que nasceu em noite de Natal; de uma *Caetana*, que nasceu em dia de S. Caetano. O mesmo acontece com o dia de baptismo: sei de um *João* e de uma *Alexandrina*, assim chamados, por

terem nascido respectivamente em dia de S. João Baptista e de S. Alexandre. — Ha inumeros exemplos de um e de outro caso. Cf. supra, C, §§ 1 e 2 (nomes proprios, tirados do Calendario e da Biblia), e adiante secção B (nomes devidos a devoção particular).

Hirzel cita já tambem exemplos gregos e romanos de nomes relacionados com o momento ou epoca do nascimento: *Μεσονύκτιος* (nascido á meia-noite), *Quinquatralis* (nascido por ocasião da festa chamada *quinquatres*, *quinquatria* ou *quinquatrus*): pp. 38, nota 2, e 42. Uma inscrição dos primeiros tempos do Cristianismo, transcrita por Marucchi, diz claramente: *Natus puer nomine Pascasius dies pascalis prid. non. Apriles die Jobis*: vid. *Epigraphia christiana*, Milão 1910, p. 104. Outro nome cristão antigo é *Sabbatus* (de *sabbatum*): em Marucchi, *ob. cit.*, p. 147. Assim se explica o nome proprio *Januario*, originariamente de Ianuarius (Janeiro), como se disse supra, p. 67. Na nossa idade-média *Abril* tem analogia explicação, pelo menos na primitiva: D. *Abril Pirez*, nos livros de *Linhagens*, pp. 144 e 162 (trovador, neto de D. Afonso Henriques: vid. D. Carolina Michaëlis, *Canc. da Ajuda*, II, 298). No distrito de Viana do Castelo ha um lugar chamado *Sabadim*, que faz pressupor o genetivo medieval **Sabbatini* (sc. *villa*), de **Sabbatinus*, derivado de *Sabbatus*.

Em nações modernas temos: *Jesus*, em hespanhol, por a pessoa ter nascido no 1.º do ano; *Montag*, *Sonnabend*, em alemão, isto é, «Segunda feira», «Sabado»; *Pentecost* em inglês, *Noël*, em francês: vid. Hirzel, pp. 40 (nota 2), 39, 41–43. E até acontecem cousas semelhantes em povos selvagens. Nos Indios de Guatemala a criança recebe o nome da divindade a quem o dia é consagrado: R. Andree; «Personennamen» in *Ethnogr. Paralell.*, t. 1, p. 167.

B.—DEVOÇÃO PARTICULAR

Ha nomes nascidos de devoção religiosa particular, independente da que resulta do dia do santo ou do baptismo. Tomemos, por exemplo, os nomes primaciaes de que se falou a p. 77, isto é: *Antonio*, *Francisco*, *João*, *Joaquim*, *José*, *Manuel*, *Ana*, *Maria*, e *Rosa*, e examinemo-los de perto. *Antonio* é o nome de um santo português (sec. XII–XIII), muito querido do povo (cf. supra, p. 77), que, de certo por influencia da Igreja, transferiu para o seu dia parte das festas pagãs do solsticio do verão; *Francisco* representa S. Francisco de Assis (tambem sec. XII–XIII), que teve larga tradição de humildade, mantida pelas ordens franciscanas, que estavam sempre

em contacto com as classes plebeias¹; *João*, tanto por causa de S. João Evangelista, o discípulo amado, como, e principalmente, por causa de S. João Batista, precursor de Cristo, tem tanta voga no povo como Santo Antonio, com quem comparticipa das festas solsticiais; *Ana*, *Joaquim* e *José* são denominações de personagens pertencentes á familia sagrada; *Manuel* significa para o povo o mesmo que Cristo, como vimos a p. 82 (Goes) e como até o diz uma cantiga popular:

S. João Evangelista,	}	Bâtizou nosso Senhor,
Filho de Santa Isabel,	}	Pôs-l'o nome <i>Manuel</i> ,

cantiga que ouvi em Baião. O povo mudou Batista em *Evangelista* para acertar o verso! Quanto a *Maria*, que figura ha mais bela e mais venerada, em todo o orbe cristão, que a mãe do fundador do Cristianismo? Um simbolo seu é a *rosa*, sinonimo de pureza e de formosura, e a flor ficou tambem ambicionado nome de mulher: *Rosa*. A proposito d'este último nome pode aqui citar-se o lindo trabalho de D. Cecilia Schmidt Branco, *A rosa na vida dos povos*, pp. 96-97 (na *Biblioteca de las trad. pop.*, t. VIII). Adiante veremos outros nomes de mulher tirados dos de flores.

Consta-me que no lugar da Folgarosa (concelho de Tôrres Vedras), perto do santuario de Santa Quiteria de Meca (concelho de Alenquer), ha muitas mulheres com o nome de *Quiteria*, por devoção com a santa, que é advogada da *raiva*. Os exemplos podiam multiplicar-se: *Teresa de Jesus de tal*, por devoção com Santa Teresa de Jesus, etc.

Sendo os Portugueses, como são, povo catolico, ninguem se admirará de que eles vão muitas vezes á religião escolher nomes. Cf. tambem, supra, p. 71 sgs. Ou á secção antecedente ou a esta pertencem já os nomes medievais que mencionei no cap. I, secção A, § 1. Nisto ha concordancia com o que se passa noutros povos, cada um, já se vê, na esfera das respectivas crenças.

Colebrook menciona muitos exemplos de povos antigos e modernos em que a nomes pessoais se ligam ideias religiosas: *Ha-*

¹ S. Francisco, como é sabido, subdividiu a sua ordem em tres: de frades menores, ou franciscanos propriamente ditos; de claristas (fundada por Santa Clara, filha espiritual de S. Francisco); ordem 3.^a, para leigos. Vid. *Nouveau Dictionnaire historique*, III (1789), p. 719.

milcar «dádiva de Milcar», ou Melcart, nos Cartagineses; *Khudad* «dádiva de Deus», nos Persas, para só citar dois: vid. *Ma-hammedan proper names* (p. 214). *Camulógenus*, nome celtico de homem, significa «filho do deus Camulos»: vid. D'Arbois de Jubainville, *Propriété foncière*, p. 355.

Os Gregos, nas epochas mais remotas da sua historia, não se serviam de nomes de deuses, por escrupulo ou temor; mas, de certa epocha em diante, apparecem nomes de pessoas, como Ἄρτεμις, Θέμις, Ἀσπλάπιος: vid. Fick, p. 304; cf. tambem Ἀπολλώνιος em Schulze, p. 464. D'este último nome nos veio, por intermedio da Igreja, como já se disse, *Apolonio* (e *Polonio*), no fem. *Apolonia*. Tambem são de remota origem grega: *Isidoro*, *Doroteia* ou *Dorothea*, de que igualmente já se falou acima, e outros em que entra o elemento *-doro* e *-dora*. Nos Romanos encontramos, por exemplo, *Marcus*, derivado de *Mars*, *Saturninus*, posto sob a protecção de Saturno: vid. Schulze, pp. 464 e 467. Todos estes nomes são apotropaicos, e costumam chamar-se *nomes teóforos* (theophoros). Nos Hebreus, entre outros muitos que já vimos, *Zacarias* significa «Deus lembrou-se». Nos Muçulmanos «on donne pour noms de circoncision ceux de saints personnages de la Bible mentionnés dans le *Coran*, et ceux de *Mahomet*, des membres de sa famille et de ses compagnons»: vid. Garcin de Tassy, *Mémoire sur les noms propres et les titres musulmans*, Paris 1854, p. 17.

A idade-média cristã tinha nomes como *Donna Pasca*, na Hespanha, sec. XII, *Doña Romera* (alusão a romarias), *ibidem*, sec. XIII: Godoy, pp. 150–157.—Relativamente á Alemanha moderna, diz Bähnsch, pp. 104–105, que se emprega mais vezes o nome de *Maria* do que os das outras santas mulheres, e que até é usado por homens: Johann *Maria* Farina, Karl *Maria* von Weber; talvez por haver muitos dias consagrados á Virgem. Mais raro: Graf Karl *Ana* von Oppersdorff (Conde de Oppersdorff).

C.—RAZÃO DE FAMILIA OU DE AMIZADE

A par com a religião, de que se falou nas secções precedentes, está a familia como outra razão importantissima na escolha dos nomes proprios.

Dá-se a uma criança o nome do pai ou da mãe, do avô ou da avó, de um parente ou parenta (irmão ou irmã, tio ou tia, etc.), do padrinho ou madrinha, de um amigo ou amiga, de um protector ou protectora. Tambem um nome proprio póde ter a sua

razão de existencia no nome de um parente do padrinho ou madrinha; ou no sobrenome do pai ou de outro antepassado ou parente. Perpetua-se assim uma ideia familiar, ou um sentimento de affecto.

Vão dar-se exemplos, de varios seculos.

Já nos nossos documentos mais remotos os temos: *Adosinda*, filha de *Adosinda*, DC, p. 7, sec. ix; *Menendus Menendiç*, isto é, *Menendo*, filho de *Menendo*, p. 8, do mesmo seculo; *Gundisalbus, filius Gonsalvi*, p. 47, sec. x; *Veremudo Vermuiç*, *ib.*, do mesmo seculo; *Velasco Velasquiç*, p. 114, sec. xi; *Alvaro Alvariç*, p. 120, do mesmo seculo; *Erus*, descendente (neto) de *Erus*, p. 191, do mesmo seculo; *Pedro*, neto de *Pedro*, e *Tructesinda*, neta de *Tructesindo*, pp. 250 e 251, sec. xii; *Fernandus Fernandiç* e *Petrus Petri*, nas *Dissert. Chron.*, I, 265, sec. xiii; *Domingos Dominguiç* e *Martiniç Martiniç*, pp. 295 e 296, sec. xiv; *Johane*, filho de *Joham Vaz*, no *AHP*, v, 21, e *Joham Gomez*, o Moço, filho de outro do mesmo nome, *ib.*, ambos do sec. xv.

De tempos mais recentes: *Antonio*, filho de *Antonio*, *Bartolomeu*, filho de *Bartolomeu*, *Jeronima*, filha de *Jeronima*, sec. xvi, *Registo do Castelo*, pp. 7 a 10; *Isabel*, afilhada de *Isabel*, *Fernando*, filho de Diogo *Fernandes*, *Gaspar*, filho de Manuel *Gaspar*, *Barbora*, afilhada de *Barbora*, *Sebastiana*, filha de *Bastião*, do mesmo seculo, *Registo da Sé*, pp. 24, 27, 33, 276, 289, 291, 294, e d'aí podiam copiar-se muitos outros exemplos. Nos *Commentarios de Albuquerque*, parte IV, cap. 1, diz-se que D. Manuel mandou que o filho do Conquistador adoptasse o nome do pai.

Peiturnilla (*Petronilla*, ou só com um l), afilhada de *Peiturnilla*, no *Registo do Castelo*, já citado, p. 116, sec. xvii. D'este seculo nos dá grande lista o *Inventario dos livros de matricula da casa real*, vol. 1, que abrange documentos que vão de 1641 a 1681: *Filipe*, filho de *Filipe*, p. 1; *Dionisio*, filho de *Dionisio*; *Baltasar*, filho de *Baltasar*, p. 2; etc., etc.

O latinista *Antonio Pereira de Figueiredo*, sec. xviii, era filho de *Antonio Pereira*. Do mesmo seculo temos, por exemplo, nas *Familias faialenses*: *Ana*, filha de *Ana*, pp. 266-267; *Jorge*, filho 2.º de *Jorge*, p. 208; *Rita*, filha 2.ª de *Rita*, p. 252; *Francisco*, filho 2.º de *Francisco*, p. 269; *Antonio*, filho 3.º de *Antonio*, p. 306.

Num documento ms. de 1805: *José*, filho de Florencio *José*; *Joaquim José*, filho de *José Joaquim*. No livro de batismos de Monte-Real, de 1811 a 1816, encontrei em cinquenta assentos vinte e tres nomes de crianças, iguais aos dos padrinhos.

Quanto ao seculo actual, toda a gente conhece tantos exemplos, que não vale a pena insistir nisto. Apenas quero citar dois casos: um individuo das minhas relações, que tem quatro filhos e tres filhas, deu a cada um dos filhos o nome do respectivo padrinho, e a cada uma das filhas o nome da respectiva madrinha; um individuo chamado *Carlos*, cujo pai, avô, bisavô, e trisavô, se chamavam já assim, deu o mesmo nome a um filho, de modo que o nome manteve-se, pelo menos, em seis gerações seguidas.

Noutras nações antigas e modernas encontramos, como é natural, costumes semelhantes. Os Gregos, analogamente aos Semitas, impunham de ordinario a um filho, e em particular ao primogenito, o nome do avô paterno: vid. Salomon Reinach, pp. 503-504; e muitas vezes o nome do pai, o que tambem acontecia nos Romanos: Cagnat, p. 65. Entre estes havia, além d'isso, familias que davam preferencia a certos prenomes, como *Cossus*, na *gens Cornelia*, *Volero*, nos *Publios*: *idem*, p. 43. Da herança dos nomes de pessoas nos Gregos tratou Runes em *Wörter u. Sachen*, 1925, 170-178. Em tempos modernos, só as casas reais ministram inumeros exemplos! Afonso XIII de Hespanha, filho de Afonso XII; Felipe IV, filho de Felipe III, e este de Felipe II; Carlos VII de França, filho de Carlos VI, e este de Carlos V.

Às vezes a relação dos nomes não é directa, mas só nos elementos morfologicos: sei, por exemplo, de um individuo que se chama *Carlos* porque a madrinha se chama *Carlota*, e sei, inversamente, de uma *Carlota* que é afilhada, e de outra que é filha, de um *Carlos*; tambem sei de um *Alberto*, afilhado de uma *Albertina*, de um *Leopoldo*, afilhado de uma *Leopoldina*, e de uma *Georgette* (forma francesa de *Georgeta*), afilhada de um *Jorge*.

Alguns exemplos de fóra. M.-L., *Einführung*, tratando de cruzamentos de nomes romanos com germanicos, cita *Jorduinus*, deduzido de *Jord-anes*: vid. o § 255, p. 248, da 3.^a edição. Uma *Flavia Vetilla*, romana, era filha de *Vettia*, e uma *Livilla* era filha de *Livia*: vid. Schulze, p. 238 e nota 4. Não relativamente aos nomes proprios, mas aos cognomes, como aqui, é bem sabido que nos Romanos, nos começos do Imperio, acontecia com frequência reflectir-se no cognome do filho 2.^o o cognome ou o nome gentilicio da mãe, e no do filho 3.^o o cognome do pai: *Primus*, filho 2.^o de *Prima*; *Vespasianus*, filho 2.^o de *Vespasia*; *Priscianus*, filho 3.^o de *Priscus*. A par com esta função, o sufixo *-anus* (*-ianus*) servia na antroponimia para formar o cognome de um filho adoptivo, ou' o de um escravo passado por compra ou herança para um

senhor diferente do que tinha d'antes. Vid. a respeito de tudo isto, Cagnat, pp. 66-67, 72 e 79.

Dão-se sobretudo diferenças morfológicas para corresponderem ás diferenças no sexo: *Fernando*, filho de *Fernanda*; *Josefina*, filha de *Josefino*; *Luisa*, filha de *Luis*. Cf. em lat.: *ubi tu Caius, ego Caia*, fórmula de casamento muito conhecida.

Em *Diogo* Berquó, filho de *Jacques* Bercó, Francês, que se estabeleceu no Faial no sec. xvi, e em *Diogo* de Labat, filho de *Jacques* de Labat, outro Francês ali estabelecido no sec. xvii, exemplos que colho nas *Familias faialenses*, pp. 75 e 283, parece que se quis traduzir *Jacques* por *Diogo*, ainda que a tradução ordinaria é *Tiago*, isto é, *Iago* (cf. Roquette, *Nouveau Dict. port.-fr.*, Paris 1869, p. 1237): cf. *Didacus*, supra, p. 52.

D.—RAZÃO POLITICA

Ninguém ignora que a politica é grande instigadora de actos de toda a natureza: chega a manifestar-se no modo de denominar cousas e pessoas! Conforme a côr do govêrno dominante, em certo momento, ou em certa localidade, assim as ruas deixam de se chamar «A» para se chamarem «B», e o paroco ou o official do registo civil substituem nomes tradicionais por outros que, se ás vezes exprimem aspirações generosas, tambem não raro descambam em extravagancia. Tocou-se o assunto nas *Liç. de Filol.*, 2.^a ed., p. 428; reúnem-se agora mais exemplos:

—*Argentina*, nome de mulher, como preito á Republica Americana assim denominada.

—*Aurora da Liberdade*, nome tambem de mulher (composto, vid. infra), por alusão á Republica Portuguesa.

—*Aurora de Cinco de Outubro*, outro nome de mulher alusivo á Republica Portuguesa, proclamada nesse dia, em 1910.—Sem embargo ha *Aurora* como nome proprio: vid. p. 79.

—*Braamcamp de tal*, nome de homem, dado por um individuo do partido dos progressistas a um filho, como preito a Anselmo Braamcamp, chefe do partido.

—*Liberdade, Igualdade, Fraternidade*, nomes de tres irmãs, como preito á Republica Francesa, que tomou aquelas palavras por lema politico, e as inscreve em todos os edificios publicos, até em prisões!

—*Nova Patria*, nome dado a uma menina no registo civil, como preito tambem á Republica Portuguesa.

—*Outubrina*, nome que um revolucionario do 5 de Outubro (cf. supra) deu a uma filha.

—*Sadi-Carnot de tal*, imposto por um pai ao filho por ocasião do assassinio do Presidente da Republica Francesa d'aquelle nome, em 1894;

—*Sidonia*, nome imposto a uma orfã como preito á memoria de Sidonio Pais, Presidente, que foi, da Republica Portuguesa.

Contou um jornal lisbonense, de 19 de Julho de 1922, que um pai quisera registar um filho com o nome de *Lenine*, mas que o respectivo funcionario o não aceitára. Tão ajuizado procedimento teve depois um paralelo na Suíça, onde tambem, como cá, existem pessoas de animo exaltado. Lê-se no jornal madrileno *El Sol*, de 3 de Novembro de 1926: «El Registro civil de la ciudad de Zurich ha rechazado la petición de un consejero nacional, que queria poner a su hijo el nombre de *Lenin*,—dando por razón que un padre no tiene derecho a afirmar con tal procedimiento sus opiniones políticas, causando a su hijo un perjuicio eventual»¹. Noutro jornal nosso, de 29 de Setembro de 1924, indicam-se os seguintes nomes de pessoas portuguesas, provindos de figuras da Revolução Francesa: numa só familia, *Danton de tal*, *Hoche de tal*, *Marat de tal*, *Mirabeau de tal*, filhos do mesmo pai; em familia diferente, *Robespierre de tal*. Singularissimo nome de batismo, cuja menção tem aqui todo o cabimento, é *Rodasnepervil*, que corresponde, letra por letra, a *livre-pensador*, lido ás avessas. O paroco que batizou a criança desconhecia o intuito do pai d'ela, mas este tambem ignorava que num acto magico-religioso, como o batismo, certas fórmulas ditas ás avessas têm efeito negativo (cf. Wuttke, *Der deutsche Volksaberglaube*, § 505): de modo que o nome da criança, de que se trata, veio, ao contrário do que se desejava, a significar «crente»!—*Rodasnepervil*, quanto á forma, pertence á classe dos anagramas, de que se falará no Liv. II.

E.—NOMES PROVENIENTES DE ARBITRIO, ACASO, SUPERSTIÇÃO,
FANTASIA, MODA, GÔSTO, PATRIOTISMO LOCAL, ETC.

Muitas vezes dá-se a uma criança um nome sem mais razão que arbitrio ou acaso. Uma mulher sympathizava com o nome de *Leonor*, que não era porém o seu, e impô-lo a uma afilhadinha.

¹ Devo a indicação desta noticia ao D.^o Agostinho de Campos.

Disseram a certo prior da Extremadura, na ocasião do batizado de uma menina, que o nome devia ser *Ismenia*: como na pronúncia meridional o *s* antes de *m* soa *j*, o prior entendeu *Geménia* (por *ijménia* ou *jeménia*), e assim se ficou chamando a menina. Um individuo, que conhecia outro, de nome *Amadeu*, que era muito bondoso, deu o mesmo nome a um filho, quasi como sinal de bom agouro, para que este tambem na vida tivesse bondade. Quiseram uns pais dar a um filhinho um nome exquisito, que não existisse, e dos elementos de varios nomes formaram *Clidonio*. Á rubrica de «fantasia» pertencem alguns dos que se citaram acima, cap. 1, secção C, §§ 3 a 5. O mais curioso nome que conheço, devido á fantasia, é *Volta*, dado a uma menina que nasceu depois do falecimento de uma irmã chamada *Ida* (tomou-se *Ida*, que é na origem hipocoristico alemão, pelo substantivo participial *ida*, de *ir*, e imaginou-se *ida e volta*!). Certo professor, de apelido *Silva*, deu a uma filha o nome de *Amora*, para que ficasse um trocado de palavras, *Amora da Silva*, e talvez tambem como lembrança de uma cantiga popular que começa:

Ha *silvas* que dão *amoras*,
Ha outras que as não dão ...

Fonte muito importante de nomes é a moda. Nas *Liç. de Filol.*, 2.^a ed., p. 428, fez-se já referencia a isto, citando-se nomes medievais e do sec. xv, propagados por imitação dos de princezas e de cavaleiros. A esta classe pertencem no nosso tempo *Eurico*, *Hermengarda*, *Natercia*, e outros citados acima. Têm por vezes a mesma origem os nomes em *-indo* (*-inda*), como *Adelinda*, *Adosinda*, *Engracinda*, de que se fala nos *Opusc.*, III, 55-57. Ha sempre grande gôsto de novidades, sobretudo em certas pessoas ou sociedades, ou por infantilidade de espirito, ou porque pertendem afastar-se de outras mais populares, que seguem a tradição. Deixaram-se de parte *Ana*, *João*, *José*, *Maria*, *Rosa*, que já pareciam cheirar a môfo, e adoptaram-se muitos de aparente suavidade e graça, como os seguintes, de cujo uso tenho conhecimento directo ou indirecto:

— *Bertilia*. Nome germanico, em Förstemann, col. 283, derivado de **Bertila*, tambem germanico, *ibidem*. Provavelmente na origem era **Bértilo*, com o sufixo fem. *-ilo*, depois adaptado aos nomes femininos em *-a*. A par ha *Bertilda* e *Bertilde* no *Ementario*. De *Berta* se falou a p. 63; e de *-hild-* a p. 34.

— *Comba*. Nome de santa, tirado, como cognome, do substantivo *columba* «pomba». Num manuscrito particular do sec. xvi encontrei *D. Comba*, como falecida em 1305.

— *Cora*. Nome próprio grego, tirado de *κόρη* «menina».

— *Crisântema*. Sei de uma pessoa em Lisboa assim chamada. Do masculino é que não conheço exemplo, embora fosse *crisântemo*, do gr. *χρυσάνθεμον* (neutro), á letra «flor de ouro», que dêsse motivo á denominação.

— *Domitila*. Cognome romano e nome de uma santa; diminutivo de *Domitia*, nome gentílico (cf. cap. 1, p. 25).

— *Donatila*. Do lat. *Donatilla*, diminutivo de *Donata*, cognome usual (vid. cap. 1, p. 25). Do sufixo *-illa* em nomes próprios latinos falam Mowat, p. 48, e Schulze, p. 238. Na lingua comum havia tambem, entre outros, *anguilla* (fôrma paralela *anguila*, d'onde veio «enguia»), *buccilla* (bocadinho, que cabe na «bôca», *bucca*; variantes: *buccella*, etc.), *pupilla* (orfã, menina do ôlho, de *pupa* «menina»).

— *Eglantina*. Do francês *Églantine*, que não é mais que o nome comum que significa flor do *églantier* (roseira brava). Acode mui espontaneamente ao espirito comparar a delicadeza da mulher com a de uma flor; ha pouco vimos *Crisântema*, tirado de crisântemo, mais acima, p. 84, *Rosa*, e adiante veremos outros. Os Gregos e os Orientais, como povos de seu natural dados á poesia, costumavam formar com freqüencia nomes d'esta especie, tirados de produtos mimosos da Natureza. Vid. o que escrevi no *Bolet. da 2.ª Cl. da Acad. das Sc.*, XIII, 1063—1064.

— *Fedro*. Cognome bem conhecido na literatura romana (*Phaedrus*), e tambem nome grego: de *φαῖδρος* «brilhante».

— *Georgina*. Nome de uma santa, a que corresponde o masculino *Georgino*, derivado de *Georgius*: vid. cap. 1, p. 59.

— *Gilda*. De origem alemã: fôrma hipocoristica de nomes começados por *Gild* (Tetzner, p. 112): contém a ideia de «valor». Na nossa idade-média, sec. x, ha o masculino *Gildo*, d'onde veio o nome geografico *GILDE*, por **Gildi*; mas *Gilda* foi introduzido modernamente.

— *Helder*. Indicaram-me esta palavra como nome próprio; mas conheço-a mais usualmente como apelido: vid. pt. II.

— *Hilda* ou *Ilda*: vid. cap. 1, secção A, § 3, e, p. 34. Nome de uma santa.

— *Hilka*. Fóra de Portugal, não conheço este nome senão como apelido de um professor alemão.

—*Horizonte*. Nome tirado da lingua comum, e bem estranho!

—*Ivone*, feminino. Nas *Chansons de geste*, p. 365, ha *Ivon* (*Yvon*) e *Ive* (*Yve*), masculinos, e no calendario medieval *S. Ivo*, *-onis* (secs. xi-xii), bispo de Chartres.

—*Jael*. Nome de mulher biblica. Gesenius explica-o por «que trepou» (*ibex*), p. 393.

—*Leonilde* (por *Leonilda*). No masculino *Leonildo*. Cf. *Leonardo* no cap. 1, secção A, § 17, e *-hild-*, *ib.*, § 3, *d.*—A pessoa a quem ouvi este nome chamava-se *Leonilde-Nohemia*. Cf. infra.

—*Lirio*. Nome tirado do reino vegetal: cf. *Violeta*, p. 93.

—*Lucilia*. Nome gentilicio romano.

—*Mabilia*. Talvez deformação de *Mabilda* (assim vem no *Ementario*, e não *Mabilia*), por influencia dos nomes em *-ilia*, como *Bertilía*, *Lucilia*. Explico *Mabilda* por *Maghilda*, cf. em alemão *Maghild*. Quanto ao primeiro elemento cf. o verbo gotico *magan* «poder»; quanto ao segundo vid. cap. 1, p. 34 (*Hilda*). A palavra é paralela a *Matilde*, e tem a mesma significação que ela: *ib.*, § 14, *b.*—Como em germanico ha o elemento *bili*, poderia explicar-se tambem a segunda parte de *Mabilia* por ele; todavia Förstemann, col. 303, diz que *bili* só aparece como elemento inicial de nome, por exemplo, em *Bilidruda*, *Bilihild*, e outras.—Mas cf. *Amabilia* nos Hipocorísticos (Liv. III).

—*Magnolia*. Nome de uma planta. Cf. *Crisântema* e *Eglantina*. A palavra *magnolia* veio-nos de França, e deriva de *Magnol*, nome de um botanico famoso do sec. xvii-xviii: vid. *Dict. génér.*, s. v. «magnolia».

—*Menino*. Creio ser o mesmo que *Menigno*, nome de santo, no *Ementario*. O grupo consonantico *gn*, deu *n*, como em *dino*, de *digno*. Por *Benigno* (cognome romano e nome de santo)?

—*Nestor*. Nome mitologico grego, cognome romano, e nome de santo greco-latino: *Nestor*, *-ōris*, com deslocamento do acento: cf. *Heitor*, no cap. 1, secção A, § 14, *a*, p. 46.

—*Noemia*. Por *Noëmi*, nome da sogra de *Ruth* (Biblia). Do hebraico: «bemquerença de Jehovah».

—*Noticia* (Lisboa). Verdadeira excentricidade! Mas o nome é comparavel, quanto á ideia, a *Angelo*: vid. cap. 1, p. 69.

—*Odilio*. Nome de santo, diz o *Ementario*. Não conheço a palavra de outra fonte literaria; só *Odilo*, *-onis*, nome de um santo do sec. xi, e *Odilia*, nome de santas dos secs. vi e viii, este último tambem cá usado. Origem germanica: nomes que começam por *Od-*: cf. Tetzner, pp. 64 e 126, e Förstemann, col. 1183.

— *Odosia*. Provavelmente está por **Odocea*, fem. de *Odoceo*, que o *Ementario* diz ser nome de santo.

— *Orelia*, talvez por *Aurelia*, feminino (cap. 1, p. 72).

— *Pulsina*. Assim ouvi. Certamente em vez de *Porcina*, nome conhecido do povo por um folheto de literatura de cordel intitulado *Historia da imperatrix Porcina*, attribuido a Baltasar Dias, e impresso, pelo menos, de 1660 para cá (vid. *Dicc. bibliogr.*, 1, 322). Na origem: derivado de *porcus*. Cf. *Porcius*.

— *Toribia* (ou *Turibia*), fem. de *Toribio*, nome de um santo hespanhol, e primeiro bispo de Miranda do Douro (sec. xvi).

— *Violeta*. Outro nome tomado do reino vegetal, como *Crisântema*, *Eglantina*, *Magnolia*, *Rosa*. Cf. fr. *violette*, it. *violetta*, do lat. *viōla*, com a mesma significação. A palavra veio-nos do francês, com outros nomes de flores, e a propria palavra *jardim*.

Nem sempre os casos são avulsos. Ha, por exemplo, em Lisboa uma familia em que seis irmãos se chamam respectivamente:

— *Abila*, talvez por *Abilia*, fem. de *Abilio* (cap. 1, p. 71), se não é o nome do monte *Ab̃yla* (Africa) mal pronunciado.

— *Adelindina*, de *Adelinda*: al. *Adelinde* = **Adel-linde*: cap. 1, secção C, § 1 (*Adelaide*), e § 5 (*Deolinda*). Á letra: «nobre serpente».

— *Anemona*, nome de uma flor (cf. supra).

— *Astreia* ou *Astrêa*, tirado de *Astrea*, nome greco-latino da deusa da justiça.

— *Atinia*, tirado, como creio, do gentilicio latino *Atinia* ou *Atinnia*.

— *Aventino*, cognome romano, tornado nome de santo. A origem deve estar em *mons Aventinus* (Roma).

Alguns d'estes nomes são porém antigos.

Sobressaem naturalmente na lista, a respeito de excentricidade, os nomes femininos, mas tambem ha nomes masculinos bastante singulares!

O Conselheiro Viale, que foi grande helenista, e Professor do Curso Superior de Letras, deu um nome grego a um filho: *Teopisto* = *Θεόπιστος*, «que confia em Deus». Outro professor de Lisboa deu aos filhos não só nomes gregos, mas latinos: *Achilles*, *Ulysses*, *Vergilio*. Já no *AP*, iv, 118, me referi a uma estalajadeira alentejana cujos filhos se chamavam (ignoro porém porque motivo) *Horacio*, *Vergilio*, *Viriato*.

Lá fóra acontecem cousas semelhantes. Um Hespanhol deu aos filhos nomes só começados pela letra «C». No Brasil então

(cf. *Liç. de Filol.*, 2.^a ed., p. 428) o gôsto da excentricidade excede, mais que algures, os limites do Calendario. Apraz-me transcrever para aqui, por muito apropriadas ao meu intento, as seguintes palavras de Agostinho de Campos: «Pondo de parte, como a tesouros esgotados, as antigas fontes dos nomes proprios, os Brasileiros exploram afanosamente o *Velho Testamento*, a historia e a mitologia greco-romanas, a propria nomenclatura geografica; e como nem sempre encontrassem, nesses aliás vastos reservatorios, variedade capaz de os fatar, conferiram a si proprios licença ilimitada para inventarem nomes de homem e de mulher que nunca ninguém previra e nem toda a gente consegue pronunciar. É assim que numa só columna do *Jornal do Comercio* nos foi dado saborear ha tempos um variegado ajuntamento de *Gracos, Demetrios, Eneas, Demostenes, Hercules, Temistocles*; de *Hermes, Ciros, Nilos, Jonatas, Tobias e Noés*; de *Ormandos¹, Atilios, Alcindos, Adjalmes, Altinos e Octacilios*» (vid. *Jardim da Europa*, Lisboa-Rio 1918, pp. 53-54). Póde ler-se grande número de nomes analogos nos *Apontamentos genealogicos de D. Francisco da Cunha*, coligidos por uma comissão de escritores, e publicados no Rio em 1926: *Cristalia, Aldenore, Myrtes, Parizina, Nair, Iracy, Cinira*, etc. De alguns até nem se vê ao repente se são masculinos, se femininos!

Como assunto de patriotismo local lembrarei aqui *Viriato e Sertorio* (vid. supra, cap. 1, secção C, p. 80), usados na Beira e no Alentejo, por se haver suposto, ainda que sem provas, que Viriato vivêra na Serra da Estrela e estivera em Viseu, e que Sertorio fundára o templo romano de Evora. Patriotismo simpatico, mas vão!

Terminarei o capitulo, citando: *Joubert*, com que um pai bati-zou ou registou um filho em memoria da guerra europeia; *Extremadura*, nome de uma criança nascida quando a mãe atravessava o Tejo a bordo de um vapor assim chamado, que faz carreira entre Lisboa e o Barreiro; *Ondina*, nome de outra criança tambem nascida no Tejo, e que das ondas recebeu o nome, como as *Ondinas* mitologicas: cf. *A Ondina do lago*, poema de Th. Braga.

De nomes de enjeitados, de escravos, e de individuos pertencentes a varios grupos ethnicos falar-se-ha em particular no Liv. II.

¹ [Se não está *Ormando* por *Orlando*, póde ver-se naquele nome correspondencia com *Ormindo*, tendo-se tido em mente *Armando* e *Armindo*].

CAPITULO III

Fôrma do nome proprio

Um nome póde usar-se avulso, isto é, sem sobrenome ou apelido algum.

Diz Antonio Brandão, *Mon. Lusit.*, vol. III, liv. x, cap. 4.^o (na ed. de 1690, p. 171), que no tempo de D. Afonso Henriques «se não usavão muyto as alcunhas e apelidos, que só os patronymicos servião; e ainda ás vezes se não punha mais que o nome proprio». Brandão ascende apenas ao reinado de D. Afonso I (sec. XII), porque foi então que propriamente começou a monarquia de que ele se ocupa; mas se lhe tivesse sido possível ascender mais acima, teria visto que já em seculos anteriores se usavam não raramente nomes avulsos: *Didago*, *Gunçalbo*, *Pelagio*, sec. XI, *DC*, p. 502; *Gutinus*, *Romarigus*, sec. X, *ib.*, p. 101; *Arguiru*, *Menendo*, *Tramundu*, sec. IX, *ib.*, p. 5; até chegarmos ás inscrições cristiano-latinas que se extractaram no cap. I, secção A, § 1. Ás vezes, não falando do patronimico, juntavam-se prenomes ou titulos designativos de classe ou condição, como: *Domnus Garseanus*, sec. IX, *DC*, p. 2; *Afranius presbyter*, sec. VIII, *IHC*, n.^o 302; *Donata puella Christi*, sec. VI, *ib.*, n.^o 303.

Nos povos barbaros da antiguidade, e *ipso facto* nos Romanos primitivos, vigorava o mesmo uso do nome unico: vid. *Liç. de Filol.*, 2.^a ed., p. 173, e *Dict. des antiq.*, de Daremberg & Saglio, t. IV, parte I, p. 88. Em geral os Gregos tambem tinham só um nome, acompanhado do do pai em genetivo: *Δεμοσθένης Δεμοσθένους* «Demóstenes, filho de outro» (Salomon Reinach, *Épigr. grecque*, p. 508). Nas aldeias ainda hoje se encontram pessoas, sobretudo mulheres, que não têm mais que um nome, seguido ás vezes de um complemento que designa o pai ou o esposo: *Maria do Bernardo* (vid. infra, parte II: sobrenomes tirados de nomes de pessoas). As crianças naturalmente só têm o *nome proprio*.

Veremos, porém, no decurso do nosso trabalho que o mais usual, tanto em tempos modernos, como já na idade-média, é estar o nome individual acompanhado de sobrenome ou apelido, ou de ambos. Em qualquer dos casos, temos ainda de fazer a seguinte distinção:

1) ou o nome individual é *simples*, como em *Gonçalo Mendez*, *Damião de Goes*, *Mariana Alcoforado*;

2) ou é *composto*, como em *José Cupertino* e nos que mencionei no cap. II, pp. 82-84 (influencia religiosa). *Cupertino* não é de nenhum modo sobrenome, faz parte integrante do nome individual. Nome digno de nota, a este respeito, é o do poeta *João de Deus*, usado sem sobrenome, nem apelido; ainda que de ordinario se pensa que o nome proprio é *João*, e que *de Deus* é sobrenome, isso não tem fundamento, pois que o poeta nasceu em dia de S. João de Deus, e recebeu como nome individual, no baptismo, o nome do santo. Pertencem aqui, posto que em esfera profana, nomes como *Victor Hugo*, *Fuas Roupinho*, e outros cuja razão de existencia facilmente se descobre na Historia. De facto, ha um individuo a quem o padrinho batizou de *Victor Hugo*, por ser admirador do escritor d'esse nome; *Fuas Roupinho*, que figura no *Anuario da Universidade de Lisboa*, p. 263, como nome de um estudante, não póde ter outra explicação, senão a de alguém da familia ou o padrinho querer fazer lembrado o heroi assim chamado em lendas atribuidas á idade-média: cf. a citada *Mon. Lusit.*, III, liv. XI, cap. 3o e seguintes. Em todo o caso o nome *Fuas*, em si, não é lendario, pois num documento da Atouguia, de 1221, figura como testemunha um *Johanes Fuas* (na Tôrre do Tombo, caixa 82 da colecção especial), e tambem ha *Fua* algures¹.

Noutras nações concorre igualmente o uso de nomes simples com o de nomes compostos.

Exemplo hespanhol: *Santos-Eulalia-Maximiliano-Enrique de tal*, nome multiplo, dado no baptismo, onde em *Santos* se reproduz o nome do avô de quem o recebeu, *Eulalia* é o nome da santa do dia do nascimento, *Maximiliano* o do padrinho, *Enrique* representa *Enriqueta*, nome da mãe. Nome de uma senhora, da mesma nacionalidade: *Isabel-Maria-Lidia de tal*, imposto na pia. Umas vezes, na Hespanha, o nome composto é mero capricho, e apenas expresso no assento do baptismo, enquanto no registo civil só figura o que tem de se usar na vida comum; outras vezes o nome composto figura ao mesmo tempo no baptismo e no registo, e passa para o trato quotidiano.

¹ Devo estas informações ao S.^{or} Pedro de Azevedo. O mesmo illustre investigador me disse que julga *Fua* equivalente a *Hua* (isto é, *Hua de Silesia*: em Herculano, I, 402(-403), nota 1), e ao fr. *Hue* ou *Hugue* (com *f* por *h*-, como em *Mafalda*, segundo a indicação do S.^{or} J. J. Nunes). Cf. *f* arabico > *h*.

A respeito da França (nome duplo, e nome múltiplo), vid. Duffaut, pp. 335 (nota) e 336, e Dauzat, pp. 70–71. Na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa ensinou francês prático um professor que tinha quatro nomes próprios: *Robert Paul Marie Ricard*, embora só o primeiro fôsse, como creio, propriamente o *prénom*.

Do uso de *Doppelnamen* na Alemanha fala o D.^{or} Wilhelm, pp. 12 e 17. Conheço um individuo d'essa nacionalidade que tem tres nomes próprios (*Vornamen*): *Helmoth Philipp Theodor de tal*: *Helmoth* (1.^o *Vorname*), o usual; *Philipp* (2.^o *Vorname*), que lhe veio dos avós; *Theodor* (3.^o *Vorname*), que era o *Vorname* do pai.

Se olharmos para as mais altas gerarquias da Igreja, lá temos o Papa, os cardiais e os bispos só, ou em regra, com um nome. Bispos lusitanicos do sec. iv os vimos supra, cap. 1, pp. 24–25. Os reis portugueses usam oficialmente tambem um nome unico, ou nome proprio; falando do primeiro rei, é que dizemos *D. Afonso Henriques*. Cf. Liv. II, onde se desenvolverão um pouco mais todos os assuntos aqui tocados. Noutras nações, os reis ora usam nomes simples (o mais corrente), ora não: Francisco Febo, em Navarra; Luís-Felipe, em França; Victor-Manuel, na Italia; Frederico-Guilherme, na Prussia.

No mesmo Liv. II se falará de certos nomes duplos medievais (nome & *cognomentum*).

Observações á doutrina do nome proprio

1.^a

A mór parte dos nomes portugueses que se usam hoje têm forma culta ou semi-culta, porque muitos foram introduzidos em épocas mais ou menos recentes, e outros a Igreja os não deixou alterar. Ainda alguns dos nomes correntios, que se indicaram a p. 77, estão nesse caso. Eis porque na antroponímia moderna nem sempre observamos a mesma evolução fonetica que nas palavras tradicionais da lingua comum. Já os nomes medievais estão noutro caso, abstraindo da capa latina que por vezes os reveste: comparem-se *Dordia* (de Dorothea), *Eiria* (de Irene, Irene), *Olalha* (de Eulalia), *Paio* (de Pelagius) com os nomes modernos *Mateus*, *Helena*, *Aurelio*, *Celeste*. A alterações foneticas que se deram na primeira serie, corresponde conservação

na segunda. Cf. o que a respeito d'esta materia se dirá no Liv. III (Gramatica).

2.^a

A vulgaridade de certos nomes dá azo a que o proprio povo chegue a jogar ritmicamente com eles em canções populares, como a seguinte:

A minha terra é Leiria,	A minha mãe é <i>Maria</i>
Onde se faz o papel:	E o meu pai é <i>Manuel</i> ,

canção que ouvi algures.

3.^a

O que nesta Parte I fica dito do nome baseia-se quasi tudo em concepções tradicionais, ou em normas prescritas ou admitidas pela Igreja. A implantação do novo regime não alterou essencialmente o que existia; deve contudo aqui resumir-se o que o *Codigo do registo civil* (Decreto com fôrça de Lei de 18 de Fevereiro de 1911) estatue a respeito do nome, na parte que nos importa conhecer.

O Codigo estabelece distinção entre:

- a) *nome completo*, artigo 141.º
- b) *nome proprio*, artigo 142.º
- c) *nome de familia*, artigo 143.º, ao qual parece que chama *sobrenome* no artigo 144.º Cf. tambem o artigo 149.º

Artigo 142.º Quem indica o nome-proprio é:

- a pessoa que faz a declaração do nascimento;
- ou as testemunhas, não o querendo aquela fazer;
- ou o funcionario do registo civil, quando as demais pessoas o não fizerem.

Artigo 143.º Diz que o nome-proprio deve ser escolhido:

- d'entre os que se encontram nos calendarios;
 - d'entre os que usaram pessoas conhecidas na historia;
- e que não deverá confundir-se com um *nome de familia* (= apelido), nem com os de cousas, qualidades, animais ou analogas.

Mudança de nome: regulada pelo artigo 175.º

4.^a

«Não podem ser admitidos por Portugueses os nomes proprios estrangeiros, mas só com a designação, e grafia portugue-

sas.—Oficio da Conservatoria Geral de 18 de Fevereiro de 1922 para Santa Cruz das Flores». Vid. *Comentario ao Codigo de registo civil*, de Pedro Chaves, Coimbra 1923, p. 170.

Teve-se aqui de certo em mente corrigir abusos, como *Edith*, *Fanny*, *Georgette*, *Gerard*, etc.—À serie de nomes d'estes pertence *Mirtil* (paroxitono), usado numa vila da Extremadura, tirado do francês *Myrtille*, por *Mirtilo*, de *Myrtilus* (Μυρτίλος), nome de um personagem mitologico, e cognome romano. Não *Mirtilo* ou *Myrtilo*, mas *Myrtillo*, foi usado entre nós como pseudonimo, ou como nome poetico, por alguns autores.

5.^a

Querer determinar o sentido primitivo de um nome proprio é sem dúvida proposito apeteçivel, e tanto, que até no povo inculto existe. As explicações populares não possuem contudo senão valor etnografico.

Já antigos autores hebraicos e gregos procuraram por vezes chegar á origem dos patrios nomes. Falando dos nomes hebreus, diz *The Jewish Encyclopedia*, 1, 178: «for which fanciful etymologies are often given by the sacred writers». A respeito dos interpretes gregos, adverte Pape, na introdução ao seu Dicionario onomatologico, que eles «überall, wo es sich um Etymologie handelt, mit der grössten Vorsicht zu gebrauchen sind». E aos autores romanos, e outros posteriores, que se occuparam de etimologias podem fazer-se criticas semelhantes.

É necessario chegar a tempos modernos para encontrar interpretações baseadas em principios scientificos, sobretudo em resultados obtidos pela Fonetica historico-comparativa e pela Sematologia, e em investigações das relações existentes entre a linguagem e a vida quotidiana e a Historia geral. Apesar do muito que se tem escrito, e d'isso vimos amostra brevissima na INTRODUÇÃO, o estudo da materia está ainda a cada passo inçado de difficuldades.

PARTE II

Do sobrenome

Considerado no decurso dos tempos, da idade-média para cá, e quanto á sua procedencia, o sobrenome português apresenta as seguintes especies, como fica dito na INTRODUÇÃO, p. 11: sobrenomes correspondentes ou iguais a nomes de pessoas (isto é: patronimicos, e nomes não declinados); sobrenomes tirados da religião cristã; sobrenomes varios.

CAPITULO I

Especies do sobrenome, e razão da escolha

A.—SOBRENOMES CORRESPONDENTES, OU IGUAIS, A NOMES PROPRIOS DE PESSOAS

1.—PATRONIMICOS

Significação — Tipos — Uso — Origem.

Costume muito antigo, nos povos indo-europeus, e noutros, era o de, quando numa narração se mencionava um individuo, ou este assinava um documento, indicar seguidamente ao nome d'ele o do pai. Circunscrevendo-nos nas inscrições lusitano-romanas, como fonte mais directa do que adiante vai expor-se, aí encontramos, por exemplo: *Camalus Borni f(ilius)*, no AP, II, 130; *Avita Marci f(ilia)*, ib., xv, 322; ou sem «f»: *M. Frontonius Frontoni*, ib., xxv, 10. A idade-média continuou o mesmo costume de pospor ao nome do individuo o nome paterno em genetivo. Os nossos documentos dão-nos muitos exemplos, do seculo IX em diante, como veremos; e já de seculos anteriores devia haver outros.

A filiação exprimia-se: 1) ou por um genetivo em *-i*, que era comum a outras relações, e bem assim em *-e* (e *-ae*), *-is*, *-onis* (e *-oni*), *-anis* (e *-ani*); 2) ou por um genetivo com sufixo proprio, isto é, em *-az*, *-oz*, *-uz*, e em *-iz* (tornado depois, *-ez*, *-es*, etc.),

ainda que nem todos com igual frequência. Aos nomes formados d'este modo, e agregados aos nomes de batismo, como significativos de estirpe paterna, costumam os gramaticos chamar *patronimicos*. Chamam especialmente assim aos que têm sufixos proprios. Falou-se do assunto, em parte, nas *Liç. de Philol.*, Lisboa 1911, pp. 173-180 (na 2.^a ed., p. 174 sgs). Aqui desenvolver-se-ha agora um pouco mais.

Na epoca em que o patronimico se usava, ele nem sempre se exprimia nos documentos. Quando se usava, a regra nestes era, como já se disse, pospo-lo ao nome proprio, mas ha algum raro caso de anteposição, como consta de um documento de 1066, *DC*, p. 283: *Armigii Ruderigu*, onde *Armigius* é variante de *Ermigius*, que aparece noutros documentos.

As vezes juntava-se uma palavra indicativa de filiação, por exemplo, *filius* em *Dominicus filius Froila et Ergonza*, 1057, *DC*, p. 245; ou *proles* (*prolix, prolis*). E até se dá um caso curioso num doc. de 994, *DC*, p. 105: no texto lê-se *ego Froila, prolix Gundisalvo Muneonis* (filho de Gonçalo Muneonis); e na assinatura: *Froila prolis Gundisalva*, onde o nome do pai concorda adjectivamente com *prolis*. Em ambos esses exemplos estava apagada a noção do genetivo. Os Moçarabes empregavam *iben* ou *ben*, que em arabe significa «filho», no plural *bená* (cf. David Lopes, in *RL*, xxv, 267), por exemplo: Romano *iben* Froila, sec. x, *DC*, p. 73, Elias *iben* Zekerini (em genetivo: nome derivado de *Zacarias*), p. 74. Vid. uma lista de nomes acompanhados de tal particula em G. Barros, *Hist. da administ.*, n, 339-346, dos seculos x e xi. Da prática medieval ficou, além de muitos vestigios na toponímia, o moderno apelido *Viegas*, por *Veegas*, no sentido de «filho», ou «descendencia, de Egas», por exemplo: minhana Urraca *Veegas*, filha de D. Egas Moniz, *Linhag.*, p. 145, e D. Mem *Veegas* & D. Gonçalo *Veegas*, filhos de D. Egas Fafes, *ibid.*, p. 150. A par da *Benegas* ou *Beneegas*, sec. x, vid. Cortesão, *Onomastico*; cf. tambem os meus *Opusc.*, III, 108. Na Hespanha aconteciam fenomenos semelhantes: *Vanegas*, *Benavides*, *Vanigomez*, em Pidal, *Cid*, I, 248; *Ibeniegas*, sec. xi, em Hinojosa, *Documentos*, p. 23. E cf. Rios y Rios, p. 197. — Dos Moçarabes tornará a falar-se adiante, Liv. II.

a) Exemplos de genetivos em simples *-i*, e *-e*

— Adfonsus *Vellini*, sec. x, *DC*, p. 12.

— Zoleima *Cartemiri*, sec. x, *ib.*, p. 38.

- Amarellus *Manualdi*, sec. x, *ib.*, p. 39.
 - Guntinus *Euenandi*, sec. xi, *ib.*, p. 146.
 - Iohannes *Fernandi*, sec. xi, *ib.*, p. 213.
 - Gunsalvus *Petri*, sec. xii, *ib.*, *ibidem*.
 - Domna Lupa Sarrazini, sec. xiii, J. Pinto Ribeiro, *Dissert. chron.*, I, 257.
 - Dona Maria *Martini*, sec. xiii, *ib.*, p. 261.
 - Domnus Poncius *Alfonsi*, sec. xiii, *ib.*, p. 265.
 - Pelagius *Didaci*, sec. xiii, *Inquir.*, I, 3.
 - Iohannes *Pelagii*, sec. xiii, *ib.*, *ib.*, *ibidem*.
 - Gunsalvus *Laurentii*, sec. xiii, *ib.*, *ib.*, *ibidem*.
- E com especificação da palavra «filius» (cfr. supra):
- *Tellus filius Telli*, sec. xii, *Docs. para a história portug.*, p. 106.

Esta maneira de formar o patronimico é puramente latina, como vimos dos exemplos lusitano-romanos citados acima. Nada tem especial; por isso, quando começam a abundar nos nossos cartorios documentos escritos em português, os nomes que d'antes terminavam em *-i* (e eles são ainda mui frequentes no texto latino das *Inquirições*, 1220, 1258), ou mantêm uma ou outra vez a forma originaria, por exemplo, *Joham Petri*, 1267, nas *Dissert. Chron.*, I, 279, e Thomé *Pelagy*, 1269, na *RL*, IX, 267, ou tomam outra forma patronimica, por exemplo, *Meendiç, Fernandiç, Periz, Paiç*, nas *Dissert. Chron.*, I, 277 a 289 (sec. xiii), ou se apresentam com forma portuguesa não patronimica, isto é, sem desinencia de caso, por exemplo: *Martin Afonso*, nas *Dissert. Chron.*, I, 283, *Stevam Lourenço*, *ib.*, *ib.*, 289. Ha uma excepção em *Didaci*, que evolucionou em *Diaç*, por exemplo, na *RL*, XXI, 252 (sec. xiv), modernamente *Dias*. Do genetivo em *-i*, não como patronimico, mas como possessivo, ficaram muitos vestigios na toponimia, por exemplo: *CESÁR*, por *Caesari* ou *Caesarii* (villa), *PRIME*, por *Primi* (villa), *SERÉM*, por *Sereni* (villa), *SEVER*, por *Severi* (villa), *VER*, por *Valeri* ou *Valerii* (villa).

— De *Garsia*, nas *Inquir.*, I, 479, que se apresenta com outras formas noutros documentos, *Garsea*, etc., temos o genetivo patronimico em *Didacus Garcie*, *ib.*, I (texto latino). O genetivo é tambem aqui de origem latina, *-a, ae*, embora noutros nomes em *-a* o genetivo seja diferente, como adiante veremos, e embora *Garsias*, outra forma de *Garsia*, no nominativo, tenha aspecto grego. Em textos propriamente portuguezes, por exemplo, num

de 1260, nas *Dissert. Chron.*, I, 277, a forma é a de hoje: Gunçalo *Garcia*. O nome parece ser originariamente ibérico: vid. supra, p. 29.

— De *Egea* ou *Egeas* (cf. *Garsias*, agora citado) temos os genetivos *Egee* (vid. Cortesão) e *Egeae* (no *Elucidario*, s. v. «carta de ingenuidade»).

b) Exemplos de genetivos em *-is*, *-es*:

— *Dominicus Johannis*, 1220, *Inquisit.*, I, 2 (texto latino).

— *Johannes Johannis*, *ib.*, *ib.*, *ibidem*.

— *Gunsalvus Michaelis*, *ib.*, *ib.*, *ibidem*.

É o mesmo tipo da declinação III, latina. Em documentos portugueses temos, por exemplo, *Stevã Ihoanes*, 1272, *RI*, IX, 68, onde *Ihoanes* é evolução de *Johannis*; e igualmente, Fernando *Anes*, filho de João Luís, sec. XIV, *AHP*, III, 31; Alvaro *Eanes*, filho de *Joham Fernandez*, sec. XV, *Chancelarias*, I, 270; mas a *Micael* (= *Michael*) ou *Migael*, do sec. XI, corresponde em muitos documentos *Migueet* = *Migueez*, *Migueiz*, etc., como consta do *Onomástico* de Cortesão, isto é, com outra desinencia patronímica.

c) Exemplos de genetivo em *-onis* (e *-oni*):

Documentos dos séculos IX e X, *DC*, pp. 2, 10 e 21, dão-nos *Gunsalvus Moneonis* e *G. Muneonis* (cf. supra), a que corresponde em documentos diversos o nominativo *Munnio*, *Munniu*. Um documento do sec. XI, *DC*, p. 125, dá-nos *Pelagius Catonis*. De nomes geográficos, como *Midones*, sec. XIII (hoje MIRÓES), *Tellonis*, do mesmo século (hoje TELÓES), que representam genetivos possessivos, isto é, *Midonis villa*, *Tellonis villa*, pois que ha *Mido*, sec. IX, e *Tello*, sec. X, podemos deduzir outros patronímicos em *-onis*. A par de nominativos em *-o* ha-os em *-on*, por exemplo: *Baron*, *DC*, p. 14, *Midon*, *DC*, p. 133, *Tellon*, *ib.*, p. 990, *Lebon*, *ib.*, p. 59, etc., onde o *n* parece provir dos casos obliquos. Igualmente temos com função de nominativo: *Telloni*, *DC*, p. 175 (de *Tello*, *Tellon*), *Tedone* (= *Tedoni*) *DC*, p. 54, que suponho serem casos estereotipados (tendo-se tornado monoptotos os nomes). Ha muitos outros exemplos em documentos nossos.

Tambem com *Mido* = *Midon*, e *Tello* = *Tellon* concorre *Midus*, sec. XIII, *Tellus*, sec. X. Já Philippon in *Romania*, XXXI, 213 sgs, enumerou muitos nomes que se declinam *-us*, *-onis*, e até da Galiza mencionou *Mirus*, *Mironis*, p. 223. Cfr. Grandgent, *Latino volgare*, Milão 1914, § 362.

Todos os mencionados nomes são germanicos, excepto *Pelagius Catonis*, greco-latino aquele, puramente latino este, na qualidade e na declinação.

Em alguns documentos encontra-se um genetivo em *-oni*, por *-onis*, de nomes acaso germanicos, por exemplo, num de 911, *DC*, pp. 11-12: *Fromarigus Zendoni*, a par de *Cendoni*; Tanoy *Braolioni*: como se o nominativo fôsse *-onius* (ou *-onus*). De facto, se por um lado ha o nominativo *Zendo presbyter*, sec. x, *ib.*, p. 60, e *Braolio Ansuriz*, do mesmo seculo, p. 90: por outro lado ha *Eronius test(is)*, do mesmo seculo, p. 40, a par de *Ero*, em nominativo (=Herus, do got. *hairus* «espada»), e *Mironus test(is)*, do mesmo seculo, p. 96, a par de *Miro*, em nominativo. O falecido Professor italiano Carlo Salvioni agrupou in *Romania*, xxxv, 231 sgs., grande número tambem de nomes em *-o*, com o genetivo em *-oni*, a par de *-onis*, extraídos de documentos medievais da Italia: *Ambrosio Ambrosioni*, *Longo Longoni*, etc.

Sem poder entrar aqui na discussão do magno problema dos nomes em *-o*, *-onis*, tão agitado dos filologos, contento-me de remeter o leitor para a citada obra de Grandgent, *Latino volgare*, §§ 356, 359, 362, onde ao mesmo tempo se fala dos nomes em *-a*, *-anis*. Cf. igualmente M.-L., II, 17, e Crescini, *Manuale per l'avviamento agli studi provenzali*, 3.^a ed., 1926, p. 69, nota 2.

d) Exemplos de genetivos em *-anis* (e *-ani*):

Abstraindo de Fredenandus *Froilanis*, sec. x, *DC*, p. 47, nota 157, que tem como variante *Floiaiz* (*ibidem*; e *Froilaniz*? sec. x, *DC*, p. 62), e de Joham *Vimaranis*, 1198, *Docs. do Souto*, p. 6, onde porém *Vimaranis* póde ser, e creio que é, apelido tirado da geografia («Guimarães»): não tenho encontrado exemplos positivos e directos de patronimicos em *-anis*. Contudo, como se deduz de grande número de nomes geográficos medievais em *-anes* e *-anis*, correspondentes a genetivos possessivos de nomes goticos de homem terminados em *-a*, deviam ser frequentes do seculo v ao ix patronimicos d'aquella especie, paralelos aos em *-onis* que ficam mencionados na secção anterior.

Com efeito:

Num documento de 959, *DC*, p. 46, lê-se *villa Vimaranes*, hoje GUIMARÃES; como, por outro lado, há o nominativo *Vimara*, que se lê, por exemplo, num documento que foi redigido entre 867 e 912, *Vimara diaconus*, *DC*, p. 3, podemos concluir que, quando *Vimara* tinha patronimicos, um d'elles soava *Vimaranis*.

Tambem na origem devia pois ser *villa Vimarani*, tendo-se o *-i* mudado em *-e*, por evolução fonetica.

Num documento de 1059, *DC*, p. 259, l. 51, lê-se: (*villa*) *Riquilanes*, a que corresponde hoje, pelo menos foneticamente, *Requiães*; de noutro documento haver o nominativo *Riquila* (sec. x), inferiremos que, se a este nome correspondesse um patronimico, ele podia ser, entre outros, *Riquilani*.

Num documento de 1086, *DC*, pp. 398-399, lê-se *villa nomine Scapanis*, isto é, na origem *villa Scapanis*, hoje *Escapães*; como, por outro lado, ha o nominativo *Scapa*, ib., p. 72, isto é, *Scapa test(is)*, podemos igualmente concluir que *Scapa*, quando tinha patronimico, tomava, pelo menos ás vezes, a fôrma *Scapanis*.

O mesmo raciocinio se fará para outros nomes geograficos, como *Atanes*, sec. x, de atta «pai», e muito em especial para os terminados em *-il-anis*, modernamente *-iães*: *Quintilanes*, sec. xi, de *Quintila*; *Ansilanes*, sec. xi, de *Ansila*. A estes genetivos correspondem hoje *Atães*, *Quintiães*, *Ansiães*. A outros nomes geograficos modernos em *-ães* ou *-iães* podemos atribuir correspondentes genetivos medievais: *Goiães*, que faz pressupor **Gudilani*, de *Gúdila*, sec. x; *Gouviães*, **Gaudilani*, de *Gáudila*.

Indiquei acima teoricamente o prazo do seculo v ao ix, porque os nossos mais antigos documentos de data certa provêm dos meados do seculo ix, e porque d'aí em diante não ha ou, pelo menos, como disse, não encontrei, ou quasi não encontrei, patronimicos em *-anis*. O uso d'eles parece que acabou antes.—Fôra do território correspondente a Portugal temos: Fortunio *Garcianes*, nome de um rei de Navarra do sec. ix (E. Mayer, *Hist. de las instit. de España y Portugal*, trad. do alem., t. 1, Madrid 1925, p. 17); *Garseani*, em Godoy, p. 15 (com *-ã?*), sem documentação; Rigualdi *Alcarani*, sec. xi, no *Cartulaire* de Gellone (Montpellier), p. 127. O que confirma o deverem ter existido tambem em Portugal.

Estes nomes em *-a*, *-anis*, declinam-se como *Attila*, *Totila*, *Tata*, *Oppa*, e outros nomes germanicos masculinos de declinação fraca, isto é, de temas em *-n*, os quais fazem nos casos obliquos: *Attilani*, *Totilanem*, *Totanem*, *Oppane*. Vid. Schönfeld, pp. xxiv-xxv.

Assim como nos nossos documentos aparecem, segundo vimos, nominativos monoptotos em *-oni*, tambem aparecem em *-ani*, por exemplo: *Donnani* abba .. *confirmo*, sec. x, *DC*, p. 18 (cf. noutros documentos *Donan*, *Donam*, do mesmo seculo); *Iki-*

lani episcopus Visense, sec. x, *ib.*, p. 81 (cf. *Ikila*, *Iquila*, do mesmo seculo); *Manilani presbiter*, sec. x, *DC*, p. 52 (cf. *Mánila*, do mesmo seculo); *Itilani diaconus*, sec. xi, *DC*, p. 239 (cf. *Itila*, sec. x); *Frogiani archidiaconus*, sec. xi, *ib.*, p. 115 (cf. *Froia*, *Froian*, *Frogia*, do mesmo seculo).

E ha igualmente genetivos em *-ani*, como *Lucidus Vimarani*, sec. x, *DC*, p. 11; *Vimara* (a par de *Vimare*) *Froilani*, sec. x, *DC*, p. 12 (cf. *Froila*); *Nausti Vandelani*, sec. x, *DC*, p. 20 (cf. *Vandila*, do mesmo seculo); e *Pelagus Visterani*, sec. x, *DC*, p. 38 (cf. *Vistr-arius*, p. 17) e outros a pp. 11 e 12.

Podia supor-se d'estas duas últimas listas de nomes em *-ani* que se tinham tido em mente nomes da segunda declinação latina, tanto mais que, a par de *Bittaco Garseani*, sec. x, *DC*, p. 26, e *Nunu Garseani*, do mesmo seculo, *ib.*, p. 58, de *Garsea* ou *Garseas* (vid. supra), ha *Domnus Garseanus*, sec. ix, *ib.*, p. 2; todavia documentos do sec. x contêm *Lucidus Vimarani*, *Comes Lucido Vimarani*: *DC*, pp. 12-16, embora não se encontre para este nome nominativo em *-anus*, e só *Vimara*, ou com outros patronimicos: *Vimaraži*, *Vimaraž*, *Vimáriž*. Em documentos medievais da Italia, estudados, como já se disse, por Salvioni in *Romania*, xxxv, ha do mesmo modo alguns genetivos em *-ani* de nomes imparissilabicos: *Andriani*, nominativo *Andrea*; *Barontani*, nominativo *Baronta*: pp. 216-218. Cf. tambem nominativos em *-ani* no *Cartulario de Santillana*: p. 52, num documento do sec. x, *Cissilani exscripsit*, e noutro de p. 25, sec. xi, *ego Garseani Comiti*, *Comite Garseani zoboravi*, onde *Comiti* e *Comite* se podem considerar já formas semi-romanticas.

Que os genetivos em *-ani* foram formas vivas, prova-se de nomes geograficos, como:

- *Airam*, sec. xii, hoje AIRÃO, de **Ariani*, a par de AIRÃES, sec. xiii: todos de *Arias*, como penso.
- *Fafiam*, nome ou apelido geografico, sec. xv, hoje FAFIÃO, de *Fafiani*, sec. xiii, a par de *Fafilanes*, sec. xiii, hoje FAFIÃES: tudo de *Fáfila*, sec. x.
- *Froilam*, sec. xi, hoje FRIÃO, de *Froilani*, sec. xi, a par de *Froilanes*, sec. xi, hoje FRIÃES: tudo de *Froila*.
- *Framiam*, villa, sec. xi, hoje em galego FRAMEAN, de **Framilani*, a par de *FRAMIANES*, villa, sec. x, de **Framilanis*: tudo de *Framila*, sec. xi. — No *Onomastico* de Cortesão dá-se por equívoco *Framila* como nome de mulher, mas é de homem.

— *Quandilani*, villa, sec. XI, hoje em galego CANDEAN: de *Quándila*, sec. X = *Quand-ila* (cf. *Candilaci*, em Cortesão, e mod. CANDEMIL, CANDOMIL).

Isto é:

<i>Arias</i>		<i>Fáfila</i>	
<i>*Arianis</i>	<i>*Ariani</i>	<i>Fafilanes</i>	<i>Fafilani</i>
AIRÃES	AIRÃO	FAFIÃES	FAFIÃO

E assim por diante.

Cf. também modernamente QUINTIÃO, de **Quintilani*, a par de QUINTIÃES, de *Quintilanes*, sec. XI: tudo de Quintila, sec. X; REQUIÃO, de *Riquilani*, a par de REQUIÃES, de *Riquilanes*, sec. XI, tudo de *Riquila*, sec. X. Vid. supra.

e) Exemplos de patronímicos em *-aci*, *-azi*, *-az*:

Sindinu *Albornaz* & Godina *Albornaz*, filhos de *Alborna*, sec. XI, *DC*, p. 158; Gemondo *Vimaraz*, *DC*, p. 202, sec. XI, que faz pressupor que o pai era *Vimara*, nome que, por exemplo, se lê *ib.*, p. 283; Menendus *Guedaz*, *abbas*, 1220, *Inquisit.*, p. 42; Mónio *Gedaz*, *ib.*, p. 49: a par, como parece, com *Quedazi*, sec. XI, *DC*, p. 291, de *Queda* (cf. supra Q<>G); Gil *Guedaz*, filho de *Gueda Gomez*, sec. XIII-XIV, *Linhagens*, pp. 204 e 209; Alvito *Guedaz*, filho de Dom *Gueda Gomes Guedaão* (o mesmo que o antecedente); *ib.*, p. 307; cf. Gill *Guedaz*, 1306, *Dissert. Chron.*, 1, 295, *Gueda Termiazi*, sec. X, *DC*, pp. 107 e 195.

E mais os seguintes, cujas fontes se vejam no *Onomástico* de Cortesão: *Abbaz*, de *Aba*, sec. X; *Abdelaz*, sec. XI, *Abormaz*, de *Aborma*, sec. XI; *Aldonaci*, sec. X, *DC*, p. 18; *Aredaci*, *Aredaz*, de *Areda*, sec. XI; *Ardeicazi*, *Ardegazi*, de *Ardega*, sec. X e XI; *Beraci*, *Beraz*, de *Bera*; *Egicaz*, de *Egica*; *Eigat* = *Eigaz*, de *Eiga*; *Eitaci*, *Eitaz*, de *Eita*; *Fafiaz*, de *Fafia*, sec. XI e XII; *Falifaz*, de *Falifa*, sec. XI (cf. *Falaf?*); *Fredaze*, de *Freda* (cf. *Freda-mil*); *Garseazi*, *Garseaz*, de *Garsea*; *Gontazi*, *Gontaz*, de *Gonta*; *Gumaraaz* (cf. *Gumarigo* = *Guma-rigo*); *Ildraz* de *Ildura*; *Quedazi*, de *Queda* (talvez o mesmo que *Guedaz*, *Guedazi* e *Gueda*; cf. *Quimaraci*, de *Quimara*, sec. XI, a par de *Guimaraaz*, que se cita infra); *Tructazi*, de *Tructus*.

Os nomes germanicos terminados em *-ila* (nomes masculinos deminutivos) recebem predilectamente, a par com a desinencia

-anis, vid. p. 106, a desinencia de que me estou ocupando: *Brandilaṣi*, *Brandilaṣ*, de *Brandila*, sec. xi; *Candilaci*, *Quandilaṣ*, de *Quándila* (cf. o toponimo medieval *Candemir* = Cande-mir, mod. CANDEMIL); *Emilaṣ*, de *Emila*; *Faṣilaṣ* e *Faṣiaṣ* (*Faṣilaci*), de *Fáfila*; *Fandilaṣ*, de *Fándila*; *Favilaci*, *Favilaṣ*, de *Fávila*; *Floilaṣ*, de *Floila*, sec. xi e xiii, e *Froilaci*, *Froilaṣ* (*Fruilaṣ*), de *Froila* (*Fruila*), sec. ix a xi, fórmās representadas por *Froiaṣ*, de *Froia*, noutro documento do sec. xi, e por *Frogaṣi*, *Frogaṣ*, *Fro-giaṣ*, sec. xi, de *Froga* ou *Froga*, nos secs. x e xi, por *Forjaṣ* no sec. xiii, e por *Frojaṣ* no sec. xv, hoje *Forjaṣ*, como apelido (cf. tambem, de um lado, *Fruila*, *Fruilaṣ*, secs. x e xi, e do outro *Frola*, *Frolaṣ*, dos mesmos seculos); *Gandilaṣ*, de *Gándila* ou *Guandila*, sec. x, a par de *Gundilat* (= *Gundilaz*), sec. ix; *Idilaṣ*, de *Idila*; *Iquiaṣ*, de *Iquia*, sec. xiii, a que no sec. x correspondia *Iquila*; *Kintilaṣ* ou *Quintilaṣ*, de *Kintila* ou *Quintila*; *Riquilaṣ*, de *Riquila*; *Sicilaṣi*, de *Sicila*; *Sunilaṣ*, de *Sunila*; *Vegelaṣi*, de *Vegela* (*Vegila*), a par de *Veilaṣ-Veila*: *Visterlaṣi*, sec. x, DC, p. 14, de *Visterla*, por **Visterila* ou **Vistrila* (cf. *Vistr-ili*); *Zolemaṣ*, de *Zelesa*. — Já M.-L., II, 13, observou que a desinencia -aṣ se ligava principalmente a temas goticos em -a; não particularizou, porém, como aqui se faz, os nomes em -ila.

Outro vestigio moderno de patronimicos em -aṣ deve ser o apelido *Ferraṣ*, que aparece assim mesmo, e com as fórmās *Ferrat* e *Feraṣ*, nas Inquirições de 1258: vid. Cortesão.

Com estes nomes em -aṣ, -aṣi, -aci, cujo a parece que era acentuado, como se depreende do citado *Forjaṣ* (e *Ferraṣ*), não se confunda *Didaci*, *Didaṣi*, *Didaṣ*, cujo a era atono, e d'onde veio o moderno apelido *Dias*, por *Diaṣ* (como em hespanhol), segundo acima se disse (p. 103). Do mesmo modo temos *Quiriaṣi*, *Quiriaṣ*, de *Cyriaci*, genetivo de *Quiriaco*, *Quiriagus*, secs. ix a xi, por *Cyriacus*. O moderno apelido *Vaṣ* vem de *Velasci*, genetivo de *Velascus*¹.

¹ A respeito de *Vaṣ* o português anda a par com o hespanhol. Eis aqui exemplos de uma e outra lingua. Aldonça *Vaṣ*, filha de *Vaasco* Afonso, *Collegiada de Guimarães*, n.º 350, de 1499. *Velasco* ou *Vaṣ*, sec. xvii: Baião, *Episodios da Inquisição*, I, 125. Patronimicos de *Velasco*, em hespanhol, são: de um lado, *Belascoṣ* (*Pidal*, *Cid*, p. 244), e do outro, *Velasquiṣ*, de 987, *Cartulario de Santillana*, p. 15, e *Instituciones*, de Hinojosa, de 1001 a 1071,

Talvez em Gunsalbo *Pelaçi*, sec. xi, DC, p. 284, e Ero *Pelaç*, do mesmo seculo, *ib.*, p. 283, o patronimico não seja tambem um nome em -aç, mas esteja por *Pelágici* (de *Pelagius*), d'onde veio o moderno apelido Páiz (*Páez*, *Páes*, *Páis*). — Nos *Docs. do Souto* lê-se *Domingos Gervaz*, filho de *Gervaz Giraldiç*, 1413, p. 150; mas aqui está ç por s; além d'isso em *Gervaz* (ou *Gervás*) *Geraldes*, a fôrma *Gervás* nasceu de proclise de *Gervasio*, fôrma que aparece plena noutros documentos.

De patronimicos em -aç ha a par exemplos, como é natural, em Hespanha, na idade-média: vid. Pidal, *Cid*, p. 247, e nota 2, representados hoje por *Ferraç*, *Reparaç*, etc. Cfr. M.-L., II, 13, que igualmente aí fala de Portugal. Em Hinojosa, *Documentos*, lê-se tambem: Froila *Vimaraç*, sec. x, p. 8, Didacu *Vimaraç*, sec. xi, p. 28, de *Vimara*, mencionado a p. 5 (*Vimara* Semproniz); Leovegildo *Emilaç*, sec. xi, de *Émila*; *Boniniaç*, sec. xi p. 11, etc., etc.

f) Exemplos de patronimicos em -oç:

Dominigoç, sec. xi, de *Dominicus*; *Donadoç*, sec. xi, de *Donato*, sec. xi, o mesmo que *Donato*, sec. xi; *Enegoçi*, *Ennegot*, *Ennegoz*, de *Enego* ou *Eneco*, sec. x; *Eroç*, sec. xi, de *Ero*, sec. x; *Flomarigoç*, de *Flomarigo*, sec. xi; Arras *Honerigoç*, de *Honorigo*, sec. xi; *Louerigoç* (u = v), sec. xi, de *Loverigo*, sec. XIII (cf. *Loueriquiç* = *Loveriguiç*, sec. xi); *Manioçi*, de *Manio*, ecs. x e xi; *Moninoç*, *Monionoç*, de *Moninus*, sec. xi, a par de *Munoç*, sec. xi, representado por *Ines Munhoç*, sec. xvi, no *Registo de S.^{ta} Cruz do Castelo*, de Prestage & Azevedo, p. 123, a qual Inês parece ser Hespanhola, pois estava casada com Luis

pp. 10 a 28, ou com outros aspectos foneticos: *Belasquiç*, do mesmo ano, *ib.*, p. 49; e *Velaçquez*, moderno, com ç interno, por assimilação ao -ç; independentemente de mim explicou Pidal de modo analogo o ç interno de *Vázquez* (galego) na *Gramat. hist.*, 5.^a ed., § 72, n.º 2. Patronimicos hespanholados de nomes portugueses: Inês *Velasques*, filha de Vasco Lourenço, sec. xiv, *Linhagens*, p. 146; Sancha *Velasques* ou *Velásquid*, filha de Vasco Peixoto, *ib.*, p. 147. Tambem ha *Velasquida*, nome proprio, *ib.*, p. 146. — Cf. sobre este assunto os meus *Opusculos*, III, 72-74 e 133; e supra, pp. 53-54.

Rosales, de apelido hespanhol, como *Muñoz* o é ainda hoje; *Nuno*, de *Nunno*, sec. XI; *Oueco*, de *Ouecco*, *Ouecus*, *Ouequo*, secs. X e XI; *Pepinot*, de *Pepino*, secs. X e XI; *Romano*, de *Romano*, secs. X e XI; *Sauarico* (Savaricoz), de *Savarico*, sec. X; *Valasco*, de *Valasco*, sec. XI. Os lugares onde aparecem os nomes medievais estão citados em Cortesão. Nos *DC*, p. 43, encontra-se também *Homoro*, sec. X, *DC*, p. 43 (*Homoro presbiter test.*), e nas *Inquir.*, p. 349, *Borro*, sec. XIII: se na origem são patronímicos, não posso porém determinar-lhes os temas.

Em Castela, nos secs. X e XI, ha outros exemplos de patronímicos em *-o*, além de *Muñoz*, ou *Munio*, alguns d'elles paralelos aos nossos, como *Belasco*, *Ennego*, *Obeco*. Vid. Rios y Rios, pp. 13, 27, 43, 62, etc., e Pidal, *Cid*, t. 1, p. 244 e nota 2. Cf. também M.-L., II, 13. Pidal diz que *-o* se estendia, com a variante *-os*, a Aragão e Navarra. Pela minha parte encontrei fóra da Península, mas junto d'ela: *Poncius*, filius *Ermeiro*, sec. XI, no *Cartulario* de Gellone, publicado pela Sociedade Arqueologica de Montpellier em 1905: vid. p. 19. Cf. *Ermario* em documentos nossos do sec. X, e bem assim *Ermeharius*, *Ermharius*, *Ermherus*, no *Polyptique de St. Germain*, p. 305. Talvez este Poncio fôsse Hispano.

g) Exemplos de patronímicos em *-u*:

Monniu, de *Monnio*, secs. X e XI, a par de *Munniu*, de *Munniu*, sec. X (cf. supra, *Monino*). Outros exemplos: *Almeiu* e *Almeiu*, sec. XI; *Madredu*, de 1102 (*Docs. para a hist. port.*, p. 96); *Zoleimanu*, sec. XI; *Tanu*, villa, sec. X, a par de *Tanoiz* e *Tanoiz*, sec. XI, em Monderigo *Tanoiz*, sec. XI, *DC*, p. 114; *Tamlu*, sec. X, de *Tamal*. Dos nomes não documentados vid. as citações em Cortesão.

Certamente *-u* não é mera variante de *-o*, apesar de, como já sabemos, haver *Monino* a par de *Munniu*. Adiante veremos que a um mesmo nome ou tema podem corresponder varios patronímicos.

Ha um autor hespanhol contemporaneo, chamado Alfonso *Adamu* Montilla, onde *Adamu*, como parece, representa um antigo patronímico de *Adam*.

Como se patenteia dos documentos citados, os patronímicos em *-a*, *-o*, *-u* não prolongaram a sua existencia, com a sua função propria, até àquem do sec. XIII–XIV.

h) Exemplos de patronimicos em *-ici*, *-izi*, *-iz* (= *-inz*, *-ins*), *-ez*, *-es*:

Existem tantos exemplos, sobretudo do sec. x em diante, que não vale a pena fazer aqui larga lista; além d'isso já se citaram muitos nas *Lic. de Filol.*, 2.^a ed., pp. 174-178. Esta fôrma de patronimicos é a mais freqüente de todas, e a que teve maior vida, substituindo completamente, do sec. xiii ou xiv em diante, as que foram morrendo.

Sec. ix: *Menendus Menendi*; Teodila *Gudini*; Gudinus *Gundesalbi*; Tello *Teonáni*: nos *DC*, p. 8. Num doc. de 882, *ib.*, p. 6, assina um individuo simplesmente *Gutierit*, que equivale a *Gutieri*, patronimico de *Gutiere*, ou *Gutierre*. Assinou o patronimico em vez do nome proprio. Cf. adiante, p. 127.

Sec. x: Num doc. de 906: Odario *Davi* («pater meus David»), *DC*, pp. 9-10. De 924: Tructesendo *Osoredici*, p. 18; Adtina *Onorici*, p. 19. De 964: Velascus *Nuni*, p. 55. De 992: Iohannē *Sarraçini*, p. 102.

Sec. xi: Num doc. de 1012: Osorio *Vermúdi*, no *Liber Fidei* da Sé de Braga (hoje na Biblioteca da mesma cidade), n.º 31. De 1049: Mummadomna *Menindit* = *Menindi* (Menendiz), *DC*, p. 227.

Sec. xii: Num calix da Sé de Coimbra «Geda *Menendi* me fecit .. era 1190 (= ano de 1152)», em F. Simões, *Exposição retrospectiva*, p. 67, e cf. a nota de p. 68. Num doc. de 1112: Sueyro *Atani*, nos *Docs. para a hist. port.*, p. 109. Na *Monarchia Lusit.*, iii, 169: Galindo *Alvites*.

Sec. xiii: Num doc. de 1278: Stevã *Perez*, *RL*, xiii, 88 (Azevedo). De 1299: Maria *Savachai* (= *Savachã*, de *Savachão*, Sebastião), *ib.*, ix, 276 (Azevedo).

Nos Livros de linhagens, publicados nos *PMH*, que vão até o sec. xiv, encontra-se com freqüencia o uso regular de patronimicos em *-ez*, *-es* (e *-inz*, *-ins*): *Pero* Rodrigues gerou Nuno *Pirez*; *Pedro* Malrrique gerou Fernam *Pirez* Malrrique; *Soer* Velho gerou *Pero Soares* (por *Soarez*); *Martim* Anes gerou Moor *Martins* (com *-s* por *-z*). A p. 212 menciona-se *Guter Diez*, filho de *Diego Gomez*: com aspecto hespanhol.

O mesmo se observa noutros documentos pertencentes a esse seculo:

— Orraca *Martii*, filha de *Martim* Machado e professa no convento de Chelas (*AHP*, iii, 6).

— Lionor *Estevez*, filha de *Estevão* Vaz (*ib.*, iii, 29).

— *Martim Rodriguez*, filho de *Ruy Martinz* (*Docs. do Souto, de Oliveira Guimarães*), p. 107.

— *Gonçalo Perez*, filho de *Pero* do Souto (*ib.*, pp. 114-115).

Podem, porém, encontrar-se excepções:

— *Rui Vasques* Ribeiro, filho de *Rui* Mendes de Vasconcellos (*AHP*, II, 373).

— *João Mendes* de Vasconcellos e *D. Mem Rodrigues* de Vasconcellos, filhos de *Gonçalo* Mendes de Vasconcellos (*ib.*, II, 374): ambos do sec. XIV, e nobres.

Ao sec. XV pertencem os seguintes exemplos, que se colhem nas *Chancelarias* (1415-1450):

— *Alvaro Gonçalves* Matoso, filho de *Gonçalo* Pires, p. 51.

— *Alvaro Periz*, *Baasco Periz*, *Gorge* (= *Jorge*) *Periz*, *Diego Periz*: filhos de *Pero* Vivas, p. 73.

— *Lopo Pires*, filho de *Pero* Gonçalves, ferreiro, p. 148.

— *Gomez Godijz* (= *iz*), filho de *Godinho* Afonso, p. 237.

— *Fernam Rodriguez*, filho de *Rruy Martinz*, p. 272.

— *Fernam Gonçallvez*, filho de *Gonçalo* Afonso, *carneceiro*, p. 274.

— *Gonçalo Vaasquez*, filho de *Vaasco* Longo, escudeiro, p. 426.

— *Joham Alvarez*, filho de *d'Alvar'Eanes*, almoxarife, p. 167.

— *Gonçalo Vaasquez* Coutinho, filho de *Vasco* Fernandes Coutinho (nobre), p. 445.

— *Joham Alvarez*, filho de *Alvaro* Pirez (não nobre), p. 100.

Exemplos do mesmo século colhidos no *AHP*:

— *Vasco Martinz* de Resende, filho de *Martim* Vasquez de Resende, IV, 31.

— *Joanne Fernandes* de Souto Mayor, filho de *Fernão* Eanes de Souto Mayor, V, 267.

— *Diego Gonçalves*, filho de *Gonçallo* Rodriguez, V, 270.

Estas listas mostram que o uso do patronimico em *-ez*, que, como já se disse, veio a substituir os outros, estava ainda, como tal, em pleno vigor nos meados do sec. XV, e que tanto dominava nos nobres, como nos não nobres, tanto nos homens, como nas mulheres. Igualmente o usavam os filhos ilegítimos, por exemplo: *Alvaro Gonçalves* Pereira, filho de *D. Gonçalo* Pereira e de uma dona que ele filhou; *Maria Soares*, filha de *Soeiro* Mendez e de hũa barregã. Vid. *Linhagens*, pp. 285 e 297.

Algumas vezes póde faltar o patronimico, mas subentende-se: nas *Chancelarias*, I, 295, lê-se *Alvaro Borralho*, irmão de *Luis ANES Borralho*, 1445; manifestamente falta *Anes* no primeiro

nome. Já antes acontecia o mesmo: *Orraca Martinz*, que se mencionou acima (século xiv) como filha de *Martim Machado*, ora figura assim, ora como *Orraca Martinz Machada*, ora só como *Orraca Machada* (vid. *AHP*, III, 5-15). Por isso, o não declarar-se o patronimico, nem sempre indica desuso. Em *Soeiro Pires*, filho de *Paio Pires* (vid. *Linhagens*, p. 151), pôde faltar *Paes*. Em *Joham Valente*, filho de *Fernam Valente*, 1440 (*Chancelarias*, I, 142), pôde faltar *Fernandez*. Em *Joham de Gouvea*, filho de *Vaasco Fernandez de Gouvea*, 1450 (*ib.*, I, 146), pôde faltar *Vaasquez*. Diz-se na *Mon. Lusit.*, v, fls. 34: «Pero Coelho ou Pedre Anes Coelho, como lhe chamavão, entrepondo o patronimico de João». (sec. XIII-XIV).

Claro está que, independentemente de se subentender o patronimico, ha inumeros exemplos de nomes em que ele não existe de facto, ou porque o individuo usava como tal um nome proprio, sobretudo se ao nome do pai não se ligava patronimico tradicional (vid. adiante), ou por outras razões. Já a p. 102 se aludiu a isto. Eis alguns exemplos: nas *Linhagens*, p. 220, figura D. Branca Perez Coelho, filha de *Steram Coelho*; esperar-se-ia *D. Branca Stevãiz* (talvez o pai se chamasse *Stevão Perez*). Num doc. de 1304, *RL*, XXI, 258, lê-se *Fernam Reymundo*, *Sancha Reymundo*, filhos de *Reymund'Eanes*, apesar de *Reymundo* ter o patronimico *Reymundiiz*. Dá-se o caso até de num documento de 1305, em latim, *ib.*, p. 259, os mesmos dois primeiros personagens d'este último aparecerem designados por *Fferdinandus Reymundi* e *Sancia Reymundi*, com o patronimico em *-i*, segundo o que se disse supra.

Sem embargo do que fica exposto, não ha dúvida que, de certa epoca em diante, não só começam a faltar muito os patronimicos, mas começam, como veremos, a desempenhar outras funções. Quando é que isto aconteceu?

Em documentos da segunda metade do sec. xv encontra-se:

— Francisco da Silveira, filho de Fernão da Silveira, 1474: (vid. *Poetas palacianos*, de Th. Braga, p. 185).

— João Falcão, filho de outro, 1485 (*ib.*, p. 185).

— Anrique de Sousa, filho de Ruy de Sousa, 1477 (*ib.*, p. 184).

— O cronista Bernardo Rodriguez era filho de Mestre Antonio, que acompanhou D. Afonso V em Arzila em 1471 (vid. *Anais de Arzila*, t. I, p. VII).

Mas tambem ha nomes como *João Rodrigues* de Sá, 1451, (*AHP*, III, 125), *Fernand'Alvarez* da Maia, 1469 (*ib.*, III, 41),

com patronimico, posto regularmente depois do nome, o que pôde fazer crer que ainda era sentido como tal.

Para se chegar a resultado absolutamente rigoroso, seria necessario ter grandes listas de nomes, acompanhadas de datas do nascimento dos respectivos individuos e da filiação masculina. Em todo o caso, se ainda no sec. xvi apparecem exemplos, como:

— Fernão *Lopes* de Castanheda, filho de *Lopo* Fernandes de Castanheda, nascido antes de 1528 (vid. *Dicc. Bibl.*, II, 284);

— Alvaro *Estevez*, filho de *Estev'Eanes*, 1523, *AHP*, II, 84;

— D. Bras *Anrriquez*, filho de D. *Anrrique* Anrriques, 1523 (*ib.*, II, 88);

— Lourenço *Diaz* de Moraes, filho de *Diogo* Gonçalves, 1542 (*ib.*, IV, 461);

e tambem (sem indicação do nome paterno):

— Luis *Rodriguez*, impressor do *Preste Joam das Indias*, do P.^e Francisco Alvarez, Lisboa, 1540;

— Manuel *Tellez* Barreto, Gaspar *Rodriguez*, Francisco *Rodriguez*, o primeiro d'elles vereador da cidade de Lisboa, e procuradores os dois ultimos: no frontispicio da *Recopilacam de cousas que convem guardar-se*, etc., Lisboa 1580 (vid. José dos Santos, *Catalogo* da livraria dos Condes de Azevedo, e Samodães, t. I, 1921, p. 31):

ha, a par com estes, muitissimos casos em contrario, já no primeiro quartel do sec. xvi, como se vê do *AHP*, t. II, anno de 1523:

— Manuel da Fonseca, filho de Antão, p. 81 (o patronimico seria *Antunex*);

— Antonio Cabral, filho de Pedro Alvarez Cabral, p. 83 (o patronimico seria *Pérez*);

— Aires de Sousa, filho de Ruy Diaz de Sousa, p. 83 (o patronimico seria *Rodriguez*);

— Antonio Correa, filho do D.^{or} Estevão Correa, p. 84 (o patronimico seria *Estévãiz*, *Estevez*);

— Antonio da Silveira, filho de Nuno Martinz da Silveira, p. 85 (o patronimico seria *Nunex*);

— André da Silva, filho de Gonçalo da Silva, p. 85 (o patronimico seria *Gonçalvez*);

— Afonso Téllez, filho de Ruy Gomes da Silva, p. 86;

— Antonio de Mendonça, filho de Joham de Mendonça, p. 87 (o patronimico seria *Eanes*):

— Catarina Mazcarenhas, filha de Pero Mazcarenhas, p. 90;

—Duarte d'Almeida, filho de Fernam d'Almeida, p. 91 (o patronimico seria *Fernandez*);

—D. Diogo de Sousa, filho de Anrique de Sousa, p. 93 (o patronimico seria *Anriquez*);

—Francisco de Carvalho, filho de Alvaro Carvalho, p. 94 (o patronimico seria *Alvarez*);

—Fernand'Alvarez Cabral, filho de Pedro Alvarez Cabral, p. 94;
e mais algumas dezenas de nomes semelhantes, do mesmo ano e volume.

D'outros volumes e anos (simples amostra):

—Belchior Lourenço, filho de Diogo Gonçalves, 1542 (iv, 461), onde *Lourenço* não tem ligação com o nome do pai;

—Ruy Lopez Coutinho, filho de Fernam Coutinho, 1528: (x, 104; o patronimico seria *Fernandez*);

—Duarte d'Almeida, filho de Fernão Lopez d'Almeida (*ib.*, 125);

—Roy Martinz, filho de Fernã Martinz Azambujo, 1531 (*ib.*, p. 127);

—Gaspar Lourenço, filho do B.^{el} João Lourenço, 1539 (*ib.*, p. 205);

—D. Felipa da Cunha, filha de D. Antonio da Cunha, 1539 (*ib.*, *ib.*).

De alguns d'estes nomes vemos que, faltando nos filhos o patronimico, os pais ainda o mantinham, ou como tal, ou já sem grande significação: Aires de Sousa, filho de Ruy *Diaz* de Sousa.

Varios exemplos em documentos de 1566 a 1591, onde não se nota patronimico (*AHP*, v, 23 e 115 sgs.):

—Encenso Fernandes, carpinteiro, filho de Heitor Fernandes (*Fernandes*, originariamente patronimico, é aqui simples apelido);

—Duarte Fernandes, filho de Alvaro Fernandes (o sobrenome ou patronimico seria, já se disse, *Alvarez*);

—Pero Nobre, filho de outro;

—D. Britiz de Meneses, filha de D. Antonio de Almeida;

—Jeronimo da Rocha Soares, filho de João da Rocha (o patronimico seria *Eanes*);

—Sebastiana da Silva, filha de Christovão Tavares (o patronimico seria *Christóvãoiz*);

—Roque Rodrigues, filho de Antonio Rodrigues.

Outros exemplos avulsos, em processos da Inquisição (Torre do Tombo):

1561: Duarte Fernandes, Cristão Novo, filho de Mestre João, também Cristão Novo. N.º 12:745;

1582: Duarte Pirez, filho de Miguel de tal. N.º 12:757. (O patronimico seria *Miguéiz*).

No *Livro das ementas* (Torre do Tombo):

1583: D. Pedro de Mesquita, filho mais velho de Antonio Lobo;

— Loisa de Mezquita, filha de Pero de Mezquita;

— D. Fernando de Castro, filho de D. Alvaro de Castro;

— Domingos Ferraz, filho de Pero Ferraz.

1584: Francisco da Asseca Saraiva, filho de Antão Saraiva da Asseca.

1585: Anrique Gomes d'Abreu, filho de João Fernandez;

— Ruy Carvalho, filho de Ruy Mendez;

— Antonio Botelho, filho de Sebastião Pirez (o patronimico seria **Sebastiãiz*);

— Jeronimo Lobo, filho de Sebastião Lobo;

— João Viegas, filho de Simão Martinz (o patronimico seria *Simõez* ou *Simõex*);

— Francisco de Morais, filho de Antonio Fernandez de Morais.

1586: Rodrigo Afonso Moreno, filho de Fernão Moreno;

— Gaspar Rodriguez de Carvalho, filho de João Gonçalves.

De tudo isto resulta poder dizer-se que a decadencia do patronimico principia depois dos meados do sec. xv, e que o sistema já estava desorganizado no sec. xvi. De seculos posteriores a este não é preciso citar exemplos da falta de patronimico.

Desejar-se-ia agora saber por que razões se deu a decadencia, e desaparecimento total do patronimico.

Uma das principais devia estar na confusão que provinha de fazer de apelido um simples patronimico: *Afonso Fernandez*. Quantos *Afonsos* não havia cujos pais se chamassem *Fernando*? Como distinguir tantas pessoas umas das outras? Esta confusão existiu sempre, porém com o tempo aumentou. Seria importante verificar em que região ou localidade a confusão era maior, e onde pois começou a decadencia do sistema. Naturalmente começou em Lisboa, como povoação cosmopolitica, tanto mais que do sec. xiv em diante é a Extremadura a provincia onde a população parece ter crescido mais: Gama Barros, *Hist. da admin.*, II, 152. Em 1490 inculca-se acrescimo consideravel no número dos habitantes de Entre-Douro-e-Minho e Tras-os-Montes: Gama Barros, *ib.*, II, 298. A confusão a que acima se fez referencia obrigava á adjunção de alcunhas ou apelidos geograficos, os quais;

como já em parte temos visto, iam substituindo e suplantando os patronímicos.

O sec. xv é entre nós muito movimentado. Portugal relaciona-se intimamente com a Africa e seus mares, relações já vindas de tempos anteriores; se vão populações de cá para lá, tambem acontece o inverso. Num documento de 1439 figura Diogo Afonso Girom (do Algarve) e Briatyz *Gomeira*, sua canárea: vid. *Chancelarias*, I, 68-69. Para o povoamento da ilha de S. Miguel ha tradição de haver ido gente mourisca: vid. G. Barros, *ob. cit.*, II, 281. Em documentos dos fins do sec. xv declaram-se varios nomes de Mouros, de escravos pretos, e outros Pretos, que serão especificados adiante, no Liv. II. Colonias italianas vêm a Portugal, do mesmo seculo em diante, atraídas do bom exito das novas empresas maritimas: Peragallo, *Cenni*, p. 5. Em Arzila achavam-se em 1439, nas guerras de Portugal, dois Genoveses, e bem assim Pascoal de Majolo, tambem mercador genovês: *Anais de Arzila*, t. I, p. 12. Elementos flamengos preponderam nos primeiros tempos da colonização de algumas ilhas dos Açores: Gama Barros, *ob. cit.*, II, 287 sgs. Em 1466 Job van Huerter levou para o Faial e Pico dois mil artifices e lavradores: Leite de Ataíde, *Etnografia artistica*, p. 169. A colonia flamenga de Lisboa fórma uma confraria em 1414: Braamcamp in *AHP*, VI, 332. De modo geral diz o S.^{or} Braamcamp Freire: «Lisboa tem sido, quasi desde a sua conquista . . o mais importante emporio do comercio nacional: a ela começaram pois desde antigos tempos a concorrer mercadores estrangeiros, italianos e flamengos, principalmente, mas tambem alemães e ingleses.» in *AHP*, VI, 325. Ha a par mercadores franceses e bretões.

Todos estes povos adquirem entre nós tal importancia, que do sec. xiv em diante ha diplomas reais que lhes concedem privilegios: Victor Ribeiro, *Privilegios de estrangeiros em Portugal*, Lisboa 1917, p. 27. A data de 1405, mencionada *ibidem*, já o S.^{or} Ribeiro a corrigira em «1367» (de Cristo) a p. 37; a de 1400 entenda-se que é de Cesar (= 1362 de Cristo). Acêrca de Bretões vid. *AHP*, VII, 380. Um poeta do *Cancioneiro Geral*, I, 186, chega a poetizar tantas relações, e a enumerar Framengos, Genoveses, Florentyns, Castelhanos. Cf. o meu livrinho *Origem do povo português*, Lisboa 1923.

O contacto de Portugueses com os forasteiros fazia nascer apelidos novos, e contribuia para modificar o antigo sistema de denominação, ainda que ha apelidos de fóra, que se adaptaram

aos que cá existiam, como *Geraldos*, comparado com o italiano *Girardi*: Peragallo, *Cenni*, já cit., pp. 56, 38, 54; e cf. P. de Azevedo in *RL*, ix, 179-180 («Apellidos italianos em Portugal»).

Havia tambem, segundo já se disse a p. 114, nomes a que não se ligavam por costume patronimicos propriamente ditos, como: *Abril* (pelo sec. xiii), *André* (já do sec. ix), *Bertolameu* (já do sec. xiii), *Brás* (o mais antigo documento que conheço é de 1523), *Denis* (já do sec. xiii), *Duarte* (vid. *Opusc.*, ii, 96), *Luis* (vid. *Lic. de Filol.*, 2.^a ed., pp. 423-424), *Manoel* (*ib.*, pp. 424-428), *Nicolau* (já do sec. xiii), *Tomás* (sec. xv, pelo menos). Filhos de pessoas assim chamadas não podiam pois ter patronimicos, e repetiam o nome do pai como sobrenome: Abril Pires é pai de D. Urraca *Abril*, e Pero *Abril*: vid. *Linhagens*, p. 162. Cf. tambem Bluteau, *Nomes*, p. 14. Do mesmo modo Gil Martins é pai de Afonso *Gil*, Romeu *Gil*, Elvira *Gil*, mas em latim: Domnus Martinus *Egidii*, sec. xiii: vid. *Leges*, p. 572. E quem ousaria juntar o sufixo *-ez* a nomes cavalleirescos, usados galhardamente do sec. xv em diante (supra p. 57), como *Amadis*, *Lançarote*, *Persival*, *Tristão*, apesar de alguns d'elles poderem receber sobrenomes patronimicos (por exemplo, *Amadis Vaasquez*, 1440, *Chancelarias*, i, 159)?

De tudo o que fica exposto, — e não serão estas razões as unicas —, resultava que as gentes se viam forçadas a deixar o sistema antigo, e a substitui-lo.

Como porém os usos sociais nunca terminam de repente, e deixam sempre vestigios na tradição, o patronimico, embora cessasse de representar o seu primitivo papel (Fuão *Meendiç*, filho de *Meendo*), nem por isso morreu de todo: continuou a existir, mas degenerado.

Exemplos, como Bernardo *Rodrigues*, filho de Mestre *Antonio*, e Afonso *Télez*, filho de *Rui* Gomes, citados acima, e pertencentes aos secs. xv e xvi, mostram que *Rodriguez* e *Télez* não eram já de nenhum modo patronimicos, pois que os pais de quem assim se chamava não tinham os nomes de *Rodrigo*, nem de *Telo*: eram meros apelidos. Uma função ficou assim facilmente substituida pela outra.

Do seculo xvii dão-nos muitos exemplos os *Livros de matricula*:

Marcos *Soares*, filho de *Antonio* Gonçalves Azeitado, 1641, t. i, p. 2; Lourenço *Rodrigues*, filho de *Lourenço* Rodrigues, 1651, *ib.*, p. 46; Antonio *Gonçalves*, filho de Antonio Pires, 1673, *ib.*, p. 160.

D'aqui em diante não é necessario exemplos. Quem em tempos modernos se chama *Enes* (ou *Eanes*), *Fernandes*, *Henriques*, não quer significar que seu pai é respectivamente *João*, *Fernando*, *Henrique*, como outr'ora acontecia: *Per'EANES Marinho*, filho de *JOHAM Pirez Marinho* (*Linhagens*, p. 383), *Afonso FERNANDIZ*, filho de *FERNAM Gallego* (*RL*, XXI, 261, Azevedo), *Afonso HENRIQUEZ*, 1.º Rei de Portugal, filho do Conde *HENRIQUE*.

Eis uma lista alfabetica de apelidos contemporaneos, provenientes de patronimicos medievais: *Alves* (de *Alvares*), *Antunes* (de *Antonio*), *Bernardes*, *Domingues*, *Durães* (de *Durão*), *Esteves*, *Fernandes*, *Geraldes*, *Gomes* (vid. p. 49), *Gonçalves*, *Guedes* (de *Gueda*, *Guede*), *Henriques*, *Lopes*, *Luzes* (< **Lucici*), *Marques*, *Martins* (< *Martinz* < *Martinici*), *Mendes* (de *Mendo*), *Migueis* (arc. *Migueiz*, *Migueez*, *Miguez*: de *Miguel*), *Moniz* (de *Monio* ou *Monio*), *Nunes*, *Paes* (de *Paio*), *Peres & Pires* (de *Pero*), *Ramires*, *Rodrigues*, *Ruiz* (< *Ruderic*), *Sanches*, *Simões* (de *Simão*), *Soares* (de *Suarius*, *Sueiro*), *Teles*, *Vaz & Vasques* (de *Vasco*).

Já depois de extinta a significação do patronimico, e ele passar a apelido, continua este muitas vezes ainda agora a seguir-se regularmente ao nome proprio, por exemplo:

Afonso Lopes Vieira.

Alberto Telles de Utra Machado.

Alvaro Rodrigues de Azevedo.

Americo Pires de Lima.

Angelo Rodrigues da Fonseca.

Augusto Mendes Simões de Castro.

Carlos Simões Ventura.

Francisco Gomes Teixeira.

Francisco Martins Sarmiento.

Henrique Lopes de Mendonça.

Joaquim Mendes dos Remedios.

José Fernandes Costa.

Julio Gonçalves Moreira.

Julio Marques de Vilhena.

Manoel Bernardes Branco.

Manoel Domingues Heleno.

Isto acontece, já por ininterrupta tradição de familia, já por mero acaso.

Se o que fica dito é um vestigio morfologico do patronimico, temos tambem um vestigio ideologico, o que se verá mais adiante.

Os patronimicos em *-ez* (*-iz*) eram naturalmente comuns na idade-média á Galiza, Lião e Castela, e estão hoje, como entre nós, representados aí por apelidos.

i) Origem dos patronimicos em *-z*:

A origem dos patronimicos em *-z*, sobretudo dos em *-ez*, tem sido bastante debatida. M.-L., em 1917, *Altportug. Personenn.*, II, 5–20, referiu e discutiu quasi tudo o que até então se fizera, e lembrou que o ponto de partida para *-ez* seria *Dominici*, de *Dominicus*. Por *Umlaut*, *Dominici* deu *Dominiç* (em vez de *Domeniç*), que, estando a par de *Domengo*, transmitiu a este a vogal tónica, e sob o influxo dele se mudou em *Dominguiç* (p. 11). O *-z* dos nomes em *-icus*, cuja verdadeira natureza deixou de se perceber,— pois que, em virtude da assibiliação do *c* antes do *i*, a diferença entre o nome do pai e o patronimico ficou demasiadamente grande—, foi aqui tido como sinal de patronimico, e juntou-se ao *i* dos outros nomes (p. 12). Schuchardt fez ao trabalho de M.-L. algumas observações, em 1918, no *Ltbl. f. g. u. r. Phil.*, XXXIX, 194 sgs, a que M.-L. respondeu, em 1921, na *Zts. f. Rom. Phil.*, XL, 208–210. Vid. também a *Einführung* d'este autor, 3.^a ed., § 261, onde resume a sua doutrina.

M.-L. nota algures que não teve possibilidade de consultar o livro de Rios y Rios, *Apellidos castellanos* (1871). Pela minha parte ofereceu-se-me ensejo de o ler¹, e vejo que o autor, partindo, pp. 12–13, dos genetivos latinos *Roderici* e *Didaci*, assenta que as desinencias castelhanas *-ez*, *-az*, *-iz* (e *-oz*) nasceram das terminações de *Roderici*, *Didaci*, etc., pelo que se teve primeiro *Nunici*, por *Nunii* (embora talvez, acrescenta em nota, o nominativo aqui fôsse *Nunicus*), *Gundisalviç*, *Rodriç*, depois *Nuneç*, *Gonzaliç*, *Ruiç*. Estão aqui em germen as teorias de Cornu (*-iz* de *-ici*, *Gram. port.*, § 222) e de Meyer-Lübke.

Ultimamente, em 1921, Schuchardt ocupou-se dos patronimicos em *-ez* na *Zts.*, XLI, 702–703, attribuindo-lhes origem iberica: como em iberico o sufixo *-ko* significa descendencia, por exemplo, *Abili-ko*, «de parentesco abilico», e o genetivo singular no mesmo idioma termina em *-n*, podia o genetivo singular *Abilikon* ser traduzido em latim por *Abilici*, d'onde no latim da Hispania se criaria *Lupici*, *Martinici*, origem de *Lopez*, *Martinç*.

¹ Mercê do meu amigo D.^{or} Joaquim da Silveira.

Abstraindo do iberico, suponho que não andei muito longe d'esta explicação uns dez anos antes, nas *Lic. de Philol.*, 1911, p. 177, nota 2 (onde contudo, em lugar de *patris*, eu deveria ter posto, mais explicitamente, *generis*). Vou aqui desenvolver o que então disse, e isto ao mesmo tempo servirá de comentário a Schuchardt (se tão grande luminar da Sciencia necessitasse de mim!).

Em *Adtina Onorici*, DC, p. 19, temos, no meu entender, o sentido de *Adtina generis Onorici*, «Adtina de estirpe onorica», ou «de Onorio». O mais simples seria dizer *Adtina filius Onorii*, ou ainda *generis Onorii*, com a mesma construção que em latim *homo infimi generis*, e cf. *Scipionis genus*, e *gens Aemilia* (adjectivamente), mas era aquele o uso. Facilitava-o a voga que tinha na *Iberia* o sufixo *-icus*. Nos *MLI*, p. 254 sgs., encontram-se bastantes exemplos do emprêgo de *-icus*.

Albicus
cf. *Alb-on-ius*
Alb-ura
Ammica
cf. *Amminus*
Ammo, vir
Antubellicus
Aranicus
Boudica — celtico?
cf. *Boudenna*
Caenicus
cf. *Caenia*
Caeno, vir
Caricus
cf. *Cario*, vir
C. *Cari* f(ilius)
Caturicus
cf. *Caturis*, *Caturo*
Docilico
cf. *Docilo*
Docquiricus
Garonicus
cf. *Garos* (*Garosa*?)
Luguadicus
Medanica
Moericus

{ *Olonicus* &
{ *Olyndicus*
Pagusicus, -a
cf. *Pagurius* em Holder,
s. v. (acaso rotacismo)
Pedilicus
Pellicus
cf. *Pelius*, *Pellus*
Plandica
Sonnica
Tallicus, *Talticus*
Titicus
cf. *Titaius* = *Tit-aius* no
Boletín de la Acad. de la
Hist., LXIII, 235
Tritalicus
cf. *Trit-aius*
Turaucicus
Urcico
Vaenico, mulier
cf. *Venica* infra
Vatricos
cf. *Vatro*, mulier
Venica
cf. *Veninus*, e *Vaenico*.

A significação genealogica do sufixo *-icus* é bem manifesta numa inscrição romana do aro de Beja (*Corpus*, II, 99): *C. Albius C. f. [G]al. Albicus*, isto é, «*Caius Albius Albicus*, filho de *Caius Albius*, da tribu Galeria». Um filho de *Albius* recebe o cognome de *Albicus*. É certo que temos aqui o nominativo, como com razão observa M.-L. in *Zts. f. rom. Philol.*, XL, 209; contudo o que eu quis patentear agora foi a função do sufixo. Este sufixo tem significação gentilicia nos mencionados *Antubellicus* e *Pagusicus*, pois os nomes completos são respectivamente: *Antubellicus Priscus*, *Corpus*, II, 5202, e *G. Pagusicus Valerianus*, *ib.*, 27, estando os cognomes no fim. Já R. Cagnat, p. 51, fala do character gentilicio do mesmo sufixo na Lusitania e no Illyrico. Cf. também L. *Tritalicus*, no *Corpus*, II, 2814 (Hespanha), *Octavia Ammica*, 3198, *ibidem*. Às vezes porém *-icus* pertence a cognomes.

Diz M.-L., II, 10, que não se sabe se o *i* é breve, se longo, e que até a favor de ser longo está o aparecer às vezes *-icca*. Mas por outro lado podemos supor que, pelo menos, em certos casos, é breve, como se vê de *Indovelecus*, nome de um deus, onde existe o mesmo sufixo *-icus*: *Endovelicus*. Sendo longo o *i*, não teríamos *-ëcus*. Cf. também *Celticus*, *Celtica*, na Iberia. O sufixo *-icca* julgo-o diverso de *-icus*.

Se *-ix* se explica pois razoavelmente por *-ici*, seria muita ousadia admitir que também *-ax*, *-ox*, *-ux* poderiam explicar-se respectivamente por sufixos ibéricos, *-ac*, *-oc*, *-uc*, isto é, por *-aci*, *-oci* (apesar do que acêrca de *-ox* diz M.-L., II, 15) e *-uci*?

Em inscrições da Península encontramos, por exemplo, os seguintes nomes de pessoas (vid. *MLI*, *loc. cit.*, e cf. pp. CIII, CIV), ainda que talvez nem em todos eles, como também nos em *-icus*, as terminações sejam sufixos propriamente ditos:

<i>-ac-</i>	<i>-oc-</i>
<i>Attisaga</i>	<i>Annoca</i> , mulier
<i>Rhyndacus</i>	<i>Anno</i> , vir
<i>Samacia</i> = <i>Sam-ac-ia</i>	cf. <i>Ano</i> dat.
cf. <i>Sam-aius</i>	<i>Corocuta</i> , vir = <i>Cor-oc-uta</i> ?
<i>Tavacca</i> , mulier	cf. <i>Coria</i>
<i>Turaga</i> = <i>Tur-aga</i>	<i>Toloco</i>
cf. <i>Turaius</i> , <i>Turancus</i>	<i>Tiogilus</i> = <i>Ti-og-ilus</i> ?

Nos mesmos *MLI*, *loc. cit.*, estes nomes de pessoas:

-uc-
Bessuca, *Contuci* (*Contucus*).

Que, pelo menos, em *-ac-* era longo o *a*, o mostra o toponimo hespanhol *Arriaga*, de *Arriaca*; e cf. *Tavacca* supra. Ha nomes de deuses indigenas em *-ac-*, como *Turiacus*, e de povos em *-oc-*, como *Naebisoci*, que têm tambem, como os nomes de pessoas, caracter adjectival. A proposito d'este ultimo sufixo notarei, como já foi lembrado a primeira vez por Mommsen, no *Corpus*, v, pp. 44-45, a coincidencia de ele se encontrar em inscrições lapidares romanas do *ager Piquentinus* (Histria), onde fórma nomes gentilicios: *Laepoca*, 443, *C. Laepocus Rufus*, 444, *L. Clangocus Adventus*, 436, *L. Fervalocus Pudes*, 437,— embora ignoremos a quantidade da vogal *o*. Cf., sobre os mesmos nomes em *-oc*, Schulze, *Zur Gesch. latein. Eigennamen*, pp. 41-43. Ha a par nomes etnico-geograficos em *-uc-*: *Man-uc-iq(um)*, *Sambr-uc-ola*, etc.: vid. *MLI*, p. civ. Pois que os patronimicos em *-uṛ* não são muitos, poderia alguém lembrar-se de que eles resultaram da generalização de um genetivo como *Luṛ*, de *Luṛi* (de *Luṛu* ou *Luṛo*: *Lucius*), ou de *Lucae*, onde o *-u-* pertence ao tema: em todo o caso a simetria com *-oṛ* e *-aṛ* parece fazer pressupor a existencia de um sufixo especial.

Da frequência do emprêgo dos nossos patronimicos (Suário *Sandiniṛ*, *DC*, p. 82, *Kintila Kintilaṛi*, *ib.*, p. 87, David *Domin-goṛ*, *ib.*, p. 246, Scapa *Monniuṛ*, *DC*, p. 33), veio a perder-se a noção de que eles eram genetivos, e pôde dizer-se, por exemplo: *DC*, p. 36, sec. x, Ansur prolix *Goesteiṛ*; *DC*, p. 355, sec. xi, *Leoderigus* (= *Leodericus*), prolix *Leoderiqiṛ* (onde *prolix* = *proles*, equivale a *filius*) em vez de *Leoderiqui*. Cf. supra, p. 102. No citado documento de Gellone, supra, p. 111, vimos já tambem *Poncius filius Ermeiroṛ*.

Segundo a explicação aqui dada dos patronimicos, o uso d'estes começaria em tempos ibero-romanos, vindo ininterruptamente até o sec. xv-xvi. Os exemplos de nomes avulsos, do sec. iv-viii, de que se falou na pt. 1, cap. 1, p. 24 sgs., não constituíam excepção absoluta, dependiam de motivos accidentais.

Observações á doutrina do patronimico

1.^a

Ainda que ha nomes que pela sua fórma, pela data da sua introdução, ou por outros motivos, não formam patronimicos, os que existem têm as mais diversas proveniencias: do iberico, do latim ou grego, do germano, do arabe, do hebraico.

Para que não aconteça repetir muitos patronimicos já mencionados acima, contentar-me hei apenas de indicar alguns exemplos: de nomes que se supõem ibéricos ou ibérico-vasconços, como *Eneco* ou *Ennegu*, *Garsea* ou *Garcias*, *Gutier* ou *Gutierre*, *Velasques*, todos do século x, vieram respectivamente *Enegozi & Eneguiç*, *Garceazi & Garsiis*, *Gutiereç & Guterrit* (= *Guterriz*), *Velasquid*; de nomes latinos, como *Justus* (sec. x), *Antonius* (sec. xi), *Romano* (sec. x), *Salvator* (sec. x), vieram *Justiçi*, *Antoniçi*, *Romaniçi & Romanoç*, *Salvatoriçi*; de nomes germanicos, como (e são em grande abundancia nos primeiros tempos) *Ansur* (sec. ix), *Gunçalvo* (sec. x), *Roderigo* (sec. xi), *Sunila* (sec. x), vieram *Ansurizi*, *Gunsalvici*, *Roderiquici*, *Sunilazi*; do nome arábico *Cid* veio *Cidici & Cidiçi*; do nome hebraico *Salomon* (sec. x) veio *Salomonizi*; do nome grego ou greco-latino *Stephanus* (sec. x) veio *Stephaniçi*.

2.^a

Do número antecedente vimos que a alguns nomes se dão varios patronimicos, isto é, que os patronimicos alternam entre si: *Enegozi & Eneguiç*, aquele em -oz(i), este em -iç. Outros exemplos: a *Amarello* (sec. x) corresponde *Amarelli* (puro genetivo) e *Amarellici*; a *Brandila* (sec. x) corresponde *Brandilaç* e *Brandilizi*; a *Domingo* (sec. xi) corresponde *Domingoç*, *Dominguiç* ou *Dominquizi*; a *Eita* (sec. x) corresponde *Eitaçi* e *Eitiçi*; a *Ermigio* (sec. ix) corresponde *Ermigiçi* e *Ermigii*; a *Froila* (sec. ix) correspondem, pelo menos, *Froilazi* e *Froilici*; a *Manualdus* (sec. x) corresponde *Manualdi* e *Manualdizi*; a *Ovecco* ou *Ovecus* (secs. ix e x) corresponde *Ovecoç*, e *Ovequit* = *Ovequiçi*.

Se é boa a explicação que acima se deu de -anis como genetivo patronimico (vid. p. 105 sgs.), temos varios outros nomes com duplo patronimico: *Ansiliçi*, a par de *Ansilanis*; *Riquiliçi*, *Riquilaç*, a par de *Riquilanis*; *Quintilaç & Quintalaç* (como creio), a par de *Quintilanis*. Junte-se ainda: *Fandilaç* a par de *Fandilanes* (*villa*; sec. xi), por *Fandilanis*.

3.^a

Não só a um nome póde, como vimos, corresponder mais de um patronimico, senão que, falando-se de um mesmo individuo, se lê nas *Inquirições* (sec. xiii), p. 831: *Laurencius Soeirii*, *Laurencius Suariçi*, no primeiro caso com o nome alatinado do pai em genetivo, no segundo com um patronimico em -içi.

4.^a

Um sufixo patronimico póde juntar-se, quer a um nome primitivo, ou tido como tal, por exemplo: *Pelagit* = *Pelagi*ζ, de *Pelagio*, e *Tructesindi*ζ, de *Tructesindo*, quer a nomes derivados, por exemplo: *Gartiani*ζ (sec. x), de *Garseanus* (sec. ix), por *Garseánici* (de *Garsea*: supra, p. 29), quer a um nome hipocorístico, por exemplo, *Ero*, supra, p. 39.

A *Ero* correspondem dois patronimicos: um em *-o*ζ, isto é, *Ero*ζ, outro em *-oti*ζ, isto é, *Ero*tiζ. O primeiro pertence á classe estudada a pp. 110-111. Quanto ao segundo podemos admitir que *Ero* se declinou como em latim *Eros*, *-ōtis*, no *Corpus*, II, 1505, *Nero*, *-otis*, ib., IX, 197, juntando-se-lhe *-ici*: cf. *Mironi*ζi (sec. XI). Em documentos de Hespanha do sec. x ha *Pelagius Ero*tiζ, *Sancio Ero*tiζ: vid. Hinojosa, *Documentos*, pp. 8 e 16. Em Godoy, p. 15, lê-se também *Ero*tiζ, a par de *Eroni*, *Erici*. Cf. num documento nosso do ano de 953, *DC*, p. 20: *Fredenandus Alderoti*ζ, onde o patronimico se decompõe, como parece, em *Ald-erot-i*ζ, de **Aldero* = *Ald-ero*.

5.^a

Na junção dos sufixos patronimicos, ou na escolha da declinação, quando a filiação se indica por simples genetivo, certos nomes proprios preferem certos sufixos ou desinencias. Assim o sufixo *-a*ζ junta-se a nomes em *-a*, e particularmente a nomes em *-ila* (deminutivos masculinos), como se disse a pp. 108-109; a desinencia *-anis* está no mesmo caso, como se disse a pp. 106 e 108-109. A certos nome sem *-o* (*-on*), correspondem patronimicos em *-oni*ζ (= *on-i*ζ), por exemplo:

Ansalon: *Ansalonic* = *Ansaloni*ζ, *Absaloni*ζ (hebraico).

Aron: *Aronici*, *Aroni*ζ (hebraico).

Blando: *Blandoni*ζ (latino).

Donon: *Dononi*ζi (latino).

Gaton: *Gatoni*ζ (vid. supra, p. 38).

Gendon: *Gendoni*ζi (germanico?).

Teton: *Tetoni*ζ (M.-L., I, 87, e II, 27, agrega-se *Tedon*).

Cfr. *Froiloni*ζ a par de *Froiloni* (nominativo estereotipado); e vid. *Ero*tiζ, supra, n.º 4.^o

6.^a

O modo mais vulgar de indicar a filiação é com o genetivo em *-i*, ou com o sufixo patronimico *-i*ζ. A desinencia *-anis*, e os

sufixos *-az*, e sobretudo *-oz* (*-uz*) são menos frequentes. Nas *Inquirições* de 1258 abundam genéticos em *-i*, por oposição a patronímicos em *-iz*. Quasi todos os patronímicos da 2.^a alçada ou de entre Douro e Ave terminam em *-i* (raramente em *-iz*) ou em *-is* (*Julianus Johannis*), ou em *-e* = *-ae* (*Michael Egee*, p. 538). Na 3.^a alçada (Beira) a forma predominante é também a desinencia *-i*, raramente o sufixo *-iz* (*Martinus Lopiz*, p. 807).

O sufixo *-iz* (*-ez*) veio, como já se disse mais de uma vez, a suplantar todas as restantes maneiras de indicar a filiação.

Convém notar que em *Gutierit conf(irmat)*, DC, p. 6, onde *Gutierit* vale por *Gutieriz*, está um patronímico em vez do respectivo nome (cf. supra, p. 112). Temos aqui sem dúvida um caso estereotipado, ou, o que vale o mesmo: o nome tornou-se monoptoto. Cf. *D. Fafes*, supra, p. 48; *Gomes*, etc.

7.^a

De muitas maneiras indicam, ou têm indicado, diversos povos a filiação sinteticamente (ou por origem, ou por desenvolvimento posterior): patronímicos nos Gregos (mais raramente metronímicos); *-ing*, *-son*, *-sen* nos Germanos; puro genético, tanto na antiguidade, como na idade-média. Cf. *Bopezis*, *-ados*, filho de *Bopezis*; em alemão (na origem) *Petersson*, *Detlefsen*, em Kluge, p. 5. Metronímicos franceses: *Audain*, *Évain*, comparados com *Aude*, *Eve*: Dauzat, p. 143.

2. SOBRENOMES IGUAIS A NOMES-PRÓPRIOS DE PESSOAS, OU SOBRENOMES PROPRIAMENTE DITOS, ISTO É, NÃO DECLINADOS

Neste lugar tem de só se fazer a classificação, em grupos, dos motivos da escolha de tais nomes para sobrenomes, visto que já no cap. 1 da pt. 1 se falou das suas espécies e proveniências.

a) Sobrenomes que reproduzem os nomes-proprios dos pais:

Nas inscrições funerárias do nosso território, pertencentes aos primeiros tempos da idade-média cristã (secs. v-viii), os fiéis, em regra, indicavam humildemente o nome, sem sobrenome algum, excepto modestos epítetos ou títulos, como *famulus* ou *famula Dei*, *presbyter*, *dominus*, etc. Cf. supra, pp. 25 e 124. É preciso recorrer aos cartórios do sec. ix e seguintes para começar a encontrar com frequência expressões como *Vutierre Mendiç*, DC, p. 2. *Arias*

Pelagii, ib., p. 87: do que vimos muitos exemplos no parágrafo precedente. Mas temos também nomes simples, como *Nepuzanus*, ou acompanhados igualmente de meros epítetos ou títulos: *Tras-temirus diaconus*, *Domnus Garseanus*. Tudo do sec. ix.

Às vezes, em lugar de patronímico, ou de genetivo, junta-se ao nome de um individuo um nome simples, que, quando não vem acompanhado de *cognomentum*, ou expressões sinonimas (vid. Liv. II), parece ser designativo do pai. Num documento de 994, *DC*, pp. 103-104, ha várias assinaturas de confirmantes: Ariani episcopi conf.; Gonta abba manu mea conf.; Fagildo Ramiriz conf.; Affar Sarraziniz conf.; *Honorico Zaleman* conf.; Gundisalvo Sarrazini conf.; etc. Conquanto existam noutros documentos os patronímicos *Zoleimanuṣ*, *Zoleimaniṣ*, *Zoleimaṣ*, *Zoleimat* = *Zoleimaṣ*, julgo aqui *Zuleiman* empregado com função patronímica, paralela á dos restantes nomes que figuram junto d'ele. Para o espirito do escriba, tanto valeria o nome do pai do confirmante, como um patronímico.

Explicação analoga parece dever dar-se do segundo elemento de expressões como:

—Gunsalvo *Garsea*, sec. xi, *DC*, p. 117, apesar de haver os patronímicos *Garseaṣ*, *Garsiṣ*, etc., ou o escriba poder ter posto *Garci(a)e* ou fôrma semelhante.

—Johannes *Laurentius*, sec. xii, *Docs. do Souto*, pp. 4-5, apesar de haver o patronímico (latino) *Laurentiṣ*, ou o escriba poder ter posto *Laurentii*.

Se isto acontecia, por negligencia, ou outras causas, quando um nome tinha patronímico, acontecia, por maioria de razão, quando o não tinha. De um e outro caso vamos ver exemplos em textos redigidos em português dentro do periodo em que o patronímico florescia:

—Pero *Durā*, 1275, *RL*, xi, 86 (o patronímico de *Durā*, em outros documentos, era *Durāiṣ*, *Durāeṣ*);

—Pedro *Afonso*, juiz de Alafões, 1278, *ib.*, 89 (em documentos latino-barbaros o patronímico é *Adefonsiṣi*, etc.);

—Stevā *Gil*, Eirēa *Vicente*, Afonso *Lourenço*, 1308, *AP*, vii, 181 (os dois primeiros nomes que servem de sobrenome não tinham propriamente patronímico; do terceiro vimo-lo ha pouco).

Em documentos de 1326 e 1327, publicados pelo S.^{or} Pedro de Azevedo na *RL*, xxi, lê-se:

—Johā *Simhō*, p. 264 (o seu patronímico, em outros textos, é *Simōoeṣ*: cf. supra);

—*Lourenço Abril*, p. 267 (de *Abril*, nome proprio, não havia patronimico);

—*Don Fruytoso André*, p. 270 (a *André* não correspondia patronimico em português).

—Num documento de 1405, no *AP*, XIX, 54: *Afonso Abril do Vale*.

De nomes sem patronimico falou-se tambem já supra, a outro proposito, pp. 115–117 e 119, e particularmente de *Abril* e *André*.

Quando não se indica a filiação, póde em verdade ficar-se em dúvida se o sobrenome é o nome do pai, ou tem outra origem. Nas *Linhagens*, porém, que vão até o sec. XIV, não faltam exemplos de indicação da filiação, como:

—*Maria Vicente*, filha de *D. Vicente*, p. 148;

—*Gomes Ansur*, filho de *Ansur Soares*, p. 156;

—*Giral Reymondo*, filho de *Reymon Paes*, p. 162;

—*D. Guiomar Gil*, filha de *D. Gil Vaasquez*, p. 195.

E contudo correspondia patronimico a alguns dos nomes dos pais.

Das *Chancelarias* (sec. XV), t. I, —no geral pessoas não nobres—, apparecem muitas vezes *Afonso*, *Gil*, *Lourenço*, *André*, sobrenomes que acima vimos. Algures encontrei, do mesmo seculo, *Acenço Tomee*. As pessoas nobres usavam de preferencia nomes que tinham patronimicos.

Sem que saibamos como se chamavam os pais, encontramos em 1552, no *AHP*, II, 133 sgs., e 244 sgs., menção de individuos com sobrenomes iguais a nomes proprios (alguns, como os que ha pouco se enumeraram, outros porém diversos): *Alvaro Rafael*, *Pero Ayres*, *Bastiam Luis*, os quais não tinham patronimicos. De 1564, encontra-se nas *Chancelarias* de *D. Sebastião* (Torre do Tombo), fol. 352 v do livro 14.º, um alvará em que se lê *Manuel Jorge*, filho de *Jorge Manuel*¹; e de 1586 temos no *Registo da Sé*, I, 405: *Antonio Francisco*, filho de *Francisco Dias*. Nem *Jorge* nem *Francisco* tinham tambem patronimicos.

Em suma: houvesse ou não patronimicos, os nomes dos pais fazem as vezes d'elles, como sobrenomes. Era isto o que se queria referir quando a p. 120 se disse que os patronimicos haviam deixado um vestigio ideologico.

Depois que os patronimicos desapareceram, o mesmo uso de

¹ Informação do D.^{or} Manuel Heleno.

pospor ao nome proprio de um individuo o nome do pai continuou a vigorar.

Do sec. xvii citar-se-hão os seguintes, entre outros muitos, contidos no *Livro das matriculas*, vol. 1,—todos eles com indicação da filiação:

- Manuel *Lourenço*, filho de *Lourenço* Dias, p. 2;
- Affonso *Francisco*, filho de *Francisco* de Milão, p. 3;
- Antonio *Mathias* da Costa, filho de *Mathias* Gonçalves da Costa, p. 72;
- Matias *João*, filho de *João* Fernandes, p. 94;
- Manuel *Francisco*, filho de *Francisco* Pires, p. 95;
- Domingos *Francisco*, filho de *Francisco* Vieira, p. 102;
- Manuel *Jorge*, filho de *Jorge* Fernandes, p. 103.

Do sec. xviii:

- Francisco *Joaquim* Pereira e Sousa, filho de *Joaquim* José, nasceu em 1782 (*Dicc. Bibl.*, II, 399).

Do sec. xix-xx possui inumeros exemplos. Basta fazer uma escolha.

Em documentos manuscritos da Imprensa Nacional de Lisboa encontrei:

- Joaquim *José* das Neves, filho de *José* Rodrigues, 1814;
- Francisco *José* Nunes Gomes, filho de *José* Nunes Gomes, 1814;
- José *Joaquim* de Almeida, filho de *Joaquim* de Almeida, 1818;
- Josefa *Maria*, filha de *Maria* Josefa, 1818;
- Manuel *Joaquim* de Lemos, filho de *Joaquim* José dos Santos, 1820;
- Camilo *José* dos Santos, filho de *José* Antonio, 1822;
- Maria *Josefa*, filha de *Josefa* Maria, 1837.

No livro dos assentos dos casamentos da freguesia de Monte-Real (Leiria): Joana *Maria*, filha de *Maria* Josefa, 1822.

Exemplos colhidos avulsamente, quer em Lisboa, quer noutras localidades:

- Antonio *Manoel*, filho de *Manoel*;
- Aurora *Berta*, filha de *Berto*¹;

¹ Neste, e em casos semelhantes, em que um nome tem duas formas, correspondentes aos dois generos, muda de forma, segundo o sexo da pessoa. Vid. o Liv. III. E cf. em França, na idade-média; Alazaisia *Barrava*, filha de *Barravus*, em Duffaut, p. 185.

- Berta *Julia*, filha de *Julio*;
- Francisco *Henrique*, e José *Henrique*, filhos de *Henrique*;
- João *Bernardo*, filho de *Bernardo*;
- João *José*, filho de *José João*;
- João *Luis*, filho de *Luis*;
- José *Caetano*, filho de *Caetana*;
- José *Francisco*, filho de *Francisca*;
- José *Jeronimo*, filho de *Jeronimo*;
- José *Maria*, e Antonio *Maria*, filhos de *Maria José*;
- Josefa *Angelica*, filha de *Angelica*;
- Manoel *Bernardino*, filho de *Bernardino*;
- Manoel *Inés*, filho de *Inés*;
- Manoel *Narciso*, filho de *Narcisa*;
- Maria *Domingas*, filha de *Domingas*;
- Maria *Ernestina*, filha de *Ernesto*;
- Maria *Jacinta*, filha de *Jacinta*;
- Maria *Jorge*, filha de *Jorge*;
- Maria *José*, filha de *José*;
- Maria *Leonor*, filha de *Leonor*;
- Maria *Margarida*, filha de *Margarida*;
- Maria *Rita*, filha de *Rita*;
- Maria *Rosa*, filha de *Rosa*;
- Maria *Rosina*, filha de *Rosina*;
- Sebastião *Onofre*, filho de *Onofre*;
- Teresa *Caitana*, ou *Caetana*, filha de *Caitano*.

Do *Anuario da Universidade de Lisboa* (já citado), 1915–1916,

2.^a parte:

- Amilcar *José*, filho de *José*, p. 250;
- Atilio *Alfredo*, filho de *Alfredo*, p. 246;
- Augusto *Henrique*, filho de *Henrique*, p. 252;
- Eduardo *Antonio*, filho de *Antonio*, p. 246;
- Francisco *Avelino*, filho de *Avelino*, p. 253;
- Paulo *José*, filho de *José*, p. 248.

Quando um pai tem varios filhos, póde dar-se o caso de cada um d'elles, e não só um, receber como sobrenome o nome d'aquelle. Sei de um individuo, chamado *Salvador de tal*, com quatro filhas, que se chamam respectivamente: Branca *Salvador*, Beatriz *Salvador*, Isabel *Salvador*, Conceição (sem *Maria*) *Salvador*; de outro, chamado *Adriano Machado*, com três filhos, cada um dos quaes se chama respectivamente: José *Adriano Machado*, Anibal *Adriano Machado*, Alfredo *Adriano Machado*; de outro, chamado

João Alves de Carvalho, com dois filhos e uma filha, que se chamam respectivamente: *Simão João* Alves de Carvalho, *Manuel João* Alves de Carvalho, *Benta João* Alves de Carvalho. Isto mais confirma a ideia acima exposta de que o sobrenome moderno representa historica ou instintivamente o patronimico medieval, que pela natureza das coisas era tambem comum a irmãos.

Acêrca do nome da mãe empregado como sobrenome de um ou mais filhos veja-se adiante, p. 136 (Açores).

b) Sobrenomes que reproduzem os sobrenomes dos pais:

Exceptuando o nome proprio do pai ou da mãe, é o sobrenome d'estes o elemento que mais vezes serve para formar o sobrenome do filho.

Já do sec. XIV ou XIII temos *Maria Affonso*, filha de *Giraldo Affonso*: vid. *Docs. do Souto*, p. 194.

Do sec. XVI: *Catarina Luís*, filha de *Bastião Luís*: vid. *Registo da Sé*, I, 427.

Do sec. XVII:

— *Antonio Afonso* de Andrade, filho de *Antonio Afonso*;

— *Antonio Luís* Delgado, filho de *Domingos Luís*;

— *Antonio Thomás* de Miranda, filho de *Francisco Thomás*;

— *Vicente Luís* Soares, filho de *Antonio Luís*.

Vid. *Chancelarias*, pp. 4, 24, 34 e 38.

— *Sebastião Jorge* Perna, filho de *Manuel Jorge* Perna: vid. *Fr. Manuel dos Santos, Alcobaça illustrada*, p. XVI.

Do sec. XVIII:

— *Alexandre Antonio* das Neves, filho de *José Antonio* das Neves: vid. *Dicc. Bibl.*, I, 28;

— *Crispino Sabino* dos Santos, filho de *Francisco Sabino* dos Santos, 1783 (num manuscrito).

Do livro dos assentos de casamentos de Monte-Real (Leiria), já acima citado:

— *Antonio Duarte*, filho de *José Duarte*, 1811;

— *Manuel Baptista* Bello, filho de *João Baptista* Bello, 1811;

— *Theotónio Francisco*, filho de *Manuel Francisco*, 1814;

— *Maria Angelica*, filha de *outra*, 1814;

— *Maria Denis*, filha de *outra*, 1816;

— *Joaquim José*, filho de *Joaquim José* Leal, 1830.

Exemplos modernos, que colhi avulsamente, em Lisboa, ou noutras localidades:

— *Antonio Inês*, filho de *Manuel Inês*;

- Antonio *Luis* Delgado, filho de Domingos *Luis*;
- Belmira *Felipe*, filha de Manuel *Felipe*;
- Francisco *Xavier*, filho de José *Xavier*;
- José *Bernardo*, filho de João *Bernardo*;
- Tito *Luis*, filho de Hemeterio *Luis*.

Do *Anuario da Universidade de Lisboa* (1915–1916), vol. II, já citado:

- Alvaro *Afonso*, filho de Antonio *Afonso*, p. 245;
- Alvaro *Xavier*, filho de Francisco *Xavier*, p. 245 (em *Francisco Xavier*, que na origem é nome composto, viram-se inexatamente dois nomes);
- Artur *José*, filho de Antonio *José*, p. 245;
- Antonio *Manoel*, filho de José *Manoel*, p. 246;
- Francisco *Julio*, filho de José *Julio*, p. 247;
- José *Pedro* da Silva, filho de Manuel *Pedro*, p. 247;
- Manuel *Francisco*, filho de José *Francisco*, p. 248.

Se o nome do pai (nome proprio) seguido do sobrenome se considerasse nome duplo ou composto (vid. supra, p. 96, e adiante, p. 144), teríamos de dizer que o sobrenome do filho provinha, não do sobrenome do pai, mas de um elemento do nome d'este (nome completo).

c) Sobrenomes que reproduzem outros elementos dos nomes completos dos pais, que não os sobrenomes:

- José *Tomás*, filho de José de Sousa *Tomás*; vid. o citado volume do *Anuario da Universidade*, p. 280;
- Artur *Afonso*, filho de Antonio Apolinario *Afonso*; *ib.*, p. 251;
- Antonio *Domingos*, filho de José Maria *Domingos*; *ib.*, p. 260;

—Joaquim *Victor* Marques, filho de Joaquim Maria Victor.

No caso, porém, de nos tres ultimos exemplos se considerarem *Antonio Apolinario*, *José Maria* e *Joaquim Maria* nomes compostos ou duplos, deveria entender-se que os sobrenomes dos filhos provinham dos sobrenomes dos pais, e não de outro elemento. Em tal caso os mencionados tres exemplos pertenceriam ao sub-paragrafo *b*. Cf. o que já se disse *ibidem*.

d) Sobrenomes que estão relacionados apenas tematicamente com o nome ou sobrenome dos pais:

- Maria *Regina*, filha de João dos *Reis*, onde *Regina* e *Reis* têm por base o latim *reg-*; e Maria *Antonieta*, filha de *Antonia*,

onde o sobrenome deriva do nome proprio da mãe. Analogos factos vimos a p. 87 a respeito do nome proprio.

e) Sobrenomes que reproduzem nomes proprios ou elementos de nomes de outras pessoas da familia, ou de pessoas relacionadas com ela:

Os avós, os parentes, os padrinhos, os amigos ou protectores, e bem assim o marido para a mulher, e vice-versa, originam igualmente sobrenomes.

No que toca a seculos passados não é facil colhêr exemplos; por isso os que se vão indicar são modernos. Entendo que não se faz preciso formar longas listas.

Relação com avós: Antonio *Emilio*, neto de *Emilio*; Ivone *Luisa*, neta de *Luisa*; José *Manuel*, neto de *Manuel*; Luisa *Adelina*, neta de *Adelina*; Francisco da *Luz*, neto de Maria da *Luz*; Alberto *Emilio*, neto de *Emilia*. Em *Maria Ana*, neta de *Mariana*, decompôs-se este nome em dois elementos, tornando-se o primeiro d'elles nome proprio, e sobrenome o segundo.

Relação com varios outros parentes: Bernardino *José*, irmão de *José*; Carlos *Alberto*, sobrinho de *Alberto*; Maria *Delfina*, sobrinha de *Delfina*; Maria *Henriqueta*, segunda sobrinha de Maria *Henriqueta*; Maria *Maximiana*, sobrinha de *Maximiano*.

Relação com os padrinhos ou madrinhas: Adriana *Augusta*, afilhada de Maria *Augusta*; Alberto *José*, afilhado de *José*; Artur *Marcial*, afilhado de *Marçal* (porque *Marçal* e *Marcial* são palavras da mesma estirpe latina: *Martialis*, uma de origem popular, e outra de origem culta); Beatriz da *Purificação*, por ser *Purificação* o nome ou sobrenome de uma filha da madrinha (conquanto *Purificação* seja sobrenome religioso, não é como tal que figura neste lugar, por isso se inclue aqui, e não adiante, em B); Joaquim *Pedro*, afilhado de Rafael *Pedro*; Maria *Adelaide*, afilhada de *Adelaide*; Maria *Carolina*, porque o padrinho tinha uma irmã chamada *Carolina*; Maria *Henriqueta*, porque a mãe do padrinho tinha esse nome; Maria *Teresa*, em memoria da filha (falecida) de uma amiga da madrinha; Miguel *Henrique*, por ser afilhado de *Henriqueta*.

Relação de amizade: Maria *Vicência*, nome dado a uma criança por ser esse o de uma amiga da mãe.

Marido e mulher: Maria *Xaviela*, mulher de *Xavier* ou *Xaviel* (como o povo diz).

Às vezes as relações são multiplas: Antonio *José*, sobrinho e

afilhado de *José*; *Inacia Domingas*, afilhada e sobrinha de *Domingas*; *Maria Verginia*, afilhada e sobrinha de *Verginia*.

f) Sobrenomes perifrasticos relacionados com a familia de quem os usa:

Conexo com os sistemas precedentemente expostos (sub-paragraphos *a* a *e*) é o uso que nas aldeias se observa de indicar uma pessoa por uma perifrase em que, a modo de sobrenome, entra o nome de alguém de familia, principalmente de alguém graduado nela (cf. *Liç. de Filol.*, 2.^a ed., p. 181): *a Maria do Bernardo*, isto é, filha de *Bernardo de tal*; *o José da Maria José* (filho de *Maria José*); *o João da Inês* (filho de *Inês de tal*); *a Maria da Rosa do Joaquim da Luisa* (filha de uma *Rosa*, que é mulher de um *Joaquim*, filho de uma *Luisa*); *a Luisa do José Carvalho da Ludovina* (filha de *José Carvalho*, casado com *Ludovina*); *a Gertrudes do Domingos* (mulher de *Domingos*); *o Joaquim da Barbora* (filho de *Barbora* = *Barbara*); *o Carlos da Georgina* (marido de *Georgina*); *o Carlos da Palmira* (marido de *Palmira*); *o Antonio da Luçia* (filho de *Luçia*); *a Chica do João* (mulher de *João*); *o José da Rosa* (marido de *Rosa*); *a Rita do Bernardino* (mulher de *Bernardino de tal*); *o Francisco da Justina*; *o Antonio da Rita*; *o Antonio da Ana Gala*. Às vezes a nomenclatura é bastante complicada, como vimos ha pouco. Eis outro exemplo, ainda mais complicado: *a Aurora da Emilia da Maria do José do Pedro* (filha de uma *Emilia*, que é filha de uma *Maria*, que é filha de um *José*, que é filho de um *Pedro*). Todos estes casos os observei em diferentes partes do Continente português. Outros analogos se notam por vezes em jornais: «Preso o *Felix*, a amante, .. a *Ana do Felix*, etc.» (Beira): no *DN*, de 26-xi-1919. Vid. tambem *RL*, xix, 236-237 (artigo de A. C. Pires de Lima): *Manuel da Julia*, *Maria da Isabel*, etc.

Chega a haver particularidades curiosas como esta: de um *Diogo* ser casado com uma *Josefa* resultou dizerem os vizinhos: *o Diogo da Josefa*, falando d'ele, e *a Josefa do Diogo*, falando dela. Tal pormenor não escapou á sagacidade de Camilo, que na *Bruxa de Monte Cordova*, 2.^a ed., p. 11, escreve (já se vê, de fantasia): «D'ahi vinha chamarem-lhes, .. ao pae o *Joaquim da Theresa*, e á mãe a *Theresa do Joaquim*. Tem certa poesia este reciproco senhorio dos nomes entre marido e mulher, lá nas aldeias, onde nomes e almas, tanto monta, são bem e invejavelmente uma só alma e nome».

Em algumas freguesias da costa ocidental de S. Miguel (Açores), sobretudo na Bretanha, os individuos do sexo masculino recebem normalmente como sobrenome o nome da mãe: *Jacinto Helena*, *João Carlota*, *Antonio Josefa*, etc.: vid. Arruda Furtado, *Materiais para o estudo anthropologico dos Açores*, 1884, p. 21, nota. Este sistema, ou seja simplificação do antecedente, ou originario, nada tem singular, senão a frequência. Especie de metronimia.

g) Sobrenomes cuja escolha não depende de relações de familia ou de amizade pessoal.

Não relacionados com familia, padrinhos ou amigos, mas com a Historia, conheço um curioso caso que vou mencionar. Em Nisa é vulgar o sobrenome *Denis*: e isto, como lá me explicaram várias pessoas, por ter sido El-rei D. Denis quem fundou a vila actual, ou *Nisa a Nova*. Acêrca da fundação de Nisa vid. o P.^o Carvalho da Costa, *Corografia*, 2.^a ed., p. 377. Cf. tambem: Pinho Leal, *Portugal ant. e mod.*, vi, 99; e Motta e Moura, *Memoria de Niza*, 1 (1877), 28 sgs. De facto, no *Anuario Comercial* de 1917, onde se fala dos habitantes da vila de Nisa, vol. II, p. 2557 sgs., figuram 15 individuos com *Denis* ou *Dinis* por sobrenome, e mais tres em que essa palavra se segue a outro sobrenome. E não se contam aqui os Nisenses de sobrenome *Denis* que vivem fóra da vila. O nome todo do proprio autor da *Memoria de Niza*, citada há pouco, era José *Diniz* da Graça Motta e Moura, e lá vemos igualmente o sobrenome de que estou falando. Ainda que a proporção com a população da vila não é grande, basta a significação que a gente da localidade dá ao uso do sobrenome para que a menção, que fiz do caso, se justifique. Segundo o *Censo da população de Portugal* (parte 1, Lisboa 1913, p. 164), a população de Nisa, presente em 1 de Dezembro de 1911, era de 4:031 individuos; mas d'estes só 3:693 haviam nascido no concelho, e menor número (que não se indica) havia de ter nascido na propria vila. Este sobrenome *Denis* ou *Dinis* é já bastante antigo em Nisa: o citado autor da *Memoria* d'esta vila, II, 158, chega a fazer apelido do sobrenome, e a dizer «familia dos Dinizes».

Mais exemplos tomados da Historia:

Um professor primario, cuja familia conheço, chamou aos filhos, para se lembrar de Roma e Cartago: Ernesto *Anibal*, José *Asdrubal*, e *Augusto Cesar*. O ultimo nome é propriamente duplo ou composto.

Sei de uma familia lisbonense que batizou um filhinho com o nome de *Luis-Felipe*, em memoria do Principe portuguez d'esse nome († 1908). Creio que o proprio Principe se chamou assim por causa do seu antepassado *Luis-Felipe*, Duque de Orléans, e Rei de França († 1850).

Tambem sei de um individuo chamado Carlos *Bento* de tal, cujo sobrenome proveio de haver na epoca, em que nasceu, pessoas notaveis com esse apelido: Carlos *Bento* (politico), Manuel *Bento* de Sousa (medico e professor).

Um amigo meu, de sobrenome *Mario*, recebeu-o dos pais, por causa de se chamar assim uma personagem de um romance victor huguiano.

Casos varios devidos a fantasia ou «gôsto» dos pais, como as respectivas familias me disseram: Agostinho *Celso*; Emilio *Cesar*; Fernanda *Maria*; Maria *Leonor*.

No *Anuario da Universidade de Lisboa*, de 1917-1918, p. 30, figura Violeta *Ricarda Wagner*, natural d'esta capital, e filha de Christian Johann Gotlob Wagner (Alemão); parece que influuiu aqui o nome do grande musico *Ricardo Wagner*, por se dar o acaso da igualdade dos apelidos. Resultou d'isto como que um sobrenome composto ou duplo.



Em Hespanha é freqüente juntar-se um nome proprio ao nome de batismo, por exemplo: Juan *José* Arboli, Gaspar *Isidro* de Argüelles, José *Cebrian* y Saura; mas ás vezes, senão sempre, os dois nomes formam um nome composto. Neste exemplo de França: *Marie-Joseph* Chénier, nome de um poeta dramatico, irmão do poeta André Chénier, o elemento que em nós é sobrenome collocou-se antes do nome proprio; mas *Marie-Joseph* é certamente nome composto, ou *prénom* duplo, como *Jean-Jacques*, e outros mencionados no cap. 1, p. 97.

B.—SOBRENOMES PROVENIENTES DA RELIGIÃO

Nos nossos mais antigos documentos será raro encontrar algum *sobrenome* de character religioso, apesar do grande número de presbiteros e diaconos que os escrevem ou subscrevem. É certo que, por exemplo, *DC*, p. 157, sec. XI, se lê *abas Petrus Sancti Romani*, mas creio que deve entender-se *abas Sancti Romani* («da

igreja de S. Romão»). Ao sec. XII pertence porém Gonçalo de *Christo*, se não ha alguma razão particular para o sobrenome (perdi a nota do lugar). Nas *Linhagens*, sec. XIII-XIV, p. 385, figura Fernam *Sam-Jame*: que significa aqui *Sam-Jame*? Numa lista de muitos nomes contidos em um documento do sec. XIV, publicado por J. P. Ribeiro nas *Dissert. Chron.*, I, 295-296, lêem-se patronimicos, alcunhas, e sobrenomes iguais a nomes proprios, e nenhum apelido religioso. No extenso indice de nomes proprios que o S.^{or} Pedro de Azevedo com tanto cuidado e paciencia aggregou ao volume das *Chancelarias* (1415-1450), e que ascendem a centenaes, não encontrei, correndo-o de fugida, senão um Gonçalo *de Deus*.

Julgo que é do sec. XVI em diante que tais sobrenomes começam propriamente a apparecer, ou começam a apparecer mais.

O *Somário dos livros da Fazenda*, de 1523-1525, publicado por Braamcamp Freire, Lisboa 1904, como separata do *AHP*, vol. II, tem várias vezes *Sampaio*, se não é apelido geografico, e tem *Marta de Cristo*, *João de Santa Maria*, *Fr. João de Santa Maria*: vid. o indice.

Outros exemplos do sec. XVI, collidos na mesma importante revista:

- Fernão Lopes da Paz, Cristão Novo, 1547, *AHP*, VII, 442;
- Fr. Domingos do Espirito Santo, *ib.*, VIII, 60;
- Fr. Diogo de S. André, p. 61;
- Fr. Cristovão da Cruz, p. 416;
- Ignez de Deus, p. 423;
- Manoel de Cristo, p. 425;
- Fr. Manoel de Boa Ventura, p. 427;
- Fr. Dionisio da Assumpção, p. 431;
- Fr. Francisco de S. Estevão, p. 432;
- Beatriz dos Santos, no *Registo do Castello*, p. 57;
- Maria dos Santos, p. 75;
- Fr. Manoel de S. André, p. 203;
- Antonio, Beatriz, Francisco, Isabel, Luísa, Margarida, Policencia, Vicencia: da Cruz, p. 303.

Alguns sobrenomes religiosos do sec. XVII: vid. o indice das *Portarias do reino* (1639-1664):

- Gracia de Assunção;
- Maria de Ascensão;
- Fr. Simão de Nazareth;
- Fr. Gaspar do Salvador;

- Manoel, D. Vicencia, Antonio: da Paz;
- Manoel e Maria: dos Reis;
- Maria da Conceição;
- Francisco Dias da Luz;
- Fr. Manoel da Cruz.

Do sec. XVIII: vid. *Almanach* de 1792, Academia (suprimo os apelidos, quando os ha):

- D. Maria da Piedade, p. 59;
- Luis dos Santos, p. 87;
- Antonio dos Santos, p. 125;
- P.^o Manoel de S. José, p. 89;
- P.^o M.^o Fr. José de Santa Maria, p. 95;
- João de Sampaio, p. 107;
- Manoel de S. Payo, p. 121;
- Alexandre dos Reis, p. 157;
- José da Conceição, advogado, p. 175;
- José de Jesus, p. 196.

Nas listas precedentes patenteiam-se alguns nomes de frades, seguidos de sobrenomes religiosos, porque, como é sabido, os frades e as freiras trocavam muitas vezes o apelido ou sobrenome secular por um sobrenome religioso, e ás vezes tambem o nome proprio por outro: a isto voltará a fazer-se referencia, mais a proposito, no Liv. II. Este uso conventual devia contribuir muito para a propagação dos sobrenomes religiosos na vida secular, onde nos tempos actuais (sec. XIX–XX) os continuamos a encontrar: *Anjos*, *Anunciação*, *Aquino*, *Ascensão*, *Assunção*, *S. Boaventura*, *Carmo*, *Chagas*, *Conceição*, *Cruz*, *Dóres*, *Encarnação*, *Espirito-Santo*, *Estrela* (na ladainha: *stella matutina*), *Graça*, *Hora* («dia da Hora», ou da Ascensão do Senhor: vid. Moraes, s. v. «hora»), *Inocentes* (isto é, Santos Inocentes), *Luz* (N. Senhora da), *Mercês*, *Martires*, *Nazaré* (N. Senhora da), *Nascimento* (de Cristo), *Natal*, *Natividade* (da Virgem), *Neves* (Senhora das Neves), *Ó* (isto é, *Fulano* ou *Fulana do Ó*, isto é, de N. Senhora do Ó, «festa .. da expectação do parto; .. ha sete antiphonas da Magnificat, que começam por O, sete dias antes do Natal: *Ó Sapientia*, *Ó Adonai!* etc.), diz Bluteau, *Vocabulario*, s. v. «O». — Não se confunda este *Ó* ou *Oh*, com *O'*, de que se falará nos Apelidos de origem estrangeira), *Paixão*, *Passos* (ás vezes tambem por confusão com o apelido geografico *Paços*), *Patrocinio*, *Paç*, *Piedade*, *Prazeres*, *Quaresma*, *Reis*, *Santa Rita*, *Rosario*, *Sacramento*, *Santa Clara*, *Santiago* (= Sant'Iago ou S. Tiago), *Santos* (dia

de Todos os Santos), *Soledade*, *Trindade*, *Ventura* (proveniente de *S. Boaventura* = S. Boa Ventura. Também é nome proprio: vid. p. 66), *Viterbo* (por *Santa Rosa de*), etc., etc. São, umas vezes, nomes particulares ou genericos de santos; outras vezes, invocações da Virgem e de Cristo, ou alusões á sua vida; cmfim, quaisquer memorias misticas.

Muitos sobrenomes vulgares, por exemplo, *Xavier*, *Sales*, *Assis*, *Borja*, *Gonzaga*, *Bâtista* (antigamente *Bautista*, de *Baptista*), *Evangelista*, *Nepomuceno*, *Calasans*, *Tolentino*, *Sena*, *Madalena*, etc., que provêm respectivamente de epitetos de santos, — S. Francisco Xavier, de Sales e de Assis, S. Luis Gonzaga, S. João Bâtista, Evangelista e Nepomuceno, S. José de Calasans (Calasanz, na Hespanha), Nicolau de Tolentino, S. Bernardino ou Santa Caterina de Sena (ha outros santos com o mesmo apelido) Maria Madalena —, foram a principio só usados por quem se chamava, segundo os casos, Francisco, Luis, João, José, Nicolau, Bernardino, Caterina, Maria, etc.; depois, porém, perdida a noção do sentido dos epitetos, passaram estes a juntar-se a quaisquer nomes (Armando Sena, Ernesto Sales, e assim por diante). Vid. o que a tal respeito se escreveu nas *Liç. de Filol.*, 2.^a ed., p. 182 e nota 1. No DN, de 30 de Junho de 1922, fala-se de uma Maria Calazans (até já sem *de*!), descendente de um José *de Calasans*: é outro exemplo para se juntar ao de cima.

A perda, a que me refiro, da noção da origem do sobrenome faz, de mais a mais, que não só se omita na ligação d'ele com o nome o *de* originario, por exemplo, além de *Maria Calazans*, já citada: Fulano *Aquino*, em vez de *de Aquino* (por *Fulano de S. Tomás de Aquino*), Nicolau *Tolentino* de Almeida, poeta do sec. XVIII, em vez de Nicolau *de Tolentino*, senão que, com o andar do tempo, os mesmos sobrenomes se tornem ás vezes apelidos, por exemplo, João da Silva *Santa Barbara*, no *Almanach* de 1792, p. 243, do que terei de voltar a ocupar-me na Parte III. A proposito do poeta Nicolau Tolentino de Almeida, direi que num manuscrito das suas *Obras*, possuido por meu falecido primo o Engenheiro Luis Xavier Barbosa, de Viana do Castelo, se lia Nicolau *de Tolentino*, justificadamente com *de*; e de igual modo se lê na «Taboada» do *Martyrologio Romano*, Coimbra 1591 (que possuo): Nicolao *de Tolentino*, pois o Santo nascera em Tolentino, cidade italiana.

As razões da escolha de sobrenome religioso são analogas ás que se indicaram para a do nome na pt. 1: dia do nascimento,

devoção particular; acresce apadrinhamento. Eis aqui uma serie de uns poucos de nomes e sobrenomes modernos que explicam isso com clareza e rigor, pois me informei devidamente a respeito de cada um.

1. Nascimento, ou baptismo:

- Ester *da Paz*, nascida em dia da *Senhora da Paz*;
- Irene *da Ascensão*, nascida em *quinta-feira da Ascensão* de Cristo;
- Jorge *Basilio*, nascido em dia de *S. Basilio*;
- Carlos *Magno*, nascido em dia de *S. Basilio Magno* (o Carlos provavelmente foi provocado pelo *Magno*, para ficar um nome historico);
- Manuel *Pedro*, nascido em dia de *S. Pedro Telmo*;
- Maria *Candeias*, nascida em dia da *Senhora das Candeias*;
- José *dos Reis*, nascido na noite dos Reis;
- *Salvador do Nascimento*, nascido em dia de Natal (o nome *Salvador* teve aqui a mesma origem, e nada com *S. Salvador*. Houve pois pleonasmo religioso, para obtenção de maior favor sobrenatural);
- Maria *do Nascimento*, José *do Nascimento*: nascidos na noite de Natal;
- Silvia *Paula*, nascida em dia de *S. Paulo* (houve na escolha de nome mudança de genero);
- Maria *da Luz*, nascida em dia da *Senhora da Luz*, uma das invocações da Virgem;
- Francisco *José*, nascido em dia de *S. José*;
- Carlos *Eleuterio*, nascido em dia de *S. Eleuterio*;
- Francisco *Paulino* de Oliveira, poeta setubalense, nascido em dia de *S. Paulino de Nola*;
- Antonio *Pascoal*, nascido em dia de *Páscoa*;
- Lidia *Evangelista*, nascida em dia de *S. João Evangelista*;
- Maria *da Encarnação*, nascida em dia da *Senhora da Encarnação*;
- Maria *do Carmo*, batizada em dia da *Senhora do Carmo*.

2. Devoção particular:

Maria *Estrela*, por ter nascido proximo da igreja da Estrela, em Lisboa;

Maria *do Carmo*, «por causa da devoção que a mãe tinha com a Senhora do Carmo ou do Monte do Carmo, advogada das parturientes». Tenho outro exemplo igual.

Em Nisa são muito freqüentes, além do sobrenome *Denis*, a que a p. 136, se fez referencia, os de *Graça e Cruz*, por exemplo: *Ana da Graça*, *Antonio da Graça*, *Maria da Graça*; *Ana da Cruz*, *Antonio da Cruz*. A razão está na devoção que o povo tem, de um lado com a imagem da Senhora da Graça do Campo, que se venera na Nisa Velha ou *Nisa-a-Velha*, perto de Nisa-a-Nova, e do outro com a *Senhora do pé (d'ao pé) da Cruz*. A Senhora da Graça é a padroeira da freguesia. Também na igreja matriz ha uma imagem da *Senhora da Graça da vila*, mas a devoção é com a antiga, isto é, com a *do Campo*, á qual celebram festa na segunda feira de Pascoa.—Todas estas noticias as colhi por lá, ouvindo-as da bôca dos naturais.

Lê-se no *DN*, de 27 de Outubro de 1925 (artigo de Sousa Larcher): «Nas freguesias limitrofes de Leiria muito poucas são as mulheres que não usam o apelido [aliás sobrenome] *Jesus* antecedido do nome do baptismo, em que abundam as Marias. É tudo *Maria de Jesus*, *Joaquina de Jesus*, etc.».

Pela minha parte, ouvi tambem dizer que no Seixal da Lourinhã é muito freqüente nas mulheres o sobrenome de *Anjos*, por exemplo, *Maria dos Anjos*, porque a padroeira da Lourinhã, a que pertence o Seixal, é a Senhora dos Anjos.

Com o gôsto da novidade, muito proprio dos Portugueses, e tambem com o sentimento da devoção, se pôde ligar a influencia da moda na escolha de sobrenomes religiosos. Possuindo Portugal tantos e tão famosos santuarios da Virgem, concorridissimos de fiéis por ocasião das respectivas festas, por exemplo, os da Senhora da Lapa, dos Remedios, da Encarnação, etc., etc., preferem-se a essas invocações a *de Lourdes*, vinda agora de França. Não faltam por aí *Marias de Lourdes*. Em breve teremos tambem *Alices de Fátima*! Esta influencia da moda nos sobrenomes é analoga á que vimos a p. 90 nos nomes proprios.

3. Apadrinhamento:

Muitas vezes as familias querem que a Virgem seja madrinha de uma criança, ou que (mais raramente) um santo seja padrinho, por exemplo, Santo Antonio: pelo que o homem ou mulher que representa a entidade sobrenatural toca na cabeça da criança com a *corôa* ou uma *fita* da Virgem, ou com o *resplendor* do santo,—ao que se chama *tocar por madrinha*, ou *por padrinho*. A um caso d'estes allude Camilo nas *Lagrimas abençoadas*, 2.^a ed., p. 11: «Sua madrinha (d'uma criança recém-batizada) era Nossa

Senhora da Conceição, fulgurante de mil lumes, no seu docel de seda e prata, com as mãos cruzadas sobre o seio, com os olhos extáticos no ceu». E de tais costumes nascem sobrenomes, como:

- Luísa *da Conceição*, afilhada da Senhora *da Conceição*;
- Maria *do Carmo*, afilhada da Senhora *do Carmo*;
- Maria *de Guadalupe*, afilhada da Senhora *de Guadalupe*;
- Maria *da Piedade*, afilhada da Senhora *da Piedade*.

Uma pessoa do sexo masculino também pode ter por madrinha a Virgem; porém não colhi sobrenomes devidos a isso.



No cap. II da parte I, quando se tratou das razões religiosas da escolha do nome próprio, já se juntaram algumas notas comparativas para mostrar que essas razões pertencem a um círculo geral de ideias. Não parece necessario aqui juntar outras, que só poderiam ser muito sumárias; apenas se dirá que os Hespanhoes adoptam exactamente o mesmo sistema que nós: Miguel *Ramos de Arispe*, José *de Santa Maria*, Fray Juan *de los Angeles*. Afirma Rios y Rios, p. 82, que Afonso *Jordan*, neto de D. Afonso o Bravo (sec. XI), recebeu este sobrenome por ter nascido na Terra Santa, e sido batizado por devoção no rio Jordão¹.

C.—SOBRENOMES DE PROVENIENCIA VÁRIA

Devidos a fanatismo politico posso indicar Aurora *da Liberdade*, e Libertina *da Fraternidade*.

Ha-de haver muitos mais, que provenham de fantasia, etc. Fica aberto aqui o lugar para eles.

Observações á doutrina do sobrenome propriamente dito

1.^a

Nem sempre se usa sobrenome, por exemplo, João *de Barros*. É isso até talvez o mais freqüente em homens. Nas mulheres, porém, o nome a cada passo vem acompanhado de sobrenome: Maria *Henriqueta*, Sancha *de Jesus*.

¹ O sobrenome (e nome) *Jordão*, usado modernamente entre nós, deve contudo provir do Calendario. A Igreja reza do Beato *Jordão* de Saxonia, e do Beato *Jordão* de Pisa.

2.^a

O nome e sobrenome formam de certo modo um nome duplo ou composto (nome proprio): *José Antonio, Maria da Conceição*: cf. o cap. III da parte I. O formarem ou não formarem nome composto depende do modo da redacção do assento do baptismo ou do registo civil, e também do sentimento de quem o usa ou o pôs. Quando um nome completo se compõe sòmente de nome e sobrenome, sem apelido algum, mal pôde o sobrenome deixar de se considerar independente. O sobrenome é às vezes pôsto logo no acto do baptismo: por exemplo, *Maria Adelaide*.

3.^a

Tudo o que se disse da razão da escolha dos sobrenomes é paralelo ao que se disse da dos nomes. De se tomarem, por exemplo, como nomes e como sobrenomes, nomes de antepassados resulta poderem ficar os nomes e sobrenomes representando um conjunto de parentes: *José Manuel*, neto paterno de *José* de tal, e materno de *Manuel* de tal. Às vezes toma-se ao mesmo tempo o nome proprio e o sobrenome de uma só pessoa: *Guilherme Antonio*, porque o avô se chamava assim.

4.^a

Na determinação do motivo da escolha do sobrenome de um individuo convem, quanto possivel, ter outra guia além da inspecção dos nomes dos antepassados, pois de contrário pôde haver equivações, ou depararem-se-nos enigmas. Por exemplo: a comparação do nome do escritor seiscentistico D. Francisco *Manuel* de Melo com o de seu avô D. Francisco *Manuel* da Camara levaria a crer que o sobrenome d'aquelle representa o d'este: e contudo o elemento *Manuel* provém da nobre familia dos *Manueis* de Hespanha: vid. E. Prestage, *D. Francisco Manuel de Mello* (esbôço biografico), Coimbra 1914, pp. 2 e 3.

Foi por isso que nas listas que acima aprêntei de nomes ouvidos por mim proprio não deixei nunca de averiguar nas respectivas familias as razões da escolha: estas são pois absolutamente certas, e bastam para mostrar a justeza da classificação (unica cousa que me importa aqui, pois tudo o mais é biografia e não Filologia), e para atenuar alguma dúvida que por ventura assalte o leitor relativamente a listas que colhi em livros e manuscritos, desprovidas de informações accessorias.

5.^a

É muito natural que alguém, ou por superstição, piedade filial, ou por mera lembrança do pai, use o sobrenome d'este,—do que vimos muitos exemplos a p. 132. Isto repetido através de muitas gèrações, faz com que o sobrenome, apesar do seu character individual, se torne hereditario, e gradualmente apelido. Sei, por exemplo, de casos em que um individuo, um filho, e um neto têm todos respectivamente um mesmo sobrenome, e sei em especial de uma familia onde *Candido* se junta ao nome de muitos membros d'ela, desde o tronco, em 1700 e tantos, até hoje: Luis *Candido* (tronco, e varios descendentes), Antonio *Candido* (em tres gèrações seguidas), *Lucia Candida* (em varias gèrações successivas), Ricardo *Candido* (em duas gèrações), Sara *Candida* (noutras duas), Eusebio *Candido* (duas vezes), Ana *Candida*, Henrique *Candido*, Jacinta *Candida*, João *Candido*, etc.

A par com esta transmissão espontanea, ha um curioso caso em que o sobrenome se transmitira de modo obrigatorio. Em 1545, como se lê num opusculo de P. Mascarenhas Judice, *Através de Silves*, 1, Silves 1911, p. 62 sgs., instituiu naquela cidade Vicente *Simões* Valarinho, com sua mulher Leonor de Sárrea, um morgado, cujo administrador, sempre um parente, teria o *sobrenome* de *Simões*, para perpétua memoria do instituidor: «e não se chamando *Simões*, não haverá esta administração» (p. 68). *Simões* é hoje apelido, mas no documento chama-se-lhe *sobrenome*; talvez quem o redigisse dêsse á palavra a acepção de «apelido». Seja como fôr, tomo aqui a expressão á letra, e considero *Simões* sobrenome, porque na origem o era, como patronimico de *Simão* (cf. p. 117), e porque nos meados do sec. xvi não estava ainda obliterada no espirito público essa origem.

CAPITULO II

Fôrma do sobrenome (considerado em geral)

O patronimico, por natureza, é sobrenome simples. Quanto ao sobrenome propriamente dito, póde tambem ser *simples*, ou ser *composto*.

Ser simples um sobrenome, é o mais usual: Luis *Bernardo*.

No sobrenome composto entram dois ou mais nomes, o que só começou a ter voga depois no sec. xvi, porque até os inicios estava em moda o patronimico.

Vem a proposito transcrever, relativamente ao sec. xvii, o seguinte gracioso trecho da *Carta de guia de casados*, de D. Francisco Manuel de Mello, ed. de Prestage, Porto 1916, pp. 129-130: «Quando, Senhor N., Deos der filhas a V. m., não lhes consinta mais que hum só nome liso, aquelle que lhe ditar a devação, ou obrigação. Tenho por grande leviandade esta ladainha de nomes (dissera melhor: carta de nomes) que hoje se usa, pondo em camouço huns sobre outros, deixando os de mais barafunda para o cabo. Deraõ as mulheres nesta nova casta de damaria: e acontece que a que nasceo, e se criou mera Domingas ou Francisca, lança sobre si meia duzia de Jacintas, Leocadias, Michaelas, Hippolytas, e outros nomes esdruxulos, só porque viraõ chamarem-se assi, pouco mais ou menos, as suas vizinhas. Acho graça nesta historia. Fora a bautizar em hum lugar desta minha vizinhança a filha de hum escudeiro; e porque ouvio que a outra de hum titulo tinha sua mãi mandado pôr na pia tres nomes: como a elle lhe custava barata a grandeza, içou hum furo mais á vaidade, e mandou bautizar a menina com quatro nomes. Ouvio-os todos o Cura, e disse aos padrinhos: — Senhores, escolhaõ hum só nome, que sou fraco de memoria, ou juro a tal, que lha bautize sem nome, ou lha mande para casa como veio, até que lá se resolvaõ no que melhor lhes parecer».

Do sec. xviii dá-nos o *Almanach* (da Academia) alguns exemplos de sobrenomes multiplos, ano de 1792: D. Helena Maria Josefa Xavier de Lima, p. 58, o qual está bem no caso dos que D. Francisco Manuel repreende; Antonio José Elias de Ataíde, advogado, p. 171.

Nos livros de assentos paroquiais de Monte-Real, 1812, lê-se: José Duarte Lourenço, filho de José Lourenço, onde o sobrenome do pai passou a ser a segunda parte do sobrenome do filho.

Exemplos actuais, de pessoas que conheço:

— Luis Augusto-Candido, e Fernando Augusto-Candido foram assim inscritos nos assentos do baptismo, tendo-se feito preceder o primitivo sobrenome *Candido*, usado num ramo da familia, de segundo sobrenome, *Augusto*, em lembrança de outro ramo da mesma.

— Pedro Augusto de S. Bartolomeu Azevedo, nome de um illustre Conservador da Biblioteca Nacional: *Augusto* proveio-lhe do padrinho, S. Bartolomeu de ter nascido no dia d'este santo. Pois que *Augusto* é sobrenome, e não parte do nome, a familia chama-lhe *Pedro*, e não *Pedro Augusto*.

—Outro exemplo muito curioso é-nos dado pelo nome do nosso grande oftalmologista, Professor da Universidade de Lisboa, D.^{or} Gama Pinto, natural da Índia Portuguesa. O nome todo é: *Caetano Antonio Claudio Julio Raimundo* da Gama Pinto. Como ele me explicou, *Caetano Antonio*, especie de nome composto, proveio-lhe do avô; *Claudio* foi-lhe imposto em criança pela família, em homenagem a certo individuo da Índia, muito respeitado dos Portuguezes; *Raimundo* reproduz o nome do padrinho. Quanto a *Julio*, não soube dar-me a explicação.

Em nomes como Fulano da *Madre de Deus* a duplicidade do sobrenome não é artificial, como nos exemplos precitados, mas resulta da natureza do sobrenome. Em igual caso estão os sobrenomes de Fr. Guilherme do *Amor Divino*, Fr. Manuel de S. *Lourenço Justiniano*, que se lêem no *Catalogo dos Agostinhos*. Em Fulano *João de Deus*, nome de um individuo que conheço em Lisboa, o sobrenome creio que está por S. *João de Deus*.

Francisco *Manuel do Nascimento*, nome civil de um poeta do sec. XVIII-XIX: a primeira parte é nome profano, a segunda nome religioso. O nome proprio e o primeiro sobrenome formam, como já sabemos, uma especie de nome composto. E até muitas vezes, falando-se d'este escritor, se diz somente *Francisco Manuel*.

Do que toca aos extensos sobrenomes das pessoas reais falar-se-ha no Liv. II.

PARTE III

Do apelido

Nesta parte da presente obra estudar-se-hão sucessivamente os seguintes assuntos: especies do apelido, segundo as ideias que originariamente representam; razão da escolha ou adopção na familia; fórmãs que pôde tomar.

CAPITULO I

Especies do apelido

A proveniencia e classificação dos apelidos consagra Ferreira de Vera o cap. III da *Origem da nobreza*, Lisboa 1631, e Severim de Faria os §§ 1 e 2 do disc. III das *Noticias de Portugal*, Lisboa 1655. Nisto os acompanha Villasboas no cap. II da *Nobiliarchia Portuguesa*, Lisboa 1676, onde desenvolve um pouco mais o assunto. A todos estes AA. se aludiu na INTRODUÇÃO, supra, p. 6. Ainda que eles expõem algumas ideias justas, os genealogistas, como estes, imaginam que primordialmente os apelidos pertenciam quasi só a nobres, e não a plebeus, que em tal hipótese os teriam adoptado depois, por abuso. Que quantidade de brasões alusivos a apelidos não figuram na mencionada *Nobiliarchia*, e na *Armaria Portuguesa* que Braamcamp Freire publicou!

As nações d'onde, segundo Vera e Severim, descende a nobreza nacional, foram, sem falar do sangue que cá ficaria de Godos e Romanos, as seguintes: Hespanha, França, Inglaterra e Italia. Vid. tambem o que se lê nos Livros de linhagem, *passim*. «Tem-se discutido, diz o D.^{or} Fortunato de Almeida, *Hist. de Portugal*, I, 377, se com a invasão dos Visigodos fôra aniquilada a nobreza hispano-romana, e se na classe nobre, existente ao constituir-se a nacionalidade portuguesa, predominava a classe dos Visigodos conquistadores ou a raça dos vencidos. O que parece mais aceitavel é que as necessidades da guerra contra os Arabes houvessem confundido os descendentes dos Visigodos e os dos Hispano-Romanos, e que na classe nobre entrassem individuos de origem diversa,

mas notáveis pelo seu valor militar, pelas riquezas adquiridas, ou por outras causas especiais».

Ha, sem dúvida, apelidos cuja proveniencia historica se determina, por exemplo, *Lencastre*; ha-os mais em voga numas classes do que noutras, por exemplo, *Vasconcellos*; ha-os que vieram de fóra, e se propagaram, por exemplo, o citado *Lencastre* e *Aguilar*: contudo a maioria d'elles deve ter nascido do vulgo, nobilitando-se por vezes em seguida. Já a respeito da incerteza do solar dos Sás emitiu algumas dúvidas Francisco Brandão na *Mon. Lusit.*, parte v, fls. 217 v; e com razão observou um d'elles, isto é, Sá de Miranda, *Poesias*, ed. de D. Carolina Michaëlis, p. 524:

É . . grande trabalho
Escrever de gerações!
Nem todos são Scipiões,
E podem cheirar ao alho
Ricoshomens e infanções . . .

Deve dizer-se insistentemente, e sem reboço, que os alfarra-bios genealogicos andam em regra recheados de patranhas, e que se torna indispensavel usar de muita critica, e possuir solidos conhecimentos historicos, para extrair d'elles algumas noções exactas. Os trabalhos de Braamcamp são neste particular, e em tudo, modelares,—para não se citar aqui agora, como exemplo, senão um autor.

Voltemos aos apelidos. Sem querer menosprezar o que já antes de mim está escrito, adopto na minha obra a seguinte classificação, baseada nos materiais que tenho recolhido:

A) Apelidos procedentes de patronimicos, e iguais a eles; B) apelidos procedentes de nomes proprios de pessoas, e iguais a eles; C) apelidos procedentes da religião; D) da geografia; E) de alcunhas, e iguais a elas; F) apelidos de origem estrangeira; G) apelidos de procedencia vária.—Cada uma d'estas classes admite sub-divisões, como se verá.

A classificação é principalmente ideologica, e não historica, pois existem apelidos que despertam certa ideia, sem que os individuos que os usam os recebessem por causa da mesma ideia: *Abade*, por exemplo, pertence ideologicamente á secção dos apelidos que designam estados sociais, e contudo um individuo pôde usá-lo por qualquer circumstancia, que não a de governar uma abadia, ou de descender de um ecclesiastico que a governasse.

A)—APELIDOS PROCEDENTES DE PATRONIMICOS,
E IGUAIS A ELES

Na Parte II, p. 101 sgs., onde se tratou dos patronimicos, falou-se já da degeneração que do sec. xv para o xvi sofreram os patronimicos medievais, passando a funcionar como simples apelidos: *Durãez* significava a princípio «filho de *Durão*», e hoje, na forma *Durães*, não passa de apelido, que póde ser usado por qualquer pessoa, ainda que o pai não se chame *Durão*.

Sendo desnecessario repetir tudo o que está dito, remete-se o leitor para aquele capitulo.

B)—APELIDOS PROCEDENTES DE NOMES PROPRIOS DE PESSOAS,
E IGUAIS A ELES

De se juntar a um nome proprio como sobrenome outro nome proprio, por exemplo, em *José Antonio*, pela razão exposta na Parte II, p. 129 sgs., resulta ás vezes que, depois de esquecido o motivo da junção, o sobrenome se desloca para o meio ou para o fim do nome todo, e passa a funcionar como apelido.

Vejamus um curioso exemplo nas *Linhagens*, p. 288. O Conde D. Ponço foi pai de D. Vela Ponço, este de D. Ponço Vecgas, este de D. Pero Ponço, este de D. Fernam Pirez Ponço. O nome proprio *Ponço*, na origem gentilicio romano, Pontius (cf. supra, p. 47), que se tornou muito notavel na historia do Cristianismo, como o de um *procurator* da Judeia (vid. Tacito, *Annales*, liv. xv, cap. 44), passou a sobrenome de um filho e de um bisneto, e a apelido de um terceiro neto.

Tambem nas *Linhagens* se lê: Estevão Pires Froião (de Florianus), p. 147; Vasco Annes César, p. 156; Peno Anes Marinho (de S. Marinho reza a Igreja em 3 de Março); Martim Anes Reymondinho, pp. 207 e 302, onde o diminutivo é quasi alcunha (vid. secção E). Não se diz aí a razão do emprêgo dos nomes proprios como apelidos, mas noutros lugares aparece o apelido *Tello* como nascido de um patronimico, o que julgo fenomeno mais raro.

Com efeito, D. Affomsso *Tellez*, mencionado a p. 362, teve dois filhos:

Joham Affomsso *Tello*,

Dom Martim Affomsso *Tello*,

a par de D. Affomsso *Tellez* Çizom. Pois que por um lado *Affomsso*

não tinha patronimico, e devia portanto funcionar como sobrenome, e por outro lado se queria dar importancia ao *Tellez*, adoptou-se como apelido a forma primitiva *Tello*. O proprio autor da narrativa diz a pp. 198 e 361: «os Tellos». De ter *Affomso* já funções patronimicas resultava a impossibilidade ou o absurdo de se empregar como apelido *Tellez*, tão claramente patronimico tambem. Como admitir num nome dois patronimicos? Ao referido *Joham Affomso Tello* se dá a p. 198 como filho Rodrigo Annes *Tello*. Pela mesma razão não podia aqui haver *Tellez*.

Seria facil aduzir outros exemplos antigos, o que não se faz por amor da brevidade. Passemos a tempos muito mais modernos.

O *Anuario da Universidade de Lisboa* de 1915-1916, parte II, já por vezes citado, tem tambem, por exemplo:

- Manuel do N. *Simão*, filho de José *Simão*, p. 258;
- João L. da Silva *Duarte*, filho de João *Duarte*, p. 264;
- José Maria *Duarte* Ferreira, filho de M. *Duarte* Ferreira,

p. 271.

De outras fontes:

—Ignacia Maria *Alexandre*, e Constança Maria *Alexandre*, filhas de *Alexandre* de tal e Maria Constança.

Acontece não raro servir de apelido o nome proprio do pai, sem passar primeiro pelo grau de sobrenome: num ms. de 1816 lê-se Francisco José *Caetano*, filho de *Caetano* Alberto.

Num ms. de 1805: Bernardo Tomás *Pedro* Ribeiro, filho de Joaquim *Pedro* Ribeiro. O *Pedro*, que no pai era sobrenome, mudou-se em apelido no filho.

Ainda que ás vezes ha motivos especiais, que escapam á investigação immediata, e que só podem descobrir-se esmiuçando a historia de cada familia, explica-se assim satisfatoriamente, e de modo geral, grande número de apelidos que existem iguais a nomes proprios. Quem abrir o *Anuario Commercial* encontrará inumeros apelidos (note-se que falo de *apelidos*, e não de *sobrenomes*) constituidos por nomes proprios, como os seguintes, uns de homens, outros de mulheres: Afonso, Alexandre, Antonio, Artur, Augusto, Aires, Bento, Bernardino, Bernardo, Bonifacio, Calixto, Carlos, Catharino, Cesar, Denis, Diogo, Duarte, Emilio, Ernesto, Estevão, Eugenio, Felix, Fernando, Francisco, Franco, Gil, Gonçalo, Guilherme, Heitor, Ignacio, Joaquim, Jorge, José, Julio, Liborio, Luís, Marçal, Marinho, Mario, Martinho, Metelo, Nuno, Onofre, Pedro, Polonio, Quintino, Quirino, Rodrigo, Romão, Rosa, Sancho, Soeiro, Tello, Thomé, Valente, Xavier, Zuzarte.

Temos também apelidos, que nem toda a gente saberá que são originariamente nomes individuais, por exemplo:

—*Anaquim*. Do hebraico Anakim ou Enacim. Quer dizer «gigantes».

—*Brandão* (cf. Liv. III, Gramatica: generos).

—*Fortes*: numa assinatura do sec. x, DC, p. 108: *Fortes presbiter*. Quanto á Hespanha, onde o nome se apresenta também como fôrma patronimica, vid. Pidal, *Orígenes*, pp. 131 e 223, nota. Como sobrenome ou apelido em documentos nossos antigos: Petrus *Fortes*, sec. xiii, *Inquisit.*, p. 83; João *Fortes*, sec. xvi, *AHP*, II, 142. Hoje simplesmente apelido, e não já, que eu saiba, nome proprio. A Igreja reza de S. Fortes ou S. Forte em 6 de Dezembro (vid. *Ementario*, p. 100). A princípio *Fortis* foi cognome romano: vid. Dessau, vol. III, pt. 1, p. 196. Á magia do nome se refere Dauzat, p. 7: «les Romains nommaient un garçon *Fortis*, non parce que le nouveau-né semblait courageux mais pourqu'il le devînt»; fôsse ou não assim, não faltam exemplos que confirmem esta concepção.

—*Galvão*: vid. o *Onomastico* de Cortesão, s. v., e o *Ementario*, p. 105.

Nem sempre o nome proprio que serve de apelido se apresenta na sua fôrma plena, como os que ficam mencionados: pôde acontecer empregar-se uma fôrma de origem proclítica, por exemplo, *Severim*, de *Severino*, ou uma fôrma hipocoristica, por exemplo, *Lelo* (apelido dos donos de uma conhecida livraria portuense, os quais têm origem trasmontana), de *Manuel*. Dos proclíticos e hipocorísticos se tratará no Liv. III (Gramatica), onde estas duas fôrmas serão melhor explicadas.

Ao determinar-se a origem de um apelido igual a um nome proprio de pessoa, convem porém atender, para evitar enganos, que existem terras que têm nomes iguais a nomes proprios de pessoa, por exemplo, *Rosa*, e que pôdem provir d'elas alguns apelidos da natureza d'aqueles que se estão aqui estudando. Em tal caso os apelidos pertencem á serie que fôrma a secção D. Só historicamente ou em circumstancias especiais se resolveria a dúvida.

Em resumo: um apelido igual a um nome proprio de pessoa ou nome individual:

- 1) nasce de um sobrenome;
- 2) ou tem outra origem, que por vezes é difficil ou impossivel especificar.



O tornar-se apelido um nome próprio é fenómeno muito vulgar por toda a parte. Cf. quanto á Hespanha, Godoy, p. 71 sgs.; quanto á França, A. Longnon, *Noms de lieu*, p. 96, § 378; quanto á Alemanha, H. Reichert, p. 50 sgs. Na Hespanha usam-se ás vezes, como apelidos, nomes antiquados, por exemplo, *Alonso*, *Bernal* (Bernardo).

C)—APELIDOS PROCEDENTES DA RELIGIÃO

Os apelidos de character religioso têm origem analoga á dos apelidos nascidos de nomes próprios, de que se tratou na secção *B* do presente capitulo.

1) Umaz vezes resultaram de deslocamento de sobrenomes, por exemplo: Alda Filipe de *Assunção* Pereira, filha de Antonio de *Assunção* Pereira, no *Anuario da Univ.*, p. 227; José Marques do *Carmo*, filho de Joaquim do *Carmo*, *ib.*, p. 239; Manuel Costa e Silva Ramos de *Deus*, no *DN*, de 18 de Junho de 1926. Cf. supra, pt. II, *B*.

2) Outras vezes nasceram de circumstancias nem sempre redutíveis a classes, o que só historicamente pôde determinar-se: d'onde veio a Ruy Vaasques *Coreesma* o seu apelido, nas *Linhagens*, p. 304? Acaso motivo do nascimento (cf. infra, p. 182).

No *Anuario Commercial*, I, 756, lê-se: P.^e João Adelino Monteiro *Vácondeus*, e sei que o mesmo apelido tambem existe em Portalegre. Ouvi explicá-lo por uma anedota, porém não acredito nela. Conquanto eu não conheça *Vácondeus* no Calendario cristão como nome de Santo, ele é analogo a outros que os Cristãos usaram nos primeiros tempos, como *Deogratias*, *Quodvultdeus*, ou de origem grega: *Theoprepides* «que é digno de Deus»: vid. Martigny, *Dict. des antiq. chrét.*, s. v. «noms». Nomes d'estes originam-se de expressões optativas, que na idade-média, em várias nações, se gravavam em monumentos sepulcrais, em aneis, etc.: *Chionius vivas* (entende-se: em Deus!), *Sofronia vives* («viverás»): Godoy, *Apelidos castell.*, pp. 156 e 157. D'ái vem o nome português medieval *Dompnus Vivas*, *Inquisit.*, p. 516; cf. *D. Bibas*, o bobo que Herkulano immortalizou num romance célebre. Modernamente é conhecido o apelido *Deusdado* (cf. *Devdatus*, *Adeodatus* em textos ecclesiasticos); em Monção fala-se de uma heroína chamada *Deuladeu*

(= Deus la deu) *Martins* (vid. Pinho Leal, *Port. ant. e mod.*, v, 424), e houve no sec. xvi *Dallodeu* Pirez, *AHP*, II, 250. Nos dois ultimos exemplos temos tambem nomes proprios, e não apelidos. Em França ha «noms de famille» como *Dieuteveut*, *Dieutegarde*, *Dieuzaide*: em Ritter, *Noms de famille*, Paris 1875, p. 35; e *Dieudonné*, apelido de um escritor com quem estou em relações.

Não é facil ás vezes distinguir apelidos de origem religiosa directa, de apelidos nascidos de alcunhas religiosas, por exemplo: *Beato*. Vid. adiante.

D)—APELIDOS DE ORIGEM GEOGRAFICA E ETNICA

A geografia gera apelidos por varios modos: dando um nome proprio, ou comum, de lugar, sitio, região, etc., ou dando um adjectivo, que pôde chamar-se *etnico*.

Do segundo modo temos, por exemplo: *Bragança* e *Sousão*, na origem designações de individuos naturais ou provenientes respectivamente de *Bragança* e *Sousa*: vid., por exemplo, *Linhagens*, pp. 165, 190 e 195. Cf. *ib.*, p. 326: Pero Fernandes *ho Bragança*, pai de Garcia Pires *de Bragança*. Na mesma obra, p. 271, se lê: Fulana, «casada com D. Fernam Mendez *de Bragança*, como se mostra no titulo dos *Braganços*». Acêrca de *Sousão* vid. tambem p. 153 (D. Mendo *o Sousão*), e de *Barganção*, p. 164. Todavia na mesma obra, p. 288, distinguem-se duas linhagens: *dos Sousãos* e *Sousas*. Apelido moderno: *Tamegão* (de origem, segundo parece, antiga: da região do rio Tamega: cf. *infra*). *Beirão*, no sec. xv, *Chancelarias*, I, 545, apelido, que se conservou até hoje. Vemos em todos estes exemplos o sufixo *-ão*, do lat. *anus*, como em *Romanus*, natural ou procedente de *Roma*.—A par com os citados apelidos ha *Pereirão*, isto é, «os Pereyraãos», *Linhagens*, p. 196, relacionados com D. Gonçalo *Pereira*, p. 184. Noutro lugar, p. 361, figura a familia dos *Ramiraãos*. Em *Pereirão* o sufixo *-ão* tanto pôde ser *etnico* como *familiar*, pois que *Pereira*, como veremos, é na origem nome geográfico; em *Ramirão* é evidentemente *familiar* (cf. *supra*, pp. 87–88), pois que a palavra vem de *Ramiro*, nome de um dos membros da familia; o mesmo em *Guedão* (*Linhagens*, p. 307), de *Gueda*.

—*Minhoto*, sec. xvi–xvii, vid. *Saudades da terra*, de Gaspar Fructuoso, III, 56–58. Na *Santarenaida*, poema heroi-comico, de Figueiredo, Coimbra 1792, o heroi é José Rodrigues *Santareno*, e este apelido ainda hoje existe.

Em tempos modernos temos igualmente: *Algarvio*; *Maiato* (usado no Minho, como apelido, e como alcunha); *Português* (no Porto, etc.; cf. Fernam Perez *Portugallense*, sec. XIII, em Rios y Rios, p. 163, se não é epíteto: em todo o caso vê-se como é que o apelido se originou); *Lusitano* (em Lisboa, no Troviscal, etc.), no feminino *Lusitana*, por exemplo, Maria *Lusitana* Sacadura, no DN de 1 de Abril de 1925 (descendencia illustre). Na vila de Melo ha uma familia de apelido *Indio*. Em Macedo de Cavaleiros havia por 1883 uma estalajadeira de alcunha ou apelido *a Braguesa*: vid. *Estudos de Philol. mirandesa*, I, 8. Sei de um individuo chamado Fulano da Cruz *Camarneiro*, por ser natural de *Camarneira*, concelho de Cantanhede (alcunha tornada apelido).

Pertence aqui o apelido *Saloio* (vid. *Anuario Comercial*), e a alcunha *Cigano*, isto é, *o Cigano*, Alentejo, que é a principal região onde habitam os nossos Ciganos (vid. Liv. II).

O modo mais vulgar de formar apelidos geograficos é todavia com um nome proprio.

Falemos primeiramente de regiões. Têm natural primazia *Portugal*. Já nas *Linhagens*, p. 209, figura Pero *Portogal*, filho de Afonso Meendez de Merloo e neto materno de Pero Fernandez *Portogal*. A pp. 287 e 352 figura D. Pero Fernandez *Portugal*, filho de D. Fernam Ramirez; o apelido é só d'ele: nem se vê no nome de uma irmã, ali mencionada a par, nem nos de duas filhas. Na dedicatória que D. Lucas de Portugal fez dos *Divinos e humanos versos*, de seu pai D. Francisco de Portugal, em 1652, ao principe D. Theodosio, diz aquele que aos membros da familia deu «Portugal não só o sangue, mas o appellido». Provavelmente *Portugal* foi na origem uma especie de alcunha geografica posta a um Português que esteve lá fóra, ou lá foi dignificado: de maneira analogica se explicam apelidos como *Português* (vid. supra), e bem assim *Aragão*, *Castela*, *Galiça*, *França*, etc., usados entre nós. Um exemplo palpitante do fenomeno o encontramos em *The Spanish Tragedy*, de Thomas Kyd (sec. XVI), onde, scena XI, acto III, figuram dois Portugueses a que o autor chama, no plural, simplesmente Portugais: «enter two *Portingals* and Hieronim meets them». Vid. D.^{or} Gustavo Ramos, *Tres tragedias inglesas*, Lisboa 1920, p. 75. Outro exemplo, bastante elucidativo tambem: um negociante italiano, com quem um amigo meu lidou uns dias em Roma, chamava a este por abreviatura *Portogallo*, e o meu amigo assinou-se assim mesmo num bilhete que lhe escreveu! Na *Armario*, de Braamcamp Freire, pp. 406-407, diz-se que tem

havido várias famílias de apelido *Portugal*, tanto em Portugal como em Hespanha: do seu grande uso na actualidade falam exemplos que vêm no *Anuario Comercial* (Fulano *Portugal*, Fulano *de Portugal*, etc.). Não concordo pois com Ferreira de Vera, *Origem da nobreza*, pp. 14 v e 15, ed. de 1631, quando diz que os d'este e semelhante apelido descendem de reis. Também se compreende que, se, por exemplo, um Hespanhol demorasse por cá algum tempo, os naturais, quando ele regressasse á sua terra, lhe chamassem *Portugal*. Afasto igualmente a hipotese de o apelido ter podido nascer do nome de um rei de armas, pois tal officio foi criado depois de 1385: F. Lopes, *Cronica de D. João I*, parte II, cap. 39. Os nossos reis de armas chamavam-se, como é sabido: *Portugal*, *Algarve* e *India*¹.

Tirados de outras regiões posso indicar:

—*Brasil*. Ha um escritor Sousa *Brasil*, nascido no Brasil quando esta nação era ainda colonia de Portugal: *Dicc. bibliogr.*, VII, 355. O mesmo apelido continua a existir cá e lá.

—*Açores*, em Manuel R. do Amaral *Açores*, e seus filhos, como se lê nas *Familias Faialenses*, p. 63.

—*Baião*, apelido não raro, e já antigo. *Baião* é o nome de um concelho, porém não existe nenhuma povoação assim chamada (a capital é Campelo): corresponde pois a um nome de região. Ha outros casos como este em Portugal.

—*Barroso*, apelido bastante vulgar. Á região de Barroso me refiro em *De terra em terra*, I, 86.

—*Basto*, apelido muito vulgar. A região de Basto está hoje representada (teoricamente) por Cabeceiras de, Celorico de, e Mondim de: Basto. Em 1091, *DC*, n.º 755: *territorio de Basto*; nas *Linhagens*, p. 150: *terra de Basto*; em Sá de Miranda, *Poesias*, *senhorio de Basto* (ou *do Basto*, p. 453, ed. de D. Carolina Michaëlis). Também ha o apelido *Bastos*, que supponho provém do

¹ Sei também de *Portugal*, não como apelido, mas como nome-proprio, pelo menos em dois casos: *Portugal de tal*. Num dos casos o pai registou civilmente o filho assim, por motivo anti-religioso; mas, já depois de este ser adulto, consentiu que fosse batizado, e recebesse um nome do Calendario, embora, para todos os efeitos o nome civil continue a ser *Portugal*. Quanto ao segundo caso, ignoro a razão da escolha.

nome de um sitio habitado por pluralidade de membros de uma familia de apelido *Basto*, — isto é, chamado *os Bastos*. Cf. infra *Malheiros*, p. 169, nota 37.

— *Beira-Alta*, alcunha de um individuo que conheci em Bragança, isto é: «Fulano, o *Beira-Alta*», por ser da provincia d'este nome.

— *Maia*, apelido muito vulgar. Num documento de 1097, *DC*, p. 512, fala-se de Pelagio Suarii, *da Maia*; no sec. xiii, *judex Madie*, ou *juiz da Maia*, nas *Inquisit.*, p. 512; como apelido: Johannes Petri *Madie*, *ib.*, p. 480, ou *de Madia*, p. 593. Hoje a região é ainda conhecida por *terra da Maia* (ao Sul do rio Ave, do lado da costa, até Bouças, inclusive).

Apelidos iguais a nomes de rios. Por exemplo: *Tamega*, de uma aluna da Faculdade de Letras do Porto, 1923 (cf. *Tamegão*, supra); *Vouga* (vid. *Anuario Comercial*, secção do Porto); *Neiva*, que se lê no *Anuario Comercial* de 1918, e além d'isso meu conhecido por outras fontes; *Lima*, *Paiva*, *Sousa*, muito vulgares, e alguns d'elles já vindos da idade-média: D. Enês Fernandez *de Limea*, nas *Linhagens*, p. 286; Dominicus *Lima*, nas *Inquisit.*, p. 439; Garcia Fernandez, «que chamarom *de Payva*», nas *Linhagens*, p. 326. Como ha terras em cujos nomes entram os de rios, por exemplo, *Riba-Tamega*, *Sobre-Tamega*, *Ponte de Lima*, *Viana do Lima*, *Castelo de Paiva*, *Aguiar de Sousa*, *Paço de Sousa*, *S. Romão de Neiva*, é natural que umas vezes os apelidos sejam abreviaturas de nomes de terras, outras vezes tomados directamente dos dos rios, como epónimos de regiões que eles banham: cf. o que digo nos *Opusc.*, iii, 175 sgs., a respeito de *Lima*. A S.^{ra} D. Carolina Michaëlis, *Canc. da Ajuda*, ii, 324, falando de D. Gomes *de Sousa*, diz: «senhor de terras percorridas por aquele afluente do Doiro»; considera pois aqui *Sousa* como região do rio *Sousa*. Informa-me o meu colega D.^{or} J. M. Rodrigues que conheceu um padre minhoto chamado Fulano *Fernandes*, o qual, parecendo-lhe pouco sonoro o apelido, lhe juntou *Minho*, ou por causa do nome do rio, ou do da provincia.

As povoações são em verdade os maiores mananciais d'onde emanam apelidos geograficos.

Os apelidos tirados directamente de nomes geograficos começaram, em regra, não só, como já sabemos, por designar locais de nascimento, residencia ou procedencia, mas tambem senhorios (*honras*, *coutos*, *terras*, *simples quintas*, etc.). Por isso, quando lemos *Arias de Retorta*, num documento de 973, *DC*, p. 70,

Elias *de Avelanas*, num documento de 976, *ib.*, p. 75 (em assinatura), Tructemundo *de Ferraria*, num de 991, *ib.*, p. 100, Vermudo *de Arauca*, num de 1073, *ib.*, p. 312, Johanes *de Ponte*, 1178, nos *Docs. do Souto*, p. 4, .. erdade de Dominicus *Dorraca* que est foreira .., sec. xiii, *Inquisit.*, p. 319 (*Dorraca* = d'Orraca; cf. *Orraca*, lugar, na Galiza), Stévano *de Travaços*, Stephano *de Felgueiras*, Pedro *da Ameira*, em textos de 1265–1267 (J. P. Ribeiro, *Dissert. chron.*, 1, 280–289), Pero *de Muel*, sec. xiv (no *AP*, vii, 264), Fernando, filho de Joham *de Çepta*, sec. xv (*Chancelarias*, p. 290): ficaremos em dúvida se *de Retorta*, *de Travaços*, *de Felgueiras*, *da Ameira*, etc., são na realidade apelidos, ou meras designações geograficas, ainda que, por faltarem patronimicos, podemos considerá-los no todo ou em parte apelidos.

Já, pelo contrário, em Suerio Gondesendiz *de Petrafita*, Pelagio Suarii Calvo *da Maia*, e Pelagio Petri *de Avelaneda*, todos num documento de 1097, *DC*, pp. 511–512; em Julianus Petri *de Villa Plana* (1252), Laurentio Suerii *de Valadares* (1268), Suerio Petri *de Barvosa* (1268), Rodrigo Garsia *de Payva* (1268), Martino Johannis *de Vinal* (1268), Stevam Periz *de Casal Mato* (1267), nas *Dissert. Chron.*, 1, 268–279; em Santius Petri *de Barbosa* (1262), Donus Menendus Fernandiz *de Merloo* (1262), nas *Leges*, 1, 700: ha a certeza, ou quasi, de que os nomes precedidos de *de* significam patria ou residencia.

À mesma categoria pertencem: Martim Mendiz *da Costa*, e Martim Martyz (= Martíz) *de Cuya* (= Cúia) em documentos de 1265, nas *Dissert. Chron.*, 1, 289; Joham Martinz *de Rio Mayor* e Domingos Martinz *de San Juyão* em documentos de 1304, na *RL*, xxi, 257 e 259 (P. de Azevedo); e bem assim, em documentos de 1271 e 1272: Martinus Johannis *de Paradela*, Petrus Menendi *de Jugoo*, Dominicus Gonçalviz *de Villacova*, Dominicus Gonçalviz *de Ameixeedo*, Dominicus Cervelo *de Barro*, Joham Periz *d'Alancar*, Gonçalo Martinz *de Riba de Minho*; e com a maxima clareza: Miguel Perez, vizinho d'Alanquer, nas *Leges*, 1, algures. Aos quais juntarei: Pero Rodriguez *de Pereira*, e Rodrigo Gonçalvez *de Pereyra*, nas *Linhagens*, pp. 309, 284, etc. Cf.: Martim *morador em Castro*, no *AHP*, ii, 138.

De facto, em todos os exemplos d'estas duas ultimas listas, menos no ultimo, que é especial, o individuo está determinado pelo patronimico.

Depois, com o rodar do tempo, sobretudo, quando o patronimico, por haver muitos iguais, era insufficiente para indicar bem

a personalidade dos individuos, o complemento geografico tornou-se apelido: D. Margarida Anes *d'Evora e d'Estremoza*, que parece apelido duplo, *Linhagens*, p. 351; Gonçalo Rodrigues *de Cabreira*, natural de Villa *Daligrete* (= d'Aligrete ou Alegrete), 1613 (vid. *Compendio de remedios de cirurgia*). Hoje não falta quem se chame *Fulano Mendes da Costa*, *Fulano Martins da Cunha*, *Fulano Fernandes de Sousa*, sem que ao *de* se ligue de modo algum ideia geografica, ou ao primeiro apelido ideia de patronimico.

De certas expressões das *Linhagens* se vê bem como é que os apelidos geograficos se originaram e transmitiram nas familias:

—Henrique Mendes foi casado com Maria Paes, e fez em ella Estevainha Hermiges *de Teixeira*, p. 150; D. Estevam Hermiges *de Teixeira* foi casado com Urraca Gomes Zagomba, e fez em ella Martim Esteves *da Teixeira*, *ib.*; Martim Esteves *da Teixeira* foi casado com D. Hermeguiça Soares, e fez em ella Fernam Martinz *de Teixeira*, *ibidem*. Em alguns d'estes casos *Teixeira* é já claramente apelido.

—D. Gonçalo Annes *de Berredo* tem uma filha chamada D. Maria *de Berredo*, p. 153.

—*Ribeiro*: «D. Maria Soares foi casada com D. Pedro Nunes *da Ribeira*, onde (= d'onde) vêm os *Ribeiros*», p. (?).

—Familia dos *Baruudos* (= Barvudos): «todos se chamaram *de Baruudo*, porque eram d'hi naturais» p. 364.—Embora no texto se leia *Barumdo*, lê-se *Barundo* a p. 161, com a variante *Barbuda*: por isso, e porque ainda hoje existem lugares chamados *Barbudo* e *Barbudos*, restaurei sem hesitação *Baruudo*, isto é, *Barvudo*. Erro grafico analogo aparece em *bariuda* = *barvuda*, nome de uma moeda de D. Fernando, que alguns autores transcreveram por *barunda*.

—«... Roy Vaasquez *de Panoyas*... e porque o chamaram *de Panoyas* foy que lhi leyxou seu padre hũa pouca d'erdade em Panoyas», pp. 194 e 291.—Vê-se d'este exemplo que o apelido geografico póde ser tirado de senhorio e juntamente de alcunha, e assim será grande parte das vezes: todavia póde ser usado já *ab initio* pelo proprio individuo, escolhido por ele, como é perfeitamente natural.

—«Dom Gonçallo Rodriguez de Palmeira chamou-sse *de Palmeira*, porque era senhor do couto que era naquele tempo grande, e ganhou-o delrey Dom Sancho de Portugal», p. 284.—Aqui o apelido é tirado de senhorio.

— «Mariafonso, que chamarom *d'Urzeira*, porque foi casada com Joham Garcia *d'Urzeira*, que era ende (= d'aí) senhor», p. 362.

— «Reymom Rodriguez *de Gooes* .., e chamou-se *de Gooes*, porque viinha de hũa irmãa do senhor de Gooes», p. 368.

— «Dom Meem Rodriguiz, que chamarom *de Briteiros*», p. 195; «D. Afonso o Boom, que chamarom *d'Albuquerque*, p. 196. Falando de D. Paay Pirez *de Guimarães*, e de D. Pero Pirez *de Guimarães*, de Riba de Avizella, d'onde deviam ser senhores e onde teriam solar, diz o linhagista, «chamaromlhe este sobrenome *de Guimarães*, porque Riba d'Avizella era a perto d'i», p. 346; Ruy Martim, que chamarom *de Nomaes* (= Nomãaes), p. 358. — Em todos estes exemplos de senhorio temos ao mesmo tempo alcunhas, como se vê da expressão «chamarom». — Na Hespanha acontecia o mesmo:

— «D. Rodrigo Alvarez, que chamarom *d'Alcalá*, e porque o chamarom *d'Alcalá*, foy porque a filhou aos Mouros» (seja ou não inventado o motivo): *Linhagens*, p. 263.

Ainda dando certo desconto ao imaginoso dizer dos livros de *Linhagens*, alguma cousa resta comprehensivel. Entre nós a nobreza não se apresenta com as regalias que disfrutou noutras nações, e só translatamente podemos falar de feudalismo; contudo ela foi muito privilegiada desde os mais remotos tempos da nossa historia, e desempenhou importantissimo papel em toda a vida organica e politica de Portugal, na constituição da monarquia, nas empresas maritimas, nas guerras da restauração; e para lhe coarctar prepotencias ou dar golpes profundos, tornou-se por vezes necessario fazer *inquirições* ou que poderosos reis ou ministros erguessem contra ela braços de ferro. Portanto não admira que, como digo, os apelidos reflitam aqui e além estados sociais. O proprio Antonio Brandão, apesar de, no que toca a genealogias, compulsar com grande cautela os Nobiliarios, e chegar a dizer, a proposito de uns pormenores expressos neles, «estes e outros contos .. se devem reputar por fabulosos» (*Mon. Lusit.*, pt. III, 1690, p. 168), reconhece mais ou menos a ligação de varios apelidos com senhores, por exemplo: os senhores de *Goes*, chamaram-se do mesmo apelido: vid. *Mon. Lusit.*, pt. III, p. 80; o apelido de *Chacim* parece provir da vila do mesmo nome, em terra de Bragança, que pertencia ao senhorio da familia de Pero Fernandez: *ib.*, p. 168; tambem parece que o apelido de *Sequeira* se tomou da «honra» do mesmo nome: *ib.*, p. 170. Todos estes exemplos são

dos primórdios da nossa historia politica, e estão de acôrdo com o que na idade-média se passava lá fóra: cf. adiante Liv. III, cap. iv, secção *C* (uso da particula *de*). Exemplo inconcusso de apelido derivado de senhorio, ainda que só em parte ligado com a nossa historia, é Lencastre ou Lancastro, que provém dos duques de *Lancaster*. Vid. adiante.

De mais a mais, ha alcunhas modernas, como as que vou mencionar, observadas no Minho, em Tras-os-Montes, na Beira, na Extremadura, no Douro, as quais nos põem mais uma vez diante dos olhos o modo de formação dos apelidos geograficos: o *Zé da Estrada*, o *José da Quinta*, o *Vicente dos Casainhos*, o *Vicente da Senhora*, o *José do Monte*, o *João do Carapuço*, o *Antonio de Além-do-Ribeiro*, o *Antonio da Breia*, o *José do Souto*, isto é, Fulanos que moram ou são proprietarios nos sitios da Estrada, da Quinta, do Carapuço, dos Casainhos, da Senhora, etc. Todos eles têm apelidos de que usam, mas o povo nomeia-os familiarmente assim; tais alcunhas transmitem-se na familia. Na *RL*, xix, 237, menciona o D.^{or} A. C. Pires de Lima muitas alcunhas semelhantes, de gente do concelho de Santo Tirso. Com os padres é tambem corrente indicá-los do mesmo modo: o P.^e *Manuel do Telhado*, isto é, morador no sitio do Telhado; o P.^e *João do Couto*, isto é, morador no lugar do Couto; o P.^e *João de Pinheiro*, isto é, morador no lugar de Pinheiro. E quem diz padres, diz individuos pertencentes a outros estados sociais, ou com cargos e officios (o *Cirurgião do Barrocal*, o *Doutor do Painho*, etc.). Tudo isto são exemplos que eu conheço. Á nossa historia deu um periodo a *Maria da Fonte*, e ás nossas superstições um capitulo a *Bruxa da Arruda*. Ha obras bem conhecidas, que se intitulam: *A Doida do Candal*, *O Cego de Landim*, *A Morgadinha dos Canaviaes*, titulos que os autores d'elas imitaram da tradição.

Os apelidos geograficos ou têm *de* ou não, porque é tendencia fazer desaparecer a preposição, como foi dito nas *Liç. de Filol.*, 2.^a ed., p. 334. Os exemplos mais antigos que me ocorrem, sem *de*, são: Tauron cognomento *Moraria*, sec. x, especie de alcunha (vid. adiante, Liv. II), *Petrus Tomar*, de 1180, nas *Leges*, p. 421, e *Pelagius Vilar*, de 1189, *ib.*, p. 473 (apógrafo, sec. xiii); cf. *Petrus Vilar*, de 1252, nas *Dissert. Chron.*, I, 268.

A seguir se transcrevem das *Inquirições* de 1220 varios nomes das duas classes. Posto que os que têm *de* pudessem ás vezes ser meras indicações locativas, fazem as vezes de apelidos. Todos eles se referem a individuos de classes modestas.

Com de:

- Johannes *de Carvalio* (= de Carvalho), pp. 1 e 211;
- Johannes *de Portu*, p. 3;
- Gomecius *de Rupella*, p. 9, ou de Rochela, p. 12 (é uma mesma palavra);
- Martinus *do Campo*, p. 6;
- Dominicus *de Lama*, p. 45;
- Godino *de Nabaes*, p. 116
- Vidal *de Barreiros*, p. 116;
- Suerio *du Ribeiro*, p. 116;
- Petrus *de Lobela*, p. 138;
- Gunsalvus *de Ulvar*, pp. 1 e 169;
- Pelagius *de Barro*, p. 169.

Sem de:

- Pelagius *Cuviliana* (= Covilhã), p. 1;
- Martinus *Ribeira*, pp. 7 e 117;
- Petrus *Vimaranes* (Guimarães), p. 9;
- Pelagius *Carrazedo*, p. 18;
- Petrus *Barroselas*, p. 28;
- Petrus *Cidadelia*, p. 41 (cf. *villa de Cidadelia*, Tras-os-Montes, p. 42);
- Petrus *Luzo*, p. 132;
- Petrus *Barroso*, p. 133;
- Pelagius *Ribas*, p. 134;
- Petrus *Aguiar*, p. 145;
- Petrus *Palmeira*, p. 145;
- Pelagio *Correia*, p. 157.

Parece que também a esta classe pertencerá Menendus *Pinheiro*, prior de S. Salvador de *Pinheiro* (cf. infra).

Nas *Inquirições* de 1258 ha, por um lado: Mancebo *do Ribeiro*, p. 294; Petrus *do Vale*, p. 308; e por outro lado: Petrus *Louredo*, p. 293; Petro *Lameiro*, p. 299; Paay' *Carrazedo*, p. 295 (cf. supra, *Pelagius Carrazedo*: é o mesmo individuo); Suerio *Faria*, p. 310; Petrus *Codesosa*, p. 323; Petrus *Melgaço*. Cf. Petrus *Pinarius* (Pinheiro), p. 504, se não é originariamente alcunha (cf. *Opusc.*, III, 68). Nas *Dissert. Chron.*, I, 271: Domno Johane *de Avoyno*. Um bom exemplo que prova que um apelido geografico pôde ser originariamente sem *de*, é: *Laurentius Sulerii de Lageosa* (onde *Lageosa* indica a naturalidade ou residencia: podia pois o *de* ser precedido de virgula), denominado a par *Laurencio Lageosa*, e *Laurencius Suarij Lageosa*, p. 831. Outro

caso: *Afomso Anes de Llamego* e *Afomso Anes Lamego* (se a falta do *de* não é engano), nas *Chancelarias*, I, 279, e *João de Lamego*, *ib.*, p. 338. Cf. do mesmo modo: *Johannes Fernandi dictus Almeida*, p. 807, exemplo que mostra que o apelido geográfico sem *de* é uma espécie de alcunha; temos também «Meem Rodriguez, que chamarom *de Briteiros*», nas *Linhagens*, p. 291; Dominicus Martini dicto *de Saes*, nas *Leges*, p. 124 (*Saes* deve estar por *Ossaes*: vid. *Liç. de Filol.*, 2.^a ed., p. 233 sgs.); eu Paay Johannes dicto *de Chain*, sec. XIII, *Docs. do Souto*, p. 22; ego Martinus Petri dictus *Sequeira*, do mesmo século, *ib.*, p. 84.

De 1275: Rodrigo Afonso *Ribeyro* (na *RL*, XI, 85). Das *Linhagens*, p. 359: Pero *Poobeiro* (= *Põobeiro*; cf. Dom Paay *Cor[r]eya*, abade de *Poombeiro*, *ib.*, p. 227). Ambos sem *de*.

Exemplos varios do sec. XIV, *Dissert. Chron.*, t. V (2.^a ed.), com ou sem *de*:

- Domingos Pirez Caldellas, p. 268;
- Martim Pirez Alvarinho, p. 271;
- Martim Dominguez das Eyraes, *ib.*;
- Nicolao Barreyros, *ib.*;
- Pero Afonso da Ribeyra, p. 290;
- Gonçallo da Maya, p. 291;
- Gonçallo de Palla, *ibidem*.

Na *RL*, XXI, 260, sec. XIV: Domingos Martins de San Juyão, em latim: *Dominicus Martini de Sancto Julião*.

Do sec. XV: Diogo *de Pedrosa*, no *AHP*, VII, 484; João *do Franco*, *Chancelarias*, I, 156; Vasco *de Barbudo*, *ib.*, p. 340; Belindin *de Barbudo*, *ib.*, p. 624.

Os nobres no sec. XV usavam frequentemente *de*, seguido de nome geográfico, costume já vindo de tempos anteriores:

- Afonso Furtado de Mendonça, 1440 (*Chancelarias*, I, 176);
- D. Pedro de Castro (*ib.*, p. 177);
- Lopo Mendes de Vasconcellos (*ib.*, p. 275);
- Fernam Gonçallves de Miranda (*ib.*, p. 289);
- D. Tello de Meneses, 1445 (*ib.*, p. 304);
- Vaasco da Cunha, 1446 (*ib.*, p. 318);
- D. Alvaro de Castro (*ib.*, p. 321);
- Affonso Gonçallvez do Soveral (*ib.*, p. 321);
- Vaasco Fernandez de Gouvea (*ib.*, p. 406);
- D. Fernando de Meneses, 1434 (*ib.*, p. 476);
- D. Issabel de Meneses (*ib.*, p. 516);
- D. Garçia de Castro, 1450 (*ib.*, p. 613).

Ao *de* ligavam eles ideia de fidalguia, por poder significar, como vimos, posse ou «solar». Nos não-nobres designava simplesmente naturalidade ou residencia originaria.

Os Governadores da India, sec. xvi, todos os quais eram nobres, usavam quasi sempre o *de*:

1. D. Francisco de Almeida,
2. Affonso de Albuquerque,
3. Lopo Soares de Albergaria,
4. Diogo Lopes de Sequeira,
5. D. Duarte de Meneses,
6. D. Vasco da Gama,
7. D. Henrique de Meneses,
8. Lopo Vaz de Sampaio,
9. Nuno da Cunha,
10. D. Garcia de Noronha,
11. D. Estêvão da Gama,
12. Martim Afonso de Sousa,
13. D. João de Castro,
14. Garcia de Sá,
15. mas Jorge Cabral,
16. D. Afonso de Noronha,
17. mas D. Pedro Mascarenhas,
18. mas Francisco Barreto,

etc. As datas d'estes governos ficam entre 1505 e 1558.

Incidentemente observamos na última lista como os patronimicos vão rareando. Era mui vulgar os nobres terem tres nomes: o individual ou de baptismo, o patronimico, e um apelido geografico, por exemplo: *Lopo Soares de Albergaria*, embora ao patronimico já não se ligasse a significação primitiva, e ele fôsse simples sobrenome ou apelido, como se disse a p. 119 sgs.

Outros exemplos do sec. xvi, *AHP*, II, 98: *Fernam de Ferreira*, e 133 sgs.: *Alvaro d'Abreu*, *Antonio d'Afonseca*, *Antonio d'Almada*, *Fernão Alvares d'Alvim*, *Diogo da Arruda*, *Fernão de Macedo*, *D. Pedro de Moura*, *Aleixo de Sousa*, *Gil Matoso*, *Martim Teixeira*, *ib.*, 244-246: *Gaspar Pires Campos*, *Duarte Cerveira*; *ib.*, III, 32: *Lourenço Pires Marecos*.

No seculo xvii, e com maior razão no xviii, era tudo como hoje.

Eis agora uma lista alfabetica de apelidos modernos, tirados de nomes geograficos, e usados com *de* ou sem *de*, conforme os casos: veja-se qualquer volume do *Anuario Commercial*.

Uns provêm de nomes de povoações (cidades, vilas, aldeias), outros de quintas, propriedades, sitios; e assim por diante.

À lista seguir-se-hão algumas anotações; nem todos os nomes porém precisam de ser anotados, porque os lugares que eles ás vezes designam são muito conhecidos. Excluem-se em regra aqueles apelidos de que já se falou acima, pois que grande parte dos apelidos geograficos antigos conservam-se ainda.

Aboim (1), Abrantes, Abreu (2), Aguiar (3), Albergaria, Almada, Almodóvar, Alpoem, & Alpoim (4), Alvarenga, Alvim (5), Alvito (6), Amaral (7), Amorim (8), Andrade (9), Antas & Dantas (10), Araujo (11), Areias, Arouca, Ataide (12), Azedo, Azeitão, Azeredo (13), Azevedo (14), Baltar, Balteiro, Barbosa (15), Barral, Barreira, Barreto (16), Barros, Barroso, Beça, Beja, Braga, Brito, Cabreira, Caldas, Caminha, Campos, Cancela, Candeira (17), Canedo, Canas, Canelas, Canto, Caratão (18), Cardeira (19), Cardoso, Carrasqueira, Carreira, Carreiro, Carvalheira (Carvalhosa, etc.), Casal, Castanheda, Castanheira, Castel(o)-Branco, Cabeçadas, Castro, Ceia (vid. Seia), Celorico, Cerqueira (20), Cervos (21), Charneca, Chaves, Coimbra, Colares, Correia (22), Couceiro (23), Coutinho (24), Couto, Covão, Covas, Craveiro, Cunha (25), Dantas (vid. Antas), Dornelas (vid. Ornelas), Faro, Ficalho, Figueira, Figueiredo, Filgueiras (26), Folgosa (27), Fonseca, Fontão, Fontes, Fraga, Fragoso, Frasão (28), Freitas (29), Gaia, Gama (30), Gameiro (31), Godinho (32), Gouveia, Horta(s), Igreja, Jardim, Junqueira (Junqueiro), Laceiras, Lage(s), Lago, Lagoa, Lagos, Lamarão (33), Lamas (Lameiro, etc.), Lapa(s), Laranjeira, Landeiro (34), Leça (35), Leiria, Lisboa, Loureiro, Lourido, Lousada, Madeira, Madureira (36), Magalhães, Malheiros (37), Maranhão (38), Marinha, Mariz (39), Marreiros (40), Mascarenhas (41), Mata, Matos, Meda, Medeiros, Meireles, Melo, Mesquita (Mezquita), Mesquitela, Meireles (42), Midões, Milharadas (43), Milheiro, Mira, Mogadouro (44), Moita, Mondim, Montalvão (45), Montalegre, Monte(s), Mora, Morais (46), Moreira, Mota, Mourão, Neiva, Nisa, Nóbrega, Nogueira, Nordeste (47), Norte (48), Novais, Oliveira, Ornelas & Dornelas (49), Paço(s) (50), Palhares, Palma, Paredes, Parreira, Paul, Pedreira, Pedroso, Pena (Penela, Penedo), Penha, Peniche (51), Pimenta, Pimentel, Pinho, Poças, Ponte(s), Portas, Povoas, Praça, Pragal, Portela, Porto, Prado, Proença, Queiroga & Queirós (52), Quinta (Quintela, Quintão, etc.), Rabaça, Ramada, Ramalhal, Ramalhete, Ramos (53), Rangel, Rebelo (54), *Rebordãos*, Rego, Relvas, Rêsende, Rio, Roboredo, Rocha, Roma-

riz, Roiz, Rua, Saldanha, Salazar, Salema, Salgueiro, Sande, Santarém, Saramago (55), Seixas, Sequeira (Siqueira) (56), Serpa, Serra, Silva, Silveira, Silvela, Souto, Sobral, Soveral, Távares, Taveira, Tavira, Teive, Teixeira, Tomás, Torgal, Torres, Toucedo (57), Trancoso, Travaços (não com ss), Ucha, Valadares, Valença, Valverdê, Varela, Vasconcelos (58), Veiga, Viana, Vidal, Vieira, Vilaça, Vilas, Vilela, Vilarinho, Viseu, Viveiros. E muitissimos outros apelidos podiam juntar-se, pois comprehende-se que todas as localidades são susceptíveis de os provocar.

Anotações a esta lista

(1) Em Entre-Douro-e-Minho ha lugares com este nome. Nas Asturias ha *Aboín*, que talvez se relacione com um nome igual. — De Abolini, genetivo do nome proprio Abolinus (medieval). Exemplo de um nome de pessoa se tornar geografico e depois apelido.

(2) *Abreu* é nome de povoação no Minho. O apelido usa-se com *de*. — A origem estará num nome germanico **Avredo*, de *avi-* got. + *-redo*: cf. *Aured* em Förstemann, col. 218, nome de um bispo hispano do sec. vii.

(3) Nome vulgar. Na origem sitio habitado de aguias. Em hespanhol *Aguilar*, tambem tornado apelido.

(4) *Alpoem* é nome de lugar no Minho. Na Beira e no Sul ha quintas chamadas *do Alpoim*, mas aqui o nome provém, ao invés, do apelido. Em um texto de 1539 lê-se Fulano *de Alpoem* (*Armaria port.*, p. 21); a existencia do *de* justifica a origem geografica que propus. — Tirar *Alpoim* de *Puy* (França) é fantasia genealogistica.

(5) No Minho ha uma terra chamada *Alvim*. Na origem *Albini* (villa); *Albinus* é conhecidamente cognome romano, que depois se tornou nome.

(6) *F. de Alvito* (apelido, não indicação casual de naturalidade): leio este apelido na *Reconquista* (jornal), n.º 6 (p. 94).

(7) Acêrca de *Amaral* vid. *Opusc.*, III, 71.

(8) Nome de lugares nos distritos do Porto e de Aveiro. Já no sec. xi ha *Amorim*, vid. o *Onomastico*, de Cortesão. A origem deve estar em **Amorini*, genetivo do nome de homem **Amorinus*, derivado de *amor*. Nos distritos de Coimbra e Santarem ha propriedades com este nome, mas aí o nome é provavelmente moderno, e provém do apelido.

(9) Nome de lugar na Galiza. Em Portugal ha tambem *An-drades*, repetidamente como nome de lugar, mas provavelmente provém do apelido.

(10) Vid. *Liç. de Filol.*, 2.^a ed., p. 251.

(11) Nome de lugares em Entre-Douro-e-Minho e na Galiza.

(12) Nome de lugar (*Ataide* e *Ateide*) no Minho, sec. XIII: *Inquisitiones*, p. 159.

(13) Não sei de nome nenhum de lugar certo com este nome, porém não ha dúvida que na origem é geografico: derivado de *acer* «bordo» (arvore), como eu já disse em 1883 na *Mocidade de hoje*, p. 17; cf. *Aceredo* na Galiza.

(14) Nome freqüente de lugar. Deriva de *azevo*, de **aquí-folum* por *aquifolium* (cf. *trevo* de **trifolum* por *trifolium*), como eu já disse em 1883 na *Mocidade de hoje*, p. 17.

(15) Vid. *Opusc.*, III, 69.

(16) Ha Barreto, lugar nos distritos de Viana e Lisboa.

(17) Apelido na Lourinhã.

(18) Nome de lugares dos distritos de Coimbra e Santarem.

(19) Lugar no distrito de Braga.

(20) Ha *Cerqueiras* no distrito de Braga, e num texto do sec. XIII *Cercaria* (Vid. Cortesão, *Onom.*, s. v.). O etimo está em quercus «carvalho», como já em 1884 estabeleci na *Rev. da Soc. de Instr. do Porto*, III, 510, a que juntei *Cercal* e *Cercosa*.

(21) Apelido em Barroso.

(22) Vid. *Opusc.*, III, 70. Na Hespanha ha Pelagius Petri *Corrigiae*, sec. XIII, em Rios y Rios, pp. 168-169, o qual interpreta *Correa* «por su mucho nervio... pues tal acepción se dá en la Montaña á la palabra, como sinónimo de vigor». Todavia talvez *Correia* tivesse sentido botanico-geografico, como expliquei no citado volume dos *Opusculos*. O ler-se ás vezes Fulano *dicto Correa* não faz objecção, pois tambem ha *dicto Sequeira*, *dicto Almeida*. Cf. o topónimo *Correeira* ou *Corrieira* (no Cadaval), que parece de facto significar lugar onde ha *correias*, em sentido botanico.

(23) Nome de lugares em Tras-os-Montes e Beira-Alta.

(24) Nome freqüente de lugar no distrito de Viana. Deminutivo de *Couto*.

(25) Vid. *Liç. de Filol.*, 2.^a ed., p. 259.

(26) A par com *Felgueiras*. Quem primeiro estudou estas palavras e outras da familia (*Felgar*, *Folgozo*, *Folgosinho*, etc.) creio que foi Adolfo Coelho, em 1877, na *Borboleta*, de Braga, p. 114.

Cf. também J. J. Nunes, *A vegetação na toponímia*, Coimbra 1920, p. 22.

(27) Vid. a nota anterior.

(28) Num doc. do sec. x, apógrafo, nos *DC.*, p. 35: *in Farazone*, como nome geográfico. A p. 346 das *Linhagens*: Joham Garçia de *Faraçom*, ou esta palavra seja nome geográfico ou apelido de essa origem. Em um doc. do sec. xiv, na *RL*, xxi, 263: Ayraz Martinz *Ffaraçom*, sem *de*; e sem *de* se encontra *Fração* ou *Faração* em muitos documentos posteriores.

(29) Nome freqüente de lugar, no Norte e no Centro. O etimo está em *fractas* «quebradas» (póde subentender-se «pedras»).

(30) Em Hespanha ha os nomes geográficos *Gama* e *Gameras*; e em 1146 «fue hecha merced de *Gama* a D. Nuño Perez de Lara», Rios y Rios, p. 129, o qual acrescenta, p. 155: «Vasco DE Gama descendia probablemente de rama expatriada de la casa de Lara, señora, desde el Conde D. Nuño Perez, de Gama y su alfoz». Em Portugal só conheço *Gama* e *Gamas*, como designações de casais e quintas do Sul, mas aí a origem está provavelmente no apelido.—Pertence aos genealogistas investigar se todos os nossos Gamas provêm da origem indicada em Rios y Rios, ou se têm origens multiplas.

(31) *Gameiro*, lugar no distrito de Santarem. A palavra deriva de *gamo*.

(32) Nome freqüente de lugares no Norte e na Beira.

(33) *Lamarão*, lugar no distrito do Porto.

(34) Nome de lugar no distrito de Braga. Na Galiza ha *Landeira*, e em Santander ha *Lander al*. O etimo parece estar em *lande*. Cf. supra, p. 27, nota.

(35) Ha Leça do Bailio, da Palmeira, etc., e um rio chamado também assim.

(36) Nos concelhos do Alandroal e Evora ha *Monte da Madureira*, onde não posso dizer se *Madureira* é nome de antiga proprietaria (muito provavel) ou originariamente aqui nome comum. Nome comum *madureira* não o conheço, mas talvez esteja para *madureiro* (local para fazer amadurecer frutos, como, por exemplo, se diz no Minho), como *Sequeira* para *Sequeiro* (nome geográfico ou *sequeiro* (nome comum).

(37) Apelido que aparece várias vezes no *Anuario Comercial*. Ha o lugar de *Malheiros* no distrito de Viana. Acêrca da origem, entendo que primeiro houve *Malheiro* como alcunha (indivíduo que faz «malhas»: vid. Moraes), que se tornou apelido de fami-

lia: familia *dos Malheiros*. Nesta fôrma se applicou geograficamente: ainda no *Dicc. Postal*, II, 286, se lê, a par com o citado lugar de Malheiros, *Casal dos Malheiros*. Assim explico tambem *Machados*, nome de lugares nos distritos de Leiria e Faro, e de uma quinta em Vila-Real de Tras-os-Montes: cf. *Casal dos Machados* (concelho de Alcobaça), *Herdade dos Machados* (distrito de Evora e Beja), *Horta dos Machados* (distrito de Evora), *Monte dos Machados* (distritos de Evora e de Beja). Cf. *Bastos*, supra, pp. 158-159.

(38) Nome de lugar em várias provincias; cf. *Maranhas* no Minho. Do apelido *Maranhão* veio o derivado *Maranhão*, que se tornou nome de um casal no distrito de Leiria.—Na Hespanha tambem ha o apelido *Marañon*, sec. XIII, Rios y Rios, p. 144, tirado da geografia (*Marañon* na Navarra; cf. *Maraña* em León e Murcia).—A lingua comum das duas nações tem respectivamente *maranha* e *maraña*, em sentido vegetal. Da Iberia foi para o Brasil *Maranhão*, como já terá sido dito por outrem algures, o que não posso agora verificar.

(39) Nome de lugar em Entre-Douro-e-Minho. O etimo está em um genetivo de posse, correspondente a *Marigo*, que figura em um documento do sec. XI (vid. Cortesão, *Onomastico*) por *Marícus*, d'onde **Maríci*.—Tambem na Galiza ha varios lugares com o nome de *Mariç*.

(40) *Marreiros*, lugar no dist. de Santarem. D'aqui o apelido?

(41) Cf. supra, p. 115. *Mascarenhas* é nome de lugar no distrito de Bragança. D'aqui o apelido?

(42) Lugar no distrito de Bragança. Cf. em Hespanha *Merelles*.

(43) Lugar no distrito de Santarem.

(44) Em 1675 nas *Mem. de Bragança*, do P.^e Alves, t. V, p. LI.

(45) *Montalvão*, vila no distrito de Portalegre.

(46) Lugar no distrito de Santarem. Cf. hesp. *Morales*.

(47) Apelido que póde ter provindo dos Açores, onde ha uma vila assim chamada.

(48) Alcinha em Leiria e Lisboa. Na toponimia ha muitas vezes *Norte*.

(49) *Ornelas* provém de *Dornelas*, que foi mal interpretado como d'*Ornelas*: *Joana Dornelas*, 1591, no *AHP*, V, 120. Acêrca d'este fenomeno fonetico vid. *Liç. de Filol.*, 2.^a ed., p. 251. *Dornelas*, nome de várias povoações, é deminutivo de *Dornas*, nome de outras. Do apelido tratou o S.^{or} Afonso de Dornellas no opusculo intitulado *Dornellas*, Lisboa 1912.

(50) O apelido *Passos*, se algumas vezes pôde ser tirado da religião (cf. *Senhor dos Passos*), outras pôde ser geográfico, e neste caso devia escrever-se *Paços*.

(51) Fulano Maria Peniche.

(52) *Queirós* deve escrever-se assim e não com -*z*. Vem de um nome geográfico que tem no sec. xv a fôrma *Queiroos*, isto é: Fernand'alvarez de *Queiroos*, na *Chron. de D. Fernando* de F. Lopez, cap. 98, ed. da Academia,—ou tenhamos aí uma designação geográfica, ou um apelido. Na lingua popular do Norte ha *queiró*, *quiró*, etc., na acepção de urze: vid. D. Carolina Michaëlis, in *RL*, III, 181, e no *Dicc. das plantas de Portugal*, de A. de Vasconcelos, Porto 1914, p. 71, *queirós*. Também no sec. xvi ha *queiró* em Amato Lusitano, *In Dioscorid.*, mihi, p. 144. Outra prova de que o apelido *Queirós* tem origem geográfica está em que se usa com «de». A par de *Queirós* temos *Queiroga* como nome geográfico galego; em Portugal não conheço nenhum, mas está aqui a palavra da lingua comum *queiroga*, que em Tras-os-Montes significa «urze pequena» (*RL*, II, 119) e também «chamicho» (*ib.*, XII, 117). Fôrma paralela a *Queiroga*, como apelido português, é *Quiroga*, vid. *AP*, VII, 1, nota.

(53) Ao repente podia parecer que *Ramos* fôsse apelido religioso, tirado da festa *dos Ramos*; como porém os nomes d'esta classe são precedidos de *de* geralmente, e não conheço exemplo do apelido *Ramos* com essa preposição, sou levado a relacioná-lo com alguma ou algumas das localidades assim chamadas no Minho e na Beira.

(54) Ha *Rebello* como nome de lugares em Entre-Douro-e-Minho. *Rebelas* e *Rebelos* como nomes de quintas e casais devem ter origem em apelidos.

(55) Ha lugares chamados *Sequeira* nos distritos de Coimbra, Santarem, e Lisboa. Cf. supra, p. 169, nota 36.

(56) Realmente *Siqueira* parece variante de *Sequeira*, ainda que não é facil de explicar foneticamente; já aparece *Siqueyros* em 1278 como nome geográfico ou apelido (*RL*, XI, 89); *Syqueira*, como apelido, sec. xvi (vid. *De terra em terra*, II, 159), etc. Hoje ha varios exemplos.

(57) Vid. *DN*, de 19 de Abril de 1924. *Toucedo* (de *touça*) é nome de um lugar do Minho.

(58) *Vasconcellos* é nome de um lugar no distrito de Braga. Do apelido tratou proficientemente o S.^{or} Pedro de Azevedo no seu opusculo *Os de Vasconcellos*, Lisboa 1904 (separata do *AHP*,

vol. II). Cf. também Braamcamp Freire, *Brasões de Sintra*, I, 2.^a ed., 335-402; da torre de Vasconcelos fala a p. 341.

Com a perda da noção de que o apelido geográfico era originariamente complemento indicativo de patria, procedencia, etc., coincide o haver em certas épocas apelidos sem *de*, que primeiro se usaram com *de*:

—D. Alvaro Gonçalves *de Pereira*, ou simplesmente D. Alvaro *de Pereira*, sec. XIV, *Linhagens*, p. 186;

—P.^e Gaspar Pires *de Rebelo*, escritor do sec. XVII-XVIII, de Aljustrel;

—Antonio do Carmo Velho *de Barbosa*, escritor do sec. XVIII-XIX, de Barcelos;

e já supra encontrámos um exemplo de Fulano *de Cabreira*.

Hoje todos estes apelidos se usam sem *de*. Se nos seguintes exemplos:

—Ruy Pires *de Ferreira*, *Linhagens*, p. 351;

—Domingos *do Porto*, 1339, *Leges*, p. 290;

—Juan *de Lisboa*, num documento galego de 1443 (vid. Osma, *Azabaches compostelanos*, Madrid 1916, p. 80);

—Pero *de Lisboa*, 1523, *AHP*, II, 146;

—D.^{or} João *de Coimbra*, 1509, *Docs. do Souto*, p. 198;

—Domingos *de Coimbra* (em Couto, *Vida de D. Paulo*, p. 18);

—Pedro *de Braga* (em G. Fructuoso, *Saudades da terra*, IV, I, 218:

as palavras *Porto, Ferreira, Lisboa, Coimbra, Braga* são apelidos, como parece, e não complementos locativos, temos aí outros antepassados de apelidos a que actualmente não se junta *de*: cf. *Guilherme Braga, Silva Porto, Eduardo Coimbra*.

Vimos acima apelidos geograficos antigos, apresentados sob forma de alcunha, com a expressão *que chamaram*, e justificados com a menção de alcunhas modernas do mesmo tipo, isto é, com *de*. Eis agora cinco exemplos de alcunhas sem *de*, que podem também considerar-se historicas, por sabermos muito bem como se originaram.

O médico Fonseca Henriques, do sec. XVIII, é conhecido na nossa literatura por o *Mirandela*, visto ser natural da vila d'este nome. Cf.: Innocencio, *Dicc. Bibliogr.*, II, 377; e Ricardo Jorge, in *Arch. de hist. da Medic. port.*, I, 99.

Sei de um escritor, formado em Direito, a quem os condiscipulos chamavam em Coimbra o *Miragaia*, por ele ter nascido na freguesia de Miragaia, no Porto. Outro escritor, Trindade Coelho (hoje falecido), que foi meu condiscipulo de collegio, chamavam-no todos os colegas o *Mogadouro*, do nome da naturalidade. Às festas da vila de Mondim da Beira, onde eu me criei, costumava ir tocar um afamado rabequista, de Moimentinha, ou *Momentinha*: e ninguem o designava senão por: o *Momentinha* («ai vem o *Momentinha*»). Em Salzedas, do antigo concelho de Mondim da Beira, conheci na minha infancia um individuo de nome *José*, a quem chamavam *Leomil*, isto é, *José Leomil*, por ser de Leomil, de outro concelho.

Nestes cinco casos as alcunhas não passaram do que geralmente eram: palavras volantes. Mas mencionarei agora dois em que veremos alcunhas transformadas em verdadeiros apelidos.

Um individuo natural de Sintra veio viver para Lisboa, e os vizinhos começaram a denominá-lo o *Sintra*, e a dizerem a *familia do Sintra*; um filho, de nome Augusto dos Santos, adoptou como apelido a alcunha geografica do pai, e usa nos seus cartões impressos: Augusto dos Santos Sintra.

Outro individuo, de apelido *Saboia*, oriundo de Saboia, no Algarve, escolheu esse apelido, porque, tendo tambem mudado de terra, principiaram os amigos e conhecidos a chamar-lhe o *Saboia*.

Acêrca dos apelidos sem *de* vid. tambem *Opusc.*, III, 66–71.

Até aqui falou-se de apelidos provindos de nomes proprios e de nomes ethnicos. Falta falar de apelidos provindos de nomes comuns.

No caso de, por exemplo, viver numa aldeia um individuo chamado *Timoteo*, e numa cidade proxima outro do mesmo nome, e da mesma aldeia, podiam sem dúvida os conterraneos distinguir este d'aquelle, apelidando-o o *Timoteo da cidade*: embora eu não conheça nenhum caso efectivo, explicava-se assim bem o apelido *Cidade*. Raciocinio analogo faria a respeito do apelido *Vila* (*Fulano da Vila*, que se lê no *Anuario Commercial*), *Rio*, *Igreja* e outros. Estes raciocinios seriam muito bons, se não existissem povoações denominadas *Igreja*, *Rio*, *Vila*, *Cidade*, etc.: o que não permite que excluamos a origem toponimica.

Todavia conheço pessoas de apelido *Reino*: e como não me consta que exista povoação alguma com tal nome, creio que na

origem se chamou *do reino*, como expressão sinonima de *reinol*, a algum Português nascido nas colonias ou nas ilhas adjacentes: o nome comum passaria depois a nome proprio.



Buscar um apelido ou um nome num lugar de nascimento é cousa tão natural, que isso já se observa em povos de caracter primitivo. Assim fazem por exemplo os Patagonios (Andree, *Ethnogr. Parallel.*, I, 166). Nos Semangos, na Peninsula Malaia, a criança recebe o nome da arvore debaixo da qual nasceu (id., *ib.*, p. 167).

O que se diz do lugar do nascimento, diz-se de outro lugar com que se possa estar em qualquer relação (residencia, posse, etc.). Em todos os povos se colherão comprovações do que afirmo; mas é suficiente dar uns tantos exemplos.

Os Gregos e os Romanos usam frequentemente nomes etnicos: *Μακεδών*, nome de um homem, *Ἀθηναία*, nome de mulher; *Aurunculeius*, nome gentilicio (de *Aurunca*). As inscrições romanas da nossa Peninsula contêm varios exemplos: *Asturia*, *Callaeca*, *Celtibera*, nomes de mulheres; *Cantaber*, *Hispanus*, *Segontius*, nomes de homens: vid. Hübner, *MLI*, p. 264.

Na Hespanha já nos começos do sec. x temos Severo *de Calceata* (Godoy, pp. 75-76); em tempos posteriores, até hoje: Juan *del Encina*, Pedro *Calderon de la Barca*, J. Amador *de los Rios*, P. Alonso *de Andrade*, José *de Aguilar*, F. Martinez *de la Rosa*, E. Diaz *de Medina*, Luis *de Estrada*, A. Mendez *de Rivera*, Maria Luisa *de Liñan*. No que tange a nomes, e em tudo, a Hespanha é a nação com que naturalmente mais nos parecemos. Por esse motivo, e outras vezes por transmissão (como veremos no capitulo respectivo), ha muitos apelidos geograficos em Portugal iguais ou correspondentes a apelidos hespanhois.

Na França: Dubois, Duchâtel, Duchesne, Delisle, Desjardins. Na Italia: Serafim *Piastra* (de *Piastra*); *Mozzarechia dal Ponte* (vid. Zunardelli, *Sopranomi di persone*, Bolonha 1913, p. 13). Da Alemanha dá-nos muitos exemplos Bähnisch, que consagrou ao assunto um capitulo extenso do seu livrinho, p. 43 sgs.: Ludwig *von Baiern*, Wolfram *von Eschenhach*, Arnold *von Melchtal*; com a preposição *von*, ou com outras preposições: *aus dem Winkel*, *Freiherr vom und zum Stein*. Vid. tambem Reichert, p. 67 sgs.

No livro, que várias vezes tenho citado, de R. Hirzel, *Der Name*, vêm a pp. 59-60 muitos exemplos antigos e modernos de

nomes de terras como nomes de pessoas: *Μεμφίς*, *Memphis*; na Italia actual *Roma*; em nações germanicas: *Konstantin Oesterreich*, etc. Vid. também Wilmar, cap. III.

Sintacticamente falando, os apelidos geograficos, formados de nomes proprios, são na origem, como já se disse, expressões a que os gramaticos chamam complementos de lugar, no nosso caso designativos de patria: em latim, Gn. Magius *Cremonā*, «de Cremona»; mais vulgarmente com adjectivo, por exemplo, *Cremonensis*: vid. Madvig, *Gram. Lat.*, § 275. Na Epigrafia, por exemplo, M. Aurelius *Carnunto* Sabinus, «de Carnunto»: vid. Cagnat, *Epigr. lat.*, 3.^a ed., p. 62. Às vezes um complemento d'estes apparece com preposição: Turnus Herdonius *ab Aricia*, em Madvig, paragrafo citado, nota. Assim nasceu o emprêgo do nosso *de*, como substituto do *ab* latino, e um pouco com a fórma de complemento de posse: Gomes Eanes *d'Azurara* (ou ainda complemento locativo, ou já apelido); Luís *de Camões* (apelido).

Quando o apelido geografico é dado com aspecto de alcunha, houve uma elipse mental ou teorica: o *Mirandela*, como se se quisesse dizer «o de Mirandela» (antonomasia). Escreve a este respeito Kluge: se um cavaleiro que possui um castelo em Kürnberg, se chama por isso *o de Kürnberg*, não ha grande salto, se passa a chamar-se simplesmente *Kürnberg*: vid. o seu livrinho, p. 9, onde cita outros exemplos. Algo se aproximam de tais modos de falar, não obstante a nota 4 de Hirzel, p. 59, abreviaturas como: o *Margaride*, por «o Conde de Margaride», o *Montedôr*, por «o Visconde de Montedôr». Entre os ecclesiasticos usa-se com frequencia: o *Valadares*, por «o Abade de Valadares», e abreviaturas semelhantes.

Dos apelidos correspondentes a nomes ethnicos nada ha que observar em especial, no campo da gramatica; o adjectivo *Cremonensis*, ha pouco citado, dá ideia de como eles se criam. Cf. o que do sufixo *-anus* ou *-ão* se disse supra, p. 155.

Pelo que toca á syntaxe dos apelidos formados de nomes comuns, ela tem por base a mesma concepção que presidiu á escolha dos nomes proprios: todos os dias ouvimos expressões como José *do talho*, José *da tenda*, José *da loja*, applicadas pelo povo a certos individuos por causa de estabelecimentos industriais onde habitualmente estão, ou de que são donos: e nada até obsta a que um dia elas se tornem também apelidos.

E)—APELIDOS PROCEDENTES DE ALCUNHAS, E IGUAIS A ELAS

PALAVRAS PRÉVIAS

Alcunha, como forma de linguagem em que se revela o espirito do vulgo.—

Principais especies da alcunha.—Alcunhas pessoais.—Fontes para o seu estudo, medievais e modernas.—Bibliografia do assunto.—Classificação das alcunhas pessoais.—Transmissão d'elas, e grau em que se tornam apelidos.—Emprêgo e apresentação gramatical da alcunha.

Por muitos modos, sem falar em divertimentos colectivos, nem em produções artisticas, manifesta o vulgo a graça do seu espirito: ora em canções ou facecias (contos), ditados topicos, lendas locais, ora em formas de linguagem, isto é, locuções, trocadilhos, gírias e alcunhas. Da *graça portuguesa*, manifesta em produções literarias, desde a idade-média até o sec. XVIII (inclusivè), tratou com acume e bom gôsto, num livrinho d'aquelle título, publicado em 1923, um jovem escritor portuense que sem motivo justificado se acoberta com o pseudonimo de «Carlos Duarte»: e aí faz também referencia á fala popular moderna, e ao *folklore*¹.

No que respeita a alcunhas, direi que elas são de três especies principais: geograficas, etnicas e pessoais. As duas primeiras especies poderiam agrupar-se sob a rubrica geral de geografico-etnicas ou etnico-geograficas, e o seu estudo fa-lo-hei na *Etnografia Portuguesa*. Agora só me importa tratar de alcunhas pessoais, que em todas as epocas foram sempre muito do agrado dos Portugueses.

Para o estudo das alcunhas dão-nos já os textos medievicos grande cópia de informações: não só os literarios, mas os documentos officiais (*DC*, *Inquisit.*, etc.).

Entre os textos literarios constituem sem dúvida os Livros

¹ [O escritor, a que me refiro, chamava-se Julio Moreira, filho do conhecido filologo do mesmo nome. Pois que num momento de desespero, motivado por doença de que sofria, pôs termo á existencia, em 4 de Agosto de 1926, já depois de redigido o meu texto, não hesito em declarar agora o nome, como preito que devo á memoria de uma pessoa de que fui tão amigo.—Vid. a respeito de Moreira um artigo do Prof. José Tavares, do Liceu de Aveiro, no *Comercio do Porto*, de 4 de Setembro d'aquelle ano].

de linhagens a fonte mais rica, fonte quasi inexgotavel, como adiante se mostrará. Vêm em seguida os Cancioneiros trovadorescos: na *Gesta de maldiçer*, de D. Afonso Lopes de Baião (sec. xiii), CV, n.º 1080, satirizam-se, por exemplo, quatro individuos que têm nomes de animais; vid. igualmente os n.ºs 941-942, onde figura o *jograr-Saco*, e os n.ºs 968-969, onde figura o escudeiro *Albardar*.

No *Canc. Geral* lembrarei o gram Felysteo *Chamorro*, Martym Pyrez *Bigorro*, etc., I, 278. Do sec. xv em diante encontramos inumeras alcunhas em obras que já no decurso d'este trabalho têm sido citadas, e a alguma das quais tornará adiante a aludir-se. Com relação aos tempos actuais temos quasi diariamente nas gazetas nomes de criminosos, fadistas, e outros, com frequência especificados por alcunhas.

Expostas assim, de modo muito sumario, as fontes escritas, passarei a indicar a bibliografia do assunto.

Em 1887 fez-se na *RL*, I, 147, a observação de que de ordinario o povo, no trato familiar, não emprega apelidos, «e prefere servir-se de uma alcunha frisante a servir-se de um apelido». Depois fizeram observações analogas, acompanhadas de exemplos, a S.^{ta} D. Carolina Michaëlis (in *Zeitschrift*, de Gröber, xx, 200, nota 2, onde alude a outras observações suas, e no *Canc. da Ajuda*, II, 617-619 e 950), e o S.^{or} H. Lang no *Liederbuch* de D. Denis, 1894, p. civ. Este último A. inseriu na mesma *Zeitschrift*, xiii, 427-428, uma lista de alcunhas açorianas. De todos os escritos citados tirou Leo Spitzer algumas conclusões em *Die epixōnen Namen* (pp. 102-106), para apoiar a tese, que defende, do significado pejorativo de certos nomes em *-a*.

Na mencionada *RL*, ix, 229, nota 2, e xviii, 224, nota 1, publicaram Gomes Pereira e Braga Barreiros respectivamente alcunhas vilarrealenses e barroas, e em xix, 235-238, muitas outras, de Santo Tirso, dispostas por ordem, e anotadas, o D.^{or} Augusto C. Pires de Lima. Na *Rev. Michaelense*, I, 58, e no *Arch. dos Açores*, xiii, 229, temos de novo alcunhas açoricas, d'esta vez trazidas a lume pelo P.^o Lopes da Luz. A *alcunhas* e *apelidos*, considerados na sua evolução geral, consagrou o D.^{or} J. J. Nunes umas colunas na *Lusa*, iv, 96-98, com alguma documentação latina, medieval e moderna. Para não omitir nada do que conheço, ou do que me ocorre, lembrarei, por último: um espirituoso capitulo do *Jardim da Europa*, Lisboa 1918, do D.^{or} Agostinho de Campos, pp. 75-79, «Alcunhas»; o *Povo de Alcanena* (jornal), de 23

de Novembro de 1906, onde se agrupam umas dezenas de alcunhas alcanenenses; o *Onomastico popular de Espòsende*, de J. da Silva Vieira, Espòsende 1897, p. 9 sgs., «Alcunhas» (lista); e *Através dos campos*, de Silva Picão, p. 185, com algumas poucas do Alentejo.

Tomando em conta os meus apontamentos, uns colhidos na literatura, outros devidos á observação propria, ou a informações de amigos, disponho assim as alcunhas que deram origem a apelidos:

α. Alcunhas alusivas ao homem (considerado em geral), e bem assim a parentesco, mês e condição de nascimento, idade, fases da vida e estado.

β. Alcunhas alusivas a estados sociais, cargos, officios mecanicos, outras profissões, e navegação.

γ. Alcunhas alusivas a qualidades fisicas e morais, expressas directa ou indirectamente.

δ. Alcunhas que significam habitos.

ε. Alcunhas que significam vestuario e ideias conexas.

ζ. Alcunhas relacionadas com ideias magicas e religiosas.

η. Alcunhas várias.

θ. Alcunhas expressas por frases.

ι. Alcunhas geograficas.

As alcunhas, embora, como se disse na INTRODUÇÃO, sejam em grande parte, ou pela maior parte, de feição zombeteira, por exemplo, *o Violeta cheirosa*, e até por vezes offensivas e ultrajantes, por exemplo, *o Bebado*, *o Cavalo sem rabo*, são não raramente honrosas, por exemplo, *o Marinheiro*. É sobretudo pela primeira feição que elas têm importancia como definidoras do nosso genio nacional.

O gôsto das alcunhas é tal que, além de se darem a pessoas, a povos, e a localidades, como fica dito, dão-se tambem a coisas, por exemplo: *O Pimpão*, alcunha de um vaso de guerra, que se chamava *Vasco da Gama*; *o Cabaceiro*, alcunha da torre das Cabaças, em Santarem; e a animais, por exemplo: *Pio nono*, alcunha de um porco. As alcunhas de animais, e ás vezes as de coisas, confundem-se porém freqüentemente com verdadeiros nomes: a distincção depende do tom ou intuito com que elas se aplicam.

As alcunhas pessoais transmitem-se de pais a filhos ou parentes, como os apelidos, já desde a idade-média (cf.: *Cabeça-de-vaca*, nas *Linhagens*, p. 165; *das Mãos*, p. 303), e por isso acontece

que nos herdeiros perdem a significação chistosa, rude ou outra, que tinham quando se impuseram a primeira vez: é nesse grau que se tornam apelidos propriamente ditos. «Bem certo he que ás vezes, diz Pinto Ribeiro, *Tit. da nobreza*, p. 223 (apud *Dicc. da Academia*, s. v. *alcunha*), he o appellido . . adquirido por *alcunha*, que com o tempo veio a ter a força de appellido». Em documentos antigos nem sempre é facil, ou possivel, distinguir, como veremos, *alcunha* de *apelido*.

As *alcunhas* têm o mesmo emprêgo gramatical e familiar que os *apelidos* ou os *sobrenomes*. Quando se determina um individuo com uma *alcunha*, dão-se dois casos: ou ela se junta logo ao nome, *sobrenome*, *apelido*; ou se introduz por intermedio de uma palavra simples (*substantivo*, *participio*), ou de uma *oração*.

Exemplos do primeiro caso: Johannes Suerii *Conelius* «*coelho*», Fernandus Martini *Curutelo* (*alcunha* geographica: do deminutivo de *coruto*), Fernandus Fernandi *Cogominus* (*alcunha* talvez geographica: *Cogominho*): de 1266, vid. *Leges*, p. 708. Em todos estes três exemplos a *alcunha* vem depois do *patronimico*.—Não cito mais exemplos antigos, nem tão pouco junto exemplos modernos, porque adiante teremos muitos de uns e de outros.

Posto que aggregada ao nome, sob a fórma, como se viu, de *aposto* ou *continuado*, a *alcunha* pode estar precedida do artigo definido: Exemplos colhidos nas *Linhagens*: Dom Gonçallo de Sousa *o Bom*, p. 355; D. Mendo *o Sousão*, p. 152 (geographico: vid. supra); D. Gonçalo *o Bom*, de Sousa, p. 144; Affonso Telles *o Velho*, p. 290; D. Pero Fernandes *o Nino*, p. 159; D. João Garcia *o Pinto*, pp. 152, 290 (creio ser alusão zoologica: vid. adiante); Gonçalo Gomes *o Gordo*, p. 174; Gonçalo Paes *o Pobre*, p. 174; Dom Lourenço Viegas *o Espadeiro*, p. 159; D. Goter Rodrigues *o Escalavrado*, p. 173; D. Ruy Fernandes *o Codorniz*, p. 173 (cf. acima *o Pinto*); D. Fernão Paes Varela *o do Capelo*, p. 173.

A par d'estes exemplos, expressos com artigo, ha-os sem artigo: Gonçalo Veeças *Magro*, p. 159; D. João Pires *Redondo*, p. 159; Pero *Velho*, p. 155; Lourenço Rodrigues *Espadeiro*, p. 199; Alaym Calvo, p. 257 (Alaym é o mesmo que *Laim*, noutros documentos, fórma resumida de *Lainho*, representado ainda agora na toponimia; cf. hesp. *Latno*, em M. Pidal, *Gramat. hist.*, 4.^a ed., § 39, n.º 2). Se a *alcunha* vem assim, sem artigo, quasi se confunde com *apelido*, sobretudo se adicionada immediatamente ao nome, como em *Pero Velho*.

Em tempos modernos a alcunha usa-se normalmente sem artigo, por exemplo, *Fulano Bezugo*; só se junta o artigo, é claro, se se especifica o individuo unicamente pela alcunha, por exemplo, *o Mouco* (vid. infra). Todavia na linguagem dialectal do Alentejo mantem-se o uso medieval no que toca a alcunhas de mulheres, por exemplo, *Maria a Cuca*, *RL*, iv, 49.

Vejamos agora exemplos de introdução de alcunhas por um substantivo, por um particípio, e por uma oração.

O substantivo é a propria palavra *alcunha*, ou um seu sinónimo: e assim se fórma o modo mais claro de alcunhamento. João Viegas, *d'alcunha Ranha*, em A. Brandão, *Mon. Lusit.*, iii, 113. Hoje a cada passo: *Fulano, de alcunha*, ou *por alcunha*, isto e aquilo. Não vale a pena acumular exemplos.

Com particípio: Petrus Suariz, *dictus Coyros* (isto é: «chamado Coyros», «por alcunha Coyros»), sec. xiii, *Inquisit.*, p. 849; Payo Soares, *dito Romeu*, nas *Linhagens*, p. 154; João Pirez, *dito Pequeno*, 1305, *RL*, xxi, 261; Domingos Stevez, *dito Grego*, 1328, *Docs. do Souto*, p. 36.

Com oração relativa: Dom Garcia Perez de Bragança, «que ouve nome *Ladrom*», nas *Linhagens*, p. 196; Martim Gil, «o que chamarom *Feo*», *ib.*, p. 201; Ayres Perez, «o que chamarom por sobrenome *Farpas de burel*», *ib.*, p. 211; Vaasco Lourenço, «que chamarom *da Cooniga*», *ib.*, p. 296.

Na mesma obra, ao indicar-se uma alcunha, é costume por vezes repetir-se o nome proprio, por exemplo: Rodrigo, por sobrenome *Ruy Capom*, p. 336, em vez de «por sobrenome *Capom*»; Joham Pirez de Vaasconcellos, por sobrenome *Joham Temrreyro*, p. 317, em vez de «por sobrenome *Temrreyro*». Outros exemplos a pp. 152, 267 e 318.

Tambem acontece substituir uma alcunha completamente o nome do respectivo individuo, por exemplo, *o Malhado*, *a Canhota*. Se ela serve na essencia para determinar melhor este individuo, muitas vezes não passa de mofa. Tão inveterado está em Portugal o hábito das alcunhas, que chegam a empregar-se sem nenhuma necessidade prática: só por desleixo, ou gôsto de zombaria!

O que fica dito, relativamente á syntaxe, já foi em parte tocado a outro proposito, e de modo sumario, na INTRODUÇÃO, p. 9 sgs.

Segue-se o estudo dos apelidos, de acôrdo com a classificação acima feita das alcunhas.

α—APELIDOS QUE NASCERAM DE ALCUNHAS ALUSIVAS AO HOMEM
(CONSIDERADO EM SI MESMO), E BEM ASSIM A PARENTESCO, A CONDIÇÕES
E FASES DA VIDA, E AO ESTADO CIVIL

Nas *Linhagens*, p. 147, figura, por exemplo, Pero *Homem*, e no *AHP*, II, 133 sgs., do sec. XVI, cinco individuos com o mesmo apelido. Costa *Homem*, e *Homem* da Costa, do sec. XVI ao XVIII: vid. *Benavente*, de Alvaro & Ruy de Azevedo, Lisboa 1926, p. 179. O apelido de *Homem* usa-se ainda hoje não raramente. Sinónimo de *Homem* é *Pessoa*, por exemplo, Luís *Pessoa*, sec. XVI, *AHP*, *ib.*, p. 151, também hoje apelido não raro.

É muito natural que, representando esta palavra o mais directamente possível a propria ideia de «ente humano», se empregue como antropónimo. A par com a gravidade do caso, vem porém logo a zombaria.

Certa mulher do Minho, barbada, parece que não menstruada, e com alguns caracteres teratologicos que os medicos chamam de hermafroditismo, recebeu dos vizinhos a frisante alcunha de *Maria-Homem*, como outra da Extremadura, de voz e corpulencia varonis, recebeu a de *Maria-Zé*. Esta última alcunha originou-se de, por um lado, se haver tornado, para o espirito do povo, a palavra *Maria*, pelo seu grande uso, como veremos, quasi sinonima de «mulher», e por outro, de não abundarem os casos em que uma mulher tenha como sobrenome um nome de homem, excepto *José*. No Liv. II, cap. VI, veremos uma cantiga popular em que *Maria José* se contrapõe a *José Maria*.

No que estou, e continuarei, dizendo não estabeleço distinção entre alcunhas e apelidos nascidos d'elas. Quando eu só falar de alcunhas, entenda-se que o faço porque elas ajudam a comprehender os apelidos de significação igual ou paralela, pois muitas vezes o que é alcunha num individuo é apelido noutro.

Os Romanos empregavam também ás vezes *Homo* como cognome, por exemplo, Marcus Domilius *Homo*, em De Vit, *Onom.*, s. V. «Homo». Em al. antigo: *Manno*, em Förstemann, col. 1090; e já o primeiro antepassado mitico dos Germanos era *Mannus* (vid. Schönfeld, p. 161).

Apelidos expressos por alcunhas designativas de parentesco: Menendus *Sobrino*, Petrus *Filius*, Pelagius *Filius*, do sec. XIII, *Inquisit.*, I, 133 e 138; Pero Paez *Neto*, sec. XIV, na *Rev. de Hist.*, IV, 151 sgs. Todos estes tres apelidos se encontram também hoje (*Sobrinho*, *Filho*, *Neto*). Junte-se-lhes: *Morgado*, *Mano*, *Primo*,

Colaço, Orfão, Parente, Menino da Avó (Algarve). Creio que na Póvoa de Varzim *Gemêlgas* «gêmeas» é alcunha: vid. os meus *Opusc.*, II, 282. A respeito de *Neto* posso indicar um facto curioso, que ajuda a compreender como é que um apelido d'estes se fórma: um individuo, de nome *Matias* de tal, teve um filho, de nome José *Matias*, que gerou Antonio *Matias*; o último, por ser em linha recta *Matias* 3.º, e querer distinguir-se melhor do pai e do avô, juntou ao sobrenome o apelido *Neto*, e passou a chamar-se Antonio *Matias Neto*. Sem dúvida as razões historicas da escolha de um apelido variam muito, conforme as circunstancias. Aqui apenas quis dar um exemplo.—Em latim é bem conhecido *Cornelius Nepos*; outro cognome aqui pertencente é *Geminus*. Em hespanhol igualmente *Nieto*, e também *Sobrino, Antenato*: vid. Godoy, p. 172. Em francês, *Cousin*. Cf. *Bonfilii* Monaldus, sec. XIII (*Kirchenlat. Wb.*, p. 168), e vid. *Nomes dos Santos*, p. 9: beato *Bonfilio*; d'aqui o actual nome *Bonfilho* ou *Bomfilho*.

É possível que alguns apelidos, que ha, iguais a nomes de meses, indiquem epochas de nascimento, ou outras notaveis na vida dos respectivos individuos, por exemplo: Inês *Janeiro*, sec. XVI, nos *Anais de Arçila* (ed. de David Lopes), p. 24; Domingoz *Mayo*, sec. XIV, na *Rev. de Hist.*, IV, Alvaro Gonçalves *Mayo*, 1455, em Gama Barros, *Hist. da administ.*, IV, 137, nota 1; e em tempos modernos: *Janeiro, Fevereiro, Abril, Junho*, como pôde ver-se em alguns volumes do *Anuario Commercial*, e no *Dicc. d'appellidos*, do Ab.º de Miragaia. Também: Fulano *Janeiro*, no *Seculo*, de 2 de Setembro de 1926. Note-se que, se como vimos a pp. 45 e 129, havia na idade-média *Abril* como nome proprio e como sobrenome, hoje é puro apelido, ou ele represente o *Abril* medieval, ou fôsse adoptado modernamente por causa do mês. Em caso analogo está *Janeiro*, pois foi antigamente nome proprio (*Ianuarius*). Na *Revista Michaelense*, II, 356, dá-se *Fevereiro* como alcunha usada nas Fêteiras (Açores), o que bem mostra se refere a mês.—Talvez á menção dos meses se deva juntar a de festas do Calendario. Se em regra um apelido, como *Ascensão*, nasce de um sobrenome, podemos ás vezes ficar em dúvida da origem: por exemplo, *Coresma*, que se mencionou supra, p. 154, não podia ter nascido de sobrenome, pois na epocha a que pertencem os sobrenomes estavam representados por patronimicos (e o *Coresma* de que se trata usava o patronimico de *Vaasquez*).

O que se diz dos apelidos tirados de meses e festas é comparavel ao que no cap. I e II se disse dos nomes e sobrenomes relacio-

nados com a epoca do nascimento. Aí se citou Hirzel, em cujo livro *Der Name* se mencionam muitos cognomes e apelidos antigos e modernos iguais a nomes de meses: *October, December, Fevrier, March, May*, etc.: vid. p. 45. Acêrca de nomes orientais da mesma especie vid. *Zts. des Ver. f. Volkssk.*, II, 320-322.

Trata-se por vezes nas *Linhagens* de pessoas que tiveram filhos «a furto»: vid., por exemplo, pp. 159 e 200. A este respeito diz Moraes, *Vocabulario*, s. v. «furtado»: «filho furtado, não legitimo, d'aqui o apelido dos *Furtados*». Este apelido já aparece em um documento de 1152, onde figura um *Furtado* como testemunha: *Leges*, p. 383. Nas *Linhagens*, p. 322, temos: Fernão *Furtado*, natural de Lava, a par de Navarra. Em hespanhol hoje *Hurtado*. De Hespanha fazem os genealogistas vir os nossos *Furtados*, pelo menos os *de Mendoza* ou *Mendonça*: cf. Villasboas, *Nobiliarchia*, pp. 279-280, onde porém não se indica a epoca da vinda. O que é mais provavel é que, embora os *Furtados de Mendoza* ou *de Mendonça* descendam realmente de Hespanha (*Hurtados de Mendoza*), cá se criasse outro apelido *Furtado*, atenta a significação primaria da palavra. Apelido ideologicamente ligado com este é *Bastardo*, que vejo citado nos *Appellidos portugueses* do Ab.^e de Miragaia, p. 48.—Cf. em latim *Spurius*, como cognome, e em grego *Nothos* (que tem significação analogica): em Hirzel, *Der Name*, p. 83, onde menciona, a par, Conde *Bastard*.

Na INTRODUÇÃO d'esta obra, a p. 17, falou-se de *Velho*, adicionado a nomes proprios. De tal uso nascia facilmente um apelido: *Joam Velio*, sec. XIII, *Inquisit.*, I, 318; *Gil Velho*, sec. XVI, em G. Pereira, *Pergaminhos da Univers.*, p. 76, hoje ainda bastante corrente; tambem conheço *Velho* e *Velha* como alcunhas. Sinonimos são os apelidos *Sengo* e *Sença*: cf. *Opusc.*, III, 127, e o *Anuario Comercial*, I, 717. Contraposto a *Velho*, temos na idade-média: *Fernam Moço*, nas *Inquisit.*, I, 133; *Afonso Viegas Moço*, nas *Linhagens*, p. 289. Aqui pertence tambem: *Petrus Minimus*, sec. XIII, *Inquisit.*, I, 130. *Junior*, conquanto seja epiteto, como *Velho* e *Moço* (cf. supra, p. 17), emprega-se ás vezes de tal modo, isto é, com tanta insistencia, que quasi sempre usurpa função de apelido.

Respectivamente ao estado civil: *Solteiro, Solteirão, Solteira*, no *Dicc. de Appellidos*, do Ab.^e de Miragaia. O casal do *Casado*, no concelho de Aljezur, em Silva Lopes, *Dicc. postal*, I, 305, deve chamar-se assim do apelido de um proprietario antigo ou moderno. No *Onomastico* de Cortesão dá-se *Solteiro*, isto é, *solteiro*, como

apelido medieval, mas vê-se do contexto que é mero atributo gramatical. — Cognome romano: *Sponsa*, na *RL*, xxv, 288.

β—APELIDOS QUE NASCERAM DE ALCUNHAS
ALUSIVAS A POSIÇÃO SOCIAL, CARGOS, OFÍCIOS MECÂNICOS, PROFISSÕES,
OUTRAS OCUPAÇÕES, E NAVEGAÇÃO

1. Posição social:

Não é raro o apelido de *Rei* (vid. o *Anuario Comercial*) escrito ás vezes *Rey* (*ibidem*). No último caso a ortografia mostra que ele nos veio de Hespanha, e isso sei positivamente a respeito de várias famílias. Todavia também ha *Rei* e *Rei pelado* como alcunhas em Barroso (*RL*, xviii, 224, nota), onde é possível que nascesse de alguma representação teatral; cf. *Rei-preto*, na mesma região (*ib.*, *ib.*) e em Vila Real (*ib.*, ix, 229, nota 2). Em Nisa ha alcunhas de *Reizinho*. Nas *Linhagens*, p. 332, lê-se Joham Vee-gas «per sobrenome (isto é, por alcunha) Joham *Raynha*». Sei também de uma Maria *Rainha* (Algarve), que teve um filho chamado por isso *Rainho*. Tanto d'este apelido, como de muitos outros analogos, ou diferentes, não se determina a origem senão pela historia da respectiva familia; o meu papel consiste principalmente aqui em os classificar pelo seu significado geral, e aspecto morfológico. Cf. *Rei dos bichos* na sub-secção δ. A nomes analogos na Alemanha, possivelmente como «Spottnamen», alude Bähnsch, p. 74. Outras alcunhas usadas em Barroso: *Principe*, *Princez* (*RL*, xviii, 224, nota). Não alcunha, mas apelido grave, é *Infante*, talvez no comêço *infante real*, ou em acepção eclesiastica (*Elucidario*, s. v. «infante»; e cf. o que da Hespanha diz Godoy, p. 161, nota 2). Também ha *Principe* como apelido (vid. *Anuario Comercial* e *DN*, de 28 de Abril de 1926), ou pertencente a esta categoria, ou geográfico (Ilha do Principe). Na Beira conheci um individuo por alcunha o *Samorim*, de certo porque um antepassado a trouxera da India, pois, como ninguém ignora, *samorim* ou *çamorim* significava rei de Calecut, e foi titulo bem celebrado dos nossos autores: vid. Sebastião Dalgado, *Glossario luso-asiatico*, II, 278.

À realza se ligará o apelido de *Côrte-Real*. Villasboas nada adianta quanto á origem, dizendo na *Nobiliarchia*, p. 265, que o primeiro que usou este apelido foi Vasco Annes da Costa, que o recebêra de D. João I, «pela facilidade com que se offereceo ao desafio dos cavaleiros da Inglaterra». Talvez *Côrte-Real* correspondesse primordialmente a *homem de côrte* ou *da côrte*, e tivesse

pois a mesma razão de ser que *Camara*: a principio *homo domini regis*, depois: *da camara d'el-rey*; por fim: *da Camara*,—como na Hespanha aconteceu: vid. Godoy, *Apellidos castell.*, p. 166. Todavia *da Camara* tambem podia explicar-se como apelido geografico, pois ha lugares d'este nome no Minho, na Madeira, e nas Asturias; na Galiza igualmente *Cambra*. O apelido *Cortés* ou entra na mesma categoria, ou resultou de alcunha de qualidade (vid. adiante). *Cortesão* parece porém caber aqui.

Aos secs. xiii-xiv pertence já *Duque* como apelido, nas *Linhagens*, p. 213: Lopo Perez *Duque*, com uma filha, Sancha Pirez *Duquesa* (mero feminino de *Duque*), p. 305. Nada tem ele com o titulo actual, que só foi introduzido em Portugal em tempo de D. João I: vid. Severim de Faria, *Noticias*, disc. 3.º, § 23, onde disserta acêrca da palavra e do seu uso. A palavra corresponde, como ele diz, ao lat. *dux*, porém para nós veio-nos directa ou indirectamente de França: cf. *RL*, vii, 151. Num documento hespanhol de 1192, em Godoy, *ob. cit.*, p. 163: *Gonçalvo Pétrex el duc* (isto é, por alcunha, *Duc*). O apelido *Duque* está ao presente representado entre nós doze vezes no *Anuario Comercial*, 1, 527. Apelidos ideologicamente semelhantes a este são: *Conde* e *Barão*, várias vezes mencionados naquele *Anuario*: da origem de ambos trata o mesmo Severim, *ib.*, §§ 25 e 26. Cf. Domingo *Conde*, testemunha de um documento hespanhol de 1187, em Godoy, *ob. cit.*, *ib.*, e João *Conde*, 1517, em *Alguns documentos da Torre do Tombo*, p. 406. *Barão*, antes de ser titulo entre nós, teve significação mais ampla (As armas e os *barões* assinalados . . .), e foi nesse grau que se tornou apelido. Cf. Bernardo *Baron*, na Hespanha, sec. ix, em Godoy, *ob. cit.*, p. 164. Na Beira conheci um individuo assim alcunhado; *Baroa* era a alcunha da mulher. *Cavaleiro*, por exemplo, *Johannes Cavalleiro* (1220), nas *Inquisit.*, 1, 26, tanto póde entrar aqui na qualidade de representante de uma antiga classe da nossa nobreza, como significar apenas o que anda a cavalo. Em caso semelhante está o apelido *Escudeiro*, embora mais pareça de origem illustre, do que indicativo de profissão. O apelido *Cavalheiro* creio ter origem hespanhola. *Fidalgo* e *Fidalga* são claramente apelidos de nobreza, como *Hidalgo* na Hespanha. *Nobre* é provavel que do mesmo modo o seja, posto que na origem pudesse ter significado apenas qualidade moral (vid. adiante).

A milicia dá-nos: *Guerra*, e *Batalha*, já testemunhados nas *Linhag.*, pp. 287, 312, 155; Afonso da *Guerra*, 1493, nas *Dissert.*

Chron., t. v, 2.^a ed., p. 307. Ambos os apelidos são hoje muito correntes, a par de *Peleja*, *Guerreiro*, e *Capitão*. O Ab.^e de Miragaia menciona *Bêsteiro*, e o D.^{or} Augusto Pires de Lima menciona a alcunha de *Furriel* em Santo Tirso, adquirida no tempo das lutas liberais (*RL*, xxv, 236). Como alcunhas conheço: *Zé-Soldado*, e *Galucho*, e como apelidos: *Cadete* de um individuo que teve como antepassado um *cadete* do exército; *Sentinela* (melhor: *Centinela*) que vem indicado nos *Appellidos*, do Ab.^e de Miragaia.—Já nos gregos Πόλεμος, Εὐπόλεμος em Hirzel, p. 47, e no *Dict. des antiq. grecques et rom.*, iv-1, p. 88; na Hespanha frequentemente *Guerra*, desde, pelo menos, o sec. xii (Godoy, p. 167); na Alemanha, *Hauptmann*, *Kämpe* (Bähnisch, p. 78). Em França ha *Bataille* (vid. *Armaria*, p. 68), e na Italia *Battaglia*, bem comparaveis ao nosso apelido *Batalha*; naquela nação tambem *Bataillon*. Todavia Dauzat, p. 97, considera *Bataille* sinonimo de «querelleur».

Em posição elevada da hierarquia eclesiastica está a alcunha de *Patriarca*, que conheço de algures, e bem assim *Bispo*, em Fernandus *Bispo*, nas *Leges*, i, 421, sec. xii, evidente alcunha, ainda hoje nos Açores, com o feminino *Bispa* (vid. *Rev. Michael.*, ii, 356); tambem sei de uma familia de *Bispos*, em Alcacer do Sal, e de igual alcunha em Tras-os-Montes; *Prior*, *Abade*, *Vigario* vêm como apelidos no *Anuario Comercial*; *Reitor* é algures apelido ou alcunha. Estes apelidos ou alcunhas nem sempre correspondem á realidade; ás vezes nascem de circumstancias fortuitas: João *do Abade*, por ser criado de um abade. Para a concepção popular a palavra *abade* desperta a ideia de gordura, pela consideração de que os abades antigos (dos conventos e outros) levavam vida regalada e sossegada, que predispunha para a obesidade: e aqui está outra fonte de alcunhas. Na Beira conheci uma Rosa *Padra*, chamada assim por ser sobrinha de um padre. No Peral (Cadaval), onde ao paroco se chamava d'antes *padre-cura* (hoje chama-se-lhe *prior*), ha a alcunha-apelido de *Curinhas*, que foi imposta ao sobrinho de um antigo *cura* que andava a estudar para padre, e não chegou a concluir os estudos. A certos nomes acabados em -a junta-se não raro por graça um -s, como em *um códeas*, etc., e por isso de *curinha*, fórmula teorica, se fez *Curinhas*.—Cf. em francês: *Labbé*.

Outros apelidos ou alcunhas proxima ou remotamente relacionados com a Igreja: *Frade*, já em 1327 (Johã *Frade*, na *RL*, xxi, 270); Manuel Pires, o *Frade*, 1696, nas *Memorias de Bragança*

do P.^o Alves, v, 9 (Cristão-Novo); «Manuel dos Santos, *de alcunha o Frade*», na *Carta de escravidão* (escravos de Maria SS.), Lisboa 1785, p. 139; e ainda hoje como apelido e como alcunha (sei de um individuo assim alcunhado, por ter a cara rapada como um frade, e a alcunha transmitiu-se aos descendentes); *Freire*, apelido antigo e moderno; *Pelagius Moogo*, 1220, nas *Inquisit.*, p. 20; *Petrus Monaco*, 1258, *ib.*, p. 386; *Monge* (no DN, de 13 de Outubro de 1926); *Capelão*; *Conego*; e tambem: *Anacoreta*, *Ermitação* (vid. o *Dicc.* do Ab.^o de Miragaia); *Mouzinho* (vid. o *Elucidario* de Viterbo, s. v. «moçoco»); *Servo* (Sé de Braga).—Cf. em Hespanha medieval: *Mónago*, *Sacristan*, etc., em Godoy, p. 169.

2. Cargos publicos:

O *Dicc. de apellidos*, do Ab.^o de Miragaia, regista os seguintes, alusivos a cargos: *Juiz*, *Escrivão*, *Carcereiro*, e o D.^{or} Augusto C. Pires de Lima, *RL*, xix, 236, a alcunha de *Regedor*. Pela minha parte conheci numa vila extremenha um individuo a quem alcunhavam de *Alcaide*, por ser official de diligencias do juizo: a tanto desceu aquella nobre palavra medieval!

3. Officios mecanicos:

Em documentos antigos os individuos fazem por vezes seguir ao patronimico ou ao sobrenome a indicação do officio ou cargo. No *AHP*, II, 246, de 1252, João Pires, *o estaqueiro* (que prepara ou vende estacas); nas *Leges*, I, 729, Vicente Anes, *moedeyro*, de Coimbra; nas *Linhagens*, p. 143, sec. xiv: Ayras *Carpinteiro*; no *Sebastianismo*, do S.^{or} Lucio de Azevedo, figura Bras Afonso, *bolseiro*, 1539, que só assina «Bras Afonso», d'onde se conclue que *bolseiro* (que faz ou vende bôlsas; vid. outra acepção em Moraes) é realmente indicação de officio.

D'este modo se explica que na lingua usual certos nomes de officios se tornassem sucessivamente alcunhas e apelidos, como nos casos seguintes da idade-média:

Nos *DC*, p. 99, de 991, Erigu *Sertor* (= lat. *sartor*, -oris, «xastre»). Nas *Leges*, I, 354, de 1108, Johannes *Aurifex*. Nas *Inquisit.*, I, de 1220: Menendus *Ferreiro*, p. 26; Johannes *Piliteiro*, 138; Martinus *Sarrão* (= Serrão), 138; Menendus *Teleyro* (= telheiro), 459; Jacobus *Petrarius* («pedreiro»), 459.

Do sec. xiv até hoje seria facil encontrar muitos exemplos; basta citar alguns apelidos e alcunhas modernos: *Alfaiate*, *Borra-*

-*botas* (sapateiro, por *borrar* ou tingir o calçado), *Borra-paredes* (caiador mediocre: *RL*, xix, 236); *Caeiro*, isto é, *caieiro*, o que faz cal (Moraes), fornecedor de cal (sec. xvii: A. Baião, *Episodios*, I, 325); *Caiadora* (Melgaço); *Cardeiro* (Arcos de Valdevez; parece que o primeiro, que usou o apelido, *cardava* os socos ou çocos, isto é, punha-lhes *cardas*, ou «brochas»); *Calceteiro*, *Carpinteiro*, *Cesteiro*, *Cortador*, *Espadeiro* (cf. supra, p. 179), *Esparteiro* (o que trabalha o esparto), *Ferreiro*, *Forneiro*, *Malheiro* (outr'ora: «o que fazia malhas para as sayas de malha», Moraes; cf. supra, p. 169, nota 37), *Mestre*, *Mineiro*, *Oleiro*, *Padeiro*, *Peleteiro* (peleteiro, cf. supra), *Penteeiro*, *Pintor*, *Serrão* («serrador», cf. supra), *Tamanqueiro*, *Tecelão*.

A respeito de *Mestre*, notarei que familiarmente assim se chama a um artifice, ás vezes juntando-se-lhe porém o nome proprio, por exemplo: *Meestre Stevam*, 1331, nas *Dissert. Chron.*, v, 274.

Se pesquisássemos costumes de nações estranhas, encontraríamos semelhantemente os cognomes: *Mensor*, *Pictor*, *Salinator*, e dezenas de outros, em Roma; *Barbero*, *Falconero*, *Zapatero*, em Hespanha; *Charpentier*, *Menuisier*, em França; *Schmied*, *Weber*, *Zimmermann*, na Alemanha.

4. Outras profissões e ocupações:

Uma das piores que poderão citar-se é a de *Ladrom*, que vimos supra, colhida nas *Linhagens*, p. 196. — Paralelamente havia na Hespanha, *Latrón*, *Ladrón*, sec. xii-xiii, em Rios y Rios, pp. 35-36; e já as inscrições romanas (Dessau, vol. iii, pt. i, p. 208) nos mostram o cognome de *Latro*.

Manuel *Estudante*, alcunha de um rapaz que o foi (Tras-os-Montes); vem também como apelido no *Anuario Comercial*; D. Pedro Paes *Escola*, e Roy Lourenço *Escola*, nas *Linhagens*, pp. 150 e 208, etc. *Escola*, também alcunha de um individuo de Santo Tirso, parente de um antigo mestre-escola, *RL*, xix, 236 (compare-se-lhe *Escolástica*, nome proprio, e *Skola*, apelido de um professor que conheço em Praga, na Checo-Eslovaquia, e a quem o apelido veio já dos avós).

Nas *Inquisit.*, I, 349, 1220: Petrus *Jograr*; na *RL*, xxi, 259, doc. de 1304: Martini Suerij dicti *Trobador*. Em Santo Tirso: João *dos Versos*, alcunha de um individuo que tinha a monomania de rimar (*RL*, xix, 236).

Lançarote *Selorgiam*, 1440, *Chancelarias reais*, I, 228; Manuel *Cirurgião*, alcunha em Santo Tirso, provinda de um antigo cirur-

gião (RL, XIX, 236); *Parteira*, alcunha no mesmo concelho (*ib.*, *ibidem*).

Certamente relacionado com a musica, por ser tocador, é Pelagius *Viola*, 1220, nas *Inquisit.*, p. 99; o *Gaitas*, alcunha de um Galego que tocava gaita de fole, e vivia em Portugal, como se diz na *Douri-vinhaida*, poema epico-burlesco de B. J. S. P. C. (sua patria: «paiz do Douro»), Porto 1822, p. 40. Alcinhas modernas de tocadores de Santo Tirso: *Bombo* e *Rabeca* (RL, XIX, 236). Tambem sei da alcunha de *Rabeca*, em Semide (Coimbra); todavia devemos lembrar que ha *Rebeca* ou *Rebecca*, nome de mulher (de origem hebraica). Ou por profissão ou por hábito recebeu o apelido de «dançador» um individuo nas citadas *Inquisit.*, p. 647: Johannes *Danzátor*. Alcinha em Belder: *O Cantador*. Póde pertencer aqui a de *Fadista*, que ouvi no Alto-Alentejo. *Fadista* é propriamente o que canta e *bate* ou dança o *fado* (*Dicc. Manual*, de Ad. Coelho); depois tomou a acepção de individuo que pertence a certa classe baixa da sociedade (Vid. *Hist. do fado*, de Pinto de Carvalho, Lisboa 1903, p. 31 sgs.), como *fado* tomou a de vida dissoluta, vida airada, etc., com o que concorda esta cantiga popular que ouvi em Baião:

Sou do *fado*, sou *fadista*,
Meu gosto é *fadistar*:
Quando estou ao pé das mōças,
Regala-m'as conversar.

Alguns apelidos antigos: Dominica *Asneira*, 1220, *Inquisit.*, p. 459 (provavelmente guardadora ou alugadora de *asnos*); Sebastianus *Tripeiro*, 1258, *ib.*, p. 779 (vendedor de tripas). Cf. *Tripeiro*, alcunha etnica dos Portuenses.

Apelidos e alcunhas modernos: *Caçador*, *Caseiro*, *Cocheiro*, *Lavrador*, *Louvado*, *Mestre*, *Moleiro*, *Monteiro* («caçador de monte», Moraes; tambem foi cargo público), *Pastor*, *Rendeiro*, *Vendeiro*. No Ribatejo: *Paneiro*, apelido (um antepassado de quem o usa foi negociante de panos: informação do D.^{or} Ruy d'Azevedo).

Na Beira conheci um individuo de alcunha o *Mêleiro*: ela deve ter-lhe vindo de algum antepassado que cuidava de mel ou o vendia. Em Ervedosa do Douro havia uma mulher de alcunha tambem a *Mêleira*, que realmente se occupava da industria do mel (informação do D.^{or} Luis Saavedra Machado). Esta industria teve

outr'ora entre nós grande importancia: e ainda ha um ditado *isto é mel d'odres*, que indica «dificuldade», por alusão ao vagar com que o mel sai do odre; e os adagiaros registam a par muitos adagios relativos ao mel.

De fóra temos, por exemplo: *Müller, Meyer* (Meier, Maier), na Alemanha; *Gomez Trovador*, na Hespanha medieval (Godoy, p. 173).

5. Navegação:

Johanni Barcario («barqueiro»), num documento de 1241, em G. Barros, III, 276(-277), nota 1. No sec. XVI *Cossairo*, alcunha, 1507, no *Paço de Cintra*, do Conde de Sabugosa, p. 230; *Arráez*, apelido illustrado por um escritor classico. Em tempos modernos: *Calafate* (por exemplo, alcunha de um conhecido poeta popular, a quem consagrei em 1902 um opusculo intitulado *O Cantador de Setubal*), e tambem apelido; *Fragateiro*, apelido; *Marinheiro*, apelido; *Marujo* e talvez *Marujão* (registados no *Dicc. do Ab.^e de Miragaia*); *Patacho*, *Patacha*, os *Patachos*, alcunha ou apelido de barqueiros do cais do Carregadouro, no Lima, freguesia de S. Paio de Jolda (profissão hereditaria); *Piloto*, apelido; *Embarcadizo*, alcunha de um degredado do Alentejo que veio do degrêdo por mar.

Noutros povos: *Marinus, Nauta, Navalis, Thalassus* nos Romanos e nos primeiros Cristãos: vid. Martigny, s. v. «noms», e Dessau, vol. III, pt. 1, p. 218. Cf. em grego *Θάλασος*. (A palavra tomou entre nós, politicamente, acepção muito curiosa!).

γ—APELIDOS PROVINDOS

DE ALCUNHAS ALUSIVAS A QUALIDADES FISICAS E MORAIS, EXPRESSAS DIRECTA OU INDIRECTAMENTE

1. Qualidades expressas directamente, e ora originarias de apelidos, ora não:

Com frequência acontece, por ser muito natural, que um individuo que possui certa qualidade boa, ou certo defeito, o nomeiem d'esse modo os vizinhos.

Lá diz uma canção, posta na bôca de uma rapariga, em cujo rosto o namorado indiscretamente notára cicatrizes de variola:

Chamaste-me *picadinha*,
Porque tenho picadelas...

ainda que para logo a triste se console, cheia de romantica resignação:

Não ha nada mais bonito
Que o ceu com suas estrelas!

Diz-se noutra, em Pires, *Cant. pop.*, II, n.º 4218:

Tu tens olhos de matar,
Sobrancelhas de ferir...

De simples menções como estas, em acepção pejorativa ou benevola, nascem a cada passo alcunhas, e das alcunhas apelidos. Contudo, como por uma parte o homem está sempre pronto para vituperar o seu semelhante (*homo homini lupus...*), e por outra, as qualidades fisicas, quando patentes, atraem mais a atenção do que as morais, os motejos excedem em número os elogios: o que nos Portuguezes se agrava por causa da indole gracejadora a que se aludiu no comêço desta secção.

Vão dar-se exemplos, pertencentes a varios seculos.

—*Petrus Amarelus*, 1172 e 1182, in *Arch. de Hist. da Medic. port.*, nova serie, II, 157 sgs., artigo de João de Meyra: contudo *Amarelo* tambem foi nome proprio.

Das *Inquisitiones*, t. 1: de 1220:

—*Petrus Manso*, p. 5.

—*Menendus Malus*, p. 9.

—*Menendus Longo*, p. 13.

—*Petrus Bonus* ou *Boo*, pp. 6, 156 e 787.

—*Petrus Pequeno*, pp. 23 e 155.

—*Johanes Falagueiro*, p. 27 (do hesp. *falaguero*, «fagueiro»).

—*Pelagius Cao* (= Cão), abbas, p. 143 (*cão*: «de cabelo branco»).

Cf. no sec. xv *Diogo Cão*. E vid. *Liç. de Filol.*, 2.ª ed., p. 182).

—*Johannes Parvus*, p. 308 («pequeno»).

—*Johannes Amico*, p. 308.

—*Suerio Gordo*, p. 308.

—*Petro Bravo*, pp. 310 e 323.

Das de 1258:

—*Petro Mao*, p. 294 (cf. supra: *Malus*).

—*Paay' Venegas*, o *Gago*, p. 295.

—*Joam Alvo*, p. 295.

—*Didaco Choco*, p. 298.

—*Petrus Johannis dictus Frigidus* («frio»), p. 458.

—Julius *Pardus*, p. 458¹.

—Petrus Johannis dictus *Niger*, p. 787.

—Suierio (*sic*) Menendi dicto *Meygo*, p. 833.

De varios documentos:

—Gume *Falante*, 1252, *Dissert. Chron.*, I, 267 (*Gume* parece relacionar-se com *Gumex*, *Gomes*).

—Anna *Cega*, 1267, *ib.*, p. 279.

—Maria *Fermosa*, 1267, *ib.*, p. 280.

—Johã *Cheyo* (isto é, nutrido), 1326, *ib.*, p. 268.

—Martim *Negro*, num texto do sec. XIII-XIV, no *AP*, IX, 67.

Póde o apelido referir-se a côr morena, ou realmente a ser preto o individuo, pois escravos africanos deviam ser vulgares na Península ainda antes dos nossos descobrimentos ultramarinos: cf. Pedro de Carvalho, *Escravidão moderna*, p. 41.

—Domingos e Martim *Negracho*, Domingos *Farto*: sec. XIV, in *Rev. de Hist.*, IV, 153.

—João *Redondo*, 1331, *Dissert. Chron.*, V (2.^a ed., p. 288).

Das *Linhagens*:

—D. Pero Soares *Carnes Más* ou *Maas*, pp. 144 e 196.

—Pero Paes *Curvo* (isto é, «corcovado»), p. 146.

—Nuno Pires *Maldoado*, *Maldoada*, pp. 149 e 155.

—Vasco Martins *Seco*, p. 151.

—Martim d'Aroens o *Sandeu*, p. 154.

—Lourenço Gonçalves *Magro*, p. 162.

—Pero *Alegre*, p. 161.

—D. Rodrigo Peres o *Alto*, Ruy Pires o *Alto*, p. 172.

—Afonso Rodriguiz *Grande Amor*, p. 185; D. Affonso Ramirez *Grande Amor*, p. 287 (é o mesmo individuo, houve engano no patronimico), ao qual a p. 322 se chama *Rend'Amor*.

—Joham Perez *Tenro*, p. 200.

¹ Cf. porém Rios y Rios, p. 152, a proposito do apelido hespanhol *Pardo*: «*pardo* es dictado de los que eran caballeros por solo presentarse á servir com armas y caballo; y así se han llamado no solo despues, hasta época reciente, sino antes en la Crónica de D. Alonso el Emperador, quando refiere como algunos de esta clase mataron al Rey moro Zafadola: *super venerunt milites quos vocant pardos et cognoscentes interfecerunt eum*. Berganza, II, 622». Talvez assim se explique o vocabulo *pardo*, dado como obscuro no *Elucidario* do P.^e Viterbo.

- Martim Martins *Zote*, p. 205.
- Joham Rodrygues *Royvo*, p. 219.
- Fernam *Branco*, p. 219.
- D. Joaham, *o Torto*, porque «foy cego de huum olho...», p. 260; D. Soeiro Pires *o Torto*, p. 150.
- D. Sancho Fernandez *Delgadillo*, p. 296.
- Dom Fernam Pirez *Tinhoso*, p. 332.
- F. «a que chamarom *o Feo*», p. 363.
- Pero Mendes, *o Bel Pastor* («o belo rapaz»), p. 364.

No Cancioneiro da Ajuda:

- Ayres *Corpancho*, trovador ou jogral: vol. II, 341, e vid. nota 1 da S.^{ra} D. Carolina Michaëlis a p. 342.
- Fernam Roiz, *Corpo delgado*, no *CV*, n.º 938.

De outros documentos:

- Alvaro *Preto*, sec. xv, *Chancelarias*, I, p. 150.
- Gil *Velho*, sec. xv, ap. G. Pereira, *Pergam. da Univ.*, p. 76.
- Joam Gonçalves *Cambado*, sec. xvi, no *AHP*, II, 250.
- Pedro Gonçalves *Castanho*, sec. xvi, *AHP*, V, 125; Ambrosio *Castanho*, e Beatriz *Castanha*, em Fructuoso, *Saudades*, IV, I, 209.
- Henrique *Bemtalhado*, Cristão-Novo, sec. xvi, ms. do Arquivo de S. Vicente, Lisboa, vol. VII, fls. 196 v (informação do D.^{or} Manuel Heleno).

Do sec. XVII:

- «Francisco Pires, *o Corcôs*» (Corcovado?), vid. *Antiguidades da Nazareth*, de Brito Alão, 1684, p. 106 (= corcovado).
- Miguel *Belo*, nas *Matriculas*, p. 48.
- João *Amado*, *ib.*, p. 103.
- João *Pegado Rebelo*, p. 157.

Do sec. XVIII:

.. Francisco Alves

Por alcunha *o Tagarella*,

no *Banquete das danças*, sec. XVIII, cordel, fantasia.

- João Lopes *o Canhoto*, 1716 (Cristão-Novo), em P.^e Alves, *Memorias de Bragança*, V, 39.
- «Antonio Gonçalves, de alcunha *o Pequeno*», *Carta de escravidão* (escravos de Maria Santissima), Lisboa 1785, p. 141.
- Francisco da Silva *Delgado*, no *Almanach* de 1799, p. 404.
- Ricardo Nunes *Leal*, *ib.*, p. 405.

Quando num texto antigo se vê uma alcunha junta imediatamente a um nome proprio, por exemplo, *Calvo* em Martinus

Calvus, não podemos distingui-la de apelido: a distinção só se faz de modo claro, se se indica por alguma das maneiras declaradas supra, p. 179 (com o artigo, por exemplo, em Paay' Venegas o *Gago*, com o participio «dito», por exemplo, em Petrus Johannis *dictus Frigidus*, etc.). Em casos como Pero Paes *Curvo*, colhido nas *Linhagens*, podemos igualmente ficar indecisos se *Curvo* é ainda alcunha, ou já apelido, pois que essa palavra se perpetuou como apelido até, pelo menos, o sec. XVIII, por exemplo, em *Curvo* Semedo, médico bem conhecido. Só pelo contexto e, pelo uso geral adoptado na epoca de que se tratar, poderá o espirito do investigador pender para o lado da dúvida ou da certeza.

Atribuindo character de apelido a todas as palavras que nas listas precedentes se pôde suspeitar que o tenham, direi que d'entre elas não me lembro de ter encontrado na actualidade como apelidos as seguintes (o que não quer dizer que pelo menos algumas não se encontrem): *Alvo*, *Amarelo*, *Cão*, *Cheio*, *Chóco* (certamente aqui é adjectivo; mas hoje só conheço *Choca*, que pôde ter outro sentido); *Corpancho*, *Delgadilho* (talvez origem hespanhola; hoje só conheço *Delgado* e *Dalgado*); *Fàgueiro* ou *Falagueiro*; *Formosa* (hoje só conheço *Formosinho*); *Mau*, *Negracho*, *Negro* (ha *Del Negro*, mas bem se vê que é estrangeiro), *Pardo*. O Ab.^e de Miragaia, *Appellidos*, dá como sendo-o: *Cego*, *Falante* e *Pequeno*; não diz se se refere ao passado, se ao presente. Todos os restantes apelidos se usam hoje, e muitos d'eles documentados em mais de um seculo.

Das alcunhas acima mencionadas existem tambem muitas hoje, ou assim mesmas, v. g., *Cambado*, *Negro* (informam-me de que numa aldeia da Extremadura vive uma familia chamada *dos Negros*, por serem realmente de côr carregada os membros d'ela), *Torto* (sei de um individuo assim chamado, por ser, como um das *Linhagens*, vid. supra, cego de um ôlho); ou transformadas em apelidos, v. g., *Alto*¹, *Castanho*, *Feio*, *Gago*, *Magro*, *Salgado*, *Séco*; ou ao mesmo tempo como alcunhas e como apelidos, v. g., *Crespa*, *Gordo*, *Pequeno* & *Pequena*, *Redondo* & *Redonda*.

À alcunha *Maldoado*, nas *Linhagens*, onde concorre com *Maldoada*, corresponde agora *Maldonado* (apelido vindo de Hespanha), ou aquella fórma fôsse traduzida d'esta, ou se criasse independentemente. Fórma hespanhola, não traduzida, mas adaptada

¹ Este apelido pôde tambem ter provindo da geografia:

ao português, é *Falagueiro*. Adaptação unicamente ortografica temo-la em *Delgadillo*, como penso. As fórmulas portuguesas arcaicas estão de modo paralelo traduzidas na lingua hodierna: *Feo* tornou-se *Feio*, e *Roivo* tornou-se *Ruivo*. A outras alcunhas não conheço correspondencias actuais. A alcunha *Grand'Amor* ou *Rend'Amor*, que vimos nas *Linhagens*, pôde porém dizer-se que pertence a todos os tempos, pois traduz optimamente um dos mais salientes caracteres dos Portugueses, e quasi só por si vale um poema!

Encontram-se ás vezes alcunhas cujo sentido não se explica, ou eu não explico, claramente, por exemplo: *Netus Carne Azeda*, nas *Inquisit.*, de 1220, p. 315, cf. porém *Carnes Más*, supra.

Aos apelidos modernos que de modo indirecto foram indicados acima (como iguais a muitos da idade-média), agregarei, para ampliação, e não porque pertenda esgotar o assunto, mais os seguintes, que tenho visto empregados, ou tenho ouvido:

Anão, Azul (nos *Appellidos*, do Ab.^e de Miragaia), Baixinho, Belo, Bizarro, Bonito, Calado, Cansado, Canhoto, Claro (não creio que seja o masculino do nome proprio *Clara*, que é pouco vulgar), Contente, Còrado, Crespo, Delicioso, Duro, Fagulha, Forte, Franco, Galhardo, Galrão (de *galrar*), Grande (cf. supra, p. 18), Grazino, Leal, Louro, Manco, Mansinho, Mimoso, Moreno, Mouco, Namorado, Pegado, Pimpão (apelido ou alcunha: em Semide, distrito de Coimbra), Preto, Queimado, Querido, Rosado, Ruço, Sagaz (João *Sagaç*, na *Gazeta do Sabugal*, n.º 2), Sereno, Serodio, Temido & Temudo (escrito por vezes *Themido* e *Themudo*!), Torrado, Trigoso («apressado»), Valente, Velhinho, Velho, Vermelho.

A estes e semelhantes apelidos servem de base, segundo o que acima se estabeleceu, alcunhas no gòsto das que adiante se transcrevem:

—o *Arcadinho* («corcovado»), Lagos. O individuo ao mesmo tempo era coxo, e serviu de tema a cantigas que se cantavam com musica especial (*moda*):

O Arcadinho não passa	}	O Arcadinho não passa
Pela rua da Armadura:	}	Pela rua da Barroca:
Não basta ser arcadinho,	}	Não basta ser arcadinho,
Senão curto da cintura!	}	Senão ter a perna torta!

—o *Basofias*, Barroso, *RL*, xviii, 224; *Basófia* em Nisa.

—o *Canhólas*, numa vila do Alentejo, por ser «canhôto» (o sufixo *-oto* foi substituído por *-ola*, e juntou-se a êste um *-s*: cf. supra, p. 186).

—a *Canhóta*, no distrito de Coimbra.

—o *Chupista*. Certamente de fantasia, não deixa de vir a propósito justificar aqui esta alcunha:

.. era almocreve;
 chamavam-me o *Chupista* ..
 e andava com dez machos todo o anno
 a correr quanto valle e monte havia
 para cobrar o fôro aos Frades Cruzios

 Já vê donde me vinha a minha alcunha.

em A. F. de Castilho, *O Presbyterio da montanha*, II (1905), 15-16.

—o *Comprido*, em Santo Tirso, *RL*, XIX, 236; cf. *Longus* numa das listas precedentes.

—o *Coxo* e a *Coxa*, *passim*, por o serem os respectivos indivíduos.

—o *Descanso*, numa vila do Alentejo (alcunha muito propria de um Alentejano!).

—o *Fanha*, «defeituoso da falla»: vid. Ab.^e de Miragaia, *Tentativa etymologico-toponymica*, II, 500; Sebastião *Fanhoso* (de alcunha), no Ribatejo. *Fan-fan*, alcunha de um individuo da Beira-Baixa, tambem com pronúncia fanhosa; mas aqui a alcunha está expressa onomatopeicamente.

—o *Fedelho*, Barroso, *RL*, XVIII, 224; *Fedelha* (vid. Silva Vieira, p. 12).

—a *Galharda*, Semide (Coimbra).

—o *Grazina*, algures.

—o *Maltalhado*, algures, na Beira-Baixa: «a familia dos *Maltalhados*».

—o *Mancalã* (= mancalão), algures, porque lhe rebentou um foguete numa das mãos, e ficou sem dois dedos, isto é, «manco» por ironia (a palavra parece se formaria por transformação, mental e aumentativa, de um sufixo como *-ola*, desfigurado sob influencia do segundo *a* de «mancar»).

—o *Maneta*, Santo Tirso, *RL*, XIX, 236. Na ocasião da Guerra Peninsular deu-se cá esta alcunha ao general Loison como o tes-

temunham canções populares (em Pires, *Canc. popul. politico*, Elvas 1891, p. 2):

O Junot mais o Maneta
Eram dois finos ladrões
etc.

O Junot má'lo Maneta
Fizeram uma função
etc.

—o *Medonho*, Semide (Coimbra).
—o *Menor*, Barroso, *RL*, xviii, 224.
—o *Mudo*, Beira, por ser realmente mudo o respectivo individuo.

—o *Pisco*, alcunha de um individuo que era magro e pisco dos olhos. Sul («o Pisco Loiceiro»).

—o *Preguiça*, Alentejo, por ser pachorrento (alcunha tambem muito caracteristica de um Alentejano!).

—o *Ronha* («manhoso»), no distrito de Coimbra.

—Maria *Sesuda*, no Alentejo (na palavra *sesudo*, -a, ha arcaismo; cf. *jogar o sesudo*, brincadeira).

—o *Tosseta*, Barroso, *RL*, xviii, 224; palavra formada de *tosse*.

—o *Travêso*, Estremadura, por ser muito mexediço o respectivo individuo.

E outras que deixo de parte, como iguais aos proprios apelidos, v. g.: *Còrado*, *Manco*, *Ruço*, *Torrado* (isto é, «trigueiro»: sei de um caso no Alentejo), *Vermelho*.

Listas como as que ficam formadas não acabariam nunca; por isso omite-se grande número de exemplos que poderiam ainda mencionar-se. Misturaram-se, como se viu, apelidos e alcunhas de caracter moral com outros de caracter fisico: o leitor facilmente os distingue, e simplificou-se assim um pouco o trabalho.

Sem contradição com o que fica dito, considerar-se-hão agora em separado, especificadamente, por terem certa unidade ideologica, varios apelidos e alcunhas antigos e modernos, que se referem a partes do corpo, e ao sistema piloso. Já no livro *A barba em Portugal*, Lisboa 1925, p. 122, se indicaram alguns, dos secs. xiii e xiv, e outros modernos. Os exemplos que vão agora aqui enumerar-se são quasi todos novos, do sec. xii para cá:

—Menendus *Cabeça*, 1220, *Inquisit.*, pp. 15 e 174 (isto é, «de cabeça grande», como em latim *capito*). Johannes Gonsalvi *Cabeça*, 1258, *ib.*, p. 508. Domígos Martijz *dito Cabeçudo*, 1282, ms. da Torre do Tombo, gav. 12, maço 3.º, n.º 6 (informação do D.º M. Heleno). O autor do *Portugal medico* (1726) era conhe-

cido como o *Olho de vidro*, por usar um, para encobrir o esvaziamento de um ôlho, causado de uma brincadeira de rapaz: vid. *Dicc. bibliogr.*, I, 396; e assim se intitula um romance de Camilo (1866), que tomou por protagonista o referido autor, isto é, Brás Luis de Abreu. *Olho de vidro* é do mesmo modo alcunha em Santarem, onde juntamente ha *Olho ingrato*. Modernamente: *Cabeça*, apelido, Lisboa; *Cabeça Negra*, apelido; Barão da *cabeça ancha*, alcunha, Vila Real de Tras-os-Montes, *RL*, IX, 229, nota 2; *Cachôla*, alcunha, Espôsende, em Silva Vieira, *Onomastico*, 1897, p. 11.

— *Cara d'anjo*, apelido, Portalegre (provavelmente na origem cara formosa, como de anjo). *Maçanzinha*, alcunha, Santo Tirso, «por ter as maçãs do rosto salientes e rosadas», *RL*, XIX, 236. *Cara de madama*, alcunha, Barroso, *RL*, XVIII, 224, nota. *Carinhas*, apelido, Alentejo, e Lisboa (cf. *Boquinhos*, infra).

— Martim *Nariç*, nas *Linhagens*, p. 228 (isto é, de nariz grande). *O Sem nariç*, alcunha, Extremadura, por o respectivo individuo ter pequeno o nariz. *Penca de arara*, alcunha de outro individuo da mesma provincia; *penca* é designação familiar de «nariz», e sobretudo «nariz grande». Em Benavente *Pencudo*, também alcunha.

— Domingos Johannes *Beiçudo*, sec. XIII, *RL*, IX, 270. Ruy Mendes *Beicana*, nas *Linhagens*, p. 179. Alcinha moderna: *Beicolas*, Barroso, *RL*, XVIII, 224. *O Tres Beiços*, alcunha ou apelido, Alentejo, porque o respectivo individuo tem hipertrofia da mucosa do labio inferior, o que faz parecer que este está scindido longitudinalmente, e portanto com o aspecto de dois beiços (ao todo, tres!).

— Giral Nunes *Boquinhos* (provavelmente: o *Boquinhos*), *Linhagens*, p. 164.

— Petrus *Queixada* (isto é, prógnato), 1258, *Inquisit.*, p. 508. Tareja Airas *Queixada*, nas *Linhagens*, pp. 147 e 311. — Salvador *Dente*, *ib.*, p. 351. Apelidos modernos: *Dentinho*, e também *Dente*, *Dentes* (Campo Maior). *Dentinho d'ouro*, alcunha.

— Pelagius *Scapulado*, 1117, *Dissert. Chron.*, I, 246 (= *scapulatus*, «espadagudo», de *scapulae* «espáduas»).

— Conselheiro Joaquim *Peito* de Carvalho: tempos modernos. — Talvez pertença aqui: Domingus Julianus, dictus *Quinquae folles*, 1274, em G. Barros, III, 185, nota, pois esta alcunha parece relacionar-se com a crença vulgar de que «o gato tem sete foles (ou fôlegos), e a mulher vale por sete gatos»: vid. *Trad. pop. de Portug.*, p. 173.

—*Barriga Negra e Barrigola* («de barriga grande»; cf. *dentola*), alcunhas, em Elvas; *Pança*, apelido, *ibidem*. Também ha *Barriga*, sec. XII (A. Brandão, *Mon. Lusit.*, t. III, l. II, cap. 34), sec. XVI (*Anais de Arçila*, I, 71), mas será o mesmo que o fr. *Barrigue* (*Armaria*, pp. 64 e 65); hoje ainda *Barriga*, ou *Barrigas*, e *Barrigão* (Tras-os-Montes)¹ como apelidos. *Barriguinha*, Nisa (alcunha); *Bucho*, *ib.* (idem).—Em 1312, João Gonçalves *Tripas quentes*, nos *Pergam. da Colleg. de Guimarães*, n.º 178 (talvez por costumar beber muito vinho); *Tripa rôta*, alcunha moderna, Vila Real, *RL*, IX, 229, nota 2.

Membros e extremidades:

—Martim Anes da *Maão*, *Linhagens*, p. 313; Ruy Fernandes das *Mãos* (talvez por as ter grandes), *ib.*, p. 161; cf. p. 210.—João Fernandes, de alcunha *Dedinhos*, sec. XVI, nos Açores: vid. *Archivo dos Açores*, IV, 100.—Domingos Fernandes *Seis Dedos*, Tras-os-Montes, sec. XVIII, *AP*, V, 50. Deve entender-se que o individuo era polidáctilo, neste caso hexadáctilo. Não só modernamente *Seis Dedos* é apelido, por exemplo, em Gabriel *Seisdedos* Veloso, que o herdou de antepassados, um dos quais teve decerto aquela anomalia teratologica (vid. J. A. Pires de Lima, *Contrib. para o estudo da polidactilia*, Porto 1914, p. 8); mas é também alcunha: *O seis dedos*, Lamego, dada a um individuo por ter mais um dedo em uma das mãos; os *Seis dedos*, alcunha ou apelido, em Benavente, na origem sem dúvida por motivo analogo; *o Seis dedos*, Algarve (na linguagem quotidiana diz-se: «vai á do *Seis dedos*», isto é, a casa d'ele; «vem ali *o dos Seis dedos*»), por ter seis dedos em cada uma das extremidades, ao todo, pois, vinte e quatro. Outras alcunhas da mesma natureza: *o Vinte e um*, alcunha de individuos dos concelhos de Vila Nova de Paiva (vid. J. A. Pires de Lima, *A teratologia nas tradiç. pop.*, p. 11), de Vila Nova da Rainha e de Nisa, por terem mais um dedo em uma das mãos, e de um individuo de S. Martinho (Lamego), por ter um dedo supranumerario ao lado do mendo do pé direito; *o Sete*, de um individuo do concelho do Bombarral, por ter sete dedos em um dos pés. A proposito direi

¹ Por causa d'estes paralelos, não deverá *Barrigão* considerar-se deformação de *Barregão*, sec. XII, em A. Brandão, *Mon. Lusit.*, loc. citato. Ou fez-se a deformação por etimologia popular?

que a hexadactilia da Padeira de Aljubarrota, a que o D.^{or} Pires de Lima alude, p. 14, consta tambem do seguinte folheto (de literatura de cordel), que possuo: *Acto da forneira de Aljubarrota*, 1761, p. 3.

—D. Tareja Annes, *a das coxas salientes*, nas *Linhagens*, pp. 152 e 161.—Moor Pirez Perna, nas *Linhagens*, p. 333; Sebastião Jorge Perna (apelido), sec. xvii, em Fr. F. de S. Boaventura, *Historia da abadia de Alcobaça*, p. xvi; F. «de alcunha o Perna», 1694, nas *Memorias de Bragança*, do P.^e Alves, v, 92 e 104; *Pernas e Perninhas*, apelidos modernos, Alentejo; *Perne-lhas*, no Ab.^e de Miragaia, *Appellidos*, p. 218; o Manuel *das pernas*, e tambem *das pernas tortas*, por ser cambado, alcunha, Elvas; o *Perneta*, alcunha, distrito de Coimbra.

—Em Benavente, como me informa o D.^{or} Ruy d'Azevedo, houve uma familia apelidada *dos Pees* no sec. xiv ou xv; o *Pé redondo*, alcunha de um individuo muito defeituoso de um dos pés: vid. D.^{or} Pires de Lima, *Um caso de gigantismo parcial do pé*, Porto 1921, p. 1. Brites *dos pés redondos*, alcunha de uma mulher do Algarve, tambem defeituosa nos pés. *Pé-Curto*, alcunha de um gatuno portuense, e alcunha ou apelido em Elvas (Fulano *Pé-curto*); *Pé leve*, alcunha em Alcanena; *Pé fresco*, alcunha em Semide (Coimbra); *Pé de cera*, DN, de 19 de (?) de 1915; o *Pata larga*, alcunha, Barroso, RL, xviii, 224, nota; o *Zêzinho da pata redonda*, na Beira-Baixa, porque, segundo me explicaram, «só tinha metade de um pé, e calçava um sapato redondo»; *Calcanhar rachado*, alcunha em Tavira. Na lingua comum dizemos *patola* no sentido de «tolo, estólido: termo chulo» (Moraes), propriamente *um patola*, por ter os pés grandes (*patas*), o que faz lembrar os paquidermes; cf. *dentola*, o que tem dentes grandes (os incisivos); e *Bar-rigola*, e *Beißolas*, supra. Vulgarmente: *ter uma patórra*, ou *uma pateirona*, por «ter pé grande». Cf. *pâteta*; e o *Patas* (o Diabo). O nome *Patudos*, de uma quinta em Alpiarça, proviria, quanto a mim, de alcunha-apelido de antigos possuidores; já nesta lista havemos visto que *-udo* é sufixo corrente para indicar exagêro no que toca a partes do corpo. Entendo que não deve confundir-se *Pata larga*, nem *Patudo* (d'onde *Patudos*) com *Pato* (ave), que figura na lista do § 2.^o, a. Tanto a comparação com *dentola*, *Bar-rigola* e *Beißolas*, como o sufixo *-udo*, mostram bem, me parece, que *patola* e *Patudo* provêm de *pata* («pé grande») e não de *pato* («ave»), embora esta palavra tambem signifique «parvo», significação que se desenvolveu paralelamente.

Outras alcunhas tiradas de partes do corpo, tais como *Barri-gana*, *Cabeçana*, *Pernana*, ve-las-hemos no Liv. III, a proposito de sufixos hipocorísticos. De *Polgar* falar-se-ha no Liv. II (Judeus).

Sistema piloso:

—Petrus *Guedelia* («guedelha»), *Inquisit.*, 1220, p. 155. *Gadelha* é alcunha moderna em Alcanena. Conquanto *guedelha* possa referir-se a barba, creio que se refere aqui ao cabelo; o *Cabeleira*, alcunha, Barroso, *RL*, xviii, 224, nota; João *Carapinha* (apelido), Elvas; do *Cabelo Vermelho*, alcunha, Nisa. Cf. *Cão*, supra, p. 219, e Maria *Branca*, alcunha de uma Algarvia, que tinha o cabelo loiro-abrançado; a alcunha passou aos filhos e filhas, com mudança de genero nos filhos. No sec. xii: Martinus *Calvus*, nas *Leges*, p. 246; *Calvo* é também apelido moderno, bem como *Calvinho*. Apelidos e alcunhas: *Careca*, Alentejo, Beira, etc.; o *Peladinho*, e *Pelada* (isto é, Maria *Pelada*), de individuos calvos, ou de seus antepassados.

—Meende Enes *Pestana*, 1265, *Dissert. Chron.*, i, 289 (isto é, «de pestanas compridas ou espêssas»); Martim Vasques *Pestana*, sec. xv, *Chancelarias*, p. 646. Ainda hoje.

—*Barbas tristes* (Elvas).

—Francisco Cerqueira *Bigodes* (isto é, «de bigodes compridos»), juiz de fóra em Amarante em 1639: vid. Motta Alves, *O brasão de Amarante*, Coimbra 1925, p. 35; *O Bigodes*, alcunha em Vila Real; Manuel Pinélo *Bigote*, alcunha ou apelido, concelho de Bragança (*bigote* é como por lá se diz «bigode»); *Gode*, alcunha de um estudante, que tinha alopecia ou uma cicatriz no labio superior, e a quem por isso não crescêra o bigode d'esse lado (*bigode*, decomposto em *bi-gode*, e por isso meio-bigode!): vid. Agostinho de Campos, *Jardim da Europa*, Lisboa 1918, p. 75, e o meu livro *A barba*, p. 122.

—*Pera de Satanaç*, alcunha em Santarem. Esta expressão tem raizes tradicionais: vid. o meu citado livro *A barba*, p. 49.

—Lê-se nas *Linhagens*, p. 267, que D. Ramiro, Rei de Lião, teve um filho de uma irmã, o qual filho era «negro e muy feo e muy *velloso*, que nom semelhava senom besta selvagem», e o rei «mandou que lhe posessem nome *Velloso*». A imposição do nome é manifestamente lendaria; mas o apelido *Veloso* nasceu, sim, de hipertricose: cf. Moraes, *Dicc.*, s. v. *veloso*: «que tem vellos, e longa guedelha, v. g. homem *velloso* (pelo corpo)». Esse apelido, hoje mui vulgar, já se documenta em 1258: Meen *Veloso*, nas *Inquisit.*, p. 363; cf. D. Rodrigo o *Veloso*, nas *Linhagens*,

p. 152. Embora na toponímia actual haja VELOSO, o apelido não tem origem geográfica, porque esse topónimo, que vem de *avelanosus, devia soar no sec. XIII, *velaoso ou *avelaoso, e não *veloso*; cf. na Galiza *Avelosa* a par de *Velosa*.

No paragrafo consagrado ás alcunhas resultantes de comparação com o reino vegetal, etc., figurarão outra vez partes do corpo.



De exemplos paralelos colhidos na antroponímia de outras nações lembrarei em primeiro lugar os seguintes cognomes da antiguidade: na Grecia, *Ψελλός* «tátaro», *Χλωρός* «palido»; em Roma, *Agrippa* «que nasceu com os pés para diante» (Plinio, *Nat. Hist.*, VII, cap. 8, § 45) ou com apresentação podalica, segundo se diz em linguagem obstetricia; *Balbus* «tartamudo», «gago»; *Bassus* (baixo), *Benignus*, *Bonus*, *Blandus*, *Caecus*, *Capito* «cabecudo», *Celer*, *Crassus* «grosso», *Crassipes* «de pés grossos» (ou com megalopodia?), *Crispus*, *Flaccus*, *Labeo* «beicudo», *Lepidus*, *Longus*, *Macer*, *Naso*, que deve ter significado «narigudo», *Niger*, *Optatus*, *Paulus* (Paullus) «pequeno», *Pedo* «de pé grande», *Pulcher*, *Quadratus* (cf. *corpus quadratum* «bem proporcionado»), *Rufus* «ruivo», *Silo* «de sobranceiras grossas e saídas», *Trigeminus*, *Vetus*. A respeito de *Quadratus* observa A. Gomes Lourenço, *Arte phlebotomanica*, Lisboa 1741, p. 60: «plethora em qualquer enfêrmo, a qual se conhece, porque estará igualmente bem nutrido, e de côr vermelha, a que chamam na medicina homens quadrados». Os primeiros Cristãos usavam como nome de humildade *Malus* (vid. *Dict. d'Archéol. chrét.*, col. 746): cf. *Menendus Malus*, e *Petro Mao*, supra p. 191, mas aí por outra razão.

De tempos posteriores: num doc. de 1070, do *Cartulaire de Gellone*, Montpellier 1898, algures, assina como testemunha *Poncius bella barba*; *Le Bon*, *Le Noble*, *Le Roux*, *Le Sage*, apelidos franceses actuais. *Neri*, de Nero («negro»), na Italia. Em Hespanha ha tantos apelidos iguais aos nossos, que nem sempre pôde dizer-se se são independentes d'estes, se uns provêm dos outros: *Duro*, *Moreno*. A um Hespanhol se chama nas *Linhagens*, p. 263: *Cabelos de ouro*, e na mesma obra se fala, p. 269, de outro «a que chamarom por sobrenome *das quatro mãos*», contando-se a proposito uma anecdota militar; cf. porém *Johannes Quatuor manibus*, sec. XII, em França (Giry, p. 65). Apelidos alemães: *Roth*, *Weiss*.

Nos povos não-civilizados certas alcunhas, que nos civilizados se tornaram apelidos, servem de nomes próprios, como no Sul da Africa: *Cucuru*, rapaz de nariz grande, *Mahura*, gordo: R. Andree, *Ethnographische Parallelen*, Estugarda 1878, num artigo intitulado «Personennamen».

Até para os apelidos provindos de polidactilia se podem achar exemplos semelhantes lá fóra. Lê-se em Plínio, *Nat. Hist.*, xi, cap. 99: «*Digitiquibusdam in manibus seni. C. Horatii ex patricia gente filias duas ob id SEDIGITAS appellatas accepimus, et Volcatium SEDIGITUM, illustrem in poetica*». E modernamente: «en tierra de Zamora, diz Rios y Rios (p. 70, nota), es comun el apellido *Seis dedos*, y yo conozco uno que los tiene en realidad».

A propria poesia e lenda aproveitam defeitos fisicos para darem nomes aos seus personagens. *Berte au grand pied* é o titulo de dois poemas franceses da idade-média.—O Diabo chama-se entre nós *O Manquito*, e nas *Linhagens*, p. 259, conta-se de uma *dona muy fermosa . . que avia huum pee forcado como pee de cabra*, o que serviu de tema a Herculano para architectar o conhecido conto *Dama pé de cabra*. No Algarve fala-se de *Diabo coxo*, e acrescenta-se «que é o pior Diabo que está no Inferno». Em bretão: *An diaoul kam* «o Diabo coxo» (*Mélusine*, vi, 64). O mesmo nome *El Diablo cojuelo* é o titulo de um romance de Luis Vélez de Guevara (1641), que foi imitado por Le Sage em 1707 com o titulo de *Le Diable boiteux*. Esta ideia de manquidão, assim existente em diversos povos, foi propagada pelo Cristianismo.

2. Qualidades expressas por comparação:

Surgem no falar de todos os dias expressões em que o homem é equiparado, nas suas qualidades fisicas ou morais, a objectos de multiplas especies. «Estava bom para *picota* de villa, segundo he esgrouviado», diz Eufrosina, falando do primo de Sylvia: *Comedia Eufrosina*, acto III, scena 3.^a, na ed. de 1786, p. 196. E modernamente: Fulano é uma catadupa a falar; a sua cabeça é um vulcão; os seus olhos são fogo.

É pois natural que muitas alcunhas nascessem de tais concepções, ainda que se torna difficil fazer uma escolha, porque seria preciso investigar a historia de cada familia. Ha uma alcunha minhota: *Arratelinho*; porque?

Já, por exemplo, sei de um individuo extremenho a quem alcunharam de *Pião*, por ser baixinho; sei de outro, do Alentejo, alcunhado de *Meio-Kilo*, por ser tambem baixo, mas grosso; de

outro do Ribatejo, de alcunha *Pernas de alicate*, por ter as pernas arqueadas como as hastes de um alicate (metaphora muito exacta!).

A mór parte, ou a parte mais curiosa das comparações, tira-se da Natureza, sobretudo do reino animal e vegetal; o reino mineral parece que também dá algumas. Formar-se-hão pois seguidamente três sub-secções, correspondentes aos tres reinos.

a) Comparação com o reino animal:

As comparações e apodos tirados da fauna mostram quantas relações se estabelecem entre o homem e o animal, e como aquele encontra neste qualidades fisicas e morais, que julga parecidas com as suas proprias. Vejamos alguns exemplos, quer avulsos, quer em frases, em adagios, em canções populares, e em trechos literarios:

— *abelha*. Chama-se *abelha da casa* á mulher que administra bem, e com actividade, a casa. *Segrêdo da abelha* é o que não se descobre. O homem bisbilhoteiro, linguaeiro, *lingroteiro*, é um *abelhudo*.

— *aranha*. A uma pessoa que não tem firmeza nas mãos chama-se *mãos de aranha*; ou diz-se d'ela que *tem mãos de aranha*.

— *asno*. Chama-se a um individuo estúpido. Vid. «camelo». Também no mesmo sentido se diz: *pedaço de asno*.

— *ave de arribação*. «Aquilo é ave de arribação»: pessoa incerta, que vai e vem.

— *bacalhau*. Diz-se de uma mulher desleixada (Alto-Minho), e de uma mulher magra (cf. adiante um trecho de Camilo). Cantiga do Algarve:

Toda a palha faz palheiro,	}	Quem tem a mulher magriça,
Todo o farrapo faz pano:		Tem <i>bacalhau</i> todo o ano!

— *baleia*. Pessoa gorda. Algarve.

— *barata*. Diz-se de uma pessoa assanhada (*assanhada como uma barata*; *estar como uma barata*).

— *besta*. Pessoa pouco inteligente, má, grosseira.

— *bicho*. «Bom *bicho* é Fulano», «Fulano é grande bicho»: vid. Roland, *Adagios*, p. 40. Nos *Lusiadas*, I, 106, chama o Poeta ao homem: *bicho da terra tão pequeno*, passo a que Faria e Sousa deu como fonte o *ego sum vermis* do Salmo 21, § 7: vid. o comentário do S.^{or} Epiphanyo Dias.

—*boga*. Dizem no Algarve: *péga em tudo, como a boga* (isto é, mete-se em tudo).

—*boi*. *Ter cara de boi de carreta* (= carrancudo); *trabalhar como um boi* (muito); *é pé de boi* (pessoa circumspecta, etc.); *olhos de boi* (= grandes).

—*borboleta*. Chama-se assim a uma criança mexediça (Algarve).

—*burro*. «F. é um *burro* (= estúpido)». — Cf. *Os burros*, poema heroi-comico-satirico, do P.^e J. A. de Macedo.

—*cabra*. Mulher de pouco tino.

—*cabrão*. Indivíduo cuja esposa lhe é infiel.

—*cabrita*, -o. Menina ou menino inquieto, que salta e brinca muito.

—*camaleão*. Pessoa que muda freqüentemente de parecer. Vid. adiante um trecho de Camilo.

—*camelo*. Sinonimo de «pouco esperto» (que *camelo*!). Lê-se no *Methodo pratico .. no tempo dos sermoens*, Lisboa 1768 (literatura de cordel), p. 4: «os que são *asnos* em pequenos, vem a ser discretos depois de grandes, e os que em pequenos são entendidos, depois de grandes, fazem-se huns *camelos*».

—*canario*. Serve para indicar côr amarela ou loura. Dos musicos de certa filarmônica, que tinham fardamento amarelo, ouvi dizer que *iam vestidos de canario belga*.

—*cão*. *Magro como um cão; ah! cão* (com ameaça); *é um cão para todos!* (mau, vil). Diz uma cantiga popular de Tolosa:

O meu amor é um <i>cão</i> ,	}	Eu, quando venho á rua,
Á porta me vai ladrar:	}	Venho só para o enxotar.

—*carneiro*. «F. tem cara de carneiro» (= está carrancudo). Algarve.

—*cavalgadura*. Sinonimo de *besta* (vid. supra).

—*centopeia*: «não vê aquella *santopeia* ...», diz-se de uma mulher no *Methodo pratico .. no tempo dos sermoens*, Lisboa 1768 (literatura de cordel), p. 5.

—*cobra*. «Sabe mais que as *cobras*» (Roland, *Adagios*, 1.^a ed., p. 71), o que terá origem no *Genesis*, cap. III (*serpens erat callidior cunctis animantibus terrae*, etc.). *Ser mau como as cobras*.

—*cordeiro*. Diz-se de um indivíduo de genio brando (*manso cordeiro*).

—*coruja*. Chamam assim a uma pessoa que gosta muito de azeite (Algarve). *Olhos de coruja* = muito arqueados (*ibidem*).

—*cuco*. Indivíduo cuja mulher lhe é infiel. Cf. *Trad. pop. de Portugal*, p. 145.

—*faneca*. Cantiga do concelho de Portimão:

Tu cuidas que eu por ti morro,
Que por ti strago os çapatos!
Tendes cara de *faneca*,
Toda ratada dos ratos!

Quem me disse a cantiga não soube dar a explicação d'ela.

—*felosa* (ave). Chama-se assim a uma mulher gorda (Algarve).

—*foca*. Diz-se de um indivíduo miserável, avaro (*um foca!*).

—*formiga*. Diz-se de uma pessoa agenciadora. Numa poesia da *Fenix Renascida*, IV (1746), 373, lê-se:

Pois eu que sou *formiguinha*
Do Parnaso ..

Em Roland, *Adagios*, 1.^a ed., p. 117: «Toda a *formiga* tem catarro». Omitto outras acepções, por serem bem conhecidas.

—*franganito*. Rapazinho. Também *franganote*.

—*furão* (forão): 1) bisbilhoteiro; 2) pessoa que come pouco. Vid. *Novo Dicionario*.

—*gado*. «Que *gado!*», falando de conjunto de pessoas de má especie.

—*galinha* e *galo*. Toma-se o *galo* como o pai da familia, e a *galinha* como a esposa. Cf. os *Adagios*, de Roland, p. 121:

Triste da casa
Onde a galinha canta e o galo cala!

Em casa de Gonçalo
Mais póde a galinha que o galo.

Onde está o galo não canta a galinha.

Já os antigos ligavam superstição ao canto da galinha: *gallina canens, ex priscorum superstitione, notabat in illa domo uxorem marito superiorem* (outros lêem *superstitem*), em Donato (apud Forcellini, s. v. «*gallina*»); vid. também Gubernatis, *Mythologie* 400-

logique, II, 299. Com superstições se deve ligar a seguinte expressão arquivada nos *Adagios*, de Roland: «F. é uma *galinha*», onde *galinha* parece significar «calisto», «causador de má sorte». Nesse sentido antigo se diz hoje: «F. está com uma *galinha*» (= má sorte); e até se fez o verbo *engalinh*har («F. *engalinh*ou comigo»; «anda *engalinh*ado»).—Mulher muito parideira, comparam-na em Lisboa a uma galinha com seus pintainhos.

—*galo*. Homem mandão: «está como o *galo* no poleiro». Diz-se nas *Linhagens*, p. 168: «Alvaro Rodrigues .. em mentes .. morou em Tebia e em Pesegueiros, non cantou hi outro *galo*».—De um carne galego, no *Bolet. de la Acad. gallega*, n.º 67, p. 182:

Xaniño, Xaniño, Xan,
pernas de galo monteiro ...

—*gamito*, -a. Chama-se assim a uma pessoa magra, esganiçada, sêca. «Que *gamito*!», «que *gamita*!» (Mexilhoeira Grande). *Gamito* quer dizer «gamo novo».

—*ganso*. Chama-se assim, por zombaria, a um individuo muito desembaraçado.

—*gato*. Quem tem olhos azuis, *tem olhos de gato*. Quem arranha, *tem unhas de gato*. Á última circunstancia aludem os *Adagios*, de Roland:

Bom amigo he o gato,	}	Palavras de santo
Se não arranhasse.	}	E unhas de gato!

Unhas de gato,
E habito de beato!

p. 124. Tambem se usa a expressão: *barbas de gato*.

—*lacrau* ou *alacrau*. Diz-se de um homem perverso.

—*laverca*. De um homem bronco diz-se: (no masculino) «é um *laverca*».

—*lebre*. Tipo de timidez: «F. é timido como uma *lebre*».

—*leitão*. A uma criancinha nua chama-se *leitão*, *leitãozinho* (Minho; Beira-Alta). Tambem se diz: *andar em leitão*; *que leitãozinho ali está!* (Braga).

—*lesma*. Uma pessoa vagarosa em fazer qualquer serviço é *uma lesma*.

—*lince*: «ter olhos de lince» (ter vista muito aguda).

— *lôbo*. Um homem que come muito é «um *lôbo* a comer»; *come como um lôbo*. Costuma dizer-se na Mexilhoeira Grande:

O que é que teme o *home*?
É o *lôbo* com fome!

(porque o *lôbo* com fome é temível); e também se aí canta:

Lá vem *lôbo*, lá vem *lôbo*! } Não basta a fome ser muita,
Não leva nada na *bôca*. } Senão a *rópa* ser *póca*!

(onde ha alusão vaga ao assunto. Moraes dá a *loba* o sentido de «meretriz»; nunca ouvi, e talvez ele tivesse em mente o latim *lupa*).

— *macaco*. «F. é muito *macaco*» = manhoso.

— *mangengra* (passaro). Diz-se de um rapaz atarantado, tata-ranha (Carrazeda de Ansiães).

— *marreco*. Significa «marranica».

— *melro*. «F. é um *melro*!» (= finório). Também se diz: «é de *bico amarelo*» ou «é *melro de bico amarelo*».

— *mergulhão* (ave). «F. é como o *mergulhão* na agua», quando sabe nadar bem (Mexilhoeira Grande).

-- *milhafre*. Sinonimo de ladrão.

— *mosca*. «Aquilo é uma *mosca morta*!» diz-se de uma pessoa mole, indolente. Quando por acaso se exalta, diz-se então: «Quem havia de dizer o que saiu daquela *mosca morta*!». — Se alguém receia entrar numa sala onde se está jantando, observam-lhe os que jantam: «Não é *mosca* que cáia no prato!».

— *papagaio*. «Fala como papagaio» diz Roland, *Adagios*, p. 202. Expressão muito corrente. — Vid. algumas observações no AP, xxiv, 16, acêrca do papagaio na nossa idade-média.

— *paspalhão* (ave). «Que *paspalhão*!», no sentido de «que pateta!», *vel simile*.

— *passaro*: «aquilo é *passaro bisnau*!» por homem muito manhoso.

— *pato*. Significa «pateta». «Caiu como um *pato*!» isto é: deixou-se enganar. Cf. em alemão: *eine dumme Gans*, mulher nescia. Cf. supra p. 200.

— *pavão*. Significa «vaidoso» (*aquilo é um pavão*!). Acêrca de *pé de pavão*, vid. Moraes, *Dicc.*, s. v. «pavão». «Ella parece hum *pavão*», diz de certa mulher o *Methodo pratico* .. *no tempo dos sermoens*, Lisboa 1768 (literatura de cordel), p. 5. Cf. *pavonear-se*.

—*pêga*. Chama-se assim maliciosamente a uma mulher bonita. «Que boa pêga!».

—*peixe*. Sinónimo de «mulher bonita»: vid. *Trad. pop. de Portugal*, § 277-e; também se diz: *que peixão!*—*Nadar como um peixe*, isto é, muito bem. *Estar como o peixe n'agua* (cf. Roland, *Adagios*, p. 211). No *Methodo pratico . . no tempo dos sermoens*, Lisboa 1768 (já cit.) p. 5, lê-se: «—Desgraçado homem! mais te valera ser burro de hum agoadeiro. Bom *peixe* levas!» (falando de uma mulher, por ironia).

—*peru*. Significa «vaidoso», como pavão. —*Perua* emprega-se na acepção de «embriaguez», talvez por causa da vermelhidão da cabeça do animal.

—*piolho*. «Meter-se como *piolho por costura*» (= individuo metediço, intrmetido). Modernamente usam-se as palavras *chato* por «importuno» e *chatice*,—expressões baixissimas.

—*pisco*. «É um pisco a comer» (= come pouco).

—*pito*, *pinto* e *pintainho* (frango). «Estar num *pito*» (= molhado da chuva); «é mesmo um *pintainho*», «molhado que nem um *pintainho*», «parece o *pinto* que saiu da casca!». Do *pito choco* diz um ditado galego:

Chamácheme *pito choco*,
Porque nacin em Janeiro,

no *Bolet. de la Acad. gallega*, n.º 62, p. 52.

—*pomba*. Nome frequentemente dado á mulher bonita, em frases quotidianas, e cantigas, por exemplo:

Ó minha pombinha branca,
Onde quer ela que eu vá?
É de noite, faz escuro . . .
E de dia não vou lá!

De uma pessoa bondosa diz-se: «aquilo é *pomba* sem fel».

—*porco*. Chama-se assim a um individuo que não é asseado, tanto em sentido fisico, como moral. Diz uma cantiga algarvia:

Tu chamaste-m'a mim porca,
Inda não me vieste limpar:
És tão asseada na massa,
Como a porca no *lamal*.

— *queimado* (nome do milhafre na ilha de S. Miguel, Açores, a par de *bilhafre*). Aplica-se o nome a um individuo velhaco: «F. é um *quémado*».

— *raposa*. Diz-se de uma pessoa manhosa. «F. é *raposa matreira*, é *raposa velha*».

— *rato*. Significa «ratoneiro», «larapio». Vid. adiante um trecho de Camilo. *Ratão* chama-se a um homem esquisito, singular («é um *ratão!*»). «Um *ratazana* velho» na *Farofia das farofias*, 1789 (literatura de cordel).

— *rôla*. De um homem bronco diz-se habitualmente em Lisboa que «é um *rôla*». Em A. Bessa, *A giria portuguesa*, Lisboa 1901, p. 271: «*rôla*, pessoa chegada da provincia, e susceptível, por inesperienza, de se deixar enganar».

— *rouxinol*. De uma pessoa que canta bem diz-se que canta como um rouxinol. Em Roland, *Adagios*, p. 253:

Nem o rouxinol de cantar,
Nem a mulher de falar.

— *sardanisca*. Mulher miuda e magra.

— *sardinha*. Diz-se em Portimão: «a mulher é como a sardinha, todo o *péxe le bate!*...»

— *sirigaita* (ave). Significa mulher remexida, delambida. No *Entremez da Grande bulha por amor das alcaxofras*, Lisboa 1790, uma das pessoas da peça chama-se *Serigaita*. É sinonimo, ou quasi, de *lambisgoia*.

— *texugo*. Costuma dizer-se de um individuo nutrido: «gordo como um *texugo*».

— *touro*. Homem forte, e que ás vezes esbraveja.

— *tubarão*. Chama-se assim a um individuo que desempenha ao mesmo tempo muitos cargos, e por isso ganha muito. No *Misanthropo*, tradução de Castilho, 2.^a ed., p. 89, ha este trocadilho:

CONDE: .. que dizes tu, barão?
BARÃO: *Tubarão* serás tu!

— *urso*: «tem pés *d'urso*», isto é, muito grandes. Algarve.

— *vaca*. De uma mulher que tem muito leite, e não só cria os seus filhos, mas os de fóra, diz-se na Mexilhoeira Grande: «é como a *vaca ratinha* a dar leite». (Por *vaca ratinha* deverá entender-se alguma variedade de gado vacuum). Tambem no Algarve é cos-

tume dizer de um homem ou mulher mole e indolente: «olha que *vaca lambona!*».

—*verdiçela* (ave). De uma rapariga magra diz-se: *que verdiçela!* (Algarve).

—*vibora*. Diz-se usualmente de pessoa que por natureza ou por vezes é endiabrada.

—*zorra*. O mesmo que raposa, no Algarve: «manhoso como a *zorra*». Vid. «raposa».

A precedente lista ficaria muito mais aumentada, se eu fizesse maiores buscas do que as que fiz, e se consultasse por miúdo os dicionários; mas cuido que isso basta ao meu intento. As cantigas que citei são uma insignificancia em comparação com as que ha, e com as que eu mesmo tenho colleccionado. Neste ponto o assunto seria susceptivel de grande desenvolvimento, porque boa parte das nossas cantigas populares de amor tem caracter allegorico: a namorada é a pomba, a rôla, a perdiz, o peixe, a cobra, a borboleta; o namorado é o perdigão, o melro, o rouxinol, o pinto, o lagarto. Não sob fórma allegorica, ou metaforica, mas, mais expressamente, sob fórma de comparação, os animais figuram tambem com muita frequência na linguagem quotidiana: *berra como uma cabra, corre como um galgo, fiel como um cão, velho como uma coruja*; vid.: A. Th. Pires, *Setecentas comparações populares alentejanas*, Espòsende 1892; e D.^{or} Claudio Basto, *Comparações tradicionais*, *ib.*, 1924. Alargando o nosso campo de investigação, encontraríamos igualmente na medicina do povo metaforas como *fogo-lôbo, formigueiro* (prurido), *mula, cavalo, galo* (na testa), algumas d'elas indicadas na *Linguagem medica popular* do D.^{or} A. Saavedra, Porto 1919.

No que disse até aqui, quasi não me afastei do lexico e literatura populares. A literatura culta ministraria pelo seu lado bastantes outros exemplos de metaphoras, allegorias, comparações entre o *homo sapiens* e o resto dos animais, ora em bom sentido, ora ironicamente. Lancemos rapida vista ás várias epocas, além do que já citei:

Logo na poesia trovadoresca encontramos rudezas d'estas:

Come (= como) boi que fer tavão
sacudiu-s' e revolveu-se,
alçou rab' e foi sa via
a Portugal

a que se segue: *come* (= como) *bezerro tenreiro*, *come* (= como) *cão que sal da grade* (1); *ouvi queixar .. outras cochóas* (2); e (verso dirigido a uma dona):

rostr' agudo *come* (= como) *forom* (3);

ou mais suavemente:

a por que *ey mort' a prender*,
come (= como) *cervo ..* (4)

No *Cancioneiro* de Rêsende:

.. *perros fanados* (5);
.. *oo perra de Maniconguo* (6);

(a um hortelão)

vós pareceis *bogio* (7),
.. *rredondo podengo* curto (8).

Sá de Miranda diz:

.. *esses sátrapas maiores*
Que governão grandes prados
.. *são lobos, não pastores* (9).

No mesmo seculo Camões, imitando Ariosto, chama cães aos Maometanos (10); na descrição da batalha de Aljubarrota compara D. João I com uma *leoa* parida (11). Cf. *bicho*, supra.—Diogo Bernardes diz a uma dama:

.. *algũa brava fera vos deu leite* (12),

e seu irmão Fr. Agostinho da Cruz:

A terra, já não sei, como sustenta
Tão depravada gente, tão malina,
Tão mal acostumada, tão praguenta!

Ora se fazem aves de rapina,
Ora lobos crueis, ora serpentes,
Monstros que dos bons tem fome canina (13).

No sec. xvii diz Rodrigues Lobo:

Qual simples borboleta
corro .. (14).

Bocage, sec. xviii, fez o seguinte epigrama:

Dizem que Flavio glotão
Em Bocage aferra o dente:
Ora é forte admiração
Ver hum cão morder na gente (15).

No sec. xix publicou o P.^e José Agostinho os *Burros* (poema) e a *Besta esfolada* (jornal). Ao mesmo Padre brindou Bocage com estes versos (*Poesias*, III, Lisboa 1853, p. 142):

Refalsado animal, das trevas socio,
Depõe, não vistas de cordeiro a pele!
Sanguisuga de putridos autores ...

Os poetas agora são mais imaginativos (os dos seculos anteriores eram mais sentenciosos), e portanto lêem-se nas suas obras comparações como estas:

Da pomba solta o vôo,
Baixa-me um olhar teu;
Tu és a tímida côrça,
Que mal se deixa avistar;
Se eu fôra voraz lobo ...

nas *Flores do Campo* (16);

Vamos, deita-te, creança,
Rouxinol;
Eras a alva e candida pombinha:

na *Morte de D. João* (17);

Partiste, casta pomba, d'alvas penas;
Olha! sinto-me exausto,
Pomba da minha vida;
Tu és o violino, eu sou a aranha escura;

Desde esse dia, andorinha,
Fiquei preso . . ;

Creio que no Calvario
Cantaste, rouxinol:

nas *Claridades do Sul* (18);

. . felina mulher, com garras de veludo,

na *Alma Nova* (19).

Para, emfim, chegar ao sec. xx, transcreverei esta linda quadra de Julio Brandão:

Voltam as rosas, viuvinha,
Não te estejas a atrigar . . .
Tu não és rola que fique
A gemer, perdendo o par (20).

Dos romancistas, como escritores que se inspiram com frequência no viver do povo, citarei Camilo nos seguintes lugares:

Misterios de Fafe, 5.^a ed., p. 26: «A mãe é que lhe escolheu a *lagarta da prima*», diz Rosa com desdem, falando da sogra do namorado que era casado com uma prima. A p. 85 fala de *alcateas de salteadores*.

No *Anátoma*, 7.^a ed., p. 14, diz de si proprio: «*camalião* romantico, sentindo esta imaginação das auras do passado». A p. 18: «Jacintha Rosa . . sêcca do peito como um *bacalhau*». A p. 19: «o teu rapaz está gordo como os *porcos* dos meus foreiros».

Na *Brasileira de Prazins*, p. 305 (1.^a ed.): «o Zeferino era ladrão como *rato*».

Necessitarei de juntar mais exemplos? Todavia os da literatura culta têm menor importancia, para o nosso caso, do que os da popular, por esta ser mais intuitiva. Um escritor do sec. xvii, D. Francisco Manoel, unindo entre si as duas literaturas, consagra na *Feira dos anexins* o dialogo 2.^o da parte II a metáforas do reino animal: aves, quadrupedes (pela mór parte), bichos (insectos, etc.), peixes, e mariscos. Veja-se tambem o livrinho de Maria do Ceo, *Aves illustradas*, Lisboa 1738, onde figuram alegoricamente, sobretudo pelo lado religioso, o pavão, o pardal, a rôla, a pomba, a coruja e outras aves.

Por estes e semelhantes apodos se explicam em grande parte as alcunhas e apelidos que vão adiante indicar-se.

Na impossibilidade de na maioria dos casos, quer nos textos antigos, quer no uso moderno, distinguir apelidos de alcunhas, entendo que o melhor é juntar tudo, como já fiz de outras vezes. Terei porém o cuidado de, a proposito de cada palavra, declarar, segundo o meu conhecimento, se serve de alcunha, ou de apelido. Nem por isso o titulo da presente secção («Apelidos provenientes de alcunhas») deixa de ficar appropriado, porquanto, se se enumeram adiante realmente várias alcunhas que não se tornaram, que eu saiba, apelidos, é certo que todos os apelidos, que menciono, nasceram de alcunhas. O reunir simples alcunhas tem a vantagem de mostrar mais uma vez a generalidade do principio em que se funda a classe, que estou agora estudando, dos nossos apelidos.

Notas

(1) *Canc. de Colocci-Brancuti*, hoje da Biblioteca Nacional de Lisboa, n.º 431. Vid. a edição critica d'esta poesia, com anotações, por D. Carolina Michaëlis, in *Zeitsch. f. rom. Philologie*, xxv, 300.

(2) *Canc. da Vatic.*, n.º 1024.

(3) *Ib.*, n.º 1152.

(4) *Ib.*, n.º 1139.

(5) III, 103.

(6) III, 478.

(7) III, 492.

(8) III, 647.

(9) *Poesias*, edição de D. Carolina Michaëlis, p. 409.

(10) *Os Lusíadas*, VII, 9, edição de Epiphanyo Dias.

(11) IV, 36-37.

(12) *Rimas varias*, edição de 1770, p. 16.

(13) *Varias poesias*, edição de 1771, p. 38.

(14) *Obras*, edição de 1723, p. 144. A p. 450 torna a falar de *borboleta*.

(15) *Rimas*, t. II, edição de 1813, p. 238.

(16) Pp. 94, 97 e 150 da 1.ª edição.

(17) Pp. 70 e 111 da 1.ª edição.

(18) Pp. 187, 192, 221, 170 e 186 da 1.ª edição.

(19) P. 94.

(20) *Cantares*, Porto 1920, p. 60.

LISTA DE ALCUNHAS E APELIDOS TOMADOS DE NOMES DE ANIMAIS

— *Abelha*: sec. XIII, nas *Inquisit.*, p. 169: Petrus *Abelha* (ou *Abela*, segundo os codices). Não conheço modernamente este nome como apelido, nem como alcunha.

— *Abelho*, apelido em Alpalhão: José Xavier *Abelho*. Mera masculinização de *Abelha*.

— *Abelhom*: Fernão Vasques *Abelhom*, sec. XIV, doc. de Pedroso em G. Pereira, *Pergam. da Univ.*, p. 59. Não conheço hoje *Abelhão*.

— *Andorinha*: vem nos *Appellidos* do Ab.^e de Miragaia. Também ha *Dona Andorinha*, que li algures. Alcinha de um official de diligencias da Beira-Baixa (talvez por ter de *andar* muito, de terra em terra).

— *Andorinho*: chamam assim a certo rapazito do concelho de Bragança.

— *Aguia*: D. Soeiro Mendes *Mãos d'aguia*, nas *Linhagens*, p. 165: «que disserom *Maãos d'aguya*», p. 191, ou *Maños d'Aguia*, p. 326. *Aguia*, só por si, é apelido moderno.

— *Aranha*. Na *Gesta de maldizer*, de D. Afonso Lopes, de Baiam, sec. XIII, vem com fórma de alcunha: Joan *Aranha* (no *Canc. da Vatic.*, n.º 1080). Em Gil Vicente, III, 171: *Aranha morta*, também a modo de alcunha. Nos *Pergam. da Univ.*, sec. XVI, p. 176: *Diogo Aranha*. Na Candelaria (Açores) ha *Aranha* como alcunha: *Arch. dos Açores*, XIII, 229. *Aranha*, ao mesmo tempo, é apelido corrente por todo o Portugal.

— *Aranhã*, alcunha de uma mulher em Minde; talvez feminino de *Aranhão*.

— *Aranhão*. Vi mencionada esta palavra algures como apelido.

— *Bacalhau*, alcunha dada a certo individuo muito magro e sêco (Porto).—Apelido de um escritor do sec. XVIII-XIX: Innocencio, *Dicc. bibliogr.*, III, 32. Também apelido actual em Lisboa. *Bacalhau quebrado*, alcunha de uma mulher do Algarve, muito magra.

— *Baleato*, apelido. Vid.: *Nobiliarchia*, 1.^a ed., p. 241; *Armoria*, de Braamcamp, p. 56. Hoje não o conheço. *Baleato* é o mesmo que *baleote*.

— *Baleia*, apelido em Lisboa.

— *Barbo*. Nas *Linhagens*, p. 337: Martim Martins *Barvo*; nas *Chancelarias*, I, 92, de 1439: Rodrigo *Barbo*; no *Boletim* de Beja,

sec. xvii–xviii, p. 176: Gaspar Esteves *Barbo*. Hoje não conheço esta palavra nem como apelido, nem como alcunha.

—*Besugo*. Nas *Chancelarias*, I, 391, de 1450: Joham *Vesugo*. Alcinha moderna, já de um individuo do distrito de Coimbra, já de outro de uma vila do Alentejo, a cujo filho chamavam *Besuguinho*.

—*Bezerra*. Na *Nobiliarchia*, p. 247. Apelido da primeira mulher de Gil Vicente (Branca *Bezerra*: vid. Braamcamp Freire, *Vida e obras de Gil Vicente*, p. 456), e de varios AA. dos seculos xviii e xix: vid. *Dicc. bibliogr.*, xi, 24. Sei de um Brasileiro, chamado Elpidio *Bezerra* (sec. xx).—Será *Bezerra* o feminino de *bezerro*?

—*Bezerrinho*, alcunha no Alentejo.

—*Bichinha*, alcunha no concelho de Nisa.

—*Bicho*. Alcinha em Santo Tirso (*RL*, xix, 236), em Leiria (de um individuo ora falecido), e no distrito de Coimbra. *Rei dos bichos*, alcunha no Ribatejo, por ser muito porco o respectivo individuo (*rei* aqui significa: «mais que todos»). Como apelido: Luis Lopes *Bicho* (Cristão-Novo), 1699, nas *Memorias de Bragança*, do P.^e Alves, v, 97; F. Mendez *Bicho*, impressor eborense do sec. xviii: vid. *Hist. das antig. de Evora*, de Fr. A. Patricio (pseudonimo). Modernamente: Fulano *Bicho*, Fulana *Bicha*, numa vila estremenha, onde por brincadeira dizem a par *Bicharoco* em vez de *Bicho*. É tambem apelido em Lisboa (*Anuario Commercial*), e em Nisa (*DN*, de 15 de Julho de 1924).

—*Bodalho*. Cf. *Randglossen*, I, 56, nota 2. Hoje não conheço este apelido. De *bode*. O suf. *-alho* junta-se muitas vezes pejorativamente a nomes de animais: cf. nesta lista *Pintalho*, *Porcalho*. Á mesma serie pertence, quanto a mim, *Zebrealio* = *Zebrealho*, nome de uma *villa* do sec. xi no Minho, *DC*, p. 305: de *zevro* ou *zebro*.

—*Bode*: Antonio Pirez *Bode*, sec. xv, *AHP*, v, 354, onde parece alcunha. A mesma existe hoje em Lisboa.

—*Boga*: o *Boga* (alcunha) numa povoação do Algarve.

—*Boi*: «huã Pedro *Boy*», natural de Vila Ruiva, nas *Chancelarias*, I, 106, de 1439. Algures ouvi dizer Manuel *Boi* (alcunha ou apelido). *Ventas de boi*, alcunha de uma mulher: *DN*, de 24 de Julho de 1926.

—*Borboleta*, apelido moderno.

—*Bordalo*. Nas *Inquisit.*, 559: Affonsus *Bordalus*. Tambem apelido moderno.

—*Borrêgo*: Manuel *Borrêgo*, nome de um empregado da Imprensa Nacional de Lisboa, hoje falecido.

—*Bufo*: Egas *Buffo*, nas *Linhagens*, p. 182. Também *ib.*, p. 168: Mem Paes *Bofinho*. Hoje não conheço alcunha ou apelido iguais.

—*Burro*: «João *Burro*, assim chamado pela plebe; era hum mendigo, que entretinha o povo com a imitação das vozes de muitos animais»: sec. XVIII: *Os toiros*, de A. J. de Carvalho, Lisboa 1796, p. 63, nota E:

O João Burro com bella propriedade
Imitar porco, arremedar jumento:

na mesma obra, c. iv.—*Zé Burro*, alcunha em Lisboa, dada a certo individuo por ser abrutalhado.

—*Cabrinha*, alcunha em Alcanena (*O Povo de Alcanena*, de 23 de Dezembro de 1906). Apelido.

—*Cabrita*, apelido moderno.

—*Cabrito*: Martins *Cabrito*, sec. XIII, *Inquisit.*, I, 19. Jeronimo *Cabrito*, sec. XVII: *Matriculas*, I, 86.

—*Cabrom*: Giral *Cabrom*, nas *Linhagens*, pp. 178 e 179.

—*Cação*: Ayres *Caçom*, nas *Linhagens*, sec. XIV, p. 176; Estevam Gonçalves *Cação*, 1406, *AP*, XIII, 39; Diogo *Cação*, 1446, *Chancelarias*, I, 335; sec. XVI, *AHP*, V, 119, nota 33. Hoje também alcunha numa vila da Extremadura, e apelido em Lisboa.

—*Caçapo* («láparo»): Stephanus *Caçapo*, sec. XIII, *RL*, XXI, 249. Hoje alcunha no Alto-Minho.—Cf. em Hespanha: *Gazapo* (a palavra tem a mesma significação que cá), como apelido.

—*Cadela*, *Cadelo*: apelidos no sec. XIII, Cortesão, *Onomástico*. Hoje não os conheço.

—*Cágado*, alcunha no Alentejo.

—*Calhandra*, alcunha na Beira Ocidental.

—*Camaleão*, apelido que encontrei algures.

—*Camarão*, alcunha de um jogador de *box*, muito falado por 1926: vid., por exemplo, *DN*, de 5 de Maio de 1926.

—*Camêla*, fem. de *Camêlo*: Dona Moor Nuniz *Camella*, irmã de Gomçallo Nuniz *Camello*, filhos de Nuno Gonçalves *Camello*: nas *Linhagens*, p. 315. Vid. «Camêlo».

—*Camêlo*: «Gonçallo Martiins de Cunha, que chamarom por sobrenome *Camello*», nas *Linhagens*, p. 338; Gonçalo Martins *Camello*, sec. XIV, *Docs. do Souto*, p. 197; Joham Fernandez *Ca-*

mello, sec. XIV, AP, VII, 226; Gonçalo Gonçalves *Camello*, nas *Chancelarias*, I, 186, sec. XV; D. Fr. Alvaro Gonçalves *Camelo*, AP, XIII, 39; Antonio *Camello*, 1622, AHP, III, 337. Hoje de bastante uso.—Vê-se claramente que começou por ser alcunha, e passou a apelido.

—*Canaria*, *Canario*: alcunhas respectivamente de mulher e homem no Alto-Minho; também algures ouvi aplicar a alcunha de *Canario* a um individuo louro. Em 1833 era apelido: José Alves *Canario*, funcionario público (doc. ms.).

—*Cão*: Pedro Nunes, *Pestanas de cam*, nas *Linhagens*, p. 155. Pereira *Cão*, moderno (*Cão* nasceu de alcunha, no sentido de «mau», como o proprio individuo explicava).

—*Capão*: Ruy Fernandes *Capom*, filho de Ruy *Capom*, nas *Linhagens*, pp. 183 e 336: alcunha.

—*Capona*: Fulana *Capona* (Nelas): parece ser fem. de *Capão*.

—*Caracol*, alcunha em Tórres Vedras, Semide, etc.; apelido em Lisboa, Loures, em Ervedosa do Douro (aqui tem o feminino *Caracola*: informação de Celestino de Azevedo).

—*Carapau*, apelido: Madalena *Carapau*, em Coruche (*O Seculo*, de 10 de Junho de 1927), e em Lisboa. Sei de um exemplo d'esta alcunha que se transmitiu de pais a filhos.

—*Carneiro*. Já no sec. XIII: Johanne *Carneyro*, nas *Leges*, I, 675; nas *Linhagens*, p. 174: Lourenceanes (= Lourenç' Eanes) *Carneiro*, p. 174, onde é alcunha. F. Carneiro, 1552, AHP, II, 246.—Hoje muito vulgar como apelido, mas também ha *Carneiro* como alcunha no distrito de Bragança.

—*Carócha* ou *Caroucha*, alcunha ou apelido em Minde (Alcarenena). Por causa da negrura? Por esse motivo se dá ás vezes a um animal o nome proprio de *Carócho*.

—*Carraça*, alcunha: «a velha *Carraça*», isto é, *Carraça*, a velha, por opposição a outra mais nova: vid. RL, IV, 49. Também é alcunha no distrito de Coimbra, etc.

—*Carriça*, alcunha em Espôsende: S. Vieira, p. 12. Também noutra terra.

—*Carriço*, alcunha em S. Tirso, RL, XIX, 236; e na Cruz Quebrada, segundo me informam; também já a ouvi algures, e sei que existe no distrito de Coimbra. É igualmente apelido.

—*Cartaxo*, alcunha em povoações do Sul; os filhos de um dos individuos assim chamados são *Cartaxinhos* (cf. *Besugo-Besuguinho*). Apelido em Lisboa.—Não se exclue a possibilidade de ser de origem geografica.

— *Cavalas*, apelido: vid. O Ab.^e de Miragaia, *Appellidos*, p. 92. No Cadaval ha tambem uma familia d'esse apelido.

— *Cavalinha*: «barregã que houve nome (isto é, alcunha) *Cavalinha*», *Linhagens*, p. 163. Aqui supponho ser feminino zombeteiro de *cavalo*, e não peixe. Quanto á ideia, cf. nas *Linhagens*, p. 177: «casou Payo Soares com D. Delgradelin, que foi mula d'elrey de Portugal»; e sei de uma terra da Beira-Baixa, onde ás barregãs de certo individuo o povo ironicamente chamava «egoas».

— *Cavalo*: Martinus *Cavalo*, sec. XIII, *Inquisit.* Hoje não conheço esta palavra como apelido. Mas: *Cara de Cavalo* é alcunha de uma mulher: *DN*, de 24 de Dezembro de 1926; *Cavalo Cansado*, alcunha em Santarem.

— *Cegonha*, alcunha em Espôsende: S. Vieira, p. 12.

— *Cervelo*: Dominicus *Cervelo*, sec. XIII, *Leges*, I, 724. Diminutivo de *cervo* ou *cervus*. Hoje não o conheço; mas cf. *Cervinho*, adiante.

— *Cervinho*. Encontrei-o algures como apelido.

— *Chasco*: dado como alcunha em Camilo, *Brasileira de Prazins*, 1.^a ed., p. 315; alcunha em Espôsende (Silva Vieira, p. 12).

— *Chibo*, alcunha no Alferce (Algarve).

— *Chicharro*, alcunha no Cadaval, dada a um individuo por vender peixe. Provavelmente apregoava-o assim. Noutra terra: *Boca de chicharro*, alcunha de um individuo que tinha bôca demasiadamente grande.

— *Chichorro*: «... que chamarom por sobrenome *Chichorro*», nas *Linhagens*, p. 150; sec. XVI: Vasco Martinz *Chychorro*, *AHP*, II, 118, Garcia de Sousa *Chichorro*, *ib.*, II, 139. Ainda usado, vid. *Anuario Comercial*. Diz B. Pereira, *Thesouro da ling. port.*, 1647, que *chichorro* significava «cachorro», e tradu-lo por *catulus*.

— *Cigarro* (fem. de *cigarra*): Martino *Cigarro*, 1258, *Inquisit.*, I, 317.

— *Cirne*: Manuel *Cirne*, 1540, *AHP*, VIII, 584; A. Affonso *Cirne*, 1562, *ib.*, II, 244 sgs. Ainda usado.—Variante de *cisne*.

— *Cobra*, alcunha de uma mulher do distrito de Santarem; o filho é o *Manuelzinho da Cobra*.

— *Cochicho*, apelido na Extremadura.

— *Cochom*: Dominicus *Cochom*, sec. XIII, *Inquisit.*, I, 308. No *Novo Dicc.* de Candido de Figueiredo dá-se *cochom* como arcaico, porém sem indicação de fonte. Na mesma obra se diz que vem do francês, o que não é necessario admitir, pois na Iberia ha *cocho* (galego), *coch-ino* (hesp. e mirandês); em português cha-

ma-se pelo porco, bradando «*coche! coche!*», onde temos a mesma palavra, que é de origem onomatopeica (REW, § 4745). *Cochom* deriva pois de *cocho*, como o fr. *cochon* de *coche*.—Hoje não sei que o apelido arcaico *Cochom* esteja representado na nossa antroponímia.

—*Codorniz*: D. Ruy Fernandes o *Codorniz*, nas *Linhagens*, p. 173: alcunha.

—*Coelho*: cf. A. Brandão, *Mon. Lusit*, III, 352, que cita o apelido *Coelho* como de 1174; Johanne *Conelius*, 1258, *Leges*, I, 682. Muitos exemplos dos secs. XIII, XIV e XVI: *Dissert. Chron.*, I, 271; *Docs. do Souto*, p. 198; *Linhagens*, pp. 146, 150 e 159; p. 220 (Pero Anes *Coelho*, alcunha), *Canc. da Ajuda*, II, 364; *AHP*, II, 1391; Pedro Soares *Coelhinho*, nas *Linhagens*, p. 159; hoje apelido muito vulgar. Também alcunha no concelho de Nisa.

—*Congro*: André Gonçalves de Sampaio, o *Congro*, sec. XV: em Gaspar Frutuoso, *Saudades da terra*, IV, 2, p. 43. Claramente alcunha.

—*Corbacho*, por *Corvacho*: algures.

—*Cordeiro*: Martinus *Cordeiro*, sec. XIII, *Inquisit.*, I, 258. Hoje apelido muito vulgar.

—*Coruja*, alcunha em Lisboa (o *Coruja*).

—*Córva* (fem. de *córvo*), alcunha de certa mulher de côr escura.

—*Corvo*: F. Gonçalves *Corvo*, 1272, *Leges*, I, 727; «Lourenço Perez, que chamarom por sobrenome *Corvo*», nas *Linhagens*, p. 194 (a p. 203 porém ha *Curvo*). Pelo menos no segundo exemplo é alcunha. Hoje *Corvo* é também apelido.—Vid. *Corbacho*.

—*Cotovia*, alcunha ou apelido no Alentejo.

—*Cotovio* (de *cotovia*), alcunha ou apelido algures.

—*Cuco*, *Cuca*: Petrus *Cuco*, 1258, *Inquisit.*, p. 396. Tanto *Cuco* como *Cuca* são hoje alcunhas nos concelhos de Fornos de Algodres (Fulano *Cuco*, Fulana *Cuca*) e de Coimbra. Também no Alandroal ha Maria a *Cuca* (RL, IV, 49).

—*Doninha*, alcunha em Espôsende: S. Vieira, p. 12.

—*Drago*: Ruy *Drago*, sec. XVI, *Docs. do Souto*, p. 202; e na *Armaria*. Hoje em Lisboa: *Anuario Comercial*; também no Algarve. Talvez na origem alcunha. Cf. o que se diz s. v. «*Serpe*».

—*Estorninho*, apelido em Lisboa.

—*Falcão*. No sec. X, apud Cortesão. Já M.-L., II, 27, diz que «este nome não pôde ser separado do da ave». Cf. João *Falcão*,

sec. xv, *AHP*, II, 102 e 147; no fem. *Beatris Falcó*a, *ib.*, p. 68.— Hoje corrente.

—*Faneca*, apelido em Lisboa.

—*Foca*: vid. *Appellidos* do Ab.º de Miragaia.

—*Formiga*: João A. Barbosa, *o Formiga*: vid. *Aurora do Lima*, de 19 de Maio de 1926. Apelido em Lisboa e em Minde.

—*Franga*, alcunha na Beira-Baixa.

—*Frango*, apelido na Beira (vid. *Gazeta do Sabugal*, n.º 2, 1926) e na Extremadura.

—*Fuinho*, alcunha de um individuo muito magro, e que comia muito. No concelho de Portimão, d'onde é esta alcunha, usa-se *fuinho* no masculino e *fuinha* no feminino. De qualquer homem magro e pequeno dizem: «ai! que *fuinho*!». Aqui, segundo me explicaram, *fuinho* e *fuinha* significam uma ave, certamente a mesma que no Catálogo do S.^{or} Seabra tem a designação scientifica de *Phylloscopus rufus*.—Algures é tambem alcunha: *Fuinha*, ave ou mamifero.—O Ab.º de Miragaia dá *Fuinha* como apelido.

—*Furão*, alcunha na Beira-Baixa.

—*Gafanhoto*, alcunha nos Açores: *Rev. Michaelense*, II, 356.

—*Gaia*, alcunha no distrito de Coimbra. Provavelmente aqui é o feminino de *gaio*, e não nome tirado da geografia.

—*Gaio*: Antonio Martinz *o Gaio*, sec. xvi, *AHP*, II, 247: como alcunha.—Talvez *Gaiom*, sec. XIII, em Cortesão, pertença aqui tambem. *Gaio* é apelido moderno: vid. *Anuario Comercial*; e ao mesmo tempo alcunha (Arcos de Valdevez e Leiria). Cf. *GALA*, nome geografico, provavelmente vindo d'aqui.

—*Gaivão*, apelido moderno. Não se confunda a ave *gaivão* com a ave *gavião*.

—*Galinha*: Fulano *Galinha* (Extremadura Transtagana); hotel da *Galinha* (alcunha), numa vila da Extremadura Cistagana. Em Tras-os-Montes ha um individuo de alcunha *Galinhas*, talvez por causa de ele se ocupar da venda de galinhas, ou algum antepassado.

—*Galinhat*o: nas *Linhagens*, p. 161 (var. *Gallinato*); *Galinhata* (Constança Gomes), p. 164. Creio que deriva de *galinha*, como *baleato* de *balea*. Hoje não o conheço.

—*Galinhoto* (Pero Soares): *Linhagens*, p. 167. Deriva de *galinha*; quanto ao sufixo, cf. *laparoto*. Hoje não conheço esta alcunha.

—*Galo*: Martins *Galo*, jogral português, *Canc. da Vatic.*, 1094–1095. Antonio *Gallo*, sec. XVII, *Portarias*, I, 38; apelido de um

Cristão-Novo, 1696, *Memorias de Bragança*, v, 6. Apelido moderno: vid. *Anuario Comercial*. Informam-me que a certo individuo «muito espigado» chamavam por alcunha o *Galo* (Lisboa).

—*Gamito*: Ayres *Gamito*, 1499, *Coleg. de Guimarães*, n.º 352. Também apelido hoje.

—*Ganso*: «Lourenço Martins, que chamarom *Ganso* por sobrenome», *Linhagens*, pp. 205, 299 e 368, mas *ib.*, e a p. 145, Lourenço Martins *Ganço*; repete-se *Ganso*, *ib.*, mais de uma vez; a p. 208, Estevam Lourenço *Ganso*, Lourenço Martins *Ganso*. O escriba parece que, escrevendo *Ganço*, se confundiu com *gança*, *filho de gança*, expressões mui usuais nas *Linhagens*. Nos exemplos citados vemos que *Ganso* é alcunha; é porém apelido lisbonense do sec. XVIII num ms. citado por Artur Lamas numa sessão dos Arqueologos do Carmo.

—*Garraio*, apelido, em Lisboa, etc.

—*Garrana*, apelido moderno (Santarem): Maria Stela Lapa *Garrana*, José *Garrana*. Vid. *DN*, de 6 de Março de 1925. Um apelido como este, de genero feminino, talvez se applicasse a primeira vez a uma mulher, a qual depois o transmitiu invariavel aos descendentes. Cf. *Rata* e *Ratona*, adiante.

—*Garrano*, alcunha em Vila Real: *RL*, ix, 229, nota 2.

—*Gata*: Orraca Fernandi *dicta Gata*, 1258: *Nova Malta*, II, 111.—Vid. «*Gato*», infra. Alcinha em Lisboa: *Gata assanhada*.

—*Gata-Brava*: Maria *Gata-Brava*, alcunha no concelho de Nisa. Feminino de *gato-bravo*.

—*Gatacho*, apelido: vid. Braamcamp Freire, *Armaria*, p. 221, e «*Prego*» nesta lista. Parece vir de *gato*: cf. *Pregacho*, de *prego* (peixe), *Corvacho*, de *corvo*.

—*Gato*. No sec. XIII Lopo *Gato*, na *Nova Malta*, II, III; Affonso Petri *Gato*, nas *Inquisit.*, I, 354, talvez o mesmo que o Afonso Pires *Gato*, das *Linhagens*, p. 159; Gonçalo *Gato*, sec. XIV, *Docs. do Souto*, p. 197; Fernand' Affonso *Gato*, nas *Linhagens*, p. 149; Lopo *Gato*, *ib.*, p. 155; Martim Lopez *Gato*, e sua irmã D. Guiomar Lopez *Gata*, *ib.*, p. 332; Ruy Fernandez *Gato*, *ib.*, p. 347; Lopo Lopez *Gato*, p. 202; Afonso Baasquez *Gato*, sec. XVI, *Chancelarias*, I, 106; Nuno *Gato*, sec. XVI, no *AHP*, II, 143. E vid. *Nobiliarchia*, de Villasboas, p. 283. Em todos estes exemplos *Gato* é sem dúvida alcunha, tirada do nome do animal; todavia num documento de 922, *DC*, p. 17, ha *Gatus* como nome proprio.

Na *Gesta de maldiher*, de D. Afonso Lopez, de Baiam, sec. XIII, no *Canc. da Vatic.*, n.º 1080, vem com aspecto de alcunha: Lopo *Gato*. Modernamente Henrique *Gato* (apelido), Abrantes.—Num sarcófago do sec. XV, de Estremoz, que publiquei no *AP*, XXI, 160, figura Vasquo Estevez *de Gatus*, onde o apelido tem origem geográfica, pois entra aí *de*; com efeito ha várias terras com o nome de GATOS.—Vid. «Gata», supra, e o que se diz no remate d'este sub-parágrafo *a*.

—*Gatocha*: alcunha de um rapaz que, segundo me disseram, tinha olhos verdes.

—*Gatucho*, apelido que ouvi algures. O Ab.º de Miragaia tambem o menciona, dando-o porém como importado (d'onde?). Cf. *Lagartuxo*.

—*Gavião*: no *Anuario Comercial*. Este apelido póde tambem ter origem geográfica, pelo menos se alguma vez aparecer com *de*.—No Algarve: *Gavião* como alcunha. Não se confunda com *Gaivão*.

—*Golparro*, trovador: do lat. vulpes «raposa», com o suf. -arro. Vid. *Canc. da Vatic.*, n.º 872; e cf. D. Carolina Michaëlis, *Canc. da Ajuda*, II, 626, nota 2, e 885.

—*Gorgulho*, alcunha no distrito de Coimbra, e apelido em Lisboa.

—*Gralha*, *Gralho*: Fernão *Gralho*, 1439, nas *Chancelarias*, I, 75. *Gralha* figura como apelido de homem no *Anuario Comercial*, Lisboa; é tambem apelido no Alentejo (Fulano *Gralha*, Fulano Nazareth *Gralha*).

—*Grila*: «a *Grila* de alcunha», Cristã-Nova, sec. XVIII, *Memorias de Bragança*, V, 118.

—*Grilo*. Em Petrus *Grilio*, *Inquisit.*, I, 169, estará *Grilio* por *Grilo*. O apelido de *Grilo* existe ainda hoje: vid., por exemplo, *DN*, de 28 de Outubro de 1925 (D. Amalia da Encarnação *Grilo*). Tambem conheço *Grilo* e *Grila* como alcunhas, e *Rei-Grilo* no Alto-Minho. E ha um conto popular, bem conhecido, de João *Grilo*.

—*Grou*: Fr. João *Grou*, sec. XVI; *AHP*, VIII, 426.

—*Lagarta*, apelido nos Saloios.

—*Lagartixa*, apelido em Lisboa.

—*Lagartixo*. Deu-se como alcunha a um rapaz por ser muito mexedico; passou depois á familia como apelido.

—*Lagarto*: apelido (vid. *Armario*, p. 251; ainda em Lisboa); e alcunha no Alto-Minho.

—*Lagartuxo*, alcunha de um individuo do Alto-Alentejo (por *lagartucho?*); cf. *Gatucho* e *Lagartixo*.

—*Lagosta*. O P.^e José Agostinho de Macedo (sec. XVIII–XIX) «era popular sob o nome de *Padre Lagosta*, pelas faces plethoricas» (Th. Braga, *Curso de hist. de Lit.*, p. 64).

—*Lagostim* e *Lagostim da areia*, alcunha que deram no Sul a certo juiz muito mau.

—*Lampreia*, cf. no sec. XVI: Eitor *Lamprea*, no *AHP*, II, 93 e 146 (com H); Francisco *Llamprea*, no *Bolet. da 2.^a Cl. da Acad. das Sc.*, IV, 131. Hoje usual.—*Lampreio*, no Minho.

—*Láparo*: Mafamede *Laparo*, Mouro, 1450: *Chancelarias*, I, 607. Deve ser alcunha.—Nos Arcos de Valdevez ha a alcunha de *Laparoto*; cf. *Lebróto*, infra.

—*Lebrão*: Manuel José *Lebrão* (na *Aurora do Lima*, de 5 de Agosto de 1927).—Em algumas terras, por exemplo, em Minde, dá-se o nome de *lebrão* ao macho da lebre.

—*Lebre*: Fr. Fernandus *Lebur* (suponho representar *Lebre*), 1252, *Dissert. Chron.*, I, 267.—Usual hoje como apelido.

—*Lebróto*: apelido de uma aluna da Faculdade de Letras de Lisboa (1919–1920): suponho *Lebróto* derivado de *lebre*; cf. *perdigoto* e *minhóto* (nomes de aves), com o mesmo sufixo -óto.

—*Leitão*: «Estevam Martynz, dicto *Leitom*», 1339, *Dissert. Chron.*, V, 290. Nas *Linhagens*, pp. 161, 201 e 344, também *Leitom*; Alvaro *Leytam*, sec. XV, e Martim Gomez *Leytam*, nas *Chancelarias*, I, 91 e 523; várias vezes *Leitão*, sec. XVI, no *AHP*, II, 130 e 146. Hoje muito usado como apelido. No feminino Maria *Leitoa*, filha de um *Leitão*, modernamente, no concelho de Obidos, e *Leitoa* também alcunha de uma mulher do concelho de Nisa.

—*Lince*, apelido moderno (Alcacer do Sal).

—*Lobato*: Stevã Periz *Lobato*, 1326, *RL*, XXI, 266; Pedro *Lobato*, 1449, *Chancelarias*, I, 353; Gonçalo *Lobato*, 1529, *AHP*, I, 121; Pedr' Eanes *Lobato*, *Chron. de D. João*, de Fernão Lopes, pt. I, I, edição de Braamcamp Freire, p. 7. Apelido ainda bastante em uso.

—*Lobom*: Pelagius *Lobom*, sec. XIII, *Inquisit.*, I, 384.—Aumentativo de *lôbo*; cf. *Cabrom* e *Zevrom*.

—*Lobo*: Fr. Nicolau *Lobo*, sec. XIII, *Leges*, I, 702; Petrus *Lobo*, sec. XIII, *Inquisit.*, I, I; Antonio *Lobo*, D. João *Lobo* e D. Rodrigo *Lobo*, sec. XVI, *AHP*, 146. Hoje é apelido muito vulgar, mas também alcunha de um individuo do Alto-Minho, e de outro de Trás-os-Montes, os quais não gostam que lhes chamem assim, e de

um do Alentejo. Em 1711 Manuel da Costa «o Lobo» (Cristão-Novo): *Memorias de Bragança*, v, 32. *Lobo manso*, alcunha de um Algarvio, que costumava sair muito de noite.—Como nome proprio de mulher ha *Dona Lupa*, nas *Inquisit.*, sec. xiii, 133, e *Dona Loba* numa lenda popular interamnense.

—*Macacão*, alcunha ou apelido em Minde (Alcanena); aumentativo de *macaco*.

—*Marreca*: Pedro Alvares *Marreca*, sec. xvi, *AHP*, II, 147. Póde aqui ter vindo directamente da ave, fem. de *marreco*; ou de *marreca* «corcovado» (cf. o *Marreco*, alcunha de um vendedor de jornais, no Minho, que a si proprio se chamava assim: «cá está o Marreco!», por ser corcovado).—Tambem ha o apelido *Marrecas*, talvez na origem geografico.

—*Melro*: Petrus *Merlus*, sec. xiii, *Inquisit.*, I, 133. Hoje só conheço a alcunha *Melro*, quasi apelido (Cadaval), e alcunha de um engeitado, cuja mulher é Maria *Melra*. Cf. em Camilo, *Brasileira de Praçins*, 1.^a ed., p. 265: «um dos da malta, o *Melro*», e vid. tambem a mesma obra, p. 305.

—*Mergulhão*, apelido moderno: vid. *Anuario Comercial*.

—*Milhafre*, alcunha no Alto-Minho.

—*Milhano*, alcunha de um Algarvio, e de um individuo do distrito de Coimbra.

—*Mioca*: «o *Mioca*», alcunha em Minde, onde aquela palavra significa «minhoca» (verme).

—*Moacho*. Apelido moderno, que explico por *mu*, isto é, *muo*, mulus, com o sufixo *-acho* que já acima vimos junto a temas de outros nomes de animais.

—*Môcha*: Fulana *Môcha* (Figueira da Foz). Cf. *Muato e Mula*.

—*Mocho*: D. Goter' Soares *Moucho*, nas *Linhagens*, pp. 152 e 194, alcunha; Fr. João *Môcho*, um dos fanáticos frades que contribuíram para a matança dos Cristãos-Novos em 1506 (Herculano, *Historia da Inquisição*, I, 8.^a ed., 175): «Bernardo Rois, que chamarão o *Mocho*», em D. Francisco Manuel, *Apologos dialogaes*, p. 202.

—*Morcego*, alcunha em Santo Tirso: *RL*, xix, 236.

—*Morganho*, alcunha nos Açores: *Rev. Michael.*, II, 356, e *Arch. dos Açores*, xiii, 229. A palavra *morganho* é lá mui usada ainda na lingua comum.

—*Mosca*: P.^e F. de Oliveira *Mosca*, Alentejo: *DN*, de 12 de Agosto de 1927; apelido ou alcunha em Lisboa (Fulana *Mosca*).

—*Mosquito*, alcunha no concelho de Nisa.

—*Muato*, apelido no sec. xv: *Opusculos*, III, 116. Cf. *Moacho e Mula*.

—*Mula*, alcunha no Algarve. Cf. *Moacho e Muato*.

—*Negrão*, sec. xvii–xviii: P.^e João Goes *Negrão*, no *Bolet.* de Beja, n.º 11, p. 176; Manuel Nicolau Esteves *Negrão*, sec. xviii, um dos fundadores da Arcadia Ulisiponense (vid. Th. Braga, *Curso de Literatura*, p. 345). Ainda usado. Na linguagem comum ha *negrão* como nome de peixe.—Contudo a *Armaria* relaciona o apelido *Negrão* com apelido semelhante em Hespanha e Italia: *Negrone*, p. 349.

—*Ovelha*: «a *Ovelha*, de Canelas», alcunha de uma louca do concelho de Mangualde. Apelido nos arredores de Lisboa.

—*Papagaio*: Mariquinhas *Papagaio* (Alto-Minho).

—*Pardal*. Cf. Vaasco Perez *Pardal* no *Cancion.* de Colocci-Brancuti (hoje da Biblioteca Nacional de Lisboa), n.º 378, onde parece alcunha. Conheço *Pardal* como apelido em Lisboa, e como alcunha no Cadaval.

—*Pardelha*, alcunha em Ovar. Na lingua comum nome de um peixe.

—*Passarinho*, alcunha de um individuo do Sul, que costumava imitar com a voz todos os passaros. A alcunha passou á familia; uma filha era a *Passarinha*. Alcinha tambem em Espòsende: vid. S. Vieira.—Encontrei *Passarinho* algures como apelido.

—*Passaro*: Fulano Pinto *Passaro*, em Tras-os-Montes, apelido. Tambem alcunha de um larapio na Beira-Baixa. Em 1716, Manuel Lopes, o *Passaro gago*: vid. *Memorias de Bragança*, v, 43.

—*Patinho*: «Dom Vaasco Martins Pimentel o *Patinho*», nas *Linhagens*, p. 286, ou «que chamaram *Patinho*», pp. 286, 315–316.

—*Pato*. Sei da alcunha de o *Pato* e a *Pata* dada na Extremadura a duas pessoas polidáctilas, com sete dedos nos pés e nas mãos, e pregas interdigitais: o povo viu aí dedos de *patos* (dedos palmados). O D.^{or} Pires de Lima fala tambem da alcunha de os *Patos* dada por igual razão a uma familia extremenha de sindáctilos (vid. *A Teratologia nas trad. pop.*, p. 11), talvez a mesma a que me refiro.—*Pato* é apelido corrente.—Cf. supra, p. 200.

—*Pavão*: Manuel *Pavão*, sec. xvii, em Ferreira de Serpa, *Suum cuique*, p. 18. É tambem apelido moderno no Norte; e alcunha no Algarve.

—*Pêga*, apelido moderno.—Tambem ha *Pégas*, talvez de origem geografica.

—*Peixe*, apelido moderno. *Peixe-rei*, alcunha no Algarve.— Vid. *Pexão*.

—*Peixinho*, apelido moderno: vid. *Anuario Comercial*.

—*Peixoto*. Em português antigo *peixota* significa «pescada». Mas *Peixoto* será antes diminutivo de *peixe*; cf. *Lebróto*, supra. De *Peixoto* ha várias lembrança nas *Linhagens*, p. 206: Gonsalo Gomez *Peixoto*, Gomez Gonsalvez *Peixoto*, Gil Vasques *Peixoto*: vid. tambem pp. 200 e 300. Claramente alcunha.—Palavra mui usada ainda hoje, como apelido.

—*Pelicano*, apelido: F. A. *Pelicano*, na *Gazeta do Sabugal*, n.º 2 (1926). Violante Gomes, de quem o Infante D. Luís teve a D. Antonio, depois prior do Crato, era chamada pelo vulgo a *Pelicana* (mulher plebeia, mas formosa): *Hist. Genealogica*, III, 368).—O *pelicano* desempenha certo papel na mitologia, na literatura e na arte, e por isso não admira que o seu nome chegasse a servir de apelido. Figura já em lendas do Egipto como ave que enternecidamente ama os filhos (vid. O. Keller, *Die antike Tierwelt*, II, 237-239), e sobretudo em lendas medievais, de outro tipo, onde significa alegoricamente Cristo, por ela alimentar os filhos com o proprio sangue. Diz Santo Isidoro Hispalense: *Etymolog.*, lib. XII, cap. 7: *Fertur, si verum est, eam occidere natos suos, eosque per triduum lugere, deinde seipsam vulnerare, et aspersione sui sanguinis vivificare filios*. Altmann busca a origem d'esta lenda no tema da galinha que protege os pintainhos com as asas, representado em obras de arte da epoca romana: *Die römische Grabaltäre der Kaiserzeit*, Berlim 1905, p. 251 e notas. A palavra *pelicano* é greco-latina, e na Biblia a têm os Cristãos: *similis factus sum pellicano*, Salmo 101, § 7. Acêrca da difusão da lenda na idade-média e em tempos posteriores vid. *Contes*, de Boson, e a nota de P. Meyer, Paris 1889, p. 250; e um antigo livro hespanhol, *Gobierno general, moral y político hallado en las aves*, do P.º Fr. Andres Ferrer, Barcelona 1696, p. 199 sgs. (*pelicano* simbolo da solidão e do amor). Lê-se noutro autor hespanhol:

al pelicano, que el pecho
sangra y le dexa deshecho
por dar à sus hijos vida,

Mira de Amescua, *El esclavo del Demonio*, 1612, ed. de Buchanan, p. 99. Tambem em Portugal encontramos alusão á lenda na escolha que, como é sabido, D. João II fez da ave para sua

empresa: «símbolo com que quis mostrar o amor que tinha a seus povos» (D. Rodrigo da Cunha, *Catal. dos bispos do Porto*, Porto 1625, pt. II, p. 275). Entre outros lugares que poderia citar, lembro um desenho da mesma *empresa* no frontispício da *Lusitania Liberata*, de Sousa de Macedo, Lisboa 1645. Falando de Cristo, canta Fernão Alvares do Oriente:

Seu sangue precioso das entranhas
Derramando por mim, qual pelicano,
Tingindo a terra está de côr vermelha,

na *Lusitania Transformada*, 2.^a ed, pp. 62-63; e cf. p. 166. E Rodrigues Lobo, *Obras*, II, 80, ed. de 1774, descreve mais uma *empresa*, d'esta vez atribuída á pastora Lisea: «em campo de ouro hum pelicano ferindo o peito sobre os tenros filhos, e ao pé dizia esta letra:

À custa de minha vida
Sustento a de meus cuidados»,

no romance *Primavera*. Em 1670 publicou-se em Lisboa a seguinte obra de D. Leonardo de S. Joseph, Conego regente de S. Agostinho, prégador de S. Majestade: *O DEVINO PELICANO para sustento das almas na frequencia do augustissimo e inefavel sacramento da Eucharistia*. A lenda gozou cá de tanta aceitação, que até a vemos expressa numa das esculturas do maravilhoso côro de Santa Cruz de Coimbra.

— *Peneireiro*, alcunha no Algarve.

— *Percevejo*, alcunha de um moço de fretes em Lisboa.

— *Perdigão*: Luis *Perdigam*, sec. xv, *AHP*, v, 357; Jeronymo *Perdigão*, do mesmo seculo, *Dissert. Chron.*, v, 2.^a ed., p. 314. Apelido usado ainda, e bastante.

— *Perdiç*, apelido moderno: *DN*, de 19 de Janeiro de 1924 (Anselmo de Jesus *Perdiç*).

— *Periquito*, apelido moderno, ou alcunha.

— *Perro*: Miguel *Perro*, 1331, nas *Dissert. Chron.*, v, 271; Pedro Martinz dito *Perro*, 1338, *Docs. do Souto*, pp. 118-119. — A palavra *pérro* aparece por vezes em antigos textos nossos no sentido de «cão», mas é de origem castelhana.

— *Peru*, alcunha de certo individuo, por causa da semelhança que os vizinhos encontraram entre a voz d'ele e a do peru: algures. Também na Beira-Baixa ha o apelido de *Peru*, embora eu não

possa indicar o motivo. Em Lisboa: Fulano *Peru*, alcunha ou apelido.

— *Pescada*. Moderno.

— *Pexão*, alcunha de família: Fulano *Pexão*, pai de Fulano *Pexão*, avô de Fulano *Pexão*. Explicaram-me que a alcunha nasceu de dizer o primeiro, ao apanhar certo peixe: «Olha que peixão!» Algarve (mas isto certamente é lenda).— Vid. *Peixe*.

— *Pexarro*, alcunha de um individuo que, segundo me explicaram, andava sempre em pequeno a pedir peixe para comer. Algarve. (Provavelmente também lenda).

— *Picanço*, apelido moderno.

— *Pica-osso* (ave): alcunha de uma pessoa do Alto-Alentejo.

— *Pintainho*: Fulano *Pintainho*, apelido moderno, DN, de 13 de Junho de 1922.

— *Pintalho*: Fernand' Esteves *Pintalho*, nas *Linhagens*, pp. 161, 229 e 355; «Esteves Anes, que chamarom *Pintalho-Pardo*», p. 355; cf. p. 376. A primeira parte de *Pintalho-Pardo* é comparavel a *pintalhão* (ave que no Catálogo do S.^{or} Seabra se dá como igual a *tentilhão*), a *Bodalho*, e a *Porcalho* nesta lista. Vid. também *Opusc.*, III, 31, e infra «Pinto».

— *Pintarroxo*. Em Cacilhas lê-se numa parede: «aqui o retiro do *Pintarroxo*». D'onde se vê que o proprietario da locanda se chamou ou chama assim.

— *Pintassilgo*, apelido moderno: vid. *Anuario Comercial*; alcunha no Algarve, na Extremadura e na Beira-Baixa.

— *Pinto*. Vid. *Opusc.*, III, 30-32. Conquanto *Pinto* pudesse explicar-se também por côr (cf. uva *pinta*, galinha *pinta*), procurei justificar naquele volume a explicação por ave. Cf. Fernam Pirez, *Pintalho* nas *Linhagens*, p. 296, onde a alcunha está para *pinto*, como *porcalho* para *porco*, e *bodalho* para *bode*, com o sufixo depreciativo *-alho*. Ainda hoje no Algarve (Alferce) se chama *pintalho* a um *pinto* enfezado, a par de *gatalho* e *burrvalho*, applicados respectivamente a *gato* e *burro* também enfezados. Cf. supra «Pintalho». No concelho de Arouca ha uma familia de alcunha os *Pintalhos*, a que se alude nesta cantiga popular:

Adeus, ó vila d'Arouca	}	Eu não posso encarar
Casaca dos meus botões	}	A raça dos <i>Pintalhões</i> ,

que ouvi a um Arouquense. Além do que fica dito, cf. nas *Linhagens*, pp. 152, 158, 165, 192, 194 e 290: Fulano o *Pinto*. Num ms.

de 1573 («Livro dos aniversarios da Igreja de Santa Marinha do Outeiro da Cidade de Lisbôa», que vi em casa do D.^{or} Perry Vidal), fls. 40 v: *Domígos Mĩx* (=Martins), o *Pinto*. Isto, e o não se encontrar *Pinto* precedido de *de*, exclue que o apelido tenha origem geográfica, apesar de haver várias terras com o nome de *Pinto*. O cronista Brandão, *Mon. Lusit.*, liv. 3.^o, p. 83, col. 1.^a, dá uma origem graciosa: falando de D. João Garcia de Sousa, diz que «foi chamado *Pinto* por suas muitas perfeçoens naturays & gentileza».

—*Piolho*, alcunha nos concelhos de Nisa e Alcanena.

—*Pisco*, apelido moderno. Póde ter sido tirado do nome de ave, e também póde ter significado «o que pisca os olhos», e nesse caso pertencer á sub-seccção γ, § 1, «Apelidos provindos de alcunhas que exprimem directamente qualidades», onde realmente se cita um exemplo.

—*Pita*. Nas *Linhagens*, p. 316. Creio ser o feminino de *pito* <> *pinto* «pintainho». Na Beira-Alta diz-se indiferentemente *pita* ou *galinha*. Modernamente sei de *Pita* como apelido, ou tenha esta origem, ou não. *Pitinha preta*, alcunha em Semide (Coimbra).

—*Poldro*: Aloitu (= Alvito) *Poldro*, sec. xi, *DC*, n.^o 286. Hoje não conheço esta palavra como apelido.

—*Pomba*, alcunha em Santo Tirso: *RL*, xix, 236.

—*Pombicho*, apelido moderno.

—*Pombinha*: apelido em Lisboa; *Pombinha Branca*, alcunha de certa velha de cabelos brancos (Extremadura).

—*Pombinho*: Joham *Poombinho*, sec. xiv: *Dissert. Chron.*, 1, 295.—*Pombinho* é também apelido moderno.—Vid. *Pombo*.

—*Pombo*, apelido moderno. Cf. *Columba*, nome de mulher, e *Santa Comba*, nome de terra.—No *DN*, de 20 de Junho de 1922, menciona-se *Olho de Pombo* como alcunha.

—*Porcalho*, alcunha antiga: Pero Fernandez *Porcalho*, nas *Linhagens*, p. 303 (no texto está repetido *Pero* por engano); em F. Lopes como alcunha-apelido Vaasco *Porcalho*, na *Cron. de D. João I*, parte 1.^a, cap. 98. Deriva de *porco*, com o sufixo *-alho*. Cf. nesta lista *Bodalho* e *Pintalho*.—Hoje não conheço esta palavra nem como apelido, nem como alcunha.

—*Porco*, apelido antigo: Nuno *Porco*, poeta, no *Canc. da Vaticana*, n.^o 719, e Cortesão, p. 274; *Barbas de Porco*, sec. xiii, no *Elucidario*, s. v. «cahiz».

—*Pregacho*, apelido. Vid. «Prego».

— *Prego*. Suponho que o apelido *Prego* provém do peixe-*prego*. Num documento de 1327, publicado na *RL*, xxi, 270, pelo S.^{or} P. de Azevedo, lê-se: Lourenço Johanes *Pregacho*, onde o apelido ou alcunha *Pregacho* representa um derivado de *prego* no sentido indicado, pois o sufixo depreciativo *-acho* aparece em varios nomes de animais (*lebracho*, *lobacho*, *corvacho*, *corvacha*, etc.), como já temos visto nesta lista. Cf. o apelido *Gatacho*, de *Gato*. O apelido *Prego* é não só moderno, mas pelo menos já do sec. xvii-xviii: figura no n.º 11 do *Boletim* de Beja, p. 176 (a par com outros apelidos tirados de nomes de peixes: *Negrão* e *Barbo*).

— *Pulga*, alcunha em Santo Tirso: *RL*, xix, 236; apelido em Minde (José Vaz *Pulga*).

— *Rã*, ou *arrã*: *Perna d'arrã*, alcunha de um Ribatejano de estatura meã, e com as pernas arqueadas.

— *Rafeiro*, apelido em Lisboa.

— *Raposa*, alcunha de certa mulher manhosa (Extremadura).

— *Raposo*: Gonçalo Anes *Raposo*, nas *Linhagens*. pp. 153, 362 e 370 («que chamarom *Raposo*»); João Gonçalves *Raposo*, *ib.*, p. 196 (e vid. também pp. 157, 160, 203 e 145); Rui *Raposo*, 1523, *AHP*, II, 152, ou Rui Martins *Raposo*, p. 195; Thomé *Raposo*, *ib.*, v, 121; Joam *Raposo*, 1565, *AP*, x, 104; Gaspar *Raposo*, 1586, *Sé de Tanger*, p. 28; Jorge *Raposo* de Andrade, sec. xvii-xviii, *Boletim* de Beja, p. 176, n.º 11. Palavra ainda hoje usada como apelido; também como alcunha no Alto-Alentejo e na Extremadura.

— *Rata*: Fulano *Rata*, alcunha, no concelho de Fornos de Algodres, Cf. *Garrana*, supra.

— *Ratão*, alcunha na Extremadura. «João *Ratão*», nome de uma opereta.

— *Ratinho*, apelido em Lisboa, e alcunha algures. Esta palavra pôde ser um diminutivo de *rato*, ou corresponder a uma alcunha etnica (os *Ratinhos* são Beirões que vão trabalhar para o Sul). Já em 1379 Mafamede *Ratinho*, nome de um Judeu: *AHP*, v.

— *Rato*, apelido moderno. Também alcunha no concelho de Espôsende: vid. S. Vieira, p. 14; em Santo Tirso, *RL*, xix, 236; e na Extremadura; *Rato-Cego* (= morcêgo?) em Barroso: *RL*, xviii, 224.—Apesar de haver na Italia o apelido *Ratto*, palavra que em italiano antigo significa «rato», não parece que d'aí provenha o apelido português, por causa da extensão que a ideia

de *rato* tem entre nós como alcunha; cf. *Rata*, *Ratão* e *Ratinho* nos seus lugares. Em hespanhol do sec. XIII Sancho Lopez el *Rato*: vid. Rios y Rios, pp. 164 e 165 (claramente alcunha).

—*Ratola*, apelido em Lisboa: Fulano *Ratola*. De *rata* ou *rato*? cf. *galinhola*, *caranguejola*, *passarola*, quanto á fôrma, e vid. neste vocabulario *Garrana*, *Rata*, *Ratona*, quanto ao -a.

—*Ratona*: «Manuel da Costa, o *Ratona* de alcunha», Cristão-Novo, 1711, nas *Memorias de Bragança*, v, 33. Fem. de *Ratão*, explicavel como *Garrana* e *Rata* (vid. estes vocabulos).

—*Robalo*, apelido moderno (Lisboa, pelo menos).

—*Rodovalho*, apelido moderno.

—*Rôla*, apelido moderno. Cf. *Tórtora* nos *Opusc.*, III, 132.—*Rôla* é também alcunha de uma mulher no concelho de Nisa, e de outra no de Santo Tirso (*RL*, XIX, 236); de homem (o *Rôla*) na Beira-Baixa.

—*Rouxinol*, apelido moderno.

—*Salema*, apelido moderno. Na origem nome de peixe.

—*Sapo*, apelido moderno. Na *Gesta de maldizer*, de D. Afonso Lopes, de Baiam, sec. XIII, lê-se em fôrma de alcunha: Meen *Sapo* (no *Canc. da Vatic.*, n.º 1080). Nas *Linhagens*, sec. XIV, Gonçalo Paez *Sapo*, também alcunha, p. 352.

—*Sardão*, apelido moderno; alcunha na Extremadura.

—*Sardinha*: cf. Manuel *Sardinha*, João *Sardinha*, Luís *Sardinha*, no *AHP*, v, 115 e 119, de 1591. Ainda usado como apelido e como alcunha.

—*Serpe*, apelido que encontrei algures. Póde ter sido tirado da heraldica. Diz o D.º João de Barros, *Geographia* (sec. XVI), edição moderna do Porto, pp. 99-100, que para apelidos se buscam *nomes asperos e soberbos*, como *Serpe*, *Drago*, *Urso*, *Leão*, e «se usam *insignias e armas* que pela maior parte se tomam de animais feros», como os que ficam indicados e outros. Acêrca dos animais usados em brasões, vid. Ayres de Sá, na introdução á *Cartographia*, do Visconde de Santarem, Lisboa, s. d., vol. I, p. CXIX.—Tambem não me parece impossivel que os apelidos *Serpe* e *Drago* resultassem de alcunhas providas da procissão do Corpo de Deus, onde entravam d'antes o *drago* e a *serpe*—apelidos depois transportados para a heraldica.

—*Tainha*: «Dona Elleogumda Soarez, a que chamarom a *Tayinha*», *Linhagens*, p. 353; cf. p. 333 (a mesma senhora: «por sobrenome *Teyinha*»). Esta alcunha tornou-se apelido moderno: vid. *Anuario Commercial*.

— *Taralhão*: «aquele almocreve, chamado o *Taralhão*»: vid. *Methodo pratico* ..., etc., Lisboa 1768 (literatura de cordel), p. 4. Alcinha de um individuo do Alto-Alentejo. Cf. *Tralhêta*, alcinha de um individuo da Beira, muito falador.

— *Tenreiro* («novilho» na lingua antiga; cf. hesp. *ternero*): alcinha de um trovador (D. Carolina Michaëlis, *Canc. da Ajuda*, II, 563), talvez porque o poeta numa das suas cantigas fala de *bexerro tenreiro* (vid. *eandem, ibidem*). Nas *Linhagens*, p. 317: «Joham Pirez de Vaascomçellos, por sobrenome Joham *Temrreyro*», isto é, por alcinha *Tenreiro*.—Tambem apelido moderno.

— *Texugo*, alcinha no concelho de Celorico da Beira. Expliçaram-me que a alcinha é devida ao individuo ter comido uma vez texugo. Provavelmente lenda.—Alcinha tambem usada em Barroso: *RL*, XVIII, 224, nota, e algures (o *Teixugo*).

— *Toupeira*, alcinha em Santo Tirso: *RL*, XIX, 236.

— *Touro*. Cf.: Pelagius *Touro* e Pelagius *Taurus*, sec. XIII, *Inquisit.*, I, 67 e 838; Miguel *Touro*, 1312, no *AHP*, III, 13. No feminino Maria *Toura*, sec. XIII, *Inquisit.*, I, 295.—Tambem ha *Tourinha*, por exemplo, na *Nobiliarchia*, mas esta palavra pôde ter várias explicações.—Hoje não sei que se use algum d'estes apelidos.

— *Tubarão*. Li este apelido na *Correspondencia de Coimbra*, de 30 de Agosto de 1878. Deve ser raro.

— *Vaca*: *Cabeça de Vaca*, alcinha de um individuo, nas *Linhagens*, p. 182; cf. pp. 153 e 165; *Mão de vaca*, apelido de um carvoeiro lisbonense, originario da Galiza. *Vaca lambona*, alcinha no Algarve. A certo professor chamavam os alunos o *Vacão*, por causa do vozeirão que ele tinha.

— *Verdilhão*, alcinha algures.

— *Velpelho*: Don *Velpelho* na *Gesta de maldiçer*, de D. Afonso Lopes, de Baiam, sec. XIII, *Canc. da Vatic.*, n.º 1080: nome com aspecto de alcinha. Por vulpeculus.

— *Vuitorom*, alcinha antiga ou apelido: *Dom Buytorom*, *Don Vuytoron*, no *Canc. da Vatic.*, n.º 1023, etc. Vid. tambem D. Carolina Michaëlis: *Randglossen*, I, 53 (separata da *Zeits.* de Gröber, XX), e *Canc. da Ajuda*, II, 619. Deriva de vultur «abutres». Cf. nesta lista *Zevrom* (s. v. «Zevro»), *Ratão*, etc.

— *Zevro*: Petrus *Zevro*, 1258, *Inquisit.*, p. 342. No *Canc. da Vatic.*, n.º 945-956, escarnece o trovador D. Lopo de quatro cavaleiros galegos os quais chama *Zevrons*. A S.^{ra} D. Carolina

Michaëlis, que supunha, como a mim me disse, que a palavra *zevra*, que aparece em textos medievais, significa «zebra» (de Africa), interpretou aqui *Zevrons* ou «Zevrões» como *Zebra-reiter*, isto é, cavaleiros que cavalgam zebras: vid. *Zeits. f. rom. Philol.*, xxvi, 96. No meu entender porém, salvo o devido respeito a tamanha autoridade, *Zevrom*, de que *Zevrons* é o plural, é mero aumentativo de *zevra* (ou *zevro*); cf. nesta lista *Cabrom*.

—*Zorro*: João Zorro, trovador: cf. D. Carolina Michaëlis, *Canc. da Ajuda*, II, 972. Alcinha algarvia, de familia: *Zorra magra*, pois no Algarve e Alentejo *zorro*, -a, é sinonimo de *raposo*, -a. Cf. no Liv. II. o capitulo respectivo aos «Nomes de engeitados».

As alcunhas e apelidos, que se transcreveram acima, correspondem, como se viu, a animais domesticos (bode, borrego, gato); a animais bravos e de caça (lôbo, coelho, zorra) ou relacionados com ela (falcão, furão), pois a caça teve outr'ora grande importancia, pelo lado economico e do passa-tempo, e ainda hoje tem bastante; a animais do mar e dos rios, que se pescam (sardinha, bordalo, boga); a animais com que todos os dias se está em contacto, por utilidade, estima, superstição, ou com aversão (doninha, cuco, rouxinol, borboleta, piolho, pulga, aranha, sapo); a animais vindos de fóra, mas aclimados (canario, papagaio, peru), ou completamente exóticos ou até fabulosos (camaleão, camelo, drago, pelicano, serpe). Alguns nomes que despertam grande asquerosidade, ou a que se ligam ideias de baixeza, por exemplo, *carraça*, *burro*, este último todavia sem motivo, ficaram meras alcunhas, não se elevaram á classe de apelidos.



Hão-de existir alcunhas ou apelidos zoologicos que não resultassem propriamente de comparação. Na Outra-Banda vive, por exemplo, um individuo a quem chamam de alcunha *o Ovelha*, porque no telhado da casa, em que habita, ha, como ornato, uma figura de ovelha, e em Castelo Branco viveu em tempos passados um negociante, de alcunha *o Ratazana*, porque vendia lenços grandes que tinham popularmente este nome. Vid. tambem na lista anterior: *Chicharro*, *Pexão*, *Pexarro*. Como apurar sempre a verdadeira razão historica? Em todo o caso, a grande maioria das alcunhas e apelidos de que se está falando provêm de com-

paração, pelo que se justifica bem o titulo imposto ao presente sub-paragrafo.

Por outro lado, na discussão dos apelidos iguais a nomes zoologicos, devê tomar-se em conta que existem muitas terras com os mesmos nomes: Abelha, Andorinha, Aranha, Baleia, Bezerra, Boi, Bordalo, Bufo, Cabrita, Cadela, Carneiro, Carriço, Coelho, Cordeiro, Corvo, Falcão, Gaio, Gato, Gavião, Grilo, Lampreia, Lebre, Leitão, Lobato, Mergulhão, Mocho, Pato, Pêga, Peixoto, Perdigão, Pinto, Porco, Raposo, Rato, Robalo, Rôla, Sardão, Sardinha, Touro, etc. Póde, portanto, ficar-se em dúvida se esses apelidos provêm directamente de nomes de animais, como alcunhas, ou são de origem geografica.

Se, porém, ha exemplos de apelidos de aspecto zoologico, que em verdade não nasceram de alcunhas, como em Gomez *de Touro*, filho de Nuno Garcia *de Touro*, nas *Linhagens*, p. 328, e em Mateus *do Carneiro*, sec. xiv, *Dissert. Chron.*, v, 291, onde o *de* e o *do* patenteiam a origem geografica, as mesmas palavras, applicadas noutras circumstancias, isto é, sem *de*, póde admitir-se que na quasi totalidade têm origem em alcunhas. Outros exemplos: em Vasco Esteves *de Gatus* (vid. supra: s. v. «Gato»), *Gatus* ou *Gatos* é nome geografico; mas em D. Affonso Pires *Gato* é *Gato* evidentemente alcunha, que nas filhas D. Constança Affonso *Gata* e D. Guiomar Affonso *Gata*, toma a fôrma feminina: *Linhagens*, pp. 146, 163, 203 e 209. Os proprios textos, aqui e além, se encarregam de dizer: «por sobrenome Camello», «o Codorniz», «dicto Leitom», etc.; além d'isso lembrei constantemente alcunhas modernas iguais ou semelhantes aos apelidos de que se trata; e vid. tambem a lista acima exposta dos apodos e comparações da linguagem usual.

PARALELOS DE FÓRA

Preliminares.—Nomes zoologicos na antiguidade; na idade-média; em tempos modernos (povos romanicos, germanicos, eslavicos, etc.).—No Oriente.— Interpretações populares.—Nomes zoologicos como alcunhas.

Ora inimigo, ora auxiliar e companheiro do homem, ora mantimento, remedio, agouro, brinco, motivo de admiração ou de asombro, e constantemente seu vizinho, o animal constitue para ele, durante toda a vida, fonte perene de observação, que o leva muitas vezes, segundo vimos a p. 204 sgs., a aplicar a si proprio, e aos seus semelhantes, apodos, alcunhas e apelidos zoologicos, como sinal e manifestação de quantos sentimentos o dominam,—

medo, respeito, affecto, humildade, gracejo, vilipendio . . . Este uso, que já provém da antiguidade, parece que é universal. Sem poder, nem tentar, exaurir o assunto, vou contudo, como remate do que disse dos nossos apelidos de origem zoologica, apresentar espécimes que colhi de varios modos, uns em leituras, outros em conversação com estrangeiros, por exemplo, quando fui ao Egipto, em 1909, a um congresso de Archeologia.

A comparação alongou-se-me muito mais do que eu costume, porque comecei a reunir os meus apontamentos com outro intuito, de que depois desisti; para não os perder, incluo-os todos neste lugar. Os leitores desculparão, se acharem demasiada a materia.

No seu estudo sôbre *Die griechischen Personennamen*, traz Fick abundante lista, a p. 314 sgs.: 'Αλώπηξ (raposa), 'Αμνός (cordeiro), Κρίος (carneiro), Λύκος (lôbo), Μῦς (rato), Νόστος (de νόστος, pinto), Περιστέρα (pomba), Τρυγών (rôla), e outros, tambem masculinos ou femininos, que significam: abelha, alcione, andorinha, bácoro, bezerro, cabrito, cadela, calhandra, codorniz, gazela, gralha, javali, lebre, lião, perdiz, poupa, sardão, touro, urso, veado, vitelo, que são tirados dos respectivos substantivos gregos. Vid. igualmente: F. Bechtel, *Die historischen Personennamen des Griechischen*, Halle 1917, pp. 580-592, onde ha muitos nomes tirados dos de animais (boizinho, macaco, loba, etc.); Hirzel, *Der Name*, p. 76 sgs.; e Ch. Morel in *Dict. des antiq. grecq. et rom.*, IV-1, p. 90: galo, aguia. «En général, acrescenta o A., on peut dire que ces noms s'appliquaient surtout aux hommes de basse condition, aux esclaves, sauf dans les périodes plus récentes de l'antiquité où ils deviennent plus fréquents». No *Encomio da mosca*, diálogo de Luciano, fala-se de mulheres com o nome de *mosca*: vid. Fr. Jacinto de S. Miguel, *Discursos* (traduzidos do grego), Lisboa 1789, p. 60.

Dos Romanos diz Varrão, *Rer. rust.* II, 1 (ed. de H. Keil): «. . . nomina multa habemus ab utroque pecore: a maiore, et a minore: a minore Porcius, Ovinus, Caprilus; sic a maiore Equitius, Taurus Asinius: idem cognomina adsignificare [quod] dicuntur, ut Anni Caprae, Statilii Tauri, Pomponi Vituli: sic a pecudibus alii multi». Isto confirma-se pelas inscrições de várias partes do orbe romano, da Hispania (com a Lusitania), da Gallia, da Britania, etc., como consta dos indices de vários volumes do *Corpus*, e das *Inscriptiones selectae*, de Dessau: *Aper Apriculus Apricula*, *Aquila*, *Asellus Asella*, *Capra Capella*, *Cattus* («gato»), *Cervula* e *Cervola*, *Columba*, *Dama*, *Falco*, *Feles Felicula*, *Lucusta*, *Lupus*,

Musca, *Porcillus* *Scrofa*, *Taurus*, *Ursulus*, *Vitulus*. Numa inscrição de S. Tiago da Galiza (no *Bolet. de la Acad. Gallega*, n.º 31, p. 148): *Placidia Lupa*. Na *Epigrafia salmantina* de Morán lê-se: *Apruncula*, n.º 45. Num epitáfio do ano 371: *Muscula* (Marquardt, *La vie privée des Romains*, trad. do alemão, I, 32, nota). Deminutivo analogo a alguns dos que ficam citados é *Ovicula*, dado como alcunha a Q. Fabio Maximo Cunctator: vid. Aurelio Victor, *De viris illustr.*, 43, que a explica pela *clementia morum* do general romano. Às vezes ha associações de nomes curiosas: em uma inscrição da Iberia: *C. Anton(ius) Leo Pardae uxori f. c.*¹; numa inscrição da Narbonense: *Ursa*, filha de *Satia Lupa*²; no *Corpus*, v, 2702: *C. Taurius Ursinus* (aqui porém o nome e o cognome são derivados); *ib.*, v, 5859: *Urso Lupo Leoni libertis*; *ib.*, xi, 1777 (Volaterra): *Ursus*, *Aper*, *Lupus*, irmãos³; *ib.*, xiv, 4054 e 4055: *Ursus* e *Lupus*, irmãos. Nas inscrições romanas aparecem também não raro nomes zoológicos de origem grega, como *Chelidon* («andorinha»), *Dorcas* («gazela»), *Melissa* («abelha»), *Moschis* («vitela»), na Galia⁴; *Pardālus* = *πάρδαλος* (uma ave)⁵; *Schorilio* e *Escurilio* «écureuil»⁶; *Leo*, muito vulgar. São analogos, como se vê, aos da lista grega que acima se apresentou. Assim como ha nomes gregos incluídos em inscrições romanas, ha também nomes barbaros (celticos), como: *Artos*, na Galia, que parece identico ao galês *arth* «urso»⁷, e é ideologicamente comparavel ao *Ursus* das listas latinas; *Broccus* «texugo», *Elanio* «cabrito», *Urcico* «leitão», *Vaibo* «lobo», *Vecius* «corvo», na Iberia, que correspondem a *Aper*, *Cervus*, *Lupus*, *Taurus*, *Ursus*, das inscrições romanas⁸.

¹ Publicada no *Bolet. de la Acad. de la Hist.*, LXIV, 198, por Fidel Fita, que nota a coincidência de nos cognomes estarem os elementos do hesp. *leopardo*, embora pontos separem as palavras, e os casos difiram; mas *parda* corresponde a «pantera», como feminino local de *pardus*, macho d'este animal.

² *Bullet. Archéolog.*, Novembro de 1913, p. VIII.

³ O editor diz já: *nota filios omnes a bestiis nominatos*.

⁴ *Revue Archéologique*, 3.ª serie, t. IV, 1884, pp. 351 e 355.

⁵ Toutain, *Études de Mythologie*, p. 280.

⁶ Gauchat, in *Mélanges Wilmotte*, I, 187-188. Derivados do lat. vulgar *skurius*, por **skiurus* = *σκίουρος*.

⁷ D'Arbois de Jubainville, *Propriété foncière*, Paris 1890, p. 384.

⁸ Carnoy, *Latin d'Espagne [et Portugal]*, 2.ª ed., p. 106.

Em inscrições latino-cristianas dos primeiros tempos ha, por exemplo: *Agnella*, *Aper*, *Asellus*, *Basiliscus*, *Columba Palumbus*, *Formica Formicula*, *Leo*, *Lepusculus*, *Lupus*, *Merulus Merola*, *Muscula*, *Turtura*, citados por Martigny¹: são nomes iguais aos romanos, alguns d'elles usados acaso por humildade². Noutras inscrições da mesma especie: *Lepusculus Leo qui vixit annum*, «cognomentum puero datum ὑποκοριστικῶς»³. Em inscrições da Iberia: *Asella*, *Elefantus*, *Lupicus*⁴. Noutras inscrições: *Cerva*, *Fellicula*⁵.

Varios documentos nos dão nomes de Francos, como *Sigulfus* = *Sig-ulfus* «vitorioso lobo», *Berthchramnus* ou *Berthachramnus* «brilhante corvo», *Gruthchramnus* «corvo da guerra», *Arnulfus* «aguia-lobo», *Eberulfus* «porco-lobo»⁶. No decorrer d'esta obra temos visto analogos nomes germanicos. — Com os Francos estamos já na idade-média. De documentos medievais hespanhois cita Godoy Alcántara muitos apelidos, como: *Caballo*, *Cervo*, *Codorniz*, *Gallo Gallina*, *Oso*, *Palombo*, etc., pp. 184-185; e Rios y Rios: *Cabeza de Vaca* e *Rostro de puerco*, p. 35. Num dos nossos livros de *Linhagens*, p. 261, diz o autor, ao falar de Hespanha: «o conde D. Nuno Gonçallves que chamarom o *Corvo* d'Andaluz, e porque o chamarom o *Corvo*, foy porque era muy cruel contra os Mouros, e matava-os ante que os premder». E a p. 267, fala outra vez de Hespanha: «Guter Soarez, que chamarom por sobrenome Dom Guter *Moucho*».

Passando a tempos mais modernos, acharemos, tanto nas nações já mencionadas, como noutras de dentro e de fóra da Europa, muitissimos apelidos relacionados com os animais.

Na Hespanha: *Araña*, *Becerro*, *Carnero*, *Ciervo*, *Conejo*, *Cordero*, *Cuervo*, *Gallo*, *Gayo*, *Lobo*, *Vaca*, e em catalão: *Abeya*, *Aranya*, *Caball*, *Colom* («pomba»), *Conill* («coelho»), *Corp* («corvo»), *Isart* («cabra montês»), *Lleó* («lião»), *Llop* («lôbo»), *Merla* f., *Moltó* («carneiro», fr. *mouton*), *Pop* («polvo»), *Salmon*.

¹ *Dict. des antiq. chrét.*, s. v. «Noms des premiers chrétiens».

² Martigny, *loco citato*.

³ De Vit, *Onomasticon*, s. v. «*Lepusculus*».

⁴ Hübner, *IHC*, n.º 432, 399, 199.

⁵ De Vit, *ibidem*.

⁶ D'Arbois de Jubainville, *Langue des Francs*, Paris 1900, pp. 92, 93, 113, 49, 85.

Todos estes nomes os ouvi em Madrid e Barcelona. No *Boletín* de Orense, III, 319, menciona-se como do sec. XIX: D.^{or} Vicente *Enguia*, natural do México (*enguia*, aqui, é palavra galega). Cf. *Gazapo*, supra, p. 218. — Na Belgica: *Spiroux*, sec. XVII (fr. «écureuil»)¹. — Na França, antigos e modernos: *Hues li Veaus*, *Setevenes Poule*, *Jehans Corbaus*, *Rogierius Faucon*². Ritter menciona da mesma nação: *Lebœuf*, *Lamulle*, *Lemouton*, *Lasnet*, *Porchet* (de *porcus*)³, os quatro primeiros com aglutinação do artigo definido. Pela minha parte ouvi em França os seguintes apelidos, alguns d'elles tambem com aglutinação analoga: *Barbeau*, *Baudet* e *Lasne*, *Beauveau* (= *beau-veau*), *Brochet*, *Canard*, *Cerf* e *Lecerf*, *Cheval*, *Chevreuil*, *Cochon*, *Corbeau*, *Faucon*, *Goupil* («raposa» em fr. ant.), *Labiche*, *Laloue* (= *l'aloue*, forma antiga e primitiva de *l'alouette*), *Lechat*, *Lecoq*, *Lemerle*, *Leporc*, *Lequien* (picardo), *Lerat*, *Lion*, *Loup*, *Moucheron*, *Mouton*, *Papillon*, *Perdrix* e *Perdrix*, *Poisson*, *Poulain*, *Poule*. Podemos especificar um nome célebre: *Corneille*, e estes que significam «écureuil»: *Lecreulx* e *Lesquereux*, lembrados por Gauchat⁴. Junte-se: *Lanson* («*lanson*, especie de *enguia*»: Meyer-Lübke, *Hist. Gramm. der franz. Sprache*, II, 39, § 49); e *Loubet*, diminutivo de «lôbo», como o got. *Wulfila*. O meu colega D.^{or} J. A. Pires de Lima lembra-me um artigo da *Revue Médicale*, n.º 7, de 23 de Janeiro de 1926, onde se fala de uma familia das Antilhas, de origem francesa, de apelido *Lapin*, todos os membros da qual gozavam da regalia de poderem mover as orelhas como os coelhos (d'aqui se originaria o apelido, dado de comêço como alcunha). — Da Italia cito estes, que coligi lá em 1909: *Cagni*, *Cavalli*, *Corvi*, *Falco* e *Falconi*, *Galli* e *Gallina*, *Gatti*, *Grillo*, *Leoni*, *Lupi*, *Merlo* e *Merli*, *Orsi* (de *orso* «urso»), *Pernice*, *Quaglia*, *Sorci* (de *sorcio*, fr. *souris*, lat. *sorex*), *Topi* (de *topo*, isto é, «rato»), *Volpi* (de *volpe*, lat. *vulpes*). Cf. *Canegalli*, *Canegatti*, *Capilupi* e *Codelupi* (*capo di lupi*; co ant. = *capo*), *Gattimosca*. — A um Romeno, o D.^{or} Ilie Bacsinschi, Professor da Universidade de Bucarest, ouvi em 1921,

¹ Gauchat, in *Mélanges Wilmotte*, I, 187-188.

² Vid. Ch. Bonnier, *Die französische Eigennamen*, Halle, 1888, p. 24.

³ *Les noms de famille*, Paris 1875, p. 34.

⁴ Nos citados *Mélanges Wilmotte*, I, 187-188.

estando eu com ele em Karlsbad: *Gäina* (= *gaina* + *a*, artigo feminino) «a Galinha»; *Gäza* (= *gaça* + o artigo *a*) «a Mosca»; *Lupu* «o Lôbo» e *Lupul* (com restauração do *l* do artigo masculino *l*); *Ursu* «o Urso» e *Ursul* (pelo mesmo motivo).

Aproximemo-nos de nações de linguas germanicas. Na Alemanha: *Adler* (aguia), *Bär* (urso), *Fuchs* (raposa), *Geier* (abutre), *Hase* (lebre), *Hecht* (lucio), *Hering* (arenque), *Hirsch* (veado), *Igel* (ouriço cacheiro), *Kanarienvogel* (canario), *Kuh* (vaca), *Löwe* (lião), *Nachtigall* (rouxinol), *Ochs* (boi), *Sperling* (pardal), *Vogel* (ave), *Wolf* (lôbo), alguns d'elles só usados por Judeus alemães, como na Alemanha me informaram. Cf. outros da mesma nação, que se citam adiante, p. 246. Para lá se remete o leitor curioso. Corre na Alemanha um conto popular, que vem na colecção dos irmãos Grimm, n.º 52, chamado *König Drosselbart* (Rei por nome Barba de tordo), por aí figurar um rei que tinha o queixo semelhante ao bico de um tordo (Drossel).—Da Carniola (Iugoslavia) vem uma lista de alcunhas zoologicas na *Wiener Zeitschrift für Volkskunde*, xxv, 47: *Hunt* «cão», *Kauble* «vitelo», *Shba* «porco», etc.—Apelidos usados na Inglaterra e nos Estados Unidos: *Fox* (por exemplo, *John Fox*), *Hare*, *Wolf*, a que juntarei, á primeira d'estas nações, *Lamb* (cordeiro), *Pigeon* (de origem francesa), *Rabbit* (coelho), *Sparrow* (pardal), *Thrush* (tordo); e á segunda, *Bird* (ave), *Bull* (touro), *Colt* (potro), *Finch* (tentilhão), *Hawk* (falcão), *Hogg* (cf. *hog* «porco»), *Robbins* (cf. *robin* «pintarroxo»), *Stork* (cegonha), *Swan* (cisne). Todos estes apelidos os ouvi a Ingleses. Vid. outra lista em Lower, *Family nomenclature*, Londres 1842, p. 100: *Oldbuck*, *Roebuck*, *Stag*, *Hind*, etc.—Na Suecia ha apelidos que significam *raposa*, *veado*, *alce*, *cordeiro*, *lôbo*, *urso*, *lontra*, *baleia*; *garça real*, *falcão*, *milhafre*, *estorninho*, *andorinha*, *grou*, *aguia*, *abutre*, *mocho*, *cegonha*, *pomba*; *lucio*, *bacalhau* (*Cabiljó*); *formiga*, *çangão*, *tabão*¹.

Nações de linguas eslavas: na Checo-Eslovaquia temos, por exemplo, apelidos que significam ora mamiferos, como *lôbo*, *raposa*, *tourinho*, *carneiro*, *bode*, *coelho*, *lebre*, ora aves, como *estorninho*, *galo*, *melro*, ora peixes, como *lucio* (ha tambem um

¹ Informações que, com outras suecas que cito adiante, me deu o illustre lusitanofilo D.^{or} Göran Björkman, quando em 1921 estive em Estocolmo (hoje é falecido).

nome que significa *peixinho*), ora insectos, como *pulga*¹; na Galicia temos, por exemplo, em polaco ou em ruteno, apelidos com a significação de *lôbo*, *lobinho*, *urso*, *carneiro*, *lebre*, *coelho*, *lince*, *pardal*, *corvo*, e também «filho de boi», «filho de lôbo», — havendo distinção entre apelidos nobres e apelidos plebeus, como *Wilk* ou *Wilczek* (lôbo, lobinho) em polaco, apelido plebeu, e *Wilczyński*, apelido nobre².

Na Finlândia ha apelidos que significam *urso*, *raposa*, *lebre*, *loba*, *rangífer*, *lontrinha*, *esquilo*; *cisne*, *aguia*, *melro*, *pato*, *picanço*. Em antigo finlandês ha *Kettunen*, que significa «raposinha»; segundo um costume que reinou na Finlândia, como na Escandinavia, nos secs. xvi e xvii, de alatinar heraldicamente apelidos de pessoas, criou-se *Alopaeus*, do grego *ἀλώπηξ* «raposa», em substituição de *Kettunen*³.

Farta colheita de apelidos zoologicos se faz analogamente em povos orientais.

«As mais antigas divisões dos Israelitas, diz Robertson Smith, é entre Rachel e Lia, nomes que o são de animais, *eve* («ovelha») e *bovine antelope*. As populações nomades da Palestina Meridional, que vieram a encorporar-se em Judá, têm também nomes de animais, sendo o mais importante o dos Calebitas (Caleb) ou *tribu do cão*»⁴. Acêrca de nomes de Judeus e de tribus hebraicas tirados do reino animal, vid. também Kuchler, *Hebräische Volkskunde*, pp. 16-17 e 27-28. Lamento não poder ver o trabalho de Fritz Hommel intitulado *Die Namen der Säugethiere bei den semitischen Völkern*, Leipzig 1879, que só conheço por intermedio da obra do D.^{or} Ploss, que d'aí extrai nomes hebraicos

¹ Devo estas informações, com outras eslavicas que adiante cito, ao Prof. Jan Skola, de Praga, que m'as deu, estando eu com ele, em 1921, em Karlsbad.

² Estas e outras informações, que por brevidade omito, devo-as ao S.^{or} D.^{or} Marcoff, com quem falei em Karlsbad em 1921. A ele devo também outras do mesmo genero que cito adiante.

³ Colhi estas informações na Finlândia, em 1921. Deu-m'as o meu colega e amigo D.^{or} J. Tallgren, Professor de Filologia na Universidade de Helsingfors.

⁴ *Kinship and marriage*, Cambridge 1885, p. 219. Isto é: *Caleb* [ou *Kéleb*] é o heroi epónimo, mas esta palavra em hebraico quer dizer «cão».

de mulher que significam: *ovelha* (que pariu), *pomba*, *gazela*, e de homem: *abutre*, *raposa*, etc.¹. Vid. também *The Catholic Encyclopedia*, vol. x, p. 675, onde vem alguns nomes proprios hebreus de origem zoologica: *Achbor* «rato», *Aiá* «abutre», *Aran* «cabra brava», *Caleb* [ou *Kéleb*] «cão», *Deborá* «abelha».

Nos Arabes, como em todos os povos que vivem do gado e da caça, diz o citado D.^{or} Ploss, ha bastantes nomes de animais: *lião*, *touro*, *pantera*, *ónagro*, *lôbo*, e muitos mais². Tenho aqui presentes varios trabalhos respectivos a nomes proprios e alcunhas arabicos, nos quais se mencionam: *falcão* (alcunha ou cognome de um principe da Persia), *tigre* ou *lião* (de um sultão de Delhi), *andorinha* (do poeta Raschidi), *lião da montanha* (de um general de Damasco)³; *poupa* ou *lião* (alcunha dada a um falso profeta), *serpente* (cognome de seis familias da tribu de Taghlib), *lião de Deus* (tio paterno do Profeta), *lôbo* em turco oriental (cognome de Tâdj el Muluk, sec. xi), *dragão* (alcunha de Ibrahîm), *gafanhoto* (alcunha de Maslemah), *camelo* (nome de seis personagens importantes), *liãozinho*, *cérro de burro*, *pavão*, *lião* (nome de seis irmãos), *cãozinho*, etc.⁴; *serpente do Deserto*, *lião despedaçador*, *pantera devastadora* (nomes de chefes de tribus do Sáhara⁵), *cara de ovelha* (alcunha de um Arabe da Argelia)⁶; *lião*, *pantera*, *cão*, *lagarto*, *serpente*, nomes de tribus⁷.

¹ *Das Kind in Brauch u. Sitte der Völker*, t. 1 (Leipzig 1884), p. 171.

² *Das Kind*, 1, 171.

³ Tassy, *Mémoire sur les noms propres et les titres musulmans*, Paris 1854, p. 29.

⁴ Meynard, «Surnoms et sobriquets dans la littérature arabe», Paris 1907 (extr. do *Journal Asiatique*, pp. 19, 34, 36, 59, 63, 65, 68, 76, 79, 150, 170 e 197).

⁵ Acêrca da escrita, pronúncia, e genero d'esta palavra, vid: Fortunato de Almeida, *Nomenclatura geografica*, Lisboa 1908, p. 22; e David Lopes, in *RL*, xxiv, 272-273.

⁶ Maltzan, «Ueber die Beinamen bei den Arabern des Maghrib», in *Zts. des deu'schen Morgenland*, vol. xxiv (1870), pp. 618 e 622.

⁷ Colebrooke, «On the proper Names of the Mohammadans» (extr. de uma revista de que não sei o título, vol. xi, nova serie, p. 178); Robertson Smith, *Kinship and marriage* (já cit.), p. 17.

Quando estive no Egipto, em 1909, coligi lá estes apelidos arabicos: *tigre, lião, hiena, lóbo, camelo, raposa, gato, hipopotamo, rato, ave, corvo, pombo, aguia, doninha*. Na mesma ocasião falei com um orientalista que me indicou os seguintes nomes, também arabicos, de familia, ou apelidos, usados na Siria: *tigre, lião, leopardo, lóbo, liãozinho*.

Vejamos outros povos, ou de mediana cultura, ou selvagens. Em Sião usam-se nomes como *cão, porco, sanguessuga*¹. Nos Indios do Peru, nos Guaranis do Brasil e nos Caraibas dá-se á criança freqüentemente um nome de animal². Em seus *Ethnograph. Parallelen*, I, 169-170, enumera Andree muitos nomes semelhantes do Mexico, dos Peles Vermelhas, do Caucaso, etc. Nos Indios-Kitongas da Columbia Britanica: *formiga, andorinha, andorinha pequena, lóbo grande*: in *Zts. für Ethnologie*, xli (1909), 378 e 380. Na China a criança recebe um nome que é comum aos seus descendentes, e no fim do primeiro mês o segundo nome, tirado de um animalzinho ou planta³. Tão relacionado está na China o nome do animal com a pessoa, que não póde o animal ser sacrificado, por temor de que com a morte d'ele advenha mal a quem usa o nome: apud Schmidt, pp. 31-32.

Nos Ganguelas, tribu de Angola, dá-se ao recém-nascido «o nome de um parente vivo ou já morto, o qual nome tem sempre significação de plantas, utensilios, *animais*, etc.⁴. Nos Tuburis (Africa) o recém-nascido recebe ao terceiro ou quarto dia um nome como *cão, rôla, peixe*, a par de *montanha, ladrão, lume*, etc.⁵ Os reis e nobres de Dahomey costumam escolher cognomes emblematicos, correspondentes a nomes de animais⁶.

Seria muito facil aumentar estas listas, já escolhendo novos exemplos nas obras citadas, consultando obras diversas ou outras pessoas; mas para o meu intuito, que é provar a universalidade de apelidos ou nomes de origem zoologica, basta o que indiquei, e até será de mais, como já ficou ponderado.

¹ Ploss, *Das Kind*, I, 175.

² Id., *ib.*, I, 176.

³ Id., *ib.*, I, 177.

⁴ Ferreira Diniz, *Populações indigenas de Angola*, Coimbra 1918, p. 389.

⁵ Lamouroux, in *L'Anthropologie*, xxiv, 683-685.

⁶ Delafosse, in *Revue d'Ethnographie*, I, 90.

Quais as razões de todos esses apelidos e nomes? Elas variam conforme os casos, e também conforme os intérpretes.

Algumas vezes a significação nada tem obscuro. Os povos selvagens denominam os seus filhos, segundo circunstancias que acompanham o nascimento: se na ocasião d'este se vê um animal, se se observa um fenomeno da Natureza, ou se se dá certo acontecimento, escolhem o nome do acontecimento, do fenomeno, do animal¹: aqui o zoologico é apenas fortuito. No seu belo livro *Por terras de Angola*, Coimbra 1916, diz o S.^{or} D. João Evangelista de Lima Vidal, antigo Bispo de Angola e Congo, que os Pretos têm grande habilidade para observar qualidades comicas, e tanto que a um padre da Huilla, por causa dos seus passinhos miudos e rapidos, puseram a alcunha de *a doninha*². Os apelidos nascem pois muitas vezes de alcunhas, boas ou más, e assim explica Meynard muitos dos que acima se transcreveram da obra d'ele: *lôbo*, dado por irrisão a Mosailamah, p. 19; *Lião de Deus*, dado a um tio do Profeta, por causa da intrepidez com que defendia a religião nova, p. 36; *dragão* (animal fantastico), dado a Ibrahim, pela sua côr negra, e estatura alta, p. 63; e assim por diante. Diz Colebrooke que um companheiro do Profeta recebeu a *kúnyat* de *pai do gato*, por ser muito amigo de um gato que trazia consigo³.

Robertson Smith relaciona com o totetismo os nomes de animais das tribus semiticas⁴. Também Meynard alude vagamente a esta ideia, a p. 35 do seu citado trabalho. Como é sabido, *totemismo* (palavra de origem americana) exprime a ideia de que uma tribu ou grupo humano descende de um animal, vegetal e mais raramente astro, ideia a que se ligam outras, como proibição de matar o respectivo animal (*tabu*), usar como nome o d'este, etc.: mas Delafosse mostra que muitos grupos familiares de Africa se servem de nomes de animais não por estes serem *totemes*, mas por outros motivos que a lenda transmitiu⁵. Sem embargo, ha exemplos de

¹ Vid. os citados trabalhos: de Ferreira Diniz, *Populações indígenas de Angola*, pp. 389, 441 e 458; de Lamouroux, in *L'Anthropologie*, loc. cit.; de Ploss, *Das Kind*, p. 175 sgs.

² P. 58.

³ *Ob. cit.*, p. 188.

⁴ *Kinship and marriage* (já cit.), pp. 17, 189 e 218.

⁵ In *Revue d'Ethnographie*, 1, 98-99, num artigo intitulado «Des soi-disant clans totémiques de l'Afrique Occidentale».

se ligarem nomes zoológicos com superstições e com a religião: os nomes de animais que, como vimos acima, se dão ás crianças em Sião fazem que os maus espiritos as desprezem e não as persigam¹; certos nomes celticos, como *Artígenos*, *Urógenos*, *Brannógenos*, isto é, «filho de *urso*, de *uro*, do *corvo*», explicam-se por sentimento religioso, pois que esses animais eram sagrados ou divinizados². Á mesma classe pertencerão nomes germanicos antigos, como *Beowulf*, *Arnulf*, *Wolfram*, *Guntrano*, onde entram as palavras *Wulf* «lôbo» e *Rabe* «corvo», nomes de animais sagrados: Kleinpaul, que é quem diz isto, até intitula o respectivo capitulo: «Totemismus: die Wölfe und die Raben»³. Mas os nomes germanicos mais modernos que acima relacionei têm várias origens, que, segundo as ideias do mesmo autor, se podem classificar assim: 1) nomes provenientes de animais que figuram em brasões de familias, onde ha *liões*, *aguia*, *ursos*, *veados*, ainda que nem sempre se deve afastar a ideia de que certos animais, como *lebre*, *pata de lôbo*, *raposa*, *peixe*, se refiram (como alcunhas) a qualidades das pessoas a que esses nomes se applicaram⁴; 2) nomes que são claramente alcunhas, como *Ochsenbein* («perna de boi»), *Kalbfuss* («pé de vitela»), *Kuhfuss* («pé de vaca»)⁵; 3) nomes de Judeus alemães, de que tambem já falei, todos eles muito modernos, pois datam do sec. XVIII-XIX⁶. Apelidos, como *Storch* «cegonha», *Ochs* «boi», etc., podem ter provindo de insignias de casas, semelhantes ás que ainda agora se usam nas farmacias e estalagens, pois outr'ora as casas designavam-se por insignias, e não por numeros: vid. Kluge, p. 10, e Bähnisch, pp. 62 e 68. Em Karlsbad ha, por exemplo, como lá observei, uma farmacia que se chama *Adler-Apotheke*, com uma aguia por insignia. Todavia muitos apelidos designam, como fica dito, qualidades expressas por com-

¹ Ploss, *Das Kind*, I, 175.

² D'Arbois de Jubainville, *La Propriété foncière*, p. 339 sgs.

³ Vid. p. 49 sgs.

⁴ Pp. 111 e 112. A respeito de peixes cita exemplos modernos de applicação como alcunhas, e tambem o cognome latino *Murena*, de uma familia da gens *Licina*, porque um antepassado d'ela, segundo se diz, gostava muito de moreias.

⁵ P. 101.

⁶ P. 119.

paração com animais: Bähnisch, p. 71, o que não exclue que em certos casos seja ás vezes necessario seguir a historia do nome desde o comêço: p. 68. Apelidos relacionados com a heraldica são provavelmente tambem alguns suecos, como *Drake* (dragão), *Lejon* (lião), analogos aos nossos (cf. supra, p. 221: *Drago*).

Quanto aos nomes romanos, Usener relaciona com animais sagrados os gentilicios *Aquilius*, *Cervius*, *Porcius*, *Sueius*, *Suilius*, *Suellius*, *Ursius* e *Ulpus*¹, no que o segue W. Schmidt, *Die Bedeutung des Namens*, etc., p. 9. Contudo Schulze, p. 234, separa d'esta lista *Ulpus* (sem razão comparado por Grimm com *lupus* e *Wulf*), *Aquilius*, *Ursius*, *Sueius*, os quais (com ou sem motivo) explica pelo etrusco. Restam *Cervius* e *Porcius*, aos quais podem talvez acrescentar-se *Hirpius* (de *hirpus* = *lupus*), *Fircellius* (de *fircus* = *hircus*), *Bovius* e *Caprius*. Especialmente importantes, continúa Schulze, são os *Hirpii*, cuja significação religiosa se torna provavel pelo que sabemos dos *Hirpi* no culto de Apolo Soractino. Merecem do mesmo modo atenção, ainda que talvez illusoriamente, *Carnasidius*, *Parfidius* (etrusco *parfual*), *Parrius*, *Picidius*, *Corvio(s)*, que derivam dos nomes das aves augurais que figuram nas tabuas eugubinas (ou de *Iguvium*): *parfa*, *curnase peicu peica*, e em Plauto, *Asin.*, 260: *picus cornix corvos* (arc.) *parra*. Ao passo que Schulze, se bem o interpreto, se inclina aqui a pôr em conexão os nomes romanos com ideias religiosas, observa a p. 115, nota 2, que *Scrofa Vaccius Merula Pavo Pica Passer Parra* aparecem por gracejo na obra de Varrão, mencionada acima, com os quais compara *Ursus Aper Lupus*, de irmãos, e *Ursus & Lupus*, no *Corpus*, xiv, 4054 sgs. (os mesmos que acima copiei). Por outro lado o autor lembra na nota 1 da p. 234 que em *M. Porcius Aper*, no *Corpus*, II, 4258, e em *P. Vaccius Vitulus* (no *Corpus*, ix, 2827), os cognomes se relacionam com a significação real ou suposta dos gentilicios.

Dos nomes gregos coligidos por Fick, e de que acima extratei alguns, diz este autor: «Grande parte dos citados nomes, provenientes de animais, resultaram de alcunhas (*Spitznamen*), que successivamente passaram ao uso familiar. Os Gregos gostavam de chufar e de exprimir carícia com nomes de animais. Assim os Epirotas chamavam ἀετός «aguia» a Pirro, seu rei; menos lisonjeiro era o epiteto de κυνίον «cãozinho», dado a Zeuxidamo, rei de Esparta,

¹ *Götternamen*, Bonna 1896, p. 357.

ou o de ἀλεκτρών «galo», dado a Adaio, general de Felipe II . . Especialmente as rameiras é que estavam sujeitas a receber alcunhas d'estas, com frequência muito grosseiras»¹.

Creio que a mór parte dos nomes modernos, que no seu lugar enfileirei, provindos de povos da Europa e do Oriente, pertencem originariamente á mesma categoria de alcunhas.

Em verdade ha inúmeras provas, do passado e do presente, de se ridicularizarem ou afagarem pessoas com epítetos como os lembrados por Fick. Escuso de citar mais exemplos gregos. Em latim temos *asinus* «estupido», *bestia* (o mesmo), *columba* (expressão de affecto: *mea columba*), *capra* «pessoa esguedelhada», *capella* «pessoa pouco asseada», *porcus* «homem gordo e farto», *lupa* «mulher de má vida» (d'ái veio *lupana* «meretriz», e *lupanar*), *mus* (como insulto e carinho), *leo* «valente», *milvius* «ladrão», *cuculus* «adúltero», *musca* «curioso», «parasito». Em linguas romanicas: francês *âne*, *bête*, *bétise*, *colombe*, *sauter comme une chèvre*, *cochon*, *porc*, *perroquet* (que repete maquinalmente o que ouve), *renard*, *muet comme un poisson*, *être le coq du village*, *c'est un bœuf au travail*, *bécasse* «parvo», *baudet* «burro»; italiano *asino*, *bestia*, *volpe* (com manha), *civetta* «mulher garrida», *piccione* «simplorio»; hespanhol *asno*, *bestia*, *paloma*, *puerco*, *peje* «astuto»; romeno *turturica* «rolinha» (nome de affecto, dado a uma mulher querida), *puica mea* «minha franga» (expressão aplicada á namorada), *é tare ca un urs* «é forte como um urso». Em linguas germanicas: alemão *Ochs* (boi) «pessoa grosseira», *Taube* (pomba) «doce», «carinhoso», *Lamm* (cordeiro), o mesmo, *Schaf* (ovelha) «páteta», *Hase* (lebre) «cobarde», *wie ein Fisch im Wasser* «como um peixe em agua», *Rehaugen* «olhos de corça», isto é, meigos, *Wandervögel* «aves de arribação», nome dado a grupos de rapazes que em dias festivos ou feriados vão em excursões para o campo, e voltam á noite cantando,—como observei em Berlim em 1922 (cf. o apodo *ave de arribação*, usado tambem em Portugal: p. 204); inglês *calf* (vitela) «tolo», *dog* (cão) «folgação», «velhaco», *goose-cap* (barrete de ganso) «tolo»; sueco «ele morreu como viveu, isto é, *som ett svin*, como um *porco*», *from som ett lam* «doce como um *cordeiro*», *han äter som en varg* «ele come como um *lôbo*»; em cheque ou txeque «ter fome como um *lôbo*», «forte como um *urso*», *pombinha* (nome de mulher formosa);

¹ *Ob. cit.*, pp. 323-324.

em ruteno da Galicia ou *petit-russien* «come como um *porco*», «minha *pomba* (= minha namorada)», «robusto ou gordo como um *urso*», «anda como uma *tartaruga* (= de vagar)», «teimoso e preguiçoso como um *burro*»; em finlandês «faminto como um *lôbo*», «estupido como um *carneiro*», «calças de *lebre* (= timido)».

De comparações e metáforas extraídas do reino animal para exprimir qualidades físicas e morais do homem tratou abundantemente R. Riegler em *Das Tier im Spiegel der Sprache*, Dresda e Leipzig 1907 (livro cuja menção vem aqui muito a proposito): o macaco, o lince, o lião, a raposa, o rato, a lebre, o grou, o cuco, o melro, o sapo, a enguia, o grilo, etc.: *cieco come uma talpa, víf comme un écureuil, pájaro gordo, filho de peixe sabe nadar*, e, além d'estas linguas, também em alemão, inglês, latim, grego e outras. O mesmo A. ocupou-se in *Wörter und Sachen* de nomes zoológicos que exprimem embriaguez, por exemplo, *perua*, vi, 194 sgs., e perturbações do espirito, vii, 129. Á embriaguez em especial consagrou Schuchardt uma nota in *Zts. f. rom. Philol.*, xxxv, 737-738. Vid. também L. Sainéan, *La création métaphorique*, Halle 1907, acêrca do *cão* e do *porco* em romance —, com um appendice acêrca do *lôbo*, da raposa e dos batraquios. Nos mencionados trabalhos citam-se mais alguns, concernentes ao mesmo assunto.

Pela força das circumstancias fui forçado a seguir na parte comparativa metodo inverso d'aquelle que segui na parte portuguesa, onde, para chegar aos apelidos, parti de frases da lingua usual. Como nos apelidos estrangeiros as origens são multiplas, e eu só tinha de me fixar nas alcunhas, deixei-as para o fim; era pois só também no fim que eu podia justificá-las.

OUTROS APELIDOS NOSSOS SUBORDINADOS AO REINO ANIMAL

Subordinados ao reino animal estão os apelidos *Leite*, *Aljo-farinho*, e *Mel*, de que vai tratar-se em seguida.

— *Leite*:

Por este ser um dos meus apelidos, compreende-se que o estudasse com particular curiosidade. Cheguei á conclusão de que na origem foi também alcunha.

Já em 1258 figura nas *Inquisit.*, p. 556, um Petrus *Leite*, de Guimarães, como senhor de várias propriedades no Minho: «in Chousal Petri Leite 1 leira, .. unus campus, et est ipsius Petri

Leite; et in *Agra Petri Leite 2 leiras*». Em papéis da minha própria família encontro *Alvaro Hanes Leite*, como tronco da mesma, no sec. xv ou xvi, e menção de muitos descendentes d'ele até o sec. xix.

Na *Armaria*, de Braamcamp Freire, pp. 261-262, fala-se de *Leite* em dois paragrafos: apelido antigo, e apelido moderno, aquele documentado no sec. xvii, este do sec. xvi ao xviii. Hoje usa-se bastante.

Sem pertender tratar da parte genealogica, destrinchando as famílias que usam o apelido, importar-me-hei somente da parte filologica.

Para mostrar que ele foi realmente alcunha na origem, indicarei de antemão o que se passa na lingua corrente, como a proposito de outros apelidos tenho feito. Na lingua corrente a palavra *leite* emprega-se muitas vezes na acepção metaforica de «brancura», «suavidade»: *faces leitosas* (*Novo Dicionario*); em latim, *lactea colla*, em fr. *blanc de lait*.

A poesia popular tem para o nosso caso importancia especial, como consta das seguintes canções:

1. Sois branquinho coma o¹ leite,
Ingrato coma o *medonho* (medronho);
Sois um feitichinho de alma,
Com quem toda a noite sonho.
2. Sois branquinho coma o leite,
Ao leite pagais tributo:
Com outra impondes o tempo²,
Comigo nem um minuto!
3. Sois branquinho coma o leite,
Còrado coma a³ geada:
Sois uma estrela brilhante,
Que nasce na madrugada.

¹ Pronuncia-se *comò*.

² Á letra: fingis que gasteis o tempo; mas quer-se dizer: gastais o tempo, e bem mal empregado!

³ Soa *comd*.

4. És claro (lêde: *kelaro*) coma o leite,
Còrado coma a cebola;
Carinhos, quantas tu quêras,
Casar contigo... xô-rôla!
5. Ó João, ó Joãozinho,
Cara de leite coado (muito clara):
Se tu não fôsses meu primo,
Já te tinha namorado!
6. És clara (lêde: *kelara*) coma o leite,
Còrada coma a palmeira;
És apalpada de todos,
Como o figo na figueira...

As cantigas, 1.^a, 2.^a e 3.^a colhi-as no concelho de Melgaço; a 4.^a ouvi-a a uma rapariga das Galveias; as cantigas 5.^a e 6.^a colhi-as em Tolosa (Alto-Alentejo). As primeiras são, como se vê, postas em bôca de mulher; a 6.^a na de um despeitado. Nas Velas (ilha de S. Jorge) e em Vila Franca de Campo (Ilha de S. Miguel) ouvi muitas vezes a cantiga 5.^a, ora aplicada a *José-Josêzinho*, ora a *Antonio-Antoninho*; exceptuando os nomes, o resto é como cá. A mesma cantiga 5.^a a ouvi a uma pessoa das Galveias, que dizia o 1.^o verso: *Ó José, ó Josêzinho*, e substituiu o 4.^o por: *Éras o meu namorado*. Outra canção que colhi em Melgaço, e que me informaram se cantára num desafio, soa assim:

Ó minha pequerruchinha,
Roubastes a côr ao leite ...
O que te pôs nesse estado (de gravidez)
Agora que te aproveite! (= que case contigo),

onde se entende que a rapariga tinha a côr palida de quem está grávida: por consequência a côr do leite serviu aqui de comparação, embora com inferior graça. Variante da referida canção é:

Ó minha descòradinha,
Roubastes a côr ao leite:
Olha lá na tua cama
Se ha lugar onde me eu deite ...

ouvida a uma pessoa de Nelas, que interpretou assim o 2.^o verso: *ficastes* (por *ficaste*) branca como o leite, de còrada que eras

d'antes. Em Cabaços (Alvaiázere), quando alguém anda muito desmaiado, diz-se: aquele, ou aquela, é um *leite assernado*, isto é, que esteve ao *sereno* da noite; noutras terras, no mesmo sentido, diz-se que a pessoa está *deslavada*.

Chamar portanto *leite* a alguém de rosto alvo e delicado, e talvez também de rosto palido, entraria na mesma categoria de fenómenos que temos observado no decurso da presente secção. A comparação ou *simile* transformar-se-ia em alcunha, e a alcunha em apelido.

De facto, num documento de 1296, *RL*, ix, 274, menciona-se um «logo (lugar) que chamã *Leyte Coyto*», em Alvisquer, talvez no Ribatejo. Este nome topografico proveio do de um antigo proprietario, de alcunha ou apelido-alcunha *Leite Coito*, «leite fervido», do lat. *coctus* (ainda hoje em hespanhol ao leite fervido se chama *leche cocida*). Também num documento de 1335, *AP*, xviii, 109, 112, se lê: João Martins *Leite Coito*, da aldeia do Mosteiro, aro de Alcobaça: *Leite Coito* é claramente alcunha. Em conformidade com isto, temos ainda no concelho de Torres Novas a alcunha de *Leite-Creme*, como se lê no *Povo de Alcanena* (jornal), de 23 de Dezembro de 1906. Não é forçoso que certa alcunha se transforme sempre em apelido. Por outro lado, a passagem de alcunhas a apelidos não se faz ao mesmo tempo em todos os lugares: quando nuns ainda uma palavra se *sente* como alcunha, já noutros se *sente* como apelido. Foi por isso que o usar-se na actualidade *Leite* como apelido não obstou a que em Alcanena se criasse a alcunha de *Leite-Creme*, e que anteriormente aos citados documentos medievais de 1335 e 1296, em que *Leite* servia de alcunha, ou alcunha-apelido, já nos apparecesse, em 1258, no Norte, um *Pedro Leite* (e nele venero a mais antiga pessoa, que, quanto sei, usou o meu apelido predilecto...).

—*Aljofarinho* :

Num dos episodios das nossas guerras de Africa, no primeiro quartel do sec. xvi, figurava Vasco Lourenço *Aljofarinho*, como consta dos *Anais de Arçila*, i, 71.

Neste individuo, ou em algum dos seus antepassados, descobriu-se qualquer qualidade, pela qual foi comparado a perolas miudas, ou aljofar, ainda que não a podemos claramente determinar.

Aljofar, variante *aljofre*, é palavra de origem arabe, que está muito documentada no *Diccionario* da Academia e no *Glossario*

luso-oriental de Monsenhor Sebastião Dalgado. Corresponde-lhe em latim *margarita* (variante *margaritum*), grego *μαργαρίτης*: cf. supra, p. 46.

— *Mel*:

O apelido de *Mel* conheço-o só de um documento de 1337, AP, xviii, 112: Pedro Eanes *Mel*. O Ab.^e de Miragaia, no seu *Diccionario*, tambem o menciona, mas sem indicar se é antigo, se moderno. Que este apelido provém de alcunha, é evidente, ou ela nascesse de indústria exercida por um individuo a quem os vizinhos assim chamaram, ou mais provavelmente de metáfora: meiguice de alguém comparavel á doçura do mel, nas maneiras ou na voz; cf. *Agua-mel*, infra, p. 271. Da indústria do mel vimos a p. 189 que nasceram os apelidos-alcunhas *Mêleiro* e *Mêleira*; por isso preferi a segunda hipotese. Em apoio d'ela temos uma canção popular alentejana, dirigida por uma rapariga a um rapaz, a qual canção começa assim: *Tu é que és o mel coado*, e outra, provinda de Montalegre, em que um rapaz, ao invés, chama *favo de mel* a uma rapariga. Numa canção de Oliveira do Hospital diz-se que as *falinhas dos homens* são de *mel*. E tambem temos adagios, como:

Quem com mel trata, sempre se lhe apegá;
Fazei-vos mel, comer-vos-hão as môscas;
Bôca de mel, mãos de fel (ou: coração de fel):

que vêm em Bento Pereira e Bluteau, e a que correspondem noutras linguas romanicas expressões como: *haceos miel, y paparos han las moscas; mele in boca e coltello in mano; c'est tout sucre et tout miel*; e já em latim *mel destillare labia . . et postea felle amarius invenitur*, ao que corresponde em alemão *Honig im Munde, Galle im Herzen* («mel na bôca, fel no coração»), em Otto, *Sprichwörter der Römer*, p. 218.

b) Alcnhas expressas por comparação com o reino vegetal.

Compreende-se que, assim como ha alcunhas deduzidas da fauna, as haja da flora, porque muitas relações se estabelecem tambem entre o homem e os vegetais, ainda que não tantas como as que se estabelecem entre o homem e os outros seres da escala zoologica.

A uma pessoa que é leviana, isto é, que tem a cabeça leve, chamamos *cabeça de avelã*, por a avelã ser pequena, globulosa e dura como o crânio, e estar em árvore alta, á maneira da cabeça humana na parte superior do corpo. Um cabelo louro esbranquiçado, de pessoa nova, ou um cabelo já branco dos anos, é comparavel a *uma estriga de linho*: efectivamente não só a comparação não pôde ser mais exacta, mas a indústria do linho, ainda hoje vivaz em algumas terras, teve outr'ora grande desenvolvimento, o que fazia que a planta fôsse facilmente lembrada. Quando se corta o cabelo a uma criança, costuma dizer-se-lhe: *agora já tens o melão pelado*, e dá-se-lhe um piparote. Também é expressão graciosa, arquivada no *Dicc.* de Fr. Domingos Vieira: *em melão* = estar com a calva á mostra.

Quem compara a cabeça e cabelo com plantas ou frutos não deixaria de incluir na mesma serie as barbas: uma barba desageitada é uma *barba d'alho*, pela semelhança que se achou entre ela e as raízes do alho. Por brincadeira costuma no Entrudo um máscara vestido de velho pôr *barbas de estopa*. Vid. sôbre estes pontos *A barba em Portugal*, pp. 129-131, e 111.

Ao relêvo da face, por baixo do angulo externo de cada olho, relêvo causado pela saliencia do osso malar, chamam os Franceses *pommette*, deminutivo de *pomme*, «pomo» ou «maçã», por causa da parecença que o relêvo, quando côrado, tem com este fruto. Em português: *maçã* do rosto, ou em sentido mais popular *maçã da cara*, no plural *maças do rosto* ou *da cara*. O adjectivo *malar*, posto que pareça dever relacionar-se por isso com o latim *malum* «maçã», relaciona-se com *mala*, que significa «maxila» e «bochecha», e «face». De facto o latim *malum* não tinha a significação metaphorica que tem «maçã» em português, e «pomme» em francês. Os medicos portugueses do sec. XVIII chamavam ao osso malar *pomulum*; depois disseram *osso do pomo*: vid. J. A. Serrano, *Osteologia*, 1, 528. O D.^{or} Serrano, sem discutir o etimo, observa porém que Monro já notára que o lat. *malae* e em Celso, escritor romano, que tratou de Medicina, designava a maxila superior na sua totalidade: *ob. cit., ibidem*. De quem tem côr esverdeada no rosto, por doença, o que acontece, por exemplo, nas do figado, diz-se: *está quasi da côr das ervas*. Um doente de ictericia, doença que produz amarelidão na pele e nas conjuntivas, está *amarelo como o açafraão*. Alguem de rosto macilento: *amarelo de côr de palha de centeio*. A este proposito podia citar um conto popular em que um dos protagonistas, para se fingir morto, se defumou com fumo

de palha. Faces sanguineas, pelo contrário, são faces *rosadas* ou *côr de rosa*. Para os Algarvios uma pessoa *côrada* é-o *que nem um péro de Monchique!*

Terçó ou *terçol* designa um tumor inflammatorio que se produz vulgarmente no bordo ciliar da palpebra. Na Medicina recebe esta afecção o nome mais scientifico de *hordéolo*, do lat. *horděolus*, que possui a mesma significação. Ora *hordeölus* é deminutivo de *hordeum*, que significa «cevada», porque o tumor se parece com um grão d'este cereal: os Franceses chamam *orgelet* ao tumor, por *orgeolet*, palavra derivada de *orgeol*, vindo igualmente de *hordeölus*. Se os Romanos e os Franceses, com outros povos (os Alemães dizem, por exemplo, *Gerstenkorn* = «grão de cevada») compararam o tumor com a cevada, nós comparámo-lo com o trigo, lat. *triticum*: e de **triticeölum*, deminutivo do adjetivo *triticeus*, fizemos *terçol* e *terçó*: vid. D. Carolina Michaëlis, in *Miscellanea* Caix-Canello, p. 158, § 43; e o meu livro *A figa*, p. 14. O povo transforma modernamente a palavra em *tres só*.

Mais que, pela doença, figuram os olhos na linguagem imaginosa do povo, pela *côr*, pela abertura palpebral, ou pelo volume do globo. «Tens os olhos tão pretos que parecem uma *ervilhaca*»: é modo de dizer algarvio, porque a semente da ervilhaca é escura. Aqui os olhos foram tratados sem delicadeza, mas na poesia popular encontramos canções apuradas, como estas de Trás-os-Montes, Alentejo e Douro, em A. Th. Pires, *Cantos popul.*, II, n.º 2668, n.º 3499 e n.º 4173:

Os meus olhos não são pretos,	{ Olhos de <i>azeitona preta</i> ,
São da <i>côr da verde cana</i> :	{ De amarem é sinal certo:
Ainda que são pequenos,	{ Se ao longe nos metem medo,
São leais a quem os ama.	{ Captivam vistos de perto.

Tendes dois olhos na cara
Que parecem *duas flores*:
S'eu assim tivera os meus,
Já não stava sem amores.

A abertura palpebral constitue character anthropologico que varia com os povos. Nos Chineses, por exemplo, e noutros povos de raça mongolica os olhos são pequenos e de *fôrma de amendoa* ou obliquos, ao passo que nos Europeus são muito abertos; mas como em tudo ha excepções, tambem ás vezes se encontram entre nós, fisiologica ou patologicamente (*mongolismo*), olhos ras-

gados para os cantos, e de uma pessoa que assim se apresenta dizem no Algarve, terra de amendoeiras: *aquele* ou *aquela* tem os *olhos de talho d'amendoa*, coincidindo assim o falar do povo com a nomenclatura dos antropólogos.

Aplicada á fôrma do globo ocular, ha uma cantiga bastante sarcastica, que um namorado dirigiu com despeito á sua namorada, ou vice-versa:

Tendes dois olhos na cara,	}	Tendes bôca de charrôco,
Que parecem dois marmelos:	}	Beijos de apanhar farelos ...

isto é, beijos de burro ou de outro animal a que se dão farelos a comer.

Á ponta do nariz, principalmente quando desenvolvida, chamamos correntemente *batata*. Já se entende que esta expressão não é muito antiga, pois que as batatas se introduziram na Europa depois do descobrimento da America, d'onde vieram. Ao nariz vermelho de uma pessoa idosa ou ebria, ou affectada de eritema ou de outra doença, chama-se nariz *vermelho como um pimentão*, e a par *batata encarnada*. Visto que o pimenteiro tambem veio da America, parece que os Americanos porfiaram em cultivar nas suas hortas plantas que servissem para bätizar com satiras os narizes de Portugal.

A uma pelicula que nasce ás galinhas debaixo da lingua chama-se *pevide*, e d'aí vem talvez o dizer-se de uma pessoa, que fala muito, que *não tem pevide na lingua*, e de uma que troca o *r* por *l*, que é pevidosa. A respeito da bôca de uma rapariga diz uma canção alentejana, em A. Th. Pires, *Cant. pop.*, II, n.º 4311:

Tua bôca me parece	}	Tenho visto bôcas lindas,
Um <i>botãozinho de rosa</i> :	}	Mas nenhuma tão airosa,

cantiga que assenta na expressão vulgar: *bôca fechadinha como botão*.

Faz-se no Algarve, provincia tambem rica de figueiras, uma lambarice que, segundo se vê do *Boletim de Etnografia*, n.º 1, pp. 22-23, consiste em um figo espalmado e enfeitado com amendoas descascadas e sem pelicula, isto é, muito brancas, lambarice que se chama *estrela de figos*. D'aqui vem o dizer-se de uma pessoa que tem os dentes saídos: «olha que *estrela de figos* que aquella ou aquele leva na bôca». Tem-se em conta, já se vê, a alvura das amendoas.

Os seios da mulher são pelo povo comparados a laranjas, marmelos e melancias ou *belancias*¹. Também já lhes ouvi chamar *margaridas*. Quando a uma menina vão crescendo os seios diz-se: «já tem *laranjas* ou *belancias* bem boas!», ou «já vão crescendo as *laranjas*!». Uma cantiga da Mexilhoeira Grande soa assim:

Eu tenho quatro vintens,
Com 10 reis são quatro e meio,
P'ra comprar as *belancias*
Que as moças trazem no seio.

É bem sabido que as mulheres do Norte (sobretudo no Minho) e da Beira (sobretudo na Alta e na Ocidental) são mais fartas d'elles, do que as de outras provincias: por isso voga no Algarve este dizer a respeito de uma mulher de poucos seios: que o seu peito *parece uma taboa de tender pão*, e que *se póde correr por cima um cepilho* (instrumento de alisar a madeira).—O arredondado dos seios da mulher fez que na poesia literaria se use muito a palavra *pomas* ou *pomos* para os designar. *Poma* não é mais que o plural do lat. *pomum*, tornado feminino do singular. *Taboa do peito*, além da significação que acima vimos, tem a geral de «torax».—Na vaca e no boi chama-se *maçã do peito* a carne do principio ou do fim do peito, mais gostosa e mais gorda: vid. *Vocabulario* de Bluteau, s. v. «maçã».

É curioso que, designando-se ás vezes as cousas da Natureza com metáforas extraídas do corpo humano, as mesmas metáforas se tornem a aplicar a este. Assim o eixo ou sustentaculo de uma ginja ou de outro fruto chama-se em Botanica *pedunculo*, diminutivo do lat. *pes*, *pedis*, por *peduculus*, e na nossa lingua quotidiana *pé*, por ser o pé humano sustentaculo do corpo. Ora na seguinte canção meridional dá-se, ás avessas, o nome de *pé de ginja* a uma mulher de pé pequenino:

Chamaste-me <i>pé de ginja</i> ,	}	Não sou bonita, nem feia,
Não serei tão delicada:	}	Nem em ti mal empregada!

¹ Em muitas terras o povo diz *belancia* por *melancia*: vid., por exemplo, *RL*, II 246, v 171; e já assim, pelo menos, no sec. XVIII (texto em D.^{or} Baião, *Episodios*, II, 185, repetidamente). A par diz *belanciga* na Beira, no Douro, etc.

Acabamos de percorrer, posto que de fugida, certo numero de regiões ou partes do corpo humano, desde a cabeça até os pés, e incidentemente notámos uma doença nas palpebras ou *terçó*. Na Dermatologia, ou estudo das doenças cutaneas, costumam os medicos empregar, para as designar, varios termos relacionados igualmente com a Botanica. Alguns tambem originarios do povo: *figos* (sicose), *miliar* (*acne miliar*), *miliun* (idem), *roséola* (sífilide), *urticaria* (bertoeja): cf. Bernardino A. Gomes, *Ensaio dermosografico*, Lisboa 1820, indice.

Certas molestias cutaneas, que o povo denomina de modo vago *empingens*, cura-as ele com uma fórmula magica; mas para evitar que se alastrem, diz *figueiras* em vez de *empigens*. É um modo de enganar os espiritos maus, como noutros casos acontece. *Figueira* tornou-se quasi sinonimo de *empigem*.

As doenças póde juntar-se *caroço*, que tem duas significações patologicas: goma escrofulosa, que se manifesta sobretudo no rosto, no pescoço e nos membros; e um tumor duro dos seios femininos, como fibroma, cirro, etc.

A tudo o que fica exposto acrescenta-se que uma pessoa que está muito cansada, muito moida, diz: *estou que nem uma cebola!* E uma pessoa muito magra diz-se que parece um *espinafre!* (cf. infra). A um velho tropego chama-se por irrisão *ginja*, o que tambem se infere do seguinte verso do *Diario Secular*, de José Pedro Soares, Lisboa 1794, p. 96:

Ginjas, que estimão só antiguidades...

Em Aveiro, etc., por *um ginja* entendem, a par, «um bolas». Uma pessoa, que treme muito, *treme como varas verdes*. Uma pessoa perspicaz, *é um alho*. Em calão, *marmelo* vale o mesmo que *marmanjo* (por causa da homofonia das silabas iniciais).

Usam-se outras comparações familiares, por exemplo: *gordo como um nabo*; *são como um pero*, ou, por ironia, *como um pero podre* (Algarve); *fresco como uma alface*; *vermelhinho como uma cereja* (Melgaço); *magrinho como um figo* (ibidem); *engelhado como um figo passado* (Aveiro). No *Anathema*, de Camilo, 7.^a ed., p. 13, diz-se de um menino, que *estava espigadinho como uma couve troncha*. A uma criança chama-se vulgarmente tambem *repolho*, *repolhinho*, e creio que, na Beira, *botelho*, *botelhinho*, e tambem *marmelo*. Sei de um collegio de rapazes, onde era costume chamar *espinafre* a um aluno magro. *Pimpolho*, no sentido

de «rapazinho», e rapaz *espigado*, por «desenvolvido», são expressões da lingua corrente. A proposito de *botelho*, lembrarei uma cantiga de Baião, que começa:

Cuidavas q'eu que te q'ria,
Ó meu *botelho* aganado...

onde *botelho* se refere, ironicamente, a um adulto (a cantiga sai na integra no meu 3.º estudo da linguagem de Baião, *Opusc.*, II). «Eu era uma *vergastinha* delgadinha», expressão que ouvi uma vez em Braga a uma mulher, que queria declarar que em certa ocasião andava muito magra. Em compensação, por *abobora menina* designa-se vulgarmente uma mulher muito gorda, o que também se infere d'este verso do *Diario Secular*, p. 98:

Aboboras, que *velhas*, são meninas,

Cf. Ἀποκολοκύντῳσις = *Apocolocyntōsis*, titulo de uma obra satirica, attribuida a Seneca, o Filosofo, que significa «metamorfose em abobora».

Na poesia popular a mulher é constantemente o cravo, a flor, a laranja, a maçã camoesa, o manjaricão, a pera parda... Vid., além das canções já transcritas, os *Cant. pop.*, de A. Th. Pires, vol. II, *passim*. O homem figura do mesmo modo nela, a serio e por zombaria:

Manuel, Manuelzinho,	{	Trazeis vosso pai descalço,
Olhos de <i>milho miudo</i> :	{	Vós vestido de veludo!

cantiga que ouvi no concelho de Coura, do qual diz outra com toda a exactidão: «Terra do milho miudo, | *Alimento* dos pardais». Por isso se compreende bem a imagem poetica expressa nos versos.

Ó José, <i>pinheiro manso</i> ,	{	Antes te quero a ti,
Ó minha sombra de v'rão,	{	Que mil cruzados na mão,

cantiga que colhi em Melgaço, e se vê que é antiga, por causa dos *cruzados*; que expressam aqui medida de valor, como d'antes se fazia. A uma mulher do Algarve ouvi este ditado, não sei se popular, se individual:

Esteja a pera na pereira, e não apodreça,
Não faltará tempo de haver quem a mereça,

que serve de consôlo a uma rapariga a quem o namorado deixou.

A poesia culta, como é natural, não fica inferior á poesia popular, em imagens, onde a mulher desempenha papel brilhante. Para não alongar um assunto que todos conhecem, basta transcrever um soneto camoniano (o n.º 28 na ed. de Barreto Feio & G. Monteiro):

Está-se a Primavera trasladando
Em vossa vista deleitosa e honesta:
Nas belas faces, e na boca e testa,
Cecens, rosas, e cravos debuxando.

De sorte, vosso gesto matizando,
Natura, quanto póde, manifesta
Que o monte, o campo, o rio, e a floresta
Se estão de vós, Senhora, namorando.

Se agora não quereis que quem vos ama
Possa colher o fructo destas flores,
Perderão toda a graça os vossos olhos:

Porque pouco aproveita, linda Dama,
Que semeasse o Amor em vós amores,
Se vossa condição produz abrolhos.

Ficam d'este modo mencionados estados fisiologicos e patologicos, qualidades boas, defeitos, e partes do corpo, que na linguagem usual se exprimem a cada passo por comparação com o reino vegetal. Muitas das palavras e expressões do genero das indicadas, e outras analogas, applicam-se constantemente como alcunhas e apelidos. Vejamos exemplos:

LISTA DE ALCUNHAS E APELIDOS TOMADOS DA BOTANICA

- Abobora*, alcunha em Nisa.
- Abrunho*, alcunha no Alto-Alentejo.
- Alface*: o *Alface*, alcunha antiga em Viseu. Cf. *Alfacinhas*, alcunha dos Lisboaetas, e o que digo a tal respeito no meu opusculo *Epiphania Dias*, Lisboa 1922, pp. 41-42.
- Alho*: Fernand' Afonso dito *Alho*, sec. xv: *Chancelarias*, I, 286.—Vid. *Lombo d'alhos*, infra.
- Ameixoa*, alcunha em Nisa.
- Bago d'uva*, alcunha, algures.

—Fulano *Barva d'alto* (= alho), 1220, nas *Inquisit.*, algures; cf. *Petrus Barvalho* ou *Barvalio*, *ib.*, pp. 75 e 169 (= *Barb'alto*, como creio). *Bigodes d'esparto*, alcunha de um Algarvio, por serem louros os pelos.

—*Batata*, alcunha no Alentejo. No Algarve havia um homem chamado o *Batata*, por ter atrofiados os dedos de uma das mãos, os quais estavam substituídos por nódulos que o povo denominava «batatas».

—*Bolêto*, apelido em Aldeia Galega, em Coruche, e Évora, já testemunhado desde o sec. xvii em inscrições sepulcrais, como me informa o D.^{or} Ferreira de Mira. Talvez masculino de *Bolêta*, que de facto é também apelido antigo.

—*Bolota*, alcunha de certa família, a que pertencem indivíduos que «têm os polegares curtíssimos, e ovoides como o fructo daquele nome»: vid. D.^{or} J. A. Pires de Lima, *Anomalias dos membros nos Portugueses*, Porto 1927, pp. 10–11. Certamente veio d'isto a alcunha, como observa o autor.

—*Botelho*: Pero *Botelho*, nas *Linhagens*, p. 177; ou Pero Martins *Botelho*, p. 296; Joham Martins *Botelho*, irmão. Era pois alcunha de família. No sec. xvi: Pero *Botelho* e outros; *AHP*, II, 137. Hoje apelido usual.

—*Bugalho*: Ruy Paes *Bugalho*, 1289, *AHP*, IV, 7. Ruy *Bugalho*, nas *Linhagens*, p. 160, onde é alcunha-apelido. Hoje apelido (*Bogalho*).

—*Cabaço*: «Fulano, o *Cabaço* d'algunha» (Cristão-Novo), 1751: *Mem. de Bragança*, v, 52. Também apelido moderno (Extremadura).

—*Carôço*, apelido no Alentejo.

—*Carqueja*: Martinus *Carcasia*, sec. xiii, *Inquisit.*, I, 499. Também apelido moderno (Porto), e alcunha (Nisa e Lisboa).

—*Carrasco*: Joham *Carrasco*, pedreiro, 1508, em *O Paço de Cintra*, do C. de Sabugosa, p. 236 (doc.). A proposito de *carrasco* ou *carrasqueiro*, planta, diz Bluteau, *Vocabulario*, s. v.: «desde o tempo de Belchior Nunes *Carrasco*, que na cidade de Lisboa era algoz, chamou o vulgo aos algozes *carrasco*». Temos pois uma alcunha transformada em nome comum.

—*Castanha seca*, alcunha no distrito de Coimbra.

—*Castanheiro*: Martim *Castanheiro*, sec. xiii, *Leges*, p. 727. Apelido vindo de alcunha, a qual existe também hoje em Nisa.

—*Cebola*: «F. F. *Cebola*» (Cristão-Novo), 1713: *Memorias de Bragança*, v, 161, alcunha nos Açores: *Archivo dos Açores*, xiii, 229; apelido em Lisboa: vid. *Anuario Comercial*.

— *Cenoira*: Joham Rodryguez *Cenoira*, nas *Linhagens*, pp. 202 e 298, individuo natural de Vera (em Portugal ou na Hespanha).

— *Centeo*: «huū Joham *Centeo*, sec. xv, *Chancelarias*, I, 553. Cf. *Pam-Centeo*, p. 271.

— *Cerejo*. Conheci na Beira um individuo assim apelidado. Parece ser o masculino de *Cereja*. É possível que na origem se applicasse *Cereja* como alcunha de uma mulher, e que depois um filho se chamasse *Cerejo*. Cf. *Laranjo*.—A palavra *cerejo* só a conheço num ditado: «Do castanho ao *cerejo* || mal me vejo; do *cerejo* ao castanho || bem me avenho», onde *cerejo*, de *cereja*, foi provocado pelo genero de «tempo», subentendido. Cf. *Opusc.*, III, 89.

— *Chaparro*, alcunha em Nisa.

— *Cogominho*: vid. *Linhagens*, p. 211; e Vilasboas, *Nobiliarquia*, p. 264. Nas *Dissert. Chron.*, I, 271, figura um Fernando Fernandi *Cogominho* em um doc. de 1268, onde *Cogominho* é alcunha (talvez porém geografica: cf. supra, p. 179). Do lat. *cūcumis* «pepino», isto é, **cucumīnus*. (A palavra *cogombro* vem de **cucumerus*, que assenta em *cucumber*, -eris).

— *Cravinho*, apelido no Algarve.

— *Cravo*: Meem *Cravo*, *Linhagens*, p. 300, ou de *cravo* = prego.

— *Ervilhom*: Pero Martins *Ervilhom*, nas *Linhagens*, pp. 205 e 299, onde se vê que é alcunha.

— *Fava*: Gonsalvus *Fava*, sec. XIII, *Inquisit.*, p. 625, onde pôde considerar-se apelido, embora vindo de alcunha. É também apelido moderno. Como alcunha moderna conheci *Fava-sêca* (Beira).

— *Favela*, apelido em S. Miguel (Açores). Parece ser derivado de *fava*.

— *Favinha*: Antonio Manuel *Favinha*, seu filho Sebastião Alexandre *Favinha* (Alentejo). Apelido: *DN*, de 11 de Abril de 1922.

— *Feijão*, alcunha moderna («o *Feijão*»), e apelido.

— *Figueiras*: Joaquim *Figueiras*, por ter a cara cheia de *figueiras* ou empigens (vid. supra, p. 258), Algarve.

— *Ginja*, apelido que vi escrito numa tabuleta em Coimbra. Também sei de Manuel Francisco *Ginja*, em Runa (apelido, não alcunha).

— *Laranja cascarronha*: creio que é alcunha algures.

— *Laranjo*, apelido usual. Parece ser masculino de *laranja*. Talvez originariamente *Laranja* fôsse apelido de mulher trans-

mitido a um filho na fôrma masculina. Cf. *Cerejo*.—A palavra *Laranja* existe tambem na lingua usual, como nome-proprio de boi, causado pela côr. Não negarei que de côr pudesse tambem originar-se o apelido.

—*Lirio*, alcunha (dada a certo individuo, por causa da sua delicadeza fisica e moral).

—*Lombo d'alhos*, alcunha de Gonçalo Eannes, 1303: apud Viterbo, *Elucid.*, s. v. «cerome».—Vid. *Alho*, supra.

—*Malva*, apelido.

—*Marmelo*, alcunha em Nisa.

—*Melancia*, alcunha nos Ginetes (Açores): vid. *Rev. Michael.*, 1, 58; tambem em Nisa.

—*Melão*, alcunha nos Ginetes (Açores): vid. *Rev. Michael.*, 1, 58.

—*Milho*, apelido em Lisboa: José Alves *Milho*.

—*Murta*. No *Almanach* de 1792 figura entre os negociantes estrangeiros de Lisboa, p. 545, Antonio *Murtta*; no de 1807, *Antonio Murta & Filho*, p. 513. O moderno apelido *Murta* viria pois de fóra? Por outro lado, ha várias terras com o nome de *Murta*.

—*Nabiça*, alcunha ou apelido de um cego-cantor, da Maia, muito conhecido no Norte (sec. xix).

—*Palha*: Petrus *Palia*, sec. xiii, *Inquisit.*, 1, 5, e Pero *Palha*, nas *Linhagens*, p. 383: apelido ou alcunha-apelido. Cf. jograis de apelido ou alcunha *Palha*, na Hespanha (ou, pelo menos, na Galiza): D. Carolina Michaëlis, *Canc. da Ajuda*, II, 981; e M. Pidal, *Poesia jugralesca*, p. 147. No sec. xvi, Francisco *Palha*, *AHP*, II, 157. Apelido moderno tambem.

—*Pepino*, alcunha em Espôsende: vid. S. Vieira, p. 14.

—*Pernas de abobora*, alcunha em Elvas.

—*Pimenta*, apelido.

—*Pimentel*: Petrus Martini *cognomento Pimentel*, 1252, *Dissert. Chron.*, 1, 267 (acêrca de *cognomentum* vid. adiante, Liv. II, cap. iv). Nas *Inquisit.* de 1258: figura Martinus *Pimentel* ou *Pimentelo*, pp. 538 e 606; em genetivo Valasci *Pimentelli*, p. 510. Hoje é apelido usual: vid. *Armaria*, p. 396, que o dá como comum á Hespanha e Holanda. O apelido tornou-se modernamente por vezes nome de sitios. D. Carolina Michaëlis, na *Zts. f. rom. Philol.*, xxix, 690, explica a alcunha de *Pimentel* por *Rotgesicht*, *Pfefferschoten-Nase*, ainda que não é muito clara a formação: deve admitir-se como elemento d'ela o sufixo *-ello*,

e que na origem o nome foi posto em genetivo possessivo ou em próclise? ou que o -o caiu por influencia arabica?

— *Pragana*, alcunha em Semide (Coimbra).

— *Salsa*: Domingos Pires *Salsa*, clérigo, sec. xiv, *AP*, xvii, 204.

— *Sarmiento*, apelido. Cf. em Hespanha: *Sarmiento*, «mote . . por ser largo y delgado el protagonista», Rios y Rios, p. 152.

— *Serralha*, alcunha em Nisa.

— *Trevo*, apelido, diz o Ab.^e de Miragaia.

— *Trigo*: Stephanus *Triticus*, sec. xiii, *Dissert. Chron.*, iv, 18; Affonso *Trigo*, sec. xv, *Chancelarias*, i, p. 621; Isabel *Trigo*, sec. xvi, *AHP*, ii, 156. Ainda hoje também apelido.

— *Trovisco*, alcunha depreciativa numa terra pertencente hoje ao concelho de Tarouca.

Os apelidos e alcunhas tirados do reino vegetal referem-se pela mór parte a arvores de fruta, a frutas, plantas e produtos hortenses, e cereais, isto é, àqueles elementos da flora com que o homem está mais imediatamente em contacto, por serem base de alimentação; algumas vezes referem-se a plantas de mato.

Nem todos os apelidos, porém, que ha, de aspecto botânico provêm de comparação ou metáfora. Assim, por exemplo, veremos adiante, na secção δ, consagrada aos «habitos», que *Almeirão* proveio de um pregão. Abundam, além d'isso, apelidos, como *Carvalho*, *Castanheira*, *Loureiro*, *Matos*, *Pereira*, *Silva*, e outros que omito, que na origem são geograficos, como se reconhece de virem ás vezes acompanhados de *de* (*do*, *da*); em igual caso estarão porventura também *Carvalheira*, *Cerejeira*, *Laranjeira*, *Ramalhete*, *Ramallo*, etc. Á classe dos apelidos geograficos pertencerão ainda alguns dos proprios que formam a lista.

Denominar pessoas, tomando por base o reino vegetal, é também costume antigo e espalhado. Os Gregos davam a homens nomes como Ἀκανθός «acanto», Ἀμαραντός, parece que de ἀμάραντος «amaranto», e a mulheres Κάρον «noz», Σταφυλή «cacho de uvas»¹. O segundo dos citados nomes, na forma de genetivo latino (*Amaranti*), tornou-se em Portugal e Galiza nome de terra: *Amaranti*

¹ Fick, p. 325 sgs.; e Ch. Morel, in *Dict. des antiq.*, IV-1, p. 90. Vid. também Hirzel, p. 75 (nomes de plantas dados a heteras gregas).

(isto é, *villa Amaranti*, «quinta de Amaranto», tendo havido na fala elipse de *villa*: d'aqui AMARANTE). Outros nomes romanos ou latino-cristianos relacionados com plantas são: *Flos Floscus Floscellus Florus*, *Rosa Rosula*, *Tilia*¹, um d'elles *Rosa*, muito frequente como nome proprio em todas as terras em que existe esta flor²; tambem na *gens Licinia* existia o cognome *Stolo*, -onis «pimpolho». Diz o P.^e Antonio Vieira, *Sermões*, I, p. 215, ed. de 1891: «As lentilhas deram a Roma os *Léntulos* e as favas os *Fabios*». Nos Muçulmanos indica Meynard, por exemplo: *Talhah*, «nom d'un arbre de la famille des acacias», que se tornou «surnom de plusieurs personnages de l'antiquité arabe ou du 1^{er} siècle de l'hégire»³. Em hespanhol houve *Calabaza*, que figura como alcunha num documento português de 1240, em G. Barros, III, 120, nota 1, e ha o apelido *Centeno* (que passou para Portugal); em italiano ha *Fava*; em alemão *Fichte* «pinheiro»; o apelido português *Birne* creio ser tambem alemão («pera»).

c) Alcinhas expressas por comparação com o reino mineral.

Comparações e metáforas da lingua comum, tiradas do reino mineral, parece-me não existirem em grande quantidade: *Fulano sempre tem uma lata...*, isto é, descaramento, pois *lata*, em calão, quer dizer «cara». Sinónimo: *cara estanhada*.

Alcinhas providas d'esse reino conheço igualmente poucas.

Em 1406, AP, XIII, 39, figura como testemunha num documento da camara de Ponte-de-Lima um Johane Anes *Ferro agudo*, alcunha igual a uma de Hespanha, do sec. XI (Godoy, p. 228). É possível que de uma alcunha como esta proviesse o nome de FERRAGUDO, de uma povoação algarvia. No *Anuario Comercial* mencionam-se varias pessoas de apelido *Ferro* e *Ferros*. Certamente estes apelidos formaram-se cá, e não provêm do apelido italiano *Ferri*. A *Ferro* podia servir de base a ideia de «dureza»; *Ferros*, no plural, proviria de industria. *Mão de ferro*, alcunha de um individuo do distrito de Portalegre; ignoro a razão,

¹ Martigny, s. v. «noms des premiers chrétiens».

² Vid. o trabalho de D. Cecilia Branco, *A rosa na vida dos povos*, citado supra, p. 84; e cf. um artigo meu in *Archives suisses des trad. pop.*, XX, 205.

³ *Surnoms et sobriquets*, já citado, p. 154.

e não sei por isso se a alcunha se liga com a superstição da *Mão de ferro* de que falei nas *Tradiç. pop. de Portugal*, § 360. *Pé de chumbo*, alcunha de um individuo do concelho de Elvas, por ser pesadão, molangueiro, como amiude o é a gente do Alentejo; a mesma alcunha existe numa povoação do concelho de Nisa, talvez por igual motivo. *Tranca de ferro*, alcunha numa cidade do Sul.

Apelidos correntes: *Prata* e *Pratas*, talvez também de industria.

Julgando-se o ouro, como se julga, tipo de riqueza (cf. em latim *aurea copia*), deram no Algarve a certo rapaz, filho unico e riquissimo, a alcunha de *Menino d'ouro*; não seria aqui também sem influencia a lembrança de uma canção do berço, que começa: *O meu menino é d'ouro, || d'ouro é o meu menino...* (vid. *RL*, x, 31).

Bigodes de latão, alcunha de um individuo de Tras-os-Montes, que os tinha muito grandes e esticados; parece que era militar, e compreende-se pois o uso d'eles. Cf. *A barba em Portugal*, p. 46.

Um documento de 1549, *AP*, ix, 73, foi escrito por *Joham do Sal*; cf. igualmente João do Sal, 1572, no *Registo da Sé*, p. 60. Temos aqui certamente *do Sal* = *d'Ossal* (apelido geografico: de osso «urso»); em todo o caso perdeu-se a noção d'isso, pois houve em Castelo Branco um individuo chamado Joaquim Santos *Sal*, que sem dúvida via no seu apelido a palavra *sal* da lingua comum, onde realmente se chama *salgado* a um individuo gracioso, ou se diz que tem *sal* ou «chiste». E *Salgado* é de facto apelido, não só antigo (Domingos Johanes *Salgado*, 1313, que encontrei algures; Fr. Vicente *Salgado*, sec. xviii, escritor), mas moderno, e muito corrente: seja qual for a sua origem historica.

Vid: noutros lugares: *Chapeu de ferro* e *Tranca de ferro*, alcunhas.

A antroponimia alemã dá-nos como exemplos comparativos: *Goldt*, *Kalk*, *Kopper* (Kupfer), *Steen* (Stein), *Goldstein* (ou *Edelstein*). Vid.: Knorr, p. 37; Vilmar, p. 76.

δ—ALCUNHAS QUE SIGNIFICAM HABITOS

Incluem-se aqui muitas alcunhas (ou apelidos) também susceptíveis de entrarem noutras secções ou sub-secções. Não é possível fazer sempre classificações rigorosas.

—Johanes *Lavado*, 1220, *Inquisit.*, p. 308. Póde entender-se que numa epoca de tão pouco asseio, como era a idade-média, houve um individuo que costumava lavar-se muito, o que chamava a atenção, e provocou uma alcunha, que se transformou em apelido, ainda hoje usado, bem como *Lavadinho*.

—Affonso *Alcoforado*, 1258, *Inquisit.*, p. 605. Aqui vê-se que é apelido. Nas *Linhagens* é alcunha: Gonçalo Veegas «que chamaram o *Alcoforado*», p. 340; Affonso Fernandez o *Alcoforado*, p. 342; Tareja Pires *Alcoforada*, p. 146. Na lingua comum: *alcoforado*, com as palpebras da côr do *alcofor*, ou com elas untadas de *alcofor*: «olhos *alcaforados*» ou *alcoforados* (vid. Moraes, s. v.; e cf. *alcoholado* em hespanhol).

—João Martinz *Chora*, nas *Linhagens*, pp. 201 e 297. Cf. «carros do *Chora*», modernamente, em Lisboa. Coincidencia de alcunhas!

—Paay' Paez *Caminhaão*, nas *Linhagens*, p. 352.

—Affonso Anes *Cheyra Vinho*, 1326, *RL*, **xxi**, 266.

—«Hum homem que chamam *Folga na Palha*», 1440, *Chancelarias*, **i**, 149.

—Rodrigo *Limpo*, pai de D. Fr. Baltasar Limpo (Bispo do Porto, de 1537 a 1550: Mgr. Ferreira, *Memorias archeologico-hist. do Porto*, **ii**, 95, nota).

—André Dias *Penteado*, sec. xvi, no *AHP*, **ii**, 252; Diogo Lopes *Penteado*, do mesmo seculo, *Anais de Arçila*, p. 71. Modernamente conheço esta palavra como apelido. O contrário é: Martinus *Trosquiado* («tosquiado»), 1285, *Inquisit.*, p. 869.

—Conta Duarte Nunes, *Origem da ling. portug.*, p. 149, que a um individuo que pronunciára *splendido*, com acento no *i*, deu que rir, «e os que lhe aquillo ouvirão lhe chamavão depois entre si o *Splendido*, pronunciado viciosamente como elle fez».

—*Almeirão fresquinho*, alcunha de um ervanario do sec. xviii, que usava aquele pregão nas ruas: vid. *Os toiros* (poema), de A. J. de Carvalho, Lisboa 1796, p. 63, nota.

—*D. Maria do chá está quente*, alcunha de uma mulher que, quando ia comprar bolos a qualquer loja, dizia invariavelmente *que eram para o seu cházinho* (Santarem).

—*Sim-senhorinho*, alcunha em Semide. Provavelmente porque o respectivo individuo usava muito da frase *sim senhor*.

—Fulano *Códeas* (isto é, «sebento»), distrito de Coimbra.

—*Descalço*, apelido, algures.

—O *Ranheta*, alcunha em Barroso, *RL*, **xviii**, 224.

— *Salvarrainha*: o respectivo individuo era muito rezandeiro, e costumava cantar a *salve-rainha* na igreja (Peral, concelho do Cadaval). Cf. infra, p. 278 sgs.

ε—ALCUNHAS QUE SIGNIFICAM VESTUÁRIO E IDEIAS CONEXAS

— Lê-se nas *Linhagens*, p. 173: D. Fernão Paes Varela, *o do capello*, isto é, o que trazia capêlo (especie de capacete). Na mesma obra, p. 388, se explica melhor o caso, porém talvez lendariamente: «Este Dom Fernam Paez *de Capello*, porque lhe chamaram *de Capello* foy porque lhe derom em a lide das Naves de Tollosa [1212] hũa porrada em o capello que trazia na cabeça»¹. De alguém usar certas especies de vestuário, dignas de nota por qualquer circumstancia, nascem assim com prontidão alcunhas e apelidos. Mas podem tambem ser outras as origens. — Muito graciosa é a alcunha de *Chapeu de ferro*, dada a certo individuo do Algarve, cuja esposa lhe fôra infiel.

— *Camisão*, alcunha moderna.

— *Casaca*, alcunha moderna; e tambem apelido (por exemplo, em Lisboa).

— *Zé da manta*, alcunha, porque o individuo andava sempre com uma manta, Peral (Cadaval); Fulano *Mantas* (Beira), apelido; Fulano *Manta*, *idem*: talvez nos dois casos a razão fôsse industria ou comércio (cf. José Henriques *tecelão de mantas*, 1745, nas *Memorias de Bragança*, v, 154); *Manteiro*, apelido de um Cristiano-Novo, *ib.*, v, p. (?).

— José *do Capote*, alcunha na Beira-Alta.

— *Zé da Véstia*, alcunha na Beira-Baixa. Tambem na lingua usual se chama *zé-da-vestia* a um individuo sem importancia.

— Lopo *Calça*, sec. xv, apelido: *Chancelarias*, 1, 624; ainda apelido actual.

— Damianus Petri *Zapata*, 1220, *Inquisit.*, p. 534 (= Damião Perez *Çapata*), — alcunha; Pay' Soarez *Çapata*, nas *Linhagens*, p. 191, — alcunha. Mas cf. p. 298.

— *O Bota-róta*, alcunha na Beira, porque uma vez o respectivo individuo trazia rôtas as botas; *a Bota*, alcunha no Alentejo.

¹ A respeito de *capelo*, isto é, de *capiello*, *capillo*, em hespanhol, vid. D.^{or} W. Giese, *Waffen nach der spanischen Literatur*, Hamburgo 1925, p. 112.

Em Manuel Teixeira *Botas*, presidente de uma junta de freguesia (*Gazeta do Sabugal*, n.º 2), e Antonio da Silva *Botas* Junior, da Nazaré (*DN*, de 19 de Dezembro de 1924), *Botas* é porém apelido, proveniente acaso de comércio de calçado.

— *Casquilho*, alcunha de um individuo do Peral (Cadaval) que usava *çapato casquilho* (antigo).

A estas alcunhas e apelidos agreguem-se: *Moca*, alcunha no distrito de Coimbra; *Bengala*, alcunha de um Alentejano. Na *RL*, xviii, 224, nota 1, menciona-se *Zé das gravatas*, como alcunha barrosa, nascida talvez de comércio.

Acêrca de *Trosquiado* e *Penteado*, supra, p. 267, e de *Sete saias*, vid. infra, p. 274.

Noutras nações: por exemplo, no sec. xiii, *Diabolus Zapata*, Miles, na Hespanha (Rios y Rios, p. 151); e tantos apelidos na Alemanha, que Vilmar lhes consagrou o cap. xi do seu livrinho.

§—ALCUNHAS RELACIONADAS COM IDEIAS MAGICAS E RELIGIOSAS

Fôsse qual fôsse a origem do nome, pôde pertencer aqui a menção de *Diabo* como apelido ou alcunha de D. Diogo Lopes de Sousa, governador da cidade de Lisboa no último quartel do sec. xvi: vid. *Registo de Santa Cruz do Castello*, pp. 60, 76, 88, 178, etc., onde ora se lê Diogo Lopes de Sousa *Diabo*, ora Diogo Lopes *Diabo*, ora só *Diogo Lopes*. É-lhe comparavel o apelido moderno *Diabinho*, usado por várias pessoas em Portalegre. — Na Hespanha medieval havia *Pelagio Diablo*, *Rodrigo Diablo*, *Giraldo Diablo*; um documento do sec. xiii dá claramente «Diabo» como alcunha, Alvarus Roderici *cognomento Diaboli*: vid. Godoy, p. 152. Cf.: *Diabolus Zapata* supra; Roberto *Le Diable*, Duque de Normandia, sec. xi; e *Teufel*, apelido na Alemanha (Vilmar, p. 35).

Nas *Linhagens*, p. 163, expressa-se a mesma ideia de modo mais geral: Fernam Gomes *Cousa má*.

O Ab.º de Miragaia, *Dicc. de Appelidos*, traz: *Feiticeiro*, -a, e *Lobishomem*. Cf. na Alemanha *Teufelskind*, sec. xv, «provavelmente como descendente de uma Bruxa» (Vilmar, p. 35).

Em Lisboa: *Mascote pintadinha* (alcunha).

As ideias magicas perseguem muito o espirito do povo. Quem estranhará que elas se reflitam pois na antroponimia?

No mesmo caso está a religião propriamente dita. Já a encontramos na parte ii, Sobrenomes, e nesta parte iii, secção A e B,

conforme o aspecto da materia que se vai tratando. Tornamos a encontrá-la agora.

— *Anjinho* é alcunha numa vila do Alentejo; talvez devida a formosura (cf. *Cara d'anjo*, supra, p. 198, ou a ter alguém feito de anjo em uma procissão, como é vulgar.

As peregrinações medievais, a Roma, a Santiago de Compostela, a Jerusalem, etc., deram nascimento a apelidos ou alcunhas-apelidos como os que adiante se vêem:

— Pay Romeu, 1174, nas *Leges*, p. 401; cf. Pai Soares, dito Romeu («chamado Romeu»), *Linhagens*, p. 154; cf. *romeu* «romeiro» como nome comum, no *Canc. da Vatic.*, n.º 455.

— Fernão Pires *Pelegrim*, nas *Linhagens*, p. 165; cf. *pelegrin* «peregrino», também como nome comum, no *Canc. da Vatic.*, n.º 1013.

Conquanto haja *Romeu* e *Peregrino* como nomes proprios, considerei-os aqui alcunhas, porque com relação ao primeiro, as *Linhagens* o dizem claramente, e com relação ao segundo, a posição da palavra depois do patronimico dá a entender que é de facto alcunha. Já em D. Maria *Peregrina* de Sousa, nome de uma escritora do sec. xix, não negarei que *Peregrina* possa ser sobre-nome. Cf. em ital. *Pellegrini* (apelido).

Tambem ha *Romeiro* como apelido moderno, que se relacionará com *Romeu*, quanto a ter sido alcunha, se não é adaptação de *Romero*, nome proprio hespanhol, nascido no mesmo circulo de ideias: cf. Godoy, p. 157.

Do apelido hespanhol *Palmero*, a que corresponde entre nós *Palmeiro*, diz Rios y Rios, pp. 81-82: «en los romances se llamaba *palmero* al que peregrinaba»; como os peregrinos *traerian palmas por trofeos*, proviria d'aí o apelido. E ja um prègador do sec. xiii dissera: «quidam paterfamilias cognomento *Palmarius*, quia peregrinus fuerat in Terra Sancta...», sec. xiii, apud Giry, p. 369, nota 5. Contudo póde tambem invocar-se a geografia como fonte (vid. supra, secção D), pois ha várias localidades chamadas *Palmero* em Hespanha, e *Palmeiro* em Portugal.

71—ALCUNHAS VÁRIAS

Subordinadas a esta rubrica enumerar-se-hão seguidamente muitas alcunhas e apelidos que podem, como aqui se faz, classificar-se em grande parte pela significação immediata, mas cuja razão de ser historica nem sempre parece facil declarar.

1. Alcunhas alusivas a comidas e bebidas:

- Carniça*, alcunha no Alto-Alentejo.
- Chicha*, alcunha no concelho de Bragança.
- Carne assada*, alcunha no Alto-Alentejo.
- Toucinho*, alcunha no Alto-Alentejo.
- Murcela*, apelido no distrito de Santarem.
- Antonio Vaz o *Chouriço*, sec. xvi, *AHP*, II, 252.
- Chouriça*, alcunha, nos concelhos de Bragança e Nisa, e na Beira-Alta. Fulano *das Chouriças*, alcunha no distrito de Coimbra.
- Linguíça*, alcunha no distrito de Bragança.
- Arroz*, apelido em Lisboa: vid. *Anuario Comercial*.
- Marmelada* e Silva, firma comercial de Lisboa em 1792, no *Almanach* para aquele ano, p. 344; D. Maria de Oliveira *Marmelada* (apelido), no *DN*, de 31 de Março de (?). *Marmelada* é também alcunha: toda a gente conhece, a proposito de uma, os versos de João de Deus intitulados *Marmelada*.
- Farinha*: Alfonsus Petri *Farina*, nas *Leges*, sec. xiii, p. 719. Apelido moderno (Lisboa), e alcunha (Alentejo e Lisboa).
- Letria*, apelido em Lisboa (vid. *Anuario Comercial*), etc.
- Bróa*, apelido em Alcacer do Sal: vid. *O Imparcial* (jornal d'essa vila), de 25 de Julho de 1926.
- Papas Quentes*, alcunha no Alentejo.
- Pão*, apelido em Lisboa: *Anuario Comercial*. D. Fernam Fernandes *Pam Çenteo*, nas *Linhagens*, pp. 157, 177-179 e 295. *Pão de milho*, alcunha moderna em Nisa. *Panito mole*, alcunha moderna em Tavira.
- João Esteves *Pão e Agua*, 1375, *AHP*, v, 13; João *Pam e Auga*, 1450, *Chancelarias*, I, 408.
- Bólo grande*, alcunha no Sul.
- Fogaça*, apelido na Extremadura.
- O Fatias*, alcunha no distrito de Santarem.
- Sópas*, apelido.
- Agua-mel*, alcunha em Nisa.
- Agua ardente*, alcunha no Alentejo.
- Vinagre*, apelido em Lisboa.

É possível que algumas d'estas alcunhas e apelidos pertençam historicamente a comparação (γ , 2), comércio, ou indústria (β , 3, 4), hábitos (δ).

Noutras nações ha nomes semelhantes: por exemplo, na Hespanha *Pan agua*, alcunha, sec. xiii, Rios y Rios, p. 157,—igual a duas nossas (supra); em França, *Graindorge*, *Paindebled*, *Pain-*

chaud, apelidos mencionados em Ritter, p. 35 e nota; na Alemanha muitos, mencionados no livrinho de Vilmar, cap. ix («Comida»); na Inglaterra, *Bacon* (toucinho).

2. Alcunhas alusivas a instrumentos de trabalho, utensílios e materias primas:

—Petrus *Agulia*, 1220, *Inquisit.*, p. 133, onde «*Agulha*» figura como apelido.

—Petrus *Carrom*, 1220, *Inquisit.*, p. 155.

—Paay' Rodrigues *Sovela*, nas *Linhagens*, p. 199, onde *Sovela* é alcunha, como o é hoje no Alentejo.

—Estevam *Malho*, nas *Linhagens*, p. 146, onde *Malho* é alcunha simples ou alcunha-apelido.

—*Bigorna*, alcunha extremenha.

—*Machado*, apelido moderno muito usual.

—*Atafona*, apelido moderno ou alcunha.—A atafona é um engenho caseiro de moer cereais, «movido a sangue», isto é, pela mão do homem ou por bêstas. Outr'ora muito freqüente, vai hoje caindo em desuso. Tem no Alentejo também os nomes de *zanguizarra* e *monhola* (= moinhola).

—*Paupa-Legom*, 1220, nas *Inquisit.*, p. 14, ou *Poupalegom*, *ib.*, p. 309: *legom*, do latim ligo, -onis, significava «*enxada*»; cf. *Leges*, sec. xii, p. 472, e ainda hoje tem essa forma e significação no concelho de Melgaço, e em galego (*legón*). Quanto a *Paupa* ou *Poupa*, não parece nome proprio. Talvez *Poupalegom* seja apelido composto de verbo + substantivo, como outros que se indicarão mais adiante (sub-secção θ).

—*Pichel*, nas *Linhagens*, p. 151 (Payo Pires *Pichel*); Manoel *Baças*, 1567, no *Registo da Sé*, p. 39; *Caldeira*, sec. xvi, *AHP*, II, 137, e ainda hoje. Outros apelidos modernos relacionados com vasilhas: *Canavarro*, *Tinóco*, *Pipa* (acêrca das duas primeiras palavras vid. *Bolet. de Etnografia*, n.º 3, pp. 25-26).

—*Lança*, *Bandeira*, apelidos usuais. O segundo póde ser geográfico, pois conheço exemplos com *de*, e ha lugares assim chamados. Também ha *Espada*, alcunha ou apelido.

Pertencerão aqui: *Baeta*, *Sola* (já nos secs. xvii-xviii: vid. *Baião*, *Episódios*, II, 249), *Madeira* (senão é geográfico).

Fóra de Portugal: Publius *Malleolus*, em Roma; *Martelo*, apelido galego moderno (por exemplo em Evaristo *Martelo* Paumán, autor do poemeto *Andeiro*, Coruña, 1922); Charles *Martel*, em França, sec. viii; *Martelli*, como parece, na Italia; *Hammer* (mar-

telo), *Kessel* (caldeira), *Beil* (machado), *Nadel* (agulha), *Schwert* (espada), etc., etc., na Alemanha.

As origens, tanto d'estes nossos apelidos e alcunhas, como dos estranhos, são, ou podem ser, multiplas: umas vezes os apelidos referir-se-hão a indústrias ou comércio: *Machado*, por exemplo, seria o que fabricava ou vendia machados, pondo porventura como reclamo ou insignia um *machado* á porta; *Sovela*, o que fabricava sovelas, ou com elas trabalhava. Ha, por exemplo, em Braga um individuo chamado *o Faria da sola*, porque vende cabedal, e tem amostras á porta; na ilha da Madeira ha um individuo chamado *o Joaquim das cebolas*, porque vende, e tem á porta, *cabos de cebolas*; em Santarem ha um *João dos caixões* e um *Adelino das batatas*, que receberam por motivos analogos as designações que acompanham os seus nomes; em Lisboa é conhecido o *João do grão*, por ter uma casa de pasto em que se cozinha muito bem *grão de bico*. Diz-se vulgarmente, e por brincadeira: *Zé faz-fôrmas*, para significar «pessoa de pouca monta». Aqui está como podem originar-se muitas alcunhas-apelidos.

Outras vezes os apelidos referir-se-hão á milicia ou actividade analoga; outros provirão da geografia. A respeito de *Caldeira* não creio que possa pensar-se na antiga insignia de nobreza do *pendão e caldeira*, pois que os tres individuos que no citado volume do *AHP* usam o apelido são manifestamente de baixa classe: *Agostim Caldeira*, *Simão Caldeira*, *João Caldeira*; nas *Leges*, p. 401, sec. XIII, figura um *Pedro de Calderas*, mas aqui o apelido é hespanhol e geografico. A *Carlos Martel* dão os Franceses explicação historica ou lendaria (tambem ha *Martel* em França como nome geografico).

3. Alcinhas que significam numeros:

Conheci na Beira-Alta, quando eu era rapaz, um individuo por alcunha *O catorze*, a qual, se a memoria não me engana, lhe proviera da vida militar.

Na Extremadura ha a alcunha de *O noventa*, parece que por alusão ao jôgo do quino ou lôto.

«Tres irmãs moças, muito nutridas e sempre juntas, diz Agostinho de Campos, *Jardim da Europa*, pp. 76-77, eram conhecidas pela alcunha de *Oitocentos e oitenta e oito*, número formado pela triplicação do algarismo que é rialmente o esquema da mulher carnuda. Casou-se uma das manas com um rapaz muito alto e magro, e o grupo, assim aumentado, continuou a ver-se por teatros

e passeios. Pois logo a alcunha antiga foi posta em dia, e os quatro passaram a chamar-se o *Mil oitocentos e oitenta e oito*, número formado pelo marido magro e alto como um I, na sua posição aritmeticamente junta á direita das tres damas roliças».

Em Benavente ha uma familia de alcunha ou apelido *Sete saias*, porque, como me lembra o Prof. Ruy de Azevedo, «o luxo das Ribatejanas é trazerem muitas saias». O número «sete» tem aqui significação de multiplicidade: cf. *AP*, xvii, p. 260.

Nos Açores: o *Sete falinhas*, porque o respectivo individuo é de falas doces.

Ao concelho de Loures pertence um individuo chamado João Gomes Reza *Segundo*, que adoptou o numeral para se distinguir de outro *João Gomes Reza* (informação do meu amigo J. M. Adrião). Aqui *Segundo* não está bem nas mesmas circunstancias que os numeros que se juntam aos nomes dos reis e dos bispos, pois estes são personagens historicos; por isso o considerei alcunha ou apelido. Adiante se produzirão exemplos paralelos (Liv. II). — De modo semelhante se originou em Roma o prenome *Secundus*, tornado depois cognome, e por fim nome de santo (sec. III), do qual os Portugueses e Hespanhois fizeram *Segundo*, que se usa como nome proprio.

Algumas das alcunhas que significam numeros podem tambem ter vindo de polidactilia: vid. supra, p. 199. Seria esse o caso de Michael *Sex*, 1258, *Inquisit.*, p. 311.

De fóra de Portugal posso citar «o S.^{or} *Vinte e oito*», em turco, onde 28 significa *Fevereiro*: vid. *Zts. des Ver. f. Volkskunde*, II, 320. Na Italia: *Trentanove* (cognome): vid. *Archivio Glottolog.*, xviii, 345 sgs.

4. Alcinhas alusivas a dinheiro e a medidas:

Fulano *Moedas*, apelido; Fulano *Milhões*, alcunha de um rico.

Sei de povoações do Alentejo e Tras-os-Montes onde se usam as alcunhas de o *Cinco-reis*, e o *Pataco*, uma d'elas transmitida de pais a filhos. Tambem ouvi falar algures numa *Rosa-Pataca*.

Cinco-reis era moeda minima, e por isso indica o individuo de pequena estatura. A um individuo baixo e miudo costuma chamar-se *5 reis de gente*. «O *pataco*, diz Th. Braga no prefacio d'*A giria portuguesa*, de A. Bessa, 1.^a ed., p. xvi, significa ainda o individuo estúpido, pela relação com o cunho de D. João VI». Contudo, no último exemplo que citei, *Pataca*, feminino de *pataco*,

tem significação mais depreciativa, pois é sinonimo de *pataqueira*, ou «meretriz» em linguagem chula, ideia que já se encontra em latim na expressão *mulier quadrantaria*, em Cicero, *Cael.*, 26, de *quadrante*, quarta parte de um asse (moeda); assim chamavam Clodia (a Lesbia de Catulo).

Não como alcunha, mas como apelido, sei também de um exemplo de *Pataco*: Fulano *Pataco*.

No *Anuario Comercial*, secção do Porto, figura *Tostão* como apelido; e o Ab.^e de Miragaia, *Dicc. de appellidos*, traz igualmente *Vintem* como tal (também ouvi falar de um individuo d'esta alcunha no distrito de Coimbra).

Na Italia, *cognomi*: *Trisoldi*, *Quattrosoldi*: vid. *Archivio Glottolog.*, xviii, 345 sgs. Na Alemanha: *Munte* (Münze), *Schilling*, *Hundertmark*: vid. Knorr, p. 36.

De medidas só posso indicar: *Arroba*, alcunha na Beira Ocidental; *Arrobas*, apelido de um antigo governador civil de Lisboa (por 1881). Cf. *Meio-Kilo*, e *Arratellino*, acima, p. 203.

5. Alcinhas alusivas a phenomenos atmosfericos, a astros, e a estações do ano:

Como alcunhas meteorologicas conheço: *Carujeiro* (Nisa), *Carujo* (Evora). No *Almanach* de 1792, p. 87, lê-se *Trovão*, como apelido (cf. na linguagem usual: voz de *trovão*); o mesmo existe no Brasil. Outros apelidos: *Raio* (Braga), *Corisco* (algures), talvez de metáforas da lingua usual; *Chuva* (Porto e Lisboa), *Geada*, alcunha no Cartaxo e em Oliveira do Hospital (também ha *Geadas*, alcunha ou apelido, que póde ser de origem geografica), *Saraiva*, apelido (*passim*). Na *Gazeta do Sabugal*, n.º 2, lê-se: M. R. *Caramelo*.—Quanto a *Saraiva*, devo porém dizer que também na Hespanha ha *Saravia* e *Sarabia*, como apelidos (vid. P. de Azevedo, in *Bolet. da 2.ª Cl. da Acad. das Sc.*, xiii, 373), os quais parece terem origem geografica, pois na Galiza existe *Sarabia*, em galego comum *saravía* «saraiva». De modo que a relação do nosso apelido *Saraiva* com o phenomeno meteorologico será só indirecta.—Acêrca de *Neves*, vid. § 6.

Alcinhas relacionadas com astros: *Sol-Posto* (Alentejo), de um individuo trigueiro do rosto; também ha a mesma alcunha na Beira Ocidental, sem eu porém saber o motivo d'ela. Tivemos um autor do sec. xviii–xix, chamado José Cortez *Sol Posto*, Bahiano, que escreveu as *Flores Celestes* (versos), Lisboa 1807. *Sol-Nado* (Beira-Baixa),—acaso por ser madrugador. Note-se que *Sol* era

nome medieval de mulher (nome proprio), tanto em Portugal (*Linhagens*, p. 258: *Dona Soll*), como na Hespanha (vid. Pidal, *Mio Cid*, II, p. 856). Cf. em grego ἄστυρ «astro», nome proprio, que tem base numa frase como «semelhante a um belo astro»: vid. Fick, p. 329.

Das estações do ano só posso mencionar a alcunha *Inverno* em Alcanena (vid. *O Povo de Alcanena*, de 23 de Dezembro de 1906), no Cartaxo (de um individuo que teve um antepassado que andava sempre metido num capote), e em Semide (Coimbra).—Referindo-se a outras nações, diz o D.^{or} Carl Clemen, *Deutscher Volksglaube und Volksbrauch*, 1921, pp. 38–39, que os nomes de *Verão* e *Inverno* aí usados como nomes de pessoas podem ter provindo, ou de estas haverem representado de *Verão* e *Inverno* nas festas míticas das mesmas estações, ou de haverem nascido então.

6. Outras alcunhas:

O numero de alcunhas é indefinido, pois se criam abundantemente todos os dias; ninguém poderia esperar que eu esgotasse o assunto. Além d'isso o meu intento aqui consiste em falar sobretudo de alcunhas que expliquem ou possam ajudar a explicar apelidos.

Segue-se uma lista de apelidos e de alcunhas, nem sempre de facil interpretação historica ou ideologica:

—Johanne *Chamuscado*, 1220, *Inquisit.*, p. 13: tanto podia vir do cabelo ou barba, como do fato.

—Petrus *Rial*, 1220, *Inquisit.*, p. 200. Ainda em tempos modernos.

—Dominicus Petri dictus *Verdelo* (=Verdelho), 1258, *Inquisit.*, p. 813. Poderia relacionar-se com fato.

—Joham Domingit *Ferradura*, 1266, *RL*, IX, 267.

—Pero *Bicos*, 1331, *Dissert. Chron.*, v, 2.^a ed., p. 288.

—Das *Linhagens*: *Abana*, p. 150; *Chancinha*, p. 154; *Colcha fria*, pp. 150, 161; *Cheira*; *Ervilhado* (pàteta?), p. 154; *a Farpada*, p. 338; *Maravilha*, p. 351 (cf. *Maravilhas*, apelido, no Algarve; e *maravilha*, flor); *Nado*, p. 330; *Nonnado*, p. 190; *Petite* (do francês?), p. 150; *Revelado*, p. 158; *Fulana Seródea*, p. 164; *Tareja Rodrigues Neves*, p. 160 (hoje mui usado; origem religiosa? Cf. *Senhora das Neves*; em Hespanha *Maria de las Nieves*, realmente por devoção com a *Senhora de las Nieves*. Teremos pois aqui originariamente um sobrenome); *Tiçom*, p. 157 (cf. *Chamiço*, *Chamuscado*, *Torrado*, supra).

—Diogo Guisado, moço da capela real, 1493; nas *Dissert. Chron.*, 2.^a ed., p. 312.

Do sec. xvi ao xx:

—Francisco Chamiço, sec. xvi, *AHP*, 139.

—Francisco Nunes, de alcunha o *Paparrão*, começos do sec. xvii: *Archivos da historia de Medicina*, 2.^a serie, v, 156. Póde pertencer ás alcunhas vindas de habitos, sub-secção δ (*paparrão*: cf. *beberrão*).

—Lê-se nas *Comedias* de Simão Machado, fls. 29, ed. de 1631:

E chama-se vosso pay?
João de *Testo*, d'alcunha.

—.. o *Gorjão*, de alcunha (Cristão-Novo), 1716, *Memorias de Bragança*, v, 158 (ou é aumentativo de *gorja*, e então pertence á sub-secção ε, ou é um apelido que se falará a p. 300.

—.. o *Tota*, de alcunha (Cristão-Novo), 1711; Henriques *Tota* (Cristão-Novo), 1750: *Mem. de Bragança*, do P.^e Alves, v, 156; 22.—Talvez *Tota* seja hipocoristico de *Antonio*: cf. Liv. III (Gramatica).

—.. o *Lela*, de alcunha (Cristão-Novo), 1751, *Memorias de Bragança*, v, 159, etc.—Talvez hipocoristico de *Manuel*: cf. *Lelo*, infra.

—*Farruco*, alcunha de certo bebado na *Douri-vinhaida*, poema de B. J. S. P. C., Porto 1822.

Da actualidade: *Bicheiro*, alcunha; *Cavaca(s)*, apelido; *Couraça*, idem (Cf. Pelayo *Coraza*, 1180, na Hespanha: Rios y Rios, p. 134); *Dourado*, idem; *Ferrugem*, idem; *Ferrugento*, idem; o *Fiuzza*, *DN*, de 4 de Janeiro de 1914, e apelido na Póvoa de Varzim (lat. fiducia); *Lelo*, apelido de uma conhecida familia de livreiros portuenses (hipocoristico de *Manuel*: vid. Liv. III. Coincide casualmente com o hipocoristico italiano *Lello*, de *Gabriello e Raffaello*); o *Letra «O»* (Silves); *Maltês*, apelido várias vezes no *Anuario Comercial* (ou derivado de *Malta*, ou em sentido alentejano); *Merendeiro*, alcunha; *Naifa*, alcunha em Vila Real (*naifa* é palavra de giria: «navalha»); *Peralta*, apelido (ou geografico = *Pedra alta*, ou por «aperaltado»); *Picão*, apelido (talvez por «brigão», ou pertencente á sub-secção η, § 2.^o); *Rã*, alcunha de um cego de Minde, que quando era moço tocava caixa de rufo numa filarmónica, e costumava dizer, imitando o som, *rã-te-rã-te-rã* (onomatopeia); *Reu*, apelido; *Reza*, apelido (vid. supra η, § 3); *Ró* (outra onoma-

topeia?), alcunha; *Veneno*, alcunha na Amieira, e Fulano *Veneno* ou *Venenos*, em Silves.

Ha apelidos que significam côres, como: *Verde*, *Vermelho*, etc. De alguns já se falou ao tratar-se das qualidades físicas, ou noutros lugares: *Louro*, *Ruivo*, etc.—Em documentos antigos aparece *Amarelo* como nome proprio, seja qual fôr a sua origem: *Amarello tes(tis)*, sec. x, DC, p. 10, e como sobrenome: *Petrus Amarellus*, sec. XIII, *Inquisit.*, p. 8; também tem patronimico (*Amaréllici*, *Amarélliç*: vid. Cortesão).

θ—ALCUNHAS EXPRESSAS POR FRASES

Já noutros lugares veio a pêlo, conforme a classificação ideologica adoptada, falar de alcunhas frasicas, por exemplo, *Vá com Deus*, p. 154, e na sub-seccção consagrada aos habitos. Aqui meto-dizar-se-ha um pouco o assunto, quanto á fôrma.

Muitas expressões substantivas da lingua comum são consti-tuidas por frases, sérias ou ironicas, do tipo de verbo (no impe-rativo) & nome (no acusativo), ás vezes aliteradas, por exemplo, *bate-folha*, *ganha-pão*, *espirra-canivetes* (metaphora muito viva), *mata-mouros*, *fura-bolos*, *escorropicha* (ou *escorripicha*)-galhetas «sacristão». Ha alcunhas do mesmo tipo, antigas e modernas:

—Lourenço Veegas, «que chamarom *Maça-madeyra*», nas *Linhagens*, p. 340; Gonçalo Viegas *Maça-madeira*, *ib.*, p. 183.

—Domingos Johannes *Fura-covas*, nas *Linhagens*, p. 333.

—Vicente Gonçalves *Busca-arroydo*, 1439, *Chancelarias*, I, 94 e 96.

—*Papa-arroz*, *Pilha-ratos*, *Salta-pocinhas*, em Vila Real: *RL*, IX, 229, nota 2;

—*Calca-ruas*, *Cata-cadelas*, nos Açores: *Rev. Michael.*, II, 356.

—*Capa-sapos*, em Elvas.

—*Erra-tudo*, *Espalha-adubo*, *Fecha-olhos*, *Papa-azeite*, em Nisa.

—*Bat'agua*, *Quebra-milho*, *Matafome* (já apelido): vid. *O Povo de Alcanena*, várias vezes citado.

—*Papa-unhas*, alcunha, Elvas, provavelmente porque o indi-viduo a quem primeiro ela foi posta costumava «roer as unhas», hábito muito freqüente.

—*Rompe-ruas*, Beira; *Arrebenta-cavalos*, Algarve.

—*Mata-gatos*, alcunha de um famigerado estadista dos ultimos tempos da monarchia, que, quando freqüentava a Universidade

de Coimbra, era o terror dos gatos da cidade. Andar *á caça dos gatos*, para lhes bater e até para os matar, constitue um dos barbaros divertimentos dos estudantes coimbrões, sobretudo de noite; felizmente já em decadencia.

— *Larga-o-capote*, *Tomba-lóbos*, *Pinta-escavateras*, na Beira-Baixa (*escavaterra* é aí sinonimo de «touceira»). *Pinta-ratos*, alcunha de um pintor-borrão do Alentejo. *Pinta-bonecos*, alcunha, Lisboa, DN, de 19 de Janeiro de 1913.

— *Mata-cães*, *Papa-arroz*, em Santarem.

— *Defeca-sangue*, *Defeca-atilhos*, *Mata-cavalos*, Tavira. Nas duas primeiras o verbo substitue aqui, por decencia, outro mais rude.

— *Faz-tudo*, Lisboa, etc.

— *Salta-pocinhas*, Beira.

— Vi escrita algures a alcunha de *Bebicho*, que supponho será: *Beb'isso*.

— Cf. *Picamilho*, alcunha etnica que d'antes se dava aos do Minho (Bluteau, s. v.).

A expressões da lingua quotidiana, como *fêdevelha* (nome de um insecto) de imperativo & vocativo, correspondem alcunhas como:

— *Reza-Abilio*, em Tolosa do Alentejo, porque a um rapazito chamado *Abilio* dizia assim a mãe todos os dias para ele se levantar da cama, e dizia muitas vezes, porque ele continuava a dormir. *Zé-não-te-rales*, no *Povo de Alcanena*, já citado.

A outras expressões quotidianas, como *bule-bule*, de dois imperativos, corresponde a alcunha:

— *Trai-trai*, em Tras-os-Montes: RL, IX, 229, nota 2 («traze-traze»).

A uma expressão como *bom-serás*, da lingua usual, de verbo no futuro, corresponde a alcunha de *Padre serás*: vid. *O Povo de Alcanena*, já citado.

Alcunhas formadas de frases de variados tipos: a *Fidalga topa-a-tudo*, DN, de 18 de Fevereiro de 1913. *Feito ao sol*, em Alcanena (vid. *O Povo*, já citado), *Carapumpum*, ibidem (*ib.*), onomatopeica; *Volta-terra*, Nisa, ou de verbo + acusativo, ou por *volta á terra*. Na Extremadura: *Vai-á-vila*, alcunha tornada apelido, creio que por ser recoveiro o respectivo individuo. Em Tavira: *Vai-te á burra*. No Ribatejo: *Rent' ao chão*, porque o respectivo individuo era de estatura baixa; cf. *Pernas d'arrã*, supra, p. 232. Em Semide: *Carromba* = que arromba. Ha em Lisboa

uma rua do *Mercatudo*, que pertence ao já mencionado tipo do *faç-tudo*, e ha uma travessa do *Fala-só*: ambas as designações devem ter provindo de alcunhas de individuos que aí habitaram. Observarei que *mercar*, que hoje se usa principalmente na lingua popular, pertencia outr'ora á lingua geral: cf. tambem, em Lisboa, rua dos *Mercadores*. Devemos ver outra alcunha frasca originaria em *Cata-que-farás*, nome de mais uma rua de Lisboa, de que fala Gil Vicente, III, 366, hoje travessa. Ha um conto popular ou facecia em que uma das personagens dá a si mesma por graça o nome de *Nonovio* (= «não o viu») ou *Nonovi* (= «não o vi»).

Em certa aldeia, onde um individuo de nome *Felipe* fôra quem primeiro usára bicicleta, o rapazio criou a expressão binaria *Flape-Flape*, para traduzir o som da respectiva buzina: *Flape* não passa de leve alteração de *Felipe*, mas ficou algo onomatopeico, e quasi alcunha. O brioso iniciador passava a correr na bicicleta, afogueado e contente, e ainda os rapazes cá de longe, torcendo-lhe a iniciativa: *Flape-Flape*... em prolongada vozaria.

Ou a nomes proprios, ou a nomes seguidos de apelidos, juntam-se ás vezes facetamente, ao proferi-los, ou ao ouvi-los proferir, várias rimas, que de algum modo correspondem a alcunhas, como: *S.or Zé Mendes!* || *Á porta o têndes* (assim dizem no Alcaide); *Joaquim, Jacalha* || *perdeu a navalha* || *no fundo da talha* (ibidem), onde *Jacalha*, de *Jaquim* ou *Joaquim*, é palavra com sufixo depreciativo para provocar as rimas. Mas isto pertence mais a um estudo que se intitulasse «O nome na Etnografia». Cf. *Ensaio Ethnographicos*, IV, 171.



É bem conhecida na literatura romana a alcunha de *Cedoalteram* (= cedo alteram) do centurião Lucilio, isto é, «dá cá mais uma vara», frase que ele dizia á medida que ia quebrando nas costas dos soldados as varas com que os fustigava por castigo: Tacito, *Annales*, I, 23. Esta frase, já várias vezes citada por filólogos, é do tipo de *Fura-covas*, mencionada acima. Bähnisch, que tambem cita o texto de Tacito, produz a este proposito curiosos exemplos: *Vorwärts* («para diante!»), alcunha de um marechal que numa batalha incitava com tal expressão os soldados, etc.: vid. p. 77. Tambem em Giry, p. 364, vêm algumas alcunhas analogas do sec. XII, de França: Gausfridus *Non bibens aquam*, Hugo *Manduca Britonem*; e em Ritter, p. 36: *Gagnepain*, *Chassebœuf*, e dezenas de outras de tempos modernos. Em C. Poma, *Cognomi*

italiani formati da verbi, 1914, ha, por exemplo, *Bencivenga* (conheço o trabalho apenas pelo que se diz d'ele in *Romania*, xlv, 601). Outra curiosa alcunha frasca romana, mas sem verbo, igualmente em Tacito (apud Hübner, *Römische Epigraphik*, § 38), é *Manu ad ferrum*, á qual é comparavel um dito lendario que se attribue aos da Penajoia: *a espada vai na burra*.

*

1.—Das alcunhas de origem geografica falou-se já na secção D.

F)—APELIDOS DE ORIGEM ESTRANGEIRA

Este assunto, para ser tratado com a amplidão merecida, encheria, só por si, um ou mais volumes, porque, se é propriamente linguistico, é tambem etnogenico, e em ambos os casos historico, e muito vasto.

Usam-se em Portugal apelidos de multipla origem: hespanhois, italianos, franceses, flamengos, holandeses, ingleses, alemães, hebraicos, etc., por causa das relações que desde eras remotas temos mantido com muitas nações estrangeiras: do que já se falou no capítulo respectivo aos patronimicos, supra, p. 118. Cada grupo de nomes podia até ser estudado em sua monografia, como, por exemplo, fez Peragallo, a respeito dos de origem italiana dos secs. xiv a xvi, e como, segundo creio, está fazendo o S.^{or} Pedro de Azevedo relativamente aos apelidos franceses do sec. xviii. O mesmo Professor publicou já uma lista de apelidos hispano-portugueses no *Bolet. da 2.^a Cl. da Acad. das Sc.*, xiii, 370-371. Os trabalhos dos genealogistas dão aqui tambem algum auxilio; ha-os de character geral, e de character particular. Um apelido de aspecto estrangeiro póde não denunciar sempre nacionalidade da familia que o usa. Ha nomes que voam. Por exemplo: *Schwarz* é nome alemão, e sei de uma familia russa, cá residente, que o usa. *Arnaut* (vid. p. 291) provém, para Portugal, de immediata estirpe francesa, e contudo é de remota origem germanica. E vid. tambem o que, a proposito de nomes medievais da mesma origem, já se ponderou supra, p. 24.

Os apelidos de origem estrangeira usados em Portugal distribuem-se, no que toca á fôrma, em tres grupos maiores: apelidos aportuguesados, como *Contreiras* (de *Contreras*), *Galharde* ou *Galhardo* (de *Gaillard*, impressor do sec. xvi); apelidos cuja fôrma primitiva se adapta perfeitamente á nossa lingua, como *Aguilar*,

Lucena, Roma; apelidos de claro aspecto estrangeiro, usados por individuos de outras nações, residentes em Portugal, ou por Portugueses que descendem de individuos estranhos, como: *Black, Hirsch, King, Mastbaum, Miramon, Orey, Poirier, Quesada, Rissotti, Scarpa, Schenck, Schwarz, Wang, Wirgt, Ybarguen, Ziems*.

Pelo que respeita aos do 3.º grupo, surge um problema: enumerar-se-hão só os apelidos muito usuais e conhecidos ou muito enraizados? ou basta que existam cá, durante gerações seguidas, —já se entende, em familias nacionalizadas e submetidas ao nosso teor de vida—, para os podermos considerar nacionais? Dificil, e até melindrosa é a solução do problema, já por causa da applicação do criterio, dizer o que é usado, conhecido, enraizado, e o que não é, já porque se tornaria necessario fazer d'antemão longas estatisticas, e examinar os anais de cada familia.

Para o meu caso contentar-me-hei com um meio termo, apresentando exemplos de todos os grupos, ora mais, ora menos abundantemente, —não porém de todos os povos, pois alguns devem estar pouco representados entre nós.

Os apelidos de que estou falando têm proveniencia semelhante á dos nomes proprios: uns provêm de patronimicos, outros de nomes pessoais, da geografia, de alcunhas, etc.: do que se irão dando amostras no decurso d'este trabalho.

A vinda de povos estrangeiros não se efectivou em datas successivas que permitam estabelecer na enumeração dos apelidos cronologia rigorosa. Houve e ha constantes infiltrações, algumas d'elas até já iniciadas antes da existencia politica da nossa nacionalidade. Por isso dispor-se-hão aqui os povos segundo a ordem mais ou menos alfabetica dos seus nomes.

1. Apellidos de origem alemã (e bem assim austriaca e suíça).

Ao grande número de nomes proprios e sobrenomes de origem germanica dos primeiros tempos da idade-média, alguns d'eles, como vimos, tornados sucessivamente apelidos, seguem-se, em epochas posteriores, novos apelidos, procedentes de relações de outra especie, pois desde o seculo XII, pelo menos, os nossos documentos dão noticia de Alemães domiciliados em Portugal: vid. *Origem do povo português*, pp. 9-10.

Num documento do sec. XIV, *AHP*, III, 24, assina como tabelião de Albufeira um Johão Dominguiç *Aleyman*, isto é, ao que parece, *Alemão*, que não será apelido, mas mero epiteto, ainda que

nos mostra como depois se formou o apelido *Alemão* propriamente dito, que hoje existe, e de que também ha outro exemplo na *Cronica de Guiné*, de Azurara, cap. 56, p. 262.

No sec. xv–xvi apparecem-nos nomes de impressores: João *Gherline*, João de *Enden*, João *Blavio*, *Hermão de Campos* (por *de Campis*, alatinamento de *Kempis*). Do mesmo sec. xvi figuram na Inquisição muitos Alemães de Lisboa, como: Luis *Tima*, *AHP*, vi, 473; João *Venysta*, *AHP*, vii, 7; Hildeband *Imingo*, *AHP*, vii, 229; Alberto *Raam*, *AHP*, viii, 434; apelidos que com o tempo desapareceram. Pedro de Azevedo menciona na *RL*, ix, 180, como também do seculo xvi: Jacob *Holzbock*, Jacome *Olixpoc*, *Joham Smidt*, e Ulrich *Fugger*, transformado em português em *Rigo Fucar*. Ao mesmo seculo pertence *Cimarmão* (vid. *Opusc.*, iii, 92), e Paula *Tudesca* (vid. *Registo da Sé*, p. 284.—Quanto ao etimo, cf. supra, p. 49). No sec. xvii temos um pintor chamado *Landrofê*, descendente da Alemanha: vid. [Viterbo, *Pintores*, p. 96. No mesmo seculo veio da Baviera para Portugal a familia do apelido *Verneck* (de origem geografica): vid. *Armaria*, p. 538; e veio igualmente o primeiro *Becker*, de Hamburgo, nome ortografado *Bequer*, á portuguesa, e depois mudado em *Biquer*, *Bicker*, *Biker*: a familia d'este apelido propagou-se no Algarve (devo estas informações ao D.^{or} Pedro Judice, de Silves, que pertence á mesma familia). O apelido *Becker* está muito propagado na Alemanha: vid. Reichert, p. 140, etc., e Wilmar, p. 90, etc.: origem industrial, pois corresponde a *Bäcker*. Nos secs. xvii e xviii usava-se em Lisboa o apelido *Folqman* (= *Volkmann*): vid. Inocencio, *Dicc. Bibliog.*, t. ii, p. 31. No sec. xviii também *Stokler*: vid. *Armaria*, p. 492; e tivemos um escritor chamado Francisco de Borja Garção *Stockler*, † 1829.

A tempos modernos, ou não muito remotos, pertencem apelidos, como o mencionado *Smidt*, ou *Schmidt*, *Ulrich*, acima já citado como nome proprio, etc.; e além d'isso, entre outros muitos:

—*Breyner*. De familia descendente de um conde austriaco que veio para Portugal no tempo de D. João V, e casou cá. A primitiva fôrma do apelido é *Breuner*.—Informação que me deu o D.^{or} Mello Breyner, pertencente a esta familia.

—*Chimborgas*, alcunha de origem austriaca: vid. *Opusc.*, iii, 90.

—*Croner*, apelido usado em Lisboa, vindo da Alemanha no sec. xix, como me informou uma pessoa que cá o usa. Por *Kroner*, derivado de *Krone* «coroa»: na origem emblema ou nome de uma casa (comercial ou outra), segundo as ideias expostas supra, p. 246, a proposito de nomes tirados de insignias.

—*Erse*: apelido de um Alemão que se fixou em Oliveira do Hospital.

—*Fritz* (ou *Fritze*): na origem fôrma hipocoristica do nome proprio *Friedrich*, tornado apelido. Com o -*z*, ou -*ze*, proprio das formações d'este genero, cf. Kleinpaul, p. 79.

—*Hintze* (ou *Hinze*): na origem fôrma hipocoristica de *Heinrich*: vid. Kluge, p. 19. Cf. *Fritz*.

—*Jansen*: na origem quer dizer «filho de João»: vid. Bähnisch, pp. 26 e 40.

—*Keil*: na origem alcunha, certamente industrial (al. *Keil*, «cunha»): vid. Vilmar, p. 46.

—*Köpke*, de Hamburgo: *Armario*, p. 249. Cristiano Köpke, de Hamburgo, foi consul no Porto, e faleceu em 1759: vid. *Ensaaios genealogicos*, I, 55. Diogo *Kopke*, autor português do sec. XIX, *Dicc. Bibliog.*, II, 160; o mesmo apelido no *Anuario Comercial*, de 1918. *Köpke* (aportuguesado com simples o) relaciona-se originariamente com *Iakob*: vid. Bähnisch, p. 40.

—*Mártens*. Diz-me o S.^{or} Azevedo que supõe este nome de origem hamburguesa, e sabe de um Alemão chamado *Mártens*. Efectivamente Bähnisch, p. 27, cita a fôrma *Mertens* e *Mártins*, que explica por genitivos de *Martin*, na origem, por exemplo, Konrad *Mártins*, isto é, filho de *Martin*. Em Christiania vi em 1921 num letreiro de uma loja de comércio: «Storm *Martens*», onde *Martens* é apelido, que podia ter ido da Alemanha.

—*Mayer* (Maier, Meyer, Meier): na origem alcunha profissional: «feitor», «rendeiro». Cf. supra, p. 190.

—*Saque*. No *Anuario Comercial* lê-se várias vezes *Saque* como apelido. Talvez seja na origem o nome alemão *Sack*, que quer dizer «saco», empregado como alcunha. Na Hespanha *Saco*, apelido. Cf. nos Romanos o cognome *Sacculus*, que encontrei algures. Em português empregamos graciosamente *fole* no sentido de «estomago», e «comilão»; cf. *fole das migas*.

—*Schwalbach*: na origem nome geografico. Este apelido veio para Portugal no tempo das guerras da Liberdade.

—*Schindler*: na origem corresponde a *Schindelmacher* (alcunha industrial), «o que faz ou prepara ripas»: vid. Kluge, p. 14, e Bähnisch, p. 79. Familia de origem suíça.

—*Sommer*: na origem nome de uma estação do ano («verão»); cf. *Winter* («inverno»), *Herbst* («outono»): vid. Bähnisch, p. 74. Acima encontrámos tambem *Inverno* como alcunha portuguesa, ainda que talvez devida a outra ordem de ideias.

— *Wagner*: na origem alcunha: «carpinteiro de carros», na linguagem do Sul «abegão». — Muitos exemplos no *An. Commercial*.

2. Apelidos de origem flamenga e holandesa.

O estabelecimento de Flamengos e Holandeses no nosso territorio ascende ás mesmas eras que o dos Alemães: vid. *Origem do povo port.*, pp. 8—11. Pelos seculos adiante continuaram mui activas as relações de Portugal com esses povos: vid. para a idade-média Herculano, *Hist. de Portugal*, III, 54: G. Barros, *Hist. da adm.*, IV, 407 sgs.; para tempos posteriores cf. *Origem do povo port.*, pp. 18—19. Eram tantos os Flamengos entre nós, que no sec. XVIII esse nome o «deu a ignorancia ou o comércio a todos os estrangeiros em Lisboa», diz o Conde da Ericeira, *Coll. de docs. da Acad. da Hist.*, sessão de 8 de Junho de 1725, p. 6.

Do tempo de D. Sancho I data entre nós o apelido *Rolin*, de estirpe flamenga: *AHP*, VI, 323; *Linhagens*, p. 380. Tambem nas mesmas *Linhagens* se lê: «Dom Sigel, que foy naturall de Frandres e foi na filhada de Lisboa», *ibidem*. Dos secs. XV e XVI foram varios apelidos para as Ilhas Adjacentes: vid. infra. Umas vezes servem entre nós de apelidos os proprios nomes nacionais: *Gonsalvus de Frandes*, sec. XIII, *Inquisit.*, p. 698 (se não é mera designação geografica); *Francisco de Olanda*, filho de *Antonio de Olanda*, sec. XVI, *Armaria*, p. 243; outras vezes os apelidos têm forma estrangeira, ou só, ou um pouco aportuguesada, como o citado *Rolim*, acaso *Pasteel*, apelido de um *Framengo* de Lisboa do sec. XV (*AHP*, III, 215), e os que vou aqui apresentar:

— *Alvarado*: familia do Brabante, *Armaria*, p. 23.

— *Braamcamp*: estirpe holandesa, *Armaria*, p. 85. Segundo a explicação que *Braamcamp Freire*, um dos preclaros membros da familia, dá d'esta palavra nos *Brasões de Sintra*, liv. I, 2.^a ed., p. 461 (*braam*, silva, amora, e *camp* ou *kamp*, campo), o apelido teve origem geografica.

— *Brederode*: estirpe holandesa, *Armaria*, p. 87.

— *Bruges*: apelido nos Açores.

— *Brum*. «Os *Bruns*, nos Açores, diz Marcelino Lima, *Familias faialenses*, p. 135, são de origem flamenga, descendentes de *Guilherme de Brum* .. que no último quartel do sec. XV .. emigrou para a Ilha da Madeira, passando depois ele e os filhos, ou talvez só os filhos, á Ilha do Faial». Originariamente *Bruyn*: *ob. cit.*, *ibidem*.

— *Brumão*: origem flamenga, *Armaria*, p. 92.

—*Bulcão*: nos Açores, origem flamenga, M. Lima, *Famílias faialenses*, p. 187.

—*Burnay*: apelido vindo modernamente da Belgica. Cf. Silva Carvalho, *Medicos e curandeiros*, Lisboa 1917, p. 42.

—*Cordes*: origem belga, *Armaria*, p. 149.

—*Craesbeck*: apelido de uma família estabelecida em Portugal no sec. xvi, cujo tronco entre nós é Pedro *Craesbeck*, impressor célebre. Representada ainda no Porto e em Lisboa no sec. xix. Vid. *O Panorama*, III, 267 e 268. A esta família pertence também o genealogista F. X. da Serra *Craesbeck*, autor do *Espelho da Nobreza*, ms. do sec. xviii: vid. *Armaria*, introdução. Outras notícias acêrca de *Craesbeck* vêm na mesma *Armaria*, p. 167, em Innocencio, *Dicc. bibliogr.*, v, 195-196, e nos *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, n.º 12, p. 267 sgs.

—*Ferin*: estirpe belga.

—*Hasse*: holandês, *Armaria*, p. 242.

—*Hustarte*: de Flandres, *Armaria*, p. 246.

—*Kampener*: de Antuerpia, *Armaria*, p. 249.

—*Leme*: de Flandres, *Armaria*, p. 262. Vid. Alvaro de Azevedo, *Azaredos*, p. 27; *AHP*, vi, 327.

—*Linde*: de Flandres: «van der *Linden*», *Armaria*, p. 267.

—*Logiers*: de Antuerpia, família que veio para Viana do Castelo, onde se ligou com a dos *Kampeneres*, *Armaria*, p. 271.

—*Meneres*. Este apelido parece vir do holandês *Menheer*, «Meu Senhor» (em comprimento), por *Mijnheer*. Na origem seria *Mener*, e a forma *Meneres* corresponderá ao plural (casa dos *Meneres*), se o -s não é o mesmo de *Leites*.

—*Pery*: belga, *Armaria*, p. 391.

—*Pratt*, melhor seria escrever *Prat*: de *van Praet*, sec. xviii, *Armaria*, p. 409. Apelido ainda usado.

—*Prostes*: origem holandesa. Corresponde a *Proost*, apelido de família estabelecida em Setubal no sec. xviii.—Informação do S.º Pedro de Azevedo.

—*Rossem (van)*: *Armaria*, p. 442.

—*Terra*: Faial. De Josse van *Aaard* ou *Aertrijcke*, que o autor das *Famílias faialenses*, p. 604, diz se adulterou para *Terra*. Aqui não houve adulteração, mas tradução, pois *aarde* em holandês significa «terra», e *Aaard* virá d'aí.

—*Tilmau*: vid. *Armaria*, p. 507.

—*Utra*: Faial. Apelido flamengo ido para o Faial no sec. xv: *Hurtere*. Vid. *Famílias faialenses*, p. 643.

—*Vandraga*: no Faial. De *van der Hagen*. Justificação de nobreza em 1578. Vid. *Armaria*, p. 241.

—*Vanzeller*, holandês: *van Zeller*, vid. *Armaria*, p. 556. No *Nobiliaire des Pays-Bas et du Comté de Bourgogne*, do Barão de Herckenrode, Gand 1865, vol. II, lê-se: *Roland van Zeller du Pays de Gueldres*, 1702. Diz V. Valente, *Ensaio genealog.*, I, 57, que H. P. *van Zeller*, nascido em 1752, casou com uma Köpke em 1794 em Portugal.

3. Apelidos de origem francesa.

O fundador do estado português, o Conde D. Henrique, sec. XI, descendia de um Duque de Borgonha, e atraiu gente francesa para a sua côrte de Guimarães: d'esse tempo datarão alguns nomes pessoais que aparecem em documentos de epoca um pouco posterior, como *De Rochela*, *Frison*, e outros. Vid. *Orig. do povo port.*, p. 8.

Guerreiros franceses conhecidos na nossa historia por *Franci* e *Gállici* deram ajuda aos primeiros reis de Portugal na luta com os Mouros, e estabeleceram-se na Extremadura. Num documento de 1158 figura um *De Cornibus* ou *Des Cornes*. Vid. *op. cit.*, p. 9.

Além d'estas relações guerreiras, parece que foi a França a nação d'alem Pireneus com quem mantivemos mais relações comerciais até o sec. XIII. Vid. G. Barros. *Hist. da admin.*, IV, 171 e 453.

Á fé dos genealogistas deixo a attribuição do apelido *Alardo* ao tempo de D. Afonso Henriques: *Nobiliarchia*, p. 228. É porém certo que na côrte de D. Sancho I havia um jogral de nome francês, *Bonamis*: vid. D. Carolina Michaëlis, *Canc. da Ajuda*, II, 758, ou o jogral fôsse realmente francês, ou só o nome, que teve muita voga na Peninsula até o sec. XVII: vid. D. Carolina, *ob. cit.*, *ib.*, p. 955, e Pidal, *Poesia jugralesca*, pp. 5 e 178, nota 2. Nas *Inquirições* de 1220 temos também um *Pelagius Bretam*, informador, p. 205. Nas *Leges*, p. 622, figura «*Frater Gobert, commendator Saurii*» (comendador da comenda de Soure): entenda-se que era porém nome proprio, e de um «freire» de Cristo, em cuja ordem havia muitos estrangeiros.

Um documento de 1336, da região de Obidos, menciona Tareja *a Franca* (vid. *AP*, XVIII, 110), provavelmente descendente dos Francos que por ali se haviam fixado no sec. XII. Aos fidalgos mencionados nas *Linhagens*, p. 146, pertence Soeiro Mendes, de alcunha *Petite*, onde podemos ver uma transcrição fonetica da palavra francesa *petit*.

Por causa da guerra com Castela, mandou D. Fernando vir muitos soldados de Inglaterra e França, «que lhe forão mayores adversarios que os proprios inimigos contra quem os convocava», por causa das liberdades que cá tomaram, e que o Rei, por carecer d'elles, lhes permitia, — como conta Pedro de Mariz, *Dialogos de vária historia*, 1599, fl. 117. Os soldados franceses devem ter sido os que formavam a *campanha branca*, de que fala Fernão Lopes, *Cron. de D. João I*, cap. 49, edição de Braamcamp Freire. Nada posso contudo dizer da influencia de tais tropas no onomastico.

Henrique VI de Inglaterra deu a Alvaro Vaz de Almada, como duque soberano da Normandia, o condado de *Avranches*, em 1445: vid. *Dicc. pop.*, s. v. «Almada», e *Armaria*, p. 18. O título foi reconhecido em Portugal em 1446, extinto em 1449, renovado em 1478, outra vez extinto em 1496: *Armaria*, *ibidem*. D'aqui vem o apelido *Abranches*, que se usa bastante.—A palavra *Avranches* pertence a uma das antigas linguas da Galia, onde tinha a fórma *Abrincates* (com acento no *i*): vid. Meyer-Lübke, *Die Betonung im Gallischen*, Viena 1901, p. 53.

De virem ao reino muitos mercadores Bretões no sec. xv resultou publicar D. Afonso V cartas de privilegio para eles e outros povos estrangeiros, datadas de 1450 e 1452: vid. *AHP*, vii, 380, e iii, 215. Por 1480 aportou á Ilha da Madeira um fidalgo da Picardia, de nome João de *Esmenaut*, origem dos *Esmeraldos*: vid. *Elucidario da Madeira*, I, 361; e cf. *Nobiliarchia*, p. 271. Varios documentos do sec. xvi especificam grande número de mesteres desempenhados por Franceses entre nós no sec. xvi: vid. *AHP*, vii, 501. É célebre o impressor *Galharde* ou *Gaillard* de origem francesa: vid. Deslandes, *Documentos para a historia da typographia*, Lisboa 1888, p. 14, e Viterbo, *Movimento tipografico*, Coimbra 1914, p. 115. Houve no sec. xvi um fabricante de relógios que recebeu como apelido simplesmente *Paris*, isto é, João de *Paris*: Viterbo, *Pintores*, iii, 108.

Ao sec. xvi pertence o apelido *Bettencourt* (de origem geographica) que tem bastante voga nas Ilhas, no Continente e no Brasil, e se apresenta com diversas fórmas. Os *Bettencourt* provêm da Normandia. Diz Villasboas, *Nobiliarchia*, p. 246: «Ganharam as Canárias anno de 1417; passarão-se ás nossas Ilhas Terceira e da Madeira». Vid. tambem: Marcelino Lima, *Famil. faial.*, p. 85; e Ferreira de Serpa, in *Arquivo da Univ. de Lisboa*, iv, 136. A *Armaria* informa que ha uma carta de brasão passada já a esta

família em 1505: p. 75.—Fórmulas da palavra: *Batancour*, *Betencourt*, *Betencor*, *Betancor* (G. Fructuoso, *Saud. da terra*, iv, 69), *Batancor* (AHP, II, 86), *Bethencourt* (Ferreira de Serpa, *loc. cit.*); cf. também *Betancort* nos meus *Opusc.*, III, 86.

Outros apelidos de estirpe francesa e actualmente em uso, que ascendem ao sec. XVI, ou que pelo menos se podem já então documentar: *Berquó*, Açores, desde os meados do século, como diz Lima, *Famil. faial.*, p. 75; *Montalvão*, adaptação portuguesa de *Mont'Auban*, de um debuxador que esteve em Lisboa: vid. Viterbo, *Pintores*, III, 107 (cf. supra, pp. 166 e 170). Em 1575 temos um Simão *Jacques*, mestre de espingardas (Viterbo, *Armaria*, II, 109); mas como *Jacques* é na origem nome proprio, e por isso vulgar, não se torna forçoso entroncar nele o moderno apelido *Jacques*, que entre nós se usa um tanto.

No sec. XVI e ainda no sec. XVII acham-se por vezes *França* e *Francés* com aspecto de apelidos, por exemplo: Tristam *Francés*, 1511, AHP, x, 172; Ruy de *França*, 1529, em Viterbo, *Armaria*, II, 23; Luís *Francés*, 1562, AHP, VI, 45; Luís de *França*, 1689-1696, em Viterbo, *ob. cit.*, *ib.*, 83. É possível que sejam simples apostos geograficos, e não rigorosamente apelidos; assim se explica porém como é que por vezes se criou o verdadeiro apelido *França* que hoje existe, e não raramente (vid. Braamcamp Freire, na *Armaria*, p. 205). Acima, p. 282, se fez raciocínio analogo a respeito de *Alemão*, e a p. 156, a respeito de *Portugal*.

Ao sec. XVII pertencem apelidos como: *Bocage*, que se propagou um pouco, e sobre cuja historia se veja P. de Azevedo, AHP, II, 9 sgs., e cf. *Opusc.*, III, 75-76; *Labat*, levado para os Açores, e aí ramificado (M. Lima, *Famil. faial.*, p. 283 sgs.); *Deslandes*, em Lisboa (Xavier da Cunha, *Impressões deslandesianas*, I, 595). Nos meados do século fixou-se na nossa capital como livreiro João de la *Coste*, e o seu apelido foi aporuguesado em *da Costa* (Xavier da Cunha, *ib.*, p. 397). Outros apelidos franceses que aparecem neste século: *Carnaut*, armeiro, em Viterbo, *Armaria*, I, 50; *Dudouet*, nos *Livros de matriculas*, I, p. 69; *Manhone*, AHP, VIII, 437.—O apelido *Bocage* é de origem geografica. Em *Labat* podemos ver o substantivo provençal *abat*, precedido do artigo *lo*: na origem, pois, alcunha; contudo Dauzat, p. 119, explica-o pelo gascão *la val*. *Carnaut* é a mesma palavra que *Carnot*, só difere na ortografia. *Dudouet* tenho-o por apelido geografico = *du-Douhet* (Le Douhet no *arrondissement* de Saintes).

Manhone, por *Magnone*, parece-me ser um caso obliquo medieval de *Magnus*, como nome proprio: cf. *Magnoni*, in *Romania*, xxxi, 218.

No sec. xviii veio para Portugal uma colonia de gravadores franceses (Sousa Viterbo, *A gravura em Portugal*, p. 10); não posso todavia dar lista de nomes.

No mesmo seculo vieram outros livreiros (cf. *Bolet. de Etnogr.*, n.º 1), que se estabeleceram em Lisboa, Coimbra e Porto, com os seguintes apelidos:

—*Bertrand* (na origem nome germanico de homem: *bert-rand* «brilhante escudo»: cf. *Bertrand* em Förstemann, col. 1246; e *Bertrant*, *Bertran* nas *Chansons de geste*);

—*Borel* (nome provindo certamente do italiano *Borelli*);

—*Martin* (na origem nome proprio de homem);

—*Moré*;

—*Orcel* (talvez de *Orcier*, nome geografico);

—*Rolland* = *Roland* (na origem nome proprio de homem, bem notavel na historia medieval francesa).

Com estes apelidos se relaciona historicamente *Aillaud* (talvez por *Aillot*, que se lê varias vezes no *Annuaire du Commerce*, de Didot-Bottin, a par de *Aillet*, *Aillard*, *Ailloud*, e que parece ser diminutivo de *ail*: de comêço pois alcunha). O apelido veio para Portugal no princípio do sec. xviii, originario da Saboia; o individuo que o usou, e casou cá, teve um filho que fundou em Londres uma casa de comissões, como correspondente de alguns dos mencionados livreiros, e d'ele descende o S.^{or} Julio Aillaud, tambem livreiro, a quem devo estas informações.

A nossa literatura apresenta igualmente no sec. xviii nomes illustres de origem francesa:

—*Garção*: na origem alcunha (*garçon*);

—*Verney*: na origem apelido geografico (= *Vernay*, derivado de *vernetum*, e este do gaulês *vernus* «amieiro»: D'Arbois de Jubainville, *Propriété foncière*, Paris 1890, pp. 617 e 630).

Agrego-lhes Jacome *Ratton*: posto que nascido em França, viveu muito tempo em Portugal, e escreveu obras em português; *Ratton* tem *tt* por luxo, pois a exacta ortografia é *Raton*, como se lê na *Armaria*, p. 419, nota (alcunha zoologica).

Apelidos do sec. xviii mencionados por Sousa Viterbo em algumas das suas obras, entre outros muitos:

—*Bouiller*: vid. *Pintores*, III, 133.—Palavra que talvez seja transformação de *bouilleur*.

—*Champalimaud*: vid. *Dic. dos archit.*, I, 207. — Apelido ainda existente.

—*Dalincourt*: vid. *Dic. dos archit.*, I, 268 (Viterbo diz: talvez desde o sec. XVIII). — Por d'*Alincourt* (nome geografico).

—*Daulmay*: vid. *Dic. dos archit.*, I, 276. — No documento que ele cita estará esta palavra em vez de *Daulnay* (= d'Aulnay)?

—*Muien*: vid. *Pintores*, III, 120. — Talvez na origem nome etnico, derivado de *Le Muy*.

—*Odune*: vid. *Pintores*, III, 120. — Talvez por *Audun* (nome geografico).

—*Oudinot*: vid. *Dic. dos archit.*, II, 233. — Ainda existente no Porto.

No principio do sec. XIX, diz o D.^{or} Cottard-Toutain, quando «les armées Napoléoniennes envahirent la Péninsule, un grand nombre de soldats français furent faits prisonniers par les Espagnols et les Portugais. Après leur libération, une grande quantité d'entre eux aimèrent mieux abandonner leur patrie d'origine pour établir leur nouvelle résidence au Portugal et en Espagne. Il en fut de même pour les déserteurs dont le nombre fut à cette époque considérable et qui préférèrent ne pas rejoindre l'armée dans la crainte de retourner en France et de s'exposer à comparaître devant un conseil de guerre qui ne leur eût pas ménagé de sévères condamnations». Vid. *Discours prononcé au banquet de l'Union Gauloise* (Lisboa 1922), p. 13.

Tanto dos apelidos que se originaram nestas circunstancias, como dos apelidos vindos antes e depois, seria meu desejo ordenar lista completa, cronologica e documentada. Na impossibilidade de o fazer, vou adicionar aos que ficam indicados mais os seguintes, colhidos pela mór parte no *Anuario Comercial* (Lisboa), e pertencentes a variadas epocas:

—*Arnaut*: na origem nome proprio de homem. — Cf. *Arnao* adiante, p. 320.

—*Belfort*: origem geografica.

—*Berthelot*. Já nome de um bem conhecido quimico francês.

—*Bourbon*: origem historica (vid. *Armario*, p. 85), e remotamente geografica.

—*Bracamonte*: vid. *Armario*, p. 86.

—*Brun*. A familia d'este apelido veio para Portugal no sec. XX. Na origem alcunha relativa á côr do cabelo (cf. Dauzat, p. 95). A par de *Brun*, ha em França *Lebrun*, com aglutinação do artigo. — Não se confunda com o *Brun* ou *Brum* flamengo (vid. supra).

—*Calvet*. Já no *Almanach* de 1799, p. 367. Na origem alcunha: de calvus (deminutivo), segundo a fonetica do Sul da França: cf. Dauzat, pp. 96 e 118. Se não é catalão.

—*Debonnaire*: na origem alcunha, igual á que a historia dá a Luis I, filho de Carlos Magno (sec. VIII-IX).

—*Derouet*: no *Annuaire du Commerce*, de Didot-Bottin, encontro os seguintes apelidos (de comerciantes, industriais, individuos que desempenham profissões liberais, etc.): de um lado, *Drouet* (muito repetido); do outro, *Derouet* (tambem muito repetido), *Deroueteau*, *Derouette*, *Derouin*, *Derouineau*; do outro, *Droguet*, *Droguin*. Todos eles evidentemente nomes deminutivos simples ou duplos. As formas com -g- levam-nos á idade-média: *Drogon*, *Drogue* (vid. *Noms propres dans les Chansons de geste*, de E. Langlois, p. 183). No *Polyptique* de St. Germain: *Drogo*, p. 300 (isto é, *Drogo*, -onis); em Girý, p. 809, *Drogon*, sec. XI. A origem parece ser germanica, tema drog-, em Förstemann, I, 426, onde entra a ideia de «milicia»; o -g- caiu como em *Huet* (vid. infra). Nome proprio que se tornou apelido.— Na forma *Derouet*, o apelido entrou em Portugal (Lisboa), pouco depois de 1833, com Jules Derouet, natural de Baiona, Bacharel em Letras, que ensinou lingua francesa na nossa capital, e foi «durante meio seculo o primeiro grande professor de francês que teve Lisboa, como freqüentemente o atestam ainda hoje alguns dos seus discipulos de então»; faleceu em 27 de Outubro de 1886, na idade de 75 anos. Vid. *Diario de Noticias* e *Diario da Tarde*, de 27 de Outubro de 1926. De Jules Derouet descendem todos os *Derouet* de Portugal, e entre eles: seu filho Julio Derouet, que tambem como o pai exerceu cá o professorado, e além d'isso se dedicou ao comércio († 16 de Abril de 1927); e seu neto Luis Derouet, jornalista, antigo deputado da nação, e actual Director Geral da Imprensa Nacional de Lisboa, lugar que ocupa desde 1910.

—*Descamps*, *Deschamps*: origem geografica.

—*Didier*: na origem Desiderius (cf. Schätzer, p. 57), tirado de desiderium «desejo»: cognome romano, e nome de dois santos dos secs. VII e VIII, e de um rei lombardo (sec. VIII). Corresponde-lhe em português *Desiderio*.

—*Dupuy* = *du Puy*: origem geografica.

—*Durand*: na origem nome proprio de homem.

—*Girard*: na origem nome proprio de homem.

—*Goulard*, *Goulart*: proveniente da palavra da lingua comum *gueulard* (alcunha)?

—*Huet*: vid. *Armaria*, p. 246: na origem deminutivo de *Hugo*: cf. Dauzat, p. 89.

—*Laborde*: na origem geografico: cf. Dauzat, *ob. cit.*, p. 88: «*Borde, Laborde représente la maison rurale, la métairie*».

—*Lagrange* = *la grange*: origem geografica.

—*Lallemant*. Corresponde a *L'Allemand*.—Embora a palavra seja de origem germanica, tornou-se francesa, e nessa qualidade nos veio.

—*Lamartine*: na origem nome de mulher: cf. Dauzat, *ob. cit.*, p. 84.

—*Larcher* = *l'archer*: na origem alcunha de profissão.—A familia d'este apelido, como me informa um representante d'ela, o S.^{or} Sousa Larcher, Director do Museu de Leiria, fixou-se em Portugal no tempo de D. José: entre os estrangeiros que vieram para o desenvolvimento da industria contava-se José Larcher, que casou com uma senhora portuguesa, e foi cá o tronco da familia.

—*Lecoq* = *le coq*: na origem alcunha zoologica.

—*Lorena*: vid. *Armaria*, p. 275: origem geografica.

—*Lorme*: vid. *Armaria*, p. 276: deve ser origem geografica: *l'orme*. Cf. *Lormes* no *arrondissement* de Clamecy.

—*Megre* = *maigre*: na origem alcunha.

—*Páris*, apelido usado em tempos modernos em Viana do Castelo, mas cuja fôrma anterior, como me informou o D.^{or} Figueiredo da Guerra, foi em várias gerações *Pariç*. A alteração fizeram-na graciosamente os estudantes de Coimbra por 1858, para darem a entender a um seu companheiro de Viana assim apelidado que ele descendia de Páris, heroi troiano. Á graça presidiu talvez a ideia expressa no *Hyssope*, canto v, de que o Deão, ao ver na cêrca dos Capuchos uma estátua d'aquelle heroi, acompanhada de um letreiro, lêra aí *París* e não *Páris*. O apelido vianense de que estou falando, isto é, *Pariç* ou *Paris*, indica estirpe francesa, e de facto houve em Viana nos secs. xvi e xvii, segundo informação tambem do mesmo erudito investigador, uma familia d'essa estirpe, da qual se julgam descendentes os actuais representantes do primeiro individuo que usou o apelido de *Páris*.

—*Potier*: na origem alcunha industrial.

—*Raymond*: na origem nome proprio de homem: cf. os meus *Opusc.*, iii, 124-125, e *supra*, p. 51.

—*Rigaud*: na origem nome proprio de homem (*Rigaut*), de origem germanica: vid. Kalbow, *Die germanischen Personennamen*, p. 47.

— *Sauvinet*. A familia d'este apelido veio para Lisboa no mesmo tempo em que veio Jules Derouet (vid. supra, p. 292).

— *Visme* (de): vid. *Armaria*, p. 551: na origem certamente geografico (cf. *Vismes* no *arrondissement* de Abbeville).

4. Apelidos de origem hespanhola (castelhana, asturiana, galega, catalã, bizcainha).

A Hespanha é a nação com que mais temos tido, desde remotissimas eras, relações quotidianas, como vizinha d'ao pé da porta. Lá entroncam tambem os genealogistas muitas das nossas familias, e como pretenso pai de todos diz o Conde D. Pedro que de Ramiro 2.^o «veem os boos fidallgos de Portugall e outros muitos, e de Castella e de Galiza»: *Linhagens*, p. 257; e cf. p. 249 São pois as linguas do vizinho reino, sobretudo a galega e a castelhana, as que mais nos dão apelidos.

Atenta a semelhança das duas últimas linguas com a nossa, torna-se ás vezes difficil ou impossivel distinguir se certos apelidos são portugueses ou hespanhois. Já o S.^{or} Azevedo, no seu citado artigo do *Boletim da Classe de Letras da Academia*, xiii, 371, observou isso, fazendo porém uma classificação que não será muito rigorosa, pois considera nos apelidos de origem hespanhola dois grupos: apelidos provenientes da lingua comum a Portugal e Hespanha, como *Amarante*, *Bravo*, *Pinto*, *Rocha*; e apelidos de origem exclusivamente hespanhola, como *Luna*, *Tobar*. De haver apelidos portugueses iguais a apelidos hespanhois não resulta que uns provenham dos outros; por isso não parece justo chamar a esses apelidos portugueses «apelidos de origem hespanhola»

Sem dúvida há em Portugal o apelido *Raposo*: vid. supra, p. 232. Mas num documento de 1402, em G. J. Osma, *Azavaches compostelanos*, Madrid 1916, p. 69, aparece, por exemplo, *Maria Raposo*, Galega. Apelidos como *Branco* (a par de *Blanco*, mais recente)¹, *Furtado*, sobretudo na ligação com *Mendonça* (cf. supra, p. 183), *Moreno*, *Múrias* (é nome geografico em Portugal e Hespanha), *Serrano*, etc., etc., diferem pouco, ou antes não diferem nada, de apelidos hespanhois. Em tais casos só pela historia se mostrará portanto o hespanholismo ou o portuguesismo de um

¹ Note-se que *Branco* tambem póde ser nome proprio; cf. *Branca* (D. *Branca*, etc.).

apelido. Já por mais de uma vez, a outros propositos, se fizeram ponderações analogas no decorrer d'esta obra. E cf. p. 202.

— *Aça* = hesp. *Aça*: vid.: *Linhagens*, pp. 203 e 262; F. Lopes, *Cronica de D. Fernando*, cap. 25; *Nobiliarchia*, p. 227; *Armaria*, p. 4. No *AHP*, vi, 178, lê-se Sebastião *Daça*, tecelão, natural de Flandres, morador em Vila Franca, 1545. No *Catalogo* das livrarias dos Condes de Azevedo e Samodães figura Fr. Antonio *Daça*, autor do sec. xvii. Ha poucos anos faleceu em Lisboa um escritor chamado Zacarias d'*Aça*.

— *Aguilar*. De origem geografica (ha em Hespanha muitas terras com o nome de *Aguilar*). Apelido freqüente.

— *Aguilera*. De origem geografica (em Hespanha ha várias *Aguileras*). Antigo.

— *Alarcão* = *Alarcón*. De origem geografica (ha *Alarcón* em Cuenca e Córdoba, e *Los Alarcones* em Almeria). Apelido moderno: diz o S.^{or} Braamcamp que não o encontrou anteriormente ao sec. xix. Creio ter uso muito restrito.

— *Albornoz*. Teve carta de brasão em 1756: *Armaria*, p. 11. Antigo.

— *Albuquerque*. A origem deve estar na vila de Albuquerque (Badajoz), fronteira a Ouguela. Usado entre nós, pelo menos desde o sec. xv: *Armaria*, p. 12. Grandemente célebre na pessoa de Afonso de *Albuquerque*, heroi da India, *Albuquerque terribil* (nos *Lusiadas*, I, 14). Apelido freqüente. Os nossos autores antigos, por exemplo, Barros, *Asia*, escrevem por vezes *Albuquerque*.

— *Alcántara*. Origem geografica.

— *Alonso*. Usado em Lisboa.

— *Altamirano*. Apelido antigo de familia que passou de Andaluza a Portugal: *Nobiliarchia*, p. 228. Na origem é nome patrio, derivado de *Altamira*, nome geografico que se repete em Hespanha pelo menos dez vezes.

— *Amoêdo*. Origem geografica: localidade galega.

— *Andrade*. Vid. p. 166.

— *Anhaia* = *Anhaya*. Nas *Linhagens*, p. 367, *Anaya*, na *Armaria*, pp. 32 e 34, *Anaia* e *Anhaia*.

— *Aragão* = *Aragón*. Apelido de origem geografica, usado entre nós desde a idade-média: *Nobiliarchia*, p. 233. Bastante freqüente.

— *Arbués*. Apelido usado em Lisboa. De origem geografica (ha pelo menos duas terras d'este nome em Hespanha).

— *Arelhano* = *Arellano* (nome geografico). Na Hespanha no sec. xiii: Rios y Rios, p. 208. De 1490 a 1525 ha na côrte portu-

guesa notícia de um João Ramirez de *Arelhano*, fidalgo castelhano casado cá: *Armaria*, pp. 39-40; cf. *Nobiliarchia*, p. 233. Hoje não o conheço.

— *Argelo* = *Arguello*. Apelido antigo. Na *Armaria*, p. 40.

— *Argote*. Origem geografica (aldeia na Coruña). Usado pelo menos no sec. XVIII (Jeronimo Contador *de Argote*, escritor).

— *Argumedo*. Pelo menos do sec. XVII: *Armaria*, p. 40. De origem geografica (lugar na provincia de Burgos). Hoje não o conheço.

— *Arriaga*. De familia estabelecida no Faial no sec. XVII: vid. *Familias faialenses*, p. 13. Apelido do 1.º Presidente da Republica portuguesa. A origem está num nome geografico das Vascongadas.

— *Arroyo*. Apelido de duas familias hespanholas estabelecidas no Norte de Portugal no sec. XIX, uma nos começos, outra um pouco depois. O pai de uma d'elas era Cordovês, e a mãe Bizcainha. Da outra não sei o tronco. Ambas as familias têm bastante descendencia. Origem geografica.

— *Avila*. Origem geografica. Apelido que se usa bastante.

— *Avilés*. Ou derivado de *Avila*, ou proveniente de *Avilés*, nome geografico asturiano. Apelido que pouco se usa.

— *Ayala*. Origem geografica. O S.^{or} Braamcamp, *Armaria*, p. 47, cita *Ayala* tambem como apelido siciliano; tem certamente origem em Hespanha. O apelido existe entre nós, pelo menos desde o sec. XVII (D. Josefa *de Ayala*, pintora, mais conhecida por *Josefa d'Obidos*, de uma vila onde viveu). Hoje é raro.

— *Badajoz*. Apelido antigo (Lisboa): *Armaria*, p. 52. Origem geografica.

— *Baena*. Pelo menos do sec. XVI para cá: vid. *RL*, XXII, 174, artigo de Laranjo Coelho, que cita um documento de 1535, onde se fala de um Fernando de *Bayena*, vizinho de Portalegre; pelo lado da nobreza da familia dos Baenas vid. *Armaria*, p. 53. Em 24 de Maio de 1867 tirou brasão de armas Augusto Romano Sanches *de Baena* Farinha, depois Visconde de Sanches *de Baena*, filho de D. Maria do Carmo *de Baena* Coimbra, descendente dos antigos Sanches *de Baena*: vid. Innocencio, *Dicc. bibliogr.*, VIII, 346.— Origem geografica: vila de Baena (Córdova).

— *Bahamonde*, sec. XVIII: *Armaria*, p. 53. É nome geografico: galego *Baamonde* = *Vaamonde*.

— *Barahona*. Vid. *Opusc.*, III, 83. Apelido usado no Alentejo.

— *Bárcia*. Usa-se em Lisboa. De origem geografica (asturiana ou galega).

—*Beltrão*. Apellido usado em Lisboa. De *Beltran*. Na origem nome proprio de pessoa, ou geografico.

—*Benevides* ou *Benavides*. Familia que teve carta de brasão em 1772: *Armaria*, p. 72, mas já existente em data antiga: *Nobiliarchia*, p. 253, onde se diz que o apelido provém da vila castelhana de *Benevides* ou *Benavides*. Usa-se sem ou com *de*: Silva *Benevides*, Fonseca *Benevides*, escritores, aquele do sec. XVIII, este do XIX; José Raposo *de Benevides* (Açores). O nome geografico provém de um nome pessoal: *Benavides*, *Vanevidas*, onde entra o elemento arabico *bani*, *ban* (cf. Pidal, *Mio Cid*, I, 248).

—*Berrio*. Nome do piloto que deu nome a um dos navios da expedição de Vasco da Gama á India. Origem geografica. A pronúncia assentou o D.^o Joaquim da Silveira, *DN*, de 28 de Abril de 1925, que é com acento no *i*.

—*Beçerra* = *Becerra*: vid. *Armaria*, p. 75. Apellido antigo, originario talvez de uma alcunha: cf. supra, p. 217.

—*Biscaya* = *Biçcaya*. Usado em Lisboa e no Alentejo. Origem geografica (*Viçcaya*).

—*Bivar*. Um Português do sec. XVI dizia-se descendente de Ruy Diaz de *Bivar*: vid. *Armaria*, p. 76. *Ruy Diaz de Bivar* era o nome do Cid, isto é: *Ruy Diaz, el Cid, Campeador de Bivar*; e *Bivar* é uma povoação de Burgos, patria do heroi: vid. Pidal, *Cantar de Mio Cid*, II, 510. Acêrca de *Cid*, como nome corrente, vid. *RL*, XXI, 328, e supra, p. 36. *Bivar* é apelido não raro.

—*Blanco*. Usado em Lisboa. A origem primeira está numa alcunha: qualidade fisica (por ex.: côr do cabelo ou da pele), etc.

—*Bolhão* ou *Bulhão* = *Bullón*. Origem na geografia de Galiza. Já no sec. XVI figura em documentos portugueses um *Perez de Bulhão*: vid. *Armaria*, p. 92. A existencia do *de* confirma a explicação geografica. É conhecido o poeta *Bulhão Pato*, falecido já no sec. XX.

—*Bobadilha* ou *Bovadilha* = *Bobadilla*: vid. *Armaria*, p. 76. A origem é geografica, e está em uma das várias *Bobadillas* de Hespanha (em português e galego corresponde-lhe foneticamente *Bobadela*, diminutivo de *abobada*; tambem ha *Bóbeda*, em Trás-os-Montes). Apellido antigo.

—*Botilher* = *Botiller*. A origem está numa alcunha provinda de um officio (*botiller* = *botillero*, «que tiene botilleria», ou loja de bebidas). Apellido antigo.

—*Brion*. Na Galiza ha várias localidades com este nome, que na lingua comum significa certa espécie de musgo (*brion* < *ἐμβριον*,

alatinado em *em-bryo*, *-onis*). O apelido tem pois origem geográfica, ou foi primitivamente alcunha.

—*Burgos*: André *de Burgos*, impressor notavel no sec. xvi em Lisboa. O apelido ainda aqui existe, ou vindo do passado, ou em tempos posteriores.

—*Calataiud* = *Calatayud*. Antigo. Diz Braamcamp Freire, *Armaria*, p. 99: «Creio ter-se extinguido em Portugal». Origem geográfica.

—*Camacho*: vid. *Armaria*, pp. 102–103. — Este apelido está mui propagado na Madeira, onde até ha uma frêguesia assim chamada: cf. *Elucidario da Madeira*, I, 170–174. — O *Indice Heraldico* diz que os *Camachos* provêm da Andaluzia.

—*Camargo*. Apelido usado em Lisboa. Origem geográfica.

—*Camões*. Apelido célebre na pessoa do nosso maior Poeta, e ainda usado hoje no Alentejo. — Do etimo tratou proficientemente o D.^{or} Joaquim da Silveira, na *Biblos*, III, 425 sgs.: segundo o A., a palavra *Camões* corresponde ao topónimo galego *Cámos*.

—*Çapata* = *Zapata*: vid. *Nobiliarchia*, p. 258. Diz Braamcamp, *Armaria*, p. 113, que julga não existir hoje ninguem d'esta familia em Portugal. Apelido antigo: supra, p. 268. Alcinha ou origem geográfica?

—*Cardenas*. Pelo menos do sec. xviii. Origem geográfica (Cárdenas, vila na provincia de Logroño).

—*Cardim*: «Domingos de Cardjm», sec. xiv, in *RL*, XXI, 268. Apelido ainda usado. Origem no lugar de *Cardín*, na Galiza.

—*Carmona*. Diz Braamcamp que não se encontra este apelido anteriormente ao sec. xix: *Armaria*, p. 117. Conheço o apelido em Lisboa, e no Porto. Origem geográfica.

—*Carrilho* = *Carrillo*. Apelido usado em Lisboa. Já nas *Linhagens*, pp. 213 e 214.

—*Carvajal*: vid. *Armaria*, p. 121. Ainda usado em Lisboa.

—*Castelhano*. Apelido antigo, ainda usado.

—*Castilho* = *Castillo*. Apelido de famosos architectos hespanhois, vindos para Portugal no comêço do sec. xvi: vid. Sousa Viterbo, *Dicc. dos archit.*, I, 170 e 183. Á mesma familia pertencem no mesmo seculo os escritores Antonio de Castilho e Fr. Diogo de Castilho: vid. Innocencio, *Dicc. Bibliog.*, I, 108; e II, 151. Acêrca de João de Castilho vid. tambem *AHP*, II, 138. Em 1613 era Inquisidor Geral, e Governador do Reino, D. Pedro de Castilho: *AHP*, II, 162. Procure-se tambem «Castilho» no indice da mesma revista. Origem geográfica.

— *Catalá* = *Catalão*. Apelidos modernos. Na origem nome gentílico, dado como alcunha.

— *Cau*: vid. Pedro de Azevedo, in *Bolet. da 2.ª Cl. da Acad. das Sc.*, xiii, 372.

— *Centeno*. Vid. supra, p. 265.

— *Chacão* = *Chacón*. Pelo menos do sec. xvii: *Armaria*, p. 137.

— *Cisneiros* = *Cisneros*. Já no sec. xvi: *Armaria*, p. 141. Origem geográfica. Usado hoje em Lisboa.

— *Contreiras* = *Contreras*. Apelido usado em Lisboa. Origem geográfica.

— *Córdova*. Diz o S.^{or} Braamcamp que não encontrou carta de brasão da família d'este apelido, anterior ao sec. xix. O apelido existe hoje em Lisboa.

— *Cordovil*. Parece ser palavra derivada de Córdova. Cf. *azeitona cordovil* (expressão do Alentejo e da Beira-Baixa), e uma cantiga que ouvi em Castelo Branco:

Azeitona cordovil,
Quem na comer morrerá, etc.

Apelido português, usado já no sec. xvi: *Armaria*, p. 150. Ainda existe.

— *Çuniga* = *Zuñiga*. Vem na *Nobiliarchia*, p. 268. Apelido antigo. Origem geográfica.

— *Eça*. De origem galega: *Nobiliarchia*, p. 270. Hoje ainda usado um pouco.

— *Escovar*: vid. *Nobiliarchia*, p. 271, e as minhas *Liç. de Filol.*, 2.ª ed., p. 260 sgs. Existe hoje em Lisboa.

— *Espinosa*. Origem geográfica.

— *Esturão*: «Fernão Gonçalves *Esturaão*», 1445, no *AHP*, II, 169. A palavra vem de *Asturiano*; cf. *Sturiano* em mirandês (*Estudos de Philol. Mirandesa*, II, 280). Apelido antigo.

— *Fajardo*. Já com brasão nos secs. xvi e xvii: *Armaria*, p. 187. Hoje não usado, ou raro. Na nossa língua comum: *fajardo*, com significação pejorativa.

— *Ferrão*. Vid. *Opusc.*, III, 101. Apelido usual.

— *Figueiroa*. Apelido usado em Lisboa. A origem deve estar no galego *Figueiroa* (nome geográfico), feminino de *figueirón*; cf. *Cidroa* e *lagoa* em português. No Porto ha uma *Travessa da Figueiroa*, designação que se gerou talvez de apelido de mu-

lher galega. — O apelido hespanhol *Figueiroa* é adaptação da forma galega.

— *Folque*. Apelido de origem catalã (*Folch* ou *Folque*), implantado em Portugal nos meados do sec. XVIII: vid. no *DN*, de 18 de Maio de 1922, um artigo acêrca do falecido engenheiro Pedro Romano Folque.

— *Galego*: «Fernan Gallego», 1305, *RL*, XXI, 259; Pero Garcia Gallego, nas *Linhagens*, p. 149 (alcunha etnica), Suer Dias Gallego, pp. 151 e 221 (*idem*); Fernam Galego, de Leiria, p. 161; Pero Afonso Galego (alcunha), sec. XV, em Viterbo, *Pintores*, p. 77; Fulano Gallego, nos *Anais de Arçila*, I, 71; «B. Lopo Gallego», 1524, *AHP*, X, 87. Hoje, se existe, deve ser raro.

— *Galiza*. Apelido ou alcunha.

— *Garcês*. Os Garceses «entende-se vieram de Aragam»: *Nobiliarchia*, p. 281. João Garcês recebeu carta de brasão em 1481. *Armaria*, p. 218. Hoje ainda usado, com a grafia *-ex*. A origem deve ser um patronimico, que tem em Godoy, p. 111, as fórmulas *Garsieŕ*, *Garŕex*, *Garçet*, etc. O acento deve ter-se deslocado cedo, por causa da junção do *i* ao *e* (cf. *Garciaŕ*, talvez também com *a* acentuado: Pidal, *Mio Cid*, I, 147). Já no sec. XV temos *Guarces*, com *-s*, na *Armaria*, *loc. cit.*; por isso podíamos pensar que o étimo fôsse um nome como *Garçès*, derivado de *Garça* (localidade hespanhola), mas o mais provável é que fôsse, como disse, um patronimico.

— *Gascão* e *Gasco*: vid. *Armaria*, p. 221. Nas *Linhagens*, p. 163, lê-se Egas Moniz o *Gasco*. Em Hespanha ha o apelido *Gascon*: vid. *Armaria*, *loc. citato*.

— *Girão* = *Girón*: vid. *Armaria*, p. 225. Já no sec. XVI: *ibidem*. Hoje um tanto ainda em uso.

— *Godoy*. Pelo menos do sec. XVIII: *Armaria*, p. 227. Na Galiza ha lugares com este nome (de origem, creio, germanica: composto de *Guths* «Deus» e *wihs* «santo»).

— *Ginestal*. Na origem deve ser geografico, ainda que só encontro na geografia hespanhola: *Ginestar* e *Genestral*.

— *Gorjão*: vid. Pedro de Azevedo no citado vol. do *Boletim da Academia*, p. 372.

— *Gusmão* = *Guzman*. Nas *Linhagens*, p. 288: *Gozmam*, a par de *Guzmão*, p. 1. De origem geografica: *Guzman* (Burgos). Hoje usado bastante.

— *Haro*. Pelo menos do sec. XVII: *Armaria*, p. 241. Origem geografica.

— *Heredia*. Apelido existente em Lisboa. Origem geographica (ha *Heredia* na provincia de Alava).

— *Hespanha*: «Fernam de *Espanha*», Contador da casa real, sec. xv: *AHP*, II, 235.

— *Iglesias*. Apelido usado em Lisboa. De origem geographica (ha em Hespanha muitissimas terras com o nome de *Iglesia*, tanto no singular, como no plural).

— *Lacerda*: cf. *Nobiliarchia*, p. 290. Fernando de *la cerda*. Usado bastante.

— *Lapeña*: vid. *Armaria*, p. 225. Viviu em Evora em 1626 um Luis de *la Penha*, que foi processado pela Inquisição como feiticeiro: vid. Consiglieri Pedroso, *Contribuições para uma mythologia popular portugueza*, n.º vi, Porto 1881. Apelido de origem geographica. Hoje não o conheço.

— *Lara*: vid. *Armaria*, p. 256. Usado em Lisboa.

— *Lemos*. Diz a *Nobiliarchia*, p. 292, que este apelido provém da Galiza; a seu respeito vid. também *Armaria*, p. 263. Hoje usado bastante. — Nas *Linhagens*, p. 267, lê-se: «o Conde D. Ramiro ganhou *Lemos* e Sara». No *Canc. da Vatic.*, n.º 945, lê-se *Lemus*.

— *Lião*. A palavra *Lião* apparece em várias linguas, como vimos acima, pp. 237-239, proveniente do nome do animal, e ha até o nome próprio de homem *Lião* ou *Leão*, p. 74; mas como entre nós, e na Hespanha, póde usar-se com *de* (por exemplo, Duarte Nunes de *Leão*, sec. xvi, Antonio de *Leão* Pinela, sec. xvii, Miguel Lopes de *Leão*, sec. xviii: nomes de escritores; em Hespanha Ponce de *León*, escritor do sec. xvi), sou levado a ver em *Lião* ou *Leão* um nome geographico (reino e cidade de Lião ou León). No frontispicio da *Origem da lingua portugueza* (1606) lê-se: «Duarte Nunes de *Leão*», mas dentro do livro, e bem assim na *Orthographia* (1626) e noutras obras do mesmo autor impressas em vida d'êle, existentes, por exemplo, na biblioteca da Academia das Sciencias de Lisboa, lê-se *do Leão* ou *do Liam*. Não vejo razão do *do* senão numa pseudo-correcção de gramatico. — Outros casos que conheço do uso de *de Lião* (e *de León* em Hespanha) omito-os por brevidade.

— *Lira*. Apelido antigo. Creio ter origem do nome de uma parochia da Galiza.

— *Lobia*: vid. *Armaria*, p. 269. Provavelmente é galego e geographico, posto que eu só conheça como nome de lugar *Lóbio* e *Lóbios*. Apelido antigo.

— *Lucena*. Data, pelo menos, do sec. xvi (Fr. João de *Lucena*, historiador, nascido em 1530: *Dicc. Bibliogr.*, III, 399). Origem geográfica. Hoje usual¹.

— *Lugo*: vid. *Armaria*, p. 283. Origem geográfica. Antigo.

— *Maça* = *Maça*: vid. *Armaria*, p. 284. Antigo.

— *Maldonado*: já do sec. xvi, *Armaria*, p. 292. Hoje usado um tanto. Cf. supra, p. 194.

— *Manrique*: vid. *Armaria*, p. 293. Antigo.

— *Manilha* = *Manilla*. Origem geográfica. Antigo.

— *Medina*. Origem geográfica. Usado no Porto e em Lisboa.

— *Mena*. Existe em Portugal (Extremadura), pelo menos, como me informou o S.^{or} Antonio Mena Junior, desde o sec. xvi. Usa-se neste exemplo sem *de*, mas também o conheço com *de*: José Joaquim de *Mena*, DN, de 20 de Outubro de 1926. Cf. na Hespanha Juan de *Mena* (sec. xv), pois é apelido geográfico: ha povoações com o nome de *Mena* em Lião e Bizcaia.— Talvez a origem esteja no lat. *amoena* (sc. *terra, villa*, etc.), com aférese de *a*, como em *bodega*, de *apotheca*.— Nas *Inquisit.*, 1258, p. 347, lê-se também *Mena*, como nome de sítio; mas, se a palavra tem, como parece, o mesmo étimo, devia ler-se *Mêa* (cf. *ib.*, *Menendo* = *Mêendo*), e não estava hoje pois representada entre nós por *Mena*, mas por *Meia*. Em hespanhol o caso é diferente, porque -n- latino conserva-se.

— *Mendanha* = *Mendaña*. Diz a *Nobiliarchia*, p. 301, que é apelido de origem castelhana. Hoje não se usa, que eu saiba.

— *Mendoça* = *Mendoça* (nome geográfico). Nesta forma não se usa hoje tanto como *Mendonça*, que é muito vulgar (*Mendonça* provém de *Mendoça* por comunicação da nasal da primeira sílaba á vogal da segunda, como em *Sanfins*, de *Sanfis*, e em *convendar* ou *convindar*; cf. J. J. Nunes, in *Rev. Lusit.*, VII, 116)².

— *Meneses*. É apelido nosso muito usual, e também no vizinho reino. De origem hespanhola ou portuguesa, pois tanto em Portugal como em Hespanha ha nomes geográficos,— *Meneses* de

¹ Em Portugal ha uma quinta e um casal com o nome de *Lucena*, no Sul. Deve entender-se que ele é aí moderno, proveniente do apelido de um antigo proprietario.

² *Mendonça* encontra-se várias vezes no Sul designando sítios, mas é aí de origem moderna, e provém do apelido de proprietarios de terrenos.

Campo de Palencia, *Meneses* em Tras-os-Montes e Entre-Douro-e-Minho —, que o podiam fazer nascer. O genealogista Villasboas, *Nobiliarchia*, p. 302, diz que a familia dos Meneses veio de Hespanha (posto que, na *Armaria portuguesa*, se mencionem muitos ramos de Meneses). De facto inclino-me a que o apelido tem origem hespanhola, e interpreto-o assim. *Mena* é, como vimos, nome geografico em Hespanha: os habitantes de *Mena* são naturalmente *Meneses*, como os de *Avila* são *Avileses*. Admitindo-se que um grupo de habitantes de *Mena* povoou um lugar, e que este recebeu o nome de *Meneses*, tinhamos aqui com facilidade a origem do apelido; nos lugares de *Meneses* (e *Menesas*) que ha em Portugal explicam-se como povoamentos devidos a membros da familia dos *Meneses*, que imigrassem para cá, e cá se fixassem.

—*Merino*: vid. P. de Azevedo in *Boletim da Cl. de Letras*, já cit., p. 373.

—*Mexia*. Diz a *Nobiliarchia*, p. 303, que o solar da familia d'este apelido é a Torre de Mexia, em Galiza. Apelido que se usa um tanto.

—*Moncada*. Conheço-o de Lisboa e de Coimbra. Origem geografica.

—*Monroy*: usado, pelo menos, no sec. XVIII: *Armaria*, p. 336. De origem geografica (provincia de Cáceres).

—*Morales*. Pelo menos do sec. XVIII: *Armaria*, p. 340. Usa-se hoje em Lisboa. Origem geografica.

—*Morato*. O *Indice Heraldico*, p. CXVII, dá este apelido como de origem hespanhola. Cf. *Armaria*, p. 341.

—*Moscoso*. Apelido usado em Coimbra e Lisboa. Origem galega (geografica).

—*Munhoz* = *Muñoz*. Vejo-o usado em Lisboa, escrito ora com ortografia hespanhola, ora com ortografia portuguesa. Cf. supra, p. 110.

—*Murilhas* = *Murillas*: vid. *Armaria*, p. 347. Antigo.

—*Murillo* = *Murillo*. Usado em Lisboa. Origem geografica.

—*Navarro*. Em documentos dos seculos XIV e XV, respectivamente: Jusepe *Navarro*, Lazaro *Navarro*: *AHP*, III, 116 e 316. Cf. tambem *Armaria*, p. 349. Apelido um tanto em uso. Na origem nome etnico: cf. Arangoeses (= Aragöeses) e *Navarros* nas *Linhagens*, p. 264.

—*Nóboa*. Já do sec. XVIII: *Armaria*, p. 353. Conheço modernamente *Nóvoa*. Origem geografica (*Novoa*, na Galiza, se o acento está na primeira silaba).

—*Noronha*. A *Nobiliarchia* dá os Noronhas como originários de Castela, sec. xiv; da casa de Gijon (e *Noroña*: vid. *Armaria*, p. 355). Em português antigo dizia-se, por dissimilação, *Loronha*; e a essa forma corresponde, parece, o apelido *Laronha*, usado na Vidigueira. Em Hespanha também ha na geografia *Loroño*, que não sei se tem alguma relação com o nome *Noroña*. Cf. *Opusc.*, III, 111-112.

—*Ochoa*, pelo menos já do sec. xviii: *Armaria*, p. 358. Modernamente em uso em Lisboa. Origem geográfica.

—*Oliva*. Já do sec. xvi: *Armaria*, p. 360. De origem geográfica. Hoje um tanto em uso.

—*Ortis*. Diz a *Nobiliarchia*, p. 309, que este apelido é de origem castelhana. Já do sec. xvii: *Armaria*, p. 365. Usa-se em Lisboa.

—*Otero*. Usa-se em Lisboa. De origem geográfica.

—*Padilha* = *Padilla*. Já do sec. xvi: *Armaria*, p. 369. De origem geográfica. Hoje conheço-o no Porto.

—*Palença*: «Joham de Palença», 1265, nas *Dissert. Chron.*, I, 289 (de *Palencia*).

—*Pamplona*. Já do sec. xviii: *Armaria*, p. 374. Usado modernamente em Lisboa e nos Açores. Origem geográfica.

—*Pina*. Já do sec. xviii: *Armaria*, p. 397. Origem geográfica. Bastante em uso. Ha em Lisboa o ALTO DO PINA (sítio): o nome provém certamente de um antigo habitador.

—*Pizarro*. De origem geográfica (ha em Hespanha várias localidades d'este nome). Usa-se algo. Cf. *Opusc.*, III, 121.

—*Ponce de Leão*, sec. xviii: *Armaria*, p. 404. Não o conheço hoje.

—*Pons*. Na origem nome catalão: de Pontius, em Hespanha (Catalunha), e Saint-Pons em França. O culto do santo tem muita popularidade em França desde a epoca carolingea: Duffaut, p. 189. Ha *San-Pons*, nome geográfico. Conheço em Lisboa um individuo apelidado *Pons*, que me disse que o pai era efectivamente Catalão. Cf. supra, p. 47.

—*Prieto*. Usa-se em Lisboa e noutras terras da Extremadura. Na origem alcunha.

—*Puga*. Diz G. Fructuoso, *Saudades da terra*, IV, I, 214, que os Pugas são oriundos da Galiza; cf. Pero de Puga, no *Boletín de Orense*, III, 63. Da familia em Portugal no sec. xvii fala também a *Nobiliarchia*, p. 318, e a *Armaria*, p. 412. De origem geográfica.

—*Pulido*. Usado cá desde, pelo menos, os começos do sec. xix: Na origem alcunha de qualidade (var. *Polido*). Cf. Godoy, p. 186.

—*Quadros*: Alvaro de *Quadros* em 1508: vid. Conde de Sabugosa, *O Paço de Cintra*, p. 240. Ainda o conheço hoje. Origem geográfica (*Cuadros*). Cf. *Opusc.*, III, 122.

—*Quevedo*: vid. *Armaria*, p. 414. De origem geográfica (ha Quevedo na provincia de Santander). Hoje não o conheço.

—*Quinhones* = *Quiñones*. De origem geográfica (ha várias povoações em Hespanha assim chamadas). Usa-se em Lisboa.

—*Quintana* e *Quintanilha*. Usados em Lisboa. Ainda que ha em Portugal uma povoação chamada *Quintanilha*, é provavel que o apelido corresponda a uma das várias *Quintanillas* de Hespanha.

—*Rangel*: vid. P. de Azevedo, *loc. cit.*, p. 373.

—*Reinoso*. De origem geográfica (ha várias localidades hespanholas assim denominadas). Antigo.

—*Rendon*. Pelo menos no sec. xviii: *Armaria*, p. 427.

—*Rey*. Vid. supra, p. 184.

—*Ribadeneira*: na *Nobiliarchia*, p. 322. Penso será galego, pois na Galiza ha Santa Eulalia de *Rivadeneira* (*Ribadeneira* = = *riba de Neira*; Neira é um rio). Desconheço hoje este apelido em Portugal.

—*Rivera*. De origem geográfica. Usado em Lisboa.

—*Robles*. Usado em Lisboa. Origem geográfica.

—*Roldan*. Usado em Lisboa. Tambem aqui se usa *Roldão*, que não posso dizer se veio d'aquelle, se é independente. Na origem nome proprio.

—*Romero*. Origem religiosa. Usado um tanto: cf. supra, p. 270.

—*Saavedra*. Mencionado no sec. xvii na *Nobiliarchia*, p. 324. De origem geográfica, pois na Galiza ha várias povoações assim chamadas. Usa-se um tanto.

—*Sabido*. Apelido usado em Lisboa. Talvez de procedencia galega, pois num documento da Galiza, de 1524-1530, vem «Juan Sabido, azabachero»: vid. *Azabaches compostellanos*, de Osma, Madrid 1916, p. 168.—Na origem *Sabido* foi alcunha no sentido, como creio, de entendido em um officio, perito nele, habil.

—*Salazar*. De origem geográfica.

—*Salinas*. Usado em Lisboa. Origem geográfica.

—*Saragoça*. Apelido em Lisboa. Origem geográfica: *Zaragoza* = *Çaragoça*.

—*Sarmento* = *Sarmiento*. Citado na *Nobiliarchia*, p. 327. Usado bastante. Cf. supra, p. 264.

— *Seabra*. Diz a *Nobiliarchia*, p. 327, que os *Seabras* procedem de Mem Rodriguez de *Senabria*, que passou de Castela a Portugal. Com brasão no sec. xvii: *Armaria*, p. 462. Usa-se um tanto. — Em Portugal, no sec. xi, havia um territorio chamado *Senabria*, entre o Paiva e o Douro (por **Senábriga*): esta palavra é originariamente pois a mesma que *Seabra*, apelido, e *Sanabria*, territorio na Hespanha. Vid. Joaquim da Silveira, in *RL*, xvii, 123, e cf. R. Krüger, *Die Gegenstandskultur Sanabrias*, Hamburgo 1925, p. 4, nota 1.

— *Sepúlveda*. De origem geografica. Vila na provincia de Segovia; e ha outras. Apelido não raro em Portugal.

— *Simas*. Apelido que se usa em Lisboa. Em hespanhol a palavra *sima* quer dizer «cavidade subterranea que se estende principalmente em profundidade» (*Diccionario da Academia*); por isso considero *Simas* nome originariamente geografico, embora eu só conheça em Hespanha *Sima*, e não o plural. A prova d'esta explicação está em precederem alguns dos *Simas* o seu apelido de *de*.

— *Solis*. Usado, pelo menos, no sec. xviii. Origem geografica (Asturias).

— *Soriano*. Usado em Lisboa. Palavra derivada de *Soria*, como, segundo expliquei, *Avilés*, *Esturão*, etc. Creio que será esta a origem, e não um derivado de *Açores*¹.

— *Sorriha* = *Çorriha*: vid. infra *Zorrilla*.

— *Sottomayor* = *Sotomayor*. Já do sec. xv: *Armaria*, p. 485. Usado um tanto. De origem geografica (Asturias ou Galiza). — Tambem ha *Soutomaior*, que ou é tradução d'aquelle, ou provém de um dos lugares portugueses assim chamados.

— *Taborda*. Citado na *Nobiliarchia*, p. 493. Origem geografica. Na Galiza ha *Taborda* e *Tabordela* (deminutivo)². Usa-se pouco.

¹ A fôrma *Açoriano*, -a é muito moderna, e formada inexatamente por analogia com os nomes em -i-ano como *Italiano*, *Murciano*, etc., pois devia dizer-se *Açorano* (ou *Açorense*); cf. em Tras-os-Montes *Maçoranos*, nome que se dá aos habitantes de *Maçóres*. Adjectivo derivado legitimamente de *Açores* é *açorico* (ha um livro até denominado *Corographia Açorica*, 1822).

² Em Portugal conheço sitios, quintas e herdades que se denominam *Taborda*, mas aqui os nomes provém dos de proprietarios de terrenos. Deu-se o inverso do que aconteceu acima, o que é muito frequente.

- Toledo*: vid. *Armaria*, p. 508.
- Torresão*. Creio estar a origem em *Torrejón*.
- Tovar*. Já citado na *Nobiliarchia*, p. 335. De origem geográfica (provincia de Burgos). Usa-se em Lisboa.
- Tudela*. Diz a *Nobiliarchia*, p. 335, que o solar d'esta familia é em Tudela de Navarra, mas ha em Hespanha várias *Tudelas*. Do uso moderno em Portugal d'este apelido só conheço um exemplo.
- Ulhoa* = *Ulloa*. Do sec. xvii, pelo menos: *Armaria*, p. 515. De origem geográfica (ha várias terras com o nome de *Ulloa* em Galiza).
- Urrea*: vid. *Nobiliarchia*, p. 342. Origem geográfica: ha em Hespanha várias localidades com o nome de *Urrea* (e *Urreas*).
- Valdés*. Pelo menos do sec. xvi: *Armaria*, p. 518. Usa-se um pouco hoje. Origem geográfica, asturiana.
- Valejo* = *Vallejo*: na *Armaria*, p. 519.
- Vargas*. De origem geográfica (lugar de Vargas, na provincia de Santander). Usado em familias do Alentejo e Tras-os-Montes.— Já num doc. de 1535, *RL*, xxii, 174, se fala de um *Jeronymo de Vargas*, Alentejano. Cf. *Opusc.*, iii, 133.
- Velasques* = *Velasquez*: vid. *Armaria*, p. 530, onde se citam varios documentos antigos em que ele figura. Patronimico de *Velasco*, como *Vasques*, ou *Vasquez*, de *Vasco*. Hoje não o conheço.
- Velés*. Usado no Sul (escrito *Vellez*). Braamcamp, *Armaria*, p. 46, propõe que ele provenha de *Vela* (como *Avilés*, de *Avila*). Tambem podia explicar-se por *Velez* ou *Vellés*, nomes geograficos de Hespanha.
- Venegas*: vid. *Armaria*, p. 537. De *Iben Egas* «filho de Egas». Em português corresponde-lhe *Veegas* (arc.) e *Viegas* (moderno). Cf. supra, p. 102. Não conheço hoje *Venegas*.
- Vieitas*. Origem galega: vid. *Opusc.*, iii, 134.
- Vilafanha* = *Villafaña*: vid. *Armaria*, p. 554. Não o conheço hoje.
- Vilhegas*: vid. *Nobiliarchia*, p. 340. De origem geográfica (ha *Villegas* na provincia de Santander). Hoje não o conheço.
- Vilhena* = *Villena*. Já no sec. xiv: *Armaria*, p. 296. Tenho-o como de origem geográfica: cidade de Vilhena, na provincia de Alicante; mas cf. cit. *Armaria*, pp. 549–550.
- Ximenes* (= *Jimenes*): vid. *Armaria*, p. 554. Conheço só um exemplo moderno. Cf. supra, p. 52.
- Zorrilha* = *Zorrilla*: «Francisco Zorrilha», 1523, *AHP*, ii,

157. Hoje só conheço em Portugal o apelido *Sorrilha* (Beira), que provém de *Zorrilla*. Em Hespanha sei de nomes geograficos como *Zorrillas*, e *Zorrillos*, no plural, derivado de *zorra* «raposa»: mas ha-de haver algures *Zorrilla*, para explicar o apelido; cf. entre nós *ZORRINHA*, nome geografico algarvio, e *RAPOSINHA* no Alentejo. — *Zuñiga*. Vid. «*Cuniga*».

5. Apelidos de origem inglesa, escocesa e irlandesa.

Assim como fomos buscar aos primeiros tempos da monarquia o começo das nossas relações com a Alemanha, e com Flandres e Holanda, assim tambem iremos lá buscar o das relações com a Inglaterra: aportada de cruzados ás costas de Portugal: vid. *Origem do povo português*, p. 9. Novas relações se sucedem: *ib.*, p. 10. «Desde a idade-média, diz Braamcamp, *AHP*, vi, 332, nota 3, que mercadores ingleses disputavam em Portugal, muito antes dos tratados de aliança entre os Reis das duas nações, o predominio na importação de panos aos mercadores flamengos», e cita aí uma lei de 1253, em que se mencionam panos *engreses*. E vid. principalmente Gama Barros, *Hist. da admin.*, iv, 417 sgs.

Já se notou acima, p. 288, que quando D. Fernando mandou vir soldados de França para se valer d'elles contra Castela, mandára tambem vir outros de Inglaterra.

Em 1367 passou o mesmo Rei uma carta aos mercadores de Inglaterra e do senhorio de Galles em que lhes concedeu juiz privativo para julgar dos seus feitos: Victor Ribeiro, *Privilegios de estrangeiros*, Lisboa 1917, p. 37.

Em 1372 e 1386 iniciou-se a aludida aliança entre Portugal e Inglaterra: primeiramente entre D. Fernando e João de Gaunt, Duque de *Lancaster* ou Lencastre, filho do Rei Eduardo III; e depois entre D. João I e o Rei Ricardo II. Logo no ano de 1400 concedeu o nosso D. João I carta de privilegios aos mercadores ingleses que cá viessem, igualando-os nisso aos Genoveses: Victor Ribeiro, *ib.*, p. 39.

Documentos da Inquisição, publicados nos volumes vi a x do *AHP*, falam de grande número de Ingleses, Irlandeses e Escoceses que habitavam Lisboa, ou tambem como mercadores, ou como industriais, etc., nos secs. xv e xvi. Relativamente aos secs. xvii e xviii vid. o citado opusculo *Origem do povo português*, p. 19.

Centros importantes de população inglesa são hoje não só Lisboa, senão tambem o Porto. Aqui, já em 1762 era numerosa a população: vid. L. Cardim, *Some Notes on the Port.-English &*

English-Port. Grammars, 1922, p. 8 (separata da *Rev. da Faculdade de Letras do Porto*).

Dos apelidos atribuíveis a este contínuo lidar entre Portugueses e Ingleses, e ainda a outras relações que em tão rapido esbôço não podem especificar-se, uns perderam-se no decurso dos seculos, outros existem ainda, adicionados constantemente de apelidos novos.

Eis alguns exemplos:

—*Allen*. No Porto. João Francisco Allen (1782–1847), fundador do Museu do Porto, era filho de Duarte Guilherme Allen, Consul da Inglaterra em Viana do Castelo e nas Ilhas Adjacentes: vid. V. Valente, *Ensaio genealogico*, I, 49. Cf. *Da Numismatica em Portugal*, pp. 192 e 156. Origem geografica (nome de um lago na Irlanda: *lough Allen*).

—*Anderson*: vid. *Armario*, p. 33. Na origem «filho de André». Cf. dinamarg. *Andersen*.

—*Archbold*, official de marinha mercante; em 1737 admitido no nosso exército: Viterbo, *Dicc. dos Architectos*, I, 44. Parece ser formado de *arch* + *bold* «ousado pelo arco», se não é deformação de *archbuild* «arquitecto principal».

—*Archer*. Apelido vindo de Kilkenny, na Irlanda, para Portugal no sec. XVIII: vid. Vasco Valente, *Ensaio genealogico*, I, 1916, p. 22.

—*Bell*. Cf.: *Almanach* de Lisboa, 1792, p. 349; e *Da Numismatica em Portugal*, p. 114. Origem industrial: de *bell* «sino» ou «campainha».

—*Browne*, sec. XVIII. Familia de origem inglesa, unida á familia dos Clamouse, de que resultou no Porto uma geração que adoptou os dois apelidos: representada pelo Visconde de Vilarinho de S. Romão. Dos *Browne* descendem hoje os *Daupias*: Viterbo, *Pintores*, II, 20. — A origem parece estar no adjectivo *brown* «moreno», e em tal caso o apelido teria origem numa alcunha.

—*Cari* ou *Cary*: na *Armario*, p. 116. Diz o S.^{or} Lacerda Machado, *O 1.^o alcaide mór de Portalegre*, p. 42, que é apelido que se usa em Portugal desde o sec. XVII.

—*Chambers*: Porto e Lisboa. Desde o sec. XIX. Talvez origem geografica (*chamber* «camara»).

—*Clark*: no *Anuario Comercial*.

—*Clington*: no *Anuario Comercial*. Na origem geografico, por causa de *-ton* (= *town*, do anglo-saxão *tun* «cêrca», «herdade», «cidade»: vid. Skeat, *Etymologic Diction.*, s. v.).

—*Cotrim*. Diz o *Indice Heraldico*, p. LV, que este apelido não veio de França, nem de Italia, mas de Inglaterra, no tempo de D. Felipa: p. LV. O apelido *Cotrim* lê-se já em Fernão Lopes: apud Cortesão, *Onomastico*.

—*Creswell*: no *Anuario Comercial*.

—*Crossley*. Apelido de introdução moderna. Na origem certamente geografico por causa do *ley* (= *lea* «prado»).

—*Curry*. A familia d'este apelido estabeleceu-se em S. Miguel nos principios do sec. XVIII, e d'aqui se transferiu pouco depois para o Faial: vid. *Familias faialenses*, p. 241. Apelido tambem representado em Lisboa.

—*Elder*. Na origem epiteto ou cognome («senior»).

—*Folkman*: em Setubal. Vid. *Almanach* de 1792, p. 364. A palavra decompõe-se em *Folk-man*.

—*Galles*. Tive uma aluna d'este apelido (Lisboa), o qual é de origem geografica.

—*Garrett*: vid. *Opusc.*, III, 76-77. A explicação que aí dei está em desacôrdo com o que diz G. de Amorim, *Memorias de Garrett*, I (1881), 27 sgs.

—*Goodolphim*: vid. *Armaria*, p. 227. Do sec. XVIII ou XVII: Lacerda Machado, *op. cit.*, p. 26.

—*Holbeche*: vid. *Armaria*, p. 243; e o *Indice Heraldico*, do Visconde de Sanches de Baena, Lisboa 1872, p. LXXXVII.

—*Inglês*: vid. *Anuario Comercial*.

—*Jewis*: vid. *Armaria*, p. 248. Talvez na origem a mesma palavra que *Jewish* «judaico».

—*Joyce*: vid. *Almanach*, de 1792, p. 347. Ainda representado hoje.

—*Kendall*. No Porto. Deve ser o mesmo que *Kendal*, nome de cidade inglesa; por isso o apelido é na origem geografico.

—*Lencastre*. Outras fórmaz: *Alencastro* (nos *Lusiadas*, VI, 46), *Lancastro* (na *Nobiliarchia*, p. 290), *Lancastre* (na *Armaria*, p. 252). O immediato progenitor dos Lencastres foi D. Jorge, filho bastardo de D. João II, e Duque de Coimbra, falecido em 1550: vid. *Armaria*, *loc. citato*. É um dos apelidos ingleses mais antigos que temos, pois ascende ao sec. XIV: vid. *supra*, p. 308, e cf. *Nobiliarchia*, *ibidem*. Origem geografica (*Lancaster*).

—*Leote*. Creio ser apontuguesamento de *Elliot*. Em 1605 Lopo Liote: vid. *Sé de Tanger*, p. 125.

—*May*. Bastante representado em Lisboa: vid. *Anuario Comercial*; apelido tambem de um conhecido Professor da Escola

Medica de Lisboa, hoje falecido. Na origem «Maio». Cf. supra, p. 182.

—*Naper*, sec. xvi: *Armaria*, p. 348. Talvez a mesma palavra que *Napier* ou *Neper*.

—*Nevil*: vid. *Armaria*, p. 352.

—*Newton*. No Porto e em Lisboa. Na origem nome geografico (*new-ton*).

—*Norton*: vid. *Anuario Comercial*. Na origem certamente geografico (= *north-ton*).

—*Paim*. Ascende ao tempo da Rainha D. Felipa de Alencastro: *Armaria*, p. 372; *Nobiliarchia*, p. 311. É, como *Lencastro*, um dos apelidos ingleses mais antigos que cá ha.

—*Partel*: Richarte *Partel*, mercador em Lisboa, sec. xvi: *AHP*, vi, 479. Talvez na origem alcunha (*parter*, «aquele que separa»).

—*Perry*. Apelido de familia ilustre de Inglaterra, de que no sec. xvii passou para a Madeira um representante no sec. xviii, outro para Lisboa, ambos com descendencia actual, no Continente e nos Açores. (Informação do D.^{or} Perry Vidal). Talvez na origem alcunha industrial, ou comercial, pois *perry* significa «bebida feita de sumo de peras».

—*Salter*: vid. *Armaria*, p. 452. Na origem alcunha industrial («salineiro»).

—*Smith*. Na origem alcunha industrial («o que trabalha em metais»); cf. *Goldsmith* (= *Gold-smith*), apelido bem conhecido.

—*Sodré*: vid. *Nobiliarchia*, p. 329.

—*Street*. Este apelido foi para o Faial no sec. xvi: vid. *Familias faialenses*, p. 599, e cf. *Armaria*, p. 592. Na origem nome geografico.

—*Tait*. No Porto.

—*Taylor*. Em Lisboa; vid. *Almanach* de 1792, p. 352. Este apelido existe ainda em Lisboa, ou provenha do antigo, ou seja moderno. Na origem alcunha industrial («alfaiate»).

—*Velouvi* = *Willoughby*: vid. *Armaria*, p. 537. Origem geografica?

—*Whyton*. Apelido açorense, provindo de um individuo que se estabeleceu no Faial no sec. xviii: vid. *Familias faialenses*, p. 715. Na origem certamente geografico.

—*Woodhouse*. Apelido usado em Portugal anteriormente, como me informam, á fundação da Companhia dos vinhos. Na origem geografico, ou alcunha industrial.



Apelidos usados em Portugal, em que entram as palavras *mac* «filho» (em irlandês e escocês), e *o'* «neto» (irlandês, *hu, u*, irlandês antigo *aue, haue*): *Mac Bride, Mac Donald; O'Connor, O'Dónnel, Okellis = O'Kelly* (na *Armaria*, p. 359), *Oneill* (no *Almanach* de 1807) = *O'Neill* (na *Armaria*, p. 363), *O'Sullivan*.



Relativamente á Escócia lê-se também nas *Saudades da terra*, de G. Fructuoso (sec. xvi), vol. iv, parte 1.^a, p. 221: Belchior Gonçalves *Escorcio*, Baltasar Gonçalves *Escorcio* Ferreira, Manuel Affonso Ferreira de *Drumonde*, «descendentes da . . casa de *Drumonde*, em *Escorcía*». Temos assim um nome geografico e um nome etnico transformados em apelidos.

Da Irlanda dá-nos mais um documento a *Sé de Tanger*, 1662, p. 456: Hugo *Masuline*, Irlandês, catolico, apostolico, romano, casado em Tanger com uma Portuguesa.

6. Apelidos de origem italiana.

Pelo que nos dizem os documentos, as nossas relações com a Italia, no ponto que aqui importa considerar, datam da primeira metade do sec. xiv. Elas foram particularmente estudadas por Prospero Peragallo, *Cenni intorno alla colonia italiana in Portogallo nei secoli xiv, xv e xvi*, Torim 1904 (vid. uma notícia d'este trabalho por P. de Azevedo in *RL*, ix, 179-180). Das relações nauticas, no seu começo, fala também Joaquim Bensaude, *L'astronomie nautique au Portugal*, Berna 1912, p. 96 sgs.; e das relações comerciais nos secs. xiv-xv, G. Barros, *Hist. da admin.*, iv, 403 sgs.

Tanto ao falecido Sousa Viterbo no *Dicc. dos Architectos*, e noutros trabalhos, como a Victor Ribeiro, *Privilegios de estrangeiros*, Coimbra 1917, e a Antonio Baião, nos estudos que imprimiu no *AHP* acêrca da Inquisição em Portugal, devemos igualmente muitas notícias respectivas ao sec. xvi e seguintes, de como a Italia nos enviava com frequência gentes que aqui se entregavam a industrias, artes e profissões, e *ipso facto* se propagavam. Cf. *Origem do povo português*, p. 18 (onde porém, na linha 24, se imprimiu por engano «sec. xvi» em vez de sec. xiv). De tempos

modernos (sec. xviii–xix) dá escassas notícias A. Frangini, *Italiani in Portogallo*, Lisboa 1904, o qual no começo do seu opusculo copia impudentemente o consciencioso trabalho de Peragallo, sem sequer o citar!

É longa a lista de apelidos italianos que, por causa das nossas relações com a Italia, se têm cá introduzido. Eis uma amostra:

—*Accioli* ou *Achioli*. De *Acciajuoli*, isto é, Simone *Acciajuoli*, Florentino, estabelecido na Madeira no sec. xvi; ainda aí havia descendentes no sec. xviii. O apelido passou com pessoas da familia para o Continente (Castelo Branco) e para o Brasil (sec. xviii e xix). *Cenni*, p. 9; cf.: Severim, *Notic. de Port.*, p. 9, *Nobiliarchia*, pp. 227–228; e *Armaria*, p. 4, onde se cita um documento de 1529.—Na forma aportuguesada *Achioli*, o *ch* representa a pronúncia do italiano *ci* ou *cci*. Também no citado documento de 1529 se lê *Aceyoli*, por *Accyoli* (com *e* por *c*).—Hoje conheço: *Acciajuoli*, no Alentejo. Outros individuos usam *Acciaiuoli* e *Achaioli*.—A par de *Acciajuoli* havia ou ha em italiano *Acciaiolli*, apelido de um prelado mitrado que esteve em Lisboa no sec. xviii: vid. *Almanach* de 1792, pp. 76 e 86.

—*Amador*. Familia florentina (*Amatori*) estabelecida em Lisboa no sec. xvi: *Cenni*, p. 14; *Armaria*, p. 26.

—*Bardi*: *Nobiliarchia*, p. 239; *Armaria*, p. 68. Apelido de familia italiana em Lisboa nos secs. xv (representada por um banqueiro) e xviii: *Cenni*, p. 15.

—*Barocci*. Veneziano, 1516, 1584: *Cenni*, p. 16. Negociante.

—*Battistini*. O primeiro Battistini veio para cá em 1889; dedicava-se a desenho e pintura. Frangini, p. 61.

—*Bembo*. Origem veneziana: *Nobiliarchia*, p. 243; *Armaria*, p. 71.

—*Barberini*: vid. *Armaria*, p. 59.

—*Betti*. Apelido de pouco uso. Uma das pessoas que o usam disse-me que veio de Toscana para Portugal no sec. xix.

—*Bobone*. Informa-me o D.^o Perry Vidal que o primeiro *Bobone* veio para Portugal no sequito do Rei Carlos Alberto (sec. xix).

—*Borja*. Na Italia *Borgia*. Vid. *Armaria*, pp. 78–79. Cf. *S. Francisco de Borja*.

—*Bottino*. Lisboa.

—*Cacena*. Diz a *Nobiliarchia*, p. 250, que o primeiro Cacena, Genovês, foi para a Ilha Terceira em 1530: vid. também *Armaria*, p. 96.

— *Canongia*. Apelido usado em Lisboa. Dizem-me que existe em Portugal, pelo menos, desde o sec. xix.

— *Cardi*: vid. *Armaria*, p. 114.

— *Carducho*. De *Francesco Carducci*, Florentino, estabelecido em Lisboa no princípio do sec. xvi: *Cenni*, p. 20

— *Cassana* (Luca), de família genovesa, já nos Açores no sec. xv. Outro *Cassana*, Genovês (jeenoês) teve de D. João II em 1490 um monopólio comercial: *Cenni*, p. 22. Em 1503 vivia em Lisboa um *Caçano*, p. 22.

— *Cassassa*. Em Lisboa. Em ital. *Casassa*.

— *Catanho*. De *Cattaneo*, apelido de família genovesa. No sec. xv estabeleceu-se em Portugal Nicolao Cattaneo. Na Madeira, no sec. xvi, viviam outros indivíduos do mesmo apelido. *Cenni*, p. 23; *Armaria*, p. 132. O apelido existe ainda em Lisboa.

— *Cavalcanti*. Em 1558 refugiou-se em Portugal um Antonio Cavalcanti, um filho do qual passou a Pernambuco. *Cenni*, p. 24. Esta família teve brasão no sec. xviii: *Armaria*, p. 133. Cf. *Nobiliarchia*, p. 260. Hoje só no Brasil: vid. P. de Azevedo, in *RL*, ix, 180.

— *Conestagio*: vid. *Armaria*, p. 148.

— *Consigliieri*. Apelido de um conhecido Professor do antigo Curso Superior de Letras, politico e etnografo. O apelido italiano viera-lhe do lado materno. Seu pai chamava-se Zófimo Pedroso da Silva, e fôra Medico. Vid. *RL*, xiv, 118 sgs.

— *Corazzi*. Em Lisboa.

— *Corsali*. Florentino, em Lisboa no principio do sec. xvi. *Cenni*, p. 27.

— *Corvinel*. De *Francesco Corvinelli*, Florentino, estabelecido em Lisboa nos começos do sec. xvi, isto é, á portuguesa. *Francisco* ou *Francysco Corvinell* ou *Corbinell*. Vid. *Cenni*, pp. 26-27; *Armaria*, p. 160.

— *Cosmelli*. Em Lisboa.

— *Doria*. Luís Doria, Genovês, estabelecido na Madeira em 1480, já antes o devia estar no Continente. Dos Dorias da Madeira ha notícias historicas dos secs. xvii e xviii. De um Doria de Lisboa fala um documento do tempo de D. João III. *Cenni*, p. 28. E vid. *Armaria*, p. 175. — Apelido ainda existente.

— *Espinola* ou *Spinola*. Apelido existente em Portugal desde o sec. xiv e bem documentado: *Cenni*, pp. 69, 70 e 77; *Nobiliarchia*, p. 271; *Armaria*, p. 182. Ligado ou não com o passado, o mesmo apelido existe hoje em Lisboa.

— *Falcato*. Em Lisboa: vid. *Anuario Comercial*. Julgo-o de origem italiana, do nome comum *falcato* «de fôrma de fouce», lat. *falcatus*, com o mesmo sentido, e também «armado de fouce». O apelido não é moderno entre nós, pois ha no Alentejo uma horta *do Falcato* (Vidigueira), um «monte» *do Falcato* (Portalegre), e outro *dos Falcatos* (Fronteira), nomes provindos de antigos proprietarios.

— *Ferrari*. Apelido de um escritor natural da Italia, que faleceu na Baía, por 1859: *Dicc. Bibliogr.*, iv, 326. O mesmo apelido existe em Portugal hoje.

— *Florença*: vid. *Armaria*, p. 199.

— *Franzini*. No Porto.

— *Fuschini*. Em Lisboa.

— *Galli*. Florentino. Tinha este apelido um empregado de uma casa comercial em Lisboa, em 1515. *Cenni*, p. 30.

— *Gavazço*. A familia d'este apelido veio para Portugal nos primeiros anos do sec. xix, como me informa o D.^{or} Perry Vidal, que pertence a ela.

— *Gentil*. Parece vir de *Gentile*: cf. *Armaria*, p. 223.

— *Geraldes*. Peragallo, *Cenni*, p. 31 sgs., dá este apelido como representante do apelido italiano *Giraldi* no sec. xv. Sem negar a coincidência, lembro que já antes do sec. xv temos entre nós *Giraldiç*, patronimico de *Giraldo* (vid. os textos em Cortesão, *Onomastico*), e que *Geraldes* é muito vulgar hoje.

— *Grimaldo*, na *Armaria*. Talvez porém não relacionado com o *Grimaldi* (sec. xvi) dos *Cenni*, p. 36.

— *Honorati*: vid. *Armaria*, p. 246.

— *Imperial*, sec. xvi: *Cenni*, p. 37; *Armaria*, p. 246; *Nobiliarchia*, p. 289. Origem genovesa.

— *Jácome*. Do ital. *Giácomo*. Ha notícia de *Lorenço Jacome*, Jenoês, no Porto em 1450, de *Jacome*, *Genoes*, de 1535, etc.: *Cenni*, pp. 30–31. Apelido ainda usado em Lisboa e nos Açores.

— *Jenochio*. No *DN*, de 18 de Dezembro de 1926, dá-se conta do falecimento de F. Navarro de Freitas *Jenochio*. É manifestamente este apelido o ital. *ginóchio* «joelho», na origem alcunha.

— *Judice*, apelido muito em uso no Algarve (de *Giudice*). Também ha *Judicibus* e *De Judicibus* em Lisboa.

— *Lafeté* (e *Lafetat*: de *Affaiati*: *Cenni*, p. 12). Entre os negociantes italianos de Lisboa no sec. xv havia o conde *Affaiati*, Cremonense. Com descendencia ainda no sec. xvii: *Nobiliarchia*, p. 250; *Cenni*, pp. 13–14; *Armaria*, p. 250. Pela minha parte

vid. o que digo em *De Campolide a Melrose*, p. 36 (um *Lafetá* de Obidos).

— *Lambertini*. Lisboa. A familia veio de Bolonha para Portugal parece que por 1830. Dedicava-se á arte. Frangini, pp. 30 e 32.

— *Leone*: vid. *Anuario Comercial*. Ou corresponde realmente ao apelido italiano que tem a mesma fôrma, ou é aportuguesamento de *Leoni*, tambem apelido em Italia, por exemplo, de um autor do sec. xvi. Em F. Evaristo *Leoni*, filologo nosso do sec. xix, vemos a última fôrma italiana. Na origem nome proprio, provindo da fauna.

— *Lombardo*: vid. *Armaria*, p. 271.

— *Lomelino* = *Lomellini*, secs. xv e xvi: *Cenni*, pp. 38 e 76; *Armaria*, p. 272. O apelido existe ainda hoje em Lisboa.

— *Lucci*. Em Lisboa.

— *Lupi*. Em Lisboa. Apelido tambem de um escritor nosso do sec. xix (*Dicc. Bibliogr.*, x, 298), e de um pintor.

— *Mantua*. Em Lisboa.

— *Manzoni*. Em Lisboa.

— *Marchioni*, secs. xv e xvi: *Cenni*, p. 39 sgs.; *Armaria*, p. 297. Talvez com este apelido se ligue *Marchão*, como tambem o S.^{or} Pedro de Azevedo suspeita in *RL*, ix, 180.

— *Margiochi*. Em Lisboa.

— *Meréa*. Antonio Merea, filho de Jeronimo Merea, natural de Genova, veio para Lisboa em 1806, e casou no ano seguinte com uma senhora portuguesa. Deste consórcio descendem as primeiras pessoas que em Portugal usaram ou usam o apelido *Meréa*, e entre elas o D.^{or} Manuel Paulo Merêa, Professor catedrático da Universidade de Lisboa, a quem devo esta informação. — Consta-me que a pronúncia italiana é *Mérea* (com o acento no primeiro e).

— *Midosi*. Apelido introduzido em Lisboa no sec. xviii: vid. *Dicc. Bibliogr.*, vi, 365. — No *DN*, de 20 de Março de 1926, lê-se *Midosi* Bahuto.

— *Mondino*. Vid. o *Anuario Comercial*. Nome de remota origem germanica.

— *Monjardino*. Aportuguesamento do italiano *Mongiardino*. Em Italia tambem ha *Mongiardin*.

— *Montenegro*. Conquanto em Portugal haja várias terras assim chamadas, a *Armaria*, p. 338, dá este apelido como usado em Portugal e Italia.

— *Morato*. Evidentemente de origem italiana, onde ha *morato* na lingua comum «moreno», «fusco» (de *mora*). O existir o ape-

lido composto *Morato Roma*, que data, pelo menos, do sec. xvii (*Dicc. Bibliogr.*, iii, 341), faz tambem crer isso; mas ha simplesmente *Morato*, já no sec. xviii (*Dicc. Bibliogr.*, v, 77), já modernamente (*Anuario Comercial*). Diz a *Armaria*, p. 341, que ha igualmente *Morato* em Hespanha, e que o apelido deve ter viajado de Italia para lá.

—*Morel*. Apelido actual. Suponho viria do italiano *Morelli*. Braamcamp Freire, na *Armaria*, p. 341, cita duas familias de *Morelli*, e Peragallo, *Cenni*, p. 43, tambem fala de *Morelli* no sec. xv. Outra fôrma aportuguesada do apelido é *Morelle*, mencionada por Varnhagen na *Historia do Brasil*, i, 22, 427 e notas (apud *Cenni*, p. 43, nota 2).

—*Morganti*. No sec. xviii. Vid. o meu livro *Da Numismatica em Portugal*, p. 350.

—*Napoles*. Usado com *de*.

—*Oneto*. A familia veio em 1846 (negociantes): Frangini, p. 47.

—*Padoa*. Corrente por todo o Portugal. Tanto pôde ter vindo directamente de Italia, como por intermedio do sobrenome *Santo Antonio de Pádoa*.

—*Passalacqua* (por *Passalacqua*). No *Anuario Comercial*.

—*Perestrelo*. De *Pallastrelli*. Familia fixa em Portugal no sec. xiv. *Cenni*, p. 54; cf. *Nobiliarchia*, p. 314; e *Armaria*, p. 390. Vid. *Opusc.*, iii, 120.

—*Pessanha*. Do ital. *Pessagno*. O mais antigo Pessanha de Portugal é um almirante do tempo de D. Denis: vid. *Cenni*, p. 56 sgs., e as obras lá citadas, e *Armaria*, p. 392, onde se diz que as armas se parecem mais com as dos *Passani* de Genova, do que com as dos *Pessagni*. Foneticamente a palavra *Pessanha* combina melhor com *Pessagno* do que com *Pessana* (o dizer Peragallo, pp. 59-60, que *Pessanha* pôde estar para *Passano*, como *Catanho* para *Cataneo*, não é exacto, porque no último caso temos *-aneo* e não *-ano*). Acêrca da familia do apelido de que estou tratando vid. tambem: *Os almirantes Pessanhas e sua descendencia*, por J. B. de Almeida Pessanha, Porto 1923; e a *Armaria*, p. 392. — No sec. xiv escrevia-se *Peçagno*, como consta de um documento publicado por Brito Rebello no *Livro de marinharia*, Lisboa 1903, p. lxx: isto faz pressupor que a fôrma italiana era *Pezagno*, como de facto a transcreve Joaquim Bensaude, *L'Astronomie nautique au Portugal*, p. 96.

—*Pignatelli*. Assim tenho ouvido pronunciar, com *gu*, á portuguesa, ao contrário da pronúncia italiana, que é *nh*; todavia na

Armaria, p. 398, ortografa-se *Pinhatelli*, e essa mesma é a forma do apelido de João Xavier Taborda *Pinhatelli*, autor do *Elogio aos restauradores de 1808*, Lisboa 1808.

— *Polleri*. A família veio em 1797 (comércio). Frangini, p. 41.

— *Possolo*. Em Lisboa. Creio ser o nome geográfico italiano *Pozzuolo*. Nesse caso deveria escrever-se *Poçolo*.

— *Ravara*. Em Lisboa: apelido de um conhecido médico. Diz-me o S.^{or} Cordeiro de Sousa que tem conhecimento de um marquês, D. Pedro Francisco Ravara, de Milão, que viveu em Lisboa nos começos do sec. XVIII.

— *Reinel*: de *Rainero*: sec. XIV: *Cenni*, p. 36.

— *Renato*. Em Lisboa.

— *Rivara*. Apelido originário de Genova: vid. Pinho Leal, *Portugal ant. e mod.*, t. I, p. 238–NN. Nome geográfico.

— *Roma*. Em Lisboa e no Alentejo.

— *Róvere*. Em Lisboa. Tive um aluno assim apelidado.

— *Sabbo*. O S.^{or} Engenheiro-Silvicultor Mello e *Sabbo*, do Algarve, informou-me que o seu 3.^o avô viera de Veneza.

— *Salvago*. Apelido italiano de pessoa que viveu em Portugal no sec. XVI. *Cenni*, p. 63; *Armaria*, p. 953.

— *Salviati*. Apelido que foi para a Madeira no sec. XV: *Armaria*, p. 453.

— *Sanguinetti*. Em Lisboa.

— *Sassetti*. Apelido moderno, em Lisboa. No sec. XVI havia em Portugal um italiano de Florença, Felipe *Sassetti*: *Cenni*, p. 64, mas o A. não sabe se a família moderna provém da antiga. Frangini, p. 43, diz que a família actual é realmente de origem florentina, mas que começou em um hoteleiro que veio para Portugal nos fins do sec. XVIII ou começos do XIX.

— *Schiappa*. Diz-me o S.^{or} Perry Vidal que a família d'este apelido veio para Portugal no sec. XVIII.

— *Seco*. Diz-nos a *Nobiliarchia*, p. 327, que os d'este apelido vieram de Milão. Peragallo, *Cenni*, p. 66, lembra um Pietro *Secco*.

— *Sernige*. Ha um *Sernige*, Florentino, que se estabeleceu em Lisboa no sec. XV: *Cenni*, p. 66. Do sec. XVI existe um documento que fala de Jeronymo *Sernyge*: vid. *Armaria*, p. 468.

— *Stichini*. Em Lisboa. Tive um aluno assim apelidado.

— *Talone*. Em Lisboa.

— *Tamagnini*. Pronunciado com *gn*, á portuguesa. Como me informa um dos membros da família, parece que a primeira pes-

soa que cá usou o apelido foi um médico vindo de Italia no sec. XIX.

—*Tedeschi*. Em Lisboa.

—*Terzi*. Apelido de um pintor bolonhês que viveu entre nós no sec. XVI e teve dois filhos: *Cenni*, p. 72.

—*Torralva*. Apelido de dois architectos que estavam em Portugal no sec. XVI: *Cenni*, p. 72. Origem geografica (*Torralba*).

—*Toscano*. Já documentado num manuscrito do sec. XVI, que adquirir para o Museu Etnologico Português: Manuel Rodrigues *Toscano*. Vid. tambem a *Armario*, p. 511. Corrente por todo o Portugal.—No feminino: *Andresa Toscana*, 1568: *Registo da Sé*, p. 42.

—*Vecchi*. Em Lisboa. Tive um aluno d'este apelido.

—*Viale*. Em Lisboa. Desde o principio do sec. XIX. Nome illustrado pelo erudito helenista Antonio José Viale.

—*Vivaldo*. Do sec. XIII: *Dom Vivaldo* Genoês. *Cenni*, p. 78.

Os nomes de origem italiana que ficam transcritos prestam-se a algumas observações gerais.

Abstraindo de que muitos d'elles são na origem alcunhas, por exemplo, *Gentil*, *Morato*, *Seco*, *Vecchi*, e bem assim *Acciaiuoli*, *Scarpa* (vid. as palavras prévias d'este capitulo), *Schiappa*, outros são geograficos, por exemplo, *Ferrari*, *Florença* (*Firenze*), *Mantua*. *Monjardino* (Mongiardino), *Napoles*, *Passalacqua*, *Rivara*, *Rana*, *Róvere*, *Spinola*, *Viale*, ou ethnicos, por exemplo, *Lombardo*, *Toscano*, a que posso juntar *Tedeschi* (etimologicamente a mesma palavra que *deutsch* «alemão», lat. mediev. *theodiscus*: cf. supra, pp. 48-49), e outros são nomes proprios, por exemplo, *Jácome* (cf. supra p. 38), *Leone* (cf. supra p. 316), quero sobretudo chamar a atenção para dois pontos: apelidos em *-i*, e representação portuguesa da orthografia e pronúncia italianas.

Os Italianos gostam muito de apelidos em *-i*. Na nossa lista encontramos, entre outros: *Cordi*, *Honorati*, *Salviati*, *Sassetti*, *Stichini*, *Vecchi*. Têm-se dado várias explicações de tais apelidos. A que se julga melhor é esta, que os apelidos em *-i* indicavam a principio o conjunto dos membros da familia a que determinado individuo pertencia, e que depois o plural se empregou como designação de cada individuo: vid. os meus *Opusculos*, III, 120. Um individuo chamado *Vecchio* tornou-se tronco da familia *dei Vecchi*, e alguém que pertence a ela chamou-se pois Fulano *dei Vecchi*, e por supressão de *dei*, Fulano *Vecchi*. A mesma explicação deve ter

de *Judicibus*, tradução latina de *dei Giúdicì*, ou realmente plural de *Judex*. — Será curioso notar que nos nossos apelidos *Perestrello*, de *Pallastrelli*, e *Lomelino*, de *Lomellini*, se partiu do singular, e não do plural, como em *Morel*, de *Morelli*, o que parece mostrar que persistia consciencia de que os nomes em *-i* eram de facto plurais. — Apesar do que digo, ha quem ultimamente suponha que deve voltar-se á antiga ideia dos que vêem nos nomes em *-i* um genetivo: cf. Aebischer, no *Archivum Romanicum*, ix, 472.

Entre nós as palavras italianas foram ou representadas foneticamente, ou apenas com ortografia meramente visual. Do primeiro caso nos dá prova *Achioli* e *Pinhatelli*; do segundo *Tamagnini*, com pronúncia portuguesa.

Nas palavras italianas acabadas em *-i* ou *-e*, caiu por vezes esta vogal ao passar para português: *Corvinel*, *Gentil*, *Imperial*, *Morel*. Em *Reinel*, de *Rainero*, caiu primeiramente o *-o* (se é que não se dizia em italiano *Raineri*), e o *-r* mudou-se em *-l*, conformemente á nossa fonetica antiga.

Apelidos como *Assis*, *Neri*, *Sales*, *Sena* só inexactamente pôde dizer-se que são italianos, pois provêm da religião (S. Francesco *d'Assisi*, S. Filipo *Neri*, S. Bernardino *da Siena*, Santa Caterina *da Siena*, S. Francesco *di Sales*), e não manifestam portanto relações immediatas com a Italia. Talvez *Borja* (vid. supra) esteja ás vezes no mesmo caso (S. Francesco *Borgia*).

Aos nomes em *-ini*, de *-ino*, muito queridos dos Italianos, corresponde entre nós sufixo paralelo, como se verá no Liv. III.

7. Outros apelidos de procedencia estrangeira.

— *Arnao*: vid. *Opusc.*, III, 82–83, ao que se juntarão aqui as seguintes notas bibliograficas: Severim, *Notic. de Portug.*, 1.^a ed., p. 93; *Nobiliarchia*, p. 233; *Armaria*, p. 41. A *Nobiliarchia* diz que os Arnaos vieram com a Rainha D. Felipa, portanto, de Inglaterra; a *Armaria* fala de Arnaos do reino de Valença. A fórma porém é francesa (Arnaud, Arnould, Arnault, nas Canções de gesta *Hernaut*, *Hernault*, etc.) de remota origem germanica. — No *AHP*, VIII, 417, fala-se tambem de um Balthasar *Arnao*, Hungaro. — Etimologicamente corresponde a estas fórmas na nossa lingua *Arnaldo*: vid. supra, p. 48.

— *Aulete*: vid. *Opusc.*, III, 83.

— *Belmarço*, dalmatico. Informação do D.^{or} Perry Vidal. Aportuguesamento.

— *Boto*: vid. *Opusc.*, III, 86.

—*Franklin*. Nome alemão vindo talvez da America. Confirma D.^{or} Wilhelm, *Tauf- u. Rufnamen im Herzogtum Coburg* (p. 28: *Programm* de Coburgo, 1902).

—*Galvão*: vid. *Opusc.*, III, 103.

—*Gersey* (pronúncia primitiva *Gherxei*), húngaro. O individuo que primeiro usou cá o apelido veio para Portugal com El-Rei D. Fernando II, em 1836. Informação de uma pessoa da familia.

—*Grego*: sec. xv–xvi: *AHP*, VI, 460 sgs.

—*Korrodi*: suíço, moderno.

—*Mardel*: vid. Sousa Viterbo, *Carlos Mardel* (folheto), Lisboa 1909.

—*Mollinier*. No *AP*, IX, 73, fala-se de um gravador suíço chamado *Mollinier*, morador na Calçada do Combro em 1775. *Mollinier* deve estar por *moulinier* (alcunha profissional).

—*Martel*. Peragallo, *Cenni*, p. 42, fala de um *Martelli*, Florentino, que viveu em Lisboa no sec. XVI; este nome podia ter-se transformado em *Martel*. Todavia, por outro lado, temos um Salvador *Martell*, livreiro, que viveu na mesma cidade e no mesmo seculo, e cuja nacionalidade se ignora (Viterbo, *Movimento tipografico*, p. 346); e ha *Martel* em França, como nome geografico. Pois que quem usa hoje o apelido *Martel* lhe junta *de*, talvez a origem geografica seja a verdadeira, se o *de* não é junção moderna. Pensar-se em Carlos *Martel* (cf. supra, p. 272), como já tenho ouvido, não se deve.

—*Menelau*. Joam *de Menelau*, vindo de Atenas, sec. XVI (*Armario*, p. 320).

—*Oom*, sueco.

—*Roseira*. O meu aluno universitario Abilio Roseira, descendente de Vicente Rotzinska (de Praga), diz-me que *Roseira* não passa de adaptação portuguesa de *Rotzinska* (origem polaca), feita pelo avô.

—*Said*, arabe. Cf. José Bento *Said*, Professor de latim em Viseu, e tradutor de um *Diccionario mythologico*, Lisboa 1822: talvez emigrado por motivos politicos (*Dicc. bibliogr.*, IV, 272).

—*Weinholtz*. No tempo de D. João Vesteve ao serviço de Portugal um official dinamarquês, de nome Frederico Jacob *de Weinholtz* (apelido porém alemão): vid. D.^{or} Sousa Viterbo, *O fabrico da polvora*, p. 69. O *de* deve ser luxo heraldico, pois *Weinholtz* ou *Weinholtz* é na origem genetivo de *Weinhold*, que provém de *Wig-nand*, na opinião de E. Schröder, apud Reichert, p. 56, e Bähnisch, p. 38; sobre o genetivo, vid. o citado Bähnisch, p. 34. Do

alto-al. ant. wîg «combate» e got. nanthjan «ousar». *Weinholz* não é, pois, o que á primeira vista parece (*Wein* + *Holz*).



De nomes de outras estirpes: hebraica, moçarabica, etc., falar-se-ha adiante, em secções especiais.

G) — APELIDOS DE ORIGEM VÁRIA

Eis uma lista alfabetica respeitante a tempos antigos e modernos:

— *Alegrete*. Nas *Linhagens*, p. 319: Per' *Alegrete*; ou expressão de qualidade moral, ou expressão geográfica.

— *Alfeyram*. Nas *Linhagens*, p. 308.

— *Azambujo*. Em textos do sec. xvi: Fernam Martinz o *Azambujo*, no *AHP*, x, 127; o *Azambujo* (como apelido ou alcunha), no *Paço de Cintra*, do Conde de Sabugosa, p. 232. Ou é nome ethnico de *Azambuja* (cf. o *Mirandelo*, de *Mirandela*), ou alcunha tirada de (*a*)*zambujo*, planta.

— *Babilon*. Nas *Linhagens*, p. 382, onde lendariamente se diz: «Ruy Gomçallvez Babilon foi-sse a terra de Babilonia a fazer suas cavallarias pera gaanhar algo, como o faziam os cavalleiros em aquel tempo, ca hiam servir os senhores com seus cavallos e com suas armas, e tiravam delles algo e proll». Lenda etiologica. Lat. *Babylo*, -onis, «Babilonio».

— *Barata*. Se o apelido fôsse de origem portuguesa, poderíamos attribuir-lhe como origem alcunha zoologica. Todavia ha *Baratte* em França (vid. *Armaria*, p. 57), e *Baratta* na Italia (cf. A. *Baratta* e M. *Baratta*, escritores do sec. xix).

— *Borges*. Apelido actual, e já antigo. Vid. *Armaria*, p. 79, e Cortesão, *Onomastico*.

— *Canardo* (Egas), 1211: *Dissert. Chron.*, I, 260.

— *Caparrosa* (Petrus), 1220: *Inquisit.*, p. 155.

— *Castanhoso*. Tivemos um autor do sec. xvi, Miguel de *Castanhoso*, natural de Santarem: vid. Innocencio, s. *voce*. Este apelido não o conheço senão aqui. É evidentemente geografico. Mas como não sei de nenhuma terra nossa assim chamada, e só sei de *Castañoso* em Lião e Galiza, talvez o apelido nos viesse de Hespanha. Sem embargo, assim como existe na toponimia portuguesa *Carvalhoso*, *Sobrosa*, etc., talvez tambem exista algum sítio de nome *Castanhoso*.

—*Churrichão e Churruchãa*. Nas *Linhagens*, respectivamente, pp. 308 e 375.

—*Escaldado*. Alcunha na Beira Ocidental. Dizem que o individuo assim chamado se escaldára em pequeno. Talvez isso acontecesse, mas pôde a explicação ser mera lenda etiológica: cf. *A barba em Portugal*, p. 123. A alcunha tem, pelo menos, duas gerações na actualidade.

—*Flores*. Por um lado, ha em português medieval o patronimico *Florit* = Floriz, e em hesp. *Florez* (cf. Godoy, p. 109, que põe a par *Frola*, *Fruela*, etc.), por outro lado, lê-se nos *DC*, pp. 27 e 36, «*Flores presbyter*», ondè *Flores* é nome proprio. Só a historia poderá decidir se nas familias que usam o apelido *Flores* (e *Froes*), este provém de um caso ou do outro; mas o mais provavel é que seja de origem patronimica.

—*Folhete*. Nas *Linhagens*, p. 309.

—*Ilharco*. Apelido actual.

—*Jardo*: Dominicus Johannis *Jardus*, clericus: *Leges*, p. 728, de 1275. Deve ser a mesma pessoa que D. Domingos *Jardo*, 23.º Bispo de Lisboa. — A palavra *jardo* em português significa «amarelento»; cf. *jardo* (pano) em Moraes, e no *REW*, n.º 3646.

—*Moutinho*. Apelido actual, e já no sec. xvi: *Armaria*, p. 346. Cf. *Moitinha*, nome de lugar.

—*Orvalhuç*. Nas *Linhagens*, p. 308.

—*Pacheco*. Apelido actual, e já nas *Linhagens*, p. 194. — Não pôde pensar-se em *Paciaecus*, nome de um Ibero, como alguns filólogos têm feito, esquecidos da fonetica.

—*Pinguelo*. Nas *Linhagens*, p. 309.

—*Portocarreiro*. Nas *Linhagens*, algures. Diz a *Nobiliarchia*, p. 317, que os *Portocarreiros* portuguezes passaram a Castela, onde ha *Portocarrero*. Ou seria o inverso? Contudo estes apelidos são evidentemente geograficos. Só encontro *Portocarreiro* na toponimia de Portugal e Galiza, e não *Portocarrero* na de Hespanha (o que pôde ser devido a desconhecimento meu).

—*Ruivinho*. Vid. *Ruivo*.

—*Ruivo*. Pôde ser na origem alcunha de qualidade, ou zoológica.

—*Semblano*. Apelido actual, e já no sec. xvii: cf. *Sermam da 3.ª sexta feira da Quaresma*, pelo P.º Gonçalo da Madre de Deos *Semblano*, Coimbra 1672.

—*Siópa*. Apelido no Cadaval (não do grego *σιωπή* «silencio», mas talvez do ital. *cioppa* «sáia»).

— *Troviscada*. «Hum soldado de alcunha o *Troviscada*, filho de Malaca» (sec. xvi): Couto, *Vida de D. Paulo*, cap. 29.

— *Zúquete* (Leiria). Dizem-me que provém de uma alcunha onomatopeica (*zúquete*).



A par com os apelidos que ficam indicados, e com muitíssimos que se omitem, ha certo número de outros que resultaram de deformação voluntaria, ou substituição, de nomes tidos por pouco eufónicos, e a que, para encobrir isso, se quis dar aspecto estrangeirado, ou, ás avessas, feição mais conforme com o gosto corrente.

a) No primeiro caso temos:

— *Almier*. Deformação de *Almeida*. O individuo que usava este apelido era industrial, e disseram-me que o deformou, porque, tendo estado fóra da patria, quis á volta passar por estrangeiro.

— *Cordon*. É voz corrente que este apelido resultou da alcunha de *Cordão* (talvez de origem industrial ou comercial).

— *Grisel*. Dizem-me ser deformação de *Griseu*, apelido que não agradava, porque *griseu* na lingua comum do Algarve significa ervilha ainda verde (*RL*, vii, 244).

— *Pesth* (com a ideia de *Budapest!*). Deformação de *Peste*, alcunha-apelido de um individuo da Extremadura.

— *Pyrrait*. Deformação de *Pirré*, alcunha dada graciosamente a certo individuo de pequena estatura (vid. *Noticias de Evora*, de 14 de Julho de 1921).

— *Stromp*. Deformação de *Estrompa*, alcunha de um individuo que numa filarmonica tocava *trompa* (vid. *Noticias de Evora*, de 14 de Julho de 1921).

— *Tavarini*. Deformação de *Távares*, apelido de uma cantora nossa, que assim o deformou para passar por italiana.

b) No segundo caso:

David por *da Vide*. O S.^{or} Sousa Larcher, *DN*, de 7 de Abril de 1925, diz que a vários exemplos de *David*, como apelido em Pedrogão Grande, correspondem em tempos antigos (sec. xvi e sgs.) exemplos de *da Vide* em documentos do Arquivo Municipal, e que assim deve ter acontecido noutras localidades.

— *Pinto e Silva*. Assim substituiu um individuo a alcunha, que lhe tinham dado, de *Pintassilgo*.

— *Sardenha*. Em vez de *Sardinha*: vid. *De terra em terra*, I, 58.

— *Saturnino*. Assim substituiu um individuo a alcunha, que havia recebido, de *Estorninho*.

— *Simões*. Sei de um individuo que tem o apelido de *Simões*, isto é, que se chama F. de tal *Simões*, embora o pai se chamasse F. de tal *Simão*. Certamente foi para não ficar no fim um sinónimo de «macaco», que ele fez a substituição por *Simões*, palavra que na origem era patronimica, mas que já não podia ter aqui essa significação. (O dizer-se jocosamente *simão* por «macaco» resulta de se querer imitar o latim *simius*).

Cf. supra: *Páris*, p. 293; *Roseira*, p. 321, etc.

CAPITULO II

Razão da adopção ou escolha do apelido

A razão da adopção originária dos apelidos fica estudada no capitulo antecedente. O primeiro individuo que se chamou *Silva* tomou o apelido por ter estado em alguma relação (nascimento, residencia, posse, etc.) com um sítio ou lugar assim denominado; ao primeiro individuo que se chamou *Crespo* impuseram os vizinhos a alcunha por causa da forma do cabelo ou da barba. E assim os outros casos.

Ora os apelidos transmitem-se de geração em geração. Porque é que ao fim de certo tempo, depois da criação dos apelidos *Crespo* e *Silva*, eles aparecem em certos individuos?

A principal razão da adopção de um apelido é familiar. «Alguas familias d'estes reinos conservam hoje os appellidos e alcunhas de seus progenitores», diz um pouco em tom de zombaria Camilo na *Lucta de gigantes*, 3.^a ed., p. 247, nota, mas di-lo com verdade, citando a proposito a *Origem da nobreza*, de Vera, e a *Chronica de D. Manuel*, de Goes.

Normalmente um individuo, em epoca antiga, toma o apelido do pai: Vasco Martinz de *Coyinha*, filho de Martim Vasques de *Coyinha*, nas *Linhagens*, p. 222: se *Coyinha* não é aqui mero complemento geografico. Em Martim Martiins *Redondo*, filho de Martim Annes *Redondo*, *ib.*, p. 313, não ha porém dúvida que *Redondo* é apelido ou ainda alcunha. Quando se generalizou o uso dos *morgados*, no tempo de D. Manuel, não só se transmittiam com eles os feudos, senão tambem o nome ou o sangue ou a familia: Coelho da Rocha, *Hist. do gov. e legisl. de Portugal*, Coimbra 1843, § 147.

Em épocas posteriores o mais vulgar é continuar um individuo a usar o apelido do pai; póde todavia usar só o da mãe, ou ambos: Maria Josefa de *Simas Pereira*, João de *Simas*, sec. xvii, filhos de Francisco Garcia *Pereira* & Agueda Pereira de *Simas*: nas *Familias faialenses*, p. 257; João Ignacio de *Oliveira Pereira*, sec. xviii, filho de Manuel de *Oliveira Pereira* & de Vitoria da Luz: *ib.*, p. 367. Exemplo moderno: *Fulano* Marcial *Lopes de Paula* tomou da mãe o *Lopes*, e do pai o *Paula*. Às vezes ha particularidades locais: nos pescadores da Póvoa, por exemplo, «observa-se o costume do nome do pae ser usado só pelos filhos e o da mãe pelas filhas» (vid. *Portugalia*, II, 525. Por *nome* parece que se entende aqui *apelido*, posto que a redacção* não esteja clara).

No uso geral não faltam tambem exemplos da adopção de apelidos provindos exclusivamente de avós e outros parentes, bem como não faltam hoje exemplos de passarem para mulheres apelidos dos maridos (vid. Liv. II). De homens adoptarem apelidos das esposas, como na Suíça acontece, é que não conheço casos entre nós, mas talvez os haja no vulgo.

Um individuo póde do mesmo modo tomar o apelido do padrinho ou de um protector. Manuel Leitão *Aranha*, sec. xvii, tomou do padrinho Tomé *Aranha* o apelido de *Aranha*, e transmitiu-o aos filhos: vid. Artur Lamas, *Casa-nobre de Lazaro Leitão*, Lisboa 1925, p. 14. O arabista Frei João de Sousa nasceu em Damasco, e tendo vindo para Portugal, e obtido protecção em casa de João de Saldanha de Oliveira e *Sousa*, adoptou o apelido do seu protector, em demonstração de agradecimento: Innocencio da Silva, *Dicc. bibliographico*, IV, 41-42. Outros exemplos vimos já, e continuaremos vendo, no decorrer da obra. Não parece necessario repeti-los aqui.

Existem apelidos que se adoptaram de circunstancias bastante especiais. No poema intitulado *Os Toiros*, de A. J. de Carvalho, Lisboa 1796, p. iv, lê-se:

.. filho sou de *Adão de Barros* ..
Feito da fragil massa das panellas,

onde *de Barros* completa *Adão*, como apelido faceto, por *Adão* ter sido feito de *barro*, e se usar muito aquele apelido (não se usa *Barro*, no singular, como seria de esperar aqui, se se usasse). Castilho tambem algures empregou *Adão de Barros*, pelo mesmo

motivo. O mencionado exemplo não passa de arredondamento jocoso; sei contudo de um arredondamento serio. Um rapaz, em Lisboa, a quem os pais queriam chamar, como chamaram, *Antonio*, e a quem para o equipararem a um irmão mais velho, queriam dar tres apelidos, um dos quais, além de outro que não importa referir, era *Pereira*, já antigo na familia, recebeu o de *Alvares*, ficando arredondadamente *Alvares Pereira*, apelidos do Condestavel D. Nuno, cuja festa se celebrava no dia em que o rapaz se batizou. Este último caso é juntamente um exemplo do gosto que os Portuguezes têm da novidade.

Exemplo ainda mais curioso no-lo dá um individuo da Extremadura transtagana, que por ter por mãe uma *Fulana Galinha*, escolheu para um dos seus apelidos o de *Pinto*!

Actualmente ha muita liberdade na escolha do apelido: cada pessoa toma, por assim dizer, o apelido que lhe parece, de que gosta, ou que lhe convem. Não era assim outr'ora. Numa *ordenação*, de D. Manuel, de 31 de Março de 1520 (liv. II das *Ordenações*, tit. 37, § 13), diz o Rei: «... ninhũa pessoa, de qualquer condiçam que seja, d'aqui em diante nom tome apelido de fidalguo de solar conhecido, que tenha terras com jurisdiçam em nossos reynos, nom lhe pertencendo, nem vindo da dita linhagem; e os que ao presente se chamam de semelhantes apelidos, os nom trespassem a seus filhos, nem descendentes, nem os ditos descendentes se possam chamar, nem nomear pelos ditos apelidos, posto que seus pays assi se chamassem, se na verdade lhes nom pertencia, nem vinham da dita linhagem; e quem o contraíro fezer perderá a fazenda, metade pera quem o acusar, e a outra metade pera os cativos, e mais perderá todo privilegio, que por sua linhagem e pessoa tiver, e ficará plebeu, como emcima dito he». — Os Cristãos-Novos estavam isentos do que aqui se estabelece, como se verá adiante, no Liv. II.

CAPITULO III

Fôrma do apelido

Do mesmo modo que o nome proprio e o sobrenome, tambem o apelido póde ser simples ou composto: melhor certamente seria dizer *complexo*.

Conforme os seculos, e as necessidades de determinar bem a personalidade de um individuo, assim os apelidos vão aumen-

tando, quer os apelidos propriamente ditos, no geral geograficos, quer as alcunhas.

Até o sec. xii empregavam-se poucos apelidos geograficos e poucas alcunhas (o patronimico bastava!): Elias *de Avelanas*, *Eirigu Sertor*: vid. supra. Nas *Inquisit.*, sec. xiii, vão aumentando: *Johannes de Carvalio*, *Pelagius Cuviliana*, *Menendus Calvus*, *Petrus de Barrio*, *Petrus Pequeno*, *Johannes de Portu*: pp. 1-3. Nas *Linhagens*, sec. xiii-xiv, as alcunhas são abundantissimas, e apelidos geograficos tambem ha muitos, ainda que estes ás vezes não podem distinguir-se de meras designações de patria ou residencia: D. Gomes *de Pombeiro*, D. Pero Nunes *de Barbosa*, p. 144; Pero Soares *d'Alvim*, p. 146; Pero Paes *o Prove*, p. 167; Pero Paaez *Escacha*, p. 333. Nas *Chancelarias*, sec. xv, encontramos o mesmo fenomeno: Afonso Eanes *Montouto*, p. 81; Afonso Eanes *Saraiva*, p. 194; Afonso Esteves *de Campina*, p. 329; Lourenço Eanes *Gargalão*, p. 575. Tanto nestes exemplos, como nos das *Linhagens*, o apelido ou a alcunha segue-se regularmente ao patronimico. Os fidalgos gostaram sempre muito de apelidos geograficos: o *Cancioneiro geral*, que é do sec. xv e começos do xvi, tem, por exemplo: D. Afonso *de Noronha*, D. Alvaro *da Cunha*, Ayres *da Silva*, D. Duarte *de Meneses*; e na *Vida de D. Paulo*, de Diogo do Couto, encontramos, no cap. 8.º, longa lista de personagens do sec. xvi, como: D. Paulo de Lima, Alvaro Paes de Sottomaior, D. Diogo Fernandes de Vasconcellos, Francisco de Miranda Henriques, todos eles com apelidos iguais a nomes locais.

A medida que a função do patronimico se ia obliterando, este tornava-se apelido, amiude reforçado com a adjunção de alcunhas e apelidos geograficos: e assim as gèrações sucessivas acharam-se de posse de apelidos de várias espécies. Muitas vezes só pelo apelido se distinguíam as classes. Em regra as pessoas das classes populares usavam um unico apelido, nascido repetidamente de patronimico ou alcunha. As pessoas das classes altas usavam com frequência mais de um, isto é, um patronimico seguido de um ou mais apelidos geograficos, ou usavam sòmente apelidos d'esta ultima especie; quando usavam um unico apelido, este distinguia-se não raro pela sua qualidade, ou por vir acompanhado de um «de» locativo, ou de um titulo. Sem embargo, não estavam de todo excluidas alcunhas dignificadas. As mulheres nobres usavam com frequência tambem um só apelido ou um só nome, mas nos dois casos precedido de «Dona»: cf. o que neste particular diz o D.ºr João de

Barros, *Geographia* (escrita em 1548), ed. da Biblioteca do Porto, p. 102.

Exemplos do sec. xvi, colhidos no *Registo da Sé*:

a) Classes populares: Pero Gomez, ferrador, João Fernandez, çapateiro, Lopo Martinz, canastreiro, p. 20; Fernão da Luz, alfaiate, Simão Roíz, seleiro, Joham Fernandez, barbeiro, p. 21; Lopo Roíz, regatão de fruta seque, p. 37; Pero Anes, tanoeiro, p. 41; Gonçalo Diaz, curtidor, p. 45; Margarida Simoa, mulher de um barbeiro, p. 51; Antonio Gonçalvez, sineiro, e Gratia da Costa, sua mulher, p. 53; João Velho, confeiteiro, p. 64.

b) Classes altas: Martim Gonçalves da Camara, filho de D. Violante, p. 54; Francisco de Mello, de Sam Paio, casado com D. Anna de Tayde, p. 58; Duarte da Gama, D. Maria de Mendonça, D. Maria da Silva, p. 60; D. Inês, p. 70; D. Joã de Castello Branco, e sua mulher D. Maria Pinheira, p. 71; D. Luis de Sousa, p. 76; D. Martim Afonso de Sousa, p. 78.

Exemplos do sec. xvii, colhidos nas *Portarias*: Capitão Gaspar de Barros da Fonseca, vol. 1, p. 2; Mateus de Freitas de Azevedo, escudeiro fidalgo, *ib.*, p. 2; Gaspar de Mello Sampaio, do Conselho de Estado, vol. 1, p. 3. Na *Sé de Tanger*: Francisco Roíz, cor(r)ieiro, p. 121; Antonio Gonçalvez, mestre de carpintaria, p. 135. No *Registo de Santa Cruz do Castello*: Francisco Lopez, criado, p. 274.

No sec. xviii até acontece ter um individuo quatro e mais apelidos. Pedro Alvares Pereira Sanches de Figueiroa: *Portarias*, p. 457. No *Almanach* de 1799 lê-se paralelamente: Valentim Leite Homem de Magalhães Ferreira, p. 185; Manuel Moreira de Figueiredo Mascarenhas Leitão, p. 190; ou apenas tres apelidos em seguimento a um sobrenome: Sebastião José de Sampaio Mello e Castro, p. 184; João Bernardo da Costa de Brito Pimentel, p. 189. No *Archivo heraldico*, de Sanches de Baena, encontramos estes nomes do sec. xviii–xix: Antonio de Lemos Coelho Ferreira de Sousa Rebelo e Vasconcellos (seis apelidos), p. 66; Manuel José Machado Teixeira Leite Pereira de Sousa Lobo (seis apelidos, além de sobrenome), p. 487.

Não destoa do antigo o uso moderno: conheço uma senhora que usa nos seus cartões de visita (impressos) o seguinte nome: *Fulana* Augusta Ferreira Velho Cordovil Caldeira Didier, a par com o do marido: *Fulano* José de Mello Cordovil Caldeira Didier; e conheço outra senhora que nos seus cartões (tambem impressos) tem *Fulana* Emilia de Athayde de Queiroz Pinto de Tavares da

Cunha Cabral. No ultimo regime houve um Ministro de Estado e Par do Reino, de nome Alexandre Ferreira Cabral Paes do Amaral. Tudo isto são excepções, e em familias nobres. Porém é mui corrente usarem-se hoje nas classes médias e baixas apelidos em número de dois e tres, não contando o sobrenome: o que póde verificar-se com facilidade folheando qualquer volume do *Anuario Comercial*. Os pescadores da Póvoa usam em regra dois apelidos, e chegam a usar tres: vid. *Portugalia*, II, 525.

A decadencia da nobreza, ou sob os golpes dos reis, que desde cedo estiveram em luta com ela (cf. supra, p. 161), ou principalmente sob o influxo das ideias de igualdade e liberdade proclamadas do sec. XVIII para cá¹, trouxe a pouco e pouco consigo o nivelamento das classes, e como consequência a promiscuidade e abastardamento de muitos apelidos. Quando a nobreza decaía, os apelidos multiplicavam-se. Se iam minguando as prerrogativas, ia crescendo a nomenclatura. Como que se procurava compensar por sonoridade de palavras a perda da supremacia social. Era um modo de suspirar pelo passado, visto que não podia, ou não póde, fazer-se mais!

Já noutra epoca de decadencia, qual foi a dos fins do Imperio romano, se observa terem os magnates grande número de apelidos: «avoir beaucoup de noms passa pour un titre de noblesse», diz Ch. Morel no *Dictionn. des antiquités*, s. v. «nomen», p. 96, onde cita uma inscrição referida a um personagem que nela se apresenta com trinta e seis nomes.

Não esqueçamos, apesar d'isso, que em todas as cousas ha modas e particularidades. Polionimia nem sempre representa degeneração de costumes ou de poderio.

Nos seus *Ethnographische Parallelen*, I, 170, fala Andree de uma tribu de Indios americanos que usavam, ou usam, varios nomes, conforme as occasiões. Na Hespanha, por causa do costume de unir em ordem regular apelidos paternos e maternos, e serem ás vezes complexos, acontece haver nomes muito compridos, por exemplo: *José García Moreno López y Villa*, cujo pai se chama *Juan García y López*, e a mãe *Antonia Moreno y Villa*. E póde ainda prolongar-se o nome, juntando outros apelidos paternos e maternos. Se notarmos que tambem não raro nessa nação se

¹ Cf. Coelho da Rocha, *Historia do gov. e legisl.*, já citada, §§ 241-242.

usam sobrenomes devidos a santos (do dia do nascimento, ou de devoção), imaginaremos que comprimento um nome é susceptível de tomar, o que até tem dado origem a aneddotas. Na Alemanha, por motivos analogos, ha nomes como *Erik Heinrich Aloiss Karl Victor Maria Russ*, onde os seis primeiros nomes formam um nome de baptismo (*Taufname*) composto, e o último é um *Zuname* (apelido).

Com o uso moderno, que se notou, de dois e tres apelidos nas classes baixas coincide o de um só, e é isto sem duvida o mais corrente, o que já tambem outr'ora acontecia, como vimos. Falando das mulheres da Póvoa, isto é, das mulheres dos pescadores, diz Fonseca Cardoso, in *Portugalia*, II, 525: «nenhum appellido usam, e só dois nomes proprios seguidos, assim: de Jesus, da Hora, da Conceição, da Assumpção, etc.». Penso que o autor queria dizer: nome proprio seguido de sobrenome.

✱

Na junção dos apelidos não existe ordem rigorosa, contrariamente ao que acontece em Hespanha, como se viu do exemplo citado a p. 330. Nós agregamos em verdade apelidos paternos e maternos, mas ao acaso. Entre os apelidos compostos, ou, como seria melhor dizer, complexos, ha-os que andam muito ligados entre si, por exemplo, *Pinto Osorio*: falando do saudoso jurisconsulto que assim se chamou em vida, não podemos deixar de proferir ao mesmo tempo os dois apelidos, e não em separado o *Pinto* ou o *Osorio*. É pois *Pinto Osorio* um «apelido composto», na acepção estrita da palavra, isto é, *apelido composto* propriamente dito. *Pinheiro Chagas* é tambem de algum modo apelido composto: embora possamos empregar só *Chagas*, ninguem nos entenderia se dissessemos o *Pinheiro*. Tambem na Hespanha, por exemplo, em *D. Claudio Sanchez-Albornoz y Menduiña*, nome de um autor de importantes trabalhos historicos, um d'elles até a respeito de Portugal, *Sanchez-Albornoz* é apelido composto (já vindo assim do pai).

✱

Por isso que existem, como se disse a p. 151, apelidos iguais a nomes proprios de pessoas, não se estranhará que haja individuos cujo nome se componha apenas de nomes proprios, servindo o primeiro ou primeiros de sobrenome, e os restantes de apelido propriamente dito, por exemplo: Custodio José Duarte, médico e

escritor; Caetano Frederico Augusto Gaspar, no *Anuario Comercial* de 1918, p. 561. Todavia, só por investigação especial dos anais de cada familia se pôde saber se algum dos nomes proprios que se seguem ao nome individual é realmente ás vezes apelido, ou é sobrenome ou elemento de nome-duplo.

Lá fóra tambem acontece haver nomes-completos formados de muitos nomes de baptismo: *Émile André Pierre Thomas* (só o último, porém, é apelido; os tres primeiros formam o nome proprio).

Observações á doutrina do apelido

1.ª

Que muitos apelidos provêm de alcunhas, consta não sòmente das explicações que por vezes se agregam a estas («que chamam», «por sobrenome», etc.) e da junção do artigo definido («o Pinto»), mas de que na epoca dos patronimicos elas se lhes seguem regularmente. De tudo isto se tratou com desenvolvimento no cap. 1, secção E, d'esta Parte III.

Não será, porém, de mais insistir no seguinte. De, por exemplo, um sujeito comer muito, pôde dizer-se que *come como um lóbo* (apodo), e vir por isso, com o tempo, a ser chamado pelos vizinhos *o Lóbo*, alcunha com que se sentirá ofendido; se a alcunha passar a um filho, que pelo contrário seja de pouco comer, não o magoará, e até talvez ele a adopte como apelido, visto que assim o conhecem. Aqui está como se passá de apodo a alcunha, e de alcunha a apelido. O mesmo acontece, se em vez de apodo, se empregar louvor.

Quando é que as alcunhas antigas se tornaram apelidos? A resposta não pôde dar-se de modo absoluto: sòmente em cada caso especial, com documentos á vista, e ainda assim, nem sempre, porque de haver numa epoca uma alcunha ou apelido, e noutra epoca uma alcunha ou apelido iguais, não resulta que as alcunhas ou apelidos mais modernos proviessem dos mais antigos: podem ter-se formado independentemente em epocas diversas.

Do tempo dos patronimicos existem já apelidos, que nasceram evidentemente de alcunhas: Fernando Arana (= Aranha) nas *Inquisit.*, sec. xiii, p. 299; Martinus *Conelius* (= Coelho), *ib.*, p. 458. Nas *Linhagens*, sec. xiii-xiv, figuram muitas alcunhas que nas *Chancelarias*, sec. xv, são apelidos, por exemplo:

Paio Soares, *dito* *Romeo*, nas *Linhagens*, p. 154; Afonso *Romeu*, nas *Chancelarias*, p. 31;

Soerius Mendes *o Gordo*, nas *Linhagens*, p. 154; João *Gordo*, nas *Chancelarias*; p. 185, etc.;

Gonçalo Veegas *Magro*, nas *Linhagens*, p. 169; Alvaro *Magro*, nas *Chancelarias*, p. 54;

Martim Gil, o que chamaram *Feo*, nas *Linhagens*, p. 201; Fernão *Feio*, nas *Chancelarias*, p. 333.

Em seculos seguintes as familias d'esses e semelhantes apelidos apparecem nobilitadas por vezes com brasões de armas.

Compreende-se que pela abundancia das alcunhas, e pelo apagamento que os patronimicos iam soffrendo, houvesse necessidade de adoptar aquellas como apelidos.

Em todo o caso devemos lembrar-nos que a passagem de alcunhas a apelidos é phenomeno que se produz diariamente, tão espontaneo e vulgar como a criação das proprias alcunhas.

2.ª

Paralelamente ao problema exposto no parágrafo antecedente a respeito das alcunhas, suscitam-se outros a respeito das restantes origens de apelidos: geograficos, etc. As soluções são também paralelas.

3.ª

Às vezes não se conhece a razão historica da existencia de um apelido, embora este pertença a uma classe previamente estabelecida, por exemplo, *Chuva*, *Guerra*, *Machado*. Um apelido pertence ideologicamente a uma classe, e historicamente a outra, por exemplo, *Bispo*, que ideologicamente pertence á classe dos apelidos provenientes de alcunhas designativas de dignidades ecclesiasticas, e historicamente nasceria de um individuo ter sido criado de um bispo. Já acima se falou d'este assunto, p. 150.

4.ª

Por causa da semelhança da lingua hespanhola com a portuguesa, e de se adaptarem aos nossos hábitos foneticos palavras vindas de Hespanha com fonetica local (do que se deram exemplos a p. 294 sgs.), não é facil nem possivel ás vezes decidir se um apelido se formou cá, ou veio do vizinho reino. Assim, por exemplo, quanto ao apelido *Cabreira*, não padece dúvida que, por um lado, existem em Portugal várias terras chamadas d'esse modo, e que

portanto seria natural que de uma d'elas ou de muitas nascesse aquele apelido geografico; por outro lado, porém, dizem as *Linhagens*, p. 321, «Orraca Fernandes de *Cabreira*, de terra de Leon», e a *Armaria*, p. 96, dá também *Cabreira* como comum a Portugal e Hespanha. A fórma portuguesa *Cabreira* corresponde propriamente em hespanhol *Cabrera*. Cf. já supra, p. 166.

5.^a

Havendo, como ha, tantos individuos que usam um mesmo apelido, ocorre naturalmente ao leitor perguntar se todos eles provêm de estirpe comum. A resposta pertence mais á Historia, isto é, á Genealogia, do que propriamente á Filologia; far-se-hão contudo aqui algumas reflexões.

Apelidos provindos de patronimicos, de nomes proprios de pessoas, da religião, não indicam necessariamente parentesco, o que não significa que ele ás vezes não exista. Com effeito, todos esses apelidos se formam em circumstancias que nada têm especial. Bastava que um individuo se chamasse ou chame *Rodrigo*, para que o filho recebesse ou receba o sobrenome de *Rodriguez* ou de *Rodrigo*, depois transmitido como apelido.

Quanto aos apelidos provenientes da geografia, de alcunhas, e de linguas estrangeiras, convem notar que, se ha apelidos muito corriqueiros, por exemplo, *Carvalho*, *Coelho*, *Costa*, *Pereira*, *Pinhoiro*, *Silva*, *Teixeira*, ha-os raros ou pouco vulgares, por exemplo, *Aboim*, *Alarcão*, *Homem*, *Sepúlveda*. Os primeiros estão no mesmo caso que os de cima. A respeito dos outros já não serei tão affirmativo.

Posto que da vulgaridade de um apelido não possamos inferir logicamente relações de familia, é certo que um apelido se propaga através das gerações com muita facilidade, e que, portanto, parecendo ao repente não existirem laços de sangue entre duas pessoas de apelido *Carvalho*, só porque é trivial, eles ás vezes existem realmente.

As *Familias faialenses*, que não raro têm sido citadas na presente obra, dão-nos a este proposito informações preciosas, porque se referem a uma epoca circumscriita, que fica entre o sec. xv e o xx, e estão isentas de fantasias que os genealogistas, quando não historicamente educados, se aprazem de disseminar ao tratarem de tempos remotos. Por exemplo, o apelido *Arriaga*, que é o primeiro de que aí se fala, e que entrou em Portugal no último quartel do seculo xvii, foi usado até o presente por mais de sessenta

indivíduos.—Parece-me que os antropólogos colheriam do exame da mesma obra alguns elementos de estudo importantes; d'isso não me compete aqui falar.

6.^a

Muitos apelidos pertencem a todas as provincias do Continente, o que resulta ou do vulgarismo da origem (cf. obs. 5.^a), ou de deslocamento das respectivas familias; ha-os, porém, que aparecem mais numas provincias do que noutras, ou aparecem exclusivamente em algumas. Por exemplo: ha muitos *Guedes* no Douro, e muitos *Judices* no Algarve. As razões do exclusivismo ou da raridade são multiplas: fixação de solares (com relação a tempos antigos), importação moderna, o que não permitiu ainda propagação grande, e tambem deve invocar-se, por vezes, a fisiologia, a existencia de costumes proprios, de condições economicas especiais, etc.

Quanto aos Açores, já no meu livro *Mês de sonho*, Lisboa 1926, pp. 26–27, indiquei algumas razões que explicam o haver grande número de apelidos iguais por todo o Arquipelago.

7.^a

Não basta que um apelido tenha fôrma estrangeira, para se dizer que ele indica uma nacionalidade respectiva a essa fôrma. Cf. supra, p. 281.

Ouvi contar a muitas pessoas que o Professor da Universidade de Coimbra, hoje falecido, D.^{or} Bernardo Antonio Serra de *Mirabeau* adoptára o apelido *de Mirabeau*, não por sua familia descender de França, mas porque assim o denominaram os condiscipulos ou contemporaneos, em virtude da facilidade com que se exprimia, falando. A particula *de* não tem pois cabimento algum.

Conheci numa aldeia da Extremadura um individuo de alcunha *Garibaldi*, que a recebeu dos vizinhos, por costumar andar em mangas de camisa, e eles o quererem comparar com o célebre patriota italiano, que por vezes assim aparece pintado.

Vive em Lisboa um individuo que, por homenagem a Georges Jacques Danton, se chama Teixeira *Danton*. Analogos sentimentos politicos os vimos em acção, quando se falou da origem dos nomes individuais: p. 88–89.

LIVRO II

PORMENORES ANTROPONIMICOS

O caracter do presente Liv. II foi já indicado de modo sumário na INTRODUÇÃO, p. 21. Aqui só deve acrescentar-se que o Livro começará pelo que é mais geral, e acabará no que é mais especificado. Intermediamente atender-se-ha, dentro do possível, á successão historica e ideologica da materia. Por várias vezes se aludiu a esta no corpo da obra; agora cada notícia será mais ampliada.

Poderá ao repente parecer estranho que numa Antroponimia portuguesa, entre os capitulos que adiante se seguem, haja um em que se incluam nomes de Arabes e Moçarabes: mas os Arabes de que se fala são os chamados *Mouros forros e Mouriscos*, uns e outros subordinados á nossa nação; e os Moçarabes formavam, em territorios que hoje são portugueses, grupos cristãos, que devemos contar entre os nossos antepassados.

CAPITULO I

De como se designa vagamente uma pessoa

Uma pessoa póde ser designada de modo vago por *Fulano* e *Fulana*, em vez do nome proprio, por exemplo: «*Fulano* disse isto, *Fulana* aquilo», «*Fulano* ou *Fulana* de tal». Na lingua antiga dizia-se *Fuão* ou *Foão*, como se lê nestes textos: «ele da hũa parte e *Foão* da outra», *Leges et cons.*, pp. 313 e 314; «hum *Fuão* Pimentel», em Diogo do Couto, *Vida de D. Paulo*, p. 18. No feminino: *hũa Fuã*, 1546, *Registo do Castelo*, p. 6.

Quando se quer pela mesma maneira mencionar uma serie de pessoas, juntam-se a *Fulano* as seguintes palavras: *Sicrano e Beltrano*, no feminino *Sicrana e Beltrana*. Em hespanhol diz-se correspondentemente: *Fulano, Zutano, Mengano y Perengano* (a par de *Perencejo*); como variante de *Zutano* encontro em dicionarios tambem *Citano*. Até ha uma obra hespanhola intitulada

Cuentos y chascarrillos andaluces, cujo autor é *Fulano Zutano Mengano y Perengano* (pseudonimo de D. Juan Valera): vejo-a citada num catálogo da livraria de G. Rico (Madrid) que tem por titulo *Nuestra oferta especial para 1927*.

A palavra *Fulano*, tanto em português como em hespanhol, e *Foão*, que não passa de modificação fonetica d'aquella, têm origem arabica (REW, n.º 3411); *Beltrano*, de *Beltrão*, ou se regulou por *Fulano*, ou se constituiu por analogia com *Adriano*, que corresponde a *Adrião*, embora *Beltrão* viesse do germanico e *Adrião* do latim; *Mengano*, como penso, deriva de *Mengo* (fôrma resumida de *Domengo*), com a terminação de *Fulano*; e *Perengano* deriva de *Pero*, com a terminação de *Mengano*. Estas duas últimas palavras, por serem substantivos proprios, ficam pois, quanto ao sentido, equivalentes a *Beltrano*, e com sufixo igual. As outras palavras, acaso tambem desfiguramento de nomes proprios, não as posso porém explicar. — *Beltrão* corresponde por si só a *Fulano* neste adagio: *Quem ama Beltrão, ama o seu cão*, em Bluteau, *Nomes proprios*, p. 24.

O mesmo character vago, de que tenho falado, se exprime com simples nomes, de uso vulgar: *Pedro ou Paulo*, e mais extensamente: *Pedro, Paulo, Sancho, ou Martinho*, o que pôde significar: *fosse quem fosse*. Cf. no *Florilegio* de B. Pereira, sec. xvii, o adagio: *Muito vai de Pedro a Pedro*, isto é, de um individuo a outro. *Pedro e Paulo*, por motivo religioso, são nomes que andam muitas vezes ligados, e chegam a formar um composto: *Pedro-Paulo foi a Roma*, num ensalmo (vid. os meus *Ensaïos Ethnograph.*, iii, 193). *Sancho e Martinho* gozavam de muita voga na lingua antiga, e até conheço uma perlanga de Celorico da Beira, que diz:

*Sancho-Martinho e mais a mulher
mataram um porco atrás do tonel,*

onde ha uma alusão á matança do porco e prova do vinho pelo S. Martinho (Novembro), ambas celebradas em conhecidos proverbios.

A p. 78, nota 3, vimos que *Maria*, na linguagem do povo, quasi que significa «mulher», na expressão *ha mais Marias na terra*, que substitue a antiga *muitos Pedr'Eanes ha na terra* (vid. os meus *Textos arcaicos*, 3.ª ed., pp. 104 e 160), e aqui temos mais uma vez *Pero* ou *Pedro*, como em *Pedro ou Paulo*, no hesp. *Perengano*, e nos adagios que traz Bluteau, *Nomes*. p. 41;

e cf. *Peres, ib.*, p. 34, s. v. «João» (isto é: *Jan Peres*, || *que mais queres?*). Na expressão *Maria vai com as outras* o nome *Maria* significa também «uma mulher».

Outros empregos de nomes proprios com a significação generica de pessoas os temos em varios adagios: *se me quer João*, || *suas obras o dirão*; *em casa de Gonçalo* || *mais póde a galinha que o galo*; *bem prega Frei Tomás*: || *olha para o que ele diz, e não para o que ele faz*; *esmola Mateus*, || *esmola para os seus*; *Miguel, Miguel*, || *não tens abelhas e vendes mel?* etc. E cf. *Blueau, Nomes*, pp. 31 (Gonçalo), 34 (João), 37 (Mateus), 38 (Miguel, Maria, Marta), 41 (Pedro), 44 (Sancha), 45 (Teresa).

Póde falar-se aqui de *tocaio*, que em Tras-os-Montes significa «homonimo», tratando-se de pessoas: *RL*, v, 106 (A. Moreno), o que também acontece em mirandês (*tucaio, tucaios*, por exemplo: *Manuel & Manuel, Maria & Maria*), e no Brasil do Norte, como informa o *Novo Diccionario*. Cf. *Opusculos*, II, 403. É a palavra hespanhola *tocayo*. Quando dois Hespanhois do mesmo nome se encontram, diz ás vezes um ao outro, por gracejo: «*Hola, tocayo!*». Em regra, porém, isto não se usa.

Palavra semelhante do Brasil é *xará*. D'ela se ocupou o Visconde de Beaupaire-Rohan no *Dicc. dos vocab. brasileiros*, Rio 1889, p. 146: «tratamento familiar de que usam entre si as pessoas que tem o mesmo nome de baptismo: José da Silva é *xará* de José da Costa. Meu *xará!* minha *xará!* Ha muito que te não vejo, *xará*. Como tens passado, meu *xará*, ó minha *xará?* || . Também se diz, no mesmo sentido: *xarapim* e *xéra* || . Etymologia: todos estes vocabulos se derivam do tupi . . Como bem o faz observar J. Verissimo, *xéra* não é mais do que a contracção de *xéréra*, cuja traducção litteral é *meu nome*. J. Ribeiro, *A lingua nacional*, Rio 1921, p. 91, dá, mais ou menos, explicação analogá, mas acrescenta a p. xvii das Notas: «a palavra brasileira *xará* foi introduzida em Loanda pelos negros migrados do Brasil, e lá é conhecida sob a fôrma *xalá*, consentanea com a prosodia do kimbundo. Os negros d'essa região possuem o termo proprio que é *Sandu* no ambundo, derivado do portuguez *Santo*, pois que os nomes são tirados do calendario catholico, e as crianças que nascem no mesmo dia tem o mesmo *nome* e *santo*, e são consideradas parentes, irmãs ou primas, segundo H. Chatelain, *Folk Tales*».

No Minho, «ó meu *xedas!*» é a fórmula vulgar de chamar um aldeão, quando se lhe não sabe o nome, — diz M. Boaventura, *Vocabulario minhoto*, vol. II, Espòseude 1922, p. 152.



Todas as palavras, que ficam mencionadas, desempenham, por assim dizer, função de pronome: *Maria vai com as outras*, isto é, «um segue os outros»; *ha mais Pedr'Eanes*, isto é, «ha mais alguém». Por «Fulano» póde pôr-se em latim *ille*, *quidam*, em francês *un tel*, em inglês *such a one*. E assim por diante.

CAPITULO II

Maneira de nomear as crianças

A criança por baptizar chama-se de modo geral, por toda a parte, conforme o sexo, *Moiro*, *Moira*, e mais usualmente *Moirinho*, *Moirinha*, expressões que não podem porém considerar-se rigorosamente nomes.

Em regra uma criança, antes de ser baptizada, trata-se logo pelo nome que ha-de receber no baptismo. No Porto e noutras terras, como tenho ouvido, dão ás vezes porém ás crianças, emquanto moiras, o nome de *Custodio* ou *Custodia*, deminutivamente *Custódinho*, *Custódinha*. É claro que *Custodio* provém de *Anjo Custodio* ou *da guarda*, que mais em particular defende a criança até entrar no gremio da Igreja, e por isso como que a substitue. Se uma criança, para a mente do povo, está exposta, por natureza, á influencia nefasta de entidades sobrenaturais, sobretudo Bruxas, —pelo que a mãe lhe põe de ordinario amuletos que a protejam—, muito mais o está, sem dúvida, até o momento do baptismo. A *Custodio* attribue-se de modo muito natural o feminino *Custodia*. Sem embargo, *Custodio* e *Custodia* usam-se tambem como nomes de adultos: vid. supra, p. 64.—Já em Roma á criança que morria antes de receber oficialmente o *praenomen* (vid. supra, p. 29) se dava por vezes na respectiva inscrição tumular a designação de *pupus* ou *pupa*, por exemplo, *pup(us) Agrippa*, *pup(a) Valeria Messalina*: em Dessau, *Inscript. Lat. selectae*, vol. III, p. 923. Por outro lado ha tambem exemplos de *Pupus* ser verdadeiro *praenomen* e *cognomen* em adultos: vid. Dessau, *ob. cit.*, vol. III, p. 233, e sobretudo Cagnat, *Epigraph. lat.*, 3.^a ed., p. 46; cf. Marucchi, *Epigrafia cristiana*, p. 4.

A criança até tarde não usa apelido, usa só o nome proprio (cf. supra, p. 95); quando muito, usa sobrenome ou nome composto, por exemplo, *Antonio Emilio* (cf. supra, p. 96). Lê-se num

documento de 1463, no *AHP*, v, 21: «*Johane*, de 9 annos, filho de Johan Vaz». O costume vem pois de longe.

Ainda mais simples tratamento consiste em nomear a criança apenas por *menino* ou *menina*, sem mais nada. Às vezes juntam-se estes substantivos aos nomes próprios, por exemplo, *menino-Miguel*, *menina-Fernanda*, e hipocoristicamente *menina-Jini*, etc., o que muito acontece no Sul, ao passo que no Centro e Norte se prefere o uso de diminutivos: *Antoninho*, *Mariquinhas*, *Gracinha* (sobrenome), e como hipocorísticos: *Zêzinho*, etc.

Dos nomes hipocorísticos dados a crianças, e às vezes conservados toda a vida, falar-se-ha no Liv. III (Gramatica). Os simples diminutivos também às vezes se conservam pela vida fóra.

CAPITULO III

Nomes de engeitados

Nunca faltam mãos deshumanas que, por aberração ingénita, miseria, vergonha, ou outro motivo, entreguem, logo á nascença, o fruto de seus ocultos amores a destino ignoto e incerto: isto é, o *engeitem* ou *exponham*, que tanto vale *engeitado* como *exposto*. Do sentido d'estas expressões sinonimas trata Gouvêa Pinto, *Exame critico e historico* (a respeito de expostos ou engeitados), Lisboa 1828, p. 15 sgs.; mas convem citar aqui, e principalmente, o *Codigo do registo civil* (1911), artigo 147.º, que considera expostos os meninos, filhos de pais desconhecidos, que forem encontrados «ao abandono» em qualquer lugar.—Por *exposto* e *engeitado* dizem em Viana de Castelo *postiço* (no fem. *postiça*), e em Bragança *zorro* (no fem. *zorra*). Todavia *postiço* ou *postiça* também significa criança que uma mulher está criando, não sua; e *zorro* ou *zorra*, filho ou filha de pais incognitos. Nesta última acepção dizem em Tras-os-Montes, a modo de proverbio: *Zórro*, || *ou muito esperto*, ou *muito tolo*; e também: *Zórro*, ou *muito afortunado*, || *ou muito desgraçado*.

Consta-me que em algumas terras é costume dar aos engeitados como nome proprio o do santo do dia do baptismo ou o do dia do nascimento: o que está de acôrdo com o que sabemos do Liv. I, parte 1, da presente obra: pp. 82–83. Todavia o costume não é geral. Como eu observasse que em algumas terras da Extremadura, por exemplo, no Cadaval, os engeitados da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa usavam nomes raros, dirigi-me a este

estabelecimento pio, para fazer investigações a tal respeito e, vim a averiguar cousas curiosas, já antroponimicas, já etnograficas¹; só me ocuparei das primeiras, deixando as segundas para outra obra.

Em Lisboa havia, talvez já antes de 1300, um hospital para meninos desamparados: Victor Ribeiro, *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, Lisboa 1902, p. 391. É porém do Hospital de Todos os Santos, fundado em 1492 por D. João II, da Misericórdia de Lisboa, fundada pela Rainha D. Leonor em 1498, ao que a aconselhou D. Fr. Manuel Contreiras, e do Hospital de S. José, existente com esta invocação desde 1766, que data toda a acção de caridade exercida regularmente na capital em benefício dos expostos. Para o desenvolvimento d'ela contribuíram medidas adoptadas em reinados subseqüentes: vid. *ob. cit.*, pp. 391-400. Em 1783 determinou o Intendente Pina Manique a criação de *rodas*, para admissão de expostos, em muitas terras do reino: *ob. cit.*, p. 130. Victor Ribeiro, no seu util livro, não especifica a de Lisboa, mas entende-se que se criou também uma na Misericórdia da capital, á qual alude depois, pp. 130-152. Esta roda foi extinta em 1870: vid. p. 152. Pela fôrça do hábito continúa em livros da Misericórdia posteriores a 1870 a falar-se em *roda*, como observei no cartorio, e em 1921 ainda, como me informaram, existia uma *casa da roda*, aonde se admitiam as crianças pobres que entravam para a Misericórdia com as mães, ou apareciam ao desamparo na rua; hoje recebem-se noutro compartimento. *Rodeira* era o nome da empregada que estava de dia e de noite junto da *roda*, para aceitar as crianças que chegavam.

O nome imposto a uma criança, que o capelão da Misericórdia batizava, tinha uma das seguintes proveniências:

nome da Casa, isto é, escolhido pela Santa Casa;

nome de escrito, isto é, indicado num papel, ou *escrito*, que ás vezes acompanhava a criança, e onde se indicava a par o dia do nascimento, os sinais que a acompanhavam, para que ela pudesse depois ser reconhecida pela familia, etc.;

nome da roda, isto é, indicado de viva voz á *rodeira* por quem trazia a criança; d'ele tomava nota a *escrivã*.—A definição de

¹ Ao S.^{or} Sebastião Alfredo da Silva, Chefe da 1.^a Repartição, agradeço a benevolencia com que me tratou, facilitando todas as minhas buscas, e dando-me muitas informações.

nome da roda determinei-a primeiro teoricamente, depois examinando os maços das entradas dos engeitados, e vendo que faltavam lá *escritos* correspondentes ás crianças que tinham esse nome; por fim, falando com uma antiga empregada da Santa Casa, que me confirmou a definição.

A Santa Casa nem sempre adoptava o *nome da roda*, substitua-o por um *nome da Casa*. Quando uma criança enviada pelo Hospital de S. José para a Misericórdia já tinha nome, embora não recebido em baptismo, declarava-se isso com a expressão *nome de guia* no verbete que servia de registo de entrada; mas a Santa Casa, ao baptizá-la, substitua-o também, ou podia-o substituir: pelo menos notei a substituição em todos os registos que compulsei, escritos em 1860 e tantos.

Em livros antigos de *entrada de engeitados*, por exemplo, no Livro 2.º, de 1661, enumeram-se nomes extraídos do Calendario, mais ou menos usuais: só a respeito de alguns femininos direi que não correspondem propriamente a nomes de santas, mas são tirados de nomes de santos, com mudança de genero. Eis uma amostra: Alexo, Ana, Antonio, Bernardo, Breatiz, Feliciano, Gonçalo, Isabel, Joana, Justa, Lourenço, Luís, Luísa, Manuel, Mateus, Pedro, Urbano, Verissimo, Vicencia, etc., todos eles já nossos conhecidos; e além d'esses, entre outros, os seguintes:

—*Bibiana*, por *Bebiana*, nome de uma santa de quem a Igreja reza em 2 de Dezembro. Feminino de *Bebiano*, na origem cognome: *Baebianus*, derivado de *Baebius* (gentilicio).

—*Crispim*. De *Crispino*, em próclise, como *Severim*: vid. Liv. III. Também em hespanhol *Crispín*. Na origem cognome romano: *Crispinus*, de *Crispus*, que na lingua comum significava «crespo». Na primitiva Igreja houve um santo chamado *Crispinus*.

—*Monica*. Nome de uma santa do sec. iv: feminino do nome proprio grego *Mónixos*, de *μόνος* «só»; variante *Mónixos*: vid. Pape.

—*Natária* (sic), por *Natália*: vid. Liv. III (Hipopcoristicos). Nome da esposa do martir S. Adriano.

—*Porciuncula*. Nome tirado de uma das invocações da Virgem: Santa Maria *da Porciuncula* ou dos Anjos. *Porciuncula*, de *portiuncula*, que quer dizer «porção ou parte pequena», designava um campo perto de Assis, onde havia uma igreja consagrada a Nossa Senhora dos Anjos. Vid. Bluteau, *s. voce*.

—*Raimundo*. Variante de *Reimundus*: vid. supra, p. 51. Ha mais de um santo de nome *Raimundo*.

— *Soterio* (sic), por *Sotéro*, do grego Σωτήρ = lat. *Soter*, -ēris «salvador», cognome romano, e nome de um santo do sec. II. Também em hespanhol ha *Sotero*.

— *Ursula*. A santa d'este nome faleceu no sec. V. Na origem «ursa pequena», depois cognome. Cf. exemplos paralelos supra, p. 216 sgs. (Alcunhas tiradas de nomes de animais).

— *Vidal*. Variante de *Vital*, do lat. *Vitalis*, cognome romano, tornado nome de varios santos.

Alguns dos nomes dados a engeitados no livro de que estou falando estão acompanhados de sobrenomes e apelidos: José *da Rosa*, Manuel *Bento*, Maria *da Conceição*, Luísa *dos Santos*; outros são nomes compostos: João *Evangelista*.

No Livro 30.º, de 1797, observam-se factos semelhantes: nomes tirados do Calendario, e alguma vez da Biblia. Por exemplo: Antonia, Caetano, -a, Carlos, Isidora, João, Joaquim, etc., e além d'eles, entre outros:

— *Damiana*, fem. de *Damião*, de que já se falou supra, p. 61.

— *Genovefa*, variante de *Genoveva*: vid. supra, p. 68.

— *Hygina*, ou *Higina*, fem. de *Higino*, nome de um santo que floresceu no sec. II. A origem primeira está em *Hygia*, nome greco-latino da deusa da saude, tornado também cognome.

— *Isidora*, fem. de *Isidoro*, de que se falou a p. 64.

— *Josué*, nome de um personagem biblico; nele entra a palavra «Jehovah», como em muitos outros, e a ideia de «libertar» (Gesenius, p. 374, traduz por «cuius *auxilium* *Jehova* est»). É o mesmo nome que *Jesus* ou *Iesus*.

— *Liborio*, nome de um santo do sec. IV. — Talvez de *Liborius*, com troca de sufixo; ou de *Libora*, cidade iberica (Zambaldi).

— *Narcisa*, fem. de *Narciso*, nome de um santo: vid. supra, p. 75.

— *Umbelina*, nome de uma santa que a Igreja festeja em 21 de Agosto.

Tambem na lista de 1797, que estou a aproveitar, figura *Pedro Alexandrino*, nome composto, aproveitado do de um santo de quem a Igreja reza em 26 de Novembro.

Em livros da Misericórdia, posteriores ao sec. XVIII, por exemplo, no n.º 111, de 1838, a par de alguns nomes tirados da historia, como *Viriato* (vid. supra, p. 80) e *Clarimundo*, nome de um personagem (e titulo) de um romance de João de Barros (sec. XVI), ha muitos nomes iguais aos de santos ou santas: *nomes da roda*, mais vulgares, Adelaide, Antonio, Felismina, Gertrudes, João,

José, Luís, Manuel, Maria, Mariano; *nomes da Casa*, alguns d'elles usuais, como *Maria*, *Rita*, outros, em grande número, mui pouco vulgares ou nada, como:

— *Aniceto*, nome de um santo do seculo II. Origem grega: 'Ανίκητος, tirado da lingua comum («invencível»).

— *Bazeliça*, por *Basilissa*, nome de mais de uma santa. Origem grega: Βασιλισσα, tirado da lingua comum («rainha»).

— *Berenice*, nome de uma santa de quem a Igreja reza em 10 de Março. Nome de várias rainhas do Egipto, e de várias cidades antigas. Em grego Βερενίκη, Βερενικη ou Βερονικη; em lat. *Berenice*, *Beronice*. D'aqui veio *Verónica*, nome da mulher que, segundo a tradição cristã, limpou o rosto de Cristo (o acento da palavra deslocou-se por influencia dos muitos nomes que há em *-ónica*); e como o rosto ficou impresso no *sudario*, chama-se, por extensão de sentido, *verónica* a uma medalhinha religiosa. Também ha *Santa Verónica*. — Cf. sobre o assunto W. Förster in *Zs. f. rom. Philol.*, xxxii, 338 sgs.

— *Cesárea* ou *Cesária*, fem. de *Cesário*, nome de varios santos. Na origem cognome: *Caesarius*.

— *Decoroso*, nome de um santo festejado em 15 de Fevereiro. Na origem adjectivo latino e português.

— *Hermógenes*, nome de um santo de que a Igreja reza em 19 de Abril. Do gr. Ἑρμῆγενος, que significa á letra «descendente de Hermes».

— *Nazario*, nome de santos dos secs. I e VII. Origem hebraica: do verbo nazar «separou», «consagrou(-se)».

— *Ulderico*, ou *Uldarico*. Assim se chama um santo de que a Igreja reza em 4 de Julho. Suponho ser o mesmo nome que *Udalrich*, ou *Ullrich*, *Ulrich* em alemão: de *Ulderich*, *Udalrich*, etc., em Förstemann, col. 1182 sgs. *Ulrich* é hoje apelido cá, segundo vimos a p. 283.

— *Ulpiano*, nome de um santo de quem a Igreja reza em 3 de Abril (*Ementario*). Na origem cognome romano.

Num assento de 23 de Julho de 1839 lê-se *Deusdedit*. Este nome de engeitado assemelha-se a alguns que usavam os primeiros Cristãos: *Adeodatus*, etc., em Martigny, p. 459. — Cf. supra, p. 154, o que já se disse de Deusdado, e outros nomes. Um engeitado muito velho com quem falei na Misericórdia, e que lá fôra por acaso quando eu lá estava, disse-me chamar-se *Deogratias* (= *Deo-gratias*). É outro nome paralelo ao de cima; d'ele diz De-Vit, s. v.: «nomen virile inter Christianos usitatum, quibus significabatur

Deo gratias agendas esse pro eo dato sive concesso parentibus suis», e cita exemplos dos secs. iv-v e v.

Pelos meados do sec. xix os livros de registo dos engeitados da Misericórdia de Lisboa são substituídos por verbetes. De 10 de Junho em diante não só os nomes estão dispostos pela ordem do alfabeto, mais ou menos regular, com correspondência de datas seguidas, por exemplo, em rapazes, *Achilles*, *Acrisio*, *Adolfo*, *Adriano*, *Alano*, correspondentes a 10, 11, 12, 13 e 14 de Julho, em raparigas, *Anastacia*, *Adelina*, *Agostinha*, *Atalanta*, correspondentes a 10, 11, 12 e 14 do mesmo mês, e assim por diante, — senão que se encontra, mais ainda do que até então, enorme quantidade dos tais nomes raros a que aludi no princípio d'este capítulo, nomes que, se ás vezes provêm directa ou indirectamente do Calendario, outras vezes provêm de fontes diversas. Eis alguns exemplos colhidos ao acaso em verbetes de 1861, 1862, 1863 e 1868

— *Adrasto*, nome de um rei de Argos: na lingua grega usual ἄδραστος «que não foge», «inevitavel», etc.

— *Aristeu*, que o *Ementario* dá como nome de um bispo e martir, é principalmente conhecido na Mitologia grega como filho de Apolo. Á letra: «primeiro, etc.».

— *Azarias*, nome de varios personagens hebraicos. Á letra: «Jehovah ajudou».

— *Egeria*, nome de uma ninfa fontanaria da Mitologia romana.

— *Espiridião*, ou *Esperidião*. Também em hespanhol ha *Spiridión* e em fr. *Spiridion*, em ital. *Spiridione*. Os Gregos tinham o nome proprio Σπυρίδων, palavra derivada de σπυρίς, -ιδος, que significa «cesto», etc.; mas as mencionadas fórmulas romanicas assentam no diminutivo σπυρίδιον.

— *Eufroia*, fem. de *Eufronio*, nome de um santo do sec. vi, bispo turonense. Do gr. Εὐφρόνιος, relacionado com εὐφρων, -ονος, «alegre, propicio».

— *Leonilda*. Vid. supra, p. 92.

— *Optaciana*, fem. de *Optaciano*, nome de varios santos. De *Optatus*: cf. supra, p. 25.

— *Osoria*, fem. de *Osorio*: vid. *Opusc.*, III, 32 sgs.

— *Procopia* e *Procopio*. O segundo é nome de um santo do sec. xi, mas de origem grega, e assim se chama um historiador bisantino, da Palestina, do sec. v-vi: Προκόπιος, de προκοπή «progresso», etc.; á letra, pois, «aquele que ganha ou progride».

— *Radamante*, em vez de *Radamanto* ou *Rhadamanto*. O autor do verbete pensou no fr. *Rhadamante*. É *Radamanto* persona-

gem da Mitologia grega: filho de Zeus e de Europa, e um dos juizes do Inferno.

— *Respícia*, fem. de *Respicius*, nome de um santo do sec. III.

— *Tertula*. O *Ementario* traz *Tertulla* e acentua falsamente o *e*. Nome de uma santa que se venera em 29 de Abril. Na origem cognome romano *Tertulla* e *Tertullus*, que Schulze, p. 204, nota 5, e p. 461, explica por *Tertius* (fórmula diminutiva). D'aqui, ou de **Tertullius*, veio *Tertullianus*, nome de um famoso escritor eclesiástico, de Cartago, do sec. III; em português *Tertuliano*.

— *Tomasina*, nome derivado de *Tomás* (vid. supra, p. 62).

— *Venancia*. Vid. supra, p. 26.

Do exame a que submeti os verbetes cheguei a concluir que o capelão da Misericórdia, que batizava as crianças, se regulava por um caderno de nomes alfabetados, e que dispunha de muitos cadernos; esgotado um após certo tempo, servia-se de outro. Evitavam-se nomes corriqueiros: assim, em uma série de nomes começados por A, J, P, etc. não se encontrará *Antonio*, *João*, *Pedro*. Até me consta que, se alguém da casa descobria um nome raro, o ia levar ao capelão para ele juntar aos que já possuía. Porque era isto? Porque dando-se no batismo nomes fóra do comum, evitava-se alguma confusão na determinação da personalidade da criança, quando depois esta saía da Misericórdia. O nome próprio, só por si, era tudo, pois que, segundo veremos, não existia grande variedade de sobrenomes ou apelidos.

Importaria investigar se noutras rodas que havia no reino aconteciam cousas semelhantes ás que observámos na de Lisboa, ou se ainda fóra da roda os nomes dos engeitados eram ou são pelo geral exquísitos. Pouco se me oferece aqui dizer.

Monsenhor Ferreira, que foi Prior de Vila do Conde (hoje está aposentado), escreve-me que quando uma criança era levada á roda (Vila do Conde, Braga, etc.), ia dentro de um cestinho, e nele se metia ás vezes um bilhete com a indicação do nome que a mãe desejava fôsse dado á criança. «Este nome era fóra do vulgar, para tornar a criança destacada entre as outras, para mais tarde ser reconhecida, e rehavida pela mãe: .. indicação sempre respeitada a bem do futuro da criança. Quando não havia indicação do nome, e ninguém se oferecia para madrinha, o paroco dava á criança o nome do santo do dia (cf. supra, neste mesmo capítulo, p. 341). Tendo madrinha, esta indicava o nome á sua vontade».

O Rev.º F. Manuel Alves, Reitor de Baçal (Bragança), diz-me, pela sua parte, o seguinte: «No acto de baptizar os engeitados, não se põem nomes desusados, se bem que tenho notado certa tendencia para isso, vinda de tempos passados; mas hoje, digo, não se usa tal. Ha muitos padres que gostam de que no nome do baptizado entre o nome do santo venerado no dia em que nasceu, e como ás vezes esse santo tem nome pouco vulgar, parece uma cousa, e é outra». A este último grupo pertence sem dúvida *João ante portam Latinam*, nome composto (cf. p. 96), que um antigo Prior de Refojos do Lima deu a um engeitado. Por curiosidade acrescentarei que o povo mudou o nome em *João Latino!*

Nomes avulsos de engeitados: *Alexandrino, Aparicio, Bonifacio, Hermenegildo*, da roda do Fundão, a par, porém, de *Alexandre, Antonio, João, Francisco*.

Em Ponte de Lima houve um engeitado de nome *Empirio*, na origem adjectivo greco-latino, que significa «ígneo», e passou depois a substantivo na acepção de «ceu» (não sei aqui a razão da escolha do nome).

Dos factos apontados conclue-se que, se a exquiritice do nome de um engeitado, sobretudo em terras importantes, resultava ou resulta do desejo de se evitar confusão, outras vezes dependia ou depende de acaso, isto é, de ser assim o nome do santo do dia, etc.

Até aqui falámos quasi só do nome proprio. Quanto a sobre-nome, confundido em parte com apelido, ha varios costumes. Os engeitados, ao deixarem a Misericordia de Lisboa, tomavam com frequência o sobrenome ou o apelido das amas que os criavam, mas mais usualmente as raparigas sobrenomeavam-se *de Jesus, da Graça*, e os rapazes *dos Santos*: num e noutro caso sobrenomes ou apelidos religiosos, e de character bastante geral. Tambem me dizem que ás vezes se adoptava o apelido de *Nobre*. Dos dois ultimos casos colhi varios exemplos em engeitados da Santa Casa de Lisboa que residiram ou residem no Cadaval:

a) *Juvenal, Lamecio, Onofre, Polidoro, Prometido, Romano, Rustico, Veracundo* (Verecundo): nomes seguidos de *dos Santos*;

b) *Chansa* (= Sancha), *Potestata, Primo*: seguidos de *Nobre*.

Em todos os exemplos citados os nomes pertencem á classe dos raros. Quando estive Médico de partido no Cadaval, tive lá um criado de nome *Castor*, o qual era engeitado, e conheci outro chamado *Etelvino*.

Excepto *Etelvino*, *Lamecio*, *Potestata* e *Prometido*, os restantes pertencem ao Calendario. *Lamecio* (se não ha engano na transcrição) virá de *Lamech*, nome de um personagem biblico; *Prometido* é nome bem apropriado num engeitado; *Potestata* lembra *potestas virtutis*, e aquilo dos *Lusiadas*, v, 38: ó *Potestade* .. sublimada (Deus). Acêrca de *Etelvino* vid. o Liv. III (Gramatica: hipocorísticos).

Ha uma engeitada, não sei porém d'onde, chamada: *Digna da Providencia*, com sobrenome religioso, como alguns dos de cima: provém do nome de uma santa, e já os Romanos usaram *Dignus* e *Digna* como cognomes.

Em *Geminiano da Luciana*, nome de um engeitado do Minho, o sobrenome foi tirado familiarmente do nome da ama que o criou (Cf. supra, p. 348). *Geminiana* é o feminino de *Geminiano*, nome de santo; na origem cõgnome romano, derivado de *Geminus* ou *Geminus* («gêmeo»).

A um engeitado do Alentejo Central chamaram *Luis de Camões*, por ter sido batizado em 10 de Junho, dia da festa do nosso epico.

Apelido bastante notavel, e que sai um pouco das regras dadas acima, é o que se observa em *Manuel Leite da Camara de Bragança*, de um exposto da *roda* da Camara de Bragança: *Leite* ignoro d'onde veio; da segunda parte do apelido está bem visivel a origem.

*

Depois que se implantou o novo regime, e se promulgou a lei do registo civil, esta trouxe algumas disposições a respeito da nomenclatura dos engeitados, analogas ás que de modo geral já se consignaram supra, p. 98. O artigo 149.º do *Codigo do registo civil* (1911), já citado, estabelece o seguinte:

Art. 149.º «O funcionario do registo civil escolherá para o exposto o nome proprio e um sobrenome¹, evitando cuidadosamente que este seja conhecido como pertencente a familias existentes

¹ [Aqui *sobrenome* está no sentido de *apelido*, apesar de no artigo 143.º se falar de *nome de familia*. É com esse sentido que, por exemplo, na Misericordia de Lisboa se fazem os *registos* de nascimento].

na região, devendo de preferencia escolhê-lo na historia antiga¹, ou derivá-lo de circunstancias que se refiram particularmente á criança, á sua conformação, feições, côr de pele, lugar e hora em que foi encontrado, mas abstendo-se cuidadosamente de qualquer denominação ridicula, ou tal que possa recordar que o registado é um exposto».

Eis agora alguns nomes de expostos registados na Misericórdia de Lisboa, segundo a disposição do mesmo Codigo. Sirvo-me do livro de *Registos de nascimento* de 1914:

Raul de Noronha, n.º 1; *Albino Caldas*, n.º 2; *Berta Neto*, n.º 3; *Virgilio Branco*, n.º 4; *Alice Carrilho*, n.º 8; *Valerio Bâtista*, n.º 10; *Violeta de Meneses*, n.º 12; *Manuela Pereira*, n.º 15; *Octavio Mora*, n.º 23.

Consoante me informaram na Misericórdia, o *sobrenome*, isto é, o *apelido*, provém ás vezes realmente das circunstancias casuais a que o Codigo alude: por exemplo, uma criança recebeu o apelido de *Campos*, por ter sido exposta num *campo*; outra recebeu o de *Miranda*, por assim se chamar um antigo Provedor da Santa Casa (Pereira de Miranda); outra recebeu o de *Almeida*, porque na ocasião do registo estava de visita no edificio da Misericórdia o S.^{or} D.^{or} Antonio José de Almeida, então Presidente da Republica. Muitas vezes não existe propriamente razão para a escolha de apelido ou de sobrenome: lança-se mão de um que faça que o nome fique, por assim dizer, mais arredondado, mais agradável. Ha-de haver ainda outras razões, e entre elas acaso as que expliquem os apelidos e sobrenomes constantes da lista que acima se transcreveu.

A quaisquer engeitados, saídos ou não das rodas, tem o povo por hábito alcunhá-los assim mesmo: abundam por esse Portugal fóra denominações como *Fulano Engeitado*, *Fulana Engeitada*; e especificando mais: o *Engeitado das Netas* (Beira), a *Rita do Engeitado* (ibidem), a *Quina da Engeitada* (algures); *José Engeitado* (algures), com dois filhos, chamados *Augusto Engeitado* e *João Engeitado*. Já no *Canc. da Vatic.*, n.ºs 558-561, temos *Ayras*

¹ [O Codigo no que aqui diz, e no que se segue, faz confusão de *nome proprio* com *apelido*. Isto é, o texto devia estar redigido mais metodicamente].

Engeytado, como autor de quatro composições poeticas. Isto relaciona-se com o que foi dito supra, p. 179 (Alcunhas), pois se entende que a palavra, havendo-se empregado primeiramente na sua acepção propria, passou seguidamente a alcunha e apelido. É assim que no *Registo do Castelo*, p. 28, se lê que o cura em 1553 batizára «Pedro engeytado».

Sendo *exposto*, como vimos, sinonimo de *engeitado*, era natural que se empregasse aquela palavra nas mesmas circunstancias d'esta: de facto, ha algures uma *Polonia Exposta*, e um *Manuel Exposto* (alcunhas ou apelidos), e o *Anuario Comercial* de 1918 dá alguns exemplos do apelido de *Exposto* no Porto e em Lisboa.

O mesmo acontece com *postiço*. Numa cidade do Minho ha uma *Fulana Postiça*, por ter sido engeitada. Quanto ao outro sinonimo, isto é, *zorro*, é provavel que tambem se empregue como alcunha: mas em dois exemplos trasmontanos que conheço, um tem esta positivamente no sentido de «filho de pais incognitos», e o outro não sei em que sentido a tem. Em igual incerteza está o apelido do trovador Joham Zorro, que mencionei no Liv. I, p. 235 (Alcunhas zoologicas)¹.

CAPITULO IV

Emprêgo de «cognomentum» e expressões sinonimas

Em muitos documentos do sec. ix ao xi e ainda ao xii e xiii aparecem expressões como as que aqui se vão mencionar:

—*Enderquina comento Pala*, do ano de 897: DC, pp. 7, 53 e 74; *Inderquina qui et Palla*, de 957, p. 42; *ego Inderquina atque Palla*, de 961, p. 71.—Difícil é dizer no último exemplo se o cognomento corresponde a *Palla*, que aparece na antroponimia romana, se é o nome comum latino *pala* ou *palla*, ou ainda se estará por «palha».

—*Tauron cognomento Mogaria*, de 936, *ib.*, pp. 23, 26 e 28.—*Mogaria* é sem dúvida nome geografico: cf. MOGUEIRA, sec. XIII, *Inquisit.*, p. 570 (ainda hoje apelido: no *Anuario Comercial* de 1918, t. 1, p. 628).

¹ Engeitados têm já servido de tema literario: *O Engeitado*, por I. Pizarro, 2 vols., 1846; *Engeitadinhos*, no *Campo de Flores*, de João de Deus, p. 216; *O sello da roda*, per P. Ivo, 1876; *canção da Engeitada*, numa opereta de A. de Sousa, 1927; etc.

—*Ismael presbiter cognomento Mestulius*, de 927, *ib.*, p. 32. — *Mestulius* como nome proprio independente: *Mestulius aba*, de 927, *ib.*, pp. 21, 28 e 30; *ego Vivildixuna* (noutro doc. *Vivili*, DC, p. 141) *cum filiis meis, id sunt Mestulio, Eilo et Requilo*, *ib.*, p. 37.

—*Donadeo cognomento Abuḡhac*, num documento de Lorvão, de 935, *ib.*, p. 25. — Cf. noutros documentos de Lorvão, territorio moçarabico: *Abuḡag*, *Abuḡat*, *Abḡag*, em todos os quais entra o elemento arabico *ab-* «pai», e a terminação *-ac* (*-at*).

—*Petro presbitero cognomento Bahalul*, num documento de Lorvão, de 943, p. 30; noutro documento, p. 30, o mesmo individuo: *cognomento Balculi*. Temos tambem num documento de Guimarães, de 1059: *domno Bahaluli*, DC, p. 261. O primeiro elemento do nome é sem dúvida semitico.

—*Zaragauti cognomenonto* (sic) *Alcetra*, num documento de Coimbra, de 944, *ib.*, p. 31.

—*Nunus dictus Siloniḡ*, de 959, *ib.*, p. 47. — Aqui *Siloniḡ* é puro patronimico, como em *Adulfo Siloniḡ*, p. 142; cf. *Siloni presbiter*, *ib.*, pp. 30 e 43, onde *Siloni* é fôrma estereotipada de **Silon*, de origem germanica.

—*Ego indigna Gogilli cognomento Bellida*, de 978, *ib.*, p. 78. — *Gogilli* = *Gog-illi*, deminutivo feminino de *Gogio*, tambem representado em documentos nossos por *Gog-ino*, *Gog-ina*, *Gog-ito*, etc.: do got. *Gaivi*, que quer dizer «distrito» (al. *Gau*). A toponimia moderna tem ainda *GOGIM*, de *Gogini* (villa). — *Bellida* é o feminino de *Belido*, que com variantes aparece várias vezes como nome de homem em documentos nossos, segundo já se disse a p. 53 (cf. tambem *Inquisit.*, p. 603: *D. Belido*).

—*Ego Animia conomento Nina*, de 979, DC, p. 78. Num documento de 1028, *ib.*, p. 163, temos *Nina* independente, isto é: *ego Nina cognomento Matrebona*. D'estes documentos se vê que *Nina* é feminino. — *Animia*, que se lê tambem a p. 105, onde figura como esposa de Tructesindo Galindiz, em 994, parece palavra latina derivada de *anima* ou *animus*. A palavra *Nina* talvez seja hipocoristica, como de *Ninna*, diz M.-L., I, 86, e II, 82; todavia devemos porventura distinguir *Nina* de *Ninna*, que supponho ser masculino, pois na toponimia moderna ha *NINÃES*, que só póde explicar-se por **Ninnanis* (sc. *villa*); cf. *Ninnas test(is)*, num documento de 1020, DC, p. 152, com *-as*, como *Garsias*, que coexiste com *Garsia* (vid. supra, p. 103, e cf. além d'isso *NINI*, nome geografico medieval, explicavel por **Ninni*, de **Ninnus*, e a que

hoje corresponde NINE em Portugal e na Galiza). Tanto a palavra *Nina*, como *Ninna*, se encontram na epigrafia romana, mas ambas como cognomes de mulheres: *Julia Nina*, *Octavia Ninna*, em De-Vit, *Onomasticon*, s. vv.—Quanto a *Matrebona*, esta palavra é também certamente latina; cf. infra.

— *Eilo cui nomine Dulcevida*, de 985, *DC*, p. 94.— *Dulcevida* corresponde a *dulcis vita*. Cf. na epigrafia romana geral e na latino-cristiana: *Dulcis*, *Dulcitude*, *Vitalis*. À «Vida» me referi nos meus *Opusc.*, III, 134. Também ha em documentos *Dulcedomna*, e só *Dulce* ou *Doce*.

— *Emiso connomento Matre*, de 985, *ib.*, p. 90 (cf. *Imiça*, *Emiça?* em Förstemann, col. 952).— *Matre* é noutro documento nome independente, como adiante se dirá. Cf.: *Matrebona*, supra; *Matredona*, e *Aurodona*, infra; e *Matredomna*, *DC*, p. 507.

— *Petrus cognomento Gontoigio*, de 989, *ib.*, p. 97. Este cognomento é provavelmente o mesmo que os nomes próprios *Gontigio*, *Guntigio*, de origem germanica, pelo menos no que toca ao primeiro elemento (vid., por exemplo, *DC*, pp. 101 e 73).

— *Zamora cognomento Zana*, de 995 (?), *ib.*, p. 108. Outra forma de *Zamora* é *Zamura*, que se lê no mesmo documento. A p. 6 lê-se *Moçara et Zamora*, que parecem marido e mulher (Arabes ou Moçarabes?). Incidentemente notarei que a *Zamora*, aqui nome proprio de pessoa e também representado na toponímia de Hespanha, corresponde na nossa toponímia moderna SAMORA (por Çamora).—Quanto a *Zana*, talvez na origem seja o nome comum *zana*, que se lê nas *Leges*, p. 376 (armadilha de caça? a mesma palavra que *zana* «cesta», etc., em italiano?).

— *Manualdo cognomento Manoi*, de 998 (?), *ib.*, p. 111. O cognomento deve ser o mesmo que *Manioi*, que figura como nome independente, *ib.*, p. 55, num texto de 964; parece-me formado de duas palavras germanicas: *man* na «homem», e *wîhs* «santo» (que deu *oy*: M.-L., I, 83). *Manualdo* é nome germanico muito conhecido.

— *ego Padre cognomento Iunas*, de 1013, *ib.*, p. 135.

— *ego . . Marina connomento Aurodona*, de 1073, *ib.*, p. 313. Cf. *Aurodomna* em Cortesão, *Onomastico*, e no *Elucidario*, s. v. «crebrantado» (que som representa a segunda letra: *u* ou *v*?); e *Vitadonna* adiante.

— *Cidi cognomento Guterre*, de 1018, *ib.*, p. 148. *Cid* (de origem arabica) era palavra mui usada na Peninsula na idade-média, e *Guterre* também (parece de origem iberica): vid. supra, pp. 36 e 29.

—*Ego ancilla Christi Vitadonna cognomento Trastina*, documento de Leça, de 1032, *ib.*, p. 169.—Cf. *Opusc.*, III, 116–117.

—*Geluegia connomentum Velita*, de 1038, *DC*, p. 183. *Velita* é o mesmo cognomento que *Bellida*, de que se falou supra.

—*Gaudiosa cognomento Gota*, no mesmo documento. *Gaudiosa* é claramente palavra latina derivada de *gaudium*, usada já em inscrições cristiano-latinas dos primeiros tempos (De-Vit). O cognomento tem muita representação em documentos: *Goti*, *Gotina*, *Gotiniç*, *Goto*, *Gotom* (vid. Cortesão), mas a par ha fórmulas com *-d*. Vid. supra, pp. 32 e 49.

—*Ego Esparilli prolis Atra cognomento Cidi*, documento de 1080, *ib.*, p. 351. *Esparilli* é nome germanico, derivado de *spar* (vid. supra, pp. 37–38) + suf. *-illi*. Quanto a *Cidi*, temos já visto esta palavra várias vezes. *Atra* é germanico: M.-L., I, 6.

—*Ego Matrona cognomento Matre Dona*, ou *Matredona*, de 1083, *ib.*, p. 372. Também ha só *Matre*: *ego Matre Froiloniç* («eu Madre, filha de Froiloni») *et ego Nebrigio*; nós *subnominatos Matre et Nebrigio*: *DC*, p. 162, documento de 1027. Cf. *Mummadonna* nos meus *Opusc.*, III, 116. E vid. supra e infra.

—*Alverigo cognamento* (sic) *Bona Menendiç*, de 1086, *DC*, p. 401. Acêrca de *Alverigo*, nome germanico, vid. M.-L., I, 8. Sendo *Bona* latim, ficaria estranho servir de cognomento a um homem, nesta epoca, um nome feminino; estará pois *-a* por *-o*, ou será *Bona* alteração de um nome germanico?

—*Ego Mumadona cognomento Madredux*, de 1102, nos *Docs. para a hist. portug.*, p. 96. Parece que o cognomento se pôde decompor assim: *Mad-red-uç*, estando em *mad-* o elemento germanico mâttha, em Förstemann, anglo-saxão *maedh* «honra»; cf. *Made-ricus* no mesmo A., col. 1110. Quanto a *red-*, é elemento germanico bem conhecido, «conselho». O elemento *-uç* é um sufixo patronimico, de que já acima se tratou.

—*D. Martinus, cognomento Sancius*, de 1145, nas *Dissert. Chron.*, t. III, pt. I, p. 126.

—Do sec. XIII vimos no Liv. I, pt. III, p. 263, um cognomento formado com *Pimentel*.

As expressões *cognomentum* (sinonimo arcaistico de *cognomen*: vid. Georges, s. v.), *qui et* («que também» sc. «se chama»), *atque* («e também» sc. «se chama»), *cui nomen* (sc. *est*), *dictus* correspondem um tanto ás que acima, pp. 16–17 (INTRODUÇÃO), vimos se empregavam em textos romanos, e em inscrições cristiano-latinas,

mais ou menos, na acepção de *cognomen* e de «alcunha», em bom ou mau sentido; todavia outras vezes a significação é bastante especial. Por brevidade, insistirei unicamente em *cognomentum*, como expressão principal e que representa as outras¹.

Se *Pala* (signifique o que significar) parece realmente alcunha, se *Mogaria* é sem dúvida, como se disse, apelido geográfico, e *Siloniz* é patronímico, quasi todas as restantes palavras figuram em verdade como segundos nomes. Já Godoy, p. 45, escreve, a respeito da Hespanha, que «fué frecuente en nuestra Edad Media llevar una misma persona dos nombres», e a pp. 218-225 produz longa lista, respeitante aos secs. ix-xiii. Giry, p. 358 sgs., fala igualmente de «doubles noms», em França, na idade-média, admitindo que a duplicidade resultaria, umas vezes de se haver recebido no baptismo um segundo nome, além d'aquelle que já se tinha, do que ministra exemplos históricos, e outras vezes seria talvez devida simplesmente á necessidade de distinguir homónimos; e menciona também as expressões *qui et vocatur, sive, cognomentum*². Meyer-Lübke voltou ao assunto em II, 70-72 («Beinamen und Doppelnamen»), classificando os nossos exemplos assim: nomes de mulher, de homem, cristiano-árabicos, e árabe-cristãos.

Conquanto acima vissemos que um dos *cognomenta*, isto é, *Siloniz*, correspondia a um patronímico, é fóra de discussão que nos exemplos de Hespanha o proprio *cognomentum* vem várias vezes acompanhado de patronímico, como consta de Godoy, p. 221 sgs.: Adaulfo cognomento Cidi *Sarracinzi*, Maior cognomento *Faquila Ossoriz*, etc.; e num dos nossos documentos, que citei supra, temos também *Alverigo cognomento Bona Menendiz*: d'onde se patenteia que os *cognomenta*, no geral, não eram patronímicos. Em confirmação d'isto está o declarar-se no nosso documento de *Enderquina comento Pala* (vid. supra) que ela era filha de

¹ As obras citadas na INTRODUÇÃO, p. 16, relativas a *signum*, acrescenta-se *Latin Epigraphy*, de J. Edwin Sandys, Cambridge 1919, que me esqueci de mencionar.

² Os casos de nome duplo que Giry mencionou a p. 358 sgs. são distintos dos que mencionára a pp. 355-356, onde a duplicidade resultava de hipocorismo: *Chuono*, a par de *Chuonradus*. — Do hipocorismo se falará no Liv. III. — Acêrca de *cognomentum* e das fórmulas introdutorias *qui et*, etc., em França, vid. também Depoin, pp. 44-46.

Menendus Gutieriçi: o seu patronimico era pois *Menendiçi*, exercendo *Pala* outra função.

A hipotese de Giry, de que o *cognomentum* nasceria de se haver imposto ao respectivo individuo outro nome no batismo, tem a seu favor, em parte, o apresentarem em documentos nossos aspecto semitico alguns *cognomenta*: *Abhuzac*, *Abulmundar*, *Bah-lul* (vid. supra). Estes seriam os nomes primitivos de Mouros que se batizaram, e se ficaram chamando respectivamente, como acima vimos, *Donadeo*, *Rodorigus*, *Petro*: o que é algo comparavel aos nomes duplos dos Cristãos-Novos, e aos dos frades (vid. os caps. x e xiii d'este Livro II). Porém nem todos os *cognomenta* se podem explicar com tanta simplicidade, visto que alguns sabemos que pertencem á classe dos patronimicos, dos apelidos, e acaso das alcunhas.

Quanto a alcunhas, os exemplos de Godoy, referidos a tempos mais tardios, isto é, ao ano de 1103 e seguintes, até 1235, último a que ele alude, são-no mui claramente, pela mór parte: Petrus cognomento *Captivus*, Didacus cognomento *Gallina*, Fernandus Petrici cognomento *Alforra*, Petrus Martini cognomento *Raucus*, Petrus Fortuni cognomento *Furtado*, Pelagius dictus *de Pedibus*, etc., etc., pp. 222-225, e estavam em via de se transformarem em apelidos; e cf. o nosso *Pimentel*, cognomento do sec. xiii, tambem pois tardio (vid. supra, p. 354). Tal uso do *cognomentum* comprova a opinião de Giry, p. 359, nota 1, de que a palavra não reproduz pura e singelamente o *cognomen* romano, mas usurpou várias significações, entre elas, como nos exemplos hespanhois que transcrevi, a de «sobriquet»: d'isso traz muitos exemplos de França a p. 562 sgs. (*Aldo qui Baroncellus vocatur*, *Airaldus cognomento Puer*, etc.); cf. tambem Duffaut, p. 182, nota 4¹. Achamo-nos assim ligados ás expressões *dictus*, *dito*, *que chamam*, com que em muitos documentos nossos se indicam as alcunhas: vid. supra, p. 180.

Outra significação de *cognomentum* temo-la num documento nosso de 1199, aplicado a um mosteiro do reino de Lião (vid. *Dissert. Chron.*, III-II, 113-114): *monasterium cognomento Castinaria*.

¹ Do que diz Giry chegam a marcar-se duas epocas definidas na vida do *cognomentum* em França: 1) como segundo nome, antes do sec. ix, e nos secs. ix-x, p. 359 e nota 1; 2) como *sobriquet*, sobretudo nos secs. xi e xii, pp. 364-365.

Um mosteiro com *cognomentum*? Sim, porque a princípio o povo dos arredores devia dizer, como de costume, simplesmente *o mosteiro* (por antonomasia), e só depois lhe juntou *Castinaria*, a modo de alcunha, que ficou a funcionar como nome. Isto é: *cognomento Castinaria* = que chamam da Castanheira.

Foi por causa d'esta pluralidade de significações que não se incluiu em nenhuma das partes do Livro I a série de cognomentos portugueses que acima, e ha pouco, se leu.

CAPITULO V

Designação de pessoas reais

«Os nossos principes tomam no baptismo uma longa serie de sobrenomes, mas isto é pura cerimonia, porque, passado aquele acto, nunca mais lhes servem para cousa alguma, e nas suas assignaturas é etiqueta assentarem sòmente o nome proprio». Assim se exprime o anotador anonimo das *Reflexões da lingua portug.*, de F. J. Freire, t. 1, p. 178. A respeito do nome unico, vid. supra, p. 97. O uso de multiplicidade de nomes suponho que, entre nós, é proprio da dinastia de Bragança, e ainda assim só encontrei nela exemplos de D. Maria I para cá, o que porém não significa que antes não os haja.

Aquela rainha chamou-se Maria Francisca Isabel Josefa Antonia Gertrudes Rita Joana: vid. F. Benevides, *Rainhas de Portugal*, II (1878), 181. Em *Josefa* poderemos ver alusão a seu pai D. José I, e em *Joana* alusão a seu avô D. João V; quanto aos outros sobrenomes, nada certo posso informar.

D. João VI chamou-se João José Maria Francisco Xavier de Paula Luís Antonio Domingos Rafael (de Bragança e Bourbon): vid. Perry Vidal, *Descendencia de D. João VI*, Lisboa 1923, p. 11. O 1.º e 2.º sobrenomes formam propriamente um composto, por alusão, provavelmente, ao avô e á mãe do Rei. Em *Francisco Xavier de Paula* deveremos entender: Francisco-Xavier, e Francisco de Paula, por alusão aos santos assim chamados.

De um filho de D. João VI, o Principe D. Antonio, batizado com grande pompa em Quêluz, em 1795, diz-se o seguinte num livrinho intitulado *Memorias historicas do Serenissimo Senhor Dom Antonio Principe da Beira*, por Ignacio de Sousa e Menezes, Lisboa 1795: «O Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Cardial Patriarcha, estando assentado, com mitra posta, acompanhado dos

Illustrísimos Monsenhores, Ministros do Livro e Candela, e os Excellentísimos Principaes, em pé na sua quadratura, dice: Antonio, Francisco de Assis, Pio, Luiz, Joaquim, Joam, Carlos, José, Bento, Xavier, de Paula, Pedro de Alcantara, Rafael Miguel, Isidoro Gonzaga, *quid petis ab Ecclesia Dei?* E prosegue o exorcismo na fôrma do Ritual». Vid. parte 1, p. 39.—Incidentemente notarei que este livrinho, que eu possuo, é muito curioso por causa da menção, que faz, de varios costumes da epoca (etiquetas da casa real, festejos publicos, toiradas, etc.). Alguns dos sobrenomes tornaremos a encontrá-los adiante: uns parece que se referem a santos e anjos que os Principes de Bragança consideravam seus protectores; outros aludem a pessoas de familia, por exemplo, *João* e *Carlos*, por causa do Rei D. João VI e da Rainha D. Carlota Joaquina.

O segundo filho varão de D. João VI, e sucessor, D. Pedro IV, chamou-se Pedro de Alcantara Francisco Antonio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim (de Bragança e Bourbon): vid. Perry Vidal, *ob. cit.*, pp. 22-23.

D. Maria II, filha de D. Pedro IV, chamou-se Maria da Gloria Joana Carlota Leopoldina da Cruz Francisca Xavier de Paula Isidora Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga (de Bragança e Austria): vid. *ob. cit.*, p. 24.—Os sobrenomes que nos casos antecedentes tinham fôrma masculina têm-na aqui naturalmente feminina.

Os filhos de D. Maria II figuram na referida obra, pp. 26 e 27, com analogia serie de sobrenomes. Apenas se transcreverão aqui os dos dois que foram reis:

D. Pedro V chamou-se Pedro de Alcantara Maria Fernando Miguel Rafael Gonzaga João Antonio Leopoldo Victor Francisco de Assis Julio Amelio (de Bragança e Saxonia Coburgo Gotha).—Usualmente diz-se *Saxe Cobourg*, á francesa; mas em português é *Saxonia Coburgo*. A respeito da fôrma *Saxonia* disse-se já o bastante nas *Lic. de Filol.*, 2.^a ed., pp. 338-339. Quanto a *Coburgo*, creio que entre nós ninguém pronunciaria de outro modo: cf. *Hamburgo*.

D. Luis I chamou-se Luis Felipe Maria Fernando Pedro de Alcantara Miguel Rafael Gabriel Gonzaga Xavier Francisco de Assis João Augusto Julio Volfando (de Bragança Saxonia Coburgo Gotha). Tambem usualmente se diz *Saxe Cobourg*. Vid. *supra*.

Aos Reis os S.^{ts} D. Carlos e D. Manuel II, filho aquele e neto este do antecedente, deram-se do mesmo modo no batisimo tambem

muitos sobrenomes, no gôsto dos que ficam mencionados, e por isso não se copiam aqui: vid. *ob. cit.*, pp. 28 e 31. Relativamente a El-Rei D. Carlos vid. tambem a obra de Rocha Martins intitulada: *D. Carlos e a historia do seu reinado*, Lisboa 1926, p. 7.

Alguns dos nomes que ficam indicados, e que servem de sobrenomes, não foram ainda estudados noutro lugar, e por isso se estudam agora aqui:

—*Amelio*. Conquanto haja em grego Ἀμέλιος (derivado de ἀμελής «sem cuidado»), e no latim medieval de França *Amelius* (vid. Giry, p. 353 e nota 2), talvez o sobrenome de D. Pedro V seja mero masculino de *Amelia*. Esta palavra explicam-na alguns como variante de *Amalia* (Santa Amalia) em germanico; cf. *Amelberga* no *Kirchenlat. Wb.*, s. v. (bis), e *Amalaberga* em Schönfeld, p. 15. Vid. tambem Kleinpaul, p. 40. *Amalia*, do alemão *Amalie*, é hipocoristico de nomes germanicos começados por *Amal-*: cf. Tetzner, p. 96, e Kleinpaul, *loc. citato*.

—*Gonzaga*. Nome geografico italiano, que se tornou apelido de notaveis familias historicas, do sec. xiv em diante: vid. *Nouveau Dict. hist.*, iv (1789). Tambem ha S. Luís Gonzaga, ou de Gonzaga (sec. xvi), igualmente italiano.

—*Leopoldo*. Do alemão *Leopold*, que passou para o românico: hesp. e ital. *Leopoldo*, etc. O nome alemão é formado de *leud* «povo» + *bald* «ousado». Em Förstemann: *Leudbald*, *Leodebold*, *Leupold*.—De *Leopoldo* deriva *Leopoldina*.

—*Pedro de Alcantara*. Nome de um santo hespanhol (sec. xv-xvi).

—*Pio*. Começou esta palavra por ser epiteto romano (*Pius*), depois tornado cognome, e por fim nome de papas e santos.

—*Volfando*. Do alemão *Wolfgang*: de *wolf* «lôbo» + *gang* «acto de andar»: «o que vai como o lôbo (para o combate)», ideia que já temos encontrado no decurso d'esta obra, como pertencente á idade-média germanica. Entre *Wolfgang* e *Volfando* está *Vol-fango* ou *Wolfango*, fórmulas dadas pelo *Ementario*. Cf. tambem *Volfango* em italiano. A terminação *-ango* mudou-se em *-ando* por influencia de *Armando*, *Fernando*, etc.

*

Ao uso de multiplicidade de sobrenomes, que observámos na côrte portuguesa, correspondem outros lá de fóra. No *Almanach de Gotha*, de 1903, p. 22, lê-se, por exemplo: Carlos-Maria de los Dolores-Juan-Isidoro-José-Francisco-Quirino-Antonio-Miguel-Ga-

briel-Rafael, Principe de Bourbon, Duque de Madrid, nascido em 1848; aí temos a serie *Miguel-Gabriel-Rafael* da Casa de Bragança, o que mostra que ela era comum á Hespanha. Acêrca de outros principes ou reis da Europa, vid. o mesmo *Almanach*.



Além do prenome «Dom» ou «Dona», que competia aos nossos monarcas, e aos restantes membros das familias reais, costuma a historia designar aqueles por numeros, quando houve mais de um com o mesmo nome, por exemplo: *D. Sancho I*, *D. Maria I*. Por cortesia tambem nos documentos officiaes se dizia *D. Luis I*, e *D. Carlos I*, na esperanza de que viessem outros dos mesmos nomes. Em vez de número dizemos, porém, falando do primeiro rei de Portugal: *D. Afonso Henriques*, isto é, *filho de Henrique*, como já se observou a p. 97; e a respeito de *D. Sancho I*, lê-se nas *Linhagens*, p. 355: «El-rei Dom Sancho o Velho».

El-Rei, neste último exemplò, é fórmula solene. No que toca aos outros membros das familias reais, o uso é: a *Rainha*, a *Princesa* ou a *Infanta Dona Fulana*, o *Principe* ou o *Infante D. Fulano*. Do tratamento não pertence aqui falar.

Até *D. Pedro V*, inclusivè, juntam os historiadores aos nomes dos monarcas epitetos designativos de qualidades, actos ou circumstancias salientes, por exemplo: *D. Afonso II, o gôrdo*; *D. Denis, o lavrador*; *D. Sebastião, o desejado*; *D. Maria I, a piedosa*. Os tres monarcas que ultimamente reinaram em Portugal não receberam ainda fixamente epiteto algum.

CAPITULO VI

Sobrenomes e apellidos femininos de homens, e sobrenomes e apellidos masculinos de mulheres

Em consequência do que nas partes II e III do Liv. I se disse da escolha do sobrenome e apelido, é muito freqüente haver sobrenomes e apellidos femininos de homens, e sobrenomes e apellidos masculinos de mulheres.

No *Anuario Comercial* lê-se, por exemplo: *Maria Frederico* de tal, *José Olivares Maria*, *Manuel Francisco Marinha*, *Sofia da Conceição Quintino*, *José Antonio Rosa*; num dos volumes do *Anuario da Universidade de Lisboa*: *Alda Felipe* de tal, *Maria João* de tal; e sei de outros exemplos, como: *Antonio Rosa* (filho

de *Rosa*), etc. O mais vulgar é talvez juntar *Maria* a um nome de homem: o que bem se compreende.

A junção do nome de *Maria* ao de *José*, e vice-versa, tem tanta voga, que a musa popular a aproveita. Canta-se, com efeito, em várias terras a seguinte cantiga:

Ó senhor José Maria,
O seu nome é como o meu:
Você é *José Maria*,
Maria José sou eu.

Sem dúvida pôde acontecer em tal junção terem-se em mente, por devoção religiosa, os nomes de S. José e da Virgem Maria: no *Catalogo dos frades Agostinhos*, já citado acima, lê-se, por exemplo: Fr. Antonio de *Jesus Maria José*, de 1698, p. 25, com representação de toda a sacra familia. Mas nos casos que mencionei na pt. II, cap. II, § 2.º (p. 127 sgs.), e em mais vinte e dois que colhi, e não transcrevi por ser inutil, a razão da escolha dos sobrenomes *Maria* e *José* depende de parentesco, apadrinhamento, etc., e não da religião.

Pelo lado do ritmo, não deixa de ser curioso o contraste de nomes a que a referida escolha dá ás vezes origem: *Manuel Jorge*, filho de *Jorge Manuel*; *Josefa Maria*, filha de *Maria Josefa*, como vimos *ib.*: ora acaso, ora propósito, como numa familia que assim me informou (*Maria Guiomar*, filha de *Guiomar Maria*).

CAPITULO VII

Nomes de individuos das classes servas

A escravidão constitue phenomeno comum a toda a historia antiga e medieval, e ainda á historia contemporanea, em grande parte da sua extensão: por isso não podia ter escapado a ela a Peninsula. Quando os reis asturianos e leoneses começaram do sec. VIII ao XI a reconquista dos territorios occupados pelos Mouros, e depois, no que toca ao territorio português, prosseguiu no mesmo empenho o Conde D. Henrique (1097-1112) e seus successores, promanava d'aquelle povo, pelo direito da vitoria, a maioria dos nossos escravos, que se agregavam assim aos que já cá existiam de periodos mais antigos, — por isso que o filho de escravo o era tambem —, e aos que, por outras razões, iam appare-

cendo: escravos cristãos¹, etc. Das origens da escravidão no período da reconquista, tratou Gama Barros, II, 57 sgs.

Dentro de Portugal, unica nação que me importa considerar, estivemos em luta com os Mouros até 1249-1250, em que D. Afonso III, acabada a conquista do Algarve, acabou também com o dominio d'elles entre nós. Os Mouros que capitulavam e se submetiam ao nosso dominio, ficavam sendo *Mouros forros*, isto é, livres, e concediam-se-lhes bairros ou *mourarias* para viverem; outros talvez saíssem para fóra, certamente para Hespanha e Africa; outros, encontrados com armas nas mãos, ou apanhados em correrias, etc., passavam a escravos. Os Mouros livres expulsou-os D. Manuel com os Judeus em 1496, excepto áqueles que quisessem converter-se ao cristianismo, chamados depois *Mou-riscos*. Cf. acêrca d'estes assuntos *Origem do povo português*, pp. 4-5².

Aos escravos mouros cá existentes no momento da submissão do Algarve, e aos que resultaram d'ela, outros da mesma estirpe se juntaram em seguida, resultantes de comércio, de pirataria e de correrias na costa africano-maometana, quer até 1415, epoca da tomada de Ceuta, e início da expansão portuguesa por esse mundo além, quer em tempos posteriores. Cf.: Pedro de Carvalho, *Das origens da escravidão moderna em Portugal*, Lisboa 1877, p. 29 sgs.; e Pedro de Azevedo in *AHP*, I, 290 sgs. De correrias em Africa temos, por exemplo, noticias em Damião de Goes, *Chronica de D. Manuel*, pt. I, caps. 12, 48, 54, 95, etc.

Da expansão portuguesa, a que me refiro, resultou aumento e desenvolvimento da escravidão na nossa terra. Já em 1433 trouxe

¹ Por exemplo, um documento de 961, *DC*, p. 54, fala de um escravo cristão, dado por um Moçarabe como preço de uma venda, no territorio, ao que parece, de Coimbra. Cf. também G. Barros, II, 961. É bem sabido que S. Teotonio censurou D. Afonso Henriques por ter feito escravos muitos Moçarabes, seus irmãos na fé. Vid. Fortunato de Almeida, *Hist. de Portugal*, I, 399. — Refiro-me a cristãos de origem, e não a escravos batizados.

² O que, sem se basear em documentos, diz A. Brandão da capitulação de Faro, na *Mon. Lusit.*, t. IV, liv. 15, cap. 6.º, parece romantico em seus pormenores, e foi certamente por isso que Her-culano nada relatou d'elles. Cf. *Hist. de Portugal*, III, 397-398.

Gil Eanes, escudeiro de D. Henrique, alguns cativos feitos nas Canarias: vid. Azurara, *Cronica de Guiné*, cap. 9.º (pp. 56-57). Se a fonte mais caudal da escravidão medieval jorrou da mourisma, foram os pretos de Africa que principalmente contribuíram para a escravidão moderna. Sempre a Africa submetida a nós! Os primeiros cativos africanos entraram no reino em 1441: vid. Gama Barros, II, 288. Mas tivemos escravos de outras proveniências, da India, etc., e até para isso concorreu uma percentagem judaica em dias de D. João II, para logo extinta: vid. Mendes dos Remedios, *Os Judeus em Portugal*, Coimbra 1895, pp. 272-273 e 276.

Quem percorre, por exemplo, o *Registo da Sé* e o *do Castello*, pasma do grande número de escravos que enxameavam Lisboa nos secs. XVI-XVII. Já na introdução dos dois *Registos* os respectivos editores se referiram ao caso. Toda a gente possuía escravos, desde Sua Ill.^{ma} o S.^{or} Arcebispo (vid. *Reg. da Sé*, pp. 122, 251, etc.) até o mais embodalhado marchante de Alfama (*ib.*, p. 467); e em breve teremos ensejo de saber que a propria casa real não escapava a esta triste pecha de deshumanidade. Frequentemente o *Registo da Sé* designa os desgraçados por *escravos cativos* e *escravos pretos cativos*. Não só, como era o mais natural, casava um preto com uma preta (*passim*), ou um preto cativo com uma preta fôrra (*Reg. da Sé*, pp. 94, 108, 186), e uma mulher parda (mulata) com um Indio cativo (p. 455), senão que se faziam casamentos entre individuos de raças diferentes: preto cativo com branca (*ib.*, pp. 101, 200), preto fôrro com branca (*ib.*, p. 284), pardo com preta (*ib.*, p. 396). Tão infiltrado estava o sentimento da escravidão, que já não repugnava a mistura canonica de qualquer sangue! A indole complacente dos Portugueses valia aqui talvez alguma cousa. Com que affectuosidade não fala um cura da Sé, p. 315, de uma criança, á qual chama *escravinho*, *menino*, *mulatinho*! Noutro lugar, p. 365, fala igualmente de um *escravinho* que fôra dado de presente por seu senhor a uma fidalga. Parece que estamos vendo o bom do padre, ao pegar trémulo na criança, para a mergulhar nas aguas lustrais, olhá-la sorridente, amimá-la e afagá-la, com aprazimento de todos os circunstantes.

A escravidão começou a sofrer golpes profundos entre nós no terceiro quartel do sec. XVIII: pelo alvará de 19 de Setembro de 1761 ficavam livres, assim que desembarcassem no reino, os escravos pretos que viessem das colonias como carregação; e pelo de 16 de Janeiro de 1773 eram igualmente livres todos os filhos

de mãe escrava cá nascidos. A lei de 25 de Fevereiro de 1869 aboliu a escravidão em todos os domínios da coroa portuguesa; já contudo por decreto de 10 de Dezembro de 1836 havia sido suprimido o tráfico da escravatura.

Nas páginas que se seguem occupar-me-hei de alguns nomes de escravos medievais do nosso territorio, e de escravos, principalmente pretos, que do sec. xv em diante afluíram ao reino, e cá se propagaram.—Pelo que toca á idade-média não farei sempre distinção entre escravos propriamente ditos e servos da gleba ou adscritos: vejam-se sôbre esta distinção as luminosas páginas de G. Barros, II, 383-396; o mesmo A. diz, porém, a p. 395, que não encontrou em documentos nossos menção de servos da gleba de origem sarracena.

Na idade-média designavam-se os homens de condição servil com os nomes comuns de *servi*, *mancipia* (em latim barbaro: *mancipii* e *mancipiae*), *creatio*, *ancillae*, *famuli*, *captivi*, e ainda *homines*: vid. G. Barros, II, 30 (e notas 4 a 6), e 374, o qual especifica as datas e os textos. Ás vezes empregavam-se no mesmo sentido nomes ethnicos, conforme a raça dos escravos: *sarraceni*, *mauri*. Á palavra *creatio* «criação» (servos domesticos ou nascidos de outros servos) corresponde em epochas ulteriores *crioulo*: vid. C. do Amaral, in *Memor. de Litteratura*, VII, 213, nota 274; efectivamente *crioulo* vem de *criadouro*, deformado em bôca de pretos. *Criação* mantem-se hoje na acepção de conjunto de animais domesticos de que o homem tira proveito para alimentação: aves, coelhos, porcos, entendendo-se ao mesmo tempo em algumas terras o gado. *Escravo* tem origem moderna: cf. G. Barros, II, 24, nota 4; diz o S.^{or} Azevedo, *loc. cit.*, p. 290, que o texto mais antigo em que encontrou esta palavra é de 1462 (cf. todavia F. de Almeida, *Hist. de Portugal*, I, 400, nota 1). A par de *escravo* lê-se ás vezes em documentos *esclavo*. Em 1477 ainda se empregava *servo* neste sentido (*AHP*, v, 450: P. de Azevedo). Palavras designativas de escravo ou escrava posteriormente aos descobrimentos são: *canaria* (vid. adiante), *guineu* (vid. um doc. no *AHP*, I, 299); de *preto*, *cativo* e *escravo cativo* veremos muitos exemplos adiante.

Passemos aos nomes proprios (em sentido generico).

Nomes dos secs. x-xii:

Em documentos de 907 e 908, *DC*, pp. 10 e 11, encontramos: *Mariamen* (a par de *Mariame*, fôrma arabica de «Maria» (hebreu), *Sahema*, e *Zafara*, nomes de tres *mancipias mauras*. Isto signi-

fica que elas não estavam batizadas. *Zafara* está hoje representado literariamente por *Zara* ou *Zahara*. D'aquelle nome provém o topónimo SAFÁRA (Alentejo).

No citado documento de 908 lêem-se juntamente nomes germanicos: *Asagili* e *Soutrilli*. E nomes da mesma origem os temos com abundancia em documentos de anos subseqüentes:

—*Astruario*, 919, *DC*, p. 14.

—*Gondesindo Addaulfo, serbital de coçina; Ansalon; Ninna*: 946, *DC*, p. 32. Não é absolutamente certo que os individuos assim chamados sejam escravos, mas é quasi certo. Cf. G. Barros, II, 385.

—... *creatio de uma villa*, 953, *DC*, pp. 38–39, constituida por filhos de *Baltario & Trasilli*; por filhos de *Gresulfo & Genilli*; por filhos de *Gondulfo*.

—*Adosinda*, filha de *Ero & Munnia*, doados em 995, na idade de 3 anos; *Gossenda*, irmã de *Adosinda*, doada na idade de 15 dias: *DC*, p. 107. Os pais deviam ser cristãos convertidos: cf. G. Barros, II, 385.

—*Asperigo*, 1011, *DC*, p. 132.

Ao lado de nomes germanicos temos por vezes num mesmo documento nomes de outras procedencias (latina, etc.), embora predominando os primeiros:

—*servo nomine Godesteo*, filho de *Leodemaro & Dolcina*: 1037, *DC*, p. 180. O nome da mãe do escravo deriva claramente do latim *dulcis*.

—*Viliulfi*, filho de *Donazano & Teodilli*: 1040, *DC*, p. 188. *Donazano* representa o cognome latino *Donatianus*.

—*Adelfo, Aragunti, Bellita, Cidi, Erinius, Eromo* (creio que por *Eronio*; cf. noutros documentos *Eronius, Erónizi*), *Fro-marigu, Guiscalco, Gundesindu, Grado, Menendo, Odorio, Osevio, Pepi, Petro* (duas vezes), *Salvator, Speciosa, Villivado, Zoderedo*: 1081, *DC*, p. 358. Aos individuos que tinham tais nomes, e que foram dados em dote por seu riquissimo senhor, á esposa, agrega este ainda os «filhos e netos» d'elles, sem porém declarar os nomes. Eram manifestamente servos da gleba, pois um individuo não podia possuir em casa tanta gente; além d'isso especificam-se no documento muitas *villas*, a que os mesmos servos talvez correspondessem,—*villas* que se estendiam desde entre Lima e Cávado até entre Douro e Mondego, isto é, pela mór parte do Portugal de então. Alguns dos nomes que aqui vemos ficam estudados no Liv. I, outros aparecem agora a primeira vez: a) latinos: *Grado*,

de *Gratus* (cognome), *Speciosa* (cf. *Estud. de Philolog. mirand.*, 1, 82); b) gregos: *Adelfo*, *Osevio* (Eusebio); c) germanicos: *Ero-nius*, *Fromarigu*, *Gundesindu*, *Guiscalco* (cf. *M.-L.*, 1, 32 e 61), *Villivado*, *Zoderedo* (pelo menos da segunda parte; quanto á primeira, cf. Förstemann, col. 1676); d) varios: *Erinius*, *Pepi*.

O predomínio de nomes germanicos tanto no documento de 1081, como nos anteriores, está de acôrdo com o que se estabeleceu no Liv. I, pt. 1, A, §§ 1 a 7: nem outra cousa se esperaria, visto que os escravos e servos, que usavam aqueles nomes, ou eram Germanicos de origem, ou Mouros cristianizados.

Converter á religião cristã escravos mouros deve com efeito ter sido desejo e gôsto, ainda que nem sempre postos em prática, de pessoas crentes. A mudança de estado trazia consigo mudança nos nomes. De um documento de 1141, proveniente do mosteiro de S. João de Tarouca, e extratado no *Elucidario*, s. v. «crebantado», vê-se que Aurodona Pinioniz libertou o seu escravo Pedro Mouro, isto é, *Petrus Maurus*: o escravo, batizando-se, ficou-se chamando «Pedro»; *Maurus* exerce aqui ainda visíveis funções de epiteto gramatical, quasi porém a passar a apelido. Assim se explica que o apelido de «Mouro» ou *Maurus*, que se lê não raramente em documentos, por exemplo, *Pelagius Maurus*, nas *Inquisit.*, de 1220, pp. 1, 6, etc., *Petrus Maurus*, *ib.*, pp. 4, 8, etc., *Menendus Maurus*, p. 7, *Duram Mauro*, p. 110 (a par de *Durandus Maurus*, p. 458), *Elvira Maura*, p. 458, *Gonsalvo Mauro*, p. 814, *Vaasco Mouro*, escudeiro do Infante D. Pedro (1445), nas *Chancelarias*, 1, 267, designasse primitivamente um epiteto de escravo que se batizara. Cf. *Fernandus Captivus*, nome de uma testemunha, em 1152, nas *Leges*, p. 383. Em *Maurus*, nas *Inquisit.*, pp. 13 e 23, por vir sòzinho, e em *Maurus Menendiz*, por estar seguido de patronimico, devemos contudo pensar no nome proprio *Maurus* ou «Mauro», que na origem foi cognome romano, e depois nome de dois santos dos primeiros seculos¹.

Outro curioso documento de conversão de um escravo e con-

¹ Godoy, p. 181, explica muitos nomes como derivados de *maurus*, no sentido de «color del rostro y cabellos», i. é, «moreno, negro, como los naturales de Mauritania»: *Mauritius*, *Maurusius*, *Morellus*, *Morato*, *Amaro*, e dezenas de outros; porém ele faz aqui grandes confusões (por exemplo, *Maurusius* é nome etnico <> *Maurus*, etc.).

comitante imposição de nome se nos depara no mesmo *Elucidario*, s. v. «Carta de ingenuidade»: é de 1164, e ele nos informa de que Teresa Afonso, quarta esposa de Egas Moniz (*ib.*, s. v. «charidade, III»), deu alforria a um escravo mouro, feito cristão, o qual se ficou chamando *Petro Egeae*. O P.^e Viterbo traduz por «Pedro Egas», embora *Egeae* esteja em genetivo, como *Egee*, patronimico de Velascus *Egee*, nas *Inquisit.*, I, 129. Evidentemente Teresa Afonso quis perpetuar no sobrenome do escravo a memoria do marido, que falecera em 1145 (*Elucidario*, s. v. «charidade, III»).

Inspirado por identico sentimento de affecto, manda em 1185 um bispo do Porto, no testamento, que o seu escravo sarraceno, chamado *Petrus Fernandi*, se bätize, e receba alforria: *Dissert. Chron.*, v, 2.^a ed., pp. 73-74. Dois phenomenos de antroponimia dignos de nota se observam aqui: o escravo já disfrutava de nome cristão, antes de bätizado; e o sobrenome correspondia ao do nome proprio do bispo, que se chamava *Fernam Martinz* (compare-se *Petro Egee*, supra). No testamento alude-se a outros escravos, vagamente: «sarraceno» que pertenceu a D. Godo, e que o bispo cede em beneficio das obras da Sé, já se entende, para ser vendido; «sarraceno», que pertenceu a Pedro Helias, e que tambem devia ser vendido; «sarraceno» que o bispo comprára. Relativamente ao penultimo e antepenultimo estancava-se a generosidade episcopal: os pobres sarracenos não só não pertenciam, nem ficaram pertencendo, ao gremio da cristandade, apesar da alta gerarquia eclesiastica de quem os possuia, mas herdavam como esmola verem o proprio corpo posto em almoeda após a morte d'este. Tais eram as ideias da epoca, e o bispo seguiu-as. «O escravo, diz Fortunato de Almeida, era objecto de compra e venda, troca e legado; e até por vezes era dado como valor de paga em contracto de compra. Noutros documentos não figura como paga a pessoa do escravo, mas o preço que custou o seu resgate»¹. No nosso caso o bispo do Porto não fez já pouco em conceder manumissão a um dos seus sarracenos²!

¹ *Hist. de Portugal*, I, 402-403. E cf. já antes: Pedro de Carvalho, *Escravidão*, p. 21.

² Acêrca da influencia da Igreja na defesa dos escravos vid. Fortunato de Almeida, *ob. cit.*, pp. 403-405, onde cita o que da epoca visigotica dissera G. Barros, II, 41-43.

Farei ainda aqui referencia a tres cartas de alforria, em latim, providas do cartorio de Vairão, e pertencentes ao sec. XII, isto é, a 1134, 1164 e 1167 (respectivamente), onde se mencionam nomes de escravos. Não se incluíram acima, na ordem cronologica, como as restantes, porque foram publicadas todas juntas; vid. *AHP*, VIII, 444-446 (Pedro de Azevedo). Na carta de 1134 o escravo alforriado chama-se *Petro Pelaiç*; na de 1164, que só teria porém validade depois do falecimento do senhor, o escravo chama-se *Petrus Menendi*; na de 1167 o escravo chama-se *Gunsalvo Pelaiç*, filho de *Tarasias*. Entende-se que todos tres estavam batizados. Até se dá o caso de o patronimico do segundo ser tirado do nome do senhor, que era *Menendus Suaris*, e o nome e patronimico do terceiro serem iguais ao do senhor. Só o primeiro nada tinha patronimicamente com a senhora, pois esta se chamava *Gelvira prolis Nuniç*.

Nomes dos secs. XIII-XIV:

— *Moor*, de uma escrava que um chantre portuense, em testamento feito em 1262, manda fique fôrra, quando ele morrer: *Dissert. Chron.*, v, 2.^a ed., p. 77. A escrava era batizada, e o nome já o vimos no Liv. I.

— *Fatos* «mha moura» (minha moura, minha escrava), no testamento de Elvira Soariz, da Extremadura, sem data certa: *AP*, ix, 67 (Pedro de Azevedo).

— «... mando que *Azmede* velho e *Daguila* sejam forros, e *Azmede* novo, se vier servir ho Colegio per cinco anos, seja forro», num documento de 1389 (perdi a indicação da proveniencia).

— «moura branca per color e per nome *Moremja*, natural de Aragam», vendida em 1368 por um Judeu do termo de Sevilha a Sancha Anes, do mosteiro de Chelas: *AHP*, I, 299 (Pedro de Azevedo).

Nomes do sec. xv:

— *Briatiç Gomeira*, de uma Canaria pertencente a um prior de Tavira, moradora em Lagos em 1439: *Chancelarias*, p. 68. Esta escrava devia ter provindo do aprisionamento que Gil Eanes, natural de Lagos, fizera, seis anos antes, nas Canarias, como se disse supra, p. 363. *Gomeira* é apelido geografico, pois assim se chama uma d'estas ilhas.

— «dois servos, s., hũa moça que chamom *Lyanor*, negra, e outro homem negro a que chamom *Pero Branco*», 1468, de um pergaminho do Museu Etnologico: vid. P. de Azevedo in *AHP*, VIII, 443. No apelido *Branco*, usado assim por um Preto, devemos

ver uma amostra da veia comica do *senhor* que o impôs,—como o S.^{or} P. de Azevedo tambem notou já. Por *Pero* entenda-se «Pedro».

—*Aljuma*, nome de um Guineu preto, no Algarve, em 1475: *AHP*, I, 299.

—*Johamneanes*, servo (= escravo) de um feitor do Duque de Bragança, em 1477: *AHP*, v, 450. Vê-se que o escravo, de nome *João*, era batizado, e o pai, do mesmo nome, o era tambem. Provavelmente Preto um e o outro.

—*Pero Alvares*, Negro e fôrro, 1490: *AHP*, I, 300.

De 1493 temos várias noticias respeitantes a escravos da casa real (tempo de D. João II): vid. *Dissert. Chron.*, t. v, 2.^a ed., p. 306 sgs. Á mór parte dos escravos não se dá nome, mas outros são chamados assim:

—*Joham Primeiro*, escravo do rei, «negro da estrebaria», pp. 306 e 309.—Aqui *Primeiro* deve indicar que havia outro escravo do mesmo nome; cf. adiante, p. 370 («Escravos do Infante D. Luís»), e p. 376 («Nomes do sec. XVIII»).

—*Lianor Pereira*, «escrava da raynha», pp. 307–308.

—*Joham da Mina*, designado apenas por «escravo», p. 311, certamente provindo da costa da Mina, que fôra ocupada em 1481.

—*Lluís*, escravo do rei, p. 317.

No mesmo documento se mencionam outros individuos a que se dá o epiteto de *negro*, não se diz porém se eram escravos:

—*Joham Rodrigues*, *Dioguo Paaez*, *Fernam da Villa*, «negros que servem no tesouro», p. 316.

E além d'eles:

—*Jacome Xindeo*, *Joam de Santa Maria*, *Caravelinha*, *Joam Gonçalves*, *Simão*, *D. Francisco*, p. 318.

Os tres da lista anterior é possivel que fôssem escravos; os ultimos seis talvez não; sobretudo D. Francisco, por causa do «Dom», não o era: cf. *D. Pedro de Manicongo*, a p. 317, nome do portador de um presente de D. João II para o rei do Congo. No *Registo do Castello*, p. 228, ano de 1541, figuram tambem dois Pretos do Congo com o titulo de «Dom», isto é, *D. Manuel*, e seu filho *D. João Manuel*, primos do rei d'essa nação. *Xindeo* quer dizer natural do Xinde ou Chinde (Moçambique), como Guineu. *Caravelinha* é alcunha delicada e graciosa.

Nomes do sec. XVI:

—Francisco Lourenço, homem preto da terra de Benym, escravo de D. Manuel, herdado de D. João II, e forrado por aquele em 1501: *AHP*, I, 300.

— *Martim Gonçalvez*, escravo de Luís Pessoa (de Montemor o Novo), natural da *terra de Mouros*: documento do mesmo ano, *ib.*, *ibidem*.

Os escravos trabalhavam por conta dos seus senhores em obras de fóra. Os seguintes trechos extraídos de um documento d'O *Paço de Cintra*, do Conde de Sabugosa, Lisboa 1903, o mostram quanto a obras no mesmo paço, em 1508:

— «titollo de *Garçia*, escrapvo de Diego Rodriguez pedreiro, .. que servia em quavar terra pera encher a cerca dos coelhos, em outros serviços mistigos ...», p. 238;

— «titollo de *Fernando*, escrapvo de Luis Ffernandez .. que servio .. em cavar terra ...»; p. 239.

Do primeiro exemplo se vê mais uma vez que uma pessoa infima, como um pedreiro, tinha escravos. O sentido mostra claramente que quem exercia o mister de pedreiro era o senhor, e não o escravo.

Nos dois exemplos os escravos estão indicados só pelo nome proprio, seguido do nome completo dos senhores, á moda romana. Cf. supra: *Petro Egeae*, p. 367, e *Petrus Fernandi*, *ibidem*.

Em exemplos da citada obra, *ib.*, *Bastiam de Fernam de Llemos barceiro*, *Antonio de Joham Rodrigues pedreiro*, *Ffrancisco de Joham Gago barceiro*, não poderei porém dizer se se subentende *escravo de*, também á moda romana, se *criado*, pois a p. 236, lê-se no mesmo documento: *Dominguos criado de Pero de Carnide pedreiro*.

ESCRAVOS QUE FORÃO DO SNR. INFANTE D. LUIS, isto é, que ficaram por sua morte (o Infante nasceu em 1506, e morreu em 1555). Vid. *AHP*, I, 305:

— *Antonio Longo*, *João Primeiro* (cf. supra, p. 369), *Pero Palha*, pretos, este último designado por «Preto de Portugal».

— dois Mouros, de nome *Aly*; tres Mouros brancos, sendo dois de nome *Mafamede*, e um de nome *Alvaro Botelho*; tres Mouriscos: *Diogo Gago*, *João Fernandes*, *Luis de Evora*.

Entende-se que os que usam nome cristão o eram, e que os outros não estavam batizados. *Mouriscos*, como em hespanhol *Moriscos*, quer aqui dizer propriamente Mouros que se converteram ao cristianismo depois da sua submissão aos vencedores, e que por cá se ficaram: cf. *Orig. do povo port.*, p. 5. Mas os nossos AA. também empregam *mourisco* como adjectivo, na acepção geral de «mouro», por exemplo, A. Brandão, *Mon. Lusit.*, t. III, ed. de 1690, p. 290 (vanguarda *mourisca*), p. 343 (galés *mouriscas*;

o texto refere-se ao tempo de D. Afonso III); cf. na lingua usual «uva *mourisca*».

Outros exemplos do sec. xvi:

—*Ixarandy*, Moura preta, escrava de Joham Fernandes, morador na Ilha do Fogo, comprada na de S. Tiago: documento de 1513, no *AHP*, I, 301.

—*Miguel de Crasto*, escravo indio cativo do Duque de Aveiro: documento de 1557, no *AHP*, v, 24.

—*Felipe*, escravo de Francisco de Mello, fidalgo da casa de El-Rei: documento de 1563, no *AHP*, I, 306.

—*Diogo de Christos*, escravo mourisco de El-Rei D. Sebastião: documento de 1564, no *AHP*, I, 306.

—«um mulato, chamado *Antonio*, captivo de Francisco Petis, almoxarife do paul da Asseca»: documento de 1583, no *AHP*, VIII, 420.

—*Antonio Fernandez*, escravo de D. Janebra, viuva de Alvaro Gago: documento de 1591, no *AHP*, v, 124.

Literatura quinhentistica:

Os comicos aproveitam várias vezes os pretos como personagens de suas peças e *ipso facto* os escravos. Na *Fragoa d'amor*, de Gil Vicente, II, 333, um preto chama-se a si proprio desesperadamente *cão*, mas logo em seguida, p. 334, pergunta-lhe Venus: *Negro, eres ya cristiano?* e ele declara então o nome: *FURUNANDO chama a mi*, isto é, já batizado.

Na *Pratica de oito figuras*, de Antonio Ribeiro, o Chiado, o fidalgo Gama chama *cão* ao seu negro, pp. 11 e 13, e este (se bem entendendo o texto) repete amofinado que seu senhor o chama *Pero Cão*, p. 12. O mesmo poeta apresenta em scena, no *Auto das regateiras*, uma velha que chama *cadela*, *cadelão* a uma negra, p. 50; a propria negra se queixa d'isso, *ibidem*. A velha repete o insulto a pp. 51, 69, 76, etc., mas a p. 88 escapa-lhe o nome: *Luzia*.

Vemos nestes exemplos que os comicos equiparavam os pobres negros a cães. Na *Nao d'amor*, de Gil Vicente, II, 412, um proprio negro repete que o apelidam de *cão*. Sinonimo de *cão* é *perro*, e numa peça de Anrique da Mota, no *Canc. Geral*, III, 478, fala um clerigo com a sua negra, que lhe entornou vinho, e apoda-a de *perra de Maniconguo*.

Em contraste com este deprêzo em que o homem tem o seu semelhante, contrariamente ás leis da Natureza e aos ditames da consciencia, estão as belas endechas de Camões, que, sempre

generoso e grande, immortalizou nelas uma escrava preta, de nome *Barbara*:

Pretidão de amor,	~	Que a neve lhe jura
Tão doce a figura	~	Que trocára a côr!

Obras (ed. de Feio & Monteiro), III, 126-127.

Á literatura de quinhentos pertence como autor o mulato Afonso Alvarez, cuja côr serviu de assunto a motejos poeticos do já citado Antonio Ribeiro: vid. Alberto Pimentel, *Obras do poeta Chiado*, Lisboa 1889, pp. xv-xviii, onde se transcrevem versos de um e outro.

Nomes dos seculos XVI-XVII:

De 1563 a 1596 abundam exemplos de nomes de escravos no *Registo da Sé*; e de 1536 a 1628 ha tambem muitos no *Registo do Castello*. Não é necessario enumerá-los todos; uma amostra bastará, tirada principalmente da primeira obra.

Nomes de escravos coincidentes com os dos pais:

— *Maria*, filha de Maria, p. 223;

— *Antonia*, filha de Antonia, p. 264; outro exemplo a p. 347.

Esta era decerto a razão mais natural do uso da escolha do nome; mas tambem ha nomes que coincidem com os dos seus senhores:

— *Antonio*, escravo de Antonio Lopes, p. 224;

— *Joane*, escravo de Joana de Matos, p. 445.

Nomes iguais aos dos padrinhos, ou só com diferença de genero:

— *Francisca*, afilhada de Francisco, p. 62;

— *Barbara*, afilhada de Barbara, p. 291;

— *Maria*, afilhada de Maria, p. 296; outro exemplo a p. 308.

Nome relacionado com o do santo do dia do baptismo: Antonio, baptizado em dia de S. Antonio, p. 298.

Posto que no assento do baptismo não se indicasse o santo do dia do nascimento, é provavel que muitas vezes fôsse posto á criança o nome d'esse santo. Não se cuide, apesar d'isso, que no sec. XVI se baptizavam sempre cedo os escravos. Essa era a regra geral imposta, de mais a mais, pela bula de 1454; mas já o S.^{or} Pedro de Azevedo, que cita esta bula no *AHP*, I, 298, observa, *ibidem*, que um magnate tão pio como o Infante D. Luis deixou á hora da morte alguns escravos por baptizar: cf. supra, p. 370. Isto concorda com alguns exemplos que a pp. 364-365 se

apresentaram da idade-média. Toda a gente considerava os escravos cousa tão desprezível, que o seu estado de pagãos chegava a subtrair-se á esculpulosa religiosidade dos senhores!

No *Registo do Castello* lêem-se muitos assentos de baptismo de escravos a que o cura chama «adultos», e outros de quem declara idades elevadas, como 14, 16 ou 17, 30, 40 anos: vid., por exemplo, pp. 20 a 35. Isto pôde explicar-se por desleixo, como no caso do Infante D. Luis, ou porque os respectivos individuos foram cativados tarde.

Sobrenomes que coincidem com os dos senhores:

— *Francisco Luis*, cativo de Cristovão Luis, p. 221;

— *Isabel de S. Pedro*, escrava cativa de Francisco de S. Pedro, p. 383;

— *Bastião Francisco*, homem preto fôrro, que foi cativo do Licenciado Jheronimo Francisco, p. 483. Vê-se que o sobrenome continuou naturalmente depois da alforria.

Apelidos que coincidem com os dos senhores:

— *Madalena Machado*, cativa de Isabel Machado, p. 204;

— *André Barreto*, *Maria Barreto*, escrava de Francisco Barreto, p. 100;

— *Henrique Vaz*, escravo cativo de Caterina Vaz, p. 385;

— *Cristovão de Crasto*, escravo preto de Thomé de Crasto do Rio, p. 392;

— *Isabel Mendez*, escrava preta de Antonio Mendez, p. 392;

— *Maria da Gamma*, preta cativa de Antonio da Gamma, p. 398;

— *Bastião Fernandez*, escravo cativo de João Fernandez;

— *Isabel do Couto*, escrava cativa de Marchos do Couto, p. 399;

— *Antonio de Almeida*, escravo de D. Antonio d'Almeida;

— *Maria Borralho*, escrava cativa de Simão Borralho, p. 403 (*Borralho* será na origem apelido geografico);

— *Lusia da (de) Sequeira*, escrava de Ana da (de) Sequeira, p. 417;

— *Domingos Gomez*, escravo cativo de Rui Gomez, p. 423;

— *Joam Roíz* (Rodriguez), escravo cativo de C(ateri)na Roíz, p. 423;

— *Angela Ribeira*, escrava preta cativa de C(ateri)na Ribeira, p. 444;

— *Julião Mendez*, Indio cativo de Manuel Mendes, p. 469;

— *Isabel de Noronha*, preta escrava cativa de Francisco de Noronha, p. 479;

— *Margarida da Veiga*, escrava de Jheronimo da Veiga, p. 483;

— *Miguel de Almeida e Maria de Almeida*, pretos cativos de D. Manuel d'Almeida, casados em casa de sua senhora, p. 86.— Duas sêcas linhas de um assento de casamento deixam aqui entrever um idílio passado entre duas pessoas que constantemente se encontravam debaixo das mesmas telhas!

— *Marta Pinheira*, escrava de D. Maria Pinheira, p. 345;

— *João da Veiga*, escravo de Bernaldyn Vaz da Veiga, p. 381. O escravo recebeu o apelido de Veiga, e não o de *Vaz*, porque este talvez ainda então não estivesse de todo esquecido como patronimico. Cf. supra, p. 109.

Apelidos que coincidem com um dos elementos do nome do senhor:

— *Isabel Godinho*, escrava de Jorge Godinho, p. 121;

— *Mateus de Larcam* (por *Alarcão*), escravo de D. Duarte de Larcam, p. 108;

— *Pedro Anrriques*, escravo de Anrique Fernandes, p. 92.

Em todo o caso ha muitos exemplos em que não se descobre nenhuma relação entre os apelidos de um escravo e os apelidos ou outro elemento do nome de seus senhores: pp. 104, 121, 204, 381, 440, 460, etc. — o que não nos impede de crer que os apelidos com que os mesmos escravos nos aparecem nos assentos fôsem os de senhores que eles anteriormente tivessem tido, e que conservassem na nova casa para que passaram.

Em vez de apelido o escravo aparece simplesmente com o nome seguido de um epiteto que indica a sua raça ou côr: *Antonio Preto*, p. 331: Manuel *Preto*, filho de Baltesar Fernandes, p. 387. Assim se criou provavelmente o apelido de *Preto*, que hoje se usa, e que já foi mencionado supra, a p. 195. Cf. no *Registo da Sé*: Mestre Bastião *Preto* barredor, p. 265 (se *Preto* não deve ficar entre virgulas); o Doctor Estevã *Preto*, p. 37; o Licenciado Luis *Preto*, p. 154. Temos aqui um fenomeno paralelo ao de *Mouro*, supra, p. 366. Talvez tambem haja o apelido *Pardo* (mulato). Cf. «Pranto de *Maria Parda*» em Gil Vicente, III, 364. O epiteto de *preto* junta-se no *Registo da Sé*, p. 17, a um apelido, não só ao nome proprio: Antonio Fernandez *preto* (se é que *Fernandez* não valia de patronimico, e o pretenso epiteto de apelido).

Outros nomes do sec. XVII:

— *Antonio de Lordelo*, homem preto, 1602, *Sé de Tanger*, p. 112.

— *Manuel Afonso*, casado com *Maria Afonso*, escrava de Manuel Afonso de Araujo, 1617, *ibidem*, p. 195. O sobrenome é igual ao do seu senhor.

— *Maria Roiz* (Rodrigues), escrava de Alvaro *Roiz*, 1640, *ibidem*, p. 333. Aqui o apelido é igual ao do senhor.

Nomes de escravos do sec. XVIII:

Entre os haveres confiscados para a Coroa ao Duque de Aveiro, D. José Mascarenhas, que expirou no patíbulo em 1759 por terrível sentença promovida pelo Marquês de Pombal, contavam-se os que tinha na Ilha de Santo Antão, de que fôra o último donatário. De um inventario manuscrito d'esses haveres, redigido na ilha no proprio ano da morte, e que por acaso possuo, consta que faziam parte d'elles, segundo a conta do redactor, 1:096 escravos, cujos nomes se declaram e enumeram seguidos da indicação das idades: escravos que se vê estavam batizados¹. É tal a abundancia de nomes, que parece desnecessario recorrer a outras fontes para conhecer a antroponímia servil do sec. XVIII. Os nomes dos escravos da metropole não deviam evidentemente differir d'estes.

1. Nome proprio.

Não se fórma aqui uma lista d'elles, porque adiante teremos ocasião de encontrar muitos; basta notar alguns menos usuais: *Andresa* 295², *Belchiora* 350, 724, *Lourença* 222, *Nicolaça* 355³, 558, 770, 949, *Silvestra* 203, 398, 439, femininos claramente de *André*, *Belchior*, etc. A respeito de *André* vid. supra, p. 27. O mais curioso é *Nicolaça*, de *Nicolau*, com o sufixo augmentativo *-aça*, de *mulheraça*, aqui usado como expressão de genero. Tambem em 351 se lê *Josephinha*, se não é erro por *Josephina* ou *Josefina* (o primeiro *h* provocaria o escrever-se o segundo). Outro nome não vulgar é *Inocente* 235, que nem figura sequer no

¹ Comprei este codice em 1927, num leilão do livreiro Manuel dos Santos: n.º 2656 do Catálogo. — A ilha de S. Antão é a mais occidental e septentrional do arquipelago. Acêrca dos elementos ethnicos que formavam a sua população primitiva, pela mór parte escravos, e dos de Guiné, vid. Lopes de Lima, *Ensaio sobre a estatística das possessões portuguezas*, Lisboa 1844, pt. II, p. 73. D. Maria I aboliu aí a escravidão por decreto de 1 de Janeiro de 1780: *ob. cit.*, *ibidem*.

² Os numeros postos adiante dos nomes são os do *Inventario*.

³ Já tambem indicado por Adolfo Coelho, como de S. Antão, em *Os dialectos romanicos*, etc., p. 17.

Ementario: deduziu-se de *Inocentes*, sobrenome usado na metropole, ou de *Inocencia*.

Como nome proprio escolhe-se por vezes, não porém com frequência, o nome ou sobrenome do pai ou da mãe, em alguns casos com mudança de genero: *Anastacia* 459, filha de Ursula *Anastacia*; *André*, filho de André; *Antonia*, filha de Antonio; *Antonio*, filho de Antonio; *David* 395, filho de Simão *David*; *Joana* 144, filha mais velha de João; *José*, filho de José; *Maria*, filha de Maria; *Natalia*, filha de João *Natalio*.

Nome igual ao da avó: *Ana*, neta de Ana; *Antonia* 174, neta de Antonia; *Leonarda* 377, neta de Leonarda.

Nome igual ao de uma tia, com mudança de genero: *Felipe*, sobrinho de *Felipa*.

Havendo mais de um filho do mesmo nome, o autor do *Inventario* declara isso assim: «*Francisco* 2.^o filho do mesmo nome» 938; «Francisco Segundo do nome» 954; «Francisco filho segundo do nome» 967.—Isto explicará *João Primeiro*, supra, p. 369 (Nomes do sec. xv), e p. 370 (Escravos do Infante D. Luís).

2. Sobrenome e apelido.

Quando se indica a filiação de um escravo, o nome proprio d'este, em regra, aparece simples, pois que se entende que o sobrenome ou apelido é o do pai, ou o da mãe (no caso de estar solteira). Isto tanto acontece a respeito dos escravos de menor idade, como dos maiores. Por exemplo:

Manuel, Domingos, Lourença, Martinna (*sic*), Pascoal, filhos de Maria Alvarez¹, solteira;

Maria, Antonio, Natalia, Cipriana, Bartolomeu, filhos de João da Luz Miguelinho & Magdalena Alvarez sua mulher;

José, João, Margarida, Maria, Joana, filhos de Miguel Alvarez & Cezilia Pirez;

Felipe, Francisca, filhos de Antonio Lucrecio & Maria da Cruz.

Não se indicando a filiação, junta-se, em regra, sobrenome ou apelido, e ás vezes um e outro: o que se patenteia melhor, quando

¹ Neste, como noutros casos, póde ler-se *Alvarez* ou *Alvez*, porque o manuscrito tem «Alz'». Provavelmente entende-se a primeira forma, senão a outra não se abreviaria por ser curta; cf. *Pirez*, *Mendez*, por extenso, a par de «Glz'» (= Gonçalves), «Frz'» (= Fernandez), mais extensas.

se trata de escravos casados ou viuvos. Ha pouco vimos alguns exemplos; eis outros:

Ana Bárbara 265 e Maria *Barbara* 255, filhas de *Bárbara* Gonçalves;

Ana da Luz casada com Matias Teixeira;

Ana Rocha 110, filha de Antonio da Rocha 111;

Antonio Pascoal, viuvo;

Joana Martinho 44, filha de *Martinho* da Rocha;

João da Luz Miguelinho 7;

João Rodriguez 236, filho de Vicencia Rodriguez;

Manuel Santo «alejado»;

Maria Branca, solteira 1077;

Martinho da Rocha, viuvo;

No n.º 1004 do Inventario indica-se José da Luz Marco, e logo a seguir: Vicencia, irmã do dito; Manuel, irmão do dito. Entende-se que os dois ultimos escravos tinham o sobrenome e apelido do primeiro.

Lista de alguns sobrenomes:

a) religioso: *da Luz*.

b) iguais a nomes proprios: Amador, Anastacia, Brizo (Brisio ou Brísio) 209, Caetano, Inocencia 301, Pascoal, Sebastiana, etc.

Lista de alguns apelidos:

a) tirados de antigos patronimicos: Alvarez, Fernandez, Gonçalves, Martins, Mendez, Pirez, Rodriguez,—alguns muito repetidos.

b) tirados de nomes proprios: Belchior, David, Genebra (Antonio Rodriguez) 628, Joaninha (João Alvarez 82, Pedro Alvarez 76), Miguelinho 7, Pascoal 137, Vicente (Maria Fernandez) 569.

c) tirados da religião: *da Cruz, dos Reis, dos Santos*.

d) da geografia: *da Penha, da Rocha, da Silva, Vila*.

e) de alcunhas. Alcinhas expressivas de qualidades: *Delgado*; cf. tambem (alcunhas, ou simples atributos): Antonia da Luz Grande 1019, Belchior Fernandez Rocha Grande 1084, João Pequeno 286, 799. No último caso o adjectivo é sem dúvida alcunha; nos dois primeiros casos talvez não. Outro caso paralelo: Simão Adão *alejado*. Alcinhas tiradas de comparação com o reino animal: Luisa da Cruz *Coruja* 240, Antonio Pirez *Chancarona* homem velho e «veuvo», n.º 30 (a palavra repete-se nos n.ºs 700, 701 e 1094. Bluteau dá *chançarona*, com ç, como nome de um peixe do mar de Sezimbra, «da feição de pargo». Moraes, porém, diz: *chancarona*, com c, «pargo salgado»). Alcinhas relacionadas com a magia: Ana *Enguiço* 588, Maria Gonçalves *Enguiço* 237,

Tomé *Enguiço* 1098; Paula *Feyticeyra* 797: as quais alcunhas se compreende muito bem que existam num povo supersticioso como os Pretos. Alcinha provinda de um hipocorístico: Manuel *Né Né*, filho de Maria *Né Né*, 60-61 (de hipocorísticos da Africa se falará no Liv. III). Alcinhas várias: Antonio de Andrade «*Capitam* por alcunha» 601; Antonio *Mayo* e Bartolomeu *Mayo* 745, 56; *Campino* e *Campina* 160, 173, etc. (alcunha talvez de caracter geografico); Roque *Vaqueiro* 113. Esta última alcunha explica-se da circumstancia de muitas vezes, quando se fala ou escreve, se juntar ao nome de um serviçal ou de um artifice um substantivo designativo do serviço ou da profissão; no Inventario, por exemplo: Francisco Leonardo *tecelão*, Luís Tomás *carpinteiro* 1029, Manuel Gonçalves *sangrador* 227, Tomé da Cruz *vaqueiro*. Facilmente nasce assim, por antonomásia, uma alcunha e depois um apelido.

3. Particularidades gramaticais:

a) São muito vulgares no Inventario exemplos como os seguintes:

Ana de Maria Martinho, 57; Domingas de Barbora de Pinho, 39; Domingos Gonçalves de Mariana, 97; Domingas de Hieronimo, 576; Manuel de Angela, 1007; Manuel de Maria Teresa, 578; Manuel de Paula Feyticeyra, 797; Maria da Luz de Amaro, 1046; Pascoa de Manuel Matheus, 77; etc., etc.

A sintaxe é analoga á que vimos a p. 370 (Sintra), mas a relação é diferente. No caso actual o *de* não pôde indicar pertença, pois os escravos pertenciam á Coroa. Suponho que indica filiação.

b) Em muitos casos os sobrenomes ou o apelido mudam de genero, conforme o sexo da pessoa que os usa: Manuel *Melicio* & Maria *Melicia* 354 e 357, José *Delgado* & Maria *Delgada* 767 e 781.

c) Sobrenome masculino de nome feminino: Joana *Martinho* 44; o inverso: Manuel *Margarida* 115.

Outras particularidades ficam indicadas em exemplos anteriores.

4. Pronúncia crioula.

Na ilha de S. Antão fala-se crioulo português¹: por esse motivo os nomes que ficam indicados deviam ser proferidos pelos

¹ Vid. *RL*, v, 243, e *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, p. 74, onde se cita a respectiva bibliografia. Do crioulo de S. Antão publiquei tambem um estudo gramatical na mesma *RL*, vol. cit., p. 246 sgs.

Pretos com alteração fonetica, de que principalmente resultariam hipocorísticos. De qual ela fôsse, póde fazer-se ideia pelas listas de hipocorísticos publicadas por Adolpho Coelho, e Vieira Botelho & Custodio Duarte, e pela breve amostra que adiante se dará, no Liv. III. Para evitar repetições, não ponho aqui agora nenhum exemplo.

Nomes de escravos do sec. XIX:

Servirá aqui uma lista de 45 escravos, certamente pretos, da cidade da Horta, feita em 1832, e publicada no *Archivo dos Acores*, VIII, 292: escravos de variadas idades, desde 4 a 72 anos, e de ambos os sexos.

Estes escravos pertenciam a proprietarios, funcionarios publicos, militares, ecclesiasticos, artifices, e um d'elles a uma freira do convento de S. João.

Os nomes são pela maxima parte correntes: Alexandrina, Ana, Antonio, Caetano, Carlota, Delfina, Eduardo, Felicidade, Francisco, Isabel, Joana, Julia, Leonor, Manuel, Maria, Rita, Rosa, etc. Como menos usuais noto: *Selestrina*, por *Celestina*, com -r- (como na lingua popular *celestre*, por influencia de *terrestre*), *Matildes*, com -s (cf. Liv. III), *Patronilha*, por *Petronila* (na origem diminutivo latino: *Petronilla*, derivado do cognome *Petronia*). Figura tambem na lista um escravo de 70 anos, de nome *Mani Antonio*: o primeiro elemento do nome deve ser o mesmo que entra em *muḍni Put* «rei de Portugal» (vid. Cannecatim, *Dicc. da lingua bunda*, Lisboa 1804, p. 627), expressão que alguns autores modernos trancrevem por *maniputu*; sendo exacta esta explicação, já se vê que o *mani* se applicava ao escravo por ironia, devida acaso á sua idade.

Observação final:

Nos escravos dos primeiros tempos encontramos nomes pertencentes a muitas linguas: arabicos, germanico-latinos (ou germanicos alatinados), greco-latinos, latinos propriamente ditos. Aos das duas últimas especies podemos chamar cristãos. Variavam, pois, segundo a estirpe, e as relações dos respectivos individuos com a Igreja, quero dizer, conforme estes haviam ou não recebido o baptismo.

Os nomes arabicos eram-no de escravos pagãos; os germanicos indicavam, como já se disse a p. 366, ou escravos originarios, ou, por causa da voga que tinham os nomes goticos, Mouros

cristianizados. Os restantes deviam indicar tambem quasi sempre, ou sempre, Mouros convertidos.

Depois que parou o predominio dos nomes germanicos, os escravos batizados continuaram a usar, como d'antes, nomes que as pessoas livres usavam: não havia diferença alguma. Sobrenomes e apelidos eram os mesmos, e devidos a identicas razões, como com toda a clareza se patenteia da especificação que fiz dos nomes dos escravos da ilha de S. Antão.

Os escravos mouros não batizados mantiveram paralelamente os seus nomes nacionais.

Tanto na idade-média, como em tempos posteriores, cada nome servil determinava-se, por vezes, mais precisamente, quando isso se tornava necessario, com a posposição do do senhor. Nos escravos da ilha de S. Antão, pois que pertenciam ao Estado, a determinação faz-se com a declaração do nome do pai, ou com outra que se julgou boa.

Assim como nas regiões ultramarinas onde se falavam dialectos crioulos os nomes deviam modificar-se de acôrdo com os habitos foneticos dos naturais, assim analogos fenomenos aconteceriam naquelas em que se falavam linguas indigenas de origem não-portuguesa, mas onde os nomes proprios eram portugueses: hoje em Angola diz-se, por exemplo: *Cálala* «Clara», *Calolota* «Carlota», *Luiji* «Luis», *Mbaxi* «Sebastião» (arc. **Bachão*), *Pételu* «Pedro»: vid. P.^o Miranda Magalhães, *Manual de linguas de Angola*, Loanda 1922, p. 161 sgs. O teatro de cordel e a restante literatura de character popular dão aqui tambem elementos na chamada *lingua de preto*: *Bassião*, *Catelina* «Caterina», *Flancico*, *Pantareao*: cf. a minha *Esquisse d'une Dialectologie*, p. 50 sgs.



De tanto se lidar com Mouros, Pretos, e escravos de todas as origens, resultou, por um lado, enriquecer-se a lingua de muitos vocabulos, expressões metaforicas, frases, proverbios (*escravidão*, *escravatura*, *servir como um Mouro*, *moirejar*, *cativo de amor*, em Pires, *Cantos pop.*, IV, 511, n.^o 231, *é um negro de trabalho*, *negro* (por ironia) em Gil Vicente, III, 173, *o trabalho é bom para Pretos*, *Preto velho não aprende lingua*, «*Quando o Preto pinta*, || *Conta duas vezes trinta*», «*Quem poupa seu Mouro* || *poupa seu ouro*», etc., etc.), e pelo outro, superstições, lendas, danças, poesias. Até se criaram em Lisboa nos secs. XVII e XVIII irmandades

religiosas com o titulo de *Escravos da Cadea* (da Virgem), *Escravos de Maria Santissima*, e do *Santissimo Sacramento*. Tudo isso são assuntos pertencentes á Etnografia, como muitos outros cuja menção por brevidade omito. Nada têm com a Antroponímia.

CAPITULO VIII

Nomes de Arabes e de Moçarabes

De alguns nomes de escravos mouros já se falou no cap. vii. Consideremos agora os seguintes grupos ethnicos:

1. Nomes de Mouros fôrros ou livres:

Acêrca d'esta classe de Mouros, vid. o capitulo antecedente, p. 362. Agora as fontes são: «Ocorrencias da vida mourisca», de Sousa Viterbo, publicadas no *AHP*, v; *Dissert. Chron., Chancellarias*; e artigos de Pedro de Azevedo no *AP*, v e vii. Não se darão mais que amostras, pois o estudo do assunto pertence principalmente aos especialistas da Filologia arabica.

De 1221 a 1226 (*AHP*, v, 262: de Lisboa e Santarem): Aboali (= abu Ali «pai de Ali»), Afomade (= Ahmad ou Ahmed), Afomede Calvo (com alcunha portuguesa), Focem alcaide (cf. Haçen), Jocefe (do hebraico: vid. supra, p. 61), Mafomade (= Mahommad), Mariame (do hebraico: vid. supra, p. 364).—As datas mostram que os Mouros d'estes nomes, e d'outros que se omitem, eram oriundos de territorios que os Portugueses lhes haviam tomado anteriormente á submissão do Algarve. Da alcunha portuguesa aposta a um dos nomes vemos que existia quotidianas relações entre ambos os povos, apesar de os Mouros viverem separados, como já se disse, em bairros especiais.

De 1273 (*ib.*, *ib.*): *Exa*, nome de mulher, em Lisboa.

De 1298: Mouro Calvo, architecto que dirigiu a construção do castello do Alandroal, e aí gravou numa pedra uma sentença religiosa: vid. *De terra em terra*, II, 171 e 191.—A palavra *Calvo* ou é alcunha portuguesa igual á que ha pouco encontrámos applicada a outro Mouro do mesmo seculo, ou é acaso desfiguramento de um nome arabico de fonetica semelhante, ou é tradução de uma palavra arabica do mesmo sentido. No primeiro caso seria um pouco estranho que o architecto, que deixou assinalada no castello a sua crença religiosa e nacional, se designasse a si proprio por um nome tão vago, como *Mouro*, seguido de uma alcunha

portuguesa. Por isso não julgo desprezível qualquer das restantes hipóteses.

Sem data precisa, mas do sec. XIII (*ib.*, *ib.*): *Fatos*, nome de mulher, Lisboa. Já a p. 368 vimos o mesmo nome aplicado a uma escrava.

De 1326, ou antes (*AP*, VII, 227): *Belamjz*, «mercador em Avis». Se o *-z* estivesse por *-r*, a palavra decompunha-se em *bel-Amir* e significava filho de Amir, com *bel-* por *ben-*. Abreviatura de um nome completo, faltando o nome próprio. Se pelo contrário se admitisse que as últimas tres letras eram abreviatura de *M(ar-t)(i)(n)z*, o nome não faria grande sentido, porque *bela*, isto é, *bena*, significava «filhos» (cf. supra, p. 102).

De 1374 a 1484 (*AHP*, V, 262): *Abalmeque*, *Aly*, *Azmede*, *Baboso* (alcunha portuguesa), *Brafome* (Brafame), *Ffátema*, *Ffotos* (comparavel a *Fatos*, citado supra), *Hya*, *Imana* (Ymena, Imina), *Mafomede* (Maffamede), *Omar*. São Mouros de Lisboa. Alguns dos nomes, que se omitem, referem-se a individuos que exerciam indústrias, e por tanto estavam fixos na capital,— ou eles descendessem também de antigos habitantes do nosso solo, ou já, no todo ou em parte, resultassem de comunicações com a Africa.

De 1450: *Caçome*, filho de *Mafamede* Láparo, morador em Lisboa, mestre de fazer tapetes: *Chancelarias*, I, 607.

De 1493 (*Dissert. Chron.*, V, 310-313): *Behahea*, carpinteiro; *Durduz*, guia de Alcacer (isto é, de Alcacer Ceguer, que foi tomada em 1458); *Hamed bem Omar*, criado do alcaide Alaâroz (de Alcacer Quibir). Pelo menos dos dois últimos vê-se bem qual a origem.

De várias épocas até o fim do sec. XV (*AP*, V, 218-220): *Adeela* e *Adela*, *Albacar*, *Belfadar*, *Çoleyma*, nomes de homens; *Zoaira*, nome de mulher. Entre muitos nomes que não se transcrevem, ha-os que são variantes de outros já mencionados, como: *Aixa*, *Alé*, etc. O S.^{or} Pedro de Azevedo foi quem publicou os nomes, porém não julgou necessario ao seu intento indicar datas, nem documentos.

De 1498 a 1517 (*AHP*, V, 162-163, 253-255). Depois da expulsão, em 1498, ficaram ainda por cá uns restos de Mouros: *Alle Almançor*, *Azmede* Capelão (alcunha ou apelido), *Fátema* Capelôa, *Mafamede* Láparo¹, último capelão dos Mouros, *Mafa-*

¹ Cf. supra, p. 225.

mede Namorado, *Maſamede* Roballo, *Osmar* Aliquante (ou d'Ali-cante). A alguns dos nomes poſpõe-se a designação de «Mouro fôrro», a qual tanto pôde ſignificar, e é o mais provavel, que o reſpectivo individuo recebêra a alforria, como que ele era livre desde a origem. Num dos casos até ſe diz, p. 253: *Alle Aſulejo* «Mouro fôrro da Rainha D. Leonor», casado com *Alema*; aqui *Mouro fôrro* certamente vale o mesmo que «liberto», ſenão a qualidade não ſe eſpecificaria. Parece natural que todos os Mouros indicados, viſto conſervarem os nomes arabicos, perſiſtiſſem na ſua crença religiosa, como tambem Sousa Viterbo ſuſpeita (vid. p. 254). É certo que na idade-média, o que já acima vimos e adiante tornará a ver-se, havia Criſtãos de nomes arabicos; mas então, ſobretudo nos primeiros ſeculos da noſſa historia, os coſtumes eram outros.

2. Nomes de Mouriscos:

Vid. a reſpeito de Mouriscos o capitulo antecedente, p. 370.— Em documentos medievais, principalmente do ſec. xi, apparecem, como já notou Herculano, iii, 199, individuos criſtãos de nomes arabicos. A maior parte das vezes eſſes individuos ſerão Moçarabes, do que ſe tratará adiante; outros podem ſer Mouros convertidos ao Criſtianismo, por exemplo: *Arias Abderahem et Maurone*, que, com a abadeſſa Ielvira, entregaram a um biſpo de Coimbra o eremiterio ou convento de Creſtuma, ao qual eſte ſe recolheu em 922, *DC*, p. 16. Provas positivas de converſão temo-las ſó mais tardias, como as ſeguintes:

— Catarina Vaz, que foi Moura, e ſe converteu á fé de Criſto, 1493, *AHP*, v, 257. Anteriormente, pois, á converſão forçada.

— Yſabel Diaz, casada, Mourisca, † 1544: *Regiſto do Caſtello*, p. 229.

— João da Silva, Mourisquo, 1565, e um filho Francisco: *Regiſto da Sé*, p. 22.

— Francisco Queimado, Mourisquo, 1571: *ib.*, p. 92.

— Antonio Henriques de Portugal, «Mouro de nação, novamente (= recentemente) convertido á noſſa ſanta fé», 1621: *Regiſto do Caſtello*, p. 211.

Todos os nomes ſão tirados do Calendario; e por outro lado os apelidos ou ſobrenomes não ſe aſtaſtam dos que até aqui temos viſto adoptados por Portugueſes.

A pp. 370-371 encontrámos já outros nomes de Mouriscos (do Infante D. Luís e de D. Sebaſtião).

3. Nomes de Moçarabes:

Aos *Mouros fôrros*, de que se falou precedentemente, correspondiam na Hespanha grupos sociais analogamente privilegiados: os *Mudéjares*. Ora, se os reis peninsulares davam aos Mouros a regalia de viverem em paz, por outro lado entre os Arabes habitavam grupos de Cristãos, em condições analogas, aos quais os nossos historiadores chamam *Moçarabes* ou *Muçarabes*, palavra que em arabe significa «(indivíduos) arabizados»; isto é, «tornados Arabes». D'elles trataram: Caetano do Amaral, *Memor.*, 5.^a, p. 65 sgs.; Herculano, III, 171 sgs.; G. Barros, II, 17-20; Paulo Merêa, *Evolução dos regimes matrimoniais*, I (1913), 133 sgs.

Tendo acabado em 1249-1250 o dominio dos Arabes no nosso territorio, é claro que, na presente narrativa, só se pôde falar de Moçarabes considerados até então.

Importa-nos aqui particularmente a lingua.

Dizer M.-L., II, 31, nota, que os Cristãos-Moçarabes, que assinaram o doc. n.º 94 dos *DC*, p. 59, de 967, falavam familiarmente arabe, só porque nas assinaturas ha elementos arabicos, é ir muito longe; com igual direito podia dizer que falavam latim, visto haver elementos latinizados nas mesmas assinaturas. Já Herculano, III, 196, affirmára tambem que os Moçarabes tinham adoptado em geral as fórmulas externas do viver sarraceno, e entre elas a lingua, no que o confirmava um documento latino, sim, mas em estilo puramente arabe, a que alude *ib.*, p. 431 (a data de 1064, indicada por ele, foi depois corrigida em 1086: cf. *DC*, p. 392, e G. Barros, II, 345).

Hoje aceita-se que nos Moçarabes se manteve um antigo falar romanico: vid. David Lopes, *Os Arabes em Herculano* (1911), p. 205 sgs., e ultimamente Menéndez Pidal, *Orígenes del español*, 1926, *passim*. Este falar foi suplantado em Portugal pela invasão do português, e em Hespanha pela do castelhano. O que, sem inteiramente ir de encontro a Herculano e a Meyer-Lübke, e de pleno acôrdo com os resultados da sciencia moderna, devemos asseverar, é que os Moçarabes eram bilingues: falavam romanico e arabe. Adiante ver-se-ha isto melhor da inspecção dos nomes proprios, embora os nomes que chamo romanicos sejam de origem germanica ou tenham vestuario latino.

O criterio para determinar o moçarabismo de um individuo consiste em examinar o seu nome ou os das pessoas com que ele está ligado: se em alguns d'esses nomes, ou em todos, entrarem elementos ao mesmo tempo de origem arabica e de origem cristã

(isto é, latinos, gregos, germanicos, etc.), a existencia de moçarabismo tem probabilidades; por exemplo:

—ego *Zoleiman cognomento Abaiub*, cum uxor(e) mea *Flamula*, doc. de 943, de Lorvão: *DC*, p. 30.

—*Rodorigus cognomento Abulmundar*, doc. de 954, de Lorvão, *DC*, p. 39.

—*Abunagar* (= *Abu-nagar*) *Trastemiriz*, doc. de 1027, das margens do Ave, *DC*, p. 162.

—*Tructino cognomento Falaph*, doc. de 1039, do mosteiro de Leça do Bailio: *DC*, p. 187. A p. 180 temos a fôrma *Halaph*, que representa outra mais antiga, por causa do *h*.

No primeiro caso, um individuo, de nome arabe, é casado com uma mulher de nome latino; no segundo, um individuo de nome germanico tem como cognomento um nome arabe; no terceiro, um individuo de nome arabe usa patronimico germanico; e no quarto, um individuo de nome germanico apresenta-se com um cognomento arabe.

Dois casos avulsos:

Em 1018 assina *Zalama, presbiter*, um testamento em que deixa a sua *villa* de Recardães (em territorio hoje pertencente ao concelho de Agueda) ao mosteiro de Vacariça: *DC*, p. 145. Como por aquele tempo a Beira estava em poder dos Sarracenos, consideraremos Moçarabe, por causa do nome, o signatario do testamento: cf. *Zalama iben Floresindo*, em 967, *DC*, p. 60.

Num doc. de 1264 (vid. *Livro dos bens de D. João de Portel*, de P. de Azevedo & Braamcamp Freire, 1906-1910, p. 31) fala-se de uma propriedade (*hereditas*) do aro de Elvas, que ao tempo se chamava *Vilavoim*, e antes se chamára *Moçarava*, nome provindo de uma antiga possuidora. Ignoramos quem esta fôsse, mas ficamos sabendo que os vizinhos a apelidaram simplesmente de *Moçarava*, por o ser. Isto nos subministra um elemento para o conhecimento da materia que estou estudando. A par nos informamos de que á palavra *moçarabe* os nossos antepassados davam um feminino analogico em *-a*, que não vem nos lexicografos; já os Romanos haviam seguido a mesma analogia ao criarem um adjectivo cujo feminino soava *Araba*.

Vejam-se tambem alguns exemplos de nomes moçarabicos em Herculano, III, 429-432, o qual foi quem primeiro se lembrou de tirar da inspecção dos nomes proprios, feita no sentido indicado, deducções acêrca da existencia de Moçarabes no nosso territorio nos secs. X-XI.

O S.^{or} Gama Barros, alargando esse plano, reuniu em II, 339-346, muito maior cópia de casos respectivos aos mesmos seculos. Em todos eles entra a fórmula *iben* ou *ben*, designativa de filiação ou descendencia paterna, fórmula que, por causa do parentesco lingüístico, é, como veremos no cap. IX, analoga ao *ben* hebraico. O grande continuador de Herculano teve, já se entende, o cuidado de só escolher nomes que evidentemente não se referissem a Muçulmanos. Por exemplo: *Romano iben Froila*, *Zuleiman iben Lazaro*, *Halifa iben Ordonio*, *Martinus iben Atomad*, etc. Alguns dos casos que ele cita não contêm nenhum nome arabe, como *Midus iben Daviz*, *Guntsalbo iben Egas*. Aqui o moçarabismo está só expresso pela fórmula *iben*. No mesmo sentido acrescentarei: *Johanes Abensalamon* (= aben-Salamon) e *Diogo Beneas* (= ben-Egas?), num doc. de 1016, do mosteiro da Vacariça, DC, pp. 141-142; e ainda Muniu *Beniegas*, num doc. de 1044, do mosteiro de Pendorada, respectivo ás margens do Leça, DC, p. 205, e *Didagu Ibenegas*, num documento de 1047, também do mosteiro de Pendorada, DC, p. 219.—De *Viegas*, que vêm d'esta familia de nomes, se falou já supra, p. 102.

Os exemplos com *iben* ou *ben* «são tantos, observa o nosso autor, II, 20, que só por excepção se poderá explicar o uso da fórmula com as conversões ao christianismo, explicação que se torna de todo impossivel de admitir quando o documento mostra que foi passado em lugar que estava ainda sob o imperio dos mussulmanos». É curioso lembrar que G. Barros nem uma só vez, se não me engano, emprega a expressão *Moçarabes* ao falar d'elles, com a suculencia com que falou, a pp. 17-20, e depois na nota IX do fim do volume; serve-se de perifrases: *gente christã*, *população christã*. Contudo, em I, 242, havia-a empregado.

Depois da restauração de Coimbra, em 1064, por Fernando I, o Magno, de Lião e Castela (cf. G. Barros, II, 18, nota 3), apparecem ainda alguns nomes arabico-germanicos, mas sem *iben*: *Halife Sendiniç* e *Zoleima Lovegildiç*, num doc. de 1096, respectivo á Sé da mesma cidade: DC, p. 496. Não se podem chamar Moçarabes os individuos d'aqueles nomes, por isso que habitavam territorio cristão; se então já o não eram, tinham-no porém sido anteriormente.

Como focos principais de moçarabismo indicam-se em varios documentos os territorios de Arouca, Lorrão e Vacariça, estes dois ultimos no aro de Coimbra, e bem célebres por seus mosteiros (vid. G. Barros, II, 17-19); acima se citaram alguns documentos

de lá. Outros focos eram Alafões, hoje Lafões, e bem assim Leça do Bailio, onde havia um mosteiro que pertenceu á Vacariça desde 1021, e ambos depois á Sé de Coimbra: vid. Sampaio, *As «villas»*, p. 154. Do Minho pouco mais se conhece: cf. Sampaio, *loc. citato*.

Sirvam de remate a tudo o que fica exposto dos Moçarabes as seguintes considerações de Herculano, III, 200: «Não estão indicando todos estes factos o largo quinhão que o elemento mosa-rabe teve na povoação do nosso país nos tempos immediatamente anteriores á fundação da monarchia? Não é evidentemente esta confusão de denominações a imagem da assimilação que, salva a diferença de culto e de jurisprudencia civil, se operara lentamente entre os sarracenos e os hispano-godos sujeitos ao seu dominio?».

De nomes arabicos como existentes no tempo em que os Arabes dominavam certas terras hoje portuguezas, apesar de haver muitos relacionados com elas, e pertencentes a individuos de todas as classes, — governadores, escritores, particulares —, não tenho evidentemente de me ocupar, porque não são nossos antepassados: eram estrangeiros de sangue e de domicilio.

CAPITULO IX

Nomes de Judeus

Na historia do judaismo portugûes determinam-se, como penso, estas fases:

A.—Fase dos Judeus primitivos. Os mais antigos Judeus que, quanto sei, apparecem testemunhados em documentos nossos, são do sec. X—XI (vid. *infra*); mas, se é justa a data que Schwarz, *Inscrições hebraicas*, Lisboa 1923, pp. 14—17 e 48, attribue a duas inscrições funerarias do Algarve, temos notícia d'elles no nosso territorio já no sec. VII ou VI. Em todo o caso, o estabelecimento dos Judeus na Peninsula ascende muito mais acima: vid. *AP*, XXIII, 261.— Os Judeus viviam em bairros separados, ou *judiarias*, e eram obrigados a usar um distintivo no vestuario, pelo que os chamavam *Judeus de sinal* (cf., por exemplo, o *Registo da Sé*, 1582, p. 233).

B.—No sec. xv, ainda em dias de D. Afonso V, e principalmente nos de D. João II (1492), vieram de Hespanha muitos Judeus para Portugal, fugidos ao canibalismo da Inquisição ali estabelecida definitivamente por Fernando & Isabel. A hospitalidade portuguesa era mais aparente que real, pois muitos infortunios chegaram a padecer. Vid.: Herculano, *Inquisição*, I, 119-129; Lucio de Azevedo, *Hist. dos Cristãos Novos*, pp. 17-26.

- As fronteiras, por onde os Judeus hespanhoiis entraram, foram as de Tras-os-Montes, Beira-Baixa, e Alto-Alentejo: vid. Lucio de Azevedo, p. 21. E por essas provincias ficaram espalhados muitos, como documentos posteriores com abundancia o testificam, principalmente em Tras-os-Montes e Beira: vid.: Lucio de Azevedo, p. 335; P.^e F. M. Alves, *Memorias de Bragança*, t. v (quasi todo); e Schwarz, *Os Cristãos Novos de Portugal*.

É esta a segunda fase do judaismo.—Temos todavia, já dos seculos xiv e xiii noticia de Judeus existentes em Bragança: vid. P.^e F. M. Alves, *ob. cit.*, *ib.*, p. 169; *Elucidario*, s. v. «contrauto»; e um documento de 1279 que adiante se extratará. Parece que os Judeus se estabeleceram ali posteriormente a 1187: M. dos Remedios, *Os Judeus em Portugal*, vol. I, Coimbra 1895, p. 138 e nota 4, onde cita a Kayserling,—ainda que o P.^e F. M. Alves, *ob. cit.*, p. xlv, supõe que eles se teriam estabelecido antes.

C.—Decorridos apenas uns quatro anos depois da entrada dos Judeus hespanhoiis em Portugal, publicou D. Manuel uma provisão (fins de 1496) que desumanamente mandava sair do reino todos os Judeus, quer os preexistentes, quer os recém-vindos, excepto os que estivessem convertidos ao Cristianismo, ou quisessem converter-se: Herculano, *ob. cit.*, *ib.*, p. 143. Esta provisão abrangia tambem os Mouros, como já se disse no cap. viii. Muitos Judeus e Mouros se converteram, e a eles chamava o vulgo, por irrisão, «tornadiços», «Marranos» e «Cristãos-Novos», por opposição aos Cristãos de origem, que em virtude d'isso ficaram sendo conhecidos por «Cristãos Velhos». A designação de *Cristãos-Novos* applicou-se sobretudo aos Judeus,—e é d'estes que só aqui importa falar. Se muitos Judeus realmente, embora com violencia, e ficando Judeus no animo, se bätizaram, grande número manteve-se abertamente firme na crença de seus avós: e tanto esses, como os convertidos que puderam escapar-se, para depois renegarem, emigraram, já em turmas, já a pouco e pouco, para diferentes terras: Africa, Italia, Turquia, França,

Flandres, Holanda, Alemanha, Inglaterra, Novo Mundo: vid. Lucio de Azevedo, *Cristãos Novos*, liv. III. Eles chamavam-se a si próprios, por isso, nos seus escritos: *Judeus de destêrro de Portugal*: vid. Abraham Pharar, *Declaração* (sic) *das 613 encomendações*, Amsterdão 1627 (reproduzida por M. B. Amzalak em 1927, Lisboa). Também Samuel Usque, *Consolaçam*, p. 5, tinha dito: *este nosso destêrro*.

Debuxam-se assim duas novas fases na historia do judaismo português:

a) a dos Cristãos-Novos que permaneceram no reino, e que tiveram cá de travar luta herculea com o povo, com os reis e com a Inquisição, alguma vez beneficiados, sim, por momentaneos luars de bonança, mas muitas vilipendiados, roubados, esmagados, queimados;

b) a nova diáspora, do sec. xv em diante.—Nem sempre, porém, poderá dizer-se que os Cristãos-Novos que saíram de Portugal o fizessem por motivos da fé.

D.—Um dos caracteres do povo judaico é a tenacidade, como gente sem patria, que por toda a parte busca uma: *ubi bene, ibi patria*. Por isso, e porque Portugal, pela pouca energia dos naturais, foi sempre campo propício á actividade de quem vem de fóra com verdadeira vontade de trabalhar, os Judeus que viviam longe não afastaram nunca de cá os olhos, apesar do que os Portugueses haviam feito contra o povo hebreu. Tinham de mais a mais os seus antepassados habitado muitos seculos entre nós, e estava aí outra razão que impelia os netos a voltarem,—razão de amor, e de laços de sangue... E voltaram, assim que a ocasião se proporcionou. Nos meados do sec. XVIII parece que já demoravam tantos no reino, vindos insensivelmente de fóra, que o estadista D. Luís da Cunha (vid. Fortunato de Almeida, *Hist. da Igreja em Portugal*, IV, III, 7) julgou necessario lembrar ao Govêrno que os expulsasse, ou lhes desse dois bairros para habitarem, um em Lisboa, outro no Porto. Em 1773 o advento de novos Judeus é de algum modo favorecido oficialmente, pois que uma lei d'aquella data, logo em 1774 reforçada por outra (vid. a *Collecção de legislação*), acabava de vez com a distincção que existia entre Cristãos Novos e Cristãos Velhos.

De facto, sabe-se de inscrições funerarias do princípio do seculo XIX, relativas a Judeus falecidos cá: Bettencourt, in *AP*, VIII, 41-45. A mais antiga d'essas inscrições refere-se a José Amza-

laga; um de seus parentes actuais, o S.^{or} Prof. Moses B. Amzalak, diz-me que a familia, que descende de Judeus Portugueses expatriados depois do sec. xv, veio da Palestina para Portugal no seculo xviii. Nos Açores havia já tambem Judeus desde os começos do sec. xix, ou antes, oriundos de Marrocos: vid. o meu livro intitulado *Mês de sonho*, Lisboa 1926, p. 74. De Marrocos directamente, ou por Gibraltar, descendem muitas familias judaico-portuguesas que actualmente vivem no Continente. Na Madeira, de 1844 em diante, existiam familias idas igualmente de Gibraltar e de Oran: vid. A. Benarús, *Israel*, Lisboa 1924, pp. 91-92. Hoje têm os Judeus sinagogas em Lisboa (duas), Faro (outras duas), Porto, e Ponta Delgada.

Baseados no precedente quadro, especifiquemos, mais ou menos cronologicamente, alguns nomes de Judeus e Cristãos-Novos.

1. Nomes de Judeus antigos, até 1496 (vid. secção A e B, a pp. 387-388).

O hebreu, como lingua viva da Palestina, começou a decair do uso geral depois da destruição de Jerusalem pelos Caldeus, e conseqüente partida dos Judeus para o cativeiro da Babilonia, pelos começos do sec. vii antes de Cristo. Quando se extinguiu de todo, os filhos de Israel começaram a falar as linguas das nações em que se foram estabelecendo, grego, latim, etc. Na Península Iberica adoptaram, pois, tambem as linguas locais. No que digo, abstraio do uso literario ou escrito do hebreu, porque esse nunca deixou de existir (hebreu classico, e hebreu post-biblico, tambem chamado neo-hebreu, hebreu rabinico ou talmudico), e abstraio igualmente das tentativas modernas de renascimento, devidas á acção dos sionistas, para se restaurar o hebreu como lingua oral. Cf. *Les langues du monde*, de Meillet & Cohen, Paris 1924, pp. 101-103.

Com a manutenção do uso literario do hebreu coincide o de nomes de pessoas, ligado intimamente como está com a religião e a historia, duas potentes fôrças a que a vida dos Judeus de continuo se submete.

Pois que os Judeus portugueses até 1496 viveram em plena posse dos seus costumes, usaram em regra nomes hebraicos, ainda que, quanto a lavrarem os tabeliães judeus os seus documentos *per abraico*, foram prohibidos d'isso por D. João I e D. Afonso V,

que ordenaram os escrevessem *per linguagem ladinha portuguez*: vid. *Ordenações Affonsinas*, liv. II, tit. 93, § 1¹.

As inscrições algarvias a que acima se aludiu, pertencentes a era muito remota, dizem, segundo a leitura de Schwarz:

— *Rabino Isaac Hacohen*², filho de Sakhal;

— *Rab Moshnuna* .. (?);

— *Cohen*³, filho de Karbin⁴.

Em 1018 assina como testemunha de um titulo de venda, nos *DC*, p. 148, este individuo, que devemos entender pertence ainda ao sec. X:

— *Crescente Hebreo*. — Aqui dá-se o caso de ser o nome tirado

¹ Nas «Occorrencias da vida judaica» do D.^{or} Viterbo, in *AHP*, II, tem este um capitulo intitulado «O uso da lingua hebraica», pp. 182–185: aí se refere a um tabelião de Setubal que em 1452 fôra perdoado por D. Afonso V por ter lavrado uma escritura *em letera hebraica*, de encontro ás Ordenações. O texto diz *letera*, e não «linguagem»; podia por isso entender-se que se tratava sómente de português escrito com caracteres hebraicos, mas por causa da alusão ás Ordenações o escriba talvez por *letera* quisesse dizer «linguagem». Viterbo contudo, *ibidem*, fala de sinais de tabelião do tempo de D. Afonso V e D. João II feitos com caracteres hebraicos, e de uma assinatura do Raby Abrahão Zacuto, de 1453, feita de igual modo. O mesmo preclaro investigador tornou a referir-se á *letera judenga* usada em 1501 por um cristão novo, que por isso foi condenado por D. Manuel na perda dos bens que possuía: *AHP*, v, 260.

² Adiante tornaremos a ver este apelido na fôrma *Cohen* em Judeus portugueses modernos (§ 4). Mui usado tambem noutras nações da Europa (França, Alemanha, Polonia), com variantes: *Cahen*, *Cohn*, *Kohn*, *Kaan*, etc. Vid.: Kleinpaul, pp. 117 e 119; Dauzat, p. 110; Samuele Schaerf, *I cognomi degli Ebrei d'Italia*, Florença 1925, pp. 41–42; Amzalak, *Schabethai Sevi*, Lisboa 1925, pt. III; e *The Jewish Encyclopedia*, s. voce. Em hebraico *cohen* quer dizer «sacerdote»; *Hacohen* (= *Ha-cohen*), como se lê no nosso documento, significa á letra «o sacerdote» (da familia de Aaron).

³ Vid. nota 1.

⁴ Ou *Korbin*, como me lembra o S.^{or} D.^{or} Slousch, antigo Professor de literatura hebraica em Paris (Sorbona).

do Calendario (*S. Crescente*, na origem cognome romano), talvez por se lhe atribuir bom agouro (*crescer* ou «prosperar» na fé ou na riqueza), e o Judeu estar batizado.

O D.^{or} Mendes dos Remedios, *Os Judeus em Portugal*, já cit., p. 121, menciona como do sec. XII:

— *Yahíá aben-Yaïsch*¹;

— *Yoseph aben-Yahíá*, que, como se vê, era filho do anterior.

Nomes de «Judeus de Bragança» mencionados num documento de D. Denis, de 1279 (vid.: *Dissert. Chron.*, III, 2.^a parte, p. 84; e *Memorias de Bragança*, do P.^e F. M. Alves, t. v, p. 168):

— «*Jacob e Sagos*² e *Montesynho e Juçefe e Vidal e Maroxal Acetvy e Manuel e Franco e Juçefe Aleano e Mosel*, filho de *Dona Vida e Mossell Rodrigo e Beento e Zemilo*³ e *Beeyto e Marianne e Domã e Mossel* seu padre de *Jacob e de Braã e Safum*⁴». — Alguns dos nomes, analogamente ao que já uma vez acima observámos, são iguais aos que usam os Cristãos; a razão porém aqui diferirá, pois podem ser traduções, por exemplo, *Beeyto* ou *Beento*, de *Baruch*. Em *Rodrigo* temos um sobrenome, e não um nome. Outros nomes são, por assim dizer, indiferentes, ou então serviriam de sobrenomes ou de apelidos.

Talvez ao sec. XIII ou XIV pertençam os seguintes bemfeitores da sinagoga do Porto, mencionados por Schwarz, *Inscrições*, p. 22:

— *Dom Jahudah ibn Mañer*, ministro;

— *Don Ioseph ibn Arieih*, rabino. Do sec. XIV. — A palavra *Arieih* significa «lião».

Num documento de 1304, na *RL*, XXI, 257 (P. de Azevedo), figuram: *Náámã*, filho de *Josep Naamã* & de *Dõna Dõna*; *Farras*, irmão do precedente: ambos eles netos de Raby *Náámã*. —

¹ O nome é arábico, e freqüente em Judeus. O mesmo que *Jachíá*, por exemplo: Samuel *Jachíá*, autor dos *Trinta discursos*, 1629; vid. outros exemplos adiante.

² Será o mesmo que *Sagués* ou *Sagés*, apelido actual.

³ Em arabe ha *Gemil*, que passou aos Judeus na fôrma feminina *Gemila*. Cf. em hebreu biblico *Gamaliel* ou *Gamliel*. — Informações do S.^{or} Prof. Slousch.

⁴ Pergunta o S.^{or} Prof. Slousch se será nome feminino, por *Safia* (em arabe), de *Sofia* (Sophia).

Em *Nádmã* temos um antigo nome-proprio hebreu (*Nahman*), e *Faras* será o mesmo que *Faraxe* ou *Farache*, apelido ainda usado em Marrocos. Em *Dóna*, isto é, *dona Dóna*, temos domina: vid. adiante, e o APENDICE.

Ao antigo cemiterio judaico de Faro pertence uma inscrição de 1315 em que se lê:

—*Rab Joseph de Tomar*: vid. Cardoso de Bettencourt, in *AP*, VIII, 35, e Schwarz, *Inscrições hebraicas*, p. 35. Da lapide em que se gravou a inscrição existe um decalque de gesso no Museu Etnologico de Belem.

Arrabys (ou *arabis*) moores do tempo de D. Denis, em Mendes dos Remedios, pp. 139-140:

—*D. Judah*.

—*D. Guedelha aben-Judah*, isto é, filho do antecedente.— A palavra *Guedelha* é desfiguramento popular de *Gedaliáh*, nome proprio, que corresponde a gadal «foi grande» e á abreviatura de *Iehová*: significa pois *quem magnum fecit Iehova* (*Gesenius*, p. 179).

Funcionarios judeus de 1357, nas *Dissert. Chron.*, I, 305:

—*Salamam Catalam*, araby;

—*Isaque Passacom*, procurador da comuna de Coimbra.

Outras personagens do tempo de D. Pedro I e D. Fernando, em Mendes dos Remedios, *Judeus*, pp. 157 e 163:

—*R. Moysés Navarro*, expatriado de Navarra, d'onde lhe derivou o apelido;

—*D. Salva*, mulher do antecedente;

—*D. Yudah aben Mosseh Navarro*, isto é, filho de M. Navarro;

—*D. Salomão Negro*.

Numa inscrição do Museu de Evora, de 1378:

—*Samuel*: vid. Schwarz, *Inscrições*, p. 48.

Num documento do Porto, de 1386:

—*Ananias*: vid. *Elucidario*, s. v. «cinuna» (por *comuna*).

Na *Hist. da Inquisição*, de Herculano, I, 112:

—*Mestre Moysés*, fisico-mor de D. João I, em 1389.

Do sec. xv:

Lê-se no *Elucidario*, s. v. «contrauto»:

—*Isac Filo*, 1418 (talvez *Filo* = *Filho*).

—*David Gabay*, 1422 («cobrador», «tesoureiro»).

Nas *Chancelarias*, p. 50:

—*Mousem Guaryte*, 1439.

Notavel gramatico, poeta e talmudista, mencionado por A. Ribeiro dos Santos, nas *Memor. de Litterat.*, II, 268:

—*R. David ben Salomão ben R. David ben Jachia*, que nasceu em Lisboa em 1430 e aí morreu em 1465.

No *AHP*, em varios tomos:

—*Raby Çad*¹ e mulher *Hordonha*, 1451, t. II, 182.—O nome da mulher é romanico. Póde entender-se que era Judia de nascença, mas se batizou. Cf. supra, pp. 391 e 392.

—*Josepe*, tabelião de Setubal, 1452, t. II, 183.

—*Yuda Abravanell*, Lisboa 1467, t. VI, 363, nota 4. Este Judas Abravanel, tambem conhecido por Leão Hebreu, é filho do famoso escritor e economista *Isaac Abravanel*: Lucio de Azevedo, *Hist. dos Cristãos Novos*, pp. 363–364, onde se resume a vida d'este último. Cf. tambem a respeito de Isaac: Ribeiro dos Santos, in *Memor. de Litterat.*, II, 271 sgs.; D.^{or} Joaquim de Carvalho, *Leão Hebreu*, Coimbra 1918; Amzalak, *Tipografia hebraica*, pp. 11–13; A. Benarus, *Israel*, p. 363².

—*Yoçe Peque*, tabelião judeu de Setubal, anterior a *Mordaphory Farabam*, outro tabelião judaico, *ib.*, 1482, t. II, 183.

—*Mosse Dourado* e *Jacob Dourado*, tabeliães judaicos do Porto, 1486, t. II, 183. (A respeito de *Mosse*, vid. os meus *Opusc.*, III, 115).

—*Raby Abrahão Zacuto*³, 1493, t. II, 183.

—*Samuel Nanjas* (= *Ananias*), 1498, t. II, 196.

—*Abram Pollgar*, e sua mulher *Aljofar*, fins do sec. XV, t. II, 195.—O apelido aparece tambem em Hespanha no sec. XIII, num Cristão: Domingo *Polgar* (vid. Rios y Rios, p. 150), na origem alcunha («polegar»; *pulgar* em hespanhol moderno), talvez indicativa de anomalia: cf. J. A. Pires de Lima, *Anomalias dos membros nos Portugueses*, Porto 1927, pp. 67–68. O nome da mulher tem caracter muito oriental.

—*Abram Montall*, anteriormente a 1517, t. II, 180.

Nos *Pergaminhos de Guimarães*:

—*Abraão Çaa Dias*, 1426, n.º 231. Cf. supra, nesta página, e o

¹ Cf. *Sa'd*, in *The Jewish Encyclopedia*, nome de um Judeu nascido na Persia. Cf. *Çaid*, nome proprio arabico, e apelido. Em hebraico *Çaadiá* (vid. adiante).

² A respeito da palavra *Abrabanel*, vid. adiante, p. 397.

³ A respeito da palavra *Zacuto*, vid. adiante, p. 395.

n.º 333, infra. Por *Çaadiá* (Saadiá), vindo do arabe Sa'id ou Sa'ad? Cf. *Saadi ha-Levi*, nome de um autor do sec. xix (em Salonica): vid. Kayserling, p. 96.

—*Salomon Querido, David Ales*: 1449, n.º 274.

—*Hysaque Lyvi*, 1460, n.º 299. Por *Levi*. D'esta palavra se torna a falar adiante, § 4.

—*Samuel Montezinho*, 1485, n.º 330.

—*Abrahão Çaadiç*, 1488, n.º 333. Cf. o n.º 231, supra.

Das *Memorias de Bragança* do P.º F. Manuel Alves, t. v (1924-1925):

—*Juça Marcos*, 1463, p. xxxii.

—*Baru* (= Baruch?), cavaleiro judeu, e sua mulher *Cinsana*, 1485, p. xlvi.

—*Raby Abrahão*, e sua mulher *Palomba*, 1485, p. xlix. — *Palomba* é nome hespanhol; pelo lado religioso pôde considerar-se indifferente.

Ao tempo de D. João II (1481-1495) pertence tambem:

—*Diogo Rodriguez Zacuto*. Vid. M. dos Remedios, *Os Judeus em Portugal*, p. 244.—A palavra *Zacuto*, que tambem tem na Peninsula as fórmaz *Çacuto*, *Sacuto*, *Zachuto* (vid. Cohen, *Der Almanach perpet.*, p. 27), e significa «merito», aparece outras vezes como apelido de Judeus portugueses, o que veremos adiante.

No *Dialogo de hús tres Judeus e dous Centurios sobre a resurreyção*, por Gil Vicente, *Obras*, I, 343 sgs., figuram tres rabis: *Rabi Levi*, *Rabi Samuel*, *Rabi Aroz*¹. Este Dialogo é anterior a 1562, diz Braamcamp Freire, *Gil Vicente*, p. 290; mas talvez possamos aproximar-nos mais da data exacta, pois quasi no fim do *Dialogo* ha estes versos, postos na boca de Aroz, p. 353:

Façamos talmud com tantas patranhas,
Com que embaracemos tamanhas façanhas,
Antes que mettão a frota na foz (I, 353):

de terceiro concluiremos que os Judeus estavam para embarcar, depois do Decreto da expulsão, que foi em fins de 1496, e se

¹ Estará em vez de *rox*, que quer dizer «cabeça»: por isso *A-roz* «a cabeça». *Rosh* (transcrição inglesa: *sh* = *x*) é ainda hoje usado como apelido. Ou será *Aroz* de fantasia, como isto frequentemente acontece em poetas.

havia de efectuar em 1497, como o mesmo Decreto ordena. Logo, o *Dialogo* seria d'esse tempo. A peça é bastante jocosa, e apparecem nela outros nomes de Judeus: *Rabi Franco*, *Rabi Zarão*, *Rabi Mosé*, *Jacob lendroso*, *Abrahão pellado*, *Zarababel*.

Tanto quanto estamos no caso de o dizer, em face dos documentos existentes, foram os Judeus os introdutores da tipografia em Portugal. Começaram, contudo, por imprimir obras hebraicas. Nos incunabulos conhecidos, que vão de 1487 a 1496, encontramos os seguintes nomes de impressores: *Samuel Gacon*, que trabalhou em Faro; *Rabi Eliezer*, que trabalhou em Lisboa; *Abraham ben Samuel de Ortas* ou *d'Ortas*, que trabalhou em Leiria. Das obras impressas por eles, são doze em hebraico e uma em latim, a de 1496 (Leiria). Vid.: Proença & Anselmo nos *Anais das bibliotecas e arquivos*, 1, 186 sgs.; e Amzalak, *A tipografia hebraica*, Coimbra 1922, pp. 19-40. A obra latina a que me refiro é o *Almanach perpetuum* do célebre *Abraham Zacuto*, que, tendo nascido em Salamanca, viveu em Portugal, e foi muito aceito a El-Rei D. Manuel; vid.: M. dos Remedios, *Os Judeus*, p. 277; Berthold Cohn, *Der Almanach perpetuum des Abraham Zacuto*, Estrasburgo 1918.

Como prolongamento d'esta actividade tipografica se póde considerar a actividade literaria de muitos escritores hebreus, por exemplo:

- *Abraham Sabah*¹,
- *David Jachia*,
- *David ben Salomão ben R. David ben Jachiá*,
- *Gedaliah ben David Jachia* ou *Jachija*,
- *Jacob Jachia*,
- *José Chivan*²,

todos eles nascidos em Portugal dentro do periodo de que estamos falando, mas cujas obras foram publicadas lá fóra, de 1499 em diante. Vid.: Ribeiro dos Santos, in *Memor. de Litterat.*, II, 261 sgs., e Amzalak, *loc. cit.*, pp. 10-11. A Isaac *Abarbanel* ou *Abra-vanel*, que nasceu em Lisboa em 1437, e faleceu em Veneza em 1508, já se fez referencia acima.

¹ Um dos ultimos rabinos de Portugal (reinado de D. Manuel I).

² O nome Chivan ou Hiyun consta-me que existe ainda.



Os nomes que ficam transcritos provêm, como se viu, de muitas fontes, umas documentais, outras literarias, e por isso apresentam certa variedade de fórmulas: *aben* «filho», a par de *ibn* e *ben*¹; *Abravanel* a par de *Abarbanel*²; *Braã* a par de *Abrahão* ou *Abraão*; *Isac* a par de *Hysaque*, *Isaque*, *Isaac*; *Jahudah* (cf. *Jehudah*, adiante, § 4, a mesma palavra que *Jehuda* ou *Judah*, que se lê in *The Jewish Encycl.*, como nomes proprios de homem); *Joseph* a par de *Jucefe*, *Josep*, *Yoçe*, *Yuça*; *Lyvi* (por *Levi*); *Mousem*, *Mosel & Mossel*, *Mossé*, a par de *Moysés*; (em hebreu: *Moxé*, transcrito em grego por *Μωσῆς* e *Μωυσῆς*, em lat. por *Mōsēs* e *Mōysēs*). *Nanias* por *Ananias*; *Salamam* a par de *Salomom*; *Guedelha* a par de *Gedaliah*, etc. Alguns dos apelidos são, como vimos, tirados do hebraico comum. Uma vez usa-se *Rab*, outras *Raby* (tambem em abreviatura: «R.»), que são porém palavras diversas: a primeira quer dizer «grande», «senhor», etc., e a segunda, á letra, «meu senhor», depois empregada na acepção de «doutor da lei» e outras (em português antigo dizia-se *arrabi* (*arraby*), *arabi* (*araby*), que significa á letra «o rabi»; hoje diz-se *rabino*).— Além de nomes proprios iguais a nomes cristãos, alguns já notados supra, vimos que muitos dos apelidos são portugueses (na origem alcunhas, etc.), e outros tirados da vida judaica (*Levy*, etc.).— Também ha apelidos geograficos e etnico-geograficos, por exemplo, *de Tomar*, *Catalan*.

¹ No cap. viii vimos exemplos de *iben* ou *ben* na mesma acepção, mas em arabe. O arabe e o hebreu são linguas semíticas, e por isso não admira que haja numa d'elas palavras semelhantes ás da outra.

² Tendo-me ocorrido que talvez este nome pudesse explicar-se por *Abra(am) ben El* «Abrahão filho de Deus», consultei o S.^{or} Prof. Slousch, o qual me disse que Judas Abrabanel (vid. supra, p. 394) transcreve assim o nome do pai no Comentario da obra d'este, intitulada *Pirkei Aboth* («Herança dos Pais»): *Bar ben El beno Ixai*, isto é: «filho do filho de Deus (que é) filho de Jessé», ou por outra: filho de David que é filho de Jessé. O *filho de Deus* é David; e a familia de Abarbanel tinha-se por descendente d'ele.

2. Nomes de Cristãos-Novos de 1496 em diante (vid. secção C, a).

Cristãos-Novos houve-os naturalmente, em todos os tempos. Sendo justa a interpretação que acima, p. 391, dei de um nome do seculo x-xi, temos aí um dos nossos mais antigos Cristãos-Novos conhecidos. Nas *Linhagens*, p. 336, contudo, diz-se claramente: Ruy Capom «que foy judeu», e fizeram-no baptizar. D. João II teve como médico, entre outros Judeus, Mestre Antonio, que se converteu ao Cristianismo, e ao qual o mesmo Rei serviu de padrinho na conversão: M. dos Remedios, *Os Judeus*, pp. 244-245.

Aqui deve só falar-se dos Judeus que á fôrça se tornaram Cristãos após a ordem de expulsão, isto é, dos Cristãos-Novos propriamente ditos, e dos seus descendentes.

Cheio de profunda mágoa conta Samuel Usque no diálogo iii da sua *Consolaçam ás tribulaçoens de Israel*, Ferrara 1553, como é que os executores da provisão real baptizavam os Judeus, a quem acharam «tam firmes como a seus padres»: «a elles com grandissima yra arremeteram, . . e a hūs pelas pernas e braços, e a outros pelos cabelos e pelas barbas, arrestando (sic) per força, os levaram tee dentro as ygr(e)ias, e aly lhe deitaram a sua agooa, e tocando com ella hūs, e mal alcançando outros, lhe ympuseram sobre ysso nomes da cristandade, e os meteram em poder de velhos cristãos pera os suguiar a rrelegião¹ e guarda de sua fee»².

Procurando nomes-proprios de Cristãos-Novos, averiguamos realmente que todos eles são tirados do Calendario. Não se faz mister para isso folhear os processos da Inquisição arquivados na Torre do Tombo, onde constantemente figuram Cristãos-Novos; apenas recorrerei a alguns poucos livros dos que tenho á mão.

—O protagonista da *Farsa do Alfaiate* que, segundo os meus calculos, foi escrita entre 1496(1497)–1506, vid. a minha edição da mesma, Lisboa 1924, p. 35, chama-se *Manuel*. O nome é origi-

¹ No texto *rrelegião*.

² A *Consolaçam* foi impressa em Ferrara a primeira vez em 1553. Fez-se nova edição em Amsterdão, á qual, segundo pensa o D.^{or} Remedios, deve attribuir-se a data de «1599»: vid. um seu artigo na *Biblos*, iii, 408 sgs., e sobretudo pp. 421–422. Ambas as edições são muito raras. Possuo um exemplar da última, e é d'ele que me aqui sirvo (fls. 198 v).

nariamente hebraico (vid. supra, p. 59), mas depois foi tido como o mais cristão possível (vid. supra. p. 84).

— *Tomás Lopez*, nome de um Judeu convertido ao Catolicismo, a que se refere um documento de 1501: *AHP*, v, 260.

— *Medicos Cristãos-Novos*: Mestre *Dionisio*, de D. Manuel, e D. João III; *Diogo Lopez*, 1520, do último: vid. Schwarz, *Os Cristãos-Novos*, p. 21.

— No vol. v das *Memorias de Bragança*, do P.^e F. M. Alves, publica-se uma extensa lista de Cristãos-Novos, que vai de 1551 a 1755, e aí temos toda a especie de nomes: Afonso, Ana, Antonio, Catarina, Domingos, Elena, Francisco, Isabel, João, Maria, Violante, etc., que pertencem á categoria exposta supra, pp. 59-67.

Nem sempre nessa lista se indica a filiação dos Cristãos-Novos, e quando se indica nem sempre tambem se mostra haver relação entre nomes de filhos e de pais, ou entre sobrenomes de uns e outros. Ela existe contudo algumas vezes:

— *Manuel Rodrigues*, filho de *Manuel Rodrigues Trindade*, 1602, p. 123.

— *Antonio Henriques Correia*, filho de *Antonio Henriques*, 1674, p. 105.

— *Gaspar Luis*, filho de outro, 1694, p. 94.

— *Domingas Jorge*, filha de *Domingos Jorge*, 1696, p. 76.

— *Felipa Domingues*, filha de *Felipe Rodrigues*, 1699, p. 130.

— *Luis da Costa*, filho de outro, 1706, p. 13.

— *Manuel Fernandes*, filho de outro, 1710, p. 154.

— *Duarte da Silva* de Moraes, filho de *Duarte da Silva*, 1712, p. 25.

— *Francisco Teixeira*, filho de *Francisco* de Carvalho, 1716, p. 42.

— *Manuel Lopes*, filho de outro, 1716, p. 43.

— *Alvaro Carneiro*, filho de *Alvaro Rodrigues*, 1718, p. 73.

— *Francisca de Castro*, filha de *Francisco Dias de Castro*, 1729, p. 47.

Este desejo de se escolher para nome de batismo o do pai ou o da mãe entra numa regra que se estabeleceu supra, pp. 85-87.

Se no que respeita ao nome não existe pois diferença entre Cristãos-Novos e Cristãos-Velhos, nenhuma existe igualmente no que respeita ao sobrenome. Alguns sobrenomes os vimos agora a par de nomes. Por ser desnecessario amontoar exemplos, indicarei sómente mais tres, colhidos no citado t. v das *Mem. de Bragança*:

— *Antonio Manuel* da Costa, filho de *Manuel Rodrigues Ga-*

briel, 1751, p. 23. O sobrenome do filho é igual ao nome do pai. Cf. supra, p. 129 sgs.

—Luísa *Maria*, filha de *Maria* de Moraes, 1718, p. 71. O sobrenome da filha é igual ao nome proprio da mãe. Cf. supra, p. 129 sgs.

—Domingos *Luis*, filho de Gaspar *Luis*, 1696, p. 95. O sobrenome é igual ao do pai. Cf. supra, p. 132 sgs.

Os apelidos dos Cristãos-Novos são também tão variados como os dos Cristãos-Velhos. Ha pouco vimos já também alguns. E, do mesmo modo que nas familias d'estes, podiam nas d'aqueles transmitir-se de pais a filhos: Catarina *Carvalho*, filha de Pedro *Carvalho*, 1599, *Memorias de Bragança*, v, 60; Francisco *Alvares*, filho de Pedro *Alvares*, 1602, *ib.*, *ib.*, p. 11. O infeliz escritor teatral Antonio José da *Silva*, vulgo *o Judeu*, que morreu queimado pela Inquisição em 1739, era filho de João Mendes da *Silva*: vid. *Dicc. bibliog.*, I, 176¹. Nas citadas *Memorias de Bragança*, t. v, acontece várias vezes a esposa ter o apelido do marido: Maria *Vaz*, mulher de M. *Vaz*, 1584, p. 56; Brites da *Costa*, mulher de L. da *Costa*, *ib.*, *ib.*; Felipa *Rodrigues*, viuva de J. *Rodrigues*, 1589, p. 56; Catarina *Martins*, viuva de J. *Martins*, 1593, p. 57; Maria *Rodrigues*, casada com F. *Rodrigues*, 1696, p. 6; Mariana de Alvim *Vaz*, casada com H. *Vaz* de O., 1727, p. 108. Não só porém isto não é regra, como ninguém nos diz que a semelhança não resultasse de parentesco.

Até nas alcunhas ha naturalmente paridade entre as dos Cristãos-Novos e as dos restantes Portugueses. A p. 176 sgs., onde tratei de alcunhas em geral, vimos, por exemplo, *Canhoto*, *Frade*, *Lobo*, *Rato*, *Passaro*, *Grilo*, *Cebola*, etc., como alcunhas de Cristãos-Novos, e a cada passo se encontram outras nas *Memorias de Bragança*, t. v, p. 1 sgs. Um Cristão-Novo, de 1614, mencionado no *Bolet. da 2.ª Cl. da Acad.*, ix, 689, chama-se *Nabo*, de alcunha ou apelido. Alcinha muito propria de um Cristão-Novo é *Marrana* (nas *Mem. de Brag.*, v, 40), — Antonio Paz, «o *Marrana* de alcunha» (1716) —, pois que aos Cristãos-Novos, tanto de Hespera-

¹ A respeito d'este autor possui um opusculo intitulado: *Les opéras du Juif: Antonio José da Silva* (1705-1735), por Ernest David, Paris 1880 (extr. das *Archives israélites*), no qual vem também a biografia.

nha, como de cá, se dava d'antes, como já se disse, a alcunha de *Marranos*, por injúria. Outra alcunha especial, isto é, *Judeu*, a vimos acima.

A p. 138 mencionou-se, como do sec. xvi, um Cristão-Novo, chamado *Lopes da Paç*. Talvez aqui *Paç* não passe de tradução encoberta do hebreu *xalóm*, conforme ao que se dirá adiante, p. 407.

De listas de muitos Cristãos-Novos, elaboradas nos começos do sec. xvii, e publicadas pelo S.^{or} P. de Azevedo, respectivamente, nos *Arch. de hist. da Medicina*, 2.^a serie, t. v, p. 153 sgs., e no *Bolet. da 2.^a Cl. da Acad. das Sc.*, ix, 688 sgs., tiram-se conclusões analogas ás que acima tirei das listas que se lêem nas *Memorias de Bragança*: nomes semelhantes aos d'estas, a mesma relação entre nomes ou sobrenomes de pais e de filhos, alcunhas paralelas.—Não vale a pena fazer pois aqui extractos.

Tudo o que fica dito se comprehende perfeitamente, porque a maioria dos Cristãos-Novos de que se fez relação eram filhos de outros Cristãos-Novos. Como é que porém se escolhia nome proprio, sobrenome, e apelido, quando era um Judeu ortodoxo, ou por outra, ainda não cristão, que se batizava? Para nome tomava-se provavelmente a mór parte das vezes o do padrinho, ou o do santo do dia do batismo: cf. supra, pp. 87 e 82. O sobrenome seria escolhido do mesmo modo; ás vezes até parece que se tomavam nomes que dessem na vista, por ostentação de religiosidade, e acaso no íntimo da consciencia por ironia, como *Cruz*, *Firme Fé*: cf. Schwarz, *ob. cit.*, p. 14.—Na Hespanha acontecia o mesmo: vid. Godoy, p. 154, o qual dá como exemplo D. Pablo de Santa Maria, nome de um converso, que chegou a ser bispo de Burgos; e a p. 158 diz: «*Fé ó Santafé* era sobrenombre de conversos».

Os apelidos, supõe o mesmo S.^{or} Schwarz, p. 13, proviriam tambem dos dos padrinhos, e em igual círculo de ideias escreve o Rev. P.^e Alves, *Memorias de Bragança*, já citadas, t. v, p. lmi: «É preciso advertir que por usança antiga os afilhados, criados e escravos das casas nobres usavam dos apelidos de seus padrinhos, amos e protectores, o que ainda hoje se vê em algumas das nossas colonias, e que os novamente convertidos ao cristianismo podiam tomar os apelidos de qualquer linhagem, embora fidalga, que quisessem, .. segundo o disposto nas *Ordenações de D. Manuel*, Liv. II, tit. 37».

Quanto aos apelidos, quer dos primeiros Cristãos-Novos, quer dos que já descendiam de outros, devemos além d'isso lembrar-

nos de que em geral os Cristãos-Novos, como diz Herculano, *Hist. da Inquisição*, I, 187, «buscavam ligar seus filhos por casamentos a famílias de Cristãos-Velhos». Ele, ao escrever isto, está narrando acontecimentos que se passaram cêrca de 1510; mas, referindo-se a tempos posteriores, escreve também o S.^{or} Lucio de Azevedo, *Hist. dos Christãos Novos*, p. 113, que os conversos, «por segurança, e mal consentidos ainda porventura, foram procurando mais íntimo trato com os Christãos. Da familiaridade resultavam os casamentos mixtos, etc.»; e cf. p. 150. Estava pois nestas uniões a fonte de muitos apelidos, o que em parte explica a identidade que, segundo notei, existia entre os dos Cristãos-Novos e os dos Cristãos-Velhos.

No *mare magnum* da confusão observa-se, sem embargo, que tanto os Cristãos-Novos propriamente ditos, como os seus actuais representantes na fé hebraica, porque ainda os ha¹, mantinham ou mantêm com predilecção determinados apelidos: «*Franco e Mendes* são bem conhecidos em Bragança, bem como o de *Mordechay* ou outro muito semelhante», como se lê nas *Memorias* do P.^e F. M. Alves, t. v, p. LI; na mesma obra se encontra, passim, *Castro, Nunes, Pires*, etc.; e a pp. 82, 87, 90, 150, 151, etc., *Montesinhos*. Pela sua parte o S.^{or} Schwarz, *Os Cristãos Novos*, pp. 14-15, noticia o seguinte: «... nalgumas regiões de Portugal, como nas provincias da Beira-Baixa e de Tras-os-Montes, certos nomes indicam grande probabilidade de origem hebraica, pela simples razão que se trata de famílias que são conhecidas pelos seus conterraneos cristãos, como sendo de origem judaica, e apontados [os seus membros] com as designações de =cristãos novos=, =calmões=, nome injurioso que se dá aos cristãos-novos em certas vilas, como Penamacôr e Monsanto, — ou muito simplesmente =judeus=. Citaremos alguns destes nomes: Abrantes, Campos, Carvalho, Costa, Cruz, Dias, Estrela, Gaiola, Granjo, Henriques, Lopes, Mascarenhas, Matos, Mendes, Morão, Nunes, Paiva, Pereira, Pessoa, Pinheiro, Preto, Rodrigues, Silva, Sousa, Vaz, etc. Estas famílias sabem-no também, e têm a consciência da sua origem judaica, conservando ainda muitas tradições religiosas dos seus antepassados».

Para a persistencia dos apelidos concorre sem dúvida o desejo

¹ Vid. *Origem do povo português*, p. 3; e sobretudo Schwarz, *Os Cristãos Novos em Portugal no sec. xx*, Lisboa 1925.

de, com o perpetuamento da estirpe, fazer coincidir o respeito do nome,—sem que também hajam de excluir-se motivos endogâmicos. Bem se sabe qual é o costume dos Judeus a tal respeito. Até me consta que em certa vila da Beira-Baixa ha alguns individuos pobres, de origem hebraica, e de apelido *Campos*, que ainda hoje casam sempre entre si. A proposito, escreve Schwarz, *Os Cristãos Novos*, p. 9: «...nas provincias...os casamentos mixtos (isto é, de Cristãos-Novos e Cristãos-Velhos), embora actualmente mais vulgares, eram ainda rarissimos ha uns vinte anos, sendo, com effeito, nas provincias da Beira-Baixa e Tras-os-Montes que começámos a notar a existencia de Cristãos-Novos, que pitorescamente se dizem *Judeus dos quatro costados*, com o que querem significar que nas suas familias não existem cruzamentos com Cristãos-Velhos». *Quatro costados* é expressão corrente nos genealogistas, quando falam de gerações: avô & avó paternos, avô & avó maternos. Mais pitorescas do que esta são as expressões: tres quartos de Cristão-Novo ou Nova, «mais de meia Cristã-Nova», que se lêem nas *Memorias de Bragança*, t. v, por exemplo, a pp. 5 e 6.

✱

Não obstante o uso do nome cristão, compreende-se que na intimidade os Cristãos-Novos usassem nomes hebraicos. Isso resulta claramente da noticia que nos processos da Inquisição nos ficou de um infeliz Bragançano, *relaxado em carne*: «José Rodrigues Mendes, aliás *Moisés Mendes Pereira*...convicto, confitente, variante, revogante, profitente da lei de Moisés, impenitente e relapso». Vid. *Mem. de Brag.*, v, 18, e as observações da p. xci.

D'este uso de nome duplo, que se tornou hábito em muitos Cristãos-Novos emigrados, como veremos adiante, deve haver outros exemplos na Metrópole, os quais porém por falta de tempo me vejo impedido de procurar.

Outr'ora a materia d'estas páginas não poderia ser tratada com a franqueza com que a tenho aqui tratado. Possuir *sangue limpo* era constante preocupação das antigas familias nobres; por isso se faziam rigorosas devassas de toda a especie. Mas nos presentes tempos de democracia e aproximações sociais, quem é que se affigirá de saber que descende de Judeus? A uma senhora de Lisboa, aparentada com importantes vultos da politica e da scien-

cia portuguesas, ouvi eu uma vez dizer, em conversa, com toda a naturalidade, que seus antepassados eram Cristãos-Novos. E com ela o deveria entre nós repetir muita gente!¹

3. Nomes de Judeus ortodoxos e Cristãos-Novos, emigrados uns e outros de 1496-1497 em diante (vid. secção C, b).

Os Judeus ortodoxos é claro que não só deviam ter nomes hebraicos, semelhantes aos dos que ficam lembrados no § 1, onde se falou dos Judeus primitivos, mas que os manteriam no *desterro*. Alguns poucos exemplos (nomes de escritores e impressores) serão suficientes para confirmar o que digo:

— *José ben Dom David ben José Jachia*, que nasceu em Lisboa em 1494, e viveu na Italia, para onde emigrára com os pais, quando estes foram obrigados a sair. Autor de muitas obras. Vid. Ribeiro dos Santos, in *Mem. de Litterat.*, II, 373.

— *Abraham Sabah*, nascido em Lisboa em 1450, emigrado para Fez em 1497. Publicou-se uma obra sua em Veneza em 1499. Vid. Ribeiro dos Santos, *ib.*, p. 265.

— *Moisés*, filho de *Scen Tob²*, da *santa Synagoga de Lisboa*, como ele proprio se intitula numa edição que fez em Napoles, em 1524, do Comentario de Aben Hesra ao Pentateuco. Vid. Ribeiro dos Santos, *ib.*, p. 342.

— *R. David Jachia filho de R. José Jachia*, nascido em Lisboa em 1465; de Portugal foi para a Italia e lá morreu em 1543. Compôs um *Epitome grammatico*. Vid. R. dos Santos, *ib.*, p. 268.

— *Samuel Usque*, autor da *Consolaçam* que já acima citei, e que, como lá disse, foi publicada em Ferrara em 1553. Pouco se sabe da sua biografia: nem lugar ou data do nascimento, nem lugar ou data da morte. Vid. Mendes dos Remedios, no prologo da edição que da mesma *Consolaçam* fez em Coimbra em 1906. Sairia porém de Portugal depois de 1496, e morreria, já velho, em Ferrara ou na Palestina: ed. citada, pp. xvi e xvii. De outros Usques, da familia d'este, e impressores lá fóra, fala Lucio de Azevedo, *Hist. dos Cristãos Novos*, p. 365.

¹ Vem a proposito citar *A invasão dos Judeus*, de Mario Saa, Lisboa 1925, livro que, apesar dos seus exagêros, suscita alguns problemas curiosos.

² (Por *Xem*). Á letra «nome bom».

Quanto aos Cristãos-Novos que saíram do reino, fugidos ás perseguições da Inquisição, ou por outras razões, temos de considerar varios casos:

1.º Umas vezes conservaram o seu nome cristão (nome completo):

a) Ou puro, por exemplo:

—*Rodrigo de Castro*, de um médico, que gozou de reputação universal, filho de outro médico, chamado André Fernandes, Cristão-Novo. Nasceu em Lisboa em 1546, e ausentou-se de Portugal por 1588, indo, depois de ter talvez estado em Antuerpia, fixar a sua residencia em Hamburgo. «Que motivos o poderiam levar a sair da patria? Certamente não podiam ser outros que não as suas crenças religiosas»: vid. Maximiano Lemos, *Hist. da Medicina*, I, 257-259, onde cita um trabalho do seu (e meu) respeitavel Mestre o S.º D.º Pedro Dias, intitulado *Rodrigo de Castro*, e inserido nos *Archivos de hist. da Medic. port.*, 1.ª serie, tt. I a III. Entre várias obras, que Castro escreveu, conta-se, como uma das mais cotadas, *De universa muliebrum morborum medicina*, publicada a primeira vez em Hamburgo em 1603, e depois por várias vezes: possuio um exemplar da ed. de 1609 (Colonia Agrippina), que obtive na Beira-Baixa.

—*Antonio Nunes Ribeiro Sanches*, nome de outro notavel médico, que nasceu em Penamacôr em 1699, e faleceu em Paris em 1783. Vid. a monografia que lhe consagrou o D.º Maximiano Lemos, *Ribeiro Sanches*, Porto 1911.—Por memoria direi que á lista que das obras de Sanches dá Lemos a pp. 291-310 póde acrescentar-se o «*Tractado dos prognosticos de Hyppocrates* (sic) escripto por Antonio Nunes Ribeiro Sanches, Doutor em Medicina, traduzido do francez por Torcato Jozé de Lima, Cirurgia approved», que ficou manuscrito, e possuio por dadia do S.º D.º Augusto Crespo, Médico em Lisboa. Falarei d'este manuscrito, mais de espaço, noutra ocasião.

b) Ou com um elemento hebraico, por exemplo:

—*Manuel Aboab*, natural do Porto, e autor da *Nomologia*. Fugiu á Inquisição para fóra de Portugal, e veio a falecer em Veneza em 1608. Vid. Lucio de Azevedo, *Hist. dos Cristãos Novos*, p. 367. Considero este individuo Cristão-Novo, por causa de *Manuel*: cf. o que já ponderei supra, pp. 398-399.

2.º Outras vezes adoptaram um nome hebraico acompanhado de um elemento português, por exemplo:

—*Isaac Abohab da Fonseca*, natural de Castro Daire, e levado

aos 7 anos de idade para a Holanda, discípulo de Uriel da Costa (vid. infra), e amigo do P.^e Antonio Vieira. Escreveu várias obras em hebraico, latim, e castelhano, e veio a falecer por 1692-1693. Vid. Innocencio, *Dicc. bibliogr.*, III, 231.

3.^o Outras vezes, finalmente, substituíram no todo ou em parte o nome português (nome-completo) por um nome hebraico, ou de fantasia. Temos assim *nomes duplicados*, analogos a um que já vimos acima, p. 403. Digo que substituíram o nome «no todo ou em parte», porque o antigo apelido português nem sempre desaparece, ou está representado por outro apelido.

O nome hebraico pôde não ter sido criado na ocasião, mas retomado de uso anterior á reconversão do individuo.

Este 3.^o caso é o mais importante, e d'ele se dará pois aqui maior cópia de exemplos, colhidos em duas fontes: numa lista de Cristãos-Novos portugueses de Hamburgo, apresentada á Inquisição de Lisboa em 1644 por um denunciante, que a referiu a uns 14 anos antes; e em leituras avulsas (nomes de pessoas mais ou menos notaveis na literatura e na historia). Como não é exequível adoptar ordem cronologica, distribuo em ambas as circumstancias os nomes alfabeticamente, começando pelos portugueses.

Lista de 1644:

Esta lista foi publicada pelo S.^{or} P. de Azevedo no *AHP*, VIII, 194-195, e d'ela fez depois um extracto o S.^{or} Lucio de Azevedo na *Hist. dos Cristãos Novos*, p. 415 (-416), nota 3.

Reproduz-se agora na integra, por causa da sua extensão, e dar assim origem a várias observações, por exemplo, a de afirmar o emprêgo de apelidos não-hebraicos aliados a nomes hebraicos: transcreve-se em primeiro lugar o nome que cada individuo usava quando vivia na fé cristã; e põe-se a seguir o nome hebraico adoptado quando se converteu ao judaismo. — O denunciante teve o cuidado de com frequência declarar a naturalidade portugueza dos individuos a quem se referiu.

— Alvaro Dinis: Samuel Hyac.

— André Faleiro (1): Jacob Aboab (2).

— Antonio d'Azevedo: Samuel d'Azevedo.

— Antonio Dias Milão: Uzua Abensur (3).

— Antonio Faleiro: Abrahaam Aboab (4).

— Antonio Lopes Pinto: Abrahaam Cohem (5).

— Antonio da Silveira: Mossé da Silveira.

— Carlos Francisco: David Cohem (5).

— Diogo da Paz: Isaac Salom (6).

—Diogo Soares: David Jeserum (por Jesurum ou Jesurun) (7).

—Duarte Alvares: David de Vargas.

—Duarte Esteves de Pina: Isaac Milano (8).

—Duarte Rodrigues: David Fidanque (9).

—Fernão Dias de Brito: David Abendana (10).

—Fernão Gomes da Paz: Jacob Salom (6).

—Fernão Lopes: Jacob Lopes.

—Fernão Nunes: Isaac Cabeção.

—Francisco de Andrade: Jacob Israel d'Andrade.

—Francisco Vaz de Crasto: Jacob Attias (11).

—Gabriel Gomes: Gabriel (Samuel) de Cáceres (12).

—Gabriel Lopes: assim mesmo no uso judaico.

—Gonsalo Cardoso: Abrahaam Aboab.

—Gonçalo Lopes Coutinho: Jacob Coronel.

—João Gomes Cardoso: Uzua Aboab.

—Luis Alvares: Daniel de Vargas (13).

—Manuel Bocarro (14): Jacob Bocarro, ou Jacob Rosales (15).

—Manuel Henriques: David Peregrino.

—Manuel de Pina: Uzua de Pina.

—Manuel Rodrigues: Jacob Cohem.

—Miguel Romes: Isaac Romes.

—Paulo de Milão: Daniel Abensur (3).

—Pedro Rodrigues de Moraes: Jacob Machorro (16).

Anotações a esta lista

(1) Tornaremos a encontrar adiante este apelido num Judeu português da Holanda.

(2) *Aboab*, que já vimos supra, aparece também como apelido de Judeus portugueses da Holanda.

(3) *Uxua*, talvez resumo de *Ioxua* (Josué), como me sugere o S.^{or} Prof. Slousch. *Abensur* = *Aben-Sur*. Em hebreu, *Sur* significa «rochedo»; aqui talvez nome geográfico, correspondente á antiga Tyro.

(4) Irmão de *André*, e por isso com o mesmo apelido judaico.

(5) Vid. supra, p. 391, nota 2.

(6) Também ha o apelido *Salom* nos Judeus portugueses da Holanda. *Salom* em hebreu quer dizer «paz», e corresponde aqui pois na significação ao sobrenome ou apelido português.

(7) O apelido *Jesurum* ainda hoje usado nos Judeus portugueses da Holanda. De *Jexurun*, «populi Israëlitici appellatio poetica» (Gesenius, p. 415, col. 1).

(8) Cf. *Milão*, supra p. 407. Numa lista de Cristãos-Novos de 1614 figuram: Fernão Lopes *de Milão* e Ana *de Milão*: vid. o já citado *Bolet. da 2.ª Cl. da Acad.*, ix, 694.

(9) Este individuo, como se diz na relação, tinha dois filhos: Abraham e Jacob Fidanque. Entende-se que eram nascidos no *destérro*, e educados na fé hebraica, por isso não tinham nomes próprios tomados do calendario cristão.

(10) Já encontrei algures este apelido como de Judeu português. Quer dizer: filho de *Danan* (nome de familia, como me informa o S.^{or} Prof. Slousch).

(11) Apelido ainda hoje usado em Lisboa. Relativamente á sua historia vid. *The Jewish Encycloped.*, s. voce. *Athias* ou *Atiá* é o nome de uma tribu arabica da Africa do Norte.

(12) Com dois irmãos: Jacob e Mossé.—*Gabriel* é comum ás duas religiões.

(13) Irmão de Duarte Rodrigues (vid. supra), e por isso recebeu o mesmo apelido que este.

(14) Vid. o mesmo *AHP*, viii, 18.

(15) Maximiano Lemos, *Zacuto Lusitano*, p. 96.—Apelido de origem hespanhola.

(16) Tenho encontrado noutros lugares este apelido como de Judeu: agora só me ocorre citar Maximiano Lemos, *Zacuto Lusitano*, p. 20. *Machorro* é palavra da lingua portuguesa comum: vid. o *Novo Diccionario*, de C. de Figueiredo, e o meu livro *A barba em Portugal*, p. 120.

Nomes avulsos:

—*Antonio de Montesinos*, por nome judeu Aaron Levita, nascido em Vila Flor em 1602, fugido para a America em 1642, e falecido em Pernambuco em 1647 (durante o dominio holandês): vid. *Memorias de Bragança*, t. v, p. xcii.

—*Baltasar Orobio de Castro*, por nome judeu Isaac Orobio de Castro, nascido em Tras-os-Montes (Bragança) em 1620, falecido em Amsterdão em 1687: vid. *Memorias de Bragança*, *ib.*, p. xciv, e Amzalak, p. xvi da edição que fez de *La observancia de la ley de Mosseh*, de Orobio, Coimbra 1925, p. xvi.—Como informação filologica lembrarei que, visto poder significar 'Ορβιος em grego «aquele que vive no ou num monte» (dos temas de

ὄρος «monte» e βίος «vida»: cf. Ὀρόρειος, nome de um centauro, e Ὀρόρειοι, povo da Galia: em Pape), talvez Baltasar, ou algum seu antepassado erudito, quisesse significar com esse apelido a naturalidade trasmontana, ou como quem dissesse: Serrano.

—*Diogo Pires*. Diz D. Carolina Michaëlis, na ed. das *Obras* de Bernardim & Falcão, I (Coimbra 1923), 38, que o nome hebreu d'este escritor era Salomon Malco; todavia outros autores, que têm falado d'ele, mencionam como segundo nome *Jacob Flavio*, e bem assim como equivalentes d'este: *Diogo Pyrrho* e *Pyrrho Lusitano*. Vid.: Maximiano Lemos, *Amato Lusitano*, Porto 1907, pp. 11 e 168, e um artigo nos *Archivos de hist. da Med. port.*, 2.^a serie, VI, 34, sgs; Lucio de Azevedo, *Hist. dos Christãos Novos*, p. 367. A mesma illustre escritora, a que me refiro, tinha tambem dito na *RL*, XIII, 217–218, que Diogo Pires se chamava a par *Jacobus Eborensis*, *Pyrrus Lusitanus*, etc. O nosso Hebreu viu a luz em Evora em 1517, fugiu á Inquisição para fóra do reino, viajando por muitas terras, e morreu lá fóra não se sabe ao certo quando, posto que ainda vivesse em 1607: Lemos, *Amato*, pp. 11–12.—*Pyrrho* é helenização fantástica de *Pires*, pela casual homofonia dos dois vocabulos; *Jacob* fez-se de *Diogo*; *Flavius* formou-se de *flavus* á maneira dos gentilícios romanos (que acabavam geralmente em *-ius*), e *flavus* «loiro» é a tradução latina de *Pyrrho*, isto é, πυρρός «ruço», «ruivo». Cf. Lemos, *Amato*, p. 11, e D. Carolina Michaëlis in *RL*, *ib.*, p. 218.

—*Duarte Pinhel*, por nome judeu Abraham Usque, ou Abraham aben Usque, editor da *Consolaçam*, de Samuel Usque, impressa em 1553, de que já falei á p. 398. Cf. D. Carolina Michaëlis na ed. das *Obras* de Bernardim & Falcão, I, 37, e Lucio de Azevedo, *Hist. dos Christãos Novos*, p. 365.—Parece que *Usque* vem de *Huesca* (antigamente *Osca*), na Hespanha: vid. *The Jewish Encycloped.*, s. voce.

—*Fernando Cardoso*, por nome judeu Isaac Cardoso, médico, natural de Celorico da Beira. Fugiu de Portugal, andou por Hespanha, Italia e Holanda. Não se sabem ao certo datas: vid. Innocencio, *Dicc. bibliogr.*, II, 271, e III, 231; mas é autor d'uma elegia funebre dedicada a Lope de Vega, que morreu em 1635. Cf. tambem Lucio de Azevedo, *Hist. dos Christãos Novos*, p. 367.

—*Gabriel da Costa*, por nome judeu Uriel da Costa, nasceu no Porto em 1590, morreu em Amsterdão em 1640: Innocencio, *Dicc. bibliogr.*, III, 104. Por causa das vicissitudes da sua

vida lhe chama Lucio de Azevedo, *Hist. dos Christãos Novos*, p. 396, «a figura tragica da emigração portugueza em Hollanda, e certamente uma das mais tragicas do judaismo». O admiravel trabalho de Uriel, *Exemplar vitae humanae*, foi traduzido em portuguez pelo S.^{or} Epiphanio Dias com o titulo de *Espelho da vida humana*, e publicado em Lisboa em 1901; antecede-o uma introdução de Th. Braga, «autobiographia de um livre pensador». No fim do livrinho diz o proprio Uriel: «ficae sabendo que o nome que eu tinha quando christão em Portugal era *Gabriel* da Costa; entre os Judeus, para o meio dos quais oxalá eu nunca tivesse vindo, fui, com leve alteração, chamado *Uriel*». Em rigor não houve alteração, mas substituição, porque *Uriel* é o nome de um arcanjo, como *Gabriel* o é tambem.

— *Henrique de Castro Sarmento*, por nome judeu Jacob de Castro Sarmento, nasceu em Bragança em 1691, e morreu em Londres em 1760. Autor de muitas obras de Medicina e outras, que são enumeradas por Innocencio no *Dicc. bibliogr.*, III, 247 sgs., e pelo P.^e F. M. Alves nas *Memorias de Bragança*, v, xcv-xcviii.

— *Isaac Dias*, ou *Isaac Athias*, nascido em Lisboa, não se sabe a data, e falecido em Veneza no sec. xvii: vid. Innocencio, *Dicc. bibliogr.*, III, 231, onde menciona uma obra d'ele em hespanhol, impressa nesta última cidade em 1627. — Já acima, p. 407, vimos *Athias*, nome judaico que foi aqui aproveitado por causa da semelhança fonetica (valor de *th*?) que tem com *Dias* como (supra) *Uriel* & *Gabriel*. O nome proprio cristão d'este individuo talvez não fôsse *Isaac*, porém nada sabemos ao certo.

— *João Migueez*, por nome judaico Joseph Nasi, sec. xvi, nascido cá, e falecido em Constantinopla em 1579 (duque de Naxos): vid. *The Jewish Encycloped.*, ix, 172.

— *Manuel Alvares de Távora*. Parece que assim se chamava cristãmente Zacuto Lusitano, conhecido médico, que nasceu em Lisboa em 1575, e morreu em Amsterdão em 1642: vid. o que diz sôbre o assunto Maximiano Lemos no seu livro *Zacuto Lusitano*, Porto 1909, pp. 95-96. A identificação foi aceita sem mais por Schwarz, *Cristãos Novos*, p. 14. O nome hebreu, contudo, não está completo: de um documento inserido por Lemos a p. 359, resulta que o nosso médico era conhecido entre os Judeus por Abrahão Zacuto, e d'esse modo o trata o S.^{or} Lucio de Azevedo, *Hist. dos Christãos Novos*, p. 396. Frequentemente os escriptores antigos juntavam ao nome proprio um nome etnico: já

acima vimos *Pyrrho Lusitano*, também apelidado *Eborensis*, e veremos *Amato Lusitano* adiante, no cap. xv. *Zacuto Lusitano* não passa de abreviatura (por *Abrahão Zacuto Lusitano*).

— *Manuel Gomes*, por nome judeu Samuel Usque. Vid. D. Carolina Michaëlis, *ob. cit.*, I, 37, nota. Já a p. 404 se fez referencia a este autor.

— *Pedro de Santarem*, jurisconsulto do sec. xvi, parece que era Cristão-Novo, e, emigrando de cá, desfigurou o apelido em *Santerna*: vid. M. Bensabat Amzalak, *Pedro de Santerna*, Lisboa 1914, p. 21. Aqui o apelido é mera fantasia, e no nome não ha vestigio algum hebraico.

— *Solis*, Cristão-Novo de Lisboa, de que não sabemos o nome proprio, irmão do desventurado autor, ou suposto autor, do desacato de Santa Engracia (1630), ausentou-se para Amsterdão, e mudou o nome em Eleazar de Solis: vid. Lucio de Azevedo, *Hist. dos Christãos Novos*, p. 203.—O apelido *Solis* é de origem hespanhola: cf. Rios y Rios, p. 122. Outro exemplo d'ele: Duarte Gomez *Solis*, Judeu português do sec. xvi-xvii: vid. M. B. Amzalak, *O economista D. G. Solis*, Lisboa 1922.

Num artigo publicado no *DN*, de 7 de Novembro de 1925, pelo S.^o D.^o Teixeira Rego, onde pretende provar que *Abarbanel* ou *Abarbinel* está em regular relação anagramatica com *Bernaldim Ribeiro*, assim como *Samuel Usque* o está com *Manuel Gomes*, formúla as seguintes regras a respeito da duplicidade dos nomes, tal como a de que até aqui tenho falado: a) se o nome hebreu dava por tradução um nome português aceitavel, aceitavam os Hebreus essa tradução; b) se o nome hebreu, na pronúncia, se aproximava de um nome português, tomavam essa fórma semelhante; c) se o nome hebreu dava, por anagrama, um nome português vulgar, serviam-se d'esse nome vulgar. Acrescenta que ás vezes julga menos evidentes as relações. D'estas regras não quis dar exemplos senão relativamente a c, que são os dois já expostos acima: eles parecem-me porém forçados.



Os apelidos levados de Portugal pelos Cristãos-Novos continuaram freqüentemente a ser usados pelos seus descendentes. Por esse motivo aparecem em nações estrangeiras apelidos nossos, desde o passado até hoje.

Uma serie d'eles no-la subministram, desde logo, muitos escritores de origem judaico-portuguesa, proxima ou remota, nascidos lá fóra, por exemplo:

—Baruch (= Bento) Nahamyas *de Castro*, nascido em Amsterdão em 1597, filho do D.^{or} Rodrigo de Castro, de que já se falou, e médico como ele, autor de dois livros. Vid. Kayserling, *Biblioteca*, p. 36.

—Hisquijahu *da Silva*, nascido em Liorne em 1659. Vid. um opusculo de M. Bensabat Amzalak que tem por titulo aquele nome, e impresso em Coimbra em 1925. Na nota de p. v diz o S.^{or} M. B. Amzalak que o apelido de *Silva* foi mais usado pelos Judeus portugueses, e ainda hoje se usa em Amsterdão; e seguidamente produz curiosa lista de nomes de escritores judaicos com ele.

—Isaac *Pinto*, que nasceu em Bordeus em 1715, de familia portuguesa, estabelecido em Amsterdão. Vid. M. B. Amzalak, *O economista Isaac Pinto*, Lisboa 1922.

—José *da Veiga*, ou de la Vega, sec. xvii. Vid.: M. B. Amzalak, *As operações de bolsa segundo Josseph de la Vega ou José da Veiga economista português*, etc., Lisboa 1926.

—Moseh *Belmonte*, nascido em Amsterdão em 1619, poeta e prosador, filho de Jacob Israel Belmonte, da ilha da Madeira. Vid. Kayserling, p. 27.

—Mosseh *Pereyra de Paiva*, nome do autor do opusculo intitulado *Noticias dos Judeus de Cochim* (1687), reproduzido em Lisboa em 1923 por M. B. Amzalak, que o acompanhou de uma introdução. O S.^{or} Prof. Amzalak, que não só conhece intimamente a literatura judaico-portuguesa, mas possui nesse sentido rica livraria, disse-me que julga muito provavel que Paiva nascesse na Holanda.

—Selomoh *de Oliveira*, sec. xvii–xviii. Foi grande filologo e publicou muitos trabalhos, como consta de um opusculo de M. B. Amzalak, intitulado *Selomoh de Oliveyra* (noticia bio-bibliografica), Lisboa 1928. A p. 6 diz: «Encontram-se muitos Israelitas na Europa com o apelido *Oliveira*. São os descendentes dos antigos Judeus portugueses, etc.».

—Tomás *Rodrigues Pereira*, nascido em Madrid, de pais portugueses, de Vila Flor. Retirando-se para Amsterdão, adoptou como nome judaico Abraão Israel *Pereira*, e morreu naquela cidade em 1699. Vid. *Memorias de Bragança*, t. v, p. xciii. É outro caso de nome duplo, como os de que falei a p. 406 sgs.

Nem todos os escritores de origem judaico-portuguesa usaram porém apelidos portugueses, por exemplo: Spinoza, Espinosa ou Spinosa (1632-1677), David Nieto (1658-1728). Acêrca das fórmulas do nome de Espinosa vid. o meu livro *O Doutor Storck*, Lisboa 1910, p. 18, nota 4. *Espinosa*, ou é de origem geographica hespanhola (ha em Hespanha várias povoações assim chamadas), ou é deformação, devida a estrangeiros, de *Espinhosa*, nome corrente na nossa toponímia. Em vez de *Nieto*, alguns escritores nossos escrevem *Neto*, mas aquella fórmula é a que apparece nos livros do nosso autor: vid. M. B. Amzalak, *David Nieto*, Lisboa 1923 (opusculo, onde até se reproduzem varios titulos de obras em que figura *Nieto*).

É impossivel e desnecessario fazer aqui lista extensa de nomes de qualquer das duas series. O leitor consulte: a *Biblioteca Española-Portuguesa-Judaica* (Dictionnaire bibliographique) de Kayserling, Estrasburgo 1890; a *Enciclopedia Judaica*; os artigos de Ribeiro Santos nas *Memorias de Literatura* da Academia, tt. 1 a iv; o *Dicc. bibliographico* de Innocencio & Aranha; o *Manual bibliographico* de R. P. de Matos, p. 566 sgs.; a *Bibliografia luso-judaica* de Alvaro Neves, Coimbra 1913.

Depois da morte de D. Manuel (1521), acolheram-se muitos Judeus á Holanda: cf. supra, pp. 388-389, e vid. Ullmann, *Gesch. der spanisch-portug. Juden in Amsterdam im 17. Jahrhundert*, Francfort do Meno 1908, p. 6. O primeiro estabelecimento d'eles em Amsterdão, que foi a mais importante colonia judaica da Holanda, data de 1593: vid. Maximiliano Lemos, *Zacuto Lusitano*, pp. 123-124, e Mendes dos Remedios, *Os Judeus Portugueses em Amsterdão*, Coimbra 1611, p. 9 sgs.

Nos principios do sec. xvii figuram como rabinos de Amsterdão Saul Levi *Morteira* (às vezes ortografado *Mortera*) em 1611; Isaac Aboab *da Fonseca* em 1618. Com outros cargos: Joseph *de Faro*, Jacob *Gomes*. Em 1675 inaugurou-se em Amsterdão nova sinagoga, de Judeus portugueses e hespanhoes, e aí temos: Daniel *Pinto*, Mosseh Israel *Pereira*, Joseph *de Azevedo*. Vid. M. dos Remedios, *ob. cit.*, pp. 10-19.

De listas de 1675, em que se enumera a população judaico-portuguesa de Amsterdão, publicadas pelo D.^o Mendes dos Remedios, *ob. cit.*, p. 197 sgs., constam muitos apelidos, como: Andrade, Brito, Chaves, Costa, Dias, Figueredo (por Figueiredo), Franco, Mendes, Mesquita, Peixoto, Silva, Vaz, Vieira, etc.

Na obra intitulada *Keuer van Grafsteen en op de Nederl.-portug.-israël. Begraafplaats te Ouderkerk aan den Amstel* door D. Henriques de Castro, Leiden 1883, com tradução alemã ao lado: *Auswahl von Grabsteinen auf dem Niederl.-portug.-israel. Begräbnissplatze zu Ouderkerk an den Amstel*, Leiden 1883, lêem-se nomes que existem em inscrições tumulares, como:

1625 Francisco Nunes Pereyra Homem (David Abendana).

1629 Jacob (Israel) Belmonte.

1667 Doctor Abraham Gomes de Sousa.

1669 David Salom de Azevedo.

1705 Don Manuel Teixeira (*alias* Isaac Haim Senior Teixeira).

1701 Abraham Senior Teixeira de Mattos (*alias* Diego Teixeira de Mattos).

1728 Isaac Senior Teixeira de Mattos (*alias* Manuel Teixeira Junior).

1693 Isaac Abuab (da Fonseca).

Alguns d'esses nomes são duplos, como os que vimos supra, p. 407 sgs.

O D.^{or} Mendes dos Remedios, in *Os Judeus Portugueses em Amsterdão*, p. 170 sgs., transcreve também algumas inscrições de Ouderkerk, em duas das quais se lê *da Rocha*; e eu proprio, de uma das vezes que estive na Holanda, copiei no mesmo cemiterio umas tantas inscrições portuguesas dos seculos xvii a xix, com, por exemplo: *Nunes Henriques*. No cemiterio judaico da Haia copiei: *Moseh de Pinto*, *Samuel Francisco de Pinto*, onde a um apelido de origem zoologica se juntou nobiliarquicamente, sem motivo real, a particula *de*.

Alguns dos apelidos mencionados ouvi-os correntemente na Haia e em Amsterdão, e do mesmo modo se encontram consignados no *Nieuwe Israelietische Almanach*, de 1901 (Amsterdão), p. 19 sgs.: *Paraira* (Pereira), *Pimentel*, *Teixeira de Mattos*, etc.

De apelidos portugueses usados por Judeus de Inglaterra nos dá muitas amostras o D.^{or} Moses Gaster, *History of the ancient Synagogue of the Spanish & Portuguese Jews*, Londres 1901, as quais começam no sec. xvii: *Lima*, *Lousada*, *Veiga*, etc. Vid. também: *Ascamot* («Estatutos») and *Congregational trusts*, 1906; e *Spanish & Portuguese Jews' Congregation*, 1912-1913. Ai encontramos: *Andrade*, *Castello*, *Costa*, *Chumaceiro*, *Mendes*, *Mesquita*, *Pinto*.

Relativamente á Alemanha, colhi algumas notícias concernentes aos Judeus portugueses de Hamburgo, aí estabelecidos por 1583 ou 1577; aos de Glückstadt, aí estabelecidos cêrca do 1.º quartel do sec. XVII; aos de Emdem, aí estabelecidos em 1649; aos de Altona, aí estabelecidos em 1664. Vid. Grunwald, *Portugiesengräber auf deutscher Erde*, Hamburgo, 1902. Este livro, como se infere do titulo, trata principalmente de sepulturas, e de nomes de Judeus falecidos, mas contém variadas notícias históricas.

Como fonte para o conhecimento da antroponímia portuguesa de Hamburgo temos, além d'este importante trabalho, um *Rol da nação portugueza ou nomes de todos os Portuguezes residentes nesta cidade*, feito em 1612, e publicado pelo Consul português de Hamburgo F. Vanzeller no *Bolet. da Soc. de Geogr. de Lisboa*, 2.ª serie (1880), n.º 1, pp. 725-727. Diz Vanzeller, p. 727 «... a maior parte d'elles são genuínos portugueses; muitos porém parecem hespanhoes ou italianos. Seriam todos elles nomes adoptados no baptismo forçado». Aqui encontramos, por exemplo: Diogo Carlos, Gonsalo Cardoso, Gonsalo Lopez, Henric Nunes, Henrico de Lima, Petrus de Roderico de Moraes, Rui Gomes da Costa. No livro de Grunwald, por exemplo: *Brandão, Cardoso, Coutinho, Fernandes, Fidalgo, Fonseca, Mesquita, Miranda, Teixeira, Vaz, Vieira, Zuarte*. Os Judeus portugueses de Hamburgo tinham comprado em Altona, em 1611, terreno para o seu cemiterio, e da historia d'este se ocupa Grunwald a p. 73 sgs.

Nomes de Judeus de Glückstadt: Andreas *Fallero* (= Faleiro), Fernando *Cardoso*, num documento de 1611, p. 130; *da Cunha, Ferro, da Silva, Mendes*, p. 139 sgs.

Nomes de Judeus de Emdem: nomes proprios: João, Luís, Manuel, Vida (feminino); apelidos: *Brito, Cabesão* (s = ç), *de Campos, de Lemos, Oliveira*. Pp. 151-155.

Nas *Recherches sur les Juifs espagnols et portugais à Bordeaux*, proficientemente empreendidas por Georges Cirot e publicadas naquela cidade em 1909, existe copiosa messe de nomes, colhidos em documentos e em inscrições sepulcrais: *de Lopes*, sec. XVII (com o *de* falsamente heraldico, de que falei a proposito de *de Pinto*); *Azevedo, Cardosa, Cardoso, da Costa, Fernandes, Lameyrra, Mendes, Mendes de Castro, Peixoto, Pereyra, Pinto, Soiza*, etc., etc., todos eles do sec. XVIII.—O S.ºr Lucio de Azevedo, na sua tanta vez aqui citada *Hist. dos Christãos Novos*,

p. 374, menciona firmas comerciais de Baiona, de 1840 em diante: *Carvaillo, Dacosta, Frois, Furtado*, etc.—O apelido do poeta parnasiano Catulle *Mendès*, que nasceu em Bordeus em 1841, é simplesmente *Mendes* mal pronunciado.

De uma das vezes que estive em Veneza tomei nota dos seguintes apelidos lá usados: *Cardoso, Fonseca, Franco de Almeida, Gomes da Silva, Mendes, Nunes de Carvalho, Pereira-Silva, Teixeira de Matos*; e no arquivo israelitico de Liorne colhi estes: *Fernandes, Ferreira*, etc. Actualmente usa-se em Liorne, *Lopes-Perera (Pereira)* e *Nunes*; visitei o cemiterio dos Israelitas, mas as inscrições são apenas em hebreu, hespanhol, italiano, ou ao mesmo tempo em hespanhol e hebreu; não vi nenhuma em português. Ultimamente publicou Samuele Schaerf, em Veneza (1925), *I cognomi degli ebrei d'Italia*, que já acima citei (livrinho cujo conhecimento devo ao meu amigo o Prof. Amzalak), e lá encontro, por exemplo: *Fonseca, Pereira*, etc.

Para encerrar tão fastidiosas listas, falta-me lembrar alguns apelidos usados ainda hoje no Oriente da Europa (Turquia): *Almeida, Dalmeida, Lisboa, Loulé, Paniel* (= Pinhel), *Pereira*, mencionados por Yahuda num seu artigo da *Rev. de Filol. españ.*, II, 357.

As listas são, como disse, fastidiosas, mas mostram quantos vestígios existem da nossa civilização, em nomes próprios, por esse mundo além, levados por Judeus¹.

Posto que, segundo já sabemos de outro capitulo da presente obra, nem sempre apelidos iguais correspondam a parentesco, é notavel nas listas que muitos d'elles se repitam com frequência: o que, em virtude do hábito que os Judeus têm de casarem

¹ Já depois de composto tipograficamente o meu texto, tive o ensejo de ler na *Biblos*, II, 429 sgs., um artigo do D.^{or} Mendes dos Remedios, intitulado «A dispersão», que fórma o n.º VIII de uma serie de suculentos estudos consagrados aos *Judeus em Portugal*, e destinados de certo a constituírem o t. II da obra publicada com este titulo em 1895, e por mim já várias vezes citada: aí vêm também muitas listas de nomes analogos aos de cima. Lamento não ter lido primeiro o artigo, para o poder aproveitar

entre si, dá a entender que ramos de uma mesma família se espalharam por diversas partes, em vez de se fixarem unidos em certas localidades.

4. Nomes de Judeus modernos (vid. secção D).

Constam principalmente de nome proprio e apelido; ás vezes também ha sobrenome. Os exemplos que vou mencionar são da nossa capital, e colho-os sobretudo no *Boletim do «comité» israelita de Lisboa* (sirvo-me do n.º 6, de 1919).

Os nomes proprios são, pela mór parte, como é natural, de origem hebraica, por exemplo:

a) *masculinos*: Abraão, Arão, Benjamim, Elias, Isaac, Jacob, Jehudah, Joaquim, José, Levy, Moses (Moisés), Salom, Salomão, Samuel.

b) *femininos*: Ana & Hannah, Anette (por *Annette*, diminutivo francês), Deborah, Ester, Mary (Maria), Miriam (cf. supra, p. 364), Sarah.

O seu hebraismo não exclue de todo, como temos visto, emprego cristão.

Nomes de origem não-hebraica:

a) *masculinos*: Adolfo, Alberto, Artur, Carlos, Eduardo, Fortunato, Frederico, Luís, Pepe (hipocoristico hespanhol), Salvador.

b) *femininos*: Donna (isto é, D. Donna Benoliel Levy: acerca do nome proprio *Donna* ou *Dona* vid. supra, p. 392), Estela (do lat. *stella*), Helena, Luna (nome latino. Importancia da «lua» na religião e vida hebraicas: mês lunar, orações por ocasião da lua nova).

Nomes especiais:

a) *Jaime*. É realmente de origem hebraica, mas alterou-se muito, vid. p. 38, e só um especialista lhe reconhecerá essa origem. Talvez, porém, se lhe achasse consonancia com a palavra hebraica *haiim* ou *hai'm* (poetica), que significa «vida», e isso o fizesse adoptar. A par existe, de facto, *Haim* em Lisboa como nome proprio.

b) *Marcos*. Embora nome de um evangelista, é o latim *Marcus* (vid. supra, p. 46), helenizado em *Μάρκος*. Forma alemã usada em Lisboa, a par de *Marcos*, é: *Mark*. A p. 395 vimos um Juça *Marcos*, do sec. xv.

Antigamente designava-se melhor a personalidade de um individuo juntando ao nome o do pai, por intermedio da palavra *ben*, que significa «filho». Em inscrições funerarias de 1814, da Extre-

madura, lê-se, por exemplo: Jehuda *ben Rimoch*, Abraham *ben Mamoun*; vid. *AP*, VIII, 40 e 42 (Cardozo de Bethencourt). A este uso, que ainda não desapareceu de todo, correspondem os nossos patronimicos medievais. Com o tempo a expressão *ben* + nome passou ás vezes a fazer de apelido, á maneira tambem dos nossos extintos patronimicos, como acima vimos (p. 114 sgs.). Num caso, porém, como Adolfo *Salomão* Benarús, nome de um professor e escritor d'esta cidade, *Salomão* foi escolhido por atenção com um seu antepassado que tinha este nome. Em D. Esther *Helena* Amzalak Levy, nome de uma senhora que eu conheço, *Helena* foi escolhido por fantasia da mãe. Como nem *Salomão* nem *Helena* são aqui nomes de familia, mas individuais, fazem as vezes de verdadeiros sobrenomes, no sentido português moderno.

Exemplos de apelidos:

— *Amzalak*. Já se encontra numa inscrição funeraria de Lisboa, de 1804, na forma *Amzalaga*: vid. supra, pp. 389-390. No Oriente da Europa usa-se ainda hoje *Amzaléko* e *Amzaleg*: vid. Yahuda, na *Rev. de Filol. españ.*, II, 357. Acêrca da origem da familia, vid. supra, *loc. citato*.

— *Anahory*. O Prof. Amzalak diz-me que conhece *Naury* como forma antiga d'este nome.

— *Athias*. Cf. supra, p. 410 (Isaac Atias), e p. 407 (Jacob Athias).

— *Barros*. Vid. supra, p. 166.

— *Benarús*, *Benayon*, *Bendrao*, *Benhanon*, *Benoliel*, *Bensabat*, *Bensauade*, *Bensimon*, *Bensliman*, *Bensusan*, *Benzaquem*. Todos eles patronimicos estereotipados: vid. supra, p. 397.

— *Cardoso*. Vid. supra, p. 166.

— *Cohen*. Vid. supra, p. 391, nota 2.

— *Fresco*. Cf. em alemão *Frischmut*.

— *Israel*. Na origem *pugnator*, *miles Dei*; nome próprio dado por Deus a Jacob, e depois usado como sinonimo de povo israelitico. Vid. Gesenius, *Lexikon*, p. 409.

— *Lazarus*. Cf. supra, p. 64.

— *Levy*, ou *Levi*. Na origem *adhaesio*, scilicet *sertum*, *corona*: nome próprio de um filho de Jacob, e nome patronimico por «Levita», ou da tribu de Levi. Vid. Gesenius, *Lexikon*, p. 480.

— *Pinto*, que já vimos muitas vezes.

— *Ruah*. Esta palavra na lingua comum hebraica significa *spiritus*, isto é, hálito, ar.

— *Sabbath* (em Faro). Cf. *Bensabat* supra, e *Sabbatus*, a p. 83.

—*Sáragga*. Como sugere o S.^{or} Prof. Slousch, teremos aqui, ou *xerága*, em arameu «luz, claridade» (serve freqüentemente de nome proprio nos Judeus alemães, por exemplo: *Xerága Phebus*), ou *Cherága*, nome de uma tribo berbere.

—*Sequeira*. Vid. supra, p. 167.

—*Sequerria*. Desfiguramento do apelido precedente. Deve entender-se que *Sequeira* foi de Portugal para fóra em epoca antiga, e que se alterou lá, voltando em seguida com a alteração. Ha muitos exemplos de alteração semelhante: acima vimos *Mendès*, *Perera*, etc. Em honra de Jacob Rodrigues *Pereira*, que tanto trabalhou pelos surdos-mudos (cf. *Dicc. bibliog.*, III, 250, e X, 113) denominaram *Pereire* em Paris uma praça e um *boulevard*.

—*Zarphati*, isto é, Jehudah Zarphati, marido de Ester Zarphati, falecida em 1815: *AP*, VIII, 42. O apelido *Zarphati*, conquanto haja na Palestina um lugar chamado *Zarephath*, corresponde aqui a *Zarephat* ou *Zarphat*, nomes que os Judeus dão á França. Propriamente em português *Çarefat*.

O nome proprio nos Judeus é imposto, em meio de uma oração, ás crianças do sexo masculino pelo oficiante, na sinagoga, ou em casa, no momento da circuncisão, isto é, no oitavo dia depois do nascimento. O acto da imposição chama-se *nomear*. O meu amigo Amzalak possui um curioso livrinho, que me comunicou, intitulado *Orden de benediciones*, Amsterdão 5447 (= 1687), em hebreu, hespanhol, e português, no qual, a p. 176 sgs., se lê uma oração em hebraico e hespanhol, intitulada «Bendicon (isto é, *bendixon*) de circumsicion», acompanhada de explicações de ritual.

Para a imposição de nome ás crianças do sexo feminino não ha dia certo. O nome diz-se tambem em meio de uma oração, e o acto da imposição chama-se, ou *nomear*, como o primeiro, ou *fadar*. O mesmo livrinho, de que falei agora, contém a p. 181 outra oração para este acto, intitulada «A las fadas de la hija», igualmente em hebraico e hespanhol. Na linguagem dos Judeus de Lisboa são correntes estas expressões: «vamos ás *fadas* da filha de Fulano», isto é, vamos assistir á cerimonia da imposição do nome; «Fulano amanhã manda *fadar* a filha». E em convites escritos que o pai envia a amigos diz: «Fulano convida a V. para assistir ás *fadas* de sua filha». Todas expressões que se relacionam originariamente com uma crença nossa muito antiga de que havia seres sobrenaturais, ou Fadas, que fadavam as pessoas: vid. *Tra-*

dições populares de Portugal, § 355 (p. 284 sgs.), e cf. o *Auto das Fadas*, de Gil Vicente, onde «fádão as Fadas a el Rei e á Rainha, cada uma por sua vez».

O primeiro filho, que nasce, recebe o nome do avô paterno, o segundo o do avô materno; a primeira filha recebe o nome da avó paterna, a segunda o da avó materna; os outros filhos vão tomando os nomes dos tios-avós ou tias, de preferencia os já falecidos, ou os que não deixam descendencia. Quando ha primos co-irmãos, adiciona-se ao nome proprio de cada um d'elles, para evitar confusão, outro nome proprio de uma figura biblica, ou o nome do pai ou da mãe, respectivamente. Este nome, que se junta, funciona pois como *sobrenome*. Por exemplo: dois individuos, netos de Abraão Levy, e tambem assim chamados, receberam como sobrenome *Abner* (de um personagem biblico) e *Nathanael* (nome de outro personagem biblico), ficando pois o primeiro: Abraão *Abner* Levy; e o segundo: Abrahão *Nathanael* Levy. Outro exemplo é o escritor Ishac Levy (1827-1881), de quem fala Kayserling, p. 59; consta-me que tem dois netos, chamados: Ishac *Abrahão* Levy, e Ishac *Esther* Levy. No segundo caso temos, o que tambem acontece nos Cristãos, um sobrenome feminino junto ao nome de um individuo do sexo masculino.

Às vezes aos nomes ligam-se superstições.

Contou-me o meu amigo e colega o Prof. Amzalak que certo individuo tinha tido varios filhos, a quem pusera o nome de *Isaac*; todos morreram, mas nascendo outro, chamou-o *Isaac Haim José*, porque *haim*, como já acima se disse, p. 417, significa «vida», e á palavra *José* dá-se o sentido de «acrescentar» (*acrescentará*), como se disse a p. 61: portanto o nome novo veio a significar pouco mais ou menos—prolongar-se-ha a vida de Isaac. O mesmo illustre Professor me informou de que, quando um Judeu está gravemente enfêrmo, se costuma fazer na sinagoga uma oração para se lhe mudar o nome, e ele assim mudar de sorte; o nome escolhido, que é quasi sempre *Rafael*, pois, como vimos a p. 65, esta palavra significa «Deus curou», passa para a vida official, depois de se lavar um auto. No mesmo livrinho *Orden de benediciones*, citado ha pouco, vem a p. 259 o rito de «el mudar del nombre», e a oração respectiva.

Em ambos estes casos de mudança de nome se afirmam com bastante intensidade ideias de magia-simpatica. Do primeiro vimos muitos paralelos nacionais e estrangeiros a pp. 82-85, e cf. adiante, p. 428-430.

Analoga á mudança de um nome hebreu em um nome cristão, quando um Judeu se converte ao Cristianismo, é a de um nome cristão em um nome hebreu, em circumstancia inversa. O nome hebreu fica sendo *Abraão Israel*, porque Abraão foi o tronco dos Israelitas (*pater multarum gentium*, GENESIS, XVII, 5, e assim se interpreta aí o nome), e *Israel* se chama o povo para que o converso entrou. Vimos um exemplo supra, p. 412, em Abraão Israel Pereira. Isto porém não constitue regra geral.

O que se expôs no presente capitulo deve considerar-se apenas esboço, pois o assunto é muito vasto em qualquer dos campos em que o consideremos: no da Filologia, e no da Historia literaria e Historia geral. Merecia a pena que alguém o tratasse com desenvolvimento, explorando devidamente, e em todos os sentidos, as respectivas fontes.

CAPITULO X

De como se chamam os Ciganos

Os Ciganos (vindos de Hespanha no seculo xv ou xvi) formam entre nós, como os Judeus, e outr'ora os Mouros-fôrros, um grupo ethnico, ainda que não tão importante, de modo algum, como estes, e de natureza muito diversa. Subordinam-se ostensivamente e no conjunto ás leis portuguezas, vivem porém mais ou menos em hordas, entendem-se entre si por linguagem propria, e associam-se para roubo, comércio e defesa. A sua unidade é apenas ethnogenica e etnografica, para não dizer tambem economica.

Aos Ciganos consagrei já umas palavras nos *Ensaios Ethnogr.*, IV, 334 sgs., bem como na *Origem do povo português*, p. 23, onde indiquei as fontes de estudo, entre elas *Os Ciganos de Portugal*, de Adolfo Coelho, Lisboa 1892, que é o mais importante trabalho que possuímos; posteriormente a 1923, data da publicação do opusculo, só me ocorre citar o t. v das *Memorias de Bragança*, do P.^e F. M. Alves, que a pp. 194-201 fala dos de Tras-os-Montes.

No livro de Adolfo Coelho lêem-se algumas noticias relativas a costumes d'aquelle grupo ethnico. Para o meu intuito importa só transcrever as seguintes:

«*Baptismo*. É voz constante no Alemtejo e Trás-os-Montes (provavelmente tambem nas outras provincias em que ha ciganos)

que as ciganas, quando têm um filho o baptisam, isto é, mergulham-no no primeiro ribeiro que encontram e dizem:

Eu te baptiso neste ribeiro
P'ra que saias um ladrão bem ligeiro

ou:

Eu te baptiso neste ribeiro
Para que sejas valente de pé leve e unha ligeira.

Depois d'isso as creanças são baptisadas catholicamente, e tantas vezes quantas os paes podem arranjar para padrinhos lavradores ricos, em cada freguezia que percorrem, a fim de se relacionarem com elles e receberem as *baetas* (presentes de baptismo, Alemtejo) e mais tarde protecção». Pp. 214-215 (a que o A. juntou uma nota comparativa).

Pelo que pertence ás fórmulas, colhi leves variantes:

a) Aqui te baltizo neste ribeiro,
P'ra que saias de ôlho vivo e pé ligeiro,

e, no v. 2:

P'ra que tenhas ôlho vivo e pé ligeiro.

b) Em hespanhol:

Aqui te bautizo en neste *ribero*,
P'ra que tengas ojo vivo y pié ligero.

c) Eu te bătizo nesta ribeira
P'ra ter's pé leve e unha ligeira.

Quando os Ciganos formam de si proprios tal conceito, não admira que na nossa lingua comum empreguemos a palavra *cigano* no sentido de «finório, impostor, trapaceiro, ladino em negocios», com os respectivos derivados: *ciganaria* e *ciganice*, que significam «embuste».

A primeira parte da notícia dada por Adolfo Coelho não concorda inteiramente com o que eu observei, como se vai ver.

Além d'isso estou no caso de juntar curiosas informações a respeito de nomes, as quais o Mestre nem sequer suspeitou que existissem.

A Ciganos ouvi contar que quem leva a efeito o batismo é o mais velho dos presentes: mergulha por tres vezes a cabeça da criança na agua, enquanto o padrinho toca, parece que outras tres vezes, um guiso ou campainha, que póde ser tirado da cabeça de um dos burros que os Ciganos de ordinario trazem consigo; a madrinha liga depois a cabeça da criança com uma toalha ou *landrina*. Os Ciganos têm certa repugnancia a afirmar isto, e uns, com quem falei, até me disseram primeiro que quem fazia assim eram os de Hespanha; depois de instados para falarem verdade, acrescentaram que d'antes tambem os de Portugal; hoje já não! Em todo o caso inferi de várias observações minhas que a cerimonia se realiza em verdade como fica mencionado. Qualquer agua serve: de ribeiro, póça, charco, fonte; mas «o dado é agua corrente», porque *agua corrente* || *não mata gente*, proverbio que várias vezes ouvi, ou em hespanhol: *agua corriente* || *no mata la gente*. Subentende-se que, em virtude do principio mágico da analogia, correrá assim melhor a vida á criança. Contudo supponho que o proverbio não se applica só a isto dos Ciganos, e tem maior extensão. Os nossos Ciganos falam freqüentemente hespanhol a par com o português, e, segundo já acima notei, com um calão especial seu, a que tenho ouvido dar varios nomes: vid. os referidos *Ensaíos Ethnogr.*, iv, 342-343; e cf. Adolfo Coelho, *Os Ciganos de Portugal*, p. 2. Ha pouco, em Setembro de 1927, conversando por vezes com duas hordas de Ciganos que encontrei numa aldeia da Extremadura, idos de passagem para uma feira, ouvi sem dúvida alguma chamar-lhe *romanóm* ou *romanôm*, isto é, com -óm mais ou menos aberto. De falarem hespanhol resulta empregarem a cada passo expressões hespanholas, como o proverbio citado acima. O calão, ao mesmo tempo que é neles uma tradição vinda de longe, serve-lhes para, quando, no acto de efectuarem um negocio com estranhos, precisam de se exprimir entre si, os outros os não compreenderem.

Na ocasião do batismo impõe-se á criança um nome, a que chamam *nome de ribeiro, de ribeira, de rio*; a um Cigano em conversa escapou tambem a expressão *nome de barranco*, pois *barranco* é expressão hidrografica muito alentejana, e algarvia, no sentido de corrente de agua que em regra séca de verão. Das referidas expressões a mais vulgar creio ser *nome de ribeiro*,

que se contrapõe ao *nome de pia* ou *nombre de pila* (como se diz em hespanhol), dado depois pelo padre na igreja. A respeito de *nome de pia* vid. supra, p. 8, nota 1.

Eis alguns exemplos de *nomes de ribeiro* indicados paralelamente a *nomes de pia*:

Abob'ra (nome geografico, provindo dos Casais da Abobora) — Dina.

Bombiano — Antonio.

Cabelinho d'oiro — João.

Cabeludo — Emilio.

Caracol — José.

Chocalhinha badalinha — Esperança.

Escaravelho — Mariana.

Espilradeira (assim terminado em -a) — Joaquim Tau.

Florida — Emilia.

Inverno — João Abreu.

Laganhoso — Pedro.

Mandil — Josué.

Martelo — João.

Moirá — Ludovina.

Moiro — Diamantino.

Mostarda — Manuel.

Rabo — Manuel.

Ribéra (isto é, Ribeira de Santarem) — Isaura.

Santarena — Maria.

Torquês — Joaquim.

Vai á cepa — Julio.

Vassoira — Rôla, Rolita.

Nomes de ribeiro, cuja correspondencia cristã não averigüei: Buraco, Burricalha, Caçarenha la Bonita, Caneira, Cetim de sêda, Ciroila, Favas verdes me matam, Fedôres, Formiga, Gato, Geada, Hungria, Lagarto, Linhaça, Lusitana, Marinhota (dado a um rapaz), Maruja, Mata, Montemór, Morena, Olho azul, Pé de porco, Pexêra, Prego, Rielho (nome geografico).

Nomes de ribeiro em calão e em hespanhol:

Ahuntaora (1) — (não sei o nome de pia).

Chala (2) *Mal bule* (3) — (Idem).

La Chori (4) — (Idem).

Nicobêla-te (5) — (Idem).

Peliche (6) *Ahuntador* — Manuel Duarte.

Pirabaora (7) — Isabel.

Anotações à lista anterior

- (1) Do hesp. *ayuntadora*.
- (2) Em Adolfo Coelho, p. 22, vem *chalar*: «ir», «caminhar».
- (3) Cf. em Adolfo Coelho, p. 20, a palavra *bul*. Ou é flexão do verbo *bulir*?
- (4) Em Adolfo Coelho, p. 23, *chori*: 1) mula, etc.; 2) navalha.
- (5) Em Adolfo Coelho, p. 35, *nicobelar*: «roubar».
- (6) Cf. Adolfo Coelho, p. 37.
- (7) Outro mais apurado pronunciou *Pirabadora*, do verbo cigano *pirabar*: vid. Adolfo Coelho, p. 37, e cf. *ibid.*, *parabaor*. Ouvi dar ao verbo a significação de «comer», todavia não afianço que esteja exacta.

O caracter do *nome de ribeiro* é ser pseudonimo, para corresponder ao calão. O que os Ciganos querem é que ninguém de fóra da vida da familia os entenda, nem na linguagem, nem nos nomes, para poderem fazer trapaças á vontade. Os *nomes de ribeiro*, a que igualmente ouvi chamar «apelidos», têm origem como as alcunhas ordinarias (vid. supra, p. 176 sgs.): alguns significam locais de nascimento, como me explicaram, por exemplo, *Moirá* (Moura), *Montemór*, *Ribéra*, *Abob'ra*, *Santarena*; outros indicam profissões das mães, por exemplo, *Pexéra*; *Moiro* explicaram-me que resultou de ter o menino estado dois anos por baptizar, isto é, ter estado «moiro». E assim por diante.

No uso quotidiano póde juntar-se um nome de ribeiro a um nome de pia, a modo de alcunha ou apelido, como: *Antonio Bombiano*, *Emilio Cabeludo*, *Manuel Rabo*, *Julio Vai á cepa*, *Manuel Mostarda*; ou juntar-se ao nome de pia ou de ribeiro o de um dos pais, ligado por *de* (cf. supra, p. 135, v. g.: *Morena da Naséi*, isto é, *Morena* filha da *Naséi* (Nazaré); *Aurora do Barrela*, isto é, filha do *Barrela*.

Uma vez uma senhora, que devia ser madrinha de um Ciganito, apanhou-o sem ser baptizado em ribeiro, e deu-lhe na pia o nome de *Sebastião*. Neste caso o Ciganito ficou tendo um nome unico.

Os nomes cristãos ou de pia são, como se viu, nomes correntes.

Assim como a um nome proprio de engeitado ou de Judeu se junta, em guisa de alcunha, depois tornada apelido, a palavra *Engeitado*, *Exposto*, *Judeu*, etc., do que se deram exemplos nos

capítulos III e IX do presente Liv. II, assim se encontra por vezes um Antonio *Cigano*, um João *Cigano*, do que conheço casos do Alentejo. Já se vê que estas alcunhas são impostas por individuos não Ciganos, e por isso se diferenciam etnograficamente dos *nomes de ribeiro*. O S.^{or} Lereno Antunes, de Elvas, informou-me que sabe de um Cigano chamado *Antonio Inacio da Silveira*, cujo pai tem o nome de *Inacio*, e o padrinho o de *Antonio Carlos da Silveira*, lavrador e proprietario em Vila Viçosa. Este exemplo mostra-nos que um Cigano, como qualquer outro Português, pôde receber no baptismo o nome do padrinho, e depois tomar por sobrenome o nome do pai, e por apelido tambem o do padrinho. O mesmo S.^{or} Antunes falou-me de um *José da Amelia*: talvez a mãe do Cigano se chamasse *Amelia*,—o que combina com o que acima se disse dos nomes de ribeiro.

CAPITULO XI

O nome considerado no conjunto, ou nome civil

Segundo o que temos visto no decorrer d'esta obra, e mais particularmente na INTRODUÇÃO, um nome-completo consta de tres partes fundamentais: nome individual, sobrenome, e apelido, que não raramente se antecedem de um prenome, e se fazem seguir de uma alcunha. Não obstante, na prática, pôde faltar alguma d'aquellas partes.

Tambem vimos que existem nomes que, por causa da qualidade e número dos apelidos ou dos sobrenomes, chamaremos, por um lado, nobres ou plebeus, e por outro, breves ou extensos. A par com isto relembre-se o que foi dito no Liv. I, de haver nomes-completos formados exclusivamente de nomes proprios: vid. *Sobrenome* (p. 127 sgs.) e *Apelido* (pp. 151-153).

Às vezes na escolha do nome proprio parece que se buscou consonancia com o sobrenome ou o apelido, por exemplo, no sec. XVII: *Henrique Henriques* de Miranda, nas *Portarias*, p. 36, e só *Henrique Henriques*, *ib.*, p. 43; em tempos modernos *Rodrigo Rodrigues*. Na idade-média isto era mais frequente do que hoje, porque dependia do uso de patronimicos: *Martim Martins*, sec. XIV, *Docs. do Souto*, p. 25; *Domingos Domingues*, *ib.*, p. 40.

Esta consonancia é levada ao extremo no seguinte nome de um aluno do Collegio Militar no ano lectivo de 1926-1927 (vid. *DN*, de Setembro de 1926): *Albicindo Aldino Aurinio Olga-*

rindo, com rimas assoantes e consoantes, e todo ele formado de nomes proprios (cf. supra):

— *Albicindo*. Talvez tirado do germanico *Albiço* (Förstemann, col. 66) + *-indo*, nos *Opusc.*, III, 55.

— *Aldino*, na origem cognome romano.

— *Aurinio*, masculino de *Aurinia*, nome de uma profetiza nos germanos. Vid. o que a respeito da forma do nome diz Schönfeld, p. 38.

— *Olgarindo*. Acaso tirado de *Olegario*, + *-indo*, como o primeiro nome anterior. A forma *Olegario* é dada pelo *Ementario*, p. 168, n. 8.

Não posso dizer se aqui a consonancia é casual ou propositada. Mas ha um exemplo em que ela é casual: *Bebiana Bebiano Baeta Barreto*: o nome proprio foi tirado de um apelido de familia; o sobrenome é o de um dos avós; os dois apelidos são do marido. Da consonancia resultou aliteração, como tambem em *P.^e Pedro Pinto Paulo*, nome de um individuo que conheci na Beira.

No cap. vi d'este Liv. II observámos outros ritmos, mas de especie diferente.

À religião se devem casos como o seguinte. Uma senhora fez promessa á Virgem de que o nome ou o sobrenome de todos os filhos, que tivesse, fôsse *Maria*; por exemplo *Maria Luisa* e *José Maria*. Isto aconteceu oito vezes na familia. O segundo exemplo pertence á categoria dos que se enumeraram no referido cap. vi.

CAPITULO XII

Substituição ou alteração offlcial do nome

Ha classes sociais em que os individuos, que para elas entram, trocam ou alteram, já por hábito, já facultativamente, o nome por outro, servindo-se do novo nome, ou da alteração, nos usos da sua vida, ou em certos actos: assim acontece em particular com religiosos, com prelados e cardiais (e pápas), e com titulares. Nas mulheres, quando casam, tambem póde dar-se alteração do nome: cf. supra, pp. 134 e 135, onde se fez alusão rapida a este costume.

1. Em epocas anteriores ao sec. xvi os nomes dos religiosos aparecem escritos mui singelamente, e talvez fôssem os já usados por eles na vida secular. Por exemplo:

— *Trarigu frater*, *Benedictus frater*, *Gatus frater*, *Ataulfus fra-*

ter, Lucidus frater, Evoindo frater, Lucidus Godestei frater: sec. x, *DC*, pp. 17, 20, 39, 40 e 47;

— Frater Floride, Frater Mauran, Frater Petrus, Ansemundus confrater, Ariol confrater, Dulcidius frater, Savarigus frater: sec. xi, *DC*, pp. 154, 210 e 211;

— Fagildus monachus, ego Helias monachus, Sisnandus monachus: sec. xii, *DC*, p. 243;

— Egas Muniz, freire do Ospital, Ffrei Pedro, Ffrei Domingos: sec. xiii, *RL*, viii, 40, e ix, 270;

— Frey Vicente Rodriguiz, Frey Domingos de Leirea: sec. xiii–xiv, *AP*, ix, 68;

— Pero Eanes, frade de Pedroso, Martim Paez, id., id.: sec. xiv, *Docs. do Souto*, pp. 27 e 29;

— Ffrei Lourenço, doutor do mosteiro de Sam Domingos, Ffrei Martinho de Limhia: sec. xv, *Docs. do Souto*, p. 72.

No sec. xvi, pelo menos, começam a aparecer sobrenomes religiosos, e alterações no nome secular. Cf. supra, p. 139.

Vejamos em primeiro lugar alguns nomes literarios. Frei *Agostinho da Cruz* (professou em 1561) chamava-se no seculo *Agostinho Pimenta*; Fr. *Antonio das Chagas* (prof. em 1663) chamava-se no seculo *Antonio da Fonseca Soares*; Soror *Margarida de S. Paulo* († 1636) chamava-se no seculo *D. Margarida de Noronha*. Todos estes individuos trocaram o apelido por um sobrenome religioso.

Nem sempre porém acontecia conservar-se o nome ou trocar-se o apelido. Fr. *Agostinho de Santa Maria* († 1728) chamava-se no seculo *Manuel Gomes Freire*; Fr. Luis de Sousa (professou em 1614) chamava-se *Manuel de Sousa Coutinho*. O cronista alcobacense Fr. Bernardo de Brito (professou em 1585), se havia mudado o seu nome profano *Baltasar* em *Bernardo*, por atenção certamente com S. Bernardo, conservou o apelido de *Brito*, que usava antes de ser monje. Pelo contrário, muitos frades, por exemplo, os cronistas Fr. Antonio Brandão e Fr. Francisco Brandão, sec. xvii, conservaram o nome e apelido seculares, e não tomaram sobrenome religioso. O sobrenome do cronista Fr. Manuel dos Santos, tambem de Alcobaça, parece que lhe adviria da religião, pois não se encontra nem nos pais, nem nos avós dos dois lados: vid. *Alcobaça illustrada*, p. xvi.

Assim como Fr. Bernardo de Brito adoptou o nome de *Bernardo*, por causa, como creio, do padroeiro da sua ordem, assim alguns clerigos teatinos, os de S. Caetano, tomaram como nome

ou como sobrenome *Caetano*. Do P.^e D. *Caetano* Barbosa, que professou em 1676, diz claramente D. Thomas Caetano de Bem, *Memorias hist.*, I, 318, que o seu nome no seculo era *Constantino*. O proprio autor das *Memorias* escolheu o sobrenome manifestamente por causa do santo, pois seu pai chamava-se Alexandre de Bem Ferreiro, sem no conjunto do nome d'este entrar a palavra *Caetano*. Em caso semelhante estão os escritores D. Antonio *Caetano* de Sousa, D. Manuel *Caetano* de Sousa, D. Luis *Caetano* de Lima, e outros teatinos menos conhecidos: D. *Caetano* de Gouvêa Pacheco, e D. Alberto *Caetano* de Figueiredo. Cf. as citadas *Memorias*, II, 174; I, 321; II, 34, 235 e 236.

O meu amigo P.^e Francisco Manuel Alves mandou-me uma lista de frades cujos nomes, colhidos em documentos do Museu Regional de Bragança, de que é Director, estão em condições analogas ás estudadas. D'ela transcrevo apenas alguns exemplos: Fr. *Basilio*, do convento franciscano de Vinhais, chamava-se, antes de professar, *Francisco* Pires, nome que voltou a usar depois da extinção das ordens religiosas em 1834; Fr. *Miguel da Ressurreição*, frade da ordem dos Descalços da Santissima Trindade em Miranda do Douro, chamava-se no seculo *João Manuel Rente*, e ainda vivia em 1845. Nestes dois exemplos nota-se substituição do nome individual, e no segundo substituição concomitante do sobrenome e apelido. Unicamente com alteração do sobrenome ou do apelido temos: Fr. José de N. Senhora das Dores († 1836), no seculo, José *Joaquim da Costa Malhão*; Fr. José de *Santa Maria* († 1834), no seculo José *Coimbra*.

Quanto a freiras, escreve-me o mesmo meu amigo que, de modo geral, pode dizer-se que tanto em Bragança, como em Vinhais, dois terços das freiras faziam a mudança do sobrenome ou do apelido. A freira *Maria Luísa* Angelica, que professou em 1734 em Vinhais, e se chamava no seculo *Luísa Maria* Caetana Xavier, suprimiu o apelido, substituiu o 2.^o sobrenome por outro, e, o que é mais digno de menção, inverteu a ordem do nome e 1.^o sobrenome, ou, se se quizer, a ordem dos dois elementos do nome-composto.

No *Catalogo dos Agostinhos Descalços*, publicado no Porto em 1907 pelo D.^{or} Pedro Augusto Ferreira, no qual figuram 1:947 frades ou irmãos leigos, que professaram de 1666 a 1833, penultimo ano em que, segundo já disse, acabaram legalmente entre nós as ordens religiosas, todos eles, quasi sem excepção, ostentam sobrenomes de character religioso: Fr. Francisco *da Madre de*

Deus, Fr. Manuel *Pecador* (sobrenome que se repete), Fr. Guilherme *do Amor Divino*, Fr. João *da Anunciada*, Fr. Manuel *do Desterro*, Fr. Afonso *do Ceu*, Fr. João *da Boa Hora*, Fr. José *de Santa Clara*, Fr. Francisco *da Apresentação*, Fr. Pedro *das Mercês*, Fr. Manuel *de S. Nicolau*, Fr. Manuel *de Deus*, Fr. José *de Cristo*.

Vem a proposito acrescentar o seguinte passo das *Pastorais e leis* de D. Fr. Francisco da Annuniação, Coimbra 1758 (pastoral 1.^a de Santa Cruz): «Em todo o tempo da approvação não usarão os noviços de sobrenome algum, e sómente se chamarão o Irmão Frey N., mas havendo mais que hum do mesmo nome, usarão para differença de numeros primeiro, segundo, terceiro etc., porem tanto que professarem, nunca mais usarão desta differença, mas sim do sobrenome, que tomarem».



Traz d'aqui origem o apelido *Mont'Alverne*, de uso moderno, e já dos secs. xvii-xix. Tive um condiscipulo, de origem brasileira, chamado Gil *Mont'Alverne* de Sequeira, hoje médico distinto nos Açores. O *Dicc. bibliogr.* menciona dois frades franciscanos, de nomes Agostinho de *Monte Alverne* (1629-1726) e Francisco de *Monte Alverne* (1790-1836). Este sobrenome é tirado de Monte Alverne, «famoso monte da Toscana, onde as chagas de Cristo foram impressas em mãos, pés e lado de S. Francisco»: Bluteau, *Vocab.*, s. v. «Alverne». Em vez de *Alverne*, o *Martyrologio* (seculo xvi), p. 200, diz *Monte de Alvernia*, e cf. p. 97. O monte Alverne ou de Alvernia tornou-se «centro de peregrinações, não sómente para os Italianos, mas tambem para todos os povos da Europa. A Santa Sé, por uma bula de Alexandre IV (de 22 de Maio de 1255), chamou-lhe *santa montanha*»: vid. R. Micael Teles, *Povorello de Assis*, Nova Goa 1926, pp. 43-44. — Outros sobrenomes provenientes de montanhas sagradas são, por exemplo: *Monte Olivete*, *Monte Carmelo*. O *Carmelo*, propriamente *Carmel*, é na Siria; d'aí se deduziu *Carmo*: Nossa Senhora *do Carmo*, titulo de uma Ordem mendicante; e *Carmelita*. O sobrenome *Carmo* é muito freqüente entre nós. (De *Carmelita* havia mais que dizer, se a ocasião o permitisse).

2. Como vimos a pp. 24-25, os primeiros bispos do nosso territorio usavam nomes singelos, abstraindo de epitetos e fórmulas religiosas: *Vincentius Episcopus Ossonobensis*, na acta do concilio

de Elvira-Granada, sec. iv (apud F. de Almeida, *Hist. da Igreja*, I, 641). Na acta do 3.º concílio de Braga, celebrado no ano de 675, lemos paralelamente *Froaricus, Portucalensis Ecclesiae Episcopus* (apud *eund.*, *ib.*, p. 701). Num documento do ano de 906, provindo da Sé de Coimbra, assinam: *Naustus Episcopus, Sesnandus Episcopus, Froarengus Episcopus* (DC, p. 9). Noutro, de 1066, provindo do Mosteiro de Pendorada, em que um nobre varão faz uma doação a D. Garcia, Rei da Galiza, figuram *Vistruarius Dei gratia Episcopus*, e *Sisnandus Portugalensis* («do Porto») *Aepiscopus* (DC, p. 283). Sem embargo, desde cedo os bispos adicionaram ao nome proprio o titulo de «Dom». O de Braga: *Domnus Giraldu Bracaraensis Archiepiscopus*, 1103 (nos *Docs. para a hist. portug.*, p. 97); *Archiepiscopus Domnus Geraldus*, 1104 (vid. *Vimaranis Monumenta historica*, Guimarães 1908, p. 70); (in) Sede Bracaraensi *Domnus Giraldu Archiepiscopus*, 1107 (nas *Dissert. Chron.*, I, 236). Neste último documento menciona-se tambem: *in Sede Colimbriensi* <s> *Domnus Mauricius Episcopus*.

O titulo prelaticio de «Dom» continuou pelos seculos àquem, até agora: os prelados ou conservam o nome-completo que tinham na vida particular, por exemplo, D. Godinho Afonso, de Lamego (sec. xii), D. Aires Vasques, de Lisboa (sec. xiii), D. Martinho Gil de Brito, de Evora (sec. xiv), etc., etc., ou usam apenas o nome proprio: D. Fulano, bispo *de tal*; ás vezes seguido de um número de ordem, como o dos reis: D. Manuel I, Cardeal Patriarca de Lisboa (sec. xix). Quando têm um titulo, acrescentam-no: D. Jorge de Almeida, Bispo de Coimbra, Conde de Arganil (sec. xvi); falando-se de um Bispo de Coimbra, diz-se abreviadamente: Bispo-Conde. O Arcebispo de Braga intitula-se ainda hoje primaz das Hespanhas e senhor (isto é, donatario) de Braga.



O mais antigo cardinal português de que o P.^e Antonio de Macedo dá noticia na sua *Lusitania infulata et purpurata*, Paris 1663, foi Mestre Gil, Conego de Viseu, que viveu nos reinados de D. Afonso II a D. Afonso III: p. 59 sgs. De alguns outros Cardiaes indica o mesmo autor, em latim, titulos que tiveram, por exemplo: Pedro Gomes Barroso, *Presbyter Cardinalis S(anctae) Praxedis*, 1371, p. 104; João Afonso de Azambuja, *Presbyter Cardinalis S. Petri ad vincula*, 1411, p. 134; Infante D. Afonso, filho de D. Manuel, Arcebispo de Lisboa, *Diaconus Cardinalis S(anctae) Luciae in Septisolio* (sec. xvi). O actual Patriarca de Lisboa no-

meia-se: D. Antonio I, Cardial Presbitero da Santa Igreja Romana, *do titulo dos Santos Marcelino e Pedro*, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Patriarca de Lisboa, por exemplo, numa pastoral de 1919. O falecido Bispo do Porto D. Americo assina d'este modo uma carta-pastoral de 1879 (*Dinheiro de S. Pedro*): *D. Americo, Cardeal, Ferreira dos Santos Silva*, pondo o apelido depois de *Cardeal*. O mesmo Cardial tinha o titulo de *dos Santos Quatro-Coroados* (vid. Mgr. Ferreira, *Memorias do Porto*, II, 579), que já pertencêra ao Cardial D. Henrique, como consta da *Lusitania infulata et purpurata*, p. 258.

Substituição de nome, e bem estrondosa, observamo-la na eleição dos pápas: tambem tivemos um pápa: Pedro Julião (seculo XIII), que adoptou o nome de João XXI.

3. Num doc. de 938, *DC*, p. 28, lê-se: *ego Exemenus Comes*; num de 1107, *Dissert. Chronol.*, I, 236, lê-se *Comite Domnus Anricus*. No primeiro caso a designação de *Conde* antepõe-se ao nome, no segundo pospõe-se. D. Henrique tambem se intitula *Comes Portugalensis*, *DC*, p. 515, adicionando ao titulo adjectivamente o nome da terra. Ao reinado de D. Sancho I pertence o Conde D. Mendo de Sousa, e ao de D. Afonso III o Conde D. Gonçalo Garcia de Sousa, dos quais escreve G. Barros: «não se designando já desde os fins do seculo XII nenhum funcionario em Portugal com a denominação de *conde*, estes casos de D. Mendo e D. Gonçalo podem talvez considerar-se os primeiros em que se dava o titulo separado do exercicio de um cargo público; differenciam-se, porém, dos que se lhe seguiram em que não representavam em especial posse de terra de que o titulo recebesse nome, dizendo-se sempre Conde D. Mendo ou Conde D. Gonçalo simplesmente»: I, 397(-398), n. 3. «Desde o sec. XIV, escreve o mesmo historiador, tornou a ser usado em Portugal o titulo de *conde*; mas agora representava uma distincção extraordinaria a que andava junta a propriedade da terra que dava o nome ao titulo, e não significava, como antes, o exercicio de cargo publico»: *ib.*, p. 397. Da origem dos outros titulos nobiliarquicos, Duque, Marquês, Vizconde, e Barão, criados todos no sec. XV, trataram varios autores, e ultimamente Fortunato de Almeida, *Hist. de Portugal*, III, 169-171.

Antigamente os titulares adicionavam com frequência o titulo geografico ao nome, sobretudo para evitar confusão, havendo serie, por exemplo: *Historia de Portugal restaurado* por Don Luiz

de Menezes, *Conde da Ericeira*, 1679; *Embayxada do Conde de Villar Mayor* Fernando Telles da Sylva .. dedicada a João Gomes da Sylva, *Conde de Tarouca*, pelo P.^e F. da Fonseca, Vienna 1717.

A substituição do nome pelo titulo é não menos frequente: *Marquês de Pombal*, *Duque de Lafoens*. Em tempos modernos, quer o titulo seja geografico, quer tenha outra origem, pois já não significa senhorio, e apenas honraria, a substituição tornou-se regra: *Barão de Castro-Daire*, *Visconde da Lageosa*, *Conde de Castro e Sola* (titulo tirado de um apelido), ainda que Antonio Feliciano de Castilho, e Camilo Castelo Branco, apesar de ser um d'elles Visconde de Castilho, e o outro de Correia Botelho, não deixaram de usar como autores de livros os seus nomes particulares.

No regime actual os titulares, segundo a lei, não podem nos actos officiais usar exclusivamente do titulo, têm de usar do nome; querendo usar do titulo, hão-de agregá-lo a este (como outr'ora).

*

Quando duas pessoas disfrutam um mesmo titulo, distinguem-se entre si, fazendo juntamente menção do nome proprio. No *Anuario Commercial* de 1918, p. 232, lê-se, por exemplo: *Conde da Figueira* (D. José), *Conde da Figueira* (D. Luís). Com as senhoras acontece naturalmente o mesmo.

4. Nos nossos mais antigos documentos as mulheres casadas adoptam a respeito de nomes o mesmo uso dos homens. Por isso ou apparecem unicamente com o nome proprio, ou lhe juntam um sobrenome (patronimico, etc.), como:

— Balteiro et *uxor sua Ogenia*; Kartamiro et *uxor sua Astrili*; Viliado et *uxor sua Teodoriga*: sec. ix, *DC*, p. 6;

— *Elduara*, sec. x, *ib.*, p. 27;

— ego Gunsalvo Rauparizi et *conjungia mea Monia*, *ploris* (= proles) *Suarii*, sec. xi, *ib.*, p. 133;

— *Domna Orracha Tolquidi*, sec. xii, *Docs. para a Hist. port.*, p. 93;

— *Domna Lupa Sarrazini*, sec. xiii, *Dissert. Chron.*, i, 257;

— *Domingas Paex*, mulher que foi de Joham Alvelo, sec. xiv, *Docs. do Souto*, p. 31;

— *Maria Afonso*; *Maria Alvares*; *Maria Domingues*; *Maria*

Eanes, mulher de *João Fernandes*; *Maria Eanes*, mulher de *Gonçalo Pires*, sec. xv, *Chancelarias*, I, 641.

Num dos mencionados exemplos, apesar de *Joham Alvelo* ter apelido (tirado, como parece, da geografia: cf. *Albelo*, nome de um lugar do distrito do Porto), a esposa apenas adicionou *Paez* (patronimico) ao nome proprio, como noutros exemplos.

O mesmo se observa nos assentos de batismo dos secs. xvi e xvii, contidos nos Registos *da Sé* e *do Chastelo*: as mulheres casadas estão geralmente designadas com sobrenomes e apelidos diversos dos dos maridos,—do que se vê que continuavam a usar os que tinham em solteiras, por exemplo: *Bretiz Simoa*, mulher de *Fernão da Neiva*, 1582, *Sé*, p. 227; *Clara Mendes*, mulher de *João de Macedo*, p. 230. Realmente existem por vezes apelidos comuns aos dois conjuges, por exemplo: *Fernandez*, *Martinz*; mas estes apelidos são tão vulgares, que devemos admitir que houve apenas coincidência. Já porém em *Maria Brandoa*, mulher do D.^{or} *Jeronimo Vaz Brandão*, p. 228, o apelido da mulher representará o do marido, se não eram parentes.

Em tempos modernos observa-se o seguinte:

Umás vezes conserva do mesmo modo a esposa o seu sobre-nome e apelido de solteira, por exemplo: D. *Maria Amalia Vaz de Carvalho*, escritora, filha de *José Vaz de Carvalho*, e esposa do poeta *Antonio Candido Gonçalves Crespo*.

Outras vezes adopta um dos elementos do nome do marido. Em tal caso, o mais usual é juntar ao nome que tinha em solteira o apelido do esposo, por exemplo: D. *Branca de Gonta*, quando casou com o artista *Jorge Colaço*, recebeu d'ele o apelido, e ficou sendo *Branca de Gonta Colaço*. Tendo um esposo mais de um apelido, a mulher escolhe em regra o último: *Fulana Jacinta Martins + Costa*; *Julia dos Santos + Ramos*. Se acontece a mulher ter muitos apelidos, suprime um, ao juntar o do marido, para não ficar o nome comprido de mais; e se o apelido que devia juntar do marido é igual a um, que ela já usasse, não o repete, por exemplo: *Fulana Rosa da Costa*, nome de solteira, e ao mesmo tempo de casada, porque o marido se chama *Costa*. Os Hespanhois, como é sabido, não se coíbem de repetir um apelido, posto que por outra razão: na presente obra se cita mais de uma vez um escritor chamado *Rios y Rios*.

Não raro até substitue a esposa inteiramente o seu apelido de solteira pelo do consorte: a escritora D. *Emilia de Sousa Costa*, esposa do D.^{or} *Sousa Costa*, também escritor, tinha em

solteira os apelidos de *Teixeira Lopes*, que, ao casar, trocou pelos do marido. Exemplos mais modestos, do Norte de Tras-os-Montes: Maria Estevão casou com Miguel *Pente*, e ficou-se chamando *Maria Penta*; Maria Abreu casou com Augusto *Pinélo*, e ficou-se chamando *Maria Pinela*. Nestes dois ultimos exemplos o genero gramatical conformou-se com o sexo: fenomeno de que se tratará no Liv. III.

Igualmente póde acontecer a mulher casada usar como apelido o sobrenome do marido: no *Correio da Manhã*, de 22 de Março de 1922, lê-se o seguinte: *Amelia Mendes Francisco*, esposa de *Antonio Francisco* (ou provém *Francisco* de parentesco que já tivessem?).

Acêrca de casos como *Fulana do Fulano*, isto é, *Fulana*, mulher do *Fulano*, vid. supra, p. 135¹.

Observações a este capítulo

1. Adoptar uma mulher, ao casar-se, algum ou alguns dos elementos do nome do marido compreende-se muito bem, pois que mulher e marido formam um conjunto social, de que este é a principal parte. Como diz um proverbio: *mal vai á casa, || onde a roca manda á espada*. Para os nossos antigos roca e espada simbolizavam perfeitamente os dois sexos, uma no trabalho e arranjo domesticos, a outra na luta pela patria e pela fé.

Ainda assim, a preponderancia do marido na cessão do nome á esposa parece que só tarde se manifesta entre nós, e de certo o uso nos veio de alguma das nações estrangeiras que com frequência assim fazem. Só na Suíça ha uma restrição ao que fica dito: se o apelido do esposo é vulgar, une-se-lhe o da esposa, ficando um apelido-composto, como em *Meyer-Lübke e Hoffmann-Krayer*: vid. Kluge, p. 22. Da Suíça o costume passou para a Alemanha: id., *ibidem*.

2. A substituição do nome nos titulares funda-se num hábito

¹ Póde aqui assinalar-se em nota o costume que algumas senhoras têm de, quando assinam uma carta, juntarem á primeira letra do nome individual a inicial do nome do marido, por exemplo: *JMaria*, nome de uma senhora cujo marido se chama *João*. O inverso tambem acontece, por exemplo: *MJosé*, nome de um individuo cuja esposa é *Maria*,

da linguagem quotidiana, qual o da metonímia. Não chamamos *capitão* a um individuo que o é? Só ali o uso decorre mais do agraciado, do que dos de fóra. Ele proprio se vangloria da distinção que o rei lhe concedeu, ou a algum antepassado, e subordina-lhe o nome inteiro.

3. Agora, quanto ao que acontece na religião, os motivos têm raízes que surgem das profundezas da Etnografia e da Historia.

Já alguns investigadores reuniram exemplos de mudança de nome, correspondente a mudança de situação ou de circunstancias nos respectivos individuos. Vid. especialmente Andree, I, 173, sgs., e Schmidt, cap. 2.º Um e outro tratam de povos de várias civilizações, e mencionam casos como ajuste de casamento, nascimento de um filho, chegada á puberdade, subida de posto, elevação ao trono, e ambos aludem tambem á mudança de nome nos pápas, e podiam aludir á que se observa nos frades. Van Gennep, *Rites de passage*, Paris 1909, fala de uma sociedade de Tahiti, cujos membros, pouco depois de entrarem para ela, mudam de nome, pp. 119-120, e refere-se á iniciação dos bramanes no sacerdocio, acompanhada de um acto semelhante, p. 149.

Estando, como vimos na INTRODUÇÃO, pp. 3-5, tão ligado o nome com a pessoa, compreende-se que, mudando esta, mude ao mesmo tempo aquele: e se os frades escolhem um nome novo, conforme a sua devoção particular, — os Bernardos *Bernardo*, os Caetanos *Caetano*, etc. —, os pápas, como Schmidt nota, e é bem notorio, adoptam o de um predecessor a cujo teor de vida procuram amoldar-se, no que obedecem claramente a um preceito de magia (aquilo que se imita, acontece...).

CAPITULO XIII

Encobrimento do nome por conveniencia, moda, rito, disfarce

1. Muitos individuos (sobretudo escritores), por modestia, interêsse, ou outra razão, deixam o nome verdadeiro e servem-se de um suposto, chamado por isso PSEUDONIMO. Esta palavra é de origem grega, significa adjectivamente «que usa ou tem nome falso»; foi só na linguagem moderna que tomou aquella acepção. Tanto se diz, pois, de um autor, como de uma obra. O pseudonimo pode não só substituir um nome proprio, mas um nome completo, e usam-no homens e mulheres.

Parece que o uso de pseudônimos data principalmente da época do Renascimento e da invenção da imprensa. A bibliografia estrangeira do assunto é vasta, como consta do *Dictionn. universel* de P. Larousse e da *Grande Encyclopédie*: s. v. «pseudonyme». Esta última até menciona uma obra de 1669, de Geisler, intitulada *De nominum mutatione*. Ultimamente tratou dos pseudônimos, sobretudo franceses, Dauzat, cap. v.

Em Portugal, abstraindo de alguns nomes literários, que ainda estão em litígio, pertencentes, pouco mais ou menos, á primeira metade do sec. xvi, temos já pseudônimos da segunda metade, e muitos do sec. xvii em diante: vid. Martinho A. da Fonseca, *Subsídios para um dictionario de pseudonyms*, etc., Lisboa 1896.

Não devo alongar-me na materia, porque pertence mais á Historia literaria, do que á Filologia.

Há pseudônimos das seguintes especies, entre outras:

—que têm aspecto de nomes verdadeiros, por exemplo, *João Pinto* (1590), pseudónimo de Baltasar de Braga (quando realmente um individuo usa um nome comum a outra pessoa, esse nome, assim usado, chama-se *heterónimo*: vid. Littré, *Dict. de la l. fr.*, s. v. «pseudonyme»);

—que, pela sua singularidade, logo se vê serem o que realmente são, por exemplo, *Archi-zero* (sec. xix), *Silvestre Silverio da Silveira e Silva* (sec. xviii), com aspecto dos phenomenos que os filologos chamam aliteração e figura etimologica;

—que correspondem a nomes celebrados na Historia, por exemplo, *Epaminondas* (sec. xix) e *Erasmus* (do mesmo seculo), e com alteração do apelido, *Sá de Mirandela*, pseudónimo de Artur Urbano (sec. xix), por alusão a *Sá de Miranda*;

—que só diferem dos nomes verdadeiros, na substituição de um dos elementos d'estes, por exemplo, *Antonio* de Pina Cabral, por *Manuel* de Pina Cabral (sec. xviii);

—que são formados de algumas das letras dos nomes verdadeiros, por exemplo, *Antonio Metello*, por *Antonio de Macedo Neto e Mello* (sec. xviii);

—que apresentam alguma relação morfologica (real ou aparente) com os nomes verdadeiros, por exemplo, *Afonso Franco*, por *Francisco da Fonseca* (sec. xviii), e *Eliano Aonio*, por *Elias Antonio da Fonseca* (sec. xix).

Ás vezes a razão da escolha é puramente individual e de arbitrio. Porque é que Francisco de Sousa de Almada (sec. xvii) escolheu o pseudónimo de *Afonso Gil da Fonseca*? Arbitrio

curioso temo-lo em D. Joana Josepha de Meneses (do mesmo seculo), que adoptou como pseudonimo em uma de suas obras *Apollinario de Almada*, por assim se chamar um criado, como informa o *Dicc. bibliogr.*, III, 281.

Pela notoriedade dos escritos, ou pela insistencia com que escreveram, certos autores ficaram mais conhecidos pelos pseudonimos, do que pelos nomes: por exemplo, *Julio Diniç*, pseudonimo de J. G. Gomes Coelho (sec. XIX); *Bruno*, pseudonimo de José Pereira de Sampaio († 1915). Quanto ao último exemplo, o vulgo chegou a fazer do pseudonimo um apelido, pois no Porto diz-se ou dizia-se familiarmente «o Sampaio Bruno».

No que fica exposto procurou o autor dar exemplos relativos a todos os seculos, do XVI para cá, e ao mesmo tempo concernentes a homens e a mulheres.

2. Paralelo ao pseudonimo está o NOME POETICO e o ANAGRAMA (do gr. ἀνάρχημα «transposição de letras»). Um anagrama consiste na formação de um nome com as letras de outro, que para isso mudaram de lugar: por exemplo, *Amor* = *Roma*, *Aonia* = *Ioana*. Nem sempre a formação se faz com tanta regularidade, por exemplo, *Salicio* = *Garcilaso*, *Crisfal* = *Cris*(tovão) *Fal*(cão). — Littré, *Dict. de la l. fr.*, s. v. «pseudonyme», chama *criptonimo* a um nome que se apresenta sob a forma de anagrama. *Criptonimo*, ou *cryptonimo*, é também palavra grega, que a letra significa «nome que se oculta».

Na introdução ás *Obras de Bernardim Ribeiro e Cristovão Falcão*, vol. I, Coimbra 1923, cap. XVI, consagra a S.^{ra} D. Carolina Michaëlis substanciaosas páginas á origem e historia dos anagramas, e para lá remeto o leitor. Já antes Teófilo Braga havia dito alguma cousa do assunto no *Bernardim Ribeiro e os bucolistas*, Porto 1872, 101 sgs., lugar que a S.^{ra} D. Carolina Michaëlis cita, e em parte corrige e amplia. Vid. igualmente a mesma Senhora, nas notas ás *Poesias* de Sá de Miranda, p. 820, e o que em épocas anteriores haviam dito Faria y Sousa, nos *Comentarios das Rimas de Camoens*, I, 41, e Bluteau, *Nomes*, p. 13. Este último cita varios nomes poeticos a proposito dos nomes proprios, p. 19 sgs., e dá uma lista de nomes pastoris a p. 55.

Os anagramas têm sido usados entre nós, sobretudo em poesia, para se encobrirem galantemente nomes de pessoas. Valem pois por nomes poeticos; mas ha a par nomes poeticos que não são anagramas, embora também dotados de graça e sonoridade.

Por motivo igual ao que indiquei, ao falar dos pseudonimos, não me demorarei nem com os anagramas, nem com os nomes poeticos propriamente ditos.

Do sec. xv dá-nos o *Cancioneiro Geral*, I, 234, uma amostra de anagramas numa «cantigua de Alvaro de Brito pollo principe dom Afonso, quando esperava polla prinçesa, & este primeyro pee, que diz *sym pecar*, as mesmas letras dizem *princesa*».

Do sec. xvi lemos listas de anagramas em T. Braga, *ob. cit.*, *ib.*, e D. Carolina Michaëlis, *Poesias* de Sá, *ib.*: *Narbiñdel* = Bernaldim; *Armia* = Maria. Dòs fins do mesmo seculo é a *Sylvia* (titulo de uma obra) de *Lisardo* (nome poetico de Fr. Bernardo de Brito).

Os poetas do sec. xvii continuam o costume dos seus predecessores. Em Rodrigues Lobo, por exemplo, unico poeta que citarei, não faltam anagramas: *Ulisa* = Luísa, nem nomes poeticos: *Hircano*, *Tugurino*, de clara significação. Vid. tambem o que a proposito dos nomes poeticos usados por esse poeta diz Ricardo Jorge no livro intitulado *Francisco Rodrigues Lobo*, Coimbra 1920, p. 179; e cf. supra, p. 81, nota (*Lereno*).

As duas Arcadias, a Ulyssiponense, fundada em 1756, e a Nova, fundada em 1790, dão-nos a este respeito bons mananciais. Da primeira escreve Trigoso in *Hist. e Memor. da Acad. das Sc.*, t. vi, 2.^a parte, p. 63: «os seus alunos fingião-se Arcades, e cada hum devia escolher nome e sobrenome de Pastor, adequado a esta ficção, para ser por elle conhecido e nomeado em todos os exercicios e funções academicas». E enumera, por exemplo, estes nomes: *Elpino Nonacriense* (Cruz e Silva), um dos fundadores; *Almeno Sincero* (Manoel N. Esteves Negrão), outro dos fundadores; *Coridão Erimanteo* (Garção), *Alcino Miceno* (Quita), *Licidas Cinthio* (Manoel de Figueiredo), *Candido Lusitano* (Freire), e outros, de menor nomeada: *Melizeu Cyleno*, *Mirtilo*, *Melibeu*, etc. Á segunda Arcadia pertencia Bocage, com o nome poetico de *Elmano Sadino*, Curvo Semedo, com o de *Belmiro Transtagano*, etc. São, como se vê, anagramas (*Almeno* e *Elmano* = Manoel); nomes gregos: *Elpino* = Ἐλπίνος; *Alcino* = Ἀλκίνοος; *Melizeu*, de μελίζω «cantar»; *Licidas* = Λυκιδας; *Melibeu*, de μελιβόας «de grito ou voz agradável»; nomes etnico-geograficos (*Nonacriense*, de *Nonacris*, nome de uma cidade e montanha da propria Arcadia; *Sadino*, das margens do Sado). Nem sòmente os Arcades usavam anagramas ou nomes poeticos: Francisco Manoel, por exemplo, chamou-se *Filynto Niceno* e *Filynto Elysio*; Gonzaga chamou-se *Dirceu* (= Διρκαῖος, de Δίρκη, ponte e rio na Beocia); José Da-

niel intitulou-se, «entre os pastores do Tejo, *Josino Leiriense*» nas *Rimas*, Lisboa 1795; a Marquesa de Alorna (1750-1839) foi «conhecida entre os poetas portugueses pelo nome de *Alcipe*» (*Alcipe* ou *Alcippe* é o nome de uma pastora em Teócrito, Ἀλκιππη, e de varios personagens da Mitologia grega). Os poetas applicavam tambem semelhantes nomes ás suas namoradas: é bem conhecida a *Marilia* (Maria) do mesmo Dirceu¹.

Foi o Romantismo (1825) que acabou com a moda, o que não obstou a que ainda até meados do sec. XIX, como eco sucessivamente mais sumido da antiga escola, alguns devotos das Musas continuassem a apregoar as graças de *Márcia* (Maria) e os encantos de *Francelia* (Francisca).

3. Não só em sociedades literarias, tambem em sociedades secretas, se faz uso de pseudonimos. Tomarei para exemplo a *MAÇONARIA*, por estar muito espalhada, e ser muito conhecida.

Os irmãos, ou *maçons* (mações), no acto da inscrição, trocam o seu nome por um *nome symbolico*, que se emprega em todas as cerimonias e correspondencia official da sociedade. Ao nome verdadeiro, depois de inscrito num papel que se arquiva, chama-se, por opposição, de então em diante, *nome profano*.

Os homens escolhem, em regra, nomes historicos, preponderando os de individuos que se tornaram célebres por ideias de liberdade que defendessem ou pusessem em prática, por exemplo: *Licurgo*, *Solon*, *Roldão*, *Cavour*, *Garibaldi*, *Gambetta*; e na nossa historia: *Gil Vicente*, *Damião de Goes*, *D. João IV*, *D. Pedro IV*. Até não faltam nomes mitologicos, por exemplo, *Prometeu*, que roubou lume aos deuses, para dar vida e acção aos homens!

As senhoras escolhem com frequência nomes que figuram nos anais de Portugal, por exemplo: *Felipa de Lencastre*, *Felipa de Vilhena*, *Leonor da Fonseca Pimentel*.

A Maçonaria póde *adoptar* crianças dos dois sexos, que ficam sob a protecção da *Ordem* com o titulo generico de *Lawtens*.

4. Falta-me falar do NOME DE GUERRA, expressão internacional, que penso nos veio de França: cf. *Ensaio hist. sobre os nomes*

¹ Este nome poetico tornou-se nome proprio. Conheço uma mulher assim chamada.

proprios, trad. de Silva Vieira, Lisboa 1845, p. 212. Na origem, 1) «... nom que chaque soldat prenait autrefois en s'enrôlant; par exemple: *la Tulipe*, *Sans-Quartier*. Louis (le dauphin: fils de Louis XIV) le bien nommé, c'est Louis *le Hardi* (nom de guerre). 2) *Fig.*: sobriquet donné par plaisanterie); *Le Magnifique* étant un nom de guerre. *Prendre son nom de guerre*, changer son nom véritable, prendre un nom de fantaisie...». Vid. Littré, *Dict. de la l. fr.*, s. v. «nom», § 9. Também na *Encyclopedia Portug.* de M. Lemos, s. v. «guerra», se lê: «*nome de guerra*: pseudonymo que os mações tomam para se conhecerem nas sessões maçônicas; e (fig.) pseudonymo pelo qual alguma pessoa é mais conhecida na sociedade, já pelos seus escriptos, já por outro qualquer motivo».

A distinção entre *nome de guerra*, de um lado, e *pseudonimo* e *alcunha*, do outro, não é pois rigorosamente nitida: e assim um colaborador da *Rev. Lusit.* escreveu *ib.*, ix, 229, a respeito de Vila Real de Trás-os-Montes: «é raro encontrar uma pessoa que não tenha a sua alcunha, o seu *nome de guerra*»; e Ricardo Jorge, falando de *Riselo* e *Belardo*, que «inçam os versos bucolicos espanhois», e também aparecem em Rodrigues Lobo, disse na obra que consagrou a este autor, p. 179: «são um apelativo comum, uma especie de *nome de guerra*».

O *nome de guerra*, que tem quasi sempre aspecto um tanto fóra do comum, disfarça, no uso geral, o nome de um individuo que por qualquer circumstancia, boa ou má, se salienta na roda em que vive, desde a infima, por exemplo, ratoneiros, fadistas, mulheres de má fama, até outras mais ou menos elevadas, por exemplo, toireiros, comediantes, actores, artistas, escritores. O *nome de guerra* ou é escolhido pelo proprio individuo, por exemplo, *Mercedes Blasco* (de uma actriz), ou pelos da roda, e depois adoptado por ele com jactancia, o que principalmente acontece nas classes baixas. No primeiro caso o *nome de guerra* não é alcunha, porque não foi imposto por estranhos; no segundo também não, porque a victima o não rejeita, e pelo contrario se pavoneia d'ele.

Póde acontecer que um pseudonimo, com o tempo, se torne *nome de guerra*, por exemplo, *Beldemonio* (de um escritor), *Caïel* (de uma escritora). O pseudonimo veio a descobrir-se, e quem o usa não cessou de continuar a servir-se d'ele na respectiva roda, ao passo que na vida quotidiana se serve do nome seu proprio. Em certos casos, por exemplo, tratando-se de um toireiro ou um actor, o *nome de guerra* não se confunde até de

modo nenhum com um pseudônimo: pois, quem existe que mais se evidencie, do que uma pessoa que manobra num côrro, ou representa num palco?



A Hespanhois tenho ouvido dizer ou só *nombre de guerra*, ou *nombre de guerra y de batalla*, quasi sempre em sentido pejorativo. *Batalla* é apenas redundancia, muito do gôsto dos nossos nobres *hermanos* e vizinhos.

CAPITULO XIV

Nomes alatinados ou helenizados

Os autores que escrevem em latim traduzem tambem, é claro, nessa lingua, ou alatinam, o seu nome proprio e o sobrenome. Quanto aos apelidos, o uso permite que ou do mesmo modo se alatinem, ou se deixem intactos. Eis alguns exemplos de autores nossos do sec. xvi ao xix: *Achilles Statius*, *Hieronymus Osorius*, *Jacobus Tevius* (Diogo de Teive), *Maurus de Roboredo* (Amaro de R.), *Ludovicus Caietanus de Lima*, *Custodius Josephus Oliverius*, *Emmanuel Tellesius Silvius* (Manuel Telles da Silva, Marquês de Alegrete, que d'este modo subscreve uma das licenças dos *Epigrammata* do P.^e Antonio dos Reis, Lisboa 1730), *Emmanuel ab Annunciatione* (que assina uma das licenças da Grammatica latina do P.^e Alvares, ed. de 1744, Evora). *Paschalis Josephus Mellius Freirius* (Pascoal José de Mello Freire). A terminação *-ius* é a dos gentilicios romanos, que aqui serviram de modelo.

Julgo curioso notar que alguns curas do sec. xvi assinavam por vezes em latim os assentos paroquiais, apesar de estes estarem escritos em português: por exemplo, *Petrus Vaz*, no *Registo da Sé*, p. 50 sgs.; *Antonius Piz* (= *Piriz* ou *Pirez*), no *Registo do Castello*, p. 64 sgs. Possuo cópia de uma pastoral de um patriarca de Lisboa, de 4 de Setembro de 1798, escrita tambem em português, mas encabeçada assim: *Josephus secundus, Cardinalis Patriarcha Lisbonensis*. — Habitos nascidos da prática do latim ecclesiastico!

Diz o D.^{or} Wilhelm, p. 10 sgs., que, por influencia do humanismo, costumavam dar em Coburgo (Alemanha) os mestres do sec. xvi aos alunos nomes como: *Aegidius*, *Christophorus*, *Leonhardus*, *Petrus*. Em terras germanicas ainda hoje se conservam

nomes proprios e apelidos de character latino ou greco-latino: *Sophus Müller* e *Oscar Montelius* (= *Mont-el-ius*, de *mons*, *-ontis*), nomes de dois arqueologos escandinavicos, com o segundo dos quais tive algumas relações; *G. Kurtius*, nome de um Professor da Universidade de Leipzig. Vid. outros exemplos da Alemanha em *Bährnisch*, pp. 86-91; e cf. tambem o *Grand Dict.* de Larousse, s. v. «pseudonyme». Este costume de dar a nomes ou apelidos terminação latina no uso corrente repugnaria ao nosso ouvido, e insensivelmente os aportuguesariamos; é certo que ha jornalistas contemporaneos que subscvem artigos com *Lusitanicus*, *Nemo*, etc.; mas isto são propriamente pseudonimos (vid. cap. xiii, § 1).

Outro costume de outr'ora consistia em traduzir em grego ou latim, e adoptá-los em obras, nomes proprios que fôsem iguais ou parecidos a palavras usuais da lingua nacional. Aqui dou dois exemplos: *Melanchton*, nome de um teologo alemão do sec. xvi, e já várias vezes citado pelos autores a este proposito, formou-se de duas palavras gregas, que significam «terra negra», porque o nome verdadeiro era *Schwartzerd* = *schwarzē Erde*, frase que possui aquella significação: vid. *Nouveau Dicc. hist.*, t. vi (1789), p. 147. O falecido latinista Wölflin, em cartas que me escreveu em latim, assinava graciosamente *Lupinus*, porque o seu nome em alemão quer dizer «lôbo pequeno». Em Portugal parece-me não haver muitos exemplos d'este costume. A p. 409 mencionei *Pyrrus Lusitanus*, escritor judaico-português do sec. xvi. Agora mencionarei outro escritor da mesma estirpe, o médico João Rodrigues de Castel-Branco, o qual traduziu por *Amatus* o seu apelido hebreu *Habib*, que possui aquella significação: cf. Ricardo Jorge, *Comentos a Amato Lusitano*, Porto 1916, p. 27, e Schwarz, *Os Cristãos Novos em Portugal*, p. 14. Um terceiro escritor judaico-português, Tomás Pinheiro, de Trancoso, grande helenista, fez corresponder ao apelido a palavra latina *pinetum*, a que deu a fôrma portuguesa *Pinedo*, vindo o nome a ficar em latim inesperadamente *Thómas de Pinedo* (no genetivo *Thómae de Pinedo*). Os dois ultimos autores pertencem ao sec. xvii.—Na doutrina que se está expondo, não se toma em conta a tendencia que os nossos rapazes, quando começam a estudar linguas, têm para verter nelas os seus nomes, por exemplo, *Cuniculus* por «Coelho».

Relaciona-se com o que fica dito o *praenomen Lucius*, que André de Rêsende, seguindo práticas da antiguidade classica, a que o seu espirito estava habituado, antepunha ao nome: isto é, *L. Andreas Resendius*. Houve dúvidas se «L» significava «Licen-

ciado» ou *Lucius*, mas a S.^{ra} D. Carolina Michaëlis, que discutiu sempre os problemas literarios e linguisticos com farta e solida erudição, mostrou no *AHP*, III, 161 sgs., contra A. F. Barata, *ibidem*, p. 43 sgs., que «L» não podia significar senão *Lucius*, e juntou a p. 165, nota 19, exemplos peninsulares, paralelos a este. O que Barata respondeu, azedamente, num folheto intitulado «*André de Resende, Lucio?*», Evora 1905, não invalida a doutrina sustentada pela grande Mestra. Cf. também da mesma Senhora *Lucius Andreas Resendius inventor da palavra «Lusiadas»*, Coimbra 1905, separata d'*O Instituto*, vol. LI.

CAPITULO XV

Nome vocatorio

Por *vocatorio* entendo o *nome* pelo qual trivialmente se costuma chamar e designar uma pessoa. *Nome vocatorio* corresponde, neste caso, ao *Rufname* ou *Rufnamen* dos Alemães¹.

Umaz vezes serve de nome vocatorio o nome individual, por exemplo, *Luis*. Assim acontece de pais para filhos, entre irmãos, entre primos, e entre estranhos, quando ha muita intimidade. O romancista Camilo Castelo Branco é também designado simplesmente por *Camilo*, em virtude da sua grande fama literaria.

Outras vezes usa-se o nome proprio e o sobrenome: *José Agostinho*, por *José Agostinho de Macedo*.

Ou só o sobrenome, quando pouco vulgar: *Epiphanio*, por *Augusto Epiphanio da Silva Dias*. Ou só o apelido: *Camões*.

¹ Como illustração do assunto transcrevo aqui a seguinte noticia que um Alemão, o S.^{or} Moldenhauer, estudante de Filologia, me deu: «In der Taufe werden mehrere Vornamen gegeben, 2 bis 4 in der Regel, nach Verwandten oder Bekannten oder grossen Männern, die als Vorbild dienen sollen. So ist, z. B. der Vorname *Otto* sehr häufig nach *Otto von Bismarck*, *Wilhelm* und *Friedrich* nach den Kaisern, *Siegfried*, neuerdings u. s. w. Auf dem Standesamt erklärt der Vater welcher Vorname als Rufname dienen soll, gewöhnlich der zu letzt gesetzte, z. B. Martin August Gerhard Moldenhauer. *Gerhard* ist mein Rufname—nach dem Liederdichter Paul Gerhardt, August hiess mein Grossvater, Martin der erste meines Geschlechts, der Geistlicher wurde, was ich werden sollte».

Ou o nome proprio, seguido do primeiro ou de outro apelido: *Francisco de Sá*, por *Francisco de Sá de Miranda* (assim diziam os nossos antigos); *Manuel Ramos*, por *Manuel Maria de Oliveira Ramos*, Professor da Faculdade de Letras de Lisboa.

Ou o último apelido, sobretudo se o nome é grande: *Garrett*.

Ou os dois ultimos: *Pinho Leal*, autor do *Portugal antigo e moderno*. Ou os apelidos todos: *Sá de Meneses*, *Gama Barros* (sem o nome proprio), se eles são em pequeno número.

As mulheres chamam-se e designam-se em regra pelo nome proprio ou pelo sobrenome, às vezes por um e por outro: *Ana*, por *Ana de tal*; *Conceição*, por *Luisa da Conceição*; *Maria Luisa*, por *Maria Luisa de tal*.

Todos os usos que ficam indicados, tanto se observam falando em terceira pessoa, como em segunda (vocativo): ó *Francisco*, ó *Maria*, ó *Pereira*, ó *Silva Dias*. Falando em terceira pessoa, é muito usual empregar-se familiarmente uma alcunha. Vid. o que se disse na INTRODUÇÃO, p. 9 sgs., e no Liv. I, pt. III, p. 180.

O nome vocatorio, pois que se usa por comodidade, não pôde constar de mais de duas partes: ninguém dirá o *Fontes Pereira de Melo*.

Mencionam-se correntemente os titulares, proferindo o titulo precedido do artigo: o *Margaride* (= o Conde de Margaride); o *Montedôr* (= o Visconde de Montedôr); os *Braganças*. E tratando com eles, diremos ó *S.^{or} Conde*, ou ó *Conde*, conforme o grau de intimidade. Do mesmo modo: *S.^{or} Conego*, *S.^{or} General*. Em terceira pessoa: o *Cardial Neto*, o *Conego Fulano*.

Aos nomes das pessoas a quem ou de quem se fala sem intimidade junta-se *Senhor* ou *Senhora*, que se abreviam na escrita em *S.^{or}* e *S.^a* ou *S.^{ra}*, e que são transformações do latim *senior*. Ambas aquelas palavras experimentam na linguagem vulgar outras transformações: *Sór*, *Nhora*, etc., como já noutros escritos tenho dito. Com *Senhor* e *Senhora* concorre *Tio* e *Tia*, no falar do povo: *Tio* ou *Ti' Manuel*, *Tia* ou *Ti' Francisca*; e bem assim *Mano* e *Mana*. Vid. sobre isto os meus *Opusc.*, I, 460-463¹.

¹ Ocupei-me aí de modos de «tratamento familiar». Às expressões, que reuni, podia juntar outras: *patrão* (ó *patrão!*), *patrãozinho*, *mulher*, *mulherzinha*, ó *santinha*, ó *compadre*, ó *comadre* (ainda que o interlocutor não o seja), ó *coiso!* ó *rapaz*, ó *pequeno*, ó *menino!* ó *mestre!* (ainda que o interlocutor não seja artifice).

Quando falamos a uma pessoa de respeito podemos empregar só o nome proprio, ou só o sobrenome, se estes são pouco vulgares: *S.^{or} Saturnino*, *S.^{or} Mont'Alverne*; no caso contrário temos de lhe juntar um apelido, ou proferir só este. Cf. supra, p. 444.

Do emprêgo de *Dom*, *Dona*, *Frei*, *Padre*, etc., falou-se já acima, na INTRODUÇÃO, pp. 78-79. E dos dois primeiros tornará a falar-se adiante, no APENDICE.

Acêrca do modo de nomear as crianças, vid. o cap. 1 d'este Liv. II; e de perifrases como *Maria do Bernardo* e *José*, ou *Zé*, *da Estrada*, vid. supra, p. 135 (Sobrenomes) e p. 162 (Apelidos).



Ouvi contar que depois da implantação das novas ideias politicas, um individuo, por opposição aos nomes que as filhas haviam recebido no batismo, lhes chamava em casa: *Crocódoa* (por *cor-códea*, nome que em algumas terras dão á *casca séca* do caule dos pinheiros); *Maçã*; *Péra*. Manifestamente queria significar com isto, que os nomes do Calendario tinham o mesmo valor que as palavras da lingua comum.

LIVRO III

VICISSITUDES GRAMATICAIS DO NOME

Conquanto, fundamentalmente considerada, a gramatica dos nomes de pessoas não difira da da lingua comum, existem nela fenomenos que se manifestam com maior intensidade que algures, e o conjunto apresenta certa fisionomia propria: o que tudo obriga a consagrar ao assunto um livro especial na presente obra, como se disse na INTRODUÇÃO, p. 21. Já nos dois anteriores livros se trataram alguns pontos gramaticais ou se aludiu a outros: aquilo que foi suficientemente tratado, por exemplo, o genetivo patronimico, a sintaxe dos apelidos geograficos e das alcunhas, a fonetica dos nomes hipocoristicos, várias minucias da nomenclatura dos escravos, e dos Judeus, não se repetirá, apenas se lhe farão referencias; só o que estava disperso se metodizará agora.

Não deixarão talvez de despertar alguma curiosidade no leitor as considerações que também se lêem em Bluteau, *Nomes proprios*, pp. 15-17, a respeito da gramatica dos nomes de pessoas, — descontando, já se entende, inexactidões inevitaveis no tempo em que esse autor escreveu.

PARTE I

Fonologia

CAPITULO I

Alterações foneticas dos nomes, causadoras de multiplicitade de fórmãs d'estes

A.—NOMES EM PRÓCLISE

Na ligação de duas ou mais palavras que formam certa unidade de sentido acontece subordinar-se uma d'elas ao acento tonico da outra, e modificar-se por isso no seu acento proprio ou na sua constituição fonetica (sincope, apocope, etc.). Em regra a subordinação dá-se quando a palavra que se subordina é pouco encor-

pada, ou tem significação vaga, ou é menos importante que a outra, ou, por causa da posição d'esta, fica menos sensível ao ouvido. Por exemplo: *nanja*, *adéi* (Minho: d'aí, depois); *s'te perderem*, *d'esta*, *tão bom*, *Castel-Branco*, *D. Pedro*, *S. Tomé*, *má'raios te partam!* (= maus raios, etc.: praga), *má'cabelo* (mau, etc.: numa perlenga), *más olhos* (maus olhos, Baião), *ensai'* *de prata* (ensaio, sec. xvi, *AHP*, II, 411), *Rimau*, lugar (de *rio mau*), *Ri' Maior* (Rio Maior: pronúncia popular), *Pai' Mendes*, sítio (Paio M.), *mancheia* (= mão cheia), *o bel pastor* (nas *Linhagens*, pp. 171 e 364), *Monfurado* (= Monte furado), *Mombeja* (= monte do Beja, isto é, de um individuo de apelido *Beja*), *Bualdeia* (= Boa aldeia), *Monsul* (= M. do Sul), *Ponsul* (P. do Sul), *Pro Gordo* (= Pero Gordo, sítio), *'ma figa* (= uma figa, Fundão), *maluta* (= uma luta; «uma maluta», Beira), *Trësminas* (= Tres minas). — Quando se diz *sã* ou *são*, por *santo*, a ligação com o nome seguinte é tal, que se perde a noção do valor do adjectivo, considerando-se tudo como um só nome, e chega a dizer-se em galego: *Santo San-Bras de Adriano*, no *Bolet. de la Acad. Gallega*, n.º 71, p. 276. Antes de um nome começado por *T-*, póde manter-se *santo*: por exemplo, *Santo Thomé*, sec. xiv, *Leges*, p. 415.

Este phenomeno de fonetica sintatica chama-se *clise*: se a modificação está na segunda palavra, o phenomeno toma o nome de *énclise*; se está na primeira, toma o nome de *próclise*. Num caso como *está'quécido*, em linguagem descuidada, por *está aquécido*, a vogal inicial da segunda palavra foi absorvida pela vogal tónica da primeira. Às vezes realisa-se perfeita *aglutinação*, como em *decinco* (moeda; *tantos decincos*: vid. *Da Numismatica em Portugal*, p. 43, nota 1), ou *deglutinação*, como em *almatica* (arcaico) por *dalmatica*, onde o *d* foi tido por preposição, e se separou.

Estudando a antroponimia, encontramos cousas semelhantes: nomes que se alteram e se desfiguram junto de outros. Sobretudo estão sujeitos a isto os nomes de baptismo: e na lingua antiga encontramos muitos assim alterados antes de patronimicos.

1. Quando a um nome acabado em vogal se seguir um nome tambem começado por vogal, a primeira póde cair, ou fundir-se com a seguinte: *Pedr' Afonso*, *Linhagens*, p. 207; *Reimond' Annes*, *ib.*, p. 156; *Aldonçafonso* = *Aldonça Afonso* e *Mariafonso* = *Maria Afonso*, p. 389; *Perestaço* = *Per' Estaço*, *Dominguenes* = *Domingu' Enes*; vid. *Lic. de Filol.*, 2.ª ed., p. 176, nota. A par com aquella orthografia deparam-se-nos: *Francisque Anes* = Francis-

qu' Eanes (na origem), *Gonçale Anes* = *Gonçal' Eanes* (na origem), ambos os exemplos de 1377, no *AP*, ix, 189; *Fernandeannes* = *Fernand' Eannes* (na origem), *Linhagens*, p. 163, *Lourenceanes* = *Lourenç' Eannes* (na origem), *Linhagens*, p. 170. Grafias como *Francisque Anes* e as restantes, além de outras muitas que colhi nas *Linhagens*, representam, como julgo, pronúncia já então antiquada, pois parece que a fôrma normal das *Linhagens* é *Anes* ou *Annes*, e não *Eanes*: Pero *Annes*, p. 154; Vasco *Annes*, p. 156; Martim *Anes*, p. 292, etc.

2. Quando a um nome acabado em vogal se segue outro começado por consoante, acontece o seguinte.

a) Se a terminação do primeiro é *-ro* e *-lo*, o *o* cai também como no § 1, porque o *r* e o *l* formam sílaba para trás:

Alvar' Dias, *Linhagens*, pp. 144, 194 e 196, a par de *Alvaro Dias*, p. 145; *Alvar' Perez de Crasto*, *Linhagens*, p. 198; de *Alvaro*.

Per' de Ponte, nas *Inquirições* de Afonso III, p. 344.

Ramyr' Dias, *Linhagens*, p. 147: de *Ramiro*.

Tel' Pires, *Linhagens*, p. 156; *Tel' Garcia*, *Linhagens*, p. 157;

Tell' Pires, *Linhagens*, p. 277: de *Tello* ou *Telo*.

b) Se a terminação do nome é *-rre*, temos:

D. Guter' Soares, *Linhagens*, pp. 152 e 157, ou *Soares*, p. 194: de *Gutere* ou *Gotere* (*Linhagens*, p. 146), por *Gutierre*, ou *Goterre*.

c) Se a terminação do nome é *-ldo*, *-rdo*, *-ndo*, temos:

Giral' Gonçalves, *Linhagens*, p. 156, mais de uma vez (variante: *Giraldo*); *Giral Stevez*, sec. xiv, *Docs. do Souto*, p. 38: de *Giraldo* (vid. supra, p. 41).

Pedro Bernal' de S. Fagundo (variante: *Bernaldo*), *Linhagens*, p. 156; *Bernal' Martins*, sec. xiv, *AP*, xviii, 177; *Bernal Francés*, título de um romance popular. De *Bernaldo* (*Bernardo*: vid. supra, p. 55).

Fernão Gonçalves, *Linhagens*, p. 144; *Fernam Pelingryn*, *Linhagens*, p. 163 (cf. p. 194): de *Pelegrino* (*Peregrino*). Acêrca de *Fernão*, vid. também *Opusc.*, iii, 100-101.

Mem Rodrigues, *Linhagens*, p. 153; *D. Meem Viegas*, *Linhagens*, p. 144; *Meem Garcia*, p. 194; nos *Lusiadas*, iv, 24, *Mem Rodrigues de Vasconcellos*, viii, 20, *Mem Moniz*. Depois generalizado a todos os casos, isto é, antes de nomes começados por vogal; já *Mem Ayres*, nas *Linhagens*, p. 169, a par de *Mend' Ayres*. De *Mendo*, *Meendo* (vid. supra, p. 50).

Reimão Paes, que teve uma filha chamada *Dordia Reimondo*, nas *Linhagens*, p. 154; *Reimão* Viegas, *Linhagens*, p. 155; independentemente: bispo dom *Reymom*, de Coynbra, *Linhagens*, p. 207: de *Reymondo* (por exemplo, Soer' *Reymondo*, nas *Linhagens*, p. 207), vid. supra, p. 51. — Assim se explica também *Durão*: vid. supra, p. 44, etc.

Nas formas em *-l* e *-r*, por *-ld'*, *-rd'*, caiu o *-d*, porque tais grupos não podem terminar silabas; nas formas acabadas em nasal houve primeiro *-nd*: o *d* caiu como nos casos anteriores, e o *n* transformou-se em ressonância nasal.

d) Se a terminação do nome é *-nne*, o *e* cai, e os *nn* tornam-se *n*, que desaparece, nasalando a vogal precedente:

João Soares, *João* Lopes, *João* Pires, nas *Linhagens*, p. 154; *João* Martins, p. 156, *João* Gracia, p. 157, *João* Rodrigues, p. 161, a par de *João* Affonso, p. 157. Depois *João* tornou-se independente, empregando-se em todos os casos. — Vid. também *Opusculos*, III, 57-59. — *Joanne Annes*, p. 154, póde considerar-se assim mesmo, ou que está por *Joann' Eanes* (§ 1).

e) Se a terminação do nome é *-ino*, o *-o* cai também, e o *n* desaparece, nasalando a vogal precedente:

Agostim Caldeira, sec. XVI, *AHP*, III, 137: de **Agostino* (Agostinho), cf. supra, p. 59. No fem. *Agostinha*.

Bernardim Machado, século XVI, *AHP*, II, 147; *Bernaldim* Ribeiro, poeta bem conhecido: de *Bernardino* (*Bernardinho). No fem. *Bernardina*, forma moderna.

Crispim: vid. p. 343. Tornado independente,

Gualdim ou *Galdim*: de *Gualdino* ou *Galdino*. Vid. todas estas formas no *Onom.*, de Cortesão.

Martim Perez, *Linhagens*, p. 199: de **Martino* (Martinho). Em galego: *Don Martino* (= Martiño), mas *Martin* Perez: em M. Salazar, pp. 44 e 46. — *Martim* tornou-se independente muito cedo, usando-se pois também antes de vogal: *Martim* Annes, nas *Linhagens*, p. 148. Cf. *Opusculos*, III, 193, e o que diz Bluteau, *Nomes proprios*, p. 37: «*Martinho*: usa-se *Martim* principalmente quando não tem *Dom*, e se segue vogal, como *Martim Affonso*; porém quando se diz o nome sem apelido, he só *Martinho*, ou o do Santo». Contudo lê-se *Martinhanes* = *Martinh' Anes* no foral de Refojos, sec. XVI, e no de Gaia, do mesmo século (edição de 1823: «*Martinhanes*, da casa e vinha trezentos reaaes»), se é

que não temos aí *Martim Anes* com intercalação de *-nh-*, como é proprio do Minho: cf. *Opusculos*, II, 210, § 82.—No fem. *Martinha*.

Pelingrim, tornado independente: vid. supra, s. v. «Fernão».

Severim. Hoje não conheço esta palavra senão como apelido: já no sec. XVII «Manoel *Severim* de Faria». Na origem deveria ter-se empregado sómente antes de consoante; antes de vogal **Severino*. As fórmãs *Severino* e *Severina* que na actualidade se usam, são recentes, e tiradas directamente do latim.

Valentim: de *Valentino*. Vid. p. 62.

Vermoim: *D. Vermuim* Paes, *Linhagens*, p. 143; *D. Vermoim* Soares, *Linhagens*, p. 173. Em galego, sec. XIII, *Virmun* Perez: M. Salazar, p. 35. Vid. supra, p. 51. Antes de consoante, e em pausa, deve primitivamente ter-se dito **Vermoino*, fórmula representada nas *Inquirições*, de 1258, por *erdade de Vermoino*, isto é, *Vermoio* (nome proprio de homem, aqui tornado nome de sítio). Hoje não se usa senão na toponímia.—Vid. supra, p. 51.

3. Nomes acabados em *-io* e *-ia*.

Nos nomes em *-io*, onde o *i* é atono, temos de distinguir os casos em que antes do *i* ha vogal ou ha consoante. De *ia* só posso produzir um exemplo, e nesse o *i* está acentuado.

a) *Payo* (= *Paio*) antes de vogal e antes de consoante. *Pay'* Romeu, *Linhagens*, p. 153; *Pay'* Aires, p. 157; *Paay'* Rodrigues, *Linhagens*, p. 199; *Pay'* Raymundo, *Linhagens*, p. 143, a par de *Payo* Soares, *ib.*, p. 144. Em galego, sec. XIII: *Pelay* Fernandez, em M. Salazar, p. 28; *Pay* Johanes (?), *ib.*, p. 35; *Pay* Uermúez, *ib.*, p. 36.

b) *Gervás*, por *Gervasio* (cf. p. 69, supra): *Gervas* Giraldez, 1413, *Docs. do Souto*, p. 150. Antes de vogal, na origem, seria **Gervasi'*.—Cf. supra, p. 110.

Huer' Nunes, pai de Fernam *Hueris*, *Linhagens*, p. 161; *Oer* Gueda, *Linhagens*, p. 174: de **Huerio* < *Huario*, em *Huario test(is)*, sec. XI, *DC*, p. 178, evidentemente nome germanico, e deve ser o mesmo nome que *Uario test(is)*, sec. XI, *DC*, p. 371: de *Odarius*, M.-L. II, 18.—Antes de vogal, na origem, dir-se-hia **Hueri'*.

Suer' Guedes, *Linhagens*, p. 143; *Soer* Tellez, *Linhagens*, p. 277; *Soar'* Reimundo, *Linhagens*, p. 322, mais de uma vez; *Suer'* Mendes, *Linhagens*, algures; *Suer'* Johanes, em galego, em M. Salazar, p. 36, de **Suerio* (cf. *D. Soeiro* Telles, *Linhagens*,

p. 157) < *Suario*, supra, p. 40. — Antes de vogal, na primitiva, seria **Sueri*'.

c) *Antão*, arc. *Anton*: de *Antonio*, por **Antoni*': cf. supra, p. 59. Em galego também *Antón*: em Saco, p. 235, e no *Canc. gallego* de Ballesteros, II, 126 (Ai! *Antón*, *Antón*). A propósito de *Antom* cita Bluteau, *Nomes*, p. 16, uma antiga quadra que começa por «Aqui jaz Simon *Anton*», a qual me parece fôra já publicada antes por Faria y Sousa.

d) *Maria*:

Antes de vogal: *D. Marianes*, filha de João Viegas, *Linhagens*, p. 164; isto é: *Mari' Anes*, como na secção A.

Antes de consoante: numa vila da Beira-Alta conheci uma mulher a quem o povo chamava *Mar do Crasto*, por *Maria do Crasto*, e em Coimbra outra, *Mar do Carmo*, por *Maria do Carmo*: em ambos os exemplos a forma anterior de *Maria* foi *Mari*, como no exemplo precedente. Pertencem aqui também: *Mar' da Luz*, e *Mar' Santana*, em Raul Brandão, *Os Pescadores*, p. 234; e *Mari-Clara*, Alentejo, em Pires in *RL*, x, 95.

4. Casos especiais:

Afon, por *Afonso*, forma muito frequente em galego, tanto depois de outra palavra, isto é, em pausa, como antes, por exemplo, num doc. de 1382: Fernan *Afon* e *Afon* Yanes; num de 1397: Pero *Afon*. Vid. Vaamonde Lores, *Ferrol y Puente deume*, Coruña, 1909, pp. 75 e 82. Também nas *Linhagens*; vid. supra, p. 47. Num documento português de 1442, no *AP*, xv, II, encontro igualmente *Lopafon* = *Lop' Afom*, Secretario de El-rei. Parece-me que *Afon* se explica bem por próclise, tornando-se depois independente. Cf. já também Diego, *Gramat. hist. gallega*, p. 13. A próclise podia acaso ter nascido antes de nomes começados por *So-*, por exemplo, em *Afonso Soeiro*, d'onde, por haplogia, *Afonsoeiro*, forma citada, a outro propósito, por J. J. Nunes, in *Bolet. da Acad. das Sc.*, t. XIII, p. 1266; em *Afonsoeiro* via-se falsamente *Afon-Soeiro*.

André-Fonso, por André Afonso, sec. XVI, no *AHP*, II, 245. No mesmo documento porém, fôra de próclise: Joanna *Affonso*, Martins *Affonso*.

Natresa por *Ana Teresa*, no Alentejo: vid. A. Thomás Pires, in *RL*, x, 97.

S' Toino, por *Senhor Antonio* (Cadaval).

Pero, de *Pedro*: vid. *Opusc.*, III, 50-54.

Rui ou *Ruy*, e *Roy*. — Em expressões como *Rodrigo Froiax*, sec. x, DC, p. 15, o nome *Rodrigo* (cf. supra, p. 30) transformou-se, no meu entender, em **Rodigo* (por dissimilação) > **Roigo* ou **Rodio* > **Roio* (cf. *Roiç* e *Ruiç* em Cortesão) > **Roi* = **Rui* > *Rúi* (cf. *moinho* > *múinho*, na linguagem minhota, e *Tuí* a par de *Túy*). — Menéndez Pidal, *Mio Cid*, I, 170, ocupa-se também d'esta forma, a proposito do Cid *Ruy* Diaz; vid. igualmente M.-L., II, II (Kurzformen: *Ruy Ruiç*). — As formas *Ruy* e *Roy* alternam com frequência nas *Linhagens*: *Ruy* Gomes, filho de *Rodrigo* Abreu, p. 146; a Fulano «puserom de nome *Rodrigo* e por sobre-nome *Ruy* Capom», isto é, por alcunha *Capom*; *Roy* Martins, p. 207. Em galego é muito frequente *Roy*: vid. M. Salazar, pp. 28 e 35, e *passim*. Também em hespanhol ha *Roy*: vid. Pidal, *ob. cit.*, II, 575, e *Roic*: eundem, *Origines del españ.*, p. 211. — Vê-se que a forma *Roy-Ruy* é comum hispanica (em português-galego de um lado, castelhano-leonês do outro). Cf. também *Textos arcaicos*, 3.^a ed., pp. 307-308.

Tarugo por *Victor Hugo*, nome de um «garoto» da provincia: vid. *O Mundo*, de 19 de Julho de 1922.

Zantono e *Zentónio* por *José Antonio* (Paços de Ferreira).



Póde paralelamente aqui falar-se de fenomenos de aglutinação e deglutinação, a que acima se fez referencia.

Temos, por exemplo, um caso de aglutinação no apelido *Dantas*, que está por *d'Antas*: vid. *Liç. de Filol.*, 2. ed., pp. 252-253.

Oposta à aglutinação, mas menos racional, é a deglutinação, de que temos exemplos, em:

Afon: vid. p. 452 (se é justa a minha explicação);

Dà Mesquita = *dá, Mesquita* (numa lenda), por *da Amesquita*: vid. as citadas *Lições*, pp. 261-262;

Ornelas de *d'Ornelas*; vid. supra, pt. II (Apelidos de origem geografica), p. 170, nota 49;

Tiago: vid. também supra, p. 75.

B. — NOMES HIPOCORISTICOS

Na linguagem infantil e na das pessoas que lidam com crianças ouvem-se muitas vezes nomes como *Quim*, *Lulú*, que da parte d'estas representam insuficiencia de pronúncia, e da d'aquelas re-presentam affecto.

Os Alemães chamam a tais nomes: *Koseformen*, *Kosewörter*, *Kosenamen*, isto é, fôrmas, palavras, nomes de carinho. M.-L., *Einführung*, 3.^a ed., §§ 258–259, distingue nas *Koseformen* dois grupos: *Lallformen* «fôrmas que se balbuciam», e *Kurzformen* «fôrmas resultantes de encurtamento ou mutilação», — ainda que acrescenta que não é sempre possível distinguir um grupo do outro. Kleinpaul, pp. 79–82, divide as *Koseformen* em *Kurzformen* e *Verkleinerungen* (deminutivos), subdividindo os deminutivos em: perifrasticos, por exemplo, o nome do autor, *Kleinpaul*, á letra «Paulo pequeno» (*kleiner Paul*), e deminutivos formados com sufixo. No seu dizer, nem todas as *Koseformen* são deminutivos; mas todos os deminutivos são ao mesmo tempo *Koseformen*. — Adiante haverá ocasião de se voltar a falar da relação que existe entre *Kosenamen* e deminutivos.

Apesar d'esta variedade de expressões germanicas, talvez se deva aos proprios Alemães o ter-se introduzido na Filologia uma palavra de origem grega para as traduzir em romance. Refiro-me a *hipocoristico*, que tem a mesma significação: pelo menos vejo que já em 1868 o D.^{or} Franz Stark, no seu livro *Die Kosenamen der Germanen*, pôs em paralelo, a p. 10, *Kosenamen* com o grego ὀνόματα ὑποκοριστικά. O adjectivo ὑποκοριστικός significa, em acepção propria, «afagador», e liga-se com ὑποκόρισμα «petit nom caressant, terme de tendresse» (Bailly) e com o verbo ὑποκορίζω «parler d'une manière enfantine, amuser un enfant en imitant son langage, en le caressant» (idem); como termo de gramatica significa substantivamente «deminutivo»: τὸ ὑποκοριστικόν, isto é, ὄνομα ὑποκοριστικόν. Do grego passou para o latim *hypocorisma*, -atis (como expressão gramatical) = *deminutivum*, e *hypocoristicos* (adverbio) = ὑποκοριστικῶς = *per deminutivum*: vid. Georges.

Pelo que toca a Portugal, foi o S.^{or} Adolfo Coelho, creio eu, quem primeiro adoptou a palavra *hipocoristico*, em 1881, num trabalho respeitante a crioulos, que logo mencionarei; contudo Ramiz Galvão não a incluiu ainda no seu *Vocabulario das palavras portuguezas derivadas da lingua grega*, publicado no Rio de Janeiro em 1909.

A nossa lingua abunda de hipocoristicos. Ha-os de duas especies: hipocoristicos correspondentes a um só nome, ou nome simples, como nos exemplos citados; e correspondentes a dois, isto é, a um nome duplo (ou a simples nome & sobrenome), por exemplo, *Milota*, que reúne os hipocoristicos de *Maria* e *Carlota*.

Vou dar listas de ambas as especies. Formei-as com grande cuidado, e até de alguns nomes indicarei as terras em que se usam.

Podia formar uma terceira lista, ou fazer um aditamento, com os hipocorísticos internacionais: como porém são poucos, vão dispersos na primeira lista.

α—HIPOCORISTICOS CORRESPONDENTES A NOMES SIMPLES

Abel: *Bêlito* diminutivamente.

Adalgisa. Tornou-se violentamente *Lili*, mas é forma usada em Lisboa, onde até a vi num bilhete assinado d'esse modo por uma senhora chamada *Adalgisa*.—A palavra é de origem germanica: cf. *Adel*, em *Adelaide*, p. 71, e *Gisa* em Förstemann, col. 644 (e *Giso* em Schönfield, p. 110), e foi introduzida muito recentemente.

Adalzira. Ouvi falar de uma criança brasileira d'este nome, que o mudava em *Zira*.—O primeiro elemento de *Adalzira* é o mesmo que se encontra em *Adelaide* (vid. p. 71); o segundo deve também ser germanico, e talvez correspondente ao alto-alemão ant. *ziari*, medio-alemão *zire*: «ornado», «ornamento», «belo» (vid. Schade). Quanto a *-zira*, cf. *Alzira*.

Adelaide: *Lailai* (Lisboa), *Alai* (ibidem), *Lâlá* (passim), *Laide* (Lisboa). Consta-me que no Alcaide se diz *Lâlála*.

Adellna: *Lina*.

Adolfo: *Fofó* (Lisboa), com redôbro da sílaba final.

Agostinho. Em Lisboa *Tutu* (propriamente redôbro da sílaba final de *Augusto* = *augustu*).

Aida: *Dida*. Por **Aida*, como uma especie de redôbro.—Originariamente nome de uma opera de Verdi, criado por ele, segundo se crê.

Aidé: *Dêdê* (Lisboa).—O autor do *Ementario* diz que encontrou *Aidé* na literatura (isto é, no *Conde de Monte-Cristo*, de A. Dumas).

Albertina: *Tina*; e *Tininha*, de *Albertininha*.

Alberto: *Beto*, *Betecas* (graciosamente), *Bêtinho* (mais affectuosamente). Também se diz *Bé*.

Albino. Em Lisboa *Bi*, e com redôbro *Bibi*.—Do cognome latino *Albinus*, tornado nome de santo. O cognome *Albinus* deriva de outro cognome, *Albus*, tomado da lingua comum, «alvo», «branco».

Alcides: *Cici*, Coimbra. Caso avulso, pois que *Alcides* não é vulgar: origem greco-latina, sinonimo de *Hercules*, nome de um heroi descendente de *Alceu*.

Alda: *Lálá*. Por **Lada*: cf. *Olga*.

Alexandra: *Xan-Xan*.

Alexandre: *Xana* (com terminação feminina), e deminutivamente: *Xaneco* e *Xanica*; *Doca* e *Xandinho*, no Brasil.

Alexandrina: *Xandoca*. Fôrma intermedia teorica **Lixandoca*, pois que Alexandre se diz vulgarmente *Lixandre* e se trocou o sufixo *-ina* por *-oca*, mais familiar; cf. *beijoca*, *feijoca*, *pernocas*. O grupo *dr* reduz-se a *d* em linguagem infantil: cf. *Opusc.*, I, 159.—*Alexandrina* e *Alexandrino* (vid. infra) derivam de *Alexandre*. Cf. adiante, Liv. III, pt. III.

Alexandrino: *Jino*, talvez com a fôrma intermedia teorica **Xino*.—Vid. o nome precedente.

Alfredo: *Fêfê*.

Alice: *Lili*.

Almira: *Mirinha*.—Feminino de *Almiro*, que vem no *Ementario*: talvez do germanico *Altmir* (Förstemann, col. 62).

Alzira: *Zirita*, fôrma intermedia **Zira*, que talvez se use. Tambem podia admitir-se primeiro *Alzirita*, e d'aqui proviria o hipocoristico.—Cf. *Adalzirita*.

Amabilia: *Bibi*.—Do cognome latino *Amabilis* ter-se-ia feito **Amabilius*, -a? Mas cf. *Mabilia*, a p. 92.

Ambrosio. Em Melgaço transforma-se esta palavra em *Amó* e *Mó*, e havia lá em 1925 um individuo de mais de 20 anos a quem chamavam d'aquela primeiro modo. Fôrma intermedia teorica **Ambó*, com assimilação do *b* á nasal, como na linguagem popular em *amos de dois*, *tamem*, etc.

Amelia. *Lia* no *Retalho do mundo*, romance de D. Maria Peregrina de Sousa, Porto 1859, p. 124 (segunda metade do nome acentuada). Algures *Mémé*. Em Lisboa diz-se *Lili*, *Lêla* e *Bé*; no Peral (Cadaval) *Mêlita*. No Algarve *Lela*; no Brasil *Muloca*, com o sufixo *-oca* e mudança de *e* em *u* por influencia do *m*. Tambem no Brasil *Nênê* (se não foi equivoco de quem me informou). Considerarei *Mêlita* fôrma hipocoristica, porque o povo não diz *Mêlia*. Em *Bé* temos *B* por *M*, como em *Bia*. Vid. «Maria».

Americo. Algures *Mémé*.

Ana: *Naná*, e com sufixos deminutivos: *Nanucha* (Lisboa), *Nanita*, *Naninha*, *Nini*, de *Anica* ou *Aninhas*. No Brasil deminutivamente: *Anôca*.

Anacleto. D'este nome parece ter-se feito em epoca muito antiga *Cleto*, que se tornou nome independente e de santo (sec. i). Também em italiano ha *Cleto*. Temos pois aqui um hipocorístico internacional. Todavia é certo que, por exemplo, em Mangualde ha um *Anacleto*, a quem o povo chama *Cleto*; e das pessoas da familia, conforme os sexos, diz: *os Cletos, as Cletas*.—Cf. a lista da secção C, adiante.

Angelica: *Gêjé* (Extremoz); *Geca, Gelinha e Giji*.—Feminino de *Angelico*, derivado de *Angelo*; mas já em latim corrente: *angelicus*, 3.

Anjos (como sobrenome, por exemplo, *Maria dos Anjos*): *Janja*, com adaptação do genero.

Antonia. No *Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queiroz, 1880, p. 412, fala-se de uma rapariga cujo nome era *Antonia*, e a quem o pai chamava *Tôtô*. Em Lisboa: *Tõninha*. Algures *Néné*, talvez de *Antoneca*.

Antonietta. Em Lisboa: *Nêta*, não se tendo feito caso do *i*.—Esta palavra foi tomada do fr. *Antoinette*, por exemplo, em *Marie-Antoinette*, mulher de Luís XVI, a qual expirou, como ele, no cadafalso, por ocasião da Revolução.

Antonio. Como é nome muito vulgar, tem tambem muitas fórmulas hipocorísticas.

1) Com aferese: *Tone* (Minho: *Opusc.*, II, 66), *Tóni* (Bragança) mas *Toni* (Lisboa), talvez de *Antoninho*; *Tonio*, passim, fórmula tambem empregada num romance de Aquilino Ribeiro: *Estrada de Santiago*, p. 97. Por metatese: *Tóino*, muito do Sul: cf. *RL*, II 43, VII 257, e *Toinico*, Lisboa. Com sufixos diminutivos: *Tõninho* (passim); *Tonecas* (Elvas, Cadaval, etc.); *Toneco* e *Toneca* (Lisboa); *Tônico* (Chaves); *Tonico* (Elvas) e *Nico* (ib.). Com acento no fim: *Tõni* (Elvas), que por nasalamento se tornou *Tõnim* (ib.). Em Evora, etc.: *Tói*, escrito ás vezes *Toy*.

2) Da fórmula popular *Antonho*, que é mui usada na Beira, etc., fez-se tambem com aferese: *Tõnho*, algures, ou *Tónho* (Elvas). Cf. *RL*, XIV, 291.

3) De *Antonio* reduzido á sílaba tónica fez-se *Tó* (Fundão), e com duplicação, *Tôtô* (Chaves, Viseu, etc.), como em *Antonia* (vid. supra), e com junção de sufixos, *Tõjica*, por **Tõ-ej-ica* (Chaves), e *Tõzinho* = *Tõ-ç-inho*.—Talvez aqui pertença *Tota*, hoje usado como apelido: vid. supra, p. 277. Em Belem ha um individuo de nome *Antonio*, a quem os vizinhos chamam familiarmente por alcunha *Tõtinhas*.

4) Com aferese de diminutivo, e alteração na terminação: *Quitás*, de *Antoniquitas*; de *-as* fala-se adiante, p. 485.

Armada: *Mandico* (masculino), Evora.

Armando: *Mandinho* e *Mandinha*.

Armlnda: *Mindó* (Guarda).

Armlndo: *Mindo* (Porto).

Arnulfo. O povo na Mexilhoeira Grande (Algarve), onde ha um individuo chamado *Arnulfo*, modificou esta palavra em *Arnuso*, como veremos adiante, e d'aí tirou *Ruso*, como hipocorístico. Houve preliminarmente como que assimilação do *n* ao *r*.

Artur: *Tutú*.

Assunção. Na Extremadura: *Ção* e *Çãozinha*, e algures *Xuncinha*.—Temos em *Assunção* um sobrenome tirado de uma invocação da Virgem-Maria.

Augusta. Em Lisboa: *Gutinha* (de **Guta*), e também *Tuta*, como se fôsse o fem. de **Tuto*, por *Augusto*. Outra fôrma: *Gugú*.

Augusto: *Titi* (Lisboa): propriamente de *Augustinho*. Também em Lisboa se diz *Tininho*, como se o nome solene fôsse *Augustino*. De *Augusto* tirou-se *Guto*. Sei de um individuo, formado em Direito, a quem chamam «o D.^{or} Guto», fôrma hipocorística que data da sua infancia.—Vid. nesta lista *Agostinho*.

Aurora: *Alhó* (Lisboa).—As crianças têm dificuldade de pronunciar *r*.

Barbara: *Babá*.

Bartolomeu. Em galego diz-se *Bértolo*, que também figura como nome proprio no *Ementario* a par de *Bártolo*. Este é abreviatura de *Bartolomeu*, aquele de *Bertolameu*.—A palavra *Bártolo*, é nome hipocorístico internacional: cf. *Bártolo*, jurisconsulto italiano do sec. xiv (apud Fumagalli); *Bartolus Castrensis*, autor de uma obra impressa em Salamanca em 1518; e *Bártoli*, apelido de um filologo italiano moderno.

Bátista ou **Baptista**. Lê-se em Eça de Queiroz, *Os Maias*, I, 181: «O creado de Carlos, o Baptista, familiarmente o *Tista*». Diz-me o Rev. P.^e Francisco Manuel Alves que em Bragança se usa *Crista*.—A palavra *Bàptista* é de origem grega, e significa «o que faz mergulhar», «o que batiza»: βαπτιστής, do verbo βαπτίζω: d'aqui *S. João Baptista*, *Bautista* ou *Bátista*.

Beatriz, isto é, *Biatriz* na pronúncia. No Cadaval, etc.: *Bibi*, e *Triç*; *Tiça*, e no diminutivo *Tiçinha* (sem *r*); também *Ticinha*, como se se dissesse *Beatrice*; *Bia* e *Ziçi* (Lisboa). Na Guarda: *Tiça*, *Bita*.

Belmira: *Bèbé* (Lisboa).—Feminino de *Belmiro*, nome mui usado na poesia classica dos secs. XVIII–XIX.

Bernardina: *Dàdina*, como se viesse de *Bernarda*, com o sufixo *-ina*.

Bernardino: *Dino*. Cf. tambem Bernardino Machado, *Notas de um pai*, algures (cito de memoria).

Bernardo. Em Melgaço: *Nardo*. Em Lisboa *Bèbé* (silaba inicial redobrada e acentuada). Algures usa-se *Nauzinho*, como se em *Bernaldo*, por *Bernardo*, se mudasse *-al-* em *-au-*. Em Lisboa: *Blau*, pelo mesmo motivo.

Berta: *Bèbé*.

Brisida. Bluteau, *Nomes*, p. 56, dá como fôrma hipocoristica brasileira *Bibi*.

Candida: *Canduxa* e *Duxa*, *Duxita*: Chaves. Talvez *-uxa* por *-ucha*.

Carlos: *Carlí*. De *Carlinhos*.

Carlota. Em Lisboa *Lota*; em Extremoz *Lóló*.

Carollna. Em Lisboa *Caróla*, a par de *Calí*; em Viana do Castelo *Calú*.

Cassilda: *Sila*, com aparente assimilação do *d* ao *s*. Tambem se escreve *Cacilda*; mas em hespanhol ha *Casilda*, e em italiano *Cassilde*. A palavra é de origem germanica: do segundo elemento já se falou a p. 34; o primeiro parece-me obscuro, ainda que Zambaldi o explica por gais «lança». Ou temos aqui um nome hibrido (lat. *Cassia*)?

Catarina (que normalmente soa *Cat'rina*, por *Caterina*). Em Lisboa *Carina*. Bluteau, *Nomes*, p. 56, dá como fôrma brasileira *Catita*. Deminutivo, por **Catina*, com troca de sufixo. Em galego *Catuxa* (Saco, p. 235), documentado em versos de Garcia Ferreiro, *Volvoretas*, Ourense 1887:

A tia Catuxa do Val...
a Catuxa Catuxiña...

vid. pp. 156–157. *Catuxa* faz pressupôr tambem **Catina*, com analogia troca de sufixo ou terminação.

Cecilia: *Cilia* (Santarem), *Xi* (algures); *Ciloca*.

Celeste. Em Lisboa: *Léca*, de *Lé*, com o sufixo *-eca*; *Lelé*.

Celestina: *Tina* (Evora).

Cindasinda. Vid. *Sind-*.

Claudla: *Dina*, como se viesse de *Claudina*. Cf. *Tininho*, s. v. «Augusto».

Claudina: *Dica*. Silaba tónica seguida do sufixo *-ica*, o que corresponde a troca da terminação *-ina* por *-ica*.

Clementina: *Tina* (Extremadura).

Clodomira: *Cadi*. — De origem germanica: fem. de *Clodmiro* < > *Chlodmir*, á letra: «grande ou conhecido pela fama».

Clotilde: *Lulú; Titocas* (Lisboa).

Conceição (sobrenome): *Concom* (redôbro), *Ção*, e *Cotas*. No último temos a silaba inicial *Co* provida do sufixo *-ota* de *Carlota* e com o *s* que vamos vendo noutros nomes. Também em Lisboa se usa *Xaxão* e *Xunxinha* (*Xonxinha*), com palatalização e assimilação; *Zica* (de *Conceiçãozica*), algures; *Tatão*, Lisboa (parece que *c* se mudou em *t*, como por vezes acontece na linguagem infantil, e depois se duplicou uma silaba). Algures: *Çanita*, do diminutivo.

Constantino: *Tinino*. Propriamente de *Tino*, com repetição da terminação que corresponde aqui a *-inho*.

Crisostomo: *Cris* (Bragança).

Cristina ou **Christina**. Na *Morgadinha dos Canaviais* lê-se *Christe* como forma hipocoristica: vid., por exemplo, o cap. viii e *passim*. Também *Criste* em Lisboa. Noutras terras da Extremadura *Tina*.

Delfina. Ouvi na Extremadura: *Nanã* (última silaba duplicada); *Fina* (Lisboa).

Deolinda (que soa *Diolinda*): *Dio* e *Têté* (Lisboa); *Didi* e *Linda*, algures. Em *Têté* poderemos ver *Tê* = *Dé* (com redôbro).

Didalita: *Lilita*: silaba tónica duplicada, e provida de sufixo diminutivo. Ouvi esta palavra em Lisboa. Pergunto se *Didalita* está por **Dedalita*, diminutivo de **Dedalia*, correspondente ao lat. *daedalëus* = *δαίδαλεος* «trabalhado artisticamente»; cf. *Daedalus* «Dedalo» (escultor).

Diná: *Nàzinha*, no Livramento (Mafra): de *Dinàzinha* (diminutivo). — Do hebreu *Dinah*, nome de uma filha de Jacob; nome derivado de *din* «juízo».

Dioclecia: No Brasil: *Quèqueca*. — *Dioclecia* é tirado de *Diocleciano*, por derivação regressiva. — O *Què-* representa talvez a pronúncia *Diokelécia*, com acentuação do *e*. Teríamos pois redôbro, com o sufixo *-eca*.

Domingas. Diz-se em Bragança *Mingurelha* em sentido depreciativo (a par de *Dominguinhas*, diminutivo normal).

Domingos: *Mingo* (Lisboa e Bragança), que propriamente assenta na forma arcaica *Domingo*. Em Barroso *Mingos*. Em galego

tambem *Mingo*, e além d'isso *Mingos*: Saco, p. 236. Em português antigo *Mengo*, o qual se tornou apelido. Tão natural é a abreviatura, que temos em italiano, já de tempos antigos, *Menico* e *Menco*: vid. Fumagalli, p. 177.

Doroteia: *Teia* ou *Téa* (Cadaval, etc.).

Duarte: *Dato*, com -o, por arredondamento devido ao genero.

Dulce: *Dudú*.

Edith: *Lili*, irregularmente, Lisboa. — Nome de origem anglosaxonica, propagado depois da guerra europeia (*Edith Cavell*).

Eduarda: *Dadá*.

Eduardo. Na Extremadura: *Tinho*, de **Eduartinho* por *Eduardinho* (dissimilação). — Tambem sei de *Dadú* e *Badá*.

Elisa: *Lili*. Tambem *Lila*, com redôbro imperfeito, devido a querer dar-se ao nome terminação feminina. — *Elisa* provirá já de hipocorismo, por *Elisabeth*, alemão *Elisa*, fr. *Elise*, e não de *Elisa*, nome primitivo de Dido (vid. *Eneida*, iv, 355; ou *Elissa*, com -ss-, melhor grafia).

Elvira: *Virocas*, com o sufixo -oca-s.

Emilia. Uma criança chamava *Mila* á ama, que tinha o nome de *Emilia*. Em Nelas e na Beira-Baixa por *Emilia* dizem *Miló*. Outras fórmulas hipocoristicas são: *Mi* e *Mimi*. Algures *Bila*. No Cadaval dizem deminutivamente *Emiloca* e *Emilocas*, porque a fórmula popular do nome é *Emila* (vid. adiante). Tambem ouvi algures *Miloca*, *Bebila*, *Coquinhas*.

Ermellinda. Julio Diniz emprega na *Morgadinha* a fórmula hipocoristica *Linda*, e no deminutivo *Lindita*: vid., por exemplo, o cap. viii. No Brasil *Izinha* (Ezinha): redução á primeira sílaba (atona), a que se juntou o sufixo -zinha.

Estefania: *Fana* e *Neca*.

Estela: *Tété*.

Ester. Em Lisboa *Tété*.

Etelvina. Ouvi em Lisboa *Vina* e *Vivi*. Em Evora *Vio* (no masculino). No Brasil consta-me que se diz *Tina*. Algures *Tété*, com redôbro do começo da segunda sílaba: *E-tel-vi-na*. — Esta palavra creio ser de origem germanica, feminino de *Athalwin*, *Athilwin*, *Edelwin*, em Förstemann, col. 181, por **Ethelwin* (cf. *Ethelger* = *Athalger*, etc., ib., col. 160). No masculino *Etelvino*.

Eugenia. Diz-se vulgarmente *Geninha*, e em Lisboa *Géta*. Tambem ouvi *Nênê*, com redôbro e nasalamento devido ao *n*: formação muito irregular.

Eugenio. Em Lisboa *Jujú*.

Eutiquia: *Tica*. — Nome de origem grega: *Eutýchia*, no masculino *Eutychio* = Εὐτυχίος, com a ideia de felicidade (εὐτυχία «feliz», εὐτυχία «felicidade»).

Evaristo. Na Sobrena (Cadaval) dizem *Listro* por *Eva-ristro*, com dissimilação. — De origem grega: do superlativo ἄριστος «muito bom», reforçado pela partícula εὖ «bem», «inteiramente». Latim eclesiástico, *Sanctus Evaristus*.

Evelina. No Faial: *Lina*. — Esta palavra deriva de *Evelia*, que por seu turno vem de *Eva*: *Ev-el-ia* (com a terminação de outros nomes femininos: *Aurelia*, etc.). Em alemão também ha *Eveline*, que Tetzner explica simplesmente como «hipocorístico de Eva»; mas em português devemos atender a *Evelia*, forma citada no *Ementario*. — *Eva* veio do hebreu: *h e v á* «vida»; transcrição grega Εὐία = Εὐα, latina *Eva*.

Felicia: *Fifi*, em Lisboa (como se se dissesse **Filicia*). *Iça* em Évora (de *Feliça*). — *Felicia* é na origem cognome romano, tornado nome de santa.

Feliciano e Feliclana. Ao primeiro ouvi dar como forma hipocorística *Xano*; ao segundo *Sanita*, de *Felicianita* (Alentejo).

Felipa: *Lipa* (Évora).

Felisbela. Em Lisboa *Béca*. A palavra foi reduzida á sílaba tônica, que recebeu o sufixo *-eca*. Também *Belinha* (Algarve), diminutivo de *-bela*. — *Felisbela* tem aspecto de nome poético (= feliz-bela), se não é desfiguramento de *Felisberta*.

Fernando: *Nando* (Lisboa); *Nandinho*, propriamente de *Fernandinho*. Também *Nano* (e *Nanito*), com assimilação do *d* á nasal precedente; *Fanfam* (Évora), *Banhã*, *Nanã*, por **Nãñã* (dissimilação). Outros hipocorísticos são *Fêfê* e *Faneca* (talvez um pouco por causa do peixe assim chamado).

Filomena. Em Nelas dizem *Filó*, e *Mena*. Também alguns se usa *Filo* e *Filozinha*. — É o participio grego φιλομένη «amada», do verbo φιλέω-ω.

Flora: *Lóló*.

Floriano: *Fluca* (Da Gorda, no Cadaval). Síllaba inicial provida do sufixo *-uca*. — Na origem *Floriano* é cognome romano, derivado de *Florius* ou *Florus*.

Francelina: *Lina*. — De **Francelia*, feminino de *Francelio*, nome poético de «Francisco», usado v. g. por Francisco José Bingre (secs. xviii-xix): *Francelio Vouguense*. O sufixo *-isco* foi substituído por *-elio*. — No *Ementario* não ha *Francelia*, nem *-elio*, mas *Francilio*, *-ilia*, que creio teve origem analoga.

Francisca. Já Bluteau, *Nomes*, p. 55, lhe dá como forma hipocoristica brasileira *Chica*, que é a mesma de cá. Em Julio Diniz, *Pupilas*, também *Chica*, por exemplo, no cap. xxii, a par de *Chico*. Em Lisboa: *Quica*. Outro hipocoristico, usado em Nelas, é: *Fachica*. — Vid. o nome seguinte.

Francisco. Tem muitas formas hipocoristicas:

1) *Chico*, por aferese de *Franchico* < **Francico* < *Francisco*. A forma **Francico* resultou de *Francisco* por substituição do sufixo *-isco* pelo sufixo *-ico*. A forma **Franchico* resultou de *Francico* por substituição de *-ico* por *chico*, de caracter diminutivo: cf. *pequerruchico* (embora decomponível em *pequ-err-uch-ico*). Também podia partir-se de *Fcisco*, que é a forma popular de *Francisco*: vid. a lista seguinte. Explicação analoga tem *Chica*. Em romancistas facilmente se encontra o emprêgo popular de *Chico*: em Fialho, *Contos*, 6.^a ed., p. 223, *Chico Rato*; em Aquilino Ribeiro, *Estrada de Santiago*, p. 201, *Chico da Camila*; em D. Maria Peregrina de Sousa, *Retalho do mundo* (já citado), p. 10, etc., simplesmente *Chico*. A uma rapariga do concelho de Soure ouvi a seguinte quadra, de uma *moda* que lá se cantava por 1925:

Vai dizer á tua mãe,	} Ó <i>Chica</i> , namora o <i>Chico</i> ,
Vai dizer que mando eu,	} Ó <i>Chica</i> , namora o <i>Zé</i> :
Vai dizer á tua mãe	} Anda agora uma moda
Que o filho d'ela que é meu.	} Da <i>Chica</i> bater o pé.

Tornou-se popular a quadra:

Vai de banda, carola á banda,
 Vai de banda, carola, olé:
 Eu já vi dançar á hespanhola ...
 Ó *Chico*, não metas pé.

que terá provindo de uma revista (de teatro). Rima popular: *Chico larico* (vid. *Ensaio Ethnogr.*, iv, 171).

2) A par de *Chico*, e dos diminutivos *Chiquinho* e *Chiquito*, usa-se em Elvas e em Braga *Quico*, que explico por *Chiquico*, diminutivo que não conheço, mas que é inteiramente admissível. *Quico* em Elvas é ironico; em Braga substitue *Chico*, porque este hipocoristico é aí homónimo de uma interjeição com que se chamam os porcos (talvez por **cochico*: de *coche*, cf. *Opusc.*, II, 219-220),

e em Barcelos até significa «porco» (vid. Gomes Pereira, *Trad. pop. de Barcelos*, Espòsende 1916, p. 219).

3) Outros hipocorísticos de *Francisco* são:

— *Faica* (algures), com -a.

— *Cisco*, que existe no concelho do Cadaval e em Barroso, e se explica por aferese.

— *Chisco*, que se usa em Barroso (vid. B. Barreiros in *RL*, xx, 153), e explico por cruzamento de *Chico*, que é muito vulgar, com *Francisco* ou *Cisco*.

— *Chuque*, que ouvi em Lisboa. Esperar-se-hia que terminasse em o, e nesse caso alternava com *Chico*, por mudança rítmica da vogal tônica (cf. os sufixos -uco e -ico).

4) Também é forma hipocorística de *Francisco*: *Tutú* (Lisboa). Na sílaba -co, onde -o vale -u, o c mudou-se em t, segundo a fonética infantil, e a sílaba duplicou-se. Cf. *Tãzinha* (= Tã-zinha) de *FrancisCA*.

5) Em galego: *Farruco* e *Fuco*: Saco Arce, p. 235. A forma *Farruco* está documentada no *Cancioneiro Gallego*, III, 32; e *Farruquinho*, ib., p. 203, etc. Apresenta-se bastante mutilada, ainda que podemos explicá-la por *F-arr-uco*, estando a primeira sílaba de *Francisco* reduzida a *Fa-* ou *F-*, o que também se vê em *Fuco* = *F-uco*.

Frederico: *Dico*. Com redôbro: *Fifi*.

Gabriela: *Gigi* algures (muito irregularmente, talvez por aproximação do G- a i!); *Bié*, *Gabi*, *Gué*, *Bélié*.

Gastão: *Tão*, *Tatão*, em Lisboa.

Genoveva. Resumido em *Veva* (Lisboa), pseudônimo (se assim se pôde dizer) de uma escritora contemporânea. No Alentejo *Geva*.

Georgina: *Gina*, em Lisboa, etc. Também em Lisboa ouvi *Gigi*; *Gita* (troca de terminações).

Gertrudes: *Tudicas*, propriamente diminutivo de **Tude*, ou aferese de **Getudicas* (Gertrudicas). Também se diz *Ger* (Lisboa), e *Gigi* (ibidem), com *Gi-* por *Ge-*. A palavra *Gertrudes* é de origem germanica: al. *Gertraud*, *Gertrut*, *Gertrud*, fr. *Gertrude*, ital. *Gertrude* e *Geltrude*, hesp. *Gertrudis*. Quanto ao primeiro elemento vid. supra, p. 69 (Gervasio); quanto ao segundo, cf. M.-L, I, 80, Khull, p. 62, Kluth, p. 25.

Gloria: *Lôló*, comum a Olga. Outra forma (Lisboa) é *Lhólhó*.

Gracinda. Diz-se em Tras-os-Montes *Xinda*. — Quanto ao etimo, vid. *Opusc.*, III, 55-57.

Graziela. Hipocoristicamente *Gazita* (sem *r*), Extremadura. — A palavra vem do ital. *Graziella*, diminutivo de *Grazia* «Graça» (Senhora da Graça).

Guilherme: *Gui*. Outra forma, com sufixo diminutivo: *Lhêmito*.

Guilhermina: *Galharda*, que não passa de adaptação do adjetivo da mesma forma. Também ouvi *Guilha*; *Lili* (formação bastante irregular); *Bibi* (quanto ao *B-*, cf. *Bia* s. v. «Maria», etc.).

Gulomar: *Guia*, isto é, **Gui* arredondado em *-ia*, por ser feminino.

Helena. Tem tres formas hipocorísticas, cada uma do seu tipo: *Lena*, *Lélé*, *Nêna*.

Hella. No Brasil: *Lélé*.

Heloise. No Brasil: *Lôló* (de He-lo-i-se). — Do fr. *Heloïse*, nome da amada de Abeilar (Abélard), sec. xi-xii, popularizado entre nós por Castilho, com a sua *Novissima Heloisa* (1828).

Henrique: *Quico* e *Quica*, *Quicles* (este propriamente de *Henriques*, pois o povo diz assim em vez de *Henrique*). Conheci na Beira uma criança de nome Henrique, a qual, quando lh'o perguntavam, respondia que se chamava *Ico*; porém não posso dizer se é forma hipocorística geral, se era palavra própria d'esta criança.

Henriqueta. Em Lisboa: *Queta* e *Quetinha*; no Livramento (Mafra): *Têtinha*, propriamente de **Têta*. Também sei de *Ri-ri*.

Hermenegildo. *Gildo* (Evora).

Hermengarda. No Brasil *Dadú* = *Da-du*.

Herminia: *Mimi*.

Hortensia: *Têa* ou *Teia*. — Na origem gentilicio romano (*Hortensius*, *-ia*). A Igreja reza de Santa Hortensia.

Idalina: *Lili*.

Ilda: *Lili*.

Inacia: *Xinha*, de *Inacinha*.

Irene: *Rênica* (com *R* = *rr*, pois que não usamos inicialmente *r* lene), e *Rinquita*, que assenta em **Reniquita*.

Isabel. Na Extremadura: *Bel*, *Bé* e *Beu*. Em Mangualde: *Belí*, e diminutivamente *Belinha*. Em Lisboa: *Bel*, *Belica*, que assentam na sílaba tônica: *Beca*, que assenta em *-be-*, com o sufixo *-eca*; *Belita*.

Isaura. Conheço uma senhora a quem o marido chama *Isinha*, ou por troca de terminação, ou porque a palavra se reduziu a **Is-*, **Isa*, que se tornou diminutivo.

Isidoro: *Zizí*.

Isilda: *Ziřl*. — O *Ementario* menciona tambem *Isildo*. — A segunda parte d'este nome, pelo menos, parece germanica.

Jacinta. Apocopou-se em *Inta*. Cf. *Jacinto*, p. 64.

Jacinto: *Cinto* em várias terras (por exemplo Cadaval). Em Eça, *A cidade e as serras*, cap. 1, lê-se *Cintinho*. A *Cinto* corresponde *Chinto* em galego: Saco, p. 235.

Jaime: *Mito*, que assenta em *Jaimito*.

Jerónimo. Em Lisboa *Jerito* (o comêço da palavra provido de sufixo); *Jumeca* = Jum-eca, por **Jem-eca* (com labialização do *e*).

Jesuina. Nas Caldas da Rainha *Jina*. — Á palavra *Jesuina* corresponde o masculino *Jesuino*, que parece provir de *Jesu*. Cf. *Cristino*, -a.

Joana: *Nina* (de Joanina), Lisboa, e *Jujú* algures.

João. Tem fôrmas variadas:

1) *Jão* (Elvas e Alto Minho). Póde pertencer aqui, se não pertence antes aos proclíticos, *Jan-Fernandes*, que se lê no 3.º verso do *Palito Metrico*, mihi, p. 5. Todavia nos Açores (S. Miguel) existe a fôrma *Jājā*, que é redôbro d'aquela. A *Jan* ou *Jā* corresponde *Xan* em galego, como diz Saco, p. 236, e como consta d'estes versos de X. Rodriguez López:

Cando *Xan* se meteu n-a cociña,
mui tarde era xá ...

vid. *Cousas d'as mulleres*, Lugo 1890, p. 67.

2) Fôrmas diminutivas, correspondentes a *Jão* ou *Jā*: *Janeco* (Lisboa), *Janeca* (Elvas), — *Janico* (Lisboa), *Janica* (Elvas), — *Janito* (Elvas), *Janita* (Lisboa). Em galego *Xaniño* no *Cancioneiro Gallego*, II, 68, e III, 209.

3) Com aferese e redôbro da sílaba tónica: *Ninito* (Trancoso).

4) No concelho de Obidos, etc., dizem *Jôjô*, repetindo e acentuando a primeira sílaba de *João*, e dando-lhe fôrma diminutiva.

Joaquim. Com várias fôrmas:

1) *Quim* (sílaba tónica), muito corrente. Com duplicação: *Quinquim* (Tavira, Elvas, Beira-Baixa, e S. Miguel: Açores).

2) Diminutivos: *Quinito* (Elvas); *Quenicho* (Lisboa), em vez de *Quinicho*, com o sufixo -ich-.

3) Em Alvações do Corgo ha um individuo, de nome *Joaquim*, que esteve no Brasil, a quem chamam *Quincas*: de *Quim*, com o sufixo -cas, deduzido de *Necas* (vid. adiante).

Joaquina. Em Melgaço, etc. *Quina*, a que em Elvas corresponde o diminutivo *Quinita*, paralelo a *Quinito* (vid. supra); *Quica*.

Jorge: *Jôjó* (Elvas, etc.).

José. Tem várias formas hipocorísticas, umas simples, outras derivadas:

1) *Zé* (passim), *Zêzé* (Lisboa, etc.).

2) *Zêzinho*, *Zeca*, *Zecas*, *Zequinho*, *Zêzana* (Elvas). Esta última tem o sufixo *-ana*, como em *doidivana* = *doid-iv-ana*, que se usa no Alentejo correspondentemente ao *doidivanas* da lingua comum; *Zito*, de *Josêzito*.

3) *Jé* (Beira-Alta), *Jêjê* (algures). Em galego *Xepe* (Saco Arce, p. 266) = *Xe-pe*, por influencia de *Pepe*, hipocorístico hespanhol.

4) *Jeca*, *Jica* (em Nelas), *Juca* (Africa, Brasil, e Tras-os-Montes: Bragança).

Adolfo Coelho, *Os dialectos romanicos na Africa, Asia, etc.*, diz a p. 17 que *Juca* veio do Ultramar para Portugal; mas o sufixo *-uc-* tambem, como veremos, aparece em *Marucas*, que é forma bem enraizada cá. A forma que mais se usa é *Zé*, que até figura em rimas populares: *Zé quer vinho ou agua-pé*; *Zé Carramé*, etc.: vid. *Ensaio Ethnogr.*, iv, 173. Em Lisboa: *Zé Barnabé deila os gatos á maré*. Em Nisa: *Zé Babé, fax'as papas á mulhé, e s'ela num queré, dá-le com rabo da colhé*. Os romancistas tambem a empregam várias vezes: *Zé Maximo*, personagem do livro de Teixeira de Queiroz, *Ao sol e á sombra*, p. 25, etc; *Zé Estrela*, personagem dos *Contos de Fialho*, p. 223 da 6.^a ed.; *Zé Lites*, *Zêzinho*, nas *Hist. da tia Lily*, de M. G., Lisboa, s. d., pp. 78-79; *ibidem* se lê *Zéca, pupillo do fidalgo*, p. 20. A forma *Zé*, como outros hipocorísticos, perdura pela vida fóra. Raro será o adulto de nome *José*, que no povo, e até familiarmente entre gente culta, não seja tratado por *Zé*: o *Zé da Cunha*, o *Zé Maria*. Cf. tambem *Zé da vestia* (*Opusc.*, i, 357), e *Zêpreira* (= *Zé Pereira*), que no Minho significa tocador de zabumba e o proprio zabumba.

Paralelamente a *Zé* temos *Zêzinha* (passim) por *Maria José*; cf. Aquilino Ribeiro, *Jardim de Babilonia*, p. 229: «a senhora D. *Zêzinha*». Tambem ás vezes se ouve a *Zé*, por a *Maria José*, em tratamento muito intimo; em Lisboa e Minde *Zeca*, exactamente como em *José*; em Extremoz *Zêzé*; *Zecas*.

Josefa. Reduz-se vulgarmente a *Zefa*, no diminutivo *Zêfinha*. Nas citadas *Historias da tia Lily*, p. 41, lê-se: «que pena, Ti' *Zefa*!».

Josefina. Em Lisboa *Fifi*; em Elvas *Fininha* e *Finoca*; em Trancoso *Fina*.

Julia e Julio. Na Extremadura ouvi para ambos os nomes *Jujú* (Lisboa, etc.).

Julietta. Em Lisboa *Lheta*, com palatalização de *l + ia* (cf. *Julho* por *Julio*). Também algures *Lêta* e *Lieta*.

Laura. Fórmulas hipocorísticas que conheço do Algarve: *Lalá*, *Lita*. A segunda é diminutiva: assenta em **La*. Dizem-me que em Bragança se usa *Lola*. Algures *Lóló*.—O nome *Laura* é o feminino de *Lauro*, do cognome romano *Laurus*, na língua comum «louro», «loureiro», com mudança de género, por causa da terminação. *Laura*, nome imortalizado por Petrarca.

Laurentina: *Tininha*, diminutivo de **Tina*.

Leandra = Liandra: *Lili*.—Feminino de *Leandro*, p. 64, nome bem conhecido por ser o do amado de Hero (cf. *RL*, II, 308).

Leonarda: *Lálá* (Evora).—Feminino de *Leonardo*, p. 56, que foi imortalizado por Camões, *Lusiadas*, VI, 40 e IX, 75: *Lionardo*.

Leonilde ou Leonilda. Informam-me que se diz *Lili* algures.

Leonor: *Nônó* no Brasil, como diz Bluteau, *Nomes*, p. 56; *Nônó* em Lisboa; *Nônóca* e *Ninó* em Bragança; *Nócas* algures; *Nóna* na Ilha Terceira; *Noi* em Evora; *Nór* em Lisboa; *Lélé* passim.—As duas primeiras assentam em *nò* redobrado; *Ninó* é variante rítmica de *Nônó* ou *Nônò*; *Nona* assenta numa d'estas últimas com supressão do segundo acento e adaptação feminina; *Nônóca* assenta em *Nônó* ou *Nona* com o sufixo *-oca*, que já acima vimos; *Nócas* assenta na sílaba tônica adicionada do mesmo sufixo e de *-s* (vid. adiante); *Nór* é a sílaba tônica; *Noi* é a mesma sílaba modificada por causa do *i* da primeira sílaba (*Leonor* = *Lionor*); *Lélé* é a sílaba inicial acentuada e redobrada.—Adolfo Coelho, *Os dialectos romanicos, etc.* (já citado), menciona a p. 17 *Nhonhó*: parece que corresponderá a *Leonor*, mas, segundo ele, veio do Ultramar.

Leopoldina: *Dina*, e também (Lisboa) *Pöldi* e *Polde*, *Lipique*, que alguns escrevem *Lipic*; *Lili*; *Polina* (com assimilação do *d* ao *l*).

Lourdes, em Maria de *Lourdes*, nome agora muito em voga, reduz-se a *Lulú*, por duplicação da sílaba tônica *Lou* = *lu*. Também em Lisboa ouvi *Lula*.

Luciana. Forma hipocorística: *Xana* (Bragança), com o diminutivo *Xaninha*, que tenho ouvido repetidamente.

Lucilla. Forma hipocoristica: *Lulú* e *Lili*, segundo se atendeu à sílaba inicial ou à penúltima, ambas com *l*.

Lucinda. Em Lisboa *Xinda*.—Vid. *Opusc.*, III, 55.

Lucio, -a: *Lulú* (Lisboa).

Lucrécia: *Quexa* e *Lica*.—Este nome é de origem romana: gentílico *Lucretius*, -ia.

Ludovina (que soa *Lu-du-vi-na*): *Dudu* (Lisboa).

Luis. Forma hipocoristica: *Lulú*, que é comum a alguns nomes femininos; *Lila*, no Sul; *Lico* em Lisboa; *Li* algures; *Lilto* em Évora.

Luísa: *Lulú*, comum a *Luis*; e além d'isso: *Lili*; *Lica*, *Lita* (Évora), com os sufixos -ica, -ita.

Lusitana (Maria): *Tana*, na Lousã.

Luzia: *Jia* (com *j*, não *ç*). Usa-se pelo menos na Extremadura e em Tras-os-Montes (Bragança).

Madalena. Na *Morgadinha dos Canaviaes*, tem a forma *Lena*, no cap. v, e passim. Também em Lisboa se usa.—A grafia *Magdalena* corresponde *Magda*, como forma resumida, mas já nos veio assim do alemão ou do italiano.

Manuel. Por ser nome vulgar, tem também muitas formas hipocorísticas, como outros nas mesmas circunstâncias. Uma d'essas formas são simples, outras diminutivas:

1) *Mané* (Alentejo: *RL*, x, 94); e com redobro dissilábico: *Mané-Mané* (Lisboa).

2) *Maneca* (Elvas, Bragança), *Manecas* (Elvas, etc.), *Manejas* (Minde), *Manéxa*, com *x* (Sacoias), por influencia da raia de Hespanha, onde, como me informa o Rev. P.^e Manuel Alves, se diz *Manexas* e *Manexim* (*x* = *j*?). *Mèné* (Lisboa).

3) *Nel* em Melgaço, *Nelo* (com -o, para reforçar o género masculino), ibidem. Na mesma vila ha dois irmãos de nome *Manuel*, chamados hipocoristicamente: *Nêlão*, o mais velho, e *Nêlinho*, o mais moço. Também aí ha outro individuo a quem chamam *o Nêu*.—Cf. *Opusc.*, II, 65 (bis).

4) *Né* (Beira-Alta): na minha infancia conheci um rapazinho a quem chamavam *o Né*; *Neca* (Coimbra). Duplicação de sílaba: *Nêné*, forma aplicada ainda, como me dizem, a certo individuo de mais de 40 anos. Diminutivamente *Nêninhas* (algures).

5) *Lêlé*, *Léla* e *Lêlana* em Elvas; *Lelo* em Barroso, e na Galiza (Lugris Freire, *Gramatica gallega*, Coruña 1922, p. 115), usado como apelido, a par de *Lela* (vid. supra, p. 277): alcunha.

6) Outras formas usadas em Elvas: *Balé*, *Belé*, *Balela*, *Baleca*. Em Olhão: *Balecas*, *Balèbalé* e *Blèblé*. Estas formas assentam em *Mané*, com substituição da consoante labial nasal *M* pela consoante labial oral *B*. Cf. *Bia* infra, s. v. «Maria».

7) Bluteau, *Nomes*, p. 56, dá *Mandú* como do Brasil; talvez erro por *Manduca*, pois assim se diz hoje, e até se cantavam lá, por 1870, os seguintes versos, que um amigo me disse:

Com *Manduca* di maçada
Eu não quero caçoada.
Manduquinha todo cheio
Di maçada ...

os quais provirão do teatro. Nos Açores usa-se também *Manduca*, sobretudo em famílias de individuos que, como é frequente, estiveram naquela nação.

Manuela, isto é, *Manela* (cf. *Manel*). Em Santarem ha uma menina a quem chamam hipocoristicamente *Balé*, forma que já vimos s. v. «Manuel». Cf. *Zé* para o masculino e feminino. Por *Manuela* diz-se também *Mané*, e *Mèlita* (Manuelita), e com aferese, *Lita*; *Nela*, *Nèlinha*, *Mané*.

Margarida. Resume-se de varios modos:

1) em *Guida*, forma também aproveitada nas *Pupilas do Senhor Reitor*, cap. VIII: «*Margarida* ou *Guida*», que está por **Maguida*;

2) em *Garida*, por exemplo no Ervedal do Alentejo;

3) em *Gui*, e *Guigui*, com duplicação da sílaba tónica;

4) em *Guiguió*, em Lisboa, que assenta em *Guigui*, com junção de -ó.

Maria. Paralelamente a *Manuel*, tem *Maria* muitas formas hipocorísticas, já simples, já diminutivas:

1) *Marucas* (Vila Real: Gomes Pereira in *RL*, XII, 109), *Maróca* (Vimieiro de Arraiolos e Brasil), *Marócas* (Açores e Goa), *Maruxa* em galego (Saco Arce, p. 236), e bem assim *Marica*, por exemplo, no *Cancioneiro Gallego*, I, 99: «O gando, *Marica*, || eu ch'o buscarei». A segunda forma ouve-se nos seguintes versos:

Vamos, <i>Maroca</i> , vamos,	{	Com os outros mecê vai,
Vamos para Jundiah ¹ :	{	Só cômigo não quer i'...

¹ Em S. Paulo.

palavras de um *maxixe*. O galego *Maruxa* está documentado no *Cancioneiro Gallego*, II, 285: Estira a cofia, *Maruxa*. Também em tempos deve entre nós ter-se dito *Maricas*, que passou a ser substantivo comum (vid. *A barba em Portugal*, p. 99). Na *Benteida*, de Alexandre Antonio de Lima, 1752, fala-se do herói transformado em mulher:

que he mulher machacaz, e homem *Maricas*,

no c. III, est. 64. Dizem-me que em Olhão ainda se usa *Maricas* como diminutivo de *Maria*. Fórmulas diminutivas duplas: *Mariquinhas*, que figura em muitas cantigas populares, por exemplo:

Mariquinhas tecedeira
Tem no tear á jinela:
Dá-l'o vento, dá-l'a chuiva,
Todo o fiado le creba (quebra),

que ouvi no Minho;

Mariquinhas, teu pai deu-te,
Que te podia matar:
Tinhas o caldinho feito
E a loicinha por lavar ...

que se canta em Nelas e no Douro. A par: *Marquinhas*. Outros diminutivos duplos: *Mariquita* (Elvas, Beira) ou *Marquita* (Elvas); *Marquitas* (Lisboa), e com aferese, *Quitas* (ib.); *Maricota* (Açores), e *Maricotas*. No *Retalho do mundo*, romance de D. Maria Peregrina de Sousa (já citado), p. 64: *Mariquitas*. Em galego *Mariquiña*, *Maruxiña*, e com triplicação *Mariquitiña*: exemplos no *Cancioneiro Gallego*, I, 83, 169 e 112. Transcreverei uma quadra:

A miña *Mariquitiña*
Heina d'enseñar a todo:
a amasar, a peneirar,
e a botar o pan no forno,

p. 112. Acêrca de *Mariquita*, *Marica*, etc., vid. o que adiante ainda se dirá.

2) Fórmulas que assentam em **Mi*: *Mimi* (passim), *Mica* em Lisboa, *Micas* (passim), *Micocas* no Porto, diminutivo duplo = *M-ic-oc-as*. Em **Mi* a palavra *Maria* ficou reduzida á vogal tónica, precedida da consoante inicial, com perda dos sons intermedios e do *a* final. Algumas d'aquelas fórmulas têm também documentação literaria. Em Aquilino Ribeiro, *Filhas de Babilonia*, 1920: *Micas*, *Micas Olaia*, pp. 226, 229, etc. Versos que se cantavam em tempo num jogo de roda:

Ó *Micas*, dá cá um beijo,
 Ó *Micas*, dá cá, dá cá ...
 Rebola a bola ...
 Você diz que dá, que dá,
 Você diz que dá na bola,
 Você na bola não dá ...

na Pesqueira. Na «Tragedia infantil» de Guerra Junqueiro figura uma menina chamada *Bèbé* que possui uma boneca de nome *Mimi*. Diz o poeta:

<i>Mimi</i> —eis como se chama	}	Não parece uma pessoa:
Essa criança inocente:	}	É uma boneca aleijada:
Uma pequenina dama,	}	Pois se <i>Bèbé</i> fabricou-a
Que não tem cara de gente.	}	D'uns farrapitos, coitada!

vid. *A Musa em ferias*, 1879, p. 31.—A palavra *bèbé* emprega-se em linguagem culta no sentido de «criancinha». Figueiredo define: «criança considerada como uma boneca que se enfeita» (*Novo Diccionario*). Veio-nos do fr. *bébé*, mal pronunciado, e ascende ao ingl. *babe* ou ao seu diminutivo *baby*.

3) *Mia* em Lisboa.

4) No Alentejo e no Algarve diz-se *Bia*; em Elvas, com duplicação da sílaba tónica, *Bibia*, que termina como *Maria*; em Extremoz *Bibi*. Creio que o *B* se explica analogamente ao de *Balé*, etc. (vid. supra, s. v. «*Manuel*»): isto é, o *M-* de *Mia* mudou-se em *B*, que é consoante labial como aquela.

5) Nos *Nomes* de Bluteau, p. 56, dá este como fórmula brasileira: *Macota* e *Catute*; na primeira temos um diminutivo duplo, por **M-ic-ota* (cf. *Micocas*, supra), com *Ma-* por influencia da primeira sílaba de *Maria* (também poderia aqui ver-se o sufixo *-ac-*); a segunda não a posso facilmente explicar.

Marlana: *Nana*, com duplicação de sílaba final; *Nita*, de *Marianita*.

Marlano: *Neco* (Evora). Do diminutivo *Marianeco*.

Mario: *Mamá*.

Martinho: *Tino*, por troca de terminação, e como se se tivesse em mente *Martino* (vid. supra, p. 42).

Matilde: *Tila* e *Tita* (com sufixo diminutivo que substitue *-ilde*). Em Lisboa *Lêlinhas* e *Tilinha*.

Natalla: *Tá*; *Talinha*, do diminutivo. — Nome já usado pelos primeiros Cristãos, deduzido da festa do Natal, *Natalis* (vid. Martigny, p. 451). *Natalia*, esposa do martir Hadriano.

Natercia: *Tercinha*. Do diminutivo. — Este nome é conhecida-mente anagrama de *Caterina* em poesias líricas de Camões.

Natividade: *Vivita*, com duplicação da terceira sílaba e sufixo diminutivo. — Nome tirado de uma festa cristã: Natividade da Virgem. (Também ha festas da Natividade de Cristo e de S. João Batista).

Nazaré. Na Extremadura ouvi *Naré*, em Lisboa *Nana*, *Nazá*. — De *Nazareth*, cidade da Galileia, onde residiu a família sagrada. Invocação da Virgem: Senhora de *Nazareth*, que também se tornou célebre na Extremadura, poetizada pela lenda popular. Esta invocação usa-se muito entre nós como sobrenome, às vezes tornado apelido (de mulher ou homem). — Também se diz: Jesus de Nazareth.

Nicanor. Em galego *Licano*, com dissimilação, Saco, p. 236. — Ha S. Nicanor. A palavra é de origem grega e significa «vitorioso»; alatinada em *Nicanor*, *-ōris*, com deslocamento do acento, como outros nomes em *-ōr*: vid. supra, p. 46 (*Eitor*).

Nicolau: *Lilau*, por **Nilau*, com assimilação do *n* ao *l*, para se produzir ritmo. Também: *Lalau*.

Nicolino: *Lininho*, de **Lino*. — *Nicolino* deriva de *Nicolau*, como se o tema fôsse *Nicola*, que existe realmente em italiano, como nome, a par de *Nicolaio* e *Nicoló* ou *Niccoló*.

Noemia: *Nimes* (formação bastante irregular), Lisboa.

Nuno: *Nunecas* (Lisboa).

Olga. Hipocoristicamente *Lóló*. Por **Loga*: forma comparavel a *Lálá*, de *Alda*. — Olga é nome russo, feminino de *Olég*, e propagou-se por ser de agradável pronúncia, e porque várias rainhas o usaram ultimamente: Rainha Olga da Grecia, que casou com o rei Jorge em 1861; Rainha de Wurtemberg († 1892). Já no sec. x houve uma princesa russa assim chamada.

Olindina. Em Tras-os-Montes *Dina*.—O nome *Olindina* deriva de *Olinda*, cujo masculino é *Olindo*, que figura na *Jerusalem libertada*, canto II:

Elle *Olindo*, Sophronia ella se chama;
Da mesma patria e fé cada um procede;
Se ella é formosa, elle é modesto; ama;
Quer muito; pouco espera; e nada pede;
Nem sabe ou dizer ousa o amor que o inflama;
Ella em paga, ou desprêzo lhe concede,
Ou não o vê, ao menos, ou conhece.
Por esta sorte o misero padece ...

na tradução de Ramos Coelho, *Obras poeticas*, Lisboa 1910, p. 461. Também ha *Olindo* e *Olintho* ou *Olyntho* no *Ementario*. Em italiano, com *Olindo* concorre igualmente *Olinto*, que Zambaldi, p. 614, põe a par com o gr. *Olynthos*, apesar de este ser nome de cidade e feminino.

Orisa: Ζαζά.—*Orisa* está por *Orisia*, que vem no *Ementario*. De 'Ορσία (cidade iberica dos Oretanos)? Cf. *Palmira*.

Otilia: *Tila*, em Lisboa.—Nome de origem germanica, relacionado etimologicamente com *Oto*.

Palmira. Em Lisboa *Mira*.

Pedro: *Pilito* (de *Pedrito*, **Pedito*). Em galego: *Perico*, vid. *Cancioneiro Gallego*, III, 206.

Piedade: *Dadinha* (deminutivo); com redôbro da primeira sílaba, *Pipi*.—Nome tirado de uma das invocações da Virgem (ou de Cristo).

Pilar: *Pilarim*.—Nome tirado de uma das invocações da Virgem: Senhora do Pilar em Portugal, Virgen del Pilar em Hespanha.

Prospera: *Pòpinha* (Lisboa). Propriamente deminutivo *Pros-p'rinha*.—Feminino de *Prospero*, nome de um santo do sec. v. Em latim comum: *prosper*, -*ra*.

Prudencia: *Pensita* (Trancoso), hipocorístico que assenta no deminutivo.—Feminino de *Prudencio*, nome de um conhecido poeta cristão da Hispania, do sec. IV (Aurelius Prudentius Clemens): deriva de *prudens*. Vid. outros exemplos em Schwab (p. 677). Nos *Nomes dos santos*, figura *S. Prudencio*.

Raquel: *Quita* (de *Raquelita* ou por eliminação de -*el*), *Quelinha* (de *Raquelinha*), *Quèzinha* (síllaba tônica de *Raquel* no deminutivo).—*Raquel*, escrito *Rachel*, vem do hebraico, onde significa

«ovelha», e foi imortalizado em português por Camões no célebre soneto que começa:

Sette annos de pastor Jacob servia
Labão, pai de *Rachel*, serrana bella . . .

a cujo respeito pode ver-se um estudinho da S.^{ra} D. Carolina Michaëlis, *Sette annos de pastor Jacob servia*, Porto 1889, separata do *Circulo Camoniano*.

Raul: *Lula* (Lisboa), que é comum a *Lourdes*. Quanto á formação, cf. os hipocorísticos de *Alda* e *Olga*.

Renato: *Naná*.

Rodrigo: *Didi*, em vez de **Rodigo*, pois as crianças não pronunciam *dr*.

Rosa: *Zita*. Propriamente do diminutivo: *Rosita*.

Rosalina: *Rôsi*. Creio que é do Brasil.—O nome *Rosalina* deriva de *Rosalía*, nome de uma santa siciliana († 1160). Provavelmente a origem está em *rosalia* (-ium) nome de uma festa pagã, que consistia em pôr flores ou coroas de rosas nos tumulos, como hoje fazemos no dia dos mortos.

Sebastião:

a) Fôrma hipocorística antiga *Bastião* (e creio que li algures *Bachão*): vid. *Opusc.*, III, 84, onde citei um exemplo do sec. XVI. Num documento do mesmo seculo, de que perdi a indicação, fala-se de *Sebastião de tal*, que porém assina *Bastião*, como se fôsse este o seu proprio nome. Tambem na *Recopilaçam das cousas que convem guardar-se no modo de preservar a cidade de Lisboa* (de peste), Lisboa 1580 (apud *Catalogo dos livros dos Condes de Samodães e Azevedo*, por José dos Santos, t. I, Porto 1921, p. 31), figura o Procurador da cidade *Bastião* de Lucena Dazevedo, onde *Bastião* está tambem como nome pleno. No *Foral de Refojos*, manuscrito do sec. XVI, vem igualmente *Bastiam*. Relativamente ao sec. XVIII, lê-se em Bluteau, *Nomes*, p. 43: «vulgarmente se diz *Bastião*»; e relativamente ao XIX, lê-se em Freire, II, 25: «já não se pôde dizer, imitando aos antigos, *Bastião*, senão em estilo jocoso». Em galego moderno: *Bastian*, em Saco Arce, p. 235.

b) Outras fôrmas hipocorísticas modernas, além de *Bastião* (vid. os mencionados *Opusc.*, loc. cit.): *Batão* e *Tatão* (Lisboa), *Tão* (Chaves), *Badão* (algures). *Batão* representa redução ainda maior que *Bastião*; e *Tão* maior que aquela; *Tatão* é reduplicação; e *Badão* resultou de dissimilação.

c) Em Lisboa ouvi *Sébas*, fôrma talvez usada por brincadeira, para se confundir com *sébo*. *Bacha* (Cabo Verde).

Devo acrescentar que noutras linguas se observa a mesma aferese que em *Bastião*: em francês, *Bastian*, *Bastien*, *Bastient*, vid. Mowat, p. 54; em alemão, *Bastian*, vid. Tetzner, p. 75, e Bähnisch, p. 40, e d'aqui veio o apelido de um grande e bem conhecido etnografo moderno. Conclue-se do que fica dito que *Bastião-Bastian* é fôrma internacional, ou ela se criasse independentemente em cada nação, ou se transmitisse de umas a outras.

Serafim: *Pimpim*, por tambem se escrever *Seraphim*, com *ph*!

Sigismundo: *Muno*, com assimilação de *d* á nasal precedente, como em *inàgora* < inda agora.—Conquanto em documentos nossos medievais haja *Segemundo*, a palavra *Sigismundo* é moderna entre nós, veio-nos do alemão *Sigismund*. O sentido é «apoio da vitoria».

Silvina: *Vina* (Lisboa).

Sindasilinda: *Sinda* (Lisboa): reproduziu-se o mesmo fenomeno que em germanico! Este nome está por *Chindasuinda*, ou *Cindasuinda*, de uma princesa suevica a que anda ligada a lenda do brasão de Coimbra. Feminino de *Cindasuind*, *Chindasvinth* em Förstemann, col. 365-366: dos temas de *chind* ou *kind*, *cind* (alto al. ant.) «filho, -a, linhagem, etc.» + *svinth* (got.) «farto, são». Á letra: forte pela descendencia.

Sofia. Em Lisboa usa-se *Fifi*, que tambem é nome hipocoristico de *Josefina*. A par sei de *Fifinha*, *Fifina*, *Fifoca*, *Fia*, tudo em Lisboa.—Nome de origem grega, σοφία «sabedoria» tornado o da igreja principal de Constantinopla: Santa Sofia, isto é, a Santa Sabedoria, o Espirito Santo. Cf. *Kirchenlat. Wb.*, p. 734. No Calendario catolico tambem ha Santa Sofia, festejada em 30 de Abril e 30 de Setembro, vid. *Catalogo dos nomes dos santos*, p. 39.

Soledade (= suledade): *Sul* (Beira-Baixa).

Teodemiro: *Miro*.—O acaso fez que o hipocoristico viesse a corresponder a um dos elementos de que o nome consta: vid. p. 76. Dá-se a coincidencia de tambem na idade-média ter havido *Miro* (-onis) que corresponde a uma *Kurzform*: vid. Schönfeld, p. 168.

Teodora: *Ró* ou *Ròrró* (Lisboa), com *r* forte; *Dora*.

Teresa. Em Lisboa *Tareca* (pois que popularmente se diz *Taresa*), por troca de terminação, ou por junção do sufixo a *Tar*;- *Tété* (Evora); *Techa* (algures), com o sufixo -*echa*. *Tete* no Brasil: Bluteau, *Nomes*, p. 56.

Ursula: *Teyu*, no Brasil: Bluteau, *Nomes*, p. 56. Todavia ouvi modernamente, como do Brasil: *Su-su* (Sussú).

Valentim: *Tintim* (Sardoal).

Valentina: *Tininha*. — Feminino de *Valentino* (p. 62).

Vasco: *Quinho*. Propriamente de *Vasquinho*.

Venceslau: *Lau*.

Vergillo (Virgílio): *Vivi*.

Verginia: *Gi* (Lisboa); *Gina*, *Gininha* (Nelas), propriamente diminutivo de **Gina*. A boa grafia é com *e*, e não com *i*, pois em latim é *Verginia* (e *Verginius*).

Violeta: *Lêta*.

Virgulina ou **Virgollna**. Hipocoristicamente *Lina*. Ouvi esta forma na Extremadura. — Nome de origem latina: *Virgulina*, por exemplo, numa inscrição de Alesia, em Dessau, n.º 4682; talvez se relacione com *Verguleius*, *Verginna*, *Vergilius* (a respeito d'estes vid. Schultze, p. 101, etc.).

Visitação. Corresponde-lhe em hespanhol *Visitación*, d'onde os galegos fazem o hipocorístico *Visita*, em Saco, p. 236. — Nome de origem cristã: Visitação de Nossa Senhora, festa em 2 de Julho.

Vitor (Victor): *Bitó* (Lisboa).

Vitoria (ou **Victorla**): *Tòlica*, com *l* por *r*, segundo a fonetica infantil; e *Tóia*, com supressão do *r*, segundo a mesma.

Vitorino: *Tòrico* (Evora). Com troca de terminação.

Zulmira: *Zizi* e *Zuzú*.

β.—HIPOCORISTICOS CORRESPONDENTES A NOMES DUPLOS

Por esta designação entendo hipocorísticos formados de dois nomes: nome proprio e sobrenome. Uma vez correspondem realmente a dois hipocorísticos aglutinados; outras resultam de contracções especiais.

Vejamos alguns exemplos do fenomeno:

Antonio Augusto: *Tògú* (Tavira).

Antonio Emillo: *Tòmiló*. Assim chamava um menino de dois anos a um irmão d'aquelle nome. Por *Tó* (vid. p. 457) + *Milo* (cf. p. 461, s. v. «Emilia»).

Antonio Frederico: *Tófico*, que se usa em Nelas.

Antonio Manuel: *Tòmé* (Gouveia).

Carlos Manuel: *Camané* (Lisboa).

Elisa Amelia: *Zamé*.

Francisco José: *Chico Zé* (Mangualde), *Xizé* (Alter do Chão).

Joaquim Claudio: *Tintau* (Extremadura), por *Quincau*, estando nos dois casos *t* por *c* (qu), como na linguagem infantil (*Opusculos*, I, 157).

Jorge Hugo: *Jôgú* (Lisboa).

Maria Alice: *Malice* (algures), *Milt* (Evora).

Maria Amelia: *Mimélia* (Lisboa); *Mamé* (algures).

Maria America: *Miméca* (algures).

Maria Antonia: *Mitó*.

Maria Antonieta: *Mitó* (Lisboa), como se o sobrenome fôsse *Antonia*.

Maria Ana: *Menana*. — Na Beira conheci um individuo de al-cunha o *Manana*, palavra que talvez se formasse do mesmo modo. O apelido *Menano* não posso dizer se pertence aqui, se deriva do nome geografico hespanhol *Mena*.

Maria Augusta: *Migú* (Tras-os-Montes, etc.), *Miguta* (algures), *Managuta* (Guarda).

Maria Carlota: *Miló* (Lisboa).

Marla do Carmo: *Micarmo*. A contracção deu-se só na primeira parte do nome, mas suprimiu-se o *do* que ligava as duas partes.

Marla do Castelo: *Micaté*.

Maria Emilia: *Mimila* (Lisboa) e *Mamia* (ibidem). É até com este ultimo hipocoristico que a distinta aguarelista, filha de Roque Gameiro, assina os seus trabalhos. Tambem ha *Bilabila*, onde o redôbro parece ao repente corresponder a um nome duplo (*Bi* de Maria + *ila* ou *la* de *Mila*); todavia pôde *Bila* estar por *Emilia* (vid. a primeira lista), e nesse caso o redôbro referir-se sòmente ao sobrenome.

Marla Gertrudes: *Mituca*. O sobrenome reduziu-se a *Tu*, por *Tru*, e recebeu o sufixo *-uca*.

Marla da Graça: *Migaça* (Fornos de Algodres).

Marla Helena: *Milena* (algures); *Blé* (Extremoz), por **Bilé*.

Maria Henriqueta: *Miqueta* (algures), *Miquete* (Tras-os-Montes), por influencia do francês *Henriette*.

Maria Isabel: *Misabó* (Lisboa) = *Mi* + **Isabó* ou **Zabó*.

Maria de Jesus: *Mijú* (algures) e *Misú* (Beira-Baixa).

Maria Julia: *Mijú* (Lisboa).

Maria José: *Misé* (Beira, etc.), *Biasé* (Silves).

Maria Julieta: *Misete*, com terminação como a de *Miquete* (cf. supra).

Maria de Lourdes: *Milú* (Porto, etc.) e *Miluzinha* (algures).

Maria Lucilia: *Maici* (Lisboa).

Maria Luísa: *Milú*, e *Bilu*, com *B-*, como no nome *Bia* (vid. supra). Outros hipocorísticos: *Mat̃sa* (algures), *Melisa* (Ilha de S. Miguel), *Mijija* (algures); *Bisa* (= *Bi + *Isa).

Maria da Luz: *Milú* (Lisboa).

Maria Ricardina: *Madina* (Evora).

Maria do Socorro: *Micó* (Extremadura).

Maria Teresa: *Maté*, *Mitú* (por **Mité*).

Maria Vitoria: *Màvi* (Lisboa).

*

Tomam formas hipocorísticas tanto os nomes masculinos como os femininos. Nestas duas listas predominam os ultimos, talvez por falta de informação, e não porque haja mais delicadeza com a mulher, visto que na primeira infancia, em que vigoram os hipocorísticos, os carinhos repartem-se por igual aos dois sexos: quer feminina, quer masculina, uma criancinha atrai sempre as simpatias e as atenções de todas as pessoas:

O meu menino é d'oiro,
D'oiro é o meu menino ...

diz uma trova popular.

Como familiarmente se póde tratar uma pessoa pelo sobrenome, dá-se ás vezes o caso de o hipocorístico de um nome composto corresponder a ele, e não ao conjunto, por exemplo: *Mamá*, de Maria *Amalia*; *Nini*, de Maria *Carolina*; *Zé* ou *Zeca*, de Maria *José*.

Seria impossivel fazer listas completas de hipocorísticos, porque estes podem formar-se de todos ou quasi todos os nomes, e o número dos nomes é indefinido.

REGRAS GERAIS DA MUTILAÇÃO

Do que fica exposto vê-se que na formação de hipocorísticos ha sempre mutilação do nome ou nomes fundamentais.

Cada nome, depois de mutilado, fica reduzido á silaba ou silabas mais importantes, isto é: ou, de modo geral, á silaba tónica; ou á silaba inicial ou final, ainda quando atonas. Ás vezes fica reduzido a mais de uma silaba. Quando um nome está resumido numa silaba atona, esta acentua-se. Na silaba ou silabas, a que a palavra se reduziu, nem sempre permanecem todos os primitivos elementos (*Né* = Manuel).

Quer a sílaba tónica, quer uma sílaba atona, podem repetir-se (redobrar-se), e também receber sufixos simples ou múltiplos. A terminação ou sufixo de uma palavra pôde trocar-se por uma terminação ou sufixo diferente.

Em seguida estudar-se-hão mais especificadamente estas alterações. Sem embargo, já alguns nomes ficam estudados nas listas anteriores.

1. Nomes reduzidos á sílaba tónica:

- a) inicial duplicada: *Jójó* (Jorge), *Lulú* (Lucia), *Bibi* (Brisida, *Bisida);
- b) medial simples: *Tó* (Antonia, Antonio), *Gi* (Verginia);
- c) medial duplicada: *Cici*, *Didi* (Rodrigo), *Fifi*, *Lailai*, *Tótó*;
- d) medial com sufixo: *Béca* (Felisbela), *Géta* (Eugenia), *Béto* (Alberto);
- e) final simples: *Ção* (Assunção), *Nel*, *Quim*, *Zé*;
- f) final duplicada: *Dédé* (Aidé), *Nèné*, *Nonó* (Leonor), com perda do *r* (vid. adiante), *Quinquim*, *Tintim*, *Zèzé*;
- g) *Jājā* (João).

A sílaba tónica, já simples, já duplicada, pôde perder algum ou alguns dos seus elementos (consoante, vogal final de ditongo):

Lálá (Laura, Adelaide), *Leca* por *Lé* (Celeste), *Lóló* (Gloria), *Mó* (Ambrosio), *Né*, *Tão* (Sebastião).

Toma-se uma consoante pro- ou postónica e junta-se á vogal tónica, que por vezes se duplica:

Fifi (Felicia), *Lela* = *Amelia* e *Manuel*, *Lélé* (Manuel), *Lili* (Adalgisa, Leonilde, Luísa), *Lóló* (Olga), *Tétinha* (Henriqueta), *Tina* (Etelvina).

Nome reduzido á sílaba tónica precedida da vogal inicial: *Alai*.

Permanece a sílaba inicial atona ou a consoante inicial, e junta-se á sílaba tónica, permanecendo também a última ou últimas sílabas, se o nome é paroxítono:

Carina (Catarina), *Geva* (Genoveva), *Jina* (Jesuína), *Lita* (*Rita, Rosita), *Mia* (Maria), *Naré* (Nazaré).

De *Mia*, considerado como palavra própria, fez-se *Mimi*, segundo uma das regras enunciadas acima.

Em *Bastião* o nome foi reduzido ás tres sílabas finais.

2. Paroxítonos ou proparoxítonos reduzidos ás últimas sílabas:

Bastião, *Béto* (Alberto), *Chico*, *Cilia*, *Cinto* (Jacinto), *Dico* (Frederico), *Dina*, *Dino*, *Fia* (Sofia), *Fina* (Delfina), *Garida*

(Margarida), *Geninha* (Eugeninha), *Gina* (Georgina), *Guida*, *Guto*, com perda de *s*, *Laide*, *Lena* (Helena, Madalena), *Lheme* (Guilherme), *Lina*, *Linda* (Ermelinda), *Listro* (Evaristo), *Lota* (Carlota), *Mena* (Filomena), *Menga* (Domenga), *Mengo*, *Mingo* (Domingo), *Mingo(s)*, *Mito* (Jaimito), *Nardo*, *Nazinha* (Diná), *Nico* (de Antonico), *Queta*, *Quexa*, *Quina*, *Rufo*, *Tana*, *Teia* (Doroteia), *Tina* (Clementina, Cristina), *Tista*, *Toino*, *Tonho* já estudados, *Tonio*, *Veva*, *Vina* (Etelvina), *Xana*, *Xano* (Feliciano), *Zefa*, *Zira* (Adalzira).

Observações a estas listas:

1.^a

Às vezes pôde perder-se um fonema do dissilabo final: *Guto* = Augusto, *Neta* = Antonieta; ou a consoante inicial d'ele: *Inta* (Jacinta), a par porém de *Cinto* (Jacinto).

2.^a

Antes de o nome ficar reduzido a dissilabo, pôde aquele ter experimentado várias transformações reais ou teoricas: *Guida* < **Maguida* < **Magrida*. Cf. *Carina* (Cat'rina), *Cadí* (Clodomira), *Larda* (Leonarda), *Lilau* (Nicolau), *Pensita* (Prudencia).

3.^a

Xano, *Xana*: vid. adiante as observações fonéticas.

4.^a

Julieta: vid. a lista, no lugar respectivo.

5.^a

Na última sílaba de um nome acabado em *-ia*, *-io*, pôde haver alteração nas vogais da última sílaba: *Mila*, *Tóne*, *Tóni*.

6.^a

Quando ha duplicação, pôde dar-se deslocamento de consoante: *Lela* (Rafaela).

3. Nomes reduzidos:

a) á sílaba inicial atona, que se acentua: *Cris* (Crisóstomo), *Gui* (Guilherme);

b) ou a duas ou mais sílabas iniciais também atonas, recebendo acento a primeira ou a segunda:

Criste (Cristina), *Gute* (Gutierre), *Filó* (Filomena), *Sébas* (Sebastião), *Visita* (galego: de Visitación).

Nos três últimos casos o nome foi propriamente dividido em duas partes: num dos nomes, no primeiro, acentuou-se a sílaba final da primeira parte; no do meio acentuou-se a sílaba inicial; no último havia já um acento secundário, que fez que *Visita* ficasse como palavra independente.

c) Nome reduzido á sílaba inicial atona, que recebe um sufixo: *Izinha* (Ermelinda); ou reduzido á primeira sílaba seguida de uma consoante da segunda, com sufixo: *Jerito* (Jeronimo). Cf. também *Jumeca*.

4. Nomes reduzidos á sílaba inicial atona:

a) que não só se acentua, mas recebe um *-a*, para o hipocorístico ficar mais arredondado: *Bia* (Beatriz = Biatriz), *Guia* (Guiomar);

b) ou recebe um sufixo: *Cotas*, por **Co-* (Conceição = Coceição).

5. Nomes reduzidos á sílaba inicial, medial ou final, atonas, com acentuação e redôbro:

Bibi (Beatriz = Biatriz); *Jôjó* (João), como se *-ão* fôsse aumentativo; *Lili* (Lucília, Amélia); *Lulu* (Lucília, Luís, Luísa); *Nana* (Nazaré); *Naná* (Ana, Delfina); às vezes com perda de consoante: *Lulu* (Clotilde), *Têté* (Etelvina); com sufixos: *Fluca* (Floriana), *F(r)-arr-uco*, *Fuco*; ou com redôbro irregular: *Fôfo* (Adolfo).

6. Nome reduzido ao dissílabo final, com acentuação da última sílaba: *Dadú* (*Edádo, Eduardo).

7. Dos hipocorísticos compostos fica dito o suficiente na respectiva lista.

8. Muitos hipocorísticos, como vimos, são tomados não directamente dos nomes, mas dos seus diminutivos.

9. Fórmulas várias:

a) Há hipocorísticos que, com algum esforço, podem considerar-se formados dos respectivos nomes: vid. na primeira lista: *Badá* (Eduardo), *Crista* (Bátaista), *Dida* (Aida), *Janja* (Anjos), *Lalá* (Alda), *Lóla* (Olga), *Nēnē* (Eugenia), *Tatão* (Conceição).

b) Ha outros porém que resistem ao esforço, como: *Jau* (Gabriel), *Jiji* (Maria Barbara), *Jita* (Maria Carolina), *Mique* (Armando: por *Armandico*?), *Nêné* (Orovida), *Nicha* (Graziela), *Tatá* (Aurora, e José), *Tété* (Silveria), *Zinó* (Leonor), *Zuca* (Dominhos).—Poderão considerar-se ocasionais criações puramente infantis (de palavras ouvidas em certas circunstancias, etc.), como outras de que se falará adiante.

c) *Carola* por *Carolina* corresponde ao que em Filologia se chama *derivação regressiva*, como na lingua comum, por exemplo, em *rosmano*, tirado de *rosmaninho*, *estranja*, de *estrangeiro*. Em alemão ha *Carola*, por *Karla*, mas a pronuncia deve ser *Cárola*; d'aí, ao invés do português, *Karoline*.

10. Ainda as regras da mutilação.

A semelhança que existe entre as várias maneiras de criar hipocorísticos, ajudada dos acasos da fonetica e da uniformidade da terminação de certos nomes, faz que apareçam muitos hipocorísticos iguais, por exemplo, *Ção* (que corresponde a *Conceição* e *Assunção*), *Bia* (que corresponde a *Beatriz* e *Maria*), *Dina* (que corresponde a *Leopoldina* e *Olindina*), e até respectivos a diferentes sexos, como *Lélé* (que corresponde a *Helena*, *Leonor* e *Manuel*); e vid. outros exemplos na secção consagrada ao redôbro. Pelo contrário, ha nomes que possuem mais de um hipocorístico.



Por vezes não é facil, ou não é possível, distinguir um hipocorístico de uma forma simplesmente popular, e haverá casos em que a certas pessoas parecerá arbitrario o criterio da distincção.

Assim, eu considerei acima hipocorísticas as formas *Mengo* e *Menga*, ao passo que o meu colega J. J. Nunes as considerára proclíticas: vid. *Bolet. da Cl. de Letras da Acad.*, XIII, 1265. Para as considerar hipocorísticas fundei-me em que na proclise de um nome a respeito de outro se dá síncope e não aferese, como aqui, ou pelo menos se dá em regra: cf. a secção precedente.

Alguem perguntará porque é que, por exemplo, chamo *Megildo*, de *Hermenegildo*, forma popular (vid. adiante), e *Mané*, de *Manuel*, forma hipocorística. É que de *Hermenegildo* se fez primeiramente *Emegildo*, por dissimilação, e depois *Megildo* por aferese, como de *emancipar*, *enamorar* se fez *mancipar*, *namorar*; pelo contrário, em *Manuel* ou *Manel*, o *l* não caía de modo normal.

Mila, por *Emilia* ou *Emila*, não está no mesmo caso que *Megildo*, porque é forma puramente infantil, por isso hipocorística.

Também desejo dizer umas palavras a respeito da confusão de hipocorísticos com diminutivos. Em verdade *Maricas*, *Mariquita*, *Mariquinhas*, podem considerar-se meros diminutivos de *Maria*, e não hipocorísticos; mas como estabelecer separação entre essas formas e *Micas* e *Marucas*, que são hipocorísticos perfeitos? Por isso os reuni. Já, por exemplo, considero *Anicas* diminutivo, e não o agreguei aos hipocorísticos.

*

Além das regras que, segundo vimos, se observam na formação dos hipocorísticos (afereze, sincope, metatese, etc.), ha outras, que importa também notar, de character fonetico mais íntimo:

i nasala-se em *Tônim* (Antonio), por efeito do *n*. Pelo contrário dá-se desnasalamento em *Migo* (Domingos), talvez devido a dissimilação.

r perde-se quando está em grupo: *Beto* (Alberto), *Xandoca* (Alexandrina), *Quexa* (Lucrecia), *Tixinha* (Beatriz), *Bibi* (Brisida), *Guida* (Margarida), *Fedico* (Frederico), *Pòpinha* (Prosp'rinha), *Mituca* (Maria Gertrudes), *Garita* (Gracinda), *Didi* (Rodrigo), *Dato* (Duarte), *Tudicas* (Gertrudes); também se perde quando final: *Nônó* (Leonor).

Em *Lita*, de **Rita* < *Rosita*, e *Tólica* (Vitoria), temos *l* por *r*. Em *Lhòlhó* (Gloria) o *l* palatalizou-se. Da combinação d'estes dois phenomenos resultou *Alhó*, por Aurora.

s (ç) ao pé de *i* torna-se *x* em *Xandoca*, *Xana* (Luciana), *Xano* (Feliciano), *Xinda* (Gracinda e Lucinda), *Xi* (Cecilia), *Xinha* (Inacinha), *Quexa*, *Xaxão* (Conceição); cf. gal. *Chinto* (Jacinto). Em *Jino*, por *Alexandrino*, parece que temos *j* por *x*: vid. o nome na lista respectiva.

ç paralelamente torna-se *j* em *Jia* (Luzia).

b corresponde a *m* em *Bia* (Maria), *Belé* (Manuel), *Balé* (Manuel, Manuela), *Bé* (Amelia), *Bila* (Emilia).

t corresponde a *c* (q) em *Tintau* (Joaquim Claudio): correspondencia tão natural, que até se observa, por exemplo, na linguagem de crianças japonesas (Gabelentz, p. 277). Vid. também s. v. «Francisco».

d e *t* alternam em *Tété* (Deolinda), *Tinho* (Eduardinho).

Casos de assimilação e dissimilação: *Xaxão*; *Tinho* (Eduardo, Eduardinho, isto é, **Tatinho*).

A mór parte dos fenómenos de fonética infantil, que ficam indicados, encontram-se na língua comum¹, mas ali estão sujeitos a outros princípios.

*

De alguns fenómenos morfológicos (genero) falou-se já na lista, s. vv. «Anjos» (p. 457), «Duarte» (p. 461), «Guiomar» (p. 465), «Manel» (p. 469).

*

Fórmulas hipocorísticas masculinas, como *Lila* (Luis), *Mandinha* (Armanda), *Janeca* (João), *Lula* (Raul), *Lela* (Manuel), *Xanica* (Alexandre), *Zeca* (José), *Necas* (Manuel), *Tonecas* (Antonio), com terminações femininas ou sufixos do mesmo genero, e além d'isso postas ás vezes no plural, trazem á lembrança usos da língua vulgar, tais como chamar a um menino, por meiguice, «*minha velha!*», como tenho ouvido em Lisboa, ou dizer de um homem: *um fuinha*, *um fôminhas*, *um códeas*, *um bolas*. Cf. o que adiante se dirá do sufixo *-ana* (p. 489). Do assunto tratou com larga erudição o Prof. Leo Spitzer, *Die epixōnen Namen auf -a(s)* (1921).

Em alguns casos emprega-se o masculino pelo feminino, por exemplo: *Mandico* em vez de *Armanda*; *Vio* em vez de *Etelvina*. O que vimos na respectiva lista.

11. Redôbro.

Este fenómeno é tão importante, que merece ser tratado separadamente dos outros fenómenos fonéticos. Por isso se lhe consagram adiante umas páginas.

¹ Por exemplo (tenha-se presente a enumeração feita a páginas 484-485): nasalamento: *nonjo* (de *nojo*); sincope, em grupo: *registo* (de registro); palatalização, com consoante surda: *xi* (arcaico, de *si*); com consoante sonora: *abejão* (visione-); assimilação: *xéxo* (por *seixo*), em linguagem do Sul; dissimilação (haplogogia): *Madre-Deus* (por *Madre-de-Deus*, invocação de uma igreja em Lisboa).

Examinando listas de hipocorísticos em que haja redôbro, vemos o seguinte.

1. Redôbro consistente na repetição de uma sílaba, mas ás vezes imperfeito:

Babá (1)	Bèbé (2)	Bibi (3)	—	—
—	—	Cici (4)	—	—
Dadá (5)	Dèdé (6)	Didi (7)	Dòdó (8)	Dudu (9)
Fanfan (10)	Fèfé (11)	Fifi (12)	Fofó (13)	—
—	—	Guigui (14)	—	Gugu (15)
Janja (imperfeito) (16), Jãjá (17)	Jèjé (18)	Jiji (Gigi) (19)	Jòjó (20)	Juju (21)
Lálá (22), Lailai (23)	Lèlé (24)	Lili (25)	Lòló (26)	Lulu (28)
Mamá (29)	Mémé (30)	Mimi (31)	Lholló (27)	
Naná (32), Nana (33)	Nèné (35)	Nini (37)	Nònó (38)	—
Naná (34)	Nēnē (36)	Pipi (39)	—	—
—	—	Pimpim (40)	—	—
—	—	Quinquim (41)	—	—
—	—	Riri (42)	Ròrró (43)	—
—	—	—	—	Su-su (44)
Tatão (imperfeito) (45)	Tèté (46)	Titi (47)	Tòtó (48)	Tutu (49)
—	—	Vivi (50)	—	—
Xanxam (51)	—	—	—	—
Xaxão (52)	—	—	—	—
Zazá (53)	Zèzé (54)	Zizi (55)	—	Zuzu (56)

(1) Barbara. (2) Belmiro, Bernardo. (3) Albino, Amabilia, Beatriz, Belmira, Bernardo, Brisida. (4) Alcides. (5) Eduarda. (6) Aidé. (7) Deolinda, Rodrigo. (8) Teodoro. (9) Dulce, Ludovina. (10) Fernando. (11) Alfredo. (12) Frederico, Josefina, Sofia. (13) Adolfo. (14) Margarida. (15) Augusta. (16) Anjos. (17) João. (18) Angelica, José. (19) Gabriela, Gertrudes. (20) João, Jorge. (21) Eugenio, Joana, Julia, -o. (22) Alda, Laura, Leonarda. (23) Adelaide. (24) Celeste, Helena, Manuel. (25) Alice, Guilherme, Idalina, Leandra, Leonilde, Lucilia. (26) Carlota, Laura, Olga. (27) Gloria. (28) Clotilde, Lourdes, Lucilia, Lucio, Luís, Luísa. (29) Amalia, Maria. (30) Amelia. (31) Herminia, Maria. (32) Ana, Nazaré. (33) Renato. (34) Fernando. (35) Manuel. (36) Eugenia. (37) Carolina. (38) Leonor. (39) Piedade. (40) Seraphim. (41) Joaquim. (42) Henriqueta. (43) Teodora. (44) Ursula. (45) Sebastião. (46) Deolinda, Estela, Ester, Etelvina, Teresa. (47) Augusto (Augustinho). (48) Antonia, -o. (49) Artur, Augusto. (50) Vergílio. (51) Luciana. (52) Conceição. (53) Orisa. (54) José. (55) Isidoro, Isilda. (56) Zulmira.

2. Redôdro consistente na repetição de um dissilabo: *Bilabila*, *Manémané*.

Comecemos por falar da primeira serie. A simples inspecção da tabela dos redobros mostra: que na formação d'estes se percorre a escala vocalica: *á* (*ā*, *āo*), *é* (*ē*), *i* (*ī*), *ó* (*ō*), *ú*; que com todas as consoantes se podem formar silabas (*b*, *c*, *d*, *f*, *g*, etc.); que o acento recai de ordinario em cada uma das silabas, se é que não se prefere dizer que ha um acento primario na segunda, e um secundario na primeira.

Quanto a *Bilabila*, vid. o que se disse supra, p. 478. De *Manémané*, falára-se tambem já a p. 469.

Formar palavras por duplicação ou redôbro de uma ou mais silabas, por exemplo, *trás-trás* (que indica o ruido gerado ao bater-se a uma porta), — cf. em latim *tax tax* —, e até por duplicação de uma mesma palavra, por exemplo, *bule-bule* (com o verbo no imperativo), nome de uma planta, constitue operação corrente em muitas línguas, ou sistematica, por exemplo, no preterito perfeito grego, e em alguns tempos do verbo latino, irlandês e gótico, ou avulsa, por exemplo, em latim, *Marmar* (Marte), *turtur*, *cucubire*, em grego, *λάλος*, em francês, *chuchoter*, etc.: e se com a duplicação se procura dar intensidade á expressão ou imitar sons e ruidos (onomatopeia), tambem ela ás vezes é meramente ritmica, sem ideia accessoria, por exemplo, *ó-ó*, *fazer ó-ó*¹, *nanar*, em linguagem infantil, *ró-ró*, *té-té*, em jogos populares. Pertencem á última classe todos os hipocoristicos que ficam mencionados na presente secção.

Em qualquer dos casos esta repetição binaria tem caracter muito primitivo, e concorda por acaso com ritmos fisiologicos, que se observam constantemente, como o do coração, o da respiração, o andar; com ritmos do mundo exterior, por exemplo, o vai-vem das ondas oceanicas, a voz de certas aves (a poupa, o cuco, a rôla), e estridores ou zunidos de certos insectos (a cigarra, o ralo, o grilo); com ritmos artificiais, como o toque dos sinos.

O D.^{or} Jespersen, *Die Sprache*, Heidelberg 1926, obra que só veio ás minhas mãos já depois de redigida toda esta secção, atribue

¹ Não querendo ver-se aqui a vogal tónica de *dorme*, o que não seria estranho em linguagem infantil; não faltam de facto exemplos paralelos.

porém o redôbro, p. 87, ao prazer que se sente na repetição de um e mesmo movimento muscular, executado até o cansaço.

Lálála, que vimos ser um dos hipocorísticos de *Adelaide*, apresenta-nos um curioso caso de tresdôbro, embora imperfeito. Como só conheço este exemplo, que talvez seja esporádico e local, não consagrei ao tresdôbro um especial parágrafo.

Observação á palavra «redôbro»

Falando do phenomeno de que me tenho até aqui occupado, dizem os Franceses *redoublement* ou *reduplication*, ainda que parece seria mais natural empregar as palavras sem *re-*. São porém expressões tecnicas, e já consagradas. Os Alemães dizem *Reduplication*, *Doppelung*, e mais comummente *Verdoppelung*. Entre nós encontro, por exemplo, na tradução da *Gramatica grega*, de Porto-Real (1760), p. 99: «no preterito-perfeito *dobra-se* . . a primeira letra do verbo»; na *Arte nova da lingua grega*, Faria (1790), p. 45, *redôbro*; nos *Elementos da gramm. da ling. gr.*, de A. Ribeiro (1871), p. 7, *redobrar* e *redôbro*; na tradução da *Gramm. latina*, de Madvig, por Epiphanyo Dias, p. 79, *redôbro*; no *Novo Compendio da gramm. da ling. gr.*, do P.^o Moraes (1874), p. 137, como lembrança do francês, *reduplicação*.

Acêrca do redôbro vid.: Diez, «Gemination und Ablaut im Romanischen» (1851), em *Kleinere Arbeiten und Recens.*, 1883, pp. 178-183 (*Reduplication*, p. 178); Pott, *Doppelung als eines der wichtigsten Bildungsmittel der Sprache*, 1862; Wölfflin, «Die Gemination im Lateinischen», em *Sitzungsberichte* da Academia de Munich, 1882, fasc. III, pp. 428-491 (vid. principalmente, para o nosso caso, pp. 424-425 e 463: sentido de *Verdoppelung* ou *Doppelung*, *Reduplication*, *Gemination*; pp. 439-440, e 444-445: redôbro em algumas palavras latinas e gregas); Goblentz, e Jespersen, em obras que acima citei; Stoltz, *Historische Gramm. der lat. Sprache*, Leipzig 1894, pp. 439-441; Meillet, *Introd. à l'étude comparat. des lang. indo-europ.*, Paris 1903, p. 150; Brugmann, *Abrégé de gramm. comparée* (trad. do al.), Paris 1905, p. 303; J. Vendryes, *El lenguaje* (trad. do fr.), Madrid 1925, p. 209.—O livro de Pott, que é muito rico de factos, não o conhece directamente, mas só pelo que diz Tylor, *La civilisation*

primitive (trad. do ingl.), 1, 254, o qual, como afirma, fez d'ele muitos extractos.

12. Especies de sufixos (e terminações).

Os sufixos propriamente ditos podem ser simples ou compostos.

Os simples formam a maioria.

a) Sufixos simples.

Como acontece noutros casos da lingua comum, alguns grupos de sufixos percorrem no todo ou em parte a escala das vogais:

-*eca(s)*: *Neca*, *Manecas*, cf. -*ɣ-eca* em *Ruiçeca* (de Rui),

-*éco*: *Toneco*,

-*ica(s)*: *Jica*, *Micas*,

-*ico*: *Janico*,

-*oca(s)*: *Nanoca*, *Marocas*, *Titocas*, (Clotilde), *Finoca*, *Fifoca*,
-*óco*?

-*uca(s)*: *Juca* (José), *Mituca* (Maria Gertrudes), *Marucas*,

-*uco*: *Farruco*, *Fluca* (Floriano);

cf. tambem: *Lipique* (Leopoldina), [e *Chuque* (Francisco)].

-*éta*: *Géta* (Eugenia),

-*ita*: *Quinita*,

-*ota(s)*: *Cotas* (Conceição).

-*exa(s)* (ou com *ch*?): *Manexa*, *Manexas*,

-*icho*: *Quinicho*,

-*uxa* (ou -*ucha*?): *Catuxa* (Caterina). *Canduxa* (Candida).

-*eja(s)*: *Manejas*.

-*ana*: *Zêzana* (José), *Lêlana* (Manuel): especie de aumentativo empregado no feminino. Cf. o que na 1.^a lista se disse s. v. «José». No Alentejo sei de alcunhas-apelidos formadas com este sufixo, como: *Barrigana*, *Cabeçana*, *Pernana*, respectivamente de *barriga*, *cabeça*, *perna*, por se ter notado exagêro em algumas d'estas partes do corpo. Cf. a alcunha *Marrana*, de *marreca*, por esta palavra ser sinonima d'aquela; e cf. tambem *beizana*, ou *beizanas*, na lingua comum.

-*ina*: *Fifina* (Sofia).

Dos sufixos deminutivos *-inho* ou *-inha* não tenho de falar em especial, visto que podem juntar-se a quaisquer nomes: quer hipocorísticos, quer não: *Zêzinho*, *Quinzinho*, *Fifinha*, *Vergininha*.

b) Sufixos multiplos ou compostos:

- ej-ica: *Tôjica* (Antonio),
- iq(u)-ita(s): *Mariquita*, *Mariquitas*,
- arr-uco: *Farruco* (Francisco),
- ur-elhas: *Mingurelhas* (Domingas).

É claro que sendo permitido, como acima se disse, juntar-se o sufixo *-inho* ou *-inha* a qualquer nome, temos também sufixos compostos onde ele entra: *Mar-iq(u)-inhas*, *Catuxiña* (Caterina).

c) Nomes em *-ó* e *-ú*:

Certos nomes terminam em *-ó*, ou *-ú*, como se estas terminações correspondessem a sufixos: de um lado, por exemplo, *Guiguió* = *Gui-gui-ó* (Margarida; cf. *Guigui*, outra forma hipocorística d'este nome), *Miló* (Emilia), *Mindó* (Armando), *Misabó* = *M-isab-ó* (Maria Isabel); do outro, *Jujú* (Eugenia), *Dadú* (Hermengarda).

Estas terminações ou pseudo-sufixos nasceram de imitação de nomes onde *-ó* e *-ú* se explicam pelas regras do hipocorismo, por exemplo, *Jôjó* (Jorge), *Lulú* (Lucia), ainda que *Miló* e *Mindó* se podiam também explicar por mutilação de *Miloca* e **Armindoca*. Quanto ao *-u*, póde lembrar-se o francês *Milou* (Madeleine).



Os sufixos juntam-se ás vezes claramente depois de mutilada a palavra, por exemplo, em *Betecas*, de *Beto* (Alberto). Outras vezes porém não é sempre facil dizer se aconteceu isso, ou se a mutilação aconteceu depois de junto o sufixo, por exemplo, em *Tonico*, pois podia primeiramente ter-se dito *Antonico*. Num ou noutro caso é certo que os sufixos aparecem juntos a qualquer dos elementos a que a palavra ficou reduzida depois de mutilada: *Çãozinha*, *Zeca*.

Uma mesma palavra póde tomar muitos sufixos ou terminações:

Janeca, *Janico*, *Janito*; *Jeca*, *Jica*, *Juca*; *Maneca*, *Manejas*, *Manexa*, *Manexim*; *Marocas*, *Maruxa*, *Mariquita*; *Guida*, *Guigui*, *Guiguió*.

d) Troca de sufixos ou terminações:

Em *Graçita* por *Graziela* trocou-se a terminação. Vid. também o que se disse s. v. «Alexandrina», transformado em *Xandoca*, s. v. «Caterina», transformado em *Catuxa*, s. v. «Vitorino», transformado em *Tórico*.

São fenómenos paralelos aos que apresenta a língua comum em *biscalho* por *biscato*, «*apatusco* de ferir lume» por *petisco* (Alentejo), *esteira* < *staria por storea, *fantosques* (na língua popular) por *fantoches*; cf. também *javardo* por *javali*.

Pertencendo os hipocorísticos á vida familiar e infantil, e não se chamando habitualmente ás crianças pelo apelido, e apenas pelo nome ou sobrenome, ou pelo conjunto dos dois (por exemplo, *João Carlos*, *Maria Carolina*), compreende-se que só estes tenham hipocorísticos, e não aquele. Uma excepção está em *Lusitana*, que vimos resumir-se em *Tana*; mas, no exemplo citado, *Lusitana* vale quasi por sobrenome, ou é nome vocatorio (cf. o Liv. II). Talvez haja outros exemplos pelo mesmo motivo. As vezes os hipocorísticos, e os diminutivos quer de hipocorísticos, quer de nomes plenos, servem para distinguir membros de uma mesma família entre si. Ha, por exemplo, um individuo de nome *Justino*, cujo hipocorístico é *Tino*; a seu filho, que tem o mesmo nome, chama a família *Tininho*. Sei de uma família onde ha tres *Lucias*, mãe, filha e neta: a filha tem o hipocorístico *Lulú*, a neta o diminutivo *Lucita*.

Todas as classes, sem diferenca, usam hipocorísticos, ainda que predominam nas classes elevadas, e nas que se julgam menos plebeias, por haver numas e noutras maior variedade de nomes, e mais sonoros, ou supostos assim. Como os hipocorísticos, segundo veremos, se encontram também noutras nações, não deixará de manifestar-se entre nós por vezes influencia de moda, vinda de fóra: e bem se sabe que as modas não vão logo para o povo, passam primeiro pelas classes a que me referi. E também nisto ha um pouco de luxo ou vaidade! Os hipocorísticos verdadeiramente populares e enraizados na fala do vulgo são, sobretudo, *Chico*, *Quim*, *Zé*, *Micas*, e *Mariquinhas*, que têm bastante aspecto de antiguidade, e representação na literatura popular, e em romances literarios. Existem ainda outros que poderão quasi equiparar-se-lhes no que toca a uso e data, como *Tonho*, *Nel*, *Neu*,

Manecas, Né. Cantavam-se ha anos na Guarda os seguintes versos, onde entram tres hipocoristicos:

Chiquito, Nèné, Quinquim
 Todos por mim a penar!
 Eu já tenho 12 anos,
 Mamã, quero-me casar . . .

os quais versos devem ter provindo do teatro. Na nossa literatura antiga, abstraindo de nomes internacionais, como *Menga* (Mengo, etc.) e *Bastião*, que ascendem, pelo menos, ao sec. xvi, creio que não se encontrarão muitos. Cf. *Lelo e Tota*, a p. 277.

Ao enumerar os hipocoristicos nas listas precedentes, ofereceu-se-me ocasião de num ou noutro caso notar que os hipocoristicos continuam pela vida fóra (vid., por exemplo, s. vv. «Augusto», «José», etc.). Isto acontece mais vezes do que póde parecer. Não só se proferem com apelidos, por exemplo, *Bia Amaral*, *Bia Marques*, no Alto-Alentejo, *Zé Maria* (passim), senão que certos hipocoristicos funcionam como nomes em documentos (vid. o que se disse de *Bastião*) e até se tornaram nomes proprios (vid. o que se disse de *Bártolo*, *Cleto* e *Mengo*). O uso actual de hipocoristicos em pessoas adultas é todavia mais freqüente em mulheres do que em homens, porque o mimo que na primeira infancia era comum aos dois sexos, e que, segundo ponderei a p. 479, motivou paridade de hipocoristicos nesse periodo da vida, desapareceu essencialmente no homem, depois que este se tornou adulto; só a mulher permanece terna e amenizada!

HIPOCORISTICOS CRIoulos

Como continuação muito natural do que se passa na lingua portuguesa do Continente, merecem uma alusão os hipocoristicos crioulos: é por isso que se trata do assunto neste lugar, e não no APENDICE, onde se falará dos nomes coloniais considerados em geral.

a) Africa.

1. No seu trabalho *Os dialectos romanicos na Africa, Asia e America*, fasc. I (1881), consagrou Adolfo Coelho boas páginas aos hipocoristicos de S. Antão de Cabo Verde, p. 16 sgs. Aí temos, por exemplo: *Balante* e *Tintim* (Valentim), *Beba* (Genoveva), *Beto* (Alberto), *Bina* (Etelvina), *Bocha* (Ambrosio), *Caixa* (Nicolau), *Chana* (Sebastiana), *Chéché* e *Jêjê* (José), *Chichi* (Cecilia),

Chico (Francisco), *Ia* (Maria); e além d'isso: *Baca*, *Cobra*, *Delba*, *Fronha*, *Pomba*, etc.

A mór parte explica-se como os do Continente. Adolfo Coelho estudou as maneiras da formação; só em vez de partir da consideração de que a manutenção da vogal tónica, simples ou duplicada, é o phenomeno fundamental, preocupou-se mais com as operações foneticas, por assim dizer, exteriores, quaes a aferese, a apocope, etc.

Schuchardt, in *Zs. f. rom. Phil.*, xii, 317, notou que alguns dos nomes crioulos de Cabo Verde correspondem a palavras da lingua comum, por exemplo, *roda*, *ronda*, *vaca*, *cobra*, *pomba*: é este um hábito da antroponimia dos Pretos: vid. supra, neste paragrafo, e adiante, APENDICE, II, I.

Alguns dos hipocoristicos são de origem obscura.

2. A. de Paula Brito, *Apontamentos para a gramm. do crioulo de S. Tiago de Cabo Verde*, no *Boletim da Soc. de Geogr. de Lisboa*, 7.^a série, n.º 10, 1887, p. 652, apresenta analoga lista de nomes: masculinos, por exemplo: *Bastiõ* e *Chòchô* (Sebastião), *Chiku* (Francisco), *Gau* (Gaudencio), *Goi* (Gregorio), *Tataxu* (Anastacio), *Tinhu* (Martinho), *Totoni*, *Toná* (Antonio); femininos, por exemplo: *Linda* (Ermelinda), *Kinha*, *Markinha* (Maria), *Têxa* (Teresa), *Toia* (Victoria), *Tudes* (Gertrudes), *Xêta* (Anacleto).

3. Do crioulo de Cabo Verde, considerado em geral, dão muitos nomes Vieira Botelho & C. J. Duarte, *O creolo de C. Verde*, no citado *Boletim*, 6.^a serie, n.º 6 (1886), pp. 337-338: *Bâcha*, *Bastiom* (Sebastião), *Bia*, *Quinha* (Maria), *Chica*, -o (Francisca, -o), *Jijú* (Julia), *Jina* (Verginia), *Jônjon* (João), *Mála* (Amelia), *Nana* (Ana), *Nânârda* (Bernarda), *Né*, *Lélo* (Manuel), *Tájo* (Anastacio), *Tontonha* (Antonio), *Xila* (Cecilia).

Os autores dizem que os hipocoristicos se chamam em Cabo Verde *nomes de casa*.

O meu aluno universitario (1926-1928) Lopes da Silva, que é Caboverdense, ofereceu-me longa lista de hipocoristicos de Cabo Verde, e d'ela extráio estes: 1) hipocoristicos tirados de nomes simples, *Xamento* (Nascimento), *Teja* (Teresa, português antigo *Tareja*), *Gugú* (Augusto), *Lota* (Carlota), *Carrinho* (Carlos), *Toi*, *Tôtoi* (Antonio), *Xixano* (Cristiano), *Xalau* (Venceslau), *Nônó* (Manuel), *Xenxa* (Vicencia), *Tixe*, *Titixe* (Beatriz), *Zuzú* (Julia), *Xêxé* (Sebastião = Se-bastião), *Xixico*, -a (Francisco, -a), *Jêjê* (José); 2) hipocoristico tirado de um nome duplo, *Mamento* (Maria do Nascimento).

4. Nos crioulos do Golfo da Guiné encontro, por exemplo: *Zué* (José), *Tony* (Antonio), *Pachicu* (Francisco), *Mené* (Manuel), em Ano-Bom: vid. Isidro Vila, *Elementos de la gramm. ambú*, Madrid 1891, p. 9; *Má* (Maria), em S. Tomé: vid. Schuchardt, *Kreolische Studien*, 1, 5.

b) Oriente:

1. Em Ceilão: *Sallo*, *Challo*, *Ango*, são hipocorísticos de Salvador, Charles, Catharine, Angelina: vid. Dalgado, *Dialecto indo-port. de Ceylão*, Lisboa 1900, p. 69, nota 2.

2. Em indo-português do Norte ha fórmulas muito notáveis: *Alux* (Aleixo), *Antú* (Antonio), *Banú* (Bernardo), *Diogut* (Diogo), *Guigut* (Gregorio), *Catú* (Catarina), *Inú* (Inês): *Quitú* (Quiteria), etc.: vid. Dalgado in *Rev. Lusit.*, ix, 151. Parece que os nomes se formaram com o sufixo *-uto*, sucessivamente tornado *-ut*, *-ú*.



Dos hipocorísticos crioulos ha muitos, sobretudo de Africa, que foram do Continente para lá, por exemplo, *Bastiô*, *Marquinha*; de outros, por causa da simplicidade das operações formativas, não se póde dizer se se formaram no Ultramar, ou cá, por exemplo, *Tinho* (Martinho); outros formaram-se lá, por exemplo, os do indo-português do Norte. Hipocorísticos africanos, como *Tataxo* (Anastacio), *Texa* (Teresa), *Xèxé* (Sebastião), *Xeta* (Anacleto), inclino-me a crer que também são locais.

HIPOCORISTICOS DE OUTRAS LINGUAS

Depois de falar dos hipocorísticos portugueses (continentais e crioulos), convem, para obedecer ao metodo que se tem seguido nesta obra, acrescentar duas palavras acêrca de hipocorísticos de outras linguas. No fim far-se-hão umas considerações gerais.

Já Adolfo Coelho, *op. cit.*, comparou os hipocorísticos crioulos com hipocorísticos de fóra; isso não obsta a que se insista no assunto.

Em grego ha hipocorísticos bitematicos ou ditematicos, e monotematicos. Nos ditematicos (cf. supra, pp. 27-28) conserva-se o tema inteiro da primeira parte do nome, ao passo que da segunda parte só se conserva o começo, acrescentando-se um sufixo ou terminação ao novo nome assim formado, por exemplo: $\Delta\eta$ -

μοσθ-ās, de Δημο-σθένης. Pelo contrário, os hipocorísticos monotematicos nascem da simplificação de um dos dois temas que formam o nome todo: Τῆλος, de Τηλυ-κράτης, Αἶμων, de Εὐ-αἶμων. Vid. Fick, pp. 15–16, que dá grande lista de uns e outros na sua obra, p. 16 sgs. Com geminação de consoante: Μενέας, etc., de Μενεκράτης, Φύλακος, etc., de Φυλάκεος, Στράτις, de Στράτιππος: vid. Schulze, p. 520, e Sommer, *Hdb. der lat. Laut- u. Formenlehre*, Heidelberg 1902, p. 290.

Em germanico antigo, um nome monotematico é quasi sempre encurtamento de um nome composto, por exemplo, *Vulfus*, de Hunulfus; nos hipocorísticos ditematicos apparecem fragmentariamente os dois temas, por exemplo, *Belfo*, por *Belfridus*, com o *Bel* da primeira parte, e o *f* da segunda. Vid. Stark, p. 10. Como em grego, tambem ha em germanico hipocorísticos com sufixos, por exemplo: *Ingizo*, de Ingelramus, Stark, p. 57; *Hubezo*, de Hubertus, p. 145.

O alemão moderno conserva muitos hipocorísticos formados por alguns d'estes modos: *Dietz* ou *Diez*, de Dietrich; *Lutz*, de Ludwig; e vid. em varios lugares d'esta obra: *Fritz*, *Hintze*, *Berta*, *Hilda*, etc. A amabilidade de Fräulein Margot Sponer devo o conhecimento de mais os seguintes: *Lilli* (Elisabeth), *Willi* (Wilhelm), *Sepp* (Peter, em dialecto austriaco), *Ursel* (Ursula), *Jochen* (Joachim). Muitos hipocorísticos tornaram-se tambem nomes verdadeiros, por exemplo, *Hugo*, que passou para o romance. Sei de uma familia alemã, residente em Lisboa, onde ha uma menina chamada *Anna Marie*, cujo hipocorístico é *Annemi*. O D.^{or} Wilhelm, p. 23, menciona muitos hipocorísticos do mesmo tipo, tambem modernos: *Lisebärbel*, de Elisabetha Barbara: *Jörg-frieder*, de Georg Friederich, etc.

Ao inglês antigo se refere Mats Redin, *Uncompounded personal names in old English*, Upsala 1919, p. xxix, *Ceobba*, talvez por *Ceolbeald*, *Ceolbeorht* (cf. p. 88); *Saba*, *Sæba*, por *Sæberht* (cf. p. 69). Do inglês moderno dá algumas informações Mowat, pp. 44–46, e Longnon no *Polyptique*, p. 271: *Betay* (Elisabeth), *Livy* (Olivia), *Chris* (Christina), *Bill* (William), *Dick* (Richard). Pela minha parte juntarei *Amy*, diminutivo de *Amelia*, como *Jenny* de *Jane* (Joana). Em Coimbra houve uma poetisa chamada *Amelia Janny*, de quem se dizem duas palavras nas *Figuras do passado*, de Pedro Eurico (pseudonimo do D.^{or} Pinto Osorio), Coimbra 1915, pp. 45, 89: *Janny* creio estará por *Jenny*, que tambem se usa em francês.

Se passarmos ao celtico, onde a formação antroponímica é semelhante á germanica e grega (cf. supra, p. 28), encontramos igualmente encurtamentos, como *Camulacus*, de *Camulo-gnatus, *Senachus*, de Seno-gnatus, *Dumnacus*, de Dumno-velaunus, todos eles formados com o sufixo *-aco*. Vid. D'Arbois de Jubainville, «Noms hipocoristiques», p. 1 (separata dos *Mém. de la Soc. de linguist.*, t. ix). O sufixo juntou-se á primeira parte de cada nome binario. Ao mesmo illustre celtista, cujas lições tive a honra de seguir em Paris durante alguns semestres, ouvi de viva voz explicar o bretão *Brioc* por Brigo-maglos (em galês *Briavael*), isto é, por Brigo- com o sufixo *-oc*.

Em latim o sistema antroponimico afasta-se dos do grego, germanico, e celtico em não ter nomes compostos, e por isso na formação dos hipocorísticos não se observam todas as regras que se observam naqueles. Alguns filólogos porém atribuem caracter de hipocorismo a certos nomes em que ha duplicação de consoante, como *Vippius*, *Vippia*, comparados com *Vipus*, *Varro* a par de *varus*: o que é semelhante a Στράτις, que acima se citou, e a «Kurzformen» alemãs, como *Sicco*, de nomes começados por *Sig-*, e *Itta*, de *Itaberga*: vid. Schulze, p. 519, e Sommer, *ob. cit.*, p. 290; cf. também os nomes ingleses arcaicos ha pouco lembrados. Outros nomes latinos da mesma especie são: *Cuppius*, *Deccius*, *Rubbius*; e (celticos): *Bottus*, *Eppius*, *Maccus*. Vid. M. Redin, *ob. cit.*, p. xxx. — Existe em S. Tiago de Cacem uma inscrição romana, várias vezes publicada, e por último na minha *Medicina dos Lusitanos* (1925), p. 54, na qual se lê *Isas*, nome de homem: se é justa a explicação de Mommsen, — *Isas*, de *Isidorus*, como *Menas*, de *Menodorus* (vid. *Noticias de Portugal*, de Hübner, Lisboa 1871, p. 31, nota 1) —, teríamos aqui um hipocorístico latino do nosso territorio; em todo o caso, de tipo grego. A explicação que de *Isas* dá De-Vit, *Onomast.* (s. v.), de *ισάτις*, julgo-a pouco satisfatoria.

Do romanceo mencionar-se-hão alguns exemplos hespanhois, italianos, e franceses.

Exemplos hespanhois: *Maruja*, *Maricha*, por *Maria*, são hipocorísticos formados com sufixo. Em *Concha*, por *Concepción*, a palavra ficou reduzida ás silabas iniciais, com palatalização de *ce*. Em *Chelito*, por *Consuelo*, temos ao mesmo tempo sufixação e palatalização. *Lola* e *Paco*, por *Dolores* e *Francisco*, são muito conhecidos e sempre citados: o primeiro com redôbro, o segundo com mudança de *F-* em *P-* e contracção violenta: *F(r)a(ncis)co*. No feminino *Paca*, deminutivamente *Paquita*, titulo até de um

poema português (de Bulhão Pato). Outra fôrma de *Francisco* é *Pancho*; vid. Mowat, p. 49. Em *Pepe*, que chegou a ser apelido, temos redôbro do *p* da fôrma arcaica hesp. *Josep*.

Fumagalli intercalou muitos hipocorísticos italianos no seu *Dizionario*, e d'aí extráio estes, como amostra, pondo-os por classes: nomes reduzidos ás silabas iniciais: *Gábrío* (Gabriello), *Raffa* (Raffaello); ás silabas finais (a mór parte): *Cecco* (Francesco), *Cintio* (Giacinto), *Cola* (Nicola), *Dino* (Bernardino, etc.), *Milio* (Emilio); a elementos das silabas iniciais e finais: *Bardo* (Berardo), *Geppo* (Giuseppe), *Gaddo* (Gherardo); com palatalização: *Tancia* (Costanza); com sufixos: *Facino* (Bonifacio, propriamente Bonifacino), *Baccio* (Bartolomeo, propriamente Bartolomeaccio); com redôbro: *Lallo* (Stanislao), *Minimo* (Emilio), *Momo* (Girolmo), *Nanna* (Marianna), *Papo* (Giàcopo), *Peppe* (Giuseppe). Em D. Carolina Michaëlis, *Studien zur romanischen Wortschöpfung*, Leipzig 1876, lêem-se já: *Nuccia* (Anna), *Maso* (Tommaso), etc., p. 70 sgs. Os Italianos fazem bastante uso de hipocorísticos, como nomes verdadeiros, ascendendo muitos d'elles á idade-média, por exemplo: *Geri*, de Ruggeri, *Gado*, de Gherardo, *Puccio*, de Jacopuccio, todos eles do tempo de Dante (sec. XIII-XIV): vid. Scherillo in *Zs. f. rom. Philologie*, xx, 16 (o mesmo A. explica *Dante* por *Durante*). Outros exemplos: *Cino* de Pistoia, jurisconsulto do sec. XIV, de Guittoncino; *Spina*, do mesmo seculo, de Malaspina; *Stagio di Goro*, sec. XIV-XV, de Anastasio di Gregorio; cf. *Santa Rita*, de Margarita, *S. Salvi*, de Diotesalvi. De hipocorísticos italianos dá igualmente várias amostras Meyer-Lübke, *Italianische Grammatik*, Leipzig 1890, § 312.

Os hipocorísticos franceses, ou *petits noms*, como lhes chama Littré (*Dict.*, s. v. «nom»), foram particularmente estudados por Mowat a pp. 49-59 do capitulo dos seus *Noms propres* intitulado «De la déformation dans les noms»: hipocorísticos devidos a aferese, como *Colas* (de Nicolas), *Gon* (de Hugon), *Nel* (de Daniel); hipocorísticos com sufixos, como *Robiquet* (de Robert), *Charlochet* (de Charles), *Thonet* (de Antoine), *Margot* (de Marguerite), *Fanchon* (de Françoise). Na Arte poetica de Boileau lê-se *Toinon* (de Antoine). Algures encontrei, com duplicação, *Zizi* por *Aspasie*. Hipocorístico de um nome composto: *Milou* por Marie Louise. Já aparecem hipocorísticos franceses em documentos dos fins do sec. XIII e começos do XIV: Mowat, p. 34.

Não parece necessario levar mais longe a incursão no campo das linguas estrangeiras, senão poderia juntar outros exemplos

de outros grupos de linguas, sobretudo russos, que um amigo me comunicou. Vê-se assim claramente que os nossos hipocorísticos obedecem ás mesmas regras gerais que os de fóra, e que ainda em minudencias concordam não raro com estes. Os Franceses dizem *Zizi*, de *Aspasie*, como nós de *Isilda*; tanto os Italianos como nós dizemos *Dino* de *Bernardino*. E comparavel ao seu *Cecco*, -a de *Francesco*, -a é o nosso *Chico*, -a; na Suíça igualmente *Tsika* por «Francisco» (vid. *Opusc.*, III, 90): cf. também *Pepe* em hespanhol, e *Peppe* em italiano, ambos correspondentes a «José». De *Quim* aproxima-se o baixo-alemão *Chim* ou *Kimm*, ainda que não é hipocorístico, mas nome proprio (vid. Vilmar, p. 6). A simplicidade das operações foneticas produziu o mesmo resultado em regiões diversas. D'aí proveio o poderem existir hipocorísticos internacionais, como, segundo mostrei, *Bártolo*, *Bastião*, *Cleto*, *Mengo*. Até ha muita semelhança dos nossos hipocorísticos compostos, por exemplo, *Maté* (Maria Teresa), com os hipocorísticos ditematicos gregos e germanicos, e sobretudo com os alemães modernos. A natureza bem se sabe que exerce por toda a parte uniformemente a sua acção.

Considerações gerais

Desejará agora saber-se como é que se originaram os hipocorísticos.

Acontece ás vezes resumir-se uma palavra, por brevidade de expressão, ou por outros motivos. Capitolino, *Gordian.*, 23, pensando sem dúvida em *μωνικός* «detestavel», chama *Misitheus* ao sogro de Gordiano III, que tinha por nome verdadeiro *Timesitheus*: cf. Mowat, p. 43. Os Parisienses condensam *boulevard Saint-Michel* em *Boulemitche*, e os Ingleses apocopam *Gibraltar* em *Gibre*, e a nossa *Carcavelos*, sem cerimonia, em *Car*¹. Nós também, por nossa vez, transformamos familiarmente, e por gracejo, *Lisboa* em *Lisbia*, reduzindo a palavra á primeira silaba, como em *Sébas*, de *Sebastião* (vid. supra), e provendo-a de uma usualissima terminação geografica. Por outro lado, ha em latim arcaico *Gnai-vod*, em ablativo, a que corresponde em latim classico *Gnaeo*, e

¹ Em Carcavelos habitam muitos Ingleses, por causa do cabo submarino: *Car* já vai passando a pouco e pouco para a linguagem dos Lisboetas!

ha nomes servis, como *Marcipor*, onde a última parte representa *puer*, ou antes, o arcaico *pover*. Temos aqui, de facto, supressão de sílabas ou de meros sons. Contudo os exemplos da primeira serie, posto que se assemelhem, na sua formação, aos hipocorísticos propriamente ditos, são esporadicos; e os da segunda obedecem ás leis foneticas da lingua latina: ao passo que os hipocorísticos nem são esporadicos, mas constantes, nem na maneira típica da formação obedecem ás leis foneticas da respectiva lingua, mas a regras proprias, seguindo, quando muito, principios gerais da evolução da linguagem, como no redôbro.

Deve, pois, o motivo da criação d'elles ser uno na essencia, ou como quem dissesse idêntico em todos.

Os hipocorísticos têm emprêgo fundamentalmente infantil. Quando continuam pela vida fóra, isso nasce de habitos familiares, adquiridos desde o berço. Portanto é nos primeiros tempos da existencia que os hipocorísticos nascem. Apenas o infante começa a balbuciar, a mãe ou a ama vai-o habituando a pronunciar palavras, e de par o nome d'ele, e os dos irmãos ou de outros membros da familia. Um menino de 19 meses, ao dizerem-lhe os pais as palavras que formam a primeira das duas colunas que se seguem, respondia com as que formam a segunda, como eu proprio observei:

boi—*bó*

burro—*bu*

cabelo—*abé* e *cabé*

camisa—*mi*

doutor—*tó*

embrulho—*abré*, ou talvez *abú*

está aqui (na linguagem popular de Lisboa *tá'qui*)—*tàti*

filho—*fi*

gato—*gá*

gosto—*dó*

panela—*paé*

pera—*pé*

sapato—*pá*

unha—*u*.

Cada palavra ficava reduzida, ou á sílaba tónica simples, ou á sílaba tónica precedida de uma sílaba anterior. Em *tàti* temos *t* por *q*, como já vimos supra (Fonetica); em *dó*, de *gosto*, por **gôto*, temos correspondentemente *d* por *g*. *Abré* e *cabé* mostram já inicio de maior desenvolvimento da loquela.

Em nomes proprios o mencionado menino fazia naturalmente o mesmo:

Alberto — *Ábé*

Alexandrino — *Aím e Anim*

Amelia — *Amé*

Ana — *Am (ã)*

Antonio (tio) — *Tó; ti Tó* (Tio Antonio)

Artur — *Tu*

Assunção — *Xão*

Beatriz — *Iti*

Bernardino — *Dim*

Bernardo — *Êná*

Domingos — *Mim e Umim*

Gloria — *Gó*

Joaquim — *Quim*

Leonor (avó) — *Nó*

Maria — *Mai e Méi*

Pedro — *Pé*

Rosaria (criada de casa) — *Azá*

Vasconcellos — *Cé e Xé*.

Em *Xé* e *Xão* temos *x* por *ç*, o que se aproxima do que se disse a p. 484.

O menino de que estou falando chamava-se *Julio-Mario*, e dizia o nome assim: *Jú-Má*. Outro menino, de nome *Henrique*, chamava-se a si proprio *Im*; e outro, *Nhi-Nhi*, por *Ni-Ni* (de *menino*).

Crianças mais adiantadas em idade pronunciavam as palavras conservando maior número de silabas: uma de quasi dois anos chamava *Fipe* a um irmão *Felipe*; outra, de ano e meio, dizia *Rana*, em vez de *Fernanda* (irmã), pois desde tenra idade pronunciára sempre bem o *r* forte; e dizia *Lixa* em vez de *Luísa* (tambem irmã), *Vão* em vez de *João* (irmão), *Mné-Mné* em vez de (*Pedro*) *Manuel* (primo); outra, de dois anos, chamava-se a si proprio *Timpa*, por *Olimpia*; e outra, de dois para tres anos, chamava *Lia* a uma irmã *Luísa*, ao mesmo tempo que ainda dizia *Faã* e *Tó* por *Fernando* e *Antonio*, nomes de irmãos. Tenho um amigo, de nome *João Carlos*, que, ao perguntarem-lhe em criança como se chamava, respondia *Xa-Caxo*: e assim continuou a familia a chamá-lo depois de adulto.

Todos estes fenomenos, e outros que poderiam citar-se, como *ito*, por *isto*, *panim* por *padrinho*, e *inha*, por *madrinha*, são

iguais aos que observamos nos hipocorísticos. A forma *panim* faz pressupôr como antecedentes teóricos **paninho* e *padinho*; *vim* faz pressupôr **mainha* e *madinha*. Tanto esta última forma como *padinho* são muito da linguagem infantil.

De palavras com redôbro, como o que se manifesta nos hipocorísticos, ninguém ignora que na fala das crianças *ti-ti* vale por *tia*, *vó-vó* por *avó*: palavras formadas em tempos remotos por crianças, e tornadas tradicionais, como também o lat. *papa* ou *pappa* de «pater», grego *πάππας*. No Friul dizem as crianças: *fê-fê* (caffé), *vu-vu* (uva), *i-i* (si): vid. Ostermann, *Il linguaggio dei bambini in Friuli* (1884), pp. 21-26. Na supramencionada expressão *ti-Tó* ha um ritmo que corresponde quasi a redôbro. De *ti-Tó* conheço a variante *titato* (esperar-se-ha *titató!*) na linguagem de outra criança, de um ano incompleto. Uma filhinha de um amigo meu empregava, na idade de quasi dois anos, *tei-teiga* por «man-teiga», com redôbro da primeira sílaba. Uma senhora, que eu conheço, tem uma filhinha a quem, logo depois do nascimento, chamou sempre *Nanita*, de *Ana*: a menina, quando começou a falar, repetia meigamente *Nini*, reduzindo o nome á sílaba tônica, e dobrando esta.

A origem dos hipocorísticos fica bem patente. Resulta de acção das mães ou amas, e de actos instinctivos das proprias crianças. Já se entende que mães e amas têm em mente tendencias naturais da linguagem infantil. De *Manuel* ou *José*, que a mãe ou a ama proferiu, uma criança fez *Né*, e *Zé* ou *Zézé*; em seguida a mãe ou a ama juntou um sufixo acariciador, e appareceu *Necas* e *Zeca*. E assim por diante. Outro sufixo acariciador o temos em *lirucas*, palavra que se applica a uma criança «loira». Caso curioso a este respeito é o seguinte (Lisboa). A uma criança de sobrenome *Carmo* chamavam em familia *Carminho*. A ama, que era da Beira, alterou o genero (vid. adiante) e fez *Carminha*, e com troca do sufixo, *Carmicha*; por fim, para imitar a linguagem infantil, reduziu a palavra a *Micha*. A familia adoptou este hipocorístico, tornando-o diminutivo: e a criança ficou sendo nomeada em familia por *Michinha*.

Assim como, segundo disse, ha palavras da lingua comum que permanecem na tradição, passando de umas crianças a outras por influencia das mães ou das amas, também nas mesmas circumstancias ha nomes proprios. Cf. os meus *Opusc.*, 1, 84.

Devem na origem ter-se formado de modo semelhante os hipocorísticos de todas as demais linguas (em grego, germanico, etc.).

Criados os modelos, formaram-se em seguida outros artificialmente, que se applicaram ou a crianças ou ainda a adultos, consoante os habitos das nações. Os paroxítonos italianos reduzem-se com tanta frequência, como vimos, ás duas últimas sílabas (*Bardo*, etc.), e isto já desde a idade-média¹, que Meyer-Lübke, *Einführung*, § 259, escreve que tais hipocorísticos mais dão a impressão de provirem de «encurtamento» (*Kürzung*) do que de «balbuciamiento» (*Lallen*). Com «encurtamento» parece que quer significar que o phenomeno tem caracter um tanto artificial. Porém creio que não nos assiste motivo para separarmos o phenomeno italiano do phenomeno português. Na origem, repito, tudo era natural. O artificial veio com o andar do tempo.

Nem Fick, nem Stark, que tão desenvolvidamente se occuparam dos hipocorísticos gregos e germanicos, explicam, me parece, a origem d'elles. Só atenderam á morfologia; e apenas Fick, a p. 2, assenta que os hipocorísticos gregos resultaram de serem muito compridos os nomes, e a p. 33 se refere a certos nomes provenientes *aus der Kinderstube* («do aposento infantil»). Mowat, no seu substancial trabalho, tambem não vai além de denominar *familiares* estas formações (pp. 41-42), e de supôr que, em França, elas começaram a ter voga nos principios do sec. xiv (p. 54). É preciso pois recorrer a outros filologos para encontrar explicações mais nitidas. Diez, no trabalho que citei no estudo do «Redôbro», enumera exemplos de geminação como *Ba-barpe* (deminutivo de *Barbe*), *Bé-belle* (deminutivo de *Isabelle*), etc., e apresenta-os como tomados á linguagem infantil: vid. *Kleinere Arbeiten*, p. 168. Wölfflin, «Die Geminatio in Lat.» (já cit.), pp. 445-446, fala do redôbro em várias linguas (*ulula*, etc.), e diz que é vulgar as crianças repetirem as sílabas iniciais das palavras, por exemplo, *Lulu* (de *Ludwig*), *Lili* (de *Elise*). Em 1901 Gabelentz, *Sprachwissenschaft*, pp. 277-278, chama a *Peppo* (de *Giuseppe*), *Bob* (de *Robert*), deformações infantis, e expõe algumas regras a que elas obedecem.

Por fim Jespersen, na sua magnifica obra, *Die Sprache*, de que, segundo já disse, só tomei conhecimento depois de escrito o pre-

¹ Cf. Aebischer, no *Archivum Romanicum*, ix, 469-470: «... en Italie .. particulièrement aux ix^e et x^e siècles, la mode des hypocoristiques a été extrêmement vivace».

sente capítulo, distingue duas classes de encurtamentos de palavras, pp. 87-88, e 151-152: encurtamentos devidos a crianças que, por não se lembrarem de uma palavra toda, conservam, para a poderem repetir por inteiro, apenas a parte final, como um eco do que ouviram; e encurtamentos devidos a adultos, que conhecem perfeitamente, na integra, a palavra que mutilam, e a reduzem á sílaba ou sílabas do começo. De encurtamentos feitos por crianças nascem hipocorísticos como *Lina* ou *Line* por Karolina, *Karoline*, *Bet* ou *Beth* por Elizabeth, *Nora* por Leonora, *Trix* por Beatrix, etc., e com redôbro, *Dodo*, *Fifine*, *Lolo*, *Mimi*,—uns e outros depois empregados por adultos; de encurtamentos artificiais e sistematicos, feitos por estes, menciona o A. exemplos como *Zep* por Zeppelin, *photo* por photograph, *Nap* ou *Boney* por Napoleão Bonaparte, etc., analogos aos que pela minha parte e de *motu proprio* eu citára sem ainda o ter lido.

A ideia enunciada por Jespersen não está em contradição com a que expus acima: pois o que se me afigura irrefragavel é que o primeiro impulso para a formação de hipocorísticos infantis partiu das proprias crianças, como se reconhece do modo da formação e da fonetica, mas que depois houve imitação realizada por adultos, que desenvolveram o sistema por todos os modos, até á exa-geração, mutilando palavras não sòmente no começo, senão no fim, repetindo sílabas atonas, e assim sucessivamente. Por imitação da linguagem instintiva das crianças, formaram elles, por exemplo, *tem-tem*: «fazer um *tem-tem*, ou um *tem-temzinho*» no sentido de *ter-se* ou *suster-se* em pé, e d'esse modo empregam a expressão, se lhes falam. Imitarem os adultos o falar das crianças, para uso das mesmas, não nos impede de admitir que elles executem ao mesmo tempo, como vimos, toda a especie de mutilações, para uso proprio, em nomes pessoais e em quaisquer outros.

Haver em grego, a par com os hipocorísticos de nomes de pessoas, hipocorísticos de nomes de herois e de deuses, por exemplo, *Τηλέμαχος* a par de *Τηλέμαχος* (Fick, p. 373), *Νηρώ*, uma Nereida, a par de *Νηραίν* (id., p. 459) também não infirma a explicação que defendo, pois igualmente em certos casos o nosso povo emprega diminutivos, falando de santos: *S. João*, meu *S. Joãozinho*, || *anel d'ouro no dedo mendinho* (versos que se cantam em jogos-de-roda, na Pesqueira, pelas festas do *S. João*); «Se fordes ao *S. João*, || trouxe-me um *S. Joãozinho*», cantiga popular (*passim*), a que corresponde em galego: «Cando vayas a Santiago, || comprarás'm'um *Santiagoño*»: vid. Ballesteros, *Cancionero*, 1, 197,

o qual explica que *Santiaguiño*, ou *santiaguiño*, é uma especie de medalhão em que está a imagem do Apostolo. De uma pessoa muito delicada e estimada dizemos que é um *santantoninho*, e até se completa a expressão assim: *Meu SANTANTONINHO, onde te porei, || que não te quebrarei?* Tanto anda no vulgo a ideia de *santantoninho*, ou *Santantoninho*, que em Lisboa é corrente pedirem-se nas farmacias *pastilhas de S. Antoninho* por *pastilhas de santonina* (etimologia popular). De *Santa Combinha*, que se venera em Santa-Comba, na Beira, falei nos *Ensaíos ethnog.*, II, 169-171, III, 288-290. Em Lisboa venera-se na Igreja de S. José (Largo da Anunciada) *Santa Teresinha* do Menino Jesus.—Afectos que são proprios da familia transportam-se com facilidade para entidades sobrenaturais!

Além de desfigurarem palavras e nomes, as crianças inventam outros por combinação *sui generis* de sons que ouvem, e cuja razão nem sempre descobrimos. *Tété* em linguagem infantil significa «ovo». Sei de uma menina, de nome *Maria Ana*, que a si mesma, quando começou a falar, se chamava *Ginha*, e assim continuaram a chamá-la em familia, já depois de casada; a mesma criança dizia *Niça* ou *Nicinha*, em vez de *Maria Palmira* (criada da casa). Sei de outra, que a uma tia, de nome *Angelica* = *AN-JE'liCA*, chamava *Jaca*, em vez de *Jeca* (vid. supra, p. 457), por mudança de *-eca* em *-aca*, devida á influencia de nomes familiares assim terminados. Outra, finalmente, quando queria leite e bolos, dizia *òvaia*, expressão que nasceu de ás vezes ter ouvido em resposta a certos pedidos «lá vai!». Uma criança alemã de 45 semanas inventou *tahee*, *dann-tée* etc.: vid. Preyer, *L'âme de l'enfant*, Paris 1887 (trad. do al.), p. 378. Falei uma vez com um alemão chamado *Helmoth*, que me disse que o seu *Kosenname* era *Ludel*, que depois ficou *Rufname*. Póde haver generalização de sons, como os ha de palavras. Conforme se lê na *Virtuosa Bemfeitoria*, do Infante D. Pedro, Porto 1910, p. 16: «os moços pequenos . . a todos os homens chamão *padres* (pais) e as mulheres *madres* (mães)». De analogo caso de generalização falei nos *Opusc.*, I, 165. Cf. Paul, *Principles of the hist. of the language* (trad. do alemão), Londres 1891, §§ 117 (p. 79), e 154 (p. 105).

Estas particularidades da linguagem infantil explicam o existirem nomes de difficil interpretação: cf. supra, p. 483.

Dizer Paul, *ob. cit.*, p. 183, que a linguagem infantil não é invenção das crianças, parece-me pois ir de encontro, em parte, á realidade dos factos.

C.—NOMES INDEPENDENTES

Muitos dos nossos nomes proprios, quer antigos, quer modernos, apresentam-se com pluralidade de fórmās, além das hipocorísticas, por exemplo: *Ranimiro*, *Ranemiro*, *Ramiro*; e *Emilia*, *Emila*. Esta pluralidade tem várias causas, pois os nomes, no decurso dos tempos, e também conforme as localidades, modificam-se como as palavras da lingua comum; a par com isso acontece, por influencia do clero e de outras classes, certos nomes, que estavam muito modificados, em comparação com aqueles d'onde provêm, retomarem fórmās mais proximas d'estes, por exemplo, *Sadornão*, arcaico (sec. XIII: *AP*, IX, 71) ou *Sadorninho*, restaurado em *Saturnino*, por causa de ser em latim *Saturninus*: o que corresponde ás fórmās que os filólogos chamam *divergentes*. Abundam restaurações analogas, segundo as linguas-fontes: *Bernardim* em vez de *Bernaldim*; *Teresa* em vez de *Tareja*. Uma palavra restaurada pôde, por seu turno, sofrer alteração na bôca da plebe: *Taresa*, *Tresa*. O mesmo se observa em palavras de introdução recente, como *Clotilde*, que se muda em *Cotilde* (vid. adiante). Dá-se ás vezes o caso de se restaurar um nome no uso quotidiano, e continuar a existir uma sua fórmula antiga na toponímia: *Cibrão*, fórmula antiga, foi restaurado em *Cipriano*, como nome de pessoa, e mantem-se em S. CIBRÃO, nome de localidades do Norte e da Beira. Ao clero deve-se não só, como se disse, uma parte, a maior, na restauração dos nomes, mas ao mesmo tempo a opposição a que as fórmās plebeias, como as referidas, e outras, prevaleçam. Os padres, no acto do baptismo e do casamento, e depois nos respectivos assentos, regulam-se pelos nomes que constam do calendario cristão, e assim os impõem. Certos apelidos antigos foram traduzidos em linguagem moderna, por exemplo, *Feo* (vid. supra, p. 195), traduzido em *Feio*; *Roivo* (vid. supra, ibidem), em *Ruivo*.

Como não faltam nomes em *-ão* proclíticos (vid. p. 449), convem não confundir com eles *Adrião*, *Emilião*, *Gião*, *Romão*, etc., restaurados em *Adriano*, *Emiliano*, *Juliano*, *Romano*. Tanto é certo que estes nomes são independentes, que até ha santos que assim se chamam, e existem localidades denominadas S. ADRIÃO, SEMELIÃO (Rêsende), S. GIÃO, S. ROMÃO. Compreende-se que, por exemplo, *Romanus*, se transformasse sucessivamente em *Romano* (já documentado, pelo menos, no sec. X) e *Romão* (tambem já documentado, pelo menos, no sec. XIII), e que este se restau-

rasse depois em *Romano*. De modo que o segundo *Romano* nada tem, quanto á epoca, com o primeiro.

O que, no tocante ao número das fórmãs, se diz dos nomes proprios, diz-se dos sobrenomes e apelidos, quando iguaes a nomes de bñtismo. Os patronimicos ou patronimicos-apelidos evoluçionaram de *-aci*, *-ici*, etc., respectivamente para *-az*, *-iz*, *-es*, etc.; *Álvarez* evoluçionou de modo particular para *Alverez*, *Alverz* (*Alvrez*), *Alves*; *Joannis* evoluçionou para *Eanes*, *Enes* (vid. *Opusc.*, III, 59-61); *Soaires*, de *Soarez*, coexiste com esta fórmula e com *Soares* (*ib.*, pp. 128-129); os patronimicos em *-inici* evoluçionaram para *-inz*, *-ins*, *-is*, como *Martinz*, *Martins*, e em galego (*Saco*, p. 246) e alentejano (*RL.*, x, 95) *Martis*. Vid. supra, pp. 101-127. Temos pois aqui grande variedade de fórmãs.

Em apelidos diversos d'aqueles que ficam mencionados encontramos variedade semelhante: *Bethencour* a par de *Betencor*, *Be-tancor* (vid. supra, pp. 288-289); *Pimintel* a par de *Pimentel* (vid. adiante). Os apelidos tirados de nomes geograficos, ou conservam as fórmãs originarias, por exemplo, *Crasto* a par de *Castro* (passim), *Vilhana* a par de *Vilhena* (*Opusc.*, III, 135), ou sofrem modificações especiais: *Arnelas* a par de *Ornelas* (*RL.*, VIII, 97); *Mendonça* a par de *Mendoça*. A respeito de *Alpoem*, que coexiste com *Alpoim*, vid. p. 166; e de *Tarroso*, vid. p. 535. Os apelidos correspondentes a palavras ou expressões da lingua usual acompanham naturalmente as modificações d'estas, por exemplo, *Selorgiam* (cirurgiaõ).

Deve aqui notar-se uma particularidade da antroponimia popular. Por analogia, segundo penso, com os patronimicos e apelidos em *-es*, o nosso povo costuma substituir a vogal final de varios nomes proprios por essa silaba: e assim, em vez de chamar a um homem *Fernando*, *Nuno*, *Paulo*, chama-lhe *Fernandes*, *Nunes*, *Paules*; em vez de chamar a uma mulher *Matilde*, chama-lhe *Matildes* ou *Metildes*. Vid. adiante tambem: *Denildes* (*Leonida*), *Henriques* (*Henrique*), *Luques* (*Lucas*), *Roqueles* (*Raquel*). E até transforma de modo paralelo alguns apelidos: *Freitas*, *Leite*, *Lemos* em *Freites*, *Leites* e *Lemes*. Quanto a *Paules*, parece-me que concorreria para a transformação a fórmula *Paulos*, igualmente vulgar; e quanto a *Metildes*, lembrarei que já em textos antigos aparece com *-es*, por causa do nominativo medieval *Mahthildis*, *Machtildis*, *Mathildis*, *Matildis*, etc., em Förstemann, col. 1083-4.

Sendo impossivel fazer uma lista exaustiva de nomes multi-formes, o que só se poderia esperar em um dicionario consagrado

exclusivamente ao assunto, reúnem-se aqui, como amostra do fenómeno, umas dezenas d'elles, tanto medievais como modernos, tanto de origem ou uso literario, como de origem ou uso popular, mas principalmente fórmias populares. De nomes medievais apresenta-se ao leitor rica messe no *Onomástico* de Cortesão, e já muitos vão mencionados supra, no Liv. I, como mais facilmente se verá do indice final.

Na lista que vai seguir-se omitem-se também, em regra, aquellas fórmias que dependem da fonetica geral da lingua vulgar: nomes com *b* por *v*, por exemplo, *Silbestre* (vid. *Opusc.*, II, 65); nomes com simples metatese real ou aparente, por exemplo, *Guegorio* (*RL.*, x, 91), *Gracia* (*RL.*, x, 91); nomes com *e-i > i-i*, por exemplo, *Feleciano*; nomes com sincope de certas vogais, por exemplo, *Zefrino* (*RL.*, x, 247,) *Fleciana* (*RL.*, x, 89); nomes com *e* postonico < *i*, por exemplo, *Vrissemo* (*RL.*, x, 247); nomes dialectais com *é < ei*, por exemplo, *Aléxo* (*RL.*, VIII, 95); e fórmias galegas com *x = j* portugueses, por exemplo, *Xorxe*, ou *-an = -ão* portugueses, por exemplo, *Xulian*.

Abel: Abelo (Baião: *Opusc.*, II, 47).

Acacio: *Alcacio* (Barroso), *Alcace* (ib.: *RL*, XX, 138). Por influencia de *alcacer*.

Adelaida: *Adelade* (Algarve: *RL*, VII, 9); *Adelaida* (Alentejo: *RL*, VIII, 94; Baião: *Opusc.*, II, 50); *Adelaira* (galego: Saco, p. 235); *Delaida* (Baião: *Opusc.*, II, 50).

Adolfo: *Adofo* (Vila Pouca de Aguiar).

Adriano: *Adrianho* (Murça: *RL*, XIV, 85); *Adrião*, de evolução arcaica, mas fórmula ainda usada; *Adreao* (galego, em *San Adreao*: Saco, p. 235).

Afonso: *Alifonso* e *Aldifonso* (Alentejo: *RL*, VIII, 95); *Alifonso* (galego: Saco, p. 235); *Alonso* (em Bluteau, p. 19); *Alonso*, supra, p. 63; muitas fórmias nos *Opusculos*, III, 79 e 102. Etimo: supra, p. 31.

Agostinho: *Augustinho* (em Freire, II, 22, que diz tê-lo achado em antigos sermonarios: de *Augustinus*; também popularmente se diz *Augustinho*, com o pensamento no diminutivo de *Augusto*. De modo que o *Augustinho* dos sermonarios e o *Augustinho* popular actual têm cada um sua origem historica.

Agueda: *Ágada* (em Freire, II, 22; popular no Alentejo: *RL*, XV, 103), *Ádega* (em galego: Saco, p. 235).

Aires: *Arias*, fórmula medieval (p. 40).

Alberto: Adalberto, Adelberto: *Nomes de santos*, p. 3; *Albértulo* (Baião: *Opusc.*, II, 47); *Albértelo* (Póvoa de Lanhoso). Em galego *Alberte* e *Albertos*: Saco, p. 235.

Alexandre: *Lexandre* (Cadaval, Amareleja, etc.); *Lixandre* (*Opusc.*, II, 51); *Leixandre* (*Opusc.*, II, 51); *Alexandro* (arcaico: *Opusc.*, III, 80); *Lexandro* (Amareleja); *Aleixandre* (1765).

Alexandrina: *Lexandrina* (Cadaval).

Alfredo: *Alfuredo* (Alentejo: *RL*, VIII, 95; e em outras provincias); *Furedo* (algures); *Arfuredo* (arredores do Porto).

Alice: *Alicia* (Mangualde), *Licia* (Alentejo: *RL*, x, 251).

Alipio: *Lipio* (V. P. de Aguiar: *Opusc.*, III, 111). Na origem cognome romano: *Alypius* = *Alupius*, em Dessau, III, parte 1.^a, p. 166, tirado do grego Ἀλύπιος, que deriva de ἄλπος, na lingua comum «sem pesar», «inocente», etc.

Alolsio. Vid. *Luis*.

Alvares: *Alves*. Vid. supra, p. 506.

Alvaro: *Alvro* (sec. XVI: *AP*, x, 105; usado hoje no Cadaval); *Alvoro*, secs. XV e XVI: *Opusc.*, III, 80; *Alvoro*, 1588, *Registos da Sé*, p. 287.

Alzira: Alziria (Barroso: *RL*, xx, 139).

Amaral, apelido: *Maral* (Paços de Ferreira).

Amaro. Vid. *Mauro*.

Ambrosia: *Ambrosa* (Cadaval).

Ambrosio: *Imurosio* (vid. *Dial. extremenhos*, I, 32).

Amelia: *Amela* (Extremadura), *Melia* (terra da Maia).

Américo: *Amerco* (Cadaval), *Mérico* (Ervedosa do Douro).

Anacleto: *Nacleto* e *Nacreto* (Alentejo: *RL*, x, 96); *Cleto* (Mangualde). E vid. supra, Hipocorísticos. De Ἀνάκλητος, tomado da lingua comum «chamado» para o serviço = lat. *evocatus* (Bailly).

Anastacia: *Anastaça* (Cadaval).

Anastacio: *Anastaiço* e *Anastaço* (Tavira).

Andrade (apelido). Forma arcaica, ainda por vezes usada: *Andrada*.

André: *Andreas* (vid. supra, p. 27, onde se citam outras formas. No feminino: *Andresa* (vid. p. 27); em galego *Andrea*, como consta do *Canc. gallego*, III, 128.

Angélica: *Angelca* (Alentejo: *RL*, VIII, 96; Tavira; Beira); *Engelca* (Tavira); *Ingélica*, passim; *Ingelca* (Peral, do conc. do Cadaval); *Ingelca* ou *Engelca* (Minde).

Angelina: *Ingelina* (Extremadura e passim).

Angelo: *Anjolo* (Alentejo: *RL*, xv, 103).

Anibal: *Anibel* (Barroso: *RL*, xx, 139); *Anible* (Alijó: *RL*, xv, 333); *Aniba* e *Anibo* (Amareleja).—Nome bem conhecido na história antiga: Hannibal em latim; na origem nome teóforo fenício («dadia de Baal»).

Aniceto: *Neceto* (algueres).

Anselmo: *Inselmo* (Algarve: *RL*, vii, 244; e passim).

Antonia. Em galego *Antona*, no *Canc. gallego*, i, 34.

Antonlo: *Antónho* (Beira, Tras-os-Montes, etc.): cf. *Opusc.*, iii, 82; *Antónho* (Alentejo: *RL*, viii, 96; Cadaval, etc.); *Antóino* (Sul: cf. Bluteau, *Nomes*, p. 20, col. 2; Monte-Carmelo, *Compendio de Orthographia*, Lisboa 1767, p. 501; *RL*, v, 146; o meu opusculo, *Dialectos extremenhos*, i, 29); *Antóinio* (Evora), que resulta de cruzamento de *Antóino* com *António*; *Antone* (terra da Maia).

Aparicio: *Apariço*, 1311, nas *Dissert. Chron.*, i, 298; cf. *PARIÇO*, nome de um casal, correspondente ao de um antigo proprietário.

Apolinario: *Apolinairo* (Tavira); *Polinario* (Beira-Baixa); *Pelunairo*, *Pulinairo*, *Pulnario* (Alentejo: *RL*, x, 99).

Apolonia: *Apelonia*, sec. xvi (*Opusc.*, iii, 82).

Apolonio: *Polonio* no *Ementario*; *Pelonio* (Alentejo: *RL*, x, 99).

Aquillino: *Clino* (Ervedosa), que assenta na pronúncia (*Aq(ue)lino*).—Na origem cognome romano, derivado do gentilício *Aquilius*; cf. *Aquila*, cognome, tomado da língua comum, onde tem a significação de «aguia».

Arcangela: *Arcanja* (Evora), por influencia de *arcanho*. Feminino do nome greco-lat. *archangelus*.

Armando. A pronúncia extremenha é com *ar-*.

Arnulfo: *Arnufu* (Algarve).—Etimológico germanico: *Arnulf*, á letra: «aguia-lôbo», ou lôbo que é como uma aguia. Palavra de introdução moderna, apesar de tratada, quanto á terminação, como as palavras antigas vindas de *-ulfo*.

Artur: *Artur*, com *a* aberto (Sul); *Arturo* (fôrma adoptada por Bluteau, *Nomes*, p. 3; fôrma popular em Baião); *Arturio* (Penedono: *RL*, xii, 312); *Aulturio* (arredores do Porto, *Opusc.*, ii, 146) por **Alturio*, de *Arturio*; *Farturo* em galego (Saco, p. 235). A fôrma *Arturo* é comum a outros idiomas românicos: hespanhol, italiano.

Ascensão. Vid. *Assunção*.

Assunção: *Sinção* (Sobrenome, conc. do Cadaval); se não ha confusão com *Ascensão*, pois na região cadavalense -ê- atono dá -î-.

Augusta: *Agusta* (Alandroal: *RL*, iv, 54; Beira); *Angústia* (Baião: *Opusc.*, ii, 48).

Augusto. Tem tres representações paralelas: *Augústio* (Penedono: *RL*, XII, 311; terra da Maia; e Famalicão); *Agusto*, passim; *Angusto* (Paços de Ferreira).

Aurelia: *Auréria*, *Auréra*, *Oréia* (provavelmente com ò):—Peral, conc. do Cadaval.

Aurelio: *Arêlo* (Tavira).

Aurora: *Arora* (Algarve: *RL*, VII, 108); *Árora* (Amareleja); *Airora* (Pombal).

Balduino (ou Baldoino): *Baldoinho* no *Ementario*, como forma arcaica. No sec. XII *Baldovino* (*Opusc.*, III, 83). Por etimologia popular o vulgo diz *Valdevinos*.—Nas *Chansons de geste*: *Baldewin*, *Balduin*, *Bauduin*. Muitas formas em Förstemann: *Baldewin*, *Balduwin*, etc. Origem germanica: *bald* em alto-al. ant. «audaz, forte» + alto-al. ant. *wini* «amigo».

Baltasar: *Baltesar* (1591, *Opusc.*, II, 202; Freire, p. 22; *RL*, II, 20; Alentejo); *Baltisar* (algures); *Beltasar* (1523, *AHP*, II, 90); *Bâtesar* (Algarve) e *Bâtisar* (Beira): *Opusc.*, III, 84.

Baptista ou **Bâtista:** *Babtista*, *Bautista* (*Opusc.*, III, 83); *Bautista*, arcaico, passim (cf. Freire, p. 23; João *Bautista* de Castro, autor do *Mappa de Portugal*, sec. XVIII). Geralmente emprega-se como sobrenome ou apelido; mas como nome proprio, *Fr. Baptista* de Vasconcellos, em Alvaro de Azeredo, *Azeredos de Mesão-frio*, p. 19.

Barbara. Temos duas series de formas: 1) *Barbra* (Beira-Baixa), *Barba* (em T. de Queiroz, *Ao sol e á sombra*, 1916, p. 189, num dialogo em linguagem popular; Algarve, *Opusc.*, I, 462-463; Maria *Barba*, Cadaval; algures, *Opusc.*, III, 84); 2) *Barbora* (1516, *Opusc.*, III, 83; 1588, *Registo da Sé*, p. 291; e Freire, p. 22; Alentejo, *De terra em terra*, II, 163), *Barbula* ou *Barbola* (Minho, *Opusc.*, II, 203; Fozcoa, *Trad. pop. de Portugal*, p. 64).

Barnabé: *Bernabé* (forma usual), *Bernambé*, forma popular da Extremadura (Lourinhã, Obidos, Cadaval): cf. *Opusc.*, III, 85. O *n* nasalou o *a*.

Bartolomeu: *Bartolameu* (*Opusc.*, II, 234; III, 84); *Bertolameu* (supra, p. 119, e *Opusc.*, III, 85); na *Nova Malta*, II, 321, do sec. XIII. Em galego: *Bértolo*, a par de *Bartolameu* (Dicc. de Valladares). O povo diz entre nós *S. Bartolamego*; é pois possível que tambem diga *Bartolamego*, falando de um individuo, mas nunca ouvi.

Basilisa: *Vaselisa* (Alentejo: *RL*, XV, 111); *Baselisa*, supra, p. 345.

Beatriz: *Breatiz*, *Briatiz*, *Briatriz* (propagação fonética), *Breitiz*: sec. xv–xvi (*Opusc.*, III, 87; II, 233); *Brites*, arcaico, passim (e *Opusc.*, III, 87; Bluteau, *Nomes*, p. 4; Freire, p. 23).

Bebiana: *Biana*, algures (haplologia).

Belchior. Vid. supra, p. 60 (Melchior). Diz Freire, p. 23: «*Belchior* é a pronúncia corrente; *Melchior* é antiquada, sendo aliás a dos nossos escriptores antigos de melhor nota». No meu ms. dos escravos de S. Antão de 1759 (cf. supra, p. 375), vem sob o n.º 697 *Balchiorinho*. O povo creio que também diz algures *Balchior*. Forma alentejana: *Belchór* (RL, VIII, 299). Na lingua usual ha *Melchior* e *Belchior*.

Benedicto ou **Benedito**. Fórmulas populares antigas e galegas: *Bieito*, *Vieito* (*Opusc.*, III, 86 e 134: por **Bēe(d)eito*, pois aqui o *i* é breve: cf. ital. *Benedetto*); outra forma antiga *Beento* (. . regra de *San Beento* . . , em J. J. Nunes, *Evoluç. da ling. port.*, p. 15), hoje *Bento*. Fórmulas populares modernas do feminino: *Banadita* (algures), e dizem-me que *Banedita*: com *a* por influencia do *n* (cf. no sec. XII *Bandit* em França: Blondheim, *Les parlers judéo-romans*, p. 30).

Benjamim: *Beijamim* (por etimologia popular).

Beringueira: a) Encontra-se *Beringueira* no sec. XIII, Cortesão, p. 51, e *AHP*, IV, 46; variante *Bringueira* (= *Bringueira*), do mesmo sec., *AHP*, IV, 47, e *Biringueira*, supra, p. 48. No *Ementario*, p. 257, *Berengaria* (santa); em Bluteau, p. 24, *Berengueira*. Na *Nova Malta*, de Figueiredo, II, 348: D. *Berengaria* Ayres, de 1301; o A. repete D. *Berengueira* a p. 349.

b) Também temos no *Ementario*, ib., *Berengela*, em Bluteau, *loc. cit.*, *Beringela*, como forma popular, e *Berenguella*. No *Ementario* dão-se igualmente como formas antigas *Berenguela*, e *Beringêa*, aquela também em Bluteau, *loc. citato*.

Estas duas series de formas diferem, quanto a mim, no etimo: *Beringaria*, *Beringueira* (var. *Bringueira*) correspondem ao feminino de um nome germanico representado por *Verengarius*, *Beringar*, em Förstemann, col. 268; *Berengela* é também o feminino de outro nome germanico, **Berenger*, representado por *Beringaer*, *Perintger*, *Berringer* em Förstemann, col. 267, e pelo francês *Berenger* (com suas variantes em Langlois, pp. 86–88).—As formas *Berenguella* e *Beringêa* dadas por Bluteau e pelo autor do *Ementario* não posso dizer se estão certas, ainda que a primeira se podia explicar por cruzamento de *Berengueira* com *Berengela*.

Quanto aos etimos vid. o que diz Förstemann, col. 258 sgs. e 571. E cf. já supra, p. 48.

Bernarda. Algures *Burnarda*, com labialização do *e*.

Bernardina: Bernardinha (Algarve: *RL*, vii, 110).

Bernardino. No Sul abrem o *a*: *Bernârdino*. Arcaico *Bernaldino*, procliticamente *Bernaldim*: vid. *Opusculos*, iii, 84, e supra, p. 450.

Bernardo: *Bernaldo*, arcaico, e ainda hoje popular (*Opusc.*, iii, 84).

Boaventura. Forma resumida e usual: *Ventura*, vid. supra, p. 66. — Em galego o mesmo: Saco, p. 236.

Bonifacio: Bonifaço (Tavira).

Briolanja. No meu ms. dos escravos de S. Antão, 1759, lê-se mais de uma vez *Viollanja*: n.º 655, etc. Na *RL*, viii, 300, dá-se *Brilinja* como forma alentejana, mas será *Brilanja*.

Brisida. Diz Freire, ii, 13: «*Brigida* e não *Brixida*, como diziam os antigos, e hoje pronuncia ainda não só o vulgo, mas os que presumem de fallar bem». Em Barroso: *Brisa* (*RL*, xx, 145). Em Paços de Ferreira: *Brista*.

Caetano: *Queitano* forma usual; também em galego (Saco, p. 236); no Algarve *Quétãno* (*RL*, vii, 253); no Alentejo *Quèatano*, *Quétano* (*RL*, x, 239). Escreve Bluteau, *Nomes*, p. 24: «corruptamente se diz *Gueatano*, a gente mais baixa diz *Tiatano*», formas porém que nunca ouvi hoje.

Calisto: *Calistro* (Cadaval: cf. *Dial. extrem.*, i, 30; Barroso, *RL*, xx, 140). — Do gr. *Καλλιστος*; na origem superlativo de *καλός* «belo».

Camila: *Camilia*, 1583 (*Registo da Sé*, p. 237; ainda hoje em Baião: *Opusc.*, ii, 49).

Camilo: *Camilio* em Barroso (*RL*, xx, 147). Cf. *Camilia*.

Candido: *Cãido*, *Cãidlo*, *Cándigo*. — Do etimo falo nos *Opusc.*, iii, 88.

Canuto: *Canhoto* (Cañoto) em galego: Saco, p. 235 (por etimologia popular). — De S. Canuto, rei da Dinamarca (*Kanut*).

Carlos. A respeito da historia d'esta palavra vid. *Liç. de Filol.*, 2.^a ed., p. 421 sgs. — Formas populares: *Calros* (já em Bluteau; *Nomes*, p. 24; e ainda hoje no Algarve: *RL*, 334; e noutras terras, como Alvaíazere, Évora, etc.; em Paços de Ferreira: *Cáulros*, e em galego: Saco, p. 235). Em Évora também *Cairros*; em Baião *Calres* e *Carles* (*Opusc.*, ii, 49, 89). Formas arcaicas por influencia francesa: *Charles*, *Chelres*, *Cherles*: *RL*, iv, 386–387

(P. de Azevedo), e *Opusc.*, III, 90. Num doc. de 1563 *Carlo*, como em italiano: *RL*, *ib.* (Azevedo).

Cármén: galego *Carmela* em Saco, p. 235, por causa de *Monte-Carmelo*.

Carolina: *Carlina* (Beira: *RL*., XII, 332) e *Carrolina* (Beira também), por influencia de *Carlos*, que soa *Carrlos*, e de *Carlota*, que soa *Carrlota*.

Casimira. Vid. *Casimiro*.

Casimiro: *Casumiro* (Casomiro), em Guimarães (*Opusc.*, II, 204, 237), etc.; *Casmira* (e *Casmira*) na Beira e Extremadura; *Casumilo* (terra da Maia), e *-a* (Paços de Ferreira).

Catarina. De um lado deu: *Catalina*, sec. XIV (supra, p. 56; *Opusc.*, III, 89; *Docs. do Souto*, p. 144), a par de *Catalinha*, no mesmo século (*Docs. do Souto*, p. 145); do outro deu: *Catelina*, sec. XIV (*AP*, IX, 67; *Linhagens*, p. 337; *Opusc.*, III, 89); do outro: *Caterina* (sec. XVI, = *Natercia* em Camões), sec. XVIII (Freire, II, 23), e *Catrina*, forma popular actual (Algarve, Beira, e passim). Isto se vê melhor no seguinte esquema:

		Catalina	Catalinha
Catarina	Caterina	Catrina	

Cecília. Deu, por um lado, *Cezília* (dissimilação), já no sec. XVI (grafia *Sezília*: vid. *De terra em terra*, II, 159), e em Freire, II, 23; forma corrente na Extremadura (Cadaval: *Dial. extrem.*, I, 30; Santarem, etc.), reduzida a *Cezila*, sec. XVI (*Opusc.*, III, 90), vulgar ainda na Extremadura e no Alentejo; restaurada falsamente com a forma *Cizília*, em Freire, II, 23, que a dá como plebeia; e tornada, com palatização, *Çozilha* = *Sozilha* (Ribatejo, talvez por influencia de *Sousa*, que era *Sóza*); deu por outro lado *Cecila*, segundo a fonetica usual do Sul, e foi restaurada falsamente em galego com a forma *Sicília*, em Saco, p. 236. Tudo isto se vê no seguinte esquema:

		Cezila
	Cezília = Sezília	Cizília (falsa restauração)
Cecília	Cecila	Çozilha
	Sicília (falsa restauração)	

Celestino: *Celestrino* (passim), d'onde, por um lado: *Celustrino* (Ervedosa do Douro), *Çulustrino* = *Sulustrino* (*RL*., VII, 115; X,

243), e *Çulestrino* (*RL.*, vii, 115); e por outro: *Cestrino* (Ervedosa do Douro: informação de Celestino de Azevedo). Quanto ao *r*, cf. *celestre*, forma popular de *celeste*.

César: *Cezre*, no Minho (*Opusc.*, ii, 191); *Zéxaro*, na Beira (*Opusc.*, iii, 135).

Chámoa (arcaico); no latim medieval *Flamua* (sec. xii), *Leges*, p. 387 (*Flamua* Diaz). Cf. *Opusc.*, iii, 90.

Cícero: *Cicerom* (arcaico), *Cicerão* (arcaico): *Opusc.* iii, 91. — Na origem cognome, que se costuma explicar por *cicer* «grão» (por exemplo, no sentido de «verruga»).

Cipriano. Formas arcaicas: *Cibrião* e *Cibrão*, nos *Opusc.*, iii, 91. Forma usual *Cepriano*, popularmente *Supriano* (*RL.*, x, 244); *S. Ciprião* numa fórmula ou oração do Minho (*RL.*, xxv, 216). Forma galega (San) *Cidran* e em Saco, p. 235, por etimologia popular.

Ciriaco: (San) *Ciris*, galego, em Saco, p. 235. — De *Cyriaci Sancti ecclesia*. Na origem nome proprio Κυριακός, tirado da língua comum: «respeitante ao Senhor = (κύριος)», e também «Domingo».

Claudino: *Claudininho* (Tavira). Adaptação ao diminutivo. — Na origem: derivado de *Claudio*.

Claudio: *Clodio* e *Cloio* em galego (Saco, p. 235; cf. *San Cloyo* nas Asturias, nome geográfico); em português arcaico *Croyo*, sec. xiv (*Elucidario*). Forma popular alentejana: *Culadio* (*RL.*, iv, 61). As formas em *Clod-*, *Cro-* assentam em *Clodius*, forma popular de *Claudius*.

Clemencio, arc. *Crimenço*.

Clemente: *Climente* (*Opusc.*, iii, 92), *Crimente* (*Opusc.*, ii, 240). Em Evora: *Clamente*, *Clamentes* (cf. supra, p. 506).

Clementina. De um lado *Clamentina* (*Opusc.*, iii, 92); do outro *Crementina* (Beira).

Clotilde: *Cotilde* (Val de Azares), *Coltide* (algures), *Cotide* (algures).

Conceição: *Coceição* (dissimilação); *Coicêção*, Algarve (*RL.*, iv, 335).

Constança. Diz Bluteau, *Nomes*, p. 26: «*Constancia*, ou *Constança*, que é mais comum». Diz Freire, ii, 23: «*Costança*, e não *Constança*, se bem que esta segunda pronunciação tem a seu favor votos de pessoas cultas».

Constantino: *Costantino*, arcaico e ainda popular (cf. *Opusc.*, iii, 93).

Cornello: (Sã) *Cornelho*, que se ouve algures. — Na origem cognome latino: *Cornelius*.

Cosme: forma antiga *Cosmo*, nos *Opusc.*, II, 239, e III, 92.

Crisostomo: no Alentejo *Grisóstimo* (*RL*, X, 91). — Na origem apelido grego: *Χρυσόστομος* «boca d'ouro», ilustrado por S. João Crisóstomo, Doutor da Igreja (sec. IV-V).

Cristina. Forma popular antiga *Crestinha*, Guimarães (*Opusc.*, II, 202); forma popular moderna *Questina* (dissimilação), em Évora.

Cristóvão: *Cristovo* (*Opusc.*, III, 93), ou *Cristobo* (tambem em galego: Saco, p. 235; *Canc. gall.* de Ballesteros, III, 13). De **Christophanus*, por *Christophorus*, com a terminação de *Stephanus*. Tambem de CRISTÓVAL, nome geografico.

Cunegundes. Forma paralela *Cunegunda*, em Freire, II, 23, e no *Ementario*. — Do alemão *Kunigunde* (Kunigunt), passado para o Calendario cristão.

Custodia e Custodio. Formas populares: *Questodio*, e *Questodia*, passim. No Algarve *Custoido*.

Damasio: *Damaíso* (Sul). — Derivado de *Dâmaso* < *Δάμασος*, do tema de *δαμάζω* «domar», «vencer».

Damião. No Minho *Demião* (Demião): *Opusc.*, II, 147.

Daniel. Deu, d'um lado: *Danhel* (Evora); do outro, *Deniel* (Mondim da Beira), *Denhel* (Cadaval).

David: *Davim* (Sobrenome: Cadaval). Ortografia arcaica *Davit*, nos *Opusc.*, III, 94. Em Gil Vicente: *Davi*, com rimas com -i; assim pronunciavam hoje algumas pessoas.

Delicado. Apelido tirado da lingua comum; cf. o cognome *Delicatus*. Outras formas cultas: *Delgado*, *Dalgado*.

Denis. Formas arcaicas: *Donis* (supra, p. 46, e *Opusc.*, III, 94); *Deliz* (*Elucidario*). Cf. tambem Freire, II, 23. A forma *Donis* ainda no sec. XVII: vid. *Arch. de hist. da Medicina*, 2.ª serie, V, 171. Ortografia dos ultimos tempos: *Diniç*.

Deolinda. Em Mangualde *Violinda*.

Deslderia: *Desidera* (Cadaval).

Desiderio. Por dissimilação *Isderio* (algures).

Dlgo: *Diego*, vid. pp. 51-52, e *Pergaminhos de Guimarães*, n.º 275 (ano de 1449); *Diago*, sec. XIII, *Opusc.*, III, 95.

Domenga, sec. XIII, *RL*, VIII, 38; em galego *Dominga*, sec. XIII-XIV, no *Boletim gallego*, n.º 1, p. 7. A par com *Domingas*, supra, p. 45.

Domingos. Em Barroso *Demingsos*.

Dordia. Vid. *Dorotea*.

Dorotea: *Dordea*, *Dordia*, arcaico: *Opusc.*, III, 96. E vid. supra, p. 46.

Duarte. Vid. *Eduardo*.

Dulce: arcaico *Doce*: supra, p. 29.

Eduardo. Variante *Duarte*: supra, p. 59; e cf. Freire, II, 23. Popularmente *Induado* (Cadaval).

Ediviges. No Algarve *Endeviges* (*RL*, VII, 119). O *Ementario* dá como variante literaria *Eduvigis*.—A origem está no alemão *Hedwig*, alatinadamente *Sancta Hedwigis* (sec. XIII).

Efigenia. Vid. com *If*.

Egídio: *Jídio* e *Isídio* no Douro (*Opusc.*, II, 51).—A *egidius* = *Aiyidios*, que parece corresponder a *atyidion* «cabrinha».

Eleuterio: *Lauterio*, supra, p. 64; *Létério* (Alentejo: *RL*, X, 93); *Noutel* (em Bluteau, *Nomes*, pp. 28 e 39; *Neutel* (*Liç. de Filol.*, 2.^a ed., p. 216).

Elias: *Inlias* na Extremadura e Beira-Alta (*Dial. extrem.*, I, 33).

Elisa: *Ilisia* (Beira).—Tambem ha porém *Elisia* (e Elisio) como palavras cultas: vid. o *Ementario*.

Elói: *Loy* arcaico (Bluteau, *Nomes*, p. 28); *Elóio* (Peral: Cadaval. Cf. *frades-loios* ou de *S. Eloi*). Pertencerá aqui *Aloy* (nos *Opusc.*, III, 80).

Elvira: *Livira* (Melgaço; com *li* e não *le*). A evolução fonetica deve ter sido esta: *Elvira* > **Elivira* (com suarabacti: cf. *Selivana* por *Silivana*, de *Silvana*) > **Ilivira* > *Livira*. Em Val d'Azores e Ervedosa do Douro: *Alvira*.

Emanuel. Vid. *Manuel*.

Emilia: *Emila* (Cadaval), *Mila* (Algarve: *RL*, VII, 248). Nas *Linhagens Mila*, pp. 151, 152 e 160, etc.; apesar de ter a p. 151 a variante *Emilia*, não posso dizer se é ou não a mesma palavra, pois Förstemann, col. 1123, traz um exemplo de *Mila*, como nome germanico feminino.

Emiliano: *Emilião*, *Milhão*: vid. *Opusc.*, III, 114.—Do cognome *Aemilianus*, que deriva de *Aemilius* (nome gentilicio).

Engracia. Freire, II, 23, dá *Gracia* como fôrma popular, e diz que é a mesma que se lê em poesias de D. Francisco Manuel.

Epifania: *Pifana* e *Empifanha* em Montemor-o-Novo.—Feminino de *Epifânio*, como penso.

Epifânio: *Ipifânio* e *Pifânio* (Cadaval).—De *Ἐπιφάνιος*, á letra «que aparece»; *ἐπιφάνεια* «festa do aparecimento de Cristo» (ou festa chamada dos Reis); Santo Epifanio: um dos Padres da Igreja.

Ermelinda: *Esmelinda* (algures), *Ismelindra* (Ervedosa do Douro). Quanto ao -s- cf. *Esmengarda* s. v. «Hermengarda». — Do etimo fala-se nos *Opusc.*, III, 56.

Ernestina: *Lustrina* (Cadaval), por etimologia popular.

Ernesto: *Arnesto* no Alentejo (*RL*, VIII, 97), e na Extremadura.

Escolastica: *Escolásteca* e *Escolástega* (Amareleja: Moura). — Feminino de *Σχολαστικός*, nome proprio tirado da língua comum: «ocioso», e também «estudioso»; Santa Escolastica (sec. VI).

Estacio. Variante antiga *Estaço*. Cf. Bluteau, *Nomes*, p. 28.

Estanislau. Como é palavra um pouco complicada, temos várias formas populares, por exemplo (todas elas do concelho do Cadaval): de um lado *Stenislau* e *Stenelau*; do outro *Tanislau*, que por sua vez deu, de um lado, *Staslau*, *Estrelau* (por etimologia popular) & *Treslau*. O que tudo se vê melhor neste esquema:

$$\text{Estanislau} \left\{ \begin{array}{l} \text{Stenislau} < \text{Stenelau} \\ \text{Tanislau} \left\{ \begin{array}{l} \text{Taslau} > \text{Staslau} > \text{Estrelau} \text{ \& } \text{Treslau} \\ \text{Tislau} \end{array} \right. \end{array} \right.$$

Estefânia: *Estefâna* ou *Stefâna* (Cadaval), e *Stofâna* (Alentejo: *RL*, x, 243; com o = u, por influencia do f). — Feminino de *Stephanus*, p. 46.

Estevão: *Stévom*, sec. XIV (*Opusc.*, III, 129); *Estevo*, Alentejo (*RL*, XIV, 290) e passim; *Estebo* em galego (Saco, p. 235).

Estrabão: a par de *Estrabo*, nos *Lusiadas*, v, 50. — Grego *Στραβων* (= *Strabo*, -onis), nome (alcunha) tirado da língua comum: «vesgo» «estrabico».

Etelvina: *Telvina* (Alentejo, Extremadura, Beira); *Entelvina*, *Tólvina*, *Tövina* (Evora).

Etelvino: *Telvino* (Extremadura).

Eufemea: *Oufemea*, sec. XIII (*RL*, VIII, 38), *Oufemia*, actualmente (Minho: *Opusc.*, II, 252), *Ófemia* (Alentejo: *RL*, x, 97). — Do gr. *Εὐφημία*, a que corresponde no masculino *Εὐφήμιος*: á letra «que pronuncia bem» (por exemplo, palavras de bom agouro).

Eufrasia: *Fraisa* (Algarve: *Opusc.*, III, 102); *Ófrasia* (Alentejo: *RL*, x, 97); *Ofrasia* (= *Ufrasia*: terra da Maia). — Do nome comum grego *εὐφρασία* «alegria». Também ha *Εὐφράσιος*.

Eufrosina: *Frasina* (Paços de Ferreira).

Eugenia: *Ogénia* e *Ogéne* (algures); *Ógénia* e *Ugenia* (Alentejo: *RL*, x, 97, 254); em galego (Santa) *Unxia*, que parece que assenta na acentuação grega (*Εὐγενία*).

Eugenio: *Ogéno* no Algarve (*RL*, vii, 250); *Géno* no Peral (Cadaval).

Eulalia: *Eulaia* e *Olaia*, como fórmulas plebeias em Freire, ii, 24; *Olaia*, como fórmula usual, e *Olalha*, como fórmula arcaica, em Bluteau, *Nomes*, p. 40; *Ólalia* e *Òlaia*, no Alentejo (*RL*, x, 97); *Ólaia* também no Minho (*Opusc.*, ii, 190); (Santa) *Vaya* em galego (Saco, p. 236, fórmula também conservada no nosso onomástico).

Eulalio: *Olaio* em Paços de Ferreira.

Eurico: *Ourico* e *Erico* (= irico) em Viana do Castelo; *Urico* em povoações do conc. do Cadaval.

Eusebio: *Ósebio* e *Inzebio* nos Saloios (*Opusc.*, iii, 99); *Enzébe* em Tavira.

Evandro: *Ervando* (isto é, *irvando*) no Cadaval, onde conheci um indivíduo assim chamado. — Do lat. *Evander* ou *Evandrus* (*Εὐάνδρος*), nome bem conhecido na história greco-romana.

Evarista: *Barista* em Paços de Ferreira.

Evaristo: *Avaristo* nos Arcos de Valdevez, e em Terra de Miranda. *Garisto* em Mangualde.

Ezequiel: *Êzaquiel*, *Izaquiel*, *Zaquiel*, fórmulas alentejanas (*RL*, x, 247); *Zaquiel* em galego (Saco, p. 237).

Fabiano tem a par *Fabião*, fórmula tão culta como a primeira. — Do cognome *Fabianus*.

Facundo ou **Fagundo**, diz Bluteau, *Nomes*, p. 30. — De *Fagundo* já se falou a p. 64. De Sant'Fagund(o) veio *Sahagún*, nome de uma vila da provincia de Lião.

Faustina: *Fástina* e *Frástina* no conc. de Moura.

Feio, apelido; outr'ora *Feo*, p. 181.

Feliciano: *Freciana* na Beira-Alta. — De *Feliciano*.

Felipe. Fórmulas que se usavam a par: *Filipo*, *Felipo*: vid. *Opusc.*, iii, 100, e cf. supra, p. 61.

Felisberto. Na língua antiga *Feliberto*: vid. por exemplo o *Martyrologio* (sec. xvi), p. 175 e taboada; e ainda o *Catalogo dos nomes dos santos* (1847), tem «*Filiberto* ou *Felisberto*», o que se repete no *Ementario*. De *Filiberto* veio primeiramente *Feliberto*, por dissimilação; depois, o povo, decompondo mentalmente esta fórmula em *Feli-berto*, pois que conhecia o nome *Berto*, confundiu a primeira parte com *feliz*, e criou a fórmula actual. No feminino *Felisberta*. — O elemento *Fili-* está representado hoje em alemão por *viel* «muito», que corresponde ao ant. alto al. e gótico *filu*; o segundo elemento já o vimos a p. 63 (Alberto): o nome quer pois dizer «muito brilhante». Cf. *Philibert* em francês (escrito

erradamente com *Ph-*, como se se relacionasse com *Philippe*), e *Filiberto* em italiano e hespanhol.

Fellz: *Fiiḡ* arcaico (*Opusc.*, III, 101); (San) *Fiz* em galego (Saco, p. 236). Esta forma provém do acusativo *felicem*, ao passo que *Félix*, que também se usa, é literária, e representa o nominativo latino.

Fellzardo: *Friḡardo* (Alentejo: *RL*, x, 90). — Parece será derivado de *Feliḡ*, com o sufixo *-ardo*, de *Ricardo*, etc.

Fernandes, por *Farnandes* (Alandroal: *Opusc.*, III, 100). Vid. *Fernão* nos Proclíticos, p. 449.

Filomena. No Alentejo: *Flomena*, *Fomena*, *Filosmena* (*RL*, x, 89); na Beira-Alta *Flomena*; no Cadaval *Fromena*.

Firmino. Na Beira *Furmino* ou *Frumino*, no Minho *Flumino*, que assenta na forma anterior. — Vid. supra, p. 69.

Florencia. Nos secs. XIV e XVI *Florença* (*Opusc.*, III, 102; e *Registo do Castello*, p. 30).

Floriano tem a par *Florião*: Bluteau, *Nomes*, p. 30.

Fradique. Bluteau, *Nomes*, p. 28, dá esta forma como plebeia de *Fadrique*; hoje é o inverso. O mesmo A. dá-lhe como etimo *Frederico*; só me parece que devemos pressupor, como forma imediatamente anterior, ou o alemão ou o francês (supra, p. 69).

Francisco. Formas populares seriadas: *Fracisco* (com desnasalamento; cf. *Costantino*, *aspessada*, francês *M'sieu*) > *Frecisco* (com assimilação do *a* ao *i*, como em *Metildes*) > *Fercisco* (metatese, como em *fremoso* < > *fermoso*) > *Fecisco* (assimilação: cf. *Opusc.*, II, 199) > *F'cisco* (cf. *f'char* < > *fechar*. Em samartinhago, isto é, no falar de San Martín de Trevejo (Cáceres — Hespanha) diz-se *Fradiscu*.

Frederico. Na *Córte na aldea*, mihi, p. 88, vem *Federico*, e assim também em Bluteau, p. 28, e Freire, p. 24, forma culta. Os Beirões dizem *Fedrico*, *Fudrico*, *Fardico* (a primeira forma também no Minho, etc.).

Freitas, apelido (de origem geográfica). No Algarve *Frétes* *RL*, VII, 124. Cf. supra, p. 166.

Frutuoso: *Fruituoso*, arc. (*Opusc.*, II, 245); *Furtoso* (1765), *Furtuoso*, *Fertuoso*, *Frituoso*, (*RL*, x, 90); *Fretuoso*, passim.

Gabriel: *Graviel*, sec. XVI (*Opusc.*, III, 106) e XVII (*Archivos de hist. da Medic.*, 2.^a serie, t. V, p. 154); *Grabiél* (Amareleja, conc. de Moura; Beira); *Graviel* (Amareleja, a par da forma antecedente); *Gavriel* e *Greviel* (Alentejo: *RL*, x, 90); *Garabiel*, com suarabacti, em galego (Saco, p. 235). — A *Gabriel* devem

corresponder fôrmas com *-a*, paralelas ás de cima; porém só o posso dizer ao certo de *Graviela*.

Gabriela. Vid. *Gabriel*.

Genesio. Bluteau, *Nomes*, p. 31, menciona *Ginés*, mas diz que esta fôrma é mais usada em Castela que em Portugal.—O nome geografico *S. Gens* assenta em *Sancti Genesisii* (ecclesia). *S. Genesis* viveu no sec. iv. O nome corresponde ao grego Γενέσιος, tomado da lingua comum: «que respeita á familia ou ao nascimento».

Genoveva: *Genoeva* (Beira e Minho: *Opusc.*, III, 104); *Genovefa*, como plebeismo, em Freire, p. 24.

Georgina: *Zorçina*, na Sobrena (Cadaval). Primeiro deve ter-se dito **Jorçina* por dissimilação (cf. *Jorçe*); depois a palatal inicial foi assimilada ao *ç* medial.

Geraldino: *Giraldinho* (Póvoa de Lanhoso), por confusão com o diminutivo.—Derivado de *Geraldo*.

Geraldo ou **Giraldo**; fôrma antiga *Gerardo*: cf. Bluteau, *Nomes*, pp. 30-31.

Germano: *Juromano* (Alentejo: *RL*, x, 92).

Gertrudes. Fôrmas populares: *Gertruides* (Barroso); *Gertrui-
zes* (ibidem); *Jartrudes* (ibidem); *Jatruzes* (ibidem); *Gestrudes*
(ibidem, e Lisboa); *Geltrudes*, dada por Freire, p. 24; *Getrudes*,
Estrudes (*Istrudes*, *Strudes*): *RL*, iv, 65, x, 90; e *Opusc.*, III, 99.

Gervasio. Em Barroso: *Gervás*, *Jarvás*, *Jarbás*.

Gil: *Giro* na Sobrena (Cadaval). Fôrma talvez muito local.

Gonçalo: arc. *Gonçalvo* (sec. xi), por Gundisalvus: cf. p. 30.

Graça: no sec. xvi *Grácia* e *Grácea*: vid. *Registo do Castelo*, p. 79, e *da Sé*, p. 235.

Gregorio: no sec. xvi e antes *Grigorio* (Grigoryo, Grigoreo); popularmente na Beira *Grigoiro* (Val de Azares). Em galego *Guirgorio* (Saco, p. 235). No *Dicion. gallego*, de Valladares diz-se: «*Goriño*» (por dissimilação).

Guadalupe: *Aguadelupe* (Alentejo). O mesmo em galego (Saco p. 235).—Na origem Senhora de Guadalupe (Hespanha).

Gualdino: arc. *Galdino* (Cortesão); em Baião, *Gaudino*; em Ervedosa do Douro o povo diz *Iguldino* (informação de Celestino de Azevedo), por influencia de *igual*.—Esta palavra na origem supponho ser um derivado em *-ino* do hipocoristico germanico *Waldo*, de nomes começados por *Wald*; em alto al. ant. *waldan* ou *waltan* quer dizer «dominar», «possuir», etc. Cf. em francês ant. *Gualdin* e *Gaudin*.

Gualter. Pronunciado com acento no *a*, soa *Bálta* em Paços de Ferreira.

Guilherme: arc. *Guilhelme* e *Guilhelmo*, nos *Opusc.*, III, 106. Lê-se em Freire, II, 24, que, falando de algumas pessoas estrangeiras, dizemos, com Vieira: *Guilhelmo*. Também Bluteau, *Nomes*, p. 6, menciona *S. Guilhelmo* repetidamente.

Gulomar. Tomou diferentes formas:

— *Guimar*, não só arcaica (*Linhagens*, p. 206; *Fidalgo aprendiz*, de D. Francisco Manuel, ed. de Mendes dos Remedios, p. 46; Bluteau, *Nomes*, pp. 6 e 31), mas popular (Freire, II, 24; e ainda em Évora);

— *Guiméria*, popular no Cadaval;

— *Gomar*, em Bluteau, *loc. cit.*, p. 31;

— *Guméria*, popular em Viana do Castelo.

Guterre: *Gutierre*, supra, p. 29; *Goter*, em Bluteau, *Nomes*, p. 32.

Helena: *Ilenia*, *Inlena* e *Inlenia*, em Baião (*Opusc.*, II, 50-51); *Ilâna*, popularmente algures, mas em região onde porém as palavras comuns acabadas em *-eno*, *-ena*, soam como *e* e não como *â*.

Henrique. Muitas formas arcaicas, *Anrique*, etc., nos *Opusc.*, III, 81, 99, 107-108; a forma *Anrique* é ainda popular no Minho (*Opusc.*, II, 231) e no Alentejo (Évora). Dizem-me que em Évora também se usa *Hinrique* e *Henriques* (cf. supra, p. 506).

Henriqueta: *Riqueta* (Mondim da Beira), por supressão do *en-* (*in-*), pois em casos analógicos alternam formas nasalizadas e não nasalizadas: cf. *Endeviges*, *Enxidro*; uma vez até vi escrito, como marca de posse «R. R.», iniciais que significavam *Riqueta Ribeiro*.

Hermenegildo. Palavra difícil de pronunciar, e que por isso tomou formas populares:

— *Emegildio* no Alentejo, *RL*, x, 10, 95; *Imegildo* no Peral e na Vermelha (Cadaval);

— *Megildo*, por aferese da antecedente, no Alentejo (*RL*, ib.), na Vermelha, e em Vila Pouca de Aguiar;

— *Mogildo* (Vermelha), que assenta na anterior por labialização do *e* devida ao *-M*.

— *Bugildo* ou *Bogildo*, também na Vermelha e no Peral; por mudança do *M-* em *B-*, como noutras palavras de uso popular (vid. Hipocorísticos);

— *Meregildo* em galego (Saco, p. 236).

Hermengarda: *Esmengarda* em Mangualde. Quanto ao *-s* cf. *Esmelinda*, s. v. *Ermelinda*.

Herminia: *Hermina* ou *Ermina* (Alentejo: *RL*, x, 91); *Irmina* (Cadaval).

Herminio: *Irmino* (Cadaval).

Harmógenes: *Hirmógino*, no Alentejo (*RL*, x, 91). Palavra de pouco uso. — Do gr. *Ἑρμογένης* > lat. *Hermógenes* (cognome): á letra «descendente de Hermes».

Hipólito: *Hipolto* no Alcaide.

Hortensia: *Hortense* (Cadaval).

Ifigenia: *Infigéna* (Viseu), *Frugenia* (Alentejo: *RL*, x, 250). — Origem grega: *Ἰφῆγεια*, de *ἰφί* (adverbio), «com poder», ou «com força», + tema de *γενος* «nascimento», «descendencia», etc.

Ignacia ou **Inacia:** *Inaça* e *Inaiça* na Sobrena (Cadaval).

Ignacio ou **Inacio.** Dizem-me que em Tavira se usa *Ignaiço*, e em Evora *Enácio*. — Cf. *Opusc.*, III, 98.

Ildefonso: *Illefonso* em Bluteau, p. 34, col. 2; em galego *Ilifonso* (Saco, p. 235); algures vi escrito *Santilifonso*. De *Ilifonso* provém *Lifonso*, que se usa vulgarmente.

Inocencio: em 1567 *Emçensso*, *AHP*, v, 23 (e cf. supra, p. 116).

Iria: *Eirêa*, sec. XIV (supra, p. 128); *Eiria* também antigo e depois popular: Bluteau, *Nomes*, p. 27; Freire, p. 24; *Opusc.*, III, 109.

Isabel: *Zabel* e *Jabel*, fórmulas populares (Bluteau, *Nomes*, p. 34; *Opusc.*, II, 51, 64, 66, 197). O S.^{or} Mario Saa disse-me que encontrára num doc. de 1530 (cartorio de um tabelião de Avis) *Lisabel*. Vid. também *Isabela* e *Elisabela* nos *Opusc.*, III, 109 e 98. Em galego *Sabela* (Saco, p. 236).

Isidoro: *Esidoiro* (Alentejo: *RL*, x, 88); *Zidoiro* (ibidem: *ib.*), *Zedoiro* (Algarve: *RL*, VII, 259), *Zidoro* (Beira); *Jidorio* em Murça (*RL*, XIV, 86) e na Beira.

Isidro: *Enzidro* (Algarve: *RL*, VII, 120), *Êzidro* no Alentejo (*RL*, x, 88).

Isilda: *Zilda* na Beira.

Jacinto: *Jacintro* muito popular por toda a parte. Cf. *Opusc.*, II, 246; III, 109.

Jacob. Correspondem muitas fórmulas a este nome, vindas em diversas épocas e por diversos caminhos: *Jacobo* em Arraiz, *Dialog.*, 2.^a ed., fls. 76 v; *Jacó(b)*, *Jaime*, *Iago*, *Tiago*, *Jacome*, o apelido *Jacques* (vindo do fr.), etc. Cf. Bluteau, *Nomes*, p. 8; *Opusc.*, III, 54, e supra, pp. 38, 75, etc., e infra. Em galego *Xácome* (Saco, p. 236; e também *Xacobo*, Logris, *Gram. gall.*, p. 115).

Jaime: *D. Jaimes*, Duque de Bragança, na *Cronica de D. Emanuel*, de Goes, pt. III, cap. 46 (1513); *Jaimes* também em Bluteau, *Nomes*, p. 33, como arcaica; forma popular no Sul (*RL*, x, 92; *Opusc.*, III, 109);

— *Jame* no Alentejo (*RL*, x, 92);

— *Jasme*, *Jasminho*, em Silves, por analogia com o -s- de *Cosme* (provavelmente). — Cf. s. v. «Jacob».

Januario: *Januairo* e *Jenuairo* são formas populares correntes (cf. *Opusc.*, III, 109; *RL*, x, 92); *Jenhuairo* é dada como do Alentejo na *RL*, loc. citato.

Jeremias: *Jermias* e *Jarmias* em Barroso. — Do hebreu Irmeiahu ou Irmeiah, com forma grega (*Ἰερμιας*): talvez «quem Iehova constituiu» (Gesenius, p. 407): de rum «levantar».

Jerónimo. Tem muitas formas populares, umas antigas, outras modernas, como consta dos *Opusc.*, III, 110, e da *RL*, x, 92; outras colhi-as em diferentes fontes. Ei-las:

Jeronimo	{	Jerólmo	{	Jerolmo ¹ > Jelormo
			{	Jirólmo > Jirolmo > Jirormo
				Jurólmo
	{	Jerónemo - Jerómeno		
		{	Jarómino	
			Jarolmo	
		Jirónimo - Jirómeno		
	{	Jurónemo		

As formas com *i* explicam-se por influencia do *j*, as com *a* por influencia do *r*; as com *u* talvez por influencia do *m*.

Jesuina. Vid. o nome seguinte.

Jesuino: popularmente *Jasuino*, passim. Do mesmo modo *Jasuina*.

João. Formas arcaicas: *Joannes* (latinismo), e *Joane*: vid. *Opusc.*, III, 57 e 110. *Joane*, que Sá de Miranda, *Poesias*, ed. de D. Carolina Michaëlis, p. 171, emprega como popular, vive ainda na toponi-

¹ Esta forma, que vem na *RL*, x, 92, e que também ouvi a um meu aluno de Évora, está documentado nos *Contos* de Fialho de Almeida, 6.^a ed., p. 129: «o vizinho *Jerolmo*». Como é sabido, Fialho conhecia bem a vida alentejana, e d'ela tomou por vezes assunto em seus escritos.

nia. Cf. também *Jano* em D. Carolina Michaëlis, *ob. cit.*, p. 916 (nome poético), e *Janio* que tem como anagrama *Aonio* em Camões, *ibidem*. No Minho o povo diz *Juõu* e *Jõu*: vid. *Opusc.*, II, 64. Cf. *Jan* supra, p. 466 (Hipocorísticos), e *Janico* em Faro e Tavira; a p. 466 citou-se já o galego *Xan*. Em mirandês, e no falar de Melgaço: *Joã*. Em riodonorês: *Xuã*. — Vid. também o que escrevi no *Bolet. da 2.ª Cl. da Acad. das Sc.*, xv, 804 sgs.

Joaquim. O povo dá a esta palavra muitas fórmas:

— *Jaquim*, passim, a que corresponde *Xaquim* em galego, por exemplo, em Saco, p. 237, e no *Canc. gallego*, I, 68;

— *Jôquim* (Moura), *Jòquim* (Elvas), *Joquim* = *Juquim* (Beira, etc.);

— *Jequim* (RL, x, 92), *Jquim* (Evora, etc.), *Xquim* = *Squim* (Extremadura).

— *Xcoim*, que me dizem ouvir-se na Carreira (conc. de Leiria).

Joaquina: *Jaquina* (Beira); *Jequina* (Alentejo: RL, x, 92).

Jorge. Algumas fórmas que tem esta palavra:

— *Georgio*, sec. XIII (Cortesão);

— *Jurgio*, sec. XIII, depois *Jurjo*: cf. *Bolet. da 2.ª Cl. da Acad. das Sc.*, xv, 805–806;

— *George*, usado, v. g., pelo autor do *Agiologio lusitano* (século XVII): *George* Cardoso. D'aqui veio *Jorge*.

— *Jorze*, forma antiga: no *Esmeraldo* (sec. XVI: vid. *Opusc.*, III, 110); em Bluteau, *Nomes*, p. 34; tornado popular, e condenado por Freire, II, 24; cf. *Dial. extremenhos*, I, 33, e *De terra em terra*, II, 163. — O *z* produziu-se por dissimilação: cf. o que se disse s. v. «Georgina».

José. Tem muitas fórmas populares: *Jesé*, *Jzé*, *Zdé*, *Rdé*, *Zozé*, ou com *-éi*. Vid. *Opusc.*, III, 49.

Josefa. Em Evora *Jesefa*.

Josefina. No Algarve *Jesefina* (RL, IV, 335); em Baião *Jasufina* e *Jufina* (vid. *Opusc.*, II, 51).

Julia. Em Tavira *Júila*, no Fundão *Juilha* (ou *Julha*?).

Julião. Fórmas antigas: *Ilham* (vid. J. J. Nunes no *Bolet. da 2.ª Cl. da Acad. das Sc.*, XIII, 1268) e cf. *Santulhão*, nome geográfico; *Gião* em Bluteau, *Nomes*, p. 34; galego *Xiao* em Saco, p. 237.

Julio. No Minho *Julho* (vid. *Opusc.*, II, 64), e parece que também na Extremadura, a par de *Julo*, forma mui usada. No Alentejo mudam *Julio*, por etimologia popular, em *Junior*! (RL, x, 92).

Jusarte e Zusarte alternam entre si: a primeira vem, por exem-

plo, no sec. XVI, no *AHP*, II, 100; de ambas diz Bluteau, *Nomes*, p. 48: «Zuzarte, ou Juzarte, é nome, que fez hum appellido».

Justiniano. No Minho *Justeliano* (vid. *Opusc.*, II, 202).—Cognome derivado de Justinus (gentilicio).

Justino. Ouvi em Lisboa dizer *Xtino*, por **Jtino*. Cf. o que se disse s. vv. «Gertrudes» e «Joaquim».—Na origem cognome romano, tornado nome de santo da Igreja primitiva.

Ladislau. No Cadaval, onde esta palavra tem algum uso, transformou-se assim:

—**Lad'slau* > *Laslau* > *Daslau* (dissimilação);

—**Ledislau* > **Lid'slau* > *Lislau*.

A palavra é de origem eslavica.

Laura: *Lárua* (Algarve: *RL*, VII, 245).

Laurencia: *Lârença* no Algarve (*RL*, VII, 245).—Na origem feminino do cognome Laurentius de que se falou supra, p. 44, d'aqui derivou Laurentinus, outro cognome que está representado em português por *Laurentino*.

Leocadia. No Minho *Lucadia* (vid. *Opusc.*, II, 209), no Algarve *Locaida* (*RL*, VII, 245), na Galiza *Locaya* (Saco, p. 236). Também na nossa toponímia ha *Locaia*, no sec. XIII *Leocaia* (Cortesão): cf. J. J. Nunes, in *Bolet. da 2.ª Cl. da Acad.*, XIII, p. 1269.—A origem do nome está em Leucadius (derivado de *Leucadia* ou *Leucas*, ilha grega), nome de homem que aparece várias vezes na epigrafia. No feminino *Leucadia*, nome de uma santa de quem a Igreja reza em 9 de Dezembro. Em grego comum λευκάς, -άδος «branco», por exemplo, falando de pedra calcarea: λευκάς πέτρης, um rochedo no Epiro.

Leonarda, -o (isto é, *Lionarda, -o*): no Cadaval *Linarda, -o*.

Leite, apelido: *Leites*. Vid. supra, p. 506.

Leonel (isto é, *Lionel*): em Silves *Dionel* (por dissimilação; cf. *Laslau*, s. v. «Ladislau»).

Leonilda: *Leonida* (Mondim da Beira), *Dionilda* (Sobrena: Cadaval), *Denildes* (Alentejo: *RL*, xv, 106). Em todos estes casos houve dissimilação, produzida diversamente.

Leonor. Bluteau traz a par *Lianor* e *Eleonor* (vid. *Nomes*, p. 9). Freire escreve, p. 24: «Vieira, falando de pessoa estrangeira com este nome diz sempre *Leonora* e *Eleonora*: veja-se o primeiro tomo das *Cartas*». Noutros documentos:

—domna *Alionor* (filha de D. Afonso II): vid. *Leges*, pp. 351, 370 e 418; *Alienor* a p. 353;—cf. *Alionor* nos *Documentos linguist. de España*, de Pidal, I, 43 (sec. XIII);

— *Lianor* em 1516 (*Opusc.*, III, 111), em Gil Vicente, III, 124, e ainda modernamente no povo (vid. Raul Brandão, *Os pescadores*, p. 134; também conheço esta forma em Evora); — cf. *Lianor* em provençal antigo;

— *Eulianor*, também forma popular de Evora;

— *Lianora*, ibidem.

E vid. supra, p. 52.

Leontino (isto é, *Liontino*): o povo no Cadaval diz *Lintino*, tendo sido *io* reduzido a *i*, como em *Rimaior* < *Riomaio*, *Lipoldina* (infra), etc. — O nome *Leontino* corresponde a um derivado do cognome *Leontius* (= *Λεόντιος*).

Leopoldina (isto é, *Liopoldina*): *Lipoldina* ou *Lipuldina* na Beira; *Lipundina*, ibidem (*RL*, XIV, 290), nas Caldas da Rainha, etc. Quanto ao *i* da primeira forma vid. «Leontino»; a segunda forma explica-se por dissimilação: $l - l > l - n > l - \sim$.

Leopoldo (isto é, *Liopoldo*): forma popular muito usual é *Lipoldo* (Beira, Extremadura, etc.); no Alcaide consta-me que se diz *Limpoldo* (forma decerto criada por influencia de *limpo*); também me consta que algures se usa *Lopoldo*, isto é, *Lupoldo* (com vogal labial por influencia do *p*).

Libania: *Libana* na Extremadura (cf. *Dial. extrem.*, I, 33).

Lino: *Linho* ou *Liño* em galego (Saco, p. 236). — Nome bem conhecido na mitologia grega, depois cognome romano, e nome de santo.

Longuinhos a par de *Longuinho* e *Longinho*: vid. *A barba em Portugal*, p. 40, nota 1.

Lourenço: *Laurenço* em galego (Saco, p. 236); em mirandês *Lhurenço*.

Lucas: arcaico *Luca* (vid. *Liç. de Filol.*, 2.^a ed., p. 45); em Vale de Cantaro *Luques* (*RL*, XIV, 290).

Lucrecia: *Logriça* (Santa), nome geografico antigo.

Ludovina: *Deluvina* em Mondim da Beira, e no Cadaval: aqui também *Dulvina*. A primeira forma assenta em **Ledovina*, e houve metatese reciproca: a segunda resultou de **Dulevina*, com sincope do *e* protonico.

Luls. Em riodonorês: *Lũoiç* (tritongo). — E vid. *Aloisio* nas *Liç. de Filol.*, 2.^a ed., p. 224.

Macias a par de *Mancias* (vid. *Opusc.*, III, 112), por nasalamento devido ao *M*. — Este nome provém de *Mathias*, de que se falou a p. 62. Cf. *Maŕzas* em «vieux breton» (*Rev. Celtique*, XXXV, 282).

Madalena: *Madanela*, forma popular, não só antiga (Simão Machado, *Comedias port.*, ed. de 1706, pp. 165 e 181: a 1.^a ed. é de 1631; Bluteau, *Nomes*, p. 38), mas moderna e mui usada, pelo menos na Beira e no Norte (cf. *Opusc.*, II, 52 e 64; Freire, p. 24). Algures diz o povo também *Mandalena*, por nasalamento devido ao *M-*; e consta-me que no Alcaide se diz *Badanela* (por dissimilação ou etimologia popular). Num doc. do sec. XIII-XIV, publicado pelo S.^{or} P. de Azevedo no *AP*, IX, 67, lê-se *Maudalena* por *Magdalena* (dissolução do -g-).

Malor, nome de mulher (arc.): *Moor*, *Mor*, também arcaicos.

Manço alterna com *Mancio* e *Manços*: vid. Freire, p. 24, e o *Ementario*, pp. 146-147. No *Martyrologico*, sec. XVI, vem apenas *Mancio*.—O etimo está no cognome romano ou gentílico *Mantius*.

Manuel. Fórmulas populares:

—*Manel*, já em Bluteau, *Nomes*, p. 37; *RL*, V, 147; *Opusc.*, II, 64: por toda a parte. Cf. em romancistas, que imitam usos populares: *tio Manel*, em Teixeira de Queirós, *Ao sol e á sombra*, 1916, p. 215, num dialogo; *Manel do Altinho*, em Fialho, *Contos*, 6.^a ed., p. 55: *Manel da Pomba*, ib., p. 151.

—*Manhel*, consta-me que se diz em Evora.

—Em mirandês: *Manql* ou *Manüql*.

—Em riodonorês ou rionorês: *Manuel*, como em português: mas no diminutivo: *Manulico*.

—Informam-me que em Aveiro se diz *Manuéil*.

Forma literaria, usada porém de modo independente, isto é, como nome á parte: *Emanuel*.

Marcial: *Marçal*. Vid. p. 134.

Marcelina, -o: popularmente *Marçalina*, -o, Alentejo (*RL*, X, 94), etc. Também se diz algures *Maçalino*, e certamente o feminino.

Margarida. Nas *Linhagens Margrida* (vid. *Opusc.*, III, 112), e assim também no *Registo do Castelo*, p. 25, e em Bluteau, *Nomes*, p. 38, que porém o dá como «corrupto», isto é, como popular. Hoje o povo no Sul diz correntemente *Magarida* (Algarve: *RL*, VII, 246; Moura, etc.); idem em Paços de Ferreira. Em Moura (Amareleja) consta-me que se usa também *Magarita*.

Marla: em mirandês *Marie*.

Marlana: *Marana* algures na Extremadura, e assim também em Odemira.

Marinha. Forma arcaica *María*: *Opusc.*, III, 112.

Mário: *Mairo* em Torres Vedras e Evora; *Maro* também em Evora.

Maro (Vergilio Maro): a par *Marão* (cf. *Opusc.*, III, 117).

Mateus: em galego *Mateu* (Saco, p. 236); deu-se aqui o mesmo fenonemo que em *Deu*, por *Deus*, na linguagem dos Judeus de origem peninsular (o -s foi tido inexactamente como sinal de plural, e por isso suprimido).

Matias. Vid. *Macias*.

Matilde: *Matildes* (vid. *Opusc.*, III, 113; fôrma também usada na Extremadura); *Metildes* (vid. *Opusc.*, II, 52). Cf. supra, p. 506.

Maurício: *Mariço* (Algarve: *RL*, VII, 246).

Mauro: fôrma paralela antiga *Mouro* Doming(u)iz, sec. XIII: *RL*, VIII, 44. — A segunda fôrma é tradicional, posto que hoje não usada; a primeira é de fonte literaria, tomada de *Maurus* (cf. supra, p. 45), na origem cognome romano, e nome de santo; o mesmo que *Amaro*: vid. supra, p. 63.

Maximilano: arcaico *Maximão*, nas *Linhagens*, p. 241, fôrma tradicional, posto que hoje extinta.

Maximino: *Meiximinhos* no sec. XIII; *Maximinos*, nome de uma igreja em Braga: vid. *Opusc.*, III, 393.

Mecia. Vid. supra, p. 47; Bluteau, *Nomes*, p. 38, manda pronunciar *Mecia*, e dá-lhe como fôrma paralela *Mencia*. Nos Açores dizem também *Mecia*. Em várias terras provincianas, *Mécia*, e d'aí nasceu a fôrma popular *Mércia* (Ponte de Sôr) e *Meiça* (Algarve).

Melchior. Vid. *Belchior*.

Micaela: *Mequela* no Algarve (*RL*, VII, 248).

Miguel: *Miel* em Trancoso (*RL*, V, 172).

Miquelina (de *Michaelina* ou *Micaelina*): em Viana do Castelo dizem *Maquelina* e *Marquelina*; aquela fôrma também se usa noutras terras (Paços de Ferreira, etc.).

Mirtilo. O vulgo no Cadaval, onde um individuo usa este nome (vid. supra, p. 99), transforma-o por etimologia popular em *Mitra*, isto é, o *Mitra*.

Mouro. Vid. *Mauro*.

Napoleão. Em Barroso *Nampolião*, por nasalamento devido ao N-. — Nome de proveniencia historica bem conhecida, e que na origem certamente corresponde a um etnico de *Napoli* (em italiano), por «Napolitano», com sentido um pouco depreciativo, algo semelhante a *naporiello*. O nome existe na Italia desde tempos antigos. Cf. sobre isto Fumagalli, p. 183.

Natália. Freire, II, 24, dá como popular *Nataria*, fôrma que ainda hoje se usa, por exemplo, em Vale de Azares, e vid. também supra, p. 473. Bluteau, *Nomes*, p. 40, dá a *Natalia* como fôrma paralela *Nadália*.

Nero: fôrma paralela antiga *Nerão* (vid. *Opusc.*, III, 117). — Os antigos explicavam este nome como sabino, no sentido de «forte» (Georges, s. v.).

Nicolau. No Alentejo *Neclau* (*RL*, x, 97).

Octavio. No Sul *Oitavo* (por metatese ou etimologia popular) e *Otavo*.

Onofre: *Inofre* em Bluteau, *Nomes*, p. 8, e Freire, II, 25; ainda hoje popular no Minho (vid. *Romania*, III, 274: artigo de F. A. Coelho) e no Alentejo (*RL*, x, 92). Bluteau diz com razão: «de *Onofrius* ou Onuphrius, santo anacoreta que nos desertos do Egypto viveo sessenta annos oculto e solitario»; cf. também *Kirchenlat. Wb.*, p. 517. Nome, pois, de origem egipcia. S. Onufrio viveu no sec. IV.

Olga: por etimologia popular *Osga* (Tavira).

Ousenda. Fôrma paralela em Bluteau, *Nomes*, p. 40: *Osenda*.

Ovidio: *Ouvidio*, sec. XVI (*Opusc.*, III, 119). *Ouvido* hoje popularmente, e a par *Santo Ouvido*: cf. Bluteau, *Nomes*, p. 40, e o meu livro *A figa*, pp. 13-14. — Do nome gentílico Ovidius.

Palo: tem paralelamente a fôrma arcaica *Pelaio* (sec. XI, etc.: cf. Cortesão), e a fôrma literaria *Pelagio*, que o povo no Cadaval pronuncia *Pelajo*.

Pancracio: *Pangracio* no Alentejo (*RL*, x, 98). — Do cognome Pancratius, derivado de Πανκράτης = Παγκράτης «forte em tudo», «que domina tudo», «todo poderoso».

Pantaleão: popularmente *Pantelião*.

Paula: *Pálua* no Algarve (*RL*, VII, 250).

Paulino: *Pàlino* (Tavira).

Paulo. Tem várias fôrmas:

— *Paulos*, 1582, *Registo da Sé*, p. 233; galego moderno (Saco, p. 236); no Cadaval, com o diminutivo porém *Pàlinhos*;

— *Palos*, sec. XIII (*Opusc.*, I, 395); sec. XV (*Pergaminhos de Guimarães*, 1450): *Pallos*; ainda modernamente (*De terra em terra*, I, 224 e 227, e nota 15);

— *Palo*, em Bluteau, *Nomes*, p. 41;

— *Páulio*, que só ouvi a uma pessoa da Sobrena (Cadaval).

— Vid. *Paules* supra, p. 506.

Pedro com a fôrma arcaica *Pero*: vid. *Opusc.*, III, 50 sgs.

Peregrina, -o. Diz Freire, II, 25: «*Peregrino*, não *Perigrino*, *Pelegrino* ou *Pelingrino*, como pronuncia a plebe». No Norte diz-se popularmente *Pelingrina*; do mesmo modo *peligrino*, nome comum.—*Peregrino* nasceu do cognome romano *Peregrinus*, tornado nome de santos (secs. IV e XIV). Nome com muita aceitação nos Cristãos (peregrinação da vida, peregrinação a santuários, etc.).

Petronila. Freire, II, 25, dá como forma literaria tambem *Petronilha*.

Piedade: *Piidade* vulgarmente.

Pillar: *Pilara* em galego (Saco, p. 236); cf. *Leonora*, quanto ao -a.

Pimentel: *Pimintel* (vid. *Opusc.*, III, 121).

Plácido: *Palacio* (vid. *Opusc.*, III, 119); *Plácio* na Extremadura.

Platão: arc. *Pratom* (vid. *Textos arcaicos*, 3.^a ed., p. 207).—De Πλάτων (= Plato, -onis), nome (algunha) derivado de πλατύς «largo».

Plotino: arc. *Protino* (vid. *Textos arcaicos*, 3.^a ed., 207).—Cognome romano Plotinus (= *Plautinus*), de *Plautus*.

Plutarco: arc. *Putraco* (vid. *Opusc.*, III, 122).—De Πλούταρχος, *ad litteram* «que possui riquezas».

Policarpo. Tem duas series de formas populares:

a) *Policarpo*, censurada por Freire, II, 25, e ainda existente no Alentejo (RL, X, 100);

b) *Pelicardo*, nos concelhos de Sousel e Baião: *Pelic-*, por influencia de *pelica*; -*ardo*, por influencia de nomes assim terminados, por exemplo, *Ricardo*.—De Πόλυκαρπος, nome tirado da lingua comum, o mesmo que «Frutuoso».

Pompeu. Forma literaria usual, em vez de *Pompeio*, mais conforme com o étimo: vid. *Opusc.*, III, 121.

Preciosa: *Preçosa* (Tras-os-Montes).—Já cognome romano Pretiosus, tirado da lingua comum.

Ptolemeu. Tem duas formas: *Ptolomeu*, e *Tolomeu* (antiga): *Opusc.*, III, 130–131.—De Ptolemaeus = Πτολεμαῖος, nome derivado de πτόλεμος = πόλεμος «combate», «guerra».

Pulqueria: em Moura dizem *Pulqueira* e *Pruqueria*.—Sancta Pulcheria († 453), nome derivado de Pulcher, adjectivo da lingua comum e cognome.

Quirino: em Obidos *Clino*.—É Quirinus bem conhecido na literatura romana (nome de Romulo depois da divinização, etc.);

nome tambem de varios santos. Walde, *Lat. etym. Wb.*, relaciona-o com Quirites, de encontro á antiga explicação pelo sabino «lança».

Quilteria. Fôrma popular e já antiga, *Guiteria*: Freire, II, 25 (que cita Duarte Nunes de Lião); Bluteau, *Nomes*, p. 42; num ms. de 1759 (dos Escravos de S. Antão: vid. supra, p. 375); *Opusc.*, II 50, e III 107. Outra fôrma *Guitera* (*Opusc.*, III, 106).

Raimundo. Bluteau, *Nomes*, p. 42, menciona: *Reimundo*, como fôrma popular (ainda ao presente em Paços de Ferreira), e *Raymondo* e *Reymondo*, como fôrmas antigas, e bem assim *Reimão* (já supra, nos Proclíticos).

Ramiro. Fôrmas medievais *Ranemiro*, etc. (vid. supra); fôrma popular alentejana *Ramilio* (*RL.*, x, 239). Sei de uma quinta no Douro chamada *Ramilo*.

Raquel: *Roquéles* em Alguber (Cadaval). Cf. supra, p. 506.

Raul: *Arraül* em Mangualde, Amareleja, etc.; *Riul* algures; *Raules* na Amareleja. Parece que tambem ha *Rol* (talvez em próclise).

Ricardo: *Ricárdio* no Algarve (*RL*, IV, 73).

Roberto: *Robértulo* (Cinfães). Cf. *Albértulo*, supra.

Rogerio: *Rugeiro* nos *Lusiadas*, I, 11, fôrma de caracter tradicional, ainda popular hoje em Evora.—De origem germanica: *Ruodiger*, *Rudger*, etc., em Förstemann, col. 898-899, á letra «lança de gloria» (guerreiro glorioso), al. mod. *Rüdiger*, que passou para o romance.

Romano: *Romão*, mais usado que o primeiro.

Rosalla. Diz Freire, II, 25, que alguns criticos querem que se acentue o i: e assim se pronuncia o nome da notavel poetisa galega D. *Rosalía* Castro; todavia em latim é *ī*, como vimos supra, p. 475.

Rosária: popularmente *Rosaira* (cf. *RL*, II, 43); tambem *Re-saira* em Evora (por influencia de *rezar*).—O *Ementario* traz *Rosaria* como nome de santa, mas acrescenta em nota, p. 318: «Nossa Senhora do Rosario, 1.º Domingo de Outubro», isto é, festa do «rosario». Diz-se *rosario*, de *rosarium*, á letra «rosal», porque cada conta se comparava misticamente a uma rosa: cf. Bluteau, s. v. «rosario». De *Senhora do rosario* deduziu-se *Santa Rosaria*.

Ruivo, apelido. Vid. supra, p. 195.

Sabino: *Savino* no Alentejo (*RL*, x, 242), região onde não se confundem habitualmente *b* e *v*; por isso esta fôrma é especial.

Salomão: outr'ora *Salamam* (vid. *Opusc.*, III, 127). Das fórmãs que tomou esta palavra como designação de um amuleto (*sino-saimão*, etc.), trato no meu livro *Signum Salomonis*, Lisboa 1918, p. 35 sgs. — Salomão foi rei de Israel (sec. x a. C.), e o seu nome em hebraico é Xelomóh, derivado de xalóm «paz». Ha nesse nome pois a ideia de «pacífico».

Sancha. O povo na Extremadura diz *Xancha* (Obidos, etc.) e *Chansa* (= Xansa): por exemplo *Maria Chansa* no Cadaval. No primeiro caso houve assimilação: cf. *xêxo* «seixo», no Alentejo. No segundo houve metátese: cf. *chinço* «cincho».

Saturnino: *Sadornão* e *Sadorninho*, arcaicos (supra, p. 505). — Na origem cognome romano: Saturninus, tornado nome de santo dos primitivos tempos da Igreja.

Sebastião. Em inscrições latino-cristianas da Hispania (uma d'elas do ano de 925) lê-se *Sanctus Sabastianus*: vid. *IHC*, n.^{os} 90 e 221. Em hesp. arc. tambem ha *Sabastian* (Pidal, *Cid*, I, § 14). Na nossa lingua antiga: **Savachão*, fôrma postulada por *Savaschaaiz*, sec. XIII (*AHP*, I, 379; cf. *AP*, IX, 67); na lingua popular, por toda a parte, *Sabastião* por *Sabastiano* (cf. *Opusc.*, III, 126).

Serafim, Serafina: *Serafim*, -ina, no Alentejo (*RL*, x, 242), etc.

Siilverio: *Silverio* no Alentejo (*RL*, x, 243). — Cognome romano *Silverius*, tornado nome de santo († sec. VI).

Silvestre: *Selibreste* no Minho (*Opusc.*, II, 65).

Simeão: *Samião* no Alentejo (*RL*, x, 241).

Soares (patronimico, apelido): antigamente *Soaires* (vid. *Opusc.*, III, 128).

Sotero: *Soterio* (vid. p. 344).

Teodemiro. Usa-se a par, com labialização, *Teodomiro*.

Teodora, -o. Bluteau, *Nomes*, p. 45, diz: «corruptamente *Teodoro*»; Freire, II, 25, condena tambem a fôrma popular *Teodora*. Hoje é corrente *Tiadora*; no Cadaval ouvi *Tidora*, com *i* por *io* (cf.: *ti' Fulano*); no Alentejo *Tiadoro* (*RL*, x, 45). — De Θεόδωρος, fem. Θεοδώρα, palavras que á letra significam «dom (δῶρον) de Deus» ou dos deuses.

Teodorêto: no Cadaval *Tidoreto* (cf. o nome precedente). — De Θεοδώρητος, tomado da lingua comum: aqui propriamente: «dado por Deus» ou pelos deuses.

Teodosio: popularmente *Teadosio* em Freire, II, 25.

Teotonio: Tem várias fórmãs: *Tiatonio* em Bluteau, *Nomes*, p. 45, Freire, II, 25, *RL*, x, 244 (Alentejo); *Tiatoino* em Monte

Carmelo, *Ortografia*, § 501, *RL*, v, 147 (Extremadura); *Titoino* na *RL*, vii, 257 (Algarve); *Tiatone* (terra da Maia).

Teresa. Tem várias formas:

— *Tareja*, outr'ora (cf. *Opusculos*, iii, 130, e Bluteau, *Nomes*, p. 45, onde cita o adagio: *minha filha Tareja || quanto vê, tanto deseja*);

— em galego *Tereixa* (Saco, p. 236. Cf.: hesp. medievalico *Tareisa*, em Pidal, *Origenes*, p. 78);

— Bluteau, *loc. cit.*, e hoje passim;

— *Tresa*, também passim.

Cf. já supra, p. 505.

Tiago: Vid. «Jacob».

Timotea, -o: *Timoito* no Algarve (*RL*, vii, 256); *Timoti*, num texto extremenho (*RL*, v, 147); *Timoto, -a*, no Cadaval.

Tirso: outr'ora *Tisso*, forma ainda mantida no Minho na pronúncia de *Santo Tisso*, nome de uma vila, e em galego em *San Tiso* (Saco, p. 236). — De Sanctus Thyrsus (sec. iii): de *thyrsus* (gr.-lat.), que tem, entre outras significações, a de bordão ou insignia de Baco.

Tomásia: *Tomáisa* no Cadaval.

Torquato: *Trocado*, e *Torcade* ou *Trocade* no Minho em *S. Trocade* (*Opusc.*, ii, 197, e iii, 131): em galego *San Trocado* (Saco, p. 236).

Trullo. Informa Freire, ii, 25, que, por ser nome raro, uns dizem *Truillo*, outros *Turillo*. — De Torellus, nome de um santo italiano do sec. xiii; talvez a nossa forma nos viesse por Hespanha. *Torello* em italiano deve ser forma hipocoristica de *Vitorello* (Fumagalli, p. 259).

Umbelina: popularmente *Imbelina*.

Ursula: *Ursa* no Algarve (*RL*, vii, 258), por etimologia popular, ou porque ás vezes a nomes simples correspondem nomes em *-ul-*, por exemplo *Albértulo*, *Robértulo*.

Vasco: arc. *Vaasco*; a par *Velasco*, *Valasco*: vid. p. 53.

Venancio: *Bunança* algures.

Venceslau. Nome raro, e muito alterado: sei apenas de um individuo da Extremadura com ele, a quem o povo chama *Bacelau* (por influencia de *bacelo*!). — Nome de origem eslavica.

Varrão: a par de *Varro* (cf. *Opusc.*, iii, 117). Cognome romano.

Vergilio: *Vegilio* (Cadaval).

Verginia: *Veginia* e *Vegina* (Evora), *Bergina* (V. do Castelo).

Verissimo: (San) *Bréixeme* em galego (Saco, p. 285).

Vespasiano: *Vespesiano*, sec. xv (*Opusc.*, III, 133). — Cognome romano, derivado de *Vespasius*.

Vicencia: *Fecencia* (Alentejo: *RL*, x, 89).

Vicencio: arc. *Vicenceo* (vid. *Opusc.*, III, 133). *Vincencio* no *Ementario*.

Vicente: *Vincente* num calendario, impresso, da primeira metade do sec. xvi; ainda no sec. xviii (Freire, II, 25); *Vecente* (Tavira).

Violante: outr'ora *Vilante* (vid. *Opusc.*, III, 134; Bluteau, *Nomes*, p. 46).

Vilhena (apelido): *Vilhana* (vid. *Opusc.*, III, 134-135).

Victor ou **Vitor**. No Cadaval *Vito* e *Bito* (apesar de não ser região de *b < > v*); em Barroso (que é região de *b < > v*): *Bito*, *Bitro*, *Bitulo*, na *RL*, xx, 144; em Baião (igualmente região de *b < > v*): *Bitaro*, nos *Opusc.*, II, 49; em Val de Azares (Beira) diz-se, segundo me informam, *Victór* (por *Victorio*?).

Victorio. Em Braga chamam *S. Vitouro* ou *Bitouro* a S. Victor, padroeiro de uma igreja de Braga. — Na origem gentílico romano (*Victorius*).

Victoria ou **Vitoria**: *Vitoira* passim, *Vetoira* (Amareleja; cf. *RL*, x, 246).

Victorina ou **Vitorina**, -o: *Vetrina* (Ervedal do Alentejo); *Vitrino* (tambem no Alentejo: *RL*, x, 247); *Vutrino* (igualmente no Alentejo: *RL*, II 39, x 247); *Buturino* em Paços de Ferreira.

Xavier. Bluteau, *Nomes*, p. 47, dá *Xaviel* como forma popular, e ela é ainda corrente na Beira, pelo menos; no Alentejo *Javier* (*RL*, x, 92), talvez por influencia antiga hespanhola.

Zacarias: *Zacrias* (Alentejo: *RL*, x, 247).

Zefirino ou **Zeferino**: *Zufrino* e *Sufrino* (terra da Maia).

Zusarte. Vid. *Jusarte*.

CAPITULO II

Várias particularidades foneticas

A. — UMLAUT, E EVOLUÇÃO FONETICA GERAL

Em *Antunes* (Antunez), de Antonici (patronimico), poderá o *u* explicar-se por influencia do -i (Umlaut). — Da evolução de outros patronimicos, -aci > -az, -ici > -es, etc. (o que nada tem particular), falou-se já no respectivo capitulo: *Rui* ou *Roi* vem de Roderici, e tem forma paralela em hespanhol. Cf. supra, p. 453.

B. — DESLOCAMENTO DO ACENTO

Ao deslocamento do acento em nomes provindos de -or, -ōris (Heitor, Castor, Nicanor) se fez referencia tambem a pp. 46 e 473. Podem juntar-se mais exemplos: *Agēnór* < *Agēnōr*, -ōris; *Antēnór* < *Antēnōr*, -ōris; *Nestór* < *Nestor*, -ōris. — De *Páris*, por *Paris*, falou-se a p. 293. De outros deslocamentos falar-se-ha na Morfologia (Barnabé, etc.). — Quanto á manutenção do acento grego, vid. *Helena*, -o, p. 61.

C. — INFLUENCIA DO r (rr)

O apelido *Tarroso* tem origem geografica, isto é, provém de *Terroso*; o *e* mudou-se em *a* por influencia dos -rr-. É possivel que a mudança em *a* se faça popularmente já no nome geografico; em todo o caso ha tambem *Terroso* como apelido.

D. — ETIMOLOGIA POPULAR

Vid. *Salustrino*, p. 47; *Felisberto*, p. 518; *Bartolomeu*, p. 510; *Ovidio*, p. 529. — Numa aldeia da Extremadura, onde existe a alcunha de *Garibaldi* (vid. p. 335), o povo desfigura-a em *Berimbaldi*, e *Berimbau!* Noutra altera *Mirtilo* em *Mitra*: vid. p. 528. Noutra altera *Melquisedeque* («rei justo», hebraico) em *Quinzeça*.

E. — FONETICA SINTATICA

Fenomenos de aglutinação: *Dantas* = d'Antas, supra, p. 166; *Dá-Mesquita* = da Amesquita (*Lif. de Filol.*, 2.^a ed., p. 267). Fenomenos de deglutinação: *do Sal* = d'Ossal, supra, p. 266; *d'Ornelas* = Dornelas, supra, p. 170, nota 49; *Tiago*, de S. Tiago, supra, p. 75; *d'Afonseca* = da Fonseca (*Lif. de Filol.*, p. 268). — Exemplos franceses muito correntes, de caracter, porém, mais ortografico do que rigorosamente fonetico: *Duchâtel*, *Dugazon*, *Dujardin*, *Dumas* (= du mas; *mas* em provençal quer dizer «casa de campo», «propriedade rural», e é nome proprio de comuna: cf. tambem *Masblanc*, etc.). Conheço um Belga que se chama *Delheid* = de l'heid (*heid* «outeiro arborizado»). Vimos outras aglutinações supra, p. 240.

F. — APORTUGUESAMENTO DE NOMES ESTRANGEIROS

Quando estudámos os apelidos de origem estrangeira (vid. p. 281 sgs.), tivemos occasião de observar muitas alterações que certos apelidos sofreram ao passarem para português, consistentes

em simplificação de sons (*Schiappa*, italiano, pronunciado só com um *p*); adaptação, por exemplo, *-eiro*, do hespanhol *-ero* (*Cisneros*), *z* português, de *z* italiano, *-tre* e *-tro*, do inglês *-ter* (*Lencastre*, *Alencastro*), etc.

Algumas alterações foram artificiais, como *Roseira*, de *Rożinska* (vid. p. 321); outras seriam inconscientes, e portanto, mais cabidas no dominio da fonetica, por exemplo, *Utra* de *Hurtere* (vid. p. 286), *Campos* de *Kempis* (vid. p. 283); *Esmeraldos* de *Esmenaut* (vid. 288); *Montalvão* de *Mont'Auban* (vid. p. 289); *da Costa* de *de la Coste* (vid. p. 289). Cf. *Meneres*, p. 286.

A respeito dos apelidos de origem italiana convem notar que o som representado nessa lingua por *gn*, está umas vezes representado na nossa por *nh*, outras directamente por *gn*: cf. o que se disse de *Pignatelli* a pp. 317-318 e 320, e de *Tamagnini*, a p. 318.

O apelido *Consiglieri* ouvi-o freqüentemente pronunciar em Lisboa como *gl*. De *Jenochio* falou-se a p. 315. O apelido do architecto italiano *Vignola* (sec. xvi), autor de um tratado que foi resumido em português, com o titulo de *Regras das sinco ordens de architectura*, e impresso em Coimbra em 1787, figura aí com a fôrma *Vignhola*; além d'isso tenho-o ouvido pronunciar com acento no *o*, posto que o acento tonico esteja no *i*.

De muitos fenomenos não tenho de me ocupar, porque são os mesmos da lingua comum. Da fonetica dos nomes germanicos, considerados em especial, falou já M.^o L., I, 39 sgs.; vid. tambem J. J. Nunes, *Gram. hist.*, 161 sgs., onde toma quasi sempre por base os nomes coligidos por Pedro de Azevedo na *RL*, vi, 47-52.

G.—DEFORMAÇÃO DE CERTOS NOMES

Com as deformações artificiais de que se falou no capitulo antecedente, relacionam-se as que incluí no capitulo dos Apelidos, secção vii (de origem vária). *Pesth*, etc.: se com aquelas se procurou dar aspecto português a nomes estrangeiros, com estas fez-se o inverso.

*

Póde tambem pertencer aqui *Páris*: vid. p. 239.—Do êrro de acentuação em *Vignóla* falou-se ha pouco. Outro êrro comum é *Fabióla* por *Fabiola*, pois em latim dir-se-hia *Fabiöla* (de *Fabia*).—De *Mirtile*, falei noutro lugar.

PARTE II

Morfologia

CAPITULO I

Vestigios de casos

Em alguns nomes medievais ou modernos ha vestigios do nominativo, sobretudo por influencia ecclesiastica e literaria: *Carlos* (palavra germanica alatinada), *Ciros* (*Cyrus*, *Kῦρος*, nome de varios personagens gregos, e principalmente nome de um rei da Persia, sec. vi a. C.), *Domingos* a par de *Domingo*, *Fruitos* (*Fructus*), *Lucas* a par de *Luca*, *Marcos* a par de *Marco*, *Mateus* a par de *Mateu*, *Maximinos* a par de *Maximino*, *Palos* a par de *Paulo*. Cf.: *Liç. de Filol.*, 2.^a ed., pp. 44-46, etc., e *Opusc.*, 1, 393. Vimos tambem *Fortes*, *Jaimes*, e *Manços*, supra, pp. 153, 523 e 527. A respeito de *Marco* e *Marcos* convém notar que em compostos se diz *Marco-Antonio*, *Marco-Aurelio*, *Marco-Paulo*, ou (á italiana) *Marco-Polo*. Algures encontrei *Pilatus* e *Titus* em textos portuguezes: são fórmulas meramente latinas.

Do genetivo patronimico tratou-se desenvolvidamente no Liv. I, pp. 101-127. — Ha dois nomes de origem hebraica, e um de origem grega, que foram alatinados pela Igreja em *-as*, e *-ae*, a saber: *Barnabas*, *Thomas*, de um lado, *Andreas*, do outro; parece que os nossos *Barnabé* ou *Bernabé*, *Tomé* e *André* se formaram tambem do genetivo, subentendendo-se acaso na origem *ecclesia*, e deslocando-se o acento nos dois ultimos. Cf. *Trocade* a p. 66, quanto ao genetivo; e *dòminé* (na pronúncia popular) quanto ao deslocamento do acento.

Do uso de genetivo possessivo na idade-média ficaram muitos vestigios na toponimia, tanto romanos como visigoticos, por exemplo, MEDELIM (*Metellini villa*, «quinta de Metelino»), GOUVÍAES (*Gaudilanis villa*, quinta de Gáudila); mas d'isso tratarei em obra especial, consagrada á toponimia portuguesa.

CAPITULO II

**Adaptação do genero de uns nomes ao de outros,
conforme o sexo das pessoas que os usam**

A grande número de nomes masculinos correspondem nomes femininos, quer aqueles sejam os originarios, quer estes¹. Eis alguns exemplos:

A. — NOMES MASCULINOS EM -o, FEMININOS EM -a

Nomes proprios:

Adriano, Afonso, Alcindo, Amandio, Ambrosio, Antonio, Ave-lino; Benigno (cognome romano *Benignus*, -a), Bonifacio; Camilo, Cecilio (gentilicio romano *Caecilius*, -a); Dordío; Eduardo, Etelvino, Eugenio; Fernando; Germano; Herminio (gentilicio romano *Herminius*, -a); Isidoro; Jeronimo, Julio; Libanio, Lucio; Maximo; Narciso; Octavio; Paulo, Pedro; Rufino; Silvio (gentilicio romano *Silvius*, -a); Teodoro (nome grego: «dom de Deus» ou «dos deuses»); Tereso; Urbano; Valerio.

Por simplicidade omitem-se os nomes femininos correspondentes, mas subentende-se que a Adriano corresponde *Adriana*, a Eduardo, *Eduarda*, a Pedro, *Pedra* (no *Ementario*), a Afonso, *Afonsa*, e assim por diante.

Nestes e em semelhantes nomes continúa o tipo latino ou grego, quando os nomes são propriamente gregos ou latinos, por exemplo, em *Caecilius*, *Isidorus*, no feminino *Caecilia*, *Isidora*; quando os nomes não têm essa origem, por exemplo, *Alcindo*, ou, tendo-a, não lhes corresponde feminino em textos antigos, segue-se a analogia dos primeiros.

Passando a sobrenomes e apelidos, encontramos semelhantemente muitos nomes femininos formados de masculinos:

— *Barreta*: Sancha *Bar(r)eta*, filha de *Bar(r)eto*, nas *Linhagens*, p. 203.

— *Bota*: Filippa *Bota*, sec. XVI, a par de Francisco *Boto*: em *Barata, André de Rêsende, Lucio?*, p. 15.

¹ Fiz já uma referencia ao assunto no *Arch. Port.*, XXI, 1916, 170 (= *Opusc.*, I, 443), e no *Bolet. de Etnografia*, n.º 2, p. 44; mas agora trato-o com desenvolvimento maior.

— *Botelha*: Alda Martins *Botelha*, irmã de Pedro M. *Botelho*, nas *Linhagens*, p. 200, e vid. 296.

— *Brava*: D. Maria *Brava*, irmã de D. Pedro *Bravo*, nas *Linhagens*, p. 169.

— *Camela*: Dona Moor *Camela*, filha de N. *Camelo*, nas *Linhagens*, p. 315.

— *Cardosa*: Isabell *Cardosa*, 1493, *Dissert. Chron.*, v, 2.^a edição, p. 317; Antonia *Cardosa*, 1552, *AHP*, II, 215. Conheci umas senhoras de apelido *Cardoso*, que vulgarmente eram conhecidas por as *Cardosas* (Beira).

— *Caetana*: sobrenome de mulher, filha de um *Caetano* (Algarve).

— *Carma*: apelido de mulher (distrito de Coimbra).

— *Coelha*: D. Inês Soares *Coelha*, nas *Linhagens*, p. 161; D. Branca Perez *Coelha*, filha de E. *Coelho*, ibidem, pp. 159 e 220.

— *Coutinha*: D. Bernarda *Coutinha*, sec. XVI, no *AHP*, I, 506.

— *Draga*: Isabel *Draga*, sec. XVI, *AHP*, III, 200.

— *Estaça*: Brites *Estaça*, Luisa *Estaça*, respectivamente mãe e irmã de Baltasar *Estaço*, sec. XVII: em A. Baião, *Episodios da Inquisição*, I, 79 e 82.

— *Felizarda*: apelido de mulher, fem. de *Felizardo*.

— *Fialha*, nome de uma herdade no Sul: pressupõe uma dona com este apelido, fem. de *Fialho*.

— *Gata*: D. Guiomar Afonso *Gata*, D. Constança *Gata*, respectivamente mãe e filha de Afonso Pires *Gato*, nas *Linhagens*, p. 163.

— *Machada*: Urraca *Machada*, filha de Martim *Machado*, sec. XIV, no *AHP*, III, 8.

— *Marinha*: Teresa Anes *Marinha*, filha de Joham *Marinho*, nas *Linhagens*, p. 200.

— *Padra*: Rosa *Padra*, sobrinha de um padre. Conheci na Beira.

— *Patarinha*: D. Maria *Patarinha*, filha de *Patarinho*, nas *Linhagens*, p. 304.

— *Pinéla*. Uma mulher de nome Maria Abreu, do concelho de Bragança, casou com Augusto *Pinélo*, e os vizinhos começaram a chamá-la Maria *Pinéla*.

— *Perestréla*: Lianor *Perestrella*, 1523, *AHP*, II, 108.

— *Pinta*: Isabel *Pinta*, 1586, *Registo da Sé*, I, 265; Maria Julia, de alcunha *Pinta*, porque o pai é F. *Pinto*: exemplo de tempos modernos.

—*Vilarinha*: D. Tareyja Pires *Villarinha*, filha de D. Pero Gonçallvez *Villarinho*, nas *Linhagens*, p. 285.

Tal maneira de formar femininos de sobrenomes e apelidos considera-se, ou considerar-se-hia, hoje manifestação de plebeismo, apesar de estar enraizada profundamente nos habitos do idioma que falamos. Contudo outr'ora tomava-se a rigor, pois até muitos exemplos apparecem em documentos officiaes.—Cf. tambem o que se disse supra, p. 130, nota.

B.—VASCO, VELASCO, fem. VASQUIDA, VELASQUIDA

Vid. pp. 53-54, e 109, nota.

C.—CORRESPONDENCIA DE NOMES FEMININOS A NOMES MASCULINOS
TERMINADOS NOUTRA VOGAL, OU NO DITONGO -au

Nomes proprios ou individuais:

—*Alexandre*, fem. *Alexandra*.

—*Amador*, fem. *Amadora*.

—*André*, fem. *Andresa*; em Sá de Miranda, p. 479; no *Banquete das danças*, folheto de cordel, sec. XVIII, p. 2; em Bluteau, *Nomes*, p. 21, onde cita a expressão proverbial *as voltas de Andresa*; e vid. tambem supra, p. 27.

—*Delfim*, fem. *Delfina*.

—*Domingos*: «de Domingos dizemos Domingas», em F. de Oliveira, *Gram.*, p. 94. Numa capela da igreja de Oliveira do Hospital ha dois tumulos antigos em cujos epitafios se lêem respectivamente: Domingas *Jfabachães*, e Domingos Johanes, como lá vi em 1920.

—*Felix* e *Félix*. Supletivamente no feminino *Felicia*, que em rigor é o feminino de *Felicio* (cognome latino Felicius).

—*Gabriel*, fem. *Gabriela*.

—*Joaquim*, fem. *Joaquina*.

—*Jorge*, fem. *Jorja*. Podem igualmente considerar-se correspondencias femininas: *Georgina* e *Georgeta* (cf. fr. *Georgette*, que tambem cá se usa).

—*José*, fem. *Josefa*.

—*Manuel*, fem. *Manuela*.

—*Marcos*, fem. *Marquésa*. Nas *Linhagens*: *Marquesa* Gil, filha de Gil Vasques, p. 176. No *AHP*: *Marquesa* Lopes, filha de Pero Lopes, 1517, p. 303. No *Auto dos cantarinhos*, de Antonio Prestes, ed. de T. de Noronha (a 1.^a ed. dos *Autos* é de 1587), várias vezes *Marquesa* em rima com *-esa* e *-eza*, por exemplo, a p. 444 (onde ha um trocadilho com *duquesa*, como titulo nobiliarquico), e p. 448. Em Gaspar Fructuoso, iv, 1, 215: *Marquesa* Vaz, filha de João Vaz. Outros exemplos de *Marquesa* do sec. xvi (*Marquesa* Lopes, etc.) no *AHP*, 1, 303; e em D.^o Baião, *Episodios*, II, 350; do mesmo seculo e do xvii no *Registo da Sé*, 1, 49, 61, etc., e II, 480, etc. (vid. os indices dos dois volumes). Num doc. de 1674: *Marqueza* Henriques, casada com Diogo Rodrigues Marques, em Lucio de Azevedo, *Christãos Novos*, p. 485. Hoje não se usa.—A este feminino é comparavel o apelido *Duquesa* em Sancha Pires *Duquesa*, filha de Lopo Pires *Duque*: nas *Linhagens*, p. 305. Cf. em hespanhol *Marquesa* em um doc. de 1240, fórma paralela a *Marcha* (= *Marca*): *Pero Marchesa*, etc., em Godoy, p. 125.—Por analogia com *Andresa*? Cf. *Grimanesa*, supra, p. 58 (onde porém, na citação de Förstemann, se imprimiu por êrro «col. 172» em vez de «col. 672»).

—*Miguel*, fem. *Micaela*: propriamente de *Michael* ou *Micael* (supra, p. 41).

—*Nicolau*, fem. *Nicolaça*: vid. supra, p. 375.

—*Tomás*, fem. *Tomásia*, como se a fórma alatinada fôsse *Thomasius* (cf. p. 62).

—*Tomé*, fem. *Tomea*, sec. xvi, vid. *Opusc.*, III, 131.

—*Valentim*, fem. *Valentina*, propriamente de *Valentinus* (vid. supra, p. 62).

—*Vicente*, fem. *Vicencia*; cf. Bluteau, *Nomes*, p. 16 (e vid. supra, p. 43).

Aqui tambem umas vezes continuam tipos classicos, por exemplo, *Alexandra*, outras segue-se a analogia dos femininos em *-a*: *Delfina* de *Delfim*, *Manuela* de *Manuel*, etc. Cf. na lingua comum: *donzela* de *donzel*, *cantora* de *cantor*, e outros.—Muitas vezes a correspondencia faz-se por intermedio de sufixos especiais; vid. adiante, pt. III.

Podem enfileirar-se-lhes estes sobrenomes, apelidos e alcunhas:

—*Andrada*, por exemplo, em Miguel Leitão de *Andrada*, nome de um escritor do sec. xvi–xvii. Suponho que *Andrada* estará por

Andrade, apelido de origem geográfica. Aplicado nessa forma a uma pessoa do sexo feminino, generalizar-se-hia ás do sexo masculino. *Andrade* talvez represente um genetivo medieval. (No sec. XI ha *Andreati* e *Andriati*, nomes geograficos, mas corresponde-lhes hoje ANREADE, na Beira, como se infere dos DC, pp. 543 e 527).

— *Bacalhóa*. Assim ouvi chamar á mulher de um individuo de apelido ou alcunha *Bacalhau* (cf. supra, p. 216). Talvez se explique por esse feminino o nome da quinta da BACALHÔA, em Azeitão.

— *Caracol*, fem. *Caracola*: vid. p. 219.

— *Pente*: Maria Estevão casou com Miguel *Pente*, e ficou sendo conhecida por Maria *Penta* (conc. de Bragança).

— *Xaviela*: Maria *Xaviela*, filha ou mulher de um *Xavier* (Beira). O nome *Xavier*, em hespanhol moderno *Javier*, é de origem vasconça, e quer dizer «casa nova»: vid.: M. Pidal, *Gram. hist. españ.*, 5.^a ed., § 4; Dauzat, p. 130.

D. — CORRESPONDENCIA DE NOMES PROPRIOS FEMININOS A NOMES MASCULINOS TERMINADOS EM -ão

Aos nomes proprios masculinos terminados em -ão correspondem quatro tipos de feminino:

α) De origem latina: -anus, -ana, por exemplo: a *Julião*, do latim Iulianus, corresponde *Juliana*, do cognome *Iuliana*. Paralelamente: a *Adrião* corresponde *Adriana*; a *Sebastião*, *Sebastiana*. É notavel que não haja, ou haja poucos, nomes femininos em -ã. Só me ocorre um nome feminino em -ã, SAMARDÃ, nome geográfico actual, provindo de Samaritana, nome medieval de mulher (explicação, creio, de Pedro de Azevedo), a que porém não corresponde masculino em -ano ou -ão. A razão da falta de nomes de mulher em -ã, respectivos a nomes em -ana, como os que ficam mencionados, mudança fonetica que só podia ser muito antiga, está em terem em regra origem moderna os nomes em -ão, e o povo preferir sempre a forma -oa, como mais ampla.

β) *Joana*, de *Joane* (arcaico), já em latim *Iohanna*, que aparece em inscrições dos primeiros tempos do Cristianismo (vid. De-Vit, *Onomasticon*, s. v.).

γ) Com o feminino em -ona: a *Sebastião* corresponde na lingua popular de Tras-os-Montes (conc. de Bragança) *Sebastiona*, por analogia com alguns nomes da lingua comum, por exemplo: *mulherona*, de *mulherão*; *sabichona*, de *sabichão*; *pimpona*, de

pimpão. No concelho de Obidos ha uma Maria *Pimpona*, que descende de um individuo de apelido ou alcunha *Pimpão*.

ð) Com o feminino em *-oa*:

Exemplos antigos e modernos de nomes, sobrenomes, e apelidos (alcunhas):

— *Brandoa*: Isabel *Brandoa*, Maria *Brandoa*, sec. xvi, de *Brandão*: vid. *AHP*, vi, 293 sgs. (Braamcamp Freire). Nos arredores de Lisboa ha uma quinta, de nome BRANDOA, o qual deve representar o de uma antiga possuidora. Nas *Inquisit.*, 1220, p. 155, lê-se *Brandum*, fôrma incerta, pois tem a variante grafica *Reinaldum*; nas *Linhagens*, p. 345, ha claramente Martim *Brandom*, e nessa fôrma assenta *Brandoa*. A mais antiga fôrma da palavra é porém com *-ão*: cf. lat. medieval *Sanctus Brendanus*, *navigatio Sancti Brendani* (lenda), fr. *Saint Brandan*. Förstemann menciona tambem como do sec. xi *Brandanus*, que supõe será tomado do celtico, col. 334. Nos nossos agiologios S. *Brandano* (Escocês), já no *Martirologio* do sec. xvi, p. 98.

— *Ervilhoa*: Mor Paes *Ervilhoa*, sec. xiv, *Linhagens*, p. 145. Faz pressupôr **Ervilhom*, de *ervilha*.

— *Falcoa*: Lucrecia *Falcoa*, sec. xvi, apud Barata, *André de Rêsende*, *Lucio?*, p. 15. Feminino de *Falcão*. Cf. FALCOA, nome de um casal na Extremadura.

— FERROA. Nome de um pomar no Alentejo, o qual deve corresponder ao apelido de uma antiga possuidora. De *Ferrão*. Acêrca de *Ferrão* vid. *Opusc.*, iii, 101.

— *Giroa*: D. Maria Rodrigues *Giroa*, sec. xiv, nas *Linhagens*, p. 153. Corresponde a *Girão*, apelido hoje corrente, tirado talvez do verbo *girar*: «o que gira, o que peregrina».

— *Jordoa*. Diz Bluteau, *Nomes*, p. 35, corresponde a *Jordão*; e acrescenta: «antigamente era mais usado, e em segundo nome (isto é, como sobrenome)».

— *Maranhóa*, fem. de *Maranhão*, apelido geografico: vid. *supra*, p. 170, nota 38.

— *Negroa*: Maria *Negroa*, filha de João Alvares *Negrão*, sec. xvi, *AHP*, viii, 427.

— *Panteleoa*. Apelido ou alcunha de Pero *Lopes*: vid. *Opusc.*, iii, 120.

— *Pavóa*: Ana *Pavóa* de Sá, sec. xviii, filha de Antonio *Pavão*, nos Açores. Mas este *Pavão* era já filho de outra *Pavóa*: *Rev. Michaelense*, ii, 355. O genero foi mudando conforme os possuidores do nome.

—**SALAMÔA.** Nome de um sitio, que fica proximo da vila do Cadaval. Deve ter sido na origem nome de mulher, provindo de *Salomão* (cf. pp. 125 e 532).

—**Simoa:** Dona *Simoa*, 1523, *AHP*, II, 108; *Simoa* Pacheca, sec. XVII, nos *Opusc.*, III, 128; *Simoa* hoje no Algarve, *ibidem*.

Este modo de formar o genero com *-ôa* está tambem de acôrdo com o que se passa na lingua comum, onde a *abegão* corresponde *abegôa*, a *açafrão* corresponde *açafrôa* (com outro sentido), a *Beirão* corresponde *Beirôa*, a *patrão* corresponde *patrôa*, a *podão* corresponde *podôa* (que porém é nome de um objecto de outra fôrma), a *tabelião* corresponde como adjectivo *tabeliôa* (por exemplo, letra *tabeliôa*), formado certamente segundo o tipo que estudei nos *Opusc.*, I, 438 sgs. (palha-milhão, etc.). O povo na Mexilhoeira (Algarve) diz *temporôa* como feminino do adjectivo *temporão*. Gaspar Fructuoso, sec. XVI, escreve *capitoa* nas *Saudades*, I, 212, e *escrivoa*, *ibidem*, IV, I, 207. Numa inscrição açorica de 1675 lê-se tambem: «Breitis de Macedo, a primeira *capitoa*». A formação de que estou falando tem como protótipo *patronus* > *patrom* (arc., no *Elucidario*) > *padrão*, *patrona* > *padroa* (por exemplo, nas *Linhagens*, p. 351), com sucessiva generalização a nomes provenientes de *-an-*. No *Canc. da Vatic.*, 1024, ainda *-ôa*: *cochôas*, *infançôas*, *varôas*, com til. Na mór parte dos casos o genero apresenta, porém, character plebeu, e já F. de Oliveira, *Gram.*, p. 56, proclama: eu nam .. pronunciaria .. *çidadaoa*, *capitoa*, *viloa*, *rascoa*, *aldeoa*, mas .. *aldeã*, *vilã*, *ci-dadã*, posto que logo acrescenta que alguns de tais nomes em *-oa* não podem escusar-se.

*

Como era de esperar, acontecem fenomenos semelhantes noutras linguas: *Antonio*, *-a*, *Claudio*, *-a*, *Emilio*, *-a*, em hespanhol e italiano; *Basile-Basilie*, *Fructueux-Fructueuse*, em francês; *Jan-Jano*, *Marceu-Marcello*, em provençal moderno. Isto pelo que toca a nomes proprios.

Quanto a sobrenomes e apelidos, dá-nos o galego, como dialecto ou co-dialecto português, e o hespanhol, como lingua afim, messe particularmente digna de nota. Em galego de varios seculos, mas sobretudo dos seculos XVI e XVII, temos, entre muitos outros: *Maria Brava*, *Beatriç Feijoa* (de Feijoo), *Isabel Salgada*, *Estebaiña Lorença*, *Isabel Sotela*: vid. M. Murguía in *Boletín de la Acad. Gallega*, n.º 1, pp. 7-8. Em hespanhol medieval e de seculos

seguintes: *Sanctia Carvalia*, *Mari Perez la Gata*, irmã de *Martin Gato*, *Sancha Redonda*, *la Pacheca*: vid. Godoy, pp. 68–69.

Tanto em galego e hespanhol, como tambem em português, a adaptação do genero dava-se, ou dá-se, ao mesmo tempo em nomes de gente plebeia e de gente nobre.

E. — NOMES, SOBRENOMES E APELIDOS MASCULINOS
CORRESPONDENTES A SUBSTANTIVOS ORIGINARIAMENTE FEMININOS

— *Amalio* e *Amelio*. No *Ementario*, como modernos, p. 18. Cf. supra, p. 359.

— *Catarino*. No *Ementario*, como moderno, p. 62. Deve ter-se formado de *Catarina*, e não directamente do grego, como este, pois no passado só se conhecia *Catarina*, nome de uma famosa santa e martir do sec. iv.

— *Dordio*. Suponho que provém de *Dordia*, e não directamente de *Δωρδίας*, já por causa do acento, já porque o nome mais conhecido no passado foi *Δωροθία* = *Dorothea*, de uma santa do sec. III–IV.

— *Formigo*. Lê-se no *DN* de 1 de Março de 1925 tres vezes «Antonio *Formigo*». Parece termos aqui como apelido o masculino de *Formiga*.

— *Mafaldo*: *Mafaldo* o Velho, nas *Linhagens*, p. 303; Estevam *Mafaldo*, ib., p. 368. De *Mafalda*, que gozou de muito aprêço entre nós, por ser o nome da mulher de D. Afonso Henriques; não directamente do germanico *Mahthildus* (Förstemann, col. 820). O elemento germanico *hild*, de que proveio *Mafalda*, alótropo de *Mathilde* (vid. supra, p. 50), servia principalmente para formar nomes femininos (Förstemann, col. 818; masculinos são raros: ib., col. 820).

— *Margarido*, sobrenome ou apelido (Moncorvo). De *Margarida*, vid. supra, p. 46.

— *Rainho*: Marcelino *Rainho* (Algarve). Creio vir de *Rainha*, como já se disse a p. 184.

— *Rito*. Lê-se várias vezes no *Anuario Comercial*: Antonio A. *Ritto*, e tambem já encontrei num jornal: José *Ritto* de tal. Parece ser o masculino de *Rita*: ou teremos aqui o italiano *ritto*, -a.

— *Tereso*. Em Ólho-Marinho (Obidos) viveu, ou vive, um individuo chamado José *Tereso*, sobrenome que se transmitiu aos

filhos. E conheço outro exemplo, da Beira. Conquanto houvesse *Θηράσις* em grego, como adjetivo masculino (etnico), a importância recaiu toda no feminino (vid. supra, p. 47); e por isso explico *Tereso* por *Teresa*.

Apesar de ser muito natural estabelecer correspondência entre nomes acabados em *-a* e nomes acabados em *-o*, os exemplos que conheço são poucos.

O fazer-se esta mudança em sobrenomes e apelidos, por exemplo, *Formigo* e *Tereso*, assenta na noção que o povo semi-culto tem de que pela mór parte os nomes em *-o* são masculinos, e os em *-a* femininos, d'onde até se criou o seguinte ditado, que tenho ouvido em várias terras, e será acaso de origem teatral:

Por *ventura* haverá, haverá
Nomes de homem acabados em *-a*?

onde ao mesmo tempo se joga com *Ventura*, nome masculino (cf. p. 66). Na lingua corrente também o povo usa: *janoto* (Minde), por *janota*; *coiso* (aplicado a pessoa), por *coisa*; *crianço*, por *criança*; *careco* (Cadaval), por *careca*. Em Tras-os-Montes dizem *raparigo* (masculino de *rapariga*; e pelo contrário *rapaça*, feminino de *rapaça*). Cf. *padreco*, de *padreca* (RL, IV, 244). Pelo que toca ao feminino, os nomes de rios em *-a* são frequentemente femininos: *a Vouga*, etc.



De todas as correspondências que ficam indicadas no presente capítulo resultou, como vimos no Livro I, poder chamar-se *Sebastiana*, a filha de um *Sebastião* ou *Bastião* (vid. p. 86), José *Caetano*, o filho de um *Caetano* (vid. Sobrenomes, p. 7). Outros casos que conheço: *Joana*, filha de *João*; *Herminio*, filho de *Herminia*. No *Anuario da Universidade* de 1917-1918: Inês *Augusta*, filha de *Abraão Augusto*; Maria *Manuela*, filha de *Manuel*.

Quando se deu a uma mulher um nome em *-a*, como correspondente a um nome masculino em *-o*, nem sempre estamos no caso de dizer se isso aconteceu por mera e espontanea feminização d'este nome, se por se ter pensado em um nome feminino pre-existente, por exemplo, *Marinha*.

CAPITULO III

Número

Pouquissimo tenho que notar.

Um nome como *Gusmão* ou *Guzmão*, que hoje fazia o plural analogico em *-ões*, aparece nas *Linhagens* com o plural regular em *-ães*, isto é, *Gozmãaes* (por *Gozmães*), pp. 184 e 185, pois que o primitivo simples era em *-ã* (vid. supra, p. 300).

O P.^e Antonio Vieira, *Sermões*, vi (1690), 9, tem *Jacobes*, plural de *Jacob* (Maria Jacob), que hoje se pronuncia *Jacó* (origem hebraica).

CAPITULO IV

Pronome

A respeito de *Fulano*, e fórmulas paralelas, vid. supra, Liv. II, cap. 1 (p. 337 sgs.).

PARTE III

Formação de palavras

Muitos dos nomes que têm sido mencionados no decurso do presente trabalho, e outros que ainda hão-de mencionar-se, estão entre si em manifesta relação derivativa: Adelino & Adelio, Adriano & Adrião, Angelica (Angelina) & Angelo, Bernarda & Bernardo, Carolina (Carlota) & Carlos, Damasio & Damaso, Dioguina & Diogo, Ernestina & Ernesto, Fidelino & Fidelio (Fidelis, Fiel), Garseano & Garsea, Guilhermina & Guilherme, Josefina & Josefa, *Laurentino* & *Laurentius* (p. 44), Leopoldina & Leopoldo, Manuelino & Manuel, Marcelo (Marcelino) & Marcos, Severiano & Severo (*Severius*), Valeriano & Valerio, Valentina (Valentino) & Valente.

A mór parte das vezes a relação estabeleceu-se já nas linguas a que os nomes originariamente pertencem, ou naquelas d'onde vieram para a nossa, e por tanto não pertence á gramatica portugueza tratar d'ela. Além d'isso já se aludiu ao assunto no Liv. I, quando se falou da razão da escolha (sufixo *-anus*, etc., pp. 87-88, e apelidos geograficos, p. 155); e como se póde averiguar do indice alfabetico final, grande número de nomes estão explicados parcialmente nos lugares em que aparecem, por exemplo, *Mauram*, p. 35. Na secção dos hipocoristicos enumeraram-se tambem bastantes sufixos. Aos sufixos germanicos (*-ila* masculino, *-ilo* feminino, etc.) e outros consagrou M.-L. um estudo em I, 89 sgs., e II, 57 sgs. De nomes em *-indo* e *-lindo* falei nos *Opusc.*, III, 55-57, e cf. supra, p. 90, quanto aos primeiros. A respeito de *-aça* em *Nicolaça*, vid. p. 375; de *-esa* em *Marquesa*, etc., vid. p. 541; de *-eta*, tomado do fr. *-ette* e do ital. *-eta*, em *Henriqueta*, vid. p. 50 (cf.: *Marieta*, de *Mariette*; *Julieta*, de *Giulietta*, nome mui conhecido por uma lenda em que ele figura como *Romeo*).

Cf. também: *-ida* em *Velasquida*, a p. 54; *-ülo* (falso sufixo) em *Albértulo* e *Robértulo*, pp. 508 e 531 (e vid. *Opusc.*, II, 47); *-s* em *Carinhas* e *Canholas*, a p. 196.

Aqui desejo apenas falar de alguns deminutivos, sobretudo em *-inho*.

O sufixo *-ino* mostra-se na idade-média tanto em nomes latinos e alatinados, por exemplo, *Flam(m)ulina*, *Christino* (não conheço propriamente este nome em documentos medievais, mas podemos deduzi-lo de *Christiniç*, que aparece no sec. X; ha além d'isso CRESTINA na toponímia), como em nomes germanicos, ainda que nestes nem sempre a origem será a mesma, por exemplo: *Emundinus*, *Godinus*, *Guntina*, *Milina*, *Sandinus*. Tal sufixo indicava na origem adjectivamente pertença, e depois passou a significar parentesco, e pequenez (sufixo deminutivo). Vem a proposito citar aqui o que diz Bernardo Pereira na *Anacephaleosis* (1734), p. 192, § 69, apesar de não ser filologo este autor, mas medico de profissão: «... *Paulo*, simples, e por isso chamado de outros *Paulino*, por ser nome diminutivo». Algures encontrei, em documento nosso, *Pelainus* (= *Pelaginus*), irmão de Osorio *Pelagii*: o pai era pois *Pelagius*. Nas *Linhagens*, p. 334, diz-se: «Vasco Soarez houve hũa filha... , donde vem os *Vasquinhos*».

Por alguma ou algum dos referidos modos se hão-de explicar os seguintes nomes que se lêem nas *Inquirições*, sec. XIII, t. I: *Alvarino*, p. 261; *Diaguino*, p. 311 (como quem dissesse «*Diogui-nho*»); *Fernandio* (= *-io*), noutro codice *Fernandino*, p. 164; *Gunsalvio* (= *-io*), pp. 97, 120, 144, 814, a par de *Gunsalvinus*, p. 169; *Johanio* (= *-io*), pp. 114, 116, 164, a par de *Johannino*, pp. 7 e 8 (cf. *Joanninus*), 1217, nas *Leges*, p. 359; *Menendio* (= *-io*), p. 105, a par de *Menendinus*, pp. 7 e 12; *Petrelío* e *Petrílio* (= *-io*), pp. 16, 116, a par de *Petrelinus*, p. 15; *Suerio* (= *-io*), a par de *Sueirino*, p. 116. Creio que todos aparecem sem patronímico, e em tal caso indicariam filiação; todavia também aí se lê: *Petrus Petri*, p. 15; *Johannes Johannis*, p. 16; *Oorigo Ooriguiç*, p. 117.

Do uso de *-ino*, sucessivamente *-io*, *-inho*, como deminutivo, dá testemunho a cada passo a lingua moderna. O sufixo, ou se junta a um nome pleno, o que se vê, por exemplo, em *Antoninho*, ou a um nome de origem proclítica, o que se vê, por exemplo, em *Joãozinho*, ou a um hipocorístico, do que se indicaram muitos exemplos na secção respectiva. O deminutivo em nomes-proprios, além do seu sentido especial, exprime usualmente affecto, e ás

vezes distinção de membros de uma mesma família. Separarei os tres casos.

A.—PEQUENEZ

—*Palhinha*: como me informou um dos membros de uma das famílias assim chamadas, provém, no seu ramo, do *trisavó*, que tinha o apelido de *Palha*, e era de estatura muito baixa.

B.—AFECTO, EM ESPECIAL FALANDO COM CRIANÇAS¹ E COM SENHORAS NOVAS

O hábito póde permanecer pela vida fóra. Exemplos: *Gertrudinhas*² em Eça, *Crime do Padre Amaro*, 1880, cap. vii; *Libaninho*, ib., passim. Os jograis da idade-média era costume tratá-los por diminutivo: vid. M. Pidal, *Poesia jugralesca*, p. 483, onde enumera muitas especies de diminutivos; cf. *Meendinho*, jogral português-galego, ib., p. 219, e no *Canc. da Ajuda*, ed. de D. Carolina Michaëlis, II, 888. Aos pretos da casa era costume d'antes tratá-los por *paizinhos*: cf. C. de Figueiredo, *Novo Diccionario*. As canções e rimas populares dão-nos muitos outros, sobretudo em cousas de amor:

I

Mariquinhas, rei dos corpos³
E raminho das mulheres,
Teu pai ha-de ser meu sôgro,
E tu minha, se quiseres.

(De Melgaço).

As classes que se julgam superiores, e as populares que as imitam, acham corriqueiro o *Mariquinhas*, apesar de ser nome tão enraizado na tradição, e tão lindo,—e vão-no mudando petulantemente em *Mariazinha*.

¹ Vid. Liv. II, cap. II.

² Os nomes em -s, como este, formam o diminutivo como se o -s fôsse desinencia.

³ O corpo d'ela é que é rei.

2

Ó Rosaira, ó Rosairinha,
Tua mãe stá-t'a chamar:
Eu bem sei o que ela quer,
Não me deixa namorar.

Não me deixa namorar,
Ela também namorou.
— Ó Rosaira, ó Rosairinha!
— Minha mãe, eu já lá vou!

(Do Ervedal do Alentejo).

3

Na pedra da fonte
Achei um lencinho
Com letras que dizem:
— Viva o Francisquinho.

(Da Rêde).

Deve ser canção de um jôgo de roda.

4

Joãozinho, meu filhinho,
Matador de todo o bichinho...

(Do Alentejo).

Diz-se isto para fazer zombaria, quando casualmente se fala em
Joãozinho.

5

Adiós, miña *Manoeliña*,
á chorar mollei um pano:
non pensei que namorar
me dese tanto trabalho...

em Ballesteros, *Cancionero gallego*, 1, 8.

C. — DISTINÇÃO DE MEMBROS DE UMA MESMA FAMÍLIA

Numa família do Algarve havia um individuo de nome *Narciso*; a um filho, do mesmo nome, começaram em pequeno a chamar *Narcisinho*, e este diminutivo ficou-lhe depois de adulto, para que o rapaz se distinguisse do pai.

*

Com outros sufixos exprimem-se relações analogas. Já Bluteau, *Nomes*, menciona: *Gilote* (de *Gil*), «que se usa entre pastores», p. 30; *Joanico*, p. 33; *Mariquita*, *Maricota*, p. 38; De *Lucita*, como distinção familiar, falou-se supra, p. 491.

Cf. em latim *Tulliöla*, de *Tullia*, filha de outra *Tullia* e de Cícero.

*

Dos nomes deminutivos ha pois uns que são transitorios, como os de que se falou na secção B, outros que estão estereotipados, como *Antonieta*, *Carlota*, *Julieta*, e pela mór parte os nomes em *-ino*, *-ina*. As vezes um mesmo sufixo, com diferente fôrma (*-ino*, *-io*, *-inho*), serve para formar um nome estereotipado e um nome transitorio, por exemplo, em *Antonino*, *Antoninho*; *Gunsalvão*, *Gonçalinho*.

*

Tomam fôrma deminutiva não só os nomes proprios, senão também os sobrenomes e os apelidos: a *Conceiçãozinha*, o *Pintinho*, o *Silvinha*. Ha em Tras-os-Montes o apelido *Rapazote*, que provém da mesma origem (cf. *Gilote*, supra): deve ter sido dado a um rapaz, e depois mantido. Em igual caso estão os apelidos *Branquinho*, *Dentinho*, *Formosinho*, *Peixinho*, etc.

*

Creio que certos nomes de lugar terminados em *-elhe* assentam em nomes proprios formados deminutivamente com o sufixo latino *-iculus*, como NUNELHE, de **Nuniculi*, **Nunniculus* (*Nunnus*, *Nunus*, na idade-média), PORCELHE, de **Porciculi*, **Porciculus* (de *porcus*, por *porculus*, *porcellus*; no sec. XIII ha o apelido *Porco*). Cf. em latim os cognomes *Hilariclus* (vid. supra, p. 25), *Ovicula* (vid. supra, p. 238); outros exemplos em Giandomenico Serra, in *Dacoromania*, IV, 53.

*

Nomes varios:

—*Capitolino*. Na origem cognome romano, derivado de *Capitolinus*; cf. *Iuppiter Capitolinus*. Foi certamente o epiteto do deus que se tornou cognome.

— *Carmina* (paroxitono) vem no *Ementario*, p. 261, como nome de mulher, e também conheço um exemplo de Coimbra: formou-se de *Carmo* com o sufixo *-ina*. — Não se confunda com *Cármina*.

— *Francolino*. Vir-nos-hia da Italia, onde Zambaldi, p. 598, o dá como existente. É de certo o mesmo nome que *Franklin*, mencionado supra, p. 321.

— De *Nicolau* formou-se *Nicolino*; vid. supra, p. 473.

— De *Diocleciano* ou *Diocleciana* formou-se, por derivação regressiva, *Dioclécia*, que não figura no *Ementario*, mas que conheço.

— De *Ventura*, deduzido de *Boaventura*, já se falou supra, p. 66.

*

Superlativos:

A antroponímia latina usava muito os superlativos: cf. Giandomenico Serra, in *Dacoromania*, iv, 543. D'esse uso nos veio literariamente *Felicissimo*, *Verissimo*. Cf. *Maximo -a*, supra, p. 65. De *Felicissimo* deve ter-se formado um derivado em *-ino* (vid. supra, p. 550), isto é, **Felicissimino*, d'onde por haplologia saiu **Felicimino*, e por sincope *Felçmino* = *Felismino*, nome proprio que tem algum uso, a par com o feminino *Felismina*.

PARTE IV

Sintaxe

A.—EMPRÊGO DO PLURAL

Os nomes próprios podem empregar-se no plural: cf. Epiphanyo Dias, *Syntaxe historica*, § 46; mas devem aqui especificar-se alguns casos.

a) Plural de nomes ou de apelidos simples:

1. Nomes individuais:

Quero muito bem ás <i>Anas</i> ,	} Todos os <i>Josés</i> são santos,
Muito mais ás <i>Joaquinas</i> :	} Só o meu é pecador!
Como lh'hei-de querer mal,	} Só eu caí na desgraça
S'elas agora são minhas?	} De <i>José</i> ser meu amor!

canções populares respectivamente de Melgaço e de Chaves.

2. Apelidos simples:

Tendes em casa, e a vossas mãos disposto,
O produto das minas já cavado,
Limpo de fezes, chrysolado e puro,
Nos *Payvas*, nos *Lucenas*, *Britos*, *Barros*...

diz Filinto Elysio, *Obras completas*, t. 1, Paris 1817, p. 60, a respeito de classicos nossos.

Casas na Beira: *dos Diógos de S. Miguel* (Viseu), e apenas *dos Diógos* (Povolide, concelho de Viseu)¹. Assim póde explicar-se o apelido *dos Guimarães*, que se lê várias vezes num livro genea-

¹ O povo fórma aqui o plural com *ó*, por haver *ó* no singular (*Diógo*), como em *fôgo-fôgos*.

logico manuscrito, que possuo: *Martha dos Guimarães, Angela dos Guimarães, Marinho Ferreira dos Guimarães*, fls. 27 e sgs. Num relatorio da *Aliança Açoriana*, S. Miguel, 1913, p. 17, figura José Tavares *Rêsendes*, apelido que faz pressupôr a existencia de uma quinta ou lugar assim chamado, e pertencente outr'ora á familia *dos Rêsendes*. Cf. *Vaquinhas*, apelido, e nome de um casal na Beira Baixa. Já se aludiu a isto, supra, p. 169 (nota 37).

Numa firma comercial ou industrial que represente individuos de apelidos diferentes, o mais usual é pôr apelido + apelido, por exemplo: em 1792, *Abreu e Almeida*, no *Almanach* da Academia, p. 356; em 1807, *Soares e Pereira*, no *Almanach* do respectivo ano, p. 528, e *Ferreira e Cunha e Rocha*, ibidem, p. 524; agora *Baptista & Macieira*, no *Anuario Comercial*; *Azevedo, Brandão, & Macedo*, ibidem. Quando porém a firma representa mais de um individuo do mesmo apelido, temos dois casos. Antigamente juntava-se aos nomes proprios o apelido ou apelidos no fim, e no singular, se eram d'esse número, por exemplo: 1792, *Pedro e Arnaldo Van-Zeller*, no *Almanach* já citado, p. 361; *Manuel, e Amaro Velho da Silva*, ibidem, p. 370; 1799, *João e Francisco Nunes Vieira*, p. 374. Num exemplo, como *José e Antonio da Silva Milheiros*, no *Almanach* de 1792, p. 341, o último apelido está no plural, porque entende-se que era assim originariamente. Em nomes de negociantes estrangeiros, cá residentes nos seculos xviii e começos do xix, observa-se com muita freqüencia a regra exposta: *André & Filippe Forest*, no *Almanach* de 1799, p. 379; *Adrião & Guilherme de Swart*, ibid., ibidem; *Francisco e Diogo Archer*, no *Almanach* de 1807, p. 530; *Cristovão e Guilherme Lynde e C.^a*, ibidem, p. 533; *João e Henrique Cussez*, ibidem, p. 517. Deve ser acaso, pois era natural que individuos estrangeiros, que só se ocupavam de commercio, associassem a si outros membros da familia. Em tempos modernos, quando a firma representa mais de um individuo do mesmo apelido: ou, se repete este, avulsamente, no singular, por exemplo: *Costa & Costa*, no *Anuario Comercial*, p. 512; *Cunha & Cunha*, ibidem, p. 519; *Oliveira & Oliveira*, ibidem, p. 652; *Sequeira & Sequeira*, ibidem, p. 718; ou se indicam no plural, por exemplo: *Verissimos amigos*, em Lisboa; *Machados e Ribeiro*, ibidem, p. 601; *Silvas & Comandita*, ibidem, p. 733; *Araujos e Andrade*, ibidem, p. 2761 (vol. II); *Correias e Siopas*, no Cadaval.

Ouve-se hoje muitas vezes dizer: *a familia tal*, com o apelido no singular e sem *de*. No *Catalogo duma importante livraria*, por

M. dos Santos, Porto 1924, p. 168, anuncia-se um livro, assim intitulado: *A família «Xavier» . . desde 1744 até 1892*, s. l. n. d. Tal modo de dizer é contra a gramática. Mais avisado andou Lopes da Luz, quando no *Archivo dos Açores*, XIII, 226-227, indicou muitas famílias pelos apelidos postos no plural (sem artigo): *Calvos, Costas, Arrudas*, etc. Os nossos antigos, ou usavam simplesmente o plural: *o linhagem dos Barganções, os Carpinteiros, do linhagem dos Sousaãos e Sousas* (vid. *Linhagens*, pp. 165, 166 e 288), *Dom Gomes Meendez Guedaão foi o primeiro dos Guedãos* (ib., p. 301), *titulo xvii dos Gozmãaes* (ib., pp. 184 e 185). Outros exemplos: *família dos Dantas*, na *Nova Malta*, I, 511; *a família dos Gouvêas*, no *Côro das Musas*, IV, 303; ou serve aqui uma perífrase: *os de Soverosa, os de Pereira, os de Barvosa, os de Castanheda* (*Linhagens*, pp. 144, 163, 209, 191, 289), *geração e linhagem dos de Sande*, 1513 (num doc. publicado pelo Visconde de Sanches de Baena, *Archivo herald.*, p. 633), *dos de Mota*, 1519 (ib., p. 642), *«da propria família dos de Pereira»* (em A. Brandão, *Mon. lusit.*, pt. III, p. 170: a par de *os Freytas, os Leytoens, os Machados, os Brandões*, ib., col. 2), *casa dos de Castro* (em Damião de Goes, *Cron. de D. Manuel*, pt. III, p. 140, da edição de Coimbra, 1926)¹: exprimia-se assim a procedencia das famílias, quando os apelidos eram geograficos.

Em Henriques de Abreu, *Vida de Santa Quiteria*, 1651, p. 303, lê-se de outro modo, mas com bela sintaxe: *famílias de Noronhas, Meneses, Castros, Cunhas, Sousas, e Sás*, p. 303. Com igual sintaxe, mas no singular, escreve Braamcamp Freire, *Brasões de Sintra*, 2.^a ed., I, 48: *família de Noronha*². Também se diz correctamente: *família dos Noronhas*, como em latim se dizia *familia Lepidorum*, a par de *gens Cornelia*.

Ao referirmo-nos a mais de um individuo do mesmo apelido, podemos dizer: *estão ali os Pereiras, Manuel e Antonio*, como em

¹ Cf. *os de Mouron*, por «os Mouronenses» (como diríamos hoje) no *Canc. da Vatic.*, n.º 999; *a de Beleña*, por «a Belenhense», ib., n.º 1026. É frequente na lingua comum empregarmos assim perífrases em vez de nomes ethnicos, e também tenho coligidos outros exemplos literarios.

² Cf. *casa de Bragança*, etc., nas *Liç. de Filol.*, 2.^a ed., p. 370. Em 1694 publicou o P.^e Manuel de Sousa Moreira o *Theatro historico*, etc., *de la excellentissima CASA DE SOUSA*.

latim: *duo Metelli, Celer et Nepos* (vid. Berger, *Stylistique lat.*, trad. do alemão, Paris 1890, § 11, b), ou: *estão ali o Antonio e Manuel Pereira*, fazendo concordar *Pereira* com cada um dos nomes proprios.

β) Plural de apelidos complexos:

Quando, havendo dois apelidos, o segundo tem *de*, toma o plural só o primeiro, por exemplo: *os Correias de Sá*, em Camilo, apud Epiphânio Dias, *Syntaxe historica*, § 46, 2; *Freires de Andrade*, no cod. 7641 da Biblioteca Nacional de Lisboa, fls. 96 v; .. *dos Villarinhos de S. Romão*, que faz parte do titulo de um livro de Ferreira Girão, Porto 1904. Entende-se que o *de* indica naturalidade, e por isso o apelido é comum a todos os membros da familia.

Se os apelidos estiverem simplesmente seguidos um ao outro, a tendencia é para os pôr a ambos no plural: geração e linhagem dos *Furtados Mendoças*, doc. de 1730 em V. de Sanches de Baena, *Archivo herald.*, p. 652; «o progenitor dos *Pereiras Forjaçes*», disse Camilo, *No Bom Jesus do Monte*, 1864, dedicatória, p. xv; «a familia dos *Mimosos e Dinizes*», em Motta e Moura, *Memorias de Niza*, II, 153; os *Noronhas Ribeiros Soares*, em Braamcamp, *Brasões de Sintra*, 2.^a ed. t. I, p. 48; *Azevedos Coutinhos de S. Martinho de Mouros*, titulo de um livro de Alvaro de Azeredo, Porto, 1918 no catálogo da *Exposição de aguarelas* de A. Sousa, Lisboa, Fevereiro de 1923, n.º 35: *solar dos Malheiros Reimões*; nas *Familias titulares da Beira*, de Costa Veiga, p. 64: *Costas Godinhos*, e p. 82: *Ribeiros Soutomaiiores*. São exemplos comuns, que mostram o uso geral. Tambem em latim podia dizer-se, por exemplo: *Scipiones Africani duo*, e em nomes gentilicios (adjectivos): *Claudii Marcelli, Licinii Luculli*.

Num apelido de si composto: «soldados portuguezes da eschola dos *Villa-Flores*, *Cantanhedes*, *Marialvas*, e quantos outros . . .», em Eusebio Candido, *Memor. para servir de guia*, Lisboa 1860, p. 4; os *Corte-Reais*, no *Archivo dos Açores*, IV, 387; e cf. *Soutomaiiores*, ha pouco referido. Creio que tambem se diria *os Castel-Branços* ou *Castelo-Branços*. Se dois apelidos, pelo hábito de se dizerem juntos, estiverem muito unidos, talvez não destoe da syntaxe tambem dar só plural ao segundo, por exemplo, os *Pina-Maniques*, como já tenho ouvido; e vid. tambem os seguintes exemplos em Alvaro & Ruy de Azevedo, *Benavente* (estudo hist.-descrit.), Lisboa 1926: *Vaz Pretos*, p. 178; *Mergulhão Freires*, p. 180; *Colaço Lobos*, e *Sá-Pereiras*, p. 182; *Silva Correias*,

p. 183,—a par de *Tojaes Pereira*, p. 176, onde é o primeiro dos dois apelidos o que recebe o plural.

B. — ARTIGO ANTEPOSTO A NOMES PROPRIOS

Familiarmente dizemos *o Adriano, o Chico, a Micas*, quando falamos de pessoas muito conhecidas d'aquella a quem nos dirigimos. Cf. Epiphanio Dias, *Synt. hist.*, § 120, b. Igualmente como apelido: *o Garrett, o Teixeira Lopes*.

Em italiano *il Tasso*: cf. M.-L., *Gram. d. l. roman.*, III, § 150, onde cita outros exemplos romanicos. Falando de estrangeiros, os Italianos fazem o mesmo: o falecido Prof. D'Ovidio, com quem tive relações, costumava, ao referir-se ao nosso comum amigo e meu chorado Mestre o S.^{or} Epiphanio Dias, dizer sempre *il Dias*. Da França em particular diz Dauzat, p. 3: «Les parlers de notre Midi disent *le Pierre et la Marie*; à Paris même, le peuple appelle *la Durand* la femme de Durand».

De casos como Fulano *o Velho, o Mόço*, falou-se na INTRODUÇÃO, p. 17.

C. — GENETIVO ESTEREOTIPADO

Acima, pp. 48 e 51, vimos exemplos de genetivos patronimicos estereotipados, empregados como nomes proprios: *D. Fafes, D. Randufe*. Tambem ha *Gomes* como nome proprio: cf. *Opusc.*, III, 105. De outros genetivos deram-se exemplos supra, p. 537 (Morfologia).

D. — TITULO DE «DOM»

Vid.: INTRODUÇÃO, p. 18; e o APENDICE, I, no fim do volume.

E. — USO DAS PARTICULAS «DE» E «E»

α) Particula *de*.

A particula *de* usa-se em tres circumstancias: anteposta a um apelido geografico; anteposta a um sobrenome religioso; e numa periphrase indicativa de parentesco.

1. Anteposta a um apelido geografico:

Tratou-se já suficientemente do assunto, na secção consagrada aos apelidos de origem geografica, pp. 162–173. Vimos que um

mesmo apelido póde ter ou não ter *de*: Fulano *do Loureiro*, Fulano *de Loureiro*, *F. Loureiro*; o primeiro caso, neste apelido, é mais raro que o segundo, e o segundo mais que o terceiro, mas de todos conheço exemplos. Ha outros apelidos que d'antes tinham *de*, e hoje o têm poucas vezes, ou já o não têm: Martim *de Baruosa*, nas *Linhagens*, pp. 144 e 145; G. V. *de Basto*, ib., p. 146; J. E. *de Tavares*, ib., p. 149; João *da Teixeira*, ib., p. 150; F. *de Pereira*, ib., pp. 154, 158, 303, 309, 311, e sem *de*, p. 286. Já Ferreira de Vera, fls. 15, notou que os apelidos geograficos se distinguem das alcunhas em serem acompanhados de *de*, o que indica senhorio ou procedencia.—Ao *de* como particula feudal em França se refere Dauzat, p. 85. De *von*, que na Alemanha significava posse, e muitas vezes se empregava sem motivo, diz Vilmar que tambem ha apelidos que ora trazem essa particula, ora não: pp. 18—20. A respeito da Hespanha escreve Rios y Rios, p. 57, que *de* aparece desde o sec. x, como caracteristico, em geral, dos apelidos de senhorio, não porém exclusivo d'eles, e só por «necedad» anteposto a patronimicos, como *de Gonzalez*, *de Rodriguez*; vid. tambem Godoy, p. 196.

Lembra Villasboas, p. 18, que «os que se chamão de dous e tres appellidos, basta que ponhão o *de* no primeiro, porque dahi se refere aos mais»; contudo acontecia e acontece constantemente o contrário.

Em algumas nações estrangeiras onde se usam particulas correspondentes a *de*, é costume, ao mencionar-se um apelido que a tem, pronunciar juntamente a particula, por exemplo: *D'Arbois*, *De Amicis*, *Von Hafe*. De em holandês tambem se juntar, nasceu o apelido *Vanzeller*, vid. supra, p. 287. Entre nós pronunciamos e escrevemos o apelido sem a preposição; se ás vezes em conversa a juntamos, é por chalaça.

2. *De* com sobrenome religioso:

Em Fulano ou Fulana *dos Santos*, *dos Reis*, *das Dóres*, *da Assunção*, *dos Martires*, etc., invocações religiosas de que se fez menção na secção respectiva, p. 137, vimos já exemplos do emprêgo de *de*.—Quando se escreve latim é costume traduzir esta particula por *ab* e *de*: Raimundus *de Duabus Virginibus*, sec. xi (*Cartulaire* de Gellone, p. 171); Fr(ater) Bartholomaeus *a Martiribus* (sec. xvi, entre nós), *B(eatus) Petrus ab Assumptione* (sec. xvii, no *Kirchl. Wb.*, p. 602).

Em casos modernos, como Fulano *de Paula*, o sobrenome é tambem religioso, por *de S. Francisco de Paula*. Creio que em

Fulano *Amor*, o apelido está por *do Amor divino* ou *do Amor de Deus* (originariamente sobrenome), e o *de* se perdeu.

3. *De* em perífrase:

Tenho em mente expressões como a *Luísa do Benardino*, de que se falou a p. 135.

Do mudado em *de*:

Os antigos diziam: Fulano *do Quental*, por exemplo: P.^e Manuel *do Quental*, 1583, n-*A Vila* (revista açorense), I, 150; P.^e Bartolomeu *do Quental*, escritor, † 1698. Outro escritor, da família d'este, Antero *de Quental*, mudou *do* em *de*, por gôsto heraldico, visto que o *de*, como já se disse, significava muitas vezes na idade-média, e ainda depois, senhorio e nobreza.

A mudança de que se aqui trata foi artificial, e devida ao arbitrio do poeta, mas ha muitos casos, em que se fez mudança analoga, por evolução natural da lingua: assim, primeiro, disse-se Fulano *da Pereira*, depois, *de Pereira*, por fim, *Pereira*. A tendencia para tornar mais unos os elementos do nome vai tão longe, que chega, como se vê, a ser suprimida a preposição. O mesmo acontece na toponímia: cf. *Liç. de Filol.*, p. 334.

β) Partícula *e*.

Muitas pessoas usam *e* entre dois apelidos. Basta folhear ao acaso um indice onomastico, ou abrir o *Anuario Commercial*, para encontrar exemplos como *Cunha e Costa*, *Lima e Meneses*, *Faria e Sá*, etc., etc. Qual a data e a origem d'este *e*?

Creio que além do sec. xvi não se encontrarão exemplos, e do proprio sec. xvi conheço poucos. A abundancia é do sec. xvii para cá.

O *e* designou a principio manifestamente junção de familias por casamento. Falando dos *Castros* de Melgaço, um dos quais casou com D. Beatriz de *Melo*, escreve Braamcamp, *Brasões de Sintra*, 2.^a ed., t. I, p. 70: «em atenção a esta senhora juntaram muitos dos seus descendentes o apelido de *Melo* ao de *Castro*», por exemplo, Francisco de *Melo e Castro*, p. 71.

Em exemplos que vão mencionar-se, o segundo apelido pertence á linha feminina de quem o usa:

Sec. xvi: H. de *Azevedo e Vasconcellos*: vid. A. de Azeredo, *Azeredos de Mesão-frio*, p. 15.

Sec. xvi-xvii: T. da *Cunha e Ataíde*: vid. Braamcamp, *ob. cit.*, I, 477.

Sec. xvii: *Cunha e Silveira*, nas *Familias faialenses*, p. 205; *Cunha e Meneses*, em Braamcamp, p. 179; *Castro e Pimentel*, *ib.*,

p. 435; Villasboas e Sampaio, autor da *Nobiliarchia Portuguêsa*, diz nesta obra, p. 326, que o *Sampaio* lhe veio da linha materna.

Sec. XVIII: *Lobo e Almeida*: em Azeredo, *ob. cit.*, p. 23; *Almeida e Azevedo*, *ib.*, p. 36.

Se esta regra fôsse constante, e talvez o fôsse na origem, teríamos aqui o mesmo uso que em Hespanha, onde um apelido, precedido de *y* é da linha feminina. Contudo já no sec. XVII-XVIII encontro e usado sem significação especial: Josefa da Cunha e Meneses, filha de P. da Cunha *de Meneses*, em Braamcamp, *ob. cit.*, p. 177; no sec. XVIII, Brun e *Silveira*, filho de Brun *da Silveira*, nas *Famílias faialenses*, p. 611; varios individuos de apelidos Cunha e Meneses, filhos de *Cunha Faro Meneses*, em Braamcamp, *loc. cit.*, p. 185. No sec. XIX: Alexandre Herculano de Carvalho e *Araujo*, filho de Theodoro Candido *de Araujo*. — Os que hoje usam e creio que o fazem ao acaso.

A particula *e* póde até repetir-se em um nome: D. Ana Rufina de Roxas e Lemos Carvalho e Meneses, sec. XVIII: vid. Azeredo, *ob. cit.*, p. 50.

Outras particularidades sintaticas:

De prenomes e epitetos tratou-se na INTRODUÇÃO, pp. 18-20¹. Á syntaxe dos apelidos de origem geografica dedicaram-se umas palavras, supra, p. 175. Apelidos provindos de alcunhas expressas por frases vimo-los no Liv. I, pt. III, p. 278. — Para esses lugares se remete o leitor.

¹ De *Dom* vid. tambem o APENDICE, I, como já se disse.

PARTE V

Advertencia sematologica

Constantemente se nos deparam na vida dos nomes mudanças de significação. Nomes que a princípio continham ideias de guerra, heroísmo, poderio militar ou politico, por exemplo, *Clotario*, *Rodrigo*, *Segismondo*, ideias de bondade ou amor divino, por exemplo, *Clemente*, *Doroteia*, *Teofilo*, applicam-se a cidadãos pacíficos, perversos ou ateus. E assim por diante. Esquêçêra-se o sentido primordial, e chegou-se a um caso oposto e contraditorio. Um nome que na origem pertencia apenas a um individuo, como especial seu, passa a designar um familia inteira. *Esturão* quer dizer natural das Asturias, e chega por fim a ser usado por um individuo natural ou habitante de oposta parte da terra¹. Quem dá a um velho o nome de «S.^{or} Chico», de certo que não pensa que comete uma ironia, e quem referindo-se a um adolescente lhe chama *Prisco*, também não reflecte que comete um contrassenso.

Ha nomes compostos, e apelidos frasicos, que figuram por fim como nomes e apelidos simples; nomes de qualquer especie, que a princípio têm significação clara, e que com o tempo se tornam obscuros. Um patronimico póde tornar-se nome proprio, por exemplo, *Gomes*, *Velasquida*.

Tudo isto são phenomenos curiosos que muito importam ao estudo da Sematologia, mas que não podem aqui ser tratados de modo particular, tanto mais que no decorrer da obra se mencionaram já muitos.

¹ Ha entre nós povoações com o nome de ESTURÃOS, que, como as que se chamam CASTELÃOS, GALEGOS, etc., denotam colonias ou familias dos respectivos povos estabelecidas em Portugal. Já no meu livrinho *Origem do povo português*, Lisboa 1923, dei exemplos d'este metodo de aplicar o estudo da nossa toponimia ao da etnologia.

CONCLUSÃO

Conhecer uma pessoa a razão historica do seu nome, as correntes de civilização que nele transparecem, as applicações que tem, as variações de fórma e significação a que está sujeito: todos confessarão ser materia digna de atenção, e atraente.

Na presente obra investigou-se, mais ou menos amplamente, segundo a importancia de cada caso, o nome português, e ao mesmo tempo os de individuos pertencentes a grupos sociais directamente relacionados com a nossa civilização, por ascendencia (Portugalenses, Moçarabes), parentesco íntimo (Galegos, Brasileiros actuais), possessão (escravos, e em parte os habitantes das nossas colonias), tolerancia (Judeus, Mouros fôrros, Mouriscos, Ciganos).

Observámos como a tradição antroponimica se mantem de modo admiravel, desde os mais remotos tempos até hoje, no suffixo patronimico -ici, -izi, -iz, -ez, -és. Aqui a designação é um vinculo. Por ela nos sentimos unos em meio de tanta baralhada de nomes e apelidos. Alguns poucos nomes ascendem tambem a grande antiguidade, por exemplo, *Guterre*, *Garcia*.



De todos os povos que habitaram o nosso solo ou o pisaram como conquistadores, ficaram sempre alguns vestigios na antroponimia. Agora se mencionaram dois nomes que serão pre-romanos, vindos porém de Hespanha. Temos depois nomes romanos,

gregos, hebreus, germanicos, arabicos. Em verdade nomes que se possam fazer ascender á epoca propriamente romana não abundam: considerar-se-hão tais, por exemplo: *Bento, Martinho, Romão, Valha*. Os nomes arabicos tambem não são muitos. Indirectamente Roma enviou-nos a maioria dos nossos nomes por intermedio da Igreja: nomes como os de cima; nomes que na sua fôrma pouco alterada revelam procedencia moderna, ou restauração de fôrmas obsoletas, por exemplo, *Croio, Julião, Maximiano*: cf. supra, p. 505. Os nomes gregos, hebreus e outros de origem exotica, por exemplo, eslavicos (*Estanislau, Procopio, Venceslau; Nicolau*, em parte) vieram-nos igualmente pelo Calendario cristão. Os nomes germanicos pertencem a duas epocas: á nossa mais antiga idade-média, por exemplo, *Soeiro*, e a influencias posteriores (alemã, inglesa, francesa, italiana, etc.), por exemplo, *Adolfo, Leonardo, Walter* (modernissimo). Á Literatura, á moda, e a outras correntes civilizadoras ou historicas, se devem novas camadas de nomes: *Amadis, Elisa, Isabel, Napoleão*.

Curioso seria determinar, para cada nome, a data da introdução. Mero *desideratum* por ora!

Dos nomes tanto latinos ou alatinados, como germanicos, acontece ás vezes estar perdida no uso geral a fôrma primitiva, mas conservar-se fixada na toponimia até hoje. Por exemplo, *PRIME* vem de *Primo*, nome de homem no sec. x, e *LAZARIM* faz crer que em tempos remotos foi *Lazarino* do mesmo modo nome de homem. De exemplos germanicos vimos muitos a pp. 104-108.



Na mais remota idade-média, até onde nos permitem chegar os documentos que possuímos, os nomes tinham grande simplicidade: *Hilarinus*, sec. vi, supra, p. 25; *Donata*, sec. v, *ibidem*. Que contraste com as extensas series publicadas a pp. 323-330!

A principio juntava-se ao nome proprio um simples patronimico, ou uma designação geografica, indicativa de naturalidade, residencia, ou posse; ás vezes uma alcunha. O patronimico foi rigoroso até o sec. xv, e depois degenerou em apelido, como tambem a designação geografica e a alcunha, que de individuais se tornaram patrimonio de familias.

As nossas relações com povos estranhos, desde a idade-média, se fizeram que, como se disse, aceitassemos d'elles muitos nomes proprios, fizeram que a par admitissemos muitos apelidos de igual

origem; e o mesmo aconteceu, *plus minus*, quando nos pusemos a descobrir e conquistar terras por esse mundo além.

*

Originario de necessidade imperiosa, qual a de comunicarmos uns com os outros nas inumeras relações da vida quotidiana, o nome, ou na sua unidade, ou em cada um dos elementos que o compõem, reflecte vários aspectos d'essa vida e respectiva historia. Ajuda-nos, ao invés, o seu estudo a penetrar muitas vezes nas reconditas trevas do passado.

A nossa ascendencia fica bem patente no que se ponderou acima. Ao sangue primitivo (lusitanico, romano, etc.) juntou-se sucessivamente novo sangue com a afluencia de povos do resto da Europa e do resto do mundo, patenteados em nomes e apelidos de multipla especie. A abundancia de uns e outros mostra a importancia das infiltrações etnicas.

Vemos toda a nossa historia passar efectivamente diante de nós, ao olharmos para as listas antroponimicas: os barões medievais com os seus solares (uso da particula *de*), a vaidade da sua *prosapia* (apêgo aos patronimicos); a nobreza, que lhe succede, não menos orgulhosa de encadeamento de apelidos geograficos, e de outros tidos como raros e sonoros. Os descobrimentos trazem-nos directa ou indirectamente *Brasil*, *Ceita* ou *Ceuta*, *Indio*, *Samorim*, *Ternate*. Quando encontramos as alcunhas ou alcunhas-apelidos de *Espadeiro*, *Mêleiro*, *Monteiro*, evocamos indústrias ou cargos hoje extintos, mas que desempenharam certo papel na antiga sociedade portuguesa. É tal a intimidade entre o gôsto do nome e as circumstancias politicas da nação, que nos tempos da guerra da Liberdade se escolhiam os nomes *Pedro* ou *Miguel*, consoante a paixão politica das respectivas familias; e a mesma intimidade continúa a revelar-se hoje no regime democratico: vid. supra, pp. 88-89.

O povo manifesta constantemente observações exactas, e graça e chiste no alcunhar o seu semelhante. Não constitue isto uma das suas feições mentais menos salientes. Que riqueza de comparações com a vida animal e a vida das plantas! Um individuo recebe o epiteto de *Bacalhau*, por ser magro, outro o de *Batata*, por causa de um defeito fisico que tem nos dedos. As alcunhas chegam a designar caracteres etnicos: *Preguiça*, *Descanso*, applicadas a Alentejanos. Nas aldeias quasi ninguem escapa a

receber alcunhas. Foge-se da realidade para a metáfora, isto é, para o campo da fantasia. Tão imaginosos somos nós em tudo! Quasi não tomamos cousa alguma a serio. Ao mesmo tempo, que delicadeza de affecto, que bondade de alma no criar hipocorísticos: o *Nêlinho*, o *Chico*, a *Bia*! até expressos com algum gosto musical, que se revela na variedade das vogais: *Zàzá*, *Zèzé*, *Zizi*, *Züüü*. A Antroponimia torna-se assim Etnopsicologia.

E o sentimento religioso e mágico? Disfruta enorme preponderancia na adopção de nomes, sobrenomes, e apelidos. Dá-se a um menino o nome de *José*, para que S. José, em cujo dia nasceu, o proteja nas lutas da existencia. Quer-se que uma criança possua como sobrenome o nome de uma pessoa notavel, para que as qualidades d'esta passem para ella. Uma frase de bom agouro, como «vá com Deus!» pôde tornar-se divisa de uma geração.— Por estar eivada de religião e magia a vida do povo, desde que elle existe, comprehende-se que ideias sobrenaturais se manifestem de continuo no nome, que, por assim dizer, faz parte integrante do homem social.

*

Passando, emfim, d'estas considerações morais e historicas ao campo glotologico, pois a Antroponimia pertence á Glotologia, e como um dos volumes da Historia da lingua portugueza aqui se apresenta, depara-se-nos paralelamente algo que notar.

Os nomes de pessoas, como os de terras, constituem natural complemento do vocabulario comum e da gramatica. Por outro lado ha assuntos que quasi são peculiares á Antroponimia, por exemplo, certas expressões, como *José da Ana*, os patronimicos, e a composição vocabular, por exemplo, em grego e germanico.

Ao estudarmos os hipocorísticos, observamos muitos phenomenos que nos ajudam a comprehender a evolução natural e espontanea da linguagem, como é que se aprende um idioma, a influencia da onomatopeia, do redôbro, da musica do acento, da divisão em silabas. Segue-se a passo e passo a formação da linguagem das crianças, e descobrem-se etimologias de apelidos, ou outras, como *Lelo*, não faceis de explicar á primeira. Quão rico e variado não é tambem o uso de suffixos com os quais se percorre, por assim dizer, toda a gama dos affectos!

A esta riqueza corresponde outra noutros pontos: multiplicidade de dizeres para traduzir uma mesma ideia, nas alcunhas; acomodamentos foneticos, para evitar encontro desagradavel de

sons, na próclise; dialectismo na pronunção de muitos nomes que decorrem do Calendario, da Literatura, da Historia.

Uma alcunha começa naturalmente por um substantivo comum, ou por um adjectivo:—*vai chamar o carpinteiro! está ali um calvo!* Depois estes nomes tornam-se proprios, isto é, applicam-se individualmente: chamaram-se primeiro alcunhas, e por fim apelidos. Semelhantermente se formam os restantes apelidos. Quando vem um apelido ou um nome de fóra, cuja fisionomia destoa da fonetica portuguesa, adapta-se a esta, segundo o sistema da etimologia popular, da analogia, etc.: e tambem por vezes aqui se revela imaginação, que é um dos poderosos factores da vida da linguagem.



Tudo o que se diz de antroponimia portuguesa póde applicar-se na essencia, *mutatis mutandis additisque addendis*, mas com leves alterações, não só ao Brasil, onde a lingua nacional é a nossa, por isso que o descobrimos, colonizámos, e inicialmente civilizámos, senão também, por causa das relações historicas primitivas, á Galiza, a Lião, e a Castela.

A principal diferença que existe entre o sistema antroponimico portugûes e o hespanhol está na regularidade com que neste o apelido materno sucede ao paterno (vid. supra, pp. 330 e 331), o que obriga por vezes ao emprêgo da particula *y* (vid. supra, p. 562). Nada d'isto acontece entre nós, pelo menos hoje. Outra diferença, quanto a prenomes, temo-la na profusão do «Dom» nos nossos vizinhos (*Don*), uso muito mais moderado em Portugal respectivamente ao sexo masculino. Os Catalães usam *En*, *An*, *Nan*, etc.: *En Jaume*, o rei D. Jaime; *En Victor Balaguer*:—exemplos que colhi na literatura.

Quanto ao Brasil, há só diferenças de estilo, e não fundamentais (cf. supra, pp. 93-94, e, adiante, p. 588).

APENDICE

I

DO TITULO DE «DOM»

(Vid. *supra*, pp. 18-19)

A palavra portuguesa *Dom*, feminino *Dona*, vem respectivamente do latim *dominus*, *domina*. Cf. *Liç. de Filol.*, 2.^a ed., p. 46. *Dominus*, o dono da casa, o senhor; *domina*, a dona da casa, a senhora. D'aqui se desenvolveu a ideia de veneração: *dominus pater*, *domina mater*, em inscrições, Dessau, n.^{os} 666, 667, etc. As mesmas palavras foram empregadas como titulos honorificos, quer no uso geral, quer na casa imperial romana, de certa epoca em diante, quer tambem falando de seres divinos. Quando encontramos individuos cujos nomes na ocasião nos não ocorrem, diz Seneca, *Epist.*, III, comprimentamo-los tratando-os por «senhores»: *dominos salutamus*. Num marco miliario de Poçacos (Tras-os-Montes) lê-se, por exemplo: *D(omino) N(ostro) Flavio Dalmatio*: vid. *AP*, I, 323-325. A respeito de *dominus*, -a, applicados a divindades, cf. *Religiões*, II, 327 e nota, e III, 341 e 342 e nota 2. Na religião cristã: *dominus Christus*, em Orosio (sec. V), *Adversus paganos*, VI, 18; *Dominus*, tambem por «Cristo», no sec. VII, em Hübner *IHC*, n.^o 392; *dominus noster Ies(us) Chri(stus)*, numa inscrição de Mertola, de 706, *IHC*, n.^o 302; noutras inscrições cristiano-peninsulares a cada passo se dá o titulo de *dominus* a santos e a bispos (cf. Hübner, *ob. cit.*, p. 148 do Suplemento).

Nos nossos documentos civis depara-se-nos tambem muitas vezes o mesmo titulo, desde muito cedo:

Sec. IX: *Domnus Garseanus*, como confirmador de uma doação, e já mencionado *supra*, p. 95.

Sec. ix-x: *Domnus Naustus*, episcopus, DC, p. 3, o qual porém assina sem o prenome, aí e a pp. 7 e 9.

Sec. x: *vobis Domino Teodericus*, Abba, DC, p. 32; *vobis Domna Mummadomna*, DC, p. 34, a qual porém assina sem *Domna*, a p. 61; *comes Don Geton*, p. 103, em narração; *ego Comitissa Domna Gonçina*, DC, p. 103, e assina-se *Comitissa Domna Gunçina*, a p. 104; *Don Vilenço*, p. 108, em narração.

Sec. xi: *ego Gunsalvo Raupariçi et conjungia mea Monia*, DC, p. 133; esta contudo assina-se *Domna Monia*, ib.; *vobis Domna Vivili Truitesendiç*, ib., p. 141; *Domna Goldrogodo*, ib., p. 150; *Comitissa Domna Ilduara*, em narração, porém assina *Ilduara Comitissa*; *ego Comidessa Domna Xemená*, ib., p. 174; *Don Rodorigu*, ib., p. 179, em narração; *Domna Unisco*, ib., p. 315; *casale de Dom Romano*, ib., p. 326; *ego Comes Domnus Henrichus una cum conjugia mea Tarasia*, ib., p. 512 (mas também, em 1112, *ego Infans Domna Taresia*, nas *Dissert. Chron.*, I, 240).

Sec. xii: *Domnus Godinus*, Prior, Docs. do Souto, p. 4; *ego Domna Tarasia Diaz* e *Domnus Menendus*, Abbas, ib., p. 6, ambos em assinatura. Em documentos de Vairão, RL, vol. xiv: *ego Johannes Pelagii et Dona Ellvira .. mea ihermã .. cum nostribus fratribus*, etc., et cõ (as irmãs) *Domina Ermessenda*, *Dõna Maihor*, *Dõna Gucina* (e outros nomes de irmãs sem *Dona*)—todos em narração: p. 252; *Dõnus Alfõso*, p. 253, em assinatura; *Dom Martio* (= Martão), *Don Stephan*, p. 257, ambos em assinatura.

Sec. xiii: No corpo do documento, *ego Domna Maior*, nos Docs. do Souto, p. 9. Em assinatura: *ego Regina Domna Mahalda*, *ego Domnus Alfonsus* (o 2.º), *ego Regina Domna Urraca*, *Infans Domnus Alfonsus*, *Infans Domnus Sancius*: nas *Dissert. Chron.*, I, 260. Ha aqui a par alguns nomes de bispos, também em assinatura, sem «Dom». No entanto todos os bispos que assinam a confirmação do foral de Çatão (Sátão), nas *Leges*, p. 355, prepõem este titulo ao nome: *Domnus Stephanus*, *Bracarensis Archiepiscopus*, *Domnus Petrus Colinbriensis*, etc. (em número de oito). Com eles assinam vários magnates, igualmente com «Dom»: *Domnus Martinus*, *Signifer Regis*; *Domnus Petrus*, *Maiordomus curie*, e outros, cujos cargos não se especificam.

Nos passos mencionados não ha dúvida que algumas vezes o *Dom* é sinal de nobreza, ou inerente em cargos civis e ecclesiasticos. Em todo o caso é bastante incerto o seu uso. Referindo-se

aos primeiros tempos da monarquia, até diz Antonio Brandão, *Mon. Lusit.*, 3.^a parte, liv. 11, cap. 19, que, «tirados os reis e seus filhos legítimos, todos os mais careciam de *Dom*, posto que fôsem ricos-homens e grandes senhores. Isto nos asseguram as doações originais daquelle tempo». E um pouco adiante: «Em o testamento d'El Rey Dom Sancho o Primeiro estão nomeados quasi todos os seus filhos e filhas bastardos sem *Dom* . . Pelo mesmo modo trata El Rey Dom Dinis a sua filha Maria Affonso e as suas noras, Tareja Martins, e Froilhe Annes. D'onde se vê claramente, que só aos reis e a seus filhos legítimos competia o titulo de *Dom*». Depois menciona documentos dos secs. XII e XIII que provam a mesma incerteza do uso, e termina assim: «Donde venho a concluir que nos tempos mais antigos se nomearão os ricos-homens com *Dom* por cortesia dos que faziam as escrituras, e nos annos seguintes averia já para isso algum privilegio, se não he que o uso foy cobrando forças, com que se admitio aquelle estilo». Foi por causa d'estas prudentes ponderações, que nos documentos, que acima transcrevi, tive o cuidado de indicar se o *Dom* apparecia em narração ou em assinatura.

Alberto Sampaio, na obra que citei a p. 18, *As «villas» de Portugal*, mostrou que nas *Inquisitiones* o titulo de *Dom* se dava muitas vezes a individuos não nobres, mas simplesmente abastados, pelo geral proprietarios rurais, isto é, herdadorees. Nisto, como eu já disse ibidem, foi Sampaio apoiado por Gama Barros. Nos exemplos aduzidos por Sampaio vêem-se individuos dos dois sexos, como: *Dom Egas*, *Dom Lobo*, *Domna Mamedea*, *Domna Mayor*; cf. *Dona Jurdana*, nas *Inquisit.*, p. 257, etc.

Além de herdadorees apresentam-nos as *Inquisitiones* outras classes de individuos, também freqüentissimamente com *Dom*, que serviram de informadores ás alçadas que faziam as inquirições. Se alguns d'estes individuos eram acidentalmente herdadorees, não o sabemos. Eis varios exemplos: *Domnus Vincentius* (capellanus), p. 2, *Domnus Facundus*, p. 2, *Domnus Fugaças* (prelatus), ib., *Domnus Dominicus*, p. 3, *Domnus Durandus*, ib., *Domnus Silvester* (abbas), p. 31; *Don Stephanus*, p. 33, *Don Fiiz*, p. 100, *Don Alfonso*, ib., *Don Nuno*, ib., *Don Vicente*, p. 102, *Don Stephanus*, ib., *Dom Dominicus* (abbas), p. 105, *Don Laurencius*, ib., *Don Duram*, ib., *Don Simon*, p. 106, *Don Matheus* (abbas), ib., *Don Gomecius*, p. 107, *Don Ciprianus*, p. 131, *Don Michael*, ib., etc., etc. Uns são ecclesiasticos; de outros não se diz nada. O figurar a p. 308 como informador *Domnus Stephanus Zapatarius* (çapateiro, ou a

palavra designe officio ou alcunha) mostra com muita claridade que o *Dom* não significava essencialmente nobreza.

Como a nem todos os individuos dados expressamente como herdadores e informadores se junta o titulo de *Dom*, talvez não se excluísse do emprêgo d'ele a ideia de respeitabilidade devida á idade. Cf.: de *hereditate de Tio Savarigo*, nas mesmas *Inquisitiones*, p. 101; in *Tio Dono stat unus molendinus*, p. 695; in *Tio Pedro jacet j. leira*, p. 578; *casali de Tio Codesendo*, p. 739. *Tio Savarigo*, *T. Dono*, *T. Pedro*, *T. Codesendo*¹ eram nomes de sitios, tirados de nomes de proprietarios, a quem, ao que parece, se dava, como hoje nas aldeias se faz ás pessoas de respeito, o prenome de *Tio*. Podia pois o *Dom* corresponder assim de certa maneira a *Tio*.

Em ambas as series (herdadores e informadores, sobretudo nos ultimos), o *Dom* bastava só por si (como o *Tio*) quasi sempre para determinar a pessoa, sem acrescentamento de sobrenome, apelido, alcunha ou outra especificação. Contudo existem excepções. Já acima vimos um *Zapatarius*, e varios ecclesiasticos, apresentados com os seus titulos; a p. 150 temos *Don Petrus Ooriç*, mencionado a par com um Infante: a p. 157 o herdador *Domnus Reimondus Petri*; a p. 305 o herdador *Dom Gomez Gunsalvi d'Alviti*, com patronimico e designação geografica; a p. 578 o herdador *Domnus Petrus Pelagii Curvi*, com patronimico e alcunha-apelido; a herdadora *Domna Orraca Fafiz*, p. 614. Aos nomes de informadores agrega-se repetidamente nas inquirições da Beira uma designação geografica: *Domnus Aparizo*, de Sena, p. 761; *Domnus Godinus*, de Villa Cova, p. 764; *Domnus Matteus*, de Santa Marina, p. 768; *Domnus Pelagius*, de Sancto Romano, p. 773; *Domnus Suieirius*, de Torroselo, p. 773; etc., etc. No Minho tambem: *Domnus Petrus*, de Fonte, p. 330; e em muitos dos exemplos citados por Sampaio, p. 125, nota 1, ha, em meu entender, outros casos. Os nomes que não trazem *Dom*, quer de herdadores, quer de informadores, vêm em regra acompanhados de patronimico ou alcunha: *Michael Ferrarius* ou *ferrarius*, informador, p. 627; *Pelagius Cidiz*, herdador, p. 82.

¹ *Codesendo* talvez por *Godesendo*, a que corresponde *Gudesindus* que se deduz de *Godesindiz*, em *avia mee Domne Godesindiz*, «minha avó Domna ou Dona (nome proprio), filha de Godesindo», sec. XI, DC, p. 506.

No poema do *Cid* também o *Dom* se une ao simples nome, quando este não traz apelido: vid. Pidal, I, 311.

Voltando-nos agora para textos de datas subseqüentes, continuaremos a encontrar neles exemplos de *Dom* como sinal de nobreza, ou meramente de respeito. Pela natureza das coisas, pois que os Livros de linhagens ou Nobiliarios se destinavam principalmente a transmitir á posteridade menção de gerações de fidalgos, os exemplos de *Dom* neste sentido são aí inumeraveis. D. Pedro Pires de Trava, Conde D. Fernando, Condessa D. Tareja Fernandes, D. Orraca de Canas: pp. 171-172. Desnecessario seria fazer maior número de transcrições. Quanto a valer *Dom* como sinal de respeito, já nos meus *Textos arcaicos*, p. 174, citei as mesmas *Linhagens*, p. 231, onde, falando-se de personagens do Velho Testamento, se diz «Rabeca, filha de *Dom Batuall*»; e *ibidem* mencionei, em igual sentido, *D. Pratom*, por «Platão», de uma obra do seculo XIV ou XV, e «*Dom Marco Paulo* de Veneza e *Dom Matteo* seu irmão», de uma do sec. XV, impressa em 1502.

Depois o *Dom* passa a desempenhar apenas a primeira das duas funções que desempenhava.

Escreve Antonio Brandão, *ob. cit.*: «Em as gerações particulares se foy introduzindo o *Dom*, ou por se derivarem de sangue real, ou por privilegio dos reys, mas foy este dado com tanta limitação até os tempos d'El Rey Dom Afonso o Quarto, que não só nos fidalgos, mas em senhoras principalissimas não avia o uso delle. No tempo deste Rey se multiplicarão os titulos de condes, marqueses, e duques, não só neste reyno, mas em toda a Espanha, e daqui em diante se ampliou o *Dom* notavelmente». O mesmo aconteceu nos reinados de D. João II e D. Manuel, reis que premiaram certos vassallos com o referido titulo: vid. Soares da Silva, *Memorias para a hist. de D. João I*, t. I, liv. I, cap. 3.º, e alguns casos especiais em Braamcamp Freire, *Brasões de Sintra*, I, 281 e 214. Isto se confirma com versos de Garcia de Resende:

Hos reys, por acrescentar
has pessoas em valia,
por lhe seruiços pagar,
vijmos a hũos ho dom dar,
& a outros fidalguia...

(*Miscellania*, est. 231, — na ed. de Mendes dos Remedios, Coimbra 1917, p. 81). Com o uso veio o abuso, e por causa d'ele promulgou

o proprio D. Manuel, não obstante o que fica dito, a seguinte ordenação em 1513: «mandamos e defendemos que ninhũ homem, nem molher de qualquer sorte e qualidade que seja, nom se possa chamar de Dom, se lhe nom pertencer per derecho per via de seu pay, ou avô da parte de seu pay, ou per nossa graça especial, ou dos Reys passados, ou que nos Livros de nossas moradias com o dito Dom andarem. E as molheres o poderam tomar de seus pays ou mãys ou sogras que o dito Dom dereitamente tiverem ...». E proíbe ao mesmo tempo o *Dom* nos bastardos, com algumas restrições. Vid. *Ordenações manuelinas*, liv. II, tit. 37, §§ 11 e 12.

Quem pôde refrear modas, sobretudo quando lisonjeiam a vaidade dos que as adoptam? Elas excederam tanto os limites, que o poeta ou rimador ha pouco citado prossegue:

.. toma Dom quem ho quer,
& armas nobres tambem
toma quem armas nam tem,
& dá ho Dom aa molher ...

(*ibidem*. A *Miscellania* tem noutros lugares referencias a factos acontecidos em 1530, —vid. Mendes dos Remedios, p. xxvi—; por isso as aduzi neste lugar).

A determinação de D. Manuel achamo-la repetida nas *Ordenações filipinas*, liv. v, tit. 92, § 7. Estas Ordenações, terminadas em 1595, saíram a lume, e começaram a vigorar, em 1603: cf. Paulo Merêa, *Lições de hist. do Direito port.*, Coimbra 1925, p. 139.

Pertence ainda ao sec. xvii o que a seguir se reproduz de Vilasboas, *Nobiliarchia*, p. 21: «Por Extravagante (scil. lei) de Philippe Segundo, de tres de Janeiro de 1611 se acrescentão as penas aos que usarem de *Dom*, sem lhes pertencer, e concede que somente possam usar delle os bispos, os condes, as mulheres, e filhas de fidalgos, e dos dezembargadores, e os filhos dos titulares, ainda que sejam bastardos. Tambem usam delle as mulheres dos ministros proximos ao Dezembargo, e assi está interpretada a ley pelo costume». «Conservão-se com tudo algũas familias illustres, e ainda senhores titulares, sem *Dom*»: A. Brandão, *loc. citato*.

Do titulo de que trato se têm occupado varios investigadores, e ultimamente o estimavel notario e folklorista o S.^{or} José Maria Adrião no *Bolet. da Associação dos tabelliães*, Lisboa 1925, n.^{os} 11

e 12, o qual, invocando Pinheiro Chagas, *Hist. de Portugal*, vi, 14, alude ás côrtes de 1641, em que os procuradores do povo pediram ao rei que fôsse castigadas com severidade as mulheres que pusessem *Dom* antes do nome, sem terem direito para isso.

No seculo xviii pondera o circumspecto Bluteau, *Vocabulario* s. v.: «com o tempo se fez o *Dom* commum, que, para se singularizarem nesta vulgaridade, fazem alguns cavaleiros brio de não [o] amittir». De o anteporem ao nome as senhoras é que ninguém já se importava! Em nossos dias os reis não deixaram de conceder o titulo de *Dom* a homens: e da mercê advinham proventos para o tesouro público. As senhoras todavia apossaram-se tanto d'ele, que o Governo republicano até as excluiu tacitamente da abolição das distinções honorificas que decretou em 1910! Vid. Adrião, *Boletim*, ib., p. 107.

Na Hespanha o *Dom* é tão vulgar, que pôde dizer-se que toda a gente o usa, homens e mulheres. Ha a este proposito uma especie de proverbio que tenho lido várias vezes, mas cuja indicação exacta não encontro agora; diz pouco mais ou menos:

<i>Excelencia</i> de Portugal,	}	<i>Dom</i> de Hespanha,
<i>Senhoria</i> de Italia,	}	Não valem uma castanha.

Por *Excelencia* e *Senhoria* (*Signoria*) entende-se o tratamento.

✱

Resumamos a doutrina acima exposta:

A) O *Dom* empregou-se como sinal de nobreza, ou como titulo inerente em cargos civis e ecclesiasticos;

B) Como sinal simplesmente de respeito.

No primeiro caso usou-se ou usa-se ainda:

- 1) na familia real;
- 2) por tradição de nobreza hereditaria;
- 3) por concessão accidental;
- 4) no cargo de prelado de diocese, e noutros de categoria inferior a este (de prior, abade, etc.). Até 1834 usam-no, por exemplo, os abades dos mosteiros de S. Bernardo, os frades cruzios, etc., e ainda recentemente o usam, ou o deixaram ha pouco, alguns priores de collegiadas: de Cedofeita, de Guimarães.

Póde acrescentar-se:

- 1) *Dom* usado em familias provindas de Hespanha.
- 2) *Dom* usado outr'ora por Judeus (já se entende que me re-

firo a varões, porque a mulheres não era preciso referir-me): temos exemplos no cap. ix. — Do tratamento de *Dom* dado a Judeus no poema do *Cid* fala Pidal, II, 312.

O *Dom* dava-se outr'ora por chacota «ao escudeiro-segrel, e ao jogral que ostentava ares de trovador», por exemplo, *Don Pero da Ponte*, *Don Bernaldo*, etc.: vid. D. Carolina Michaëlis, *Canc. da Ajuda*, II, 655, na nota 2, e in *Zs. f. rom. Philol.*, XX, p. 179 (—180), na nota 3, onde se refere igualmente a dois Judeus, um d'elles banqueiro, o outro, mercador: *D. Joseph*, e *D. Bêeito*. A Hespanha apresenta-nos aqui do mesmo modo paralelos: «el *don* aplicado a bufones, etc.»: Pidal, *Poesia jugralesca*, p. 114, nota. — Ainda ás vezes tratamos zombeteira e familiarmente assim um individuo de quem falamos, ou a quem nos dirigimos; o que até acontece com crianças.

Tambem os antigos empregavam *Dom* acrescentado a «uma expressão injuriosa»: *dom traidor! dom falso! vós dom tredo!*, em Moraes, *Dicc.*, s. v., o qual comenta: «como hoje dizemos *ah so traidor!*». Cf. em hespanhol: *don malvado! don ruyn! don andrajoso!* em L. Spitzer, *Die epixönen Namen*, p. 98, nota 1.



Segundo uma observação feita por Braamcamp Freire nos *Brasões de Sintra*, 2.^a ed., I, 192 (—193), nota 4, quando um nome sem *Dom* se sincopava, em próclise, usava-se pleno, se se lhe prepunha aquele titulo: *Pero* Vaz de Melo, que foi feito Conde da Atalaia em 1466, passou a chamar-se *D. Pedro* de Melo; *Martim* Vaz de Castel Branco, passou a intitular-se *Martinho* de Castel Branco, desde que seu pai recebeu em 1485 o titulo de *Dom*. O mesmo A. acrescenta que a regra valia tambem com os titulos de Doutor, Mestre, Frei, etc., e cita *Ruy Pirez* em Gil Vicente a par de *Frey Rodrigo*.

Igualmente diz Braamcamp, *ibidem*, que a junção do *Dom* fazia que se suprimisse o patronimico, e só ficasse o apelido: Alvaro Vaz de Almada é chamado em 1445 *D. Alvaro de Almada*; Alvaro Gonçalves de Ataíde passou a ser, de 1448 em diante, *D. Alvaro de Ataíde*. E menciona ainda outros exemplos.

As observações são finas, e exercidas em muitos exemplos, e combinam com o que acima se disse de nas *Inquirições* apparecer grande número de nomes com «Dom», e sem patronimico; porém temos excepções: nas *Linhagens* encontra-se, por exem-

plo: *D. Fernam* Pires, p. 157, a par de o Conde *D. Fernando*, p. 171; *D. Ruy* Fernandes, p. 172, a par de *Roy* Peres, sem *Dom*, p. 172; *D. Pero* Nunes, p. 144, a par de *Pedro* Veegas, p. 159; *D. Mem* Veegas, p. 141, a par de *D. Meendo* o Sousão, p. 192; *D. Suer'* Ayres, a par de *D. Sueiro* Paes, p. 166. E nos *Pergaminhos de Guimarães* temos: *D. Gonçalo Martins*, n.º 88, de 1330, a par de *Martinho* Bento, n.º 66, de 1306. Cf. *D. Pero*, sec. xv, nas *Dissert. Chron.*, v, 2.ª ed., p. 308. No tempo dos patronimicos não podiam estes suprimir-se facilmente, faltando os apelidos. Quando um nome originariamente proclítico passava a usar-se independente de próclise, também a regra não podia aplicar-se: *D. Vermoim* Paes, p. 143.

Já que estou falando de gramatica, direi que a regra enunciada por Epiphanio Dias, *Syntaxe histor.*, § 180-a, do emprêgo de *de* com função epexegetica, por exemplo, em *chamar de ratinhos*, a que posso adicionar *chamar de nomes* (Beira), applica-se do mesmo modo a *dom*: «... antigamente nas chronicas de Portugal os Coelho se *chamavam de dom* (1513: carta de brasão, no *Archivo heraldico*, do Visconde de Sanches de Baena, p. 650).

Como representante do lat. *dominus*, -a, não existiam na nossa idade-média unicamente os titulos de *Dom* e *Dona*; também *Dono* e *Dona* se empregavam como nomes proprios:

a) *Domno testes* (= testis), sec. ix, em assinatura, *DC*, p. 6; *Dono testi*, sec. xi, em assinatura, *ib.*, p. 235; *Donno test.*, p. 213; *tio* *Dono*, sec. xiii, de que se falou ha pouco¹. Em *Dóniçi*, *Dóniç*, que figuram como patronimicos em Vitemiro *Dóniçi*, e *Godesteo Dóniç*, sec. xi, *DC*, pp. 204 e 302, podemos ver ou um mero genetivo de **Domnicus*, ou um patronimico de *Dono*. O nome proprio **Domnicus* está representado geograficamente na idade-média em *DONNICI*, *DONNIZ*, que parece soavam com o acento no o.

b) *Domna*, sec. xi, em narração, *DC*, p. 506, isto é: avie mea *Domne* Godezindiz (*Domna*, minha avó, filha de Godesindo); *dona* *Dona*, sec. xiv, entre Judeus, de que se falou a p. 417.— Nos *Opusc.*, iii, 116-117, a proposito de *Mumadomna*, *Tuta*

¹ *Donegas*, sec. xi, estará por *Domn' Egas*, «*Domno* ou *Dono*, filho de *Egas*».

domna, *domna Tuta*, etc., disse eu o suficiente para mostrar que não me conformo com a ideia de Meyer-Lübke, II, 82, de que *donna*, isto é, *domna*, podia ser iberico. Cf. *Aurodomna* e *Auro-donna*, sec. XI, DC, pp. 315 e 313, e no *Elucidario* s. v. «crebrantado».

De ambas as formas houve na idade-média, segundo creio, muitos derivados, por exemplo (quando eu não documentar, entende-se que as formas as tomei de Cortesão):

a) *Donellus conversus*, sec. X, DC, p. 60; *Donello*, sec. XI, DC, p. 326; *Donela*, sec. X. Com patronimicos: *Donélixi*, data incerta, *Donnélix*, sec. XI.—De derivados em *-ellus* temos já um exemplo latino em *Marcellus* (vid. supra, p. 67). Da representação d'este sufixo em nomes proprios italianos trata Giamdomenico Serra, p. 48: *Oxella* < *Aucella*, *Carello*, *Morello*, *Perellus* (de Petrus), etc.—A nossa toponimia conserva ainda *DONELO* (Donello) em Tras-os-Montes e Minho.

b) *Donino*, sec. XI. Dos nomes em *-ino* falou-se a p. 550.—Ao genero *Donini*, pressuposto por aquela forma, está ainda representado em *DONIM*, nome de varios lugares do Minho, Beira, e Galiza.

c) O toponimo galego *DONELLE* (= Donelhe), muito repetido, faz crer que tambem na idade-média houve o genetivo **Dom'n i-culi*. Cf. supra, p. 553 (Gramatica).

Deixam-se de parte:

a) *Donnam* (*Donam*, *Donan*), *Donnani* (Donani), *Donao* (= Donão?), que creio se explicam como derivados em *-anus*, como *Garseanus*, supra, p. 29, *Mauram*, p. 35, etc. Do mesmo modo *Donanna* (não *D. Ana*);

b) *Donnanici* (Donanici), *Donanixi*, *Donaniç*,—derivados de **Donnanus* (vid. a);

c) *Doneloni*, que parece ser um derivado em *-o*, *-onis*: vid. supra, p. 104 (*Domn-ell-o*).

De *meono*, *-a*, por meu-*domnu-*, *-a*, falou-se supra, p. 19. O Prof. Cornu, aí citado, nota 4, explica tambem *Noane* por *domno Iohanne* (em próclise).

II

NOMES COLONIAIS

Por *nomes coloniais* entendem-se aqui os nomes usados nas nossas actuais colonias e os que se usaram em territorios ultramarinos que já foram nossos, e hoje o não são. Eles têm duas origens fundamentais: indigena, e portuguesa.

O assunto tratá-lo-hei muito de fugida, e quasi só a respeito de tempos modernos, porque não fiz investigações demoradas. Além d'isso o estudo dos nomes indigenas ou nativos fica fóra do sistema da antroponimia portuguesa; serviria, quando muito, para explicar alguns apelidos adoptados nesta, ou como exemplificação de principios de Glotologia geral. Os restantes nomes, na essencia, não se afastam dos que constituem o proprio objecto da presente obra: contêm apenas, aqui e além, algumas particularidades de estilo (na escolha, etc.), ou alterações de fórma, devidas á fonetica local.

Quem rebuscasse arquivos, e consultasse autores antigos, encontraria de certo muitos nomes indigenas que, quanto ao passado, pudessem pôr-se a par com os portugueses.

1. AFRICA

De nomes portugueses modificados em boca de indigenas, isto é, de nomes crioulos, e de nomes em *lingua de preto*, deram-se amostras no Liv. II, cap. VII (Nomes de escravos), e no Liv. III, pt. I, cap. I (Nomes hipocoristicos). Com estes coincidem, é claro, nomes portugueses propriamente ditos, e nomes em linguas locais.

Os Pretos em Angola, quando vão trabalhar com os Portugueses, não declaram os seus nomes nativos, mas substituem-nos por outros, iguais a nomes de coisas, como (no Lobito, planalto de Chimbôa): *Sapralo* (= sobrado), *Colungo* «antilope»; *Candieiro*, muito vulgar, e se ha mais de um, chamam-se *Candieiro* 1.º, *Candieiro* 2.º, etc. (cf. supra, p. 369); *Carruagem*, *Cicleta* (de *bicicleta*). Nomes de mulheres: *Càquinta* «2.ª feira». Fazem isto, receosos sempre de identificações, por causa das autoridades (fisco, etc.). Os que nas cidades desempenham serviços, ou são

artífices, usam nomes unicos, por exemplo, *Antonio*, ou acompanhavam-nos de apelidos dos patrões, quando se criaram em casa d'elles.

Exemplos que me deram de nomes de criados pretos pertencentes á tribu dos Mussorongos (distrito do Zaire ou Congo): *Sanda* «cobra»; *Zau* «elefante»; *Cóche* ou *Cuche*, com *ch* = *tx* «lião» (cf. em Cannecatim, *Diccionario de lingua bunda*, Lisboa 1804, p. 490: *h'ógi* (ou *jih'óji*), *Quincoche* «o maior lião», *Vemba* ou *Pemba*, uma ave. Estes nomes e outros analogos applicam-se indifferentemente a homem ou mulher. Os indigenas, quando passam a servir ou trabalhar, vão já registados com eles no recenseamento do imposto da palhota.

A respeito de nomes de Pretos tirados de nomes de coisas, cf. supra, p. 245.



Depois de redigido e composto na Imprensa o que fica dito de Africa, enviou-me o S.^{or} Gustavo de Bivar Pinto Lopes um *Questionario ethnografico*, Beira 1928, de que é autor, e se refere ao territorio da Companhia de Moçambique. Ha nele muitas noticias valiosas, inclusivè algumas de antroponimia, por exemplo:

Alcunhas dadas pelos Pretos a chefes de circumscrição, p. 14:

Campira (pequena bola de borracha; por ser muito baixo o respectivo individuo, e andar aos saltinhos);

Nhamàssomanai (literalmente, que tem quatro olhos, por usar oculos);

Bitamucuro (corruptela do nome europeu);

Chimupara (careca de todo);

Nhampópo (por ter sinais na cara);

Cochia (muito baixo);

Nhampanze (calvo);

Nhamacuze (calado);

Chingaia (por causa da maneira de andar).

Nome nos Pretos, p. 40:

«A imposição do nome é feita geralmente sem nenhuma formalidade. É quasi sempre o avô, e na falta dêste o pai, quem escolhe o nome, ordinariamente na ocasião em que acaba o *ncote*. A escolha do nome é muitas vezes arbitraria, mas quasi sempre recai no dalgum avô ou avó já falecido. Às vezes dão às crianças o nome dum chefe estimado, ou dum branco que se notabilizou: é vulgar na Zambézia o nome de Coutinho, Paiva, etc.

Outras vezes o nome recorda circunstâncias em que se deu o nascimento.

Em Mossurize o baptismo tem mais solenidade. Dois meses depois do nascimento o chefe da família convoca uma reunião de todos os parentes, cada um dos quais propõe um nome, decidindo os mais velhos qual é o que deve ser adoptado. Uma vez a escolha feita, procede-se às libações habituais, lançando cada assistente aos pés da criança quaisquer objectos do seu uso pessoal, manilhas, missangas, etc. Estas dádivas são destinadas à parteira.

Quási sem excepção, tanto os rapazes como as raparigas mudam de nome quando chegam à puberdade.

A maior parte dos nomes não teem significação conhecida: há porém muitos que designam árvores, animais, objectos de mobília, etc. Há também, principalmente nos sítios mais em contacto com o branco, nomes europeus, mais ou menos corrompidos. Como exemplo do primeiro caso podia citar centenas, pois quando se pergunta a um preto a significação do próprio nome não a sabe dizer. «É nome, senhor». Também não haverá muitos Antónios brancos e Amélias brancas que saibam a significação primitiva de António ou de Amélia. Há porém nomes com significação bem evidente, quer sejam vocábulos simples, quer sejam uma frase; exemplo: *passipaóre*, a terra nunca apodrece; *muvunírua*, que é muito requestada pelos rapazes; *mupengabzense*, temerário, que não receia coisa nenhuma, etc».

2. INDIA

A nossa India, ou Estado da India, compõe-se dos territorios de Goa, Diu (ou Dio), e Damão. Do de Damão desmembrou-se ultimamente o de Praganã-Nagar-Aveli: vid. Fortunato de Almeida, *Portugal e as colonias*, 2.^a ed., pp. 286-287.

Na população da India portuguesa distinguem-se, além de elementos europeus gerais, de data recente:

1. *Indios* { *Hindus* (bramanistas);
Cristãos nativos, chamados pelos Portugueses pejorativamente *Canarins*.
2. *Descendentes*, isto é, descendentes de antigos Europeus, predominantemente militares (e chamados pelos Indios pejorativa-

mente *mestiços*, apesar de poderem não ter mestiçagem nenhuma). Todos eles gostam muito que os tratem por *descendentes*¹.

3. *Portugueses* actuais (funcionários, etc.).

4. *Maometanos* (em geral negociantes).

5. *Párses* (seguidores do zoroastrismo, negociantes).

São os *descendentes* e os Índios os que mais importa aqui considerar.

Pelo que toca aos nomes, ha nomes proprios de origem indigena; nomes proprios de origem portuguesa; apelidos de origem indigena; apelidos dos que se cristianizaram.

Considerando os nomes no conjunto, temos: nomes inteiramente indigenas; nomes inteiramente portugueses. Nos nomes hindús pagãos não aparecem apelidos portugueses, por não haver entre as duas classes cruzamentos legitimos. Pela mesma razão não ha nomes hindús entre os cristãos, embora no trato particular os possam chamar com o nome da sua familia hindú. Sei, por exemplo, de individuos indigenas cristianizados que têm nomes portugueses, e são tratados familiarmente pelos vizinhos hindús e cristãos pelo apelido de Xináy (Sinai).

Exemplos de nomes de negociantes de Goa, colhidos no *Almanach* de 1792, p. 377: Anta Vencatixá Bandari; Ganessa Sinai Zanzal. Negociantes de Damão (*Almanach* de 1807, p. 553): Arca Chande Hira, Dahud Pirá. Nomes modernos: já acima, p. 81, vimos um ou dois nomes proprios. Jornais da India dão-no-los a cada passo, por exemplo: Zoirama Xete Catcar: vid. *A India Portuguesa*, de 10 de Abril de 1926. No *Anuario Comercial*, vol. II (secção do Ultramar), e no *Relatorio e Anuario da administração do conc. das Ilhas de Goa*, de J. Osorio de Castro, Nova Goa 1904, vêm igualmente muitos: Dormó Azerançar, Guiridorá Porobo Tambá. O S.^{or} Conego Santa Rita, Professor da Escola Colonial de Lisboa, que me deu algumas informações que ficam indicadas, deu-me tambem longa lista, de que basta extractar: Baboni Suguiná Telingá, Gopinatá Pundolicá Cormoli. O elemento *-car* é um sufixo etnico, correspondente ao nosso *-ano* ou *-ense*

¹ Na ocasião em que estava revendo as provas d'este paragrafo, deu-se a coincidência de receber da India um succulento trabalho intitulado *Les Lusos-Descendants de l'Inde Portugaise* (étude anthropologique), Bastorá 1928, que seu autor, o D.^{or} A. C. Germano da Silva Correia, teve a bondade de me oferecer.

(-és): *Verencar*, originario de Verem (aldeia): *Gondolcar*, de Gondol, etc.—Na «Etnografia da India Portuguesa», estudo publicado pelo D.^{or} Bragança Pereira n-*A India Portuguesa*, vol. 1, Nova Goa 1923, inserem-se a este proposito algumas noticias curiosas, a p. 484: «O Indu leva tres nomes: o proprio, o do pai, e o da familia. É costume pôr no recém-nascido o nome do avô paterno ou de qualquer antepassado. Ao filho que nasça depois da perda de filhos varões põem os seguintes nomes que significam =esmola=: Bicu, Bicaró, Bicaji, Bicobá. Entre os mahometanos, no prazo de sete dias a contar do parto, o sacerdote (*caji*) consulta o *taquime*, onde se lêem os nomes correspondentes ao dia da semana do nascimento da criança, e os pais escolhem qualquer dêsses nomes. Os banianes (jainas), decorridos 40 dias depois do parto, fazem a cerimonia de *gatraj*, após a qual a tia paterna dá o nome á criança».

De bñtismos no sec. xvii, de que resultou substituição de nomes indigenas por nomes cristãos, encontra-se menção nos *Anais franciscanos de Bardês*, do P.^e F. Xavier da Costa, Nova Goa 1926 (4.^o Centenario de S. Francisco Xavier), pp. 34-36: Em 1666: Ramanzi (?) Camoty, filho de Lucumini Camotiny, de casta bramane, tomou o nome de *Pascoal*. Homens bñtizados em 1668: Locú Porbú, que se ficou chamando *Domingos de Siqueira*; Vittola Camoty, — *Amaro*; Deu Porbú, — *Luis*; Quensoa Porbu, — *Gracia*; Naru, — *Aleixo*; Chondra, — *Mateus*, etc. Mulheres: Lucuma Camotini, — *Maria*; Rocumini, — *Joana*, etc. Nestes casos, os indigenas ora se apresentam com dois nomes, ora com um só.— De tempos modernos diz o D.^{or} Bragança Pereira, *loc. cit.*: «Os cristãos levam o recém-nascido á pia baptismal no 8.^o dia, e de ordinario dão ao primogenito o nome do avô paterno ou de qualquer antepassado. Em familia, são muito usados os deminutivos: *Pedru* (Pedrinho), *Fanchú* (Chico), *Ilu* (Helenazinha), *Matú* (Maltildinha), *Pidú* (Piedadezinha)».—A estes deminutivos chamei hipocoristicos, supra, p. 494.

Um individuo ou familia que se cristianiza póde receber o apelido do padrinho, ou de outra proveniencia. Lê-se no *Dizionario biografico*, de Gubernatis, que José Gerson da Cunha «discende da un' antica e nobile famiglia brahmanica stabilitasi in Goa ne' primi tempi della dominazione portoghese e convertitasi pure in quel tempo al Cristianesimo, onde prese il nome della famiglia patrizia portoghese che l'aveva assistita al battesimo». A J. Gerson da Cunha, escritor numismatico, e colleccio-

nador de moedas antigas, me referi em *Da Numismatica em Portugal*, pp. 163 e 279.—Este caso da aquisição do apelido é comparavel ao de Fr. João de Sousa, como vimos supra, p. 326.—Outro caso semelhante: consta-me que havia uma familia indiana de apelido *Pórób*, que, quando se cristianizou, se apelidou de *Barros*, por este apelido ser illustre.

Na escolha de nomes portugueses observa-se certo gôsto de nomes raros, por exemplo: Abdonio Costa, Filoteio Pereira de Andrade, D. Pudenciana Pereira, Ubaldina da Costa e Silva, Willibaldo Francisco Pereira. Nomes d'estes servem depois tambem de sobrenomes: Maria *Pudenciana* Gomes Cana, etc. Tal moda dos nossos compatriotas da India é comparavel á dos Brasileiros, da qual se falou supra, pp. 93-94. Vejo como nomes proprios, além dos mencionados: S. *Bernardo* Pinto, Tenente-Coronel *Santas Almas* de Miranda, *Santana* Graciano Pinto, Dona *Sacra Familia* Silva e Bragança: n-*A India Portuguesa*, de 28 de Março de 1925, e de 2 e 9 de Outubro de 1926. Tais expressões na Metropole poderiam apenas servir de sobrenomes ou apelidos (ainda que me parece que na Beira houve um individuo chamado *Santos Teixeira*, sendo *Santos* nome proprio, como acontece em hespanhol, vid. supra, p. 96). Em Henrique Salvador *Circuncisão* Fernandes o terceiro elemento do nome impressiona-nos igualmente pela sua rareza. Outra particularidade consiste em empregar como nomes as respectivas fórmulas diminutivas, por exemplo: *Antoninho* Colaço, D. *Gracinha* Rodrigues, *Lourencinho* da Costa.

Á frequência de *Xavier* na Metropole como sobrenome, corresponde não menor na India, visto ser S. Francisco Xavier o patrono dos Indianos.



Tinha eu já escritas as páginas precedentes, quando um quintanista de Direito da Universidade de Coimbra, natural da India Portuguesa, me comunicou as seguintes informações, que me apraz transcrever na integra:

a) *Nomes compridos*:

«É muito frequente em Gôa impor aos recém-nascidos, no baptismo, nomes muito compridos, formados de nomes proprios, que valem como tais, isto é, não como na metropole, nome proprio o primeiro, e sobrenome o segundo. O mais comprido de todos os nomes, que conheço, possuia-o um meu conterraneo, actualmente distinto juiz de direito, o qual tinha vinte! Depois d'esse

conheço varios outros individuos, que usam nomes que vão de dez a quinze! Ainda este ano (1927) se formou um rapaz que tem treze, e está a estudar um meu colega que possui nove! Os individuos, que usam assim muitos nomes, vêem-se obrigados, quando entram na vida prática, a reduzi-los oficialmente, como fez o juiz de que falei.

O que é porêem quasi geral, é possuir um individuo quatro nomes proprios ou cinco, fóra os apelidos. Assim acontecia, por exemplo, na minha familia em gèrações anteriores á minha.

Devo notar que aquilo que distingue o uso goês do uso português, corrente em certas familias nobres e até não nobres, é o usarem os Goeses nomes proprios extraídos do agiologio cristão, e os Portugueses usarem muitos apelidos.

As razões d'aquelle costume são duas:

1.^a Satisfação de promessas a santos, aos quais se attribue o nascimento da criança.

2.^a Perpetuação da memoria dos antepassados, o que tira talvez a sua origem da tradição hindú em que o culto dos antepassados ou patrolatria se observava rigorosamente.

Quando morre um membro da familia e nasce outro, êste recebe quasi sempre o nome daquele. Quando porêem esta compensação de mortes e nascimentos não se verifica, acontece então que ao mesmo *nascido* se põem os nomes de varios parentes que morreram antes d'ele.

Em regra o nome individual não passa ao filho, mas ao neto».

O estudante que me obsequiou com estes apontamentos chama-se: *Francisco Antonio Adeodato Barreto*, serie de nomes já vinda desde o sec. xvii, de avós a netos, nos primogenitos. Houve um segundo neto que para se distinguir do primo recebeu a mais o nome de *Julio*, em atenção á avó, que era *Julia*. O nome vocativo na familia é Francisco.

b) *Salvadorinho*, nome de baptismo em Goa:

«O Goês usa quasi exclusivamente deminutivos em *-inho*, de preferencia aos em *-ito*, que são excepcionais».

Depois o meu amavel informador refere-se aos deminutivos, ou hipocoristicos, em *-u*, como *Antú* (Antonio), *Caitú* (Caetano), *Lorçú* (Lourenço), etc., de que já acima se falou. «Isto denota um esforço para a adaptação dos nomes europeus á estrutura do vernaculo goês, que é o concani. Nos deminutivos *Fanchú*, *Forçú* (de *Francisco*) nota-se uma particulariedade, a de serem

transformação da forma primitiva, que provavelmente, segundo a regra, devia ser *Françú*. — E continúa:

«O uso de diminutivos como nomes de baptismo não é em Gôa caso raro, como me asseguram também os meus colegas. Encontram-se por vezes *Francisquinhos*, *Salvadorinhos* e *Rosinhas* no proprio livro dos assentos do Registo Civil ou Paroquial. Eu tenho também na minha familia duas pessoas com o nome de *Aninha*, dado no baptismo».

3. BRASIL

O Brasil, desde 1500, data do descobrimento, até 1822-1825, datas respectivamente da proclamação da independencia, e reconhecimento da mesma pela Metropole, pertenceu-nos como colonia; e caberia pois dizer aqui alguma cousa dos nomes, quer nativos, quer portugueses. D'estes ser-me-hia facilimo, sem recorrer a arquivos, e só servindo-me de obras impressas, formar longa lista; dos outros, como os representados por *Paraguaçu*, *Gupeva*, etc., no *Caramuri*, de Santa Rita Durão (1781), já não direi o mesmo. Deixo pois, na sua totalidade, a tarefa aos filólogos da grande nação.

Por ocasião da separação politica, alguns patriotas mais exaltados deixaram nomes e apelidos portugueses, e substituíram-nos por nomes e apelidos americanos, nao raro juntando apelidos das duas especies: *Gé¹ Acaiába² de Montesuma³*; Fulano *Leite Oiticica⁴*: exemplos que devo á amabilidade do S.^{or} Prof. Antenor Nascentes. Cf. tambem J. Ribeiro, *A lingua nacional*, S. Paulo (1921), p. 25. Ás vezes a moda veio reflectir-se indirectamente entre nós: um individuo do Minho, que estivera no Brasil, impôs no baptismo a uma afilhada o nome de *Iracema*, que é o titulo de um romance («lenda do Ceará») de José de Alencar (1865), tirado do nome da heroína, e tambem serviu de apelido a uma célebre cantora brasileira contemporanea.

A excentricidade brasileira na escolha de nomes proprios, fez-se referencia supra, pp. 93-94.

¹ Sufixo de uma lingua indigena.

² Nome de uma indigena numa lenda mineira.

³ Rei do Mexico.

⁴ *Oiticica* é nome de uma árvore de fruto.

III

PROJECTOS QUE NÃO SE REALIZARAM

Pensei primeiro em pôr neste APENDICE mais alguns numeros, tais como:

1. *O nome na Etnografia:*

Aqui teria cabimento: o nome na religião, na superstição, na legislação, na literatura popular e de cordel; lendas que explicam apelidos; alcunhas genericas de certas classes sociais (políticas: *Chamorros, Corcundas, Malhados*, etc.; de frades, por exemplo, *Grilos, Bórras*, esta última até com rima graciosa, pois ouvi em Coimbra que d'antes se dizia: Porque é que se parece a *Sofia*, isto é, a rua da Sofia, com uma pipa? Resposta: «*Por ter BÓRRAS no fundo*», isto é, por haver ao fundo da rua um collegio d'esses frades¹); costumes varios. Seria porém antecipar o que, se eu tiver vida, tenciono, mais a proposito, tratar na *Etnografia Portuguesa*, que actualmente estou escrevendo.

Sem embargo, vai já alguma cousa d'isto no corpo da obra: pp. 4-5 (magia do nome); 244 (nome identificado supersticiosamente com a pessoa); 82 sgs., 137 sgs., 154, 420 (devoção, bom agouro); tambem já se indicaram muitas poesias onomasticas (canções e rimas).

Ao nome na legislação fez-se referencia a pp. 98 e 349; entre nós o apelido, juridicamente falando, não tem tanta importancia como lá fóra, pois cada pessoa toma o que quer.

A respeito de alcunhas etnico-geograficas, cf. supra p. 176.

¹ Os «bórras» eram frades franciscanos da Terceira ordem de S. Francisco, os menos categorizados das tres que o santo fundou, o que traduz a alcunha de *bórras*. O edificio do collegio dos *bórras* é hoje occupado pelo Asilo de Mendicidade.—Informações que recebi dos meus amigos D.^{tes} Teixeira Bastos, e Antonio de Vasconcelos, illustres Professores Catedraticos da Universidade de Coimbra.

2. *Registo de batizados de Sant'Iago de Torres Vedras na segunda metade do sec. XVIII:*

Manuscrito que comprei em 1927 num leilão feito pelo livreiro Manuel dos Santos: n.º 2687 do respectivo Catálogo. É apenas um índice de nomes de batizados, seguidos dos dos pais d'estes, e dos sitios. Não tem a importancia dos Registos da Sé, do Castelo, e de Tanger, que várias vezes utilizei nesta obra: ainda assim, alguma tem, para estatística, relação de nomes, etc., mas a sua publicação excederia os limites de um Apendice.

O manuscrito está numerado por folhas, até 128, e tem uma capa de pergaminho, em cujo frontispicio se lê: «Índice dos baptizados de Sant'Iago dos anos=1752 por diante, e copiados de pastorais. Questão do Parocho com a Irmandade da Misericordia». A última parte é do seculo XIX, as outras duas são do XVIII.

3. *Nomes de personagens camilianas:*

Talvez fôsse curioso formar uma lista d'esses nomes, atenta a grande quantidade que d'eles ha nos romances de Camilo; algumas deduções se tirariam do exame dos mesmos, quanto ás razões psicologicas, eufonicas, satiricas, que levaram o egregio romancista a escolhê-los. Ainda comecei a reunir elementos; desisti porém da empresa, por falta de tempo.—Aqui fica a ideia para quem quizer aproveitá-la.

4. *Lista de varios nomes proprios de pessoas com as respectivas etimologias:*

Esta lista contribuiria para o conhecimento total dos nossos antroponimos, no que toca á explicação. Tambem juntei alguns elementos, posto que para logo desistisse, pela razão indicada no § 3, e pelo que se ponderou supra, p. 23.

IV

COISAS VÁRIAS

1. *Um adagio do nome:*

Não ha homem sem nome,
Nem nome sem sobrenome.

ROLLAND, *Adagios*, p. 130.

A segunda parte do adagio parece estar contradita pelo nome do poeta João de Deus, vid. supra, p. 96; mas *sobrenome* figura aí em sentido de «apelido», vid. supra, pp. 14-15.

2. *A sua graça:*

É costume de muitas pessoas, quando perguntam a outra o nome, dizerem: *Como é a sua graça?* expressão também empregada por Kol de Alvarenga, *O Douro em brasa*, p. 161.

3. *Nome de pia:*

Com o que se disse supra, p. 8 e nota, compare-se este dizer, que é vulgar em *ex-libris* manuscritos de character tradicional:

O meu nome é Fulano (ou Fulana),
Que na *pia* me foi dado:

vid. *RL*, xxi, 173, 176, etc. A expressão *nome de pia* não é hoje usual; o que se usa é *nome de baptismo*. Quando muito, creio que dizem algures: *levar a criança á pia*. Igualmente não se usa a palavra *pia* desacompanhada de qualificação, mas apenas: *pia do baptismo*, *pia baptismal*.

4. *Celebração do nome:*

Vimos a p. 5 que se festejam nomes religiosos. Mencionarei aqui a proposito um curioso livrinho, que possuiu, intitulado: *Antidoto celestial do santissimo nome de Jesus* contra os juramentos, blasfemias, pragas e outros males, Lisboa 1761. Trata-se nele, por exemplo, da «origem, e utilidade das confrarias do nome de Jesus», de «varios modos de louvar o nome de Jesus», «da benção do santissimo nome de Jesus».

Os Hespanhois celebram o santo cujo nome um individuo tem. Várias vezes recebo de Hespanha, de pessoas minhas conhe-

cidas, bilhetes de cumprimentos em dia de S. José, que é o santo do meu nome.

Do mesmo modo se festejam nomes religiosos e nomes particulares, também nomes reais. No tempo da monarquia portuguesa o dia do nome dos reis era, creio, de «pequena gala».

Por ocasião de uma visita pastoral que o Arcebispo de Braga, D. José, irmão de D. João V, fez a Guimarães, houve grandes festejos publicos e literarios, do que se compôs uma obra em dois volumes, *Guimarães agradecido*: vol. I ou pt. I, Coimbra 1747; vol. II ou pt. II, ibidem 1749. Na pt. II, p. 166 sgs., lêem-se versos «em applauso do nome de Sua Magestade», e os poetas jogam com o nome do Rei e o do irmão:

MOTE

Em quatro letras se lê
A grandeza de João;
Em quatro letras estão
As grandezas de José.

E já na parte I, 129 sgs., se falára também do assunto.

5. Antropónimos & nomes comuns:

a) Assim como existem nomes geograficos e etnicos que no decorrer dos tempos passaram á classe dos nomes comuns, o que se vê, por exemplo, em *ábrege* (vento), *arminho*, *casemira*, *cordavão* (*cordovão*), *galgo*, *leque*, *madeira* (vinho), *malvasia*, *molosso*, *pergaminho*, *sirgo*, *xerés*, também, ao invés, ha antropónimos que se tornaram apelativos, o que se vê, por exemplo, em: *alberto*, *guilherme*, *josézinho*, *tancredo*, *xé-pereira*, indicados por G. Viana, *Apostilas*, I, 35, e II, 565. Outros exemplos temo-los em: *almeida* «varredor das ruas» (Lisboa), *carrasco* «algoz», *diagalves* (uva), *simão* «macaco» (por causa do lat. *simius*).

b) Razão tinha Max Müller para afirmar que na faculdade mitopeica do homem residia uma das fôrças criadoras de linguagem (cf. *Mythologie comparée*, trad. do inglês, Paris 1873, cap. I): só o que não devemos é exagerar essa afirmação. De facto, o estilo popular abunda de comparações, metáforas, imagens, personificações, e entre as últimas, por exemplo: *Manuel do dia* (= sol, com uma rima: *lá vem o Manuel do dia, || que tudo alumia*); *Maria Josefa* (= fome), por causa talvez do *f*; *no tempo da Maria Castanha* (= em tempo antigo), porque outr'ora havia em

algumas regiões mais castanhas do que hoje, dizimados os castanheiros por molestia¹. Pertence aqui: *S. Segurato*², e talvez o seguinte distico:

João dolorido,
Quero-te mais que ao meu marido,

que se diz no Alentejo, numa terra próxima da raia de Hespanha, e parece se refere ironicamente a luto e dor de viuva.

Aos assuntos do presente § 5 me referi já na *Barba em Portugal*, p. 48 e nota (*José do sacho, João da rua, tia Maria*, etc.). Á bibliografia, que juntei *ibidem*, acrescente-se: Spitzer, *Epiçõne*, p. 97. Cf. os meus *Ensaio ethnogr.*, III, 7, 16 (onde porém *S. Lavede* pôde ter nascido de confusão com *S. Mamede*, que na fórmula se invoca).

Nas expressões d'este teor os nomes que mais apparecem são: no masculino, *João* e *José*, no feminino *Maria*. Cf. supra, pp. 77, 78 nota 3; 83-84, 338. Sem indicação de nomes pessoais, ainda que com personificação, usamos dizer: *o pai da fome*, como em latim *pater esuritionum*; *o pai e a mãe da preguiça*. Por graça: *o S.^{or} glu-glu* (= peru, onomatopeicamente). Imitando a linguagem infantil: *o S.^{or} miau* (gato, também onomatopeicamente).

Tudo isto constitue riqueza e elegancia da nossa fala quotidiana, dando-lhe vivacidade, e concorrendo assim para que, pelo affecto, se estreitem cada vez com maior fôrça os laços sociais,—o que é uma das funções da linguagem.

¹ Já se entende que se personificou a castanha em *Maria Castanha*, paralelamente aos exemplos supra-mencionados.—Outra expressão do mesmo sentido é: *no tempo do arroz de 15* (isto é, 15 reis).

² Cf. em hespanhol: *à Segura le llevan preso* = ninguém está seguro, porque Segura é nome de cidade. Trocadilho analogo: *ir para Caminha* = para a cama. Um pouco analogamente: *para vale de lençois*.

BIBLIOGRAFIA

LISTA DOS TRABALHOS CITADOS NA PRESENTE OBRA, ÀS VEZES ABREVIADAMENTE

Pensei primeiro em dar á presente lista disposição algo metódica, por exemplo:

I. Onomatologia em geral, e Antroponimia em especial:

A) Elementos de investigação prática:

a) Documentos;

b) Vocabulários.

B) Estudos teóricos:

a) Tratados;

b) Sob forma de dicionário.

II. Outros trabalhos glotológicos.

III. Literatura e história literária.

IV. História política, social, biográfica, genealógica, local.

V. Assuntos vários.

VI. Publicações periódicas.

VII. Dicionários de línguas.

Era porém dividir muito a matéria, e resolvi dispô-la alfabeticamente, em duas secções:

1. Abreviaturas por iniciais.

2. Lista geral.

1. — ABREVIATURAS POR INICIAIS

AHP = *Arquivo Historico Português*, de Braamcamp Freire.

AP = *Archeologo Português*, publicação do Museu Etnologico Português.

- CA = *Cancioneiro da Ajuda*, edição de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, 2 vols., Halle 1904.
- CIL = *Corpus Inscriptionum Latinarum*, muitos volumes.
- CV = *Cancioneiro da* (Biblioteca) *Vaticana*.
- DC = *Diplomata et Chartae* (nos *PMH*).
- DN = *Diario de Noticias*.
- IHC = *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, de E. Hübner: fasc. 1.º, Berlim 1871; fasc. 2.º, *Supplementum*, ibidem 1900.
- M.-L. = Meyer-Lübke, *Altportugiesische Personennamen* (dois opusculos que constituem: *Romanische Namenstudien*), I, Viena 1904; II, ibidem 1917.
- MLI = *Monumenta Linguae Ibericae*, de E. Hübner, Berlim 1893.
- PMH = *Portugaliae Monumenta Historica*: colecção publicada pela Academia das Sciencias de Lisboa, e que compreende: *Scriptores*, *Leges et Consuetudines*, *Diplomata et Chartae*, e *Inquisitiones*. Nos *Scriptores* estão compreendidos, entre outras obras, os Livros de Linhagens ou Nobiliarios.
- REW = *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*, de Meyer-Lübke, Heidelberg 1911.
- RL = *Revista Lusitana*.

2. — LISTA GERAL

- Abreu, *Vida de Santa Quiteria*, 1651.
- Aebischer: vid. supra, p. 320.
- Albuquerque, *Ementario*: vid. «*Ementario*».
- Alcunhario (1715): vid. supra, p. 6, nota 6.
- Alexandre, *Dictionnaire grec-français*, 23.^a ed., Paris 1888.
- Alguns documentos da Torre do Tombo*, Lisboa 1892.
- Alma Nova*, revista de literatura e arte.
- Almanach* (da Academia das Sciencias de Lisboa), secs. XVIII e XIX.
- Almeida (Fortunato de), *Historia de Portugal*, varios volumes (em publicação); *Historia da Igreja*, 8 volumes 1910-1923; *Nomenclatura Geographica*, Lisboa 1908.
- Almeida Pessanha, *Os almirantes Pessanhas e sua descendencia*, Porto 1923.
- Altmann: vid. supra, p. 228.

- Alvares do Oriente (Fernão), *Lusitania transformada*. Sirvo-me da 2.^a edição.
- Alves (P.^o Francisco Manuel), *Memorias archeologico-historicas do distrito de Bragança*, varios volumes (em publicação).
- Amaral (Caetano do): vid. supra, p. 384.
- Amzalak (M. B.): *Tipografia hebraica*, Lisboa 1922; *O economista D. G. Solis*, Lisboa 1922; *O economista Isaac Pinto*, Lisboa 1922; *As operações de bolsa, etc.*: vid. supra, p. 412; *Selomoh de Oliveyra*, Lisboa 1928; *David Nieto*, Lisboa 1923; edição de Abraham Pharar (supra, p. 389); *Schebetai Levi*, Lisboa 1925; *Indiculu* dos trabalhos do autor da presente obra, 1924.
- Anais das Bibliotecas e Arquivos*, revista.
- Anais de Arçila*, cronica inedita do seculo xvi, por Bernardo Rodrigues, publicada pela Academia das Sciencias de Lisboa, sob a direcção de David Lopes, 2 tomos, Coimbra 1915-1919.
- Andrade (Francisco de), *Primeiro cerco de Diu*: vid. supra, p. 9.
- Andree, *Ethnographische Parallelen*: vol. I, Estugarda 1878; vol. II, Leipzig 1889.
- Annunciação (Fr. Francisco da), *Pastorais e leis*.
- Anthropologie (L')*, revista que se publica em Paris.
- Antunes (Lereno): vid. supra, p. 426.
- Anuario Comercial*. Sirvo-me geralmente do volume de 1918.
- Anuario da Universidade de Lisboa* (1915-1916), de Pereira Machado, 2.^a parte, Lisboa 1917.
- Arbois: vid. «D'Arbois».
- Arch. (O) Port.*: vid. AP.
- Archivo da Universidade de Lisboa*.
- Archivo dos Açores*, publicado em Ponta Delgada.
- Archivo heraldico*, do Visconde de Sanches de Baena.
- Arch(ivos) de hist(oria) da Medic(ina) port(uguesa)*, varios volumes.
- Archivum Romanicum*.
- Armária* = *Armária Portuguesa*, de Braamcamp Freire (em publicação).
- Azeredo (A. de), *Azeredos de Mesãofrio*, 1 volume; *Azevedos Coutinhos*, 1 volume.
- Azevedo (Alvaro & Ruy), *Benavente*, Lisboa 1926.
- Azevedo (Lucio de), *Historia dos Cristãos-Novos*, Lisboa 1922.
- Azevedo (Pedro de): Artigos na *RL*: vid. supra, pp. 57 e 232.
- Do mesmo autor: vid. *Chancelarias*. Outros artigos na *RL*: «Nomes de pessoas e nomes de lugares», vol. VI, p. 47;

- «Apelidos italianos em Portugal», vol. ix, p. 179; *Os de Vasconcellos*: vid. supra, p. 171. Artigos no AP e no AHP. E vid. adiante: *Chancelarias*, e «Registo da Sé» e «do Castelo», e «Sé de Tanger».
- Azurara (G. E.), *Chronica da conquista de Guiné*.
- Bacinski: vid. supra, p. 240.
- Baião, *Episodios da Inquisição*, 2 volumes.
- Bailly, *Dictionnaire grec-français*, 3.^a ed., Paris 1889.
- Ballesteros, *Cancionero Gallego*, 3 volumes. E vid. adiante: *Cancionero gallego*.
- Bänisch (A.), *Die deutschen Personennamen*, Leipzig-Berlin 1920. (Aus Natur u. Geisteswelt).
- A barba em Portugal*, do autor da presente obra, Lisboa 1925.
- Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, 4 vols., 1741-1759.
- Barros (D.^{or} João de), *Geografia d'entre Douro e Minho e Trás-os-Montes*, ed. da Biblioteca Municipal do Porto, 1919.
- Barros (João de), *Grammatica da lingua portuguesa*, que faz parte da *Compilação de varias obras* do mesmo autor, Lisboa 1785.
- Bartsch, *Chrestomathie de l'ancien français*, 2.^a edição.
- Beaurepaire-Rohan, *Diccionario dos vocabulos brasileiros*, Rio 1889.
- Bechtel, *Die historischen Personennamen des Griechischen*, Halle 1917.
- Bem (D. Th. Caetano de), *Memorias historicas*, 2 tomos, Lisboa 1792-1794.
- Benarus, *Israel*, Lisboa 1924.
- Benevides (F.), *Rainhas de Portugal*, 1878.
- Bensaude (J.), *L'astronomie nautique au Portugal*.
- Bernardes (Diogo), *Varias poesias*. Sirvo-me da ed. de 1771; *O Lyra*: vid. supra, p. 14.
- Bessa (A.), *A giria portuguesa* (com um prologo de Th. Braga), Lisboa, 1.^a ed. (1901).
- Biblos*, revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Björkman: vid. supra, p. 241, nota 1.
- Blondheim: vid. supra, pp. 69 e 511.
- Bluteau, *Nomes = Vocabulario de nomes proprios, gentilicos e christãos*, pelo P.^e D. Rafael Bluteau: pertencem á pt. II do Supplemento ao *Vocabulario Portuguez e Latino*, do mesmo autor, Lisboa 1728.

- Bluteau, *Voc. = Vocabulario Portuguez e Latino*, pelo P.^e D. Rafael Bluteau, 10 tomos (sendo dois do Supplemento): Lisboa 1712-1728.
- Boaventura (M.), *Vocabulario Minhoto*, 2 vols.
- Bocage, *Rimas*, ed. de 1813. Tambem me servi da edição completa das poesias, Lisboa.
- Boletim de Beja* = Boletim do Municipio de Beja (publicado pela Camara): n.^o 1 (1920) a n.^o 11 (1921).
- Bolet(im)* da 2.^a Cl(asse) (ou Classe de Letras) da Acad(emia) das Sc(iencias) de Lisboa, varios volumes. Teve algum tempo o nome de *Boletim da Classe de Letras*.
- Boletim da Classe de Letras*: vid. *Bolet. da 2.^a Classe*.
- Boletim de Etnografia*, publicação do Museu Etnologico Portugêes.
- Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*.
- Boletín Gallego* = *Boletín de la Academia Gallega*.
- Boletín de la Academia de la Historia*.
- Bonnier (Ch.), *Die französischen Eigennamen*, Halle 1888.
- Borboleta*, revista literaria, Braga 1877.
- Boson, *Contes*: vid. supra, p. 228.
- Braamcamp Freire: *Vida e obras de Gil Vicente*, Lisboa 1919; *Brasões de Sintra*, 2.^a ed. (no prelo).
- Braga (Th.), *Curso de historia da litteratura portugueza*, Lisboa 1885. E vid. «Bessa»; *Poetas palacianos*; *A ondina do lago*: vid. supra, p. 94; *Origem do povo portuguez*, 2 volumes.
- Braga Barreiros: Artigos na *RL*.
- Branco (D. Cecilia), *A rosa na vida dos povos*: vid. supra, p. 84.
- Brandão (Antonio), *Monarchia Lusytana*, 3.^a parte (ed. de 1690); tomo iv = 4.^a parte (ed. de 1725).
- Brandão (Francisco), *Monarchia Lusytana*, 5.^a parte. Sirvo-me da ed. de 1650.
- Brandão (Julio), *Cantares*, Porto 1920.
- Brandão (Raul), *Os pescadores*.
- Brito (A. de Paula), *Crioulo de San Thiago de Cabo Verde*: vid. supra, p. 493.
- Brito Alão, *Antiguidades da Nazareth*, 1684.
- Brugmann, *Abrégé de grammaire comparée* (trad. do alemão), Paris 1905.
- Bulletin Archéologique*, Paris.
- Cagnat, *Cours d'Épigraphie Latine*, 3.^a ed., Paris 1898.

- Caix-Canello, *Miscellanea*: vid. supra, p. 255.
- Caldas (Barbosa), *Viola de Lereño*, Lisboa 1806.
- Camilo: vid. supra, pp. 135, 142 198, 214 (em três lugares), 258.
- Campos (Agostinho de), *Jardim da Europa*, Lisboa 1918.
- Cancioneiro* de Colocci-Brancuti: vid. supra, p. 215.
- Cancionero Gallego* = *Cancionero popular gallego*, por José Pérez Ballesteros, 3 tomos, Madrid 1886.
- Cancioneiro Geral*, de Garcia de Rezende, ed. de Kauseler.
- Canc. da Vatic.* = *Cancioneiro da* (Biblioteca) *Vaticana*, edição de Ernesto Monaci, Halle 1875.
- Cannecatim, *Diccionario da lingua bunda*, Lisboa 1804.
- Capitolino (De viris illustribus): vid. supra, p. 498.
- Cardim (L.), *Some notes on the Port.-English & English-Port. Grammars*, Porto 1922.
- Cardoso (Geronimo), *Dictionarium Latino-Lusitanicum*. Sirvo-me da ed. de 1570 (Coimbra).
- Carnoy, *Latin d'Espagne (et Portugal)*, 2.^a edição.
- Carta de escravidão*: vid. supra, p. 193.
- Cartulaire de Gellone*, Montpellier 1898.
- Cartulario de Santillana* = *Libro de regla ó Cartulario de la antigua abadía de Santillana del Mar*, publicado por D. Eduardo Gusué, Madrid 1912 (Centro de Estudios Históricos).
- Carvalho (A. J. de), *Os toiros*, Lisboa 1796.
- Carvalho (D.^{or} Joaquim de), *Leão Hebreu*, Coimbra 1918.
- Carvalho (Pedro de), *Escravidão moderna*, Lisboa 1877.
- Carvalho da Costa, *Corografia de Portugal*, 3 tomos. Sirvo-me da 2.^a edição.
- Castilho (A. F. de), *O Presbiterio da Montanha*, 2 volumes.
- Castilho (Eugénio de), *Diccionario de rimas*, 3.^a ed., Lisboa 1894.
- Castro (H. de): *Keuer van Grafsteen en, etc.*: vid. supra, p. 414.
- Catalogo da Livraria dos Condes de Azevedo e de Samodães*: vid. «Santos».
- Catalogo dos nomes dos santos*: vid. «Nomes de santos».
- Catholic Encyclopaedia* (The).
- Ceu (Maria do), *Aves illustradas*, Lisboa 1738.
- Chancelarias* = *Documentos das chancelarias reais anteriores a 1537*, relativos a Marrocos, t. 1, publicado por Pedro de Azevedo, Lisboa 1915.
- Chansons de geste*: vid. «Langlois».
- Chatelain (H.), *Folk Tales*, 1 volume.

- Chiado, *Obras do poeta Chiado*, publicadas por Alberto Pimentel, 1.^a ed., 1889.
- Cirot (G.), *Juifs espagnols et portugais à Bordeaux*: vid. supra, p. 415.
- Claridades do Sul*: vid. «Gomes Leal».
- Clemen (Carl), *Deutscher Volksglaube und Volksbrauch*, 1921.
- Código do registo civil* (1911).
- Coelho (Adolfo), *Os dialectos romanicos*, 1881-1886; *Os Ciganos de Portugal*, Lisboa 1892; *Diccionario manual etymologico da lingua portuguesa*, Lisboa 1890.
- Coelho da Rocha, *Historia do governo e legislação de Portugal*, Coimbra 1843.
- Cohn (B.), *Abraham Zacuto*, Estrasburgo 1918.
- Colebrook, «Names of the Mahommedans»: vid. supra, p. 243, nota 7.
- Collecção de legislação*: vid. supra, p. 389.
- Collegiada de Guimarães = *Catalogo dos pergaminhos existentes no archivo da insigne e real Collegiada de Guimarães*, pelo Abade G. G. de Oliveira Guimarães. (Separata do AP).
- Comentarios de Afonso de Albuquerque*, ed. de Antonio Baião, feita pela Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Consigliieri Pedroso, *Contribuições para uma mythologia popular portuguesa*, n.º vi, Porto 1881.
- Cornu (G.), *Die portugiesische Sprache = Grammatik der portugiesischen Sprache*, Estrasburgo 1809. (Separata do vol. 1 do *Grundriss der romanischen Philologie*, de Gröber).
- Corpus = Corpus Inscriptionum Latinarum*.
- Cortêsão, *Onomástico medieval português*, Lisboa 1912. (Separata do AP, vol. viii e seguintes).
- Costa (Uriel da), *Exemplar vitae humanae*.
- Costa Veiga, *Familias titulares da Beira*.
- Cottard-Toutain, *Discours prononcé au banquet de l'Union Gauloise*, Lisboa 1922.
- Couto (Diogo do), *Vida de D. Paulo*.
- Crescini, *Manual de estudos provençais*: vid. supra, p. 105.
- Cruz (Fr. Agostinho da), *Varias poesias*. Sirvo-me da ed. de 1771.
- Cunha (D. Rodrigo da), *Catalogo dos Bispos do Porto*, Porto 1625.
- Cunha (Xavier da), *Impressões deslandesianas*, 2 vols., Lisboa.
- Dalgado, *Dialecto indo-português de Ceylão*, Lisboa 1900; *Glosário Luso-asiático*, 2 volumes.

- D'Arbois de Jubainville (H.), *Recherches sur l'origine de la propriété foncière et des noms de lieux, etc.*, Paris 1890; *Langue des Francs*, Paris 1900; «Noms hipocoristiques» (vid. supra, p. 496).
- Dauzat, *Les noms de personnes*, Paris (De la Grave) 1925.
- David (Ernest), *Les opéras du Juif Antonio José da Silva*, Paris 1880.
- Delafosse: vid. supra, p. 244, nota 6.
- Depoin (G.), «Recherches sur l'état civil, les conditions du baptême et le mode de dénomination des enfants, du ix^e au xi^e siècle», no *Bulletin du Comité des travaux historiques et scientifiques* (Congrès des sociétés savantes de 1911 tenue à Caen), Paris 1914.
- Deslandes, *Documentos para a historia da typographia em Portugal*, Lisboa 1888.
- Dessau (H.), *Inscriptiones Latinae selectae*: vol. I, Berlim 1892; vol. II (pts. 1.^a e 2.^a), ib. 1902-1906; vol. III (pts. 1.^a e 2.^a), ib. 1914-1916.
- De terra em terra*, do autor da presente obra; 2 vols., Lisboa 1927.
- Deus (João de), *Ramo de Flores*, Porto-Braga 1870; *Flores do Campo* (1.^a ed.); *Campo de Flores*.
- De-Vit., *Onomasticon*.
- Dialectos extremenhos*, do autor da presente obra.
- Diario da Tarde*, jornal lisbonense.
- Dias (Epiphany): tradução de Uriel: vid. supra, p. 410; *Sintaxe historica portuguesa*, Lisboa 1918; *Diccionario português-latino* (manuscrito): vid. supra, p. 13, nota 2, e p. 488.
- Dicc. bibl.* = *Diccionario bibliographico*, de Inocencio da Silva, continuado por Brito Aranha e outros.
- Diccionario da Academia*: isto é, *Dicc. da lingoa portuguesa*, publicado pela Acad. Real das Sc. de Lisboa, t. I, Lisboa 1793.
- Dictionnaire d'Archéologie chrétienne*, de Cabrol & Leclercq (em publicação).
- Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, de Daremberg & Saglio.
- Dictionary (A) of the Bible*.
- Diego, *Gramática histórica gallega*, Burgos 1909; *Elementos de gramática histórica castellana*, Burgos 1914.
- Diez, *Kleinere Arbeiten und Recens.*, 1883.
- Dipl. et Ch.* = DC.
- Diplomata et Chartae*: vid. PMH.

- Dissert. Chron.* = *Dissertações Chronologicas*, de João Pedro Ribeiro: t. I, Lisboa 1810; t. II, ib. 1811; t. III, pt. 1.^a, e pt. 2.^a, ib. 1813; t. IV, pt. 1.^a, ib. 1819 (2.^a ed., ib. 1867), pt. 2.^a, 2.^a ed. 1867; t. V, 2.^a ed., ib. 1896.
- Docs. do Souto* = *Documentos ineditos* dos secs. XII-XV relativos ao mosteiro do Salvador de Souto, de Oliveira Guimarães, Abade de Tagilde. (Separata da *Rev. de Guimarães*, 1889-1896).
- Douri-vinhaida*, poema: vid. supra, p. 189.
- Doutor Storck (O)*, pelo autor da presente obra, Lisboa 1910.
- Dozy, *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*; ed. de Engelmann, Leyden 1869.
- Drummond: vid. «Meneses».
- Duarte (C. J.): vid. «Vieira Botelho».
- Duarte (Carlos): vid. supra, p. 176 e nota.
- Duffaut (H.), «Recherches historiques sur les prénoms en Languedoc», dois artigos nas *Annales du Midi*, n.ºs 46 e 47 de 1900.
- Dumas (A.), *Comte de Monte Christo*.
- Eça de Queiroz: *O crime do padre Amaro*; *Os Maias*.
- Edwin Sandys (I.), *Latin Epigraphy*, Cambridge 1919.
- Elucidario*: vid. «Viterbo (P.^e)».
- Elucidario Madeirense*, pelo P. Fernando A. da Silva, e C. Azevedo de Meneses, Funchal, em publicação.
- Elysio (Filinto), *Obras completas*, vol. I, Paris 1817.
- Ementario* = *Ementario luso-brazileiro*, por Augusto Frias de Albuquerque e Menezes, Porto 1898.
- Ensaaios ethnographicos*, do autor da presente obra, 4 volumes.
- Ensaaios genealogicos*, de Vasco Valente, I, 1916.
- Epiphania Dias*, pelo autor da presente obra, Lisboa 1922.
- Esquisse d'une Dialectologie portugaise*, do autor da presente obra.
- Estudos de Philologia Mirandesa*, do autor da presente obra, 2 vols., Lisboa 1900-1907.
- Eurico Pedro (pseudonimo do D.^{or} Pinto Osorio), *Figuras do passado*, Coimbra 1915.
- Evangelista (D. João): vid. «Lima Vidal.»
- Familias faialenses*, de Marcelino de Lima, Horta 1923.
- Faria, *Arte nova da lingua grega*.
- Faria y Sousa, *Rimas de Camoens* (Comentarios).
- Farofia das Farofias* (literatura de cordel), 1789.
- Farsa do alfaiate*: vid. supra, p. 398.

- Ferraz de Carvalho (A.), *Da actual feição da antroponimia portuguesa*, Coimbra 1927.
- Ferreira de Vera, *Origem da nobreza*, Lisboa 1637.
- Ferreira Diniz, *Populações indígenas de Angola*, Coimbra 1918.
- Ferreiro (Garcia), *Volvoretas*, Ourense 1887.
- Ferrer (Fr. Andrés), *Gobierno general, etc.*: vid. supra, p. 228.
- Fialho de Almeida, *Contos*.
- Fick = *Die griechischen Personennamen*, Gotinga 1894.
- Figa (A), pelo autor da presente obra, Porto 1925.
- Figueiredo (Candido de), *Novo Diccionario*, 2.^a edição.
- Figueiredo (Fidelino de), *História da literatura clássica*, 3 volumes.
- Figueiredo (J. A. de), *Nova Malta*, 3 tomos, Lisboa 1793–1800.
- Flaviense: vid. «*Nomes (proprijs) de Santos*».
- Flores do Campo: vid. «*João de Deus*».
- Fonseca (Martinho A. da), *Subsidios para um diccionario de pseudonymos, etc.*, Lisboa 1896.
- Forcellini, *Lexicon totius Latinitatis*.
- Förstemann (E.), *Altdeutsches Namenbuch*, vol. 1, «*Personennamen*», 2.^a ed., Bonna 1900.
- Frangini (A.), *Italiani in Portogallo*, Lisboa 1904.
- Freire (F. G.), *Reflexões sobre a lingua portuguesa*, 3 vols., Lisboa 1842.
- Fructuoso (Gaspar), *Saúdades da terra*, livro III, Ponta Delgada 1922; livro IV, vols. I e II, ibidem 1924–1926.
- Fumagalli, *Nomi propri italiani di persone*, Genova 1901.
- G. Barros: vid. «*Gama Barros*».
- Gabelentz, *Die Sprachwissenschaft*, Leipzig 1901.
- Gama Barros, *Historia da administração publica em Portugal*, 4 volumes.
- Gaster (Moses), *History of the ancient Synagogue of the Spanish & Portuguese Jews*, Londres 1901.
- Gazeta do Sabugal*, 1926.
- Gauchat: vid. supra, p. 238, nota 6.
- Geisler, *De nominum mutatione*, 1669.
- Gennep (van), *Rites de passage*, Paris 1909.
- Genesis*.
- Georges, *Ausführliches lateinisch-deutsches Handwörterbuch*, 2 volumes. Sirvo-me da 8.^a edição.
- Gesenius.

- Giese (W.), *Waffen nach der spanischen Literatur*, Hamburgo 1925.
- Giry (A.), *Manuel de diplomatique*, Paris 1894.
- Glotta, *Zeitschrift für griechische und lateinische Sprache*, publicada em Gotinga.
- Godoy = Godoy Alcántara, *Ensayo histórico etimológico filológico sobre los apellidos castellanos*, por D. José Godoy Alcántara, Madrid 1871.
- Goes (Damião de), *Chronica do Rei D. Emanuel*, 4 partes: vid. supra, p. 82.
- Gomes (B. A.), *Ensaio dermosografico*, Lisboa 1820.
- Gomes de Amorim, *Memorias de Garrett*, 3 volumes.
- Gomes Leal, *Claridades do Sul*, 1.^a edição.
- Gomes Pereira: vid. supra, p. 470.
- Gonzálvez Viana, *Apostilas aos dicionários portugueses*, 2 tomos, Lisboa 1906.
- Gonzaga (Th. A.), *Marília de Dirceu*, Lisboa 1817.
- Gouveia Pinto, *Exame critico e historico*: vid. supra, p. 341.
- Gramatica grega*, de Porto-Real, Lisboa 1760.
- Grande bulha, etc.* (entremês), Lisboa 1790.
- Grande (La) Encyclopédie*.
- Grandgent, *Latino volgare*, Milão 1914.
- Grienberger (von): artigo a respeito de M.-L (fasc. 1.^o) in *Zeitschrift für deutsche Philologie*, vol. xxxvii, pp. 547-560.
- Grimm (W. & J.): vid. supra, p. 241.
- Grunwald, *Portugiesengräber auf deutscher Erde*, Hamburgo 1902.
- Gubernatis (A. de), *Mythologie zoologique*.
- Guerra Junqueiro: *Musa em férias*; *Morte de D. João* (poema).
- Herckenrode (Barão de), *Nobiliaire des Pays-Bas et du Comté de Bourgogne*.
- Herculano (A.): *Historia da Inquisição*, 3 vols.; *Historia de Portugal*, 4 volumes.
- Hinojosa, *Documentos = Documentos para la historia de las instituciones de León y de Castilla* (siglos x-xiii), coleccionados por Eduardo de Hinojosa, Madrid 1919 (Centro de Estudios Históricos).
- Hirzel, *Der Name*, Leipzig 1918.
- História da imperatriz Porcina*: vid. p. 93.
- Holder, *Alt-celtischer Sprachschatz*, 3 vols., Leipzig 1896-1907.
- Homenaje á Menéndez Pidal*, 3 vols., Madrid 1925.
- Hommel (F.), *Säugethiere*: vid. supra, p. 242.

Hübner (E.): *Römische Epigraphik* (faz parte do *Handbuch der Klass. Altertumswissenschaft*, de Ivan Müller); *Noticias (archeologicas) de Portugal*, Lisboa 1871.—Vid. tambem do mesmo Hübner: *CIL*, vol. II, *IHC* e *MLI*.

Hyssope, poema heroi-comico, de Cruz e Silva.

Imparcial (O), jornal de Alcacer do Sal.

Indice Heraldico, do Visconde de Sanches de Baena, Lisboa 1872.

Inquir. = *Inquirições*. O mesmo que «Inquirição».

Inquis. = *Inquisitiones*.

Inquisitiones: vid. *PMH*.

Isidoro Hispalense, *Etymologiae*.

Ivo (P.), *O sello da roda*, Porto 1876.

Jespersen, *Die Sprache*, Heidelberg 1926.

Jewish (The) Encyclopedia, varios volumes.

Jorge (Ricardo): vid. supra, pp. 172 e 443.

Joseph (D. Leonardo de Saint), *O Devino pelicano, etc.*, Lisboa 1670.

Jungfer = Johannes Jungfer, *Ueber Personennamen in den Ortsnamen Spaniens und Portugals*, Berlim 1902 (R. Gaertners Verlagsbuchhandlung), incluído tambem num livro hespanhol, *Apellidos y nombres de lugar, etc.*: vid. supra, p. 6, nota 1.

Junqueiro (Guerra): vid. «Guerra».

Kalbow (W.), *Die germanischen Personennamen des altfranzösischen Heldenepos*, Halle 1913.

Keller, *Die antike Tierwelt*, 2 volumes.

Kirchenlat. Wb. = *Kirchenlateinisches Wörterbuch*, por Joseph Schmid, ed. de A. Sleumer, Limburgo 1926.

Kleinpaul, *Die deutschen Personennamen*, Leipzig 1909 (Sammlung Göschen).

Kluge (F.), *Deutsche Namenkunde*, Leipzig 1917. Do mesmo autor: *Etymologisches Wörterbuch*. Sirvo-me da 3.^a impressão.

Kluth (E.), *Die deutschen Personen- und Familiennamen*, Lichtenberg 1912.

Knorr (D.^{or}), *Die Familiennamen des Fürstentums Lübeck*, Eutin 1882.

Koch: vid. p. 80.

Krüger (F.), *Die Gegenstandskultur Sanabrias*, Hamburgo 1925.

Kuchler, *Hebräische Volkskunde*.

Kuhll = Ferdinand Kuhl, *Deutsches Namenbüchlein*, Berlim 1921.

Lacerda Machado, *O 1.º alcaide-mór de Portalegre*.

Lamas (Artur), *Casa-nobre de Lazaro Leitão*, Lisboa 1925.

Lamouroux: vid. supra, p. 244, nota 5.

- Lang (H.), edição do *Liederbuch des Königs Denis*, Halle 1894.
- Langlois (E.), *Tables des noms propres de toute nature compris dans les Chansons de geste*, Paris 1904.
- Larousse (P.), *Dictionnaire universel*.
- Leges* = *Leges et Consuetudines* (nos PMH).
- Lemos (Maximiano): *Encyclopedia Portuguesa; Amato Lusitano*, Porto 1907; *Zacuto Lusitano*, Porto 1909.
- Lições de Filologia*, do autor da presente obra, 2.^a ed., Lisboa 1926.
- Lima (Marcelino): vid. *Familias faialenses*, Horta 1923.
- Lima Vidal (D. João Evangelista), *Por terras de Angola*, Coimbra 1916.
- Linhagens*: vid. PMH.
- Lit(eraturblatt) f(ür) g(ermanische) u(nd) r(omanische) Phil(o-logie)*.
- Littre, *Dictionnaire de la langue française*.
- Livro de matriculas*: vid. *Matriculas*.
- Livro dos bens de D. João de Portel*, de Pedro de Azevedo & Braamcamp Freire, 1906-1910.
- Longnon, *Polyptique de l'Abbaye de Saint-Germain des Prés*, 2 vols., Paris 1895.
- Lopes (David), *Os Arabes em Herculano* (1911).
- Lopes (Fernão), *Chronica de D. João I*.
- Lopes de Lima, *Possessões portuguesas*: vid. supra, p. 375, na nota 1.
- Lopes Vieira, poeta: vid. supra, p. 53.
- Loth (J.): vid. supra, pp. 58 e 68.
- Lower, *Family nomenclature*, Londres 1842.
- Lugris Freire, *Gramatica gallega*, Coruña 1922.
- Lusiadas*, ed. de Epiphanio Dias.
- Macedo (P.^e Antonio de), *Lusitania infulata et purpurata*, Paris 1663.
- Macedo (P.^e José Agostinho de): *Os Burros; A besta esfolada* (jornal).
- Madvig, *Gramatica latina*, trad. portuguesa por Epiphanio Dias.
- Maltzan, *Beinamen bei den Arabern*: vid. supra, página 243, nota 6.
- Manuel (D. Francisco): vid. «Melo».
- Marcoff: vid. supra, p. 242, nota 2.
- Martigny: *Dictionnaire des antiquités chrétiennes*, Paris 1865 (1.^a edição).

- Martínez Salazar, *Documentos gallegos de los siglos XIII al XVI*, La Coruña 1911.
- Martyrologio = *Martyrologio romano*, Coimbra 1597 (privilegio de 1575).
- Marucchi, *Epigrafia cristiana*, Milão 1910.
- Mascarenhas Judice (P.), *Através de Silves*, Silves 1911.
- Matriculas = *Inventario dos Livros de matricula dos moradores da Casa Rial* (publicado pela Torre do Tombo: vol. I (1641-1681), Lisboa 1911; vol. II (1640-1744), Lisboa 1917).
- Meillet, *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes*, Paris 1903.
- Meillet & Cohen, *Les langues du monde*, Paris 1924.
- Mélanges Wilmotte*.
- Melo (D. Francisco Manuel), *Feira dos anexins*.
- Mélusine*, revista, que se publicou em Paris.
- Memorias de Bragança*: vid. «Alves (P.^c F. M.)».
- Memorias de Litteratura*, da Academia das Sciencias de Lisboa.
- Mendes dos Remedios, *Os Judeus em Portugal*, tomo I, Coimbra 1895. Continuação d'esta obra: vid. supra, p. 416, nota 1.
- Menéndez Pidal: vid. «Pidal».
- Meneses Drummond, *Diccionario de nomes proprios*, Rio de Janeiro 1910.
- Menezes (D. Luiz de), *Historia de Portugal restaurado*, 1679.
- Mengo (F. da Silva), *Diccionario de nomes proprios*, Porto 1889.
- Metodo práctico, etc.*: vid. supra, p. 205, etc.
- Meyer, *Hand-Lexikon*.
- Meyer (E.), *Instituições de Hespanha e Portugal*: vid. supra, p. 106.
- Meyer-Lübke: *Einführung in das Studium der rom. Sprachwissenschaft*, 3.^a ed., Heidelberg 1920; *Hist. Gramatik der franz. Sprache* (em publicação); *Die Betonung im Gallischen*, Viena 1901. E vid. tambem nesta lista: «M-L.» e «REW».
- Meynard, *Surnoms et sobriquets dans la littérature arabe*, vid. supra, p. 243, nota 4.
- M. G., *Historias da tia Lily* (contos).
- Michaëlis (D. Carolina): *Studien zur romanischen Wortschöpfung*, Leipzig 1876. Artigos na *Zt. für rom. Philologie*. Vid. tambem neste indice *Randglossen*, e supra, pp. 255 e 438; *Obras de Bernardim Ribeiro e Cristovão Falcão*, Coimbra 1923; *Sette annos de pastor Jacob servia*, Porto 1889.
- Mira de Amescua, *El esclavo, etc.*: vid. supra, p. 228.

- Miragaia (Ab.º de): *Tentativa etimologica, e Diccionario de Appellidos* (vid. supra, p. 6, nota 4); *Catalogo dos frades Agostinhos*, Porto 1907.
- Miranda Magalhães, *Manual de linguas de Angola*, Lisboa 1922.
- Mocidade de hoje (A)*, revista literaria, Porto 1873.
- Mogk, *Germanische Religionsgeschichte und Mythologie*, 2.ª ed., Leipzig 1921.
- Moldenhauer: vid. supra, p. 444, nota.
- Monarquia Lusitana*: vid. «Brandão».
- Monte-Carmelo, *Compendio de orthographia*, 1767.
- Morais (Antonio de): *Diccionario da lingua portugueza*. Sirvo-me da 4.ª edição.
- Morais (P.º), *Novo compendio da grammatica da ling. grega*, 1874.
- Moreira (Julio): vid. supra, p. 176 e nota.
- Morte de D. João*: vid. «Guerra Junqueiro».
- Mota (Anrique): vid. supra, p. 371.
- Mota e Moura, *Memorias de Niza*, 2 vols., 1877.
- Mowat, *Noms propres anciens et modernes*, études d'onomatologie comparée, Paris 1869.
- Nascimento Silveira, *Côro das Musas*: vid. supra, p. 8.
- Neves (Alvaro), *Bibliografia luso-judaica*, Coimbra 1913.
- Nieuwe Israelietische Almanach*, Amsterdão 1901.
- Nobiliarchia*: vid. «Vilas-Boas».
- Nomes de santos*, por um Flaviense, Porto 1847.
- Nouveau dictionnaire historique* (sec. xviii).
- Nova Malta*: vid. «Figueiredo».
- Nuestra oferta especial* (catálogo): vid. supra, p. 338.
- Numismatica (Da) em Portugal*, do autor da presente obra.
- Nunes (J. J.): in *RL*, vii, 116; in *Bolet. da Acad. das Sciencias*; *Compêndio de gramática histórica portuguesa*, Lisboa 1919; *A vegetação na toponimia*, Coimbra 1920; «Alcunhas e apelidos», na *Lusa*, iv, 96-98; *Evolução da lingua portuguesa*.
- Nunes de Lião, *Origem da lingua portuguesa* (1606); *Ortografia da lingua portuguesa* (1576).
- Oliveira Guimarães: vid. «Docs. do Souto» e «Collegiada de Guimarães».
- Onomastico medieval*: vid. «Cortesão».
- Opusculos*, do autor da presente obra (em publicação na Imprensa da Universidade de Coimbra).
- Orden de benedictiones* (1687): vid. supra, p. 419.
- Ordenações afonsinas*.

Ordenações manuelinas ou de D. Manuel.

Origem do povo português, do autor da presente obra.

Osma (G. J.), *Azavaches compostelanos*, Madrid 1916.

Ostermann, *Il linguaggio dei bambini in Friuli* (1884).

Otto, *Nomina propria Latina oriunda a participiis perfecti*,

Leipzig 1898: extr. dos *Annales Philologi*, vol. xxiv.

Pacheco da Silva, *Historia dos nomes proprios*: vid. supra, pp. 6(-7), nota 6.

Pacheco da Silva Junior & L. de Andrade: *Gramatica da lingua portuguesa*, Rio 1887.

Paço de Cintra, pelo Conde de Sabugosa, Lisboa 1903.

Pape: *Wörterbuch der griechischen Eigennamen*, ed. de Benseler, 2 vols., Braunschweig 1911; *Griechisch-deutsches Handwörterbuch*, 2 vols., Braunschweig 1871.

Parnaso Festivo: vid. p. 11.

Patricio (Fr. Amadeu): vid. p. 217.

Paul, *Principles of the history of the language* (trad. do alemão). Londres 1891.

Peragallo (P.), *Cenni intorno alla colonia italiana in Portogallo nei secoli xiv, xv e xvi*, Turim 1904.

Peregrina de Sousa (D. Maria), *Retalho do mundo* (romance), Porto 1859.

Pereira (Bento), *Thesouro da Lingua portuguesa*, 1647.

Pereira (Gabriel): vid. «Pergaminhos».

Pergaminhos de Guimarães: vid. «Oliveira Guimarães».

Pergam. da Univ. = *Catalogo dos Pergaminhos do Cartorio da Universidade*, de Gabriel Pereira, Coimbra 1880-1881.

Perry Vidal, *Descendencia de D. João VI*, Lisboa 1923.

Pidal = Menéndez Pidal: *Cantar de Mio Cid*: Texto, Gramatica e Vocabulario, 3 vols., Madrid 1908-1911; *Estudios literarios*, Madrid 1920; *Poesia jugralesca*; *Documentos linguisticos de España*; *Gramática histórica española*, 5.^a ed.; *Orígenes del español*.

Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno*, continuado pelo Ab.^c de Miragaia.

Pinto de Carvalho, *Historia do Fado*, Lisboa 1903.

Pinto Osorio: vid. «Eurico (Pedro)».

Pinto Ribeiro: vid. p. 179.

Pires (A. T.): *Setecentas comparações, etc.*: vid. supra, p. 211; *Cantos populares portugueses*, 4 vols., Elvas.

Pires de Lima (A. C.): vid. p. 162.

- Pires de Lima (J. A.): *A teratologia nas tradições populares; Anomalias dos membros nos Portugueses*, Porto 1927.
- Pizarro (I.), *O engeitado*, 2 vols., 1846.
- Plinio, *Naturalis Historia*.
- Ploss, *Das Kind, etc.*, 2 vols. (Leipzig): vid. supra, página 243, nota 1.
- Poesia amorosa do povo português*, do autor da presente obra, Lisboa 1890.
- Polyptique*: vid. «Longnon».
- Poma (C.), *Cognomi italiani formati da verbi*, 1914.
- Portarias* = *Inventario dos Livros das Portarias do Reino* (publicado pela Torre do Tombo): vol. I (1639-1653), Lisboa 1909; vol. II (1653-1664), Lisboa 1912.
- Portugalia* (revista), 2 volumes.
- Povo (O) de Alcanena*, jornal, de 23 de Dezembro de 1906.
- Prestage (E.): vid. «Registo da Sé» e «do Castelo».
- Prestes (Antonio), *Autos*: vid. supra, p. 541.
- Quental (Antero de), *Primaveras romanticas*, Porto 1872.
- Ramos (Gustavo), *Tres tragedias inglesas*, Lisboa 1920.
- Ramos Coelho: vid. «Tasso».
- «Randglossen zum alportugiesischen Liederbuch», de D. Carolina Michaëlis, publicadas na *Zeitschrift für romanische Philologie*, vols. xx-xxix (fizeram-se nove separatas).
- Redin, *Uncompounded personal names in old English*, Upsala 1919.
- Registo da Sé* = *Registo da freguesia da Sé* desde 1563 até 1610 (obitos, casamentos, batizados, etc.), ed. de E. Prestage & P. de Azevedo, 2 vols., Coimbra 1924-1927, feita por ordem da Academia das Sciencias de Lisboa.
- Registo do Castelo* = *Registo de Santa Cruz do Castelo* (Lisboa), publicado por E. Prestage & P. de Azevedo, Coimbra 1913.
- Reichert, *Die deutschen Familiennamen, nach Breslauer Quellen des 13. und 14. Jahrhunderts*, Breslau 1908 (da colecção *Wort und Brauch*).
- Religiões da Lusitania*, do autor da presente obra: 3 vols, Lisboa 1897-1913.
- Reinach (Th.), *Épigraphie grecque*, Paris 1885.
- Resenha dos Titulares*, do V. de Sanches de Baerä & Silva Pinto.
- Revista de Filologia Española*, Madrid, muitos volumes.
- Revista de Lingua Portuguesa*, Rio de Janeiro, muitos volumes.
- Revista de Historia*. Publica-se em Lisboa.

- Revista Michaelense*. Publica-se em Ponta Delgada.
- Revue Archéologique*.
- Revue Celtique*.
- Revue d'Ethnographie*.
- Ribeiro (A.), o Chiado: *Pratica de oito figuras*.
- Ribeiro (A.), *Elementos da grammatica da lingua grega*.
- Ribeiro (Aquilino): *Estrada de Santiago; Filhas de Babilonia*.
- Ribeiro (J.), *A lingua nacional*, Rio 1921.
- Ribeiro (Victor): *Privilegios de estrangeiros*, Coimbra 1917;
A Santa Casa da Misericordia de Lisboa, Lisboa 1902.
- Ribeiro dos Santos: vid. supra, p. 394.
- Riegler (R.), *Das Tier im Spiegel der Sprache*, Dresde e Leipzig 1907.
- Rios y Rios, *Apellidos castellanos*, Madrid 1871.
- Ritter (E.), *Les noms de famille*, Paris 1875.
- Ritual de Paulo V*, 1614.
- Rodrigues (J. M.), vid. «Sé de Tânger».
- Rodrigues Lobo, *Obras*, ed. de 1723.
- Rodriguez Lopez, *Cousas d'as mulleres*, Lugo 1890.
- Rolland, *Adagios da lingua portuguesa*. Sirvo-me da 1.^a edição.
- Sá de Miranda: vid. supra, pp. 150 e 438.
- Saa (Mario), *A invasão dos Judeus*, Lisboa 1925.
- Saavedra (A.), *Linguagem medica popular*, Porto 1919.
- Sabugosa: vid. «Paço de Cintra».
- Saco ou Saco Arce, *Gramática gallega*, Lugo 1898.
- Sainéan (L.), *La création métaphorique*, Halle 1907.
- Salazar (Martinez), *Documentos gallegos*, Corufia 1911.
- Salvioni (Carlo), artigo in *Romania*, xxxv.
- Sampaio (Alberto), *As «villas» do Norte de Portugal*, Porto 1903
(separata da *Portugalia*). Este trabalho foi reproduzido nos
Estudos historicos e economicos, do mesmo autor, vol. 1, Porto
1923, p. 3 sgs.
- Sanches de Baena (Visconde de): vid. «*Archivo heraldico*».
- Santos (José dos), *Catalogo da Livraria dos Condes de Azevedo
e de Samodães*, 2 tomos.
- Santos (Fr. Manuel dos), *Alcobaça ilustrada*.
- Schade (O.), *Altdeutsches Wörterbuch*, 2 vols., Halle 1882.
- Schätzer (J.), *Herkunft und Gestaltung der französischen Heiligen-
nennamen*, Münster de Westfalia 1905.
- Scherillo, in *Zeitschrift für romanische Philologie*.
- Schmidt (W.), *Die Bedeutung des Namens im Kult und Aberg-
lauben*, Darmstadt 1912.

- Schmidt Branco (D. Cecilia): vid. supra, p. 84.
- Schönfeld (M.), *Wörterbuch der altgermanischen Personen- und Völkernamen*, Heidelberg 1917.
- Schuchardt, *Kreolische Studien*: vid. supra, pp. 121 e 249.
- Schulze = *Geschichte lateinischer Eigennamen*, de W. Schulze, Berlim 1904 (Weidmannsche Buchhandlung).
- Schwab, *Nomina propria Latina oriunda a participiis praesentis, etc.*, Leipzig 1898: extr. dos *Annales Philologi*, vol. xxiv.
- Schwarz (Samuel): *Os Cristãos Novos em Portugal no sec. xx*, Lisboa 1925; *Inscrições hebraicas de Portugal*, Lisboa 1923.
- Script(ores)*: vid. *PMH*.
- Sé de Tânger* = *Registos Paroquiais da Sé de Tânger*, publicados pelo D.^o J. M. Rodrigues & Pedro de Azevedo, t. 1 (1611-1622), Coimbra 1922.
- Seabra, *Catalogue des oiseaux*.
- Serra (Giandomenico): «Per la storia del cognome italiano», serie de artigos publicados na *Dacoromania*. Tenho tambem um exemplar (separata) do artigo n.º 2.
- Serrano (J. A.), *Osteologia*, Lisboa.
- Severim de Faria, *Noticias de Portugal*, Lisboa 1665.
- Silva Vieira = Silva Vieira (J. M. da), *Ensaio historico sobre os nomes proprios*, Lisboa 1845.
- Silva Vieira (José da), *Onomastico popular de Espôsende* (folheto).
- Silveira (Joaquim da), in *RL*, xvii, 123.
- Simões (Filippe), *Exposição retrospectiva de arte ornamental. Sitzungsberichte* da Academia de Munich.
- Skeat, *Etymologic Dictionnary*.
- Skola: vid. supra, p. 241, nota 1.
- Slousch: vid. p. 391 (nota), etc.
- Smith (R.), *Kinship and marriage*, Cambridge 1885.
- Soares (J. P.), *Diario secular*, Lisboa 1794.
- Sol (El)*, jornal madrileno.
- Somaryo dos livros da Fazenda*: vid. supra, p. 138.
- Sommer (Friedrich), *Von Sprache und Namen in Portugal und Brasilien*. Separata do *Kalendar für die Deutschen in Brasilien*, 1918.
- Sommer (Ferdinand), *Handbuch der lat. Laut- und Formenlehre*, Heidelberg 1902.
- Sousa (Alberto), *Exposição de aguarelas*, 1923.
- Sousa (A. de): vid. supra, p. 351, nota 1.
- Sousa de Macedo, *Lusitania liberata*, Lisboa 1645.

- Sousa e Menezes (I.), *Memorias historicas, etc.*: vid. supra, p. 357.
- Sousa Moreira (P.^e Manuel), *Theatro historico, etc.*: vid. supra, p. 557.
- Sousa Viterbo: *Armarias; Diccionario de architectos; O fabrico da polvora; Ocorrencias da vida mourisca; Ocorrencias da vida judaica; Movimento tipografico*, Coimbra 1924.
- Spitzer (Leo), *Die epizönen Nomina auf -a(s)*, in *Beiträge zur roman. Wortbildungslehre* do mesmo & de Gamillscheg, Gnebra 1921.
- Stark (Franz), *Die Kosenamen der Germanen*, 1868.
- Stolfi (Nicola), *I segni, etc.*: vid. supra, p. 16, nota 1.
- Stoltz, *Historische Grammatik der lat. Sprache*, Leipzig 1894.
- Tallgren: vid. supra, p. 242, nota 3.
- Tasso, *Jerusalem libertada*, trad. de Ramos Coelho, Lisboa 1910.
- Tassy, *Noms propres mussulmans*, Paris 1854: vid. supra, p. 243, nota 3.
- Tavares (José): vid. supra, p. 176, nota.
- Teixeira de Queiroz, *Ao sol e á sombra*.
- Teles (R. Micael), *Poverello de Assis*, Nova-Goa 1926.
- Tetzner, *Namenbuch*, Leipzig, 2.^a ed. (Reclam.).
- Textos arcaicos*, do autor da presente obra, 3.^a edição.
- Thesaurus Linguae Latinae* (em publicação).
- Thesouro da lingua portuguesa*, publicado com o nome de Fr. Domingos Vieira, 5 vols., Porto 1871-1874.
- Thomas (A.), *Essais de philologie française*, Paris 1897.
- Toutain, *Études de Mythologie*.
- Tradições populares de Portugal*, do autor da presente obra, Porto 1882.
- Trigoso: vid. supra, p. 439.
- Tylor, *La civilisation primitive* (trad. do inglês), 2 vols. Paris 1876-1878.
- Uhlenbeck (D.^{or} C. C.), *Kurzgefasstes etymologisches Wörterbuch der gotischen Sprache*, Amsterdão 1900.
- Usener, *Götternamen*, Bonna 1896.
- Usque (Samuel), *Consolaçam ás tribulaçoens de Israel*: vid. supra, p. 398 e nota 2.
- Vaamonde Lores, *Ferrol y Puente deume*, Coruña 1909.
- Valente (V.), *Ensaio genealogicos*.
- Vanzeller (F.): vid. supra, p. 415.
- Varnhagen, *Historia do Brasil*.
- Varrão, *Res rustica*, ed. de H. Keil.

- Vasconcellos (A. de), *Dicionario das plantas de Portugal*, Porto 1914.
- Veiga (L. F.), *Pequeno diccionario dos nomes proprios mais usados no Brasil e em Portugal*, Rio de Janeiro 1875.
- Vendryes (J.), *El language* (trad. do francês), Madrid 1925.
- Vergilio, *Eneida*.
- «Viagem de Carlos Magno a Jerusalem», ed. de Koschwitz, 1880.
- Vicente (Gil): *Obras*, 3 vols., ed. de Hamburgo; *Auto da Festa*, ed. do Conde de Sabugosa, Lisboa 1906.
- Vieira (P.^e Antonio), *Sermões*, varios tomos.
- Vieira Botelho & C. J. Duarte, *Crioulo de Cabo Verde*: vid. supra, p. 493.
- Villasboas, *Nobiliarchia Portugueza*, Lisboa 1676.
- Vilmar (Dr.), *Deutsches Namenbüchlein*, Marburgo 1880.
- Viterbo (Fr. Joaquim de Santa Rosa de), *Elucidario das palavras, etc., que em Portugal antiguamente se usarão*: t. I, Lisboa 1798; t. II, Lisboa 1799.
- Viterbo: vid. «Sousa Viterbo».
- Wiener Zeitschrift für Volkskunde*.
- Wilhelm (Dr.), *Tauf- und Rufnamen im Herzogtum Coburg*, Coburgo 1902. (Programme n.º 783).
- Wölfflin, «Die Germination, etc.»: vid. supra, p. 488.
- Wörter und Sachen*, revista (Heidelberga).
- Wuttke (Dr. A.), *Der deutsche Volksaberglaube der Gegenwart*, Berlim 1900.
- Yahuda: vid. supra, p. 418.
- Yanguas (L. de Eguilaz y), *Glossario etimológico de las palabras españolas, portuguesas, etc.*, Granada 1886.
- Zambaldi, *Vocabolario etimologico italiano, con appendice dei nomi di persona*, Città di Castello 1920.
- Zauner, *Altspanisches Elementarbuch*, 2.^a edição, Heidelberga 1921.
- Zeitschrift für Ethnologie*, publicada em Berlim.
- Zeitschrift des Vereins für Volkskunde*, publicada em Berlim.
- Zts. f. rom. Philolog.* = *Zeitschrift für romanische Philologie*.

*

Nem a todas as obras mencionadas nesta lista se juntou indicação de data e de local de impressão. Simplificou assim o autor o seu trabalho, por lhe faltar tempo para ser mais minucioso.

ADDENDA ET CORRIGENDA

Página 5, nota 2, acrescente-se: *Mélusine*, viii, 217.

P. 6 (bibliografia). Durante a impressão d'esta obra saiu á luz:
Da actual feição da Antroponimia Portuguesa: proposta d'um inquerito onomastico, — por Amadeu Ferraz de Carvalho, Coimbra 1927.

Pp. 9-15. Cf. Gil Vicente, ii, 135:

... os Mellos direitos
De Melidonio tomárão o nome.
Esta he sua *alcunha* e seu *sobrenome*.

P. 15, linha 22, acrescente-se: Giry, p. 368.

P. 17: Uso de *velho* e *moço* nos secs. xv-xvi: cf. Braamcamp,
Vida e obras de Gil Vicente, p. 15.

P. 18, l. 22, leia-se: *seguindo-o* em vez de *seguindo*.

P. 25, nota 2, emende-se: *ha-os* em *ha-as*.

P. 28, l. 17, acrescente-se: M. Redin, p. xxxviii.

P. 30, l. 3, leia-se: *Grienberger*, e não *Gienberg*.

P. 39, § 5, a), leia-se: *Calendario*.

P. 51, l. 19, emende-se: *hipocoristicas* em *procliticas*.

P. 53, ll. 1-8, contadas de baixo. Mencionando Sancho Sanchez de Velasco, explica Rios y Rios, p. 187, de Velasco como tradução de *Velasci*, pois que em alguns documentos se lê o patronimico *Velascoz*. Acrescenta: «aun hoy se conocen de Diego, de Felipe». Vid. a minha interpretação a p. 54.

P. 56, l. 1, emende-se: *Estatio* em *Estacio*.

P. 58, l. 10, emende-se: «172» em «672».

P. 74, l. 9, contada de baixo, emende-se: *ouviu* em *ouve*. Mas *ouve* significa «ouvirá».

- P. 76, l. 18, suprima-se: «que nós chamamos *Soão*», evidente distracção, pois nas *Lições de Filologia*, p. 416, expliquei *Soão* por *solanus* «Nascente».
- P. 145. Com os vinculos de morgado transmitiam-se os apelidos: vid. supra, p. 325. Por isso aqui *Simões* pôde ser realmente apelido. Nos cartorios das casas nobres não faltam de facto exemplos de com os vinculos se transmitirem apelidos. Eis mais um. No vinculo de Nossa Senhora da Aurora, em Ponte de Lima, instituido em 1741, o sucessor do vinculo tinha, entre outras obrigações, a de «assignar-se *Sotto-mayor*»: vid. *Mostrador dos vinculos .. da casa .. de N. S. d'Aurora*, manuscrito, fl. 6 (em poder do actual sucessor, o S.^{or} Conde d'Aurora, que m'o deixou consultar).
- P. 150. Paralelos, no sentido, aos versos de Sá de Miranda são estes de Gil Vicente:

Bofá vejo eu Portugueses
Da côrte muito alterados,
Mais propinquos dos arados
Que parentes dos Mençes,

em III, 139.

- P. 167, l. 1, emende-se: *Roiç* em *Ròriç*; l. 4, emende-se: *Tomás* em *Tomar*.
- P. 178, l. 12, acrescenta-se: «civil.»; l. 13, emende-se: *estados sociais* em *posição social*.
- P. 184, § 1. No *Ensaio historico sobre os nomes proprios*, tradução portuguesa de J. M. da Silva Vieira, Lisboa 1845, diz-se a p. 211: «que o uso de criar certas realzas, ou já para o banquete do dia 6 de Janeiro, ou já para o jogo dos Gallos, ou para outro de semelhante especie, foi quem propagou na França os sobrenomes de *Principe* e de *Rei*».
- P. 190, § 1, ll. 8-9, contadas de baixo, emende-se: *originarias* em *originadoras*.
- P. 194, l. 16, a respeito de *Cão*, vid. porém p. 219.
- P. 195, l. 22, emende-se: *Grazino* em *Grazina*. Acêrca de *Moreno*, vid. p. 202, ou será apelido hespanhol, l. 27; o apelido *Valente* tambem é nome proprio (nascido de cognome), e pôde ter sido originado d'ele.

- P. 205, linha antepenultima, *cordeiro*. Na comedia de Rubena chamou Gil Vicente, *Obras*, II, 14, *cordeirinho* a uma criança que estava para nascer (na hipotese de poder ser do genero masculino). O mesmo poeta, noutro lugar, I, 117, tem *cordeiro divinal*, como simbolo de Cristo (cf. *agnus Dei*).
- P. 206, l. 11, talvez deva ler-se: «mulher *magra*», e não «gorda», pois no Alentejo, como me informam, a palavra *felosa* tem essa significação. «Que *feloso*!», por «que magro!», falando-se de um homem.
- P. 265, c), leia-se: *expressos*, e não *expressas*.
- P. 273, § 3, devia escrever-se: *Catorze*.
- P. 301, l. 11, contada de baixo, emende-se: «1626» em «1576».
- P. 307, s. v. «Velês». Também em hespanhol ha *Vélez*.
- P. 395, ll. 25-26, em vez de: «Este Dialogo é anterior a 1562, diz Braamcamp Freire, *Vida e obra de Gil Vicente*, p. 290», leia-se: «Este Dialogo foi representado em 1526 ou 1528, diz Braamcamp Freire, *Gil Vicente*, p. 403».
- Pp. 395-396. Na Farsa de Inês Pereira, representada em 1523, lemos outros nomes de Judeus (Judeus casamenteiros): *Latão* e *Vidal*, o primeiro com aspecto de alcunha ou alcunha-apellido (cf. supra, p. 266), o segundo como apelido geografico (vid. supra, p. 266), e bem assim no *Auto da Lusitania*, uns em hebreu (a maior parte), outros não.
- P. 396, ll. 1-2. A suposição de que o Dialogo seria composto no tempo da expulsão dos Judeus (1496-1497) não tem grande fundamento, porque a primeira peça, que Gil Vicente compôs, data de 1502: vid. o proprio Gil Vicente, I, 1; e cf. Braamcamp Freire, *ob. cit.*, pp. 9-10. O que o nosso poeta fez, ao que parece, foi referir a acção a esse tempo.
- P. 419. Temos também *fadas* em Gil Vicente, III, 93 e 97, no sentido de «sorte»:

Bom prazer veja eu de vós,
E *boas fadas*!

.. dai *boas fadas*
Nas encruzilhadas.

Pp. 426-427: NOME NO CONJUNTO. De um individuo receber o nome (p. 85), e o apelido (p. 325) do pai resultam abundantemente casos como este, notado por Gil Vicente:

— Como vos chamais, amigo?

— Eu *Pero Márquez* me digo

Como meu pai ...,

Obras, III, 131.

P. 432, l. 1 sgs. Outro exemplo de nome de cardinal: *D. Francisco Cardeal Saldanha* (1758), com o titulo entre o nome e o apelido.

P. 471, l. 2: *Cancionero*, não *Cancioneiro*.

P. 476. *Sebas* tambem hipocoristico hespanhol (*D. Sebas!*).

P. 491-492. Ha hipocoristicos que têm mais vida numas regiões do que noutras, ou são particulares a algumas. Por exemplo, *Bia* não me lembro de o ter ouvido senão ao Sul do Tejo, e *Nelo* só o ouvi no Alto-Minho.

P. 509. *Apariço*, em Gil Vicente, II, 520. Cf. *Aparicianes* (= *Apariç'Eanes*), II, 495.

P. 512. Em Viseu é *Brijedo* forma popular.

P. 514. *Clemenço*. Vem *Crimenço* na *RL*, xxvi, 142.

P. 515, 4.^a linha, contada de baixo, emende-se: *Boletim* em *Boletim*.

P. 521, s. v. «*Hermenegildo*», leia-se: «tomou muitas formas populares».

P. 524. *Jam*, isto é, *Jam das bestas*, em Gil Vicente, III, 131. Cf. tambem supra, p. 466.

P. 528. Mas *Mertilo* em Paulino Cabral, *Poesias*, I, 71.

P. 550: -ino, -inho. No *Auto da Lusitania* emprega Gil Vicente o diminutivo acariciador *Ledicina*, de *Lediça* (Judia), a par de *Saulinho*: vid. *Copilaçam*, 1.^a ed., fls. 39, col. 1.^a e 2.^a. Na ed. de Hamburgo, III, 268-269, imprimiu-se inexactamente *Ledecina*.

Pp. 560-561: *de*. Ha uma 4.^a circumstancia em que se emprega a particula *de* na antroponimia: vid. exemplos supra, pp. 268, 273: *José do Capote*, *João do Grão* (expressão geral de qualidade).

INDICES ALFABETICOS

INDICES ALFABETICOS

I

ALGUMAS COUSAS MAIS NOTAVEIS NÃO EXPRESSAS NO INDICE METODICO

Afonso Henriques (D.): aumento de nomes cris- tãos, do seu govêrno em diante	44	Graça portuguesa (<i>Vid.</i> Espirito zombeteiro).	
Alcunhas de animais e de coisas	178	Heraldica	233
Bondade (<i>Vid.</i> Espirito afectuoso).		Hipocorísticos tornados apelidos: <i>vid. Chico, Le- lo, e Tota</i> no indice dos nomes proprios. Tam- bem entre nós ha <i>Pepe</i> como alcunha ou apelido	497
Cavaleirescos (nomes) . .	57	História de Portugal na antroponimia	565
Chamar nomes	9	Iberico 29, 121-	124
<i>chamar de ratinhos</i> . . .	9	Igreja lusitana. Sua in- fluencia na denomina- ção medieval	44
Costados	403	Latim substituido pelo português	44
Cultismo na adopção do nome	97	Legislação 98, 327,	349
Deminutivos de nomes de santos (<i>S. Joânico é no- me de uma aldeia na terra de Miranda</i>). . .	503	Linguagem infantil 454, 484	499
Duplo (nome) 403, 406-	407	Misericórdia de Lisboa	342
Durindana	2	Morgados 145, 325,	618
Espirito affectuoso dos Portugueses	363, 568	Nobreza: sua influencia na adopção de apelidos: p. 161. Decadência da Nobreza	330
Espirito zombeteiro do povo 176, 196, 197, 200	567	Nome: sua importancia, social e moral	3
Genealogistas: 150, 161,	281	Onomatologia: definição	2
Germanos. Sua influencia na denominação medie- val: p. 24. Fórmulas dos nomes	26- 27		

Origem do nome	99	Seculo xv: muito movi-	
Praenomen nos primiti-		mentado entre nós . .	118
vos cristãos	29	Senhorio (<i>Vid.</i> Nobreza).	
Preto (lingua de)	380	Superstições: por exemplo	
Proclíticos tornados nomes		420	423
proprios	343	Toponimos que represen-	
Ribeiro (Nome de). Nos		tam genetivos medievais	107
Ciganos	423	Totemismo.	245
Rimas a proposito de no-		Vida portuguesa revelada	
mes: por exemplo, 77,		na antroponimia . . .	565
98, 250, 255, 259, 280,		Vinculos (<i>Vid.</i> Morgados).	
338, 339, 341, 423, 551-	552		

II

ALGUNS NOMES COMUNS

alcanhario (nota 6) . . .	6	meono	19
beltrano	337- 338	meor	18
costados	403	moço	14, 17, 47
decinco	448	perengano (hesp.) . . .	338
fada	419, 619	postico	341
fadista, fado	189	queirós	171
fuão, -ã	337	sicrano	337
fulana, -o	337	soror	20
meana (miana, minhana)	19	xará	339
mengano (hesp.)	338	xedas	339

III

NOMES GEOGRAFICOS

Airões	107, 108	Fafiães	107, 108
Airão	107, 108	Fafião	107, 108
Anreade	542	Falcôa	543
Ansiães (Ansilanes) . . .	106	Ferrôa	543
Atães (Atanes)	106	Framean e Framianes . .	107
Brandôa	543	Fredamil	108
Camora	353	Frejufe	32
Candemir, Candemil . . .	109	Friães	107
Car	498	Gaia	222
Cesár	103	Goiães	106
Darei	29	Gonta	37
Dona-Chama	40- 41	Gosende	32
Donelle (galego)	580	Gouviães	106
Donim	580	Guimarães	105- 106
Escapães	106	Lazarim	566

Lísbia	498	Prado-Gatão	38
Maranhão	170	Prime	103, 566
Medelim	537	Quintiães, Quintilanes,	
Midões	104	106	108
Minde	40	Quintião	108
Mourão	35	Rande, Rando	42
Ninães	352	Requiães	108
Nine	353	Requião	108
Nunelhe	553	Safara (= Çafara)	365
Ornelas	170	Salamôa	544
Ouriz	50	Samardã	542
<i>Ousende</i> (Galiza)	51	Samora (= Çamora) . . .	353
Paio (S.)	35	Serém	103
Pariço	60	Sever	103
Patudos	200	Tanuz	111
Pina (Alto do)	304	Telões	104
Porcelhe	553	Vêr	103

IV

NOMES PESSOAIS (PROPRIOS; SOBRENOMES; APELIDOS)

Abade	186	Abranches	288
Abana	276	Abrantes	166
Abbaz	108	Abreu	166
Abdelaz	108	Abril	45, 83, 129, 182
Abel	68	Abrunho	260
Abelha: apelido de família de Cristãos Novos de Sousel do sec. xvii ao xx. (Informação de Mário de Saa). Para juntar á página	216	Abundantius	26
Abelho, Abelhom	216	Abuzhac	352
Abendana	407-408	Aça	295
Abila (Abilia? feminino de Abilio)	93	Acacio	71
Abilio	71	Acciaiuoli	313
Abitus	30	Achilles	93
Aboab	405	Açores	157
Aboali	381	Acurcio (Acursio)	66
Abóbora	260	Adalgisa	455
Aboim	166	Adalzira	455
Abormaz	108	Adamuz	111
Abrabanel	397	Adão ou Adam	45
Abrahão: vid. <i>Gesenius</i> , p. 10. Para juntar á página	355	Adefonsizi	128
		Adefonso	31
		Adelaide	71
		Adelfo	366
		Adelinda	90
		Adelindina	93
		Adelino	76
		Adelio	76
		Adfonsus	102

Adiutor	25	Alcoforado	267
Adjalme	94	Alda	47
Adolfo	71	Aldara	47
Adosenda (Adosinda, Adousinda)	41	Aldenore	94
Adrasto	346	Alderiz	42
Adriano	63	Alderotiz	126
Adrião	63	Aldino	427
Adulteus	25	Aldonaci	108
Affôm	47	Aldonça, Aldonza	42, 47
Afon	452	Alduari	42
Afonseca	165	Alegre	192
Afonso (Affonso, Affom- so)	31, 97	Alegrete	322
Afranius	25	Aleixo	58
Agenor	535	Alemão	282- 283
Agostim	450	Aleu	81
Agostinho	59	Alexandre	63
Água ardente	271	Alexandrina	82
Água-mel	271	Alface	260
Águeda	60	Alfaiate	187
Águia	216	Alfeyram (de alfeire)	322
Aguiar	166	Alfredo	71
Aguilar	295	Algarve	157
Aguilera	295	Algarvio	156
Agulia (= Agulha)	272	Alho	260
Aillaud	290	Alice	72
Airas	40	Alionor	525
Aires	40	Alipio	508
Alancar	159	Aljofarinho	252
Alarcão	295	Allen	309
Alardo	11	Almada	166
Alaym = Laim	179	Almeida	164
Albano	66	Almeirão fresquinho	267
Albergaria	166	Almeiuz, Almeiuze	111
Albertina, -o	63	Almeno	439
Alberto	63	Almier	324
Albicindo	427	Almodóvar	166
Albino	455	Alonso	63, 295
Albornaz	108	Alpoem = Alpoim	166
Albornoz	295	Altamirano	295
Albuquerque	161, 295	Altino	94
Alcaide	187	Alto	192
Alcalá	161	Alvarado	285
Alcántara	295	Alvarenga	166
Alcides	456	Alvarinho	164
Alcindo	81	Alvariz, Alvarez	86
Alcino	439	Alvaro, Alvarus	33
Alcip(p)e	440	Alves	120
		Alvim	166
		Alvites	112

Alvito	166	Anibal (Hanibal) . . . 79,	509
Alvitus	33	Aniceto	345
Alvo	191	Animia	352
Amabilia 92,	456	Anjinho	270
Amadeu	72	Anriquez	116
Amadis (Amadjis, Amadix, Amadiz)	57	Ansalon, Ansalonic, Ansalonici, Absaloniz . . .	126
Amado	193	Anselmo	69
Amador 63,	313	Ansemundus	31
Amanda 25,	26	Ansur	48
Amandio (Amando) . . .	72	Antão (Antom) . . . 59,	452
Amaral	166	Antas e Dantas	166
Amarelo e Amarello, 191,	278	Antenor	535
Amaro 63,	528	Antero	72
Ambrosio	63	Antholiano	60
Amedeu	72	Antioni	40
Ameeira 159		Antolino	60
Ameixedo 159		Antoniano	60
Ameixoa	260	Antonietta	457
Amelio	359	Antonino	60
Americo	79	Antonio	59
Amico	191	Antunes	534
Amilcar (Hamilcar) . . .	79	Antunez, Antunes . . 120,	534
Amoêdo	295	Aónia	438
Amora	90	Aparicio	60
Amorim	166	Apolinario (Apolinar) . .	63
Amzalak	418	Apolo	80
Ana	60	Apolonio, -a	60
Anacleto	508	Aquilino	509
Anacoreta	187	Aragão 156,	295
Anahory	418	Araguntius	32
Anão	195	Aranha 216,	326
Anaquim	153	Aranhã, Aranhão	216
Anastacio	66	Arauca	159
Anderson	309	Araujo	166
Andorinha, -o	216	Arbués	295
Andrada	541	Arcadinho	195
Andrade 166,	295	Arcangela	509
André	27	Archbold	309
Andreas (Andreu, Andrel, Andrés)	27	Archer	309
Andresa 27, 375,	540	Ardeicazi, Ardegazi . . .	108
Androitus	31	Aredaci, Aredaz	108
Anemona	93	Areias	166
Anes	115	Arelhano	295
Angélica 69,	457	Argentina	88
Angelino	69	Argimirus	30
Angelo	69	Argirigo (Argericus, Argerigus)	35
Anhaia	295	Argote	296

Arguello	296	Aurelia, -o	72
Arguiru	95	Aureo	72
Argumedo	296	Aurinio	427
Arias (<i>Vid.</i> Airas).	40	Aurodona (Aurodomna), 36	353
Aristeu	346	Aurora	79
Armando	72	Aurora de Cinco de Ou- tubro	88
Armia	439	Aurora da Liberdade	88
Armiger	25, 26	Ausenda	41
Armigius	102	Ave de arribação	204
Arminda, -o	81	Avelanas	159
Arminio	81	Avelaneda	159
Arnaldo	48	Avelino	76
Arnao	291, 320	Aventino	93
Arnaut	291	Avila	296
Arnulfo	509	Avilês	296
Aron, Aronici	126	Avitus	33
Arões	14	Avoyno	163
Arouca	166	Avranches (Abranches)	288
Aroz	395	Ayala	296
Arráz	100	Ayras	14
Arratellino	203, 275	Azambujo	322
Arrebenta-cavalos.	278	Azarias	346
Arriaga	296	Azedo	166
Arroba(s)	275	Azeitão	166
Arroyo	296	Azeredo	166
Arroz	271	Azevedo	166
Arruda	165	Azul	195
Arsenio	72	Babilon	322
Artemisia	79	Bacalhau	216
Artur	58	Baco	80
Ascantus	33	Badajoz	296
Ascensão	182	Baena	296
Ascenso	63	Baeta	272
Asneira	189	Bago d'uva	260
Assunção	458	Bagulho, alcunha em Evora. Acrescente-se à página	260
Asterio	72	Bahaluli	352
Astreia (Astrêa)	93	Bahamonde	296
Astrulfus	37	Baião	157
Atafona	272	Baixinho	195
Ataide	166	Balbina, -o	69
Atanagildus	32	Balduino	510
Atanasio	60	Baleia e Baleato	216
Ataniz (Sueyro).	112	Baltar	166
Athias	408	Baltasar	63
Atilio	79	Balteiro	166
Atinia	93		
Augustinho	507		
Augusto	9, 69		
Aulete	320		

Bandeira	272	Batalha	185
Baptista	458, 510	Batata	261
Baquinus	39	Batatas (das)	273
Barahona	296	Bar'agua	278
Barão	185	Bate-folha	278
Barata	322	Battistini	313
Barbara	60	Beatriz	45, 511
Barbas tristes	201	Bebado	178
Barberini	313	Bebiano	343
Barbo	216	Bebição ou Bebisso.	279
Barbosa	166	Beça	166
Barcario	190	Beição(s)	198, 200
Bárcia	296	Beçudo	198
Bardi	313	Beira-Alta	158
Barnabé	60, 537	Beirão	155
Baroa	185	Beja	166
Barocci	313	Belamiz	382
Barral	166	Belchior	60, 68, 511
Barregão	11	Belfort	291
Barreira	166	Belida	352
Barreiros	163	Bell	309
Barreto	166	Belmarço	320
Barriga Negra, Barrigola, Barriga, Barrigas, Bar- rigão	199	Belmira	459
Barrigana	201	Belo	193
<i>Barrigancha</i> (= Barriga- ancha), apelido em Avis. Pertence á página.	199	Bel pastor	193
Barrigola	200	Beltrão	297
Barro	159	Bembo	313
Barros	166	Bemtalhado	193
Barroselas	163	1. <i>ben</i> (arabico)	102, 386
Barroso	166	2. <i>ben</i> (hebraico)	417-418
Bartolomeu (Bartholo- maeus, Bartolameu, Bertolameu)	55	Benarús	418
Baruch	412	Benevides (ou Benavides)	297
Barva d'alto, Barvalho (= Barb'alto)	261	Benigno	92
Barvosa	159	Bensabat	418
Barvudo (Barbudo, Ba- rundo, Barumdo)	160	Bento	60
Basilio	60	Beraci, Beraz	108
Basilisa	345	Berenguela	511
Basófia(s)	195	Berenice	345
Bastardo	183	Beringela	511
Bastião	59	Beringueira	511
Basto	59, 157, 475-476	Bernal (Bernaldo, Ber- nardo, Berenaldus, Ber- nardus)	55, 449
		Bernardes	120
		Bernardim	63, 450
		Bernardino	60
		Berquó	289
		Berredo	160
		Berrio	297

Berta, -o	63	Borboleta	217
Berthelot	291	Bordalo	217
Bertilda (Bertilde)	90	Borel	290
Bertilha	90	Borges	322
Bertrand	290	Borja	313
Besugo	217	Borra-botas	187- 188
Bettencourt	288	Borra-paredes	188
Betti	313	Borrêgo	218
Bezerra (= Becerra)	297	Borroz	111
Bezerro e Bezerrinho	217	Bota-rôta	268
Bicheiro	277	Botelho	261
Bicho e Bichinho	217	Botilher	297
Bicker	283	Botinhas, apelido no Alentejo. Acrescente-se á página	268
Bicos	276	Boto	320
Bigodes, Bigotes	201	Bottino	313
Bigodes de latão	266	Bouiller	290
Bigorna	272	Bourbon	291
Bigorro	177	Braamcamp	88, 285
Biringela	57, 511	Bracamonte	291
Biringueira	48	Braga	166
Biscaya	297	Bragança	155
Bispo (alcunha no <i>Elucidário</i> , s. v.) e Bispa	186	Bragança	155
Bivar	297	Bragueses	156
Bizarro	195	Branca	48, 201
Blanco	297	Branco (tambem pôde ser nome proprio: cf. Branca)	193
Blandoniz	126	Brandão	543
Boa	45	Brandilazi, Brandilaz, Brandilizi	109, 125
Boaventura	66	Braolio (Braulio)	72
Bobadilha	297	Bras (Blas)	56
Bobone	313	Brasil	157
Bocage	289	Braulio	72
Bodalho e Bode	217	Bravo	191
Boga	217	Brederode	285
Boi	217	Breyner (Um doc. de 1793, na <i>Nova Malta</i> , 1, fala de Fernando de Mello Breyner)	283
Bolêto	261	Brigida	67
Bolhão	297	Briolanza	58
Bôlo grande	271	Brion	297
Bolota	261	Briteiros	161
Bolseiro	187	Brites (Breatiz, Briatiz) <i>Vid. Beatriz</i>	
Bom (<i>Vid.</i> Bonus e Boo)	179	Brito	166
Bombo	9		
Bomfilho = Bonfilho	182		
Bonamis	287		
Bonifacio	69		
Boniniz	110		
Bonito	195		
Bonus ou Boo	191		
Boquinhas	198		

Britto	28	Calcanhar rachado	200
Brôa	271	Calça	268
Browne	309	Calca-ruas	278
Brugarte	63	Calceteiro	188
Bruges	285	Caldas	166
Brum	285	Caldeira	273
Brumão	285	Caldelas	164
Brun	291	Calhandra	218
Bucho	199	Calisto	512
Bufo	218	Calvet	292
Bugalho	261	Calvo e Calvino 193, 201,	381
Bulcão	286	Camacho	298
Bulhão (<i>Vi</i> d. Bolhão).		Camaleão	218
Burell	14	Câmara, cf. <i>Elucidario</i> ,	
Burgos	298	s. v.	185
Burnay	286	Camarão	218
Burro	218	Camargo	298
Busca-arroydo	278	Camarneiro	156
Cabaço	261	Cambado	193
Cabeça	198	Camêla, -o	218
Cabeça ancha	198	Camilo	69
Cabeça Negra	198	Caminha	166
Cabeça-de-vaca	178	Caminhão	267
Cabeçadas	166	Camisão	268
Cabeçana	201	Camões	298
Cabeçudo	197	Campo	163
Cabeleira	201	Campos	166
Cabelo Vermelho (do)	201	Canardo	322
Cabeza	197	Canaria, -o	219
Cabreira	166	Canas	166
Cabrita, Cabrito, Cabri-		Cancela	166
nha, Cabrom = Cabrão	218	Candeira	166
Caçador	189	Candilaci, Quandilaz	109
Cação	218	Canedo	166
Caçapo	218	Canelas	166
Cacena	313	Canhólas	196
Cachola	198	Canhóta, -o	180, 193, 196
Çad	394	Canongia	314
Cadela, -o	218	Cansado	195
Cadete	186	Cantador	189
Caeiro	188	Canto	166
Caetano (<i>Ca</i> ietano, fem.		Canuto	512
Caetana)	66	Cão:	
Cágado	218	1:	191, 201
Caiadora	188	2:	219
Caixões (dos)	273	Çapaio: Afonso Lopes Ç-	
Calado	195	paio, em Gil Vicente, III,	
Calafate	190	379. Para a página	399
Calataiud	298	Caparrosa	322

Capata (= Zapata)	298	Carrasqueira	166
Capelão	187	Carrazedo	163
Capelo	179, 268	Carreira	166
Capitão	186	Carreiro	166
Capitolino	553	Carriça, -o.	219
Capom = Capão, Capona		Carrilho	298
180	219	Carrom	272
Capote (do)	268	Carromba	279
Captivo, apelido: P. ^e José		Cartaxo	219
<i>Captivo: DN, de 17 de</i>		Carujeiro	272
<i>Abril de 1928.</i>		Carujo	275
Cara d'anjo	198	Carvajal	298
Cara de madama	198	Carvalheira	166, 264
Caracol	219	Carvalho (em documentos	
Caramelo	272	antigos ás vezes ortogra-	
Caramujo: Fr. <i>Caramujo,</i>		fado <i>Carvalio</i>) 62, 163,	264
em Gil Vicente, 1, 257.		Carvalhosa	166
Para juntar á página	219	Cary ou Cari.	309
Carapau	219	Casaca	268
Carapinha	201	Casado	183
Carapumpum	279	Casal	166
Caratão	166	Caseiro	189
Carcereiro	187	Casimiro	67
Cardeira	166	Casquilho	269
Cardeiro	188	Cassana	314
Cárdenas	298	Cassasa	314
Cardi	314	Cassilda	459
Cardim	298	Castanha seca	261
Cardoso	166	Castanheda	166
Carducho	314	Castanheira	166, 264
Careca	201	Castanheiro	261
Carinhas	198	Castanho	193
Carlos	63	Castanhoso	322
Carlota	87	Castela	156
Carmina	554	Castelhano	298
Carmo	430	Castelo: apelido geogra-	
Carmona	298	fico para juntar á página	166
Carne assada	271	Castelo-Branco	166
Carne azeda	195	Castilho	298
Carneiro	219	Casto	14
Carnes más	192	Castôr	46
Carniça	271	Castro	166
Carôcha ou Caroucha	219	Cata-cadelas	278
Carôço	261	Catalá (= Catalão)	299
Carolina	549	Catalina	56
Carpinteiro	187	Catanho	314
Carqueja	261	Cata-que-farás	280
Carraça	219	Catarina (Caterina)	56
Carrasco	261	Catarino	545

Cata-sapos	278	Chacim	161
Cativo (<i>Vid.</i> Captivo).		Chagas: apelido de origem religiosa. Cf. <i>igreja das Chagas</i> , ou da invocação das <i>cinco chagas de Cristo</i> . Para juntar á página	154
Catorze	273	Chain	164
Cau	299	Chambers	309
Cavaca(s)	277	Chamicho	277
Cavalas	220	Chámoa	45
Cavalcanti	314	Chamorro	177
Cavaleiro	185	Champalimaud	291
Cavalinha	220	Chamuscado	276
Cavalo	220	Chancinha	276
Cavalo sem rabo	178	Chaparro	262
Cayola: do hesp. <i>Cayuella</i> , apelido de origem geográfica. Por <i>-oila</i> : cf. <i>Opusculos</i> , 1, 436. Junte-se á página	298	Chapeu de ferro	266, 268
Cebola	261	Charneca	166
Cebolas (das)	273	Chasco	220
Cega	192	Chaves	166
Cegonha	220	Cheio	192
Ceia	166	Cheira	276
Celeste	76	Cheira vinho	267
Celestina, -o	72	Chibo	220
Celorico	166	Chicha	271
Celso	72	Chicharro	220
Cenaculo. Na origem sobrenome religioso: acrescente-se á secção B de página 137 sgs.		Chichorro	220
Cenoira	262	Chico (apelido em Minde: Antonio dos Santos <i>Chico</i>). Para a página	322
Centeno	299	Chimborgas	283
Centeo	262	Chivan	396
Centopeia	205	Choca, -o (Choco pôde ser alcunha-apelido provindo do reino animal, ou do adjectivo <i>choco</i>)	
Cerejeira	264	191	194
Cerejo	262	Chora	267
Cerocia	33	Chourica, -o	271
Cerqueira	166	Christinus	42
Cerveira	165	Christóvãoiz	116
Cervelo e Cervinho	220	Chupista	196
Cervos	166	Churrichão	323
Cesar	79	Chuva	275, 333
Cesário	345	Ciandila	33
Cesteiro	188	Cibrão	39, 505
Cetronius	33	Cicero	514
Ceuta: Pedro Lourenço <i>Çepta</i> ; João de <i>Çepta</i> : nas <i>Chancelarias</i> , 239,	290	Cidade	173
Chá (do) está quente	267	Cidadelia	163
Chacão	299		

Cidi.	36	Constantino	64
Cidici e Cidiz	125	Contente	195
Cigarro	220	Contreiras	281, 299
Cinco-réis	274	Coóniga	180
Cinira	94	Cora	91
Cipriano	39	Còrado	195
Ciprianus	39	Corazzi	314
Ciprião	39	Corbacho (= Corvacho)	221
Ciriaco	514	Corcòs	193
Cirne.	220	Cordeiro.	221
Ciro	94	Cordes	286
Ciro(s)	537	Cordon	324
Cirurgião (= Selorgiam)	188	Córdova	299
Cisneiros	299	Cordovil	299
Clark	309	Corema = Quaresma	182
Clara	55	Corisco	275
Claro	195	Cornelio	13
Claudio	72	Cornes (Des).	287
Clemente	55	Cornibus (De)	287
Clementina, -o	55	Corpancho	193
Clidonio	90	Corpo delgado	193
Clington	309	Correia, Correa	163, 166
Clodomiro	460	Corsali	314
Clotilde	72	Cortador	188
Cobra	220	Côrte-Real	184
Cocheiro	189	Cortês	185
Cochinho	220	Cortesão	185
Cochom	220	Coruja	221
Côdeas	267	Corujo: João <i>Corujo</i> , em Gil Vicente, I, 257. Para juntar a página	221
Codesosa	163	Côrva, -o	221
Codorniz	221	Corvinel	314
Coelho	221	Cosme	60
Cogominho	262	Cosmelli	314
Cogominus.	179	Cossairo.	190
Cohen.	391	Costa:	
Coimbra	166	1: origem geográfica	159
Colaço	182	2: origem francesa	289
Colares	166	Cotovia, -o.	221
Colcha fria	276	Cotrim	310
Comba	91	Couceiro	166
Comprido	196	Couraça	277
Conceição	11	Coutinho	166
Conde.	185	Couto	166
Conego	187	Covão.	166
Conelius	179	Covas.	166
Conestagio.	314	Covilhã (<i>Vid.</i> Cuviliana).	
Congro	221	Coxa	196
Consiglieri	314		
Constança (Costança), 45, ...	55		

Coxas (das) salientes . . .	200	David :	
Coxo	196	1: Daviz (patron.) . . .	69
Craesbeck	286	2: = da Vide	324
Craveiro	166	3: <i>Davi</i> em rima com	
Cravo, Cravinho	262	<i>ti</i> na linguagem de um	
Crespo	195	pastor de Gil Vicente,	
Creswell	310	1, 263, 360, 368; o poeta	
Crisântema	91	até em latim pôs <i>Davi</i>	284
Crisfal	438	Debonnaire	292
Crisostomo	515	Decoroso	345
Crispim 62,	343	Dedinhos	199
Cristalia	94	Dedos (algunha ou apelido	
Cristia	19	em Gil Vicente, II, 26:	
Cristiano	60	o Dedos da Murteira).	
Cristina 42,	45	Para as páginas 199-	200
Cristino (<i>Vid.</i> Christinus).		Defeca-atilhos	279
Cristovão (<i>Vid.</i> Christó-		Defeca-sangue	279
vãiz) 59,	515	Delfim (fem. Delfina) . .	73
Croio	514	Delgadilho	193
Croner	283	Delgado (<i>Vid.</i> Dalgado).	
Crossley	310	Delicioso	195
Cuca	221	Dellodeu 154-	155
Cuco	221	Demetrio (de origem gre-	
Cunegundes	515	ga: relacionado com a	
Cunha (<i>Vid.</i> Cuya), 164,	166	deusa Demeter)	94
Çuniga	299	Demostenes (de origem	
Çupertino	96	grega: de <i>δῆμος</i> «povo»	
Curinhas	186	e <i>σθένος</i> «fôrça») . . .	94
Curry	310	Denis	46
Cursio (Curcio)	64	Dentinho, Dentinho d'ou-	
Curutelo	179	ro, Dente(s)	198
Curvo 192,	194	Dentola	200
Custodia, -o (nome de		Deogracias (= Deo gra-	
criança ainda não bã-		tias)	345
tizada) 64,	340	Deogratias	154
Cuviliana (= Covilhã) . .	163	Deolinda	81
Cuya (= Cúia)	159	Derouet	292
Dadina	31	Descalço	267
Dagaredus	29	Descamps, Deschamps. .	292
Dalgado, Delgado, 193,	194	Descanso	196
Dalincourt	291	Desiderio	292
Damasio	515	Deslandes	289
Da Mesquita	453	Deulladeu 154-	155
Damião	61	Deus (João de)	96
Daniel	61	Deusdado	154
Dantas	166	Deusdedit	345
Danton 89,	335	Diabo, Diabinho	269
Dario (fem. Daria) . . .	73	Diana	80
Daulmay	291	Dias (Diaz) 103,	109

Didacus	38	Doria	314
Didagus (Diagu)	41	Dornelas	166
Didalita	460	Dorotea (Doroteia, Doro-	
Didier	292	thea)	43
Diego 38, 51-	52	Dorraca = d'Orraca	159
Diez	112	Dourado	277
Digna	349	Drago 221,	233
Dioclécia 460,	554	Drumonde	312
Diogo 51-	52	Duarte	59
Dionisio 46,	64	Dulce	29
Dirceu	439	Dulcevida	353
Doce, nome de mulher.	29	Dulcidius	29
Dolcina	365	Dupuy.	292
Domenga	515	Duque, Duquesa	185
Domingas, -os, de <i>Domi-</i>		Durães	120
<i>nicus</i> 45,	537	Durancia 43-	44
Domingues, Dominguiç.	86	Durand	292
Dominicus	45	Durão	44
Dominigoz	110	Duro	195
Domitia	25	Eanes (Anes)	60
Domitila	91	Eburinus	29
Domna	579	Eça	299
Domno	579	Eduardo	59
Dona: Mendes <i>Dona</i> , se-		Edviges	516
culo xviii, em Sousel,		Egaredus	33
Cristão Novo (Infor-		Egas 33-	34
mação de Mário Saa).		Egeas 33-	34
Tambem Mendes <i>Dona</i>		Egela, Egelo, Egilo, 33-	34
hoje, em Alter do Chão		Egeria	346
(<i>Anuário Comercial de</i>		Egica, Egicaz	108
1917, II, p. 1849)	103	Egidio.	516
Donado, Donato	110	Eglantina	91
Donadoz.	110	Eiga, Eigat (= Eigaz).	108
Donata 25,	26	Eilo.	37
Donatila	91	Eiras	164
Donato (<i>Vid.</i> Donado).	110	Eirêa, Eirea, Eiria	46
Donazano	365	Eita, Eitaci, Eitaz.	108
Donello	580	Eitor	46
Doneloni.	580	Elder	310
Doninha	221	Elderigo	42
Donino	580	Eldesinda (Ilidesinda)	42
Donis (Dinis, Diniz)	46	Eldonza	42
Donnani (Donan, Donam)		Elduara (Ilduara, Ilduare)	
106	580	41	42
Dono	579	Eleazar	64
Donon e Dononizi.	126	Eleuterio	64
Dordea, Dordia, -o	46	Elias	69
Dordia	515	Elisa	461
Dordio	545	Elison	33

Elleogunda	48	Escorcio	312
Elmano	439	Escorropicha (ou Escorri-	
Eloy	52	picha)-galhetas	278
Elpino	439	Escovar	299
Elvas: Lourenço <i>Delvas</i> ,		Escrivão	187
em Azurara, <i>Cronica</i>		Escudeiro	185
<i>da Guiné</i> , p. 413. Para		Esmenaut	288
juntar á pagina	166	Esmeralda	76
Elvira (<i>Vid.</i> Ielvira).		Esmeraldo (<i>Vid.</i> Esme-	
Ema (Emma)	73	naut).	
Embarcação	190	Esmeria	81
Emidio	69	Espada	272
Emilaz	109	Espadeiro	188
Emilia, -o	46	Espalha-adubo	278
Emiliano	516	Esparilli	354
Emilo	50	Esparteiro	188
Emundinus	32	Espinola	314
Eneas. De origem greco-		Espinosa	299, 413
-latina: Aeneas. Cf.		Espiridião	346
Pape, I, 36.	94	Espirra-canivetes	278
Eneco, Enego (Ennego),		Estacio (onde porém se lê	
Ennegot, Ennegoz,		Estatio)	56
Eneguiz	52, 110	Estaço	56
Engeitado	350	Estanislau	69
Engracia	61	Estaqueiro	187
Engracinda	90	Estefânia	517
Epifânio	516	Estela	417
Ermeiroz	111	Ester (Esther)	73
Ermelinda	73, 517	Estevainha	46
Ermengru	36	Estêvão	46
Ermesenda (Ermesinda)	41	Estevez, Esteves	112
Ermigio	36	Estorninho	221
Ermitão	187	Estrabão	517
Ernestina	73	Estudante	188
Ernesto	73	Esturão	299
Ero (Erus).	39, 105	-eta	549
Eronius	105	Etelvina	461
Erotiz	126	Euclides	79
Eroz	110, 126	Eufemia	517
Erra-tudo	278	Eufrasia	517
Erse	284	Eufroia	346
Ervilhado	276	Eugenia, -o	68
Ervilhom	262	Eulalia	47
-esa	549	Eumenia, -o	68
Escalavrado	179	Eurico	80
Escaldado	323	Eusebio	64
Escavaterra	279	Eutiquia	462
Escola	188	Evandro	518
Escolastica	517	Evaristo	462

Evelina	462	Feio, Feo	180, 193
Evo	48	Feiticeiro	269
Examea (Exemena, Exe- mia, Xemena)	52	Feito ao sol	279
Exposto	351	Felgueiras	159
Extremadura	94	Feliciano	64
Exuperius	26	Felicia	462
Ezequiel	69	Felicissimo	554
Fabiano	518	Felisbela	462
Fabiola	536	Felisberto	518
Fadista	189	Felismina, -o	554
Fafes (Fáfez, Fáfiz)	48	Felix	25
Fafiaz	108	Feliz	519
Fáfila	37, 48	Felizardo	519
Fafilaz, Fafiaz	109	Ferin	286
Fagueiro ou Falagueiro	191	Fermosa	192
Fagulha	195	Fernanda, -o	39, 48
Fagundo	64, 518	Fernandes (Fernandez, Fernandiz)	113
Fajardo	299	Fernão	48, 449
Falaph	385	Ferradura	276
Fala-só	280	Ferrão	299
Falante	192	Ferrari	315
Falcão	221	Ferraria	159
Falcato	315	Ferraz (Ferrat, Feraz)	109
Falifaz	108	Ferreira (apelido de ori- gem geográfica). Junte- -se á página	166
Fan-fan	196	Ferreiro	187, 188
Fandilaz	109	Ferro, Ferros	265
Faneca	222	Ferro agudo	265
Fanha, Fanhoso	196	Ferrugem, Ferrugento	277
Faria	163	Fevereiro	182
Farinha	271	Ficalho	166
Faro	166	Fidalga, -o	185
Farpada	276	Fidalga topa-a-tudo	279
Farpas de burel	14, 180	Fidelino	550
Farruco	277	Figueira	166
Farto	192	Figueiras	262
Fatias	271	Figueiredo	166
Faustina, Faustino: <i>vid.</i> Faustinus e Faustus, p. 26: lat. faustus, «feliz, etc.». Sufixo -ino	550	Figueiroa	299
Fava, Favela, Favinha	262	Filgueiras	166
Favilaci, Favilaz	109	Filho	181
Faz-fôrmas	273	Filipa, Filipe, Philippo	61
Faz-tudo	279	Filomena	462
Fecha-olhos	278	Firmino (Fermino)	69
Fedelho	196	Firmo	69
Fedro	91	Fiuza	277
Feijão	262	Flamua (Chãmoa), Chama	40- 41

Flape-Flape	280	Franklin	321
Flaviana	25	Franzini	315
Floiaz	105	Fraternidade	88
Floilaz	109	Frazão, cf. S. Martinho de	
Flomarigoz	110	<i>Farazon</i> , tambem orto-	
Flora	80	grafado <i>d'Farazun</i> : na	
Florença	315	<i>Nova Malta</i> , II, 79	166
Florençia, -o	25	Fredaze	108
Florentia	25	Fredenandus	39
Florentius	25	Frederico	69
Flores	323	Freire	187
Florianio	462	Freitas	166
Flórido	67	Fresco	418
Foca	222	Frigidus	191
Fogaça	271	Fritz	284
Folga na Palha	267	Frogaz, Frogiaz	109
Folgosa	166	Frogiani	107
Folhete	323	Froia	107
Folkman	310	Froião	151
Folque	300	Froila	35
Fonseca	166	Froilaci, Froiaz	109
Fontão	166	Froilani	107
Fontes	166	Froilhe (Froilhi, Froili)	49
Forjaz	109	Froiloniz	126
Formiga	222	Fromarigus	105
Formosa (<i>Vid.</i> Ferosa).		Froyaz, Frojaz	109
Formosinho	194	Frutuoso	64
Forneiro	188	Fuas Roupinho	96
Forte	195	Fuinho	222
Fortes	153	Fura-bolos	278
Frade	186- 187	Fura-covas. Na origem	
Fradique	519	«toupeira»? Cf. Escava-	
Fraga	166	terra	278
Fragateiro	190	Furão	222
Fragoso	166	Furriel	186
Fragulfus (Fraulfo)	32	Furtado	183
Framila	35	Fuschini	315
Franca	287	Gabriel	61
França	156, 289	Gadelha	201
Francelia	440	Gafanhoto	222
Francelio	462	Gago	191
Francês	289	Gaia	166, 222
Francisca, -o	48	Gaillard (<i>Vid.</i> Galharde).	
Franco:		Gaio	222
1: origem geografica	164	Gaitas	189
2: qualidade	195	Gaivão	222
Francolino	553	Galego	300
Frades (de)	285	Galharda	196
Franga, Frango	222	Galharde (Galhardo) 281, 288	

Galhardo	195	Genoveva	68
Galinha e Galo	222	Gentil	315
Galinható, Galinhoto	222	Georgeta	87
Galiza	156, 300	Georgina, -o	91
Galles	310	Geraldes	120, 315
Galli	315	Geraldo (Giraldo).	41
Galvão	195	Gersey	321
Galvão	153, 321	Gertrudes	464
Gama	166	Gervás, Gervaz.	110, 451
Gameiro	166	Gervasio	69
Gamito	223	Gil (Gill)	46
Gandila, Gandilaz; Guan-		Gilberto	73
dila, Guandilaz	35	Gilda	91
Ganha-pão	278	Gilóira	40
Ganso	223	Ginestal	300
Garção	290	Ginja	262
Garcês	300	Giral	55, 449
Garcia	29, 103-104	Giraldo	41
Garibaldi	335	Giraldus (Girardus, Ge-	
Garraio	223	ral')	41
Garrana	223	Girão	300
Garrano	223	Girard	292
Garrett	310	Glandarius	25, 26
Garsea, Garsia (<i>Vid.</i> Gar-		Goda, Godo	49
cia), 29, 40, 103-104, ...	107	Gode	201
Garseazi, Garseaz	108	Godesendo	574
Garsiis	125	Godinho	49, 166
Gartianiz	126	Godinus	43
Gascão, Gasco	300	Godoy	300
Gaspar	61	Goes (= Goocs)	161
Gastão	59	Gogilli	352
Gata, -o, Gata-brava, Ga-		Goido (Goydo, Guido).	49
tacho, Gatocha, Gatu-		Goinha	49
cho	223-224, 236	Goisenda	32, 49
Gaton (Gatone, Gatonz,		Goldora	49
Gatonizi)	38	Golparro	224
Gaudimia (Gaudunia)	33	Gomeira	368
Gaudiosa	354	Gomes (Gomez)	49, 86
Gavazzo	315	Gomesindus	32
Gavião	224	Gonçalo	30
Geada(s)	275	Gonsalves	30, 113
Gelvira	40	Gonsalvus (<i>Vid.</i> Gonçalo).	
Gemelgas	182	Gonta	37
Gemênia	90	Gontazi, Gontaz	108
Geminiano	349	Gontinha	49
Gendon (Gendonizi)	126	Gonto	64
Genebra, Ginebra, Gine-		Gontrode	49
vra	57, 58	Gonzaga	359
Genesio	520	Goodolphim	310

Gordo	191	Guimarães: apelido geo-	
Gorgulho	224	grafico. Para juntar aos	
Gorjão	277, 300	da página	166
Gota	354	Guimaraz	108
Goulard, Goulart	292	Guiomar (Guimar) 52, 57-	58
Gouveia	166	Guisado	277
Gozman	300	Guisenda	32
Gracinda	464	Gumaraz	108
Gralha	224	Gumarigo	108
Gralho	224	Gunderona	32
Grande	18	Gundesalbus	112
Grande Amor	192	Gundisalvo	102
Grão (do)	273	Gundisalvus	30
Gravatas (das)	269	Gundisendo	37
Graziela	465	Gundivado	37
Grazina (Imprimiu-se por		Gunsalvici	125
equivoco Grazino)	195	Gunsalvus	103
Grego	321	Guntagio	37
Gregorio	64	Guntina	41
Grila, Grilo	224	Guntinus (<i>Vid.</i> Guntina).	
Grimaldo	315	Gunzalbo	95
Grimanesa (Grimenesa)		Gusmão	300
57	58	Gustavo	74
Grisel	324	Guter	449
Grou: <i>Jão</i> Grou, em lin-		Gutierit = Gutieriz	112
guagem popular dum		Gut(i)erre (Guterezi, Gu-	
pastor de Gil Vicente,		terrino, Guterriz, Gu-	
<i>Barca do Purgatorio,</i>		tier, Gutierrez)	29
1, 262	224	Hacohen	391
Gualdim	450	Haro	300
Gualdino	520	Hasse	286
Guandila, Guandilaz (<i>Vid.</i>		Hegelo (Egelo, Egilo,	
Gandila).		Egela).	33- 34
Guda	49	Heitor	46
Gudilolfus	32	Helder	91
Gudiniz	112	Helena	61
Gudino	35	Heleno	61
Gueda (Geda)	49- 50	Helio (fem. Helia)	74
Guedão	155	Heliodoro	74
Guedaz, Gedazi	108	Heloise	465
Guedelha	393	Henrique	50
Guedelia (Guedelha)	201	Henriques	97
Guedes, Guédez	50, 120	Henriqueta	50
Guerra	185, 333	Héracles	80
Guerreiro	186	Herculano	74
Guido	49	Heredia	301
Guilherme	50	Hermano (fem. Hermana)	74
Guilhermina, -o	76, 549	Hermegonça (Ermegonça,	
Guimar (<i>Vid.</i> Guiomar).		Ermegundia)	50

Hermenegildo (Ermegil- dus, Ermigildo)	74	Ildraz	108
Hermengarda	80	Ilduara (<i>Vid.</i> Elduara).	323
Hermes	80	Ilharco	315
Herminia, -o	76	Imperial	522
Hermógenes	345, 522	Inácio	157
Hespanha	301	India	156
Higino	344	Indio	549
Hilarinus	25	-indo	46
Hilario	25, 64	Inês	184
Hilda (Ilda)	34	Infante	310
Hilka	91	Inglês	550
Hintze	284	-inho	550
Hipolito	74	-ino	276
Hoche	89	Inverno	39
Holanda (<i>Vid.</i> Olanda).	310	Iohannes (Ihoanes)	74
Holbeche	181	Irene	46
Homem	79	Iria	79
Homero	111	Isaac	28
Homoro	110	Isabel	81
Honerigoz	315	Isaura	64
Honorati	79	Isidoro	64
Horacio	92	Isidro	74
Horizonte	166	Ismael	
Horta(s)	465	Ismenia: de <i>'Ισμνία</i> , deri- vado de <i>Ismenus</i> , nome de um rio. Para juntar á página	90
Huer	451	Ismerico	81
Huet	293	Israel	418
Humberto	74	Itilani	107
Hustarte	286	Ivone	92
Iacobizi	38	Jacinto	64
Iago	88	Jacob (<i>Vid.</i> Iacobizi, Iago, Jácome)	38
<i>iben</i>	102, 386	Jácome	38, 315
Ida	90	Jacques	289
Idalino	79	Jael	92
Idalio (fem. Idalia).	79, 80	Jaime	38
Idilaz	109	Janeiro	182
Ielvira (Gelvira, Giloira, Gilvira)	40	Jansen	284
Iesabille	28	Januario	67
Ifigenia	522	Jardim	166
Iglesias	301	Jardo	323
Ignacio (fem. Ignacia)	64	Jenochio	315
Igreja	166	Jeremias	523
Igualdade	88	Jeronimo (feminino Jero- nima)	59
Ikilani	106-107	Jesuina	466
Ildefonso	70	Jesurum	408
Ilidesinda (<i>Vid.</i> Eldesinda)			
Ildoie	34		

Jesus. Abreviatura de <i>Josué</i> : cuius <i>auxilium</i> <i>Jehovah</i> est (Gesenius, p. 374). Para juntar á página.	14	Lageosa	163
Jewis	310	Lago	166
Joana 46,	542	Lagoa	166
João	39	Lagos	166
Joaquim (fem. Joaquina)	67	Lagosta, Lagostim e La- gostim da areia	225
Johannes (<i>Vid.</i> João).		Lagrange	293
Jorge	59	Laim (<i>Vid.</i> Alaim).	
José (fem. Josefa). . . .	61	Lallemant	293
Josefina	76	Lama	163
Joseph.	61	Lamarão	166
Josué (<i>Vid.</i> Jesus). . . .	344	Lamartine	293
Joyce	310	Lamas.	166
Judice	315	Lambertini.	316
Judith.	74	Lamecio	349
Jugoo	159	Lamego	164
Juiz	187	Lameiro	166
Juliana	56	Lampreia	225
Julião	56	Lança	272
Julieta	549	Lançarote	57
Julio	70	Landeiro 27,	166
Junho	182	Láparo	225
Júnior	17	Lapa(s)	166
Junqueira (Junqueiro) . .	166	Lapeña	301
Jusarte	524	Lara	301
Justina, -o 74,	525	Laranja	262
Justizi.	125	Laranjeira 166,	264
Justo	29	Laranjo	262
Juvinus	31	Larcam	374
Kampener	286	Larcher	293
Keil	284	Larga-o-capote	279
Kendall	310	Laura	468
Kintilaz	109	Laureano (Lauriano) . .	67
Kopke (Köpke).	294	Laurencius.	44
Korrodi	321	Laurentino.	525
Labat	289	Lauro (De <i>laurus</i> , -i, «lou- ro», «loureiro»)	67
Laborde	293	Lauterio	64
Laceiras	166	Lavado	267
Lacerda	301	Lavrador	189
Ladislau	525	Lazaro.	64
Ladrom	188	Leal.	193
Lafetá(t).	315	Leandro	64
Lagarta, Lagartixa, La- gartixo, Lagarto	224	Leonor (Leonor, Lianor, Lionor)	52
Lagartuxo	225	Leão (<i>Vid.</i> Lião)	233
Lage(s)	166	Lebon	104
		Lebrão	225
		Lebre	225

Lebroto	225	-lindo	549
Leça	166	Linguça	271
Lecoq	293	Lino	526
Leiria	166	Lionel	64- 65
Leitão	225	Lira	301
Leite	249	Lirio	92, 263
Lela	277	Lisarte (Lisuarte)	58
Lelo	153, 277	Lisboa	166
Leme	286	Livilo	32
Lemos	301	Loba	52
Lencastre (= Lancastro), 162	310	Lobato	225
Lenine	89	Lobela	163
Leocadia	525	Lobia	301
Leodegunda	50	Lobishomem	269
Leoderigus	36	Lôbo	225
Leoguida	52	Lobom	225
Leogunda	50	Logiers	286
Leomil	173	Lombardo	316
Leonardo	56	Lombo d'alhos	263
Leone	316	Lomelino	316
Leonel	64- 65	Longo	191
Leonilde (Leonilda, -o) . .	92	Longuinhas	526
Leontino	526	Lopo	52
Leopoldina	359	Lorena	293
Leopoldo	359	Lorme	293
Leote	310	Louerigoz = Loverigoz . .	110
Lerenio	81	Louერიკიზ (Loveriquiz) . .	110
Letra «O»	277	Louredo	163
Letria	271	Loureiro	166, 264
Levy	418	Lourenço	44
Lianor	525	Lourido	166
Lião	74	Louro (<i>Vid.</i> Lauro), 195, .	278
Lião (geografico)	301	Lousada	166
Libania	77	Louvado	189
Libanio	76	Loy	52
Liberdade	88	Lubanus	30
Liborio	344	Lucas	61
Licio (Lycio)	79	Lucci	316
Lima	158	Lucena	302
Limão. <i>Vid.</i> Limeira.		Lucia	61- 62
Limeira. Assim chamou Gil Vicente, III, 95, gra- ciosamente a uma mu- lher de apelido Limão.		Lúcia	61- 62
Pertence á página	264	Luciano	74
Limpo	267	Lucidus	31
Lince	225	Lucilia	92
Linde	286	Lucina, -o	74- 75
		Lucio	67
		Lucrecia	469
		Ludovino (Loduvino; fem. Ludovina, Lidovina) . .	70

Lugo	302	Malus, Mao	191
Luis (fem. Luísa)	56	Malva	263
Lupi	316	Mancalã (= Mancalão)	196
Lusitana	156	Mancalão	196
Lusitano	156	Manco	195
Lustri	34	Manço	527
Luzes	120	Maneta	196
Luzia	61	Manhone	290
Luzo	163	Manilani	107
Mabilda (nome cavalei- resco em Gil Vicente, II, 252. E vid. supra <i>Amabilia</i>)	92	Manilha	302
Mabilia	92	Maniozi	110
Maça	302	Mannaria	27
Maça-madeira	278	Mano	181
Macacão	226	Manoi	353
Maçanzinha	198	Manrique	302
Mac Bride	312	Manrique	50
Mac Donald	312	Mansinho	195
Macedo	165	Manso	191
Machado 272, 273,	333	Mantua	316
Machorro	408	Manualdo	353
Macias	526	Manuel (Emanuel)	59
Madalena (Magdalena), 62	469	Manzoni	316
Madeira 166,	272	Mão de ferro 265-	266
Madreduz 111,	354	Mãos (das)	199
Madureira	166	Mar	452
Mafalda (Mafalta, Mahal- da, Malta)	50	Maranhão 166,	170
Mafaldo	545	Marat	89
Magalhães	166	Maravilha(s)	276
Magnolia	92	Marçal	62
Magro	192	Marcelino	67
Maia	158	Marcelo	67
Maiato	156	Marchioni	316
Maio	182	Marcia	440
Maior (Mayor, Maor, Moor, Mor)	47	Marcos	46
Malaquias (Malachias)	75	Mardel	321
Maldoado	192	Marecos	165
Maldonado	302	Margarida	46
Malespina (Malespinha)	52	Margarido 46,	545
Malheiro	188	Margiochi	316
Malheiros	166	Maria 9,	31
Malho	272	Maria-Zé	181
Maltalhado	196	Mariame	364
Maltês	277	Mariana	68
		Mariano	68
		Marieta	549
		Marinha: fem. de Mari- nho, pp. 35 e 46; ou geografico	166
		Marinheiro 178,	190

Marino	35	Mauro	528
Mário	75	Maurus	366
Marispalla	28	Maximiano	67
Mariz	166	Maximo (feminino Ma-	
Mark	417	xima)	65
Marmelada	271	May	310
Marmelo	263	Mayer	284
Marquesa	46, 541	Mecia	47, 528
1. Marrana	400	Meda	166
2. Marrana: do radical de		Medeiros	166
marreca, ou d'esta		Medina	302
palavra por troca		Medonho	197
de terminações (su-		Meendo (<i>Vid.</i> Mendo).	
fixos).	489	Megre	293
Marreca	226	Meigo (<i>Meygo</i>)	192
Marreco	226	Meio-Kilo	203
Marreiros	166	Meireles	166
Martel	321	Mel	253
Mártens	284	Melancia	263
Martim	42, 450	Melão	263
Martin	290	Melchior	60, 528
Martinha	42, 450	Mêleira	189, 253
Martinho	42	Mêleiro	189, 253
Martiniano	70	Melgazo	163
Martinus	42	Melibeu	439
Martins	112	Melizeu	439
Martinz	112	Melo	166
Marturius	25, 26	Melro	226
Marujo, Marujão	190	Mem	449
Mascarenhas	166	Mena	302
Mascote pintadinha	269	Mendanha	302
Masune	312	Mendo, Meendo, Menen-	
Mata	166	do	38, 50
Mata-cães	279	Mendoça	302
Mata-cavalos	279	Mendonça (<i>Vid.</i> Mendo-	
Mata-fome	278	ça)	164
Mata-gatos	278	Mendes, Meendez, Meen-	
Mata-mouros	278	diz, Menendiz	112, 119
Materna	31	Menelau	321
Mateus	59	Menendiz (<i>Vid.</i> Mendes).	
Mathilde (Matilde), 50,	528	Menendus (<i>Vid.</i> Mendo).	
Matias	62	Meneres	286
Matos	166, 264	Meneses	164, 302-303
Matoso	165	Mengo	461
Matre	353	Menindo	40
Matredona	354	Meninidit, Menindiz, Me-	
Mauram	35	nendiz	112
Mauricius (Mauricus,		Menino (Menigno)	92
Maurigo), Mauricio 41,	65	Menino da Avó	182

Menino d'ouro (Acrescente-se: a um estudante de cabelo louro, chamavam os condiscipulos tambem: <i>Menino d'ouro</i> . Alentejo)	266
Menor.	197
Mercatudo	280
Mercurio	80
Merêa.	316
Merendeiro	277
Mergulhão	226
Merino	303
Merloo	159
Mesquita (Mezquita)	166
Mesquitela	166
Mestre	188, 189
Mexia	303
Michael	41
Mido	104
Midões	104, 166
Midosi	316
Migueez, Migueiz, Migueis	104
Miguel (<i>Vid.</i> Michael).	
Milhafre	226
Milhano	226
Milharadas	166
Milheiro	166
Milho	263
Milhões	274
Milina (Milinha)	50
Mimoso	195
Mineiro	188
Minho	158
Minhoto	155
Mioca	226
Mira	166
Mirabeau	89, 335
Miragaia	173
Miranda	164
Mirandela	172
Mironus (Miro).	105
Mírtilo (e Mertilo).	528, 620
Mito (Mitto, Miton, Mido)	40
Moacho	226
Moca	269
Moçarava	385
Môcha, -o	226

Moço (<i>Vid.</i> Mozo).	
Moedas	274
Moedeyro	187
Mogadouro	166, 173
Moisem: em Gil Vicente, 1, 363, 373, Cf. supra, página	397
Moita	166
Moleiro	189
Mollinier.	321
Momentinha	173
Monaco («monge»)	187
Moncada	303
Mondego: <i>Petrus Mondego</i> , sec. XIII, Inquirições, 131. Para juntar á página	158
Mondim	166
Mondino	316
Mondo	50
Monge	187
Monica	343
Moninoz	110
Monionoz	110
Moniz	38
Monjardino	316
Monniuz	111
Monroy	303
Montalegre	166
Montalvão	166, 289
Mont'Alverne	430
Monteiro	189
Monte(s).	166
Montenegro	316
Moogo («monge»).	187
Mora	166
Morais	166
Morales	303
Moraria	162
Morato	303, 316-317
Morcego	226
Moré	290
Moreira	166
Morel	317
Moreno (tambem em Hespanha)	195, 202
Morgado	181
Morganho	226
Morganti	317

Mosca	226	Nariz	198
Moscoso	303	Naséi	425
Mosquito	226	Natalia	82, 473
Mota	166	Natária	343
Mouco	195	Natercia	90, 473
Moura	165	Natividade	473
Mourão. Na origem nome de pessoa, o qual se tor- nou nome geografico, p. 35. Depois este pas- sou a servir de apelido	166	Natresa	452
Mouro	14	Nausti	34
Moutinho	323	Navarro	303
Mouzinho	187	Nazare(th)	473
Mozo (= Moço)	47, 183	Nazario	345
Muato	227	Negracho	192
Mudo	197	Negrão	227
Muel	159	Negro	192
Muien	291	Neiva	158, 166
Mula	227	Nepuzanus	29
Mulierbo	34	Nero	529
Munhio	52	Nestor	92, 535
Munho	52	Neto	181
Munhoz	110, 303	Neves	275, 276
Munneo	38	Nevil	311
Munneonis	38	Newton	311
Munniu (Munnio, Muna, Munnia, Moniuz, Mu- niuz, Monizi, Moninho)	38	Nicandro	70
Munoz	110	Nicanor	473
Murcela	271	Nicolaça	375
Múrias	294	Nicolau	44
Murilhas	303	Nicolino	473
Murilho	303	Niger	192
Murta	263	Nimenti (Nimentus)	34
Náamá	393	Nina	352
Nabaes	163	Nino («menino», hesp. «niño»)	179
Nabiça	263	Nisa	166
Nabor	75	Nóboa	303
Nado	276	Nobre	185
Naifa	277	Nóbrega	166
Namorado	195	Nocia	31
Nandulfus	33	Noemia (Nohemia)	92
Não-te-rales	279	Nogueira	166
Naper	311	Nomaaes (= Nomãaes)	161
Napoleão	528	Nonacriense	439
Napoles	317	Nonnado	276
Narciso	75	Nonninna	31
		Nonovio	280
		Norberto	75
		Nordeste	166
		Noronha	165, 304
		Norte	166
		Norton	311

Noticia	92	Ortis	304
Nova Patria	88	Orvalhuz	323
Novaes	166	Oscar	80
Novo	17	Osevio	366
Numa	79	Osoredici, Osoredizi, 38, ...	112
Nunes, Nunez: de Nuniz (patronimico de Nuno)	115	Osoria, -o	346
Nuno (cf. M.-L., II, 82- -83).	31	O'Sullivand	312
Nunoz (< Nunno).	111	Otão (Othão)	75
Ô	277	Otero	304
Ochoa	304	Otilia	474
O'Connor	312	Oto	75
Octavio	75	Oudinot	291
Odilia, -o	92	Ouecoz (= Ovecoz).	111
O'Donnel	312	Ourigo	50
Odosia	93	Ouroana (<i>Vid.</i> Oroana).	
Odune	291	Ousenda (Ousinda), 50-	51
<i>Oitocentos oitenta e oito</i>	273	Outor	47
Okellis (= O'Kelly).	312	Outubrina	88
Olalha	47	Ovelha	227
Olanda	285	Ovidio	520
Oleiro.	188	Pacheco	323
Olga	473	Paço(s)	166
Olgarindo	427	Padeiro	188
Olho de vidro	198	Padilha	304
Olho ingrato	198	Padoa	317
Olindina, Olinda	474	Padra	186
Oliva	304	Padre serás	279
Oliveira	166	Paes (de Paez), Paez, Paiz	103, 120
Ondina	94	Paim	311
Oneill (= O'Neill)	312	Paio	35
Oneto	317	Pais.	110
Onofre	529	Paiva	158
Onorici	112	Palença	304
Oom	321	Palha	263
Optaciano	346	Palhares	166
Optatus	25, 26	Palhinha	551
Orania	27	Palla	164, 351
Orcel	290	Palma	166
Ordonho	52	Palmeira	160
Orelia	93	Palmeirim	58
Orfão	182	Palmeiro, Palmero	270
Orisa	474	Palmira	80
Ormando	94	Pamplona	304
Ornelas	166, 170	Pança	199
Oroana	52, 54	Pancracio	529
Orobio	408	Pançada	9
Orraca	52-53, 159	Paneiro	189
		Panoyas	160

Pantaleão	65	Paul	166
Pão, Pão e Agua	271	Paulo (f. Paula), lat. Paulus ou <i>Paullus</i>	26
Papa-arroz	278, 279	Paupa-Legom, Poupalegom	272
Papa-azeite	278	Pavão	227
Papagaio	227	Paz	401
Paparrão	277	Pé, Pees (dos), Pé redondo, Pé curto, Pé fresco, Pé leve, Pé de cera	200
Papas Quentes	271	Pechincha: apelido nascido de alcunha. Para juntar ao § 6 da página	246
Papa-unhas	278	Pedreira	166
Parada: apelido geográfico. Para juntar á pág.	166	Pedreiro	187
Paradela	159	Pedro de Alcantara	359
Pardal	227	Pedro, de Petrus	31
Pardelha	227	Pedrosa	164
Pardus	192	Pedroso	166
Paredes	166	Pêga	227
Parente	182	Pegado	193, 195
Pariçe (Pariço, toponimo)	60	Peito	198
Paris	288	Peiturnilla (Petronilla, Petronila)	86, 379
Páris	293	Peixe, Peixinho e Peixôto	228
Parreira	166	Pelada e Peladinho	201
Parteira	189	Pelagius	35
Partel	311	Pelaius	43
Parvus («pequeno»)	191	Pelaz(i)	110
Pascoal	65	Pelegrim	270
Passalaqua	317	Peleja	186
Passarinho	227	Peleteiro = Peliteiro	188
Passaro	227	Pelicano	228
Pastor	189	Pena	166
Pastoria: apelido de origem hespanhola. Cf. <i>Pastorias</i> , nome geográfico, Asturias. Para juntar á página	304	Penca de arara	198
Pata de boi (Fulano da), alcunha na Beira. Para a página	200	Pencudo	198
Pata larga	200	Penedo	166
Pata redonda	200	Pencireiro	229
Patacho, Patacha e Patachos	190	Penela	166
Pataco	274	Penha	166
Paternus	24	Peniche	166
Patinho	227	Penteado	267
Pato	227	Pentecreiro	188
Patudo	200	Pepino, Pepinot (= Pepinoz)	111, 263
Pau-Preto: apelido ou alcunha no Alentejo e no Algarve. Para juntar á página	276	Pequeno	191
		Pera de Satanaz	201
		Peralta	277

Percevejo	229	Pimentel	263
Perdigão	229	Pimpão	195
Perdiz	229	Pina	304
Peregrina	270, 530	Pineiro (= Pinheiro), Pi-	
Peregrino	270, 530	narius	163
Pereira e Pereirão, 155,		Pinguelo	323
159	264	Pinheiro Chagas	331
Peres, Perez, Periz, 103,		Pinho	166
112	120	Pinta-bonecos	279
Perestrelo	317	Pinta-escavateras.	279
Periquito	229	Pinta-ratos	279
Perna	200	Pintainho	230
Pernana	201	Pintalho	230
Pernas de abobora	263	Pintarroxo	230
Pernas de alicate	204	Pintassilgo	230
Pernas d'arrã	279	Pinto	230
Pernelhas	200	Pinto e Silva (= Pint-	
Perneta	200	tassilgo)	324
Pero	31	Pinto Osório	331
Perro	229	Pintor	188
Perry	311	Pio	359
Persival (Pessival, Perse-		Piolho	231
val)	57	Pipa-e-meia, alcunha de	
Peru	229	um individuo bastante	
Pery	286	gordo. Para juntar á	
Pescada	230	página	275
Pessanha	317	Pires, Pirez	120
Pessoa	181	Pisco	197, 231
Pestana	201	Pita	231
Pesth	324	Pizarro	304
Petite	276, 287	Placido	65
Petrafitas	159	Platão	530
Petrus	31	Plotino	530
Pexão	230	Plutarco	530
Pexarro	230	Poças	166
Phebo	80	Poldro	231
Pião	203	Polgar	201
Picamilho (alcunha etnica)	279	Policarpo	530
Picanço	230	Polidoro	70
Pica-osso	230	Polleri	318
Picão	277	Polonio	85
Pichel	272	Pomba, Pombicho,	
Piedade	474	Pombinha, Pombinho,	
Pignatelli	317- 318	Pombo	231
Pilar	474	Pompeio	530
Pilha-ratos	278	Pompeu	530
Piliteiro	187	Ponce de Leão	304
Piloto	190	Ponço	47, 151
Pimenta	263	Pons	304

Ponte(s)	159, 166	Pulga	232
Ponto-e-Virgula, alcunha de dois noivos, por causa da diferença da estatura. Junte-se, quanto á ideia, ao § 3 da p. 273, e quanto á proveniência, ao § 6 da página	276	Pulido	305
Poobeiro = Põobeiro; Pombeiro	164	Pulqueria	530
Porcalho	231	Pulsina (Porcina?)	93
Porciuncula	343	Pyrrait	324
Porco	231	Pyrrho	409
Portas	166	Pyrrho	409
Portela	166	Quadros	305
Porto	166	Quandila (<i>Vid.</i> Cândila). Quarto-de-Vidago (isto é, $\frac{1}{4}$ de uma garrafa de agua de Vidago). Al- cunha que ouvi num comboio. Para juntar á página	275
Portocarreiro	323	Quebra-milho	278
Portugal (Portogal)	156	Quedazi	108
Português (Portugalense)	156	Queimado	195
Possolo	318	Queiroga & Queirós	166
Postiça	351	Queixada	198
Potestata	349	Querido	195
Potier	293	Quevedo	305
Povoas	166	Quimaraci	108
Praça	166	Quinhones	305
Prado	166	Quinta (Quintela, Quin- tão, etc.)	166
Pragal	166	Quintana, Quintanilha	305
Pragana	264	Quintianus	24
Prata e Pratas	266	Quintilaz	109
Pratt	286	Quintino	65
Preciosa	530	Quiriaz, Quiriaz	109
Pregacho	231	Quirino	530
Prego	232	Quiteria	84, 531
Preguiça	197	Quodvultdeus	154
Preto	193	Rã ou Arrã: 1: Rã	277
Prieto	304	2: Rã ou Arrã	232
Primo	181	Rabaça	166
Príncipe, Princez	184	Rabeca	189
Principi (Principiz, Prin- cipizi)	38	Radamanto	346
Prior	186	Rafael	65
Procopio	346	Rafeiro	232
Proença	166	Raimundo	343
Prometido	349	Rainaldo (Reinaldo)	67
Próspera	474	Rainho	545
Prostes	286	Rainho e Rainha	184
Prudencia	474	Raio	275
Ptolemeu	530	Ramada	166
Puga	304	Ramalhal	166

Ramalhete	166, 264	Rendon	305
Ramalho	264	Rent' ao chão	279
Ramirão	155	Rêsende	166
Ramiro	41	Respícia	347
Ramos	166	Restitutus (Restutus)	26
Randufe	51	Retorta	158
Randufus	42	Reu	277
Randulfus	42	Revelado	276
Ranemirus (Ranimirus, Ramirus)	41	Rey	305
Rangel	166, 305	Reza	277
Ranha	180	Reza-Abilio	279
Ranheta	267	Rial	276
Raposa	232	Ribadeneira	305
Raposo	232	Ribas	163
Raquel	474-475	Ribeiro	160
Rata, Ratão, Ratinho, Rato	232	Ricardo	67
Ratazana	235	Rigaud	293
Ratola, Ratona	233	Rio	166
Ratton	290	Rio Mayor	159
Raul	75	Riquilaz	109
Ravara	318	Rita	68
Raymond	293	Rito	545
Rebello. Li algures Fulano de Rebello, apelido moderno, com <i>de</i> , contrariamente ao uso geral. Cf. supra, p. 166. Para a página	172	Rivara	318
Rebordãos	166	Rivera	305
Redondo	179	Ró	277
Regedor	187	Robalo	233
Rego	166	Roberto	56
Rei, Rei pelado, Rei-preto, Reizinho e Rei dos bichos	184	Robespierre	89
Reimão (Reymom, Reimondo, Remondo), 51, 129, ...	450	Robles	305
Reimondinho	151	Roboredo	166
Reinel	318	Rocha	166
Reino	173	Rochela (de)	287
Reinoso	305	Rodasnepervil	89
Reitor	186	Roderiquici	125
Relvas	166	Rodolfo	75
Renato (Renado)	75, 318	Rodorigus	30
Rend' Amor	192	Rodovalho	233
Rendeiro	189	Rodrigo	30, 77
		Rodrigues, Rodriguez	113, 119
		Rogata	25
		Rogério	531
		Roi, Roy, Ruy	51, 453
		Rôla	233
		Roldan	305
		Rolin	285
		Rolland	290
		Roma	318
		Romaniz	125
		Romanoz	111

Romanus	44	Salema (na origem nome	
Romão	44	de peixe: tornado geo-	
Romariz	166	grafico, e depois ape-	
Romero	270, 305	lido, ou ao invés) 167,	233
Romeu	47, 270	Salgado	194, 266
Rompe-ruas	278	Salgueiro	167
Ronha	197	Salicio	438
Roque	59	Salinas	305
Roriz	167	Salom	407
Rosa	84, 265	Salomão	532
Rosado	195	Salomon	125
Rosales (de origem hes-		Salsa	264
panhola geografica),		Salta-pocinhas	278, 279
110	111	Salter	311
Rosalina	475	Salustrina	47
Rosária	531	Salvador (Salvátor, Salva-	
Roseira	321	tus)	42
Rosh	395	Salvago	318
Rossem (van)	286	Salvarrainha	268
Rouxinol	233	Salvatoriz	125
Róvere	318	Salviati	318
Royvo (= Ruivo). (<i>Vid.</i>		Samorim	184
Ruivo)	195	Sampaio	165
Rua	167	Samuel	31
Ruah	418	Sanches	120
Ruberte	56	Sancho (Sancha)	43
Ruço	195	Sancius (Santius, Sanzio,	
Rufina (<i>Vid.</i> Rufino). . .	26	Sanchio. Fem.: Santia,	
Rufino	70	Sanctia, Sanchia)	43
Rui	453	Sande	167
Ruivo	195, 278	Sandeu	192
Ruiz	120	Sando	36
Rupela (ou Rochela) . . .	163	Sanguinetti	318
Sá	165	San Juyão	159
Saavedra	305	Santarem	167
Sabath	418	Santareno	155
Sabbo	318	Santiago	75
Sabido	305	Sapata (<i>Vid.</i> Çapata e Za-	
Sabino	70	pata).	
Saboia	173	Sapata: Gertrudes Sapata,	
Sadi-Carnot	89	Beira-Alta. Para a pá-	
Saes	164	gina	268
Safum	392	Sapato (O Velho do), Beira	
Sagaz	195	Alta. Para a página	268
Sagos	392	Sapo	233
Said	321	Saque	284
Sal (do)	266	Sara	79
Salazar	167, 305	Sárágga	419
Saldanha	167	Saragoça	305

Saraiva	275	Sergio.	76
Saramago	167	Serigaita	210
Sardão	233	Sernige	318
Sardenha (= Sardinha)	324	Serôdia, -o.	195, 276
Sardinha.	233	Serpa	167
Sarmento	264, 305	Serpe	233
Sarracenus (Sarracino).	31	Serra	167
Sarracina (Sarrazina)	31	Serralha.	264
Sarrão (= Serrão)	187	Serrão	188
Sarraziniz (Iohanne).	112	Sertorio	80
Sassetti	318	Servanda	25, 26
Satirio.	27	Servo	187
Saturnino	325, 532	Sesudo, -a	197
Saturninus	42	Sete (o)	199
Saturno	80	Sete falinhas	274
Sauaricoz	111	Sete saias	269, 274
Saul	79	Severa, -us.	25
Sauvinet	294	Severiano	70
Savachaiz = Savachãiz	112	Severim (Severino), 65, 153	451
Scapulado	198	Sicilazi	109
Scen Tob	404	Sidonio, -a. De Sidonius, nome etnico, de Sidon, cidade fenicia. Houve S. Sidonio	89
Schiappa	318	Sigismundo	476
Schindler	284	Siloniz	352
Schmidt	283	Silva	90, 167, 264
Schwalbach	284	Silveira	167
Schwarz.	281	Silvela	167
Seabra	306	Silverio	532
Sebastiana e Sebastião	62	Silvestre.	65
Seco	192, 318	Sim-senhorinho	267
Segundo.	274	Simão (fem. Simoa).	56
Seis dedos.	199	Simas	65, 306
Seixas.	167	Simeão	56
Semblano	323	Simões (= Simão)	325
Sem nariz	198	Simões (Simãoez).	117
Senator	35	Simplicius	25, 26
Senatrex	26, 27	Sindasinda	476
Sendo (Sindo)	36	Sinticio	27
Sengo e Senga	183	Sintra	173
Senhorinha	47	Siópa	323
Senior (cf. p. 17)	38	Siqueira.	167
Sentinela	186	Sisegundia	33
Seomara.	81	Sisenandus (Sisnandus, Sesnandus).	27
Sepúlveda	306	Sisildus	33
Sequerra	419	Sixto	66
Sequeyra (Sequeira)	161		
Serafim (Serafino)	65		
Serafina	65		
Serenianus.	25		
Sereno	195		

Smidt	283	Susana	38
Smith	311	Taborda	306
Soares (Soárez)	40	Tagarela	193
Sobral	167	Tainha	53
Sobrinho	181	Tainho	233
Sodré	311	Tait	311
Soeiro	40	Talone	318
Soer: forma proclítica de Soeiro. (<i>Vid.</i> Soeiro).		Tamagnini	318
Sofia	476	Tamanqueiro	188
Sol	276	Tamega	158
Solis	306, 411	Tamegão	155
Sol-Nado	275	Tamluz	111
Sol-Posto	275	Tanoiz, Tanoizi	111
Sola	272, 273	Taralhão	234
Solteirão, Solteira, Sol- teiro	183	Tareja (Tareija)	47
Sommer	284	Tarouca: apelido geogra- fico. Junte-se á página	167
Songemirus	30	Tarroso	535
Sôpas	271	Tarugo	453
Soriano	306	Távares	167
Sorriha	306	Tavarini	324
Sotero	344	Taveira	167
Sottomayor (= Soto- mayor)	306	Tavira	167
Sousa, Sousa	155, 158	Taylor	311
Souto	167	Tecelão	188
Sovela	272, 273	Tedeschi	319
Soveral	164, 167	Tedio	37
Sparsandizi	37	Tedon (Tedo, Teton, Te- done)	36
Spínola (<i>Vid.</i> Espinola).		Tegio	36, 37
Stephaniz	125	Teive	167
Stevainha	47	Teixeira	160, 167
Stevam	46	Teles (Telliz)	51
Stichini	318	Telheiro	187
Street	311	Tello (Tellon, Telom, Tel- loni, Teloni, Telo)	51
Stromp	324	Tellus (<i>Vid.</i> Tello).	
Suario (Suerius, Suer').	40	Temido & Temudo	195
Sudeste, alcunha de um cirurgião em Gil Vi- cente, III, 312, ou <i>Ven- to assomado</i> . Pertence acima, página	275	Tenreiro	234
Suer	451	Tenro	192
Suinthiliuba (Sindileuba, Sindileuva)	27	Teodemiro	76, 476
Sunilaz	109	Teodora, -o	532
Sunilani	39	Teodorôto	532
Sunilazi	125	Teodorico	70
		Teodosio	65
		Teofilo	72
		Teonánizi	112
		Teopisto	93
		Teotonio	65

Teresa (arc. Tareja) . . .	47	Trasaigo	37
Tereso	545	Trastamiro, Trastemiro . . .	30
Terra	286	Travaços	167
Tertula, Tertuliano . . .	347	Travêso	197
Terzi	319	Tres Beijos	198
Testo	277	Trevo	264
Tetoniz	126	Trigo	264
Texugo	234	Trigoso	195
Theodanus	34	Tripas quentes	199
Theoprepides	154	Tripas rôtas	199
Tiago	75	Tripeiro	189
Tiberio	26	Tristão (Tristam) . . .	57
Tiçom	276	Trocade	66
Tilmau	286	Trosquiado (= Tos-	
Timoteo	66	quiado)	267
Tinhoso	193	Trovão	275
Tirso (Thysus) . . . 80,	533	Troviscada	324
Tito	76	Trovisco	264
Tob	404	Tructazi	108
Toda (domna), Tuta,		Tructesendus	36
Teoda	36	Tructesinda	42
Toino	452	Tructesindiz	126
Toledo	307	Truilo	533
Tomar	167	Truito	51
Tomás	62	Tubarão	234
Tomba-lobos	279	Tudela	307
Tomé 62, 537,	541	Tumtuldus	34
Torcato (Torquato) . . .	66	Tyberius	26
Torgal	167	Ucha	167
Toribia (Turibia; masc.		Ulderico	345
Toribio)	93	Ulhoa	307
Torrado	197	Ulisa	439
Torrálva	319	Ulisses	93
Torres	167	Ulpiano	345
Torresão	307	Ulrich	283
Torto	193	Ulvar	163
Toscano	319	Umbelina	344
Tosseta	197	Urbano	62
Tota 43,	277	Urraca 52-	53
Toucedo	167	Urrea	307
Toucinho	271	Urso	233
Toupeira	234	Ursula	344
Toure	53	Usque	404
Touro	234	Uzua	407
Tovar	307	Urzeira	161
Trai-trai	279	Utra	268
Tralheta	234	Vaasco, Vasco . . . 53-	54
Tranca de ferro	266	Vaasques, patronimico de	
Trancoso	167	Vaasco (Vasco)	182

Vaca (Cabeça de vaca, Mão de vaca, Vaca lam- bona, Vacão)	234	Velpelho	234
Vácondeus	154	Venancio	26
Vaduvára	33	Venancia	26
Vai-á-vila	279	Venceslau	533
Vai-te á burra	279	Vendeiro	189
Valadares	159, 167	Venegas	38
Valascoz	111	Veneno: apelido (não al- cunha) no <i>D. N.</i> de 29 de Fevereiro de 1928.	
Valdemar	80	Veneno(s)	278
Valdês	307	Ventura	66
Vale	163	Vento assomado: <i>Vid.</i> Su- deste.	
Valejo	307	Verde	278
Valença	167	Verdelo (= Verdelho) . .	276
Valente (Valente é tam- bem nome proprio) 11, 195		Verdilhão	234
Valentim	62	Veremudo	40
Valentina	62	Vergílio	76
Valentino	62	Verissimo	66, 554
Valerio	66	Vermelho	195, 278
Valido (Velido, Belleto) 53		Vermoim	51, 451
Valverde	167	Verney	290
Vandelani	107	Vespasiano	534
Vandila	107	Véstia (da)	268
Vandraga	287	Viale (origem geografica) 319	
Vanzeller	287	Viana	167
Varela	167	Vicencio, -a	43
Vargas	307	Vicente	43
Vasconcelos	167	Vicentius	43
Vasconius	29	Victor	76
Vasques	120	Victor Hugo	96
Vasquida (Velasquida, Ve- lasqueta, Belasquida, Belasquita)	54	Victoria	68, 71
Vaz	66, 109	Victorio	534
Vecchi	319	Victorino	70
Vedragesa	33	Vidal:	
Vegelazi	109	1: apelido geografico 167	
Veiga	167	2: ou Vital, nome proprio	344
Velasco	53-54	Viegas (Veegas, Benegas, Beneegas)	102
Velasques, Velásquid . .	110	Vieira	167
Velasquida	110	Vieitas	307
Velasquiz	86	Vilela	167
Velês	307	Vigario	186
Velhinho	195	Vila	173
Velho	195	Vilafanha	307
Velita	354	Villacova	159
Velloso	201-202	Vilar	162
Velouvi	311	Vilarinho	167

Vilas	167	Wagner	285
Vilhegas	307	Weinholz	321
Vilhena	307	Whyton	311
Vimara	33	Woodhouse	311
Vimarani	107	Xaviel, Xaviela, Xavier	134
Vimaraz	110	Xavier	542
Vinagre	271	Ximena	54
Vintem	275	Ximenes	52, 307
Vinte e um	199	Xisto	66
Viola	189	Zacarias	85
Violante	54	Zacuto	395
Violeta	93	Zafara	364
Violeta cheirosa	178	Zamora	353
Virgulina	477	Zana	353
Viriato	80	Zantono	453
Viseu	167	Zapata (= Çapata)	268, 298
Visitação	477	Zara	365
Visme	294	Zarphati	419
Visterani	107	Zé da manta	268
Visterlazi	109	Zeferino	76
Vistrili	109	Zeleva (variante de Zo-	
Vistruarius (Vistrarius)	40	lema)	109
Vitaona	43	Zemilo	392
Vivaldo	319	Zevro	234
Vivas	154	Zola	80
Viveiros	167	Zoleimanuz	111
Viviturus	31, 34	Zolemaz	109
Volfando	359	Zorrilha	307- 308
Volta	90	Zorro	235
Volta-terra	279	Zote	193
Vouga	158	Zuñiga	308
Vuitorom	234	Zúquete	324
Vutierre. Cf. Gutierre	29	Zusarte	524

ERRATA

Na pagina 590, linha 12, leia-se *copiador*, em vez de *copiados*.

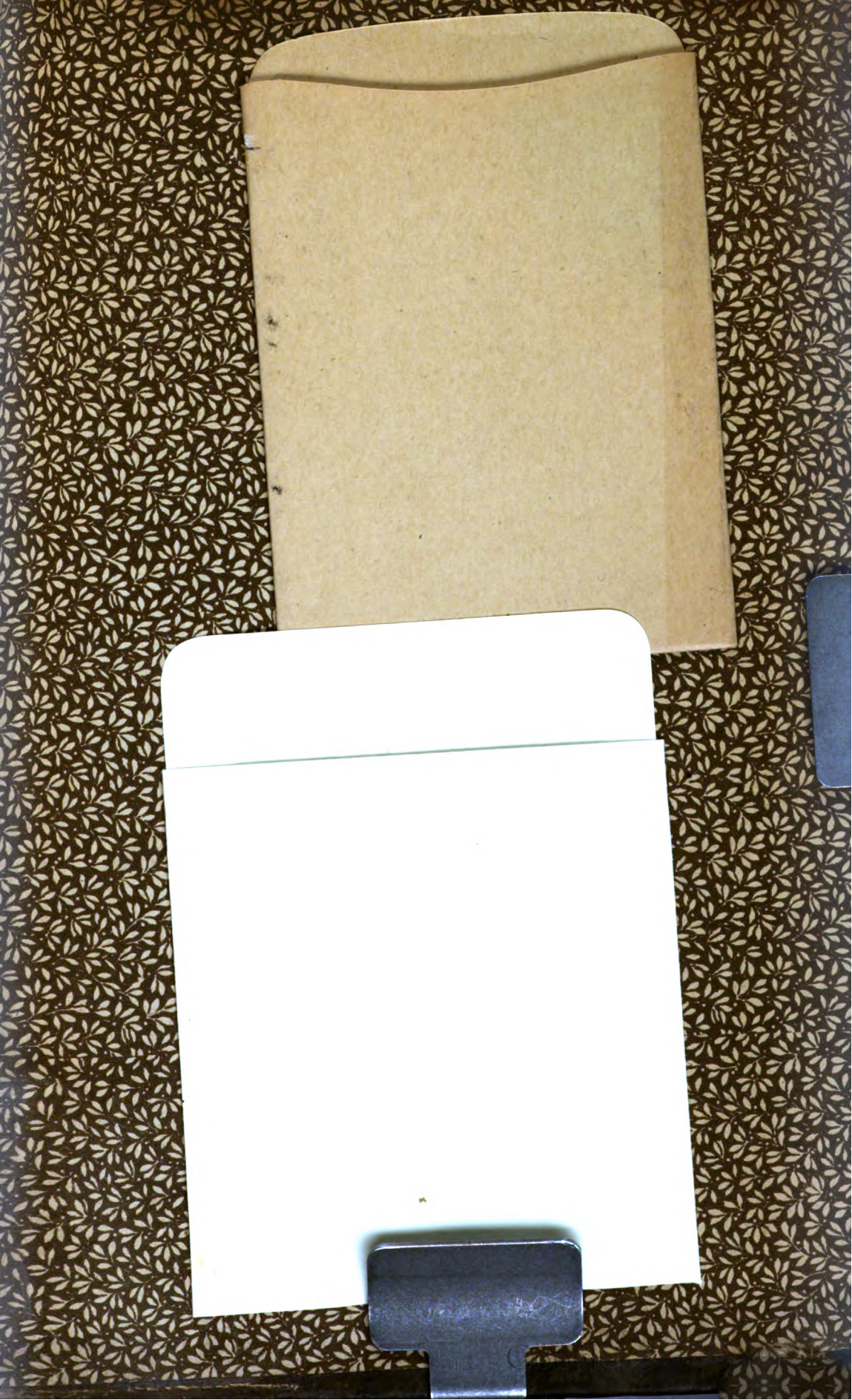
COMPOSTO NA ESCOLA TIPOGRÁFICA
DA IMPRENSA NACIONAL DE
LISBOA. TERMINADA A
IMPRESSÃO NO DIA 15
DE DEZEMBRO
DE 1928



This book may be kept

from last date stamped below. A fine of TWO CENTS will be charged for each day the book is kept over time.

115MY '62



89095734364



b89095734364a